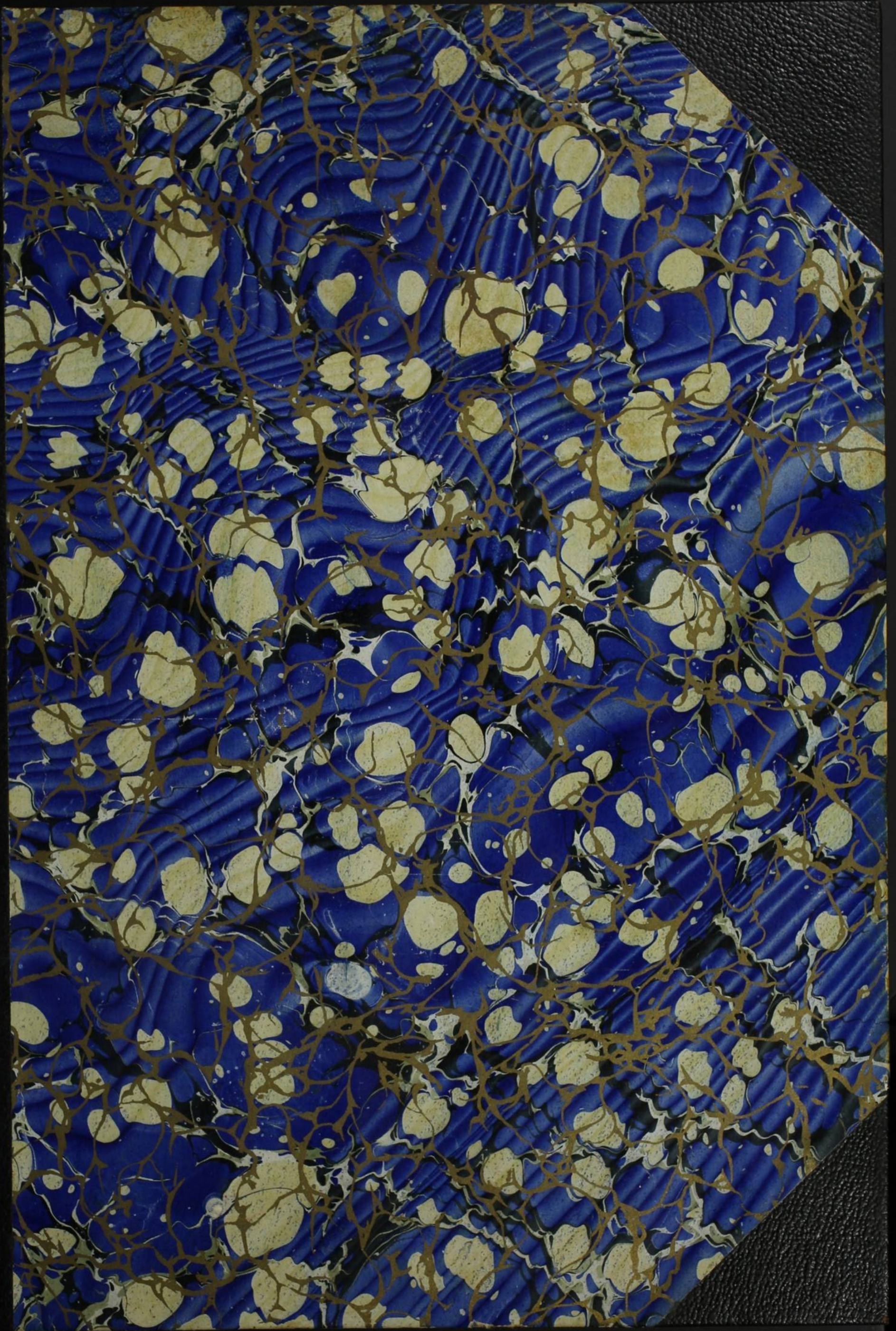
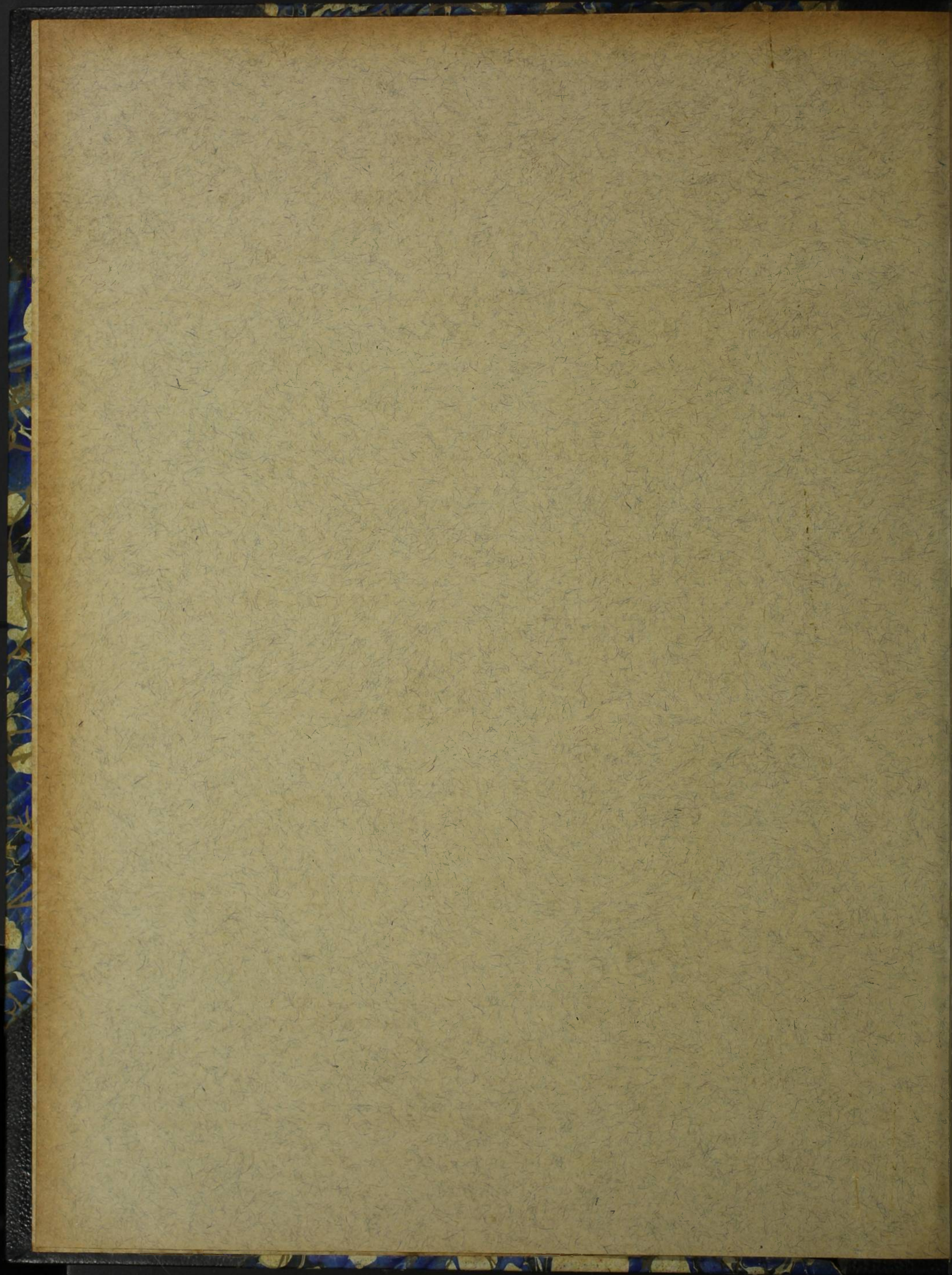




Je ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



BOLETIM *de* ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS

ARTES

SCIENCIAS



DIRECTOR:
Gastão Cruls

REDATOR-CHEFE:
Agrippino Grieco

ANNO V

OUTUBRO 1935

α

SETEMBRO 1936

ARIEL, editora Ltda. Rua Senador Dantas, 40-5° -- Rio de Janeiro

COLLABORADORES:

ADERBAL JUREMA — ADHEMAR VIDAL — AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO
AFRANIO PEIXOTO — AGRIPPINO GRIECO — ALBERTO RAMOS — ALCIDES BEZERRA
ALDO MORAES — ALUIZIO NAPOLEÃO — ALVES RIBEIRO — A. DE MORAES COUTINHO
ANGYONE COSTA — ANTONIO TORRES — ARTHUR COELHO — ARTHUR RAMOS
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
AYDANO DO COUTO FERRAZ — AZEVEDO CORREIA — BEZERRA DE FREITAS
CARLOS DANTE DE MORAES — CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — CAROLINA NABUCO
CLOVIS RAMALHETE — CORREIA DE SA' — DANTE COSTA — DIAS DA COSTA
DOMINGOS RIBEIRO FILHO — EDGARD CAVALHEIRO — EDSON CARNEIRO
EDSON LINS - EDYLA MANGABEIRA - ERICO VERISSIMO - EUGENIO GOMES - EVARISTO DE MORAES
EVARISTO DE MORAES FILHO — FARIA NEVES SOBRINHO — FLAVIO DE CARVALHO
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA — FRANCISCO VENANCIO FILHO — GABRIEL S. A. OLIVEIRA
GASTÃO CRULS — GASTÃO VIEIRA — GERMAN QUIROGA GALDO — GILBERTO FREYRE
GRACILIANO RAMOS — IRACY CARNEIRO — IVAN RIBEIRO — IVA WAISBERG
JACK SAMPAIO — JAYME CARDOSO — J. B. MARTINS RODRIGUES — JOÃO ALFONSUS
JOAQUIM RIBEIRO — JONATHAS SERRANO — JORGE AMADO — JORGE DE LIMA
JOSE' BEZERRA GOMES — JOSE' JOBIM — JOSE' LINS DO REGO — LEONAM DE A. PENNA
LUCIA MIGUEL PEREIRA — LUIZ ANNIBAL FALCÃO — LUIZ DA CAMARA CASCUDO
LUIZ JARDIM — LUIZ DE MONTALVOR — MANOEL BANDEIRA
MARGUERITE PICARD LOÉWY — MARIO DE ANDRADE — MARIO SETTE
MARQUES REBELLO — MAURICIO VON WELLISCH — MELLO LEITÃO
MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA — MIRAN M. DE BARROS LATIF — MODESTO DE ABREU
MURILO MENDES — OCTAVIO DE FARIA — ODORICO TAVARES — ORRIS SOARES
OSORIO DE OLIVEIRA — PEREGRINO JUNIOR — PINHEIRO VIEGAS — RAUL S. XAVIER
RAYMUNDO MORAES — RENATO MENDONÇA — REYNALDO MOURA — R. MAGALHÃES JR.
ROBERTO A. CORRÊA — RODRIGO M. F. DE ANDRADE — RODRIGO OCTAVIO FILHO
ROQUETTE-PINTO — RUBEM BRAGA — RUBENS SALDANHA — RUTH PACHECO
RUY COUTINHO — SANTA ROSA — SAUL BORGES CARNEIRO
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — TELMO VERGARA — THEODEMIRO TOSTES
THÉO FILHO — THOMAZ MURAT — V. DE MIRANDA REIS



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

OUTUBRO 1935

ANNO V

SETEMBRO 1936

INDICE DE AUTORES E TITULOS

A

Aderbal Jurema — Noticia de "Territorio Humano", 186; De Conteur a Romancista, 212; "Artigos de Jornal", 236; Conversa com Livresiros, 270.
Adhemar Vidal — Tendencias do Romance Moderno, 130; Prata de Casa, 302.
Affonso Arinos de Mello Franco — Utopia, Ilha Brasileira, 197.
Afranio Peixoto — Posição, 143.
Agrippino Grieco — "O Cabo das Tormentas", 234; "Desapparecido", 263; Thomaz Murat, 265.
Alberto Ramos — O Necessario e o Superfluo — O Problema das Raças, 7; Marconi e o Clericalismo, 31; A Biographia, 31; Poemas Ineditos, 44; S. D. N. — Ainda o Problema das Raças, 59; Gostos de Escorpião — Parousia, 87.
Alcides Bezerra — O Romancista da Varzea do Parahyba, 46; Tolstoi, o Romancista, 57; Um Philosopho da Arte, 113; O Sr. Mario Sette, Escripitor Tradicionalista, 180; Psychologia da Linguagem, 175; Um Romancista Mineiro, 231; A Arte de Traduzir, 260.
Aldo Moraes — O Poder e a Verdade, 300.
Aluizio Napoleão — O Novo Romance de José Lins do Rego, 76; Estylo, 131.
Alves Ribeiro — O Romance e o Conto em 1935, 292.
A. de Moraes Coutinho — Individualismo e Urbanismo, 185.
Anyone Costa — A Bouba, Doença Americana, 183.
Antonio Torres — Correspondencia, 24, 53, 80, 109, 139, 166, 194 e 222.
Arthur Coelho — Onde o Cinema Tem Falhado, 72; "Negro Americano, e Agora?", 126; Depois do Diluvio, 281; O Brasil dos Japonezes, 296.
Arthur Ramos — Questões de Mythica Negra, 144; As Culturas Negras no Brasil, 294.
Augusto Frederico Schmidt — Poema, 254.
Aurelio Gomes de Oliveira — "Oito Ensaos Sobre a Hora Presente", 14; Cinema, 187, 218, 246, 276, 304 e 332.
Aydano do Couto Ferraz — Desejo Morto, 301.
Azevedo Corrêa — Atavismo, 2.

B

Bezerra de Freitas — Da Eterna Poesia, 244.

C

Carlos Dante de Moraes — Braz Cubas, O Defunto Autor, 322.
Carlos Drummond de Andrade — Os Mortos de Sobrecasaca, 2.
Carolina Nabuco — Dois Livros de Nobelistas, 96.
Clovis Ramalheite — O Erro de Despersonalizar, 75; Nota Sobre Zweig, 271.
Correia de Sá — O Gigante Deitado, 65; Musica, 189, 217, 249, 277, 307, 333; Discos Seleccionados, 161, 189, 217, 247, 278, 306, 334.

D

Dante Costa — A Exposição do Club de Cultura Moderna, 20; O Romance "Jubiabá", 71; "Books Abroad", 184; Verissimo (José), 316.
Dias da Costa — O Mundo de Jubiabá, 101; Memorialistas, 206; Uma Viagem no Reino da Poesia, 330.
Domingos Ribeiro Filho — Maximo Gorki e Sua Obra Litteraria, 290.

E

Edgar Cavalheiro — "Os Ratos", 325.
Edson Carneiro — Omar Khayyam, 52; "O Folk-lore Negro no Brasil", 104; "A Influencia Africana no Portuguez do Brasil", 152; A Rainha do Mar, 178.
Edson Lins — O Poeta Machado de Assis, 190; O Poeta Lagarixa, 209.
Edyla Mangabeira — Pardon Wird Night Gegeben, 48.
Erico Verissimo — Visita a Conca, 12.
Eugenio Gomes — Thomas Lovell Beddoes, 42.
Evaristo de Moraes — Variações Sobre o Ciume, 342.
Evaristo de Moraes Filho — Ainda Freud..., 214.

F

Faria Neves Sobrinho — Soliloquio, 9.
Flavio de Carvalho — Sensações de Vôo, 235.

Francisco de Assis Barbosa — 1919 e Pouco Mais Além, 45; Conversa Com a Chuva, 75.

Francisco Venancio Filho — A Divulgação Scientifica, 30; Educação, 62; Heróes, 180; Ainda Cinema Educativo, 232; Notas de Educação, 261; A Gloria de Euclides, 231.

G

Gabriel A. S. Oliveira — Um Discipulo de Durkheim, 124.
Gastão Cruls — A Dansa da America (Trad.) 50.
Gastão Vieira — Reminiscencia de Carlos Gomes, 268.
German Quiroga Galdo — Territorio Humano, 158.
Gilberto Freyre — Um Agricultor Sentimental Escreve Suas Memorias, 1; Saint Hilaire no Rio Grande do Sul, 61; O que foi o Congresso Afro-Brasileiro do Recife, 88; Jardins para os Tropicos, 118; Retorno à Provincia Natal, 264; Prefacio para o Livro de Flavio de Carvalho, 283.
Graciliano Ramos — Infancia, 255.

I

Iraci Carneiro — "Do Seculo XX" e seu Autor, 192.
Ivan Ribeiro — Dois Romances, 191; O Litterato Rubem Braga, 274.
Iva Waisberg — Do Espirito Universitario, 134.

J

Jack Sampaio — "National Velvet", 47; "Magiciens et Legiciens", 133.
Jayme Cardoso — Uma Viagem Entre Dois Livros, 181; Triangulo de Livros, 293; Peisson, Genio do Mar, 299.
J. B. Martins Rodrigues — O Problema da Universidade no Brasil, 150.
João Alfonsus — Totonio Pacheco, 22.
Joaquim Ribeiro — Numa Festa de Intellectuaes, 42.
Jonathas Serrano — Clio, 173; "Etapes de ma Vie", 226; Fidelino de Figueredo, 313.
Jorge Amado — "Favela dos Meus Amores", 10; Romancistas do Sul, 94; Raul Pompela Vivissimo, 115; Livros

Escravos e Reedições, 171; Hora da Noite, 257; Mana Maria, 292.
 Jorge de Lima — Outras Forças que não Morrem, 309.
 José Bezerra Gomes — Os Melhores Romances do Anno Passado, 155.
 José Jobim — Carlitos, 240.
 José Lins do Rego — "Jubiabá", 39; Carta a Oswald de Andrade, 67; O Vertente, 230.

L

Leonam de Azeredo Penna — Jack London, Zoographo, 298.
 Lucia Miguel Pereira — "André Gide et Notre Temps", 8; "Jubiabá", 29; Maurois e os Inglezes, 100; Moral e Mqrallismo, 177; Santa Russia, 225; "Journal d'un Curé de Campagne", 310.
 Luiz Annibal Falcão — O Romance, 90; A Origem dos Africanos da America, 123.
 Luiz da Camara Cascudo — Ludovico Schwenningen, 36.
 Luiz Jardim — Quatro Quadros de Cícero Dias, 64.
 Luiz de Montalvor — Um Livro de João de Barros, 200.

M

Manoel Bandeira — Momento num Café, 11; Poetas Portuguezes, 122; Chronica de 1880, 285; Ballada das Tres Mulheres do Sabonete Araxá, 297.
 Marguerite Picard-Loéwy — Anno Novo, 92; Madame Préface, 233; Manias dos Escriptores, 312.
 Mario de Andrade — A Calunga dos Maracatús, 68.
 Mario Sette — Os Commendadores, 147.
 Marques Rebello — Diarilo Achado num Bonde, 66; Musica, 155; Discos, 161, 248, 334.
 Mauricio von Wellisch — Uma These Brasileira na Universidade de Louvain, 120.

Mello-Leitão — Um Mentiroso de 1812, 288.
 Miguel Ozorio de Almeida — "Discursos e Conferencias", 85; "L'Homme, cet Inconnu", 227; Um Livro Notavel, 256.
 Miran M. de Barros Latif — A Renascença Catholica, 116; Jacques Bainville Morreu..., 142; Mestiçagem, 326.
 Modesto de Abreu — E' a Sociologia uma Sciencia?, 74; Um Discipulo de Machado de Assis, 266; Achegas á Historia da Philosophia, 291.
 Murilo Mendes — Manoel Bandeira cae no Conto do Vigario, 38; A Poesia e os Confusionistas, 63; Uma Grande Mulher, 182.

O

Octavio de Faria — Tentativa de um Panorama, 99; O Premio Fellipe D'Oliveira de 1935, 142; Fronteira, 314.
 Odorico Tavares — A Poesia Ainda Vive, 239.
 Orris Soares — C. da Velga Lima, 267.
 Osorio de Oliveira — Noticia de Livros, 102; Os Escriptores Exilados, 172; Um Caso Typico da Vida Intellectual Portuguesa, 318; Assumptos Africanos, 318.

P

Peregrino Junior — Significação de Duas Eleições Academicas, 16.
 Pinheiro Viegas — Ella, 37.

R

Raul S. Xavier — O Milagre da Arte, 106; Decadencia da Litteratura, 292.
 Raymundo Moraes — Gente Nova do Brasil, 146; Maruplara, 162.
 Renato Mendonça — Lingua Brasileira, 156; Lingua e Litteratura Regional, 208.
 Raynaldo Moura — Outomno - Legenda, 83; Debussy, 119.
 R. Magalhães Junior -- Anachronismos, 209; "Marujada", 238.

Roberto Alvim Corrêa — A Mensagem Litteraria e Nossa Epoca, 320.
 Rodrigo M. F. de Andrade — "Usina" e a Invasão dos Nortistas, 286.
 Rodrigo Octavio Filho — Tres Amigos, 5.
 Roquette-Pinto — Sobre a Castanha do Pará, 2; Ondas e Kilocyclos, 13; As Raças e a Unidade Nacional, 17; Nota de Anthropologia, 41; Prefacio aos "Estudos Afro-Brasileiros", 60; Alfonso Bovero, 70; Os Eurafricanos, 77; "Alimentação e Raça", 91; Biogeographia Dynamica, 117; A Respeito da Ologenese, 154; A Inquietação de Alexis Carrel, 174; "Féras do Pantanal", 237; O Problema Biologico da Catatonia, 317.
 Rubem Braga — Raul Pompela, o Calphaz, 210.
 Rubens Saldanha — O Sentido da Arte Moderna, 34.
 Ruth Pacheco — "Fronteira", 164.
 Ruy Coutinho — Nutrição e Efficiency Social, 132.

S

Santa Rosa — Artes Plasticas, 160, 188, 307.
 Saul Borges Carneiro — Um Discipulo de Durkheim, 32.
 Sergio Buarque de Hollanda — A Ethica do Trabalho entre Hespanhoes e Potruguezes, 204.

T

Telmo Vergara — O Coveiro da Figueira Velha, 15.
 Theodemiro Tostes — Notas da Inglaterra, 148; Walt Disney, 174.
 Theo Filho — Historia Universal da Litteratura, 205.
 Thomas Murat — Samambala, 199.

V

V. de Miranda Reis — Varla, 169; A Força do Symbolo, 253.

INDICE DE ASSUMPTOS E PRINCIPAES ALLUSÕES

A

Abreu (Manoel de), 274; Abreu (Modesto de), 108; Academia Brasileira de Letras, 16; Academia Paulista de Letras, 275; Accioly (Hildebrando), 135; Adami (Hugo), 188; Aguayo (A. M.), 265; Albuquerque (Matheus de), 89, 280; Alcantara Machado (Antonio de), 243, 292, 331; Alencar (Clementino de), 263; Alencar (José de), 251, 265; Alencar (Jua-rez de), 285; Almeida (Josias de), 108; Almeida Torres (Arthur), 220; Alphonsus (João), 212; Amado (Gilberto), 87; Amado (Jorge), 29, 39, 71, 84, 101, 239, 243, 263, 330; Amaral (Luiz), 78, 226; Anchieta, 78; Andrade (Moacyr), 38; Andrade (Oswald), 67; Anthropologia, 41; Antonio Pedro, 333; Antuña (J. G.), 78; Aragon (J. de), 335; Araujo Jorge (J. G.), 112; Archivo d'Eu, 221; Archivo Nacional, 28; Arruda Botelho (R. de), 120; Arte, 34, 56, 106, 113; Artes Plasticas, 20, 64, 136, 160, 188, 209, 216, 247, 307; Arus Sab, 6; Athayde (Tris-tão de), 16, 119, 215, 245; Athena Editora, 69; Azevedo Amaral, 41; Azevedo (Olmiro de), 328.

B

Bagnold (Enid), 47; Bainville (Jacques), 142, 146; Baker (Josephine), 108; Balzac, 48; Bandeira Duarte, 98; Bandeira (Manoel), 38; Barbosa Lima Sobrinho, 84; Barcellos (Odette), 163; Barrés (Maurice), 138; Barreto (Mario), 279; Barros (João de), 200; Barroso (Gustavo), 7, 274; Barthou (Louis), 331; Bastos de Avila, 9; Bastos Tigre, 275; Baudelaire, 82; Bazin (René), 226; Bedel (Maurice), 39, 257; Beebe (Wil-liam), 63; Bello (José Maria), 191; Bello (Julio), 13; Bel-monte, 140; Benjamin (René), 48; Benoist (Ch.), 278; Berdiaeff, 272; Bernanos (Georges), 310; Bernhardt (Sarah), 82; Bersane (Hygino), 73; Berveiller (M.), 140; Bertrand (Louis), 18; Bezerra (Alcides), 28, 40, 154, 291; Bibliotheca Central de Educação, 167; Biographias, 31; Bittencourt (Da-rio de), 317; Bloy (Léon), 82; Bocquet (Léon), 114; Boiteux (L. A.), 224, 315; "Boletim de Ariel", 313; "Boletim do Insti-tuto Allemão", 127; Bomfim (Manuel), 65; Bonardi (Pierre), 83; "Books Abroad", 184; Bougaud (M.), 114; Bouglé (Celestin), 169; Bourden (J. R.), 111; Bovero (Affonso), 70; Braga (Belmiro), 213; Braga (Rubem), 220, 274; Brame (C. M.), 28; "Le Brésil", 238; Brion (Marcel), 277; Brisson (Pierre), 74; Burnett (W. R.), 77; Burroughs (E. R.), 28; Butler (Samuel), 7.

C

Cahuet (Albéric), 37; Caixa Economica do Rio de Ja-neiro, 234; Calderon (Ventura G.), 244; Calmon (Pedro), 77; Calogeras, 112; Camargo (Christovão), 140; Campos (Hum-berto de), 140, 184, 226, 251, 328; Carcano (Ramon), 33; Car-doso (Lucio), 336; Carême (Maurice), 111; Carneiro (Edison), 217; Carrel (Alexis), 174, 227; Carton de Wiart (Conde), 30; Caruso (Victor), 305; Carvalho (Eduardo), 301; Carvalho (Flavio de), 232, 283; Carvalho (Orlando M.), 78; Castro (Baptista de), 170; Castro (Josué de), 91, 136; Castro Nery (Pe. J. de), 321; Castro Osorio (Anna de), 115, 327; Castro Osorio (João), 117, 169, 328; Cavalcanti (Augusto), 273; Caval-canti (Povina), 48; Céline (L. F.), 313; Cepeda (Josephina de), 73; Chagas (Carlos), 85; Chaplin (Charles), 240, 276; Chateaubriant (A. de), 18, 122; Chermont de Britto, 78; Christie (Agatha), 111; Cicero, 328; Cinema, 10, 66, 72, 174, 187, 218, 232, 246, 276, 278, 304, 332; Cintra (Assis), 201; Cirne Lima (Ruy), 84; "Claridade", 280; Chotet (J.), 280; Club de Cultura Moderna, 20, 66; Cocteau, 91; Coelho (A.), 279; Companhia Editora Nacional, 315; Congresso Afro-Brasileiro, 88; Corpechot, 293; Correia Dias, 65; Correia de Sá, 229; Cor-reia Velho (A.), 38, 192; Correia (Viriato), 114; Costa Fer-reira (João), 140; Costallat (Benjamin), 285; Costa (Nelson), 223; Costa (Othon), 308; Couto Magalhães (General), 138; Cruz (Estevão), 62, 135, 168, 176, 205; Cunha (Euclides da), 321; Cunha de Azevedo (Nelson), 238; Cyriaco (Pe. A. P.), 302.

D

Dale (Gustavo), 135; Debussy, 119; Decadencia da Litteratura (Inquerito sobre a), 272, 309; Deffontaines (Pierre), 254; Delamare (Georges), 114; Delfino (Luiz), 163; Descoeudras, (A.), 180; "O Diabo", 220; Dias (Cicero), 64; Dias Fernandes (Carlos), 275; Dias Leite (O.), 252; Diderot, 176; Diez de Medina (E.), 70; Dine (S. S. van), 335; Discos, 161, 189, 217, 248, 278, 306, 334; Disney (Walt), 174; Doblin (Alfred), 48; Doliveira (C.), 157; Domingues (Carlos), 260; Dominick (H.), 287; Dornas Filho (João), 331; Dortas do Amaral (Leopoldo), 40; Dossetti (Santiago), 328; Doubnov (Simon), 288; Duhamel, 82, 293; Dumas (Alexandre), 182, 237; Duncan (Isadora), 40, 121, 182; Durant (Will), 226; Durkheim, 32, 124; Durtain (Luc), 47; Dutra (Osorio), 220.

E

Eça de Queiroz, 18; "O Ensino", 230; Erasmo de Rotter-dam, 86; Eschrich (E. P.), 220; Eu (Conde d'), 317; Expilly (Charles), 111.

F

Fargues (Maria), 25, 51; Faria de Vasconcellos (Prof.), 261; Faria Octavio de), 38; Farrère (Claude), 287; Fayard (Jean), 106; Fernandes (Sebastião), 103; Fernand-Weyher (F.), 122; Fessard (G.), 271; Figueiredo (Fidelino de), 313; Fleury (Maurice de), 140; Folk-Lore, 51, 81, 104; Fonseca Filho (Hermes da), 160; Fornari (Ernani), 143; Fowler (Guy), 51; Freitas (Octavio de), 108; Freitas (Paulo de), 223; Freud, 214; Freyre (Gilberto), 141, 211, 223, 232, 236, 311; Frieiro (Eduardo), 231, 234; "Fronteiras", 180; Frugoni (Emi-lío), 209; Furtado Reis (Trajano), 108, 182.

G

Gaelzer (F. G.), 81; Galsworthy, 96; Garcia Redondo, 255; Gide, 8, 331; Gilbert (O. P.), 15; Giono (J.), 154; Gobi-neau, 64; Godoy (Armand), 70, 123; Góes (Eurico), 319; Go-mes (Carlos), 28, 268, 284; Gomes (Perillo), 77; Gomes Vaz de Carvalho (Itala), 28; Gonçalves (M. A.), 138; Gontijo de Carvalho (A.), 112; Gonzaga Duque, 5; Gorki, 280; Green (Julien), 270; Gregh (F.), 254; Grieco (Agrippino), 26, 43, 66, 145; Grieco (D.), 272, 309; Guanabara (Paulo), 252; Guehenno (J.), 277; Guerra (Fco. Presciliano), 77; Guitry (Sacha), 39.

H

Haddad (J. A.), 65; Hamilton (Lady), 313; Hamilton (G. V.), 328; Harper (J. E. T.), 279; Harun-al-Raschid, 275; Heimbürg (W.), 112; Henrique (João), 121; Houx (Gas-ton), 111; Hirsh (Lina), 18; Historia, 173; Horta (Brant), 192; Houville (Gérard d'), 331; Hurst (Fannie), 154.

I

"Ibero-Amerikanisches-Archiv", 168; Ibsen, 278; Imbas-sahy (C.), 78; "Infancia e Juventude", 254; Instituto Inter-nacional de Cooperação Intellectual, 83, 335; Ipuche (P. Le-andro), 18; Iswolsky (H.), 270.

J

James (Francis), 82; Joé (Iago), 252; Jota Filho, 18; Jucá Filho (Candido), 175; Julia (Emile-François), 18.

K

Kaus (Gina), 289, 299; Kessel (J.), 331; Khayyam (Omar), 52; Kipling, 148, 272; Krugg (G.), 78.

L

Lacroix (J.), 254; Lalou (René), 110; Lamb (Harold), 251; Lamego (Alberto), 159; "Lanterna Verde", 216; Lanteuil (H.), 251; Lavedan (H.), 82; Legavre (L.), 106; Lemos Picango (Macario), 311; Leonardos (T.), 142; Leoni (Raul de), 45; Lessa (Origenes), 84, 103; Licinio Cardoso (L.), 133; Licinio Cardoso (Vicente), 56, 113; Liebrecht (H.), 279; Liger-Belair (E.), 233; Ligorio (Santo Affonso de), 40; Lima (Alcides), 121; Lima Campos (A.), 5; Lima (Hermes), 18; Lima (Jorge de), 242; Lima Junior (Augusto de), 272; Lima (Matheus de), 108; Lingua Brasileira, 151, 156, 208; Linguagem, 175; Lins do Rego (José), 21, 46, 76, 202, 232, 242, 263, 286; Lintz (Zuleika), 121, 181; Linze (G.), 268; "O Literário", 155; Litteratura Argentina, 3; Litteratura Belga, 111; Litteratura Italiana, 3; Litteratura Portuguesa, 58, 102, 114, 122, 172, 251; Litteratura Gaúcha, 78; Livraria Boffoni, 77; London (Jack), 298; Lopez (Luciano), 271; Lopes de Molina, 38; Lopes (Silvino), 73; Lovell Beddoes (Thomas), 42; Loyola (Leonidas), 174; Ludwig (Emil), 121, 299; Lyra Filho (João), 117.

M

Maccaggi (Nenê), 195; Machado de Assis, 322; Machado Bandeira de Mello (Lydio), 211; Machado (Dyonelio), 95, 235; Machado Guimarães (Ary), 66; Magalhães de Azeredo (Carlos), 328; Magalhães (Fernando), 279; Magalhães (Lucia), 311; "Magazine Commercial", 133; Magne (Pe. Augusto), 73; Magre (Maurice), 110; Maia (J.), 170; Maia (Samuel), 198; Malba Tahan, 40; Marconi, 31; Mariz de Moraes (José), 317; Martin (Percy Alvin), 136, 230; Martins de Oliveira (D.), 238, 241; Martins (Thales), 256; Marxismo, 112; Massa (Demosthenes), 78; Martiez (A.), 56; Matta Machado (P.), 263; Mattos (L.), 289; Mauriac (Claude), 270; Mauriac (François), 270, 293; Maurois, 100, 133, 299; May (Karl), 82; Mazel (Heny), 133; Medeiros e Albuquerque, 206; Medicina, 183; Melville (Herman), 81; Memento Bibliographico, 28, 56, 84, 112, 140, 168, 196, 224, 252, 280, 308, 336; Mendonça (Renato), 70, 152; Merejkovski (D.), 136; Mesquita (José de), 266; Messeder (A. C.), 78; Mestiçagem, 327; Miranda (Agenor), 328; Miranda Reis (V. de), 32, 74; Monte Arraes (R. de), 95; Monteiro de Barros Lins (Ivan), 77; Monteiro Lobato, 69, 95; Montessori (Maria), 261; Montherlant (H. de), 39, 331; Moraes (Luiz Carlos de), 45; Moraes (Evaristo de), 168; Moraes (Pericles), 61; Moraes (Vinicius), 65, 99, 141; Moral, 177; Morales (Ernesto), 257; Morosoli (J. J.), 151; Morus (T.), 197; Moura (Reynaldo), 14, 328; "O Mundo Portuguez", 311; Munthe (Axel), 23; Murat (Thomaz), 265; Musica, 18, 185, 189, 217, 249, 277, 307, 333; Musset, 82, 277.

N

Natal e Silva (Collemar), 103; Negro (em geral), 77, 126; Negro Brasileiro, 60, 65, 104, 106, 111, 123, 144, 152, 163, 178, 217, 295, 302, 319; Nery da Fonseca (Tenente Coronel), 21; Neves (Berillo), 93; Neves (Domingos), 84; Nobrega de Siqueira, 31; Nogueira (J. A.), 244; "Nossa Revista", 137; Nunes Pereira (Altamirano), 262.

O

Octaviano (Pe. Manuel), 23; Olecha (Iouri), 226; Oliveira (Armando de), 196; Oliveira e Silva, 40; Ologenese, 154; Orcajo Acuña (F.), 282; Osorio de Oliveira, 196, 315; Ottoni Jr. (Pio), 163; O. W., 163; Ozorio de Almeida (Miguel), 16.

P

Pacheco (Felix), 95; Palhano (Lauro), 61, 162; "Panorama", 187; Papel, 27; Paranhos Antunes (De), 28, 66; Pascai, 285; Passarelli (Faustino), 108; Pastor Benitez (Justo), 38; Paulo Gustavo, 93; Pedagogia, 62, 261; Pederneiras (Mario), 5; Pederneiras (Raul), 13; Peisson (Ed.), 299; Peixoto (Nilo), 195; Penna (Cornelio), 89, 164, 314; Peregrino Junior, 7, 335; Pernambuco, 1, 147; Pessoa (Alfredo), 83; Pessoa (Mario), 220; Picchia (Menotti del), 289; Pilotto (W.), 70; Pinto (Alvaro), 252; Pinto Antunes (J.), 198; Pinto (J. José), 18; Pinto (P. A.), 67; Pio (Fernando), 73; Pires Brandão (P. J.), 98; Pires (Cornelio), 115; Pitkin (W. B.), 265; Platão, 251; Poe, 82; Pompeia (Raul), 115, 140, 210; Pontes (Eloy), 115, 140, 210; Portinari, 136; Premio Felipe d'Oliveira, 141; Premio Humberto de Campos, 159, 176, 308; Premio Machado de Assis, 7, 93, 190; Prod'Homme (J. G.), 82; Puig (Pe. Ignacio), 28; Putnam (Samuel), 184.

Q

Queiroz (Carlos), 122, 263.

R

Rabelais, 238; Rabello (Laurindo), 269; Raças, 7, 17, 59; Radio, 13, 215, 249, 277, 305; Raeders (G.), 18; Ramena (Irmãos), 70; Ramos (Arthur), 51, 104; Ramos (Graciliano), 263, 336; Ramuz (C. F.), 278; Régner (H. de), 270; "Revue Française du Brésil", 112; Reynal (Beatrix), 241; Ribeiro (Aquilino), 317; Ribeiro (Clovis), 157; Ribeiro Couto, 40; Ribeiro (Joaquim), 311; Ribeiro (Placido), 14, 31; Ricardo (Cassiano), 237; Ritz (Clemente), 18; Rivasseau (Emile), 295; Rodrigo Octavio, 58, 206, 315; Rodrigues (Nicolau A.), 282; Rodrigues Valle (F.), 215; Roigt (Honorio), 3; Romance, 90, 120, 155; Romero (Sylvio), 159; Roosevelt (Franklin), 281; Roquette-Pinto, 199; "Rumo", 185; Russia, 225, 270; "Rythmo", 78.

S

Sagen (Lyder), 82; Saint-Hilaire, 61, 274; Sampaio (A. J. de), 89, 117; Sanmartin (O.), 56; Santa Rosa (Virginio), 72; Santiago (Mietta), 221; Sartori (Cesar), 154; Sauvage (Cecile), 82; Schmidt (Affonso), 243; Schmidt (Augusto Frederico), 278; Schneider (R.), 9; Schumacher (Karl von), 327; Schwennhagen (Ludovico), 36; Sciencia, 30; Senna (José Maria), 146; Serpa (Alberto de), 122; Serpa (Phocion), 3; Serrano (Jonathas), 125, 252; Serviço de Cooperação Intellectual, 143; Sette (Mario), 149; Shakespeare, 148; Silva (Alvimar), 192; Silva Andrade, 279; Silva Pinto (L. da), 112; Silveira (Fernando), 40; Silveira (Tasso da), 58; Simenon (Georges), 267; Sinclair Lewis, 96; Smith Wasconcellos (N.), 224; Sociedade Capistrano de Abreu, 146; Sociedade Felipe d'Oliveira, 258; Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, 121; Sociedade das Nações, 59; Sociologia, 32, 74, 124; Souza (Bernardino), 159; Souza Dantas (Marcos), 180; Souza da Silveira, 192; Spinelli (Vincenzo), 3, 67, 333; Stanley, 313; Stendhal, 82; Strawinsky (Igor), 275; Suarêz (A.), 131; "Sudoeste", 112; Sydney (Henry), 288.

T

Tanco de Arguez (Mme.), 67; Tapajoz (Isaac), 180; Taunay (A. d'E.), 177; Tavares da Cunha Mello (D.), 14; Teixeira (A. S.), 251; Teixeira Monteiro (Darcy), 216; Teixeira Soares, 135; Teja Zabre (A.), 135; Tenorio d'Albuquerque, 111; Themudo Lessa (V.), 70; Tolstoi, 57; Torrens de Garmendia (M.), 271; Travassos (Mario), 56; Tuyuty de Oliveira Freitas (Osorio), 73; Universidade, 134, 150; "Universidade", 112; Universidade do Distrito Federal, 250; Urbanismo, 185.

V

Vallette (A.), 59; Van Loon (H.), 108; Vasconcellos (Antão), 159; Vassal Reig (C.), 82; Veiga Lima (C. da), 267, 335; Veiga (Vinicio da), 257; Vergara (Telmo), 154, 308; Verissimo (Erico), 21, 95, 191, 242, 263, 283; Verissimo (José), 262, 316; Vianna Moog, 280; Vianna (Urbino), 9; Victorino (José), 301; Vieira (José Geraldo), 158, 186, 232; Vignes Rouges (Jean des), 216; Vilhena de Moraes, 199; Villela (Wanderley), 78; Vinhaes (Ernesto), 237; Violeta Branca, 251.

W

Wagner (C.), 220; Wallace (Edgar), 16, 220, 272; Wanderley (Rubem de Menezes), 40; Weill (G.), 91; Wendell

(Hermann), 260; Wertheimer (Oskar von), 111; West (Mae), 295; Wilton (L.), 78.

X

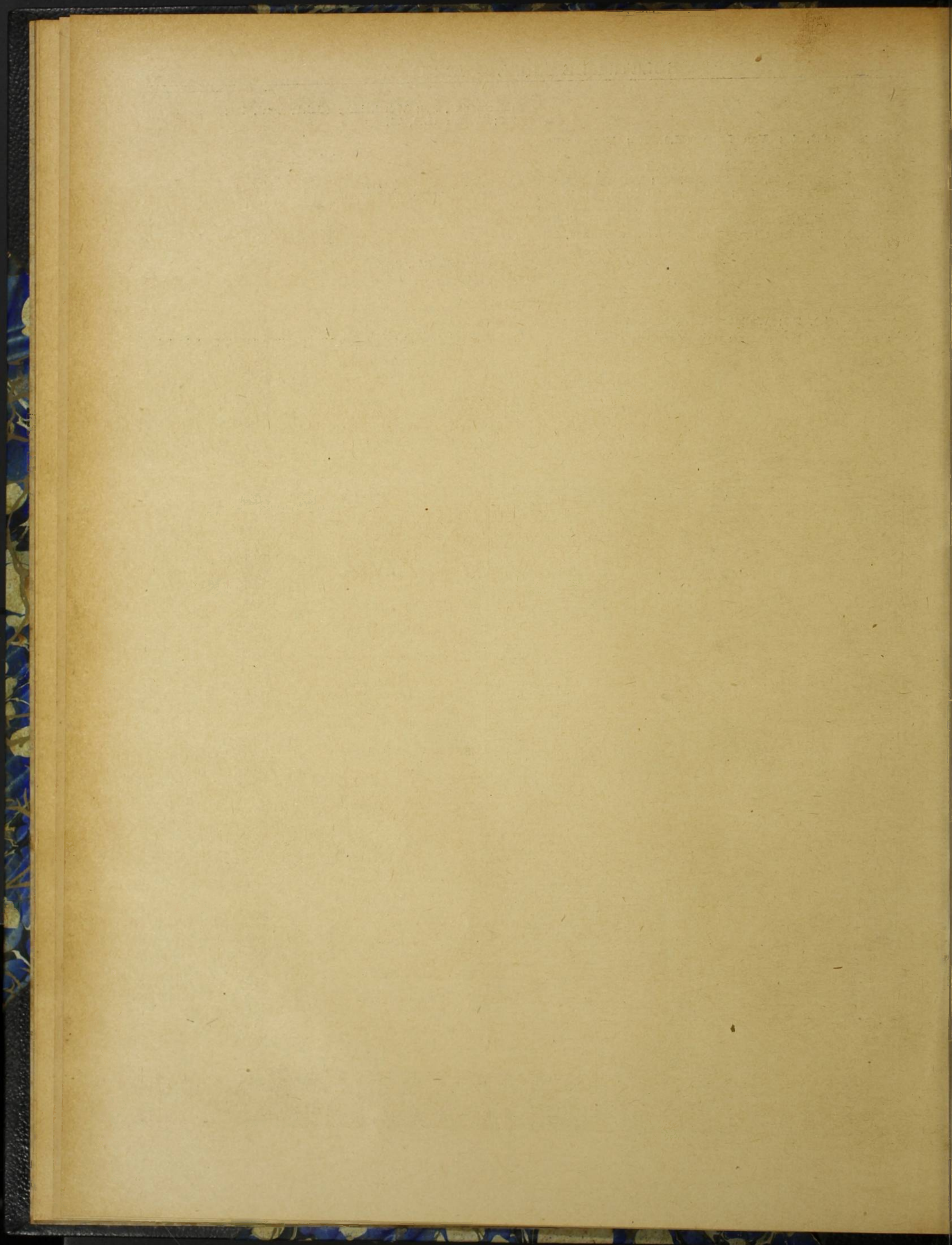
Xavier Marques, 301.

Y

Yara do Rio, 6.

Z

Zevaés (Alexandre), 82; Zweig (Stephan), 271, 299, 313





BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

Um Agricultor Sentimental Escreve Suas Memorias

Acabo de ler os originaes do livro em que Julio Bello reúne suas memórias de agricultor sentimental.

Elle nos traz nessas paginas um depoimento que estava faltando á litteratura, já numerosa, formada em volta dos velhos engenhos de canna: o depoimento de um authentico senhor de engenho pernambucano, Albuquerque dos bons, que ainda alcançou o tempo da escravidão e os dias de gloria dos banguês, dos pastoris e dos cabriolets.

Julio Bello nunca se acomodou direito a outra vida senão a de plantar canna em Queimadas. O velho Queimadas que Papae Bello, com seu olhar duro de Duque de Carias, desbravou ha setenta annos, queimando matto ainda virgem. Menino de collegio no Recife, estudante na Escola Polytechnica do Rio, frequentador do Santa Izabel no tempo em que era de rigor a casaca para ir ao theatro, (caprichando então o adolescente Julio no laço da gravata, no penteado lustroso e na flôr á lapella, como pude verificar no album de retratos antigos, capa enfeitada de madreperola, da casa de Dona Maroquinhas Tasso); jornalista de opposição, deputado, presidente do Senado de Pernambuco, governador interino do Estado, em todas essas actividades urbanas elle se sentiu sempre um pouco sem geito; saudoso do engenho; saudoso principalmente da velha casa-grande onde menino pequeno brincou com os muleques na calçada da frente, vestido de sunga-nêê. E neste nosso Brasil onde a gente muda tanto de casa, elle é dos poucos que podem dizer com o poeta provinciano:

*"... junto ao lar do herdado tecto
de paternas memórias circundado
no mesmo assento dos avós repousa."*

Nem as aguas da Guanabara, nem mesmo as do Capibaribe, tão bonitas, noites de lua, conseguiram ter para os seus olhos de senhor de enge-

nho sentimental a doçura das do Persinunga — aqui para nós, um riachinho feio e raso, a água barrenta separando quasi sem vontade o Estado de Pernambuco do de Alagoas.

Viu o Rio, a Bahia, o Recife, cidades bonitas, ruas illustres, a da Aurora, a Nova, a do Ouvidor; mas sem se deixar empolgar por nenhuma; enxaguando sempre os olhos com a vista do Persinunga, como para tirar o gosto das outras paizagens.

O autor desse novo livro de memórias é dos senhores de engenho que pararam no banguê: não se modernizou no usineiro.

Quem conhece Pernambuco, Alagoas, o sul da Parahyba — esse sul da Parahyba de José Lins do Rego que é quasi Pernambuco; quem conhece essa região brasileira não pela crosta, mas na sua intimidade social, sabe a distancia enorme que separa um senhor de engenho antigo do moderno usineiro. Longe de mim querer fazer passar os antigos senhores por uns santo-antoninhos-onde-te-porei. Acho mesmo que Julio Bello, sem resvalar para um immoderado "louvor dos tempos idos", ás vezes romantiza um pouco a época dos banguês e das almanjarras.

Mas não ha duvida que sob o patriarchalismo dos velhos engenhos houve, em geral, melhor assistência ao trabalhador que na grande maioria das usinas de hoje. Houve, ninguém diz que não, dureza e até crueldade na exploração do escravo pelo branco da casa-grande: o commum, entretanto, foi o senhor amparar melhor o negro da senzala que o usineiro de hoje ao seu operario; ficar com o negro velho ou doente vivendo ás suas custas. Na maioria dos engenhos antigos a vida correu mais doce e humana para todos do que nas usinas, as festas, os são-joões, os pastoris, os humba-meu-boi, creando frequentemente momentos de confraternização de senhores com trabalhadores.

Esses momentos quasi não occorrem hoje. Não ha confraternização nenhuma. Os usineiros vão se divertir longe — no Recife, em Boa Viagem, no Rio, em Paris, em Buenos Aires.

Seus filhos rapazes, ou elles mesmos quando muito lubricos, defloram ainda mulatinhas; mas abandonam logo as meninas. Ellas vêem então para o Recife, Maceió, Parahyba, para a rua do Fogo, para o Pateo do Carmo, a Rua Estreita do Rosario, augmentar a prostituição das cidades. Os fidalgos novos não vão a pastoris; não gastam com mestras, contra-mestras e dianas. O chic é gastar com estrangeiras. Esses usineiros lubricos, imitando os "gentlemen", preferem as "blondes". Mas defloram mulatas. Qualquer frequentador de casas de mulheres das cidades do Nordeste sabe que a maioria das prostitutas vêem do matto — muitas da zona das usinas.

A usina separou o grande proprietario não só do operariado — que era uma segunda familia do senhor — como da paisagem e dos rios, outrora tão ligados á vida dos homens e hoje uns mictorios por onde as fabricas descarregam a calda fedorenta. Acabou com a vida nas casas-grandes; acabou com as festas; extinguiu a assistencia moral dos capellões, uns padres gordos, molles, é verdade, mas que sempre serviam para ajudar a gente dos engenhos em algumas das suas necessidades e soffrimentos; desenvolveu o absenteismo, substituiu as casas de engenho pelos palacetes do Recife, de Maceió, de Boa Viagem. Dahi uma nova forma de relações entre o patrão e o operario; entre o homem e a terra. A distancia social e psychica entre elles tornou-se maior. Tornou-se immensa.

Desappareceu quasi todo o lyrismo nas relações do homem com a paisagem, com a matta, com o animal, com o rio, com a planta, com a terra, com os outros homens. E chegámos áquelle ponto dramatico em que o Nordeste ou controla e socializa suas fabricas de assucar — que vêem esterilizando tudo, não pelo gosto ou maldade dos proprietarios, mas pela propria natureza do systema industrial das usinas particulares — e restabelece o equilibrio entre a gente e a natureza, ou o homem se degrada aos ultimos extremos. Não só o homem que é explorado, mas o que explora. Já hoje não se pode comparar nenhum usineiro typico de Pernambuco, de Alagôas ou de Parahyba — gente que não lê senão jornal, os seus proprios jornaes impressos em machinas caras, e cheios de silencios, abafos e conveniencias — com os senhores de engenho pernambucanos da ultima metade do seculo XIX, entre os quaes Herberth S. Smith encontrou tantos leitores de livros francezes e até inglezes e assignantes da Revue des Deux Mondes. Os senhores de engenho mais finos, educados pelos tios padres ou nos collegios do Recife e ás vezes até na Europa, que Julio Bello, sem ser doutor ou bacharel, representa hoje admiravelmente, com suas boas leituras de classicos e de autores modernos, a sua sensibilidade, o seu gosto de receber bem os hospedes. A culpa da decadencia no standard in-

tellectual e nas boas maneiras dos senhores de assucar não se pode dizer que seja dos usineiros — alguns delles descendentes da melhor gente rural: é do systema.

No estudo que escreveu sobre o Barão de Goyanna e a sua época genealogica, João Alfredo deixou-nos uma serie de reminiscencias, que ás vezes coincidem com as de Julio Bello. Vê-se através dos dois chronistas que no Pernambuco do seculo XIX, houve pontos de contacto numerosos entre o genero de vida dos senhores do extremo Norte — a zona de Goyanna que nos deu Dom Vital — e o genero de vida dos senhores do extremo Sul — a zona de Serinhaem e Rio Formoso, que produziu o Marquez de Olinda. Entre a zona dos Cavalcanti de Itapirema, dos Pinheiro de Itapessoca, dos Vieira de Calugy, dos Bento Rabello, de Mereré, dos Manoel Paulino, de Pau Amarello, dos Silva Freire, de Vunda e Salgado e a região dos Lins, de Una, dos Fonte, dos Peres, dos Wanderley, dos Hollanda Cavalcanti (de Guindahy) dos Ferrão Cartello Branco, (de Morim).

Para effeitos de comparação, falta quem nos traga reminiscencias da zona de Escada ou da de Ipojuca, em Pernambuco; da de Recoincavo, na Bahia; das regiões assucareiras de Alagôas, Sergipe e Maranhão. Porque o Barão de Suassuna não nos dá, sobre Escada, um livro de recordações no genero do de Julio Bello ou das notas de João Alfredo? Ou Luiz Cedro — que nasceu e creou-se no Cabo — alguma coisa sobre o Cabo ou a Ipojuca do Santo Christo que corresponda, como fixação de traços regionaes, á obra extraordinaria de José Lins do Rego, aqui considerada no seu puro aspecto objectivo? Aliás Cicero Dias — que na pintura já nos deu interpretações tão profundas da paisagem rural de Pernambuco — banguês, casas-grandes, usinas — tem quasi prompto uma especie de romance introspectivo, com recordações interessantissimas sobre a vida de engenho na zona de Escada. Sobre alguns de seus aspectos mais intimos. E é preciso não esquecer aqui outros depoimentos, onde se esboçam traços ou as physionomias de algumas regiões assucareiras mais caracteristicas: O Mulato, de Aluisio de Azevedo, Bagaceira, de José Americo, São Bernardo, de Graciliano Ramos, O Alambique, de Clovis Amorim, Senhora de Engenho, de Mario Sette. Além de trechos e de livros de viajantes como Koster, Masefield, Tollenaar e de paginas de memorias como as de Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Humberto de Campos, Sylvio Romero. Mas não quero tentar uma bibliographia do assumpto. Apenas suggerir a necessidade de melhor fixação através de romances, memorias, pesquisas dos caracteristicos das varias regiões do assucar, com suas grandes familias dominadoras ou decadentes.

Ainda que Julio Bello fale nas "tendencias migratorias" dos Wanderleys, — figuras louras que passam tantas vezes pelas suas paginas — attribuindo-lhes grande mobilidade, o certo é que essa grande familia de engenho, hoje em decadencia,

ao contrario dos Albuquerque e dos Cavalcanti — no seculo XVIII já tão espalhados — quasi se concentrou entre os cannaviaes de Serinhaem e Rio Formoso, conservando pela endogamia, a principio nos sobrados e casas-grandes daquela região, ultimamente até em casebres de taipa, o typo louro e de olhos azues dos avós hollandezes. Refiro-me, é claro, aos Wanderleys legitimos. Desses ainda se encontram alguns na velha zona rural do sui que parecem ter chegado ha poucos annos do Norte da Europa; e não ha tres seculos.

Dos Wanderleys antigos, quasi todos, com uma excepção ou outra, homens gordos e commodistas, gostando muito de sua rêde ou de seu cavallo, era o velho Nô, de Palmares, irmão de mniha avó Maria Raymunda. Typo do Wanderley já decadente, que não sei se Julio conheceu direito. Pois esse velho Nô, apaixonado de mulatas e de cachça, conservava-se de botas de montar a cavallo mesmo dentro de casa e nú da cintura para cima. Ao contrario de senhores mais recentes, alguns enriquecidos no comomercio de escravos depois da fiscalização ingleza, que até fóra de casa e a cavallo andavam de tamancos.

Quem Julia Bello conheceu muito bem, foi o Coronel Pedro da Rocha Wanderley ou Pedro de Bom Tom. Tanto nos seus bons tempos de senhor de engenho, rico, como na sua velhice de pobre-tão. Um Wanderley bem caracteristico, esse Pedro de Bom Tom. O autor das Memorias, recorda a figura do velho, ironico como elle só, que depois de ter sido dono de tres engenhos morreu pobre e dizendo com o sarcasmo de sempre "agora é moda ser meu inimigo". Pedro de Bom Tom era dos que guardavam bem nitidos os traços nordicos — alto, cabello e barba ruivos, olhos azues — conservados tambem pelo irmão, ainda vivo, do tio Nô: o velho Neco da Rocha Wanderley.

Si ha estudo que hoje me tente sobre todos os outros é a pesquisa anthropologica desses antigos senhores de Serinhaem e Rio Formoso — dos restos da grande familia de homens chamados Gaspar e João Mauricio, — em honra a Gaspar Wanderley e João Mauricio de Nassau — que até em gerações recentissimas guardavam não só esses nomes tradicionaes como o typo nordico, do seculo XVII.

E' curioso, aliás, que ao lado da endogamia nos ramos legitimos, tem havido por outro lado nos Wanderleys homens, a tendencia para o abuso do alcool, a dipsomania — tendencia, segundo parece, tão nordica — e um pendor para se amigarem com negras, que nem immigrantes portuguezes ou italianos. O que explica o numero consideravel de Wanderleys de côr, embora ás vezes de olhos claros e cabellos arruivados. Verdadeiros casos brasileiros dos bastardos da Africa hollandeza estudados por Eugen Fischer.

Mas basta de Wanderleys. De todo o interesse para o estudo do nosso folk-lore são aquellas paginas de Senhor de Engenho em que Julio Bello nos fala das corujas das casas-grandes; de cousas de

agouro; das previsões de chuva e bom tempo, tão communs entre os antigos senhores de engenho. As mungumbas estavam florindo? Anno secco. Os porcos carregando matto? Tempo grosso na certa.

Julio Bello nos traz nas suas Memorias uma contribuição valiosissima para o estudo da historia social de Pernambuco. O Pernambuco das ultimas casas grandes patriarchaes. Retrata figuras que só os bons escriptores de memorias sabem salvar do esquecimento em que as deixa a outra historia: a official; a dos socios do Instituto; a dos historiadores solemnes que apenas se interessam pelos homens publicos e pelas datas gloriosas: não enxergam nunca os parentes pobres dos heroes, ás vezes tão cheios de interesse humano.

Sua maneira de escrever prende o leitor e faz de cada um quasi um confidente; si muitas vezes escorrega para o sentimentalismo, já é depois de creado esse ambiente de confiança e de intimidade entre autor e leitor que permite expansões sentimentaes.

GILBERTO FREYRE

Phocion Serpa — Calouro! — Editor Schmidt — Rio. Medico, o prosador Phocion Serpa allude sempre com particular emoção aos seus tempos de estudante, aos mestres e condiscipulos mortos, áquelles que passaram por elle nos dias bohemios de academia ou nas tentativas de triumpho em consultorios de prestigio ainda inseguro. Este volume de agora, sympathico porque despretencioso, enfeixa muitas recordações do periodo em que o autor, novato junto á cathedra do lente ou no amphitheatro da Santa Casa, era vaiado ou azucrinado pelos collegas mais antigos. E a narração do caso do estudante que mata um motorneiro da Light, em crise de delirio de perseguição, é exposto com inilludivel firmeza de traços, reflectindo um doloroso incidente que tanto impressionou os noticiarios do tempo.

Vincenzo Spinelli — Prosatori e poeti dell'Italia d'oggi — Rio.

Muito moço ainda, o sr. Vincenzo Spinelli sabe conduzir-se nos seus cursos de historia litteraria ou historia das bellas artes, com uma austeridade e uma precisão que exigiriam em outros idade bem mais avançada. Humanista da Italia nova, retemperada pelos methodos de pesquisa e orientação de Carducci e tantos outros, o brilhante conferencista conseguiu suscitar entre nós um interesse fremente pela litteratura da Peninsula máo grado o alheamento em que sempre vivemos dos bcns estudos italianos. E tudo porque, meditando severamente os seus themas, expõe e conclue sem pedanteria. Clareza e concisão são os elementos que lhe dão aos methodos de raciocinador e estylista. Quem quer que não lhe tenha ouvido as conferencias poderá sentil-o percorrendo agora esta excellente anthologia dos prosadores e poetas da Italia de hoje, das mais completas no genero, lucida e honesta mesmo quando justificaveis pendores politicos parecem influir nos propositos estheticos do seleccionador. Em summa: falando ou escrevendo, o sr. Vincenzo Spinelli serve com dignidade uma cultura, qual a da sua gente, que, vindo dos trecentistas á Dante e Petrarca, não parece disposta a perecer tão cedo.

Honorio Roigt — El Arco Tendido — Buenos Aires.

Impressionante quadro da situação politica internacional. Publicista de merito, senhoreando, sem falha sensivel, todo o movimento da vida social dos povos, sabe elle reflectir e concluir com uma imparcialidade de quem não se deixa allucinar por nenhum espirito de grei. Procura fazer com que os factos, eloquentes por si mesmos, se apresentem deante do leitor sem que os deforme insinuações capciosas. Tão familiares são ao seu cerebro as occurrencias politicas do velho mundo quanto do novo. E' um critico de nacionalidades que, sem pretensões a pensador profundo, empresta sempre uma desenvolta forma jornalística aos seus conceitos de observador internacional.

SOBRE A CASTANHA DO PARÁ

Chronica Scientifica irradiada na "Hora do Brasil"

Na sua emocionante expedição de 1909 — cortando as terras lindas e asperas da Rondonia — nas mattas que demoram a 10°32, de latitude Sul e a 19°41, de longitude Oeste do Rio de Janeiro, encontrou o General Rondon os primeiros signaes de seringueiros da Amazonia, e, logo depois, um homem branco, esquelético, febricitante, sentado debaixo de um abrigo de folhagem... Ouvindo o echo dos machados que abriam na selva a picada para os expedicionarios, Miguel Sanka — era o seu nome — puzera-se a gritar com as forças de que ainda podia dispôr: "Estou perdido nesta matta!..." "Tratava-se de um rapaz austriaco, de 24 annos, que por tentar a fortuna havia procurado os seringaes da região do Madeira. Certa vez, no delirio da febre, deixou os companheiros, embrenhou-se e perdeu-se... Depois de muitos dias de lucta, arranchara, entregue ao destino, debaixo de uma grande arvore, e ali vivia, comendo larvas de coleopteros e castanhas que da grande arvore lhe cahiam aos pés. Veiu-me á lembrança esta historia romantica e terrivel do pobre Miguel Sanka, lendo uma interessante monographia que de Napoles teve a gentileza de enviar-me, entre muitas outras de que mais tarde hei de dar noticia, o illustre professor Bottazzi, Director do Instituto de Physiologia daquella Universidade. O trabalho de Bottazzi estuda as fructas em geral, do ponto de vista da nutrição humana. Mórmente, como é natural, as fructas europeas. Mas a nossa castanha do Pará, tão mal aproveitada nos Estados do Sul, occupa, no artigo, posto de relevo. Tanto mais quanto sendo as fructas, em geral, optimos repositórios de assucar, são pauperrimas em substancias azotadas, de que a nossa castanha é capitalista...

Aliás, nas fructas seccas da

Europa — amendoas e nozes — tambem apreciavel esse caracteristico. Não é, porém, sómente pela sua riqueza em proteínas que ellas são uteis. O seu valor biologico — diz o Professor Bottazzi — resulta da qualidade de taes substancias proteicas. Amino-acidos essenciaes para a construcção da molecula de albumina animal, amino-acidos fundamentaes para a manutenção do peso dos individuos e para o crescimento, como a tyrosina e o triptophano, são dotes das castanhas do Brasil.

Proteinas completas — diz o mestre de Napoles, — "di valore

biologico non inferiore a quello delle principali proteine animali."

Comparada com as amendoas, a castanha do Pará é particularmente bem dotada: muito mais rica em Istidina, em Arginina, em Lisina, em Cistina. Usando uma expressão algo usada, mas que diz bem o desejado: uma especie de carne vegetal...

E agora reparo que, nesta nota, sempre falei de *fructas*... Fructas ou fructos? Fructas, de certo E' só o que se encontra no mercado: Fructos — é lá com os botanicos...

ROQUETTE PÍNTO

OS MORTOS DE SOBRECASACA

Havia ao canto da sala um album de photographias intoleraveis, alto de muitos metros e velho de infinitos minutos, em que todos se debruçavam na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indifferentes e roeu as paginas, as dedicatorias e mesmo a poeira dos retratos. Só não roeu o immortal soluço de vida que rebentava, que rebentava daquellas paginas.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A T A V I S M O

(Para o meu irmão Raymundo Corrêa Sobrinho)

*Era um mal de familia,
uma doença cruel que o tio escondia em São João da Barra
e o pae disfarçava sempre allegando cansaço.*

*Era uma doença sem cura,
que matava de fome em Lisbôa
e atacava o pulmão no Brasil.*

*Um dos filhos já a herdára do pae, por desgraça.
Era preciso salvar o outro, a esperanza de todos.*

*Mas um dia, afinal,
quando o caçula já parecia immunizado de todo,
alguem o ouviu falando sozinho no quarto.*

— Era poeta tambem!

AZEVEDO CORRÊA

TRES AMIGOS

As figuras de Mario Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, surgem em minha memoria como uma imagem da infancia. E tambem como um dos mais bellos espectaculos do tempo em que, acordando para as cousas da vida emocional, procurava, incertamente, bater as azas de meu amorismo litterario...

Relembrar aos leitores de *Ariel*, o perfil destes tres amigos, não é peccado. E uma vez que não vamos fazer critica nem traçar linhas biographicas, é bom accentuar que faremos apenas um pequeno passeio contemplativo pelo espirito dos tres artistas.

Mario Pederneiras foi o mais moderno dos poetas de seu tempo.

O seu modernismo, porém, não era uma ficção ou uma attitude.

O que elle trouxe de novo á poesia brasileira, foi a resultante de seu proprio temperamento, o qual, apesar de sua marcha apressada pela vida, conseguiu o milagre raro de não envelhecer.

Mario morreu aos 47 annos. E o seu espirito de artista e o seu coração de homem, nunca envelheceram. Se fosse vivo, continuaria na vanguarda.

Toda a sua obra, historia da sua vida, ali está, palpitante, harmoniosa, torturada e viva, para mostrar, objectivada na mais expressiva das sinceridades, o que foi a sua existencia de homem e como foi triste o bater de seu coração de poeta.

E o espirito de Mario jamais envelheceu, porque tinha para se defender, um infinito amor a tudo que de novo surgia á face da terra.

Homens ou idéas eram sempre bemvindos, desde que apparecessem com a roupagem das emoções novas ou conseguissem no cotejo banal da humanidade, trazer uma luz inedita que illuminasse uma perspectiva desconhecida...

Não tenho duvida, pois, em affirmar que Mario Pederneiras foi o mais original poeta do seu tempo. No entretanto, foi um recolhido, um simples, um acanhado. Tinha muitos camaradas e poucos amigos. Pouco apparecia nos jornaes e tinha aquelle horror esthetico da evidencia, de que nos fala o doce *Jean Dolent*.

E este temperamento tão contrario ao reclame, não fez d'elle um poeta popular, elle que foi dos poetas nossos, o que com mais sentimento e bondade, cantou esta linda terra carioca.

Esperemos que um dia justiça seja feita ao poeta, cuja morte prematura realizou a imagem e o pensamento de Maeterlinck: *la gloire a ses injustices, comme la mort a ses fatalités*.

Foi um poeta triste, porque a vida assim o quiz. E quando, um dia a saudade bateu-lhe á porta, elle cantou:

Bateu-me á porta um dia...

Ingenuo, hospitaleiro,

Abria-a...

Dei-lhe o melhor do meu viver caseiro...

E hoje soffro e pago ainda

O castigo de havel-a achado linda.

Desde então

Ando no seu olhar, na sua vida immerso...

Asylou-se, de vez, neste meu coração,

Nunca mais me deixou a cadencia do verso.

Minha intimidade com Mario Pederneiras, fez-me conhecer de perto Gonzaga Duque. E sempre admirei-lhe a intelligencia. Foi um critico que não deixou de ser artista. Estes dois sentidos se confundem em toda a sua obra.

Como critico, não era um destruidor, cuja maldade resvala ás vezes pela offensa. Possuia, no entanto, em dose elevada, o espirito creador, aquelle que encontra na interpretação material capaz de esclarecer a obra criticada.

Uma cousa é commentar destruindo, ou elogiando; cousa differente é descobrir não apenas o bom ou máo, o certo ou o errado, como tambem os elementos de criação que levaram o artista a determinadas manifestações e por sua vez, criticando, tirar conclusões que sejam novos desdobramentos da criação inicial.

O critico dissecador, o que separa em plano differentes o material examinado, obedecendo apenas ao seu gosto pessoal, nada ensina, nada diz de aproveitavel. Critica util é aquella que localizando no tempo e no espaço a obra de arte, consegue não só pela observação emocional, mas tambem objectiva ou scientifica, salientar sua capacidade de adaptação social, isto é, um gráo maior ou menor de utilidade.

Dahi o eterno choque entre *velhos e moços*, as luctas permanentes de escolas *antigas e novas*: a natural incomprehensão das manifestações litterarias ou artisticas, oriundas de sentimentos nascidos em épocas differentes.

São as côres vivas, as linhas rectas da pintura geometrica, se contrapondo ao colorido esbatido dos impressionistas; é o rythmo improvisado de musica moderna, a desafiar as harmonias do romantismo musical ou dos equilibrados compassos da musica classica; é a poesia livre de peias e medidas, como que construida de volumes de imagens (e feita de palavras que se arrumam como brinquedos de armar), a olhar com superioridade para a poesia dos symbolos obscuros ou das rigidas fórmulas parnasianas; é a architectura transformando as casas em estupendas machinas de morar e rindo-se maliciosamente, dos acolhedores casarões de estylo colonial, agasalhados por longos telhados de beiral de azulejo ou dos vastos palácios que reflectem o sentimento da época de qualquer um dos Luizes... E' o sport e a vida ao ar livre, dando mais saude ao corpo do homem e maior harmonia e flexibilidade ao corpo da mulher. E' a educação activa tornando mais rapidamente comprehensivel ás creanças os segredos, as maravilhas e os mys-

terios da vida. E é finalmente, uma melhor compreensão da justiça humana, que não mais permite na organização da vida colectiva, principios anti-democraticos, anti-liberaes e anti-sociaes.

Gonzaga Duque, que não é mais dos dias que correm, foi critico que previu em sua época a evolução dos sentimentos artisticos universaes e applicou-os, com justeza, ao ambiente brasileiro.

Lima Campos era dono de um espirito bem synchronizado com os de Mario e Duque. Deixou obra litteraria pequena mas de valor. Sua prosa avára não deixará de figurar entre as mais bellas da litteratura brasileira.

Confessor Supremo (Laemmert & Cia. 1904) é um livro de que poucos se lembram. No entanto, é um dos marcos de uma prosa nova, um pouco preciosa por ser de transição e onde o espirito symbolista dominante poetiza a maioria dos periodos.

Reparaes como elle fala encantado de uma *velha mangueira*: "Era uma alta, era uma velha, uma robusta arvore — á bocca umbrosa de uma matta espessa e á margem quieta de uma estrada triste..."

"Quando no céu, na linha tenue do nascente, roseava a manhã — ella era toda uma orchestra; quando o sol, a pino e forte, arqueava a luz em cupula e caustica e estial sobre a terra — ella era toda uma amphora de aromas a tressuar o ambar da resina e a rescender o cheiro acre, acidulado dos fructos, tonteando o moscardo e perfumando os caminhos; e quando plangiam sinos, pela hora suave da velhice do dia e da pubescencia da noite — era ella toda um balbucio brando de aconchegos, um vozear baixo e somnolento, um murmurar timido de ninhos que adormecem e que se vão calando na paz do silencio... E os seus largos, os seus fortes braços de cerradas ramas guardavam-lhe, então, o tronco num agasalho de sombras, pendidos para o sólo... Velha mangueira, solitaria e tranquillã..."

Foi Lima Campos quem baptizou a nossa cidade de *Mestre Rio*. Em suas chronicas, trabalhadas com paciencia, appareciam os aspectos urbanos em toda a sua simplicidade, mas vestidos da riqueza vocabular dos escriptos do tempo de Gonzaga Duque e Mario Pederneiras.

Pagina inesquecivel de emoção é a que Lima Campos escreveu sobre o *Guarda Nocturno*, naquella *Trio da Vida*, que é das mais suggestivas paginas do *Confessor Supremo*: "Tu és o homem deante de cujos olhos passa toda a trilogia da vida!... Não seres tu um philosopho, nem seres tu um artista!... A vida! A vida!... Ninguém tão de perto lhe assiste o cortejo, ninguém a vê melhor do que tu a vês... O Natal, o Amôr e essa ironia epilobar e lugubre da Morte... Enquanto tu velas, os outros nascem, os outros amam, os outros morrem..."

"Todo o drama se desenrola aos teus olhos e tu o contempas, emmudecido e alerta, na quietude de uma rua erma..."

"A noite asperge sobre a cidade um peneiro fino dagua infiltrante, e tu vaes, Guarda Nocturno, rua além, regougando velhas cantigas, baixo, para que os outros não despertem, impulsando os batentes, espaço a espaço, a verificar si a prudencia burgueza os fechou, e a pensar nos teus que áquellas horas dormem na estreiteza de um quarto, em uma rua distante de arrabalde pobre..."

Sempre que me lembro de Lima Campos, vejo-o, no alpendre da pequenina casa de Mario Pederneiras no Largo dos Leões, dizendo com voz grave e pausada estes maravilhosos versos de amor do poeta das *Historias do meu casal*:

Assim... ambos assim, no mesmo passo,
Iremos percorrendo a mesma estrada;
Tu — no meu braço tremulo amparada,
Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados nesse arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cansada,
E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos
Que para mim o teu carinho trouxe,
Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas e afastando espinhos,
Como se a escarpa dessa vida fosse
O mais suave de todos os caminhos.

E' preciso que os novos homens de letras do Brasil não esqueçam estes tres altos espiritos. Elles possuiram esta liberdade de intelligencia que é o que ainda nos distingue dos outros animaes, e divide, tambem, os homens em duas especies bem nítidas: os que fazem da intelligencia a propria vida e os que da vida nada fazem.

RODRIGO OCTAVIO FILHO

Arus Sab — A Mão e seus Segredos — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Manual de chiromnomia e chiromancia, dos mais completos. O autor, que é um europeu bastante culto, parte sempre de postulados scientificos para as suas illações no assumpto que o vem absorvendo ha muitos e muitos annos. Nada de um improvisador philaucioso, mas um homem de estudos a quem não é estranho nenhum livro dos occultistas e esoteristas de qualquer época. Sua erudição é impressionante e enriquecida pela psychologia de quem, viajando sempre, observou attentamente sociedades de climas varios. Constituindo já agora indiscutivel successo de livraria, o livro de Arus Sab, que nos reapareceu em segunda edição ampliada, apresenta-se em edição das mais artisticas.

Yára do Rio — A Presença do Invisível — Typographia Alba — Rio.

Trata-se de uma narradora que já foi premiada, em concurso de um dos nossos grandes diarios, por juizes do pôrte e autoridade de Manuel Bandeira e Rodrigo M. F. de Andrade. *A Presença do Invisível*, pondo em evidencia o certo bom gosto desses julgadores, vale agora pela incorporação ás nossas letras de uma contista que sabe tangenciar a banalidade, sem ir tambem ao exaggero na caça de originalidades aberrantes. E' das que conseguem marcar estados de alma, reproduzir quasi estenographicamente a conversação das creaturas simples, pôr um retalho de paisagem ao fundo da agitação humana das cidades.

O necessario e o 'superfluo

Samuel Butler observa nos seus *Note Books*, a proposito do estylo, que ha nos escriptores uma tendencia geral para a prolixidade. Samuel Butler não viveu no Brasil, como poderia parecer, nem conheceu provavelmente poetas e escriptores do Brasil, o que leva a crer que essa tendencia é mais universal do que commummente se acredita.

A causa, segundo Samuel Butler, é que toma mais tempo e dá muito mais trabalho ser breve que ser prolixo. A difficuldade, para quem escreve, está na justa apreciação dos valores relativos e na arte de dar a cada detalhe o que lhe couber exactamente nem mais nem menos. O que nos perde é a tentação de abarcar o mais mundo possível de cousas e de exprimi-las, quando ao contrario o mais avisado seria indagar quantas cousas excusa vêr e quantas hão de ser omittidas.

A mesma formula se applica tambem á musica e á pintura. Samuel Butler cita a proposito este conceito de Cherubini que o numero de cousas que se podem dizer numa fuga, com um thema muito simples, é infinito, mas que a difficuldade está precisamente em discernir aquellas que nessa infinita serie de possibilidades devem ter a nossa preferencia.

Outro tanto succede na pintura. E' mais difficil não pintar um detalhe, que pintal-o, mais facil pôr tudo na téla, que decidir o que deve ser omittido. Qualquer pessoa, desde que tenha alguma pratica, é capaz de pintar o que quer que seja no detalhe; mas para pintar com largueza e simplicidade nem que seja um ovo quer-se a mão do mestre.

Se considerarmos, conclue Samuel Butler, a brevidade da vida e a complexidade das cousas da vida, havemos de reconhecer que a pessoa que mais nos obriga, a que mais se recommenda á nossa gratidão, é a que por assim dizer nos arruma a nossa bagagem mais intelligentemente sem nada esquecer daquillo que

vamos provavelmente precisar nem abarrotal-a daquillo de que poderíamos prescindir, e que ao mesmo tempo dispõe os objectos de tal maneira que corram menos riscos durante a viagem e fiquem mais facilmente ao alcance da mão.

Não é possível fallar com mais acerto da arte da composição e do estylo.

O problema das raças

O problema das raças no Brasil é mais propriamente o problema da raça.

De uma nova raça, entenda-se, formada da fusão de elementos ethnicos superiores cuidadosamente drenados e rigorosamente seleccionados e á qual está reservada a missão sem duvida providencial de recrear em futuro mais ou menos proximo ou remoto o Brasil. Indícios dessa prodigiosa alchimia racial se-

riam já perceptíveis no trepidante laboratorio de homens novos que é São Paulo.

De um modo geral, e completando no ponto de vista anthropologico a these acima esboçada, pôde-se affirmar com alguma segurança que o Brasil só *existirá* quando os brasileiros de hoje tiverem cedido o lugar aos brasileiros de amanhã, isto é, a uma raça joven, sadia, optimista, liberta de compromissos do passado, emancipada de odios e preconceitos, de fanatismos e superstições e por isso mesmo capaz de dar á vida um sentido novo, mais dignidade, mais justiça, mais belleza.

Em suma, para empregar uma formula axiomática, pôde-se concluir que o Brasil *existirá* quando não tiver mais brasileiros.

ALBERTO RAMOS

Peregrino Junior — *Sciatica* — Edição de Flores & Mano — Rio.

Peregrino Junior não é apenas o delicioso conteur de Pussanga e Matupá, nem o brilhante chronista d'O Jornal. Ha nelle tambem um medico apaixonado da sua profissão, á qual serve com diuturno interesse a tilado descortino scientifico. Assim, é a este que nos devemos reportar aqui, assignalando o recente apparecimento do seu magnífico trabalho *Sciatica*, exhaustiva monographia em que se estudam, á luz das mais modernas acquisições da medicina, o conceito actual, o diagnostico, a pathogenia, e o tratamento dessa affecção.

Premio Machado de Assis

Como havíamos annuciado, temos o prazer de inserir neste numero excerpτος de outros dois romances contemplados pelo Grande Premio de Romance Machado de Assis, instituido pela Companhia Editora, de São Paulo, e que são *Musica ao longe*, de Erico Verissimo e *Totonio Pacheco*, de João Alphonsus. Como acontece com *Marafa*, de Marques Rebello, outro romance premiado e do qual já demos um trecho no numero anterior, todas essas obras já se acham no prélo e muito brevemente serão dadas a publico.

Gustavo Barroso — *Historia Militar do Brasil* — Cia. Editora Nacional. — São Paulo.

Uma das vantagens deste livro do sr. Gustavo Barroso é ser um trabalho portatil. Com indiscutível dôm de synthese, soube elle **concentrar** nestas paginas, nunca tediosas, o que ha de mais significativo em **nosso** passado militar. Director de um museu em que as coisas de guerra tomam largo espaço, apresentanos elle aqui um seguro roteiro das agitações bellicas desta parte da America do Sul.

Estão de parabens as mães brasileiras

A collecção "**Deus e os nossos pequeninos**", que acaba de ser lançada pela

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

de **Maria de Fargues**, em excellente traducção de Maria Augusta da Costa Ribeiro e Laurita Pessoa Raja Gabaglia, vale por um magnifico presente ás crianças christãs brasileiras.

Fala a respeito, o grande educador Pe. **Leonel Franca, S. J.**:

"Este livro vem ajudar as mães brasileiras a cumprir a parte mais sublime da sua missão materna".

Vol. I — **Á Verdade**

Vol. II — **Á Vida**

Vol. III — **Jesus e Pedrinho**

Vol. IV — **O Caminho do Céu**

Cada volume cartonado e illustrado 4\$000

Em todas as Livrarias e na
Livraria Civilização

Rua Sete de Setembro, 162

Rio de Janeiro

André Gide et notre temps -- N. R. F. Paris 1935

Raramente tenho tido uma impressão tão forte de proibição intelectual como a que experimentei lendo os debates travados na "Union pour la vérité" em torno da adesão de André Gide ao comunismo.

Deante de tanta seriedade, de tão completa sinceridade, a única attitude possível é a do respeito, um respeito profundo e commovido.

Aliás, a simples existencia dessa "Union pour la vérité", onde se abordam todos os problemas intellectuaes, mesmo aquelles que são suscitados por escriptores vivos, é uma prova do alto gráo atingido pela cultura franceza (entendendo cultura no seu significado mais amplo, de civilização, de aperfeiçoamento intellectual e moral). Para quem, como eu, não descrê da velha França, de quem vae sendo moda maldizer, a leitura desse volume não constitue apenas um raro prazer para a intelligencia: é tambem um motivo de alegria, de fé na dignidade do espirito francez.

Gide estava presente, e basta enumerar os seus contradictores para se avaliar da importancia da reunião, do espirito de tolerancia e respeito mutuo que a presidiu.

Lá se achavam Maritain, Mauriac, Henri Massis, chefes da corrente catholica, e este ultimo talvez o mais acirrado adversario de Gide; lá estavam Ramon Fernandez e Gabriel Marcel, dois complexos e admiraveis temperamento criticos onde a agudeza intellectual se completa pela comprehensão humana... para que dizer mais?

Toda essa gente disse o que sentia e pensava com uma liberdade só possível mesmo no plano ideologico em que se manteve a assembléa.

Entretanto, máo grado o valor dos interlocutores, o assumpto, como acontece quasi sempre nas discussões oraes, foi explorado mais em extensão do que em intensidade. Mesmo assim a reunião esteve palpitante de interesse porque Gide, como observou Massis, é um microcosmo onde se desenrola todo o drama da nossa civilização. Cultivando methodicamente a insatisfação, ostentando uma sinceridade amoral que não destruiu inteiramente o formalismo da sua educação protestante, dominado por uma sensibilidade aguadissima, fructo de uma complexidade a que se abandona com delicia, o autor do *Immoraliste* está constantemente pondo em revisão todos os valores — excepto os artisticos — examinando a vida nas suas fontes. Como o confessou, vive num permanente dialogo consigo mesmo. E deixa que todos assistam a esse dialogo, com uma ausencia de pudor que pode por vezes chocar, mas é resgatada por uma inequivoca vontade de vêr claro em si e no mundo.

Gide parece assim a encarnação de duas tendencias geralmente oppostas na humanidade; a necessidade de analyse intima e a de communicação com o meio. Aliás, não é essa a sua unica con-

tradição, pois existem nelle um mystico e um materialista. O mal-estar da sua obra vem dessa dualidade, e a ella obedece agora o seu impulso para o comunismo.

Tem razão Jacques Maritain quando aponta nelle a procura dos valores evangelicos — anseio do mystico — e, ao mesmo tempo, um primado do tempo sobre a eternidade onde se revela o materialista.

No comunismo, Gide terá talvez pensado descobrir a materialização do Evangelho, a sua adaptação á bitola humana. E por isso se terá lançado a elle como a uma taboa salvadora. O amor do proximo alliado á negação da eternidade o terão guiado.

Mas não se poderá tambem interpretar a sua attitude como a de um materialista que, na sua necessidade de tudo fundamentar, lança mão do mysticismo quando sente impotente o raciocinio?

Em todo o caso, o que Gide não é, de modo algum, é um sceptico. E ahí está sem duvida o segredo da sua mocidade de espirito, do impeto juvenil e generoso com que se atira a todas as theorias, com que se dá ás idéas, não se contentando em pensal-as, mas querendo tambem viver-as.

Esse grande indeciso, quando chegou a escolher, deixou-se dirigir por impulsos sentimentaes. Não estudou, como elle proprio o confessa, as theorias de Marx; moveu-o simplesmente a angustia que lhe causava se ver entre os privilegiados num mundo miseravel, entre o pequeno numero daquelles que podem se abrigar numa barca na hora do naufragio.

Isso tudo, que já deixara transparecer nas *Pages de Journal*, Gide o diz agora, francamente, ao se ver acossado pelos adversarios a explicar a sua escolha. Não pode explical-a, porque não se explicam os movimentos do coração.

Mas Gide não é só coração. Ha nelle um espirito claro, amigo da ordem, que se revela na transparencia e na precisão do seu estylo; e esse espirito sentiu as difficuldades, as incompatibilidades da posição que adoptou. Ao lado do problema sentimental, surgiu o problema intellectual. Como conciliar o individualismo, a necessidade de arte e de belleza com a nova ordem de cousas?

Problema dos mais difficeis, se é que tem solução. Não o sabendo resolver, o grande escriptor preferiu se calar. Ha quatro annos não escreve nenhuma obra de ficção. A Mauriac, que lhe indagava da razão desse silencio, respondeu sem reboços:

— Por medo do Index.

O eterno insubmisso encontrou uma regra, o pregador de todas as liberdades se submetten a uma disciplina, reconhecendo o valor immenso do sacrificio — e fez esse sacrificio.

No seu caso, a adesão ao comunismo repre-

sentou indiscutivelmente uma elevação. Partindo da negação completa chegou a uma afirmação. E, para ter o direito de afirmar, não hesitou em sacrificar aquillo que presa acima de tudo — a sua arte. Não sei como acceitarão os marxistas esse adepto que foi a elles movido por forças espirituales em que não acreditam, que procura o comunismo “porque o mundo não soube cumprir inteiramente os ensinamentos de Christo”.

Póde-se ver nelle um christão desgarrado, tateando em busca do caminho — ou um materialista á cata de justificativas moraes para as suas idéas. Tudo depende do angulo de visão do observador.

Mas, de qualquer modo, é innegavel a nobreza da sua attitude. Ella representa um alto exemplo de probidade, de sinceridade, de honestidade de propositos, de solidariedade humana.

E' a sua unica lição — mas já é muito grande.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Urbino Vianna — *Bandeiras e Sertanistas Bahianos* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Em geral os nossos historiadores, sempre que tratam do periodo das bandeiras, circumscrevem as suas investigações ao elemento paulista. Este é sem duvida admiravel, refulgindo como refulge nos nomes indestructiveis de Fernão Dias e tantos outros. Mas tambem seria iniquo persistir no esquecimento de tantos homens do Norte, especialmente bahianos que deram novos Brasis ao Brasil colonial. Dahi a originalidade e o relevo deste livro do sr. Urbino Vianna, destinado a assignalar o coeeficiente sertanista de patricios nossos oriundos da região em que Thomé de Souza administrou, Vieira prégou e Roberto Dias vagou allucinado pelo delirio da prata. Dado o fervor quasi mystico com que se dá ao estudo do nosso passado, o sr. Urbino Vianna faz-se o contemporaneo virtual de quantos andaram perdidos pelas mattas e pelas montanhas de Minas ou de Matto Grosso. Remexeu nos documentos, copiou-os fidedignamente com uma attenção somnambulica de paleographo, e o seu trabalho é realmente novo em nossa litteratura historica, justificando os louvores com que Capistrano de Abreu e Theodoro Sampaio acolheram anteriores escriptos desse pesquizador tão meritorio quanto modesto.

Bastos de Avila — *Questões de Anthropologia Brasileira* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Mesmo os leigos na materia não poderão duvidar do merito do volume, ante as palavras de franco elogio do seu prefaciador. Chama-se este Fróes da Fonseca e todos sabem que o nosso grande anthropologista não paronympharia um charlatão, um apedeuta qualquer. Além do mais, o volume figura na Bibliotheca de Divulgação Scientifica dirigida pelo prof. Arthur Ramos, outro cientista incapaz de transigir com a mediocridade. Em tal companhia, o sr. Bastos de Avila apresenta-se logo triumphante e o seu livro impõe-se pela sagacidade das observações, pelo escrupulo na colheita de documentos e pelo caracter lealmente objectivo de todas as conclusões do autor.

Reynold Schneider — *Felippe II* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Eis ahi uma das personalidades mais discutidas da Europa de qualquer tempo. Uns enxergam no filho de Carlos V um faccinora coroadado, com todas as mazellas e ignominias da estirpe, mandando matar o filho, vagando espectralmente pelo immenso Escorial silencioso. Outros, inversamente, encontram nelle um dynasta ás direitas, dominado por uma ferrea comprehensão dos destinos catholicos e monarchicos da Hespanha, um hespanhol tão grande quanto Cêrvantes ou Ignacio de Loyola. Estructurado em documentação de vulto impressionante, o livro de Reynold Schneider não deixa tambem de recorrer a certos dons de subtil dialectica para localizar em luz apropriada a estranha figura do homem que quiz abater o navalismo inglez ainda no nascedouro.

SOLILOQUIO

— *Cerebro humano, porque não repousas?*
Porque não te recolhes a um remanso,
para tuas fadigas?
Porque tanto esmerilhas e investigas?
Que é que tanto procuras, sem descanso?
— *A verdade das cousas.*

— *E' vã tua porfia:*
Não terás o segredo impenetravel!
“Decifra-me ou devoro-te”! implacavel,
a Esphynges Mithologica dizia.
Tu serás devorado pelo arcano,
pobre cerebro humano!

Pesar das soberbias da Sciencia,
tu, dos seres, conheces a apparencia:
Vês uma flôr (que flôr a denominas)
e, através do que dizes,
percebe-se o vasio do que ensinas:
Não lhe sabes a essencia,
ignoras a razão por que são nellas
varios os coloridos e os matizes
das petalas, do pollen, dos estames;
e, depois de multiplices exames,
o resultado é sempre o mesmo, aquella
mesma hypothese velha, que, em verdade,
pode ser ou não ser a realidade.

Olhas os céos profundos,
onde sol, lua, estrellas e outros mundos,
milhões de mundos outros estão postos;
e pretendes, com ares arrogantes,
ter-lhes medido as orbitas distantes
e conhecer-lhes de que são compostos:
E, orgulhoso do grande atrevimento,
ousas dar regras, leis ao movimento
perpetuo das espheras.

Olhas o mar immenso,
depois a selva; e, vendo a jerarchia
de infusorios, vibrões, vermes, o extenso
ról dos peixes, dos saurios, aves, fêras,
simios, pela cadeia que os filia
e, vezes, os irmana,
fazes do homem progenie quadrumana.

No entretanto, vê lá que grande e extensa,
profunda differença!
Tu, que a tão altas concepções te arrojas,
ficas no terra a terra, onde te rojas,
por não poderes explicar, de facto,
o mecanismo exacto,
pelo qual — cousa simples que te espanta,
e jamais revelou o seu segredo —
quando desejas levantar o dêdo,
o teu desejo o dêdo te levanta.
Estas palavras que aqui noto, a esmo,
dil-as o humano cerebro a si mesmo.

FARIA NEVES SOBRINHO

"FAVELLA DOS MEUS AMORES"

No dia 7 de Setembro deste anno eu não fui ver a parada, nem reli trechos da historia patria. No entanto posso dizer que neste dia tive tambem os meus momentos do que se chama "vibração patriótica". E esses momentos não os devo nem aos soldados, nem ás bandeiras, nem tão pouco aos hymnos. Devo a duas creaturas intelligentes e tramalhadoras que ha muitos annos veem batalhando por uma coisa que parecia impossivel de se conseguir. Essas duas pessoas são Carmen Santos e Humberto Mauro e a coisa é o cinema brasileiro.

O cinema brasileiro tem sido nestes ultimos annos objecto da mais viva discussão. Gente que ataca, gente que defende, gente que acredita, gente que não acredita. E toda essa gente indo aos raros filmes que as raras fabricas lancavam. A *Cinedia* tirando as illusões dos que acreditavam. De quando em vez uns complementos bons que levantavam a moral dos que defendiam. Vale a pena citar as "7 Maravilhas do Rio", complementos do proprio Humberto Mauro que levantou a moral de muita gente. Mas veio uma miseria moral chamada "Estudantes", na qual os productores conseguiram fazer tudo pessimo. A gente que atacava ficou de dono. A gente que defendia se escondeu sem desculpas. Veio "Noites Cariocas" que conseguiu ser ruim em portuguez e em hespanhol. Não existia então mais ninguem que defendesse o fallecido cinema brasileiro. Eu porém estava commovido ao assistir na Cine-landia o "Noites Cariocas". Com-movido com a solidariedade do publico que pagava quatro mil réis para não deixar morrer o cinema brasileiro. E ninguem protestava. Pelas caras se notava que não era aquillo que elles esperavam. Mas não protestavam. Não houve vaia, nem ras-garam a tela.

No dia 7 de Setembro, no Alhambra, Carmen Santos fez exhibir para algumas pessoas o seu ultimo filme, e dirigido por Humberto Mauro: "Favela dos meus amores". Posso affirmar que este é realmente um filme que merece todos os louvores, pondo á margem inteiramente esta questão de ser filme brasileiro. E' um filme notavel não porque foi realizado aqui, vencendo uma série enorme de difficuldades. Não é esse motivo que faz com que se louve o filme. E' optimo como filme brasileiro, mas o é tambem como filme apenas. Seria um bom filme mesmo que fosse americano ou allemão. E' claro que não quero negar os defeitos que ainda existem em "Favela dos meus amores". Alguns destes defeitos existirão em qualquer produccão brasileira enquanto essa industria não dispuzer de maiores capitales, de studios bem monta-

dos. Outros defeitos no entanto poderiam desaparecer antes do filme ser apresentado ao publico: aquelle arranjo de Muro ao piano, por exemplo, poderia desaparecer e com isso o filme apenas ganharia.

Porém a somma dos defeitos é minima em relação ás virtudes de "Favela dos meus amores". O que Humberto conseguiu tirar da Favela (photographias absolutamente admiraveis) como motivo de emoção humana é simplesmente extraordinario. O grande morro legendario não apparece nesse filme com a sua physionomia deturpada. Muito ao contrario Humberto Mauro soube conservar o ar proprio do morro, a sua vida miseravel e, no entanto, com tanta belleza. Os pretos e as mulatas do morro que movimentam o filme se revelam além de tudo artistas admiraveis. Estão de uma naturalidade espantosa como se de ante delles não estivesse a camera. Os effeitos de photographia conseguidos com as ruas da Favela e com as vistas da cidade tiradas da Favela estão além de toda e qualquer expectativa. Note-se tambem, com todos os louvores, a introducção das Escolas de samba, o maxixe dansado no cabaré, e todas as musicas do filme que são muito boas. O som tambem está bom, perdendo-se um numero relativamente pequeno de palavras.

"Favela dos meus Amores" narra duas historias. Uma a dô amor entre a professora do morro (Carmen Santos) e um rapaz da cidade que vae fundar um cabaré na Favela (rapaz que se revela, sem duvida, o melhor galã do nosso cinema). Outra a historia de Nhô-nhô, um sambista, na qual se reconhece perfeitamente a historia de Sinhô, o grande fazedor de sambas do Rio de Janeiro. O rapaz que faz o papel de Nhô-nhô, um rapaz que vivia fazendo pontas em theatro, é o melhor artista do

Acaba de apparecer:

DR. SUIKIRE CARNEIRO

Alimentação da Creança

1.º volume do

"Roteiro das Mães"

Em todas as Livrarias

filme. Está admirável em todas as cenas em que apparece e consegue vencer bravamente a scena difficil da morte.

E' justo que se diga que a historia de Nhô-nhô interessa mais que a outra. E mesmo o momento de maior emoção do filme, aquelle em que nós nos sentimos absolutamente solidarios com a humanidade que vive no filme, é quando aquelle negro sobe no alto do morro, põe a mão junto da bocca e grita para o morro e para a cidade: "Nhô-nhô morreu". Grito angustiante que lembra o apito final da locomotiva no filme russo "O caminho da vida". (Santa Rosa me confessou que na hora deste grito teve de fazer força para "não fazer papel feio", não botar a bocca no mundo).

Esta nota iria longe se eu quizesse falar de todas as qualidades de "Favella dos meus amores". E' inutil dizer que o trabalho de Carmen Santos está muito bom. Todos nós sabemos a grande artista que ella é. Continúa sendo a nossa artista numero 1, e o que é ainda mais importante, a grande animadora do cinema brasileiro. Quanto a Humberto Mauro realizou neste filme sua obra prima. Sente-se que o nosso grande director irá ainda muito longe.

Eu recommendo "Favella dos meus amores" aos leitores do *Boletim de Ariel* não por patriotismo, como um filme brasileiro bom. Eu o recommendo como um filme notavel, optimo sem nenhum patriotismo.

JORGE AMADO

MOMENTO NUM CAFÉ

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu machinalmente

Saudavam o morto distrahidos

Estavam todos voltados para a vida

Absortos na vida

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado

Olhando o esquife longamente.

Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade

Que a vida é traição

E saudava a materia que passava

Liberta para sempre da alma extincta.

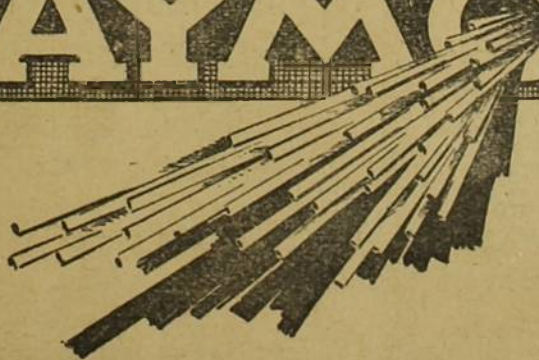
Manuel Bandeira.

De uma sadia
ALIMENTAÇÃO

DEPENDE, EM GRANDE PARTE,
A SAUDE DAS CRIANÇAS. AS
MASSAS ALIMENTÍCIAS
AYMORE, POR SEREM
ALTAMENTE NUTRITIVAS, E
DE FACIL DIGESTÃO, DEVEM
FAZER PARTE INTEGRANTE DE
SUA ALIMENTAÇÃO.

MASSAS

AYMORE



M. 35-04

LIVROS AMERICANOS

e

ASSIGNATURAS

Francisco Silva Jr.

43-09 47th Avenue, L. I. C.

NEW YORK

VISITA A CONCA

A casa de Conca é toda de tábuas apodrecidas e as paredes escancaram frestas largas. A herba cresce ao redor della.

Molambos seccando ao sol e ao vento. Latas velhas enferrujadas atiradas ao abandono. Dentro do rancho — sombra.

Nicolina vae na frente.

— Pode-se entrar, Conca? D. Clemência, as meninas e o seu Vasco vieram te vêr.

Entram.

Um cheiro de miséria. Chão de terra batida. Caixões de kerozene feitos cadeiras e mesa. Gravuras de revistas presas á parede com sabão, fingindo quadros.

Conca está estendida num catre. A cara preta contra o lençol sujo, dois olhos muito grandes de esclerótica amarellada, os ossos querendo furar a pelle côr de chocolate, os lábios descorados.

“Ella tem só dezoito annos” — pensa Clarissa. E fica olhando para a negra, de longe, penalizada.

— Como vaes, Conca? — pergunta Vasco com voz macia.

E uma voz rouca, esfiapada, que parece nascida dum poço muito fundo, diz:

— Vô bem.

D. Clemência mostra o cesto.

— Eu trouxe comida e roupa p'ra você.

Conca agradece com um sorriso.

Cleonice olha a scena, da porta, muito séria. Vasco se approxima mais da cama.

— Que é que você sente, Conca?

Os dois negrinhos apparecem e ficam olhando os visitantes, com o dedo na bocca onde a baba escorre. Caras espantadas. São magros e feios. Estão nús e trazem preso ao pescoço por um cordão comprido um escapulário de panno encardido.

Clarissa olha para os filhos de Conca.

“Si mamãe quizesse levar os pequenos para o casarão... Si papai não ficasse zangado... Si eu morasse sózinha, tivesse uma casa minha, só minha, onde pudesse mandar...”

De repente se faz um silêncio muito grande, porque todos descobrem que não têm nada a dizer. As palavras não podem remediar esta miséria.

D. Clemência tira da bolsa a nota de vinte mil réis e põe-na na cama, ao alcance da mão da doente.

Os olhos de Conca parece que vão saltar das órbitas. Sua respiração é difficil. Ella quer dizer alguma coisa mas não consegue.

— Você sara, — diz Vasco, quebrando o silêncio. — Tenha paciência que você sara mesmo, rapariga.

De novo o silêncio. D. Clemência suspira. Cleonice olha para fóra, desejosa de sol e ar livre.

Clarissa tem vontade de sentar-se na cama, passar a mão naquella testa preta, acariciar a cabecinha pixaim e perguntar a Conca cousas dos bons tempos. Mas perguntar-lhe na linguagem mesma dos oito annos: — “Tu se lembra, Conca, dos doces que a mamãe tinha guardado na dispensa? Conca, tu se lembra daquelle dia que nos tava brincando debaixo da figueira e o Vasco te tocou um nigo podre no côco?”

Clarissa tem vontade até de beijar Conca, a verna companheira de brinquedos, a negrinha laranja que se offerecia para roubar tijolinhos de goiabada na venda de seu Mané...

Mas não pôde. Sabe que a doença de Conca é muito contagiosa. Tuberculose da larynge. Que é que a gente vae fazer? Tem de ficar assim, de braços canidos, olhando de longe...

Os negrinhos comem os doces que Cleonice lhes deu. Lambusam-se todos e começam a falar um com o outro numa linguagem monosyllabica incomprehensivel para os demais.

Conca faz um esforço e diz com voz descolorida e rouca:

— Como vae sia Zezé? Seu João de Deus? Todos?

— Bem, — responde Vasco. — Mas não fale, você não pôde fazer fôrça.

Conca sorri, agradecida.

Um fartum insupportavel sobe das roupas sujas do catre. Vem da outra peça um cheiro de fumaça.

Clarissa aos poucos se vae sentindo contaminada por êste ar de miséria e de doença. Como é bom o sol! Como é bom o ar livre!

Lá fóra é primavera e aqui dentro Conca vai morrendo aos poucos. Ela gostava de correr livre pela rua, pelo quintal, pelo campo. Subia nas árvores, tinha umas pernas grossas e rijas. Ria de tudo. Não respeitava ninguem.

Agora está aqui. Mãe de dois filhos, abandonada pelo marido, doente, para morrer...

— Bom! — diz d. Clemência, nauseada. — Nós já vamos. Si precisar de alguma coisa, mande pedir, menina. A Nicolina volta aqui amanhã.

Despedem-se. Saem da casa e entram na grande claridade da tarde.

Aqui fóra parece que a paizagem não sabe que existe doença e desgraça. Cantam gallos nos quintaes. O ceu é azul. Os pecegueiros estão floridos. Um preto passa cantando. Lavadeiras papudas descem a lomba com trouxas enormes á cabeça. Dois moleques atravessam a rua levando por diante uma sacca com dois terneiros. Num chalé pintado de roxo um homem toca cordeona, olhando para o ceu. Uma mulher loura bate roupa perto da tina cheia d'água.

Quando chegam ao alto do declive, para entrar de novo na Rua dos Judeus, Vasco e Clarissa se voltam para olhar o Barro Vermelho. Lá embaixo d. Clemência e Cleonice vêm subindo penosamente. Perdida no meio de outros casebres, lá ficou o rancho de Conca.

— E' como eu digo... — commenta Vasco. — Visita convencional, de obrigação. A gente entra, olha, diz duas mentiras, dá vinte mil réis, sae e a negra fica atirada no catre, para morrer a qualquer hora e ainda por cima correndo o perigo de pegar a doença nos guris...

Voltam-se e continuam a caminhar.

Clarissa não pode falar porque os pensamentos lhe fervem na cabeça.

— Não adianta falar... — diz Vasco. — O mundo é assim. Nós fomos feitos d'este geito. A gente só se impressiona e soffre com o que sente de verdade. Quando a ferida é nos outros não doe em nós. A vida é assim. O melhor é fugir...

(De *Musica ao Longe*, romance, no prélo)

ERICO VERISSIMO

Raul — CARICATURAS — Rio

E' o segundo album de caricaturas de um homem que se fez o continuador graphico da obra historica de chronistas como França Junior e Vieira Fazenda. Medullarmente carioca, o sr. Raul Pederneiras conhece tudo dos nossos typos, das nossas esquinas, das nossas falas populares. Seus desenhos reanimam um Rio expirante, um Rio que os garotos de hoje não verão mais, o Rio dos mascates, dos tintureiros ambulantes, o Rio dos sarãos declamatorios, das "familias dominicaes por atacado". Tambem seguindo o exemplo de Caran d'Ache, sabe elle ajustar os seus calungas no sentido de uma historia bem nossa, com detalhes em que todos nos reconhecemos, mostrando que ha um ar de familia em quasi todos os moradores desta deliciosa Sebastianopolis e que um dos encantos da vida brasileira é ser ainda assim estreitamente municipal. O traço do sr. Raul Pederneiras é facilmente reconhecivel, dados certos tiques em que o seu lapis se singulariza, mas o exacto é que nenhum caricaturista nosso já desfructou, em qualquer tempo, de tão larga popularidade, nem mesmo o Angelo Agostino do Segundo Imperio. Notoriedade merecida porque nenhum outro exprime como elle, com essa ironia e meiguice mescladas, o povo christianissimo que vem supportando com tanta benignidade tão mãos governos successivos, esquecendo-se da bubonica ou dos impostos no doce sport de falar mal dos vizinhos, festejar o chá com torradas ou recitar o "Vae alta a lua..."

ONDAS E KILOCYCLOS

Os modernos aparelhos de radio possuem, em geral, uma escala dupla; são calibrados em *comprimentos de onda* — (200 a 600 metros) e em *kilocyclos* — (1,500 a 500 kc.). Isso, nos receptores de broadcasting usuaes. Nos que tambem servem para receber ondas curtas essas escalas são mais extensas. Começam nos 15 metros: sejam 20.000 kilocyclos (kc.).

Que vem a ser esses mysteriosos kilocyclos? A que ondas correspondem?

Eis ali duas questões que nenhum radio-fan deixa de formular...

A corrente electrica de alta-frequencia (radio-frequencia) é alternada, como a que a Light fornece; a differença fundamental entre a corrente da Light e a que fornecem as estações do radio está na *frequencia* das alternancias por segundo. A da Light — isso é facil ver no marcador da luz — alterna 50 vezes por segundo. Tem 50 periodos. Num segundo ella passa 50 vezes de um maximo positivo a um maximo negativo. A lampada electrica das nossas casas *pisca*, de facto,

50 vezes num segundo. Approximando um imam a uma lampada, vê-se claramente oscillar a luz. Até 10,000 cyclos por segundo são chamadas correntes de baixa-frequencia. Dahi por diante começam as correntes de radio-frequencia. Comprimento de onda é a distancia entre duas cristas da onda. Oscillações de baixa frequencia correspondem, portanto, a ondas muito longas; ondas curtas correspondem á frequencia muito alta. Exactamente como nas cordas de um violoncello: notas agudas — alta-frequencia — vibrações sonoras tão numerosas que nem se podem ver; notas graves — baixa frequencia — vibrações perfeitamente visiveis. Mórmente si em vez de um cello tratar-se de um contra-basso... O comprimento de onda é, assim, função da frequencia. Ha porém, uma relação constante entre os dois phenomenos. Por isso, é facil passar de uma escala para a outra. A Radio Sociedade do Rio de Janeiro transmite em ondas de 400 metros. O meu aparelho tem apenas uma escala, em kilocyclos. Onde poderei encontrar

a Radio Sociedade PRA2? O comprimento de onda é igual ao quociente da velocidade da corrente electrica pela frequencia:

$$L = \frac{V}{F}$$

Logo

$$L = \frac{300,000}{X} \quad (\text{kilometros, velocidade da corrente})$$

$$X = \frac{300,000}{400} = 750 \text{ kilocyclos}$$

E' precisamente ali que encontro a voz de Agrippino Grieco dizendo coisas interessantes. Os norte-americanos são muito praticos. Imaginaram um processo mnemotechnico para essa conversão: Sendo V a velocidade da corrente; L — o comprimento de onda; F — a frequencia, basta

escrever $\frac{V}{FL}$. Tapa-se com o de-

do o que se procura; resta, apenas, realizar a operação...

R. P.

"OITO ENSAIOS SOBRE A HORA PRESENTE" Por Placido Ribeiro

O que mais desperta minha admiração por Forel, Kraft-Ebing, Claude Bernard, Calmette, é o grande idealismo, é o entranhado sentimento humano que elles manifestam nas suas obras, mesmo tratando dos assumptos scientificos mais aridos e mais precisos. E' ainda isso o que me leva a uma afinidade intellectual e moral tão profunda com o grande espirito de Romain Rolland. No seu ensaio sobre o professor Nicolai e a Biologia da Guerra, que eu conhecia antes da traducção portugueza, elle nos mostra como se pode ser elevado, sinceramente crente no aperfeiçoamento moral da humanidade e livre do preconceito do "mal necessario" sem sahir dos limites precisos da sciencia biologica.

Nunca a humanidade foi mais avida de fé, de sinceridade, de conhecimento verdadeiro de si mesma, do que nos tempos que correm. Não ha barreiras que limitem as pretensões da nossa intelligencia. O conceito de positivo alargou-se consideravelmente depois de Comte.

O cabedal dos conhecimentos humanos é tão rico, tão vario, tão inexgotavel, que não se concebe mais a existencia de um Pico de Mirandola. As verdades são tão numerosas que só um louco poderia falar na *Verdade*. Em que ponto de vista poder-se-ia collocar um homem só, com uma existencia só, para lançar um golpe de vista sobre todas as coisas sabiveis? Dahi a impossibilidade de systemas no pensamento moderno.

Esse conhecimento dos limites caminha ao par do conhecimento das capacidades do entendimento humano, hoje extendido para alem do terreno da intelligencia propriamente dita.

Uma philosophia mais audaciosa, pois pode caminhar com mais segurança, mostra-nos que é uma fatalidade incoercivel o pensamento metaphysico, contra o qual em vão se levantou o genio de Comte.

A litteratura do nosso tempo não se podia furtar á influencia esmagadora de todas essas correntes de pensamento. Nenhum escriptor contemporaneo conseguirá entender a mais simples, a menos complexa de suas creaturas, sem penetrar fundo nos meandros do pensamento de hoje. Os autores mais significativos da hora que passa são tambem grandes pela força, pela profundidade de suas ideologias. Freud já declarou que sua experiencia e conhecimento do homem dariam material para dez romancistas e que elle preferia ser um autor de obras de ficção. Thomaz Mann dá-nos em *Montanha Magica* um quadro completo do estado dos espiritos do *avant-guerre*. Pirandello é o seguro conhecedor da relatividade do nosso conhecimento. Bernard Shaw é o critico infatigavel das paixões, dos ridiculos, dos preconceitos, das misérias da sociedade contemporanea.

Esse periodo de agitação, de tumulto, de cho-

ques, é a annunciação de um novo Renascimento. Das cinzas da humanidade sacudida pelas necessidades do pão, surgirá outra que não viverá principalmente de pão e que não terá de matar pelo pão.

A certeza da inanidade de todos os systemas é que me leva a pensar com Cresson que o problema critico é "le problème qui se superpose aux autres et les domine tous". O problema critico é o problema dos problemas. Só elle nos dá a idéa do valor da nossa actividade mental. Só elle nos mostra se nosso espirito, diz Cresson, com sua organização peculiar, é mesmo capaz de resolver os penosos problemas que se apresentam á sua reflexão. Só elle nos liberta do orgulho de attribuir um valor absoluto ás nossas concepções, de cuja certeza nós não temos nenhuma prova infallivel.

Nessa ordem de idéas é que se colloca Placido Ribeiro. Seu livro é uma tentativa de synthese critica das principaes correntes do pensamento moderno e das que a precederam immediatamente. Os ensaios revelam conhecimento seguro das obras litterarias, scientificas e philosophicas modernas mais importantes e uma orientação justa na interpretação das idéas.

O livro differe bastante do que em geral se publica entre nós em philosophia e critica. Quasi tudo são ensaios ligeiros, parciaes, encarando esse ou aquelle aspecto da realidade.

O livro de Placido é serio, exhaustivo. Penetra de verdade nos assumptos que estuda, com uma honestidade rara no nosso meio.

Mas eu não quero fazer um resumo do livro de Placido Ribeiro, com quem, por vezes, poder-se-á não concordar, mas que não se poderá deixar de encarar, tal a importancia das questões estudadas e dos problemas apresentados, como uma admiravel "invitation à la pensée".

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

Reinaldo Moura — *A Ronda dos Anjos Sensuacs* — Edições Columbia — P. Alegre.

Avessos embora a contendas de litteratura regional, não podemos senão alegrar-nos com o empenho em que estão os romancistas do Sul de emular em brilho de productividade com os seus contemporaneos do Norte. Foi assim que lemos com bastante prazer este volume do sr. Reinaldo Moura, em que a imaginação enobrece as notas de crua observação realista. Talento descriptivo e plena integração nos segredos do dialogo asseguram, nesse prosador gaúcho, a proxima publicação de um segundo livro admiravel, dos que nenhum historiador das nossas lettras poderá futuramente omittir sem deslealdade critica.

Djalma Tavares da Cunha Mello — *Iniciação Judicial* — Edições Mozart — Recife.

Dado o seu conhecimento dos trabalhos da magistratura, estava o autor naturalmente indicado para coordenar este roteiro em favor dos novatos nas lides judicarias. Seu livro abrandará muitas asperezas da aprendizagem da vida forense. Cingindo-se ao indispensavel, vale por muitos volumes reunidos num só. Tudo expõe com clareza, como convém a manuaes de uma tal finalidade, e estamos certos de que se tornará hospede obrigatorio da estante de centenas de advogados do paiz.

O COVEIRO DE FIGUEIRA VELHA

O unico indicio de vida, na paz da praça caiada de luar, era a luzinha do lampeão da venda, saindo pela meia porta aberta, estendendo-se pelo chão coalhado de figuinhos murchos e podres, dobrando-se no parapeito branco, que circumda a figueira centenaria.

Mais branca que o luar, a igreja, isolada, com os dois coqueiros esguios ladeando-a. Em torno da praça, as casas pobres e quasi em ruínas, um lampeão apagado, cá e lá, como um vagalume morto.

Uma vacca estendida no quadro da gramma da praça dormia o seu somno pesado. Outra vacca arrancava a gramma rala, e o ruido que fazia com isso — rôc, rôc — continuaria a ser o unico e abafado rumor que quebrava o silencio de Figueira-Velha, si não fosse aquella gritaria ali na venda:

— Sê besta! Não vô, não! Sáio quando quizé! Sô home de vergonha! Pago e sáio quando quizé!

E' João Gomes, o coveiro do lugarejo, o ultimo beerrão, dos quatro ou cinco que, todas as noites, gastam em cachaça o dinheiro do dia, ali na venda do Orençia. E' João Gomes, o beerrão retardatario, que não quer sair da venda e ir para casa, apesar de já ser uma hora da madrugada. Mas Orençio utiliza os biceps e, segurando os braços mirrados do coveiro, joga-o na rua.

Porém João Gomes tem traquejo. Não cae. Cambaleia, dá dois passos para a frente, um para traz e desce a lombaa, que o levará para o seu ranchinho, ao lado do cemiterio.

A porta da venda se fecha. E o luar, então, toma conta por completo de Figueira-Velha. O luar bate de cheio no bigode vasto e no rosto enrugado do coveiro, de quem apparece uma mecha de cabellos grizalhos, surgido sob a aba do chapéo amarrado.

E o ruido descompassado dos

tamancos de João Gomes vae mostrando a bebedeira terrivel á curiosidade das moitas e das arvores extaticas da estrada.

Bestêra! A gente bebe pra s'esquecê! E não dianta... Ôla gente sovina! Gente rica... Por quê que não manda rebocá essa casa? Tão apparecendo os tijolo. Ráio! Quatro anno, já... Parece que foi esses dia... Também, João Gome não interrô ella. João Gome interra todo mundo, sim, mais não interra sua véia... Tinha graça! Intertrá a muié que foi da gente... João Gome interra todo mundo... Ah, ah, ah!

Foi só João Gomes quem escutou essa risada. Mesmo beerrão, João Gomes não perde este caracteristico: a risadinha abafada, pra dentro, ironica.

João Gomes se desvia de outra vacca, estendida bem no centro da estrada. Agora a tapêra, onde foi uma chácara ha muito. A parede da esquerda ainda está de pé. Tijolos amontoados pelo chão, herva, capim, crescendo dia a dia, enfeitando de verde as ruínas soturnas. Uma timbaúva, de um lado, com a raiz forte estendendo-se por sobre o lugar onde existiu a casa.

João Gomes já está perto do seu rancho. No que dobrar aquella curva com cinnamomo, avistará o cemiterio.

Diz que nessa tapêra apparece a arma do finado Maneca. João Gomes nunca viu. Mais também, não qué vê. Tava roxo, quando abríro o caxão... Quem mandô s'enforcá? Tá no inferno, de certo. O padre disse pro majó. O majó riu na cara do padre, porque diz que inferno é bestêra. Padre sabe o que diz, João Gome já tá se alembrando de novo da fallecida... Que diabo! A gente bebe pra s'esquecê e não dianta! O'ia a lua! Tá redondinha... Ella que venha cá pra baxo, que vae vê: João Gome interra ella também. Vem... João Gome interra todo mundo. Ah, ah, ah!

A sombra de João Gomes pa-

rece uma cobra, que vae rastejando, zigzagueando pela estrada illuminada. Agora a sombra do coveiro mergulha na sombra densa do cinnamomo, em que, nos dias de sol forte, ás vezes os acompanhantes de enterros costumam amarrar os cavallos, emquanto vão ali no cemiterio fazer cair a pá de terra no caixão de quem morreu.

O ranchinho do coveiro, ao lado do cemiterio. Ranchinho de barro, coberto de palha santa-fé, adivinhando-se, nas paredes tocas e vermelhas, os sarrafos e as taquaras, que consolidam a casinha fragil, feita por muitos, num alegre dia distante.

Depois de "mirar" a porta semicerrada, João Gomes envereda para entrar. Mas pára, ginguando, como um cypreste agitado pelo vento, como um cypreste igual aos que deveriam existir no cemiterio. Porém, na necropole de Figueira-Velha não ha cyprestes: ha laranjeiras, vergamoteiras, marmelleiros.

João Gomes volta ao centro da estrada e olha o cemiterio, com o muro da frente, branco, illuminado de cheio pelo luar. Avistam-se, por entre as grades do portão enferrujado, algumas cruces e um anjo de um tumulo meenos pobre ("Saudades de tua mulher e de teu filho"). João Gomes consegue ficar firme. Ergue os braços para o alto, num gesto amplo e dominador. Faz força, faz força.. Mas baixa os braços e resmunga, lingua tropegas:

— Defuntos bestas...

Depois disso, João Gomes resolve entrar.

TELMO VERGARA

(Capitulo da novella no prélo: *Figueira-Velha*).

— Flèvre Blanche, de O. P. Gilbert, é um romance que se passa nas Antilhas, entre negros e brancos. Ramon Fernandez elogia-o na sua chronica de Marianne, ao mesmo tempo em que se reporta também a Boissière, a ultima novella de Pierre Benoit. Liga-os o mesmo tom romanesco e aventuroso, embora, para Fernandez, sejam muito diversos os processos dos dois escriptores.

Significação de duas eleições academicas

Eu confesso que me interesso pela Academia Brasileira de Letras. Ha quem me supponha seu adversario. Não sou. Como não sou tambem seu partidario. Sou simplesmente um espectador curioso que acompanha de perto o rythmo da sua vida. De vez em quando divirjo das suas attitudes e combato os seus erros. Mas não lhe faço opposição systematica. Prova disto é que já pleiteei um dos seus premios litterarios. E a Academia, diga-se de passagem, apesar da irreverencia com que muitas vezes a tenho tratado, julgou-me com animo sereno, concedendo-me o premio que eu lhe pedi. Deu com isso de resto prova evidente de superioridade — a classica superioridade academica...

Seria aliás, um erro e uma injustiça negar a Academia só pelo facto de ser ella uma academia. Eu não sou sympathico ao "espírito academico". Sou, ao contrario, o menos "academico" dos homens. Entretanto, reconheço a significação cultural das Academias, e acho-as não sómente uteis, senão tambem indispensaveis. As Academias, sendo decorativas e solennes, exercem uma importante função de equilibrio na vida intellectual dos povos. São necessarias como os Museus e as Necropoles. Além disto, são absolutamente inoffensivas. Enfeitam e não fazem mal a ninguem.

Da Academia Brasileira de Letras, particularmente, póde dizer-se sem favor que é a mais alta instituição cultural do paiz. Fundada pelos vultos mais representativos da nossa intelligencia — Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, etc. — a Academia é, já agora, uma tradição respeitavel na vida brasileira. Além de tudo, detentora de uma fortuna consideravel e possuindo um dos mais lindos salões do Rio, tem uma grande situação social. E', por tudo isso, a instituição mais prestigiosa do paiz.

Do seu quadro fazem parte alguns dos homens illustres do Brasil. Os medalhões e as mediocridades que estão lá dentro, são uteis como elementos de contraste. E não fazem mal nenhum á Academia, nem a ninguem. Não é honesto, pois, por causa delles, negar e combater a Academia. O que se deve fazer é exactamente o contrario: isto é, prestigiar a Academia, para que ella, sob os estímulos da nossa sympathia possa criar juizo e melhorar os seus processos de selecção.

Embora tenha batido palmas, no momento, ao movimento modernista, eu acho que Graça Aranha commetteu um erro grave combatendo a Academia como combateu. Em lugar de demolil-a e abandonal-a, elle deveria ter tentado renoval-a. Seria mais logico, mais razoavel e, sobretudo, mais pro-

veitoso. — Renoval-a como? hão de indagar vocês. E eu explicarei: — Promovendo o rejuvenescimento do seu quadro, innoculando-lhe nas veias sangue novo, injectando os estímulos salutaes da mocidade no seu organismo decrepito, que se estava fossilizando na apathia da contemplação e da inactividade. Se, em vez de abandonar a Academia, Graça Aranha tivesse levado para lá Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Alvaro Moreyra, Agrippino Grieco, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, o Petit Trianon estaria transformado, e a Revolução Modernista se teria desencadeado dentro dos seus proprios muros dourados.

A verdade é que Graça Aranha errou quando disse que — ou a Academia se renovava, ou desaparecia. Ella não se renovou, nem desapareceu. Está ali, forte e rija, cheia de vitalidade e de medalhões. Se lá dentro estivessem os jovens poetas modernos, haveria no caso uma dupla vantagem: mais vitalidade e menos medalhões.

Foi isso afinal que comprehenderam em hõra alguns escriptores modernos: Guilherme de Almeida, primeiro, e depois Riibeiro Couto. Ingressando no Petit Trianon, esses illustres representantes da joven litteratura brasileira levaram á Academia as energias e os incitamentos salutaes da mocidade e do entusiasmo. E a reacção continuou felizmente depois disto, permittindo que a Academia elegeisse agora Tristão de Athayde e Miguel Ozorio. Se proseguir nesse caminho, a Academia Brasileira se renovará e reconquistará a sympathia e a solidariedade de todos os homens de espirito e de cultura do paiz. Chamando para a sua illustre companhia Miguel Osorio e Tristão de Athayde, a Academia reconciliou-se com a intelligencia brasileira. Além disto, serão mais dois representantes da nova mentalidade nacional dentro do Trianon, para ajudar a promover o rejuvenescimento da Academia... Essa é que é a verdadeira tactica da mocidade: envolvente e subtil... Eu a comprehendo e applaudo.

PEREGRINO JUNIOR

Ninguem mais habilitada a apresentar-nos livros de excellente confecção typographica que a Livraria do Globo, de Porto Alegre, uma vez que as installações dessa casa occupam quasi todo um quarteirão da capital gaúcha, enchendo-o com o rumor festivo das suas machinas e dos seus operarios. No momento vem esse importante nucleo editorial de offerecer aos amadores de novellas de sensação mais um volume daquelle que foi infatigavel especialista em taes assumptos. O autor é Edgar Wallace e a novella intitula-se "Gangsters"! Só esse nome e esse titulo bastam para evidenciar que se trata de trabalho typico no genero. Wallace era homem que dictava simultaneamente a tres secretarios as suas ficções aterrorizantes. Foi o demiurgo de dezenas de ficções macabras, em que circula todo o povo agitado de facinoras ás voltas com creaturas que vieram do berço com vocação ineluctavel para o papel de victimas.

As raças e a unidade nacional

Chronica Scientifica irradiada na "Hora do Brasil"

Na linguagem corrente, mesmo entre pessoas cultas, muitas vezes apparecem, numa deploravel mistura, os termos raça, povo e nação. No entanto são tres conceitos bem diversos, que é indispensavel individualizar. Raça — é grupamento biologico, baseado na morphologia e na psycho-physiologia; Povo — é grupamento de individuos — da mesma raça ou de raças diversas — portadores dos mesmos caracteres sociaes — (lingua, usos e costumes, etc.); Nação — é grupamento, num solo determinado, de individuos que podem pertencer a diversas raças, a differentes povos — mas que tem, no conjunto, os mesmos caracteres politicos. Exemplo conhecido de um povo, racialmente definido, socialmente bem caracterizado e que, todavia, não forma nação alguma: os Ciganos.

No mundo moderno so as tribus selvagens — e isso mesmo bem poucas — podem apresentar o espetaculo da unidade quasi completa, em que se confundem raça, povo e nação.

Não ha vantagens nisso. Os maiores povos da Terra são hoje exactamente aquelles que offerecem o espetaculo de systemas compositos. Já pregava o velho Spencer que não pôde haver progresso sem differenciação. A maioria dos erros por alguns cometidos, quando estudam a população do Brasil, resulta daquella confusão. A anthropologia demonstra que podemos ter confiança no futuro da população do Brasil. Porque, si aqui não existe — como não existe em nenhum paiz civilizado — a utopica unidade racial; si aqui muitos laços nacionaes nem sempre possuem a solidez desejada pelos que não gostam da federação — palpita, neste solo immenso, trabalhado por tantas raças — um povo que já se definiu. Dos tres elementos apontados, a raça é aquelle em que podemos influir, a fatalidade de leis naturaes ineluctaveis tem de ser cumprida. Pouco a pouco, a favor ou contra a nossa vontade — typos anthropologicos vão surgindo ou desaparecendo.

Mas sobre os elementos sociaes, que caracterizam o povo, e sobre os elementos politicos que caracterizam a nação — já os nossos desejos, os nossos anceios de aperfeiçoamento, a nossa dedicação, o saber, a firmeza, a honestidade dos órgãos do mando — podem muito.

Foi o que eu resumi numa expressão que enfeixa os resultados de mais de vinte annos de pesquisas: A anthropologia prova que, no Brasil, o homem precisa ser educado — e não substituído.

Durante mais de vinte annos estudei com enthusiasmo, honestidade e pertinacia, no laboratorio e no terreno, o homem do Brasil. Tive a fortuna de iniciar no exame da população deste paiz os methodos objectivos da anthropologia moderna. Antes de começar tomei commigo mesmo o compromisso de servir á verdade, fosse ella qual fosse,

ainda que viesse contundir ou magoar os mais intimos e caros sentimentos de brasileiro. Como tantos outros compatriotas eu vivia angustiado. Theorias, preconceitos, auctoridades, rhetorica — tudo concorria para augmentar o desconforto moral de quem se atirava a estudar a gente do Brasil. Escriptores dos mais lidos decidiam, no assumpto, a priori, maisinando os cruzamentos e, portanto, condemnando irremissivelmente o futuro da sua gente...

Emquanto isso permaneciam de pé, esperando a indagação scientifica directa, as questões terribes e angustiosas: O povo do Brasil resultou de um vasto cruzamento em multiplas direcções. Formaram-se, nessa contingencia, typos definidos que possam indicar algum trabalho util de selecção em marcha para melhores condições, ou nada se poderá esperar, scientificamente, da mescla tumultuaria secularmente processada? Si já existem alguns typos em elaboração, serão precarios e deficientes os seus caracteristicos?

Foram essas, entre outras, as grandes questões que apaixonaram a minha mocidade e ás quaes consagrei as melhores energias do meu sêr, na esperança de servir aos meus, fossem quas fossem os resultados que pudesse alcançar. Si a analyse anthropologica cuidadosa e proba, mostrasse a insufficiencia biologica, psychica e social dos meus patricios, eu denunciaria a desgraça, arrostando todos os males para poder dormir socegado na paz da consciencia satisfeita. Felizmente, aquillo que os rhetoricos e os sectarios chamam — males do cruzamento — são apenas males da miseria, da fome e da doença.

Na grande massa dos mestiços que em geral são denominados mulatos e caboclos — segundo a origem negra ou india — a analyse anthropologica descobriu alguns typos definidos: tres entre os primeiros, dois entre os segundos. No grande contingente dos individuos de raça branca — mais de 50 por cento da população — a analyse racial definiu tambem dois typos; e encontrou no grupo de raça negra tres typos, todos bastante differentes no que a Africa apresenta. Foi preciso dar nome a esses typos anthropologicos — scientificamente caracterizados — e que vivem perdidos na multidão dos brancos, dos mestiços e dos negros. Chamei-os Leucodermos, Phaiodermos, Xanthodermos e Melanodermos; e por isso alguns pensam, ingenuamente, que eu nada mais fiz senão baptizar de nomes gregos os mulatos e os caboclos. Nem repararam que si todos os phaiodermos são mulatos... nem todos os mulatos são phaiodermos.

Em resumo: Não temos unidade de raça — nenhum povo civilizado a tem — nem della precisamos. Na população brasileira vão cada vez mais dominando optimos typos raciaes, bem adap-

tados, em adiantada elaboração. A eclosão dos seus melhores dotes está dependendo apenas de educação e cultura.

Aqui, tal qual tem acontecido em outros lugares, o cruzamento agiu como elemento perturbador da estatica das raças; como o vento que encrespa a agua dos lagos, levanta as ondas, destruindo a quietude morta, a estagnação. Erguendo as cristas magnificas, em cujo dorso se alteiam os melhores typos da especie.

ROQUETTE PINTO

— Alphonse de Chateaubriant, o consagrado autor de *La Brière* e de *Monsieur de Lourdines*, dois romances que fizeram época, acaba de publicar um novo volume, *La Meute*, no qual reune tres novellas.

— As *Nouvelles Littéraires* acabam de publicar, em tres numeros successivos a novella de Eça de Queiroz, *José Mathias*, numa bella traducção de Georges Raeders, o distincto escriptor francez, que já tem merecido varias referencias desta revista, e que actualmente dirige o Lycée Français, de S. Paulo.

— Louis Bertrand, que sempre demonstrou um pendor especial pelos assumptos africanos, vem de publicar mais dois volumes ainda ligados ao Continente Negro: *Celle qui fut almée d'Augustin* e *Vers Cyrène, terre d'Apollon*. No primeiro, elle procura esclarecer quem foi aquella amante que dez annos occupou a vida de Santo Agostinho, já se vê que antes da sua conversão e a que o ex-bispo de Hippone por varias vezes se refere nas suas *Confissões*. Aliás, esse assumpto não poderia ser melhor tratado do que por Louis Bertrand, que já escrevera uma magnifica vida do alludido santo. *Vers Cyrène, terre d'Apollon* é livro de texto mais variado, e ao lado de deliciosas paginas descriptivas dedicadas á Lybia e a Cyrene, surgem alguns perfis traçados por mão de mestre, como os de Apuleu e Septimo Severo.

Pedro Leandro Ipuche — *Isla Patrulla* — Amigos del Libro Rioplatense — B. Aires.

E' mais uma brilhante realização do grupo de intellectuaes que tanto tem sabido valorizar, nos ultimos tempos, a cultura e a imaginação platinas, provando que não se verifica por lá intercadencia nos dominios do espirito. Romancista dos mais expressivos dentre os que ali manejam a penna, o sr. Pedro Leandro Ipuche mostra-se de todo consciente da technica da narração á moderna e as suas paginas, sem quebra de veracidade regional, possuem esse vivaz interesse de generalização humana que torna o escriptor, virtualmente, um patricio nosso.

Hermes Lima — *Problemas de nosso tempo* — Cia. Editora Nacional.

Não está em jogo, propriamente, um longo estudo homogeneo, mas uma série de ensaios avulsos em que são abordados, com franqueza e cultura, muitas das questões essenciaes do espirito da época. Professor de direito, sempre em contacto com as gerações novas, o sr. Hermes Lima, enquanto não nos apresenta o forte estudo coheso que podemos e devemos esperar d'elle, faz-se ler sem cansaço nestas referencias á politica e á sociologia do tempo.

Lina Hirsh — *Episodios Musicaes* — Rio.

Paginas das mais substanciosas sobre as musicas de Verdi, Bach, Villa-Lobos, e tantos outros. A sra. Lina Hirsh fala dos seus melodistas predilectos com uma ternura de quem deseja conduzir sempre novas legiões de admiradores a cada um delles. Fornece as datas e outros elementos prosaicos, mas não esquece tambem a referencia anecdotica o detalhe pittorescamente humano e grãozinho de loucura, inseparavel de quantos crêam em sons o seu mundo abstracto. Esquecidos certos deslizes de quem ainda não se apossou de todo do nosso idioma, o livro da sra. Hirsh, sempre engenhoso e amavel, faz-se ler em breve tempo e sem ameaça de tédio.

Clement Ritz — *Meu surrãozinho de vas.* — Rio.

O autor, que é membro do Centro de Lettras do Paraná, vae muito bem no culto da redondilha á maneira lusitana. Não lhe faltam delicadeza e ternura para especializar-se num genero que tão facilmente descamba para a banalidade lyrica. Acresce que o seu volume é excellentemente confeccionado, de modo a poderp ermanecer na bibliotheca das leitoras elegantes.

Juvenal José Pinto — *Politica rural* — Porto Alegre.

Trata-se de um livro que resulta de longos annos de meditação, e tambem de longos annos de acção directa. no tocante aos assumptos versados. O sr. Juvenal José Pinto, que escreve com bastante clareza e correcção, facto não comum entre productores de monographias dessas, é um partidario ardoroso dos trabalhos ruraes, repetindo entre nós o grito daquelle velho senador francez que mandava tomar o "ramo dos campos".

Jota Filho — *Balões de Vento* — Rio.

Eis ahi um humorista de feitio tradicional, que gosta de entretecer sonetos á antiga onde os quartetos parecem dos mais graves mas os tercetos concluem sempre numa solução imprevistamente ironica. Bahiano, o autor sabe rir-se á moda da sua gente, mas tambem não lhe faltam as chispantes agudezas das cariocas. Certas producções suas levam-nos a pen-Papagaio.

— Na collecção encimada pelo titulo geral de "Grande Evénements Littéraires", o sr. Emile François Julia consagra um volume ás Mil e uma Noites e ao seu notavel traductor francez J. C. Mardrus. Na verdade, foi graças ao trabalho paciente e insuperavel deste medico que se veio a ter a revelação completa do que eram os admiraveis contos arabes, até então apenas divulgados na desvaliosa colligenda de Galland.



CIGARROS
TIPO AMERICANO
1\$ 000
C.A. SOUZA CRUZ

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Série: BRASILIANA:	Vol. br.
Renato Mendonça: A Influencia Africana no Portuguez do Brasil — Edição ilustrada	15\$000
Manuel Bomfim: O Brasil	10\$000
Urbino Vianna: Bandeiras e Sertanistas Bahianos	8\$000
Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — (edição ilustrada com 50 gravuras e mappas)	10\$000
Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil (2. ^a edição ampliada — Prefacio de Pandiá Calogeras	8\$000
Collecção: PARA TODOS:	
James Oliver Curwood: Nomades do Norte (Traducção de Manoel Bandeira	5\$000
Bibliotheca das Moças: (NOVA PHASE)	
Cecil Adair: Francesca (traducção de Godofredo Rangel)	4\$000
Guy Wirta: Nina Rosa (traducção revista por Luiz Amaral)	4\$000
Guy Fowler: O amor que nunca morre (trad. de Azevedo Amaral)	4\$000
Florence L. Barclay: Um nobre amor (trad. de Luiz Amaral)	4\$000
Concordia Merrel: O casamento de Anna (trad. de Azevedo Amaral)	4\$000
Concordia Merrel: Casamento de experiencia (traducção de Oliveira Ribeiro Netto)	4\$000
Collecção VIAGENS:	
Nelson Tabajara de Oliveira: Shanghai — 2. ^a edição	6\$000
Caio Prado Junior: U. R. S. S. — Um novo mundo — 2. ^a edição	6\$000
Lyder Sager: Dinamarca — Paiz e Povo — Edição ilustrada	6\$000
Ribeiro Couto: Chão de França	6\$000
Litteratura Infantil:	
Monteiro Lobato: Emilia no paiz grammatica — 2. ^a edição	7\$000
Monteiro Lobato: Arithmetica da Emilia	10\$000
Publicação da Faculdade de Philosophia, Sciencia e Lettras da Universidade de São Paulo:	
Michael Berveiller: A tradição religiosa na tragedia Grega — Eschylo-Sopholes	10\$000
Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões 24 a 30 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA	
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco	
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL	

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOV DADES DE AGOSTO

Humberto de Campos — Notas de Um Diarista — 10.000 exemp.	8\$000
" " " — Sepultando os meus Mortos 10.000 exemp.	6\$000
" " " — Os Párias — 3. ^a edição	6\$000
" " " — O Monstro e outros Contos — 5. ^a edição	6\$000
" " " — Sombras que Soffrem — 4. ^a edição	6\$000
" " " — Carvalhos e Roseiras — 4. ^a edição	6\$000
" " " — A Sombra das Tamareiras — 3. ^a edição	6\$000
" " " — Lagartas e Libélulas — 3. ^a edição	6\$000
Rocha Ferreira — Gloria — Poesias	6\$000

OUTRAS EDIÇÕES DESTE ANNO

José Lins do Rego — O moleque Ricardo — Romance	7\$000
José Lins do Rego — Doidinho — 2. ^a edição — Romance	7\$000
Omar Khayyan — Rubaiyat (Trad. de Octavio Tarquinio de Souza)	
Edição de luxo — Ilustrada	15\$000
Humberto de Campos — Critica — 3. ^a edição, 1. ^a série	10\$000
" " " — Critica, 2. ^a edição, 2. ^a série	10\$000
" " " — Critica, 10.000 exemp., 3. ^a série	10\$000
" " " — Memorias Inacabadas, 20.000 exemp.	6\$000
" " " — Memorias, 8. ^a edição	10\$000
Miguel Reale — O Capitalismo Internacional	6\$000
Gondim da Fonseca — Bolchevismo — 2. ^a edição	10\$000
Gustavo Barroso — O Quarto Imperio	6\$000
Candido Motta Filho — Introducção á Política Moderna	10\$000
Menotti Del Picchia — Soluções Nacionaes	8\$000
Plinio Salgado — Despertemos a Nação	6\$000
Helio Vianna — Formação Brasileira	6\$000
Lucio Cardoso — Salgueiro — Romance	7\$000
José Americo de Almeida — O Boqueirão — Romance	6\$000
Pontes de Miranda — Tratado de Direito Internacional Privado	
(2 volumes)	70\$000
Maurice de Fleury — A Angustia Humana	8\$000
Pedro Calmon — O Rei do Brasil (Ed. Ilustrada)	10\$000
Custorio de Viveiros — Camisas Verdes	6\$000
Plinio Salgado — Psychologia da Revolução — 2. ^a edição	6\$000

NOVAS EDIÇÕES

COL. SIP

Jorge Ohnet

"Ave de sapina" reedición	
broch	2\$000

Leon Tolstoi

"Sonata de Kreutzer" re-	
edição, br.	2\$000

Arthur Ramos

"O Folk-lore Negro do	
Brasil" IV vol. da Bib	
Div. Scientífica br.	10\$000

Maria Fargues

"Jesus e Pedrinho" car-	
tonado.....	4\$000
"O Caminho do Céu" car-	
tonado (III e IV vol. da	
Col. Deus e os nossos Pe-	
queninos	4\$000

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de por-
te. — Preço pelo serviço postal de
reembolso. — Remette-se
Catalogo gratis

A Exposição do Club de Cultura Moderna

Houve, ha dias, o encerramento da "Exposição de Arte Social" promovida pelo Club de Cultura Moderna. Organizada por essa antenna de alta receptividade que é Annibal Machado, a exposição foi um successo enorme e amplo.

Eram para mais de 170 desenhos integrando uma mostra collectiva de tendencia social. E esta foi a sua maior utilidade: evidenciar que talvez já seja possível, entre nós, formar "equipes" de artistas orientados num mesmo sentido de vanguarda. Para ser honesto, direi que a Exposição era apenas de *tendencia* social, o que é perfeitamente explicavel porque, de boa fé, ainda não se pôde esperar definições nitidas na arte brasileira, de molde a se poder differenciar nella, desde já, accents revolucionarios. Assim, a Exposição foi um reflexo fiel das aspirações sociaes entre nós: ainda estamos na phase primeira, na manhã do movimento, ainda precisamos ser apenas expositores dos males burguezes, manipuladores desses productos finaes de decomposição. Por isso não era licito suppôr uma exposição exclusivamente de esquerda: sem intenções vermelhas, aquelles desenhos tiveram um grande merito: denunciaram a existencia de olhos honestos, capazes de verem sem premeditação os aspectos populares do Brasil.

*

* *

Do ponto de vista artistico, que alto nivel!

Havia, em quasi todos aquelles quadros, uma attitude quasi humana de entrega confiante, vinda da propria força de cada um delles. O prazer esthetico não carece de conflictos, é feito de intimas ternuras. A contemplação das obras de arte marcha sobre reconhecimentos gratos. E se certas obras nos aborrecem é porque quebram o equilibrio amavel que deve se estabelecer sempre entre a obra de arte e o individuo que a contempla, equilibrio regulado pelo limite dilatado e elastico daquillo que poderíamos chamar a nossa commodidade, em esthetica. Commodidade? Sim. Commodidade que não é um jogo epidermico, apenas sensitivo, mas qualquer coisa de mais profundo, com limites que vão até a esphera superior da intelligencia, o que a torna, como disse, um campo largo e elastico, amplo, grande, capaz de conter arte de varias tendencias e expressões, as mais diversas, de emoção.

*

* *

Expuzeram na mostra do Club de Cultura Moderna, entre outros: Oswaldo Goeldi, Santa Rosa, Noemia Mourão, Lasar Segall, Carlos Leão, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Cicero Dias, Orlando Teruz, J. Barbosa, Guignard, etc. etc. Em pintura, Portinari, Waldemar da Costa e ainda Noemia.

A Goeldi, sem duvida, devemos a contribuição mais forte.

Até que emfim esse magnifico artista consentiu em expôr os seus desenhos, as suas aguas-fortes, os seus peixes. Elle é um artista organico, pessoal, duro no sentido de resistir a influencias que já não estejam dentro de si. Tem-se a impressão de um domador que abandone os leões e se dirija ao mundo plastico. A natureza obedece-lhe. As suas "cabeças" têm um vigor quasi insolente, as scenas de interior ou de rua, sob a chuva, por demais vivas, e ninguem como elle para fixar o movimento de maneira tão persuasiva. A contribuição de Goeldi, que tem a obcessão dos peixes, dos grandes e piadosos peixes de cabeça redonda e ingenua como quadris femininos, dos peixes largos e bons de ferocidade insuspeitada, é, sem duvida, a affirmação de uma forte technica ao serviço de uma sensibilidade agudissima.

A custo nos desprendemos delle.

Vejamos, agora, Noemia. Outro polo. Artista que não quer domar a natureza e sim integrar-se nella, e depois devolve-a em forma de transpiração. Vamos dizer: Noemia sua a natureza... Pessoal, cada vez mais pessoal, ella serve-nos todo o seu lyrismo, moço e puro, em forma de um desenho que vive por si mesmo. As suas scenas de fazenda, aquella familia de colonos em dia de baptizado, em que Noemia é tão lyrica quanto Rousseau, aquelle outro grupo (tambem em aquarella) de mulheres no fundo do terreiro, são dois grandes e altos poemas pictoricos. Mas o que Noemia expõe de melhor é tambem o que ha de mais saboroso e vivo em toda a exposição: o lyrico e o ironico interior de sala de visita pequeno burgueza, (oleo), com o moço tocando piano e as primas e noivas embevecidas. Noemia ahi esta 100%: os seus dons de poesia, a sua technica, a delicadeza diluida do colorido, a sua ironia ainda não venenosa, timida e discreta...

Outro que apresenta, ao lado de Goeldi e, Noemia, as melhores coisas da exposição, é Santa Rosa. Santa Rosa, o jovem, já ha muito que se fez um artista pessoal, em intima connexão com o sofrimento dos trabalhadores, dos negros, dos desempregados. A sua arte é masculina, e talvez a mais expressiva como documento social. Aquelle grande desenho do "Immigrante no cães" reflecte todo o primeiro momento, inexprimivel, mixto de desencanto e debil esperança, do que muito soffreu e vem buscar trabalho na terra estranha. Os seus typos de marinheiros e prostitutas, o "mulato namorando a cozinheira", são bellos, nitidos e vivos. Santa Rosa, o jovem, expõe mais de 15 trabalhos, e em todos elles ha o espectaculo de uma sensibilidade avida, fiel á verdade. Ahi teremos, certamente, um dos nossos mais fortes artistas revolucionarios, assim que elle vença a preguiça brasileira...

O outro forte expositor é um desconhecido: Carlos Leão. Esse tem uma espontaneidade que admira. Parece que os seus desenhos já estão prontos na ponta do lapis: elle faz um gesto e o desenho cáe, escorrega, installa-se...

Di Cavalcanti tem um bello trabalho: escada de casa de commodos, e mais tres já conhecidos. Guignard dá-nos quatro aspectos de morro, muito simples, muito puros. De Ismael Nery, que a morte já levou, dez ou doze desenhos objectivos não muito expressivos do que elle valeu como pintor.

• *
* * *

Epicuro, que foi um homem feliz, disse uma vez: "Não devemos evitar os prazeres, e sim escolhê-los".

Ainda outros nomes haveria que citar, mas isto é uma simples nota de quem viajou pela exposição sem catalogo e com fraca memoria...

DANTE COSTA

Erico Verissimo — A Vida de Joanna d'Arc — Livraria do Globo — Porto Alegre.

E' curioso como os livros de maior fervor entusiasta a proposito da grande santa da França sejam escriptos por filhos de outras paragens. Voltaire, escarninho sempre, aproveitou-se da virgem de Orléans apenas para derramar-se em dezenas de zombarias sacrilegas. Mais tarde, Anatole France, em dois copiosos volumes que dizem haver sido redigidos quasi totalmente pelo secretario Brousson, mostrou não haver comprehendido o christianismo francez e humano da sublime pastora de Domrémy. Foi preciso que um inglez, o encyclopedico André Lany, invertendo os papeis, se fizesse o paladino da maravilhosa creatura que antepassados seus haviam queimado em Ruão. Sua resposta a Anatole France é ao mesmo tempo sisuda e compacta como um processo forense e luminosa e alada como um trecho de epopéa. Tambem no Brasil vamos ter agora a boa exegese, a boa hagiographia da gloriosa filha da Lorena. E' o livro do sr. Erico Verissimo, o forte e subtil romancista dos Caminhos Cruzados. Num grande volume em que a delicadeza do assumpto não é esmagada pela brutal montoeira de documentos, fazendo historia e fazendo lyrismo sem mistura hybrida de generos, offerece-nos elle uma Santa Joanna que até as creanças podem entender. Livro delicioso que, em ordem chronologica ou em ordem de merito, parece ser o vanguardeiro de toda uma encantadora litteratura biographica a desdobrar-se entre nós.

Placido Ribeiro — Oito ensaios sobre a hora presente — Rio.

Ou muito nos equivocamos ou esse nosso patricio possui real organização de philosopho e, em obras de maior alento, ainda virá a usufruir de situação de relevo entre os nossos intellectuaes. Bem informado, indo aos mestres directamente, sem escalas através de confortaveis interpretes, procura elle especialmente ferir aspectos não muito fatigados pelos outros commentadores. Assim é que sobre o admiravel artista da metaphysica que se chama Julien Benda, tece elle um' jogo de exegese dos mais attraentes, falando-nos de alguém que não tem sido discutido entre nós tanto quanto merece. Olvidados certos exaggeros materialistas que o levam a ser algo injusto com o nosso grande Tristão de Athayde, cumpre enxergar no sr. Placido Ribeiro um homem a quem o dia de amanhã não atraiçoará espiritualmente.

Tenente-Coronel Nery da Fonseca — Fronteiras do Sector Sul — Editora Cruzeiro do Sul Ltda. — Rio.

Não ha exaggero em affirmar-se que o tenente-coronel Nery da Fonseca attingiu á perfeição technica nos assumptos de que trata. Alliando á familiaridade com os mappas e descrições da nossa velha vida militar o conhecimento directo da zona geographica e humana a que o seu livro se prende, apresenta-nos elle, sobre as fronteiras meridionaes do paiz, um livro destinado a fazer autoridade, a ser classico no genero. Nenhuma vaidade de ornamentação litteraria, nenhum extravio condemnavel por um historicismo superfluo: apenas a parte nuclear do problema. Podendo ser lido sem repulsa por quantos visem a obtenção de uma cultura geral, o livro do tenente-coronel Nery da Fonseca não poderá ser indifferente a nenhum especialista em coisas militares.

José Lins do Rego — O Moleque Ricardo — Livraria Joé Olympio — Rio.

Depois de ter historiado a vida de um dos seus heróes em deliciosos recantos sertanejos, o sr. José Lins do Rego, reputado hoje um dos melhores romancistas do Brasil, passa a occupar-se de uma cidade populosa do Norte. Recife é o scenario em que decorrem as peripecias da juventude do preto Ricardo e, assim, o autor patenteia o seu desejo de utilizar-se de elementos mais complexamente humanos, de uma sociedade mais opulenta. Como de praxe, nossas columnas estão franqueadas a quantos pretendam expressar-se sobre o ultimo livro do sr. José Lins do Rego, cabendo-nos apenas o registro sympathico de um livro de tanta importancia em nossas letras de ficção.

Brevemente

ALFREDO PESSOA

Alguma coisa do que vi

IMPRESSÕES DE

VARSOVIA,

MOSCOU,

LENINGRADO,

STOCKHOLMO,

STAMBUL, ETC.

EM EDIÇÃO ARIEL

TOTONIO PACHECO

A's vinte e tres horas estavam no *cabaret*. Havia tres mulheres á mesa, e o carcamano pontificava para ellas:

— Aqui o meu amigo vendeu uma fazenda e veio gastar o dinheiro com vocês. Podem pedir champanha, não é, coronel?

— Sim, vamos beber uma caixa de cerveja.

— *Right*.

A gloria maior da existencia de Bellino: ter estado na America do Norte. Viera menino para o Brasil e quasi não se lhe notava na fala a marca peninsular; a adulteração do senhor para sôr era uma nota individual, sem qualquer influencia de sua italianidade. Daqui partira, homem feito, para os Estados Unidos. Trazia sempre na algibeira documentos da viagem, pegados, sujos, rôtos. Passara dois annos em Chicago, de onde a crise financeira o tangeria novamente para a America do Sul. Esses dois annos fixaram no seu espirito o cume de sua vida. Chicago! Fazia questão de pronunciar Chicogo. Latrina é water-closer, logo Chicogo é Chicogo. E soltava uma gargalhada sem limites.

Haviam percorrido o meretricio, bebido nos cafés nocturnos onde os radios musicavam sambas e malandragens. Varios sorrisos. Varias mãos lhe haviam alisado o cabello, coronel, coronel! No entanto, Pacheco estava triste, sem solução. Elle o ignorava, mas padecia daquillo que mestre Graça Aranha chamou de devassidão ancillar. Ou melhor, para o fazendeiro, devassidão latifundiaria. Mulheres que moravam dentro de suas terras e que se pagavam com a visita do proprietario, um vestido de chita, um chinello, missangas de engambelar indio... Mas com negações iniciaes por parte della, e nelle a firmeza do senhor rural, o sentimento da superioridade, uma especie de orgulho pastoril de touro reproductor no meio de numerosa boiada castrada. Era legitimo bisneto de Francisco e, si isso não lhe valera o chafurdamento na garapa, já lhe havia proporcionado um tiro, disparado no meio do matto para a estrada deserta, onde elle ia a cavallo, dentro de suas proprias terras. O cavallo desembestara pelo caminho, enquanto elle, curvado sobre a sella, sem sentir no momento onde fôra ferido mas sentindo perto a morte, pois tocaia é morte certa, apenas se lembrava de Maria Chica, do collo de Maria Chica, onde vinha de repousar a cabeça vasia de pensamentos, com o corpo esvasiado de desejos. Logo adivinhara: o tocaieiro era o amasio de Maria Chica, um bahiano a quem entregara um pedaço de terra para plantar milho de meia, foragido de Montanha até hoje. Com a mulher. Uma bala no braço. Indivíduo tão medroso que, mesmo atirando de emboscada, ainda perdeu o tiro! A bahiana bem que merecia uma morte e naquelle momento, satisfeito della, saciado por ella que até parecia farto de viver, não lhe importava ter morrido...

— A melhor mulher que eu conheci na minha vida, carcamano — apalpava o antebraço es-

querdo, — foi uma certa Maria Chica, bahiana apparecida em Montanha, que de tanto comer pimenta, tinha virado pimenta ella toda!

— A melhor mulher depois de uma certa Maria Clara...

Pacheco estremeceu. A'quella hora, Maria Clara devia estar apanhando para confessar o furto. Bem feito! Mas persistiu a tristeza.

Ao som do tango e no circulo do fôco que variava, vermelho, amarello, vermelho, pares na penumbra dansavam lentamente. O mulato agarrado á mulata, dois corpos jovens e esguios em movimentos molles, espichados, felinos, não era outro sinão o atirador de tijolos, que parecia distante de tudo. A concertina penetrava subito no solo tremulo de violino e, depois, do meio da orchestra, uma voz de barytono alcoolatra, em castelhano portenho, deplorou a sorte da caixeirinha que se perdeu com o estudante: elle foi para sua terra e se casou com a namorada antiga, ella engeitou o filho e mergulhou, milonga, na gandaia buenosairense...

Pacheco, meio bêbado, achava tudo simplesmente bonito. Quando a dança findou, Carmo Peres atravessou o tablado encerado, em companhia de uma mulher loura, alta solemne. O fazendeiro se poz em pé, bracejando:

— Doutor Peres! Doutor Peres! Este é o meu amigo Pepino Bellino... Bebe uma champanha connosco.

— Obrigado, coronel. Tenho um amigo me esperando naquella mesa lá do canto.

O medico se afastou, e Pepino não dormiu:

— O' garçon, o coronel está aqui falando em champanha. Uma garrafa!

Quando o champagne espoucou, o italiano deu um gritinho hysterico, poz a mão no coração, fingindo se assustar. Pediu desembaraçadamente outras botelhas. Tinha gargalhadas gratuitas, abraçava as duas mulheres que tinha ao lado, queria abraçar todas: estava impossivel. Pacheco ingeria largos sorvos do liquido, contrahindo levemente o rosto numa expressão desilludida: nem por isso. Demonstração de que nunca bebera antes o liquido enganoso. Aliás, não havia que reparar a desillusão, pois o capitoso vinho era falsificadamente nacional... Talvez a expressão se referisse á vida sem solução, e não sómente ao vinho. A's vezes cabeceava. Murmurou entre os dentes: ella já deve ter apanhado, lambadas, lambadas nas costas, nos peitos, na bunda, lambadas, lambadas... Quiz se erguer, a cara aberta num sorriso de inolvidavel triumpho; seu corpo se desequilibrou sobre as mulheres, e estas obre a mesa: gritos, tinir de taças e garrafas se quebrando. Formou-se um grupo em torno.

Carmo Peres arrastou o fazendeiro para seu automovel. Bellino ficara no interior do *cabaret*, cheio de cuidados para com a mulher que ferira o

joelho numa taça. Peres arrancou de parabrisa aberto, o vento da noite bafejando a cara do ebrio, que bamboleava na almofada. Os olhos semi-abertos, dizia confusamente palavras soltas: surra, sem-vergonha, bem feito! A preocupação absorvente atenazava-o feito um cancer cuja dor resistisse a todos os estupefacientes.

Peres não desconfiava disso, mas preferia que o velho não dormisse para poder leval-o a casa logo que a embriaguez melhorasse. Rodava sem destino na noite, aproveitava as ruas rectas e desertas para pisar livremente o carro: o vento humido borrifava o rosto de Pacheco, á semelhança dos borrifos que se fazem com os desmaiados. Na ante-madrugada, o automovel se emparelhava com ou se desviava dos bondes que iniciavam a faina. Quando um desses vehiculos passou veloz em sentido contrario, Pacheco se agitou subitamente:

— E' o Alipio! E' o Alipio que passou guiando o bonde! Meu filho...

— Seu filho está dormindo socegado, coronel.

— O Alipio é meu filho, seu burro. Um rapagão. Toca o automovel atraz do bonde.

— Não é melhor ir para casa, coronel?

Pacheco não respondeu. Peres tocou para a avenida Alvares Cabral.

— Cansado, coronel?

— O senhor bebeu só uma taça, por que?

— Quem é aquelle italiano?

— Era meu amigo. Um explorador. 880\$000:

— *Cabaret*, coronel.

O medico se riu do interesse inserindo-se mathematicamente na confusão da embriaguez, fixando no espirito chocado a quantia nitida.

— O senhor deve procurar outras companhias. Póde dispôr dos meus conhecimentos.

— Aquella loura?

— Aquella não. Aquella é minha. Não me faça ciumes, que o senhor é irresistivel... Está em condições de entrar sózinho em casa?

— Ora, doutor! Ainda não morri. Até amanhã. Muito agradecido.

JOÃO ALPHONSUS

(Do romance, no prélo: *Totonio Pacheco*).

Axel Munthe — *O Livro de San Michele* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Em traducção escrupulosa do notavel poeta portuguez Jayme Cortezão, vae este bellissimo livro ter em nossa lingua os leitores que merece. E' uma autobiographia incomparavel, que o romancista inglez Arnold Bennett incluiu entre as mais emocionantes do tempo. Septuagenario e quasi cego, o medico escandinavo Axel Munthe resolveu-se, para vencer o tédio da insomnia, a narrar as coisas da sua vida passada, e o resultado foi este substancioso volume em que não se perde capitulo, em quem não se póde desprezar uma figura, um detalhe, um recanto de paisagem. Tudo animado e impregnado de amor como o foi a nobilissima existencia dessa creatura que se moveu em ambientes tão diversos, mas sempre revelando-se um grande christão, um defensor da saude alheia, um amigo de tudo quanto redundasse em proveito dos meninos e das mulheres pobres. As descripções de uma bella ilha situada nas proximidades de Napoles são de um prodigioso pintor de costumes. Obra que faz honra á litteratura, *O Livro de San Michele* honra especialmente a bondade e a dignidade humanas.

Edgard Liger-Belair — *Fables* — Typ. do "Jornal do Commercio". — Rio.

Para que fazer fabulas depois de La Fontaine? Essa a indagação dos leitores malignos e tambem um bocado a nossa. O proprio autor deste volume fala com emoção filial do "Bonhomme", daquelle que foi considerado um "fablier", ou seja uma arvore de fabulas, e é por muitos reputado o maior poeta da França. Mas a verdade é que a collectanea do sr. Edgard Liger-Belair não representa, de modo nenhum, superfetação ridicula. Não se propôz elle a emular com os seus mestre e modelo das Gallias, dentro do proprio terreno gaullez. Ao contrario: quiz fazer-lhe, discreta e modestamente, uma especie de supplemento á distancia. Assim é que, vindo ao Brasil, conhecendo e amando o Brasil, procurou crear um fabulario á brasileira, aproveitando os nossos bichos, os nossos ditos populares, dizendo coisas conceituosas a proposito da preguica e das aráras, insistindo em que cada macaco deve ficar no seu galho... O verso desse brilhante poeta, já coroado pela Academia Franceza e que está infundindo nos rapazes das nossas escolas o gosto dos tempos classicos da França, é sempre bem articulado, de uma cadencia por assim dizer mnemonica, vehiculando a conclusão moralista sem baixa prosaismo didactico.

Pe. Manoel Octaviano — *Mestre Mundo* — Parahyba do Norte.

E' um drama em quatro actos, publicado, como de praxe, com a autorização dos superiores ecclesiasticos do escriptor. Tratando-se do producto de um sacerdote, o elemento social não poderia deixar de sobrepôr-se, na peça do nosso patriocio, ao elemento puramente esthetico. Bem examinado, o drama é simples pretexto para a divulgação de conceitos que se destinam a melhorar a consciencia dos parochianos do autor. Não foi a vaidade litteraria que trouxe o Pe. Manoel Octaviano á litteratura theatral. A sua simplicidade de expressão é o reflexo mesmo da limpidez com que elle distingue nas creaturas, de preferencia, os momentos moraes.

CAIXA ECONOMICA
TEM SUAS AGENCIAS ESPALHADAS
POR TODA A CIDADE



Botafogo - Carioca
Barão de Mauá
Avenida: Secção Cheques
Sete Setembro: Penhores
Praça da Bandeira
Vila Isabel - Meyer
Madureira-Campo Grande
— FILIAES —
Niterói - Petropolis
— Juiz de Fora —

4 1/2%
AO ANO
JUROS

**1/3 DA POPULAÇÃO TEM
SUAS ECONOMIAS GUARDADAS NA
CAIXA ECONOMICA**

**CAPITALISADOS
SEMESTRALMENTE**

**SERVICO DE PUBLICIDADE
CAIXA ECONOMICA**

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls e Miguel Ozorio de Almeida)

Berlim, 7-VIII-1933 (1)

Caro Gastão — Com Luiz Edmundo!
Calor de 35° á sombra é calor que asombra! Luiz vae fallar. Abraços ao Grieco e Saul.

Torres

Eu respeito Mestre Torres

Como a um pae respeita um filho

De outra forma — assassino-o

Com esse mesmo trocadilho!

Luiz Edmundo

Berlim — 31-VIII-1933

Caro Gastão,

Ha dias postei o artigo sobre o Gilberto (1). Recebi carta do Gilberto Freyre, a quem vou escrever com mais vagar. Ahi vae um artigo sobre Thereza Neumann (3). Soube que o Silva Mello escreveu tambem um sobre o mesmo assumpto, mas não o vi.

A sua typographia tem alphabeto grego? Seria interessante compôr a palavra stygma em grego: (4) Caso não seja possível, componha-a no nosso alphabeto. Infelizmente a dactylographa que me copiou o artigo poz em versaes palavras que eu tinha apenas sublinhado para sairem em italicos. Faça compo-as e mitalicos. Do Ramos recebi carta enternecedora. E o nosso professor Gilberto (5)? Nem pia! Diga a elle que passar tanto tempo sem me escrever é tudo quanto pode haver de mais indecoroso.

Depois d'amanhã, volente Deo parto para Carlsbad, a fazer uma cura de tres semanas. Figado! Mario Guaraná esteve aqui com duas filhas e uma inglezinha, amiga das filhas, as quaes estão a convertel-a ao catholicismo. Parece que a protestantezinha está cáe não cáe. Já vae á missa... Hoje seguiram para Dresden e vão a Roma. A inglezinha, por signal que muito sympathica, está encantada com a perspectiva de ser apresentada ao Papa! O Mario tem um lindo automovel Essex no qual viajam todos. Hontem ficamos o Mario e eu em longa parolagem num bar, bebendo cerveja berlinense, até um hora da manhã. Imagine; ha quasi quatro annos não nos viamos! As meninas foram dormir e nós ficamos a conversar. O bar era pertinho da minha casa e do hotel delle. E Você? Em que ficou a projectada viagem num navio do Lloyd como medico? Não será possível arranjar isso? Venha em novembro, apanhar um pouco de frio, homem! Abraços aos amigos.

Do seu velho

Torres

Londres, 19 de dezembro de 1921

Meu caro Miguel,

Deliberei hoje responder — ou pelo menos começar a responder — á sua muito querida carta, na qual v. me pede uma resposta longa e tratando "exclusivamente de mim". isto é, uma resposta extensa a respeito exactamente do assumpto menos interessante que v. poderia me offerecer...

Antes de fallar de mim, é preciso dizer-lhe que lhe desejo a v. e a todos os seus um anno verdadeiramente bom e seguido de outros verdadeiramente optimos. Desejo-lhe isto, porque é o que sinceramente desejo para mim. Este anno de 1921 (para entrar em assumpto que seja exclusivamente meu) teve altos e baixos para este seu velho amigo. De um lado, pude realizar a velhissima aspiração de ver novas terras, novas gentes, velhos primores, e de ouvir novas linguas e, por intermedio destas, comunicar-me com humanidades desconhecidas. Mas tudo isso não se faz sem contratempos e contrariedades, porque, como v. sabe, quem depende do Brasil não pôde contar com o dia de amanhã... Em todo o caso, o meu balanço mental accusa um progresso que tem influido mesmo no meu aperfeiçoamento moral, si não é pedantismo fallar assim. Infelizmente tudo isso ficará uma força inutil, porque estou convencido — como v. tambem — da completa inefficacia de qualquer esforço desinteressado que se faça em prol do aperfeiçoamento moral do nosso paiz. E' por isso que quasi não escrevo; e, voltando ao Brasil, só escreverei: ou artigos que me dêem prazer — v. g. a respeito de um livro seu, do Gastão, do Gilberto, do Mello (6), do Juliano (7), do Silva Mello, etc. — ou artigos de interesse... Querer proceder de outra sorte no Brasil é fazer questão de ser burro.

Ahi está v., por exemplo: um homem de valor, sinceramente dedicado aos estudos, enfim "um sacerdote da sciencia". Que é que v. tem ganho com os seus estudos de laboratorio, incompreendidos e incompreensiyeis num paiz de bestas? Só coices e não ganhará outra coisa, porque nem ao menos v. poderá, mesmo em casas como Manguinhos, obter aparelhos necessarios ás suas pesquisas e investigações scientificas! Ficará, pois, v. sendo um sacerdote da sciencia, mas os bispos e cardeas dessa mentirosa Deusa serão o... E aqui estou eu a fallar de v. em vez de fallar de mim — o que prova que sua pessoa me interessa muito mais do que a minha. E' o cumulo da abnegação...

Voltemos a mim.

A minha vida aqui é: levantar-me ás 10 h. da manhã; tomar banho; tomar o trem para a City; ás 11 1/2, no Consulado, onde faço passaportes, discuto com inglezes burros, etc., até ás 4 da tarde; ás 11 1/2 vou a uma public house proxima, onde me refrigero com um gin and tonic; ao meio dia almóço; depois de 4 da tarde, ou vou directamente para a casa, ou vou a Piccadilly, ahi por volta da 5 1/2, tomar um gin and tonic e ler os jornaes da tarde; assento-me num bar, peço a waitress a minha beberagem e leio coisas terrificas sobre Nova York,

as interpeilações ao sr. Lloyd George na Casa dos Communs, as discussões entre o Duque de Northumberland e o Lord Chancellor na Casa dos Lords, o enxoval da princeza Mary, os riots na India, o sorriso do Principe de Galles, processos por diffamação, processos por quebra de promessa de casamento, divorcios em barda (outro dia só um juiz decretou 300 divorcios em 35 segundos!) complicações entre a policia e os operarios sem trabalho (2 milhões e pico), elogios e mais elogios á Casa Real, e, de vez em quando, um artigo interessante sobre litteratura, sciencia, philosophia, critica historica, etc. Aos sabbados, compro o London News, para ler o habitual e sempre interessante artigo de Chester-ton. A's quintas-feiras compro o Suplemento Litterario do Times, onde v. tem todo o movimento litterario inglez durante a semana finda. Tenho adquirido livros interessantes. Grande parte do meu dinheiro vae nisso. Infelizmente os livros aqui são muito caros. Mas o peor é que, dada a minha falta de pecunia, não sei como irei transportal-os para o Brasil, quando voltar. E' uma coisa que me preocupa extraordinariamente.

Quanto a escrever, tenho um romance começado. Mas vae indo muito lentamente. As preocupações da vida não me deixam pensar nisso. E' impossivel escrever seguidamente no meio desta instabilidade da minha existencia. Depois, ha tanta coisa para ler que eu prefiro ler a escrever. V. conhece a minha avidez insaciavel em materia de leitura. Além do mais, escrever para que? Escrever numa lingua idiota, numa lingua cretina, como é a nossa lingua morta, lingua fallada apenas por dois povos: um que já desapareceu, e outro que ainda não appareceu! E nem sei se apparecerá algum dia... Agora vou pingar ponto final por hoje. Escrevo-lhe do Consulado. São 4 1/2 da tarde. Preciso de ir a Piccadilly, entre outras coisas, para ir á Agencia Cook tratar de um passaporte da senhora de um amigo meu, uma grande massada... Amanhã tratarei de varios outros assumptos...

Dia 22 de Dezembro do mesmo anno.

A continuação não poude ser amanhã, mas vae sendo hoje, mercê do Omnipotente. Londres tem — como não pôde deixar de ter — varias, uma série de desvantagens para mim. Vivo só, no meio de extranhos, obrigado a fallar uma lingua barbara (porque aqui ninguem entende outra), deglutindo umas comidas ainda mais barbaras do que a propria lingua, etc., etc. Mas ha uma compensação: os Museus, as livrarias, as revistas, os jornaes, enfim uma intensidade de vida mental que em verdade só se pôde observar em paizes como este, onde uma raça innegavelmente superior tem conseguido atravessar já mil annos de actividade espiritual. Ha tam-

bem os theatros, mas a estes vou parcamente porque são muito caros (*). Basta dizer que por um logar nas galerias paga v. seis ou sete shillings, para vêr uma revista! Quer isso dizer, ao cambio actual, nove ou dez mil réis por um logar nas torrinhas! As revistas são maravilhosamente bem montadas, guarda-roupa de tout *premier ordre*, scenarios admiráveis, coristas e bailarinas quite *tip-top*, numerosas, bem treinadas e levantando á altura de um... principio as suas pernas *up-to-date*. Quando comparo essas *chorus girls* com as nossas coristas do Recreio e S. José, portuguezas obesas, nadegudas, arthriticas, formidaveis coxas, sovacos a transpirar, seios que são verdadeiros alforges, mettidas em *maillots* de algodão manchados e enrugados, tresandando a sujo por todos os póros, bailarinas que sabem fazer tudo menos dansar, nem siquer pisar em scena, ha! tenho vontade de perder a memoria... Lembra-se v. daquella sua idéa de, na *Salomé*, offerecer a hystérica, em vez da cabeça do Baptista, um leitão assado? Pois, amigo, isso ainda eu não o vi aqui, mas já vi coisa parecida. Outro dia fui vêr no *Gaiety* uma revista chamada *Plns and Needles*. A certa hora passavam em revista scenas de obras celebres, de Shakespeare, Goethe, etc., mas tudo reduzido a um burlesco phantastico. Por exemplo: *Hamlet*. Scena do cemiterio. Entra Hamleto, acompanhado de Horacio. Vestuario a caracter, já se vê. Fallam ao coveiro, Hamlet, triste, *maussade*, mortalmente triste, pega da caveira que lhe dá o coveiro. Ah! elle tinha vinte annos! Delle só resta isto... Ahi toda a gente espera o monologo famoso: *To be or not to be...* Mas Hamleto, olhando para a caveira, diz em voz cava: *To sing or not to sing: That is the question...* Si cantares, ó caveira, ó mortal quem quer que tenhas sido, eu te arrancarei daqui; mas si não cantares, ficarás eternamente ahi no melo desses ossos. Vamos! Canta alguma colsa para alegrar o publico! Então Hamleto vira a caveira, com o occiput para o publico, e nella apparece uma mascara de comedia italiana, que canta uma canção burlesta em voz esganiçada, de ventriloquo. O publico delira...

Outra: a famosa scena do *bed-room* de Othelo. Desdemona, cabellos loiros desnastrados e esparzidos sobre o travesseiro, dorme. Entra Othelo, *fercz*, e com um lenço na mão. Desdemona explica que o perdeu. *Hein!* retruca Othelo, Perdeu o lenço? Neste tempo! Com estes preços. Oh! Aaaah! E avançando, suffoca-a com os travesseiros, segundo os moldes classicos. Depois, braços ao ar, o grande brado, ou antes o grande rugido, tambem classico: Aaaah! Não haverá mais raios nò céu?... Mas nesse momento Desdemona soergue-se sorratamente, tira um pandeiro de debaixo dos travesseiros e intima Othelo a que danse uma giga. E Othelo dança uma

giga enquanto Desdemona toca o pandeiro. O publico shakspereano e britannico delira...

Faço ponto por hoje. *To be continued to-morrow*. Até amanhã.

Dia 23 — Acabo de receber um postal do Gastão, O postal é do dia 24 de Novembro. Numa carta anterior dizia-me o Gastão pretender estar no Rio no principio do anno. Não sei si se realizará isso. Em todo o caso, qualquer carta que eu tiver de mandar-lhe, irá por intermedio do Castilho. Quanto a v., porque não me manda o seu endereço? Assim, minhas cartas lhe chegarão talvez mais rapidamente.

Anda-se aqui nas doces expectativas do Natal. Vitrinas cheias de perús, *plum-puddings*, *chrismas-cakes* e presentes da estação... pelo lado de dentro, enquanto, do lado de fóra, ha pobres em quantidade a olhar para tudo aquillo, que não verão de perto, e ali ficam elles em extases de gula, em attitudo de quasi adoração! E' horrivel... v. não imagina como isto me corta o coração. A miseria que vae em Londres é incalculavel. Estive na Italia mais de um mez. Visitei Napoles, Turim e Roma, onde fiquei mais tempo. Durante todo esse tempo só vi um realejo, de um pobre cego, em Roma. Aqui o realejo é uma praga. Quando se abrem os bares, praticamente v. encontra um realejo á porta de cada bar, e Deus sabe si ah bares em Londres... Não ha disso no Rio, felizmente, por enquanto. Ha, porém, coisas peores: o jornalismo — o nosso espantoso jornalismo — o litteratismo, o cinemismo, o bolinismo, o namorismo lamecha e torpe, o lusitanismo — oh! o lusitanismo, o cancro, a chaga, o puz do Brasil! — o aristocratismo idiota de meia duzia de immigrants e descendentes de immigrants, que se julgam ricos porque possuem cinco mil contos — o reporterismo ingenuo, o importantismo geral e provinciano de uma cidade pacata e pretenciosa — isto sem fallar na politica, porque, então, amigo, teriamos de chorar como Jeremias, quando nos puzesse-

mos a considerar nossos deputados pernesticos, vassios, de botas amarellas, calças usradas, fraque preto, chapéo molle e guarda-chuva de cabo de ouro, os nossos estadistas da marca do Virgem Santa!... E' melhor nem fallar nisso. O Rio, hoje em dia, tem para mim, como encanto, sómente o seguinte: (1) o céu; (2) as praias; (3) dois ou tres pratos saudosos; (4) e meia duzia de amigos d'alma, cuja palestra é a minha alegria. Fóra disso, não ha ahi nada senão attribulações et *afflictio cordis*...

Parece que desta vez vae mesmo o ponto final definitivo. Não póde haver queixa de sua parte, quanto á extensão deste calhamaço pedregulhoso de factos. Espero que v. me retribua com outras tantas paginas, repletas de factos e observações Lembranças ao Juliano, a D. Augusta, ao Silva Mello, ao Nuno, ao Alvaro, ao Godoy, ao Mello (Miguel) ao Gilberto, ao Castilho. Meus respeitos ao velho Dr. Osorio de Almeida. Abraços saudosos do muito seu

Antonio Torres.

(1) — No numero anterior, um lapso de composição fez com que fossem omitidos este bilhete-postal, e a carta abaixo, ainda dirigidos a G. C., e que, por isso, trazemos hoje á estampa, antes de iniciar a reprodução da correspondencia de A. T. com outros amigos, como a longa carta que se lhes segue, endereçada a Miguel Ozorio. O postal que dá motivo a esta nota foi escripto por T. e ao mesmo Luiz Edmundo, então em B. rim, additou do proprio punho a quadrinha por elle assignada. (2) — *Dois livros de Gilberto Amado*, no N.º 1, Anno III, do *Boletim de Ariel*. (3) — *O enigma de Konnersreuth*, apparecido no N.º 1, Anno III do *Boletim*. (4) — Segue-se a mesma palavra em caracteres gregos. (5) — Gilberto Amado. (6) — Miguel Mello. (7) — Juliano Moreira

Marie Fargues — A Vida — Civilização Brasileira S. A. — Rio

E' a transposição ao nosso idioma dos bellos processos narrativos de uma escriptora estrangeira que sabe adoçar as austeras verdades evangelicas sempre que se dirige ás creanças. Tudo procura ella conoverter em poesia, em allegoria, quando refere a historia de Christo á gente meuda, exactamente a gente predilecta do prégador da Galiléa. Sendo excellente no original francez, ao que tivemos ensejo de constatar, o volume de Marie Fargues nada perde na magnifica traducção das sras. Maria Augusta da Costa Ribeiro e Laurita Pessoa Raja Gabaglia, que mostram não haver incompatibilidade entre humanismo e christianismo.

CORRESPONDENCIA

Dr. C. L. — São estas as obras mais interessantes que nos occorrem a respeito dos Incas: Marmontel, "Les Incas", Paris, 1793; William H. Prescott, "Historia da Conquista do Perú" (ha traducção franceza); C. Markham, "Narratives of the Rites and Laws of the Incas"; Cieza de Leon, "La cronica del Perú", Calpe, Madrid; Marquis de Nadaillac, "L'Amérique Préhistorique".

Marilla — Gratos á sua carta, que é um incentivo á nossa iniciativa. Quanto á lista de livros que nos pede, gostaríamos de saber qual a sua orientação a respeito. Livros didacticos? Litteratura Pura? Pedagogia?

Brevemente

Baptista de Castro

VOCABULARIO TUPY-GUARANY

Em edição

"ARIEL"

(*) Os concertos symphonicos, com figurantes que, entre orchestra e coros costumam attingir a trezentos, são tambem admiraveis, ás vezes estupendos, como os de toda a serie Wagneriana, no *Queen's Hall*.

Sarcasmo e piedade do Titan

A critica, é antes de tudo, obra de arte. O critico, portanto é um pintor de idéas e paisagens humanas, um esculptor de symbolos. Sendo um creador dentro das creações artisticas, desdobrando-se até a finalidade suprema, elle torna visivel o mysterio e audivel o rhythmo, caracterisadores da côr de uma alma e do movimento de um espirito. O critico é, ainda, a somma ardente de uma sympathia universal, lei que rege os mundos, que faz palpitar o sonho vivo do Universo. Sem essa sympathia haveria, por certo, uma morte tacita em todas as relações entre os seres e as cousas que se agitam nas geneses incessantes.

O critico é, assim, o cientista da emoção, o naturalista do Imaginario. E' quem descobre as leis eternas que presidem á vida das idéas, quem torna o sonho possivel como uma realidade e que, no jardim dos espiritos, faz correr mais livremente a seiva ligeira das plantas que vae ser a graça e a flor do pensamento.

Sem esses dons magicos, sem essa mente de milagre e prodigio, o critico será, apenas, um frio observador de microscopio, um anatomista a dissecar cadaveres. Estes terão, para elle, todas as revelações de uma physiologia morta, mas avaramente lhe occultarão o divino segredo da vida. Elle verá um cerebro vazio e sem sol, apavorante como um mundo defunto. Como Brunetiére Cuvier sem genio da paleontologia esthetica, elle parecerá um reconstructor de imagens e especies extinctas. Mas não sentirá, jámais, como Sainte-Beuve, — esse Lavoisier da chimica do espirito, — a alegria de se apoderar de um mundo que vive, de um universo que se transforma ante seus olhos, que palpita entre seus dedos.

Entre nós, a critica começou a viver com Agrippino Grieco. Os Verissimos e os Sylvio Romero dão-me a impressão de zeladores de museu, de sabios archaicos vasculhando archivos. São dissecadores de organismos inanimados. Em Sylvio Romero só havia a sua propria paixão de colosso fanatico, e na sua critica apenas encontramos, hoje, a obstinação feroz com que elle sempre exprimiu suas preferencias, sua sympathias, ou os seus odios. Quanto a Verissimo, esse, nem a propria vida communicou aos seus mortos. Frio, e rhetorico, e confuso, não passou das cellulas e dos tecidos cadavericos nas aulas do seu laboratorio de critica.

Agrippino Grieco trouxe um novo sangue espiritual no seu idioma inquieto e ansioso de côr, o sôpro que anima os mortos, e o veneno borgiesco que fulmina os vivos. Durante muito tempo usou elle essas duas forças magicas, invenções do seu sarcasmo e da sua piedade, que elle occultava avaramente como Marconi occulta, hoje, o segredo do "raio da morte". E não será o "raio da morte" a satyra sangrenta da guerra?

Mas nunca usou elle do seu veneno — senão com uma certa razão esthetica. E, se por vezes foi injusto o seu mesmo odio já não era uma consagração litteraria? Que satyra, incendiada como uma flamma, não aureolava, afinal, a figura da victima?

Agora, porém, o titan que sacudiu athleticamente, com seus pulsos de Samsão, as velhas e vetustas columnas da Tolice humana, sente que nem tudo é possivel neste mundo de cousas impossiveis. O irremediavel faz, por fim, adormecer todas as forças da Terra. Seu sarcasmo se dissolve, assim, numa piedade commovente e, como o cardo, dá a sua flor delicada e serena. Volta-se então, nos "Estrangeiros", para o elogio profundo da Arte e dos Artistas, dos verdadeiros grandes Artistas, e da grande Arte. Alguns dos seus estudos mais perfeitos, mais energicos de pintura e de imagem, mais inesperados de idéa e de analyse — agora se encontram neste solido volume de quatrocentas paginas, onde vemos passar as figuras mais generosas e humanas da historia do pensamento universal.

Edgard Allan Poe, de quem "aqui no Brasil só se tem visto o lado fantasmatico esquecendo-se-lhe totalmente o lado ideologico"; Pirandello, em quem o "sobrenatural parece-nos naturalissimo"; Rabelais "autor da Biblia e da Illiada dos epicuristas"; George Bernard Shaw, que "dispõe de muitas mascaras e de muitas fantasias e ninguem sabe direito quando elle está travestido ou realmente vestido á moderna, como

authentic Bernard Shaw, subdito de S. M. George V, na prosaica Inglaterra deste prosaico pedaço de seculo"; Lincoln, "mais comprido do que um sermão de "clergiman", com o seu metro e noventa de altura aos dezesseis annos, todos o julgavam, mal desbastado que era, o peor trabalho da carpintaria do pae"; Christo" e que é "reputado um dos cidadãos mais feios da Italia".

Outras figuras, luminosas ou sombrias, mas sempre heroicas, aureoladas pelo santo heroismo do pensamento perpassam neste livro, evocadas pela penna do nosso maior critico, na sua solição povoada de divinos fantasmas.

Este é, talvez, de Grieco, o livro mais alto, no sentido da "imaginação critica". Fazer de um autor um ser vivo, arrancar um defunto da sua cova bem tapada, malgrado sua vontade, apresentando tal qual foi, ou tal qual é, apesar dos seus furiosos disfarces e artificios ante a objectiva poderosa do critico, eis o segredo que nos revelam estas paginas, estas allegorias e retratos, que hoje em dia só elle traça com a sua prosa facil e cortante.

Depois de Eça, a ironia que estava como que na propria nervura do estylo, no proprio tecido espiritual da palavra, só veio renovar-se, na lingua, com o autor dos "Vivos e Mortos". E quando a ironia não é intencional, quando deixa de ser um processo scientifico de ataque ou de defesa, quando, em summa, não é mais uma arma de guerra, ella se transforma em graça — a graça da forma, a graça das idéas. E é essa graça que encontramos nas paginas dos "Estrangeiros" — aza ligeira da phrase.

Numa época em que os estylos se movem com a lentidão e a corpulencia pesada do vernaculismo, e revestidos das pesadas armaduras quinhentistas, como dizia Eça, a prosa de Agrippino Grieco é um prodigio de agilidade, de rythmo e de côr.

Nesse escriptor o que logo fascina é a esculptura da forma, essa opulencia de perdulario do ouro idiomático, elle que nada tem dos agiotas dos velhos thesouros classicos de todos os Grandets das superstições grammaticas. Artrista orgulhoso dos seus pannejamentos e tapeçarias verbaes, mostra-se elle sempre o mesmo senhor de vastos dominios intellectuaes, o sumptuoso feudal das terras do pensamento.

Nas simples paginas de um chronista, não pode caber individualidade tão grande. Caberá, quando muito, o esboço da physionomia de um titan escarnecedor e sarcástico, mas que tem escripto, igualmente, as paginas mais frementes de ternura, e de emocionante colorido sobre a biographia enigmatica e demoniaca dos artistas...

THOMAZ MURAT

(Transcripto do "O Globo" de 2 de setembro de 1935).

leiam

ESTRANGEIROS

O novo Livro

de

AGRIPPINO GRIECO

em edição de

ARIEL Editora

Da cellulose ao papel

Não é uma descripção tirada dos livros technicos que vamos dar a respeito do engenhoso processo que transforma a cellulose, contida em varias especies vegetaes, na folha de papel, de uso universal. Nem seria interessante para o leitor alinharmos aqui toda a terminologia empregada nas diversas phases da fabricação, nem estaríamos em condições, leigos que somos, de separarmos os detalhes do principal, para que melhor fosse comprehendida a nossa succinta exposição. Aliás, se não tivéssemos tido a feliz oportunidade de assistir, in loco, á manufactura do papel, em um dos muitos estabelecimentos localizados no Brasil, jámais nos haveria occorrido discurrir sobre tão complexo e attrahente ramo da industria.

Em nossa visita verificámos, de inicio, que nem toda a materia prima utilizada é de procedencia nacional. Causa estranheza, de facto, que sendo o paiz possuidor de vastas reservas florestaes, não tivesse ainda os interessados cogitado do seu aproveitamento para preparação da massa consumida aqui. Mas, allegam os entendidos, a cellulose requerida pela fabricação nacional de papel é, por enquanto, insufficiente para permittir a exploração economica das nossas madeiras. Com o custo caro dos transportes, o preço elevado da energia electrica, etc., uma installação que produzisse menos num mez do que se adquire, agora, num anno, seria irremediavel fracasso. Quando a industria brasileira do papel tiver creado o mercado necessario ao estabelecimento da que lhe deva fornecer a materia prima, então, e só então, o capital e o esforço ahi a serem empregados terão possível compensação. Até lá dependeremos, como dependem a Inglaterra, a França e tantos outros paizes, do supprimento que nos vem do norte da Europa e do Canadá.

Ainda no almoxarifado da fabrica fomos dado observar as varias qualidades de polpa que se torna preciso manter em stock para attender aos requisitos de cada typo de papel. Ellas entram em diversas proporções, em conformidade com a receita a priore estabelecida, de modo a garantir o fiel cumprimento das especificações. Mas não é menos importante, neste departamento da installação, a quantidade immensa de outros ingredientes que entram na fabricação do artigo acabado, como drogas e tintas de variada coloração, kaolin, breu, etc. A dosagem destes elementos é rigorosamente determinada, e comprovada, a cada passo, por meio de experiencias, em todo decorrer do processo.

Approximemo-nos, agora, das primeiras machinas. São pesados moinhos de pedra basaltica que trituram, durante um par de horas, as folhas de cellulose. E é de ver-se como as enormes mós dilaceram e reduzem a minusculos fragmentos as placas, de cerca de um metro quadrado, que, sob ellas, passam e repassam! Finda a operação, em baixo se amontôa o material informe, e cuja origem já é difficil reconhecer.

Em carretas, com dimensões calculadas, é então a massa (e aqui o nome se applica com propriedade) transportada para os desfibradores — vastos tanques de conformação eliptica — onde demora pelo espaço de quatro horas, em constante circulação. Um cylindro horizontal, provido de navalhas, completa o serviço dos moinhos forçando contra uma placa, igualmente guarnecida, os feixes de fibras, com o objectivo de separal-as, uma por uma. E' nestes recipientes que são adicionados, além de agua em grande quantidade (philtrada e esterilizada) os demais ingredientes que entram, necessariamente, na composição do typo de papel em fabricação. O attricto desenvolvido no processo de desfibração é de ordem tal que a temperatura da massa circulante eleva-se sensivelmente.

Dos desfibradores passa o producto das operações anteriores, por meio de conductores metallicos, aos tanques agitadores — amplos reservatorios revestidos de azulejo e equipados com pás moveiças —. Ahi, constantemente revolvida, aguarda a mistura a vez de ser encaminhada aos primeirosapparehos da machina fabricadora.

Estes são o areieiro e apuradores que livram a polpa, altamente diluida pela addição de mais agua, das particulas de substancias extranhas, de toda natureza. Nesta phase do processo a materia prima não é mais do que uma agua branca em que as fibras da cellulose, completamente desintegradas, mal se distinguem ao contacto da mão. Para quem jámais presenciou a fabricação do papel é difficil imaginar que esta massa liquida se possa transformar na folha de bloco ou carta, entregue ao consumidor. Não ha mysterio em tal metamorphose, mas é licito admirar-se alguém (e o leigo ainda mais) da harmonia e effiiciencia com que funciona aquelle conjuncto de peças que recebe, de um lado, o leite de cellulose e entrega, de outro, o producto em sua constituição definitiva, secco e prompto para as operações de acabamento.

E' a machina fabricadora. Tem, de ponta a ponta, cerca de sessenta metros, com uma largura de quasi tres. Na ampla sala que occupa, espaços são reservados, em todo o comprimento, para as innumeras transições accionadoras e para a livre passagem do pessoal que superintende a movimentação completa (e complicada) do systema. Não vale, porém, tentar descrevel-o em suas peças componentes, tal o aspecto de complexidade que assume, aos olhos do visitante, aquella agglomeração mecanica a rodar incessantemente. Acompanhemos, ao envez, a esteira branca que se desloca, e se transforma, a cada passo do caminho.

Attingindo a machina, espalha-se a massa, liquida sobre a tela da mesma, constituida esta de uma folha continua de tecido finissimo de fios de bronze, com uns 17 metros de comprimento, e esticada sobre uma série de rolos que a supportam e a fazem correr no sen-

tido longitudinal. Além deste movimento tem a tela, em sua parte inicial, um outro, vibratorio, transversal. Por meio desse ultimo, as fibras de cellulose se acamam e se entrelaçam, formando a contextura do papel, enquanto que a grande quantidade dagua que as transporta (99% e 1% de polpa) soffre sua primeira reducção. Esta é poderosamente auxiliada pelas caixas de sucção, abrangendo toda a largura da tela, e a que estão ligadas possantes bombas.

Chegada á extremidade da mesa, passa a folha sob um cylindro recoberto de feltro e ahi perde nova porção da agua. Deixando a rede metallica e estendendo-se, agora, sobre feltros transportadores, é por estes levada ás prensas que vão, em etapas successivas, retirando, sob a pressão de pesados rolos, apreciavel proporção do liquido existente.

Estas perdas repetidas não impedem, todavia, que a folha de papel deixe a parte humida da machina ainda contendo 60 a 70 % dagua. Está ella já em condições de viajar desacompanhada e percorrer uma serie de cylindros seccadores, aquecidos internamente por meio de vapor. Contra estes cylindros é o papel forçado por outra qualidade de feltros que ajudam a absorver parte da humidade. Terminado este trajecto a quente, passa, ainda, a folha entre os rolos de uma pequena calandra ou assetinadeira que lhe dá o acabamento superficial. E' então, enrolada em bobinas que attingem a um diametro de 50 centimetros, mais ou menos.

Está feito o papel, mas ainda ha operações complementares por que tem de passar. Se se destina á impressão, volta a percorrer os rolos de uma segunda calandra auxiliar, muito maior que a primeira, e onde adquire o brilho caracteristico dos papeis assetinados. Os de escrever estão, porém, dispensados deste beneficiamento.

A folha continua, que constitue as bobinas, retirada da machina ou da calandra, é agora, desenrolada e cortada nas dimensões especificadas pelo consumidor. Um aparelho engenhoso desempenha esta função com presteza e precisão admiraveis, pelo menos aos olhos do leigo. Já se não póde, porém, dizer o mesmo com referencia ao processo que segue — a escolha e contagem das folhas. Estas são feitas por mulheres operarias que, embora eximias no seu officio, não podem produzir um trabalho que dispense successivas verificações. Não são machinas...

Embalado, primeiro em papel grosso, e depois entre tampos de madeira, acha-se, finalmente, o producto prompto para despacho. Leva-o até a estação o trem da propria fabrica, e dahi ganha elle o mundo, passando de mão em mão e prestando-se ás mais variadas applicações.

Que é feito de madeira todos o sabem. Mas, de que, entre a placa de cellulose, que muitos conhecem, e a folha do artigo, que todos usamos, medeiam pacientes e delicadas operações, poucos se dão conta.

(A pedido)

M E M E N T O B I B L I O G R A P H I C O

O BOLETIM DE ARIEL, pede aos Srs. editores ou auto-res que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

Augusto de Saint-Hilaire — **Vlágem ao Rio Grande do Sul** — Trad. de Leonam de Azeredo Pena — Ariel, Editora Ltd. — Rio de Janeiro.

Reinaldo Moura — **A Ronda dos Anjos Sensuaes** — Edições Columbia — Porto Alegre.

Ribeiro Couto — **Chão de França** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Gustavo Barroso — **Historia Militar do Brasil** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Hermes Lima — **Problemas de Nosso Tempo** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Ten. Cel. Nery da Fonseca — **Fronteiras do Sector Sul** — 1.º vol. — Ed. Cruzeiro do Sul — Rio.

Djalma Tavares da Cunha Mello — **Iniciação Judiciária** — Edições Mozart — Recife.

Yára do Rio — **A Presença Invisível** — (Contos) — Alba — Rio.

Peregrino Junior — **Sciatica** — (Conceito actual, dignóstico, pathologia, tratamento) — Edição Flores & Mano — Rio.

Luiz Guimarães Filho — **Samurais e Mandarins** — 12.º milheiro — Livr. Francisco Alves. — Rio.

Edgard Liger-Belair — **Fables** — Livre Premier — Rio.

Edgard Rice Burroughs — **Tarzan e o Leão de Ouro** — 2 volumes — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Urbino Vianna — **Bandeirantes e Sertanistas Bahianos** — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Bastoso de Avilla — **Questões de Anthropologia Brasileira** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Lyder Sagen — **Dinamarca** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Elinor Glyn — **Por Que?** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Charlotte M. Brame — **Louco Amor** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Elinor Glyn — **O Grande Momento** — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Louisa May Alcott — **Boas Esposas** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Marie Fargues — **A Verdade** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Marie Fargues — **A Vida** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Victor Hugo — **O Homem que Ri** — 2 vols. — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

W. R. Burnett — **O Pequeno Cesar** — Trad. de Monteiro Lobato — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Itala Gomes Vaz de Carvalho — **Vida de Carlos Gomes** — "Noite" Editora — Rio.

Estava faltando ás nossas letras historicas uma biographia do maior dos musicos brasileiros. Biographia completa, com todos os documentos graphics e detalhes intimos, como nola apresenta agora a filha do glorioso autor do "Guarany". Ninguém evidentemente em melhores condições para nos fazer vêr, na sua carreira de artista ou na simplicidade e generosidade da sua vida intima, aquelle que levou aos palcos europeus o rumor das nossas selvas e as vibrantes paixões dos nossos selvagens de pelle negra ou dourada.

C. M. Brame — **Louco Amor** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

E' mais um numero de sensação na Bibliotheca das Moças da Companhia Editora Nacional. Novella arminhada de fina galanteria, exactamente como o **Porque?** de Elynor Glyn, traduzido não ha muito pelo contista Paulo de Freitas, e as **Boas Esposas**, da adoravel L. M. Alcott, que vêm de ser apresentadas ás adolescentes sentimentaes do Brasil por esse escriptor de soberbo estylo que é o sr. Genolino Amado.

Padre Ignacio Puig — **Historia Natural** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Em traducção do sr. Alvaro Magalhães, vae circular agora entre os estudantes brasileiros o excellente manual de um sacerdote que desfructa de tão dignificante notoriedade noso circulos educacionais da Europa. E' trabalho perfeitamente adequado aos nossos programas de ensino e a versão, em muitos sitios, equivale a uma feliz adaptação aos phenomenos naturaes do Brasil.

E. R. Burroughs — **Tarzan e o Leão de Ouro** — Cia Editora Nacional — São Paulo.

São dois volumes, bellamente traduzidos pelo notavel publicista Azevedo Amaral, em que se renovam e alongam as façanhas do heróe selvagem que já se incorporou com tanta força á retentiva dos leitores jovens de todo o mundo. Caso curioso: sóbem agora a' dezenas os volumes em que são evocados os feitos desse inglez perdido em selvas africanas e, emtanto, consegue o autor rejuvenescer sempre o interesse do thema, sem dar somno aos clientes da sua litteratura e sem resvalar nunca para a mediocridade em que tão facilmente se afundam os fabricantes de livros em série.

Moacir Andrade — **Republica Decroly** — Edições Pindorama — Bello Horizonte.

Louvem-se duas cousas no romance de estréia do sr. Moacir Andrade: o estylo sobrio, sem palavreado rhetorico, que o filia á boa estirpe dos Godofredo Rangel e dos Léo Vaz, e a novidade de pôr em scena aspectos da vida pedagogica da provincia, até agora inexplorados por outros novellistas do paiz. A "republica" Decroly é uma republica de mulheres, e de mulheres que estudam, isto numa cidade do interior. Sem lances atordoantes, sem immoderados conflictos de caracteres, o autor, que é irmão do grande poeta Djalma Andrade e escreve chronicas deliciosas num diario de Bello Horizonte, offerece-nos um romance que quasi não chega a ser romance, pela ausencia de trama e de peripécias, pelo delato apenas de um facto de noticiario. Poucos adjectivos e nenhum vocabulo archaico que nos obrigue a retroceder dois seculos numa consulta ao dictionario. Narrador discreto, simples e humano como a propria vida,

o sr. Moacir Andrade não pôde, não deve ficar neste volume de estréia e a esta hora já deve estar empenhado num segunda que ainda melhor lhe exprima e defina a invulgar personalidade de escriptor.

De Paranhos Antunes — **Antonio Vicente da Fontoura** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Ahi está uma util monographia sobre aquelle que foi criteriosamente chamado de "Embaixador dos Farrapos". Com effeito, enquanto outros procuravam impor-se pelo furor das armas ou pelas machinações politicas em que a vaidade pessoal se sobrepunha ao bem commum, Antonio Vicente da Fontoura, diplomata por dom innato, procurava resolver as contendas partidarias através de uma engenhosa argumentação de approximador de brsileiros conturbados. E' personalidade das mais curiosas, pela finura enleante com que falava a creaturas colericas, havendo nelle o sorriso de quem houvesse frequentado chancellarias de velhos paizes europeus.

Publicações do Archivo Nacional

Valiosa contribuição para o esclarecimento da lucta dos Farroupilhas, de tão palpitante actualidade na comemoração civica em que se unem agora brasileiros de todos os matizes. Este volume, o terceiro de uma série dirigida pelo nosso eminente collaborador Alcides Bezerra, traz aos turistas do nosso passado um punhado de papeis utilissimos, sejam copias de documentos de difficil accesso, sejam monographias originaes de brilhantes historiadores como o sr. Aurelio Porto.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

"JUBIABÁ"

Afinal, Jorge Amado cumpriu a promessa do *Paiz do Carnaval* e nos deu um romance de verdade. Um romance onde a classe não absorveu a humanidade, onde o homem, trabalhando numa estiva ou num escriptorio, morando num casebre ou num palacete, é sempre um homem, e não um operario ou um patrão. Essa importancia da pessoa humana é um elemento novo na obra de Jorge Amado. O elemento que lhe faltava, que impedia a completa expansão da sua grande força creadora, e que veio animar com um sôpro de vida as suas personagens. Fel-as tão reaes, tão livres, que ellas parecem ir mais longe do que a intenção do autor. Porque, uma vez ou outra, sobretudo na parte final, Jorge Amado tenta dirigir as suas creaturas, lembra-se de que foram feitas para lhe illustrarem as ideias. Mas ellas rompem o circulo em que as procura pôr, e vivem plenamente.

Antonio Balduino, com a sua alma indomavel de aventureiro, não pode ser um proletario typico, á russa, nem á brasileira. É um homem. Embora não existissem luctas de classe nem reivindicações sociaes, elle seria um descontente, um insubmisso. Muito antes de se integrar no proletariado, de achar um motivo plausivel para canalizar os seus impulsos revoltosos, elle era um revoltado. Desde os dias da sua infancia solta no morro, a ordem estabelecida lhe repugna. Não quer ser escravo, explica o autor, não quer carregar saccos ou ser criado de gente rica. Mas se houvesse nascido burguez, refugaria do mesmo modo ante a mesmice de uma repartição publica ou a quotidiana disciplina das chamadas profissões liberaes. Em toda a parte, veria a servidão, a obrigação de se submeter, que é a sina da maioria dos homens.

O negro Baldo nasceu com alma de heroe, de heroe no sentido medieval, e por isso compõe sambas como os trovadores faziam as suas trovas,

lucta no ring pelo prazer de luctar, como os antigos cavalleiros, e como elles tem a sua dama longinqua, a ruiva e sardenta Lindinalva.

Aliás, em todo o livro ha um ambiente romantico de poema epico, um poema condicionado pela miseria que é o grande inimigo dos modernos don-quichottes. Os sonhadores de hoje, com a sua idolatria da vida, situaram na terra o seu paraíso. O reino da utopia se deslocou para o plano material, numa negação tacita dos valores espirituaes. Negação apenas da sua força como motivos de agir e não como meios de acção, pois as correntes revolucionarias só podem subsistir graças ao seu idealismo. Ha assim uma contradicção interessantissima entre a theoria e a pratica dos extremistas — a segunda negando de algum modo a primeira, lançando mão do que ella condemna.

Quando, no final do livro, Antonio Balduino, sente que a verdadeira liberdade está em obedecer a uma regra mais alta, em se sacrificar, em soffrear os seus instinctos para levar avante uma ideia de justiça, dá vontade de dizer ao negro que está sendo christão sem o saber — tão christão quanto o Gordo, o pobre sonhador de bom coração que enlouqueceu no meio da greve procurando Deus.

A figura desse Gordo, talvez poetizada demais, é ainda assim cheia de força vital, como todos os typos desse livro onde apparece tanta gente, e todos vivem de vida propria. Cada um tem a sua physionomia, o seu traço inconfundivel, mas todos possuem uma qualidade em commum, uma exaltação de vida que resôa profundamente na athmosphera densa e oleosa do romance. Athmosphera carregada de paixões, de corpos sujos e soffredores, de almas inquietas, mas arejada pela inconsciencia com que toda essa gente gosa ao sabor dos instinctos ou geme sob o açoite da dor. São

A Divulgação Científica

Nada é mais difficil do que ser facil. Dahi a rareza dos grandes divulgadores scientificos. Porque divulgar conhecimentos exige qualidades raras e especificas.

E' preciso primeiro conhecer a fundo o assumpto, a fundo e a claro. Depois é necessario ser capaz de destacar do conjuncto os pontos essenciaes e os accessorios. Por fim, poder reduzir a eschema exacto, sem deformação qualquer, a essencia do que se divulga.

A vida de hoje, imbebida de sciencia e technica, o que já é truismo, impõe a divulgação das acquisições scientificas, não só das applicações, como ainda dos seus principios e leis basicas e das novas conquistas que felizmente se geram nos laboratorios.

Por isso, por toda a parte, surgem as colleções populares, as encyclopedias, as revistas admiraveis que a curiosidade insatisfeita de grande publico consegue alimentar, as secções dos grandes jornaes.

Basta um exemplo. Quem acompanha o Supplemento de domingo de *New York Times*, na chronica clara, precisa, actual de Waldemar Kempffert, o director do admiravel Museu de Sciencias e Industria de Chicago que a curiosidade de uma creança privilegiada deu á grande cidade,

infelizes que ignoram a propria infelicidade — e por isso são muito mais commovedores.

Livro sem raciocinio — a não ser o do autor que de vez em quando não se contem e pede a palavra para uma explicacãozinha — livro de instincto e de sensibilidade, *Jubiabá* é por isso mesmo profundamente humano. E, embora esteia talvez todo num tom um pouco acima da vida quotidiana, tem um pungente accento de realidade, que lhe obscurece os defeitos. Porque *Jubiabá* é um grande romance, grande pela belleza, grande pela emoção que desperta, mas não é um livro perfeito.

Ha ainda nelle, embora muito attenuada, a antiga tendencia do autor em apoiar excessivamente nos aspectos deprimentes da miseria. Ha scenas estylizadas, contrastando com o realismo cru de outras. Ha situações forçadas, como a desgraça de Lindinalva e o seu encontro com Balduino no leito de morte. Ha descuidos que saltam aos olhos, como o caso da velha Luiza que, numa pagina "contava ou lia historias em versos", e na pagina seguinte "não sabia ler"...

Mas, com tudo isso, é um livro pujante, cheio de movimento, de ternura e de poesia.

Um livro de onde se desprende como que um resfolegar de peitos vivos, onde se sente o calor humido do contacto humano.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

como replica do de Munich, fico ao par desta sciencia viva que se elabora pelo mundo inteiro.

Como prova de que o genero é difficil ha o numero restricto dos grandes divulgadores, escassos em toda a parte.

Julio Verne, o vidente de tanta descoberta scientifica e que ensinou mais geographia do que a maioria dos malfadados compendios, ficou autor singular, sem predecessores e sem successores.

E' raro que homens de sciencia, que pesquisam e buscam a verdade frente a frente, sejam do mesmo passo divulgadores. Ou porque lhes escasseie o tempo ou porque a clareza de sua visão propria dispense outras expressões para o seu pensamento, o certo é que muito poucos conseguem clarear a sua palavra ao entendimento do grande publico.

Em França, em que a clareza é uma propriedade especifica, encontram-se muitas vezes sabios desse typo.

Ha um livro para a juventude — *Au seuil de la Vie* -- onde o capitulo "Ce que disent les choses", admiraveis paginas de sciencia, fresca, luminosa, exacta, são da penna de... Henri Poincaré, Remy Perrier e P. Painlevé... Entre nós haverá muitos nomes além de Roquette Pinto, que têm o gosto da redução das noções "a Trocos meúdos". Os livros de vulgarização são hoje abundantes. Nesta mesma França sobreleva pela originalidade dos eschemas graphics ou escriptos, pela actualidade sempre quente das noções, pela clareza e exactidão dos assumptos. Marcell Boll, que em uma meia duzia de livros põe toda a gente ao corrente das mais difficeis noções desta micro e macrophysica invisivel e imperceptivel.

A grande encyclopedia *La Sciencia au XX siècle*, não ha muito publicada, representa, bem pela belleza da typographia e pela maravilha dos conhecimentos de sciencia pura e applicada, um monumento digno do nosso tempo.

Divulgar é uma necessidade de nossa epoca, em que o direito das massas vae deixando de ser um favor...

Mas divulgar é difficil.

E nada é mais difficil do que ser facil...

FRANCISCO VENANCIO FILHO

— O conde Carton de Wiart, que esteve no Brasil e nos distinguiu com referencias amaveis, consagra muitas paginas a Marguerite d'Autriche. Trata-se de uma princeza belga do tempo da Renascença, inspiradora de inumeros trabalhos destinados a acompanhar a vida e a influencia da creatura que foi rainha de dois grandes povos e duqueza e governanta de duas regiões bastante estimaveis. E é curioso observar como soube essa fidalga conduzir-se na austera corte espanhola, depois de haver reinado em terras joviaes da França, e como soube respirar entre hollandezes puritanos depois de mover-se nas altitudes floridas da Saboia.

Marconi e o Clericalismo

O tambor clerical rufou á chegada de Marconi. Reverenciemos o sabio-catholico-apostolico-romano que acaba de receber, segundo leio na imprensa bem pensante, as homenagens da intellectualidade brasileira da metropole inclusive a Favella. Amen!

Não sei si Marconi alardeia essa catholicidade que lhe attribuem não sem alguma impertinencia e evidentemente com fins de propaganda os conformistas do clericalismo indigena. Mas esse homemzinho terrível que parece zombar das leis divinas e se balouça nas ondas magneticas como num trapezio sempre me pareceu extranhamente aparentado na familia dos hereticos que a Igreja costuma mandar de carocha á banda para as fogueiras do santo Officio. Por muito menos Benjamin Franklin — por uma simples brincadeira de pára-raios — foi accusado de profanação e invasão do dominio espiritual. Sem fallar no nosso Bartholomeu de Gusmão, que com aquelle seu “instrumento de andar pelo ar” andou beirando o brazeiro de Torquemada. E’ que a sciencia foi sempre uma arma abominavel e sacrilega nas mãos dos homens.

Más — para fallar serio em assumpto que demanda seriedade — é forçoso convir que o testemunho de Marconi no dominio espiritual, admittida a catholicidade orthodoxa do grande bruxo da radioelectricidade, é realmente de muito pouco peso confrontado com a autoridade de cientistas europeus especializados, psychologos, mathematicos, sociologos, biologistas, que em sua grande maioria são hoje francamente emancipados de crenças inverificaveis.

Mesmo sem sahir da nossa America — a America para os americanos, cáspite! — sirva-me de prova o inquerito feito nos Estados Unidos pelo professor James H. Leuba, do Bryn Mawr College, e que vem publicado na

sua *Psychologia do Mysticismo*. A conclusão desse inquerito, em que pese aos jovens catechumenos do neo-thomismo local, é que os representantes norte-americanos da vida intellectual são tanto mais incréus quanto mais eminentes na sua especialidade e quanto mais intimamente relacionadas com o homem as suas pesquisas. A proporção dos cientistas atheus nos Estados Unidos oscilla, segundo as conclusões do inquerito, entre 50 % para os physicos de 2ª. ordem e 90 % para os psychologos de 1º. plano. E isto, note-se, num paiz onde a demagogia religiosa impera, (segundo poudé verificar o publicista francez André Siegfried), como no Brasil, e onde o estimavel John Thomas Scopes, professor de biologia da Rhea County High School de Dayton, é perseguido e condemnado estupidamente por ter exposto da cathedra a doutrina evolucionista, que contraria a fabula da criação divina do homem tal qual vem narrada na santa Biblia (1).

Creio que não póde haver testemunho mais decisivo.

A BIOGRAPHIA

Plutarcho é sempre o grande livro e a biblia universal de todos os tempos e de todas as idades. Nada para educar os homens como o exemplo. Nada para suscitar o entusiasmo fecundo e a emulação como a narrativa de obras excellentes e de virtudes singulares. Por isso os gregos, que produziram os mais perfectos exemplares de humanidade cultivaram assiduamente e com arte inimitavel a Biographia. A mais remota epigraphia grega, uma boa parte dos epigrammas da anthologia, e sem duvida dos mais formosos, são eminentemente biographicos.

Povo deslembrado dos seus grandes homens, povo gasto e desfibrado. Povo fadado a consumir-se naquella apagada e vil tristeza de que falla o poeta.

(1) André Siegfried — Les Etats Unis d'aujourd'hui.

Na base de toda educação moral deve estar a Biographia — sciencia da formação do caracter — e é lastima que seja tão pouco praticada no Brasil, onde se despresa o bom exemplo dos grandes homens ou, mais propriamente, o pessimo dos pequenos parece mais digno de ser seguido que o optimo dos grandes.

Mas a decadencia da Biographia é talvez um phenomeno de ordem geral não adstricto apenas ao Brasil, e provavelmente um signal dos tempos. Lembrese a proposito que o apparente renascimento que se manifestou estes ultimos annos na Europa em materia de litteratura biographica não produziu sinão essa especie de arremedo grosseiro, que é por assim dizer a caricatura do genero, e a que se convencionou chamar muito significativamente numa época de contrafacções e succedaneos “biographia romanceada”.

ALBERTO RAMOS

Nobrega de Siqueira — Copacabana — Rio.

O sr. Nobrega de Siqueira, que já se distinguui como historiador ironico da navegação do “Almirante Jaceguay” ao norte do paiz, apparece-nos agora plenamente como poeta de feição modernista. Amigo do mar, do selvagem mar alto e tambem das praias civilizadas em que se faz marinhismo elegante, esse autor paulista celebra a nossa Copacabana, mas, apesar de sinceramente amoroso deste adoravel recanto, não o faz sem a infiltração de um filete de bom humor, de ligeiro sarcasmo. Seu espirito está presente mesmo nas effusões de extrema ternura. E’ um homem attento que sabe dissecar — perigoso dualismo — as proprias emoções que o apaixonam.

LIVROS AMERICANOS

ASSIGNATURAS

Francisco Silva Jr.

43-09 47th Avenue, L. I. C.

NEW YORK

UM DISCIPULO DE DURKHEIM

Ninguém poderá dizer que a sociologia seja uma sciencia querida dos brasileiros.

Nos tempos do Imperio, o sr. D. Pedro II, apesar de andar sempre attento aos progressos scientificos da Europa, parece que não chegou a ter della cabal noticia. Pelo menos nunca mandou incluil-a nos programmas de ensino das nossas faculdades. E entretanto, antes de 1880, já se agitavam por aqui, chefiados por Teixeira Mendes e Miguel Lemos, alguns adeptos de Augusto Comte. O segundo desses propagandistas da philosophia comteana chegou mesmo a publicar em francez, no centenario da morte de Camões, um livro em que analysava a historia de Portugal á luz do comtismo.

E' certo que Tobias Barreto, o arrojado *as* da escola do Recife, não acreditava na possibilidade da sociologia como sciencia, mas em compensação outros combatentes da mesma phalange, como Sylvio Romero e José Hygino, acceitavam abertamente as concepções sociologicas de Spencer e Lctourneau. E até a famosa *lei dos tres estados* serviu de thema a sonoros alexandrinos de um poeta da escola que se dizia scientificista.

Feita a republica, a influencia dos militares positivistas que derrubaram o throno poz em moda a sociologia — a sociologia comteana, já se vê. Incluída no *curriculum* de estudos da Escola Normal e do Gymnasio Nacional, foi ainda a sociologia de Comte, ou melhor, a sua derivada, a politica positiva, que forneceu o *Ordem e Progresso* da nossa bandeira, e que inspirou os moldes da constituição do Rio Grande do Sul.

Traçando nessa época a biographia de Benjamin Constant, applicou Teixeira Mendes os principios da sociologia comtista á historia do segundo reinado e atacou rudemente a politica imperial no Prata.

Assumindo feições de indisfarçavel sectarismo, pois a sociologia de Comte é, como se sabe, o fundamento de uma religião, saiu a combater a Sylvio Romero em um livro vibrante — *Doutrina contra Doutrina*. Isso coincidiu com o declinio do prestigio politico dos militares, declinio que a morte de Floriano Peixoto veio accentuar.

Retomando o poder os *casacas*, representantes das forças economicas dos grandes estados, foi o positivismo, como philosophia e como religião, retrahindo-se, recuando, perdendo terreno. Abrigado na igreja da rua Benjamin Constant e nas columnas do *Jornal do Commercio*, onde Teixeira Mendes estampava aos domingos demoradas fallas a um publico restricto, o positivismo agonisante ainda teve entretanto, um momento de acção politica por occasião dos motins da vaccina obrigatoria.

Por sua vez a sociologia scientifica, riscada dos programmas de ensino secundario official,

ia refugiar-se nas faculdades juridicas, onde os professores de philosophia do direito sempre lhe dedicavam uma ou duas lições.

Até Sylvio Romero, que foi talvez o primeiro entre nós a admittir o character scientifico da sociologia, autor de um apreciavel ensaio sobre *As creações fundamentaes da humanidade*, começará a involuir. Ao passo que na Europa e nos Estados Unidos, a sociologia avançava, aproveitando os pogressos da ethnographia e extrahindo do conhecimento da vda social de povos de varias culturas, material para novas induções e mais seguras directrizes, o notavel critico se voltava com Le Play para o estudo do viver domestico das familias christans, e com Vacher de Lapouge, de Gobineau e Edmond Demolins para a admiração embasbacada dos povos anglo-saxões.

Dos discipulos de Sylvio Romero na sua phase retrograda houve, porém, um que sobressaiu, conseguindo mesmo manter até época recente uma especie de monopolio da sociologia. Refiro-me a Oliveira Vianna, o prestimoso autor de varias obras de historia social em que, mau grado a deficiencia da intuição sociologica e anthropologica, se enfeixam observações de innegavel valor.

O certo é que até dois ou tres annos atrás, quando por acaso se fallava de sociologia, o nome que immediatamente occorria era o de Oliveira Vianna. As sociologias de Alberto Torres e do dr. Pontes de Miranda guardaram sempre um certo ar de discreto esoterismo, que só a raros iniciados é dado comprehender.

Nos dias que correm, porém, voltou a sociologia, *besser spat als gar nie* — a occupar um logarzinho na vida mental dos estudantes brasileiros.

Dentre os novos cultores que esse renascimento da sociologia vem pondo em voga entre nós, destaca-se o professor Miranda Reis como um dos melhor informados, dos mais criteiosos, dos mais seguros.

Com effeito, o seu *Ensaio de Synthese Sociologica*, recém-saído dos prelos da editora Ariel, contém um lucido panorama do estado actual da sociologia franceza.

A sociologia não tem ainda, como a mathematica, a felicidade de poder prescindir de um epitheto que a qualifique. Sciencia novissima, empenhada em observar, classificar e induzir leis de factos complexos como são os da vida das sociedades humanas, a disciplina baptisada por Augusto Comte tem sido encarada de varios pontos de vista que formam outras tantas escolas sociologicas. Assim, dizendo eu que o livro do professor Miranda Reis resume esplendidamente a *sociologia franceza*, ha de entender-se que me refiro á escola sociologica fundada por Emilio Durkheim e continuada por uma pleiade de bri-

lhantes discipulos. Sociologia franceza vem a ser, portanto, synonymo de sociologia durkheimiana.

E' sabido que um dos impecilhos com que lutou durante largos annos a sociologia foi a difficuldade de definir com precisão e clareza justamente o seu objecto. Em primeiro lugar existiam já varias sciencias particulares que tinham por escopo a investigação de certos phenomenos sociaes. O direito e a economia politica, por exemplo. Em segundo lugar, sendo as sociedades humanas compostas de individuos que pensam, sentem e agem, pareceria ao primeiro exame que a vida social deveria ser uma somma do pensamento, da vontade, do sentimento individuaes. Por outras palavras, a sociologia deveria ser uma resulante da psychologia individual, como aliás pretendiam os *psychologistas*.

Foi justamente esse segundo obstaculo, sem duvida o mais difficil, que os *sociologistas* conseguiram transpôr, mediante o isolamento, se assim posso exprimir-me, e a especificação do phenomeno social. Além disso, inverteram ainda os *sociologistas* os termos da questão entre o individual e o social: não é a psychologia do individuo que explica a vida da sociedade, mas o meio social que deve explicar a psychologia do individuo.

Ainda não faz muitos dias repetia entre nós e o professor Henri Wallon, numa das suas sabias conferencias da Escola de Bellas-Artes, que os testes de Binet, destinado a avaliar a intelligencia global, variavam de resultados conforme os lugares onde eram empregados. D'onde se conclue que a intelligencia é em parte funcção do meio social.

Para caracterizar a sociologia durkheimiana ou franceza não bastaria contudo assignalar-lhe a feição sociologistica. Sociologistico é igualmente o marxismo, posto que se esteie no apriorismo dialectico de Hegel. Pitirin Sorokin, por exemplo, estuda num mesmo capitulo Durkheim e Marx.

O que, porém, recommenda principalmente a sociologia durkheimiana são as suas conclusões acceca da genese de algumas instituições sociaes: a familia, a religião, a moral. Taes conclusões induziu-as Durkheim de factos colhidos pela ethnographia, sobretudo dos phenomenos totemicos. O totemismo constitue, de facto, como ainda agora lembrou C. Bonglé no *Bilan de la sociologie française contemporaine* "o centro e como o eixo da sua sociologia".

Ha, todavia, um traço infeliz, mas de não pequeno relevo, na sociologia durkheimiana, o qual a distingue essencialmente do sociologismo marxista. E' a tendencia para condicionar todos os phenomenos sociaes ao phenomeno moral, e não ao phenomeno economico, como pretendem os marxistas.

Ora, para a sociologia rigorosamente objectiva não será isso um formidavel *palpite*?

O meu caro Miranda Reis, cuja autonomia

mental e cujo espirito de objectividade não raro nas paginas do *Ensaio de Synthese* repontam, deixa-se também ás vezes seduzir por *Sociologica* aquella tendencia. Assim é que, num desses momentos de subjectivismo, e pela sympathia guiado durkheimiana pelo *primado da moral*, chega ao ponto de negar a preponderancia dos factores economicos na revolução franceza e na revolução ingleza.

O bisonho estudante de sociologia que rabisca estas linhas preferia que o talentoso representante da *sociologia franceza*, que é Miranda Reis, mantivesse sempre a attitude aconselhada por elle proprio nestes conceitos:

"Toda formula unilateral, isto é, que pretenda attribuir a certa ordem de factos o fundamento e a causa dos demais é uma hypothese anti-scientifica e define mais e melhor o sujeito do que o objecto, o proprio autor do que o facto. E' o caso de todos os unilateralismos; o geographico, como o de Ratzel; o sexual, como o de Freud; o intellectual, como o de Comte; o racial, como o de Glumpovicz; o religioso, como o de Fustel de Coulanges; e é subretudo o caso do materialismo historico enfeixado na formula "o modo de producção da vida material determina geralmente a marcha da evolução social".

Perfeitamente de accordo, sobretudo se se incluir na lista o unilateralismo moral de Durkheim...

Como se vê, no estado actual da sociologia, até os seus cultores de maior honestidade mental, como o professor Miranda Reis, resvalam por vezes para o terreno das impressões pessoas. mas isso não impede que o *Ensaio de Synthese Sociologica* seja, pela clareza didactica com que foi escripto e pela boa parte de sciencia objectiva que contém, um dos mais significativos productos da nova phase dos estudos sociologicos no Brasil.

SAUL BORGES CARNEIRO

Ramon J. Carcano — Juan Facundo Quiroga — Livraria José Olympio — Rio.

Estudar-se a vida de Juan Facundo Quiroga não é apenas biographar uma impressionante figura de guerreiro, é lançar-se a pathologia de todo um mal que longo tempo atormentou as populações da America do Sul: o mal do caudilhismo. Nenhum outro arrastador de soldados reuniu em si tantas qualidades de chefe truculento e manhoso como aquelle que inspirara as paginas immortaes de Sarmiento e inspira agora as paginas perfectas e probas do diplomata Carcano. E já é tempo de accentuar que o escriptor vivo não se deslustra em confronto com o escriptor morto. Só o retomar um thema que suscitara o maior talvez dos livros sul-americanos era tarefa inquietante. Mas o embaixador argentino no Brasil, sem querer provocar parallelos com o seu glorioso antecessor, deu ao phenomeno historico de que Facundo é a encarnação uma interpretação toda sua. Resultado: o livro de Ramon J. Carcano não é só um novo livro mas também um livro novo sobre o caudilho que ainda hoje as populações rusticas do Prata evocam como uma entidade legendaria, prestes a reaparecer entre ellas, no desfile das carretas ou junto ao fogão dos acampamentos.

NOTAS SOBRE O SENTIDO DA ARTE MODERNA

A psychologia da arte moderna corre paralela á psychologia do sonho. O artista dá plena expansão á sua sensibilidade, valendo-se da liberdade plastica, fugindo á censura formal do objectivo; como no sonho a imaginação cria as coisas mais phantasticas para satisfazer seus caprichos e desejos, fóra da censura da consciencia. E' o mesmo processo de expansão. E ninguém pode negar que o sonho existe, é uma bella coisa, é uma realidade de phenomenos como qualquer outra, objecto das pesquisas da sciencia. Freud rehabilitou o subjectivo não-consciente, no campo da psychologia; a arte moderna explorou o subjectivo como fonte de emoção, no campo da esthetica. A psychoanalyse se descobriu um novo mundo, mais complexo e mysterioso, aos olhos dos psychologos; a arte moderna revelou um novo mundo, de emoções mais subteis, de sensações mais indefiniveis, aos olhos dos artistas. Na sciencia, foi uma revolução que transtornou a tranquillidade rotineira dos racionalistas e formalistas das pavorosas "faculdades da alma", acostumados a acreditar no dogma da razão e na philosophia do conhecimento dogmatico, typo Aristoteles. A preguiça, os habitos mentaes inveterados não quizeram se conformar em pôr duvida sobre a magestade exclusivista da consciencia, do mundo-percepção. Ainda estavam impregnados de verdades definitivas e eternas. Não quizeram comprehender que uma tal revolução nos quadros da psychologia, lançando-lhe uma forte aragem de "humanidade", fendendo a crosta formalista e intellectualista, estava de accordo com o sentido philosophico geral do espirito do tempo: menos formal, menos dialectico, menos objectivo-dogmatico, e mais humano, mais simples, mais livre, mais intuicionista. A arte moderna acompanhou o sentido do espirito do tempo. Aboliu a estagnação objectiva e formalista

das* fórmulas em si, fez-se mais livre, mais humana, attrahindo o centro da arte para o intimo do homem; fez-se menos arte de fórmulas e mais arte de emoções, invertendo a taboa dos velhos valores; não mais a emoção para a fórmula, porém a fórmula para a emoção. Esta ultima, nos quadros do "bemfeitinho" formalista, perdia a vida, paralytava-se, tornava-se estaticamente inanimada, especie de natureza-morta, em summa perdia o dynamismo de sua vitalidade selvagem e livre. Era preciso deformar a plastica, fazel-a mais amoldavel aos caprichos psychologicos, tirando-lhe a crosta ossea do objectivismo duro e parado, para fazel-a mais systema nervoso em emotividade, em movimentação viva; realizar uma plastica menos photographica, pela razão muito simples e decisiva que é impossivel photographar emoções de homens, e muito menos de homens superiormente differentes. O symbolo tinha que surgir, a pintura allegorica, a metaphora plastica, as fórmulas soltas, tudo isto como recurso contra a defficiencia da expressão formal, e mesmo mais subjectivamente verdadeiro, por isso que na sensibilidade individual as coisas e impressões nada têm do arrumadinho objectivo: sua encenação subjectiva é mais ou menos phantastica, sem o mais leve matiz de disciplina militar, e muito menos com posição de sentido... A realidade intima das impressões e emoções em verdade é bem mais approximada das ultra-estheticas extravagancias e deformidades que caracterizam o sonho. De modo que pretender arrancar-a do seu estado natural para ageital-a num objectivo militar, é simplesmente matar-a. Sendo assim, a questão não foi mais "retratar" a realidade intima em termos de photographia (o impossivel); o écho subjectivo das coisas estheticamente "capazes", nas sensibilidades capazes; foi *suggerir* na alma do contemplador o som

estheticamente harmonico da alma do creador. A *plastica*, na arte moderna, é portanto um meio, um encaminhamento, para a reacção emotiva. Elle não contém em si mesma a emoção, suggere, procura despertar na alma do espectador, fazer que elle viva em si, por uma "recreação", a mesma emoção do artista, e não simplesmente limitar-se a procurar encanto no aspecto formal da obra: é preciso que o espectador seja tambem artista, possua, elle tambem, um intenso poder de criação. Para sentir mais o artista do que a obra; o que elle sentiu e quiz dizer e não o que transparece immediatamente do formal; mais atravez da obra do que na obra. E não fica atordoado diante dos inevitaveis, e sobretudo estheticamente louvaveis e necessarios, subentendidos; como diante de pretensos hieroglyphos plasticos a que se reduziria o jogo symbolico, em sua incomprehensão. A pintura moderna, por exemplo, deve ser entendida como uma linguagem de estados intimos. E' dar-lhe um sentido litterario, não ha duvida. Mas é ingenuidade pretender o contrario. A pintura deve se orientar num sentido mais humano, mais verdadeiro psychologicamente, espiritualizando-se, "intellectualizando-se"; fugindo á estreiteza sem alma do objectivismo photographico (este devendo, no maximo, ser considerado um "genero" de pintura, e não do mais elevado e amplo). Uma linguagem. A musica tambem é linguagem. Ambas o são: linguagens no sentido, como na propria origem. Litteratura, usando embora de recursos differentes de expressão. Pois na litteratura propriamente dita ("contar uma historia..."), o seu meio de expressão, a escripta, não teve origem na pintura, como prova a philosophia da linguagem, a psychologia dos hieroglyphos? Portanto, o sentido da pintura moderna, que pode ser condemnado, como "littera-

ria" (eu já passei pessoalmente por esta "condemnação"...) não é mais do que a integração da arte na sua verdadeira natureza psychologica, no sentido humano de sua origem, como esclarece a philosophia esthetica, com os dados de psychologia e linguistica. A arte moderna é portanto, e acima de tudo, uma linguagem: contém uma intenção, um estado, que procura comunicar-se por ella.

A psychologia diz que a idéa se transmite com a palavra. Mas esta é apenas um meio de despertar ou crear no que a ouve um estado semelhante ao do que a proferiu. E' assim que se deve entender a "verdadeira" arte moderna. E' preciso que o espectador tenha, elle tambem, um intenso poder de criação; possua um notavel senso de psychologia artistica, para surpreender os subentendidos e as intenções do creador. Eis como a arma moderna está altamente intellectualizada, espiritualizada, e, por isso, aristocratizada, no bom sentido do termo. Nella, a emoção esthetica perfeita tem que ser privilegio de espiritos de elite, dotados de um apuramento muito subtil da sensibilidade, espiritos providos tambem de um elevado senso de cultura. condição desse apuramento, que seja compativel com o caracter intellectualizado da arte. Esta só pôde ser pouco accessivel a um espirito commum; uma pilheria, um absurdo, mesmo. O mesmo que a philosophia para uma intelligencia superficial, uma cultura estreita; isto é, uma coisa supinamente incomprehensivel, e até risivel. A arte moderna tem que ter o mesmo destino das transcendencias philosophicas; privilegio de espiritos finos, porque o caracter transcendental, dado o ultra-realismo della, tambem lhe pertence. Consequencia de sua intellectualização. Esta exige tambem o concurso da intelligencia para o fim de comprehensão, interpretação, sem o que não se chegaria ao *sentido* da arte, que é a sua alma, o seu fundo psychologico, tornando-se então impossivel a reacção emo-

tiva, pois para isso não basta a simples perceptividade formal: a pintura se tornaria mero colorido, a musica som puro. Isto é, simples mecanismo frio.

A intelligencia, o senso psychologico de uma cultura apurada, traz uma enorme contribuição ao effeito emotivo. Este já era tambem o pensamento de Ruskin. O incomparavel estheta da "religião da belleza", embora filho do "menos artista dos povos", soube como ninguem realçar esta verdade que resume por assim dizer a propria philosophia esthetica. Seu objecto fundamental é descobrir os "segredos" da emoção esthetica, que os themas artisticos occultam. Contemple-se (é um exemplo de Ruskin) o vestuario emocionante de um religioso a caminhar calmamente pelo corredor de um convento. A scena é das mais

proprias para uma reacção emotiva de caracter esthetico. Mas preste-se attenção, procure-se descobrir a riqueza psychologica de sentido, que symboliza o vestuario do monge. E a sensibilidade se impressiona com uma intensidade muito mais profunda quando a intelligencia nos leva a associar o rythmo solenne das vestes que caem pesadamente, o tecido enorme e grosso, de uma coloração austera, suas grandes dobras, difficilmente agitadas pelo vento, immobilizadas numa postura calma, pela acção da gravidade da terra, quando se associa tudo isto ao sentido da alma mystica do monge, retratada no seu vestuario. Eis a importancia emotiva da "analyse esthetica".

E assim comprehende-se como certos modernistas de attitudes não fazem mais do que "blague" quando pregam uma certa philosophia esthetica do procurar sentir sem comprehender. Estaremos na idade media?...

Bergson e a sua escola (o anti-dialectismo) descobriu uma nova maneira de conversar philosophicamente com as coisas. Freud, uma nova maneira, mais humana e desprendida, de comprehender grande parte da alma do homem.

A arte moderna tambem teve seus Colombos. Novos mundos, novos mundos! Para a alegria dos nobres de espirito. Novos mundos, e o que é mais: mundos mais bellos e differentes. Bergson, e a philosophia transformada em poesia do conhecimento superior. Freud, e os seus romances e novellas do inconsciente, desenterrando os segredos das Giocondas, das Santannas e das Virgens... A arte moderna, revelando um mundo mais phantasticamente bello. Tudo isto, na verdade, de uma significação lyrica muito mais alta.

Novos mundos, novas alegrias... Não somente a fé, mas a belleza tambem salva, no meio das decepções da vida...

RUBENS SALDANHA

O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL

DE ARTHUR RAMOS

é o estudo completo de todas as manifestações do "folk-lore" africano trazido ao Brasil e aqui continuado pelos escravos e muitos dos seus descendentes, que até hoje subsistem.

O autor expõe, neste volume de palpitante interesse scientifico e popular, todos os habitos, as tradições, as festas populares, a poesia, a musica, os cantos de trabalho nos engenhos, nas minas e nas cidades, trazidos ao Brasil pelo negro escravizado.

"O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL" é o 4.º volume da "Bibliotheca de Divulgação Scientifica".

Volume illustrado — 10\$000

NA MESMA COLLECÇÃO

Bastos de Avilla — Questões de Anthropologia Brasileira — Vol. br. 7\$000

Nina Rodrigues — O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos — Vol. br. 8\$000

Arthur Ramos — O Negro Brasileiro — Vol. br. 10\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

RIO

LUDOVICO SCHWENNHHAGEN

Ludovico Schwennhagen morreu em março de 1932 em Candido Mendes, Maranhão. Era maior de 70 annos. Nascera na Austria e um irmão de Mommsem fôra seu professor em Vienna.

Quando e porque veio para o Brasil, não sei. Em 1910 já andava pelo alto Solimões e rios acreanos. Os ultimos dez annos passou-os entre Maranhão e Piauhy. Perambulou demoradamente entre Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norle e Ceará. Fez conferencias e visitou sempre o interior dos Estados, conversando com os homens velhos e se mettendo dentro de furnas, boqueirões e córtes, descendo em ribanceiras, namorando serrotes esquesitos e montes a que a erosão déra formas extranhas. Em toda a parte Schwennhagen descobria vestigios de phenicios, hebreus, carthaginezes e egypcios, trabalhadores do Brasil de 700 até 147 annos antes de Christo. Falava, sério como um bispo, nessas historias maravilhosas, riscando roteiros, explicando chronologias, citando nomes de chefes semitas, deslindando origens ethnicas, decifrando lettreiros nas pedras e mostrando restos de mineração nas barrancas dos rios piauihyenses. Escreveu muito nos jornaes do Norte e seu publicado vivia deslumbrado. Schwennhagen achava a razão de tudo e esmiuçava raizes philologicas que convenciam até a Max Muller.

Era um austriaco vermelho que o sol do Brasil bronzeava, com bigodes ruivos e duros como piassaba e sobranceiras asperas como urzes, arqueadas sobre uns olhos azues, doces e contemplativos.

Todos os Institutos Historicos andaram apavorados com Ludovico Schwennhagen e suas doutrinas. Recusavam-lhe patriocinar a conferencia, exigiam documentação antes da falação, discutiam pela imprensa as suas descobertas miraculosas. Schwennhagen, superior e obstinado, continuava a viajar e a dizer os lugares onde os Tupys, vindo da Atlantida, tinham desembarcado para a alliança com os Phenicios. Debalde annunciavam que elle nunca estudara nheengatú e escrevia barbaridades incriveis. Ensinavam que devia dar a bibliographia de onde retirava dados tão cathegoricos e precisos sobre factos que ainda andavam controvertidos e confusos. Schwennhagen passava adiante, com outra historia mais bonita ainda, mais estupefaciente, arrebatadora e fabulosa. Os Institutos publicavam notas, juntavam os fieis, aconselhando prudencia contra o seductor, affirmando a impossibilidade physica, historica, geologica, ethnographica ou anthropologica de tal ou qual acontecimento descripto. Schwennhagen não se dava ao trabalho de responder. Escrevia mais uma descoberta mirabolante. Seu publico começou a descrever dos Institutos Historicos que avançavam a passo e nunca haviam contado coisas parecidas com aquellas maravilhas do austriaco, professor de philologia e historia.

Eu o conheci de perto e possuo uma correspondencia esplendida sobre assumptos absolutamente ineditos na Historia do Brasil.

Schwennhagen estava convencidissimo da verdade integral de suas affirmativas. Era uma intuição, um criterio expontaneo para o qual carregava todo o material achado. Viveu inteiramente absorvido pelo seu sonho. Pauperrimo, ridicularizado, desconhecido, sem ambiente, passou misérias atrozés, sem um queixume.

Quando se approximava de um governador era para pedir-lhe uma passagem, um cavallo ou um lugar na boléa dum caminhão. Ia embora, impassivel, caderno e lapis na munheca forte, olhar santuarios de mineiros phenicios ou armazens dos engenheiros egypcios que tinham coordenado o rio São Francisco e construido a cachoeira de Paulo Affonso.

Quando chegou a Natal vinha da Parahyba. Trazia uma mala cheia de livros, duas roupas kaki, tres camisas e os oculos de ouro, classicos de todo professor allemão. Estava certo de que os phenicios haviam construido uma estrada admiravel, desde as Sete Cidades de Piracuruca até o Uruguay. Aqui e alli gravaram nas pedras os signaes indicadores de agua, repouso e distancia. Queria ir ao Acary, ver uma serra onde se havia, ha nove seculos, retirado ouro. O governador mandou pagar-lhe a hospedagem, deu uma passagem e cem mil réis. Um mez depois Schwennhagen voltou, mais queimado, mais sizudo, foi a Palacio, pediu uma audiencia e quiz restituir o saldo dos 100\$. Eram 14\$300 que elle entendia fazer voltar ao Thesouro.

Emprestei-lhe livros. Levou os quatro tomos de Deodoro da Sicilia, o *Timéos* de Platão, as tragedias de Seneca e revistas mexicanas. Devolveu tudo, mezes depois. Só publicou um livro, *Historia Antiga do Brasil*, (Imprensa Official. Therezina, 1928. 85-p). O governador do Piauhy, Mathias Olympio, queria um grande bem a Schwennhagen e fel-o professor de latim no gymnasio. O conego Miguel Reis disse-me que o professor não sabia a primeira declinação.

Depois da revolução o eterno viajante voltou para o Maranhão e lá sucumbiu, lutando contra a fome, immerso em seu sonho de naves, guerreiros, pyramides, barragens e minas ha dez seculos passados. Voltava, com Ruben Almeida, de estudos nos rios historicos e paludicos, quando morreu.

A Historia Antiga de Schwennhagen é um asombro de imaginação, leituras, deducções, infantilidades ou presciencia. De 993 a 960 as esquadras de Hiram, rei de Tiro e de Salomão, filho de David, estiveram no rio Amazonas. Os habitantes do Brasil eram *lapuyas de raça malaga*, gente bôa e preguiçosa. Os phenicios foram buscar os Tupys que se haviam refugiado na Venezuela, salvos da catastrophe da Atlantida onde tinham nascido. Os Tupys chegaram para o Piauhy e o

Maranhão. Os Carirys são tupys também, todos carios. Vieram os egypcios. Tudo isto se deu de 940 a 900 antes de Christo. Em 750 foi a vez dos carthaginezes. Em 328 Alexandre Magno mandou uma frota á America do Sul e os navios naufragaram no rio da Prata. O dominio carthaginez no Brasil durou de 324 a 147 antes de Christo. A vinda de São Thomé, o apostolo que deixou as impressões palmares nas pedras, é de 50 a 60 depois de Christo. Mas Thomé é o mesmo Sumé, Sumer, representante da Ordem dos Magos, dirigidora de todas as actividades. Quando Tyro foi destruida por Alexandre, e depois que Carthago cahiu, interrompeu-se a comunicação com o Brasil. Os phenicios emigraram para a Bolivia, Perú e Mexico onde foram erguer templos, pyramides e muralhas em alto relevo. Cipango é Sipanga e esta corresponde ao norte do Brasil até Pará. Quem diz que Cipango é Japão está errado. Catay nunca foi a China e sim o interior da Amazonia até os Andes. Os Carios emigraram para nossa terra de 1100 a 700 annos antes de Christo. O nome do Maranhão é Mara-Ion, a Grande Ionia. Os phenicios foram os conductores das Amazonas para o Brasil. Ellas ficaram em Faro e fizeram um templo. O primeiro descobrimento do Brasil foi uma consequencia da queda de Troya.

Schwennhagen fala na religião tupy e a illustra com exemplos que desnor-teariam todos os mythographos do mundo. O idioma tupy é um ramo da lingua sumerica, formada e falada pela Ordem dos Magos na Chaldéa ha 4.000 annos antes de Christo. O trecho da lapide do rei Urgana, que está no Museu Britannico, contem duzias de palavras tupys. Tupan é "adorado Pan". A villa de Touros foi fundada pelos phenicios que a denominaram "Tyrôs" e, no lago de Estremoz, ligado ao Atlantico por um canal, guardavam os cartaginezes as naus aventureiras. Isto no Rio Grande do Norte.

Fala muito nos mysterios de Piracuruca, nos trabalhos para extracção de salitre com que os egypcios embalsamavam os cadaveres, dá minucias de jornadas, de construcções gigantescas e de estradas iguaes ás vias romanas ou incas. Tudo aquillo é escripto com uma placidez, uma serenidade de quem narra coisas banaes, indiscutíveis e certas.

Quem o conheceu, honesto, sério, sem um alarde, sem um interesse, frugal e recatado, não pôde accusal-o de espectacular, sensacionista e comediante. Que haverá de certo e de possível em Schwennhagen? Antes delle dezenas de homens affirmaram o mesmo. Outros negam ferozmente. Quem orientou Schwennhagen para essa doutrina perigosa e quepar a elle foi uma fonte inesgotavel de males?

Tenho tanto material para combatel-o mas nunca o fiz. Quem sabe lá o segredo exacto da Historia? A intuição, depois de Bergson, não é uma forma do conhecimento?...

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

ELLA

*Dormida e erma cidade á lua. E' Babylonia.
(Ella é a visão celeste e a femina terrena!)
Negros olhos de onix, solta a bruna melena,
Anda, á noite, em meu quarto ao leu da minha
insomnia.*

*Scismo: é a tzigana, a musa, a madona, a demonia,
A mandragora, a euphorbia, a rasleza, a açucena.
Grande, soberba, irreal, pulchra, nivea, serena,
Frio alabastro nú de vedra estatua jonia.*

*O porte, a fala, o riso, o som, a cor e a linha,
Seios nus, flancos nus, ventre nú, toda nua,
E' da cabeça aos pés, inteiramente minha.*

*Cae-lhe sobre a nudez o amplo peplo vermelho.
Depois nada. Illusão! Sómente eu vejo a lua,
Toda branca, espéctral, a rir, no meu espelho.*

Pinheiro Vargas.

— Albéric Cahuet estuda a singular figura de Lucile de Châteaubriand. Cahuet, especialista nessas bizarras e enigmáticas silhuetas femininas, já se preocupou com George Sand e com a Elvira de Lamartine. Agora é a estranha personalidade daquella que, vivendo ao lado do irmão, numa sombria e ennevoada região da Bretanha, muito concorreu para compellil-o a uma viagem desvairada pela America, antes do encontro com Pauline de Beaumont e com madame Récamier.

BEBAM AS

AGUAS NAZARETH

Recommendadas para males do
ESTOMAGO, FIGADO, RINS,
BEXIGA, ACIDO URICO, ETC.

ASSIGNATURAS MENSAES PARA
PARTICULARES

Telephone: 29-3258 e 29-3740

FONTES:

Rua Conselheiro Ferraz, 163 - Cabuçu

Omnibus e Bondes Lins Vasconcellos

Manoel Bandeira cae no conto do vigario

Parece mentira. Mas infelizmente é verdade. Não seria um outro Manoel Bandeira, um homonymo do poeta de *Libertinagem*? Já existe um outro Manoel Bandeira, desenhista. Mas não Era mesmo o de *Libertinagem*, porque a noticia vinha acompanhada de retrato (*A Noite Illustrada*, de 25-9-1935.) Insophismavel.

O conto do vigario consistia nisto: uns malandros, uns espartos andaram espalhando esta coisa inverosimil: a poesia já deu o que tinha de dar. A nossa epoca é do ensaio, da chronica, do romance. A urgencia da questão social não permite poesia. Os poetas vivem á margem da realidade. A poesia está liquidada. A questão social a matou.

Quem falava assim eram ensaistas, eram romancistas afflictos para venderem seus ensaios e seus romances. Para tal era necessario boycotarem a poesia. Todos esses cidadãos começaram a applicar sancções contra a poesia. Surgiram depois outros pandegos que "descobriram" á ultima hora a questão social e resolveram que a poesia está fallida. E outros pandegos endossaram essa declaração. E puzeram isto nas folhas. E vieram artigos, ensaios, discursos, estudos, meetings contra a poesia e os poetas. Alguns timidos resolveram botar uma fichinha na "poesia proletaria". Achavam que a "poesia proletaria" se salvaria do diluvio da poesia. A poesia proletaria seria a familia de Noé da antiga litteratura. Vieram outros primarios, outros ingenuos e outros pandegos. Tentou-se formar a frente unica contra a poesia. A postos, criticos, ensaistas, comunistas de café, "sympathizantes", litteratos á milanesa, politicos, romancistas, editores! Prompto. Acabou-se a poesia. O mais espantoso é que vejo um homem intelligente, um dos melhores poetas do Brasil, adherir. Ou quasi adherir. Pelo menos é o que se deprehe de da citada en-

trevista de Manoel Bandeira. Lê-se ali, entre outras, esta incrível declaração: "Os livros dos nossos romancistas actuaes — os Lins do Rego, Amando Fontes, etc. — nos arrancaram com grande força de solidariedade humana ás nossas preocupações individuaes". Esfrego os olhos, torno a ler, e a phrase sinistra lá está. Acho muito bons os livros de Lins do Rego e Amando Fontes, mas não acredito que elles tenham arrancado Bandeira de suas preocupações individuaes. Será que Bandeira tenha se tornado tambem confusionista, virando de repente "collectivista", negando o valor e a importancia do individuo?

O contacto immediato com a questão social superou a propria poesia, diz Bandeira. Ha engano. E' preciso tomar a serio a questão social. Isto não impede de tomar tambem a serio a poesia. A poesia não poderá acabar enquanto houver um alento de vida no mundo. *A poesia não póde ser*

interrompida porque existe a questão social. Isto é para os trouxas. Quanto a mim, acho formidavel ser poeta; sei que a poesia é eterna, definitiva, inexpugnável — e que todos os politicos, economistas, "sympathizantes", criticos, editores e ensaistas não prevalecerão contra ella. E muita gente bôa pensa como eu. Manoel Bandeira, quando fará você a sua "amende honorable"?

MURILLO MENDES

A. Corrêa Velho — Do Seculo XX — Irmãos Pongetti — Rio.

Muito moço ainda, o autor desta collectanea tem a coragem e a nobreza de se lançar aos assumptos elevados. Poderá digressionar sobre o cynismo em amor ou falar em Cupido brigão, mas o caso é que os grandes nomes, os grandes livros o attráem. Frederico Nietzsche inspira-lhe algumas paginas, escriptores por alguem que realmente percorreu o mais impressionante e alarmante dos philosophos dos ultimos tempos. Quem assim se volta para as maiores entidades pensantes não tardará em retornar á publicidade com uma obra consagrada.

Octavio de Faria — *Dois Poetas* — Ariel Editora — Rio.

E' o estudo, attentamente desenvolvido, de duas illustres personalidades de poeta: os srs. Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes. Desfrutam estes, ninguem o ignora, de posição preeminente em nossa joven litteratura e estava faltando, sem duvida, alguem que nos offerecessem de ambos uma definição completa. Pois essa definição, em dois magnificos retratos a que não falta nenhum detalhe, vem de ser dada aos homens de gosto por um dos primeiros criticos da sua geração, por um moço que junta á cultura meditada o dom de comprehensão sympathica sem o qual se torna inassimilavel o conteúdo das obras poeticas.

Lódez de Molina — *Cuentos Porteños* — Buenos Aires.

Agrada-nos a subtil tonalidade, entre ironica e dramatica, que o sr. López de Molina sabe infundir aos seus contos. Conhecendo bastante a vida das cidades, compraz-se em marcar, com indiscutivel argucia psychologica, as attitudes e os dialogos dos que vivem em casas de muitos andares, esparecendo, não em sitios rusticos mas nos bancos civilizados de jardins de arvores bem podadas.

leiam

NOITE

P O E S I A S

— DE —

FARIA NEVES SOBRINHO

—

[Publicação Posthuma]

ARIEL Editora

«JUBIABÁ»

Jubiabá de Jorge Amado é um livro que não depende do leitor e sim que faz o leitor depender delle, desde a primeira á ultima pagina. Quero dizer com isto que é um livro absorvente, de interesse intenso, que se faz ler sem o menor esforço. E' destes que arrastam, que empolgam, obrigando-nos a devoral-o de uma vez. Livros que são dessa natureza dispensam a critica. Cada um que se deixou vencer por elle é o seu melhor juiz. Eu pelo menos cheguei até ao fim com saudade das proezas de Baldo, da tragedia do Circo, da poesia que banha toda a historia, todos os cantos da velha Bahia de Todos os Santos.

Jorge Amado escreveu o seu melhor livro. A distancia que vae de *Jubiabá* aos outros não é pequena. O escriptor cresceu em força, em profundidade, esqueceu-se um bocado das suas obrigações para com certos preconceitos e venceu admiravelmente nas suas 372 paginas.

O jovem escriptor de *Suor* queria provar e em romance não se prova coisa nenhuma, exprime-se. E' o que elle conseguiu no seu novo romance, apesar de querer ás vezes ir de encontro ás suas maravilhosas qualidades de romancista. Quando elle faz, por exemplo, o molequinho Baldo entender de luta de classes, á pagina 39, ou quando uma menina tem fome de terra porque em casa não havia

o que comer, o Jorge Amado interessado, mas interessado demais, quer torcer o caminho do outro, do que sabe ir ás fontes da vida, ao amargo das coisas. Para falar da miseria do povo brasileiro o romancista não precisa exaggerar uma linha, nem puxar para o melodrama. Basta exprimir a realidade. Com isso não pretendo para o homem de letras a pobre função de machina photographica. Este tem a obrigação de estar com todas as suas faculdades em acção para elevar o homem brasileiro, dos campos e das cidades, da miseria em que vive. Agir, porém não quer dizer que se minta, que se falsifique a verdade.

Jubiabá é um livro que fala com uma eloquencia formidavel da desgraça, do soffrimento de uma humanidade que Deus esqueceu pelos morros e pelas plantações de fumo da Bahia. Neste sentido o romance é, incontestavelmente, um documento dos mais dolorosos expostos ás vistas do mundo. Que existe um inferno na terra ninguem poderá duvidar. Procure-se a Bahia de *Jubiabá* para se entrar em contacto com uma gente que foi ao extremo do pauperismo, na terra que os chronistas pintavam com o mel e as fructas do paraíso.

Livro muito triste, este de Jorge Amado, e de uma tristeza que se impregna no leitor pela poesia com que foi composto. O seu autor eleva de quando em vez a sua voz com accentos de uma profunda melancolia.

Assim elle attinge uma grandeza pouco comum em nossas letras. Falta-lhe, porém, a experiencia dos *Corumbas*. O realismo crú de Amado Fontes si se juntasse á força poetica de Jorge Amado, teriamos o grande romance brasileiro.

Mas para Jorge Amado isto é secundario. Com os seus 23 annos a vida ainda terá tempo de lhe ensinar muita coisa. Quem escreveu *Jubiabá* domina todas as difficuldades.

JOSÉ LINS DO REGO

CAIXA ECONOMICA
TEM SUAS AGENCIAS ESPALHADAS
POR TODA A CIDADE



Botafogo .. Carioca
Barão de Mauá
Avenida: Secção Cheques
Sete Setembro: Penhores
Praça da Bandeira
Vila Isabel .. Meyer
Madureira: Campo Grande
— FILIAES —
Niterói .. Petrópolis
— Juiz de Fora —

AO ANO **4 1/2** %
JUROS
CAPITALISADOS
SEMESTRALMENTE

1/3 DA POPULAÇÃO TEM
SUAS ECONOMIAS GUARDADAS NA
CAIXA ECONOMICA



— Sacha Guitry, que já escreveu dezenas de peças theatraes, estreia-se agora no romance. *Mémoires d'un tri-cheur* nos leva ás salas de jogo entre a sociedade heteroclita que se reúne nas estações balnearias e nos grandes casinos e vive á volta do panno verde dando mão á roda da fortuna, que não raro lhe cava subrepticamente aos pés a valla da miseria.

— A verve de Maurice Bedel parece inesgotavel. São de inesquecivel memoria *Jerôme*, 60 de latitude nord e *Philippine*, respectivamente duas impagaveis criticas aos costumes nordicos e ao regime fascista. Agora, elle nos offerece *Mémoires sans malice sur les dames d'aujourd'hui*, paginas cheias de chiste e mordacidade em que o escriptor é sempre o mesmo e sabe olhar de uma maneira diferente para os aspectos muitas vezes ridiculos deste pequenino mundo em que nos agitamos.

— H. de Montherlant vem de publicar, sob o titulo de *Service Inutile*, uma nova collectanea de ensaios, fadada sem duvida ao grande exito que lograram as suas *Fontaines du Désir*.

«Minha vida»

Já se acha no prélo, prestes a ser lançado a publico pela Livraria José Olympio, numa cuidada tradução de Gastão Cruls, o famoso livro **Minha Vida**, da autoria de Isadora Duncan, a genial dansarina americana. No genero biographia, poucas obras terão logrado nestes ultimos dez annos o exito extraordinario e a repercussão por assim dizer mundial dessas memorias em que uma mulher que foi um sêr de excepção, uma creatura privilegiadamente dotada, põe a nú o seu coração e, em paginas cheias de sinceridade e belleza, nos relata o que foi a sua vida, toda consagrada á arte, mas onde não raro se cruzam e entrechocam paixões e sofrimentos verdadeiramente humanos. Em outra local desta revista o leitor encontrará um pequeno excerpto da tradução de Gastão Cruls. Trata-se de uma das passagens mais curiosas da obra de Isadora, aquella em que ella nos dá as suas concepções sobre a dança, isto é, a Dança da America, a dança que sempre idealizara como qualquer cousa de inteiramente novo e que bem exprimisse os anseios e as aspirações de um Continente tambem novo.

Santo Affonso de Ligorio — **Preparação para a Morte** — Record — São Paulo.

E' um admiravel trabalho de ascetica, de um dos representantes mais typicos da cultura catholica. Crentes como Antonio Felicio dos Santos fizeram desse volume o seu livro de cabeceira, o refugio infalseavel para as horas amargas da vida. Accresce que a tradução divulgada no momento pelo sr. Antonio Simões dos Reis, editor incansavel e bibliophilo de merito, é de puro sabor vernaculo, infundindo ao texto um character de antiguidade que muito bem se adapta aos conceitos em que parecemos respirar, como nas meditações do claustro, algo que nos arranca a este seculo sem alma e nos faz reverter á pura contemplação dos tempos em que os homens se voltavam realmente para Christo.

Oliveira e Silva — **A Machina da Felicidade** — Rio.

As virtudes de subtileza, graça e persuasão risonha que caracterizam o sr. Oliveira e Silva poeta foram transportadas, sem diminuição de talento, para o plano do conto ligeiro e incisivo, e o resultado é esta expressiva série de narrações em que o cerebral e o emotivo competem na mesma attraente figura de homem de lettras. Um pouco de fantasia á Wells e um pouco de ironia á Anatole France não pôdem fazer esquecer que está em jogo uma sensibilidade de brasileiro, no qual a aridez da reflexão deante dos aspectos realistas não falseou jámais a innata gentileza de quem procede de terras onde a ternura humana é flor cultivada com tamanha paixão.

Correspondencia

Um leitor catharinense — 1 — O **Dicionario de Verbos Francezes** por Edgard Liger-Belair é uma brochura de 227 paginas, editada pela Livraria Braga & Valverde, á Rua S. José, 17, e vendida ao preço de 6\$000. 2 — A **Historia do Brasil**, de Handelman, edição do Instituto Historico, é vendida ao preço de 20\$000. Brochura. 3 — Não temos á mão nem conseguimos encontrar em qualquer das nossas principaes livrarias nenhum numero de **Cultura**. Não sabemos mesmo se terá proseguido a sua publicação. Dahi não lhe podermos dar as informações pedidas. 4 — Talvez lhe conviesse a **Historia Universal** de Oncken, de que ha uma tradução portugueza. Mas é obra muito grande e muito cara. 21 volumes. 1:050\$000. E' encontrada na Livraria Francisco Alves.

T. S. V. P. — Se não nos falha a memoria, alguns criticos quizeram vêr em Bergotte um retrato ou caricatura de Anatole France. Mas isso era negado por Marcel Proust. Os **Cahiers** não são encontrados actualmente em nenhuma das nossas livrarias. **Pastiches et Mélanges**, **Chroniques** e **Albertine Disparue** são encontrados na Livraria Odeon. A Livraria Garnier tem **Sodome et Gomorrhe**. **Le temps retrouvé** pôde ser adquirido na Livraria F. Briguiet.

Leopoldo Dortas do Amaral — **Leve** que não é pesado — Rio.

Reunem-se neste volume casos de vida domestica ou vida mundana, illuminando-lhe especialmente as paginas a seductora silhueta da netinha do autor. Existe aqui humorismo, mas um humorismo bem discreto, e nenhum desejo de macular as almas ainda sensiveis á corrupção dos livros. Como no caso das obras precedidas de asteriscos nos catalogos da livraria Plon Nourrit, esta despretenciosa collectanea pôde ser posta em todas as mãos, sem ultrage ao sexo gracioso.

Rubey Wanderley — **Alciône** — Rio.

E' a nova edição de um bello romance a que se referiram com fortes louvores João Ribeiro e Benjamin Lima. Figura das mais significativas das modernas lettras fluminenses, o sr. Rubey Wanderley é dos que dão toda attenção á arte da prosa e em nenhuma pagina sua permittê deslize de gosto ou injuria ao vernaculo.

Fernando Silveira — **Pela Educação** — Rio.

São palavras em favor da educação, proferidas por quem longamente se educou antes de enuncial-as. O autor revela uma boa cultura didactica, a par de uma noção muito nitida das necessidades da vida moderna. Evitando os exaggeros sectarios, exalta as descobertas da sciencia e não occulta o seu menospreço deante dos que, em qualquer época, trabalharam contra as innovações da industria ou da hygiene, destinadas a beneficiar a existencia em commum.

Alcides Bezerra — **Aspectos Anthropo-Geographicos da Constituição** — Rio.

Nossos leitores não se surprehenderão se dissermos que ahi está um excellente trabalho do sr. Alcides Bezerra. E' este um dos mais assiduos e prestigiosos colaboradores do BOLETIM DE ARIEL e estamos seguros de que nenhum escripto seu foi, em qualquer tempo, indifferente aos que nos têm acompanhado nestes quatro annos de vida litteraria. Intimo de todos os livros essenciaes á formação da cultura e não comprehendendo a omissão do Brasil nos estudos de quem deseja conhecer de facto o pensamento mundial, esse illustre publicista parahybano volta-se de preferencia para a actividade sociologica. Seu ultimo trabalho é apenas um folheto, mas onde a qualidade da substancia não pôde ser aferida pelo illusorio criterio da quantidade, porque ahi não se perde uma phrase, uma reflexão, um conceito. Tudo decorrente da realidade brasileira, partindo-se da geographia para o homem, e vice-versa, afim de elucidar dispositivos da nova Constituição. E' a sciencia de Ratzel a serviço de um velho estudioso de Comte.

Malba Tahan — **Lendas do Céu e da Terra** — Rio.

Poucos dos nossos escriptores dispõem de um publico tão seguro quanto o sr. Malba Tahan. Uma pontinha de mysterio em relação á perfeita identidade desse autor não vae sem augmentar-lhe o prestigio. Aliás, bastaria o interesse do genero por elle cultivado para attrair-lhe admiradores em abundancia. Mas o seu talento litterario parece-nos insusceptivel de ser discutido e todas as modalidades, todos os condimentos da novella oriental são por elle utilizados com uma segurança e discrição de mestre em taes assumptos. Agora, evidenciando que o convívio espirital dos mussulmanos não obliterou nelle as delicadezas da contemplação christã, offerece-nos o illustre patricio, patricio apesar do pseudonymo sybillino em que se embuça, uma excellente anthologia de poetas e prosadores que requintaram em celebrar Christo e os santos do catholicismo. Escolha feita com bastante tacto e com a preocupação constante dos bons valores artisticos. As illustrações do livro são do brilhante desenhista Acquarone.

Ribeiro Couto — **Chão de França** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Estudando homens e coisas da França, o sr. Ribeiro Couto não o faz apenas dentro de um estricto sentido commercial, ou apenas movido por essa basbaquice sem consequencias que levou um ironista inglez a chamar os viajantes maniacos de simples "trotadores do globo". Pertencendo elle ao nosso serviço diplomatico na Europa, é principalmente o finissimo homem de lettras que de tudo desentranha a pagina bem escripta, e nenhum conceito seu, ainda mesmo que elle o queira, será jámais trecho de relatorio massudo.

NOTA DE ANTHROPOLOGIA

(Chronica scientifica irradiada na "Hora do Brasil")

A lista das differentes materias ensinadas nas faculdades de medicina soffre, de tempos a tempos, modificações interessantes. Certas disciplinas que os antigos tinham na conta de essenciaes para a arte de curar são pouco a pouco abandonadas; outras, consideradas coisas de erudição desnecessaria ou talvez prejudicial, vão se impondo. Passam a ser conhecimento fundamental para um medico moderno. O progresso revolve tudo. A anthropologia é uma daquellas sciencias. Durante muito tempo e ainda hoje, nas universidades francezas, foi mais ou menos posta de lado. A influencia de mestres italianos e allemães — que abriram caminho á medicina do futuro, baseada nos dados anthropologicos que pautam a constituição do individuo — veio definitivamente sagrar a anthropologia entre as sciencias indispensaveis ao medico. No Brasil coube ao grande mestre que foi o Professor Francisco de Castro vulgarizar os conceitos da escola de Le Giovanni, ha mais de trinta annos; e, hoje, Rocha Vaz, entre outros, segue a mesma orientação anthropologica, fundando uma escola brillantissima. A historia natural do homem — que ha trinta annos, por aqui, era quasi exclusiva cultura de naturalistas vai, dest'arte, achando ambiente feliz para o seu desenvolvimento. Ainda agora mesmo apparece mais um documento valioso desta situação: é o bello volume — *Questões de Anthropologia Brasileira* — do professor Bastos de Avila, publicado na Bibliotheca de Divulgação Scientifica, dirigida por Arthur Ramos. O livro do actual professor de anthropologia do Museu Nacional mereceu excellente artigo de Antonio Leão Velloso, no *Correio da Manhã*. Nesta nota desejo, apenas para os dois: o livro e o artigo chamar a attenção dos estudiosos.

Ao lado de questões geraes e palpitantes — tal o conceito mo-

derno da anthropologia e a origem das raças humanas — que Bastos de Avila estuda com grande erudição, alto senso critico e extrema clareza de estylo, ha no volume capitulos de rigorosa especialização, taes as noções de estatistica applicada á biometria, o estudo do pterion nos cranios de indios do Brasil etc. E como não estou falando para scientistas convem dizer que o pterion é a região do cranio onde se encontram os ossos frontal, parietal, esphenoide e temporal. Num das suas conclusões observa Bastos de Avila que o comprimento do pterion dos indigenas brasileiros é superior ao dos africanos e ao dos australianos e inferior ao dos europeus.

Os capitulos referentes ao desenvolvimento physico das crianças das escolas de um dos bairros da cidade do Rio de Janeiro e ao coefficiente de cephalização não deixarão de interessar a todas as pessoas cultas. O

coefficiente de cephalização, apesar de ser coisa muito aleatoria e abstracta, é realmente interessante. Foi imaginado pelo anthropologo hollandez Dubois, o mesmo que descobriu em Java, ha uns trinta annos, os restos do famoso Pithecanthropus. O peso do encephalo é, proporcionalmente, muito maior nos animaes pequenos do que nos grandes, comparado ao peso total do corpo. Dubois partiu dahi para estabelecer o seu coefficiente, que é a relação do peso do encephalo para o peso do corpo, multiplicado por uma constante — (0,56 — constante de Dubois).

O peso do encephalo nos individuos vivos é dado, tambem, por uma formula.

O coefficiente de cephalização deve indicar, theoricamente, o valor intellectual do individuo considerado, diz Bastos de Avila, citando Anthony.

E' preciso, porem reconhecer que, na pratica, os processos da psychologia experimental — os famosos tests — dão melhores resultados. E isso bem se comprehende; em materia de cerebro, antes a qualidade... do que o peso.

ROQUETTE PINTO

EXPERIMENTE

a deliciosa manteiga mineira

ESTRELLA

MATUTINA

E NUNCA MAIS USARÁ OUTRA

Unicos depositarios:

NOGUEIRA IRMÃO & CIA.

Rua do Rezende, 62

TEL. 22-3628

Azevedo Amaral — *A Aventura Politica do Brasil* — Livraria José Olympio — Rio.

Conhecendo os principaes povos da Europa e conhecendo os melhores livros produzidos por todos elles, o sr. Azevedo Amaral possui espirito idoneo para referir-se, com a gravidade com que se refere, aos problemas politicos do Brasil. Distante do conlurio dos partidos, não examina essas questões dentro de compromissos sectarios, de baixos arranjos da politicalha de eleições e distribuições de empregos. Encara-os com outra gravidade civil e humana, como quem sente o Brasil chamado a ser mais dia menos dia um valor internacional, uma grande força entre os povos. Quanto ao estylo do escriptor, é de quem maneja os periodos com desenvoltura, num largo panejamento verbal, comprazendo-se nos vibrantes debates de idéas e achando que expressar convicções pela metade é ainda covardia maior de que silenciar de todo.

Thomas Lovell Beddoes

Simultaneamente com as representações de *The Cenci*, de Shelley, em Paris, vem de ser encenada, com extraordinário successo, no theatro Maddermarket, de Norwich, a peça *The Second Brother*, de Thomas Lovell Beddoes.

Esse acontecimento teve o duplo effeito de dar subito realce a um nome quasi desconhecido, até mesmo na Inglaterra, e de evidenciar que a poesia ainda encontra nesse paiz agasalho caloroso.

O merito principal, não apenas dessa, senão de todas as obras dramaticas de Beddoes, consiste na intensa força lyrica que as insufla.

O gosto, nitidamente inglez, do concreto, domina, a todo o transe, em sua arte, determinando movimentos excentricos de sensibilidade que se definem por imagens objectivas de um colorido de idéas e de uma belleza verbal incomparaveis.

Essa peculiaridade se impõe mesmo com tanta riqueza de expressão em cada peça de Beddoes que faz esquecer as deficiencias de suas construcções dramaticas. O que conta, finalmente, nelle, é, pelo visto, o poeta. E a historia da sua vida, revelada, em 1890, quasi meio seculo após a sua morte, por Edmund Gosse, que lhe colligiu os poemas e as cartas, si repugna por suas escabrosidades ao decoro britannico, é, comtudo, interessantissima. Era elle filho e homonymo de um grande medico que, embora devotado a pesquisas de caracter experimental ou por isso mesmo, tinha, como clinico, excentricidades impagaveis, como de obrigar os seus doentes a absorverem o halito das vaccas, fazendo introduzir, em cada aposento, um desses animaes.

Beddoes que, por suas arremetidas extravagantes de temperamento e outras particularidades, torna lembrado Rimbau, herdara do pae a vis excentrica.

A um carpinteiro que collocára uma fechadura ordinaria numa das suas estantes, jurou elle vingar-se. A vingança consistiu em elaborar e lêr deante do pobre diabo, quando este reappareceu, um entremez representando os seus derradeiros momentos, a debater-se, excruciado de remorsos, numa agonia horrivel, e, finalmente, o cortejo funebre interrompido pelo demonio que lhe arrebatava o corpo e a alma para os submeter aos tormentos do inferno. Conta-se que havia tamanho viso de realidade nessa farça que o carpinteiro sahiu escarreiradamente, recusando-se, por muito tempo, a voltar á presença do poeta. Evidentemente, a sua estrêa na arte dramatica não podia ser mais auspiciosa...

Passando, desde 1825, a residir na Allemanha, Beddoes consagrou-se, obstinadamente, ás sciencias medicas, hesitando sempre, não obstante, entre estas e a poesia dramatica.

A democracia tinha nelle um sectário inflamado. E, quer na Allemanha, quer na Suissa, viu-se elle em situações complicadas, impellido por esse idealismo politico em que predominava, até certo ponto, o espirito de aventura.

De quando em quando, num accêso de crise misanthropica fechava-se, dias seguidos, em seus aposentos, a fumar descompassadamente, cahindo, depois, numa grande depressão.

Quando a passeio na Inglaterra, gostava de irritar os parentes indo visital-os escanchado num jumento. E, uma noite, deixou perplexo os Procters, de quem era hospede, lançando-se precipitadamente na rua para incendiar o theatro Drury Lane com uma cedula de cinco libras accêsa, na mão.

Em Frankfort, travou conhecimento com Degen, um joven padeiro allemão de bello physico, com o qual passou a viver em intima camaradagem. Esse conhecimento teve effeito dissolvente na vida de Beddoes. Nin Frias não o esqueceu ao arrolar os uranistas saxonios.

Sempre inclinado para o drama elisabethano, teve o capricho de alugar um theatro de Zurich, por uma noite, exclusivamente para Degen representar, nelle, a personagem shakespeareana Hotspur.

O joven padeiro abandonou-o mais tarde. Tomado de grande desgosto, o poeta tentou matar-se golpeando profundamente uma das pernas com uma navalha. No hospital, teimando em safar-se da vida, Beddoes arrancava todos os pensos que eram applicados na ferida, até que lhe foi amputada a perna.

Degen voltou e tudo continuou como dantes, entre os dois. De repente, porem, Beddoes resolveu ingerir um toxico, cedendo, dessa vez, definitivamente, á seducção da morte. Sobre o seu peito encontrou-se uma nota escripta a lapis, destinada a um dos seus amigos inglezes. E' um documento de *humour* macabro em que, dentre outras disposições bizarras, legava elle a um parente 50 garrafas de champagne para serem bebidas á sua morte. "Eu devia ter sido, entre outras coisas, um bom poeta", são as derradeiras palavras desse bilhete escripto nervosamente sob a pressão ineluctavel da fatalidade.

A peça *The Second Brother*, encenada, outro dia, com tanto exito, no theatro de Norwich, não é tida como a principal de Beddoes. Não está ainda nesse caso *The Bride's Tragedy*, sem embargo de ter elle grangeado com esse drama a amizade de Bryan Waller Procter. Sua obra prima é *Death's Jest-Book*, estampada em 1850, um anno após a sua morte. Esse drama era em tudo estranho ao espirito da epoca. E foi nelle que Swinburne contrahiou o gôsto do macabro de que só viria

Numa festa de intellectuaes

A homenagem que, hoje, prestamos á personalidade inconfundível de Agrippino Grieco possui uma significação bem suggestiva porque o fazemos ao mais sarcástico dos nossos criticos de todos os tempos. Nenhum outro litterato, no Brasil, sorriu e escarneceu mais das nossas pauperrimas letras do que o nosso grande Agrippino. Parece que a acidez silvestre de nossa sciva litteraria o estimula a reacções ironicas, perfeitamente justificaveis.

A nossa litteratura é uma litteratura montez, algo selvagem, algo rustica e quasi sempre caricatural nos reflexos exóticos. Justamente por isso a critica de Agrippino não podia deixar de ser o que é: epigrammatica e cruel. Atheniense perdido no sertão, ha de achar tudo tósco e desageitado, na sua desordem selvatica. Agrippino, avido das linhas apollineas, não pode occultar o desencanto diante desse estylo barbaro e rustico.

Fez o que não podia deixar de fazer. Ironizou. Ferreteou. Glossou com epigrammas, o que indiscutivelmente é uma maneira elegante de abominar. Sendo o mais estheta dos nossos criticos, foi tambem o mais sarcástico de todos.

Geralmente os que escrevem sobre a nossa historia litteraria são antes *historiadores* do que propriamente criticos. Agrippino,

ao contrario escreveu a historia de nossa literatura obedecendo exclusivamente a uma orientação puramente esthetica. Assim é que *A evolução da prosa brasileira* e *A evolução da poesia brasileira* constituem, hoje, a melhor obra sobre a historia de nossa litteratura, filtrada atravez da mais subtil critica.

Critica e esthetica são termos correlatos que se amalgamam suggestivamente em toda a obra litteraria de Agrippino Grieco. A historia de nossa literatura nos seus estudos perde toda a aridez, que a erudição historica tradicionalmente lhe imprime. As questiunculas, as discussões byzantivas, as digressões desarrazoadas, as tiradas pretensiosamente philosophicas e as realidades scientificas desaparecem de sua prosa, sempre illuminada de um resplendor suave. As phrases felizes, bem limadas, dominam os seus conceitos, por vezes asperos, porém sempre defensaveis.

Não perdôa, é certo, a mediocridade nacional. Falta-lhe esse defeito: ter piedade da pobreza do espirito alheio. E isso, que é uma virtude rara e homerica, só lhe tem grangeado inimizades e rancores. Possui a virtude saborosa dos deuses, que sabem mais facilmente castigar do que perdoar... Nesse ponto, ha na tyrannia olympica de suas criticas uma flamma ardente de co-

ragem e ousadia. Os Laudelinos, que o temem, no fundo hão de venerar-o como os feiticeiros que cultuam em altares magnificos os demonios mais temiveis das suas mythologias crioulas...

Eu, que não o temo como demonio, o amo todavia, como o heroe que nas nossas Olympiadas litterarias deve trazer sobre a fronte a corôa de louros de merecida glorificação!

JOAQUIM RIBEIRO

Serviço de Reembolso Correspondencia

Sr. ARTHUR CEZAR FERREIRA —
Manãos.

De sua encomenda seguiram apenas 2 livros, por não termos encontrado os demais no mercado.

Sr. JOÃO MARCELLINO DA SILVA
Bahia.

Os livros pedidos já foram expedidos ha dias.

"A Fazenda Moderna" de Eduardo Cotrim custa 25\$000.

"Agricultura Geral", de Puttemans está esgotado.

Srs. LUIS NEVES — Curityba.

JOÃO SOARES CARRICONDE —
Jaguarão.

ADEMAR DE FREITAS MACEDO —
Uberlandia.

JOSÉ CESAR BORBA — Recife.

PEDRO GOMES DA SILVA — Parahyba do Sul.

ALADIM COMAS — Livramento.

WALDEMAR GOLA — Ribeirão Pires.

Todos os livros encomendados não foram encontrados ou acham-se esgotados.

a libertar-se na maturidade. A grandiosidade e o grotêsco que se surpreendem na poesia de *Death's Jest-Book* indicam vehementemente que havia nesse poeta surgido do chamado renascimento elisabethano algo mais que um simples imitador de Shakespeare. Houve quem visse nelle um Keats gothico. E Lytton Strachey accentua que a sua maior desdita foi ter nascido no começo do século XIX, e não no fim do século XVI.

Não obstante o successo imprevisto de Norwich, Beddoes subsistirá apenas, mas, poderosamente, pela beleza da expressão poetica. E esta tanto póde resaltar de um livro como de uma simples phrase. Aliás, é dentre os seus pequenos poemas que se encontram os melhores achados lyricos de Beddoes, a exemplo deste:

"Si houvera sonhos para vender, que sonho tu comprarias? Alguns custam um dobre de finados; outros, um leve suspiro que, da virente corôa da vida, faz apenas cahir uma folha de rosa.

"Si houvera sonhos para vender, alegres ou tristes, a contar, em tocando a campainha o pregoeiro, que sonho tu comprarias?

"Uma casinha isolada e tranquilla, com um caramanchão proximo, e sombroso, para acalmar os meus tormentos até a morte. Tal perola da virente corôa da vida, de bom grado, colhêra. Houvesse sonhos para ter á vontade, o que melhor remediasse os meus males, este, de certo, eu comprára."

EUGENIO GOMES

INEDITOS DE ALBERTO RAMOS

CONSELHOS A UM POETA

MAGDA

*Os poetas andam desacreditados.
Hoje quem tem talento faz Tratados,
Vastos compendios, turgidas Historias
E outras cousas graves e meritorias.
Poesia é frivoleira que não conto.
Basta uma idéa e duas rimas: prompto!
Sem falar que hoje em dia excusa a rima.
(Mesmo a idéa não é materia prima.)*

*Si dos coevos queres o consenso,
Os sorrisos de admiração, o incenso;
Ser tido e havido emfim de toda a gente
Por cidadão prestante e diligente,
De virtudes mirificas espelho,
Acceita este utilissimo conselho:
Amigo, o teu talento dissimula
Sob austera feição conspicua e nulla;
Alguns volumes rapido folheia,
Mette a mão sem pudor na seára alheia,
Cata, compila, ajunta-me um massudo
Rebarbativo tomo. Sobretudo
Sê prolixo e fastidioso! O tédio,
Filho, é de todos o melhor remedio
Para dar fama na litteratura.*

*Sem forças de ir ao cabo da leitura,
O critico, homem grave e circumpecto,
Precavido talvez, sceptico in petto,
Declara o livro enorme, o autor um genio
Formidavel complexo heterogeneo,
Um Dante, um Machiavel, um Polo, um Pico
De Mirandola! (Por aqui me fico
Para não alongar esta missiva.
Referencias omitto a Buddha e Siva,
E outras em que haja tal ou qual excesso).
Os amigos, á vista do successo,
Exultantes de jubilo incontido
Um banquete offerecem-lhe no Lido.
Está feito um grande homem a tres tornos.
E só pegar o bicho pelos cornos
E mettel-o a mugir na Academia
Onde rosna o Filinto e o Freire mia.*

SERRA DE THERESOPOLIS

*Minha casa edifico na montanha,
Alta, entre as nuvens altas, e tamanha
Que dentro cabe o céu todo estrellado.
Aqui vivo dos homens exilado,
Longe acima dos homens vivo, amigo,
Sozinho, solitario, a sós commigo,
No silencio, na meditação, no estudo,
Esquecido de todos e de tudo.
Face da eternidade! ermo oceano!
Em baixo, o homem rasteja, insecto humano.
Gloria, orgulho... A maior das creaturas
Como é pequena, vista das alturas.*

*Esta fina teia
Com que força enleia !
Com que tenues laços
Me encadeia os passos.
Illusão dourada,
Como mente e agrada!
Olhos pequeninos,
Lábios purpurinos,
Dedos côr de rosa...
Passa, mentirosa!
Juras e promessas,
Já não caio nessas!
Já não tenho ouvidos,
Risos atrevidos,
Mimos, garrulices...
Faço como Ulysses.*

SEGUIDILHA CARNAVALESCA

I

*Guisos da folia,
Frautas e tambores
Azucrinadores!
Bombos de arrelia!*

*Momo omnipotente!
Dê-lhe que ensurdeça,
Dê-lhe que ensandeça,
Dê-lhe que arrebeste!*

Solo

*Meu coração é uma ermida
Que só tem uma janella.
Abriu-se uma vez na vida:
Amor, entraste por ella!*

Coro

*Risos, festas e cantares,
Eu sou teu e tu és minha.
A tristeza anda sosinha,
A felicidade aos pares.*

II

*Guisos da folia,
Amanhece o dia!*

*Batem na vidraça
Paf! A morte passa*

*Do festim me eclipso.
Circe, adeus, Calypso!*

1919 E POUCO MAIS ALÉM

1919. Foi o anno que Raul de Leoni appareceu. Anno mais ou menos importante. Tristão de Athayde publicou o seu ensaio sobre Affonso Arinos. Ronald de Carvalho os *Poemas e Sonetos*. Agrippino Grieco, poeta desencantado das *Amphoras* e desilludido dos contos das *Estatuas Mutiladas*, derrubava com os primeiros golpes admiraveis de seu ferrête epigrammista os heroes da burrice nacional. Tempo da *Revista do Brasil* onde andava escrevendo ao lado de respeitaveis nomes academicos, um tal Mario Sobral autor de um livro de versos *Ha uma gotta de sangue em cada poema* (esse Mario Sobral é o Mario de Andrade). Manoel Bandeira deu a *Cinza das Horas*. Jackson de Figueiredo, homem dos mais procurados entre os seus contemporaneos, era cercado de gente no Café Gaúcho: elle falava, falava... E Monteiro Lobato. Hermes Fontes não agradava a Antonio Torres. Guilherme de Almeida estreara com *Nós*. E' uma calamidade este moço, dizia, enfurecido, Antonio Torres; e era de facto. Em 1919 appareceu *Messidor*.

Mas nada se podia dizêr, em materia literaria. Não havia um critico. Quem? João Ribeiro, o grande humanista, não se importava com a coisa. Então vinha um tal de Nestor Victor, muito mediocre, muito limitado. Ou então vinha bufando, azêdo, o burrissimo Ozorio Duque Estrada — o Eloy Pontes da epoca. Na realidade nada. Nada mesmo. Aliás, litteratura brasileira, só começou a interessar (será exaggero a gente fallar assim?) em conjuncto, do chamado movimento modernista para cá. Antes era só um ou outro nome isolado (fôra o movimento romantico; tambem o dos poetas da Inconfidencia) — um José de Alencar, um Machado de Assis, um Lima Barreto, um Alphonsus de Guimarães. Pois na verdade nada. Até hoje.

Os bons escriptores brasileiros nem são conhecidos. E o intellectual leva com facilidade o epitheto de lunatico — a familia se retrae na presença do bicho porque o *fulano é litterato*, isto é, um individuo que não regula bem da bola. Adoravel Brasil! Cuidado com a litteratura. Que isto de brigar por ella a gente acaba bancando os dois burros que se escouceavam em torno duma mangedoura vazia, igualzinho o epigramma de Chamfort.

Mas como eu ia dizendo, em 1919 foi que appareceu a *Ode a Um Poeta Morto*. O poeta morto era Olavo Bilac, poeta que gostava de ser ourives (mas no tempo d'elle era assim mesmo) e de grande impetuosidade sensual. Raul de Leoni, filho do ministro do Supremo Tribunal Leoni Ramos, consul, secretario de Nilo Peçanha, casado, jovem, athleta, fôra de todas essas occupaões era um sereno, um lyrico sereno. Rimava com espontaneidade — a rima na sua poesia não brilha como uma joiazinha falsa. Fazia musica das palavras que usava vestindo idéas naturaes e soberanas. Era realmente um poeta.

Afinal estou contando isso tudo mas era para dizer que o poeta viveu afastado do rumor literario. Apenas uns e outros amigos, o tal Cenaçulo de sua casa de Copacabana. Tanto assim que na farra modernista elle compunha os versos admiraveis da *Luz Mediterranea* no seu retiro de Itaipava onde a morte foi buscal-o para a ultima viagem. Depois (em 1929, creio) publicaram-lhe os dois livros num só e mais uma serie de "poemas inacabados". O sr. Rodrigo M. F. de Andrade escreveu um optimo prefacio e a viuva do poeta não quiz que desta vez fossem gravados em lettras de forma os bellissimos versos de "Eugenia": — não é catholico o soneto. Mas Agrippino

Grieco que sabe ser pagão onde encontra belleza não deixa de cital-o a toda oportunidade.

Falei em belleza, palavra de que Raul de Leoni jamais trahiou o sentido. A verdade, que lhe importa? O que interessava era a belleza. E sempre um sorriso de ironia ao impossivel.

Dentro de sua serenidade olympica havia um "sceptico risonho", e elle proprio assim mesmo a si se chamou. A "belleza é a mais generosa das verdades" pois não precisamos crer nas coisas; basta amal-as e amar é muito mais que crêr. O prazer e o pudor. A innocencia e a ironia. Eis a poesia de Raul de Leoni bem intellectualizada, está visto. Fala em philosophia, mas valeu pelo prestigio da musica: poesia de entretons, de harmonias repetidas, longe longe vibrando como um echo...

E' um intellectualizado:

Ironia! Ironia!

Es a minha attitude commovida

O amor proprio do espirito sorrindo!

O pudor da Razão deante da vida!

Tão intellectualizado que escreve espirito com *E* grande, muito embora hoje em dia o uso da lettra maiuscula esteja desmoralizado pela frequencia com que apparece nos escriptos da doutrina pliniosalgadante...

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Luiz Carlos de Moraes — *Vocabulario Sul-Rio-Grandense* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

O sr. Luiz Carlos de Moraes, que pertence a uma familia tradicional do Rio Grande do Sul, conhece como poucos as expressões populares, os termos caracteristicos do seu Estado. Como que se tem movido por varios municipios, por todas as classes da sociedade, afim de recolher e esclarecer todos os vocabulos com que a gente gaúcha enriqueceu o nosso idioma, por vezes numa saborosa mescla de castelhano e portuguez. Palavras encomiasticas do sr. Mauricio Cardoso, collocadas á entrada do livro, testemunham da perseverança e capacidade com que o autor levou a cabo a sua util collectanea, seguindo em tudo o exemplo desse inolvidavel Cezimbra Jaques, que foi um dos principaes philologos e folkloristas das paragens guascas.

O romancista da Varzea da Parahyba

(A proposito de "Moleque Ricardo")

Goza, hoje em dia, o sr. José Lins do Rego, com merecido direito, prestigio litterario raras vezes alcançado por moços da mesma idade. Sem favor, o seu nome pode ser citado entre os dos nossos grandes romancistas. Graças ao *Menino de Engenho*, ao *Doidinho* e ao *Banguê*, a "varzea" de Parahyba sahiu da obscuridade em que viveu mais de trezentos annos de historia para a notoriedade nacional. E a vida dos engenhos, os costumes, o linguajar, as superstições da população humilde, bem como os preconceitos, as tradições, o modo de viver das velhas familias que formam alli o patriciado rural, são agora conhecidos de toda a gente que lê e acompanha o movimento das bellas letras.

Aquelles romances, apanhados ao vivo, constituem verdadeiros documentos, especie de monographias, dessas que recommenda a escola de Le Play para se conhecer a sociedade no intimo. Digo-o, porque não me é estranho o ambiente descrito, e quero que esse meu depoimento tenha a força de um testemunho. Aliás, os dons de romancista do sr. Lins do Rego se impõem de tal maneira que dispensam o vir confirmar-se que a sua arte se confunde com a vida.

O enredo do ultimo romance do revelador do valle do Parahyba se passa em Recife, mas ainda é um producto da "varzea", porque o moleque Ricardo, o typo principal, foi para alli aos dezoitos annos, com a sua personalidade formada, e pensa e age na cidade como um bom moleque parahybano de engenho.

E é um dos maiores encantos do romance apreciar-se a differença de proceder do moleque Ricardo relativamente aos proletarios da cidade.

Mettido entre revolucionarios, tomando parte em greves, o heroe mantem-se todavia fiel ao principio da ordem, conserva a mentalidade rural, conduz-se como moleque ensinado de engenho. Levou para o meio urbano, de tradição revolucionaria, de Recife, a disciplina agricola encorporada ao sangue.

Se o sr. José Lins do Rego quiz fazer romance proletario, o resultado ultrapassou os seus propositos, porque Ricardo, longe de ser um marxista mesmo inconsciente, encarna a vida fóra das limitações deformadoras das theses preconcebidas.

A arte precisa mover-se liberta de preconceitos e doutrinas transitorias. Quasi sempre o typo que personifica um systema qualquer perde, em vez de ganhar, em expressão.

Felizmente, no *Moleque Ricardo*, o proletarismo apenas transparece no ambiente geral, e não chega a prejudicar o romance.

A vida é mais rica, variada e complexa do que os systemas. Não preciso dizer isso ao romancista que é o sr. Lins do Rego, que sabe observá-la na sua complexidade omnimoda.

Mas, tenho medo que levado pelas influencias do momento, deixe de ser o romancista integral, que foi até agora, para se tornar um romancista de classe, sectario, e por isso mesmo menos opulento, menos veridico, menos interpretador da sociedade do seu tempo.

O romance de classe não é obra d'arte, porque não passa de arma politica.

O sr. Lins do Rego apanha muito bem o meio de Recife, não só da alta roda como das ruas humildes, rua do Arame, do Cisco, mostrando como se entrelaçam as classes sociaes, como se mutuam serviços o palacio e mocambo. A epoca que o romance focaliza é uma epoca anormal de ebulição politica. Apparecem, sob nomes velados, pessoas que tomavam parte nos acontecimentos, e isto deixa o critico em apuros para fazer julgamento, sobretudo se não quizer esposar antipathias do escriptor.

Como nos romances anteriores, ha em *O Moleque Ricardo* farta messe de observações folk-loricas.

Registro aqui as principaes:

I — "Talvez que pensasse que o filho se tivesse afogado no rio e botava o candieiro acceso na cuia para procurá-lo. Onde parasse o defuncto estaria encalhado". (P. 15) Superstição muita generalizada no Nordeste.

II — "Dentro da mala de Francisco encontraram cartas, uma historia de Carlos Magno e 80\$000 em dinheiro. Seu Alexandre chamou o Delegado e entregou o espolio. Só queria em casa o que era d'elle" (P. 120). O operario Francisco morreu em virtude de ferimento soffrido num *meeting*, mas dentro de sua mala em lugar de Carlos Marx encontraram a historia de Magno. Optimamente observado.

A litteratura de cordel no Norte continua a ser mediavel.

III — "O que ella tinha era morrinha, lhe disse seu Lucas. E as mulheres e os homens de seu Lucas dansaram e cantaram para Odette. Fecharam-lhe o corpo ás investidas do diado, deram-lhe agua para tomar, coisas do céu para curar-lhe os males." (Pag. 226).

Tambem se fecha o corpo contra bala e faca. O individuo, escudado nessa fé, fica de uma coragem inaudita.

IV — "O negro (seu Lucas) tratava das plantas com devoção. Rosas e flores desabrochavam com a ajuda de suas mãos sagradas. Havia gente com mão bôa para plantar e colher e outras que só em tocar desgraçavam as sementes. Havia mãos com o fado de proteger a vida, de propagar. O povo dizia mesmo: Fulano tem mão feliz". (Pag. 247).

Superstição universal. Ha tambem *bôa mão* para cortar o cabelo das mulheres, bater ovos, etc.

V — “Só mesmo máu olhado”. (P. 248).

Também é muito generalizada no Nordeste a superstição do máu olhado, que pode matar, num apice, pés de alecrim, de cravos, de arruda...

VI — “Tomara Deus que o tapurú lhe comesse o corpo”. (P. 265).

Praga muto commum. O tapurú é a larva da varejeira. Corre na Parahyba a seguinte quadra satyrica dos sertanejos contra os *brejeiros*:

Quando eu vim da minha terra,
Que passei em Molungú,
Vi teu couro espichado,
Coberto de tapurú.

VII — “Elle ia mudar aquella roseira e capaz della seccar, capaz do sol matar a sua roseira. Não matava. Elle tinha uma resa para isto, tinha uma resa que fazia a terra bôa, que fazia o sol bom, que fazia a agua bôa. Resario. Resaria para que no fundo da terra as raizes pegassem, para que as suas roseiras botassem flores bonitas, para que o perfume de suas roseiras não se sumissem”. (P. 269).

Assim pensava seu Lucas. Seu Lucas é um symbolo do fetichismo inicial.

VIII — “O moleque lembrava-se do engenho mesmo nos seus aperreios. Quando fallavam da Russia, vinha-lhe os “marujos” do engenho. Mané de Ursa, mestre da Nau Catharineta gritava de espada na mão para o estrangeiro:

— Que soides tu?

— Sou D. João de Alencar Commendador da Russia, Governador de Portugal”. (P. 185).

Delicioso aquelle “que soides tu?”. Resquicio da lingua archaica.

Frei João Claro, escriptor do seculo XI, emprega ainda, indifferentemente, *sodes*, *soes* (*sois*). Vide F. Adolpho Coelho — *A lingua portugueza*, p. 175.

Só me resta fazer um appello ao consagrado romancista, interpretando o pensamento dos seus muitos leitores. Explore a *varzea* do Parahyba em todas as direções. Dê-nos o romance da conquista; da occupação hollandeza; resuscite Branca Dias, a judia; conte-nos a vida das modernas usinas, tudo sem preconceitos, procurando vêr nos homens o que houver de mais humano.

ALCIDES BEZERRA

«NATIONAL VELVET»

de Enid Bagnold

Enid Bagnold é o nome da autora. *National Velvet* é o nome do livro. E o adjectivo é: delicioso.

Diz Enid Bagnold que as illustrações são da mão de sua filha Laurian Jones, que tem treze annos de idade. São desenhos de cavallos, feitos com poucos traços e nenhum detalhe, extraordinarios de movimento e de suggestão. Lembram certos desenhos japonezes feitos a pincel e nankim, com traços largos.

O livro também é assim, leve, inspirado, preciso apesar da falta de minucia. É uma sequencia de esquisses que, na successão rapida (como photographias numa fita de cinema) dão o movimento e a vida das personagens.

Gira tudo no livro em torno de Velvet Brown, uma menina de 14 annos que, adorando cavallos, ganha um animal malhado, numa rifa. E sonha que o malhado alcançará gloria e fama, e haverá de ganhar a corrida de obstaculos mais celebre do mundo: o Grand National.

E ella se occupa em fazer viver esse sonho; e fal-o viver.

Em torno disso, de Velvet Brown e de seu cavallo malhado, estão as quatro irmãs Brown, uma das quaes cria canarios; e Donald, o irmãozinho absurdo e encantador. E ha também papae Brown que é açougueiro, mas não tem muita importancia; e mamãe Brown que atravessou a Mancha a nado ha vinte annos, que fala pouco, e sente muito, que tem a vida profunda e solida de uma montanha. E ha ainda Mi, o filho do treinador de mamãe Brown, que comprehende Velvet, e a anima, e a ajuda. E ha todas as peripecias deste sonho incrivel que se torna realidade, e em se tornando realidade parece mais sonho ainda.

Historia deliciosa, linda para quem gosta de cavallos e de creanças, e de heroismo modesto, inconsciente. Mesmo aos que não são assim deve encantar, porque é simples, porque é bem escripta.

JACK SAMPAIO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livrelros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

Luc Durtain — Quatre Continents — Flammarion — Paris.

Nem toda gente sabe que esse admiravel prosador francez é também poeta. Evidentemente as suas criticas á vida internacional é que lhe grangearam reputação pelo mundo todo. Poucos como elle viram o que ocorre presentemente em Moscou e em Nova York. Esse passeante de sociedades faz historia contemporanea com uma lucidez de confessor e clinico. Mas seria iniquo que os seus fortes merecimentos de prosador deixassem para sempre na penumbra os seus trabalhos de poeta. Poeta é elle, a um tempo commovido e reflexivo, desde que figurou no chamado grupo de unanimistas, ao lado de Jules Romains, Chennevière, René Arcos e tantos outros. Poeta que não possui apenas garganta de passaro, doçura de rythmos, engodo de lyrismos mulherengos, mas sabe espelhar a vida, definil-a, convertel-a em substancia de arte. Da terra de Racan e Musset, é elle também, e principalmente, da terra de Pascal.

«PARDON WIRD NICHT GEGEBEN»

Aos que se interessam pelo moderno espirito allemão os romances de Alfred Doblin offerecem um vasto campo de analyse.

Seus personagens não explicam o livro — este é que os explica. Surgem inopinadamente, suprehendendo o leitor e, dir-se-ia, o proprio escriptor, ficando, no entretanto, a sua razão de ser comprovada com o decorrer dos factos e o desenvolvimento da narrativa.

Faz-nos ouvir, a um tempo, as mais diversas vozes; arranca ás cordas sonoras da sensibilidade humana os gritos da dôr e o gargalhar do prazer numa cacophonia, por vezes, irritante. Mas não se occulta nos bastidores; de quando em vez assoma o autor ao limiar de uma observação mais pessoal, de uma analyse mais peculiar e parece dizer: — “Eu estou regendo a orchestra!” — Estuda os typos mais diversos, ora supprimindo-lhes a exuberante vitalidade, ora o individualismo exarcebado do povo germanico.

Doblin, israelita de origem e berlinense de educação, exercia a medicina quando se ensaiava nas lettras, sendo depois psiquiatra e poeta a um tempo.

Em seus primeiros livros descreve maravilhosas viagens á Asia e á China com o entusiasmo e a precisão de quem nunca as realizou. Datam de então *Manas e Drei sprüngen des Wang-lun*. Deixa-se em seguida, dominar pela natureza á qual só mais tarde, antepõe o ser humano. (Phase de Pantheismo exaltado que nos lega: *Das Ich über der Natur* — 1928).

Posteriormente inscreve seu nome entre os de mais destaque no romance contemporaneo com o ruidoso successo de *Alexander Platz*. Alliando á perspicacia do psiquiatra a finura do poeta, escriptor e medico, manejando alternadamente o bisturi e a pena, que vastos horizontes não

lhe descortinam as exigencias do romance sociologico!

Em torno a um misero vendedor ambulante tece, com os caprichos do destino, as peripecias da narrativa. Com a mesma visão profunda traça o plano do seu romance utopista: *Meere, Berge und Giganten*.

Agora, porém, já é outro o livro que Doblin nos entrega, já são outros os caminhos em que nos guia: Seu novo romance — sobre o qual tanto têm dito os mais conceituados criticos europeus — será, talvez, obra de maior vulto pelas observações que delle fazem um precioso documento das luctas e dos abalos caracteristicos ao nosso seculo.

Pardon wird nicht gegeben (Perdão não é dado), — titulo este inspirado numa phrase que a guerra tornou celebre, — é um estudo psychologico de grande actualidade que, talvez por estudar de bem perto certas questões politicas, só poude ser impresso na Hollanda. Gira em torno, ou antes, — nasce da vida de uma familia burgueza cujo chefe morre accidentalmente, deixando-a crivada de dividas. Fugindo aos credores, a esposa aturde abandonada a calma da provincia pela turbulenta capital, arrastando os tres filhos pequenos. O mais velho destes, depois de longas miserias e tremendas luctas, vem a ser arrimo dos seus, embora recalando suas mais intimas inclinações, porquanto se escraviza, coagido, a uma união que não o seduz. Mas, quando a vida parecia perdurar áquelles miseros a falta que outro commettera, o pulso do mundo, enfraquecido pelo que dêra de sangue á guerra, perde a serenidade do seu rythmo. E' a crise tremenda! Fallencias, bancarrotas, fabricas que se fecham, machinas que estacam, o problema tragico do “Chomage” estudado em todas as suas phases, descripto em todos os seus horrores com ma-

gistral pericia. No torvelinho irresistivel lá se vão de emboscada, surpresos, aturdidos, os miseros, os pequenos.

A narrativa se desenrola como uma dolorosa escala, num crescendo que attinge as portas da felicidade, para descer novamente, no esboroamento tragico do final.

Um romance que é um documento. Porque as datas que a historia nos lega, os dados que nos fornece, serão mais precisos em suas affirmações, porém melhor vislumbramos a vida dos seculos idos nas paginas de um Dickens, de um Balzac ou de um Tolstoi.

Os romances de Doblin levarão aos seculos vindouros a essencia das nossas almas, a expressão dos nossos tempos.

EDYLA MANGABEIRA

Povina Cavalcanti — *Candela de Azeite* — Editora Record. São Paulo.

O sr. Povina Cavalcanti, que procede de Alagôas e é aparentado com o poeta Jorge de Lima, vem ligando seu nome a collectaneas que lhe asseguraram a sympathia de brilhantes intellectuaes nossos. O genero que prefere é evidentemente o ensaio, um dos mais difficeis talvez e não de todo comprehendido em paizes que ainda não chegaram á perfeita crystalização cultural. Na *Candela de Azeite*, o sr. Povina Cavalcanti reúne elementos que poderá desdobrar, quando lhe aprouver, em trabalhos de maior corporatura, como nas paginas a proposito de Euclides da Cunha, modelo que está visivelmente a tental-o para um volume completo.

René Benjamin — *A Vida Prodigiosa de Balzac* — Cultura Brasileira — São Paulo.

René Benjamin escreveu este livro, magnificamente traduzido por dom José Paulo da Camara, numa tonalidade perfeitamente balzaquiana, com a mesma intensidade descriptiva, a mesma vivacidade de mimica, o mesmo impeto de dialogo, as mesmas ardentes miragens do escriptor que realizou nos cincoenta volumes da *Comedia Humana* a mais prodigiosa das litteraturas. Por vezes tem-se a impressão de que este romance da vida do romancista foi composto pelo proprio romancista, pelo creador do tio Grandet e do barão Hulot. Divulgar entre nós uma obra de tal robustez é, não ha duvida, dignificar o commercio de livros.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

NOVIDADES LITTERARIAS E REEDIÇÕES

Monteiro Lobato — Arithmetica da Emilia	8\$000
" " — Emilia no Paiz da Grammatica	7\$000
Michel Berveiller — A Tradição Religiosa na Tragedia Grega	8\$000
Augusto Magne, S. J. — Principios Elementares de Litteratura	12\$000
Florence Barclay — Um Nobre Amor — Bibliotheca das Moças (Nova phase)	4\$000
W. Heimbürg — Vendida! — Bibliotheca das Moças (Nova phase)	4\$000
Essad Bey — A Luta Pelo Petroleo — 2. ^a edição	6\$000
Renato Mendonça — A Influencia Africana no Portuguez do Brasil — (Brasiliana)	10\$000
Nina Rodrigues — Os Africanos no Brasil — (Brasiliana)	12\$000
Agatha Christie — O Homem do Terno Marron — Série negra	4\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL -- Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389 RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE OUTUBRO

Jorge Amado — Jubiabá (romance)	10\$000
Azevedo Amaral — A Aventura Política do Brasil (da Coleção Problemas Politicos Contemporaneos)	6\$000
Miguel Reale — O A. B. C. do Integralismo	5\$000
Vicente Licinio Cardoso — Philosophia da Arte 2. ^a ed.	20\$000
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos Outros — Nova série	10\$000
Maurice de Fleury — Introducção á Medicina do Espirito . .	20\$000
Affonso Schmidt — Curiango (contos)	6\$000
Humberto de Campos — Destinos... 3. ^a edição	6\$000

PROXIMAS EDIÇÕES (NO PRELO)

Humberto de Campos — Reminiscencias	
" " — Um Sonho de Pobre	
" " — Poesias Completas — 3. ^a edição	
" " — Anthologia da Academia Brasileira de Lettras	
" " — O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira	

Isadora Duncan — Minha Vida (Tradução de Gastão Cruls)
Plinio Salgado — Cartas aos Camisas Verdes
Tristão de Athaide — No Limiar da Idade-Nova (da Coleção
Problemas Politicos Contemporaneos)

José Geraldo Vieira — Territorio Humano (romance)
Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompéia
Belmonte — Idéias de João Ninguém
Albano Salles — O Chancellor da Paz
Bernardino de Souza — Heroína Bahiana

PUBLICAREMOS BREVEMENTE

Anisio Teixeira — Educação para Democracia
José Lins do Rego — Usina (romance)
Xavier Marques — Terras Mortas (contos)
Garcia Redondo — Caricias 4.^a edição
Almir de Andrade — Da Interpretação na Psicologia
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos Outros (Ultima Serie)
Agrippino Grieco — Gente Nova do Brasil
Graciliano Ramos — Angustia (romance)
Amando Fontes — Rua do Siriry (romance)

NOVIDADES

MARIA FARGUES

Jesus e Pedrinho — III vol.
da Col. "Deus e os Nossos
Pequeninos" — Cartonado
e ilustrado 4\$000

MARIA FARGUES

O Caminho do Céu — IV vol.
da Col. "Deus e os Nossos
Pequeninos" — Cartonado
e ilustrado 4\$000

ALEXANDRE DUMAS F.^o

A Dama das Camélias — Re-
edição da Col. Sip. — Br. 2\$000

TASSO DA SILVEIRA

Tendencias do Pensamento
Contemporaneo — IX vol.
da Bibliotheca Brasileira
de Cultura — Br. 7\$000

PIERRE VACHET

Psychologia do Vicio — 8.^o
vol. da Col. "Obras Edu-
cativas" — Br. 6\$000

J. R. BOURDON

Tratado Pratico da Timidez
— 9.^o vol. da Col. "Obras
Educativas" — Br. 5\$000

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de por-
te. — Preço pelo serviço postal de
reembolso. — Remette-se
Catalogo gratis

A DANSA DA AMERICA

(Do livro MINHA VIDA, de Isadora Duncan)

A despeito do entusiasmo dos auditorios selectos que enchiam o Columbia, sentia-me desanimada por vêr que a minha cidade natal não respondia ao appello que eu lhe tinha dirigido a favor da minha futura Escola. Eram muitos os meus imitadores e já existiam varias escolas decalcadas na minha, que pareciam satisfazer plenamente os meus conterraneos. Dir-se-ia haver da parte delles certo temor de que a minha arte, com character mais frusto, não redundasse em algum desastre. As que procuravam copiar a minha arte, não forneciam outra cousa ao publico senão agua assucarada. Da minha arte, só haviam aproveitado o que se compraziam em chamar "a harmonia e a beleza". Deixando de lado tudo o que nella existia de austero, haviam-lhe retirado o essencial, o seu sentido conductor.

Num momento de amor prophético pela America, Walt Whitman dissera: "Ouço cantar a America", e eu imagino o hymno poderoso que Walt ouvia, provindo das vagas do Pacifico, passando por cima dos campos, elevando-se dentre as vozes do vasto côro de creanças e moços, homens e mulheres, para cantar a democracia.

Quando li esse poema de Walt Whitman, tive também uma visão da America dansando uma dança que seria a digna expressão do canto escutado por Whitman. O rythmo haveria de ser vigoroso como as Montanhas Rochosas, tendo dellas todas as ondulações e os movimentos. Nada teria de comparavel ao saltitar sensual do jazz. Seria como a vibração da alma americana aspirando as alturas, lutando por se elevar até uma vida harmoniosa. A dança que eu entrevia não tinha traco de fox-trot ou de charleston. Havia de ser como a arremettida da creança para os visos mais altos, para o futuro, para uma visão grandiosa e nova da vida, que seria a expressão mesma da America.

Muitas vezes sorri, mas com sorriso ironico, quando ouvia falar da minha dança "grega", pois que eu bem lhe conheço as origens nas historias que minha avó irlandeza nos contava frequentemente. Referia-se ella á travessia do sertão bruto, na companhia de meu avô, em 49, mettidos num carroção apenas coberto de couro crú (tinha ella então dezoito annos e elle vinte e um); como o seu primeiro filho nasceu nesse mesmo carroção, durante um celebre combate com os Pelles-Vermelhas; e como, quando os indios foram rechassados: meu avô, ainda de arcabuz fumegante á mão passou a cabeça pela porta da viatura, afim de saudar o seu primogenito.

Quando elles chegaram a São Francisco, meu avô construiu uma das primeiras casas de pau, e recorro-me de ter visitado esta casa quando ainda era muito pequena. Minha avó, saudosa da Irlanda, costumava reproduzir dansas e canções da sua terra. Mas eu imagino que as suas gigas irlandezas já tivessem algo da alma heroica dos pioneiros e das suas lutas contra os indigenas. Talvez também um pouco dos gestos desses mesmos Pelles-Vermelhas e também um pouco do espirito daquelle yankee Doodle que era cantado por meu avô Thomas Grav, quando tornava da guerra civil. Havia de tudo isso na giga irlandeza que aprendi a dansar com minha avó. A essa dança accresci as minhas aspirações de jovem americana e, depois, a minha concepção espiritual da vida de accordo com os versos de Walt Whitman. E ahí está a origem dessa pretensa dança grega que espalhei pelo mundo inteiro.

Esse foi o seu berço, a sua raiz, embóra mais tarde, já na Europa, eu tivesse tres grandes mestres, os tres grandes precursores da Dança no nosso seculo: Beethoven, Nietzsche e Wagner.

Beethoven creou a dança em rythmos poderosos, Wagner em fórmulas esculpturaes, Nietzsche fórmulas esculpturaes, Nietzsche foi o primeiro philosopho da dança.

Pergunto-me não raro onde está o compositor americano que ouvirá cantar a America de Walt Whitman e que escreverá a verdadeira musica da "dança americana", musica sem jazz, cujo rythmo não buscará origem num bamboleio de quadris, mas ha de nascer do plexo solar — morada temporal da alma — e attingirá o manto estrellado do ceu que, acima dos campos rasos, das Serras Nevadas e das Montanhas Rochosas, se estende do Pacifico ao Atlantico. Supplico-te, jovem compositor do meu paiz, a crear a musica da dança que exprimirá a America de Walt Whitman — a America de Abraham Lincoln.

Parece-me monstruoso que se possa acreditar seja o rythmo do jazz a expressão da America. O rythmo do jazz exprime o selvagem da Africa do Sul. A musica da America ha de de ser muito differente. Ainda está por escrever. Até agora, nenhum compositor apprehendeu esse rythmo da America. E' que elle é por demais poderoso ao ouvido da maioria dos musicos. Mas um dia transbordará pela terra inteira, cahirá como uma chuva dos vastos espaços celestes, e a America será representada por uma especie de musica titanica, que formará uma harmonia do seu cháos, e rapazes e raparigas, de pernas esbeltas e saúde florescente, dançarão ao som dessa musica, não as convulsões tremelicantes e simiescas do charleston, mas um arroubo poderoso, extraordinario, que subirá mais alto do que as pyramides do Egypto, mais alto que o Parthenon da Grecia, expressão de belleza e força como jamais civilização alguma conheceu igual. E essa dança nada terá do fatuo alambicamen-

te do bailado, nem das sensuaes contorções do negro africano. Ha de ser clara. Vejo a dansa da America a equilibrar-se sózinha num dos pés, sobre o viso mais alto das Montanhas Rochosas, os dois braços abertos do Atlantico ao Pacifico, voltada para o céu a linda cabeça, a fronte resplendendo sob uma corôa de milhões de estrellas.

Como é grotesco que se tenha encorajado na America pretensas escolas de cultura physica, de gymnastica sueca, de methodo Dalcroze, de bailados! Uma verdadeira americana não pôde ser uma dansarina de bailados. Suas pernas são muito longas, seu corpo muito esguio e o seu espirito por demais livre para uma escola de graça affectada e passinhos na ponta dos pés. E' notorio que todas as bailarinas celebres eram de conformação pe-

quena e tinham as pernas curtas. Uma mulher alta e fina nunca dansará o bailado. Por maior que seja a fantasia de uma imaginação, esta jamais conceberá a Deusa da Liberdade executando um bailado. Então, por que acceitar essa escola na America?

Henry Ford mostrou desejo de que todas as creanças da Cidade Ford saibam dansar. Elle não approva as dansas modernas, e recommenda que se lhes ensine a dansar como outróra: a valsa, a mazurka, o minuete. Mas as velhas dansas como a valsa e a mazurka não são mais do que a expressão de um sentimento doentio e romanesco, que nossa mocidade supportou, e o minuete não é outra cousa que a imagem da servilidade unctuosa dos cortejões de Luiz XIV e das saias de balão. Que relação pode haver entre esses movimentos e a mocidade independente da Ameri-

ca? Henry Ford ignorará que os gestos têm tanta eloquencia como as palavras?

Por que motivo nossos filhos deverão curvar o joelho deante dessa dansa fastidiosa e servil, o minuete, ou voltear labyrintho da postica sentimentalidade da valsa? Que elles avancem preferentemente a longos passos, aos saltos e aos pulos, de cabeça erguida, os braços amplamente abertos; que traduzam, dansando, a linguagem dos nossos pioneiros, a coragem dos nossos heroes, a Justiça, a Bondade, a Pureza de nossos grandes homens de Estado, e do amor, toda a ternura de nossas mães. Quando as creanças americanas dansarem assim, a dansa fará dellas seres magníficos, dignos de trazer o nome da maior das democracias.

E esta será a verdade dansa la America.

(Traducção de GASTÃO CRULS)

Arthur Ramos — O Folk-Lore Negro do Brasil — Civilização Brasileira — Rio.

"Demo-psychologia e psychanalyse", declara o sub-titulo, a patentear que o sr. Arthur Ramos prosegue nos seus admiraveis estudos em torno a uma das tres raças que constituíram basicamente o Brasil. Perscrutador familiar dos costumes do Norte, especialmente dos da Bahia, esse operoso homem de sciencia estuda os afro-brasileiros sem nenhuma especie de pedantismo, percebendo-se-lhe o amor sincero aos elementos populares que evoca, ao invéz de uma tendencia mercantil de pura utilização didactica. Fugindo a dissertações eruditas, elle vê o povo como uma criação perpetuamente renovada de vida e de belleza, como a unica fonte possivel de poesia, e o seu folk-lore é animado e entusiasta como um romance, como um poema. Sem esquecermos a parte scientifica de taes volumes, forçoso é rejubilar com o bello artista que a cada passo se encontra no sr. Arthur Ramos.

Marie Fargues — O Caminho do Céu — Civilização Brasileira — Rio.

E' o terceiro volume de uma especie de iniciação das creanças nas bellezas da vida de Christo e nos primores do rito catholico. Marie Fargues, autora destes deliciosos livrinhos, é dos que encontram a linguagem ideal para dirigir-se aos meninos, sem desvirtuamento das fontes historicas em que se abebera, e as tradutoras brasileiras chamam-se Maria Augusta da Costa Ribeiro e Laurita Pessoa Raja Gabaglia, valendo os dois nomes pela certeza de uma adaptação de extrema pureza vernacula. Bastante expressivos são, no caso, os louvores do Padre Leonel Franca ás tres escriptoras congraçadas em obra de tantos meritos christãos.

Guy Fowler — O amor nunca morre — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Falando dos romances para moças com que a Cia. Editora Nacional tanto tem avolumado o seu catalogo, devemos acima de tudo alegrar-nos com excellencia dos seus traductores brasileiros. Assim é que esse volume de Guy Fowler é trazido até nós pelo vigoroso publicista Azevedo Amaral. Da mesma fórma Godofredo Rangel, que é um tecnico no genero, verteu para o nosso idioma a Francesca de Cecil Adair. Um nobre amor, de Florence L. Barclay, encontrou a mais feliz das interpretações na boa prosa do sr. Luiz Amaral. E igualmente feliz foi o Casamento de experiencia, de Concordia Merrel, que o sr. Oliveira Ribeiro Netto estylizou com a maior intelligencia em nossa lingua.

PELOS MAIS MODERNOS SYSTEMAS

NORTE-AMERICANOS, A

ADMINISTRADORA

IMMOBILIARIA LTDA.

encarrega-se de administrar seus predios

Procure-a,

autorize-a e

fique tranquillo:

Seus bens darão renda e

serão conservados

Praça Floriano

EDIFICIO DO CINEMA GLORIA - 2.º ANDAR

Omar Khayyam, Negador da Vida

Para os leitores modernos do *Rubaiyat* (1), a philosophia de Omar Khayyam, que traz a respeitavel idade de quasi dez seculos, não pode mais ser comprehendida. O poeta entra, mesmo, para a galeria dos responsaveis pelo atrazo intellectual da Humanidade, dos responsaveis pela miseria da situação actual do mundo. Fica apenas o grande, o enorme poeta lyrico Omar Khayyam, amante das bellas raparigas de "seios de neve" e do vinho em urnas de fórmulas voluptuosas. Porque os homens rejeitaram o commodismo apregoado pelos lacaios das classes dominantes e aprenderam o supremo ensinamento da concepção marxista do mundo e da vida — a belleza da vida está na lucta. O homem de hoje vive luctando. E por isso mesmo crê a possibilidade da realização de grandes coisas até agora desconhecidas na Historia.

Poeta lyrico, Omar Khayyam não foge á regra geral dos poetas lyricos, quasi sempre sahidos da classe dominante, ou a ella adherentes ideologicamente. O centro da sua lyrica é o prazer facil, facil e ephemero, — o amor carnal, a embriaguez do vinho, a sêsta á sombra das palmeiras. Poesia baseada no prazer a que se podem entregar os de barriga cheia, os Eleitos, os acima da Humanidade. "Um pouco de pão, um pouco de agua fresca, a sombra de uma arvore e os teus olhos! Nenhum sultão é mais feliz do que eu..." "O amor, na sua poesia, tem um gosto estranho de vinho, de vinho amargo, mas de deliciosos effeitos. O amor cheio de sensualidade, porejando sensualidade, dos orientaes da sua raça. O poeta mesmo aconselha: "Que o teu

amor pela bem-amada seja igual ao da urna pela taça. Olha bem: labio collado a labio, ellas se dão o proprio sangue". Mas o amor, apesar de tudo, na poesia de Omar Khayyam, tem ressaibos de escravidão, de servilismo por parte da mulher. O objecto do amor é apenas a femea, o instrumento do prazer, por isso mesmo docil, obediente, sem voz, sem direitos. O egoismo do macho é a lei. Quando a Amada o abandona, o poeta fala consigo mesmo: "Junto da tua bem-amada, Khayyam, como estavas só! Sabes? Ella se foi para que tu possas refugiar-te nella..." Khayyam não ama a mulher, ama o amor, que só por meio della se realiza. "Minha paixão por ti tem razão contra mim mesmo..." — confessa o poeta á Amada. Felizmente para Khayyam, as suas mulheres não pertenciam á classe de mulheres-monstros (mulheres de corpo de alabastro, de cabellos de seda, de pernas de estatua, etc.) que a imaginação dos poetas creou. As suas mulheres eram mulheres de carne e osso, authenticas mulheres orientaes, de corpo flexuoso e langue, de cabellos longos e negros, de olhos acariciadores e vivos. Khayyam dá a impressão de haver sido um grande debochado. Si vivesse hoje, possivelmente adheriria á enfiada de vicios elegantes e de perversões sexuaes em que se resume, afinal de contas, toda a cultura da sociedade burgueza.

Omar Khayyam não vê a belleza da vida, não acredita nella. Ha, apenas, além do amor, um prazer, — o do vinho. "O vinho dar-te-á o calor que não possues. Libertar-te-á das nevoas do passado e das brumas do futuro. Inundar-te-á de luz, livrando-te dos grilhões do prisioneiro..." Para quê a lucta? "Procura ser feliz ainda hoje, pois não sabes o que te reserva o dia de amanhã. Toma uma urna cheia de vinho, senta-te ao clarão do luar e monolôga: — Talvez amanhã a lua me procure em vão". E, co-

mo não se sabe o que virá depois, o poeta exhorta: "Bebe vinho! Sê feliz um instante, o instante fugitivo que é a tua vida..." Para a conquista da felicidade, só a disponibilidade eterna do coração. "Não busques a companhia de ninguém. Não te inclines sobre dor alguma. Não participes da alegria alheia". Para o poeta, é igualmente impossivel, diante da nossa "incuravel ignorancia", affirmar ou negar. "Posto que as religiões te promettem o Paraíso, cuida de crear um neste mundo, que o outro é duvidoso". Mas, apesar de aconselhar a criação do Paraíso neste mundo, o poeta, diante da transitoriedade da vida humana, ordena, com o ar *nonchalant* de um bohemio inveterado, vagabundo do espirito, espectador da vida: "Bebe vinho e contempla a lua, evocando as civilizações que ella já viu morrer". Que pobre Paraíso, o de Khayyam! Nem mesmo o amor vale a pena, porque o poeta adverte: "Lembra-te que Deus fez o amor como fez certas plantas venenosas..." Sómente o vinho resiste á prova. "Todos os reinos por uma taça de vinho precioso"! O mundo existe *em função* do nosso pensamento — e acabará com elle. O momento presente é o grande momento, o unico momento. Toda esta philosophia reaccionaria se resume, afinal, nisto:

— Para que a lucta?

Petronio, em condições mais ou menos parecidas, ironizava, demonstrava a sua antipathia por um mundo apodrecido e inutil. A attitude de Omar Khayyam, por nem chegar á ironia, fórma superior da negação da vida (superior, porque indirectamente trabalha por uma nova e melhor comprehensão della), é mais negativista ainda, é a negação absoluta da vida. A ironia, como fórma branda de lucta, ainda é lucta, ainda é affirmação de vida. E o scepticismo de Khayyam? "Bebe vinho"! A attitude passiva da renuncia á vida trabalhosa, mas por isso mesmo bella, em troca do paraíso artificial do

(1) — Este artigo reflecte as impressões que me deixou a leitura do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, na excellente traducção do sr. Octavio Tarquinio de Souza, recentemente publicado, em segunda edição, pela Livraria José Olympio Editora (Rio de Janeiro, 1935).

alcool... A attitude passiva do amante que procura o amor como o seio materno (que o digam mestres Freud e Otto Rank!), para se esconder das agruras da vida real, para abysmar-se no inconsciente... A attitude passiva do homeni que se deita á sombra das arvores, para *sofrer* a caricia envolvente da natureza, para se anniquillar como homem, se transformar, descer até o vegetal e o mineral... A attitude negativista de Omar Khayyam, filha do pessimismo do *Ecclesiastes*, parenta do scepticismo de Petronio, teve a sua ultima flôr — muito bella, mas, afinal, a ultima, — no scepticismo risonho do velho Anatole France, o Anatole do *Sylvestre Bonnard* e do *Crainquebille*, ultimo representa. e de uma raça em franco desaparecimento.

Attitude negativista, attitude reaccionaria. Para que a lucta, a agitação, a vida activa e bella,

si ha o amor, si ha a sombra amiga das palmeiras, si ha, sobretudo, o vinho? Omar Khayyam falava em nome da classe que detinha o Poder, da classe que se deleitava em festins nababescos á custa do suor dos escravos, da classe que dispunha sobre a vida e sobre a morte de milhões de seres ligados, por milhares de laços, á existencia miseravel. Omar Khayyam tinha tempo para notar: "Os passaros estão cantando..." Na sua poesia, entretanto, nem sombra dos trabalhadores. O oleiro fabricava as urnas de vinho, mas, afinal, que lhe dizia Omar Khayyam? Apenas dizia que a argilla dizia: "Não esqueças que já fui como tu... Não me maltrates..." O oleiro, naturalmente, queria algo menos poetico. Para Omar Khayyam, porém, o problema não interessava absolutamente... "Bebe vinho!"

Omar Ibn Ibrahim El Khayyam foi um grande poeta. Poeta, desses que merecem um P. maiusculo, porque soube dizer com *sinceridade*, e numa fôrma elegantissima, dos problemazinhos da sua vida regalada de sybarita. Poeta que não precisa de nada mais, além da sua poesia, para ser admirado por todos os homens inteligentes do mundo. Admirado — não amado e compreendido. Porque nascemos no Seculo XX, vivemos, de um modo ou de outro, a experiencia da guerra, assistimos á decomposição total do regime capitalista, vemos sahir da treva, animada por intenções nada amigaveis, os fascistas de todos os matizes e marchamos, fuzil no hombro, ao lado dos operarios e dos camponeses, pela implantação de uma vida melhor e mais bella.

EDISON CARNEIRO

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a Saul Borges Carneiro)

Londres, 23 de Junho de 1927

Meu caro Saul,

Respondo á tua de 28 de abril, que recebi o mez passado, e não lhe pude dar logo resposta devido a estarmos de mudança, quer o consulado, quer eu tambem. Pedreiros, pintores, decoradores, barulho, poeira, cheiro de oleo e tambem expediente a despachar — tudo isso não nos dava lazer para tazarellar com os amigos, ainda os mais queridos.

Agradeço-te o vernaculo á Fernão Lopes e os *Lusladas* do Epiphanio. Agora espero anciosamente os *Sermões* de Vieira, porque a edição que possuo, feita ahi mesmo no Rio de Janeiro, é simplesmente abominavel. Parece até coisa feita por gente da politica.....

A minha vida aqui coire na mais pacifica monotonia que pôde desejar um velho e desilludido solteirão que é este teu amigo. De vez em quando vou a algum theatro. Não vou sempre, porque os dinheiros são escassos; a vida, carissima; e os theatros andam por preços prohibitivos. Qualquer cadeirinha para opereta ou revista: 16 shillings, ou sejam 32\$000. Em todo o caso pude, apertando muito as fivellas em torno da barriga, gozar a *Tetralogia* de Wagner na Opera Real de Covent Gardén a 30 shillings, isto é, 60\$000 a cadeira, para quem quizesse... Tenho ouvido e visto representar Shakespeare, Bernard Shaw, etc. A minha impressão dos actores e principalmente das actrizes deste paiz é a mais alta possivel. A perfeição da arte de representar está nestas poderosas ilhas. Quanto a Wagner, já se sabe,

foi cantado em allemão pelo que ha de melhor em materia de artistas, nas Operas de Vienna, Berlim e Munich. Orchestra de primeira ordem. Regentes allemães. Um delles, Bruno Walther, magnifico. Quanto a scenarios, inferiores aos do Municipal. Velhos, coisas de antes da guerra. Sala repleta. Casaca obrigatoria. Wagner na integra. Começando ás 4 e 4 1/2 da tarde, para acabar ás 11 1/2 da noite, com intervallo de hora e meia para o jantar. Ouvi tambem *Aida*, cantada em italiano. Altos e baixos. Orchestra excellente, regida pelo nosso conhecidissimo Belleza Vincenzo, que está um regentão. Primeira bailarina: Karavina. Amneris foi a senhora Siegfried Onegin, sueca, mas cantando maravilhosamente em italiano, melhor italiano do que o do Aureliano Pertile, que articulava mal. A senhor Onegin é o mais estupendo contralto que já ouvi até hoje. Depois, bella, majestosa, e representando maravilhosamente bem. Sublime quer em Verdi, quer e sobretudo em Wagner. — Podes pedir á livrario Solidonio continuar a enviar-me os seus catalogos, como faziam no Rio? — Abraços a todos. Lembranças ao Pelagio, que não escreve. Espero noticias tuas sempre. Do velho

Antonio Torres.

Caro Saul (1) — Que terá succedido ao Godoy (2)? Ainda existe? Escreve-me. Abraços do teu velho

Torres.

Londres — 2-11-27

Brasillian Consulate General
Aldwych House W. C. 2

Londres — 19-3-29

Caro Saul,

Como já ha tanto tempo não tenho recebido lettras tuas, recorro hoje ao bemaventurado Patriarcha S. José (cujo é dia) afim de que, pela poderosa intercessão de tão glorioso santo, me venha de lá alguma carta que seja pelo menos tão interessante quanto a ultima que de ti recebi. Quanto a mim, cá vou indo, não como tu que tens amores, mas apenas como um velho que, tendo nascido casmurro, ainda mais casmurro se torna com o avanço da idade. De vinte e quatro em vinte e quatro horas este mundo me parece menos interessante. Si o meu desinteresse pela vida continuar na mesma progressão, não sei bem o que poderá succeder. Fôra da leitura só ha uma coisa que me agrada, encanta e seduz: dormir. O espectáculo dos homens me parece cada dia mais deploravel, uma semsaboria sem nome. Infelizmente tenho que sair diariamente de casa não só para vir ao Consulado mas tambem para comer porque não moro em hotel nem pensão, graças a Deus, o que forra ao desespero de vêr todo dia caras que eu desejava Desforro-me, porém, aos domingos, porque, tendo-me deitado no sabbado á noite, fico na cama até a noite de domingo, quando então a besta sae do covil em busca de alimento. O ideal, porém, seria dormir e não acordar mais nunca. Talvez isto me succeda algum dia. Em todo o caso, o meu maior desejo seria não precisar de sair de casa. Como o genero humano é estúpido, idiota, ma-

cacal e obsceno! Mandei-te hontem um livro de Menendez Pinal sobre as origens da lingua hespanhola. Talvez te seja util. Pareceu-me technico em demasia. Em todo o caso representa uma somma de trabalho digna de respeito. Si o receberes será favor communicar-m'o. Que novidades haverá por ahi? Como sempre, nenhuma, não é? O governo federal levantou hontem aqui mais um emprestimo de 15 milhões esterlinos, o que me faz crer na prosperidade invejavel do Brasil. Viva o credito... enquanto não acabar! Como vae o Pelagio (3)? O jornal do Godoy ainda está saindo em S. Paulo? Ha longos mezes não tenho noticia nem de um nem de outro. Espero tuas sempre bemvindas letras. Abraços do teu velho

Torres.

Hotel d'Angleterre — Place d'Allier
Vichy— 25-VIII-29

Caro Saul,

De Londres me recambiaram a carta que me escreveste com data de 28 do p. p. Gratissimo. Já estava incommodado com o longo e largo hiato que abriste na nossa já minguada correspondencia. Logo que aqui cheguei escrevi-te um postal de lembranças. Não sei si lá chegará. Estás magnifico em estylo de Fernão Lopes. Mas não insistas muito nos classicos, porque produzem allopecia. Tu já estás sufficientemente careca. Não queiras perder os ultimos pellos. E' verdade que eu sou um desmentido a isso pois, tendo lido classicos durante tanto tempo e ainda percorrendo-os de quando em vez, nem por isso deixo de ter uma cabelleira absalonica. Estarei em Londres, **volente Deo**, no principio de setembro e então é que saberei si la chegaram os livros que me dizes ter mandado. Provavelmente lá chegaram. Todo o perigo de extravio está apenas no trajecto entre os Correios e o navio inglez. Uma vez a bordo, os inglezes incumbem-se de entregar o pacote correctamente.

Não conheço o tal **Embaixador Fagundes** (4). Quando passei agora por Paris, encontrei na nossa embaixada o Amaral Murtinho (Nhônhô) que, conhecendo muito melhor do que eu as estribarias diplomaticas da nossa patria, me affirmou que o Fagundes é um tal L. B. Não o conheço, porém, nem de vista.

Si andas, como dizes, triste, macambusio e hepatico, o teu destino deve ser Vichy. Cá estive o anno passado e melhorei muito. Cá estou de novo e melhorando. E' verdade que, apesar de tudo, a minha tristeza é immensa. A lingua está limpa mas o coração está imunido. Ah! si eu pudesse ter fé outra vez! Si eu pudesse ir ao padre e confessar-me! Mas não creio em mais nada: Sou um animal doente e nada mais. Agora é ir vivendo até que chegue o dia de morrer como qualquer cachorro. Aliás eu espero e desejo morrer como gato, nalgum canto em que ninguem me veja. E que o meu cadaver seja cremado. Pe-

ço isto a todos os meus amigos de Londres, onde ha crematorio. Creio em Deus, em Deus sómente, em Deus que não é nada disso que os padres, os pastores protestantes, os bonzos e ulemás andam descrevendo. Deus não é, não pôde ser essa entidade primitiva e grosseira que os homens concebem. Os theologos de todos os cultos até hoje só têm blasphemado Deus nas suas theogonias e theologias sarrafaças. Deus não é isso. Que é então? Não sei. Creio em Deus como Causa Primaria e Suprema de tudo. O atheismo é um absurdo philosophico. Mas nenhuma igreja sabe, nenhum sacerdocio soube nem sabe nem saberá neste mundo **O Que E' Deus**. As minhas meditações me entristecem e me encham de amargura tal que não posso descrever-a. **Nunc videmus per speculum in oenigmate**, como diz São Paulo. E' exactamente esse enigma que esmaga a minha pobre, infima ignorancia. Refugio-me então na leitura. Os livros, porém, só fazem levantar na minha alma tempestades trovejantes de desespero que ás vezes bem me custa amainar. Por vezes, como um relampago de maldição, esfusio-me no espirito a idéa do suicidio. Eu, porém, enxoto-a como Santo Antão os seus maus pensamentos. A vida realmente não é um bem **in se**. Pôde quando muito ser um bem **secundum quid**. E' por isso que acho um crime gerar filhos. Para que? Si eu não existisse não soffreria como soffro. Gerar filhos é a maior prova do mais negregado egoismo que um casal de feras humanas em cio pôde dar de si. O infanticidio é um acto de amor. Mas deixemos de lado esses sinistros pensamentos, que me seguem e perseguem de manhã á noite.

Deves vir a Vichy ou então (como sei que tens preferencias por coisas germanicas) ir a qualquer estação para hepaticos nalgum logar das vastas Allemanhas, cujo corpo material foi despeçado pelo tratado de Versalhes mas cujo espirito permanece uno, intacto e intangivel. Vou mandar-te um livro acerca da Hygiene dos Hepaticos. E' um bom livro. A vida em Vichy é agradável e ha hoteis ao alcance de todas as bolsas. Só isso explica que eu possa vir aqui, assim como tambem gente ainda mais pobre do que nós. E... está cheio de allemãs! Foi o meu medico que m'o disse. Elle proprio, apesar de francez, tem muitos clientes allemães e brasileiros tambem. Ha aqui gente de todas as raças e de todos os climas e religiões, incluindo **sheiks** mahometanos, majestosos nos seus albornozes e turbantes variegados. Padres seculares, missionarios, bispos, millionarios e tambem pobretões como eu. Ha cafés, theatros e theatrinhos. Tenho ido á Opera do Casino. Já ouvi o **Barbeiro** (bem cantado pela prima-dona), **Lohengrin**, o **Jongleur de Notre Dame** (assassinado perversamente pelo conjunto todo com a cumplicidade do regente da orchestra) e tambem uma obra nova, um saynete em musica ultra-moderna

cujo nome é **Chirurgie**. Extrahido de um conto de Tchekov. Gostei da musica, algo stravinskyana. O autor é um joven musico francez — Ferroud. Tem futuro o rapaz. Hoje já estou munido de cadeira para ir amanhã assistir ao grande successo dramatico da temporada: **A Dama das Camellas**, tendo por protagonista a veneranda septuagenaria Cécile Sorel, aliás Comtesse de Ségur. Eu hontem (domingo) estava tão aborrecido que até fui a uma corrida de touros com matadores hespanhóis. Os touros pareciam carneiros. Nem era aquillo uma tourada mas antes uma pastoral digna de ser cantada por Virgilio na **Georgicas**. Quanto aos matadores, poderiam servir de modelo para uma tela de Goya mas tinham muito medo dos bichos.

Por falar em politica, as coisas ahi estão fervendo, não? Com que então os paladinos das liberdades patrias são o Antonio Carlos, sub-producto do sallismo, e o Getulio Vargas, sub-producto do borgismo! **E'patant! Ahurissant!** Que differença ha, politicamente, entre Getulio e Prestes? Entre João Pessoa e Vital Soares? Entre A. Carlos e W. Luiz? Pois não são elles filhotes de corrilhos politicantes? que classe desunida! Aliás, gosto quer do Getulio quer do Prestes, ambos meus amigos. Dispozesse eu de dois votos e daria um a cada um. Como não sou politico...

Encontrei-me outro dia com o opulento academico Alberto de Faria. Coitado! Está um cadaver. Conversámos um pouco á porta do Cassino. Palavra que tive pena do homem. Tão forte que era! Foi entrar para a Academia e bumba! Está á morte. Terrivel Academia! Cruz, credo! Outro academico que vi, mas esse rosado, foi o nosso F'linto d'Almeida! Acha-se entre nós com a esposa e uma filha. E hoje a quem vi? A quem vi eu pezando-se numa balança do parque e muito pintadinha, de boina preta e bengalinha? A nossa quinquagenaria B... L... C...! Toda serelépe e feliz. Felizmente essa gente não me conhece, de sorte que posso contemplal-a e estudal-a perfectamente a meu gosto. Ha por aqui varios brasileiros. Desconhecidos todos. Distinguo-os pela loquela. Quando me succede sentar-me (sem o querer) perto de um grupo delles, abro logo um jornal inglez, de que ando sempre munido. E aprecio-lhes então as conversas ingenuas e completamente vãs. Que cabeças de coco de sapucaia secco! E basta de parolagem vã. Espero que me escrevas, dando-me noticias do movimento politiquero. E' raro ver eu jornaes do Brasil. Não sou assignante de nenhum. Abraços ao Gastão e ao Pelagio. Imagino que discussões não estará travando o compadre Pelagio!... Abraços do velho

Torres.

(1 - Bilhete postal. 2) - Adasto de Godoy. 3 - Pelagio, Borges Carneiro. 4) - Romance publicado sob o pseudonymo de *Um addido de Embaixada*.

APEDIDOS

Discurso do Sr. Ministro da Fazenda na Camara dos Deputados

"Exmo. Snr. Presidente. Snrs. Deputados. Ao entrar em terceira discussão a proposta de orçamento para o exercício de 1936, julgei do meu dever, dadas as responsabilidades que pensam sobre o Ministro da Fazenda na execução da politica financeira do Governo, prestar a esta Assembléa o concurso das minhas informações, relativamente á sua verdadeira situação no momento actual, transmittindo-lhe, do mesmo passo, os esclarecimentos ao meu alcance com o fim de cooperar, á medida das minhas forças na obra que a esta Assembléa cabe realizar.

Evitarei as dissertações theoricas e procurarei dar ao meu trabalho o caracter apenas de um repositório de dados dispostos em fórma clara e simples de modo que sirvam aos eminentes legisladores como elemento, com alguns comentarios e suggestões quanto ao que se afigura realizavel e dentro do qual, a meu ver, se poderá processar a restauração definitiva das finanças do Paiz.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

O momento financeiro que passo a examinar é o do fim de junho deste anno, a data mais recente que a contabilidade publica me permite analysar com segurança, pois, como é natural, os dados referentes aos dois ultimos mezes ainda não chegaram de todos os pontos da Republica. Coincide, além disso, a data de 30 de junho com o termo da primeira metade do exercicio em curso. Como preliminar do exame e para bom entendimento de tudo o que se seguir, julgo de vantagem lembrar que a contabilidade publica no Brasil não tem seguido um systema uniforme e, pelo contrario, tem soffrido modificações, o que importa saber para effeito de avaliar a extensão da segurança de seus dados no juizo do confronto de contas publicas.

O decreto n. 23.150, de 15 de setembro de 1933, restabeleceu afinal no Brazil o systema do **exercício financeiro**, dentro de cujos principios foi organizada toda a nossa aparelhagem administrativa e se fez a educação do functionalismo publico, e nos seus consideranda traz a condemnação do systema de gestão, cuja base theorica consiste em: admittir-se que a despesa transposta de um anno para outro seja compensada pela receita transposta, o que se verifica com absoluta exactidão na Inglaterra, patria do systema de gestão. Ahi em consequencia da simplicidade e celeridade dos processos administrativos, a despesa por pagar transferida ao novo exercicio é relativamente pequena e se compensa, approximadamente, com a receita trans-

ferida, proveniente de impostos directos, lançados e não arrecadados.

Nos paizes, entretanto, de orçamentos desequilibrados, com predominancia de impostos indirectos, como o Brasil, onde as duas condições se verificam simultaneamente, a despesa por pagar de um exercicio será elevada, ao passo que será de um valor quasi nullo o residuo da receita — que é formado pelos impostos directos, lançados e não arrecadados. Nestes paizes o resultado do systema de gestão financeira será negativo pelo completo falseamento dos balanços, nos quaes se póde dminuir ficticiamente o valor das despesas.

CARTEIRA DE REDESCONTOS

Pelos termos do contracto entre o Thesouro e o Banco do Brasil, no fim de cada anno aquelle deve pagar o saldo de posição que então estiver a dever, sob pena de ficar o Banco desobrigado de novos supprimentos. E' evidente que, sendo o Banco do Brasil de depositos e descontos, não póde emprestar sem limite ao Governo e precisa ter sempre em vista as suas condições de fluidez.

Com a criação da Caixa de Mobilização Bancaria, concentraram-se no Banco do Brasil os excessos de encaixes dos demais bancos, que chegaram a limites muito altos em virtude da paralyzação de negocios e tambem da crise de desconfiança que em todo o mundo feriu a instituição bancaria. Taes recursos permittiam ao Banco realizar as operações de credito que o Thesouro precisava para regularizar a sua situação, sendo, no emtanto, evidente que, sob pena de incorrer em grave erro de technica bancaria não podia emprestar a prazo medio ao Thesouro quantias de que dispunha a prazo curto — a maior parte á vista, sem se assegurar para o caso possivel de retiradas dos seus depositantes. Afim de attingir este objectivo conveio o Banco em emprestar ao Governo a prazo medio — um, dois e tres annos, — porém com o direito de levar os titulos a resdesconto, no caso de lhe ser necessario para attender ás operações de commercio normal.

Realizou-se a primeira operação de desconto com o Banco do Brasil em 1932, assignando o Governo Federal titulos no valor de 600.000 contos, aos quaes foi extendida a faculdade de serem levados a resdescontos, independente do limite estabelecido para as operações da carteira (decreto n. 22.263, de 28 de dezembro de 1932).

Para regularizar as contas no fim do anno de 1933, o Governo assignou mais 200.000 contos de letras nas mesmas condições e com o mesmo objectivo e em situação identica para liquidar o exercicio de 1934 mais 300.000 contos, ou seja, ao todo Rs. 1.200.000:000. Desses

titulos foram, por sua vez, resgatados, de accordo com os contractos em 1933 200.000 contos e em 1934 350.000 contos expressando-se pela importancia de 650.000:000\$000 a responsabilidade actual do Governo por promissorias ao Banco do Brasil.

Durante todo o anno de 1932 e 1933 o Banco do Brasil não precisou levar a resdesconto os titulos do Thesouro, mas este anno, em virtude do augmento de negocios e precisando attender ás necessidades do commercio e classes productoras, — necessidades de que dá uma média exacta a elevação das taxas de juros — o Banco do Brasil, usando do direito gêmeo da propria operação de credito que realizára, levou a resdesconto uma parte desses titulos.

De que o Governo andou bem quando preferiu o recurso ao credito duzentos mil contos de que precisou lançar mão, já resgatou quasi a metade sem que o meio circulante tivesse soffrido alterações. Admittindo, mesmo, a hypothese que, aliás, não ocorre na realidade, de que o Banco do Brasil levasse todos os titulos a resdesconto, determinando um augmento do meio circulante (até hoje o Banco levou a resdesconto apenas ... 200.000 dos 650.000 que tem em carteira, emittidos pelo Thesouro), este desapparecia em função do resgate das promissorias. Evitado a mal do desequilibrio orçamentario, o resgate se faria pelas forças do orçamento em um ou dois annos e a situação estaria regularizada; e digo estaria porque, de facto, ella o estará muito breve, em consequencia da operação de liquidação dos atrasados commerciaes inglezes e americanos. Do producto em moeda brasileira dessas operações o Governo entrará na posse, logo que assigne os tributos nos termos dos accórdos, pretendendo applical-o na liquidação parcial desse debito.

O que se demonstra pela linguagem convincente dos numeros, o que se conclue dos confrontos estabelecidos e o que está no consenso unanime de todos os brasileiros, é que o Governo que ahi está, seguro no cumprimento dos seus deveres, infatigavel na sua acção constructora, firme nos seus propositos, tudo tem feito e tudo fará para o engrandecimento da nossa patria, honrando os pesados compromissos que a imprevidencia do passado lhe legou, vencendo uma a uma todas as resistencias que se lhe tentam oppor, envidando o maximo dos seus esforços em pról da restauração das finanças publicas e do desenvolvimento da economia nacional, promovendo o fortalecimento do credito, incentivando o augmento das riquezas, assegurando o livre exercicio de todas as profissões honestas, reorganizando todos os serviços do Estado e garantindo a tranquillidade dos cidadãos para que pelo trabalho fecundo, possam todos emprestar o concurso de sua patriotica e efficiente collaboração nessa obra gigantesca da qual o Brasil ha de surgir engrandecido no conceito do mundo.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

Octavio de Faria — DOIS POETAS — Ariel, editora Ltda. Rio.

Arthur Ramos — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL — Civilização Brasileira S. A. Rio.

Delgado de Carvalho — SOCIOLOGIA APPLICADA — Cia. Editora Nacional. S. Paulo.

Aderbal Jurema — INSURREIÇÕES NEGRAS NO BRASIL — Edições Mozart — Recife.

Oliveira e Silva — A MACHINA DA FELICIDADE — Contos — S. Paulo.

Azevedo Amaral — A AVENTURA POLITICA DO BRASIL — Livraria José Olympio — Rio.

Fernando Silveira — PELA EDUCAÇÃO — Rio.

Jorge Amado — JUBIABÁ — (Romance) — Livraria José Olympio — Rio.

Orlando de Carvalho — DUAS OFFICINAS DE POLICIA TECHNICA — Os Amigos do Livro. Bello Horizonte.

Vicente Licinio Cardoso — PHILOSOPHIA DA ARTE — 2ª. edição — Livraria José Olympio. Rio.

Rubey Wanderley — ALCIONE — (Romance) — Edições Alba — Rio.

Dr. Rocha Filho — DEMENCIA PRECOCE E SULFOPYRETOTHERAPIA — Maceió.

Alcides Bezerra — ASPECTOS ANTHROPOGEOGRAPHICOS DA CONSTITUIÇÃO — Off. Graph. do Archivo Nacional. Rio.

Olympio Sanmartin — BENTO MANOEL RIBEIRO — Ensaio historico — Porto Alegre.

Monteiro Lobato — EL PRESIDENTE NEGRO — Trad. de Benjamin Garay — Buenos Ayres.

Lopez de Molina — CUENTOS PORTEÑOS — Buenos Ayres.

Luc Durtain — QUATRE CONTINENTS — Flammarion, Paris.

Ramon J. Carcano — Juan Facundo Quiroga — Trad. de J. Paulo de Medeyros — Rio.

Conde de Gobineau — AVENTURAS DE JOÃO DA TORRE MILAGRE — Schmidt, editor. Rio.

Ovidio da Cunha — DIRECTRIZES DA ANTHROPOGEOGRAPHIA BRASILEIRA — Rio.

Herman Melville — MOBY DICK — A FERA DO MAR — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Guy Fowler — AMOR NUNCA MORRE — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Marie Fargues — O CAMINHO DO CÉO Civilização Brasileira S. A. Rio.

Marie Fargues — JESUS E PEDRINHO — Civilização Brasileira S. A. Rio.

Vicente Licinio Cardoso — Philosophia da Arte — Livraria José Olympio — Rio.

E' a segunda edição de um dos trabalhos que melhor depõem quanto ás faculdades de comprehensão e synthese de um dos primeiros pensadores do Brasil. Da nossa parte só podemos rejubilar com o resurgimento desse excellente livro de Vicente Licinio Cardoso, em bella edição do livreiro José Olympio. Porque a verdade é que na apresentação primitiva não obteve elle dos leitores brasileiros a attenção que merecia, talvez por não se tratar de materia facil, por não estar á altura de qualquer a densidade dos conceitos que resumiam e commentavam os factores essenciaes da arte antiga e moderna. Valha-nos a esperanza de que a reaparição do volume, aos cuidados de um editor que não ignora os mais intelligentes methodos de propaganda á moderna, concorrerá para que se faça luz plena em torno ás idéas de um dos homens que pensaram mais alta e nobremente em nossa terra.

Mario Travassos — Projecção Continental do Brasil — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

E' a segunda edição, augmentada, de um livro que ainda não foi esquecido por quantos, prezando os estudos universaes, reservam entre elles um logarzinho especial para o nosso Brasil. O prefacio de Pandiá Calogeras, bastante honroso para o autor, põe em evidencia os austeros propósitos de pesquisador do sr. Mario Travassos, que sabe desentranhar das lições de geologia e geographia um valioso aproveitamento humano. Lendo-o, constata-se que os factores de ambiencia, do elemento "meio", são menos desenháveis do que pretendem os contendores de Taine. Já agora é impossível conhecer bem um dado povo sem lhe saber direito a configuração e projecção continental das terras que habita.

Olyntho Sanmartin — Bento Manoel Ribeiro — Porto Alegre.

Tão esforçado quão modesto em suas pesquisas, o sr. Olyntho Sanmartin offerece-nos um ensaio historico em que abundam as informações sobre a figura que mais fortemente encarna a bravura da gente dos pampas. Tendo começado a sua carreira de escriptor ás voltas apenas com as questões esportivas, esse distincto patricio atirou-se posteriormente a um genero de pesquisas bem mais difficil e este seu ultimo volume, de amplas proporções, prova que o não fez inpropiciamente. Bento Manoel Ribeiro representa contribuição estimavel ás festas do Centenario Farroupilha.

A Mathiez — Historia da Revolução Franceza — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

Quando se verificou, não ha muito, a morte desse notavel historiador francez, todos accentuaram a excellencia dos seus attributos de inquiridor do passado, a precisão e lealdade dos seus methodos de reconstrucção objectiva. Repetindo os escrúpulos de Fustel de Coulanges quanto á necessidade de nada affirmar sem documentação immediata, A. Mathiez de modo nenhum peccou pelas demasias de um reaccionarismo de fanatico. Sua Historia da Revolução Franceza, de que a Cultura Brasileira nos dá agora o primeiro volume, em honesta traducção de Horacio Mello, é testemunho completo de uma nobre personalidade de julgador de povos.

ACABA DE APPARECER

ALFREDO PESSOA

Algurna coisa

do que vi

IMPRESSÕES DE

VARSOVIA,

MOSCOU,

LENINGRADO,

STOCKHOLMO,

STAMBUL, ETC.

EM EDIÇÃO ARIEL



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

TOLSTOI, O ROMANCISTA

(No vigesimo quinto anniversario de sua morte)

Tolstoi estreou com as *Lembranças da infancia e da juventude*, publicadas apenas com as iniciais L. T. numa revista litteraria de S. Petersburgo. Vasadas num bello estylo e trescalantes de sinceridade, causaram o mais vivo successo. No proprio batalhão em que servia, ouviu os mais li-songeiros commentarios dos companheiros de farda, ignorantes que o novel escriptor vivia com elles debaixo do mesmo tecto.

Fructo da estadia no Caucaso, publicou depois, os *Cossacos*, o seu primeiro romance, cheio de descripções magnificas daquellas montanhas, onde pela primeira vez o escriptor tomava um contacto mais intimo da natureza em todo o seu esplendor, na magnificencia de suas formas, no luxuriante da vegetação, no espectáculo chromatico dos crepusculos innenarraveis.

Scenas da vida militar e da rural, a par da intriga amorosa auto-biographica, entretecem o romance, que lhe firmou definitivamente a notoriedade.

Tolstoi tomou parte na guerra da Criméa e viu de perto os horrores da lucta. Foi com as impressões vividas que elaborou *Sebastopol*, onde descreve uma batalha com todos os pormenores, dando-nos o quadro perfeito do trucidamento de milhares de homens, que momentos antes joviaes marcharam para o combate na esperança fallaz da gloria e da victoria.

A experiencia das coisas militares, que não se aprendem na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando, como já nos dizia Camões, deu-lhe ensejo da elaboração de *Guerra e Paz*, em que retrata a época napoleonica, a aventura do curso na Russia.

Tambem ahi se revela sobretudo pintor de batalhas. Aquelle romance lhe custou esforço formidavel de documentação. Não se limitou a ler e extractar milhares de documentos sobre o assumpto. Conversou os contemporaneos dos aconteci-

mentos, fazendo-os desenterrar dos archivos da memoria, as impressões sepultadas e esquecidas. Visitou os logares em que se desenrolaram os factos a descrever, especialmente os campos de batalha.

Procedeu como o faria um historiador e, graças a esse processo honesto de bem documentar-se, fez obra de assento e sobremão, que ficou definitivamente incorporada á litteratura de seu paiz, como verdadeiro panorama psychologico da vida russa nos albores do seculo XIX.

Todavia, não foi ainda nesse romance épico que deu completamente a medida de seu genio, mas em *Anna Karenina*, que póde ser considerado o maior romance do seculo passado, pois nelle se condensam todos os problemas moraes do mundo contemporaneo: a vida das grandes cidades e o urbanismo, a do campo e a questão agraria, o amor em todas as suas feições, desde o casto até o mais culpado, a psychologia da mulher moderna, o mundo da politica, o do direito, o da moral, o da arte, o dos esportes, em summa a vida na multiplicidade das suas fórmulas e cambiantes. Um critico anonymo resumiu os epithetos laudativos, de Vogué a Jorge Brandes, sobre *Anna Karenina*, nestes termos: "Não é mais arte, não é mais representação da vida, é a vida mesma, a vida humana palpitante e fremente, não só a exterior, mas a interior, a vida mysteriosa da alma".

O romancista elaborou o seu grande romance com verdadeiro carinho de artista. Sete vezes o manuscrito foi passado a limpo e retocado. Cada palavra, cada adjectivo, pesou-o numa balança de ouro e fio. Não houve trecho que não soffresse o mais completo trabalho de polimento, para ser posto no genio da lingua, dentro das leis do rythmo. Esse labor quotidiano deixou-o esgottado, neurasthenico, mas a obra ficou impecavel.

E Wronky, *Anna Karenina*, *Levine*, *Kity* e tantos outros menores, mas não menos veridicos,

vivem hoje a vida immortal, que só a grande arte insufla ás suas creações impeccaveis.

Comquanto Spengler, na Decadencia do Occidente, empreste a Hebbel, com a Judith, a gloria de ter feito o primeiro retrato da mulher moderna, penso que essa gloria pertence a Tolstoi, pois Anna Karenina realiza mais do que a sua rival o typo perfeito da mulher dos nossos dias, livre de preconceitos, sportiva, arejada de espirito, sedenta de cultura, capaz de sommar a sua função biologica ás scintillações da vida superior do pensamento.

A fatalidade das diversidades de idiomas obstou por alguns annos que a obra prima do romanista fosse conhecida do Occidente europeu e do continente americano, seu prolongamento cultural.

Foi a Sonata de Kreutzer, o fructo já de decadencia, que chamou para o autor as vistas do mundo civilizado, não por ter sido a primeira a ser traduzida, mas porque foi mais largamente commentada.

Hoje se sabe que a Sonata de Kreutzer não é apenas ficção litteraria. Ha nella muito da vida sexual de Tolstoi, que não primou pela normalidade, e não encontrou no casamento, apesar da numerosa prole de que foi seguido, o apaziguamento necessario. E' que a condessa, que na propria lua de mel, elle retratou na memina de porcellana, tal a sua frieza, não gozava de boa saude das funções sexuaes. As suas cartas e o seu diario nos inteiram dessa infelicidade, e completam as informações também deixadas pelo proprio conde, igualmente no diario de sua vida.

Joseph Kalinikov, na Tragedia sexual de Leon Tolstoi, faz-nos acompanhar, quasi dia a dia, a vida sexual do casal. Explica-se assim o pessimismo da Sonata de Kreutzer, que se deve considerar como um depoimento doloroso da vida intima do formidavel escriptor.

O ultimo grande romance de Tolstoi foi Resurreição. Ahi o puro artista nos apparece transformado no pregador de doutrinas redemptoras. Elle quer a melhora da vida economica dos proletarios, a renuncia dos ricos e dos poderosos em favor dos humildes, a equitativa distribuição das terras, mas o que dá sobretudo o tom geral ao livro é o problema da prostituição. Os criticos não focalizam esse aspecto do romance social que é Resurreição.

Em todas as paginas do livro o que se respira é a idéa de que a prostituição é a maior mancha da civilização contemporanea.

O thema foi trazido da sociologia e da moral para uma obra de arte, que, se perdeu alguma coisa em harmonia e belleza artistica, pelo iterativo dos conceitos ethicos e pelo batido na mesma tecla de emoções, contem ainda, nas linhas geraes, a feição esthetica de um bom romance.

Não pôde ser comparado com Anna Kerenina ou Guerra e Paz, mas ainda assim poderia fazer o renome de um escriptor.

ALCIDES BEZERRA

Livros Portuguezes

Do sr. Joaquim de Oliveira Antunes, actual gestor da Livraria H. Antunes, de tão prestigiosas tradições em nossa praça, recebemos alguns volumes portuguezes, dos mais significativos para evidenciar que os intellectuaes da Península não atraíam o seu bello passado litterario. Entre outros, são os romances de Ferreira de Castro, **Terra Fria** e **Eternidade**, que condensam muitas observações admiraveis sobre os destinos humanos em climas varios. Ferreira de Castro, que deu á nossa vida amazonica qualquer coisa de fabuloso e, todavia, palpitante de uma realidade por vezes feroz, é dos que não utilizam as almas e a paizagem apenas para effeitos decorativos. Trecho a trecho, como que se liga o autor ao fadario das personagens, soffrendo, anciando, vibrando com as suas creaturas. Tendo viajado muito, reflectiu aspectos differentes, não raro oppostos, mas comprehendeu que em todos elles os homens e as mulheres vivem igualmente ás voltas com uma organização que é terrivel machina de triturar corações e cerebros. Outro lusitano de polpa é Aquilino Ribeiro, que tanto vale como ficcionista quanto como critico. O autor das **Terras do Demo**, de um regionalismo por vezes desconcertante, dado o excesso de localismos idiomáticos, apresenta-nos agora uma soberba interpretação do **Cavalleiro de Oliveira**, esse singular espirito voltaireano que foi uma encyclopedia viva em sua época, zombeteando dos parvos e dos magnates e oppondo a um estreito sentimento nativista a necessidade de europeizar o mais possivel a Iberia. Lê-se também com prazer o volume **Almas sem Rumor**, do sr. Manoel de Campos Pereira, que sabe jogar com os elementos patheticos de uma alma. **A minha cruz de guerra** é do sr. Manoel Baptista e prova que os portuguezes, se amam os arremessos heroicos, as arrancadas marciaes, também não são insensíveis aos detalhes de simplicidade humana, aos pormenores terra a terra que acompanham sempre os lances mais épicos. Devemos ainda á gentileza do sr. Joaquim de Oliveira Antunes, que é um attento estudioso dos feitos napoleonicos e tem escripto a respeito coisas das mais expressivas, a gentil offerta das **Cartas de Napoleão a Maria Luíza**, em edição de extremo gosto, verdadeiro mimo para as bibliothecas. Nossos agradecimentos ao homem culto que vende livros mas também os lê e pôde ser incluído sem favor entre aquelles livreiros que um classico francez chamava de "honestos commerciantes do espirito".

Rodrigo Octavio — **Minhas Memorias dos Outros**. — Livraria José Olympio — Rio.

Com uma perfeita simplicidade de linguagem e sem valdosos personalismos incompatíveis com a sua boa educação, o sr. Rodrigo Octavio vem de fornecer-nos a nova série das suas memorias. E' um desfile de figuras impressionantes, desde Frei Monte Carmelo aos reis belgas que visitaram o Brasil. Ferreira Vianna, ironista que foi entre nós uma especie de Royer-Collard, inspira-lhe um capitulo onde não raro surgem novidades. De Machado de Assis fala-se no volume com um carinho entre fraternal e filial. Aluizio Azevedo é pretexto para suggestivas descrições da vida de Napoles e o estatuario Bernardelli re surge em lineamentos nitidos deante daquelles que o amaram em vida e tanto lhe admiraram os bronzes e os marmores. As paginas dedicadas a Ruy são de uma honrosa imparcialidade, historiando como historiam os feitos mentaes de alguém que nunca revelou pelo memorialista de agora uma sympathia excessiva.

Tasso da Silveira — **Tendencias do Pensamento Contemporaneo** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Estudos sobre Maurras, Berdiaeff, Keyserling, Chesterton, Papini, Maritain e outros, trabalhados por alguém que não é um repentista audaz das nossas lettras, mas um cerebro ponderoso e honesto que submete todos os seus enthusiasmos a uma longa e serena reflexão. Sem se confinar exaggeradamente no ponto de vista catholico, máo grado os seus sinceros ardores de crente, o sr. Tasso da Silveira inclina-se deante de todos aquelles que lhe trouxeram, nesta hora inquieta, o conforto e a palavra amiga de algumas paginas realmente bellas.

S. D. N.

Nada mais divertido para os que costumam observar pelo angulo do ridiculo as cousas e os homens do que a desenvoltura, o garbo, a impertinencia com que no Brasil um qualquer se arroga o direito de arguir e mo-tejar a Liga das Nações, de dei-tar por assim dizer a sua titi-ca no terreiro da Liga das Na-ções como si o pacato instituto de Genebra fosse para ahi al-gum dejectorio de sujeitos mal educados. Ou, para servir-me de uma expressão que tem o sai-nete da côr local, como si se tratasse de vingar na pelle dos ingenuos utopistas de Genebra os manes dos avós bororós ou tupiniquins. E' verdade que o espirito que anima os homens de Genebra é o mesmo que inspi-rou ha seculos aquelle outro vi-sionario sem malicia que se lem-brou de prégar a paz e a concor-dia aos homens de boa vontade. O mundo inteiro sabe a que perigosos excessos pôde levar es-sa innocente mania. Que o exem-plo não tenha desenganado pa-ra todo o sempre os pregociros da justiça e da fraternidade é o que espanta. Tudo indica da ma-neira mais evidente que emquan-to não prevalecer na consciencia dos povos este principio absolu-to que não ha razão de Estado nem ambição territorial que jus-tifique o sacrificio de uma vida humana, ainda a mais obscura, ainda a mais humilde e desva-liosa, o instincto guerreiro rei-nará no mundo. E os que se lhe quizerem oppôr, os que de qual-quer modo pretenderem reparar a injustiça e a iniquidade, hão de ter o merecido premio, isto é o odio rancoroso dos homens cir-cumspectos, que constituem a massa dos saciados ou satisfei-tos, e o escarneio dos idiotas.

Mas afinal, o mundo sempre fez algum caminho desde Nem-rod e Sardanapalo para que te-nhamos pelos areopagitas de Ge-nebra(que Bergson não hesita em collocar entre os "bemfeito-res da humanidade"), pelos in-genuos caçadores de chimeras que teimam absurdamente em

querer reconciliar os homens contra a vontade destes, ao me-nos alguma indulgencia. E um pouco de respeito, senhores con-temptores da Liga das Nações.

Estes bravos centuriões do Brasil novo que vociferam con-tra os evangelistas de Genebra, si tivessem vivido na Palestina ao tempo de Tiberio formariam, pelos modos, no partido de He-rodos e Caipház, que era então o partido dos homens bem pen-santes, como quem diria hoje o partido da direita, que distri-buia os cargos e as prebendas. E eventualmente as cordas com que se subiam á cruz os agita-dores importunos e os prophetas intempestivos.

E é preciso reconhecer que contra o pretorio de Genebra, contra Bergson, contra a opinião de outros ideologos impeniten-tes, os que têm razão hoje são os detractores da Liga. São esses evidentemente os representantes da logica do nosso tempo, ou, para exprimir-me na linguagem florida do meu eminente con-temporaneo Gilberto Amado, *do espirito do nosso tempo*. Que não é propriamente o espirito da Li-ga das Nações — um simples olhar sobre o mundo circumstan-te, sobre os successos presentes e immediatos do chamado mun-do moderno e civilizado, basta-ria a convencer-nos — mas tu-piniquim e muito nosso.

Não se chega a certas conclu-sões sem um sentimento de vai-dade nacional imprevisto.

Ainda o Problema da Raça

O problema da raça — para voltar a um assumpto que exi-ge da geração actual o mais pe-sado sacrificio, que é o sacrifi-cio de si mesma livremente que-rido e consentido —, constitue o grande problema brasileiro do futuro. Do futuro, bem entendi-do, porque o presente pertence aos dominios da pathologia. Pa-ra prova (de norte a sul do paiz symptomas alarmantes da dege-nerescencia geral têm sido apon-tados com diagnostico infalli-

vel) não quero outro exemplo que o da metropole do paiz com o Estado convertido em agente patenteado do vicio na sua fór-ma mais especifica que é o jogo considerado no duplo aspecto de corruptor do character e dissipa-dor das energias phisicas da mo-cidade.

De sorte que não é sem grave e profunda emoção, diga-se mes-mo sem certa vibração patrioti-ca exaltante que se pensa hoje nessa longinqua raça de homens predestinados que farão do Bra-sil algum dia aquillo que a nos-sa incapacidade, ajudada de cir-cumstancias historicas inelucta-veis, não nos permittiu fazer; em duas palavras: um grande povo numa grande patria.

Dahi, quem sabe si considera-da no plano superior da eugenia a empreitada aparentemente ruinosa e deleteria dos poderes publicos nacionaes que sobre-saltou alguns espiritos menos perspicazes ou excessivamente timoratos não resultaria em sum-ma inspirada num patriotismo esclarecido e providente até o li-mite extremo da previdencia, vi-sando no fundo, pela concomi-tancia de effeitos indirectos, mas rapidos e seguros, antecipar a finalidade do art. 138 (1), alineas *b* e *g* da Constituição nova, isto é: *acelerar o processo consum-plivo de que resultará tarde ou cedo o milagre transubstancial da raça*.

Porque os caminhos do Esta-do, como os de Deus, são por ve-zes obscuros e tortuosos.

ALBERTO RAMOS

(1) Incumbe á União, aos Estados e Municipios..... b) estimular a edu-cação eugénica..... g) incentivar a lu-cta contra os venenos sociaes, etc.

— Vem de morrer Alfred Vallette, que fundou com Jules Renard e Henri de Régnier o *Mercure de France*, vae para uns cincoenta annos. Era marido da escriptora Rachilde, já estando na plenitude da vida conjugal quando o ingenuo Ruben Dario viu nesta roman-cista uma especie de virgem forte, de inviolavel Joanna d'Arc das lettras fran-cezas. Tambem prosador, Vallette, ain-da muito novo, ligou seu nome a novel-las de successo.

PREFACIO AOS «ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS»

Os Ensaíos reunidos neste bello volume provam que a victoriosa iniciativa de Gilberto Freyre veio no tempo apropriado. Ha uns vinte e cinco annos não encontraria a grande voz do jovem mestre quem estivesse disposto a dedicar attenção ao negro do Brasil, salvo uns dois ou tres discipulos dos precursores que foram Nina Rodrigues, Braz do Amaral, Manoel Querino e poucos mais. Duas condições retardaram especialmente o estudo dos elementos africanos incorporados á nacionalidade. A primeira foi a educação puramente classica, quasi que exclusivamente litteraria dos nosso intellectuaes, na orientação coimbrã que durou seculos, pondo systematicamente de lado as sciencias naturaes.

Os moços preferiam indagar como pensavam os livros, a proposito de todos os nossos problemas; eram raros os que diante das incognitas deste meio, tão cheio dellas, tinham a coragem das pesquisas directas, abrindo os olhos e vendo. No fim do Segundo Imperio já se vislumbra em Varnhagen, em Ladislau Netto e outros, a preocupação dos novos rumos. A outra condição foi essencialmente sentimental. Nasceu, mais ou menos, como a desastrada Circular n. 29 de 13 de Maio de 1891, na qual o Ministro da Fazenda determinou a incineração dos documentos historicos da escravidão, promovendo dest'arte, sem vantagem para ninguem e com prejuizos immensos para todos, a onda sem tamanho de duvidas e difficuldades em que ora se debatem os que estudam. No fundo, talvez uma simples attitude... bem semelhante á dos homens da Independencia com os seus nomes amerindios de circumstancia. Poucas foram as *mães-indias* de casas brasileiras; as *mães-pretas* foram sem conta. Os notaveis da Independencia não quizeram nome africano. Algum, que por ventura appareça, foi escolhido por engano, pela semelhança com o tupy...

Por desprezo, visto como o preconceito sempre lhe deu posto infimo ou abjecto, ou por vexame, visto como na tropa dos senhores poucos de facto eram os que não "coçavam a orelha com o pé" — fez-se o grande silencio. A famosa Circular é documento concludente, freudiano... Mas, por outro lado, foi a partir do começo do seculo que as sciencias anthropologicas começaram, no Brasil, a interessar os intellectuaes. De sorte que hoje a palavra de fé e de cultura, articulada superiormente por Gilberto Freyre, encontra a replica dos pertinazes e talentosos trabalhadores que elle conseguiu reunir no opimo Congresso Afro-Brasileiro do Recife.

* * *

Ao estudar as características anthropologicas dos brasileiros, para delimitar, tanto quanto possível, objectivamente, os *typos* que vem emergindo da grande massa dos mestiços, considereirei que os nomes vulgares *preto*, *caboclo*, *mulato*, etc., es-

tavam secularmente consagrados a todo individuo pertencente aos contingentes raciaes, *sem qualquer definida caracterização anthropologica systematica*. Assim, no grande grupo dos *mulatos*, a analyse anthropologica revelou a existencia de tres typos mais bem caracterizados — (Indice nasal — 72, 78, 84). Evidentemente, eu poderia ter denominado: *Mulatos A, B e C*; ou *Mulatos n. 1, n. 2 e n. 3*... Poderia mesmo aproveitando a suggestão da cantiga popular, ter chamado "*Mulato de qualidade*" a um delles. Preferi chamar *phaiodermos* a esses mulatos que já se diferenciaram. Os que leram apressadamente os meus trabalhos, concluíram, ingenuamente, que eu apenas baptizei de nomes gregos os nossos velhos conhecidos. O mesmo se dirá para os typos brancos, em que distingi pelo menos 2 *leucodermos* e para os typos negros, nos quaes me appareceram 3 *melanodermos* (Indice nasal: 70, 79 e 85).

Que, por extensão, alguns chamem *leucodermos* aos brancos do Brasil, *phaiodermos* aos mulatos, *xanthodermos* aos caboclos e *melanodermos* aos negros — não vejo em verdade grande mal; mas o que resalta luminosamente de tudo quanto deixei dito ha muito tempo é que si todos os *phaiodermos* são mulatos, nem todos os mulatos são *phaiodermos*... O mesmo se dirá dos outros.

Agora a surpresa maior, no correr das minhas pesquisas anthropologicas sobre os brasileiros foi-me reservada pelos *negros* entre os quaes caracterizei os *melanodermos*. A *brachycephalia* dos negros brasileiros (81 a 84) foi a surpresa. Está exigindo, conforme o melhor criterio scientifico, novas e mais amplas pesquisas. A minha descoberta precisa ser confirmada, corrigida ou contestada. Salvo os Sara (Haussá), os negros são todos *dolichocephalos*. Se as minhas pesquisas forem confirmadas — como eu espero — como explicar a *brachycephalia* dos nossos negros? Mutação? Efeitos da *peristase*? Creio antes na acção de velhos cruzamentos, porque o indice nasal dos nossos negros demonstra a meu ver que já não existem negros puros no Brasil.

* * *

Este opulento volume não precisava de prefacio. A minha presença aqui só se justifica pelo desejo dos meus jovens amigos de ver — na lista dos que trabalharam para o Congresso — o nome do velho pioneiro que os applaude e anima.

Em materia anthropologica e ethnographica, no Brasil como em tantos outros paizes, estamos nas preliminares da construcção. Estabelecer os planos, ajuntar recursos e materiaes, systematizar as indagações — é o papel destas gerações que, assim, hão de preparar para as outras o que ellas não tiveram: fontes puras onde beber. A revisão da bibliographia, a coordenação do que ha impresso, a publicação de alguns documentos que hão de existir nos cartorios e nas igrejas de algumas vil-

las e cidades de provincia, uma viagem de estudos ás regiões africanas de onde vieram os negros, buscas em archivos europeus e mesmo sul-americanos, pesquisas somaticas raciaes, pesquisas demographicas e ethnographicas nos Estados onde ainda existem descendentes mais proximos de africanos — eis um programma — começado brilhantemente neste volume — que Gilberto Freyre ha de continuar a prestigiar com a sua intelligencia forte, a sua cultura rara e o seu ardor social realmente admiravel. *Estudos Afro-Brasileiros* vão ser, sem nenhuma duvida, um manual de consulta diaria. Ninguém poderá daqui por deante escrever sobre coisas brasileiras sem primeiro folhear este livro.

O negro esperou bastante; mas valeu a pena. Consagraram-lhe um pequeno monumento — singelo como a propria verdade, sem rhetorica e sem lantejoulas — alguns dos maiores espiritos do Brasil de hoje. Para os que passaram a vida embreñhados no delicioso e arduo trabalho de pesquisar e recolher documentos anthropologicos e ethnographicos da sua terra — é uma alegria boa e sincera ver que as sciencias do seu trato dilecto vão agora fecundando almas de élite, empenhadas numa obra de conhecimento e gratidão, de sympathia e de humanidade.

ROQUETTE-PINTO

Pericles Moraes — *Legenda & Aguas Fortes* — Livraria Classica — Manãos.

Possuidor de vastissima cultura litteraria, o sr. Pericles Moraes não a immobilizou nos ocios estereis de um mandarim pedante. Mão grado viver num meio, qual o do Extremo Norte, em que a vida intellectual não permite a rumorosa combatividade da do Rio de Janeiro ou de São Paulo, não deixa nunca a penna enferrujar-se-lhe. Havendo estylizado magnificos retratos de Camille Maclair e Alfred Capus, mostrando-se um tecnico em materia de litteratura comparada, passou a falar, com emoção fraterna, da producção quasi frenetica do nosso Coelho Netto e, agora, volta-se de preferencia para alguns escriptores que nasceram ou viveram em terras da Amazonia, as terras de que nunca se apartou o coração ou o espirito do autor das *Legendas & Aguas Fortes*. Temos, neste volume em que os conceitos uteis apparecem sempre ornados de bellas metaphoras, a explicação do dannunzianismo fremente de um Jayme Cardoso e da finura armilhada com que um Benjamin Lima critica os autores em prosa e verso, sendo incapaz de rudeza mesmo com aquelles que vêm até elle com um volume nati-morto.

Lauro Palhano — *Maruplana* — Schmidt Editor. — Rio.

Ninguém esqueceu ainda o forte successo obtido pela publicação do *Gororoba*. Asseguraram, de inicio, ser o autor, o sr. Lauro Palhano, um simples proletario e isso lhe dava a importancia de inaugurar entre nós um genero desconhecido e que representasse em nossas lettras o equivalente do prestigiado na Russia por Gladkov e seus sequazes. Mais tarde, soube-se que o sr. Palhano não era tão operario assim, sendo qualquer coisa como um engenheiro de machinas, e ahi, numa releitura mais attenta, tambem se verificou que as paginas do *Gororoba* não deixavam de encerrar muitos ornatos verbaes, de character não menos litterario que o dos estylistas de outras épocas. De qualquer modo, estava em jogo um romance e, consequentemente, um romancista. Romancista que nos reaparece agora accrescentado de um vigor e de uma variedade de aspectos, de uma possança e diversidade de inspirações que não deixarão de incluí-lo entre os nossos melhores aviventadores de almas.

Saint Hilaire no Rio Grande do Sul

Mais de uma vez tenho procurado destacar o muito que devemos aos viajantes estrangeiros, que aqui vieram para estudar as rochas, os bichos, as aguas, as arvores, as plantas, e que ao lado de pesquisas de valor sobre os assumptos de sua especialização e ás vezes com a mesma preocupação de rigor scientifico e de objectividade, fixaram aspectos interessantissimos da nossa vida social.

Um delles foi o francez Saint Hilaire. Quasi que se deve collocar Auguste de Saint Hilaire entre os historiadores da sociedade brasileira no seculo XIX, tão grande foi o material de interesse humano que elle reuniu e ás vezes interpretou com um sentido quasi sociologico dos factos. Porque Saint-Hilaire não se deixou vencer, nas suas viagens, pelo encanto do pittoresco nem pelos brilhos do exotismo: procurou sempre as qualidades mais intimas da nossa paizagem social; procurou sempre os seus valores mais caracteristicos.

Traduzindo, de Saint Hilaire, as notas sobre a viagem ao Rio Grande do Sul, o sr. Leonam de Azeredo Penna veio concorrer para a divulgação de novo aspecto da obra do sabio, que alguns supõem ter viajado apenas por São Paulo e Minas. A verdade é que Saint Hilaire procurou conquistar para a sua sciencia, com uma ansia napoleonica de dominio, quasi todo o Brasil meridional, não recuando diante de grandes difficuldades. Ao contrario: parecendo encontrar nellas certo sabôr sportivo. O que até espanta num francez.

Um problema da nossa vida social que constantemente preocupou Saint Hilaire, nas suas viagens pelo Sul, como a Koster e Tolenare, no Norte, foi o das relações entre os brancos e a gente de côr. No Rio Grande do Sul, entre os brancos e as indias, principalmente. A “mistura de brancos e indios” pareceu-lhe nociva. Mas o lado social do problema não lhe escapou, abafado pelo ethnico: “...nesta provincia os lares frequentemente offerecem o exemplo da discordia e de todos os generos de desordens. Entregando-se ás indias, os homens brancos embruteceem-se, tornando-se estupidos e parvos”. E’ que os lavradores tinham em casa indias em estado de quasi escravidão; ou mantinham caboclas como amantes. Do mesmo geito que os brancos de Pernambuco e da Bahia, com relação a mulatas e negras.

E’ sempre com uma grande honestidade que Saint Hilaire se aproxima dos factos: não se precipita em conclusões e generalizações. Não se deixa escorregar para um facil impressionismo. A’s vezes nem parece viajante — tal o seu escrupulo.

GILBERTO FREYRE

EDUCAÇÃO

Acaba de apparecer o 1.º numero dos *Archivos do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo*, em tudo de accordo com as responsabilidades que cabem a essa instituição, no systema de cultura superior do grande Estado brasileiro.

O Instituto é dirigido por Fernando de Azevedo, o reformador da educação no Districto Federal e um dos chefes do movimento de renovação que se processa, ha 10 annos, entre nós.

Depois do artigo de apresentação, simples e claro na explicação dos objectivos, encontra-se a conferencia realizada por Fernando de Azevedo no encerramento do curso, sobre a missão das universidades, onde expõe com nitidez e brilho o papel que lhe cabe no ensino do paiz e, nella, o que representa a formação do professorado.

Segue-se um inquerito sobre a alimentação em São Paulo, dirigido e realizado pelo professor Almeida Junior, com a collaboração dos seus alumnos, contendo conclusões muito expressivas sobre o nosso typo de nutrição e a necessidade de incrementar o uso do leite, de ovos e de fructas.

O prof. Milton Rodrigues, professor de Estatística e Educação Comparada, apresenta uma synthese da educação em diversos paizes.

A professora Noemy Silveira, que dirige o laboratorio de psychologia, dá os resultados da aferição do teste de Dearborn feito no seu serviço.

E' um trabalho de experimentação, feito com technica segura. A prof. Celisa Ribeiro de Almeida, preparadora de Psychologia Educacional, dá suggestões methodicas sobre a maneira de estudar com efficiencia.

Vem, a seguir, a parte bibliographica, util e exacta, na indicação e critica das obras de educação recentes.

As "Noticias e Commentarios" dão uma informação dos

principaes factos, revelados pelos periodicos especializados e es acontecimentos de mais relevo do Brasil e do estrangeiro.

A publicação, que se vem collocar ao lado dos Archivos do Instituto do Rio, dirigido pelo prof. Lourenço Filho, é mais um marcado serviço prestado á educação e á cultura brasileira, por Fernando de Azevedo, porque vae levar ao resto do Brasil e ao estrangeiro uma amostra do esforço honesto e efficiente dos educadores brasileiros.

Não é certamente por acaso que as duas grandes colleções sobre educação são dirigidas por Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. A primeira "Bibliotheca de Educação" já conta 25 obras, com cerca de 70 volumes, de originaes e traducções, constituindo um nucleo admiravel de informações e esclarecimentos para os que labutam no magisterio.

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA

Dirigida pelo Professor Dr. Aribur Ramos

LIVROS PUBLICADOS

I — Arthur Ramos — O NEGRO BRASILEIRO	10\$000
II — Nina Rodrigues — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS	8\$000
III — Bastos de Avila — QUESTÕES DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIRA	7\$000
IV — Arthur Ramos — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL	10\$000
V — Josué de Castro — ALIMENTAÇÃO E RAÇA	8\$000

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

— R. Sete de Setembro, 126 — Rio —

A outra — "Bibliotheca Pedagogica Brasileira" — mais extensa, se distribue por todos os typos de leitores, desde a creança (Litteratura infantil), ao escolar (Livros didacticos), ao professor (Actualidades pedagogicas), ao adulto, fóra da escola (Iniciação scientifica), chegando aos assumptos nacionaes (Brasiliana).

Esta ultima secção já consta de 52 obras, algumas reedições, mas em maioria originaes novos, que vão aos poucos constituindo uma preciosa encyclopedia brasileira.

Quem compara a nossa pobreza bibliographica, em materia de educação, ha dez annos e vê o que hoje existe, não póde deixar de sinceramente reconhecer o progresso realizado e applaudir este aspecto, que não é o maior, da renovação educacional e cultural, que é o esforço e o sacrificio, intelligente e fecundo, de alguns homens, cuja attitude se sobreleva destacada e nitida, dando aos pessimistas, nos dias que correm, a prova real de que, a despeito de tudo, seguiremos a directriz ascencional daquella sentença de Euclides da Cunha:

"Ou progrediremos ou desapareceremos".

FRANCISCO VENANCIO FILHO

Estevão Cruz — *Programma de Latin* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Não se trata de um latinista apressado, cubiçoso apenas de ganhos commerciaes. O sr. Estevão Cruz é humanista dos mais lidimos, dominando como poucos as lettras pagãs e christãs da velha Roma. Nos reductos do classicismo tanto conhece os autores perfectos do seculo de Augusto como aquelles que foram acoimados de haver corrompido a verdadeira latinidade, mas que ainda assim dêram em consequencia essa maravilhosa floração de poesia mystica que fazia o encanto de Rémy de Gourmont. Accentue-se que, visando servir as bellas lettras, o sr. Estevão Cruz já espalhou pelo Brasil tratados e anthologias absolutamente victoriosos, sem perder nunca de vista o interesse didactico dos volumes que compõe e, simultaneamente, os caracteres essenciaes dos escriptores postos em jogo.

A Poesia e os Confusionistas

Continuam os confusionistas a offerecer palpites errados em materia de poesia. No ultimo numero da revista *Movimento* (Outubro de 1935, Rio) o professor Hermes Lima sae-se de seus cuidados para affirmar dogmaticamente que "Castro Alves é toda a poesia brasileira" (sic). Eu não tenho o prazer de conhecer pessoalmente o professor Hermes Lima. Acredito que elle conheça muito bem assumptos de direito. Em assumptos religiosos e ecclesiasticos posso affirmar que elle boia — e pretendo opportunamente commentar alguns artigos seus sobre a Igreja Catholica, em que elle se mostra um perfeito desconhecedor do assumpto. Em questões de poesia temos agora a sua chapa radiographica: esta inesperada declaração a respeito de Castro Alves. Não resta duvida que Castro Alves é um dos grandes poetas brasileiros. E que seus dois mais notaveis poemas libertarios, *Vozes d'Africa* e *O Navio Negreiro*, contam-se entre as melhores coisas que jámais se escreveram em verso entre nós. Dahi para se concluir que "Castro Alves é toda a poesia brasileira", vae um abysmozinho... O professor Hermes Lima querará se candidatar a "desmemoriado do Rio de Janeiro"?

O professor, ao escrever isto, descobriu que iria ficar muito cotado entre os esquerdistas. Sentiu-se immediatamente vermelho, rubro, e sahiu para a rua, prompto para fuzilar burguezes e atacar bancos. De repente notou que a arte possui um conteúdo social... Que novidade!... Pena é que eu seja o autor do livro *Historia do Brasil*, classificado pelo insuspeito Mario Pedrosa como um dos poucos livros nossos em que se affirma forte sympathia pelos opprimidos, e tenha escripto neste mesmo *Boletim* uma nota sobre *Calunga*, onde se póde ler que não existe propriamente uma arte desinteressada, nem mesmo a poesia religiosa!...

Illustre professor, porque não deixa a poesia em paz? O direito e a economia já dão muito assumpto...

* * *

No ultimo numero de *Momento* (Recife); o critico Valdemar Cavalcanti, a proposito da *Anthologia de poetas modernos* organizada por D. Milano, põe mais uma vez as mangueiras de fóra. A intelligencia é severamente poupada, nessa chronica... Começa o critico estranhando o titulo, pois que entre esses poetas modernos figuram quatro mortos!... Esta é muito bôa. O camarada Cavalcanti positivamente não está regulando. O mais curioso é que linhas abaixo elle censura o organizador da anthologia porque não incluiu Rodrigues de Abreu e Manuel Maia Junior entre os nossos modernos poetas. Isto é, dois poetas mortos — e bem mortos. Tão fracativos, coitados, salvo o devido respeito...

D. Milano, no prefacio, allude á influencia

que, de qualquer maneira, exercem as idéas da revolução social sobre os poetas actuaes, vem o camarada Cavalcanti, e, não se sabe si ingenua ou maliciosamente, pergunta ao A. si elle se refere á "revolução" de 30!... Francamente, a má-fé também deve ter limites... Aconselho o camarada Cavalcanti a concertar os oculos e tomar o caminho que indiquei ao professor Hermes Lima.

A proposito: devo esclarecer que não ha a menor referencia a D. Milano na nota que publiquei aqui mesmo sobre Manuel Bandeira e a poesia — e onde se fala em "litteratos à milaneza". O facto de ser inedito não impede D. Milano de ser, como é, um dos grandes poetas do Brasil. Portanto, com muito mais autoridade para organizar uma anthologia, do que o camarada Cavalcanti, que é um anti-poeta e um máo critico. Deus me livre de pensar que elle não possa vir a ser um excelente vulgarizador de programmas politicos!

* * *

No mesmo numero de *Momento* ataca-se fortemente o livro *Tempo e Eternidade*. A nota não está assignada, mas pelos modos foi escripta por um dos dois Juremas — Aderbal ou Odorico — ou então pelo citado Valdemar, que também é jurema. O juremismo é um phenomeno que vae se alastrando assustadoramente. Tende a absorver o Exercito do Pará... As características principaes de seus adeptos são: a falta de formação artistica, a cultura apressada, — ou melhor, a incultura proletaria, o odio a todo o individuo que não se declara soviético, e a obsessão que têm em se julgarem donos da historia. O juremismo está fecundando mãos poetas, criticos unilateraes, sociologos à milaneza, romancistas por receita, etc. O peor é que um homem da intelligencia e da cultura de Annibal Machado vem prestigiando, por excesso de polidez, o movimento juremista...

Affirma o critico de *Tempo e Eternidade* que o meu companheiro Jorge de Lima e eu nos cobrimos de ridiculo, escrevendo poemas a Jesus Christo. Pela minha parte, digo que esse livro gyra principalmente em torno de Christo e da minha musa. Christo é o supremo Poeta. E a minha musa, posso assegurar que é bellissima. Deus e a mulher continuam a ser as grandes fontes da poesia, queiram ou não queiram o passadista Marinetti e todos os juremas. Salvo si a mulher é pavorosa, como, por exemplo, madame Krupskaja, que eu já vi no metrotone. Pobre Lenine...

MURILLO MENDES

— O prof. William Beebe, director da Secção de Estudos Tropicaes na Sociedade de Zoologia de Nova York, reuniu num volume as suas observações sobre o ambiente maritimo a 900 metros de profundidade, onde jamais ninguém havia chegado. Esse livro, de leitura verdadeiramente empolgante, pois que ao lado da pesquisa technica e do rigorismo scientifico surgem notas imprevistas e commentarios pittorescos, acaba de ser traduzido para o francez e dado a publico numa bella edição da Casa Grasset.

Quatro Quadros de Cicero Dias

Os organizadores da representação de Pernambuco na Exposição Farroupilha estão de parabens pela aquisição de quatro quadros de Cicero Dias. Os quatro quadros a óleo que figuram no Pavilhão de Pernambuco.

Quem entretanto não está de parabens é o proprio Cicero. Não pelos quadros, comprehendese logo. Mas pelo pouco relevo que tiveram.

E' extranho que o responsavel pela parte que se convencionou chamar pomposamente de "cultural" — Dr. José Maria Carneiro de Albuquerque Mello, Director da Bibliotheca (aliás um exaltado admirador da pintura do creador do "surnudisme", como observou Gilberto Freyre) — tivesse a principio destinado tão improprio local para os quadros do pintor pernambucano: o simples chão, como base, e a saliencia de "stands", como apoio. Só mais tarde, quando um particular retirou a sua collecção de figurões nobiliarchicos — aliás desdenhados com muita razão em Porto Alegre, quando se tentou negocio — é que os quadros subiram. Subiram um pouco tarde, é verdade. Depois de ornarem o roda-pé de mostruarios commerciaes.

Não é que os quadros perdessem de valor, só porque andaram rastejando o chão. Podiam até estar cobertos de pó e de teia de aranha. Mas é que faltou ao orientador da parte "cultural" melhor comprehensão dos trabalhos de Cicero Dias. Porque a verdade é que Cicero não é um pintor commum, facil, desses que chamam a attenção do publico com uma agua pintada que parece agua mesmo de verdade; ou com um passarinho que só falta bater asas e voar.

Espalhados pelos cantos do Pavilhão, como cartazes, sem uma moldura, davam a impressão de qualquer coisa que tivesse sobrado e que ali estivesse para tapar buracos.

Cicero não é pintor para o nosso publico commum. E' antes um pintor de elite; e elite que não queira vêr só com os olhos mas com todos os sentidos e com intelligencia. Nada de objectiva, para a comprehensão commum, toda a sua pintura é suggestiva. Suggestiva e subjectiva. Arbitraria, absurda como os sonhos. Mas são justamente os sonhos que sómente Cicero sabe fixar com aquella maneira indefinida das creanças ou talvez dos genios. Sonhos onde cabem as concepções mais atrevidas, extranhas, e para as quaes as côres communs não bastam. E essa impressão terá tido quem attentamente observou os quatro quadros do menino Cicero. Refiro-me aos ultimos, aos da Exposição. Nelles Cicero tenta, o natural como modelo, apanhar paizagens do Recife e Olinda. Pondo-se num oiteiro, toda a paizagem de Olinda se derrama lá em baixo, confinando-se com o mar. Porque tentar a realidade? As côres de Cicero não chegam nunca a lembrar uma coisa conhecida. Avivam de certo o que de subconsciente, de remoto ficou dentro de nós; como residuos vagos de sonhos, de reminiscencias ou de devaneios.

Não são divagações litterarias — responderia por mim o menino que em Porto Alegre, deante dos quadros de Cicero, eu ouvi dizer assim:

— Mas eu já vi isso, eu não sei onde. Esse verdinho...

Cicero, para creança ou gente grande, faz sempre um "isso" que supomos ter visto e tem sempre um "verdinho" que supomos conhecer. Para que mais? A musica tambem não é assim? A poesia tambem, de algum modo? Terá melhor finalidade a arte do que essa de despertar esse "não sei o que" que a gente sente indefinida, inexplicavelmente?

Sugestões, correspondencias longinquas com um desconhecido vivido na imaginação ou na realidade.

Aliás foi sempre essa a impressão que me deram os trabalhos de Cicero: coisas que não existem mas que devem existir, não se sabe onde.

Nos trabalhos alludidos, por exemplo, é aquelle mesmo colorido de Cicero: verdes claros, distantes; azues sombrios ou claros de meio-dia. E as sombras humidas de arvores talvez malassombradas, de socavões, de senzalas tristonhas. De vez em quando um marron diluido de estampas allemãs, antigas.

A verdade do quadro — como diriam certos criticos pittorescos da minha terra — não ha. Ou melhor: ha sempre aquella verdade impossivel que Carlito põe nas suas fitas. Cada espectador que a tome a seu modo.

Para os quadros de Cicero Dias não houve collocação que servisse: o menino de Porto Alegre conhecia "aquillo... aquelle "verdinho"...

LUIZ JARDIM

Conde de Gobineau — Aventuras de João da Torre — Milagre — Schmidt — Rio.

E' a traducção do *Prisonnier Chanceux* do fidalgo francez que prégou a desigualdade das raças e foi por vezes desamavel com o nosso Brasil, não obstante a sua amizade pessoal ao generoso Pedro II. Mentalidade de extrema riqueza, desconcertando e aturdingo pela complexidade dos seus attributos, o conde de Gobineau foi, além de ethnographo e sociologo, creador de estranhas figuras nos dominios do romance. As narrações de tal mestre, após um periodo de esquecimento iniquo, estão sendo agora reeditadas para gozo de um vasto publico, e os principaes criticos europeus procuram aclarar a difficil psyché do creador que tão bem manejava um typo de amorosa abnegada quanto o de um truculento guerreiro dos tempos épicos da França. Estas *Aventuras de João da Torre — Milagre* filiam-se a um genero, qual o romance de aventuras, que explorado pelos mercadores de palavras é simples fancaria, mas ascende á categoria de alta obra de arte quando o nobilitam a imaginação e o estylo de um grande escriptor como Gobineau. Trata-se de volume que mereceu um folhetim dos mais minuciosos ao austero Paul Souday quando julgava os livros nas columnas do *Le Temps* de Paris. No que diz respeito ao traductor, o brilhante e culto Silva Ferrão, basta accentuar que nos dá idéa de haver sido o livro directamente composto e redigido em nossa lingua, por um forte estylista patricio. Não existe sotaque ou cambaleio de pensamento nessa versão magistral.

«ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS»

Está na memória de todos o grande éxito obtido pelo 1.º Congresso Afro-Brasileiro, organizado por Gilberto Freyre, e que se reuniu no Recife, em Outubro do anno proximo passado. Agora, dentro de poucos dias, em edição Ariel, apparecerá o primeiro volume das importantes monographias que foram apresentadas a esse certamen scientifico e onde se reúnem trabalhos de Rodolpho Garcia, Mario de Andrade, Renato Men-
donça, Cunha Lopes, Arthur Ramos, Adhemar Vidal, Edison Carneiro, Ruy Coutinho e muitos outros. O volume é apresentado pelo prof. Roquette-Pinto, cujo prefacio transcrevemos na integra em outro local desta revista. Ainda neste numero do Boletim, damos tambem um trecho do interessante trabalho de Mario de Andrade sobre A Calunga dos Maracatús e que está comprehendido no volume dos Estudos.

CORREIA DIAS

Vindo de Portugal até nós, Correia Dias mostrou-se aqui um dos nossos melhores e mais engenhosos illustradores de livros. Innumeros são os volumes de patricios nossos que trazem na capa ou no contexto suggestivas allegorias suas. Desde que aportou ao Rio, com uma bella cabeça que lembrava o retrato de Antonio Nobre apposto ao volume das Despedidas, esse artista lusitano, ainda vibrante das luctas renovadoras em que se empenhara nas revistas moças da sua terra, interessou-se como poucos pelos motivos estylisticos dos nossos selvagens, extraindo admiraveis effeitos da chamada decoração marajoara. Era uma creatura de extrema discrição, sem grosseiras notas bohemias, sem appetite de elogios immoderados, e havemos sempre de recordal-o como quem foi em tudo um gentilhomen da arte.

Vinicius de Moraes — **Fôrma e Exegese** — Rio.

Ainda ha pouco, num volume notavel, o sr. Octavio de Faria accentuou e definiu lapidariamente os meritos do sr. Vinicius de Moraes, em paralelo com os do sr. Augusto Frederico Schmidt. A obra já realizada do sr. Vinicius basta para justificar os conceitos calorosos com que um dos criticos mais idôneos da geração nova o festejava, incluindo-o entre os grandes lyricos e mysticos do paiz. Mas, se fosse possível fazer ainda algumas restricções aos pensamentos é ás imagens de tal poeta, o certo é que o volume de agora, bem superior ao Caminho para a Distancia, viria destruir qualquer relutancia por parte dos leitores que trabalham contra os autores, que só a contra-gosto cedem ao nobilissimo prazer de admirar. **Fôrma e Exegese** é livro a ser incluído entre os melhores das nossas lettras poeticas.

O GIGANTE DEITADO

*A' sombra dos mastros a gente se esquece
se esquece dos mares singrados com frio
porque um sol escarlata atráz das montanhas
reaccende esperanças quasi mortas de tedio*

*Lá estarão d'aquí a pouco no caes com crepusculo
os moleques de côr gritando em cassange
e a quarta edição dos jornaes informados
nada dirá do exílio do Rei da Bulgaria.*

*Novidade este Christo de pedra e de amor
de braços abertos no alto do morro
a freira a meu lado de binoculo armado
desfia o rosario com mais confiança*

*Ora — os amigos de oculos hão de lá estar
esperando impacientes pretextos subtis
para mostrar inda mais elegancias de humor
com abraços saudosos e amaveis inqueritos.*

*O passaporte enorme tem vistos e sellos
de quasi dez paizes de terras de além-mar
quasi dez paizes pra gente olvidar
ou fazer provisão pra futuros pesadelos.*

*Esta vida são dois dias, dias solennes
nascer sem ideaes é destino pedante
os eleitos se elegem com arte exclusiva
e os cretinos esperam por horas que hão de vir.*

*Ha-de haver um processo de viver sem saudade
houve mesmo um poeta que morreu millionario,
as ruinas com carinho só existem nos museus,
o sol e outras estrellas já se movem sem Amor.*

CORRÊA DE SÁ

(Dos Poemas Concentricos — a sahir.)

Manoel Bomfim — **O Brasil** — Cia.
Editora Nacional — S. Paulo.

Bastante valiosa para a definição do alto espirito de Manoel Bomfim é esta collecção de excerptos do grande morto, escolhidos de preferencia dentre aqueles que mais lhe affirmam os pendores nacionalistas. Quem quer que não disponha de tempo para percorrer o total dos volumes desse critico do nosso passado, encontrará aqui os trechos mais caracteristicos da sua attenta inquirição ao que fizeram ou não fizeram os responsaveis pela coisa publica em nossa terra. O livro vem enriquecer a **Brasiliiana** da Companhia Editora Nacional, e, nella, figurará sem deslustre ao lado dos tomos de Alberto Torres, Vicente Licinio Cardoso, Roquette-Pinto e outros nobilissimos servidores do espirito americano.

Jamil Almansur Haddad — **Alkamar, a minha amante** — Livraria
Record — S. Paulo.

Apesar de viver entre christãos e num ambiente que tem quatro seculos de christianismo, graças á catechese de Joseph de Anchieta, o sr. Jamil Almansur Haddad conserva-se fiel aos preceitos do Alcorão, inclinando-se reverente deante da sombra de Allah e gostando de ornar o seu livro com caracteres do alphabeto arabe. E' um oriental e das concepções de Mahomet preferirá evidentemente aquellas que lhe acenam com a possibilidade de ir espaiar-se, depois de morto, num lindo paraíso cheio de huris. Accentue-se que nos seus versos, nunca indignos da alta litteratura, existem, a par de fremitos de vida, testemunhos de uma inilludivel vocação de poeta.

Diario achado num bonde

2 — Terminou a exposição do Club de Cultura Moderna com preenchimento da sua finalidade: fazer subir a uma exposição de arte revolucionaria o elemento povo. Foi o que affirmou o dr. Annibal Machado no discurso final. Mas o que ficou realmente apurado foi que os soldados, marinheiros e operarios que andaram expiando os seus sofrimentos de classe, tinham sido todos contractados pela directoria do activo club exclusivamente para este fim.

3 — Humberto Mauro merece os melhores applausos. *Favella dos meus amores* é qualquer coisa de consideravel. Custa a crer que seja feita na mesma terra onde foram produzidas *Noites Cariocas* e *Cabocla Bonita*.

A fita é tão bôa que faz perdoar todas as suas falhas. Menos uma: a sra. Carmen Santos. D. Carmen Santos, parece, é a dona da fita. E abusa disto para fazer brilhar demasiadamente a sua belleza e a sua elegancia. Que diabo, o mundo não se acaba num dia.

7 — Durante annos o sr. Agripino Grieco distribuiu pauladas a granel. Agora, que está sereno produzindo com mais mel e mais louro as suas paginas, soffre o reverso da medalha. Repete-se a fabula dos burros escoiceando o leão velho. E a cada coice o sr. Laudelino Freire esfrega os cascos, satisfeito.

— Damne-se!

8 — Para a nossa felicidade litteraria devemos traçar normas claras. Para a critica institui o seguinte modelo: O romancista A. é genial. B e C são tão grandes como A. D nada fica a dever a B. E, F, G e H são tão geniaes como A. e C. Os que aqui, por esquecimento, não menciono, equivalem perfeitamente a E., F., G. e H.

13 — Dialogo de livraria:

— O sr. é da extrema esquerda ou da extrema direita?

— Sou center forward. Dou passes para os dois lados.

14 — Apreciado romancista sulino achava que o escriptor X era seu inimigo. Com espirito schmidttesco corri a X e contei-lhe. E elle negou:

— Mas como posso ser inimigo duma pessoa que nunca vi, senão em retratos retocados? O que não gosto é dos seus livros, mas parece que vêr nisto uma inimizade é querer á força enriquecer a lingua com um novo emprego da palavra "inimigo".

X, não deixava de ter razão, mas, como bom schmidttesco, precisava fazel-o comprometter-se. E insisti:

— Mas, afinal, que acha você dos livros do rapaz?

X, cahiu na armadilha:

— Acho que seriam excellentes exercicios de calligraphia se não fossem escriptos a machina.

— Lingua ferina...

E sahi contando o que elle disse a todo mundo. Um dia ha de chegar aos ouvidos do escriptor sulista. Para peorar a situação.

19 — O ataque do sr. Eloy Pontes ao sr. Heitor Muniz, tendo como motivo as traducções do ultimo, foi o prato comico da semana. Meu amigo Beltrano, que é intransigente, acha que ella é uma denuncia honesta contra os intrusos das lettras. Mas como tambem é sceptico acredita seja um esforço inutil. A Editora Guanabara (composta de operosos immigrants) continuará encarregando-o das suas traducções. O governo envia-o-á para o estrangeiro como um premio á incultura. E no fastigio da gloria, com proveito será premiado pelo sr. Renato Vianna, com a autorização de verter as suas peças theatraes para o francez, acompanhada deste commentario: Eis um traductor digno de mim!

Como nunca ouvi o nome do sr. Vianna não disse nada. Mas quanto ao dr. Muniz eu protestei:

— O dr. Muniz é um cavalheiro. As traducções não são delle. São dumas moças francezas da rua Conde de Lage. Elle sómente dá o nome.

Quando uma pessoa é dissolvente não ha razão que lhe baste. E Beltrano num sorriso mesquinho:

— Que nome?

21 — Atravessei o dia chupando pastilhas Walda, pois que a garganta ficou em estado lamentavel com a alegre noitada de hontem no Inst. Nacional de Musica. Fiquei rouco de tanto cantar o hymno á Educação Sexual. Ouvi o poema symphonico Ode ao Sexo, onde, infelizmente, detractores, para destoar, ouviram alguns sons suspeitos. Fiz o Sagrado Juramento. E vou ficar freguez da campanha do dr. José de Albuquerque. Ella tem uma vantagem: é economica. Antes, quando eu queria me deliciar com alguma frascarice scientifica, recorria ás fitas do Tabaris. E eram dois mil réis na entrada, fóra o sello. Agora o idealismo do dr. Albuquerque me satisfaz gratuitamente com fitas e acto variado — musica, odes, juramentos e conferencias.

MARQUES REBELLO

Ary Machado Guimarães — *De Vauban aos nossos dias* — Editor Calvino Filho — Rio.

A proposito de Vauban, o mais famoso dos engenheiros militares, o sr. Ary Machado Guimarães, filho do inolvidavel Arthur Guimarães, alonga-se em conceitos referentes á ethica da profissão constructora por excellencia, profissão que entre nós, servida por uma technica escrupulosa, deu nomes gloriosos como os de Rebouças, Christiano Ottoni e Pereira Passos.

De Paranhos Antunes — *Episodios e Perfis de 1835* — Porto Alegre.

Gaúcho e official do Exercito, o sr. De Paranhos Antunes, que já se distinguuiu como biographo de Antonio Vicente da Fontoura e já foi elogiado pelos srs. Gilberto Amado e Alcides Bezerra, consagra no momento bellas paginas á indole militar dos seus co-estaduanos, evocando tambem o vulto glorioso de Garibaldi, especialmente na acção deste em zonas do pampa.

Carta a Osvald de Andrade

Caro Osvald:

Li a sua carta aos rapazes paulistas. E fiquei triste, bem triste mesmo em verificar que você não é mais o Osvald dos velhos tempos, o Osvald dos achados felizes, das boas pilherias, das bolas sensacionais. Você perdeu o talento, perdeu a graça, está como os velhos tenores querendo ir ao dó de peito, com um esforço de cortar coração. Uma das coisas mais cruéis da vida é esta falta de coragem para envelhecer. Você, meu caro Osvald, já não é dos novos tempos, entrou até na semana de arte moderna para fazer companhia à velhice florida de Graça Aranha. Mas com você lucrou a agitação pela experiência da vida e o traquejo do mundo que você tinha. O seu esforço em juntar-se aos moços do tempo foi útil. Mas a semana de arte moderna de São Paulo fracassou, foi mais um desfrute do que um movimento. Pau Brasil, em romance deu o *Extrangeiro* de Plínio Salgado, e em poesia *Vamos caçar papagaios* de Cassiano Ricardo. Osvald de Andrade fôra ali o mestre de Plínio e Cassiano. A sua rebeldia só teve força para contagiar mediocridades. O que ha de grande na semana de arte moderna vem de Mario de Andrade e Alcantara Machado. Você gritou muito, deu saltos mortaes, como Piolin, e quando o publico esperava o grande Osvald sahiram Plínio Salgado e Cassiano, discipulos amados de você. E' triste para um homem de certa idade olhar para discipulos que são as suas vergonhas. Mas, você meu caro Osvald que entra agora na velhice sem fructos, você não se conforma, não se entrega. Quer á força marcar os rapazes que estão ali procurando fazer coisa de mais serio que dar saltinhos á Piolin. E' pena que você insista em ser mestre. Si em plena madureza do seu talento você só conseguiu formar Plínio e Cassiano, quanto mais agora no declinio, beirando os dias camaradas da aposentadoria. Requeira a sua jubilação, meu caro Osvald de Andrade, e deixe os moços em paz.

JOSE' LINS DO REGO

Mme. Tanco de Argaez — Estilhaços — Ariel Editora Ltda.
— Rio.

Não ha genero mais perigoso, mais insidioso que o das maximas. Os fabricantes de axiomas estão sempre prestes a resvalar para o ridiculo. Em França, para milhares e milhares de romancistas ha apenas um La Rochefoucauld. Mas a verdade é que esta illustre dama, subscriptora dos bellos pensamentos dos *Estilhaços*, nem uma só vez se deixa colher pelo grotesco. Seu espirito não vae ao preciosismo, o que de resto não importaria em amesquinhal-a, uma vez que, segundo accentuou um moralista francez, o espirito é sempre precioso. Tendo lido, muito, tendo viajado muito, sem nunca se ausentar de si mesma, sem que a sensibilidade lhe obliterasse os direitos de bem pensar, a sra. Tanco de Argaez realiza agora entre nós uma obra analoga á de Mme. Aurel em França, concentrando, em curtas phrases, conceitos que outras alongariam em paginas derramadas e, consequentemente, tediosas. E' uma civilizada e extráe da vida finissimas gottas de sabedoria que parecem cahir dos cachos orientaes de Omar Khayyam.

Vincenzo Spinelli — La Pace e il suo Poeta — Editor
Vallecchi — Florença.

Em fórmula poetica, o sr. Vincenzo Spinelli, artista dos mais puros da Italia moderna, expande os seus sentimentos em relação á vida tumultuosa que nos cerca e que lhe inspira por vezes desejos de retornar á deliciosa paz campestre dos seus avoengos. E' homem que nunca se mostrou estranho ás aspirações renovadoras, aos nobres designios da sua raça, mas ao qual uma cultura equilibrada e solida faz tambem admirar o que os romanos e os florentinos da Renascença construíram num paiz destinado a accumular belleza como nenhum outro do planeta. Mesmo quando fala de contemporaneos, percebe-se-lhe a preocupação das gentes de outi ora. Manejando bem o rythmo e procurando adapta-lo ás necessidades scenicas de hoje, consegue elle, nesta formosa allegoria theatral, patentear-nos os sentimentos complexos e não raro contradictorios que plasmaram a sua estirpe, estirpe de poetas mas tambem de pensadores.

P. A. Pinto — *Estudinhos de Etymologias* — Rio.

O que impressiona no sr. P. A. Pinto, trabalhador honrado e modesto, é a variedade e ao mesmo tempo a segurança das suas aptidões e pesquisas. Examinando questões de chimica, problemas de historia ou minucias bibliographicas, conduz-se elle com o mesmo apuro, com o mesmo desejo de bem servir a sciencia e as bellas lettras, sem nenhuma avidez de dinheiro, sem nenhuma preocupação de colher louros vistosos. Agora, nos *Estudinhos de Etymologias*, estão em jogo principalmente restricções ao volumoso dicionario publicado por um illustre grammatico do nosso paiz. Detestamos as questões pessoases, as contendas em que das generalizações uteis se passa aos irritados argumentos *ad hominem*, mas o exacto é que neste trabalho o sr. Pedro A. Pinto caracteriza os seus pontos de vista discordes por uma erudição impressionante, por uma forte logica argumentadora e, acima de tudo, por uma austeridade de propositos que o afasta da zombaria jocosa ou do simples prazer de tripudiar sobre as fraquezas do adversario. Obra de philologo e de homem que não se esquiva aos bons combates em prol da intelligencia.

CAIXA ECONOMICA
TEM SUAS AGENCIAS ESPALHADAS
POR TODA A CIDADE

Botafogo - Carioca
Barão de Mauá
Avenida Secção Cheques
Sete Setembro - Penhores
Praça da Bandeira
Vila Isabel - Meyer
Madureira - Campo Grande
— FILIAES —
Niterói - Petropolis
— Juiz de Fora —

4 1/2%
AO ANO
JUROS
CAPITALISADOS
SEMESTRALMENTE

1/3 DA POPULAÇÃO TEM
SUAS ECONOMIAS GUARDADAS NA
CAIXA ECONOMICA

LENGUAGEM DE PUBLICIDADE
CAIXA ECONOMICA

A CALUNGA DOS MARACATÚS (Excerpto)

Figura de grande importancia technica no bailado dos *Maracatús*, como é muito sabido no Recife, é a Dama do Passo. Pereira da Costa não lhe menciona aliás o nome — o que faz presuppôr que este é bem recente. Não só se escolhe pra Dama do Passo uma negra bonita e que possa vestir com mais luxo, mas carece que ella tenha um *domaire* especial no dançar. E em principal, saiba fazer o “passo” como poucas, esse dengue indescriptivel de corpo, que é a volupia dionysiacca dos frêvos pernambucanos. Ora a Dama do Passo tem como obrigação carregar uma boneca, de sexo feminino, ricamente enfeitada, que, como espero provar, é visivel reminiscencia de cultos feiticistas afro-americanos. Essa boneca é nomeada pelo menos por tres appellativos differentes. Chamam-a geralmente de *calunga*.

A palavra *calunga*, oriunda dos dialectos bantus, tomou no Brasil um poder de sentidos, varios delles já designados sufficientemente por Candido Figueiredo. E’ um phenomeno bastante engraçado de catachrèse, que tentarei demonstrar com o que posso. Dos sentidos dados pelo dictionarista, nos importam agora apenas quatro: *calunga* tanto designa uma planta rutácea, um camundongo, um boneco, como ainda um individuo vadio e “ratoneiro”. Que *calunga* designasse um “ratoneiro” nunca achei exemplo. Mas no sentido de vadio, de desoccupado, é que, para Matto Grosso, o Visconde de Taunay emprega a palavra na *Innocencia*, quando o velho Pereira insulta de “calunga” o entomologista allemão. Nos quatro sentidos *calunga* é brasileirismo, affirma o applicado dictionarista.

Mas varios outros sentidos brasileiros da palavra não foram consignados por Figueiredo. Assim, *calunga* tambem quer dizer qualquer figurinha de gente ou irracional, desenhada ou esculpida — o que parece extensão do sentido de boneco. No Nordeste chamam de “calunga”, em certas regiões, aos que trabalham com auto-caminhão, o que é evidente adaptação contemporanea dos “calungas”, “ajudantes de carroceiro”, pernambucanos, já consignados por Garcia. Finalmente Lucas Boiteux conta que em Santa Catharina a palavra quer dizer “negro”, com o que concorda o general Couto de Magalhães para Goyaz.

Boiteux porém, que viveu com o cerebro povoado de... calungas amerindios, dá origem tupy à palavra, vinda de *acã-una*, isto é, cabeça preta. Mas isso é delirio. A voz é bem africana e bântu. Dias de Carvalho a recolheu entre a gente de Luanda, com o significado de *senhor, chefe, grande*. Occorre nas phrases-feitas de saudação ao Mutiãnvua: “Cuaco muelo, calunga”!, “Calunga, tuame-neca”!, isto é, “Apertemo-nos a mão, Grande!”, “Saudemo-nos, Senhor!”. Entre os Bângalas, os moços apoiam os oradores anciãos, exclamando:

“Eh uá, calunga!”, donde pode muito bem ter vindo o nosso modo excitante de apoiar: “Ahi, Fulano!”. Esse é um dos sentidos primitivos importantes da palavra, para o nosso caso.

Outros ainda teve... Macedo Soares citando um inglez que esquece depois de indicar quem é na bibliographia nos dá mais esclarecimentos. Diz que inicialmente *calunga* significava em angolense o *mar*, e d’ahi *deus*, não o deus delles, zambi, familiarmente conhecido e representado em figura, mas o Deus incognoscivel dos missionarios, o qual era impossivel aos negros comprehender, e por isso lhe deram um nome *perfeitamente como ao mar, calunga ou lunga, cuja latitude não percebem*. (Nas palavra sublinhadas elle está citando o seu autor). E’ estranho que os meus portuguezes consultados não se refiram a *calunga* no sentido de mar-oceano. Frei Canecatim informa que em congue *mar* se diz *mú*. Alfredo Sarmiento se approximarà talvez de *calunga*, quando affirmar que *calema* significa “rôlo de mar na praia”. Macedo Soares, explicando a triplicidade *mar-Deus-rei* de *calunga*, raciocina que “tambem, e pela razão de superioridade divina ou quasi divina, chamam os Abundos aos fidalgos, calungas, uns como semideuses, intermediarios dos seus adeptos junto á pessoa do rei, o muchique”. Parece difficil, mesmo com as razões expostas, que *calunga-mar*, viesse a representar em seguida o Deus incognoscivel dos missionarios e “pela mesma razão” de divindade, aos nobres da tribu. Do exposto o que se deduz com mais probabilidade é que inicialmente *calunga* trazia um conceito vago, mystico, de grandeza inexplicavel, de superioridade mysteriosa ou força sobrehumana. E talvez por isso o mar-oceano, o Deus omnipotente e os omnipotentes reisinhos e fidalgotes dos clans, eram todos “calungas” prá negrada. E de facto os reis e chefes de Angola, Congo e adjacencias, ainda permanecem muito dentro da noção dos reis-deuses, commum aos Primitivos em geral. Emfim Heli Chatelain que é dos mais autorizados para falar dos dialectos bântus vem confirmar a significação mystica da palavra *calunga*, quando enriquece com mais significados a extraordinaria largueza de sentido da tal. Por elle, a palavra ainda é empregada exclamativamente, para designar admiração, pasmo; outras designa a morte; outras ainda designa a personificação da morte, ou a propria “terra sem mal” dos Amerindios.

Mas para que *calunga* viesse em seguida a designar um *boneco*, a meu ver se deu o que Darmesteter chamou de “encadeiamento”, talvez na propria Africa, ou mais provavelmente entre os negros do Brasil, já meio esquecidos das suas vozes nataes. Numa descripção de S. Paulo de Loanda, feita pelo guarda-marinha portuguez Alexandre Magno de Castilho, está contado que os sovas

do Interior, quando vinham na cidade, carregavam comsigo os seus distinctivos de poder: "Na cabeça trazem vimes enrolados e uma porção de crina comprida representando corôa; na mão têm um pau com um boneco na extremidade". E' facilmente imaginavel por que *calunga* (chefe, senhor) veio significar, por encadeiamento, *calunga* (boneco attributo politico-religioso dos chefes) e, por extensão de sentidos, um boneco qualquer, e as figurinhas esculpidas ou desenhadas.

E agora vem um facto extremamente curioso para quem se interessa por problemas destes. *Calunga* dos *Maracatús*, carregada pela Dama do Passo, seria apenas o *calunga* boneco? Imagino ainda que não. Deve ter se dado na psychologia dos nossos negros uma contaminação de sentidos, porque a *Calunga* dos *Maracatús* nuns é um boneco de qualquer sexuação, mas fixamente uma boneca de sexo feminino. Ora frei Canecatim, corroborado aqui pelo proprio Chatelain, como se verá mais para diante, nos diz que no quibundo uma rapariguinha é designada pela voz *calumba*. Esta palavra tambem passou pra este lado do Atlantico. Figueiredo consigna *calumba-do-brasil*, no mesmo sentido de planta rutácea (*simaba calumba*) que já dera para *calunga*. Manuel Querino se approximando mais do sentido de frei Canecatim, fixou a voz *caiúmba* (sic), que está como refrão, numa especie de cantiga de *mucamas*, da Bahia:

Vamos atrás da Sé
Na casa de sinhá Tété,
— *Caiúmba* —
Ver a mulatinha
Da cara queimada.
Quem foi que a queimou?
A senhora della,
— *Caiúmba*. —
(Etc.)

Isso nos recorda immediatamente outro refrão célebre, guardado por Sylvio Romero no Sergipe, mas na verdade generalizado enormemente no paiz:

Alê, Alê, *Calunga*,
Mussunga, mussunga êh!

Mas deste refrão a gente não pôde inferir com valentia o sentido. *Calunga* ahi, parece mais significar *senhor*, *chefe* ou coisa assim. E o "Alê *Calunga*!" corrobora a minha supposição anterior de que o nosso grito approbativo de excitação "Ahi, Fulano" vem daquelle apoiado "Êh uá, *Calunga*!" dos angolenses. No caso, o "êh uá" está musicalmente deformado em fórmula neumatica, assimilavel ao "olô" iberico, que ainda permanece vivo entre nós. Já porém Silva Campos num dos seus contos bahianos, nos dá prova muito segura de que *calumba* e *calunga* foram identificados entre nós pelos afrobrasileiros esquecidos. E' quando a canária chama pela sua filhinha fême, roubada do ni-

nho, com uma especie de acalanto suave, que diz assim:

Nané-ê, nanê-ê,
Nunga, *calunga*,
Calunga-ê;
Chamo nam chamo,
Chamo nam chamo,
Chá-chá-ouê!

Ora neste verso, *calunga* significa evidentemente *calunga*, rapariguinha, ou, pra ser mais proprio, filhinha, qualquer femeazinha de pouca idade.

MARIO DE ANDRADE

ATHENA EDITORA

Poucas das nossas casas de livros pôdem ufanar-se de estar prestando no momento tantos serviços á cultura nacional quanto a Athena Editora. Não que espalhe volumes em quantidade, mas os que publica são sempre selectos, pelo valor do contexto, e apresentados numa confecção artistica das mais attrahentes. Assim é que tivemos ensejo de reler, graças a um grupo de intelligentes servidores das bellas lettras, o *Discurso sobre o Methodo*, de Descartes, verdadeiro nucleo de idéas originaes no tempo em que surgiu, obra renovadora, dessas que suscitam milhares de outras e provocam emulações intellectuaes de que só resultam proveitos para o espirito humano. Tambem nos chegou ás mãos o *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, um dos typos mais ricos da Renascença européa, franqueado a todos os ideaes de congraçamento dos povos e desejoso de que a machina de Guttemberg acabasse com os politicos venaes e os guerreiros mercenarios. Não menos valiosa a reedição da *Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella, que deve ser considerado um dos vanguardeiros de todos os utopistas modernos, havendo sonhado, por entre as grades do carcere em que longamente o insularam, um mundo em que se verificasse equivalencia de amor e perfeita distribuição de justiça entre as creaturas. As traduções são do sr. Paulo M. Oliveira. Lembre-se, finalmente, que a Athena Editora vem de lançar no mercado novos milheiros do *Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, do sr. Luiz Edmundo, sahindo este trabalho historico em formato menor, mas não sem gravuras bastante suggestivas e accrescido de uma profusa informação bibliographica que realmente fazia falta na edição anterior.

Monteiro Lobato — *Arithmetica de Emilia* — Cia.
Editora Nacional. — S. Paulo.

Se perguntassem aos garotos das nossas escolas qual o pedagogo que preferem entre todos, estamos certos de que as respostas viriam, quasi unanimes, a coroar os admiraveis trabalhos com que Monteiro Lobato está suavizando a aprendizagem, tão aspera antigamente, dos textos didacticos. Esse homem encantador, que tem pensamento e estylo e sabe inventar sempre deliciosas coisas para a nossa rapaziada, como que destruiu o pedantismo dos velhos livros collegiaes, pondo em fuga os autores que tanto affligiam a delicada sensibilidade infantil. Esta sua *Arithmetica* de agora fará o deleite de todos os petizes, como inicialmente o fez da irrequieta Emilia. O trato difficil e monotono dos numeros converte-se aqui numa creação de espirito. Quanto ás illustrações, são do engenhosissimo Belmonte, que sabe encontrar sempre a projecção graphica destinada a bem completar as suggestões do grande Lobato. E' assim tambem na *Geographia de Dona Benta*, outra obra de arte que respira uma immensa ternura pelos fedelhos das nossas casas de ensino, Tratando de um mundo bastante explorado pelos viajantes e pelos cartographos, o pae de Jéca Tatú encontra a cada passo novidades prestigiosas que darão aos seus leitores minusculos a sensação deslumbrada de que o universo se renovou totalmente na maneira original e bizarra com que o descreve o prosador paulista.

A ESCOLA DE ALFONSO BOVERO

Chronica scientifica irradiada na «Hora do Brasil»

Ha mais de vinte annos a Faculdade de Medicina de S. Paulo teve a boa fortuna de poder incluir entre os seus professores um grande mestre italiano. Apenas iniciou ali a sua admiravel actividade, o professor Alfonso Bovero — sabio erudito e profundo investigador — bem comprehendeu que ao lado da sua tarefa didactica, havia uma verdadeira escola de pesquisa a fundar e dirigir. Hoje os seus já numerosos e illustres discipulos têm levado a Congressos e reuniões scientificas das mais conceituadas monographias e memorias que honram a intellectualidade nacional. Ha algum tempo festejou o circulo dos cientistas do Brasil, especialmente de São Paulo, a chegada do professor Bovero. Recordo o seu nome nesta nota, para dar noticia de dois interessantes trabalhos de anatomia humana recentemente publicados por discipulos seus. O primeiro é uma these de Olavo Marcondes Calasans consignando o resultado de suas pesquisas sobre as membranas interosseas, que ligam, no antebraço, o radio ao cubito e na perna, o peroneo á tibia. Como em quasi todos os trabalhos publicados pela escola de Bovero, em São Paulo, o autor não se esqueceu de um bello resumo referente á anatomia comparada; já tive occasião de dizer e agora repito que o professor Bovero deve ser considerado o fundador dos estudos directos de anatomia comparada no Brasil. O outro opusculo anatomico vem de um discipulo de Bovero que é, sem favor, um mestre — Renato Locchi — *Questões geraes e observações pessoas relativas á anatomia das arterias do corpus striatum humano*. E' uma revisão geral do que ha de fundamental na anatomia das arterias do cerebro humano e uma exposição detalhada das pesquisas do autor sobre os vasos denominados arterias estriadas anteriores. O assumpto, evidentemente, não é dos que interessam

á maioria das pessoas para quem são escriptas estas chronicas. Mas todos poderão apreciar o valor scientifico e pratico dos trabalhos e das descobertas de R. Locchi ao saber que nas suas conclusões elle demonstra que de facto, no cerebro não ha arterias terminaes, sem anastomoses, o que, todos comprehendem, é da mais alta importancia, visto como a irrigação sanguinea é, para as cellulas nervosas, muito mais do que para qualquer outro elemento anatomico, condição de vida. "E' lastimavel, diz Locchi, que ainda hoje alguns tratados continuem mencionando as arterias estriadas como: arteria da hemorragia cerebral".

ROQUETTE-PINTO

Walfredo Pilotto — **Humilde** — Edição da Prata de Casa — Curyba.

Existem nesse volume excellentes paginas sobre Alvaro Moreyra e Emiliano Pernetta, poeta que, na opinião do sr. Walfredo Pilotto, ainda não encontrou substituto nas letras paranaenses. Já tendo rectificado alguns conceitos inseguros do sr. Assis Cintra a proposito do horrivel supplicio infligido ao barão de Serro Azul, o autor do **Humilde** mostra-se agora possuidor de uma argucia esthetica em nada inferior aos seus dons de authentico chronista. Ao fim do volume, o sr. Léo Junior, director da "Prata de Casa", enumera com justo desvanecimento as realizações do nucleo de cultura que tem orientado com tamanha intelligencia, instigando a publicação de livros em nada desdenhaveis.

Armand Godoy — **Il Damma della Passione** — **Siculorum Gymnasium** — Milão.

Salvatore La Presti, traductor de um admiravel poema do artista cubano Armand Godoy, é mais um ardoroso exegeta da obra deste nas terras classicas que deram Parini e Pascoli. Talvez os peninsulares, interessando-se tanto por um tal creador de rythmos, se mostrem especialmente fascinados pelo que ha de valor orchestral nas estrophes de Godoy, que pratica ás direitas os preceitos do seu amigo Jean Royère no tocante ao "musicismo" poetico. A edição é primorosa, enroupando convenientemente as lindas palavras cantantes de um animador de imagens que conta em Paris com a estima dos intellectuaes mais expressivos e teve o orgulho de vêr os seus poemas incluídos entre os que o grande Rémy de Gourmont sabia de cór.

Renato Mendonça — **A Influencia Africana no Portuguez do Brasil** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

E' a reedição de um volume que despertou bastente interesse entre os nossos estudiosos de ethnographia, dando ao sr. Renato Mendonça lugar honroso entre os cultores de estudos afro-brasileiros. Numa época em que todos reverenciam a memoria do grande Nina Rodrigues e o sr. Arthur Ramos vae abrindo victoriosamente o seu caminho, pôde assegurar-se que o successo obtido pelo sr. Renato Mendonça é dos mais expressivos, não resultando do compadrio ou da audacia e sim da cultura exacta e meditada.

E. Diez de Medina — **Prisioneiros de Guerra** — Rio.

Apesar de estar prestes a desfazer-se de todo o litigio que tanto tempo exaltou duas nações desta parte da America, os bolivianos, movidos por um nobre criterio juridico, continuam a querer provar que tinham ao seu lado, no conflicto do Chaco, a prioridade historica e geographica. Desdenhando os louros da força e o primado de uma inutil combatividade selvagem, procuram elles evidenciar que, enfrentando os paraguayos, defendiam apenas antigos direitos da Bolivia. Leia-se a esse respeito o substancioso opusculo do escriptor E. Diez de Medina, um dos publicistas mais acatados de La Paz, e veja-se que o caso é digno de meditado interesse por parte de todos. Aliás, no Brasil, o problema do Chaco sempre inspirou palavras ponderosas de estadistas e pensadores nossos, ao que se verifica de outro folheto, onde se reúnem conceitos de Pedro II, Cotegipe, Francisco Octaviano, Joaquim Nabuco, Tavares Bastos, etc., a proposito das pretensões simultaneas de dois paizes a um territorio dos mais valiosos.

Irmãos Ramena — **O livro de Scherezade** — Soc. Impressora Paulista — São Paulo.

São narrações aparentemente destinadas ás creanças, mas que podem encerrar tambem os seus subentendidos maliciosos em relação ás creaturas e aos costumes de nosso tempo. Apresentação typographica das mais sympathicas.

Vicente Themudo Lessa — **Luthero** — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo.

Bastante controvertida tem sido, através dos seculos, a figura do supremo fautor da Reforma. Panegyristas exaltados, a par de detractores violentissimos. Querendo collocar-se entre uns e outros, mantendo-se cautelosamente no meio termo judicioso, o sr. Vicente Themudo Lessa, que parece ser um especialista em materia de estudos historico-religiosos, procura apresentar-nos um Luthero de todo imparcial, desprendido dos odios ou amores extremos que tanto tempo perturbaram a segura comprehensão desse typo, dos mais decisivos na civilização germanica.

O Romance "Jubiabá"

Um largo sôpro de humanidade marca as paginas de *Jubiabá* com um vigôr incommum, capaz de transmittir, a cada passo, emoções da mais grata resonancia. E' que a linguagem do romancista se apurou no sentido de se fazer interprete de vozes quotidianas, dando-nos a impressão de uma chapa em que se houvessem fixado todas as fórmas por que a vida se manifesta. O soffrimento, a ternura, o comico, o pathetico, o épico, todas as fórmas por que o espirito humano se manifesta ahi apparecem. E' a vida em toda a sua plenitude. Por isso mesmo que é a vida, o soffrimento está em quantidade dominadora. A's vezes simples anotação, suggestão apenas de um nome: "O viajante sem porto", por exemplo; outras vezes, em grandes paginas de emoção viva como aquelle capitulo "Cantiga de amigo". Mas por isto mesmo que o livro contém vida, vida ampla, vida livre, vida total, em suas paginas apparece, permanente como uma criação eterna, a grande e saudavel presença da poesia. A dôr se reveste de lyrismo: a pensão das prostitutas é "um cemiterio onde houvesse musica". A mulher de mestre Manoel, levando o saveiro no rythmo da sua cantiga, "á musica que compra o mar", é pura imagem poetica, descendente daquellas figuras mediterraneas que protegiam os phenicios nas primeiras viagens dos primeiros tempos...

Na obra do sr. Jorge Amado, *Jubiabá* occupará, certamente, um lugar que outros romances ainda mais fortes que elle nos dê, não conseguirão sombrear: a intensidade lyrica de *Jubiabá* ficará muito alta, em uma altitude a que o autor talvez não atinja novamente. Elle ha de crescer em outros sentidos, apurando todas as qualidades de um grande romancista, innatas nelle, mas esse dom poetico já é a mensagem de um espirito que atingiu o paiz da comprehensão e que nos dá, com isso, uma prova de desenvolvimento pleno e evolução alta.

Esperamos *Jubiabá* com ansiedade. Jorge Amado havia escripto *Cacáu*, livro que impressionou a todos: ficou sendo o autor de *Cacáu*. Agora é o autor de *Jubiabá*. Quasi tudo nelle se apurou e mesmo, talvez com a idade, o seu espirito ganhou uma robustez realmente maior, uma força intensa, ampla, que domina os assumptos, orienta a criação, lança-o em todos os caminhos a que a vida arrasta os seus heróes (tal qual Erico Verissimo), joga-o, sem timidez, á face, ás vezes desnortecante, da palpitante vida. Uma ou outra coisa ainda escapa á sua visão aguda: o amor, por exemplo. O amor, nos romances de Jorge Amado, é fluído demais. Nos dois outros havia creaturas, já grandes, que faziam ingenuas brincadeiras collegiaes nos vãos de escadas sombrias... Aqui o amor é trazido por Lindinalva, que está ligada ao dr. Gustavo e a Baldo. Ante Gustavo ella foi collegial e, depois, ingenua. E para Baldo ella é visão, mulher branca que negro não possui, forma alva que

elle amava, atravez da imaginação, em todos os instantes da sua vida sexual, possuindo-a quando possuia a mulher de voz rouca, ou as mulatinhas da areia do caes, ou Dos Reis, ou a negra Rosenda Rosedá. Mas como o amor, neste romance, representa um detalhe perdido, a não ser a obsessão central de Baldo pelo corpo alvo de Lindinalva, que importa que seja desta ou daquella maneira?

O que importa são as aventuras do negro Baldo, Antonio Balduino. Nascido do povo, mas um pouco acima do povo porque sabia lêr, elle se desenvolveu livre e revoltado, altivo e combatente, como todos os filhos do povo que puderam surpreender as forças que opprimem os de sua classe. A submissão é da ignorancia. Baldo, instincto livre, pela comprehensão dominou o terror. E pela experiencia, elle que foi menino vagabundo, desempregado, carpina, jogador de "box" "celebre na Europa e na Bahia", elle que foi explorador nas plantações de fumo, elle que sentiu a desgraça de ser negro e pobre, elle, pela experiencia, disciplinou-se ante o primeiro resultado concreto de libertação que presenciou — a greve e a victoria dos operarios contra os patrões, — e iniciou a vida pelo trabalho. Jorge Amado termina o seu admiravel romance no momento em que, depois de dois capitulos de fraco poder descriptivo (unica falha real do livro, essa diluição exaggeradamente jornalística das scenas de greve) Baldo ingressa entre os trabalhadores. Dir-se-á que elle trocou uma sujeição por outra. Mas é que Baldo nunca foi sujeito a coisa nenhuma: as realidades que o opprimiram foram as condições mesmas do meio em que vivia. Iniciando o trabalho, que é a fonte da dôr para tantos homens, elle vae com o animo forte, o instincto lhe diz estar proximo da verdade social, e a consciencia, cada vez mais esclarecida, lhe indicará o unico caminho capaz de o levar á felicidade, pelo trabalho. A elle e a todos os seus irmãos pobres, da terra e do mar, victimas da exploração deshonesta dos que ainda exploram o homem e o escravizam.

Jorge Amado precisa dar-nos o romance do trabalho de Antonio Balduino, o romance do proletario da cidade.

Jubiabá affirma-o capaz disso. Affirma-o, novamente, um romancista: "Mendigo", "Macumba", "Circo", "Uma toada triste vem do mar", são capitulos definitivos, como definitivos são a scena do desejo que envolveu Baldo ante o corpinho tenro de Arminda, e a figura de Viriato, o anão, lugubre figura, que passa arranhando-nos a sensibilidade...

Eis, sem duvida, um romance que a gente volta a lêr. O romance *Jubiabá*. Haverá sempre accents novos em suas paginas. E será sempre grato volver a essa athmosphera saturada de lyrismo, intensa e palpitante saturação de lyrismo que envolve todo o livro, que o illumina, que o ennobrecce.

DANTE COSTA

Onde o Cinema tem falhado

Um dos mais interessantes phenomenos que a crise economica nos revelou, nada tem que ver com bancos nem com especulações de Bolsa; não é, portanto, um phenomeno economico. Trata-se, antes, de um facto desorientador dos designios humanos. Cifra-se nisto: quasi tudo que os especialistas neste ou naquella ramo do saber disseram que succederia, se se fizessem taes e taes coisas — não succedeu!

Por exemplo, quando a Inglaterra decretou a queda do padrão-ouro, affirmaram os sabedores de economia que a velha Albion ia arruinar-se, perder todo o seu prestigio commercial.

Excusado é dizer, isso não se verificou. Ao contrario, negociando com uma moeda de valor mais accessivel, os inglezes viram logo augmentar a sua exportação; as industrias se desentorpeceram; houve emprego para milhares de operarios, e até o outro dia, quando os preparativos de guerra vieram obrigar o governo a despesas extraordinarias, a Inglaterra tinha não só o orçamento equilibrado, como havia ainda um pequeno saldo em caixa.

E' que, enganando os magos das finanças, a realidade lhes surgia por portas de travessa...

Nos Estados Unidos, onde não faltam bons prophetas, as coisas seguiram a mesma trilha. Sempre que o sr. Roosevelt fazia uma modificação mais fóra do commum, lá vinham as visadas divinatorias... Mas, como se um demonio perverso se divertisse em guiar os acontecimentos por orbitas que se apartassem do ponto de incidencia traçado pelos peritos, os seus diagnostics sahiram sempre "scientificamente" errados.

Não admira: de bôrlados a burlados a differença é pouca!

E se é isso o que se tem verificado no campo mais ou menos systematico da economia administrativa, não menores têm sido os erros de predicção na esphera dos inventos e descobertas.

Quando appareceu a photographia — para tocarmos só neste angulo dos inventos — fizeram-se projectos do outro mundo sobre as vantagens da nova maravilha. Os pintores iriam em breve ficar sem o que fazer, porque a descoberta de Niepce e Daguerre suplantaria em tudo os trabalhos de téla e pincel. Mas, até hoje, a despeito da perfeição a que chegou, a photographia longe está de desbancar a pintura; e, se não fosse pelo cinema, com seus recentes filmes coloridos, em que ha, é preciso dizel-o, uma promessa de lindos pasteis animados, aquella supposição seria ainda mais absurda.

E' forçoso convir, se a photographia falhou na realização do que ha quasi um seculo lhe auguravam os entusiastas da "nova arte", é certo que também não lograram vingar os bonitos projectos daquelles que, desde o começo do cinema, viam nelle um poderoso auxiliar do mestre-escola.

Mas, se tão pouco proveito tirámos do filme pedagogico, nos annos da esplendida evolução technica e artistica do cinema silencioso, não foi por terem sido de todo falsas as previsões dos que sonhavam com as vantagens do invento ao lado do ensino. O motivo dessa morosidade foi outro — o grande motivo economico — que infelizmente ainda subsiste.

Mais tarde, desdobrando-se a sua raia de acção, surgiu o cinema falado. E de novo tiveram a palavra os entusiastas do filme nas escolas.

Como complemento e até substituindo os livros — escreviam alguns desses fogosos adivinhos — poderá o filme educativo cheio de explicações verbaes, realizar prodigios no ensino da geographia, com as montanhas, lagos, rios e cidades de um paiz a deslizar em frente dos olhos maravilhosos da petizada. Pelo telão de prata passará também a Arithmetica visual, em que, participando os numeros do animismo do cinema, as operações far-

se-ão por si mesmas... A Historia Natural perderá a aridez taxidermica de que sempre se cercou, pois, numa revelação magica, veremos os bichos como vivos, em seus respectivos habitats — pernudos kangurús da Australia, elephantes e hippopotamos africanos, macacos amazonicos, ou aves raras e graciosas a encherem a aula com a alegria de seu canto... Num giro mais amplo da camara-microphonica, surgirão as raças humanas representadas por seus typos e pelas linguas que falam.

O papel que o cinema colorido poderá desempenhar no ensino do desenho e da pintura, é também inestimavel. Seguindo as scenas do filme, poderá o estudante apreciar todo o crescendo de côres de um quadro, do esboço á obra completa. Ou ao revés, da obra acabada ao esboço, porque ao cinema tudo é possível. Quanto aos estudos musicaes, nem é preciso dizer que elles encontrarão no filme sonoro uma chave para todas as portas...

Assim falavam os videntes, contemplando as coisas através dos vidros côr de rosa de mil possibilidades. Não obstante, o que o filme tem desempenhado junto á educação, é pouco, pouquissimo — simplesmente porque á primeira vista essa serventia secundaria do cinema não offerece os grandes lucros das fitas correntes, muitas das quaes, feitas sem grandes dispendios de intelligencia ou de dinheiro, nos são impingidas como educativas.

E' natural, se o filme artistico requereu uma technica reveladora de talento, que constantemente se renova, outrotanto devia exigir a producção de filmes especializados, tanto para os cursos escolares como para os programmas de diversão da meninada. Mas nada disso se fez. As criancinhas da America — terra-mater do cinema — andam ahi a assistir filmes vulgares, viciando-se na contemplação de prostitutas douradas, saturando-se de crime e de devassidão.

Por falta de uma produção dedicada á infancia, feita de intelligencia e alta vontade de educar, é que as fitinhas esporádicas, com que algumas universidades americanas têm querido abarcar o problema, são dadas como não economicas. Mas o mesmo teria succedido com o cinema dos adultos, se nada se tivesse feito para melhoral-o.

A cada instante ouve-se aqui a affirmação de que só a iniciativa particular, esporeada pela competencia, pôde dar curso ao verdadeiro progresso... Ora, como as productoras de filmes tiram maior proveito com as fitas de gangster e de cantorias balofas, terá o cinema educativo, dado como não remunerador, que esperar que morra um millionario excentrico, desses que abrem hospitaes para gatos e cachorros, mas deixam crianças morrer á fome, — afim de que em testamento lhe deixe algum donativo. Mas enquanto isso não se der, continuarão a Italia e a Russia, onde a iniciativa particular não conta muito, a fazer a expensas do Estado o que de melhor e mais systematico existe em materia de cinematographia escolar.

O facto de até hoje termos esperado que a tal iniciativa pessoal nos proporcione, quando não pôde negal-o, o progresso de que precisamos, não prova em absoluto ser essa a unica maneira de o obtermos. A Russia, pelo menos, já nos demonstrou o contrario.

Ainda ha pouco, diziam pelos jornaes medicos americanos vindos de um congresso scientifico reunido em Moscou, terem ficado boquiabertos com a instrumentalidade dos laboratorios russos, assim como com as verbas fartas, postas ao serviço da sciencia pelo governo sovietico.

E enquanto isso se observa na Russia, ha nos Estados Unidos o exemplo de grandes descobertas e inventos serem privados de vir a publico — já comprados e abafados, já destruidos no nascedouro pela competencia desleal dos grandes trusts scientificos — simplesmente porque esses in-

ventos viriam diminuir o predomínio dessas brutaes corporações, que existem, antes de tudo, para monopolizar os meios de serviço publico e amontoar dinheiro. Por isso crescem assombrosamente, fazendo-se Estados dentro do proprio Estado.

Não admira, pois, que por ahi se espalhe que o cinema pedagogico não chega para as despesas. Mas, que maior remuneração que a de ver o filme educativo dando os fructos que devia dar?

ARTHUR COELHO

Virginio Santa Rosa — *Paizagem do Brasil* — Schmidt Editor — Rio.

Autor triumphante da *Desordem* e do *Sentido do Tenentismo*, o sr. Virginio Santa Rosa, que é engenheiro, procura conciliar o mais possivel as prerogativas do pensamento puro com os interesses objectivos da sociedade que estuda e define em seus trabalhos. Filho do Norte e pertencendo a uma familia em que o gosto da litteratura foi sempre parte de relevo na educação commum, esse escriptor é dos que submettem as suas emoções a um raciocinio que lhes infunda equilibrio e robustez. Não obedece nunca cegamente ao primeiro impulso. Correu o Brasil, viu-lhe as paizagens, mas não as viu simplesmente como pintor, como colorista, vendo-as acima de tudo como psychologo, atraído de preferencia pelos segredos e sugestões do que se pôde chamar a paizagem humana. Um livro a ler e a reter o do sr. Virginio Santa Rosa.

Silvino Lopes — *O Homem Rom* — Edições Mozart — Recife.

E' mais uma fina concepção do theatrologo que chegou a interessar os meios artisticos do Rio, vendo uma das suas peças representada, com successo, numa das nossas melhores casas de espectaculos.

Hygino Bersane — *Os Ultimos Romanticos* — Off. Gr. Cerbino — Nictheroy.

Trata-se de um poeta que não receia confessar a sua filiação espiritual aos versos de Paulo Géraudy. E' um artista de nuances e cambiantes subtilissimas, que desconhece de todo as notas grosseiras e não se distanciará nunca daquelles idyllios de penumbra, daquellas confissões a meia-voz que sempre foram a marca dos verdadeiros cantores da alma. Os romanticos gostavam de desmandar-se em rumorosas confissões exhibicionistas, pretendendo que o publico todo lhes participasse dos infortunios pessoas. O sr. Hygino Bersane fala aos delicados, dirige-se tão sómente áquelles que vão á poesia como a um ultimo refugio, a um derradeiro pouso em que não repercutam as terriveis ameaças de catastrophes do mundo moderno.

Josefina de Cepeda — *Grana y armiño* — Havana.

Recebemos das Antilhas este livro de versos e só podemos rejubilar com a vinda até nós de uma autora que se exprime com todas as graças e delicadezas do seu sexo, não se envergonhando de ser simples e romantica numa época em que tantas mulheres, para apossar-se de um facil successo, falam e gesticulam com ares varonis. A sra. Josefina de Cepeda tem bem o langor e a ternura da sua gente tropical e, lendo-a, acreditamos não haverem sido estranhas á sua formação lyrica as maravilhosas estrophes de Marceline Desbordes-Valmore, a qual, se não estamos equivocados, tambem vagou por esses mares da America que vão quebrar-se nas praias de Cuba.

Padre Augusto Magne — *Principios elementares de Litteratura* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Não ha excesso em affirmar-se que os nossos tempos são rebeldes aos tratados de poetica e rhetorica. Mas aqueles que percorrerem estes *Principios elementares de Litteratura*, de um culto representante da Companhia de Jesus, não serão de modo algum ludibriados. O padre Augusto Magne é um mestre sem férula e que jámais arrancará lagrimas aos alumnos. Ensina tudo sem anachronismos, sem se aferrar aos fosseis da arte, inclinando-se apenas deante dos classicos que ainda são actuaes, são ainda hoje indispensaveis á nutrição dos cerebros novos. Evitando um carrancismo jansenista, de resto incompativel com uma corporação de rellgiosos que foi sempre creadora de entusiasmo pelas bellas lettras, o illustre sacerdote extasia-se deante das bellezas de um soneto de Bocage e, explicando-as numa vibrante exegese, não deixará de incorporar novos admiradores ao glorioso Elmano Sadino.

Osorio Tuyuty de Oliveira Freitas — *A Invasão de S. Borja* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

São detalhes de historia regional do Rio Grande do Sul, visando o municipio de que procede o sr. Getulio Vargas. Arrolam-se ahi elementos de vida collectiva que futuramente servirão a quantos pretendam obter uma visão de conjuncto sobre os habitos, na paz ou na guerra, dos gaúchos do ultimo seculo.

Fernando Pio — *Meu Recife de Outrora* — Casa Mozart — Recife.

Chronicas referentes ao Recife antigo, á lindissima cidade que um progresso avesso ao pittoresco está empenhado em tornar semelhante a dezenas de outras, banindo aquellas notas peculiarissimas que tão encantadora a tornavam na sua confluência de rios, para delicia dos velhos estudantes amigos das serenatas e das sinhás langorosas affeitas a assistir ás noitadas lyricas ou dramaticas do Theatro Santa Isabel

E' a Sociologia uma Sciencia ?

Entendem alguns pensadores que a Sociologia — a despeito da classificação comteana — não tem ainda fóros de sciencia, por lhe faltar para isso o apoio de leis estabelecidas com caracter mathematico mediante a verificação inductiva e a systematização dos factos que constituem o campo especial do seu estudo.

Outros pretendem que ella seja “a somma integral das sciencias sociaes”, portanto méro aglutinamento de conhecimentos autonomos, sem caracter especifico, seu, proprio e capaz de subsistir por si, fóra do amontoado dos órgãos componentes. Nesse caracter, não se nos póde ella ainda apresentar como sciencia, uma vez que lhe fallece campo de acção além dos compartimentos confinados das sciencias particulares de que se somma. Esses, a rigor, negam-lhe tambem direito a logar no plano das sciencias geraes, que possuem, todas, suas características definidas e independentes das sciencias particulares que lhes gravitam dentro da orbita, em raios menores, concentricos ou excentricos, dellas recebendo pelo menos os principios communs com que se assimilam entre si como partes diversas de um mesmo todo.

Finalmente, outros a consideram “synthese ou philosophia das sciencias sociaes” e dessa forma garantem-lhe larga margem para exercicio autonomo, fóra dos horizontes, parciaes da anthropologia, da ethnographia, da anthropogeographia, da economia politica e da psychologia social, que por sua vez se distinguem das sciencias auxiliares, como a demographia, a estatistica, a linguistica, etc. Para esses é a Sociologia verdadeira sciencia, admittindo, como as demais, um methodo proprio, por meio do qual se possam induzir leis geraes cada vez mais rigorosas, partindo successivamente de fecundas hypotheses e de engenhosas theorias que vão creando ou estabelecendo principios geraes submettidos mais e mais á analyse, á systematização, á verificação experimental.

Esposando essas idéas, sob um ponto de vista original, ha pouco publicou, em edição Ariel, segunda tiragem do seu *Ensaio de Synthese Sociologica* o nosso culto patricio professor V. de Miranda Reis, em elegante brochura de 250 paginas, enriquecidas de preciosas notas criticas e bibliographicas.

O titulo da obra, do ponto de vista logico, define o methodo do autor e a sua maneira clara de conceber o thema que se propoz desenvolver. Para caracterizar a Sociologia, começa examinando cada uma das sciencias sociaes, para dahi inferir o conceito da sciencia mestra, synthese philosophica, em vez de simples juxtaposição dellas.

Ramo de conhecimento ainda não completamente systematizado, pede a Sociologia, em sua exposição, o methodo synthetico que empregou o autor, em logar do analytico, que é de uso empregar na exposição didactica das sciencias. Em geral os autores partem do presupposto de já ser

conhecida e estar perfeitamente delimitada a materia, para indicarem de entrada a definição geral, seguida das divisões e subdivisões porventura admittidas ou consagradas.

Aqui, ao contrario, vemos a sciencia social se ir construindo a pouco e pouco, no correr dos capitulos, para, ao fim, se corporificar plenamente, com a exposição das leis sociologicas descobertas, já comprovadas, e com a caracterização do methodo que lhe convém.

Para expôr o conceito e o objecto da Sociologia, trata o autor, preliminarmente, com abundancia de dados e critica de escolas e theorias, dos aspectos historicos dessa sciencia, os quaes remata com incisivas considerações sobre os “sociologos de hontem e de hoje”, desde os *geo-sociologos*, que vêem os phenomenos sociaes em funcção dos factores geographicos, e dos *bio-sociologos*, que enxergam na sociedade um organismo, até os *sociologistas*, que exigem sejam esses phenomenos estudados objectivamente como factos concretos que são, e os sociologos do typo de Spengler, até ha pouco tão em moda, e que “concebem a evolução das sociedades como uma successão de estádios sem admittirem qualquer idéa de progresso”.

A sociedade, em sua evolução desde a horda como typo mais primitivo de associação humana; o homem, desde sua origem, através das theses do monogenismo, do polygenismo e do transformismo; a estatica e a dinamica das sociedades; a evolução dos grupos sociaes, da horda até a nação, passando intermediariamente pela tribu e pela cidade, indo “do homogeneo confuso ao heterogeneo coordenado”, segundo a engenhosa concepção spenceriana; a evolução dos dynamismos sociaes, como a linguagem, o trabalho, a propriedade, a familia, a religião, a moral, o Estado, o direito, a sciencia e a arte; tudo isso, em resumo, constitue a materia dessa synthese admiravel, em que os estudos sociologicos são apresentados com simplicidade e clareza, ao revés do que acontece com o commum dos nossos maioraes no trato de taes assumptos, que primam pela nebulosidade mais ou menos esoterica e impenetravel com que desafiam a argucia dos espiritos, forçados a uma admiração supersticiosa, á força de nada comprehenderem das doutrinações hieroglyphicas de uma sciencia geralmente infusa e estupefacientemente diffusa.

O livro de Miranda Reis tem esse duplo e inestimavel merito: allia á belleza de estylo meridiana clareza na exposição dos melhores ensinamentos da materia em que doutrina com invulgar saber.

MODESTO DE ABREU

— Sob o titulo *Au hasard des soirées*, Pierre Brisson reuniu em volume os seus folhetins dramaticos apparecidos no *Temps*. Foi com prazer que a critica franceza recebeu essa publicação, garantidora de vida mais longa a trabalhos que, em verdade, não mereciam a existencia ephemera das chronicas jornalisticas.

O erro de despersonalizar

Nota-se um recuo, na chamada escola social, de sua intenção original de "romancear sem herói", especie de poema épico, em prosa, por cujas paginas passearia vigilante o proprio autor, de alfange alçado, prompto a decepar cabeça mais saliente que ousasse destacar-se da massa obscura e commun. — E recua porque o romance, conforme ainda hoje o concebemos e aceitamos, filho puro da era individualista, torna-se vago, liso, fofo, si em sua feitura, fugindo ás premissas que o fizeram nascer, não se moverem os personagens sob as mesmas regras simples da tonalidade, de que, em pintura, resulta a illusão dos planos.

Só um momento historico houve, em que se poderia ter esbatido o individuo na multidão: o cyclo antigo, dada a sobrevalencia da poesia sobre a prosa. Mas mesmo então, necessitou-se de um ponto de apoio, um centro estavel, ao menos symbolico da virtude da massa, não se attingindo o despersonalismo que, de resto, não era conscientemente procurado.

Depois a prosa, insensivelmente substituindo a poesia em alguns angulos litterarios, adaptando-se dentro de suas contingencias a esse genero de relato, já o fez resaltando vigorosamente individualidades: duas figuras do *Satiricon* daquelle Wilde de tunica, aos symbolos concentradamente humanos de Cervantes.

Mas só com a ascensão ao primeiro plano social, do homem medio, com seus negocios, seus ridiculos, seus serões, e com o monopolio, de sua parte, da cultura e da arte, é que se consolida o romance propriamente dito, pois que os cem leitores apurados que bastavam a Voltaire, se multiplicaram na multidão que lia os folhetins de Dumas: dentro da era burgueza, o romance a ella se condiciona; seus heroes serão, por fim, as creaturas de Dickens, seu clima litterario — o bovarysimo, e seu symbolo — a duplicidade tartarinesca do lyrismo e da vida prosaica.

Agora, continuamos a baixar.

Descêramos dos grandes senhores aos burguezes; desses, vamos ao operario, nessa trilha lit-

teraria por onde anda, de algum modo, a sombra da lei dos tres estados sociaes, de Marx. O romance, porém, ficará como ultimo reducto do individualismo: penetrará a era da socialização e, dentro della, resistirá, com sua feição propria, enquistado, mais completo e vigoroso que qualquer desses phenomenos de sobrevivencia, assignalados em sociologia.

Em nossos dias, vivendo um momento pre-revolucionario, a afoiteza dos primeiros instantes aconselhou a despersonalização; mas já se retrocede, na procura desses grandes typos humanos, obscuros e intensos, que um pensamento doutrinario elege para exemplo.

Mr. Pickwick e Ema Bovary foram dois fructos, ambientados, de um tempo despreoccupado e farto. Antes, porém, houve um épico, que por assistir a uma inquietude, creou a grandeza brutal de Valjean e clamou a todos culpados, por existirem Fantinas. E' que, em litteratura, primeiro se alcandóra, para depois chegar-se á satyra, como preludio da derrocada: Horacio precedeu Petronio; antes foi o humanismo de Dante, Boccacio, Petrarca, depois — Rabelais; primeiro o burguezismo derivado da *Comedia Humana*, e mais tarde a critica, de Thackeray a Dickens, Daudet e France, que culminou na ironia sybarita, fim do século.

Hoje outra inquietude nos tortura e penetra a arte; o reflexo della incidirá fatalmente sobre o pensamento, abastardando a criação artistica ao attribuir-lhe intenção, fazendo-a instrumento, e não fim que a si mesmo se baste. Si o pensamento social desceu a uma outra classe de homens, a arte ha de acompanhá-lo: primeiro a exaltaremos antes de apalhaar-a: mas ao applicar-se a esse novo motivo, não se conseguirá impessoalizar o drama, a relatar, dessa classe, porque, producto do individualismo, o romance guarda essa essencia como condição, meio e fim de sua função litteraria.

CLOVIS RAMALHETE

CONVERSA COM A CHUVA

*A chuva bateu na minha janella
Veio conversar commigo
Tão melancolica
Tão humida
Quasi impertinente*

*Falou-me de tristezas esquecidas
Depois,
sahiu cantando uma canção triste
que o vento levou*

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

(Dos Poemas Sem Importancia).

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49 || Rua da Bahia n. 1052
S. Paulo Bello Horizonte

O novo romance de José Lins do Rego

Quando vi anunciado o *Moleque Ricardo* pensei imediatamente em Carlos de Mello, figura central do trio admirável de romances de José Lins do Rego — *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*. Mas Carlos de Mello desta vez quasi não chega a figurar no romance, tão de leve passa. Portanto, esse habito de ligar o typo ao creador da obra, que já vinha de longe, teve que topar com a figura do moleque Ricardo.

Assim, para José Lins conseguir que o seu novo personagem viesse entrar na nossa intimidade era preciso que este tivesse um valor proprio. E foi isso o que aconteceu. *Moleque Ricardo* veio provar que a penna do autor de *Banguê* possuia outros recursos e não se deixaria absorver somente por Carlinhos, o menino do engenho, nem pelo Doidinho do collegio do seu Maciel, nem por aquelle homenzarrão, neto de senhor de engenho, incapaz de dirigir o Banguê do velho Zé Paulino.

Essa descentralização de um personagem que já vivia na nossa familiaridade, e a affirmação de um outro, novo mas igualmente suggestivo, já valem como uma victoria.

José Lins do Rego, desta vez, vestiu a pelle do Moleque Ricardo e fugiu do Santa Rosa para o Recife, para a vida. Lá, elle continúa a ser o mesmo que no engenho. A cidade está fóra d'elle, não consegue penetral-o, não o absorve.

E o moleque vae vivendo divorciado do Recife, da sua miseria, dos seus encantos.

Continúa virgem nos seus sentimentos intimos, na sua personalidade moldada na natureza virgem, longe da padaria de seu Alexandre, da greve dos operarios.

Mas Ricardo tinha um ponto sensível — o coração. E foi arranhado pelo amor de Guiomar, que se suicida; pelo sensualismo de Izaura; pelo namoro com Odette.

Odette é da mesma rua que Florencio, o amigo que recebeu uma bala porque fôra lutar pela greve dos operarios do Dr. Pestana. E é nessa rua, na rua do Cisco, que o Moleque vae conhecer a pobreza absoluta, a miseria, a dôr e a fome. E' época de carnaval e, mesmo assim, cahindo aos pedaços, os habitantes da rua do Cisco fazem da fraqueza força e rumam para a orgia, para a libertação que encontram no gozo desenfreado que lhes proporciona Momo.

E esquecem, durante as horas loucas de folia, todas as desgraças que habitam durante o anno as suas miserias casinholas.

O moleque assiste á morte de Florencio, que deixa os filhinhos sem pão. E dahi em diante começa a ver o soffrimento mais de perto.

Casa-se com Odette, depois de uma longa indecisão, em que a alma do captivo brota, nitida, naquelle corpo escuro de Ricardo, com medo de ter uma iniciativa, de dizer ao pae da moça que não queria mais casamento.

Mas o escravo soffre calado e não age. E casa-se.

Com o casamento vem a sua desgraça e o soffrimento penetra-lhe no mais intimo do sêr com as suas garras de ferro. Ricardo não supporta o amor exaltado, misturado á febre da esposa tuberculosa. E quer se libertar, mas continúa escravo... Quer fugir, mas não possui forças. A razão atrapalha-lhe os desejos e impaciencias. E continúa a capitular, a deixar-se ficar, a continuar vivendo assim mesmo. E' incapaz de uma revolta.

Depois da morte de Odette, fica com remorsos e tem medo da morta. O moleque assombrado do engenho revela-se. As historias das almas do outro mundo torturam-no. E o moleque emagrece e não dorme.

Ricardo, no fim, tem um gesto de firmeza e entra na greve com os outros operarios. A

greve fracassa e o moleque vae para Fernando Noronha, para bem distante do Santa Rosa, da mãe a quem já escrevera depois da morte da esposa annunciando o seu regresso ao engenho. Mas a greve o levou para Fernando Noronha, com os companheiros e as suas miserias.

Não ha duvida que o Moleque Ricardo é a primeira figura do romance. Mas, como nas outras obras de José Lins do Rego, se existe o personagem principal, este vive no meio dos outros, no meio da vida mesma, que se desenrola aos olhos do leitor na sua unidade. Tudo está tão ligado no *Moleque Ricardo* — a padaria do seu Alexandre, o seu Lucas, a rua do Cisco, o Carnaval, as recordações do engenho — que sem esses accessorios não haveria a vida tal como ella se apresenta. O unico desvio, o unico acontecimento que se separa da vida do moleque Ricardo — aliás um largo tempo — é a primeira greve. Se o autor não se preocupasse tanto com ella o romance ganharia muito.

Moleque Ricardo tem essa cousa de grande: não possui planos, nem enredos complicados e determinados. Nelle, a gente sente a vida rolando com as suas côres naturaes, côres que o pincel de José Lins não altera, não dá tonalidades mais fortes do que as existentes. O leitor entra na intimidade do livro desde as primeiras paginas e sente-se á vontade. Não ha a cerimonia inicial das pessoas pouco accessiveis. *Moleque Ricardo* é um camarada bom, a quem a gente aperta a mão e fica logo amigo, pela naturalidade que irradia d'elle.

Mesmo o realismo de certas scenas não choca. Tudo se nivela no rythmo igual, na expontaneidade assombrosa do romancista.

Aquelle moleque que viveu a vida inteira entre a consciencia e o desejo de libertação não pôde ser esquecido. Elle é um pedaço humano que se incorpora ao nosso sêr. "Queria fugir e

OS EURAFRICANOS

(Chronica scientifica irradiada na "Hora do Brasil")

De Nova-Gôa, na India Portuguesa, recebo, enviadas pelo seu illustre autor, tres importantes monographias: *As raças e os monumentos do Indostão. A necessidade do estudo das populações colonias e os Eurafricos de Angola*, do professor Germano da Silva Correia. E' um anthropologo de nomeada internacional. Alguns dos seus livros, escriptos em lido francez, tiveram grande repercussão. A memoria sobre os Eurafricos de Angola é particularmente interessante para os estudiosos do Brasil. O professor Silva Correia começa traçando um breve e util resumo historico do problema dos cruzamentos na especie humana. Mostra como a sciencia pouco a pouco vai tomando conta de um assumpto extremamente complexo, que por estar ligado a crenças e preconceitos seculares sempre foi thema de discussões sem base. O que é uma grande verdade. Nesse terreno, até o advento da anthropologia moderna dominavam *opiniões*, quando o regimen da sciencia é o dos *factos* e das *leis*. Silva Correia realizou suas pesquisas quando trabalhou em Loanda como anthropologista do Instituto de Investigações Scientificas de Angola. Os Eurafricos apresentam, diz elle, uma conformação corpórea impecavel. A força muscular da mão direita é ligeiramente inferior ao que achamos no Brasil, nos mestiços

não tinha coragem. Não tinha coragem para aquillo que todo o fraco podia fazer, fugir".

A obra de José Lins do Rego possui um lugar á parte na nossa litteratura contemporanea. A sua personalidade é marcante. O liquido que cae de sua penna não pertence á cachoeira que tomba impetuosamente, nem ao filete que escorre, fino, pela pedra lisa. Approxima-se mais da cascata, fresca e mansa, que nos dá com uma suavidade saborosa, a agua crystallina da vida...

ALUIZIO NAPOLEÃO

do mesmo grupo. Pela estatura e pelo indice nasal ainda se approximam. Já pelo indice cephalico differem bastante, tendo os nossos eurafricanos a cabeça muito mais redonda.

O interesse maior da monographia do professor Silva Correia, para nós, está em que os seus trabalhos sobre a mestiçagem na especie humana vieram mais uma vez confirmar o que se fez a respeito do assumpto, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

No final do seu bello trabalho passa o autor em revista numerosas contribuições de sabios francezes, inglezes e norte americanos. Deixou de citar as de Fischer sobre os mestiços do Sul da Africa e as de Roorenwaldt sobre os mestiços do Kisar — obras notaveis que tanto ou ainda mais confirmam a doutrina pela nossa escola, á luz de documentos objectivos.

ROQUETTE-PANTO

LIVRARIA BOFFONI

Só podemos rejubilar com a appareção entre nós de mais uma importante livraria, qual a inaugurada pelo velho conhecedor de coisas impressas que é o sr. Vicente Boffoni. Homem que, em muitos annos de actividade, tem transmittido ao publico leitor do Rio os melhores ensaios e os melhores romances da Europa, esse italiano perfeitamente abasileirado por uma longa convivencia entre nós, pelo trato frequente dos intellectuaes do paiz, abriu agora á rua Chile um estabelecimento dos mais sympathicos, de fina ambientação artistica, onde é grato remexer nos in-folios e esparecer nessa amavel paisagem da intelligencia que compõem os livros bem encadernados e bem alinhados.

W. R. Burnett — *O Pequeno Cesar* — Cia. Editora Nacional. — São Paulo.

Não parece destinada a esgotar-se tão cedo a litteratura dos gangsters. O heroe facinoroso de Chicago e adjacencias, na sua lucta com policiaes e magistrados, possui, ao menos no sentido litterario, uma resistencia só comparavel á desses protagonistas rocambolescos que faziam a fortuna dos Terrail e dos Decourcelle e o enlevo de tantos leitores de esthetica pouco exigente. Accentue-se que, no caso do *Pequeno Cesar*, o romance, sobre ser agitado de peripecias, foi excellentemente traduzido pelo nosso admiravel Monteiro Lobato.

Ivan Monteiro de Barros Lins — *Lope de Vega* — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.

Das contribuições apresentadas por ocasião do tri-centenario da morte de Lope de Vega, nenhuma se avanta, em vigor e profundidade, ás duas formosas conferencias do sr. Ivan Monteiro de Barros Lins, já conhecido nosso, graças ao seu forte volume *Introdução ao Estudo da Phillosophia*. Com a mesma attenção e percuciencia com que está reunindo dados para estudar a obra de Thomaz Morus, um dos vanguardeiros dos utopistas modernos, o sr. Barros Lins alongou-se por toda a riquissima produção do mais fecundo dos theatrologos da Hespanha. Não lhe deixou inexplorado nenhum recesso intellectual ou moral. Viu-lhe os poemas e as peças e também lhe examinou sagazmente a vida, os costumes, os amores, as aventuras de homem da corte. A documentação impressiona pela solidez e consistencia, fazendo presumir uma idade bem superior á que realmente possui o sr. Barros Lins. Esquecidos alguns ataques desnecessarios á Egreja catholica, força cultural cujos meritos o nosso patricio não póde desconhecer, temos aqui um volume que conservaremos em nossa estante e marca ás direitas o valor de um critico litterario que é ao mesmo tempo um subtilissimo psychologo.

Perillo Gomes — *O Liberalismo* — Imprensa Boada — Barcelona.

Discipulo de Jackson de Figueiredo e companheiro dedicado do sr. Tristão de Athayde, o sr. Perillo Gomes, que é figura de relevo no Centro Dom Vital, combate nestas paginas os engodos do liberalismo, em todos os seus aspectos, o politico, o economico, o pedagogico, o religioso. A obra é bem articulada e demonstra que o autor longamente a estruturou, desejoso de apresentar um trabalho que pudesse duradouramente resistir á critica dos adversarios. Estamos de pleno accôrdo com o sr. Tristão de Athayde quando declara em prefacio ao volume: "Perillo Gomes prestou com este pequeno livro, tão facil de leitura quanto util de meditação, um grande serviço á clarificação das idéas na vida brasileira. E basta isso para recommendal-o vivamente á leitura de todos os que crêem que pensar é bem fazer".

Pedro Calmon — *Historia da Civilização Brasileira* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

E' a segunda edição, ampliada, de um livro que bem reflecte a immensa cultura e a argucia historica de um homem que sabe reconstruir o nosso passado como poucos. Apresentação graphica das mais artisticas.

Francisco Presciliano Guerra — *A Capinheira do Major* — Recife.

O autor deste volume descreve, com o ar de quem as presenciou directamente, scenas de engenhos e usinas do Norte, mcstrando certa attracção pelos factos escandalosos, attracção que é o primeiro a confessar, estendendo a si proprio a risonha malicia com que allude a tantos conterraneos.

"RYTHMO"

Temos em mãos o primeiro numero do **Rythmo**, de São Paulo, revista extremamente avançada em materia de litteratura, tão avançada que deseja se torne a litteratura apenas uma docil servidora dos homens de acção que pretendem renovar o mundo. A par de alguns trabalhos subscriptos por nomes que se nos apresentam pela primeira vez, mas trazendo credenciaes á altura de mantel-os em nosso interesse, encontramos aqui uma carta de Oswald de Andrade e Afranio Zuccolotto sobre o romance e a poesia brasileira de hoje e uns commentarios ironicos do sr. Osmar Pimentel á personalidade de Paul Morand. Nossos leitores não devem ter esquecido ainda que este escriptor da Paulicéa, tão novo quando brilhante e pessoal, já estampou no **Boletim de Ariel** ensaios de um espirito perfeitamente realizado, como o que trata dos dramas domesticos de Leão Tolstoi.

Alexandre C. Messeder — **A Lingua e a Nacionalidade** — E. G. Apolló — Rio.

Dedicado servidor da nossa Marinha de Guerra, ainda encontra o autor deste livro bem aproveitados lazeres em que versa as questões de vernaculo, reunindo elementos para apontar, como de facto aponta, innumerous inconvenientes da orthographia phonetica. Trata-se de um ardoroso nacionalista em materia de lingua.

Esther Ferreira Vianna Calderon — **Religiões, Mythos e Crendices** — Federação Espirita Brasileira — Rio.

Pertencendo a uma familia illustre de intellectuaes, a sra. Esther Ferreira Vianna Calderon, embora partidaria ardorosa dos problemas theosophicos e affins, trabalha por infundir a todos elles, scientificamente, o cunho de uma verdadeira expressão de cultura. Seu livro, discutivel talvez na essencia, apparece-nos carregado de documentos que os amigos do genero não deixarão passar sem uma critica ponderada.

Wanderley Vilela — **Intenções Lyricas** — Livraria Moraes — Bello Horizonte.

Collectanea de impressões ligeiras de um leitor e de um observador dos homens. Tudo em quadrinhos curtos, como lhe saiu no primeiro lance da emoção. Percebe-se que o escriptor não se circumscreve ao trato dos livros e procura sempre completar no conhecimento das almas aquillo que lhe dizem os autores mortos. O trecho sobre Hermes Fontes é dos mais apreciaveis.

Chermont de Britto — **O Demonio Verde** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Originario do Pará, o sr. Chermont de Britto, que pertence a uma velha familia de politicos e diplomatas, tem feito jornalismo no Rio, oscillando entre a critica theatral e a chronica mundana. E' tambem romancista e este seu ultimo volume, **O Demonio Verde**, mostra-o igualmente tentado pelo desejo de destacar-se na incisiva narração de conflictos sentimentaes do Rio ou da provincia.

Carlos Imbassahy — **O espiritismo á luz dos factos** — Federação Espirita — Rio.

Filho de um conhecido critico de arte e já tendo publicado uma novella que despertou interesse no tempo, o sr. Carlos Imbassahy procura evidenciar agora que o espiritismo não é apenas um pretexto para sensações fortes entre os illetrados. Não lhe discutiremos as idéas em si, porque isso transcende os limites da nossa publicação méramente bibliographica, mas o exacto é que o sr. Imbassahy escreve com clareza e parece estar abundantemente informado na materia que o traz a campo.

Demosthenes Massa — **O Sonho de Sayri** — Calvino Filho — Rio.

Trata-se de um cultor incipiente do romance de costumes. Pretende o autor espelhar diversos factos occorridos em terras do Norte, mas o certo é que a sua personalidade intervem a cada passo no assumpto, não se deixando annullar por uma cópia demasiado estreita da realidade. Aguardamos os livros futuros do sr. Demosthenes, para julgal-o em caracter definitivo.

José G. Antuña — **El Nuevo Acento** — S. A. Amigos del Libro Rio-platense — Buenos Aires.

Em vigoroso estudo preliminar, o grande prosador cosmopolita Valery Larbaud define bem as tendencias culturais do sr. José G. Antuña, que, de resto, é pensador bastante conhecido do nosso publico, por isso que tem tratado com dedicação das coisas e dos homens do Brasil. Nas paginas de **El Nuevo Acento**, o talentoso escriptor procura indicar, em synthese dominadora, quaes as tendencias da actual mentalidade sul-americana em face das raças que a plasmaram. Para elle, a civilização desta parte da America deve ultimar-se sem xenophobias irritantes e, a seu vêr, a originalidade só será obtida aqui em consequencia de um puro criterio de universalidade. Dignas de meditação parecem-nos todas as palavras desse sociologo que não desconhece a boa litteratura e das suas cogitações não repelle nenhum dos factores de ordem moral ou mental que possam servir os paizes novos.

Louis Wilton — **As Pantheras** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Louis Wilton, allemão de nascimento, estudou nas paragens romanticas de Heidelberg, duellando-se com os outros rapazes e propugnando sonoramente pela victoria dos preceitos anti-christãos de Nietzsche. Quando nos reductos universitarios, muitos o suppunham destinado a distinguir-se como advogado ou philosopho. Mas o caso é que veiu a enveredar pelo romance, pela novella de entrecho emmaranhado, e raros aproveitam hoje como elle figuras de criminosos ás voltas com detectives sagazes. Este volume **As Pantheras** define-o muito bem, na dextreza com que penetra pelos mysterios policiaes, arrancando, de crimes terriveis, horas amenas de distracção para os leitores.

Orlando M. Carvalho — **Duas officinas de policia technica.** — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.

Havendo estado na Europa, o sr. Orlando M. Carvalho, que é um dos mais autorizados cultores da sociologia em Minas, teve ensejo de visitar, em Lyão e Lausanne, dois importantes estabelecimentos onde se praticam á moderna os mais efficientes methodos de pesquisa policial e judiciaria. Em Lyão mediu bem a utilidade dos processos innovadores de Edmond Locard, cujo nome, ao que devem estar lembrados, appareceu muitas vezes entre nós por occasião das rumorosas cartas attribuidas ao sr. Arthur Bernardes. E em Lausanne pôde avaliar da capacidade scientifica do professor Reiss, que, de procedencia allemã, tantos serviços tem prestado ao estudo da criminalistica em terras da Helvecia. Substancioso e de agradável leitura o opusculo do sr. Orlando M. Carvalho.

G. Krugg e N. Resende Carvalho — **Letras Rlograndenses** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Eis um livro que corresponde a uma antiga necessidade de todos os studiosos da nossa litteratura. Faltava-nos, com effeito, um volume que nos offerecesse, com a ajuda de exemplos edificantes, uma visão panoramica da cultura e da productividade dos guascas através dos tempos. Aqui nesta criteriosa anthologia, intelligentemente commentada, estão os principaes poetas e prosadores da terra gaúcha: Alcides Maya, Simões Lopes Netto, Darcy Azambuja, Paulo Arinos, Augusto Meyer e tantos outros. Obra, sob todos os aspectos, meritória.

Luiz Amaral — **O cooperativismo ao alcance de todos** — S. Paulo.

O sr. Luiz Amaral tanto se tem distinguido pela composição de novellas como pela descripção de viagens no paiz e no estrangeiro. Tambem se consagra ao exame das questões sociaes e ainda agora, fazendo util obra de divulgação, trata de pôr os preceitos do cooperativismo ao alcance de todos os cerebros. Jornalista ha muitos annos, não falta a esse escriptor o preciosissimo dom da clareza, e nenhuma obscuridade resiste ao seu desejo de ser perfeitamente entendido por aquelles a quem fala.

Diversos Autores — **Anchieta** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Reuniram-se aqui, para glorificar o thaumaturgo de Piratininga, varias das pennas mais autorisadas do Brasil dos nossos tempos. Historiadores profissionaes ou simples artistas competiram na brilhante porfia de glorificar um dos sedimentadores da nossa civilização. Nestas paginas, destinadas a commemorar no Instituto Historico o centenario de Anchieta, amontõem-se documentos valiosos, mas é bem de vêr que todos elles nada ou quasi nada significariam se não tivessem a aquecel-os o calor dos corações deante daquelle cuja vida foi sempre e sempre isto: Jesus na America.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

NOVIDADES LITTERARIAS E REEDIÇÕES

MONTEIRO LOBATO — Geographia de Dona Benta — Vol. XXII — Série I — Bibliotheca Pedagogica Brasileira	10\$000
MONTEIRO LOBATO — Historia das Invenções — Vol. XXIII — Série I — Bibliotheca Pedagogica Brasileira	8\$000
MONTEIRO LOBATO — Peter Pan — Vol. XXIII — Série I — Bibliotheca Pedagogica Brasileira ..	6\$000
VIRIATO CORRÊA — Meu Torrão — Vol. XXIV — Série I — Bibliotheca Pedagogica Brasileira ..	6\$000
COUTO DE MAGALHÃES — O Selvagem — Vol. LII — Série — V — Bibliotheca Pedagogica Brasileira ..	16\$000
ANTONIO CONTIJO DE CARVALHO — Calogeras — Vol. LIV — Série V — Bibliotheca Pedagogica Brasileira	7\$000
GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS"	
Marques Rebello — MARAFA	6\$000
Erico Verissimo — MUSICA AO LONGE	6\$000
Dionelio Machado — OS RATOS	6\$000
João Alfonsus — TOTONIO PACHECO	6\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389
RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Tristão de Athayde — No Limiar da Idade-Nova (da Collecção Problemas Politicos Contemporaneos)	6\$000
Belmonte — Idéas de João Ninguém	6\$000
Amando Fontes — Os Corumbas (5. ^a edição)	7\$000
Miguel Reale — O Estado Moderno (3. ^a edição)	6\$000

NOVIDADES DE OUTUBRO

Jorge Amado — Jublá — romance —	10\$000
Azevedo Amaral — A Aventura Política do Brasil (Da Collecção Problemas Politicos e Contemporaneos)	6\$000
Miguel Reale — O A. B. C. do Integralismo	5\$000
Vicente Licinio Cardoso — Philosophia da Arte (2. ^a ed. augmentada) ..	20\$000
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos Outros (nova série)	10\$000
Maurice de Fleury — Introdução á Medicina do Espirito	20\$000
Affonso Schmidt — Curlango — contos —	6\$000
Humberto de Campos — Destinos (3. ^a edição)	6\$000

PUBLICAREMOS BREVEMENTE

Oliveira Vianna — Os typos ethnicos do Brasil
Anisio Teixeira — Educação para a Democracia
Xavier Marques — Terras Mortas (Contos)
Garcia Redondo — Cariclas (4.^a edição)
Berdiaeff — Uma Nova Idade-Media (Trad. de Tasso da Silveira)
Almir de Andrade — Da Interpretação na Psychologia
Graciliano Ramos — Angustia (Romance)
Amado Fontes — Rua do Siriry (romance)

NOVIDADES

NOVIDADES

BERILLO NEVES:

A Mulher e o Diabo (3. ^a edição) — br.	5\$000
A Costella de Adão (7. ^a edição) — br.	5\$000
Cimento Armado — br. .	5\$000

GUSTAVO BARROSO:

Brasil Colonia de Banqueiros (5. ^a edição) — br. .	6\$000
---	--------

VIRIATO CORRÊA:

Casa de Belchior — br. .	6\$000
--------------------------	--------

JOSUE' DE CASTRO:

Alimentação e Raça (5. ^o volume da Collecção Divulgação Scientifica) . . .	8\$000
---	--------

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

— Rua Sete de Setembro, 162 —

Telephone 22-6773 — Rio de Janeiro

Para o interior, sem augmento de porte. — Preço pelo serviço postal de reembolso. — Remette-se Catalogo gratis.

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a Saul Borges Carneiro)

Hamburgo, 17 de junho de 1930.
Meu caro Saul.

Recebi ha dias a tua amavel carta e, dias depois, os livros, que te agradeço. Eu já tinha aqui os methodos Halbwachs e Weber, que realmente são bons, e já estava estudando tambem pelo Prevot-Pereira, que presta alguns serviços, embora não de muito relevo. Em todo o caso vou progredindo.

Logo que recebi tua carta, fui logo encommendar os livros que me pediste. Encommendei-os a uma livraria onde já sou um tanto conhecido. Deram-me um prazo de 8 dias para recebê-los ao certo. Deixei correr 10, e hontem lá voltei. Uma linda caixa nova, fresca, alta, loura, de bellos dentes e amavel sorriso, explicou-me que os livros ainda não haviam chegado, mas já estavam encomendados. A demora era devida ao facto de terem elles tido que fazer inqueritos para descobrir quaes os editores dos ditos. Esta minucia te escapou. Assim, quando me pedires livros, manda o nome da casa editora. Seja como fôr, logo que me avisarem (como ficaram de fazer-o em carta dirigida ao Consulado) irei buscá-los e te serão enviados com presteza, isto é, com a presteza que estiver compativel com a fleugma nordica... Falas-me num tal sr. P... Já lhe percorri um dos livros. Realmente o homem é de uma insipidez, de uma insulsez e de tal idiotice, que o seu successo tinha que vir pela certa Essa nossa litteratura nacional, seu Saul, está ao nivel da nossa politica, da nossa magistratura, do nosso exercito mambembe, da nossa marinha ferrugenta e do nosso clero sebaceo — emfim, a litteratura é fructo do meio. Cada solo produz o que pôde. Desculpa-me esta letra um tanto ruim porque hontem e hoje o rheumatismo me atacou o braço direito. Abraços aos amigos todos. Do teu ex-corde

Torres.

Helgoland, 22-VIII-1930.
Meu caro Saul.

Vim ver o que é a famosa Helgoland. Um lugar lindissimo. Viagem horrivel. Sete horas e meia de Hamburgo até aqui. Muita gente enjoada *Inter quos ego*... Mar bravio. Tempestade de vento. Sempre ás suas ordens. Livros estão encomendados. Difficil obtel-os.

Abraços do

Torres.

Hamburgo, 19-IX-1930.
Caro Saul,

Um dos livros que V. me pediu parece estar descoberto. Amanhã vou ao *sêbo*, cujo postal já recebi. Os livros são de facto raros por estarem esgottados. Espero entretanto ter o prazer de poder offerecer-lh'os, ou pelo menos um delles. A Allemanha continua a tratar de coisas sérias. E o nosso Brasil?... Melhor não falar. Abraços do

Torres.

Hamburgo, 24-IX-1930.
Meu caro Saul,

A carta em que V. me pediu aquelles dois esgottados livros allemães a respeito de surdos mudos é de maio. Quer isto dizer que ha quatro mezes vivo peregrinando como Tannhauser, não em busca de Venus nem do perdão do Papa, mas em busca dos sobreditos e complicados livros: *Das Horvermogen der Taubstummem*, de Bezold, e *Die Gebarden Sprache*, de Reuschert. Pela data do postal recebido da livraria de Berlim — 5 de junho deste anno — e que aqui lhe mando, verá V. que eu me puz logo em campo para satisfazer a seus desejos. Aliás, não ha para mim prazer maior do que andar pelas livrarias a procurar livros para amigos, quando não pôde ser para mim proprio. A resposta de Berlim foi negativa. Dirigi-me, pois, ao Dording, talvez o melhor *Antiquariat* de Hamburgo, bem em frente á *Bibliotheca da Universidade*. Agora, *post tantos tantosque labore*, posso dar-lhe a grande nova que se conseguiu desencavar, não sei em que buraco, o livro do Bezold, o qual já está nas minhas mãos e lhe será enviado amanhã pelo correio devidamente registrado. De sorte que metade dos seus desejos está satisfeita. Esperemos dagora em deante que o Dording me annuncie o encontro do outro livro.

Agradeço-lhe o methodo de allemão que conseguiu descobrir entre os gadanhos de um surdo-mudo. O meu professor, logo na primeira lição, no primeiro exercicio, descobriu um inpropriedade. Os methodos francezes que V. me aconselhou já os tinha eu tambem adquirido. Seja como fôr, leio já os telegrammas e o noticiario dos jornaes. Quanto a artigos mais substanciosos... isso fia mais fino. Mas, que diabo! Para nove mezes de allemão já é alguma coisa, principalmente na minha idade. Isto sem contar que já falo, entendo e me faço entender. Em resumo *je me débrouille* e não é tão pouco...

Escreva-me. Diga-me as novidades. Parece que a menina da Grecia ficou damnada por não ter ganho os cobres do premio de belleza? Que chinfrinada! E na Argentina, hein? Os militares resolveram salvar o paiz! Ponhamos as nossas barbas de mólho... Lembranças e abraços a compadre Pelagio, ao Gastão Cruls, ao Grieco, ao Fiuza, aos amigos todos.

Do seu velho

Antonio Torres.

Hamburgo, 8-X-1930.
Meu caro Saul,

Ha dias te escrevi longa carta, que não sei si receberás, e enviei-te tambem o livro de Bezold sobre os surdos mudos.

As noticias do Brasil que os jornaes publicam são, além de contradictorias, contristadoras ao extremo. Que horror! Onde iremos esbarrar depois de tudo is-

so? E' melhor mudar de assumpto tão lugubre...

Vi hoje num catalogo de J. Leite um annuncio do *Descobrimento do Brasil*, de Capistrano de Abreu, por 20\$000. A coisa me convem e ahi te mando dez marcos, que ao cambio dagora, creio que darão vinte mil tristissimos réis. Assim, peço-te, meu caro Saul, que tomes a massada de ir até a Rua Tobias Barreto e ver si me compras e me envias esse livro. Quando irei ao Brasil? Não sei. É tal a confusão que, já agora, acho melhor ficar esperando, até vêr em que param as modas, não te parece? Ainda que eu requeresse a minha licença, neste momento ninguém tomaria conhecimento das minhas pretensões, e com toda a razão.

Abraços do teu

Torres.

P. S. — Conhecerás por acaso o *Ausführliches grammatisch-orthographisches Nachschlagebuch der deutschen Sprache*, pelo dr. August Vogel? Si não o conheces nem o possues, manda dizer-n'ô. É muito bom. Poderei enviar-t'ô de presente, caso já não figure na tua bibliotheca e o seu conteudo por dentro da tua respeitavel careca.

A. T.

Hamburgo, 6-XII-1930.

Caro Saul,

Desejo-lhe um bom Natal e que o 31 seja melhor do que o 30. Recebi a *Historia do Brasil* do Capistrano e já a li todinha. Mas agora desejo saber si V. recebeu a minha carta anterior e o livro de Bezold sobre os surdos mudos. Custou-me muito obtel-o e temo que se tenha extraviado no meio dos disturbios que ahi se deram. Lembranças ao compadre Pelagio, si o vir. Abraços do velho

Torres.

Hamburgo, 26-I-1931.

Meu caro Saul,

Agradeço a sua carta e o livro do Capistrano. Aquella historia dos meus 50 annos é devida ao desleixo com que é feito o *Almanaque do Pessoal* do Ministerio do Exterior. O anno passado mandei de Londres a data certa do meu nascimento, mas lá não a tomaram em consideração, ou então talvez a minha carta se tenha extraviado... A data certa do meu nascimento é 31 de outubro de 1885. Quando fiz concurso no Itamaraty apresentei certidão de idade. Que terão feito della não o sei. Dão-me como nascido em Juiz de Fôra, quando... *Diamantina* me genuit. O *Almanaque do Itamaraty* está todo errado. Caso V. e o Gastão queiram tomar a peito a minha defesa, seria favor mandar pedir ao vigario de Diamantina a minha certidão e apresentá-la ao Ministerio, se este fizer questão disso. Hoje mesmo telegrapei ao ministro Afranio restabelecendo a verdade e dando-lhe a minha idade exacta. Não sou como o Ataulpho, segundo perfidamente insinua o Gastão Cruls. Esse Gastão tem é muita inveja de mim, porque, sendo eu de fa-

cto mais velho do que elle, pareço mais joven. Elle não me perdôa o vigor physico epitaciano que demonstro, apesar de andarem agora a querer incluir-me no numero dos invalidos (tambem epitacianos) aposentaveis... Mas fica Vossa Mercê incumbido de dizer a esse hereje flamengo, rebento de outros muitos e antigos herejes e piratas, que aterrozavam os bravios mares do Septentrião, para verem si iriam saquear Hamburgo, Amsterdão ou as terras d'El-Rel, de Inglaterra e de Dinamarca, que eu o espero é no caminho da Helligolandia, ilha que foy muy frequentada de piratas da sua raça delle. Lá na tal ilha vi crianças de cabello quasi tão branco como o delle e olho de xexéu, que se não são gente de raça delle então não sei mais que gente de raça delle, então não sei mais quem fez este mundo de meu Deus.

Bom, mas agora — sans blague — como diz o grande clown allemão Grock, si fôr preciso mande V. esse requerimento ao Revmo. Vigario de Diamantina, acompanhado de carta sua explicando os acontecimentos, afim de que lá não pensem tratar-se de casamento meu com alguma lutherana!! Aliás, sendo eu consul, não precisaria do vigario de Diamantina para provar o meu estado civil e casar-me, vade retro!... Tudo quanto V. diz a respeito das incertezas da Patria está certo. Vá decorando a fabula de Phedro e a historia da velha de Syracusa... Quanto aos emolumentos do vigario, faça-me a gentileza de pagal-os e depois faremos encontro de contas. O livro do Bezold não lhe custa nada.

Abraços do velho

Torres

P. S. — O nosso Camillinho Filho ainda estará procurando criar enxundias, como elle me dizia a ultima vez que almoçamos em Londres na Royal Café? Dê-lhe V. abraços meus.

P. S. — Dermeval Lessa é da minha idade, apenas eu, de 31 de outubro e elle de 4 de dezembro. O professor David Rabello, da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, é do mesmo dia e anno que eu. E somos todos da mesma cidade e alisamos os mesmos bancos. Si V. vir o Dermeval, o Gustavinho e o Chiquinho Lessa, abraçe-os todos.

Hamburgo, 20-2-1931.

Messer Saul,

Como andam as coisas por ahi? Vistas de longe e tendo em vista as circulares, decretos e regulamentações novas que temos recebido acerca do serviço consular, quer-me parecer que reina por lá uma confusão tremenda. Não ha plano preconcebido, não ha direcção. Fazem-se reformas por palpites e, algumas vezes, talvez até ab irato. Dahi, artigos que, num mesmo decreto, se abalroam e se arruinam por mal redigidos...

Muitas são as causas que para tanto influem: syphilis, maus estudos secundarios e superiores, calor abrasante que derrete os miolos, muito barulho que exacerba os nervos e concorre pa-

ra a degenerescencia da nossa já muito pouca boa raça, emfim calamidades e mais calamidades que trazem como resultado a incapacidade de pensar claro e, portanto, de redigir certo. Não é só a distribuição da riqueza que está desequilibrada e errada neste mundo: é tambem a distribuição da temperatura atmospherica. Si fizesse um pouco mais de frio pelo Brasil, outras seriam as nossas condições sociaes e politicas. Mas imagine só: enquanto ahi, por esta época, deve estar fazendo calor infernal, ainda accrescido da luz intensissima e barbara de um sol implacavel, por aqui temos chegado a ter neve ininterruptamente durante quatro dias e quatro noites! Neve de palmo quasi. Desequilibrio manifesto. Emquanto isso vem ainda de outro erro fundamental, a saber: o não ter eu sido consultado quando se cogitou de crear o Universo. Não me consultaram! Agora é tarde...

Cahiu-me por acaso entre mãos um numero de jornal que continha criticas litterarias de João Ribeiro. Um dos topicos trata de certo livro, recentemente publicado — *Variações de genero dos nomes, separata da Revista de Cultura* (de que tambem nunca ouvi falar) e cujo autor é um tal Pinheiro Domingues, nome que tambem me sôa pela vez primeira. João Ribeiro elogia muito o trabalho, que eu quizera ler, pois o assumpto me interessa. Quererá V. fazer-me a fineza de mandar-m'o? Em todo o caso, si V. achar que o livro, além de caro, é secundario, não o compre. Deixo a seu criterio a resolução do caso.

De meu lado lhe envio por este correio um romance francez: *Le Chef*, de Claude Farrère. Nunca li coisa alguma deste francelho de successo, a não serem algumas paginas dos *Civilisés* (salvo engano), algumas paginas apenas, pois o homem na verdade me pareceu de segunda ou terceira classe, e eu não perco tempo com taes palermas. Ha dias, porém, percorrendo o *Seculo*, de Lisboa, em busca de novas da patria, lá dei com um commentario irritado e acerbo acerca de *Le Chef*, livro que debocha os portuguezes. Tanto bastou para que eu escrevesse ao meu livreiro em Paris, pedindo o *bouquin*... Recebi-o logo e comecei a lê-lo, mas, depois de 110 paginas lidas com difficuldade, com o esforço de estudante que estuda uma lição cacete, desisti de proseguir na leitura. Que livro idiota! Que mediocridade *George Ohnetica*! E' incrivel que tal homem tenha leitores. Nenhum espirito, chavões, logares communs, meu Deus, que horror! Vejamos si V. consegue ler delle pelo menos tantas paginas quantas eu. Duvido um pouco, mas tente-o, como penitencia... Depois, ao lixo!

O outro presente que te envio é mais interessante. São folhetins que *El Sol* de Madrid vem publicando sob o titulo: *España bajo la Dictadura — Siete años sin ley*. E' a historia do regimen do Primo Rivera. Vae incompleta, porque a publicação ainda está longe de terminar e de vez em quando a censura hespanhola (como ainda agora mais de uma vez

acaba de succeder) suspende a publicação dos folhetins. Destes notará V. faltarem alguns, por culpa da jornaleira, que ás vezes se esquece de guardar-me a gazeta, e esta, por sua vez, ás vezes deixa de chegar a Hamburgo. Em todo o caso, o que lhe mando já basta para que V. possa fazer idéa do quanto era pittoresco, ingenuo, ignorante e ridiculo o general Primo de Rivera, Marquez de Estrella. E' inexplicavel que tal homem pudesse dominar por sete annos, discretionarymente, um nobre paiz como Hespanha, cujo povo parecia atacado de atonia. Ou então a coisa tem de explicar-se, como entre nós, por analphabetismo e falta de vergonha. Primo de Rivera, em quasi todos os seus discursos e declarações é tão pittoresco e faz rir tanto, que é pena não ter nascido no Seria uma gloria não só estadual como nacional. (Isto aqui é reservado. O momento exige prudencia). Agora anda a Hespanha em tal estado de effervescencia que, penso eu, não demorará muito a Republica a ser proclamada naquella terra. Grande illusão! Suppor que substituir um rei por um presidente, sem modificar a mentalidade dos politiquinhos e da população, pôde trazer felicidade! Nós brasileiros bem sabemos o que isso é...

Lembranças ao Pelagio. Abraços ao Agripino Grieco, ao G. Cruls e ao Apporelly, si o vir. Os numeros de *Manha* que V. ás vezes me manda me fazem rir de bon coeur. Que retratos elle publica do pobre Octavio Mangabeira!...

E agora, meu velho Messer Saul, um abraço a V. do seu velho amigo grato.
Antonio Torres.

F. G. Gaelzer — *Bailados de Folk Lore Internacional* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Bastante louvavel, no sr. F. G. Gaelzer, a preocupação de reunir em volume tantos bailados tradicionaes dos varios povos. Tudo isto, esparso como se achava, era de difficil accesso para os estudiosos do folk-lore universal. Ha um interesse didactico e um interesse finamente poetico em trabalhos de tal natureza, que revivem velhos costumes populares e até permitem a explicação de alguns factores de evolução historica.

H. Melville — *A féra do mar* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Esta empolgante narração, a que o estylo seductor de Monteiro Lobato deu o encanto de uma criação original em portuguez, corre ao encontro do appetite de leituras sensacionais que o nosso povo manifesta com uma intensidade cada vez maior, á proporção que os dias passam. Tem sido tambem festivamente acolhida a traducção dos *Nomades do Norte*, de J. O. Curwood, feita pelo brilhante poeta Manuel Bandeira, vendo-se que o rival de Jack London era um narrador da boa estirpe dos Stevenson, embora a fecundidade excessiva parecesse ás vezes atordoal-o nos seus propositos de artista puro.

Lyder Sagen — Dinamarca — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Os paizes escandinavos são geralmente esquecidos nas collecções de livros de viagem. Ou porque aquillo esteja longe de Paris ou porque a psychologia dos homens nordicos seja mais difficil que a da gente meridional, o caso é que em nosso idioma não pullulam os trabalhos sobre os que nascem lá para as bandas das geleiras arcticas. Felizmente, os leitores brasileiros podem formar, sem grandes dispendios, uma honesta idéa de conjuncto do que seja a vida da Dinamarca. Sem excessivas complexidades sociologicas, o livro de Lyder Sagen é um transumpto fiel do que vae, nas almas e nas paizagens, pela terra do delicado Andersen.

Karl May — Old Surehand — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Tonteado pelo "demonio do perigo", Karl May, rompendo com os pendores sedentarios de uma velha familia burgueza, desandou a correr mundo e entulhou-se de observações para as dezenas de romances em que se fez o favorito de um vastissimo publico allemão. Ao contrario de Gustave Aymard e Emilio Salgari, que se soccorriam quasi sempre da imaginação descontrolada, o escriptor teutonico infundiu a livros como este *Old Surehand* um tom de perfeita credibilidade, por isso mesmo que muitas das aventuras que narra foram vividas pessoalmente por elle.

J. G. Prod'Homme — Vida de Paganini — Cultura Brasileira — São Paulo.

Em escrupulosa traducção do sr. Oliveira Ribeiro Neto, offerecem-se agora ao entusiasmo dos nossos melomanos os factos mais caracteristicos da vida do maior violinista do mundo. Não só os factos historicos são aqui lembrados, os estritamente biographicos, mas também os lendarios, isto é, aquelles em que a admiração dos europeus creou em torno a Paganini toda uma série de mythos que a sua morte só fez multiplicar.

Acaba de apparecer:

ALFREDO PESSOA

**Alguma coisa
do que vi**

Impressões de viagem

Edição Ariel

Em todas as livrarias

— Georges Duhamel prefacia as obras completas de Léon Deubel, o poeta que tão ingloriamente se finou em plena juventude do espirito. Atormentado pela miseria, vagou Deubel por toda a França, sem encontrar meio de subsistencia em que se fixasse, e acabou atirando-se num pantanal. Felizmente, amigos devotados procuram manter-lhe a gloria posthuma, falando constantemente nelle.

— Não cessou ainda o nobre impulso com que a grande Sarah Bernhardt procurava reanimar nas principaes scenas da França os arremessos de paixão das tragedias de Racine. *Athalie* e *Esther* são constantemente servidas ás creanças nas vesperaes de domingo, não havendo receio de corromper o auditorio, por isso que se trata de peças ad usum delphini, ao menos aparentemente, porque o sentido encoberto de ambas, inacessível aos garotos, é de uma terrível psychologia pessimista. Quanto aos adultos, vêm de recrear-se com os problemas passionaes da *Phédre*, em interpretação meticolosa de societarios da Comédie Française. Nenhum destes valerá a divina Sarah, mas sempre é melhor ouvir os alexandrinos racinianos, quaesquer que sejam os interpretes, que vêr os esgares e as contorsões de Josephine Baker.

— Enganam-se os que acreditam estar para sempre morto o velho melodrama que fazia chorar a Margot celebrada por Alfred de Musset. Ainda agora excellentes actores da capital da França encontram platéas avidas para applaudil-os na representação do *Courrier de Lyon*, que tanto agitou a sensibilidade dos velhos moradores da rua do Bac ou da Chaussée d'Antin. Ninguém desconhece que esse drama lacrimoso explora um terrível erro judiciario resultante da semelhança entre um feroz bandido e um honesto ex-funcionario publico.

— C. Vassal Reig descreve, em *Richelleu et la Catalogne*, lances impressionantes do longo dissidio surgido entre a França e a Hespanha durante o reinado de Luiz XIII. O que esse livro substancioso accentua principalmente é que a Catalunha, no seu velho desejo separatista, sempre se inclinou a proceder de modo opposto ao da Castella propriamente dita. Assim é que bastava estarem os homens de Madrid em guerra aberta com os de Paris para que os catalães olhassem os ultimos com evidente sympathia.

— *Les Débuts de la République et le procès Baudin*, de Alexandre Zevaes, reúne com muita segurança detalhes esparsos em torno á celeuma forense que tanto concorreria para a celebridade de Gambetta. Tudo isto estará agora meio esquecido, mas os parisienses de 1868 bem que se emocionaram com as peripecias relativas ao processo de Delscluse, em que voltaram á baila os retalhos da morte do republicano Victor Baudin.

— Henri Lavedan dedicou um bello estudo romanceado a São Vicente de Paulo, aquelle cujo lemma supremo era: Deus e os pobres. No momento, indicando bem a actualidade do homem que espalhou pelo mundo as dedicadas enfermeiras de touca branca, A. Praviel vem de referir-se ao periodo de captivo do Santo nas horriveis paragens de Tunis. A evasão do sacerdote dos sitios onde os incréos o martyrizavam é narrada com bastante vivacidade, se bem que com um criterio historico dos mais elasticos.

— Saem em edições de luxo, devido aos cuidados da livraria do *Mercure de France*, as obras de Léon Bloy, que ficaria surpreso, na sua aversão ás boas roupas e aos ambientes confortaveis, deante de todo esse esbanjamento de papel de Hollanda e de excellentes encadernações em marroquim.

— Mão grado a sua plena conversão ao catholicismo e haver mesmo dado um filho á vida monastica, Francis Jammes sempre se mostrou interessado pelas proezas amorosas de Jean-Jacques Rousseau, nos seus ambiguos contactos com madame de Warens.

— Poetisa franceza de que não se fala muito entre nós é Cécile Sauvage, autora de valiosas collectaneas, entre voluptuosas e pantheistas, onde as rebuscas de exaltados modernismos não fazem esquecer a sua consanguinidade espirital com as cantoras dos velhos tempos, as Desbordes-Valmore e as Louise Labé.

— Não decresce em França o entusiasmo da exegese em torno á vida e á obra de Stendhal. Ha um clube que se reúne para discutir pontos obscuros da existencia do mestre e para escoimar os seus textos de possiveis deformações dos editores de outr'ora. Um desses stendhalianos fervorosos é Jean Méliá, que ainda ha pouco estudou a passagem de Henri Beyle por Veneza, onde o romancista tanto se recreou com os sorvetes da praça de S. Marcos, com as aventuras attribuidas a Lord Byron e com as doces palavras da filha do bailarino Viganó.

— A *Eureka*, de Edgar Poe, foi, como é sabido, dedicada ao grande naturalista Alexandre de Humboldt, sendo curioso observar que, na formidável bibliotheca legada por este e escrupulosamente catalogada por admiradores seus, não foi encontrado um unico exemplar desse poema cosmogonico do maior dos artistas da America.

— Já se acreditou que Baudelaire, publicando a sua traducção franceza das obras de Poe, chegasse a pedir a Taine um prefacio para ellas. Mas agora, graças ás pesquisas de Jacques Crepet, ficou provado que houve engano resultante de uma leitura deficiente de nomes, estando em jogo realmente o publicista Babinet, que era no tempo um fecundo escriba de jornaes, á altura de apadrinhar com exito o autor do *Corvo* na sua viagem á Europa.

O U T O M N O

*Um verso triste baila na memoria
Do homem que vae chegando ao fim da vida.
Outomno.
A tarde de ouro e incenso é um funeral distante,
Que se afasta entre purpuras de gloria.*

*Um verso triste baila na memoria
Do homem que já não tem esperanças na vida.*

*Na estrada em flôr, entre caçoilas brancas,
As sensações jasminaes relembram vagamente
As horas claras de alegria,
As horas tempestuosas de amor,
As horas profundas dos triumphos
Do homem que vae chegando ao fim da vida.*

*Um sino, ao longe,
Numa torre nevoenta, esguiamente erguida
Sobre a cinza do crepusculo.*

*Como é lento o cair destas tardes de Outomno
Sobre a saudade dolorosa de uma vida!...*

L E G E N D A

*Quarenta camisas de seda
Sobre uma carne sportiva,
Entre musculos morenos,
Fizeram, com a côr do incenso,
Do suôr, da rosa e da lua
Um homem moço feliz.
Quarenta camisas de seda!*

*Pneus macios flammejando
Em campeonatos urbanos,
Com a chispa da limusine,
Levaram num andor oblongo
Sobre avenidas velozes
A vida do homem feliz.*

*Perfume inquieto de flores
Que não são deste planeta
Unge de febre a corrida,
Rufla na seda ondulante,
Envolve o ambiente sinuoso,
Do homem feliz que procura
Mais além deste destino
A sensação de outra ansia.*

*O homem feliz, desilludido,
Parou para accender o cigarro de luxo.*

REINALDO MOURA

Instituto Internacional de Cooperação
Intellectual

A' affectuosa deferencia do sr. Ildefonso Falcão, que tem o nome ligado a excellentes collectaneas de versos, devemos agora a leitura attenta dos volumes em que o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual de Genebra reuniu vigorosos escriptos destinados a valorizar a obra pacificadora da Sociedade das Nações. Ora é a correspondencia trocada entre Freud e Einstein, dois cerebros autonomos que nenhuma restricção convencional intimida, ora é uma nobre competição de postulados humanos, verificada entre homens da altitude de um Salvador Madariaga, de um Alfonso Reyes e do nosso querido Miguel Ozorio de Almeida. Nenhum prazer maior que esse de verificar o entusiasmo confraternizador com que filhos de paragens diversas trabalham pela approximação definitiva dos homens, numa paz creadora que liquide de vez o velho lobo do pessimista do "Leviathan".

Alfredo Pessoa — Alguma Colsa do que vi — Ariel
Editora Ltda. — Rio.

Ardoroso propugnador das nossas campanhas de turismo, o sr. Alfredo Pessoa, que é de origem cearense, estava naturalmente indicado para mover-se pelo vasto mundo, para conhecer de perto as varias sociedades europeas e apresentar-nos um transumpto expressivo do que ocorre em Lisboa, em Paris, em Berlim e em Leningrado. Excursionista que não se aventurou por terras estrangeiras senão depois de ter meditado nos livros a historia dos povos que ia conhecer de perto, esse fiel discipulo do velho Augusto Comte não se deixou apenas seduzir por um pittoresco facil e, vendo a gente das ruas, os museus e os jardins, como que foi desenvolvendo, de cidade em cidade, uma especie de estudo comparativo no que concerne aos problemas de instrucção e a tantos outros que são oxygenio vital para as creaturas de hoje.

BEBAM AS

AGUAS NAZARETH

Recommendadas para males do
ESTOMAGO, FIGADO, RINS,
BEXIGA, ACIDO URICO, ETC.

ASSIGNATURAS MENSAES
PARA PARTICULARES

Telephones: 29-3258 e 29-3740

FONTES:

Rua Conselheiro Ferraz, 163 - Cabuçú

Omnibus e Bondes Lins Vasconcellos

— P. Bonardi, escriptor de familia corsa, trata de Napoléon Bonaparte, enfant d'Ajaccio, transmittindo uma historia que diz bebida nos melhores informes, pelo depoimento directo de alguém que tudo viu e ouviu quanto á estirpe dos Bonaparte.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.
Cornelio Penna — *Fronteira* — (Romance) — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Alfredo Pessoa — *Alguma Coisa do que Vi* — Ariel, Editora Ltda. — Rio.

Mme. Tanco de Argaez — *Estilhaços* — Ariel, Editora Ltda. Luiz Edmundo — *O Rio de Janeiro do tempo dos Vice-Reis* — Athena Editora — Rio.

Rodrigo Octavio — *Minhas Memórias dos Outros* — Nova Série — Livraria José Olympio Editora. — Rio.

Pericles Moraes — *Legendas e Aguas-Fortes* — Livraria Classica — Manáos.

Fernando Pio — *Meu Recife de Outrora* — Edições da Casa Mozart — Recife.

Afonso Schmidt — *Curialgo* — (Contos) — Livraria José Olympio Editora. — Rio.

Vinicius de Moraes — *Fôrma e Exegese* — (Poesia) — Irmãos Pongetti — Rio.

Collemar Natal e Silva — *Historia de Goyaz* — 2 vols. — Rio. Origenes Lessa — *Passa-Tres* — Edições Cultura Brasileira. São Paulo.

Demosthenes Lessa — *O Sonho de Sayri* — (Romance) — Rio. Vicente Themudo Lessa — *Luthero* — Edições Cultura Brasileira. — São Paulo.

Monteiro — Lobato — *Arithmetica da Emilia* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Monteiro Lobato — *Historia das Invenções* — Comp. Editora Nacional. — São Paulo.

Monteiro Lobato — *Geographia de Dona Benta* — Comp. Editora Nacional. — São Paulo.

Antonio Gontijo de Carvalho — *Calogeras* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

Renato Mendonça — *A Influencia Africana no Portuguez do Brasil* — 2.^a edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

General Couto de Magalhães — *O Selvagem* — 3.^a edição completa. — Comp. Editora Nacional.

Walfrido Piloto — *Humilde* — Edição Prata da Casa — Curityba.

Esther Ferreira Vianna Calderon — *Religiões, Mythos e Crenças* — Rio.

Tasso da Silveira — *Tendencias do Pensamento Contemporaneo* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Augusto Magne, S. J. — *Principios Elementares de Litteratura* Vol. 1.^o — Comp. Editora Nacional. — São Paulo.

Platão — *O Banquete* — Edições Cultura Brasileira — S. Paulo.

A. Christie — *O Homem do Terno Marron* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

J. O. Curwood — *Nomades do Norte* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

W. Heimbürg — *Vendida!* — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Domingos Neves — *Curso de Guarda-Livros* — Livraria H. Antunes. — Rio.

Trata-se de um volume de que estavam evidentemente necessitadas as nossas letras commerciaes. Guarda-livros dos mais cultos e experientes, o sr. Domingos Neves apresenta-nos um trabalho que, perfeitamente vasado nos moldes do programma official, é acima de tudo o resultado do longo conhecimento directo das questões mercantis postas em fóco. Originario de Traz-os-Montes, destacando-se pela sua admiração aos romances de Camillo e ás obras criticas do Padre Senna Freitas, nem um só instante esquece elle, mesmo ás voltas com a monotonia das cifras, os grandes escriptores e batalhadores espirituaes da sua raça. Expressa-se com simplicidade e elegancia, sem pedantismo rebarbativo, e o seu compendio a par das noções classicas do assumpto, offerece muitos pontos de vista inteiramente novos, frutos de uma intelligencia perspicaz e que não se deixa nunca entibiar pela rotina. Aliás o exito de venda que está obtendo esse livro, indispensavel a quantos façam vida activa em nossa praça, é dos mais compensadores para o nobre esforço de quem tão meritoriamente o redigiu.

Jorge Amado — *Jublabá* — Livraria Jose Olympio — Rio.

E' o terceiro romance do sr. Jorge Amado. Talvez não seja superior ao *Cacáo*, ainda hoje o seu livro typico, o que melhor o exprime, fazendo pensar num Conrad dos tropicos, ao que bem assignalou o sr. Augusto Frederico Schmidt. Mas é indiscutivel que *Jublabá* indica, por parte do autor, um desejo de renovar-se, de enriquecer os seus temas, e mesmo a audacia de atirar-se a trabalhos de maior corporatura, com algo de cyclico na movimentação das personagens. *Cacáo*, geographicamente considerado, era apenas a historia de um trecho da Bahia, o trecho de Pirangy. Aqui é a fixação de uma zona urbana mais complexa, a da capital do Estado, com os seus morros e mandingueiros, e é a odysséa de um dos protagonistas pelo Reconcavo bahiano, por diversos municipios: São Felix, Cachoeira, Feira de Sant' Anna... Talvez se imponham restricções quanto ás conclusões sociaes do volume, mas forçoso é reconhecer que a sua parte de ambiente, paizagem ou localização humana, é das mais veridicas, sem quebra de uma encantadora transfiguração poetica. Os detalhes allusivos a um grupo de saltimbancos são de primeira ordem, são de um grande romancista. Tudo aquillo que o sr. Jorge Amado vê apenas como um espectador deslumbrado da vida redonda em altissima obra de arte.

Barbosa Lima Sobrinho — *O Vendedor de Discursos* — Livraria Record — São Paulo.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho é um publicista especialmente atraído pelas questões de sociologia. Seus trabalhos a proposito da liberdade de imprensa e das remotas causas da Revolução que nos agitou em 1930 derivaram de cuidadosas pesquisas avivadas por uma cultura que não é frequente em jornalistas nossos. Mas não convem esquecer que, a par de um estudioso das questões sociaes, existe tambem no sr. Barbosa Lima Sobrinho um homem de letras, um estylista em condições de atirar-se sem desaire ao conto e á novella de boa qualidade. Conferencias litterarias suas agradaram a um publico que não era composto de basbaques e sim de familiares dos bons livros. E agora esta collectanea de narrações, entre austeras e ironicas, consagra-o definitivamente um contista brilhante e moderno, dos que sabem solucionar enigmas moraes da vida em commum, dos que sabem silhueta um typo, contraregrar uma scena expressiva da comedia mundana. Um bello livro, pensado com dignidade e escripto sem cacographias.

Origenes Lessa — *Passa Tres* — Cultura Brasileira — São Paulo.

As seductoras qualidades narrativas que o sr. Origenes Lessa patenteou nos volumes em que nos relata detalhes pittorescos ou dramaticos da Revolução Paulista, como que se intensificam e robustecem nestas paginas aquecidas por um sopro de vida ainda maior. O dom de contar sem tropeços e sem se extraviar em rodeios superfluos é uma das forças e um dos encantos do joven escriptor que tão bem nos recortara deante dos olhos a inolvidavel figura do espião Mir. *Passa Tres* é uma especie de reportagem buliçosa á alma e nos sentimentos de personagens que não foram decalcadas em velhos figurinos e nos trazem a cada instante a surpresa de uma palavra captivante, de uma attitude desconhecida em nosso repertorio de typos e anedotas.

Rui Cirne Lima — *Terras Devolutas* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Historia, doutrina e legislação de um assumpto nem sempre bem definido pelos juristas classicos e que póde suscitar litigios ruinosos na vida do fóro. Tendo entrado nas letras como poeta, animado pelos impulsos renovadores da phalange modernista em Porto Alegre, o sr. Ruy Cirne Lima bandeia-se com este volume para um genero de producção mais pragmatico. Tal qual o seu illustre conterraneo Darcy Azambuja, que passou do brilhante conto regionalista para os robustos estudos sociologicos, o autor das *Terras devolutas* prova quão justificada foi a sua ascensão a um dos postos mais honrosos do ensino universitario em sua terra. E' um prosador que escreve claro e bem, sem excessos phraseologicos, mas tambem sem repellar de todo a litteratura, o que seria exaggero egualmente condemnavel.



BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

«DISCURSOS E CONFERENCIAS»

Os amigos de Carlos Chagas, cuja morte repentina e inesperada ha pouco mais de um anno nos deixou attonitos e produziu abalo de repercussão illimitada, resolveram em homenagem á sua memoria, reunir em volume os discursos e conferencias por elle escriptos. E' um volume pequeno, menos de trezentas paginas. Algumas horas bastam para que se conheçam essas phrases singelas e despretenciosas. Entretanto, não seria demais recommendar meditação prolongada e repetida sobre as lições n'ellas contidas e os exemplos simples e profundos ahi encontrados.

Certamente muitos dos discursos e conferencias de Chagas não são reproduzidos no volume em apreço. Nem sempre redigia previamente o que iria dizer. Possuia palavra facil, fluente, elegante. As idéas, nitidas, claras e precisas não encontravam difficuldade em achar os termos exactos da transmissão sobria. Por isso, nos Congressos, nas Faculdades, na cathedra, Chagas, como orador ou professor, era abundante sem o menor vislumbre de prolixidade, agil e seguro, na exposição previamente amadurecida pela reflexão e o estudo assiduo.

A grande impressão deixada no espirito do leitor dos Discursos e Conferencias é a da perfeita unidade da vida e da obra de Carlos Chagas. Foi feliz n'esse ponto, o discipulo predilecto de Oswaldo Cruz. Cedo achou o rumo e era este tão certo, que não mais precisou vacillar em hesitações tacteantes: seguiu o seu caminho em marcha firme. Por vezes, em sua frente, encontrou obstaculos, alguns consideraveis. Não se detinha, porém, em duvidas; consciente da direcção, porfiava por afastal-os, contornava-os, ou em ultimo caso destruía-os. A certeza da legitimidade de seus esforços amparava-o, protegia-o contra os desanimos e dava-lhe essa illimitada paciencia alimentada na confiança serena na

grandeza da missão escolhida e na segurança dos resultados que a viriam coroar.

Chagas concentrou sua vida e seus ideaes em dois ou tres problemas aparentemente simples pelo enunciado e entretanto assustadores ou mesmo inteiramente desanimadores quando encardos ha trinta annos, nos dias felizes de sua juvenlude. O saneamento do interior do Brasil de modo a tornal-o habitavel por individuos de qualquer raça ou anteriormente habituados a regiões mais sadias e menos maleficas, era por esse tempo questão essencial para a vida e o desenvolvimento de nossa nacionalidade. O homem do interior, degradado e doente, de capacidade reduzida, parecia eternamente condemnado a uma especie de vida vegetativa, pobre e mesquinha. Nos paizes de clima temperado, as grandes cidades, as capitães consomem as energias accumuladas em gerações successivas de habitantes dos campos, e n'estes, de vida sã e reconfortante, encontra-se a fonte inexgotavel ou constantemente renovada de capacidade e de reservas para a combustão da vida urbana, intensa e insaciavel. No Brasil, como nos paizes de clima quente, em que as agglomerações e os nucleos mais condensados de população permitem a melhor defesa contra certas doenças, a vida do camponio ou do sertenejo não encontra, em boa parte do territorio, elementos de saude e não facilita o retemperar de forças. Ao contrario, na conquista das riquezas de vastas regiões, nas tentativas de dominio de immensas zonas, definham e mingnam as energias, de homens creados e preparados em terras mais propicias, que pagam com a saude senão com a vida uma ambição que, de outro modo, seria razoavel, mas assim se mostra desmedida ou excessiva. Sem duvida, grandes partes do interior puderam se desenvolver de maneira auspiciosa e encorajadora. São, entretanto, aquellas em que as condi-

ções do meio tornam o habitat mais ameno e menos inhospito.

A consciencia d'essa situação já existia ha um quarto de seculo, mas apenas em alguns espiritos que, deante das proporções do problema, perguntavam anciosos se possivel seria modificá-la ou melhorá-la. O saneamento dos sertões seria obra abordable e ao alcance dos recursos da technica e das finanças, ou excederia de nossas possibilidades? Oswaldo Cruz pesava as condições do ataque ao mal á procura dos meios de enfrentá-lo. Alvaro Ozorio de Almeida, apesar de physiologista, passou á acção: organizou, iniciou e executou campanha de grandes proporções e de surprehendedes resultados, no Estado do Rio de Janeiro, contra a *ancylostomose*. Em São Paulo, Emilio Ribas, aqui e alli, este e aquelle ensaiavam tentativas felizes. Dada a vastidão da empreza bastava a vontade ou a sciencia de alguns individuos isolados. Era necessario despertar a consciencia medica brasileira, tudo preparar pelo adextramento de technicos, esclarecer os homens de governo e delles obter os recursos. Tal propaganda foi decisiva e constituiu bella campanha na qual se salientaram, mais tarde entre outros, Miguel Pereira e Belizario Penna.

Carlos Chagas dedicou o melhor de seus esforços á saude e hygiene do interior. Muito joven foi dirigir campanhas anti-malaricas em varios pontos do paiz. Fixou-se por fim em dada região do interior de Minas Geraes, onde diariamente estudava o estado sanitario e observava as doenças existentes. Foi ahi que se produziu o acontecimento decisivo de sua vida: a descoberta de nova entidade morbida, até então de todo desconhecida e que mais tarde recebeu o nome de Doença de Chagas. Aqui não temos bastante espaço para recordar em suas minucias as phases d'essa conquista memoravel com que Carlos Chagas attingiu aos cimos da nomeada e da gloria. Aliás a historia d'esse trabalho tem sido escripta mais de uma vez.

Apesar do esforço dedicado ao estudo da nova doença, o que lhe tomou varios annos de trabalho, Chagas não poude resistir aos novos appellos do sertão. Pouco mais tarde partia elle para a Amazonia afim de observar o clima, a vida e a pathologia da região. De lá trouxe aquisições interessantes e preciosas sobre o paludismo e sobre as diferentes endemias.

Em seus discursos e conferencias, até o fim, bateu-se Chagas pela grande causa. Em Outubro de 1931, poucos dias antes de sua morte, em conferencia que tive a honra de presidir, realizada na Faculdade Fluminense de Medicina em Nicttheroy, voltou elle a insistir sobre o muito que resta a fazer. Delineou com segurança as vias a seguir e com a gravidade e o entusiasmo de sempre, concluiu: "Meus Senhores: é um vasto programma de civismo renovador, de iniciativas patrioticas, de actuação bem-fazeja,

que ahi se impõe ao zelo e sabedoria dos governos, que ahi exige o devotamento e a actividade dos medicos, que ahi reclama todas as exigencias, todos os enthusiasmos, todas as audacias dos brasileiros. Executemol-o sem esmorecimentos, porque nelle se definem todas e as melhores perspectivas da grandeza de uma Nação".

A outra causa pela qual sempre se esforçou Carlos Chagas foi o desenvolvimento dos estudos de Medicina experimental no Brasil. N'isso foi elle verdadeiro e digno continuador de Oswaldo Cruz. O trabalho de Chagas constituiu exemplo do que pode dar a arte da experimentação, quando bem orientada e a serviço de intelligencia poderosa. Teve elle, como director do Instituto de Manguinhos, as possibilidades de executar ampliações e melhoramentos e de augmentar o numero de pesquisadores em actividade. Para Chagas, porem, tanto não bastava. Seria necessario que as outras instituições seguissem a mesma orientação e as novas gerações fossem instruidas das normas comprovadas e seguras. Por isso, em suas allocuções o thema vem constantemente á baila. Ensina, insiste, repete, cita casos, multiplica os exemplos, nada esquece do que pode concorrer para impôr a convicção e incrustar nos espiritos os principios salutaes. Uma ou outra vez falla de suas descobertas, mas sem vaidade alguma, só para poder attribuir aos methodos em que fôra iniciado desde cedo os resultados que obteve. Modesto, despretencioso, parecia querer demonstrar que qualquer um poderia chegar a coisas semelhantes desde que se submettesse ás mesmas disciplinas de trabalho.

Taes ideaes de Chagas explicam o culto sempre ardente e vivo, mantido até o ultimo instante, pela memoria de Oswaldo Cruz. O mesmo sentimento perdura em todos aquelles que tiveram a rara fortuna de privar com o Mestre, assim como n'aquelles que, ao ingressarem mais tarde em Manguinhos, ahi encontraram sempre vivido e presente o espirito do fundador. D'elle vivia Chagas impregnado. Zeloso da tradição, sempre em todos alimentava a flamma accesa um dia para não mais se apagar.

A personalidade de Chagas tambem ficará gravada na memoria dos homens com as suas linhas simples, mas fortemente traçadas, esculpida, eterna e incorruptivel, na essencia da immortalidade: o genio, o altruismo, a bondade e a solidariedade humana.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

— Erasmo está em voga. Ainda agora, quasi ao mesmo tempo, acabam de apparecer em França tres trabalhos sobre o philosopho de Rotterdam, sendo dois originaes, devidos a Albert Maisson e Th. Quoniam e uma traducção do Erasmo, grandeza e decadencia de uma idéa, da autoria de Stephan Zweig. Emquanto isso tambem se succedem novas edições francezas dos trabalhos do grande humanista da Renascença e uma casa editora de Paris vem de lançar o Elogio da Loucura e o Primeiro e Segundo Livro dos Colloquios.

GOSTOS DE ÉSCORPIÃO

Em todas as questões essenciaes, arte, moral, religião, e sobretudo politica, a nefanda politica que tem infeccionado os melhores espiritos no Brasil, estive sempre em antagonismo formal com o meu tempo, com os homens do meu tempo. E' dizer que nessa materia — e com que jubilo inexprimivel dou aqui o meu testemunho para evitar confusões possiveis — eu e a maioria dos brasileiros meus contemporaneos não nos entendemos. Ou melhor: que estamos entendidos! (Isto explicaria muitas reticencias, muitas inadvertencias fingidas, muitas vinganças escondidas, muitas baixeiras e talvez muitos ostracismos.) Os leitores perspicazes comprehendem a que especie de miseria nacional se allude aqui.

Entre ser da minha época e perfilhar os odios, os preconceitos, as superstições e os vicios do rebanho, ou pensar com independencia, optei pelo ultimo, que é o partido da solidão e do exilio. O que essa attitude, ou mais propriamente essa altitude, representa de oxygenio livremente respirado, de libertação e de experiencias novas e imprevisitas, é difficilmente concebivel para a massa de serventuarios, amanuenses, sinecuristas, que constituem a grande maioria do Brasil novo. Adquire-se uma provisão de bom humor para todas as horas e todas as circumstancias, uma reserva de benevolencia e tolerancia que perdoa até á ignorancia e á imbecillidade, uma verticalidade infrangivel do nervo espinhal que desafia até os deuses eternos: e com tudo isso uma agilidade e leveza de libellula para esvoaçar mesmo sobre os charcos e as pestilencias sem tisanar as azas.

Chega-se a prelibar como o antegosto do nectar paradisiaco aquella delicia de passar divinamente desconhecido de que falava Schopenhauer. Sem contar que com os annos crescem as complicadas exigencias do aceio

moral, os mil e um melindres do amor-proprio, o sentimento intratavel das distancias. Com a peculiaridade de uma dilecção especial pela clausura dos esconderijos: sombra, silencio, attitudes meditativas, habitos de cenobita, prazeres mysteriosos... Em summa, caros contemporaneos, gostos de escorpião!

PAROUSIA

O problema capital deste seculo, e talvez mais exactamente do ultimo quartel do seculo, vai ser a organização pratica da felicidade na terra. Como conseguir essa felicidade? Transformando as condições da vida collectiva pelo controle dos methodos de producção, pela organização e protecção do trabalho, pela applicação das conquistas da sciencia — hygiene publica, eugenismo, sexologia, psychotherapia, etc? — recreando em bases novas o mundo? E' possivel.

Mas o que importa sobretudo e antes de tudo é que o homem adquira enfim a consciencia do seu destino terrestre: que tudo começa e acaba na terra; que primeiramente está: viver, e em segundo lugar: viver em alegria; e que para alcançar a felicidade, o homem tem em si mesmo os attributos essenciaes — sentimento de justiça, tendencias affectivas innatas, altruismo e abnegação, espirito de assistencia e solidariedade — sem precisar de ir buscar a sua moral nas nuvens nem nas ruinas de velhos templos mutilados.

Note-se que esses mesmos attributos essenciaes existem no homem como existem com o character de instinctos profundos no mundo irracional. E o grande Darwin observou a proposito que são precisamente as classes de animaes que melhor praticam essas virtudes *as que apresentam maiores chances de vencer na lucta pela existencia*. Optimo thema que eu recomendaria neste obscuro começo de anno á meditação dos homens de boa vontade.

ALBERTO RAMOS

GILBERTO AMADO

Deve ser motivo de justo desvanecimento para as elites intellectuaes do paiz o recente ingresso de Gilberto Amado na Carreira Diplomatica e o acertado acto do Governo que o escolheu para embaixador do Brasil junto á Republica do Chile.

Na verdade, ninguem com maiores titulos e mais altas credenciaes para nos representar no estrangeiro do que o grande artista e homem de pensamento que escreveu **A Chave de Salomão** e tantas outras obras que opulentam hoje a litteratura nacional.

Esta revista, que desde o seu primeiro numero sempre contou com o apoio fervoroso e a collaboração inegualavel de Gilberto Amado, se o vê partir com saudades, sabe que o seu nome ha de continuar a fulgir nas suas paginas através de chronicas e artigos com que, mesmo de longe, o illustre escriptor se fará lembrado dos seus innumeros admiradores.

Acaba de apparecer:

Baptista de Castro

VOCABULARIO
TUPY-GUARANY

Em edição ARIEL

Preço 7\$000

O que foi o Congresso Afro-Brasileiro do Recife

Acaba de sahir, editado por Ariel, o primeiro volume de *Estudos Afro-Brasileiros* — trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro, reunido no Recife, no fim do anno passado. E já está em preparo o segundo volume, com estudos de Arthur Ramos, Antonio Austregesilo, Rodrigues de Carvalho, Leonidio Ribeiro, Isaac Brown, Berardinelli, Jacques Raymundo, Camara Cascudo, Josué de Castro, desenhos de Portinari, Segall, Cicero Dias, Jardim, Santa Rosa, Manoel Bandeira.

O Congresso do Recife foi o menos solemne dos congressos. Nelle não brilhou um collarinho duro. Não appareceu um fraque. Não trovejou um tribuno. Não houve um só discurso em voz tremida. Foi tudo simples e em voz de conversa.

Entretanto, quando se encerrou, o Congresso, no mesmo velho theatro — o Santa Izabel — do qual disse Joaquim Nabuco — “aqui ganhamos a batalha da abolição” — sentiu-se que se definira um movimento da maior importancia para a vida e para a cultura do Brasil.

A technica do Congresso foi inteiramente nova. Não só nenhuma pompa como quasi nenhuma burocracia. Admittiu-se em volta da velha mesa, na cabeceira da qual se succederam os presidentes, conforme o assumpto do dia, não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratorio, como ialorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, que trouxeram do fundo de cozinhas de mucambos, receitas de quitutes afro-brasileiros quasi ignorados; negros de engenho como Jovencio, cujo trabalho cheio de erros de portuguez e de saudades do tempo das almanjarras, sahiu no primeiro volume de *Estudos*; habalorixás como Pae Anselmo; rainhas de maracatú como Albertina de Fleury, cujo nome pareceu a José Lins do Rego, de heroína de Proust; outros analphabetos e semi-analphabetos intelligentes, com um conhecimento directo de assumptos afro-brasileiros, de que muito se aproveitou o Congresso; estudantes de direito, de engenharia e de medicina, um delles Jarbas Pernambucano, que apresentou curiosa reportagem sobre os maconheiros do Recife — os adolescentes pobres e as mulheres da vida que fumam maconha; velhos folk-loristas como Rodrigues de Carvalho, que não faltou a uma sessão, animando a todas com a sua velhice satisfeita de patriarcha nortista; intimos conhecedores da technica da macumba como Nobrega da Cunha; psychiatras do valor e do relevo de Ulysses Pernambucano — acclamado, com toda a justiça, presidente de honra; artistas como Luis Jardim, e Cicero Dias; intellectuaes, jornalistas, representantes de jornaes do Rio; o professor Ernani Braga, que recolheu para o Congresso um grupo de toadas de xangô que as meninas do Conservatorio canta-

ram no dia do encerramento, debaixo de palmas de entusiasmo da melhor gente do Recife, reunida no theatro mais illustre do Brasil. Gente que afinal se voltara para o assumpto e descobrira nessas “coisas de negro” mais do que simples pittoresco: uma riqueza nova de emoção, de sensibilidade, uma parte grande e viva da verdadeira cultura brasileira; a arte dos Villa-Lobos e dos Cicero Dias nas suas raizes mais profundas.

O Congresso do Recife foi, ainda, o mais independente dos congressos. Não recebeu nenhum favor de governo. Não se associou a nenhum movimento politico, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido. Não se deixou prender por nenhum sentimentalismo genero “Mãe Preta”, por nenhuma demagogia typo José Mariano. Qualquer insinuação contra a pureza intellectual das suas intenções, contra o profundo sentido brasileiro e social das suas tendencias, pecca por leviana. Ou então revela um excesso de faro policial, talvez desenvolvido em detrimento de qualidades intellectuaes mais nobres.

Realizou-se o Congresso com contribuições de dez, vinte, cincoenta mil reis, de varios recifenses, homens das mais differentes profissões e das mais diversas tendencias — medicos como Arsenio Tavares e Mario Ramos, advogados como Odilon Nestor e Arlindo Figueiredo, professores como Sylvio Rabello, commerciantes como Mr. Henry Shorto e Adolfo Cardoso Ayres.

Arrecadou-se uma quantia rala — 876\$000, — mas que deu para as despesas de correspondencia, a cargo do estudante de direito José Valadares, secretario geral do Congresso, auxilio aos — bonecos, bichos de barro e de pau, cachimbos, para os Congressistas), ceia no Jardim da Escola Domestica, compra de objectos de arte popular — bonecos, bichos de barro e de pau cachimbos, estandartes de maracatú, bordados mysticos — com traços de influencia africana, para a exposição que se realizou no Theatro Santa Izabel, sob a direcção de Cicero Dias, ajudado por Clarival Valadares, pela rainha de maracatú Albertina de Fleury e por Jarbas Pernambucano.

Para essa exposição mandaram trabalhos — desenhos de negros, pinturas de mulatas, estudos de bahianos — alguns dos maiores pintores brasileiros: Lasar Segall, Portinari, Noemia, Di Cavalcanti, Santa Rosa, sem falar nos mestres de casa, o admiravel grupo do Recife: Cicero Dias, Luis Jardim, Manoel Bandeira. Alguns desses trabalhos vão incluidos no segundo volume dos Estudos. Infelizmente, extraviaram-se os desenhos de turbantes e chales de negras que, a nosso pedido, traçara Cicero Dias.

Ainda o Congresso do Recife offereceu ás pessoas de fóra — intellectuaes e jornalistas de outros Estados — uma ceia de quitutes afro-bra-

sileiros. Inhamo com mel de engenho, principalmente, pois o dinheiro não dava para pratos caros. A ceia foi debaixo de umas velhas mangueiras, no jardim da Escola Domestica, em Fernandes Vieira, cedido ao Congresso pela sua gentil directora, Dona Carolita. O chão estava macio de folhas de canella como nas boas festas populares do Norte. Havia tambem palmas de coqueiro enfeitando o kiosque do jardim, onde durante a ceia se venderam gravatas e lenços, como lembrança. Uma negra velha, com seu fogareiro, seu vestido de bahiana, seu chale encarnado, assou milho e fez tapioca de côco. No jardim da ceia, cantou-se modinha das taes em que o inglez Beckford, encontrou ternura tão grande — a ternura afro-brasileira.

O Congresso do Recife, com toda a sua simplicidade, deu novo feitio e novo sabor aos estudos afro-brasileiros, libertando-os do exclusivismo academico ou scientificista das "escolas" rigidas, por um lado, e por outro, da leviandade e da ligeireza dos que cultivam o assumpto por simples gosto de pittoresco, por litteratice, por esthetismo, sem nenhuma disciplina intellectual ou scientifica, sem um sentido social mais profundo dos factos. A collaboração de analphabets, de cozinheiras, de paes de terreiro, de estudantes, ao lado da dos doutores, como que deu uma força nova aos estudos, a frescura e a vivacidade dos contactos directos e immediatos com a realidade.

A prova de que o Congresso do Recife attrahiu, ao mesmo tempo que a boa vontade da gente mais simples, o interesse da mais douta, a sympathia dos maiores especialistas em assumptos negros, em geral, e afro-brasileiros, em particular, está na attenção que lhe dedicaram Nancy Cunard, Roquette Pinto, Froes da Fonseca, Azevedo Amaral e, fóra da especialidade, o professor Cannon, o grande mestre de physiologia da Universidade de Harvard; na importancia que lhe deram jornaes europeus e americanos, entre outros o *New York Times*; na collaboração que lhe enviaram mestres como Rodolfo Garcia, Mario de Andrade, Arthur Ramos, Bastos de Avila, Cunha Lopes, para não falar no sabio africanista, professor Melville J. Herskovits.

Graças a essa sympathia e a essa collaboração é que foi possível reunir, primeiro no volume editado por Ariel, e agora no que vae apparecer em collecção scientifica dirigida por Arthur Ramos, um grupo de trabalhos interessantissimos, que trazem esclarecimentos e pontos de vista novos sobre a situação do negro e do mulato do Brasil, sua anthropologia, sua importancia em nossa formação social e em nossa cultura.

Alguns dos trabalhos apresentados ao Congresso do Recife foram publicados a parte: o de Aderbal Jurema, *Insurreições Negras no Brasil*,

o do Professor Octavio de Freitas, *Doenças Africanas no Brasil*.

No segundo volume de *Estudos*, a apparecer breve, cumpre-se uma das resoluções votadas pelo 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a de publicar o retrato de Nina Rodrigues. Homenagem ao professor da Faculdade de Medicina da Bahia que, num esforço que honra a sciencia brasileira, deu tão grande impulso aos estudos afro-brasileiros, impondo-se ao respeito dos africanistas de toda a parte.

GILBERTO FREYRE

Cornelio Penna — *Fronteira* — Ariel Editora Ltda. — Rio. Revelando-se logo no volume de estréa um romancista de primeira ordem, o sr. Cornelio Penna não é desses ficcionistas que se comprazem apenas em contar casos, sem abrir sulco nas memorias, sem fixar duradouramente a psychologia das creaturas. Ao contrario: seguindo os processos dos mineiros que perfuraram a terra kilometros e kilometros para encontrar o metal cobiçado, faz longas e demoradas excavações na almas das personagens. Não tem pressa de concluir, não tem alvoroço de empolgar o leitor. Mas, pouco a pouco, movendo-se numa atmosphera entre o real e o irreal, de vivos e de fantasmas, entre luzes e penumbras, vae pintando uns espectros, de que acabaremos por lembrar-nos como de gente de carne e osso. Num mundo velho, em que tantas gerações de mortos aturdem os sobreviventes, as duas principaes heroínas do sr. Cornelio Penna deslizam entre sussurros mysticos, entre vozes que parecem vir dos tumulos, de boccas ha muito emmudecidas para os ouvidos que não sabem ouvir. E curioso é como tudo isso, vago, dispersivo, retalhado num ambiente crepuscular em que existe uma especie de surdina para as phrases e os gestos, acaba obsedando o leitor, dando-lhe a sensação de que tudo foi directamente observado, haurido numa verdade inilludivel. Se o sr. Cornelio Penna ampliar e intensificar os dons de indagação introspectiva que patenteia em *Fronteira*, será um nome que os futuros historiadores das lettras actuaes incluirão entre os maiores.

A. J. de Sampaio — *Biogeographia Dynamica*. — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

O sr. A. J. de Sampaio, que é um dos maiores botanicos vivos do Brasil, bate-se neste volume pela protecção decidida á nossa natureza. Em paginas abrilhantadas por illustrações das mais expressivas, diz-nos, com clareza e firmeza, tudo quanto possa decorrer em proveito da sua these. Dominando um vasto peculio de informações bibliographicas, fala-nos especialmente com um calor commovido de pantheista que conhece as mais formosas regiões do paiz, sente um amor fraternal por todas as nossas lindas arvores e não ignora nenhum poeta que tenha celebrado as mangueiras e os jequitibás fluminenses ou mineiros. Seu trabalho é dos mais objectivos, dos mais documentados quanto á nobre tarefa que o trouxe a campo, na defesa de florestas garantidoras da abundancia de aguas e da sanidade de milhões de creaturas. Mas é tambem uma obra litteraria que qualquer, mesmo ignorante das sciencias naturaes, percorrerá sem sombra de tedio.

Matheus de Albuquerque — *A Juventude de Anselmo Torres* — Livraria Garnier.

E' a reaparição de um romance que bastante concorreu para o renome de prosador do sr. Matheus de Albuquerque. Com effeito, antes de lançar o typo singularissimo de Anselmo Torres, marcando com subtilidade o ambiente em que elle se move e os attritos psychologicos com os comparsas que delle se avizinham, era apenas o autor conhecido como esplendido poeta, como o emplendido animador de rythmos que Sylvio Romero tanto louvara. Mas, a partir da suggestiva narração agora reeditada, não houve mais duvida de que o Brasil contava mais um novellista de prestigio.

O ROMANCE

Na era contemporânea, domina o romance como expressão litteraria. Domina porque é o modo mais completo, mais universal, mais ductil dessa expressão. A poesia, embora eterna, já não desperta o mesmo écho e padece de limitação. "Para se escrever e publicar um poema, dizia-me ultimamente Camille Mauclair numa entrevista epistolar, é preciso um verdadeiro heroísmo". O theatro, circumscripção nos seus estreitos limites, tampouco logra attingir grande altura ou verdadeira profundidade. O romance, hoje em dia já os encerra a ambos: á poesia, cuja ineffável transcendência attinge aqui e ali em certos quadros ou certos trechos, (como em *Chanaan* de Graça Aranha ou em *Sarn* de Mary Webb); ao theatro, cujo movimento e cujos dialogos utiliza com vantagem.

Generalisou-se um pouco, ultimamente, sobretudo entre os intellectuaes, uma attitude de desprezo para com o romance. Dizem não mais supportarem essas ficções. Preferem-lhes os livros historicos que, declaram, reflectem a realidade. E atiram-se á leitura das biographias que pullulam actualmente. Tais obras, entretanto, não contêm, na sua enorme maioria, senão um fundo um tanto fragil de realidade historica, que vem vestida de toda a imaginação do autor. Biographias romanceadas, são, afinal de contas, um genero inferior de romance, em que o escriptor não soube, — ou não poudé, — crear personagens seus, reflexos de seres vivos que observou ou mescla de attributos analysados em diversos individuos. O personagem escolhido como thema dessas biographias torna-se uma victima, cuja vida intima se revolve, cujas cartas se transcreve sem pejo, cujas amizades e amores se disséca e cujos pensamentos, sentimentos, paixões e fraquezas se forja quasi sempre com despudorada phantasia. As celebres biographias de Ludwig

e de Stefan Zweig não escapam a esse processo, havendo ainda, como aggravante, o vexo de diminuir e rebaixar certas figuras para melhor exaltar o personagem escolhido, (o que se dá com Talleyrand que passa no livro de Zweig, a ser um mesquinho personagem ao lado de Fouché, quando, com todos os seus defeitos, era-lhe muito superior pela intelligencia, pela finura e pela penetração.)

O romance, hoje em dia, a tudo abrange, sem deixar por isso de edificar-se na sua base primacial que é problema do homem. Tal é, na verdade, a sua essencia. Quer queiram, quer não, a arte do romance é de todas a mais anthropomorphica.

Paul Bourget, num recente artigo, relembra que a litteratura de observação vem dos classicos do seculo XVII (e recorda La Bruyère, La Rochefoucauld, Molière e Racine,) mas observa que sómente nos nossos dias é que nasceu a theoria da observação sem nenhuma preocupação de belleza ou de moralidade.

"Estudar a alma humana sómente pelo prazer de constatar e de descrever uma realidade." E depois de citar Taine, que o definiu "uma psychologia viva", Bourget demonstra ser o romance "um trabalho de investigação quasi scientifica", um "casamento possível entre a imaginação e a psychologia".

São, todavia, por demais restrictas as definições de Bourget; tendo sido um dos primeiros a escrever romances psychologicos, acredita o autor do *Disciple* ter o romance permanecido no mesmo ambito estreito. Os cincoenta e tantos annos que passaram depois da estréa de Bourget trouxeram uma evolução que este escriptor fossilizado não pôde perceber. Assim, Bourget, num sério esforço de comprehensão, procura definir tres categorias de romances: o de caracteres, o de costumes e o de analyse psychologica propriamente dito.

O romance contemporaneo, entretanto, ampliou de tal maneira o seu dominio, universalizou-se a tal ponto, que difficil se torna synthetisal-o tão singelamente. Ha uma differença tão marcada entre os romances contemporaneos que o nome generico que os abraça chega a abraçar um mundo. Variam pela nacionalidade do autor. Não se descobrirá facilmente pontos de contactos entre as obras de Selma Lagerlof e as de Mauriac, entre as de Sinclair Lewis e as de Ibanez, entre as de Maurice Baring e as de Afranio Peixoto. Não será, entretanto, a comunidade racial e nacional que poderá servir de ponto de approximação, pois nada ha de commum entre os romances de Lagerlof e os de Knut Hamsun e de Johan Bojer; entre os de Mauriac e os Gide, de Malraux, de Montherlant e de Colette; entre os de Sinclair Lewis e os de Upton Sinclair e de Helen Carlisle; entre os de Baring e os de Aldous Huxley, de Mary Webb e de Rosamond Lehman; entre os de Lins do

leiam

ESTRANGEIROS

O novo Livro
de

Agrippino Grieco

em edição de

ARIEL Editora

Rego e de Mario de Andrade, de Gastão Cruls, de Oswald de Andrade e de Lucia Miguel Pereira.

Classifica-os por genero não resolve o problema nem reduz a difficuldade, pois iriamos encontrar mil categorias. Se, de um lado, poderíamos approximar o *Mont Cinere e o Léviathan* de Julien Green do *Noeud de Vipères*, *L'Ordre* de Marcel Arland de certos romances de Jacques Chardonne, e mais alguns outros de uns poucos congeneres, onde encontraríamos livros parentes do *Voyage au bout de la nuit* de Ferdinand Céline do *Jeanne d'Arc* de Delteil, dos *Conquérants* de Malraux? do *Daphné* de Baring, do *Dusty Answer* de Rosamonde Lehmann, da *Grande Fome* de Johan Bojer, do *Seraphim Ponte Grande* de Oswald de Andrade? para cada um desses romances abririámos uma nova categoria onde permaneceriam talvez os unicos.

O romance moderno escapa, portanto, a qualquer classificação. Sua riqueza é hoje immensa. Por elle foram explorados todos os dominios: pintura, philosophia, observação, introspecção, lyrismo, phantazia. Nelle confluíram todas as noções artisticas, scientificas e litterarias, do freudismo ao superrealismo, do populismo ao esthetismo. Falam por elle as paixões, exprimem-se todos os messianismos, refletem-se todas as crenças e todas as metaphysicas. Longe de ter, como diz Malraux, a sua complexidade tornada possivel pelos antagonismos individuaes, o romance já não se limita ao individuo e é hoje expressão universal e por isso a arte mais completa e mais alta. E' a transposição da Vida, com todos os seus attributos, as suas facetas, seus mil aspectos, suas mil nuances.

As invez de ser, como alguns proclamam, um genero litterario esgottado, o romance ainda tem muito terreno para explorar. Sua trajetoria apenas começa e não está prestes a findar-se.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO

«ALIMENTAÇÃO E RAÇA»

(Chronica Scientifica Irrradiada na "Hora do Brasil")

Costumam dizer os criadores que "a raça entra pela bocca", indicando, na phrase pittoresca, a importancia que tem a nutrição. E', até certo ponto, uma verdade formulada pela observação do povo e confirmada pela sciencia. *Alimentação e raça* — palpitante assumpto agora versado em um livro do professor dr. Josué de Castro, a todos interessa. Trata-se do volume V da Bibliotheca de Divulgação Scientifica dirigida pelo professor Arthur Ramos. Josué de Castro, antigo professor de Physiologia na Faculdade de Recife, dividiu o livro em duas partes: I — Alimentação racional do povo: II — Aspectos bio-sociaes da alimentação.

Ao alcance de todos, em linguagem colorida mas simples, estuda o conceito geral do alimento e passa em revista a carne, os saes mineraes, o leite, as vitaminas, etc. Josué de Castro é um grande amigo do leite e das fructas; mas pensa com o professor Escudêro, de Buenos Aires, que a carne póde ser chamada "alimento obrigatorio". E — boa noticia para tanta gente: — a carne já não é mais "um alimento perigoso, toxico, provocador da arterio-sclerose..."

Uma rehabilitação! São irritaveis e bellicosos os povos carnivoros? Nunca, responde o autor, apresentando provas decisivas: basta considerar os Eskimós, gente que só come carne e é a mais pacifica do mundo. Outra pagina interessante é a dedicada ás crianças que comem terra e calça das paredes para matar a fome parcial do calcio, diz o autor.

O pequeno consumo do leite na alimentação dos brasileiros é uma das causas de alguns dos nossos males; o leite é, para o autor, "o mais importante dos alimentos". Mac Lester, diz elle, chama a attenção para a esplendida constituição physica dos suecos e lembra que entre elles existe uma vacca para dois habitantes. Na maioria dos Estados do Brasil o consumo do leite não chega a 50 grs. por dia e por pessoa; nos Estados Unidos alcanca quasi 1 litro. O dr. Josué de Castro acha que o uso do pão, feito de trigo importado, é "apenas um luxo, um exotismo caro num paiz pobre" que tem muitas outras fontes de amido. A segunda parte do volume *Alimentação e Raça* é ainda mais importante, porque o autor nella condensou trabalhos originaes e pesquisas proprias sobre as condições de vida das classes operarias no Nordeste. O autor examinou 500 familias operarias, com 2.585 pessoas no Recife. O regimen fundamental de todas (100%) é feijão, farinha, xarque, café e assucar. 84% usam o pão. Carne verde apenas consomem 32%. Leite somente 19% das familias recenseadas. Fructas e verduras, de 15 a 18%. A produção e o consumo das verduras — tão importante para a saude — depende muito mais da educação do que mesmo do bem estar ou da riqueza. E não é demais concluir que até mesmo aqui, no *menú*, o problema é, principalmente — EDUCAR.

ROQUETTE PINTO

— Na interessante collecção *L'Evolution de l'Humanité*, que já lançou um tomo sobre a Linguagem, o Sr. George Weill acaba de dedicar um volume ao Jornalismo. E' livro como ainda não fôra feito e no qual encontramos dados dos mais curiosos sobre essa fórmula de expressão intellectual que só nasceu no seculo XVIII, mas hoje domina o mundo e é, de accordo com Bernard Shaw, "a mais alta fórmula da litteratura".

— *Portrait-Souvenirs* é o ultimo trabalho de Jean Cocteau, delicioso volume de que se occupam actualmente os jornaes francezes, tecendo-lhe os maiores elogios. Como o seu titulo está a indicar, trata-se de um apanhado de memorias em que o autor se reporta a cousas vistas e vividas durante a sua iniciação litteraria, durante aquelles felizes annos que precederam a grande guerra.

ANNO NOVO

Tomem de um dicionario francez e vejam a palavra "jour". Ella estará assim definida: "Temps pendant lequel on y voit; temps qui s'écoule depuis le commencement de l'aurore jusqu'à la fin du crépuscule. Lumière dont le soleil éclaire la terre".

Lamartine dá-lhe outra expressão:

Travail, repos, douleur et quelquefois un rêve
Voilà le jour, puis vient la nuit...

No entanto, o dia de anno novo não é um dia como os demais. Este, sim, é um bello dia.

Lamartine tambem o descreveu:

Ce qu'on appelle nos beaux jours
N'est qu'un éclair brillant dans une nuit d'orage.

Mas, não! Vejamos no dia de anno novo, nesse bello dia, uma data que tem para todos nós uma significação especial. Se bem que esse dia não seja considerado festa legal senão depois de um acto do Conselho de Estado datado de 13 de março de 1910, sua origem remonta á mais alta antiguidade, e foi consagrado em Roma.

Entre os romanos o primeiro e o ultimo dia do anno eram consagrados a Jano, personagem mythico representado com duas caras, dotado de maravilhosa sagacidade: o futuro e o passado sempre estavam deante de seus olhos.

No tempo dos primeiros reis, tinham os romanos o costume de mandar aos magistrados, como signal de deferencia, ramos colhidos no bosque sagrado de Strema. Dahi o nome de Strenia, depois Strena e, afinal, *étrenne*.

Segundo um autor antigo, Symmachus, o uso das festas foi introduzido no reinado de Tatus Sabinus, que foi o primeiro rei a receber a verbenna do bosque sagrado da deusa Strenia em signal de bom augurio para o novo anno; os romanos deviam vêr algo de divino na verbenna, como os nossos Druidas gaulezes que tinham em tal veneração um ramo de carvalho que iam colhel-o com uma séga de ouro no primeiro dia de cada anno.

Após a verbenna, surgiram outros presentes, figos, tamaras e mel, num desejo aos amigos de que só lhes acontecessem, durante o resto do anno, coisas agradaveis e doces.

Mais tarde os romanos transformaram os deuses de madeira em deuses de ouro e prata. Os presentes foram então magnificos, e elles trocavam entre si medalhas e moedas, achando que tinham sido muito simplorios nos annos precedentes suppondo que o mel fosse mais doce que o dinheiro...

O uso das festas generalizou-se, e o povo em massa ia aos imperadores romanos desejar-lhes feliz anno novo.

Augusto recebia presentes em tão grande quantidade que, para não os applicar em seu unico proveito, comprava idolos e imagens de metal precioso.

Tiberio, seu successor, ausentava-se de proposito nos primeiros dias do anno, para evitar o incommodo das visitas, e sempre reprovou a attitude de Augusto, que acceitava, tantos presentes.

Caligula, tão avaro quanto Tiberio fôra liberal, communicou ao povo que estaria, no primeiro de Janeiro, no vestibulo de seu palacio, para receber de mãos estendidas todos os presentes que lhe quizessem offerecer.

Em todos os povos as festas do anno novo são celebradas. E' assim que encontramos esse costume entre os gaulezes que distribuïam raminhos de "gui", que nessa data se colhiam.

Nas terras de Chartres, que foram durante tanto tempo a séde do druidismo, chama-se ainda o primeiro de janeiro — le "Gui l'an". Hoje ainda pôde-se ouvir nos campos da Picardia, da Guyena e da Bretanha o grito de "Au gui l'an neuf".

Quando o christianismo veio substituir os antigos deuses, proscreveu esse costume e os presentes foram chamados de "festas diabolicas", e severamente prohibidos, mas em pura perda, porque as festas pagãs foram substituidas por comemorações catholicas celebradas no Natal e na Paschoa. Este ultimo dia marca o começo do anno até o meïado do seculo XVI. Mas a Paschoa tinha o grave inconveniente de variar sempre de data; os usos antigos voltaram, e na sociedade policiada o costume reapareceu tal como em Roma.

No tempo de Luiz XIV esse habito generalizou-se, e a favorita do rei era particularmente mimada no Natal, porque senhoras e damas da Côte sabiam que entre as mãos della estava o destino de todos.

Em 1679, Madame de Montespan recebeu esplendidas festas, e contam que a propria rainha, bem como o irmão do rei e madame de Maintenon, offereceram-lhe soberbos presentes. Foi nessa mesma epoca que o Cardeal Dubois, cuja reputação de sovínice era bem espalhada, respondeu ao *maitre d'hôtel* que lhe pedia uma gratificação pelo anno novo: "Dou-lhe tudo o que você me roubou durante o anno". Creio que, hoje, se alguém dissesse isso a um creado, este responderia que ainda era pouco...

Deixar passar o 1º de janeiro sem offerecer presentes é agora coisa inconcebivel, e o sarcasmo persegue o avaro até para além do tumulto. A prova é esta quadra, fruto do coração de um sobrinho desapontado:

Ci-gît, dessous ce marbre blanc
Le plus avare homme de Rennes
S'il est mort le veille de l'An
C'est pour ne pas donner d'étrennes.

Sem falar das guloseimas com que todos se envenenam por essa data, é interessante vêr as casas de livros abarrotadas de todas as especies

de almanaques coloridos, pelos quaes os compradores pagam 20 francos que não pagariam por um Bossuet ou por um Corneille impresso com o mesmo luxo.

Se, por acaso, um desses leitores profissionais, que curvaram a espinha dorsal nas peregrinações pelos *bouquinistes*, chega a misturar-se à multidão que compra o livro mais colorido e mais vistoso, medita e suspira... Pensa na poeira indigna que cobre o grande Homero e o divino Virgilio, e não comprehende como é possível que num seculo tão luminoso como o nosso tenha mais rica encadernação a prosa de um Monsieur X, que as inspirações dos maiores genios do mundo...

Visites, compliments, doux baisers de Judas
Cadeaux de Joujous, d'almanachs
Souvenirs, diabolins, pistaches, papillottes
Etiquette, ennui, neige ou crottes
Temps perdu, fous en beaux habits
Vollà le jour de l'an, tel qu'il est à Paris.

Não posso deixar de terminar este artigo sob auspícios mais favoráveis que os daquelles habitos antigos e venerados.

Não quero derogar costumes sagrados, e é por isso que peço aos meus leitores aceitem aqui, meus votos de bom e feliz anno novo.

Bôas saidas e melhores entradas.

MARGUERITE PICARD

PREMIO MACHADO DE ASSIS

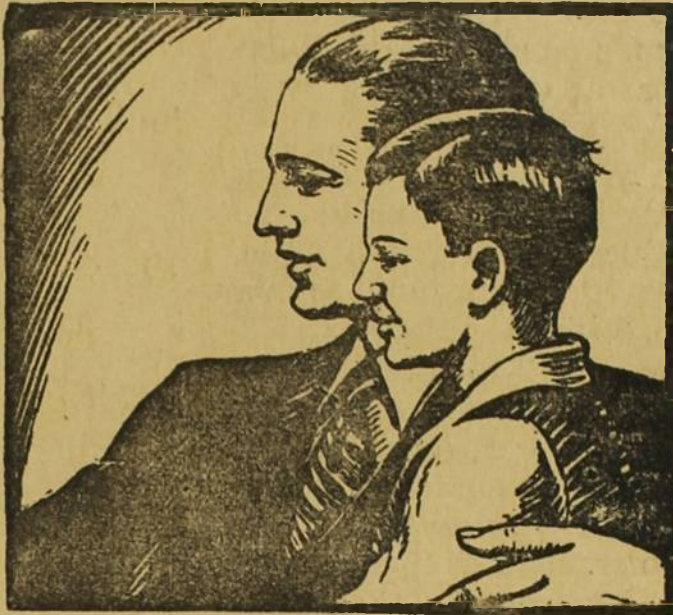
Depois de se verem litterariamente consagrados pelos votos de um jury em que figuravam Monteiro Lobato e Gilberto Amado, estão obtendo lisongeiro successo de venda os quatro romances aquinhoados pelo Premio Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional. *Musica ao longe*, do sr. Erico Verissimo, é uma pintura discreta da vida provincial, com uma linda adolescente a mover-se entre casarões que se avizinham da ruina e velhotes taciturnos que se avizinham da morte. O sr. João Alphonsus desdobra, no *Totonho Pacheco*, os dons de fabulação, de feliz entrosagem psychologica de que eram esboço os contos da *Gallinha Cega*. *Marafo*, do sr. Marques Rebello, justifica os prognosticos de quantos viam no subtil prosador dos *Tres Caminhos* um observador avulso em marcha para a complexidade das longas narrações. Finalmente, *Os Ratos*, do sr. Dyonelio Machado, desentranham dos efeitos de repetição, de monotonia, um valor de suggestão obsedante que marca bem a personalidade desse prosador gaúcho.

Paulo Gustavo — *Eu, você e o nosso amor* — Civilização Brasileira — Rio.

Extremamente seductores, no sr. Paulo Gustavo, os seus dons de sociabilidade litteraria. Quando em Recife, onde era um escrupuloso educador de marinheiros jovens, mantinha, em jornal de prestigio, longa secção que alludia fraternalmente a todos os productores de poemas e romances. No Rio, falando numa sociedade de radio, aproveitava generosamente os seus quinze minutos para, entre commentarios lucidos, declamar formosos versos recém-apparecidos ou retalhos de contos em que houvesse fragancia de vida e belleza. Tudo isso está a indicar a existencia de um artista de extrema polidez no sr. Paulo Gustavo, artista de finas galanterias, que ainda crê em Musset e Verlaine e não desdenha do madrigal numa época de odes ao arranha-céu e á chaminé das fabricas. Seu amor é ainda enluvado, caricioso, perfumado. Escrevendo com rara dextreza rythmica e sabendo situar os galanteios num ambiente de graça aristocratica em que não se intrometta o ridiculo, o sr. Paulo Gustavo é bem o poeta que, á maneira de Bilac e do sr. Guilherme de Almeida, terá sempre a estima das mulheres e dos adolescentes.

Berilo Neves — *A Costella de Adão* — Civilização Brasileira — Rio.

E' a setima edição do livro mais caracteristico do sr. Berilo Neves. Trata-se, ao que se vê, de um successo de livraria como só os obteve, nos ultimos tempos, o grande Humberto de Campos. Narrador accessivel a qualquer espirito, o brilhante escriptor nortista interessa a todos os consumidores de litteratura, de um e de outro sexo, e especialmente a maneira ironica por que fala sempre das mulheres não deixou de captar-lhe um grande grupo de admiradoras...



Um dever dos paes...

JA' lhe ocorreu pensar nos apuros de sua esposa si ella tivesse — como viúva e sem os recursos de seu trabalho — de custear os estudos dos filhos?

O Snr. ignora, por completo, tudo que póde acontecer daqui a um ou dois annos. Porque, então, viver acompanhado desse temor que é tão facil de afastar com um seguro de vida? Veja quanto lhe é possível economizar todos os mezes. Depois escreva-nos para receber informações sobre as condições em que póde fazer um seguro para garantir a protecção e a educação de seus filhos... Faça isto hoje. As nossas informações não lhe acarretam o minimo compromisso.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

ROMANCISTAS DO SUL

Romances do Norte... Romancistas do Norte... Houve até quem se zangasse, tanto essas palavras foram repetidas desde o apparecimento de *A Bagaceira* e *O Quinze*. Pobres romancistas do Norte que culpa nenhuma teem de serem lidos! Acho mesmo que foram estes romancistas as pessoas que com mais entusiasmo saudaram a chegada de um verdadeiro romancista do Sul como o sr. Erico Verissimo.

Porém não é por isso que estou aqui falando de romancistas do Norte. Quero é fazer notar que, no momento em que tanto se fallam nelles, o "Grande Premio Machado de Assis" foi dividido entre dois gaúchos, um mineiro e um carioca. O carioca é o sr. Marques Rebello conteur cujo valor ninguem desconhece. O mineiro é o sr. João Alphonsus que tem um livro de contos que é uma delicia: *Gallinha Cega*. Porém não é destes que quero tratar aqui. Quero falar dos gaúchos e dos seus romances premiados: *Musica ao Longe* (de Erico Verissimo) e *Os Ratos* (de Dionelio Machado).

Inicialmente note-se que os titulos destes romances differenciam desde logo a arte dos dois escriptores do sul. Erico Verissimo vê tudo com olhos risonhos e optimistas, é muitas vezes suave e nos dá sempre, mesmo nas coisas mais difficeis da vida, uma impressão de confiança, de serenidade. Dionelio Machado é secco, por vezes até difficil, e para os seus personagens a vida é sempre mais amarga. Os personagens de Erico Verissimo teem certeza de vencer os obstaculos, os de Dionelio Machado pensam sempre que não os vencerão jamais. Mas deixemos de lado qualquer idea de parallelo entre os dois romancistas. Vejamos os seus romances em separado porque temos nestes dois homens, que resolveram focar todo o caso do Rio Grande, duas personalidades bem distinctas, que teem

um unico ponto de contacto: são ambos verdadeiros creadores de vida.

Ainda ha pouco tempo, quando da sua passagem pelo Rio, Erico Verissimo me fazia notar que *Musica ao longe* era anterior aos *Caminhos Cruzados*, romance que lhe deu fama e publico. E' preciso considerar esse *Musica ao Longe*, romance de titulo tão impregnado de poesia e elle tambem cheio dessa doce poesia que é mesmo uma das maiores qualidades deste romancista, entre *Clarissa* e *Caminhos Cruzados* para se ter uma perfeita idéa da evolução do escriptor.

Erico Verissimo está realizando em relação ao Rio Grande do Sul aquillo que José Lins do Rego está fazendo em função da zona assucareira de Pernambuco e da Parahyba. Focando uma região, um caso. Se *Caminhos Cruzados* é a cidade com toda a sua vida, *Musica ao Longe* é o campo, as estancias, toda a mu-

dança de uma economia. E' o romance do desaparecimento das grandes familias patriarchaes, donas de estancias sem fim, familias que teem uma rua com seu nome, engulidas pelo immigrante que chega de pés no chão e vae construindo a sua machina de enriquecer. No fundo o mesmo drama do *Banguê*, com a differença de que o espectador interessado é uma menina professora da terra, filha da familia que se extingue, uma menina que não desespera apesar de tudo, que reage e que encontra no amor a solução da sua tragedia. No *Banguê* era o tragico Carlos de Mello, inutil e sensual. Porém o ambiente é que é parecido. Não a paizagem tão diversa, a conversa, nada disso. Falo da familia se extinguindo. A mesma miseria moral, a decadencia fazendo delles todos uns inuteis, uns covardes, incapazes de reagir e de trabalhar. O mesmo drama da região do assucar se passando na região das coxilhas. As figuras dos tres irmãos que herdaram o nome glorioso dos Albuquerque e que se acabam na cocaina, no alcool, na sesta bem dormida e nos nomes feios, são realmente muito bem traçadas e mostram bem a decadencia de uma raça.

Apenas Vasco reage. Vasco, entre a multidão de typos que Erico Verissimo já creou, é talvez o de sentido mais tragico e mais desesperador. Tendo todos os vicios do Albuquerque (sua mãe é da familia), tem a paixão das viagens, pois é filho de um pintor vagabundo que um dia appareceu na terra, foi amado pela menina rica, e depois fugiu, nostalgico de outras terras, deixando um filho. Vasco reage contra a decadencia da familia. Mas ninguem o comprehende, ninguem o ama, acham todos que elle desmoraliza o nome glorioso dos Albuquerque. Só elle comprehende que é preciso ir ainda além dos immigrantes enriqueci-

Brevemente

Armando de Oliveira

Poesias

EM

EDIÇÃO "ARIEL"

dos, que é preciso ter a coragem de ser operário, das padarias de seu Gamba, porque entre elles é que se vae formar uma outra economia que passará sobre a dos immigrantes que enguliram a familia Albuquerque. Só assim o nome da familia poderia continuar...

Só Clarissa o ama. Clarissa é uma figura doce que já conheciamos do primeiro romance de Erico Verissimo. Muita coisa ella não comprehende na vida. Mas, e atravez della vem o pensamento do autor, ella acredita que os jovens não podem desanimar, que a luta é bella e gloriosa, que um dia tudo ainda acabará bem, que o futuro é dos que são jovens e lutam.

Musica ao Longe tem todas as qualidades de um autor que já se affirmou como um dos nossos romancistas de verdade. Muito bem escripto (se bem monotonico ás vezes), muito bem construido, está sempre cheio de uma onda de poesia que o anima. E a juventude de Vasco, a sua vontade de sahir, de correr mundo, de ver outras terras, a sua saudade das coisas que ainda não viu, são, sem duvida, das boas coisas do romance brasileiro moderno. Erico Verissimo mais uma vez affirma a sua força de romancista.

Os Ratos é a historia de um homem que não tem dinheiro para pagar o leiteiro. Um funcionario publico de vencimentos empenhados, o filho convalescendo. A historia se passa num dia e é quasi toda monologada. Que Dionelio Machado é um romancista não pode restar duvida, porque o leitor não pode abandonar esse livro, apesar de ser extremamente mal escripto.

Faltam ao autor de *Os Ratos* as qualidades de estylo. Elle é secco, mas não no sentido em que o é, por exemplo, Graciliano Ramos. Este é secco mas escreve admiravelmente. Dionelio Machado é preciso, usa um portuguez puro (um grammatico nada notaria no livro) mas não tem nen-

hum estylo, é difficil. No entanto eu desafio o leitor a largar essa historia de *Os Ratos*. Apesar de tudo que o escriptor Dionelio Machado faz contra o romancista Dionelio Machado, esse vence porque sabe fazer um ambiente de angustia, que prende, que faz o leitor ir ao maximo da emoção. A gente fica atordoada com essa historia do homem atraz do dinheiro para pagar ao leiteiro. Toma conta da gente. Dos quatro romances premiados foi o que mais me dominou. É uma historia angustiante. Angustia que se prolonga mesmo depois que elle arranja os cobres. O homem não pode dormir, está cansado e ouve um ruido na cosinha. São os ratos. Devem estar roendo o dinheiro. E a sua insomnia se prolonga e o leitor soffre com o personagem. Se conseguir fazer o leitor sentir tudo o que sente o personagem não é obra de um romancista verdadeiro, então eu não sei o que é ser romancista.

Historia quasi que toda em monologo (os raros dialogos que tem são muito naturaes), repisando sempre um assumpto, mal escripta, domina no entanto o leitor, conduz o leitor, o impossibilita de fazer qualquer outra coisa que não seja ler o livro. Livrinho brabo, onde o drama se não tem um horizonte largo, um scenario luminoso, é no entanto profundo e pesado. Drama humilde de gente humilde, mas forte e denso.

As figuras daquelles semi-chantagistas que arranjam o dinheiro, a descripção do heroe jogando, a sua alegria infantil comprando brinquedos para o filho quando consegue os cobres, a sua timidez cynica, a sua vergonha, são coisas inesqueciveis desse pequeno romance.

Os Ratos não é apenas uma boa historia. É uma historia muito bem conduzida, dolorosa e humana. Tenha Dionelio Machado os defeitos que tiver como escriptor. A verdade é que as suas qualidades de romancista os sobrepujam vantajosamente.

JORGE AMADO

FELIX PACHECO

Felix Pacheco publicou varios livros de versos e deixou nas anthologias um soneto intitulado *Lagrimas*, *Acima de tudo*, porém, foi um jornalista, proseguindo na bella tradição que vinha de Evaristo da Veiga a Ferreira de Araujo. Trabalhando num diario em que, á maneira de certas revistas inglezas, muitos artigos appareciam anonymos, numa especie de contribuição collectiva da folha, percebia-se, por certas modalidades de estylo, serem seus, partirem da sua penna excellentes commentarios em torno á vida e á morte de notaveis escriptores europeus. Ficou memoravel, embora não subscripta, uma notavel pagina de Felix a proposito da personalidade de Tolstoi. Periodista, mais e mais se consagrara elle, nos ultimos tempos, ás suas tarefas de orientador da turba e, distanciado de todo da politica, seu maior prazer era colleccionar livros raros sobre o Brasil antigo, passando os ultimos dias na affectuosa convivencia dos Koster, dos Tollenare, dos Sainte-Hilaire.

Monteiro Lobato — Peter Pan —
Companhia Editora Nacional —
São Paulo.

Um dos trabalhos mais uteis do admiravel narrador que tem transportado ao plano brasileiro tantas encantadoras creações dos europeus e norte-americanos amigos de deslumbrar a imaginação infantil. Sociologo e critico de costumes, o sr. Monteiro Lobato não é menos sympathico ao falar ás nossas creanças, das quaes se tornou realmente um grande bemfeitor.

R. de Monte Arraes — Do Poder do
Estado e dos Orgãos Governati-
vos — Rio.

O sr. Monte Arraes, que é deputado federal, já ligou seu nome, de modo perduravel, a um optimo livro em que tratava da constituição sul-riograndense. É um jurista e tambem um sociologo. Não vê as questões de direito apenas num mesquinho sentido de contenda forense, exaggeradamente escravizado aos textos que matam a alma. Procura vê-las, ao contrario, num sentido de utilidade social, de benemerencia collectiva. Democrata em consequencia de fé profunda, não menos o é em resultado de longos raciocinios fortificados pela cultura. Seu livro de agora reaffirma um talento como existem poucos no parlamento nacional.

DOIS LIVROS DE NOBELISTAS

Sinclair Lewis acaba de reunir em volume seus contos esparsos. A viuva de Galsworthy vem de publicar um volume de trabalhos de seu marido. Ineditos alguns, outros tirados das folhas de periodicos.

Nenhum dos dois volumes irá aumentar a reputação do seu autor, embora o exito de livraria esteja garantido a ambos, pela boa vontade do publico leitor inglez para com os nomes que trazem na capa. A collectanea Galsworthy apresenta no titulo, *Forsytes, Pendyces and Others*, uma isca suplementar. Estas duas familias têm um amigo em cada subdito britannico, sobretudo a primeira, que povoa a serie notavel de romances enfeixados no *Forsyte Saga*. Os Forsytes dão vida ao panorama que Galsworthy pintou da Inglaterra, desde seu apogeu imperial, no fim da era victoriana até os tempos duros e valentes de hoje. E não ha um Forsyte, embora sejam numerosos e differentes, que não encarne perfeitamente seu paiz e em especial essa alta *Middle-class* a que pertencem, a poderosa burguezia que, com o contingente menor da aristocracia, carrega em suas mãos toda a fortuna do Imperio Britannico e mantem as qualidades mais altas da raca que soube fazer uma religião do *fair-play*, do *self-control*, do *sense of duty* e do *humour*.

Nesta collectanea posthuma não apparecem, porém, de Forsytes e de Pendyces, senão duas figuras vistas de relance e, sob o nome de George Pendyce, um typo de gosador em que logo se reconhecerá o George Forsyte das obras posteriores. Isso mesmo, só num fragmento descartado pelo autor e que foi, originalmente, o principio de um dos seus romances victoriosos, *The Country House*.

O que torna Galsworthy menos interessante ao estrangeiro é justamente aquillo que o faz mais caro aos inglezes. E' o traço minucioso que acompanha a vida e os acontecimentos do seu paiz, com uma documentação tão cuidadosa que parece tirada dos jornaes; é a evocação de factos que cada um tem na memoria e que o romancista segue quasi de anno para anno: o cavallo que ganhou o Derby, a chuva que caiu ou o sol que resplandeceu sobre determinada cerimonia publica, as modas femininas e a gyria ephemera. Tudo isso, aproveitado com a devida arte, empresta realidade á narração, tudo isso data e localiza a ficção, despertando no leitor inglez a emoção suave do viajante que, numa paizagem qualquer, depara de repente com um campanario de sua amizade. Galsworthy utiliza a memoria do leitor para compôr o seu panorama. Tem nisso seguramente um dos seus elementos de exito. Quanto mais miudo e inesperado o traço, mais intima é a resposta na lembrança do leitor contemporaneo.

Num dos contos deste volume, por exemplo,

ha um *gentleman* arruinado que se estabelece commercialmente como criador de cães de raca. Uma epidemia canina, que grassou realmente entre os cãesinhos novos daquelle anno preciso, carrega-lhe a quasi totalidade das preciosas ninhadas que representavam os ultimos remanescentes do seu capital.

Esse conto, *The Mummy*, é aliás, em todos os sentidos, typico da maneira de Galsworthy. Embora o espaço só comporte dialogos e scenas muito resumidas, o panorama alli está, no mesmo quadro largo dos seus romances. A exemplo destes, *A Mummy* tem o tempo por ossatura. E' a synopse da vida de um homem cujas qualidades e defeitos, como os de todo personagem de Galsworthy, têm um aspecto perfeitamente britannico sobre um fundo verdadeiramente humano. Eugenio não poderia ter outra idade senão a que lhe deu o romancista. Seus patricios nascidos na segunda metade do seculo XIX reconhecerão no seu vocabulario todas as chapas verbaes de sua geração. Além de concorrerem extranhamente para tornar mais humano o personagem, estas expressões constituem, na sua volta amiudada um elemento de arte e um dos rythmos secundarios do conto.

O rythmo dominante está na irresolução do heroe e na profunda verdade de que os individuos permanecem os mesmos, da infancia á velhice, e reagem sempre do mesmo modo ás mesmas impressões. A cada encruzilhada da vida, a irresolução de Eugenio resurge, igual ao que sempre foi. Energico só nos campos de *sport*, fiel só aos principios de um *gentleman*, é incapaz de decidir, mesmo para alcançar a felicidade. Qualquer dilemma maior derruba-o de modo identico, não só moralmente, mas até physicamente, com os mesmos symptomas de dyspepsia que a nossa geração chamaria de colite ou de perturbação do figado. Desde os exames no collegio até os graves problemas sentimentaes, esses achaques digestivos sublinham os momentos difficeis de sua vida, isto é os momentos em que urge resolver qualquer coisa. Tudo mais, na guerra ou na paz, elle sabe enfrentar com philosophia.

O caso lembra um pouco o do José Mathias, do conto de Eça. O diagnostico porém é mais claro. A indecisão do Eugenio define-se melhor do que o romantismo do distante adorador da Elisa Miranda.

Tres vezes a mesma mulher põe-no no dilemma de casar ou não casar. Primeiro quando elle morre, em mares da China, o marido que os dois traíam na Inglaterra desde pouco tempo. Parecia uma intervenção feliz da fatalidade. As idades, as fortunas a affeição reciproca, tudo aconselhava o casamento, mas tal passo era para Eugenio, decisi-

vo demais. Mal percebe o perigo, mal a amada, entre soluços de remorsos e de allivio, lhe dá noticia do telegramma que recebera Eugenio, passada a indefectivel crise de dyspepsia, embarca para uma longa viagem de Yacht, deixando um innocente e impessoal bilhete de despedida e de pezames.

Passam-se alguns annos e os dois encontram-se outra vez. Seu amor não morrêra. Tudo recommença sob o nariz do segundo marido. Quando este desconfia, e a amada se propõe divorciar para casar com Eugenio, o heroe alista-se para guerrear contra os Boers. Outro bilhete em estylo de collegial em que o recruta se regosija de dar uma surra nos Boers e em que o sportman deseja a Molly bom tempo para as caçadas á raposa.

Passam-se desta vez muitos annos. A grande guerra revoluciona o mundo. Eugenio perde a fortuna, sacrifica os pequenos confortos um por um e enterra-se na miseria envergonhada.

Encontram-se outra vez os dois, velhos ambos e ella viuva e rica. Eugenio procura encontrar-lhe que está reduzido a um terno de roupa e que só come bem quando ella o convida para jantar. Descobrendo-lhe a penuria, Molly propõe-lhe outra vez o casamento. Eugenio desaparece para acabar de morrer á mingua, numa fumaça á beira do mar, longe de olhares indiscretos. Salvara sua linha de gentleman. Levou um remorso para o tumulto. Uma vez, fazendo tennis, dera como *out* uma bola do adversario que elle sabia boa.

The Mummy occupa vinte paginas apenas num volume de trezentas. Os contos em conjuncto, uniformemente excellentes, não occupam mais de cem. Era necessario sem duvida que alguém os recolhesse das paginas ephemerhas de revistas. As criticas litterarias, os prefacios, os discursos que completam o volume são trabalhos ligeiros e de encomenda, mas não faltarão admiradores de Galsworthy dispostos a applaudir esse enfeixar piedoso de tudo quanto lhe caiu da penna. A responsabilidade do pequeno ludibrio que porventura houve no titulo não correrá por conta do escriptor.

No livro de Sinclair Lewis o ludibrio é diverso. E' a consciencia de que, para apalpar gordos cheques de editores, um nobelista, mormente o unico da America em litteratura, não precisa cingir-se a um alto nivel de arte. Com excepção de um conto, já publicado numa anthologia de *short stories* americanas, e que é genial no genero crime, não ha, nessa collectanea de historias curtas, nenhuma que dê a verdadeira medida do seu talento. Em algumas o plano é optimo e a execução descuidada. Na maioria são tão fracas no traçado quanto banaes no sentimento. Umas fracassaram pelo apressado da factura, outras — pecha grave para um artista — por uma consciente superioridade intellectual perante o leitor.

A gloria de Sinclair Lewis assenta num nome: Babbitt. Babbitt é tão verdadeiro que seu nome se

transformou em symbolo e virou substantivo. Elle é o americano tirado em serie. E' a encarnação da mediocridade.

Sua mediocridade penetra o celebre romance de Sinclair Lewis de principio a fim, como cheiro de cosinna em casa pequena. Esta pintada pacientemente, com uma abundancia proustiana de detalhes. Lewis aliás é mais uma prova de que Proust, grande creador de escola como foi, encontrou mais discipulos entre os romancistas de lingua ingleza do que nos da propria. Em Lewis tanta totalmente a poesia de Proust, mas as minudencias da vida material surgem da sua prosa maçada como uma verdade photographica. Só é infiel como a camara lenta é infiel, traindo o movimento.

O romance de Sinclair Lewis é a epopéa do quotidianismo. Seu protagonista deixa de ser um individuo para ser uma simples gota d'agua no mar da uniformidade americana. Foi este mar que Lewis conseguiu pintar, descrevendo Babbitt sua familia e sua cidade. O que elle faz escutar ao leitor é a voz da uniformidade, não é a voz de Babbitt nem o ruido do trafico de Main Street, mas o ruido da propria civilização americana, feito de mil sons dispaes que se transformam num ruido só, surdo e monotono como é o barulho de uma grande metropole percebido á distancia.

O lar de Babbitt é o espelho fiel dos innumeraveis lares em que familias eguaes a delle escutam cada noite os mesmos numeros de radio, cercadas de mobilia do mesmo padrão e vestidas das mesmas roupas feitas, tudo barato pelo preço, tudo *good value*, em que as opiniões politicas dos velhos patriotas são inspiradas nos mesmos editoriaes da imprensa e os *jokes* dos gaiatos familiares provêm dos mesmos supplementos comicos, em que as receitas das donas de casa são copiadas das mesmas revistas, em que não é possivel ler nada que não seja tirado aos milhões, em que as compras são feitas sob a pressão diluviana dos mesmos annuncios, em que toda a juventude se reflecte embevecida nos traços de uma meia duzia de artistas de cinema, homens e mulheres, cuja popularidade dura poucos annos.

Foi um desses lares, ondeando ao influxo dos mesmos sentimentos como um campo de trigo á passagem do vento, que Sinclair Lewis deu ao mundo em *Babbitt* e já dera a seu paiz em *Main Street* outro titulo que pegou como sarampo desde que appareceu o romance. *Main Street* é mais do que a avenida principal que existe realmente, e com esse mesmo nome, em milhares de cidades e villas. E' qualquer uma em todas as cidades do *middle-west*.

A carencia de cultura individual é o calcanhar de Achilles da civilização americana. Nelle se embrenharam as flechas do romancista. E

Sinclair Lewis caçou a uniformidade na zona, mais assolada pelo mal, que é o *middle-west*.

Fechou os olhos aos pontos luminosos do horizonte do seu paiz, á intellectualidade da Nova-Inglaterra, á aristocracia das antigas provincias escravocratas, ao espirito aventureiro dos caçadores de ouro da California. Viu só o imenso céu plumbeo da parte povoada pela escoria das outras zonas, pela força bruta e resignada dos camponios sem imaginação que prosperaram também nessa terra de promessa.

E Babbitt, em que seus compatriotas de elite não se quizeram reconhecer, foi por elles logo consagrado como o homem do *middle-west*. Mas, quando seu nome atravessou as fronteiras, os americanos não puderam impedir que, aos olhos do mundo assestados de longe, escapassem as diferenças internas e que Babbitt ficasse para outros povos o prototypo do americano. O premio Nobel de Sinclair Lewis foi até certo ponto uma derrota do homem americano. Houve bastante riso amarello no regosijo patriótico.

Houve também muita critica justificada. Na Inglaterra, que já o lia, a recompensa outorgada a Sinclair Lewis causou surpresa. Na opinião dos leitores, Babbitt, o melhor romance do autor, não era um grande romance. Á muita gente occorreu a hypothese de que a sorte favorecera Lewis no momento em que a comissão de Stockholmo sentiu que havia demorado demais em conceder ao novo mundo o premio Nobel e dirigiu as vistas para os escriptores da primeira linha no maior paiz da America.

Estes dois livros novos, o delle e o de Galsworthy, não deixam de dar razão á attitudo muito diversa com que foi recebida, faz poucos annos a escolha destes dois Nobelistas successivos. Litterariamente esses *Short-Stories* de Lewis vêm fortalecer o juizo daquelles que negam sua superioridade sobre uma meia duzia de escriptores americanos, homens e mulheres. Moralmente dão razão áquelles que não encontraram em sua obra aquella tendencia idealista que é um dos requisitos para o premio; confirmam pelo contrario a tendencia commercial que faz de Lewis um bom americano e um mau artista.

A Galsworthy ninguem negará duas qualidades essenciaes do artista, a paciencia e a sinceridade. Lewis, com logica de *businessman*, está trabalhando depressa para publicar muito. Em 1935, alem de uma grande collaboração esparsa, augmentou sua bagagem litteraria com este volume de contos e com seu decimo quinto romance.

Ainda no terreno do idealismo, Galsworthy leva a vantagem de ter pintado seu paiz com amor, enquanto o americano não deixa vislumbrear nenhuma esperanca optimista de redempção. Emfim, o premio Nobel tem tido por principio coroar uma vida e recompensar o amadure-

cer meritorio de um artista, tanto quanto seu talento natural. Em Galsworthy, que evidentemente não é um genio creador como Dickens, o talento, de florescencia um pouco tardia, é daquelles em que as obras da idade madura deixaram muito atraz as do jovem romancista que elle foi, dotado de uma imaginação fertil e de uma imensa capacidade de esforço.

Ao contrario dos *Short-Stories*, de Sinclair Lewis, em que o conto mais recente, — humorista de intenção e deploravel de effeito, — é o peor da collectanea, os fragmentos de *Forsytes*, *Pendyces* and *Others* mostram, pelas datas que trazem, o progredir constante que punctuou o trabalho de Galsworthy. Nesse sentido poucos dos escriptores eleitos até hoje pelo tribunal de Stockholmo terão merecido mais do que elle o premio fastigioso que, coincidindo quasi com a sua morte, só chegou a tempo de lhe engrinaldar a fama.

CAROLINA NABUCO

Justo Pastor Benitez — Algunos Aspectos de la Literatura Paraguaya. — Rio.

Trata-se de uma dissertação lida na Academia Brasileira de Lettras. Apesar disso, não se observa no trabalho do illustre diplomata paraguayo nenhum impulso de pedantismo, nenhum ar sentencioso de quem dá lições graves ou cataloga sisudamente um grupo de mortos inexpressivos. O sr. Pastor Benitez, orador fulgurante e um homem de lettras que domina realmente o mundo dos livros classicos ou modernos, discorre com profundeza, ao mesmo tempo que com amenidade, sobre todos os productores de pensamento ou creadores de belleza da sua linda região. Falou delles como de amigos do seu espirito, do espirito do seu povo, retratando-os em coloridos vivazes, e em tudo isso ha uma intensidade de boa palestra que não exclue a precisão e vigor da bella critica definidora.

Bandeira Duarte — Falta de Assumpto — Rio.

Tratando de livro anterior desse joven patricio, tivemos ensejo de accentuar os seus naturaes attributos de urdidor de dialogos, de observador para o qual tudo assume instinctivamente fórma theatral. E este seu novo producto vem dar-nos razão, reafirmando-lhe as qualidades de manejador de personagens que, levadas ao palco, immediatamente conseguiriam divulgação por todo o paiz. Suggestivo é o recorte scenico de tudo quanto escreve o sr. Bandeira Duarte, não lhe faltando, nas situações essenciaes, aquella economia de estylo sem a qual ninguem se apodera da attenção das platéas.

Paulo José Pires Brandão — Vultos do meu caminho — Rio.

Neto do grande Ferreira Vianna, que foi um jurista e um epigrammista igualmente notavel, o sr. Paulo José Brandão como que nasceu memorialista, aprovisionando-se desde a infancia para o trabalho que vem de lançar. De facto, menino ou adolescente, teve elle oportunidade de vêr e ouvir figuras das mais typicas do nosso mundo intellectual, politicos, litteratos, scientistas de repercussão na memoria de quantos estudem o Brasil da vespera. Altamente suggestivas neste delicioso volume de reminiscencias, escripto com simplicidade crystalina, as paginas consagradas a Capistrano de Abreu, ao conselheiro Lafayette ou ao pittoresco "mordedor" Rocha Alazão. As anedotas esfusiam, não faltam os lances comicos, mas uma subtil philosophia humana se vae insinuando através de tudo, a infundir a estes curiosos pedaços de biographias o valor de um genuino documento historico.

TENTATIVA DE UM PANORAMA

(A proposito de «Fôrma e Exegese»)

Os que, olhando apenas para os ultimos successos litterarios, consideram que a nossa actual litteratura mais uma vez está em processus de violenta decomposição, sem duvida alguma exaggeram. E exaggeram por isso que esquecem que o que importa realmente na visão que se tem da litteratura de uma epoca são os expoentes, os livros que conseguem ficar, e não a serie de pequenos ensaios naufragados ou de successos ruidosos que não se justificam.

Ora, nesse ultimos tres annos — ao par de todo o desequilibrio produzido por uma serie de razões que não é aqui o momento de analysar e de toda uma serie de tentativas que por não terem sido inteiramente bem succedidas não deixam por isso de offerecer grande interesse (por exemplo essa ultima do Snr. Cornelio Penna: *Fronteira* sobre cujo inequivoco valor ainda espero ter occasião de insistir) — pelo menos seis livros devem ser considerados como de excepcional qualidade. Proximos a elles, no nosso movimento modernista — tão rico, tão interessante pelas personalidades reveladas — creio que só a obra de Manoel Bandeira. E mesmo os livros de importancia que succederam imediatamente ao movimento modernista, como *A Bagaceira*, *Sob o Olhar Malicioso dos Tropicós* ou *Oscarina*, não tem para nós tanto interesse, dado o facto de não terem tido dia-seguinte, de nenhuma especie ainda no caso do Snr. Barreto Filho, de modo não-inteiramente satisfatorio no do Snr. Marques Rebello (*Tres Caminhos*, onde não ha progresso sobre *Oscarina*) e de modo desencorajador no caso do Snr. José Americo de Almeida (*Coiteiros* e *O Boqueirão*, que não se comprehende como foram escriptos pelo autor de *A Bagaceira*).

Essez seis livros a que me refiro, por mais que isso scandalize aos que acham que a nossa actual litteratura de ficção é essencialmente uma litteratura de romances — e de romances de caracter testemunhal, regional ou social — são tres livros de poesias e tres romances, exactamente como se a preocupação tivesse sido de não sacrificar mais a uns do que a outros, de não discordar dos que caem no extremo de achar que tudo que se faz actualmente de bom é romance em opposição ao modernismo (onde a predominancia da poesia e do conto é nitida) para cahir no extremo opposto e recuar em bloco todos os nossos romancistas. Tal seria o erro que negaria ou collocaria em plano secundario poetas como Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes e Vinicius de Moraes para poder accentuar a actual predominancia de romancistas. Ou o erro de renegar ou diminuir as forças de romance que são Amando Fontes, Mario Peixoto e Lucio Cardoso para só olhar para o movimento de renascimento poetico post-modernista.

Pois taes são os autores dos livros a que me referi: *Corumbas* de Amando Fontes, *O Inutil de Cada Um* de Mario Peixoto, *Salgueiro* de Lucio Cardoso, *Canto da Noite* de Augusto Frederico Schmidt, *Tempo e Eternidade* de Murilo Mendes e Jorge de Lima (a parte deste ultimo não me parecendo da altura da de Murilo Mendes mas isso não importando na consideração total do livro), e finalmente *Fôrma e Exegese* de Vinicius de Moraes, o ultimo em data de apparecimento, e tão importante por si que me levou a não incluir entre esses livros de maior relevo, o volume de estréa do mesmo poeta: *O Caminho para a Distancia* que normalmente deveria estar ao lado dos demais livros citados.

São livros realmente notaveis, livros que ultrapassam de muito os resultados que costumam nos apresentar, que rompem mesmo de certo modo com os moldes habituaes em que é vasada a nossa ainda bem pobre litteratura de ficção. E seus autores, pelo vulto que já teem, pela importancia de suas obras, vão se ligar, por sobre o marasmo dos primeiros vinte annos desse seculo, e por sobre as hesitações intelligentes e os passos em falso do modernismo, aos classicos de interesse da nossa litteratura, a um Machado de Assis, a um Castro Alves, a um Alvares de Azevedo (sem que isso implique aqui intenção de estabelecer comparações).

A salientar desde logo que, no caso dos tres romancistas citados, o que mais importa são os romancistas e não os romances em si. Pois, mesmo sendo romances de inequivoca qualidade, o que nelles é maior é o romancista que se revela. Isso não implica critica alguma. Mas me parece innegável que o que ha de maior em *Os Corumbas*, *O Inutil de Cada Um* e *Salgueiro* são os autores, respectivamente de *Rua do Siriri*, *Sonho sobre a Areia* e *A Luz no Sub-Solo*. Em qualquer dos tres romances apparecidos a força que se revela é maior ainda do que a fôrma que teve de tomar. Os autores de romances não conseguem esconder os romancistas em gestação.

Já se collocam de modo bem diferente as relações entre os poetas e suas obras, nos casos que consideramos. Pois se, em relação aos romancistas, suas obras jem si não representam absolutamente a totalidade da força que trazem ou que parecem trazer consigo, os tres poetas de que falamos podem ser julgados perfeitamente — e unicamente — pelas suas ultimas obras, estando todo inteiros nellas, podendo mesmo cessar a sua producção sem que seja necessario mais nada para a comprehensão total da figura de cada poeta. Isso que é evidente em relação a Augusto Frederico Schmidt (que não precisa escrever mais nada — o que não quer dizer que não possa ou deva) vale tambem para Murilo

MAUROIS E OS INGLEZES

Magiciens et Logiciens — Grasset — Paris — 1935

Um novo livro de Maurois sobre ingleses, isto é, um novo livro da melhor maneira de Maurois. A Inglaterra, a fria e phlegmatica Inglaterra, actúa positivamente como um excitante cerebral sobre esse judeu francez. Ha entre elles uma attracção especial, uma affinidade mysteriosa.

Maurois deve ter marcado com uma pedra branca o dia em que, durante a guerra, foi designado para servir como agente de ligação junto ao commando britânico. Sem isso, sem esse contacto intimo com os ingleses, seria apenas um divulgador agradavel, que uma vez numa hora de felicidade, tivesse composto *Climats*, o unico dos seus romances que se pode ler. Mas depois que descobriu a Inglaterra, tornou-se um escriptor interessante. Pode-se classificar os seus livros entre os productos, não forçosamente ingleses pela fabricação, mas determinados pelo genio inglez, pela concepção ingleza da vida, como o whisky, o humour, o molho inglez e o sport.

Aliás elle proprio reconhece, embora veladamente, tudo o que deve a Lytton Strachey, o modelo que seguiu nos seus trabalhos de maior exito — as biographias.

Magiciens et logiciens, sendo dedicado a ingleses, é um bom livro. Encerra uma serie de estudos sobre Wells, Shaw, Chesterton, Huxley, Strachey, — os *logiciens* — Kipling, Conrad, Katherine Mansfield, Lawrence, — os *magiciens*.

Alguns são esplendidos. Sobretudo o perfil de Conrad, esse marinheiro polaco que se revelou de repente grande escriptor inglez. O capitão de longo curso Korzeniowski adquiriu, nas suas viagens, uma concepção heroica do dever, uma comprehensão quasi mystica da disciplina, que lhe abriram a alma ingleza e lhe tornaram impossivel, embora se exprimisse melhor em francez do que em inglez — para não falar da sua lingua materna — escrever senão em inglez. E assim nasceu o romancista Conrad. Interessante, esse accordo intimo entre a ideia e a ex-

Mendes e mesmo para Vinicius de Moraes que, dos tres, é o que parece mais longe ainda de ter dito a sua ultima palavra. Ao contrario mesmo, os que conhecem as novas orientações de sua poesia sabem quanto o nosso meio ainda tem a esperar do autor do extraordinario poema que é *Aliança*, *A Mulher* ou da visão poetica que *A Face do Anjo* certamente nos trará um dia.

De qualquer modo porem, e em qualquer dos tres livros de que falamos, existe um poeta completo, um poeta que como corôa nelle toda uma obra anterior e um poeta de uma qualidade absolutamente excepcional. Do mais recente de todos, *Forma e Exegese*, occupar-nos-emos no proximo artigo, que será como que a continuação deste.

OCTAVIO DE FARIA

pressão.

E que figura attrahente a desse homem de uma probidade completa, desse pessimista para quem o mundo repousava sobre "algumas ideias muito simples e muito antigas, como a da fidelidade".

Outra figura bem traçada é a de Kipling, o "poeta do Imperio Britannico", que Maurois demonstra não caber dentro dessa definição, estudando o aspecto humano — lembremo-nos de *Kim*, de *Mowgli*, de *Puck of Pook's Hill* — o universal de uma obra.

Cousa curiosa, diz-nos Maurois que, justamente por ser tido como o cantor do Imperio, e por ter, portanto, ligado a sua obra á organização politica da Grã-Bretanha é combatido e negado na Inglaterra.

Wells e G. B. Shaw, os dois profissionaes do espirito subversivo, são tratados com muita vivacidade. Descontente com o mundo, Wells, que, filho de uma creada de quarto, se instruiu, desde cedo, pelas conversas ouvidas na copa, das fraquezas e dos ridiculos da sociedade, tenta utopicamente reconstruil-a e multiplica os livros phantasticos ou propheticos. Maurois fala por alto, sem lhes dar maior importancia, dos seus romances biographicos, como *Kipps*, que me parecem a parte mais humana da sua obra.

Shaw representa, na Inglaterra, um povo vencido e orgulhoso — o Irlandez — que despreza o vencedor. Sob todos os seus paradoxos transparece uma vontade cruel de destruir, de desmoralizar, uma absoluta descrença nos sentimentos nobres, dos quaes se percebe o aspecto convencional.

Mais biographicos do que criticos os estudos sobre Lawrence e Katherine Mansfield. Lytton Strachey, o mestre de Maurois, inspirou-lhe paginas de uma admiração merecida. Esse homem que só escreveu tres livros, de uma arte subtil e hesitante, que foi o maior inimigo da eloquencia, do lugar commum, do brilho verbal, renovou a biographia, fez della alguma coisa de artistico e claro.

Parecem menos penetrantes — mais inconclusivos — os estudos sobre Huxley e Chesterton.

A força corrosiva das disseccções do primeiro, a força constructiva do bom-senso original aparentemente malabarista do segundo, a maneira nova por que ambos apreciam a vida, cada um a seu modo, não foram analysadas por Maurois.

E' verdade que, para falar bem de Huxley e Chesterton, esses dois espiritos de uma lucidez que num attinge ás raias do cynismo e no outro se faz vertiginosa, seria preciso ser Huxley e Chesterton...

LUCIA MIGUEL PEREIRA

O Mundo de Jubiabá

"Jorge Amado vem revelar ao Brasil um mundo desconhecido", diz Edison Carneiro, referindo-se ao autor de *Cacau*.

Este conceito se reafirma agora, com a publicação do *Jubiabá*. Um mundo desconhecido. Esta é, realmente, a sensação que o leitor experimenta, á proporção que vae penetrando nessas paginas maravilhosas povoadas de emoções, de soffrimento e de poesia.

Um mundo muito grande, muito humano, muito verdadeiro.

Elle começa no morro do Capa Negro, se estende pelas ruas tortuosas da cidade do pae-de-santo Jubiabá e entra pelo mar a dentro, procurando as terras do Sem-Fim. Um mundo que não tem idade e que não tem fronteiras. Um mundo que viajou nas caravellas de 1500, que veiu, depois, da Africa, nos porões dos navios negreiros, que soffre á sombra aterradora do Vaticano, que toma oleo de ricino nos campos de concentração da Allemanha hitlerista, que se ensanguentou nas senzalas e nos quilombos do Brasil-colônia.

É nesse mundo sem limites que os personagens de *Jubiabá* se agitam. Quasi todos se movem sem direcção definida, a esmo, procurando um caminho. Ficam se perdendo pelos atalhos porque é o sexo quem os dirige. Têm a simplicidade ingenua de Antonio Balduino, o seu sensualismo e o seu mysticismo, que é também, em resumo, uma forma de ser sensual. Nesse mundo estão as melheres faceis e os homens fortes. Lá por cima, não se sabe bem onde, estão os santos mysteriosos que vieram da Africa e se misturaram com os outros santos que vieram de Roma. Cá na terra, estão diante dos homens a musica, o mar e a cachaça. Tres coisas com que elles se embriagam. Temem os santos, amam a musica, adoram

a cachaça e respeitam o mar. O mar é mesmo mais respeitado do que os santos. É mais mysterioso na sua immensidade. Os santos ainda descem nas macumbas, se apossam de corpos conhecidos, dansam as suas dansas familiares e falam a lingua dos seus avós, que Jubiabá comprehende. O mar, porém, não se deixa decifrar. Conserva o seu segredo para attrair a curiosidade dos que o desejam e o temem. Será ali que está o caminho?

Antonio Balduino não decifra. Mas, embora não saiba, não póde ficar parado. Uma força desconhecida o empurra sempre para a frente — e elle fica procurando, sem saber o que. Em torno delle ha homens que soffrem, ha mulheres que enlouquecem, ha meninos que têm fome. Elle não percebe nada. Procura um caminho para si, um caminho que o leva para um lugar que elle não sabe onde fica. Mas, ás vezes, Antonio Balduino também soffre. Soffre bestamente, procurando um motivo que não encontra. Será que o olho da piedade está fechado? O amor de Rosenda Rosedá não lhe chega e as cordas do seu violão camarada não dizem tudo o que elle quizera ouvir. Ha coisas que mesmo o pae-de santo Jubiabá não sabe para lhe dizer. Os seus musculos fortes não lhe são sufficientes para abrir todos os caminhos. Será que elle soffre porque Lindinalva está lá em cima, muito no alto, inatingivel para elle? Ninguém, no mundo em que elle vive, sabe bastante para lhe explicar esses mysterios que o atormentam. Balduino desembesta pelo mundo, que começa no morro do Capa Negro, e fica peregrinando atôa, procurando um caminho.

Mas Lindinalva, que estava lá em cima, lá no alto, inatingivel, vem descendo, descendo, até ficar mas baixo do que Antonio Balduino

Então é que o negro sente que existe alguma coisa mais alta do que a altura que Lindinalva deixou. Ha um menino que precisa comer. Só então elle deixa que o trabalho entre na sua vida. Si não fôsse o menino, elle entraria pelo mar, pela grande estrada que leva a todos os lugares. Mas o trabalho é um mestre melhor. O negro vê que ha outros meninos com fome, que ha outros homens que soffrem mais do que elle. A greve acaba o que o trabalho começou. Severino diz que ella é como um collar de contas e Balduino não deseja que o collar se quebre mais. Balduino mudou. Mudou tanto que comprehende o adeus do marinheiro Hans, que, com um gesto, lhe ensina afinal o caminho, aquelle caminho que Jubiabá não soube nunca lhe ensinar.

E' na viagem por esse mundo maravilhoso que Jorge Amado serve de guia, com o seu romance *Jubiabá*. Guia extraordinario, que sabe communicar a essa viagem um sentido universal, todo, elle extrahido da sua grande sensibilidade, que comprehende miraculosamente, tudo que ha nelle de humano. Elle sabe dar ás suas paginas uma grande força poetica e um tom velado de surdina, que ficarão sempre afinados, onde quer que haja miseria, onde quer que homens curvados para o chão, mas que ainda não desanimaram de um dia erguer as cabeças, afim de olhar o sol que illuminará a estrada aberta aos seus passos decididos.

Jorge Amado sabe ser um bom guia.

Elle, como o marinheiro Hans, conhece todos os caminhos do céu. E os homens que desceu do morro do Capa Negro precisam apenas conhecer o caminho da terra.

DIAS DA COSTA

NOTICIA DOS LIVROS

Há muito tempo que não escrevo para o "Boletim de Ariel". A critica litteraria requer um certo estado de espirito, que difficilmente se consegue em Portugal e que pessoalmente não tenho encontrado durante todo este anno. Num paiz em que a critica não é, como em França, uma profissão compensadoramente remunerada e exercida por especialistas, é preciso uma certa abnegação para que o escriptor a ella se dedique. Sobretudo numa terra em que os homens de letras, acostumados ao simples louvor, tomam como offensa pessoal a menor observação. Quem quizer fazer carreira litteraria entre nós deve, mesmo, abster-se, prudentemente, de emitir juizos sobre os confrades. O elogio feito a um delles pode ferir a vaidade e provocar o despeito de todos os outros. E' preciso lembrarmo-nos de que Portugal é um paiz muito pequeno e de vida litteraria difficilima, uma gaiola de grilos em que nos comemos uns aos outros por não cabermos todos dentro della. O exito de um representa, sempre, para outro, um prejuizo material, dada a falta de lugares nos jornaes e a limitada capacidade editorial dos nossos livreiros.

Não é por estas razões que me afasto, cada vez mais, de toda a actividade critica. A verdade é que vae diminuindo o meu antigo interesse pelo pensamento dos outros, no desejo egoista, mas natural, de exprimir a minha ideia da Vida e a minha visão do Mundo. Quando se é novo, ou ainda não se possui uma experiencia directa das coisas, ou ainda não se dá importancia á experiencia pessoal. Mas com o tempo attingido, na melhor das hypotheses, o meio caminho da vida, começamos a pensar que o que importa é contar o que sentimos. Dahi o facto, tantas vezes verificado, dos escriptores começarem pela critica e acabarem no romance. Talvez a maturidade seja necessaria ao critico, para que os seus juizos sejam serenos. Talvez. Mas é na mocidade que se encontra aquelle sentimento generoso que faz com que um homem se dedique a explicar as obras dos outros. O critico de certa idade será mais desapaixonado, mas falta-lhe o entusiasmo. E eu sempre encarei a critica como uma maneira de exaltar a belleza duma obra e o talento dum escriptor. Emfim, a critica era, para mim, uma maneira de me dedicar, de servir os outros. E hoje não tenho já a mesma abnegação. Nem a antiga disponibilidade de espirito de quem julgava ter muito tempo para escrever a sua obra.

Preciso esclarecer que, apesar do que fica dito, não diminui ainda o meu entusiasmo pela litteratura brasileira. Ella offerece hoje um interesse humano tão intenso e profundo que, mais do que arte, parece a propria vida. Refiro-me, sobretudo, apesar da minha preferencia sentimental por São Paulo, aos livros dos escriptores

bahianos e nordestinos, que nem sempre elles me enviam mas que sempre procuro lêr. Ponho de parte, muitas vezes, os livros bem feitos dos escriptores francezes, para lêr obras como *Maleita*, de Lucio Cardoso, *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, *Calunga*, de Jorge de Lima, ou *Jubiabá*, de Jorge Amado. Estou convencido que só da litteratura russa e da moderna litteratura norte-americana se erguem hoje gritos de tanta humanidade. Se não falo mais vezes, em Portugal, desses escriptores é só porque a vida não mo permite.

Por tudo quanto disse, não farei para o "Boletim de Ariel" a critica dos livros portuguezes. Mas posso dar uma breve noticia delles. E é isso que passo a fazer.

Fidelino de Figueiredo juntou ao seu optimo ensaio *As duas Espanhas* um novo volume de estudos espanistas. "*Pyrene*". Aquilino Ribeiro accrescentou ao seu jornal *E a guerra*, as impressões colhidas na "*Allemanha ensanguentada*", João de Barros reuniu alguns ensaios em volume intitulado *Patria esquecida*, a patria do espirito que está acima das nações. José Bacelar publicou *Revisão*, anotações á margem da vida quotidiana. Joaquim Paço d'Arcos juntou ao seu quasi romance *Heróe derradeiro* uma serie de narrativas, *Amores e viagens de Pedro Manoel*. Hipólito Raposo publicou um livro de contos, *Areias de Portugal*, que fica bem ao lado da sua outra obra inspirada pela terra portugueza de Angola *Ana a kalunga*. As colonias continuam a inspirar livros mais ou menos felizes. Estão prestes a sair do prelo tres volumes um dos quaes, *Aventuras de caça*, obra dum homem de acção com talento litterario: Antonio de Aguiar. Os outros dois ainda constituem maior novidade porque são devidos a penas femininos. Um delles, *Feitiços*, revela um authentic talento de contista: Guilhermina de Azeredo. O outro, *Africa selvagem*, reúne contos do folclore angolano e é assignado por Maria Archer. As mulheres de letras desenvolvem, aliás, grande actividade em Portugal, talvez mais, mesmo, que os homens. Da producção feminina é justo destacar o romance, ou melhor, a novella *Para além do amor*, de Maria Lamas, que sai fóra do circulo estreito das preocupações egoistas e futeis da maioria das nossas mulheres. Fernanda de Castro, por sua vez, publicou mais um volume de versos, *Daquém e dalém alma*, em que não canta só, como, em geral, as outras poetisas, as alegrias ou os desgostos de amor. Dois poetas lyricos deram já, esta epoca, os seus concertos de música de camara. Um delles, Carlos Lobo de Oliveira, viveu no Brasil e publicou ahi o seu *Roteiro das Saudades*, cantico dum

nacionalista. Agora publica o seu livro de catholico, *Alegria do Céu, Poema da Santidade*. O outro poeta, Carlos Queiroz, faz a sua estreia com um livro, *Desaparecido*, que é a revelação duma sensibilidade. Um poeta que é também critico de valor, Adolfo Casais Monteiro, publicou um pequeno volume sobre *A poesia de Ribeiro Couto*, o que demonstra que a litteratura vae interessando outros espiritos além dos luso-brasileiros. Uma poesia do Brasil, Cecilia Meirelles, que não vejo, com espanto, incluída na anthologia organizada por D. Milano, viu publicada aqui, numa linda edição, a sua interessantissima conferencia, *Batuque, samba e macumba*. Um escriptor brasileiro que a diplomacia felizmente atirou para Portugal, escolheu o nosso paiz para o seu regresso às letras. Refiro-me a Teixeira Soares, que acaba de publicar um romance intitulado *Magica*. Um romancista historico, Arnaldo Gama, acaba de ressurgir dum injusto esquecimento graças á edição popular de todas as suas obras. Um lyrico da prosa, Manoel de Figueiredo, vae publicar o seu livro *A monja e o rouxinol*, inspirado nos romances poeticos da tradição popular. João de Castro Osório parece decidido a dar a publico a sua obra lyrica, agora revelada pela revista *Presença*. A esta "fôlha de arte e critica" veio juntar-se uma nova revista de vanguarda, *Sudoeste*, cadernos dirigidos por José de Almada Negreiros. Dois poetas de Cabo Verde, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, vão dar-nos, o primeiro, *Arquipelago*, e o segundo, *Momentos*, dois livros de versos sobre o drama e a alma das "ilhas crioulas". Um philólogo que se fez romancista — miraculosa transformação! — vae dar-nos, enfim!, o romance de Cabo Verde. Chama-se o miraculado Baltazar Lopes da Silva, e o romance *Expansão*.

Creio ter dado conta de tudo quanto anda por ahi nas livrarias ou está prestes a apparecer. Mas antes de terminar esta noticia quero fazer notar, numa revista brasileira, uma grande injustiça commetida pelo Brasil. Morreu há mezes uma das maiores escriptoras portuguezas: Anna de Castro Osório, que só ao Brasil consagrou tres obras: o romance *Mundo novo*, um volume de conferencias, *Viagens aventurosas de Felicio e Felisarda ao Brasil*. Pois o silencio das revistas e da imprensa do Brasil foi quasi geral. Valeu a pena essa escriptora ter lutado incançavelmente pela aproximação dos dois povos!

OSÓRIO DE OLIVEIRA

Sebastião Fernandes — Galarim — Rio.

O sr. Sebastião Fernandes tem sido premiado em innumeros concursos litterarios nossos, e de uma feita em resultado da opinião de Ronald de Carvalho e de Tristão de Athayde. Contista, memorialista e critico, sabe entretecer amaveis paginas em que resurgem escriptores de alta signi-

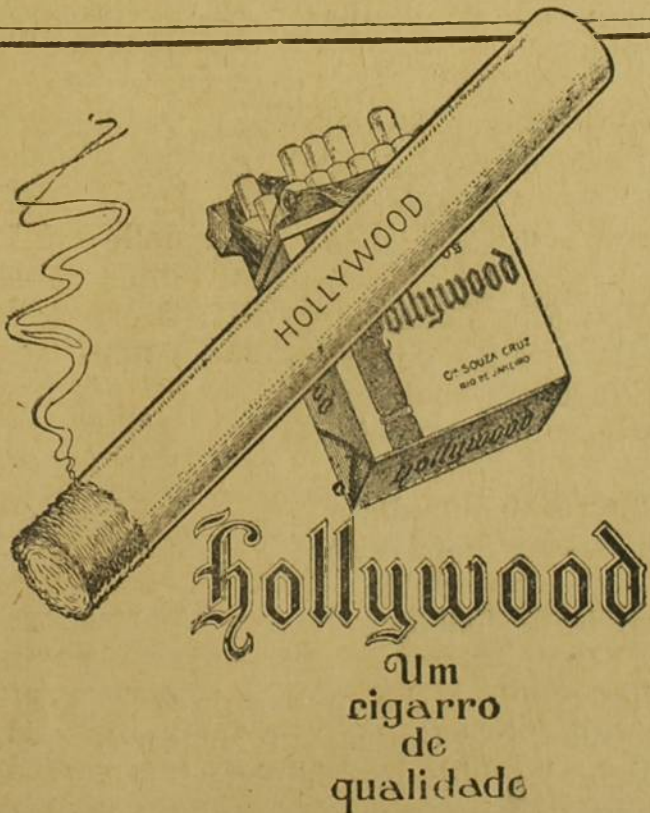
ficação nas letras nacionaes. Assim ao reviver, no presente volume, personalidades significativas como Carlos de Laet, Luiz Delphino, Mucio Teixeira. Attraído pelo que havia de singular em Laet, ao mesmo tempo um humanista dos mais serenos e um epigrammista temivel que parecia converter a agua-benta dos templos em vitriolo mortal, o sr. Sebastião Fernandes reanima essa sombra gloriosa e, ao ler-lhe os finos conceitos, não podemos deixar de deplorar sinceramente que os melhores artigos do grande pamphletario catholico continuem dispersos em tantos jornaes carlocas, sem mão filial ou amiga que os reuna em collectaneas duradouras.

Origenes Lessa — O Sonho de Prequeté — São Paulo.

E' uma novella infantil com interessantes illustrações de Livio. O sr. Origenes Lessa, que já nos contou engenhosamente as suas memorias de prisioneiro na Ilha Grande, volta-se agora para os leitores lilliputianos e as aventuras de Prequeté vieram no momento adequado, por isso que vieram em vespas de Natal. Accentue-se que a sua linguagem é das mais simples e não fatigará a attenção de nenhum garoto. Visivelmente teve o autor a preocupação de afastar do livro qualquer vocabulo que puzesse os fedelhos perplexos ou os levasse a atrapalhar a vida paterna com a elucidação de qualquer termo rebarbativo, como no conto inolvidavel do grande Arthur Azevedo.

Collemar Natal e Silva — Historia de Goyaz — Mundo Medico — Rio.

O Conde de Affonso Celso e o Barão de Ramiz Galvão elogiaram bastante esse livro, de um pesquisador que sabe mil coisas a proposito da terra e da gente goyanas e ignora a vaidade exhibicionista de quantos nos aggridem com um cartapacio somnifero, certos de que vão substituir sem demora Varnhagen e Capistrano. Prosaico que seja ás vezes, pela necessidade de arrolar pormenores estrictamente politicos ou economicos da bella região central, o sr Collemar não deixou de trazer, com os seus dois volumes, contribuição efficiente ao estudo de uma zona que foi sempre admiração e enlevo do nosso saudoso Henrique Silva.



* CIA. SOUZA CRUZ *

«O Folk-Lore Negro do Brasil»

O sr. Arthur Ramos continúa a publicação da sua série de estudos sobre o negro, com este volume sobre *O folk-lore negro do Brasil*. Para quem sabe, por experiencia, das difficuldades, ás vezes insuperaveis, com que o estudioso tem de lutar, a realização deste livro significa qualquer coisa de sério, de util, de louvavel. Onde a documentação, onde a materia prima para estudo? A gente, ás vezes, tem até de chegar ao cumulo de citar o sr. Gustavo Barroso... Felizmente, o proprio sr. Arthur Ramos considera *O folk-lore negro do Brasil* um livro "introductorio" apenas. De-facto, neste livro não está todo o folk-lore negro, nem poderia estar. Faltam coisas, ha alguns erros, alguns esquecimentos.

O sr. Arthur Ramos, falando do auto dos Congos, reproduz um trecho de Mario de Andrade, mas se esqueceu de anotar, como viva até bem pouco tempo, na Bahia, a tradição do Imperador do Divino. Este Imperador (Mario de Andrade também não tem noticia da coroação de escravos) era um garôto de raça branca. A coroação se fazia annualmente, no domingo do Espirito Santo. O Imperador do Divino, seguido da sua côrte, dirigia-se, logo após a coroação, á Casa de Detenção do Estado, onde libertava alguns presos, naturalmente gente já escolhida de antemão. Ainda no centenário da Independencia da Bahia (1923) se repetiu a cerimonia, hoje esquecida já.

No capitulo dedicado aos autos e festas populares, o sr. Arthur Ramos reproduz duas quadras em louvor de São Benedicto, parece que as unicas de que se lembra. Posso fornecer-lhe mais três:

Que santo é aquelle
que vem na canôa?
E' São Benedicto
que vem de Lishôa.

Meu São Benedicto,
elle é santo de negro.
Elle toma cachaca,
elle ronca no peito.

Meu São Benedicto
não tem mais corôa.
Tem uma toalha
vinda de Lishôa.

Estas quadras, ha uns quinze annos, eram universalmente cantadas em Nazareth (reconca-vo da Bahia) e cidades visinhas.

Ainda nesse mesmo capitulo, o sr. Arthur Ramos, falando dos clubs carnavalescos de negros onde as sobrevivencias totemicas são bas-

tante visiveis, esqueceu, imperdoavelmente, os *afoxés*, ranchos negros typicos da Bahia, — o candomblé fazendo o carnaval, — de dansas de forte character religioso-fetichista. De um desses afoxés, consegui obter o seguinte trecho de cantic:

... afoxé l'ôni,
ê afoxé,
afoxé l'ôni ô...

Como se verá, ha aqui apenas duas palavras, — *afoxé*, que é o proprio rancho, e *l'ôni*, a agua. (O *afoxé* em questão era dedicado a Yêmanjá, a mãe-dagua). O resto — *ê, ô*, — é simples recurso verbal, reclamado pela propria musica.

Do que o sr. Arthur Ramos não annotou como negro (ou de forte influencia negra), destaco o seguinte:

O sr. Arthur Ramos, apoiado em Alfredo Sarmiento, fala no *batuque* africano, mas não notou a semelhança, melhor, a identidade do mesmo com o *samba* ou *samba batido* (fôrma regional do *batuque* na Bahia). Poucas paginas adiante (pg. 140), o sr. Arthur Ramos reproduz a descripção um tanto differente de Luciano Gallet, mas não *situou o samba* na Bahia. A descripção de Alfredo Sarmiento (pg. 135) vale para essa fôrma de *batuque*. Apenas, aqui também se cantam quadras, ou mesmo cantigas inteiras, acompanhadas do côro (todos os da *roda*), ou, mais commumente, apenas uma phrase, acompanhada de côro, repetida indefinidamente. Aqui vão alguns exemplos. Emquanto o côro, acompanhado de palmas, canta, a cada verso,

— No cannaviá!,

o cantor, que é ás vezes o proprio individuo que samba (embora a regra seja o contrario), vae dizendo:

Olha a canna madura...
Ella é verde, é madura...
Para fazer "raspadura" ... etc., etc.

Este *samba*, popularissimo na ilha de Itaparica, na zona conhecida geralmente por Mar Grande, trae a recordação, ainda muito forte, do trabalho nos cannaviaes e, consequentemente, nos engenhos do reconcavo da Bahia. Trabalho de negros, trabalho de escravos.

Em outros, o sólo e o côro se repetem invariavelmente os mesmos:

Por mim não, barbulêta!
— Você póde avuá!

ou ainda:

Só não vou pras Candeias
— Só si Deus não quizer!

ou ainda este:

Lá vem o padre
— Pra casar vocês dois!

Será interessante notar, no terceiro destes *sambas*, a intromissão da Senhora das Candeias, objecto de culto semi-fetichista por parte dos negros bahianos.

Os passos principaes do *samba* são o *corta-a-jaca*, o *separa-o-visgo* e o *apanha-o-bago*. No interior, o *samba* se chama ainda, simplesmente, *corta-jaca*.

Outra fôrma de *batuque* (que aliás conserva o nome africano) também existe na Bahia, mas não é mais dança, é luta. Dentro do círculo formado pelos espectadores, dois luctadores disputam, utilizando as pernas apenas. A queda de qualquer dos contendores decide da luta. No reconcavo (Bahia), essa luta existe ainda. O romancista Clovis Amorim, no *Alambique*, (pgs. 160-161), dá uma descrição muito movimentada do *batuque*, na zona entre Cachoeira e Santo Amaro. Na Bahia, o *batuque* desapareceu, naturalmente em consequencia da repressão policial, pois as *rodas* degeneravam quasi sempre em brigas verdadeiras, com pauladas e facadas.

E a *capoeira*? Ao som do *berimbau* e da cantoria monotonica, os negros e os mestiços em geral demonstram a agilidade de que é dono o brasileiro. Os negros, na *capoeira*, luctam aos pares. A *capoeira* se approximaria muito do jiu-jitsu, si não fôsse o caracter marcadamente fetichista da luta. Também a *capoeira*, temida na Bahia (e, a avaliar pela fama dos *capoeiras* no seculo passado, também no Rio de Janeiro), tende a desaparecer, suffocada pela reacção policial e por diversos outros factores, entre os quaes sobressaem os economicos.

O brinquedo infantil do *capitão-do-matto* parece derivado immediatamente do negro. É uma fôrma especial de *picúla*. Eleito o capitão-do-matto, os demais garôtos, negros fugidos, vão se esconder. Dahi a pouco, o capitão-do-matto grita:

— Négo fugido!

Os demais, alarmados, gritam, como para se avisarem mutuamente:

— Capitão-do-matto!

O capitão-do-matto corre atraz dos outros, até pegar algum, que, ao contrario do que seria logico, passa a ser o capitão-do-matto. Haverá

algo, no folk lore negro do Brasil, que lembre mais fortemente a escravidão?

Entre os instrumentos musicaes dos negros, ha dois que merecem especial referencia.

O sr. Arthur Ramos reproduz a descripção de alguns desses instrumentos, encontrados em Angola por Ladislau Batalha (pgs. 151-152). Entretanto, não sei porque não identificou o *humbo com o berimbau*, também chamando *mu-caxixi* (o *x* aqui vale *ch*), instrumento existente na Bahia. Vale a descripção de Ladislau Batalha, si, em vez da "competente corda", se disser, com mais precisão, "arame" (o que, afinal, quasi que vem a dar no mesmo). Este instrumento é principalmente usado para acompanhar os cantores da *capoeira*. Expressão correspondente a "metter-se a biscoito" é a seguinte, commummente empregada na conversação, na Bahia:

— Está pensando que berimbau é gaita?

O agôgô, também, escapa á descripção que delle dá o sr. Arthur Ramos (pg. 149). A palavra, aliás, é corruptela de *akôkô* (relogio, em nagô), "adocicada" no Brasil. Por extensão, *agôgô* significa qualquer instrumento metallico que produza som. Nos candomblés da Bahia, não tenho visto o agôgô tal como o descreve o sr. Arthur Ramos, pois acompanhando o significado lato do termo nagô, até mesmo um pedaço de ferro, percutido por outro menor, tem esse nome.

Na interpretação do folk-lore negro, o sr. Arthur Ramos chega a exaggeros inacreditaveis. Por exemplo, falando das sobrevivencias totemicas no *cyclo do boi*, o sr. Arthur Ramos dá como possivel "elemento predominante" a sobrevivencia do boi Apis... Mas, á simples enunciação do problema, logo veremos que ainda falta algo. E as festas ao boi Apis, de onde nasceram? O boi tem grande parte activa na vida dos povos primitivos, correspondendo á phase da agricultura e do declinio do matriarchado. Dahi a sua divinização. Dahi o grande lugar que elle occupa no folk-lore negro do Brasil. (Quando não é o boi, outro animal qualquer, igualmente util, substitue-o, como na realidade, nas festas populares, no inconsciente colectivo. A terra, mesmo, póde substituí-lo). Explicar as festas do boi pelas festas do boi é cahir numa tautologia que, em vez de resolver, ainda mais complica a questão...

Na interpretação dos contos populares, acho que a melhor coisa sobre o assumpto é a resposta daquelle selvagem baluba a Frobenius, a proposito dos *tushimuni* (pg. 219), mesmo apezar das geniaes considerações de Lévy-Bruhl ácerca da mentalidade *pre-Logica* e das pesquisas de Saintyves, que conheço sómente através do sr. Arthur Ramos.

O MILAGRE DA ARTE

Nem tudo passa na terra. Da mesma fragilidade e inconsistência das obras humanas vem o constante fluxo de vida que as anima.

Ha por isso quem vença a morte e viva no coração dos seculos.

Esse milagre que cinge a frente dos grandes artistas com o halo da immortalidade é o milagre da força demiurgica do pensamento que faz surgir das trevas do nosso universo interior formas e seres, illuminados e eternos. Os artistas completam assim a obra divina, animando com o sôpro do seu sentimento o corpo inerte do marmore, as telas nûas e as folhas brancas do papel.

São elles os heróes vencedores do nosso destino, os que, ultrapassando a condição de entes transitorios, de sombras fallazes no drama do cosmos, nos legam os fructos impereciveis do seu labôr de rebeldes obstinados. No plano da intelligencia creadora, o tempo é uma abstracção, o que foi hontem e o que será amanhã estão hoje presentes em nosso coração.

Por elles vencemos a morte porque nas estatuas, nos quadros, nos livros, esses demiurgos deixam inapagaveis traços da sua

humanidade. Dahi a eloquencia das suas obras, feitas de angustias, ao rythmo sempiterno das desventuras do homem. Por elles e nelles vivemos "in aeternum".

O artista excede o homem naquillo que a sua creação apresenta de maravilhoso e sublime, no seu esforço em prôl da humanidade melhor. Mas, na exaltação que o arrebatava elle não se desprende da sua alma que é também a nossa, e serve-se da mesma como do substractum necessario e imprescindivel á immortalidade dasua obra.

Por isso não perecem as creações do pensamento, argamasadas na angustia humana, nessa angustia que é a maneira de expressão do sentimento rebelde a todas as leis liberticidas. Si o homem não é o sêr naturalmente livre, aspira, quando menos, a sê-lo idealmente.

A Arte consiste portanto numa fuga, talvez insensata mas sempre nobre, á dolorosa condição que nos impõe a natureza pois a obra artistica, reavivando atravez dos tempos, o nosso aneio de liberdade, realiza, subjectivamente embora, o ideal de immortalidade e de incontinencia do nosso sêr. Nisso está o milagre da Arte.

RAUL S. XAVIER

Felizmente, neste *O folk-lore negro no Brasil*, a psychanalyse não conseguiu atrapalhar muito a nudez esplendida da Verdade...

Todo este palavreado anterior me pareceu necessario, no sentido de ampliar e, ás vezes, corrigir as observações do sr. Arthur Ramos. Mas isso não implica numa condemnação summaria do livro. Longe disso! Pelo contrario, tenho o maior prazer em recomendar aos meus possiveis leitores, especialmente áquelles que se dedicam ao estudo do irmão negro (e também a todos os que desejam fazer uma cultura geral), a leitura do *O folk-lore negro do Brasil*, honesto ensaio de conjuncto sobre a porcentagem trazida pelo negro ao inconsciente colectivo da nacionalidade, levado a effeito pelo maior dos discipulos de Nina Rodrigues. — o sr. Arthur Ramos, que é, actualmente, a maior autoridade sobre negros, no Brasil.

EDISON CARNEIRO

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Na certeza de que vimos envidando esforços para realizar o programma de cultura que é o unico escopo do BOLETIM DE ARIEL, esperamos continuar a merecer o apoio daquelles que nos têm prestigiado até esta data e aos quaes pedimos o obsequio de providenciarem afim de que sejam renovadas as suas assignaturas, algumas já em bastante atraso.

Procurando corresponder á gentileza dos nossos assignantes, continuamos a fazer-lhes uma redução de 20 % sobre as edições "Ariel", que sejam adquiridas directamente em nosso escriptorio, e de 10 % sobre as que nos forem encomendadas do interior, ficando a nosso cargo as despesas do respectivo porte.

Léon Legavre — *Le Livre du Corsaire* — L'Eglantine — Bruxellas.

Num mixto de realidade e poesia desenvolve-se a bella ficção de Léon Legavre, cujo talento está manifestamente a depôr em prol do reflorescimento das lettras belgas. Alguma coisa de infantil, de doçura, de ternura infantil, persiste ao fundo dos sonhos do adulto que traçou estas paginas intensas. A verdade circumstante é apenas um pretexto para que o autor se alongue na fantasia, viajando espiritualmente por esses mundos imaginarios sem os quaes os poetas não vivem. Bella é a sua Flandres cheia de egrejas carrilhonantes ou de usinas tumultuosas, mas o direito de vagar por florestas e mares do pensamento é que inspira a este delicado evocador de imagens os seus melhores lances, as suas passagens mais attrahentes.

— Jean Fayard, premio Goncourt de 1931 com o seu romance *Mal d'Amour*, cuja apreciação foi feita aqui mesmo, nesta revista, pela nossa collaboradora Sra. Picard-Loewy, acaba de enriquecer a sua já vultosa bibliographia com mais um romance. *La chasse aux rêves*, que tem tido grande acceitação junto á critica e ao publico francezes.

LEIAM

TRES CAMINHOS

— DE —

MARQUES REBELLO

AUTOR DE

MARAFÁ

Grande Premio de Romance

"MACHADO DE ASSIS"

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Ultimas Edições da *Companhia Editora Nacional*

NOVIDADES LITTERARIAS E REEDIÇÕES

A. J. de Sampaio — Biogeographia Dynamica — Vol. LIII — Série V	
Bibliotheca Pedagogica Brasileira	12\$000
Octavio de Freitas — Doenças Africanas no Brasil — Vol. LI	
Série V — Bibliotheca Pedagogica Brasileira	8\$000
Josias de Almeida — Do Araguaya às Indias Inglezas — Vol. IX	
Collecção de Viagens	6\$000
Charles Expilly — Mulheres e Costumes do Brasil — Vol. LVI	
Série V — Bibliotheca Pedagogica Brasileira	10\$000
Merejkovsky — Jesus Desconhecido	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE DEZEMBRO

Humberto de Campos — Um Sonho de Pobre (chronicas)	
— edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Reminiscencias (Chronicas)	
— edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Memorias Inacabadas — 2. ^a	
edição (atinge 24.000 exemplares)	6\$000
Humberto de Campos — Anthologia da Academia Brasileira de Lettras — 2. ^a edição	8\$000
Humberto de Campos — O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira — 2. ^a edição	8\$000
Humberto de Campos — Poesias Completas — 3. ^a edição	8\$000
Isadora Duncam — Minha Vida (Traducção de Gastão Cruls)	20\$000
Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompeia (illustrado)	20\$000
Agrippino Grieco — Gente Nova do Brasil	12\$000
Plinio Salgado — Cartas aos Camisas Verdes	6\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Tristão de Athayde — No Limiar da Idade Nova	10\$000
Belmonte — Idéas de João Ninguém (Chronicas)	6\$000
Amando Fontes — Os Corumbas — 5. ^a edição attingindo 10.000 exemplares	7\$000
Miguel Reale — O Estado Moderno — 3. ^a edição attingindo 7.000 exemplares	6\$000

NOVIDADES

Elynor Glyn

TUDO SE PAGA

(1.^o volume da "Bibliotheca da Mulher Moderna") — br. 6\$000

Fannie Hurst

A ESQUINA DO PECCADO

(2.^o volume da "Bibliotheca da Mulher Moderna") — br. 6\$000

Viriato Corrêa

CASA DE BELCHIOR, br. 6\$000

S. P. Shiel

O FIM DO MUNDO

(34.^o volume da Collecção "SIP")

Octavio de Freitas — **Doenças Africanas no Brasil** — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

A Bibliotheca Pedagogica Brasileira, da Companhia Editora Nacional, anda longe de soffrer quebra de prestigio com os ultimos volumes que tem publicado. Um delles, do sr. Octavio de Freitas, intitula-se **Doenças Africanas no Brasil** e é monographia em que se agglomeram todos os dados necessarios a esclarecer-nos sobre os males que importámos do Continente Negro. Os damnos collectivos resultantes de uma colonização insufficiente, que não sabia oppôr-se á disseminação dos máos germens trazidos até nós pela gente escrava, são bem historiados no volume, e, não obstante a lei de 13 de Maio e o enriquecimento da nossa sciencia, as melhores paginas do sr. Octavio de Freitas ainda possuem relativa actualidade, pela possibilidade da revivescencia em qualquer tempo das doenças a que elle se reporta.

Josias de Almeida — **Do Araguaya ás Indias Inglezas**. — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Homens como Couto de Magalhães e Baptista Caetano, tão amorosos do Brasil dos sertões e dos grandes rios, continuam a encontrar repetidores mesmo nos tempos de hoje. O ardor bandeirista da nossa gente não esmorecerá tão cedo. O sr. Josias de Almeida, por exemplo, é dos que parecem preferir a selva á cidade. Desceu o Araguaya, esteve em contacto com tribus indigenas, venceu cachoeiras perigosissimas, encontrou ilhas maravilhosas que deslumbrariam um Stevenson ou um Gauguin. Mas tambem não perdeu totalmente de vista o lado pratico das suas viagens, estudando a pecuaria do Triangulo Mineiro, alludindo á valorização da borracha, á pesca dos jacarés. Nem é desdenhavel o que elle nos diz sobre terras estrangeiras, a França, o Egypto, a India...

H. Van Loon — **America** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Pode assegurar-se que, no momento, H. van Loon foi optimamente servido por quem o trouxe ao Brasil. No caso a traductora é tambem prestigiosa creadora por conta propria, talento dos melhores dentre os que fixam costumes no Rio de hoje. Basta citar o nome da eminente romancista Lucia Miguel Pereira para calcular quanto a versão da obra-prima do batavo que tão bem se expressa em inglez foi clara e artisticamente redigida. Nenhum damno soffreu o texto original e tem-se a impressão de um trabalho ideado e construido em nossa propria lingua.

— Como toda artista que se preza, Josephine Baker, a famosa bailarina negra, acaba de publicar um livro de memorias. **Une vie de toutes les couleurs** é o seu titulo e dizem alguns criticos que se trata de narrativa tão absorvente como um romance de Stevenson ou Kipling. Comtudo, haverá sempre alguma differença entre as cabotinices da mulata americana e as paginas dos dois grandes escriptores inglezes.

Faustino Passarelli — **Nemura** — Rio.

E' um romance brasileiro, explorando amores e odios de indigenas. Percebe-se que o autor não deixou de ler Alencar e Fenimore Cooper, mas, sendo bem filho do seu tempo, não deixa de insinuar, aqui e ali, expressivas notas ironicas, de modo a infundir um tom de perfeita actualidade aos lances que evoca. Jornalista, affeito a redigir dentro do primeiro impulso nas redacções tumultuosas, o sr. Passarelli escreve escorreiamente. Quanto á veracidade historica dos bandos de selvicolas por elle descriptos, talvez não seja das maiores, e elle proprio, segundo declarou numa roda de amigos, divertiu-se muito com o viajante e indigenista que lhe declarou haver conhecido de perto a tribu dos Nemuaras...

T. Furtado Reis — **O Brasil em face da Convenção Internacional de Navegação Aérea** — Edição de Azas — Rio.

Figura de destaque em nosso Departamento de Aeronautica Civil, o sr. T. Furtado Reis, que pertence a uma familia illustre de mathematicos e constructores de cidades, fornece-nos aqui o essencial no tocante á situação do Brasil em face dos convenios internacionaes que regem as communicacões aéreas. E' trabalho ao qual não falta nenhum elemento, nenhuma indicação util. Tudo foi elaborado sem nenhuma vaidade rhetorica e apenas com o desejo de apresentar uma synopse clara do momentoso assumpto.

Matheus de Lima — **Fonte Perdida** — Recife.

Em bello estudo apposto ao volume, nosso illustre collaborador Valdemar Cavalcanti assignala, com a habitual perspicacia, os dons de abstracção desse admiravel poeta, tão diverso de seu irmão Jorge de Lima. Emquanto este se deixa seduzir pelo elemento anecdotico e folklorico, fortemente preso ao lado narrativo da poesia, o sr. Matheus prefere perder-se no mysterio, soccorrendo-se de um vocabulario especial, vagando por um mundo de sombras e não tendo a preocupação de ultimar certos lyrismos informes que nada exprimem a uma leitura desattenta. Dramaticidade e melancolia unem-se nesse temperamento estranho, de "evadido de qualquer disciplina".

Modesto de Abreu — **La Deuxième Année de Français** — Rio.

Redigido com a collaboração do sr. A. Rénart, este methodo directo e intuitivo de francez serve para demonstrar que o gosto das letras puras não tem feito esmorecer, no sr. Modesto de Abreu, a preocupação das nobres coizas didacticas. Autor de um excellent livro de memorias, em que resurgem bizzaros typos da nossa bohemia jornalstica, o sr. Modesto é professor dos mais idoneos e possue, das questões de ensino, uma noção brilhante e avançada.

Ultimas Edições "ARIEL"

Baptista de Castro
VOCABULARIO TUPY-GUARANY

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Cornelio Penna
FRONTEIRA

J. G. de Araujo Jorge
BAZAR DE RITHMOS

Alfredo Pessôa
ALGUMA COISA DO QUE VI

Auguste de Saint-Hilaire
VIAGEM AO R. G. DO SUL

Agrippino Grieco
ESTRANGEIROS

Gastão Cruls
A AMAZONIA MYSTERIOSA
(4.^a edição)

D. Milano
ANTOLOGIA DE POETAS MODERNOS

Dr. Suikire Carneiro
ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

Arhus Sab
A MÃO E SEUS SEGREDOS
(2.^a edição)

Renato Kehl
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO
(2.^a edição)

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a Saul Borres Carneiro)

Meu Caro Saul,

Ha muito que desejo escrever-te, mas o inverno me entorpece de tal maneira que ás vezes penso devo ter parentesco com certos animaes hibernantes, como sejam, verbi gratia, as toupeiras...

Esta Hamburgo é muito fria e por vezes nevoenta. Não tão nublada quanto Londres, mas o bastante para me tirar o appetite de fazer qualquer esforço. No Brasil eu não trabalho, porque faz calor demais. Aqui, por achar o frio excessivo. Só trabalharei, com o favor de Deus, no céu, onde o clima, segundo consta, é temperado. Em todo o caso, isto não impede que eu ande ás voltas com varias grammaticas allemãs, incluindo o Said-Ali (que é muito deficiente) e outras mais, como Prevost-Pereira, que é muito mal feita. Felizmente adquiri alguns methodos francezes, muito bons, sem falar no professor que tenho e que é bom. Já vou arranhando alguma coisa, mas, comprehendes, tenho apenas cinco mezes de allemão e de Alemanha, prazo insufficiente para demonstrar progresso apreciavel. Em todo o caso, já entro nas lojas sozinho e discuto preços com os mercadores, assim como também decifro as legendas nos cinemas. O nosso Ramos me mandou uma grammatica de Simmonot, mas muito velha, e também uma selecção litteraria allemã de Yansen, um Yansen do Pedro II em 1889, anno fatidico. Não era bem isso o que eu desejava, e sim alguma coisa como a Selecta Ingleza de Gonçalves Pereira, e um methodo como o de Bensabat. Este judeu não terá escripto algum methodo para estudar allemão? Si sim, poderás enviar-m'o? E com brevidade? Si precisares de algum livro, é só escrever. Espero tuas lettras. Abraços ao Gastão. Ah! outro pedido: pedir ao Castilho que me envie pelo proximo correio um exemplar de cada um dos meus livros e, si possivel, um balanço, para eu ver o estado das minhas contas para com elle. Lembranças ao Pelagio.

Abraços do teu velho

Torres

Hamburgo — 12-4-1930 — Caro Saul — Agradavel coincidência! No dia em que amanheci pensando em ti, recebo o livro que mandaste. Muito obrigado. Esse Vianna sociologo é um tanto melancolico e pedante mas emfim sempre faz alguma coisa. Pelo G. Cruls sei que estás lendo as revistas naturalistas que a elle mandei. Si gostas daquelle genero, é só dizer. Ha uma dellas que se chama Pelagius! Talvez te envie algumas breve e te escreverei. Estudo allemão. E' duro, mas eu vou rompendo. Abraços do velho

Torres

Aachen, vulgo Aix-la-Chapelle e outrora Aquisgranum, 31 de maio de 1930 — Caro Saul — Vagabundeando pe-

la Baviera e pela Prussia Rhenana, vim dar com os costados aqui nesta vetusta e imperial cidade de Carlos Magno, cujas reliquias venerei no Dom. Egrejas bellissimas. O Palacio da Municipalidade, que ahí vês, é também obra um bocadinho melhor do que a nossa Camara dos Deputados... Mas a cidade é cacete. Muita religião, muita igreja, muito toque de sinos pela manhã. Eu gosto dos sinos, mas não demais. As manhãs de Aix parecem manhãs de Roma... quanto aos sinos. Abraços do velho

Torres

Hamburgo, 10-4-1931.

Meu caro Saul,

Algumas palavras apenas, para lhe agradecer a sua carta, o livro e os dois numeros da revista. Ao mesmo tempo lhe peço tratar da certidão de idade sem a displicencia que transparece da sua carta. Não se trata de compulsoria e nem de coisa semelhante. Trata-se de fornecer á Secretaria a minha idade certa para figurar nos assentamentos, que estão sendo reorganizados agora. Assim, peço-lhe encarecidamente que mande o meu requerimento ao Vigario de Diamantina, cujo nome pouco importa. Para facilitar a busca póde V. escrever a esse ecclesiastico, cujo nome também ignoro, que elle achará o meu assentamento no mez de janeiro de 1886, quando eu fui baptizado. Portanto, meu caro Saul, escreva ao homem e, logo que receber a certidão, entregue-a a quem de direito no Itamaraty. O melhor será fazel-o por intermedio do nosso A. Camillo Filho, a quem peço me recomende. Quanto aos emolumentos do vigario, mande-me V. a conta, que lhe pagarei o importe immediatamente. Mas trate do assumpto, porque já recebi officio da Secretaria, exigindo esse documento e respondi declarando que V. (citei o seu nome) estava encarregado de fornecel-o com presteza. São coisas que parecem de pouca importancia mas podem trazer desgostos futuros. Lembranças ao Pelagio. Abraços do seu gratissimo

Torres.

Hamburgo, 25-4-1931.

Meu caro Saul.

Que os deuses, as musas e os anjos estejam a seu lado, protegendo-o e inspirando-o — taes são os meus votos.

Por este correio envio-lhe mais uma prestação de folhetins sobre a dictadura hespanhola. São os ultimos que lhe mando, porque já estou caceteado delles. O assumpto não é lá dos mais importantes e a leitura toma tempo que poderá ser mais bem aproveitado. Resolvi supprimir toda leitura que não seja em allemão. Hoje mesmo já dei ordem ao meu jornaleiro, ou melhor, á minha jornaleira para não me guardar mais nem jor-

naes inglezes, nem francezes, nem italianos, nem hespanhoes. Augusto Comte não deixava de ter razão quando se abstinha por completo de ler periodicos. Os allemães entretanto lerei por me ser necessário. Caso entretanto V. se interessasse muito por continuar a ler a historia da dictadura P. de Rivera (do que duvido) talvez encontre El Sol numa livraria dum tal Braz Lauria, no fim da rua Gonçalves Dias. Ha cinco annos, quando de lá sahi, a casa ainda existia. Aliás a historia dessa dictadura é igual á de todas as dictaduras do passado, do presente e do futuro, porque a humanidade não muda: estupidez e palhaçada. A tyrannia, quando não é tragica, é comica e, por vezes, apenas tragi-comica. Tal era a de Primo de Rivera com seus officiaes politicantes e incumbidos por elle de ensinar ás creanças o amor aos passaros e ás flores, assim como a cultura das abelhas! Imaginem sargentões de botas e esporas a disreterear sobre abelhas, rosas e colibrys! Um exercito virgiliano! Para tal exercito... Juvenal! Emfim as dictaduras são por toda a parte a mesma semsaboria de sempre... Lembre-me aos amigos todos, em particular ao Pelagio. Abraços do seu velho

Torres

Hamburgo, 9 de Maio de 1931.

Meu caro Saul.

Por carta do nosso Antonio Camillo Filho soube que V. já tinha entregue a certidão da minha idade avançada, como elle proprio injuriosamente me escreveu, confiado na distancia que nos separa... Venho agradecer-lhe a sua bondade e perguntar-lhe quanto pagou de emolumentos ao vigario. Si quizer, posso indemnizal-o em generos alimenticios intellectuaes. Acho o systema excellente, porque nos approxima de Moysés e Homero. Refiro-me á maneira de pagar sem moeda. Agora mesmo, segundo publicaram os jornaes de Hamburgo, o governo brasileiro entrou em combinação com a Russia para trocar trigo por café. Anteriormente havia eu lido que o nosso governo havia já trocado café por aeroplanos com a Italia. Excusado será dizer que applaudo manibus pedibusque essa maneira de negociar en nature. Eis porque lhe pergunto si V. conhece um livro que se chama Deutsche Grammatik für Ausländer, por Krause-Nerger. E'uma coisa como o Manual of English for Foreign Students de Marshall e Schaap. Excellentes ambos. Este manual de inglez possui o Gastão Cruls. Mandei-lh'o eu ha tempos. O allemão possuo eu. Si V. não o conhece, mande-me dizer, que lh'o enviarei. Embora V. saiba allemão para ler melhor do que eu, creio que talvez o livro lhe seja util, para tirar duvidas. Não lh'o mandei já porque receio que V. já o possuia e é coisa desagradavel receber presente de que não se precisa. Mande-me, pois,

algumas linhas. E si quizer outro qual-quer livro, é só dizer. Lembranças ao Pelagio, ao Cruls, ao Castilho, aos amigos todos. Do seu velho

Torres.

Hotel Reichshof

Hamburgo, 25 de Maio de 1931.

Meu caro Saul.

Duas palavras para lhe pedir a fineza de entregar essa carta a seu destinatario. Furnandes Albaralhão, o magnifico poeta do Caldo Berde, que V. de certo conhece. Dizem que elle collabora na *Manha*. E como V. é da intimidade dessa folha, creio que lhe será facil entregar-lhe a missiva. Elle me mandou o livro por intermedio do Ministerio do Exterior, na mala official!!! No meio de toda aquella papelada administrativa, grave e secca, o Caldo Berde destacava-se como um clown dentro de um convento cheio de trappistas. O livro é humoristico até nisso. Eu me ri a não poder mais. Esse Horacio Campos merece um premio. Não o conheço mas já gosto delle. E não lhe tenho o endereço.

E V., homem de Deus, porque não me escreve? De mim nada tenho a contar-lhe. A minha vida corre com regularidade, embora sem monotonia, pois não falta o que ler nem o que meditar. Demais, a Allemanha em maio é um trecho do paraíso extraviado neste planeta. Ante-hontem fui a Kiel, sobre o Baltico, e a cidade, com a sua arborização super-abundante, me pareceu idyllica. Que mar azul e que quantidade de passaros a cantar! Um encantamento wagneriano... Adeus. Abraços do seu grato

Torres.

Hamburgo, 22-VII-1931.

Meu caro Saul.

Esta Europa é de uma lentidão pasmosa em tudo, excepto em roubar territorios alheios e tyrannizar povos fracos. Imagine que ha quasi duas semanas, tendo soffrido um ataque hepatico, pedi a Paris por telegramma uma duzia de Vichy-Chomel, que por aqui não se encontra. Já recebi communicação da empresa das aguas de que a minha encomenda seguiu para aqui em grande vitesse! Até hoje ainda não recebi as aguas. O mesmo se deu com o livro que V. me pediu. Encomendei-o no mesmo dia: duas semanas para recebê-lo de Leipzig. Enfim pude hoje mandá-lo para o correio, devidamente registrado e endereçado a Vossa Mercê. Espero que lá chegue em ordem e devida forma.

As coisas por aqui vão mal, muito mal. Bancos e mais bancos a fechar os guichets, fallencias e mais fallencias, lei de imprensa supprimindo todos os jornaes da opposição, multa e cadeia para os plumitivos recalcitrantes, combates de rua a bala diariamente, a França intransigente, a Inglaterra a intrigar, a Italia a atirar, a Polonia a exigir garantias, a Russia á espera de occasião para fazer uma das suas costumeiras aguas sujas e, por cima, o Papa complicando tu-

do, como dizia o outro. Havia alguma esperança de que a proposta Hoover fosse logo aceita e que a Allemanha receberia o adjutoro (lingua cearense) que andava e ainda anda pedindo. Mas, si não mentem os vespertinos que acabo de ler, a Conferencia de Londres nada decidirá em definitivo e já se fala numa segunda conferencia durante o proximo outomno! Seja o que Deus Nosso Senhor quizer...

O nosso cambio continúa cahindo, não? Pois apezar disso o nosso Governo continúa a mandar-nos circulares em que diz: **Cambio tendencia para alta!!!** Francamente, fico sem entender, porque as tabellas officiaes que os jornaes publicam aqui, em Paris e Londres, dizem o contrario!...

Quanto a mim, ando aqui a rabiscar umas coisas acerca da desastrada e catastrophica refôrma orthographica da Academia e que o Governo Provisorio adoptou. Que diz Você? Será imprudente publicá-las neste momento? Os brasileiros que por aqui passam me dizem que não ha liberdade durante a governança liberal. Será isso verdade? De longe e sem informações seguras não posso fazer uma idéa da tempera politica e administrativa de lá. Escreva-me breve a respeito do meu folheto sobre orthographia. V. não deixe de escrever-me a esse respeito depois de ler las quartilhas. Caso V. me mande alguma coisa do que se tiver

publicado ahi depois da tal reforma (livros, artigos de revistas, de jornaes, etc.) ficar-lhe-ei gratissimo. Si eu imprimir o meu trabalho será aqui mesmo. E' um simples folheto e não um livro.

Devo publicá-lo ou não? Desnecessario dizer que não sou amavel nem para com a Academia nem para com os portugas, a começar pelo velho e Visconde Moraes, chamado pela Academia para assignar a reforma! E' incrível de balxeza! Espero que Você me socorra com as suas luzes, com as luzes da sua luminosa careca. Abraços ao Camillo Filho, si o vir, e ao Pelagio.

Do seu velho amigo

Antonio Torres.

Hamburgo, 26-VIII-1931.

Meu caro Saul,

Respondo á sua carta do dia 10 deste. Estava á espera de que V. me escrevesse accusando recepção do livro do Forchhammer sobre os surdos mudos. Pela sua carta vejo que o livro lá não chegou, embora eu o tenha registrado no correio. Para V. ver que fallo verdade, mando-lhe a factura respectiva, que paguei hontem, só hontem, porque o livreiro, que já me conhece, manda-me os livros em casa e demora-se enormemente a enviar-me a conta. Bem entendido, si lhe envio a factura, é só a titulo informativo e nada mais. Aguardo ancioso o seu livro classico sobre a orthographia. Eu tambem estou engenhando aqui um folheto sobre o assumpto. Vou mandar copia de uma parte delle ao Gilberto, que, depois de lê-lo, o passará ao Gastão, do qual V. poderá havel-o. Quero que os amigos me digam se a publicação desse trabalho poderá prejudicar-me perante os homens da situação ahi.

Espero que V. me escreva logo que receber esta, dizendo-me si o livro se extraviou. Nesse caso, mandar-lhe-ei outro exemplar. Vou tratar tambem do Fausto. Abraços do seu velho.

Torres.

— Precedido de um bello prefacio de René Lalou, Alain dedica um longo estudo psychologico á sempre fascinante personalidade de Stendhal. Ahi, em capitulos cheios de interesse, não vemos apenas o grande escriptor da *Chartreuse de Parme* e do *Le Rouge et le Noir*, mas o incredulo, o homem honesto, o politico, o amoroso, o amador de musica e de pintura que se reuniam na prodigiosa personalidade de Henri Beyle.

— Maurice Magre já nos dera o anno passado *Pirates, Filibusters et Négriers*, curioso volume que proporcionou a Roquette-Pinto uma de suas melhores chronicas nesta revista. Agora, Maurice Magre, trabalhando o mesmo filão, inesgotavel de episodios sensacionais, publica *Les aventuriers de l'Amerique du Sud*, que ha de ter um particular interesse para os leitores brasileiros.

Acaba de apparecer

CASA DE BELCHIOR

de VIRIATO CORRÊA

Ensaio historico do maior interesse sobre aspectos e figuras do passado brasileiro. Certo que não se trata de um simples livro de chronicas, mas de um volume de estudos sérios, em que muita coisa é divulgada e commentada. Viriato Corrêa escreveu o seu melhor livro, aquelle que confirma mais uma vez o seu renome de historiador illustre: desde os primeiros momentos da vida brasileira elle tem coisas novas para dizer, como ao revelar a interessantissima carta de mestre João, "bacharel em artes e medicina", homem da frota de Cabral que, quasi no mesmo dia que Caminha, escreveu uma especie de relatorio inicial sobre o céu da terra do Brasil...

Quanta coisa interessante Viriato Corrêa soube pesquisar e narrar para os seus leitores!

Edição da "Civilização Brasileira S/A."

Rua Sete de Setembro, 162

Preço: 6\$000

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

O interesse com que o grande sociologo Gilberto Freyre incentivou a publicação deste volume e os louvores com que o prefaciou o grande anthropologista Roquette-Pinto bastam para consagral-o. Em verdade, estão aqui substanciaosas theses que lançam luz viva sobre muitos trechos do Brasil de hontem e de hoje. Ethnographia, psychiatria, litteratura, e tantos outros factores inseparaveis da historia de um povo, conjugam-se aqui para formar um livro que as bibliothecas reterão. Renato Mendonça apresenta bellas paginas sobre o negro em nosso folk-lore. Rodolpho Garcia discorre sobre o vocabulario Nagô como o admiravel mestre que é sempre. A contribuição de Mario de Andrade prova que esse notavel homem de letras possui tambem a perseverança das longas pesquisas. A mythica brasileira reaviva-se ás palavras de Arthur Ramos. Tres seculos de escravidão na Parahyba são robustamente historiados por Adhemar Vidal, em trabalho de polpa. Ruy Coutinho dá-nos todos os informes sobre a maneira por que eram alimentados os nossos escravos. E Edison Carneiro, joven dos que melhor exprimem a cultura sociologica da Bahia, reporta-se á situação geral do negro transportado ao tropico americano. Isto sem esquecer que o coefficiente dos demais colaboradores do volume é sempre valloso, pelos textos alheios resumidos ou pela flagrancia de um depoimento resultante do contacto directo do Brasil.

A. Tenorio d'Albuquerque — *Questiunculas de Portuguez* — Rio.

O autor, máo grado a aversão que os homens de hoje denotam pelos melhores cultores do vernaculo, continúa a ser um fascinado pela individualidade e pelos livros de Camillo Castello Branco. Sempre que lhe cumpre esclarecer um ponto controvertido de linguagem, apresenta sem esforço dezenas e dezenas de exemplos hauridos nos profusos romances do mestre. E manda a verdade dizer que isso não se desenvolve numa atmosphera gelada de pura exploração grammatical e sim com uma vivacidade, um bom gosto, um enthusiasmo que emprestam ás excavações do sr. A. Tenorio d'Albuquerque um irresistivel interesse humano. Tão modesto quanto operoso, este nosso sympathico patricio continúa a obter o applauso de philologos illustres, de pesquisadores das bellezas idiomaticas como esse infatigavel conde Pinheiro Domingues, que não passa um dia sem ler duas paginas de Vieira e dextramente maneja muitas linguas dos povos mais cultos.

Charles Expilly — *Mulheres e Costumes do Brasil* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

A' primeira vista este volume de Charles Expilly, que o sr. Gastão Penalva traduziu, prefaciou e annotou intelligentemente, poderá parecer injurioso ou calumnioso á nossa terra e á nossa sociedade. Mas aos poucos se verifica que os arranhões do francez á nossa pelle demasiado sensível não deixam de ter razão de ser. Ainda que com certa acrimonia, Expilly observou ás direitas muito ponto vulneravel do nosso povo. Exaggerando uma ou outra vez, naturalmente em consequencia do despeito de ter descido aqui a fabricante de phosphoros, quando pretendia ser prestigioso educador, diz-nos, todavia, muita palavra judiciosa que ainda hoje, decorridos uns setenta annos após a publicação do seu livro, devemos meditar com bom senso e sem nenhuma vaidade patrioteira.

Agatha Christie — *O homem do terno marron* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Mais um impressionante volume da "Série Negra" da Companhia Editora Nacional. Escreveu-o Agatha Christie, uma Penelope de tramas novellescas das mais intrincadas, senhora que parece divertir-se com a excitação nervosa que as suas narrações produzem nos leitores sensíveis aos mysteriosos golpes nocturnos. E traduziu-o o admiravel escriptor patricio Moacyr Deabreu, que, tendo lançado ha muitos annos os contos allucinantes da Casa do Pavor, tambem se mostra um velho technico nessa arte de mexer com a sensibilidade do proximo. E', em bom portuguez, na mais litteraria das versões, uma historia que parece ter saído do pensamento de uma descendente da tenebrosa mistress Radcliffe.

LETRAS BELGAS

Gaston Heux — *La Tragédie de Méléagre* — Revue Terres Latines — Bruxellas.

Houve tempo em que os belgas quasi se circumscreviam aos casos regionaes ou, dando-se a um symbolismo excessivo, faziam apenas uma litteratura para iniciados, litteratura precaria que não poderia ultrapassar o interesse de uma ou duas gerações poeticas. Felizmente, desappareceram em terras da Flandres essas preocupações localistas e esse preconceitos de escola. Os artistas belgas de hoje são conduzidos por preocupações muito mais universalmente humanas. Um formoso exemplo dessa louvavel transmutação intellectual temol-o nos alexandrinos sonoros e plasticos desta tragedia em que revivem Meleagro e Atalanta. A fórmula é classica, mas os rythmos são aviventados por uma sensibilidade, uma emoção que é de todos os tempos. Nos sitios mais expressivos, o poeta faz-nos pensar nesse poderoso Verhaeren que reanimou com tanto brilho a historia de Helena de Esparta.

Maurice Carême — *Mêre* — Bruxelles.

Os belgas se distinguiram sempre pelas cantilenas nostalgicas, de um gracioso sentido popular, com uma nota de simplicidade folklorica em que pareciam falar os marinheiros e camponios dos velhos tempos. Max Elskamp foi um especialista no genero e em suas canções ha qualquer coisa das vinhetas ingenuas que ornam as cabanas do littoral ou do campo. No momento, como que a provar que não se perdeu esse gosto da inspiração tocantemente familiar, o sr. Maurice Carême nos offerece uma suggestiva collectanea em que as cadencias simples, enternecidamente musicadas, transmittem sentimentos de amor ou veneração domestica, numa expansão affectiva a que não será insensível nenhuma creatura baptizada em Christo.

Oskar von Wertheimer — *Cleopatra* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

O autor deste livro nasceu em Budapest e tem estampado, com grande exito, estudos sobre Bismarck. Napoleão III e Christina da Suecia. Não se lança á confecção de nenhum volume sem o honesto cuidado de longas investigações preparatorias. No presente trabalho, procura focalizar não tanto a Cleopatra puramente amorosa quanto a admiravel mulher de Estado, provando terem existido na celebre rainha egypcia soberbas qualidades de directora de povos. Segundo os criticos, von Wertheimer é um perfeito émulo de Ludwig e Zweig. Quanto á traducção da sua *Cleopatra*, devemol-a á senhora Marina Guaspari, que já se distinguira como interprete de uma obra sobre Abrahão Lincoln, e manda a justiça constatar que se trata de versão em tudo primorosa. O volume, de conspecto artistico, com uma suggestiva illustração na capa, é dos que honram as officinas graphicas da principal livraria de Porto Alegre.

J. R. Bourdon — *Tratamento Pratico da Timidez* — Civilização Brasileira — Rio.

Dugas e outros têm escripto trabalhos dos mais perspicazes a proposito das victimas da timidez. Amiel e Rousseau foram includidos entre os seres abulicos que andaram sempre ás voltas com uma sensível diminuição de vida, de prazer, de actividade litteraria ou amorosa, porque os entibiava uma invencível desconfiança de si mesmos, dos seus proprios meritos. Sem a pretensão de exceder os seus precursores, J. R. Bourdon, que é um psychologo affeito a descer ao fundo das almas que estuda, offerece-nos agora a summula das suas observações pessoaes sobre um thema que se alarga sempre em perspectivas novas e é de todos os tempos, interessando á generalidade das creaturas humanas. Na mesma collecção figura um substancioso volume de Pierre Vachet intitulado *Psychologia do Vicio*, verificando-se tambem estar em jogo um esculpulo pesquisador de incognitas moraes, desses que desentranham do conhecimento das degenerações da sensibilidade uma especie de antidoto efficaaz para destruil-as.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

Cornelio Penna — *Fronteira* — (Romance) — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Estudos Afro-Brasileiros — Prefacio de Roquette-Pinto — *Anaes do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife* — Ariel Editora — Rio.

Souza da Silveira — *Trechos Selectos* — *Civilização Brasileira* — Rio.

Octavio de Freitas — *Doenças Africanas no Brasil* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Berilo Neves — *Cimento Armado* — *Civilização Brasileira S. A.* A. J. de Sampaio — *Biogeographia Dynamica* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

João Alphonsus — *Totonio Pacheco* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Marques Rebello — *Marafa* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Erico Verissimo — *Musica ao Longe* — Cia Editora Nacional — São Paulo.

Dionelio Machado — *Os Ratos* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Paulo Gustavo — *Eu, Você e o Nosso Amor* — *Civilização Brasileira* — Rio.

Bandeira Duarte — *Falta de Assumpto* — Irmãos Pongetti — Rio.

Matheus de Albuquerque — *A Juventude de Anselmo Torres* — Garnier — Rio.

Sebastião Fernandes — *Galarim* — Irmãos Pongetti — Rio. Belmonte — *Idéas de João Ninguém* — Livr. José Olympio Editora — Rio.

Iveta Ribeiro — *Mutação* — Rio.

Josué de Castro — *Alimentação e Raça* — *Civilização Brasileira* — Rio.

Humberto de Campos — *Um Sonho de Pobre* — Obra posthuma — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Humberto de Campos — *Reminiscências...* — Obra posthuma — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Monteiro Lobato — *Peter Pan* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Viriato Corrêa — *Meu Torrão* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Cornelio Pires — *Tá no Bocó* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Josias de Almeida — *Do Araguaya ás Indias Inglezas* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Léon Legavre — *Le Livre du Corsaire* — *L'Eglantine* — Paris — Bruxelles.

Gaston Heux — *La Tragédie de Meléagre* — *Revue Terres Latines* — Bruxelles.

Maurice Carême — *Mère* — Bruxelles.

Concordia Merrel — *O Casamento de Anna* — Companhia Editora Nacional.

Guy de Chantepleure — *Noiva* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Charles Expilly — *Mulheres e Costumes do Brasil* — Trad. Gastão Penalva — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

"REVUE FRANÇAISE DU BRÉSIL"

Appareceu-nos completamente reformada essa brilhante publicação carioca de lingua franceza. Appareceu-nos mais viva, mais palpitante de modernidade, explicando-se esse sympathico rejuvenescimento pelo facto de estar agora á frente de tal mensario o nosso querido Luiz Annibal Falcão, que a par de subtil profissional do jornalismo é um homem de letras completo, entrevistador perspicaz e theatrologo que sabe fazer da ribalta o ponto de convergencia para muitos debates moraes da hora presente.

W. Heimbürg — *Vendida!* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Mais um romance para as innumeras senhoras e senhorinhas que dão preferencia aos excellentes volumes estampados numa estimavel colleção da Companhia Editora Nacional. Quem confecionou esta novella sabe manifestamente encontrar o caminho dos corações sensíveis, escrevendo com uma especie de galanteria que, em asperos tempos de materialidade burgueza, é como um regresso á phase aristocratica de Madame de Souza e Madame Cottin.

Antonio Gontijo de Carvalho — *Calogeras* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Grande amigo de Pandiá Calogeras e seguro conhecedor de toda a sua actividade mental, dispunha o sr Gontijo de Carvalho de todos os dons para a impressionante synthese em que evoca o illustre patricio morto. E' trabalho de saudade e de amor e, não obstante, de preciso julgamento historico.

"SUDOESTE"

O sr. Almada Negreiros continúa a imprimir um bello impulso de combatividade esthetica a uma das mais vivas publicações de Lisboa. Sudoeste, em que encontramos muitos nomes da nossa familiaridade desde os tempos heroicos do Orpheu, reflecte bem a inquieta independencia de um grupo de artistas e poetas que execram o torpôr academico e veneram almas rebeldes e creadores de belleza pura, como esse bizarrissimo Sá Carneiro em que se contradictavam tantos pendores christãos e judaicos.

J. G. de Araujo Jorge — *Bazar de Rythmos* — Ariel Editora — Rio.

O autor é innegavelmente um romantico. Mas que esse adjectivo não importe em diminui-lo, em amesquinhal-o. O romantismo é eterno, mesmo num periodo allucinado de rodas e engrenagens, de fabricas fumegantes, e poetas da delicadeza e da finura do sr. Araujo Jorge têm direito a expandir-se, a falar commovidamente ás outras creaturas, até quando não haja uma perfeita acustica para os seus versos, até quando a maioria dos homens se volte para os saccos de dinheiro, esquecendo de todo os livros. As linhas de uma bella paisagem e as linhas de uma bella face humana enlevam igualmente o sonhador do *Bazar de Rythmos*. Mas, acima de tudo, que o entusiasmo e excita e a caça de uma alma, de uma linda alma de mulher. Chamaram-no de bilaqueano, aliás sem intenção de humilha-lo, mas o certo é que elle não é apenas um cantor dos sentidos, do sexo, procurando de preferencia saber como se vae ao coração alheio.

"UNIVERSIDADE"

Percorre-se com prazer o mensario cultural dirigido pelos escriptores patricios Rodrigues de Miranda e Alfio Ponzio. E' uma resenha de letras, sciencias e artes que põe em evidencia não haver esmorecimento de actividade mental em terras pernambucanas.

Luiz da Silva Pinto — Coelho Lisboa — João Pessoa,

Conferencia pronunciada no Instituto Historico e Geographico Parahyba no em 13 de maio de 1935. Decidido panegyrista da personalidade e da obra de Coelho Lisboa, o sr. Luiz da Silva Pinto não mostra nenhuma avareza de adjectivos em relação ao seu modelo. Para elle, congraçavam-se, nesse orador e politico nortista, sentimentos que o tornavam uma especie de sobrevivente das éras democraticas, convertendo-o em fantasma inquietante no festim onde se fartavam os profissionaes de um falso liberalismo. Lêem-se com prazer as expressivas linhas biographicas em que o sr. Silva Pinto reconstitue para nós outros uma figura já prestes a esvaír-se nos limbos da Primeira Republica.

— As Edições Sociaes Internacionais, de Paris, vêm de lançar dois livros de grande interesse e que encontrarão numerosos leitores. São elles: *Biologie et Marxisme*, de Marcel Prenant, e *A la lumière du Marxisme*, serie de ensaios assignados pelo professor Wallon, Maurice Prenant, G. Friedmann, J. Balby Jean Langevin e outros.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

UM PHILOSOPHO DA ARTE

Ninguém estava mais bem aparelhado do que elle para fazer um grande livro sobre a philosophia da arte, materia ardua, difficil, não systematizada ainda.

As suas humanidades bem aprendidas, o seu curso brilhante da Polytechnica, as viagens pelo Velho Mundo e pela America, o gosto da historia, que via através das persistencias inafastaveis e de uma concepção valorativa do passado —, tudo isto e a intuição das verdades fugidias, só percebidas dos espiritos de escol, lhe asseguravam o mais completo exito nos ainda mal explorados dominios da esthetica.

Pouco importava que o meio lhe não offerecesse estímulos para isso: as fortes personalidades se bastam e sabem crear o seu mundo.

Passados dezesete annos sobre a primeira edição, que é de 1918, surge agora a segunda accrescida e melhorada, da *Philosophia da Arte* de Vicente Licinio Cardoso, no genero o maior livro brasileiro e por ventura também de toda a America.

Ahi está um grande livro nacional, em cujas paginas já podemos antegozar algo de raro, uma como antecipada amostra do que será o pensamento brasileiro de amanhã, quando a cultura tiver saturado o ambiente e o nosso povo começar a dizer o a que veio na historia do mundo.

Publicado que tivesse sido em francez, inglez ou allemão, o nome do estheta patricio já estaria sendo citado entre os mestres desse ramo da philosophia. Naquella época, esquivou-se a critica indigena ao trabalho de digerir o forte volume; hoje póde fazer outro tanto: os bons livros caminham por si mesmos.

Arrima-se a philosophia da arte de Licinio a uma philosophia da historia. Educado no positivismo comteano, cedo percebeu, porém, que não ha uma evolução do pensamento contínua dos gregos aos nossos dias, como queria Comte. A evolução se processa dentro de varios organismos sociaes. Ho-

je, depois de Spengler, com a sua morphologia das culturas, essa idéa impregna a atmospha intellectual, mas, em 1917, quando o estheta brasileiro a lançou, pela primeira vez, no Prefacio á philosophia da arte, era simplesmente uma novidade, que os contemporaneos não perceberam. Enfileira-se, assim, Vicente Licinio Cardoso entre os precursores do espenglerismo.

Relativista em philosophia e historia, dotado de natural bom gosto que a cultura aprimorou, estava apto a tudo comprehender no campo da arte, desde os refinamentos da architectura grega, expressando a geometria da civilização do seu tempo, até os arranha-céos newyorkinos, fructos da democracia americana.

Scientista, escravo dos dados positivos e da experiencia, acostumado a lidar com leis na série encyclopedica das sciencias, Licinio deante do espectáculo variado das manifestações artisticas, onde parece imperar a desordem magnifica de uma floresta tropical, sentiu a necessidade de prescrutar as mais intimas normas que governam aquella variedade aparentemente desordenada. No universo não se move uma palha, nem desabrocha a flôr de um sorriso, que não seja em virtude de leis mysteriosas, laços invisiveis da natureza intima das coisas.

Deante da variabilidade e da mutabilidade de formas de uma mesma arte dentro de uma mesma civilização, estamos apenas deante de caso particular, que revela tendencia também manifestada noutras civilizações. Goethe poderia ter pensado isto.

“Um espirito positivo, diz Licinio, não pode admittir que essa variação se faça ao acaso, aqui de um modo e acolá de outro, sem que exista uma tendencia fatal que defina essa variação, de modo a que venha essa mesma tendencia a constituir uma verdadeira evolução dessas manifestações artisticas”. (pag. 71) *Morphologia*...

Meditando nesses problemas, examinando os factos concretos que offerece a vida artistica á contemplação dos sabios e dos philosophos, elle chegou a formular a lei do idealismo, segundo a qual o gráo de idealização do real diminue continuamente. Essa lei é o reflexo da evolução mental do homem. A mesma lei expressa o evoluer das civilizações e traduz a evolução das obras de arte dessas mesmas civilizações. Repeti-lhe o pensamento quasi pelas mesmas palavras para ser absolutamente fiel.

Fôra impossivel resumir em quatro palavras a philosophia da arte de Licinio. Quiz apenas, na constellação das suas idéas fundamentaes, destacar uma dellas, como amostra, e fazel-a fulgir, no desalinho deste escripto apressado.

A arte, assim concebida como flôr de civilização, está impregnada de social. A philosophia da arte de Licinio assume a feição de uma philosophia sociologica: poderia ter dado ao seu livro o subtitulo de sociologia esthetica.

Essa corrente é, hoje em dia, a mais forte nos dominios da arte.

A ligação profunda da evolução da arte com a evolução social, estudos recentes da arte dos loucos vêm confirmar. A arte dos alienados reproduz phases ultrapassadas da cultura, regrida aos tempos primitivos. Já ha, por outro lado, quem tenha mostrado a semelhança que ha entre trabalhos da escola expressionista e a produção artistica dos eschyzophrenicos (Dr. Gonçalves Fernandes).

Por sua vez a creança, nas suas manifestações artisticas, sobretudo no desenho, recapitula a evolução psychologica da humanidade.

Tudo isto vem demonstrar o profundo caracter social da arte.

Vicente Licinio Cardoso tinha razão quando alicerçou a sua esthetica na sociologia, e estou certo que a sua Philosophia da Arte é um desses livros que ficam, porque foi arcamassado com dados positivos, meditado sobreposse, e encerra a revelação de algumas verdades, que outros haviam entrevisto, mas que elle, com genialidade, entrelaçou e architecturou num systema logico, elegante e coherente.

ALCIDES BEZERRA

— Léon Bocquet foi uma especie de historiador das cidades da Flandres, especialmente daquellas que durante a grande guerra foram flagelladas pela furia allemã. Homem do norte da Europa, sente-se-lhe a impossibilidade de ser loquaz e prefere converter os seus livros, como o romance *Heurtebise* surgido ha pouco, em documentarios regionaes que não permitem rhetorica desbordante de actos ou gestos.

— George Delamare revive *L'Empire oublíé*, apresentando-nos um retrospecto do que foi a aventura mexicana de 1861 a 1867. Trata-se da bizarra lembrança dos francezes de collocarem á frente da nação dos Aztecas um principe de procedencia austriaca, o excellente Maximiliano, marido da princeza Carlota, que tudo possuia de um homem de letras e de um homem de salão, mas muito pouco de um homem de Estado. George Delamare, que não respeita demais a historia sempre que se trata de obter faceis effeitos romanescos, mostra-nos com habilidade os lances daquella epopéa falhada, que acabou sacrificando ao furor de Benito Juarez um pobre humanista de Vienna transtornado pela direcção de uma zona vulcanica de barbaros.

Livros Portuguezes

O livreiro Joaquim de Oliveira Antunes, em quem competem intelligencia e actividade, vem de offerecer-nos mais dois livros oriundos de typographias lusitanas. Um é do sr. João de Barros e intitula-se *Heróes portuguezes no Brasil*. Ninguém ignora que o autor, admiravel poeta, foi amigo intimo de João do Rio e tem sempre falado da nossa terra e da nossa gente com desvanecido encanto. Nas suas chronicas o nome do Brasil apparece a cada momento, sempre entre expressões que denunciam affecto e saudade sinceras. O outro volume está longe de ser chronologicamente uma novidade, mas é sempre uma novidade pelo merito, pela importancia duradoura das suas paginas. Queremos referir-nos a uma linda edição portatil do *Crime do Padre Amaro*, com suggestiva illustração na capa. E esta allusão dá-nos ensejo a lembrar a permanente actualidade de Eça de Queiroz em terras da Europa e nas republicas da America que falam castelhano. As traducções de Valle-Inclan e outros continuam a circular pelo Chile ou pela Argentina e sabe-se até que um politico dos Andes, querendo fustigar um seu adversario, reviveu em relação a elle a terrivel allegoria sarcastica de mestre Pacheco. Paolo Silenziario traduziu *A Reliquia* para o italiano, provocando um valioso estudo do critico G. A. Borgese. Aubrey Bell verteu um dos contos de Eça para o inglez e também já está em francez um livro do homem que poz tanto riso e tanta intelligencia na prosa modorrenta dos frades e dos arcades. Um terceiro volume que nos foi offerecido pelo sr. Antunes não procede dos prélíos da Lusitania, mas trata de um politico e administrador que é hoje uma das preeminencias Moraes de lá. Estamos falando do estadista Oliveira Salazar, que o sr. Antonio Guimarães estuda em 174 paginas densas de conceitos significativos. A personalidade do grande ministro é bem evocada, em confronto com a de outros tres illustres filhos da Beira. Costa Cabral, João Franco e Affonso Costa. Vinte gravuras interessantes aclaram e enriquecem detalhes historicos do texto.

Viriato Corrêa — *Meu Torrão* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

A notoriedade do sr. Viriato Corrêa começou exactamente entre nós com as suas historias para a gente meúda, no tempo em que elle se assignava Fafázinho. Como que a matar as saudades desse periodo de estréia, o narrador bem mais idoso do *Meu Torrão* retorna agora ao convívio dos garotos, sem duvida alguma o seu publico preferido. E manda a verdade dizer que as historietas evocadas no momento aproveitam com muita habilidade lances heroicos do passado brasileiro, de modo a que por elles se interessem commovidamente os leitores de sete a quinze annos.

Cornello Pires — *Tá no Bocó...* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

E' nova collectanea do ajuntador de anedotas que tantos e tantos brasileiros lêem e relêem com decidido regalo. Se bem que não primem pela originalidade e denunciem quasi sempre uma procedencia estrangeira, reconhecivel especialmente por parte de quantos percorrem os anecdotarios europeus, *Tá no Bocó* encerra paginas que nos ajudam a esquecer as afflicções da hora presente.

Monselhor Bougaud — *A Dôr* — Record — Rio.

O livreiro Antonio Simões dos Reis é dos que nunca se desencorajam para o trabalho. Animado por um fino criterio seleccionador, lançou em nosso mercado livros de Papini e outros grandes escriptores europeus. No momento, sem sair das suas nobres preferencias catholicas, prosegue elle na divulgação de excellentes obras de ascetica, como esta de monsenhor Bougaud, das mais primorosas no genero. Percorrer *A Dôr* equivale a estabelecer contacto com um pastor de crentes que sabe dizer aos fieis aquellas palavras em que o interesse humano é sempre servido pela invocação dos melhores textos sacros.

RAUL POMPEIA VIVISSIMO

Eloy Pontes acaba de publicar o livro que lhe dará um prestígio certo nas nossas letras e acaba de descobrir o seu género litterario: a biographia. Esse seu livro sobre a vida de Raul Pompeia (*Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompeia — Livraria José Olympio Editora*) é alguma coisa de surpreendente na nossa litteratura de biographias romanceadas ou não. Nesse particular a nossa litteratura é de uma pobreza de Job. Falta de biographados ou de biographos? Acho que de biographos. Porque sujeitos biographaveis nós temos bem uma duzia. Faltam os biographos, isso sim. Onde está a biographia de Machado de Assis? Felizmente parece que agora essa escriptora notavel que é Lucia Miguel Pereira resolveu estudar a vida e a obra de Machado. Mas as vidas de Aloysio Azevedo, Lima Barreto, Manoel de Almeida, isso para falar sómente nos romancistas, estão ahi esperando biographos e estudiosos. Foi o que Raul Pompeia encontrou em Eloy Pontes.

Até agora a gente tinha sobre Raul Pompeia informações obscuras, meio na sombra, como se houvesse na vida do grande romancista algum facto degradante. Talvez que o seu suicidio numa noite de Natal fosse o culpado disso. Lia-se o *Atheneu*, admirava-se o romancista, e ficava-se nisso. Da vida delle sabia-se muito pouca coisa. E assim mesmo nada de certo. Boatos sobre sua vida sexual.

Leia-se o livro de Eloy Pontes. Que grande vida a desse neurasthenico Raul Pompeia! E que escriptor. Talvez que o maior merito da obra de Eloy Pontes esteja em mostrar um Raul Pompeia differente daquelle que nós nos acostumamos a imaginar após a leitura de *O Atheneu*. Em verdade Raul de Pompeia não existia. Existia *O Atheneu*, um romance sem precedentes e sem semelhantes na lingua portugueza. Como que o romancista vivera unicamente para escrever este livro. Crescera, escrevera o romance e se suicidara. Raul Pompeia vivia na memoria dos seus leitores em função do seu livro. Era o autor de *O Atheneu*.

Quão diversas se passaram as coisas na realidade. O volume de Eloy Pontes é esclarecedor. Não foi *O Atheneu* a vida de Raul Pompeia, nem tão pouco toda a sua obra. Vamos passar por cima dos seus dois outros romances, um da infancia quasi, outro de satira, passemos mesmo por cima dos seus contos, mas não poderemos esquecer esses extraordinarios artigos de jornal, muitos dos quaes Eloy Pontes transcreve na integra. Sei que um editor vae publicar um volume de artigos escolhidos de Raul de Pompeia. O serviço que resulta dessa publicação para as letras brasileiras é immenso. O publico vae conhecer um dos maiores articulistas que já appareceram por estas bandas. Homem de combate, homem de luta, jornalista antes de tudo é o que foi Raul Pom-

peia. Isso no tempo em que o jornalismo não havia se degradado tanto, quando homens de pensamento ainda occupavam as bancas de jornal.

Raul Pompeia foi um destes homens. Toda sua vida foi um combate só. Desde a abolição até o florianismo, passando pela republica. Utilisou tudo na sua luta: o artigo, o conto, o romance. "Arte pela arte" era um conceito que não existia para Raul Pompeia. Não se trancou na torre de crystal esse romancista, esse jornalista. Veio para junto dos problemas do povo, para perto delle, fez da sua penna uma arma de combate.

Não vale a pena falar mais em *O Atheneu*. Todos conhecem esse romance, classico na lingua. Mas vale falar na vida agitada deste homem magro que desde os bancos academicos até o dia final fez coisas novas, renovou as letras da sua terra e foi adeante da sua época.

Eloy Pontes realizou um livro digno da maior attenção. Um livro que não deve ficar nos elogios de jornal. Um livro que deve ser lido.

JORGE AMADO

UMA GRANDE EDUCADORA

A sra. Anna de Castro Osorio foi em Portugal uma creatura de belleza e alegria para os espiritos jovens. Quantas creanças aprenderam a ler e a sonhar nos seus livros, escriptos com ternura verdadeiramente maternal em relação a todos os garotos da Lusitania. Amiga da boa tradição, mas sabendo ampliar e enriquecer nas descobertas Moraes da hora presente, procurou infundir um caracter de pittoresca actualidade a todas as historietas que entretecia para a sua gente predilecta, a gente de palmo e meio, a gente que vae pouco além do rodapé da casa e pouco se alteia acima do mundo rectangular do tapete. A pedagogia dessa grande educadora era uma sciencia do coração. E o Brasil, não menos que Portugal, foi objecto de seu amor, porque nos conhecia muito bem e, sempre que redigia uma formosa narração, pensava tanto nos seus leitores miudos de São Paulo ou do Rio, quanto nos de Bragança ou Aveiro. Pela sensibilidade, pelo talento, foi a sra. Anna de Castro Osorio bemfeitora do seu paiz e do nosso e todos os que falam portuguez deverão sempre reverenciar a memoria de quem, dentro de uma boa arte litteraria, despendeu tanta emoção e tanta ternura no mais desdenhado e humilde dos idiomas.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

A Renascença Catholica

A historia deveria ser reescrita de vinte e cinco em vinte e cinco annos! (Jacques Bainville é quem assim quer).

Ha sem duvida exaggero em se pretender historias da humanidade refeitas ao sabor de cada geração que desponta. Mas em face a novas aspirações collectivas, — ante as quaes os homens se desesperam por encontrar uma trilha que os encaminhe, — bem que ella poderia ser refeita em busca das soluções mais prementes ao momento. A acção creadora da historia surgiria assim desembarcada da pura erudição.

Quem se aventuraria entretanto a recompor um dado aspecto do passado longinquo que pouco interessou á tradição que lhe sobreviveu? Foram os adeptos do materialismo historico que se atreveram a retratar de novo toda a evolução da humanidade ao encalço do seu "homem economico". Surgiu então um historicismo fantasista e perigoso.

Era preciso contrabalançar esse materialismo exaggerado. E os catholicos por sua vez puzeram-se também a campo, procurando, atravez dos seculos, o rasto deixado pelo seu "homo perfectus". Houve um certo scepticismo quanto ao resultado de tanto esforço, pois ninguem mais acreditava em novidades no terreno já tão revolvido da historia universal. Mas no desenrolar dos acontecimentos historicos, existia um vasto periodo obscuro, uma grande lacuna inexplicavelmente envolta em mysterio. A Edade Media ainda era um campo propicio a descobertas. (Comte, procurando justificativas para a sua theoria rectilinea da evolução social, é quem comecara a desvendal-a). Da negrura de mil annos de aguas quieta, emergiam sómente as esguias flechas das cathedraes gothicas — mastros phantasticos a attestarem o fabuloso da não que sobrava...

Pesquisando nesse longo periodo da historia, em que a Igreja

ja domina com uma pesada mão de ferro, os catholicos puzeram-se a fazer descobertas que redimem o catholicismo de muitos dos seus erros de intolerancia inquisidora. De todos estes estudos parece que se conte, que os altos e baixos da civilização deram-se em rythmo com os surtos alternados do "homo perfectus", todo embebido da moral christã, e do economismo descabido.

Sempre que o homem idealista, — a subordinar todo o direito natural do individuo a uma finalidade mais elevada e moralizadora — sempre que este homem submergiu na maré crescente do economismo — a só preoccupar-se com as exigencias sensiveis da natureza humana — desencadeou-se inevitavelmente a decadencia.

A todas as grandes dilatações do horizonte palpavel em que a humanidade se agita corresponderam transformações espirituas profundas. No fim do seculo XV e começo do XVI, com a descoberta da America e a circumnavegação da terra, ruiu a cosmologia Ptolemeica que havia seculos confinava as imaginações, e o homem aventurou-se a pesquisar até no terreno sagrado da religião.

A Igreja passou então, no fim da Edade Media, por uma grande crise. A escolastica agostiniana abusara da predestinação e precipitara na apathia desintegradora (tal como qualquer fatalismo) toda a turba dos que não se sentiam eleitos. O genio de Santo Agostinho tinha se esmerado em apontar direcções a seguir sem se preoccupar com os obstaculos do caminho. Só uma elite podia pretender segui-lo, e Jesus parecia ter morrido em beneficio de um pequeno grupo de privilegiados.

Junto a muita rigidez de principios accumulavam-se os abusos, e a Reforma, se esboçava como um golpe fatal contra a

Igreja. A velha escolastica tinha a todo o preço que se humanizar, detendo um pouco mais as suas vistas sobre as cousas terrestres. Era preciso indicações praticas, methodos systematizados, roteiros que permittissem ao homem se encaminhar para a graça e attingir assim todas as promessas deslumbrantes. Em summa, a velha escolastica adstricta a só comentar Platão, necessitava também um pouco de Aristoteles. E era essa grande innovação que os discipulos de Loyola traziam para revivificar a Igreja. O catholicismo estava salvo.

Os Jesuitas surgiam cheios de indulgencia para com a fraqueza humana, ao mesmo tempo que dignificavam os homens com o livre arbitrio e abriam as portas da graça a todos que a almejassem. E desde então foram sempre os Jesuitas, com essa extraordinaria facilidade de adaptação ás contingencias mutaveis da evolução humana, o segredo vital do catholicismo.

Hoje a humanidade encontra-se num novo impasse. O divorcio integral do pensamento scientifico da fé religiosa deixou a sciencia livre senhora dos seus destinos. Uma technica assombrosa está mais uma vez a dilatar desmedidamente o horizonte palpavel em que se agita o homem, sem que as necessarias modificações espirituas tenham se dado *pari passu*. Ha um desequilibrio. Surgiu um novo elemento que as antigas legislações desconheciam: o proletariado. E este clama por seus direitos.

Mais uma vez a catholicidade precisa se humanizar, trazer um pouco de Aristoteles ao seu platonismo. A grande massa pede também alguma felicidade na terra e não pretende só aspirar a bemaventurança na outra vida. Errada ou não, a massa está querendo alguma cousa. E a Igreja não poderia desprezar um movimento humano de uma tal envergadura.

A força vital do mimetismo jesuitico poz-se de novo á obra, e estamos assistindo a uma tentativa de conciliação entre as fortes tendencias materialistas do socialismo em ordem do dia e as bases espirituales da economia christã.

Despido de qualquer poder temporal o catholicismo só podia pretender inculcar a sua sociologia economica atravez de normas que refreassem moralmente o homem. D'ahi o caracter essencialmente pedagogico da religião. Mas é um trabalho por demais exhaustivo esse de se substituir nos individuos a idéa de "obrigação" para com a sociedade por uma simples noção de "dever". Já ninguém confia muito nas ethicas que desprezem o constrangimento do meio, as imposições coercitivas da collectividade. (As enternecedoras doutrinas de um Guyau e de um Kropokine dão na pratica a Anarchia...)

O problema actual para o catholicismo é secundar a imitação do Christo — com o seu cortejo de sanções lá do alto, bemaventuranças celestes e castigos do inferno — por leis sociaes que permittam controlar as sociedades de accordo com as normas da moral christã. O catholicismo precisa crystalizar o seu ideal politico. A "acção catholica" necessita uma bandeira em torno á qual o laicato se agrupe em partidos. E' sob este aspecto de muito maior actualidade que o trabalho de synthese philosophica em que está se empenhando o Thomismo a querer se conciliar todas as antinomias das escolas modernas, o agnotismo kantiano inclusive — é sob este aspecto que estamos assistindo ao seu renascimento.

MIRAN DE BARROS LATIF

LEIAM
ESTRANGEIROS
DE AGRIPPINO GRIECO
NAS LIVRARIAS

Biogeographia Dynamica

CHRONICA SCIENTIFICA IRRADIADA NA "HORA DO BRASIL"

O titulo do novo e interessantissimo volume publicado pelo professor A. J. de Sampaio — *Biogeographia Dynamica* — pôde assustar um pouco... E' algo solenne, demasiado technico. No entanto o livro é um accessivel e delicioso repositório de paginas litterarias, notas geographicas e botanicas, poesias, figuras. *Biogeographia Dynamica*, do prof. Sampaio, é, afinal, livro para todas as pessoas de bom gosto, livro de todas as casas e de todas as escolas. Um grande, util e muito attrahente manual de "Protecção á Natureza".

O autor diz muito bem que si os preceitos scientificos norteiam as realizações, em materia de protecção á Natureza, é no entanto a palavra do poeta, do artista, do homem de letras o elemento imprescindivel ás campanhas de protecção. O auditorio dos scientists é sempre menor do que o dos litteratos. E o autor poderia ter acrescentado que os artistas falam ao sentimento, o que é muito importante em materia de propaganda.

O primeiro Congresso que tratou de protecção á Natureza não foi absolutamente de scientists; foi a reunião da Association Litteraire et Artistique Internationale, verificada em Liège, na Belgica, em 1905.

Uma das partes mais uteis do livro do prof. Sampaio é a referente ao que se faz em todo o mundo quanto á organização de protecção á Natureza; o autor não se furtou a fadigas e trabalhos para reunir no volume informações preciosas. Noutro capitulo mostra elle como "o turismo é uma das forças mundiaes mais influentes na protecção á Natureza".

O estudo relativo aos Parques Nacionaes — é outra excellencia da *Biogeographia Dynamica* de Alberto J. de Sampaio. Tendo o Brasil 1.340 municipios, o autor suggere medidas praticas para que de prompto venha cada qual a possuir o seu Parque para abrigo de especies vegetaes e animaes. As numerosas referencias, notas estatisticas, informações relativas ao que se vai realizando nos Estados do Brasil e especialmente no Districto Federal quanto ao reforestamento, dão ao livro de Sampaio valor particular para quem estuda os problemas brasileiros. Fazendas, sítios, estancias, engenhos, feitorias — deviam ter sempre o seu "santuário" — pequeno recanto em que o matto cresce á vontade e onde as aves podem nidificar confiantes. Santuario — é nome technico... Um lindo nome para uma bella idéa...

ROQUETTE-PINTO

João Lyra Filho — *O Barão* — Rio de Janeiro.

O sr. João Lyra Filho, que anda longe de ser um estreante, já ligou seu nome a livros bem acolhidos pela critica idonea: *O Sertão social* e *Pensamento a concluir*. Agora, dá-nos elle o retrato historico de Rio Branco, daquelle que chama familiarmente de Juca Paranhos. *O Barão* é trabalho de quem comprehendeu com argucia e interpretou com clareza uma das nossas figuras mais ricas em aspectos brasileiros e universaes. Os detalhes sobre a questão do Amapá e sobre a conferencia de Haya mostram que, directa ou indirectamente, Rio Branco foi sempre abnegado servidor do seu e do nosso paiz, querendo tornalo verdadeira entidade moral no concerto dos povos.

João de Castro Osorio — *Necessidade e sentido de uma universidade colonial* — Edições "Descobrimento" — Lisboa.

Trata-se de um dos mais notaveis pensadores politicos do Portugal de hoje. Autor de um manifesto nacionalista que produziu grande impressão quando divulgado em 1919, o sr. João de Castro Osorio conhece como poucos os problemas coloniales da Europa. E esta sua these sobre a necessidade de um nucleo de cultura que mais e mais intensifique os dons civilizadores dos lusos, nas suas incursões em terras africanas, é de um nobre caracter objectivo, sem palavreado superfluo e sem facciosismos que um assumpto de caracter technico não poderia comportar.

JARDINS PARA OS TROPICOS

Desviada do seu natural destino — a revista *Chacaras e Quintaes* — a consulta que me dirige o sr. A. J. I. colloca-me na situação difficil daquelle homem do conto de Mark Twain: o redactor do jornal de agricultura que não entendia de lavoura.

O sr. A. J. I. possui á linha de Casa Amarella um jardim de canteiros ainda virgens, em volta de um palacete novo.

E a sua difficuldade é agora a da escolha de plantas e flores.

Só depois de derrubados varios sapotizeiros — sapotizeiros que derramavam sobre a areia as melhores sombras deste mundo; velhas palmeiras; uma formidavel jaqueira; e sobre a pobre terra a sangrar, extendido, á fita métrica, um systema de canteirinhos geometricos; só depois de tamanha destruição, o estimavel sr. A. J. I. coça, shakspeareco, a cabeça, na duvida de si mesmo e da sua esthetica. Seria o caso de responder-lhe com a oratoria do frade: "E' tarde, é muito tarde!"

Porque a verdade, meu caro sr. A. J. I., é que o seu jardim deveria ter começado pela conservação de metade, pelos menos, daquellas arvores.

Objectará o senhor que na Suissa, paiz dos seus encantos, os jardins que teve occasião de ver em torno dos hoteis eram superficies lisas; sem arvores; os canteiros symetricos. E com effeito.

Mas, meu caro sr. A. J. I., da Suissa tudo nos distancia, ainda que tão abundantes sejam as nossas relações commerciaes: ella a nos fornecer relogios e latas de chocolate e de leite condensado e nós a lhe fornecermos turistas para os seus lagos, novos-ricos para os seus hoteis e tuberculosos para os seus sanatorios. A reciprocidade economica é perfeita e sem um pello arrepiado a cordialidade de nossas relações — exactamente pela dissimilhança radical de condições de vida.

Nós vivemos sob um sol contra o qual todas as sombras são poucas; sob um sol tyrannico. Mas enquanto vivemos sob similhante sol — verdadeiro Luiz XIV no despotismo — na Suissa, democratica em tudo, inclusive na sua mediania intellectual, na sua esterilidade artistica e na sua natureza industrializada — o sol reina... mas não governa. E' um sol effeminado, quer dizer, parecido á lua.

Sob o nosso sol e nesta nossa natureza meio-selvagem ainda, jardins como os suinos ou como os francezes do Loire; ou como os inglezes de Holland House — estylizados, os tufos aparados em cubos, os canteiros em dura symetria, a relva quase sem fim — assumem um ar melancholico e ao mesmo tempo ridiculo. E não se comprehende que em vez de tirarmos partido de valores naturaes; da meia selvageria que é a delicia da nossa natureza — procuremos eliminar aquelles valores e disfarçar essa meia selvageria para fingir, nos jardins, a Suissa e o Loire. E' como se phantasiássemos de

branca, uma beldade negra; ou de loura, uma linda cabocla. Os mesmos effeitos de ridiculo.

No assumpto bem poderíamos ter desenvolvido a lecção portugueza. A magnifica lecção portugueza.

Sempre recorro com saudade as tardes e os meios-dias de sol passados em Lisboa, entre as palmeiras do São Pedro de Alcantara.

A's vezes, passeiando pelo São Pedro, imaginava eu vêr, num banco mais só, Anthero do Quental, magro, louro, triste; mas era sempre algum inglez meio-tysico a gozar um pouco de sol e a ler o seu Wordsworth ou o seu romance de aventuras.

Jardins mais lindos que os portuguezes — os de Lisboa, de Cintra, de Bemfica, de Coimbra — não vi em parte alguma; jardim como o São Pedro de Alcantara duvido que exista fóra de Lisboa.

Um desses dias, folheando uma revista norte-americana, fui surpreendido por um artigo interessantissimo sobre os velhos jardins portuguezes: *Some Portuguese Gardens*. Assigna-o um nome de mulher: Rose Standish Nichols.

Escreveu-o a americana sob o encanto de um ceu que lhe pareceu mais azul que o da Italia; e de um sol que a deliciou. E que é na verdade o mais doce e o mais bonito dos soes.

Interessada principalmente em estudar os jardins portuguezes, foi Miss Nichols a diversas quintas — deliciando-a sempre, nessas excursões, o "casario cheio de côr", umas casas pintadas de novo, outras com o verde ou o azul ou o vermelho da pintura desmaiado pelo sol; não raras, quadriculadas de lindos azulejos.

Em Bemfica, visitou a Quinta do Marquez de Fronteira. E logo ao primeiro contacto sentiu nesse jardim portuguez do seculo XVII alguma cousa de inconfundivelmente diverso dos jardins que visitara na França, na Italia e na Hespanha.

E' que o conjuncto offerecia effeitos de espontaneidade bem diversos dos de ordem geometrica dos jardins francezes e italianos. E a americana observa: "Talvez ao ser estabelecido este jardim, o arranjo das plantas fosse tão regular quanto o plano, symetrico; porém em março do anno passado, quando o visitei, tudo parecia deliciosamente ao acaso". E referindo-se, meio-inquieta, a certos cuidados do proprietario actual adverte a escriptora: "E' de desejar que elle saiba que as irregularidades, com o seu ar de resultados do acaso, produzem um effeito de espontaneidade muito mais agradável que o de regularidade e precisão levadas ao requinte na França. O exacto geometrismo destroe nos jardins o encanto da intimidade; e o jardim da Quinta do Marquez, apesar de suas vastas dimensões, tem essa intimidade acolhedora e fala directamente ao coração da gente. Aqui e alli reponta uma "rosa-chá" ou uma "mimosa" de formas classicas, os galhos muito longos fóra de proporção com as plantas vizinhas. Ha canteiros

cheios de "Bellezas de Nice" em botão, outros transbordam de azul vivo ou de roxo. E de vez em quando dança aos nossos olhos, o vermelho de tulipas, em grupos alegres... Os azulejos que ornamentam os muros e parapeitos são de um azul cobalto fosco que recorda o da porcellana de Deft"

Essa americana sentiu decerto o verdadeiro encanto dos jardins portugueses; seu lyrismo quasi se pode dizer sua beleza. Belleza que está exactamente no meio-selvagem das plantas, dos tufos, das flores, todas tão á vontade como si não estivessem num jardim. Exactamente o opposto do rigido geometrismo dos jardins suissos e francezes que obrigam as flores e as plantas á attitude de soldados em dia de parada.

A tradição portugueza é sem duvida a que devia estar sendo aqui desenvolvida, e não a franceza ou a ingleza, dos arrelvados.

Não a mania destes canteiros symetricos, geometricos, rigidamente alinhados. Canteiros de cimento imitando ás vezes troncos de arvores para dar uma nota de rustico de scenographia.

E para encher esses canteiros o "chic" está no exotismo. Desprezam-se os roxos e azues, os amarellos e vermelhos da nossa flora; as formas bonitas e elegantes em que se alongam tantas das nossas plantas decorativas — pelo "chic" das plantas estrangeiricas. Entretanto, recorda das nossas, no seu estudo *A Flora do Brasil*, o botânico F. C. Hoehne: "muitas já figuram nos jardins mais nobres da Europa".

Da minha parte, meu caro sr. A. J. I., confesso um lyrismo a Diego de Estrella por essas nossas plantas, hoje desprezadas nos jardins "chics". Ellas começaram a ser nossas pelo sabor dos proprios nomes. Nomes que pedem poemas: "Flor de noiva", "Tres Marias", "Cinco Chagas", "Brinco de Princezas", "Flor de Viuva", "Suspiros". "Saudades", "Resedá", "Palmas de Santa Rita"... "Plantas coloniaes", chama-as uma amigo meu. E Monteiro Lobato, num dos seus contos, fala-nos de um jardim "cheirando a Thomé de Souza" — onde um jardineiro chamado Temotheo, preto velho já arrastando os pés, passara toda a vida a regar e a cuidar como um São Francisco de Assis de "perpetuas", "resedás" e "sempre-vivas"; e que um dia é transformado em jardim inglez.

Este tem sido no Recife e por todo o Brasil o destino de muito jardim antigo. Diz-se, meu caro sr. A. J. I., que isso é devido ao Progresso; e é o sr. Lobato quem põe na bocca de uma personagem do já referido conto estas ou parecidas palavras: "Estamos no Seculo das Crysandhalias!"

GILBERTO FREYRE

(Do livro a sahir: *Artigos de Jornal*, collecção de artigos escriptos de 1922 a 1925).

DEBUSSY

Depois

*O jardim em silencio ficou,
Quedaram-se os repuxos melancolicos,
Emmudeceu a vida, a agua parou.
Estudos de natureza compassada,
Allucinações crepusculares de chuva,
Delirio das lentidões liquidas,
Quêda de fios de prata a prumo.
O jardim é um aquarium harmonioso,
Nós estamos na redoma colorida
De um music-hall de cinema futurista
Mas brando, muito brando,
Paulatinamente
Como uma cigarra doente que está rechinando.*

REINALDO MOURA

Tristão de Athayde — *No Limiar da Idade Nova* — Livraria José Olympio — Rio.

O sr. Tristão de Athayde continúa a ser um mestre dos brasileiros que pensam. Mestre que estuda e escreve sempre, que, em seu nobre afan de orientar espiritos, não perde de vista um só que seja dos grandes livros produzidos pelas terras classicas da cultura. *No Limiar da Idade Nova* é obra de bastante originalidade philosophica, sem prejuizo da fecunda submissão demonstrada pelo autor aos postulados da Igreja. As paginas sobre Maritain, o néo-individualismo e a sociologia catholica são ricas de substancia intellectual e moral.

Affonso Schmidt — *Curioso* — Livraria José Olympio — Rio.

O sr. Affonso Schmidt é um dos maiores contistas do Brasil. Cada narração sua vale por uma curta novella em que ha pullulação de notas reaes, em que se entrechocam tendencias e aspirações contradictorias. Poeta que sabe ler nos temperamentos, não lhe falta, para eternizar os factos colhidos em flagrante, um estylo discreto e puro, de uma arte que mais e mais se distancia do romantismo para attingir o pleno classicismo. Quando fala dos pobres, dos tristes, dos maltratados pela vida em commum, o sr. Affonso Schmidt approxima-se bastante de quantos souberam fixar a dramaticidade miuda das sociedades sem alma, de Charles Dickens aos escriptores moscovitas.

LEIAM

TRES CAMINHOS

— DE —

MARQUES REBELLO

AUTOR DE

MARAFÁ

Grande Premio de Romance

"MACHADO DE ASSIS"

De Antuerpia

UMA THESE BRASILEIRA NA UNIVERSIDADE DE LOUVAIN

Tenho para mim que o patriotismo deve consistir antes na admiração, justa, motivada, reflectida, pelos homens dum paiz, dos quaes se possam orgulhar os seus concidadãos, do que no simples amor, contemplativo, estéril, do torrão natal.

Assim, ao revés do que aconselha a musa archaica dos Affonso Celso, não me ufano do meu paiz pela extensão das suas matas virgens e dos seus campos de capim-melado, nem pelo seu potencial de riquezas inertes, nem pela profusão das endemias que o transformam num "vasto hospital", nem pela apathia das suas populações opiladas, nem pelo complexo de inferioridade dessa "flôr amorosa de tres raças tristes", — que a poesia indigena devêra antes lamentar do que exaltar.

Ufano-me, sim, de ter nascido no paiz dos Rio Branco e dos Joaquim Nabuco; dos Tobias Barreto, dos Clovis Bevilacqua e dos Lafayette Pereira; dos Sylvio Romero, dos Machado de Assis, dos João Ribeiro e de Ronald de Carvalho; das grandes familias cujos nomes se ligam á formação da nossa nacionalidade: os Andrada, os Mello Franco, os Accioly, os Pimentel, os Wanderley, os Bueno, os Prado, os Junqueira, os Macedo Soares; e de tantos outros espiritos de eleição e de quantas greys illustres, que fôra exhaustivo enumerar, e que, em differentes campos da intelligencia e da cultura, souberam elevar o nome do Brasil acima do méro conceito da sua extensão territorial.

Por essas razões, foi com o mais sadio jubilo patriótico, com o mais legitimo orgulho de brasileiro, que assisti, no dia 23 de dezembro, a uma dessas consagrações da intelligencia brasileira no estrangeiro que, por tão raras, tanto mais nos devem envaidecer e entusiasmar. Quero referir-me á defesa de these, na Universidade de Louvain, do nosso joven patricio Antonio Rober-

to de Arruda Botelho, que, approved por unanimidade de votos, recebeu o gráu de doutor em Sciencias Politicas e Diplomaticas.

Vale lembrar que, desde a fundação da Universidade Catholica de Louvain, em 1425, até esta data, o nosso brilhante compatriota é o primeiro brasileiro que, na Escola de Sciencias Politicas e Sociaes, fez jús ao gráu de doutor, — após ter recebido, na mesma Universidade, o diploma de bacharel em Direito.

O nome de Arruda Botelho já é, de resto, bem conhecido no mundo intellectual europeu, e sobretudo nas espheras scientificas da França, onde o dr. Carlos Botelho Junior (primo-irmão do joven jurista de quem nos occupamos) é sobejamente admirado pelos seus trabalhos e pesquisas no Hôtel-Dieu de Paris, em cuja clinica é assistente do pro-

fessor Hartmann; e, sobretudo, pela celebre reacção que descobriu para o diagnostico do cancer, descoberta esta que o Governo francez dignamente recompensou conferindo a Legião de Honra ao sabio brasileiro.

Convém ainda lembrar, para maior orgulho nosso e mais perfeita justiça á intelligencia e á cultura do nosso corajoso patricio, que este teve que enfrentar o severo jury da Universidade de Louvain sob o peso de dois preconceitos tremendos: o de ser estrangeiro e o de ser Consul. Si bem que patrocinado, como é de praxe, por dois professores da Escola, os srs. Charles de Wisscher e Visconde Terlinden, que, de perto ou de longe, acompanharam durante tres annos a evolução da sua these, exigindo sempre do seu espirito e do seu esforço o rendimento maximo, o doutorando, que é Consul-Adjunto do Brasil em Barcelona, já-mais se illudiu sobre o rigor com que iria ser julgado, em virtude daqueles preconceitos, de resto frequentes nas velhas Universidades europeas, petrificadas nas tradições. Tem, pois, tanto maior preço a victoria da sua these, tanto maior valor o premio dos seus esforços, tanto mais significação a unanimidade de votos com que o approvou o jury, composto dos seguintes examinadores: Ministro Visconde de Poullet; Ministro G. Sap; Prof. L. Dupriez, Director da Escola de Sciencias Politicas e Sociaes; Prof. J. Dabin, lente de Direito Civil; Prof. Brussellmans, lente de Direito Administrativo; Prof. Nerinx, lente de Direito Publico Belga.

A these apresentada tem por titulo: *O Brasil e suas relações exteriores*, e se divide em tres partes: I — o Brasil e a Europa (Os Contestados franco e anglo-brasileiros; o Brasil e a Liga das Nações); II — O Brasil e os Estados-Unidos (Os Estados-Unidos e a Côte do Rio de Janeiro; A Doutrina de Monroe e a Ame-

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA

Dirigida pelo Professor Dr. Arthur Ramos

LIVROS PUBLICADOS

- | | |
|-------------------------|---------|
| I — Arthur Ramos — O | |
| NEGRO BRASILEIRO | 10\$000 |
| II — Nina Rodrigues — O | |
| ANIMISMO FETI- | |
| CHISTA DOS NE- | |
| GROS BAHIANOS .. | 8\$000 |
| III — Bastos de Avila — | |
| QUESTÕES DE AN- | |
| THROPOLOGIA BRA- | |
| SILEIRA | 7\$000 |
| IV — Arthur Ramos — O | |
| FOLK-LORE NEGRO | |
| DO BRASIL | 10\$000 |
| V — Josué de Castro — | |
| ALIMENTAÇÃO E | |
| RAÇA | 8\$000 |

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

R. Sete de Setembro, 162 — Rio

rica Latina; O Brasil e a Doutrina de Monroe; O Accordo entre as duas Americas e o futuro do Pan-Americanismo); III — O Brasil e a America Latina (A America Latina e a Organização Internacional; O Brasil e a sua politica de paz; intervenções brasileiras no Rio da Prata, o Barão do Rio Branco e a arbitragem, o caso de Leticia); A these é precedida por uma synthese historica do Brasil, e prefaciada por S. E. o Sr. Nicolas Politis, Ministro da Grecia em Bruxellas, membro do Instituto de França e da Academia de Athenas, Presidente do Curatorium da Academia de Direito Internacional da Haya, ex-Presidente da Assembléa da Liga das Nações.

O prefacio do Sr. N. Politis já seria uma sorte de consagração do autor, ao mesmo tempo que um titulo de orgulho para nós, pois o grande internacionalista escreve que "*tem pela pessoa do Sr. Roberto de Arruda Botelho uma viva sympathia, e professa pelo seu grande paiz a mais sincera amizade e a mais profunda admiração*"; e assim justifica os seus assertos: "*O Senhor R. de Arruda Botelho é um joven consul brasileiro, cuja educação refinada, cuja lepidia intelligencia e cujo solido saber, attestado pelo diploma de doutor em Sciencias Politicas e Diplomaticas, brilhantemente obtido na Universidade de Louvain, são factores certos de um bello futuro. Tantas e tão altas qualidades lhe asseguram um lugar eminente na carreira que elle segue com successo, e na qual, para brilhar mais ainda, ser-lhe-á bastante inspirar-se nos modelos legados por illustres predecessores, taes como, para só falar de alguns, os Rio Branco, os Ruy Barbosa, os Joaquim Nabuco.*" E o longo prefacio termina com estas palavras encorajadoras: "*Os paizes da Europa devem começar por conhecer, apreciar e amar os paizes da America. A obra do Sr. R. de Arruda Botelho corresponde, no que concerne ao Brasil, a esse objectivo. Eis porque recommendo com prazer a leitura deste livro*".

Na these em apreço, o nosso

patricio obedeceu a uma divisão tripartida das relações exteriores do Brasil: — 1.º com a Europa, 2.º — com os Estados-Unidos, 3.º — com a America Latina. Mas procurou, sobretudo, demonstrar que a politica do Brasil, tanto com as nações do Velho Mundo como com as do Novo Mundo, foi sempre homogenea, isto é, que a nossa diplomacia jámais deixou de ser uma *diplomacia de paz*, e a nossa politica jámais foi sinão essencialmente pacifica. Em resumo, a these tende a provar que, realmente a nossa diplomacia, tem posto em pratica este conceito do jurista patricio Raul Fernandes, estampado no livro á guisa de lemma: "O Brasil, do ponto de vista internacional, é a arbitragem".

E a demonstração foi cabalmente approvada, na presença de S. E. o Sr. Dr. Carlos Martins Pereira e Souza, Embaixador do Brasil em Bruxellas, do Sr. Dr. Henrique Pinheiro de Vasconcellos, Conselheiro Commercial junto a esta Embaixada, do Sr. Dr. Octaviano Machado, Consul Geral do Brasil em Antuerpia e do pessoal deste Consulado Geral.

Resta-nos ver, agora, condignamente recompensados os esforços desse funcionario consular que, pelo exito que acaba de obter, e pelos seus dotes de intelligencia e de cultura especializada, está fadado a abrilhantar a nossa representação diplomatica no estrangeiro.

MAURICIO V. WELLISCH

"BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA"

Além de optimamente impresso, este boletim destaca-se pela riqueza e utilidade dos assumptos versados. Uma fecunda comprehensão da politica colonial portugueza, em suas incursões pelo Continente Negro, anima os publicistas que se fazem, nestas paginas, cooperadores zelosos do reerguimento economico da Lusitania.

Emil Ludwig — **Hindenburg** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Em traducção do sr. Alfredo Negreiros, está sendo agora divulgado pelo Brasil o soberbo volume em que Emil Ludwig, grande esculptor de figuras historicas, revive a personalidade guerreira e politica de Hindenburg, um dos plasmadores da Allemanha de hoje. O facto de se tratar de um contempora-

neo não impede o biographo de crear, para bem julgal-o, uma serena perspectiva critica.

Isadora Duncan — **Minha Vida** — Livraria José Olympio — Rio.

Vibrante autobiographia de uma mulher que não sabia falar com indifferença de coisa alguma que lhe occorresse em derredor. Admiravel renovadora da arte da dansa, alteando os bailados á categoria de uma cerimonia quasi religiosa, Isadora foi bem uma figura em que se agitavam e contradictavam sentimentos e pendores herdados de raças varias. O mundo inteiro parecia-lhe pequeno para a soffreguidão de viagens que a allucinava. Seus amores, embora desinteressados, não passaram por vezes sem um boccado de escandalo. Nós outros do Rio tambem a conhecemos quando aqui veio deslumbrar-nos com as suas admiraveis composições plasticas. E as que mais lhe penetraram a intimidade ainda falam de Isadora como de uma daquellas creaturas que a gente não sê duas vezes. Quanto á traducção das suas memorias, é feita pelo sr. Gastão Cruls e traz uma illustração destinada a fixar um dos melhores momentos artisticos da autora.

João Henrique — **Roma pagã** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Mão grado a fórma didactica, é este um livro que se percorre com bastante prazer. A erudição do autor não repelle a amenidade e é das mais correntias a maneira por que elle nos faz ver tantos usos e costumes da velha educadora dos latinos. Não ha deficiencias em seu conhecimento dos historiadores romanos quer os que souberam definir em linhas geraes a evolução do grande povo do Lacio, quer os que apenas registraram anecdoticamente os factos. Livros assim tanto interessam á gente miuda das escolas como aos leitores adultos que ainda não se desprenderam do amor a civilizações mediterraneas.

Zuleika Lintz — **Horas lyricas**. — Rio.

Essa joven patricia, escrevendo num ambiente de arte discreta, merece sem duvida a preferencia de quantos ainda se conservam sensiveis a um lyrismo activo e nobre. Nada faz ella para ferir immoderadamente a acustica do proximo, para figurar na farandula carnavalesca em que se agitam tantas poetisas nossas. Celebra a natureza e o amor com uma ternura fidalga e seus versos têm sempre um bello pensamento a contemplar-se num rythmo cantante.

Alcides Lima — **Historia popular do Rio Grande do Sul** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Indiscutivel a utilidade deste livro, que vale por um resumo claro e honesto de tudo quanto tem occorrido de importante na vida social e politica do Rio Grande do Sul. E' um retrospecto que dispensa a consulta a muitos in-folios porventura maçadores. Redigiu-o com simplicidade um esculpulo coordenador de episodios do Brasil de hontem e de hoje e a edição é de extremo bom gosto, como todas as que saem dos prélos da Livraria do Globo.

POETAS PORTUGUEZES

A poesia anda rara, e fraquinha em geral, por estas bandas da lingua. Nas bandas de além, no entanto, ella continúa a viçar na admiravel tradição que vem desde os cancioneiros.

Agora mesmo me chegam dois livros, lindos pela substancia e pela perfeição graphica: *20 Poemas da Noite*, de Alberto Serpa, e *Desapparecido*, de Carlos Queiroz.

O primeiro é editado pela *Presença*, o que indica que o seu autor faz parte da familia espiritual da excellente revista lusa de vanguarda. Alberto de Serpa já nos dera em *Varanda e Descrição* a medida do seu talento. *20 Poemas da Noite* accrescenta á sua poesia uns tons de intimidade ainda mais recolhida. *La douce nuit qui marche* encontrou em Alberto de Serpa uma caixa de resonancia sensível aos sussurros mais subtils das horas mortas:

Andar silencioso de agua entre pedras
folego de aragem leve na folhagem,
traço de sombras imprecisas...

Isso lá fóra, onde mulheres passam

no seu destino immutavel de passar!

Dentro de casa é a volupia de

folhear um album de retratos antigos...
a leitura placida de um jornal atrasado...
o rasgar papeis duma gaveta fechada ha muito tempo...
o mandar resposta a uma carta esquecida...
o sentir um poema triste que ficará com o poeta...

E a gente termina o livrinho bem convencido, com Alberto de Serpa, que *a noite é uma irmã mais triste...*

Sempre tive inveja dos portuguezes no que concerne á prosodia. Os portuguezes podem dizer, como Eugenio de Castro: "fustigado p'la dor" (esse *p'la* que sôa como uma chicotada!), ou como este Carlos Queiroz:

Decasa de seus paes desappar'ceu...
Eu, feliz desappar'cido!

São effeitos prosodicos deliciosos, vedados a nós, brasileiros.

Carlos Queiroz affeição os metros curtos, nos quaes em verdade é exímio e nos dá o que tem de melhor, como, por exemplo, na *Canção do mundo perdido*:

Menino: o teu mundo
Tambem já foi meu;
Tão bello e profundo,
Tão perto do céu!

Que mundo tristonho
Agora é o meu!
Tão pobre de sonho,
Tão longe do céu!

Quem tal o diria?!

O mundo que um dia
Tambem será teu...

Ou nestes tetrasyllabos de incomparavel suavidade amorosa e musical:

Sabe-me a sonho
Estar aqui,
De olhos fechados
Ao pé de ti.

Isto recorda-me
Aquelle dia
Em que te olhava
Mas não te via.

Tu preguntaste:
— Que estás a ver?
Fechei os olhos,
Sem responder.

A tua voz...
Como a senti!
Vinha de tudo,
Menos de ti.

Desapparecido traz um retrato do autor, desenho assignado por Eduardo Malta, de uma finura e precisão de traço notaveis.

MANUEL BANDEIRA

— Ianne Ferrand-Weyher, no livro *Fontaines de Mémoire*, consagra uma especie de oração votiva á condessa Anna de Noailles, "semelhante ao mar por sua alma tempestuosa e seu doce riso claro".

— Alphonse de Châteaubriant (com "t" final, para distinguil-o do orgulhoso visconde de *Genio do Christianismo*) mereceu o premio Goncourt em consequencia do seu admiravel romance *Monsieur de Lourdes*, de que o nosso engenheiro Medeiros e Albuquerque deu um resumo attrahente na *Litteratura Alheia*. Depois disso, obteve elle um grande successo com a publicação de outro livro em que historiava os habitos de um grupo de camponios e pescadores immobilizados numa severa existencia tradicional, ainda que vivendo nas proximidades de Paris. Agora Alphonse de Châteaubriant, que já pertenceu á marinha franceza, obtem um terceiro triumpho com a publicação de *La Meute*, livro, como os anteriores, de extrema sobriedade, de um escriptor que trabalha lenta e cautelosamente as suas paginas, sem fome canina de celebridade ou de lucro. E' uma narração que decorre na provincia, ao desapparecer do scenario politico e guerreiro da Europa a figura obstruente de Bonaparte. Os elementos ruraes, finalmente colhidos, completam o tom de veracidade geral dessa bellissima reconstituição historica.

As origens dos africanos na America

Ainda no ultimo numero do *Boletim de Ariel*, Gilberto Freyre deu conta do que foi o Congresso Africanista do Recife, que se realizou num momento em que os estudos africanistas estão conhecendo um desenvolvimento tão promissor no Brasil. O primeiro volume dos *Estudos Afro-Brasileiros* que acaba de sair e ao qual se seguirá muito breve um segundo, vêm enriquecer, com os trabalhos apresentados ao Congresso, a bibliographia já bastante rica que possuímos.

Inteiramente leigo na materia, não deixo de lêr, quando se me apresenta o ensejo, um estudo ou uma obra africanista, movido por essa curiosidade universal e desregrada que acredito seja um dos menores defeitos dos brasileiros que sabem lêr.

Assim quiz o acaso trazer ás minhas mãos um volume, decerto inteiramente desconhecido entre nós, publicado no Haiti e sobre o qual me atrevo a chamar a attenção dos estudiosos do africanismo. Trata-se do livro da Bibliothèque Haitienne, *Ainsi parla l'oncle...*, essais d'ethnographie, pelo dr. Price-Mars. (Imprimerie de Compiègne, 1928).

O que mais me surpreendeu de inicio, confesso, foi a extrema pureza do estylo desse haitiano negro, que não se contenta em escrever um francez correcto, mas consegue compor até os trechos mais aridos numa lingua que muitos intellectuaes francezes cem por cento podem lhe invejar.

Digna de elogios tambem é a attitude desse intellectual preto, que reagindo contra o preconceito, que dos brancos já passou aos homens de côr do seu paiz, reivindica com serena e altiva coragem os direitos da raça negra a uma revisão do julgamento que a quer relegar num plano inferior. "Por um paradoxo desconcertante, escreve o sr. Price-Mars, este povo que teve, sinão a mais bella, pelo menos a mais captivante, a mais commovente historia do mundo — a da transplantação de uma raça humana num sólo estrangeiro nas peiores condições biologicas — este povo sente um constrangimento apenas dissimulado, uma certa vergonha até, em ouvir falar no seu passado longinquo".

E' esse passado que o escriptor haitiano estuda numa synthese infelizmente muito summaria ainda, porém, singularmente attrahente e basea da na mais solida documentação.

Depois de passar em revista o folk-lore e as crenças populares do Haiti, o sr. Price-Mars estuda a Africa, suas raças e sua civilização. E' nessa parte da obra do escriptor haitiano que se encontra, a meu vêr, a maior somma de ensinamentos interessantes para nós, pois nella encontramos o panorama da historia do continente africano, até ha bem pouco tempo totalmente desconhecida.

Na verdade, ignoramos tudo das origens dos Africanos da America e se estamos vendo nascer entre nós um grande movimento de interesse pela

participação dos negros na formação ethnica do nosso paiz, não temos procurado pesquisar as raizes africanas do nosso elemento negro.

E ficamos um tanto surpresos ao vêr resurgir, no livro do sr. Price-Mars, os antigos imperios que floresceram na Africa e que lhe fazem com razão empregar o termo *civilização*. "Se por civilização de um paiz, escreve o perquisador haitiano, de um povo, de uma raça, entende-se a organização social e politica, a cultura intellectual ás quaes esse paiz, esse povo ou essa raça attingiram, se se comprehende nella o conjuncto das suas instituições, das suas crenças, dos seus costumes, se todas essas coisas revelam nesse povo um senso da vida collectiva e privada, a regra de onde decorrem o direito e a moral, houve, num dado momento, no continente africano, centros de civilização negra de que, não so se encontraram vestigios, mas cujo fulgor brilhou além dos limites do sertão e do deserto".

O autor cita diversos exemplos dessa civilização como o imperio do Sudão e o dos Songhais, nas margens do Niger, que, sob a dynastia dos Askia, attingiu a um extraordinario grão de prosperidade e de grandeza moral, sobretudo no fim do seculo XV. Tombuctú, Gao conheceram uma grande era de prosperidade e a universalidade de Sankoré reunia os maiores sabios, artistas e professores de Marrocos, do Touat, da Argelia, de Ghadamés e do Cairo.

Foi desse imperio sudanez, do Congo e do Dahomey, que nos vieram os maiores contingentes de negros, que aqui, nas agruras da escravidão, reagiram com o seu temperamento affectivo nas suas dansas e na sua musica. O animismo africano, as suas crenças, as suas religiões, os seus ritos, que perduram no Haiti no curioso culto de Vodú, tambem tem uma sobrevivencia nas nossas macumbas e nas nossas crendices.

Haveria, portanto, um certo interesse em pesquisar as origens dos elementos africanos que vieram cooperar no desbravamento da nossa terra e participar da formação do nosso povo, e nesse particular o livro do sr. Price-Mars traz uma apreciavel contribuição.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO

Armand Godoy — *Le Drame de la Passion* — E'ditions Bernard Grasset — Paris.

Armand Godoy, o grande poeta cubano que escreve em francez purissimo, tem nesta volume um das suas melhores realizações de pensamento e de rythmo. Estampada que foi em 1929, esta série de bellas cadencias christãs já se viu transportada para o hespanhol, o italiano, o allemão e inglez. E' que as suas notas liturgicas são das mais impressionantes, sem quebra de um senso artistico que levou o autor a reviver, num ambiente de espiritualidade catholico, certos processos do côro da tragedia grega. Nada do que se prende ao Homem e á Natureza é indifferente a Armand Godoy, que, se não esquece o lado plastico dos seus poemas, será, acima de tudo, um admiravel musicista do verbo.

Um discípulo de Durkheim

O Boletim de Ariel do mez de Outubro, publicou um artigo de Saul Borges Carneiro, sob a epigraphe acima, no qual diz que foi talvez Sylvio Romero, entre nós, o primeiro a admittir o caracter scientifico da sociologia e que Edmond Desmolins se "voltava", com Vacher de Lapouge e Gobineau, para a admiração embasbacada dos povos anglosaxões".

Peço ao eminente critico permissão para pequeninos reparos sobre o seu interessante trabalho, esperando que não se moleste com a intervenção em seara alheia, de um bisonho lavrador, cujos lazeres consagra ao estudo dos phenomenos sociaes, como simples dilettante.

Creio que, muito antes de Sylvio Romero, em 1891, um eminentissimo e erudito campineiro, o Dr. João Alberto Salles, irmão de Campos Salles, foi o primeiro a admittir o caracter scientifico da sociologia, publicando *Sciencia Politica*, depois de outras obras, como a *Politica Republicana* (2 vols), *Catecismo Republicano*, *Patria Paulista* e a *A Moderna Concepção do Direito*.

Basta ler-se *Sciencia Politica*, que appareceu precisamente no inicio da primeira Republica, como "uma tentativa extemporanea", para convencer-se de que o notavel publicista, infelizmente desconhecido, das questões sociologicas, admittia o caracter scientifico da sociologia.

Houve, com o desaparecimento de Alberto Salles, um longo interregno, durante o qual o empirismo reinante, surdo aos conselhos e orientação scientifica do mallogrado sociologo, proseguiu na mesmissima estrada, até chegarmos, em 40 annos, ao estado actual de anarchia mental, tão pronunciado e suggestivo, após a revolução de 1930.

"Escrevo este livro, diz Alberto Salles, nas considerações preliminares da *Sciencia Po-*

litica (em 1891), em uma quadra essencialmente critica para a nacionalidade brasileira. A situação geral afigura-se-me melindrosa, tanto na phase provisoria que ora atravessamos, como por muito tempo ainda para o futuro..." E, mais adiante: "Não é necessario grande esforço especulativo para ver-se que uma bôa politica só pode nascer de uma bôa theoria e que um governo forte e responsavel só poderá funcionar no seio de um *povo instruido e moralizado*".

Para os homens que pensam, esta pequena transcrição mostra o alcance, a visão, o amplo descortino sociologico de Alberto Salles, a sua nobre "tentativa extemporanea", para arrancar a Politica do nosso empirismo. Mostra, igualmente, o valor dos estudos sociaes nos destinos de um povo, illuminando-lhe os caminhos a percorrer.

E' possivel que me engane, tal a deficiencia dos meus recursos e o acatamento que consagrava ao meu inolvidavel mestre. Mas, longe de arrefecer, minha admiração não cessa de augmentar pelo desditoso publicista, cuja autonomia mental e coragem civica me consolaram no meio da multidão reaccionaria e indifferente.

Alberto Salles, como Edmond Desmolins, não recuava ante a proclamação de uma verdade, por mais impopular que ella fosse.

Quanto a Edmond Desmolins, parece-me que o notavel critico apenas conheceu delle o livro celebre — *A quoi tient la supériorité des anglo-saxons*, porque, além desse livro, outros, de grande e indiscutivel valor para o estudo da sociologia, publicou o eminente publicista, filiado á escola de Le Play, que, 1886 e 1895, em *Ouvriers européens* (1855), muito anteriormente a Durkheim, sentenciava, com amplo descortino: "La Science sociale, suivra, dans son développement progressif, les

mêmes phases qu'ont parcourues l'astronomie, la physique, la chimie, l'histoire naturelle, et, en general, les connaissances fondées sur l'observation des faits".

"Das la première période de l'histoire des sciences, en effet, la description et classement des phénomènes tenaient peu de place; ils étaient d'ailleurs, subordonnés à quelques idées conçues a priori, à quelque theorie fondée sur un fait saillant, mais incomplètement observé. Dans la dernière période, aussi féconde que l'autre avait été sterile, la méthode contraire a été suivie. On c'est soustrait, par degré, autant que le comporte la faiblesse de l'esprit humain, au *joug des idées preconçues*, on a pris l'étude attentive des phénomènes comme suffisamment connus que lorsqu'on a su en donner les poids, la mesure et l'usage exacte; et c'est alors seulement qu'on a cru pouvoir en presenter la theorie".

Homens filiados, como Edmond Desmolins, á escola de Le Play, não creio que se deixem *embascabar* de admiração, tendo a guial-o o methodo posterioristico, o verdadeiro espirito scientifico, escoimado de abstracções metaphysicas e de nebulosidades.

Que ler *A quoi tient la supériorité des anglo-saxons*, *A l'on intérêt a s'emparer du pouvoir*, *l'éducation moderne*, *Les français d'aujourd'hui*, *Comme la route crea le type social*, além de outras de divulgação despidendo-se de preferencias preconcebidas, não deixará de reconhecer, no inditoso sociologo, prematuramente eliminado, um dos mais eruditos, conscienciosos e esciarcidos architectos de sociologia.

Em um magistral estudo de Ph. Robert, inserto em a *Science Sociale*, correspondente aos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1931, sobre "O progresso contemporaneo em "Geographia Humana", em Sociologia, em Historia e a Anterioridade das descobertas da *Sciencia Social*",

depara-se-me, a proposito de Durkheim e sua escola, o seguinte: "Só uma escola fundada ha uma quinzena de annos soube precisar o objecto de suas pesquisas e definir os principios da observação social. Certamente, sobre muitos pontos, M. Durkheim está longe, ainda muito longe de nós. Demais, a observação objectiva, methodica e minuciosa das sociedades vivas nos mostra que um grande numero de suas conclusões são desmentidas pela realidade social. Como quer que seja, e feitas estas reservas, constata-se, ou melhor, verifica-se que M. Durkheim e sua escola se approximam de nós, de anno em anno. E M. Durkheim, que um de seus discipulos chama o "fundador da sociologia", não faz mais que repetir, em termos menos claros, o que Henri de Tourville, Le Play, e seus discipulos expuzeram, 50 annos, 30 annos, 20 annos ou 10 annos antes delle. Ahí, ainda a nossa escola detem a autoridade. Nada mais frisante, sob este aspecto, do que ler a bella exposição de M. Durkheim sobre a "Sociologie et les Sciences sociales", inserta em o primeiro volume de *La Methode dans les Sciences*.

O auctor expoz alli seu mais recente pensamento sobre o assumpto. "Ora, se não tivesseis a possibilidade de manusear a obra citada, serieis levado a clamar pela mystificação; dirieis que as passagens que vos vou ler são de Le Play, de Desmolins, de Tourville, e que, para lhes dissimular a origem, eu apenas as encobri com o auxilio deste abstracto vocabulario philosophico, de que os sociologos durkeimianos, quasi todos licenciados em philosophia, não puderam ainda desembaraçar-se, apesar de toda a bôa vontade. Elles não se desvencillarão delle, digamos de passagem, senão quando se converterem em investigadores sociais."

Esta transcrição revela um dos traços da verdade humana, mesmo em homens de notavel intuição, como Durkheim. Se

não houvesse a precedencia dos trabalhos anteriores de fecunda divulgação, de Le Play e seus discipulos, os successores teriam de colher os materiaes indispensaveis, sobre os quaes o futuro terá de construir a Sociologia, dando-lhe, no quadro das sciencias, o lugar que lhe cabe.

Ph. Robert cita e coteja diversas passagens das obras de Durkheim, que parecem verdadeiros plagios...

Alberto Salles, mais modesto que Durkheim, considera-se, em sua *Sciencia Politica*, ao prefacia-la, como simples inventariante de descobertas alheias.

Durkheim (a despeito do sobrenome...), francez, finge ignorar os trabalhos da "*Science Sociale*", e Philippe Robert transcreve, dos *Francais d'aujourd'hui*, publicado em 1898 passagens sobre as quaes affirma que o pretenso fundador da Sociologia, não faz mais que repetir o que Edmond Desmolins expuzera 12 annos antes delle!

Não posso e não devo alongar-me. Os pequenos reparos que ousei fazer não têm outro objectivo senão defender, com os meus pobres recursos, dous grandes homens, dous eminentes sociologos: — Alberto Salles, o nosso desditoso patricio — Edmond Desmolins, o intemperato e possante publicista da "*Science Sociale*".

E' humano que sejam victimas de injustiças, de falsas apreciações e do olvido os grandes homens. "Esses bemfeitores, grandes por sua audacia e seu talento, hão sido recompensados por seus irmãos os demais homens?, interroga Charles Richet." E, em seguida, enumera o que succedeu a Socrates, Guttenberg, Galileu Pallissy, Lavoisier e tantissimos outros, ponderando que são estas as recompensas que os homens reservam aos mais nobres representantes da especie humana.

Infelizmente, a Sociologia, apesar dos enormes materiaes accumulados, tem, na real e

justa expressão de Le Play, como seus mais ardentes inimigos os seus proprios adeptos. Ella se compõe, pondera o mestre excepcional e grandioso, de systemas que se revelam, em geral, pelo antagonismo mutuo de seus auctores." Os debates, prosegue Le Play, (1886 e 1895), concernentes á organização do trabalho, das trocas, da propriedade são quasi tão espinhosos como eram, durante os ultimos seculos, os que concernem a transmutação dos metaes, a panacéa universal, o phlogistico, etc. e se extinguirão, sem retrocesso, sob a influencia do methodo experimental.

Estas observações de Le Play não podem deixar duvida sobre os espiritos emancipados de quaesquer preconceitos, que elle e seus discipulos não circunscreviam seus estudos dentro de um unilateralismo contradictorio, mas começaram por onde deviam começar, isto é, dentro das possibilidades encontradas. Que os modernos viessem, paulatinamente, joeirando o verdadeiro e o falso, explica-se e legitima-se. O que não se concebe é que a Sociologia possa brotar completa, escoreita, do cerebro de um só homem, por mais genial que seja.

O nosso preclaro, erudito e magnanimo Oiveira Vianna, o insigne systematizador da Sociologia no Brasil, tambem foi victima do irreverente estylete de Saul Borges Carneiro.

Ao rematar este artigo, tomo a iniciativa de chamar a attenção dos amantes das questões sociaes para duas obras notaveis de Leon Poinsard, tambem de "*Sciencia Social*". Uma dellas, em 2 amplos volumes, intitula-se: *La Production, le Travail et le Problème Social dans tous es Pays*. A outra é *Le Portugal Inconnu*, inserto em um fasciculo de "*Sciencia Social*", editada em Paris.

Aproveitemos esta ebulição momentanea de interesse pelos problemas de Sociologia.....

GABRIEL S. A. OLIVEIRA

De New York

" Negro Americano, e agora ? "

O problema ethnico-social que o negro creou em outros paizes, onde tambem imperou a escravidão, é um quasi nada quando comparado á profundissima questão do negro nos Estados-Unidos. Qual o numero dos cidadãos de côr de um paiz ex-escravista, como o Brasil? Não se sabe; ninguém quer saber, ou pelo menos até agora não se quiz. Levamos isso á conta da aventura miscegenista a que estão naturalmente sujeitos os povos em formação.

Será essa a maneira mais intelligente? A menos intelligente? Tambem não se sabe. Sómente o futuro o poderá dizer. Mas se o resultado fôr favoravel, como parece que ha de ser, tampouco, mereceremos palmas congratatorias pelo exito da empresa, visto como não a commettemos por discernimento: fômos levados inconscientemente pela dynamica (ou relaxamento de costumes, como dirão os defensores do preciosismo racial) do povo que "trazia nos rins a semente das cidades", como de si proprio, por outros motivos, dizia o fôgo Walt Whitman.

Bem differente, porém, é o caso nos Estados-Unidos. Os seus individuos de côr estão contados: são 12 milhões, devidamente columnados nas estatisticas demographicas; circumscreve-os a "color line" ao Harlem e outros ghettos negreiros — e elles que não se mexam, que bem alerta anda a fiscalização dos lynchadores!

O preconceito de côr é, aliás, tradicional na America saxona, proveniente do incutido desejo de predomínio herdado dos inglezes.

Para que se veja a differença que de povo a povo apresenta esse problema, será bastante observar que a Abolição, que em outros logares se fez por meios mais ou menos pacificos, provocou nos Estados-Unidos a guerra mais crúa que já se travou no continente. Por que? Em primeiro lugar, pela razão pecuniaria, que era aqui muito mais poderosa do que, digamos, entre nós. Quem hoje discute qualquer dos problemas sociaes fóra da sua enquadadura economica, é um mero desactualizado; mas esse factor, que o uso da machina veio tornar mais evidente, sempre existiu, e bem avisado andou o Aderbal Jurema ao repisar esse ponto no seu recente estudo sobre as insurreições negras no Brasil.

Entretanto, é preciso que se note, sobre o peso economico, que jungia o negro ao eito dos senhores, existia aqui o brutal preconceito de raça, ainda hoje activo, facto que acabou por produzir um tacito annullamento, nos estados do sul, dos direitos civis emanados da libertação — *Negro americano, e agora?*

Esta pergunta, de profunda significação humana, traduz literalmente o titulo do livro *Negro American, What Now?* (The Vising Press, Edit., 1934, New York), em que o dr. James Weldon Johnson estuda sob todos os aspectos a situação dos

seus irmãos de raça nos Estados-Unidos. Poeta, jornalista, educador, sociologo, o dr. Johnson é hoje professor da cadeira de Creative Literature na Fisk University (Nashville, Tennessee) e tem além desse varios estudos sobre o negro americano, de que sobresaem *Black Manhattan* e *The Autobiography of an Ex-Colored Man*. O seu *God's Trombones*, critica em verso sobre os bombasticos e resonantes pregadores de côr, foi muito elogiado por escriptores como Sinclair Lewis, Carl Sandburg, Dorothy Canfield e outros.

Ao atacar o problema, para o qual com muito criterio e saber busca uma solução, refere-se o autor, no seu processo de analyse dos alvitres suggeridos, ao mais antigo delles, que consistia na repatriação dos negros. Essa ideia, surgida muito antes da Guerra Civil, teve em Jefferson um fervoroso advogado, mas só em 1815 encontrou um patrono capaz de a pôr modestamente á prova: foi o preto liberto Paul Coffe, que á sua custa fez o transporte de nove familias para a Africa. Mais tarde, em 1820, é que se fundou a American Colonization Society e com a ajuda do governo foram repatriados muitos africanos e fundada depois a republica da Liberia.

Considerando a deportação em massa, que, segundo o autor, ha um seculo e tanto teria sido perfeitamente exequivel, meio seculo depois já não era pratica e hoje é de todo impossivel, arre mata elle estar ísso fóra de consideração por já não existirem na terra grandes extensões devolutas, onde os afro-americanos possam se localizar — "with the barest possibility of Brazil as the exception". Ora, nós, brasileiros, que bem ou mal vamos dissolvendo no leite de casa e no que nos vem de fóra o café retinto que nos trouxeram de Africa, não haveríamos de querer novamente toldal-o, só para retirar do costado "democratico" do Tio Sam a dura carga que lhe coube no *bargain* dos escravos. Com toda a nossa sympathia pelos pretos, a uma tal proposta do governo americano, deveríamos responder: Quem comeu a carne que lhe rôa os ossos!

O dr. Johnson tampouco acredita que o communismo, que actualmente tanto se prega entre as gentes de côr, seja uma solução. E' certo que os russos de Staline não sentem nenhum odio pelos negros, antes a elles se referem com carinho, mas isso é assim, conclue com argucia o dr. Johnson, porque já na Russia czarista não existia o preconceito de côr. E cita o caso do preto americano Ira Aldridge grande actor shakespeareano, que na Moscou antiga teve o seu carro puxado por admiradores brancos, depois de uma representação de Othello. Mas, na hypothese absurda de vencer aqui uma revolução communista, quem seriam os dominantes na nova ordem de coisas?

Russos, trazidos de Moscou? Não! exclama o dr. Johnson. Os líderes do movimento teriam forçosamente que ser americanos, e elles, a despeito da ideologia unificadora das massas pregada pelo sovietismo, trariam nas veias mais de um século de concentrado preconceito contra os negros. Logo, conclue o autor, não ha de ser nessa utópica mudança de governo que se apresente a solução do problema.

Mais racional, pensa o dr. Johnson, será trabalhar por uma systematica evolução cultural do negro, e ao mesmo tempo, fazendo dessa cultura uma arma de ataque, ir aos poucos dominando a attitude oppressiva mantida pelos brancos.

A' pergunta "Isolation or Integration?", com que o autor encabeça outra parte do livro, diz elle que muitos têm defendido, desde ha muito tempo, uma concentração da raça a um tempo economica, social e cultural — uma especie de *imperium in imperio*.

Embora o dr. Johnson não se mostre muito propenso por essa solução, crêmos nós é ella tão impraticavel, com o enquistamento do negro na organização americana, quanto o foi o exodo em massa, de que acima tratámos. Dando o devido valor á força economica representada pelas populações de côr — e ainda em janeiro ultimo, em plena crise, calculava o departamento de estatística do Thesouro que os negros gastam no mercado nacional mais de 2.000 milhões de dólares por anno — é isso insufficiente, tratando-se de um movimento exclusivista, para supprir de tudo a um tão grande numero, em cujo meio faltaria, decerto, a necessaria união de vistas.

Depois, uma "economia-negra para negros" não tomaria pé, assediada por todos os lados pela formidavel economia branca, que procuraria de inicio asphyxial-a, como aos seus componentes humanos.

Quem são os banqueiros do Harlêm, os seus lojistas, os seus pharmaceuticos, os seus ferragistas, os seus açougueiros, os seus padeiros, os seus vendeiros, e outros exploradores do seu commercio de retalho? São quasi todos brancos, gerentes e donos de casas desses ramos, que têm ali suas filiaes como as têm em toda a Nova York branca e em outras cidades do paiz. Uma concentração commercial de pretos para pretos seria logo tomada como acto revolucionario, uma patente boicotagem do commercio branco, poderosissimo, que pela simples baixa dos preços poderia em pouco tempo aniquilar todos os competidores de côr; e quando essa não fôsse a tactica preferida, bastaria que fechassem aos retalhistas negros os centros de producção, que esses senhores do mercado controlam, para que vencido se visse o movimento. Se essas companhias monopolistas têm assim destruido numerosos competidores brancos, que não fariam em se tratando de uma concentração economica movida pelos pretos?

O dr. Johnson estuda num esplendido capitulo o papel desempenhado pelo pulpito e pela imprensa negra, pois ambos têm falhado aos objectivos sociaes que lhes estão affectos. Dos jornaes, diz o autor que copiam cegamente o peor da peor imprensa dos brancos, como a de Hearst, com o fito de pelo escandalo captar leitores; e dos pulpitos, entregues a pregadores boçães, "lazy louts", que vendem aos pobres ignorantes um christianismo espurio, que lhes promete um céu longinquo sem se importar que os seus miseros fieis sejam ás vezes até queimados.

Interessante tambem, e bastante triste, é o que nos diz o autor ao tratar das questões obreiras, com os negros a serem barrados das "uniões" operarias ou sujeitos a receber uma paga inferior á que pelo mesmo serviço percebem trabalhadores brancos...

A educação, de outro lado, exclue por completo o concurso prestado pelo negro na vida nacional. E' sobre a injustiça da Historia americana, escripta sómente para o orgulho dos brancos, que com sobejas razões diz o dr. Johnson: De que servirá a um educador negro o referir-se em classe a nomes como Booker T. Washington, Frederick Douglas, Nat Turner, Denmark Vesey ou Harriet Tubman, se para os livros de Historia adoptados nas escolas elles são simplesmente zéro? To isolate the facts in that manner — exclama o autor — would be to teach History in vacuo.

Livro forte, preciso, talvez demasiado prudente, o do dr. Johnson. Não crêmos, porém, que a conjugação de esforços que elle delineia, mesmo indo pelos caminhos apontados, consiga jamais uma solução cabal para o caso. Só o tempo — muito tempo — poderá libertar o negro americano... fazendo-o branco!

ARTHUR COELHO

"BOLETIM DO INSTITUTO ALLEMAO"

Vem-nos de Coimbra o quinto volume deste notavel boletim, destinado a colligar o espirito latino ao germanico. Sabe-se do interesse que as lettras portuguezas provocaram sempre na terra de Goethe e Schiller. Emquanto exegetas allemaes commentavam as oitavas camoneanas ou as redondilhas de Christovão Falcão, uma filha de paragens nordicas quasi chegou a fazer-se lusitana e, pensando e escrevendo em Lisboa, serviu grandemente a cultura da Iberia: Carolina Michaelis de Vasconcellos. Quanto a este órgão de publicidade, é technicamente dos mais completos, vazado em methodos severamente objectivos, sem loquacidade ou rhetorica de qualquer genero. No tomo de agora destaca-se em particular a soberba transposição de um auto de Gil Vicente ao idioma em que escreveram Hans Sachs e Lessing.

EM EDIÇÃO ARIEL:

VOCABULARIO TUPY-GUARANY

DE BAPTISTA DE CASTRO

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

Nossa livraria vende além de outras,
as bibliothecas que pertenceram aos
bibliophilos e jurisconsultos
ALFREDO PUJOL e ESTEVAM DE ALMEIDA

JOSE' OLYMPIO PEREIRA FILHO
RUA OUVIDOR, 110 — Tel. 23-2389
Telegrammas JOLYMPFIO
Rio de Janeiro

Nossa livraria tem um variado
sortimento de:

Direito
Brasiliana
Classicos
Philosophia

NOSSAS EDIÇÕES

OBRAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Reminiscencias — 10.000 exemplares	6\$000
Um Sonho de Pobre — 10.000 exemplares	6\$000
Notas de um Diarista 1. ^a série 10.000 exemplares	8\$000
Sepultando os meus Mortos — 10.000 exemplares	6\$000
Critica 3. ^a serie — 10.000 exemplares	10\$000
Critica 2. ^a serie — 10.000 exemplares	10\$000
Critica 1. ^a serie — 10.000 exemplares	10\$000
Memorias Inacabadas — 24.000 exemplares	6\$000
Memorias — 45.000 exemplares	10\$000
Destinos — 21.000 exemplares	6\$000
Sombras que Soffrem — 21.000 exemplares	6\$000
Os Párias — 22.000 exemplares	6\$000
Carvalhos e Roseiras — 17.000 exemplares	6\$000
Poesias Completas — 10.000 exemplares	8\$000
A' Sombra das Tamareiras — 15.000 exemplares	6\$000
O Monstro e outros contos — 16.000 exemplares	6\$000
Lagartas e Libélulas — 14.000 exemplares	6\$000
Anthologia da Academia Brasileira de Lettras — 7.000 exemplares	8\$000
O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira — 7.000 exemplares	8\$000

LIVROS SOBRE POLITICA

Miguel Reale — O A. B. C. do Integralismo	5\$000
Miguel Reale — O Capitalismo Internacional	6\$000
Plinio Salgado — Cartas aos Camisas Verdes	6\$000
Plinio Salgado — Psychologia da Revolução, 2. ^a edição	6\$000
Custodio de Viveiros — Camisas Verdes	6\$000
F. Nitti — Problemas Contemporaneos	10\$000
Gondim da Fonseca — Bolchevismo, 2. ^a edição	10\$000

da collecção PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS

N. ^o 1 — Miguel Reale. O Estado Moderno, 3. ^a edição ..	6\$000
N. ^o 2 — Plinio Salgado. O Soffrimento Universal, 2. ^a ed.	6\$000
N. ^o 3 — Plinio Salgado. A Quarta Humanidade	6\$000
N. ^o 4 — Miguel Reale. For-	

mação da Politica Burgueza N. ^o 5 — Helio Vianna, Formação Brasileira	6\$000
N. ^o 6 — Plinio Salgado, Despertemos a Nação	6\$000
N. ^o 7 — Menotti Del Picchia, Soluções Nacionais	8\$000
N. ^o 8 — Candido Motta Filho, Introducção á Politica Moderna	10\$000
N. ^o 9 — Gustavo Barroso, O Quarto Imperio	6\$000
N. ^o 10 — Azevedo Amaral, A Aventura Politica do Brasil ..	6\$000
N. ^o 11 — Tristão de Athayde, No Limiar da Idade-Nova ..	10\$000

LIVROS EDUCATIVOS

Vicente Licinio Cardoso — Philo-	
sophia da Arte, 2. ^a edição	20\$000
Maurice de Fleury — Introdu-	
cção a Medicina do Espirito .	20\$000
Maurice de Fleury — A Angus-	
tia Humana	8\$000
J. Ralph — Conhece-te pela Psy-	
canalyse, 2. ^a edição	8\$000

LIVROS SOBRE A GUERRA DE SÃO PAULO EM 1932

Vivaldo Coaracy — A Sala da Capella	6\$000
Honorio de Sylos — Itararé Itararé	6\$000
Sertorio de Castro — Diario de um combatente desarmado ..	8\$000

DIREITO

Pontes de Miranda — Tratado de Direito Internacional Privado (2 grandes volumes) .	70\$000
--	---------

LITTERATURA

Jorge Amado — Jubiabá (romance)	10\$000
Affonso Schmidt — Curiango (contos)	6\$000
José Geraldo Vieira — Territorio Humano (romance)	12\$000
Isadora Duncan — Minha Vida (trad. de Gastão Cruls)	20\$000
Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompeia	20\$000
Belmonte — Idéas de João Nin-guem	6\$000
Albano Salles — O Chanceller da Paz	10\$000
Agrippino Grieco — Gente Nova do Brasil	12\$000
Bernardino de Souza — Heroínas Bahianas	6\$000
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos Outros, 1. ^a série.	10\$000
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos Outros, nova série	10\$000
Sylvio Romero — Machado de	

Assis	12\$000
Omar Khayyan — Rubayat (Tra. de Octavio Tarquinio de Souza)	15\$000
Alfredo Pujol — Machado de Assis, 2. ^a edição	15\$000
Alfredo Pujol — Exemplares em papel Vergé, numerados	50\$000
Pedro Calmon — O Rei do Brasil (Vida de D. João VI) Illst.	10\$000
Eurico de Góes — Uma Festa a Luiz XV (Sainete em verso) Luxo	10\$000
Gustavo Barroso — A Ronda dos Seculos	7\$000
José Lins do Rego — O Moleque Ricardo (romance)	7\$000
José Lins do Rego — Doidinho, 2. ^a edição (romance)	7\$000
José Lins do Rego — Banguê (romance)	6\$000
José Lins do Rego — Menino de Engenho (romance) 2. ^a edição	6\$000
José Americo de Almeida — O Boqueirão (romance)	6\$000
Lucio Cardoso — Salgueiro (romance)	7\$000
Amando Fontes — Os Corumbas (romance) 5. ^a edição	7\$000
Clovis Amorim — O Alambique (romance)	6\$000
Plinio Salgado — A Voz do Oeste (romance)	6\$000
Rocha Ferreira — Gloria (Poesias)	6\$000

COLLECÇÃO MENINA E MOÇA (Do conto de Fadas ao romance)

J. Rosner — A Princeza e a Cigana	3\$000
A. Amestoy — O Lagarto Azul	3\$000
M. Pujo — O Pequeno Rei de Bengala	3\$000
M. Froment — A Menina Feiticeira	3\$000
M. Bourcet — A Herdeira de Ferlac	3\$000

SOMOS DEPOSITARIOS

Clovis Ribeiro — Brasões e Bandeiras do Brasil (Obra magnificamente illustrada por J. Wasth Rodrigues) Enc.	35\$000
Lysias Rodrigues — Gaviões de Penacho (A luta aérea na guerra Paulista de 1932) ..	4\$000
Altino Arantes — Amadeu Amaral (Conferencia)	5\$000
Alfredo de Mesquita — A Esperança da Familia (contos) ..	6\$000
Lanterna Verde n. ^o 1, Publicação da Socied. Felipe D'Oliveira	5\$000
Lanterna Verde n. ^o 2	6\$000
J. Carcano. Juan Facundo Quiroga	10\$000
Vinicius de Moraes — Forma e Exegese (Premio Felipe d'Oliveira de 1935)	6\$000

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

Nossa livraria vende além de outras,
as bibliothecas que pertenceram aos
bibliophilos e juriconsultos

ALFREDO PUJOL e ESTEVAM DE ALMEIDA

JOSE' OLYMPIO PEREIRA F LHO

RUA OUVIDOR, 110 — Tel. 23-2389

Telegramma JOLYMPIO

Rio de Janeiro

Nossa livraria tem um variado
sortimento de :

Direito
Brasillana
Classicos
Philosophia

Oliveira Vianna — Os typos ethnicos do
Brasil
Anisio Teixeira — Educação para a Demo-
cracia
Almir de Andrade — Da interpretação na
psycologia
José Verissimo — Lettras e Litteratos
(Obra posthuma)
Humberto de Campos — Notas de um
Diarista, 2.^a série
Humberto de Campos — Critica, 4.^a série
Tristão de Athayde — O Espirito e o Mun-
do (Ensaio)
Francesco Nitti — A Democracia
Oliveira Lima — D. João VI no Brasil
(Collecção "Documentos Brasileiros")
Lucio Cardoso — A Luz no Sub-Solo —
romance
Sergio Buarque de Hollanda — Raizes do
Brasil (Corpo e alma do Brasil)
Plinio Salgado — Palavra nova dos tempos
novos
Plinio Salgado — Vida de Bolivar
Plinio Salgado — Geographia Sentimental
Plinio Salgado — Estrangeiro (Nova
edição)
Plinio Salgado — Cavaleiro de Itararé —
(Nova edição)
Plinio Salgado — O Esperado — (Nova
edição)
Antonio de Alcantara Machado — Anna
Maria (Contos)
Antonio de Alcantara Machado — Cava-
quinho (Chronicas)
Sylvio Romero — Historia da Litteratura
Brasileira (3.^a edição)
Jayme de Barros — Espelho dos livros —
(1.^a série)

Proximas Edições

Arthur Ramos — Introducção á Psycolo-
gia Soccial
Gilberto Freyre — Traços de sociologia
regional
Gilberto Freyre — Introducção á Anthro-
pologia Social
Marques Rebello — A Estrella sobe —
(romance)
Renato de Almeida — Graça Aranha e o
movimento moderno no Brasil
Agrippino Grieco — Romancistas
Rubem Braga — O Conde e o Passarinho
(chronicas)
Saint Hilaire — Viagem a São Paulo
Eloy Pontes — A Vida dramatica de Eu-
clydes da Cunha
Malba Tahan — Alma do Oriente (Len-
das e contos orientaes)
José Lins do Rego — Usina (romance)
Jorge Amado — Mar Morto (romance)
Rachel de Queiroz — Caminho de Pedras
(romance)
Julio Bello — Senhor de Engenho (me-
morias)
Garcia Redondo — Caricias, 4.^a edição
Xavier Marques — Terras Mortas (contos)
Rodrigo Octavio — Minhas Memorias dos
Outros (ultima série)
Berdiaeff — Uma Nova Idade-media —
(Trad. de Tasso da Silveira)
Affonso Arinos de Mello Franco — O Bra-
sil e a ausencia das idéas
Victor Vianna — Brasil entre as Nações
José Maria Bello — Panorama do Brasil
Graciliano Ramos — Angustia (romance)
Amando Fontes — Rua do Siriry (romance)
Gratia — Encabulamento e Timidez

COLEÇÃO DETECTIVE

Romance Policial Moderno

Tendencias do Romance Moderno

A differença existente entre os romances divulgados antes da Guerra e os da época da Revolução e da Crise é tão grande que dá vontade da gente fazer uns tantos commentarios. Comparando esses romances, os principaes, aquelles de maior notoriedade, resulta que agora já não se nota o prediado da imaginação creadora. Acabou-se a intensidade de pensamento lyrico nos caminhos que conduzem á ficção.

O romance do começo deste seculo para ser litterario deveria apresentar-se nitidamente psychologico ou philosophico. Permittiam-se tambem incriveis phantasias de syntaxe. O assumpto pouco importava. Ia para segundo plano. O assumpto quasi não existia, pode-se assim dizer. Os remotos responsaveis por essa moda (o Brasil sempre espionou a França com sympathia feminina) tudo indica que foram, inicialmente, os irmãos Goncourt, cuja imaginação os criticos consideravam como bastante pobre. Para elles dois o estudo psychologico era o sufficiente, ficando a imaginação classificada na ordem de *inimiga*, propria mesmo para um Ponson du Terrail, abominavel folhetinista, que *ganha quarenta mil francos por anno e tem um carro*.

Não obstante o exemplo de Edgard Poe, na America do Norte, provando que o romance de acção podia tornar-se uma obra litteraria, a França e os novos escriptores de então entenderam de supprimir de seus livros qualquer influencia policial. De fórma que tão exdruxula opinião correu bastante para que se acreditasse no facto do romance de acção não ser de modo nenhum litterario. Ou então o romance litterario não ser absolutamente de acção. Foi o sr. Pierre Benoit quem comprehendeu a necessidade imperiosa de modificar o estabelecido. Accusaram-no de plagiario desde que não lhe podiam contestar as qualidades de espirito e cultura. Sobretudo de honestidade. Preciso procurar-se um romance inglez (não me lembro mais qual o seu nome) para lhe comparar ao *Atlantide*. Só assim o escriptor conseguiu rehabilitar-se. Tudo isso é bem comprehensivel. Mas incomprehensivel é nem todos que fazem vida intellectual se interessarem verdadeiramente pelas leituras seleccionadas: procurando tudo entender num sentido largo e humano.

A força de penetração do romance romantico, aquillo que lhe permite representar um papel politico-social, é a enorme variedade dos seus personagens, o estudo dos meios mais oppostos, mais chocantes e tambem a procura do desconhecido; do novo e do opportuno. Deste modo a litteratura teria provocado todas as grandes reformas sociais. O homem que escreve, quando quer e ousa, poderá tomar uma attitude prodigiosa, influyendo poderosamente na obra do legislador. Porque, afinal de contas, a imaginação não consiste em enfeitar falsidades e colorir uma trama romanesca;

consiste em pensar no que aconteceu ou terá de acontecer, desenvolvendo a logica dos caracteres postos em circumstancias particularmente commoventes e originaes. A historia de Hamlet como exemplo é uma obra de imaginação perfeitamente accetavel em toda a sua phantasia. Os inglezes são a licção da medida e do tacto. Neste e noutros pontos deram licções interessantes. Stevenson, Kipling, Wells, mostram num quadro vivo, numa côr local exacta e não forçada, como se podem fazer movimentos, cujo desenlace mantém o leitor ansioso até a ultima pagina. Esforço litterario esse que se concilia com a *inimiga*, isto é, a imaginação sem procurar casos anormais, evitando scenas sombrias e detalhes escandalosos. No emtanto muitos dos seus livros são da mais profunda sensualidade.

Ora, como ia dizendo logo no começo, a Guerra e depois a Revolução e a Crise acabaram por quasi supprimir a imaginação dos romances modernos, tornando-os principalmente no Brasil, nada romanticos. A fome operou a transformação. Como sempre foi a grande força economica que determinou tão claras modificações. Hoje em dia os escriptores não podem mais fugir ás crúas contingencias da realidade. Limitam-se a apanhar os quadros, uns com subtileza penetrante, outros com intelligencia bem fraquinha. Fazem na litteratura o simples papel de photographos: nada de mais, nada de menos, pois que é preciso revellar uma fidelidade admiravel para conseguir impressionar. Nos tempos de agora um romance bom deve ser rigorosamente humano. E talvez seja por isso que o romancista brasileiro moderno não se limita senão á narrativa dos factos nos quaes raro entram as cores da ficção. Até o processo de escrever modificou-se. Primeiramente vem o *pensamento necessario*, depois a selecção e, por fim, o serviço de transposição para o papel, de accôrdo com o temperamento emocional, salientando-se a verdade como uma obsessão. E quando não se dispõe do famigerado *material* entra a evocação-inventario como nos romances de José Lins do Rego. A memoria passa então por uma grave prova de experiencia. Ha tambem o caso de preponderancia da força sensível da observação psychologica. Exemplo: *Caminhos Cruzados* de Eri-co Verissimo. Esta segunda hypothese por certo, que dá maior trabalho. A terceira, que se relaciona com o *Jubiabá*, de Jorge Amado, e que Olivio Montenegro classifica de *turismo para aquisição de material*, deve constituir forma mais facil de composição, embora seja preciso um talento de escól para a fixação emotiva.

A imaginação nos romances da actualidade nunca entra com os seus tentaculos. Ella talvez que mentisse, iria inventar e, nesta circumstancia, somente um temperamento genial como o de Poe, Wells, Stevenson ou mesmo de Ponson du Terrail poderia satisfazer ás exigencias da época. Aliás

ESTYLO

Acabo de passar a vista sobre o artigo em que José Lins do Rego, focalizando o problema do estylo em *Casa Grande & Senzala*, insiste na necessidade de se usar a lingua com mais liberdade, mesmo em se tratando de sciencia, e em que conclue:

“Ahi é que está a grandeza do escriptor, nesta maneira de ser ao mesmo tempo séria e simples”.

Se o autor de *Banguê* applica a phrase aos livros scientificos como o de Gilberto Freyre, com mais forte razão e sobretudo, deve ella ser applicavel ás obras litterarias.

Realmente, quanto mais humano o escriptor quanto mais facilmente pode ser comprehendido por todo mundo. Ha uma certa seducção especial no estylo sem pompa, na maneira natural de dizer as cousas.

A grande popularidade das ficções do proprio José Lins do Rego vem desse facto, que já tive occasião de accentuar por diversas vezes e que é unanimemente reconhecida pelos criticos de suas obras como uma qualidade privilegiada.

Ao proprio homem de lettras, habituado ao trato dos estylists classicos, não escapa o encanto peculiar desse modo expontaneo de escrever. Quem escreve é para ser lido e comprehendido. E lido e comprehendido

por todos. Já foi o tempo em que se compunham obras para o deleite exclusivo de uma determinada classe de homens de élite. Todo individuo hoje reclama a leitura facil neste seculo em que a intelligencia quer comprehender num segundo o que está impresso, habituada como se acha á apprehensão rapida dos momentos vividos num filme cinematographico.

O apparato no modo de escrever só serve para demorar o complemento da phrase que o leitor já presentiu. O escriptor de hoje tem de ser claro, tão claro que até as creanças o possam ler.

Donde vem o prestigio dos contos de Maupassant, senão daquella sua linguagem transparente, desse Maupassant de quem Anatole France chegou a dizer:

“Elle possue as tres grandes qualidades do escriptor francez, em primeiro logar a clareza, depois a clareza e emfim a clareza”.

O proprio Amando Fontes, ao receber o premio da “Sociedade Felipe d'Oliveira”, dado a *Os Corumbas* como o melhor romance de 1934, não poudo deixar de confessar, ao fallar sobre a questão do “escrever”, da “fórma” na confecção de sua obra:

“Eu havia aprendido, cedo

ainda, que a verdadeira grandeza do estylo, a sua maior força reside na simplicidade, na falta de atavios e circumloquios inuteis á comprehensão da idéa enunciada. Uma só palavra basta, desde que tenha o poder de nos transmittir a perfeita impressão do objecto ou do sentimento invocados”.

E o proprio Amando Fontes cita, depois desta ligeira explicação, innumeros exemplos de obras celebres, exemplos que vêm em apoio desta sua these, em citações de uma oportunidade felicissima.

Seria demais continuar a encarecer a necessidade de parcimonia de vocabulos na phrase dos escriptores modernos, parcimonia que dá ao autor a mais bella das glorias, a de ser comprehendido e sentido por todos, sem excepção.

O estylo deve illuminar como o sol. A escuridão e a penumbra, na phrase, não foram feitas para os humanos.

ALUISIO NAPOLEÃO

— André Suarês recentemente premiado pela Societé des Gens de Lettres e pela Academia Franceza, acaba de publicar *Portraits sans modèles*, collecção de retratos em que se veem lado á lado, mas sempre analysadas com fina penetração e admiraveis dons de estylo, figuras das mais dispareas, como sejam: Jeanne d'Arc e D. Juan, Hippocrates e Dostoievsky.

o romancista brasileiro comprehende e sente a necessidade de expressar o real, o palpavel, a vida de todos os dias. E' forçoso fixar o quotidiano, afastando-se da pura imaginação. Nem tenta elle outra coisa. Seria mesmo um fracasso distanciar-se desse objectivo. Tornar-se-ia distante e provavelmente ridiculo. Os poetas deixaram até de ser lyricos no verdadeiro sentido da palavra. Estão fazendo em verso o que os escriptores estão fazendo no romance: salientam a realidade com as suas chagas e as suas angustias, exhibem-na com a nitidez de expressão humanissima. Dahi a notavel direcção social e politica que se observa contemporaneamente nos dois generos litterarios mais duradores — a poesia e o romance. A imaginação póde fazer atrevidas incursões nos seus dominios, mas logo se retira, cautelosa e receiosa, quem sabe se impotente para continuar a mar-

cha, preferindo assim retrahir-se a proseguir collaborando na directa narrativa dos factos.

Já não foi cedo que o romancista brasileiro desistiu de namorar a França. Conseguiu e emancipação desde que ficou deliberado olhar em derredor, fazendo com que o romance por este meio iniciasse uma phase de progresso, realizando um cyclo do mais significativo prestigio. A imaginação entrou em crise logo que as imposições sociais e economicas fizeram comprehender a urgencia de uma litteratura construida sobre os profundos alicerces da verdade. Ninguém errará afirmando que existe o romance nacional mesmo sem imaginação. Romance nada romantico. Consequentemente bem que serviram os mares encruzilhados de uma longa jornada revolucionaria de soluções ainda imprevistas.

ADEMAR VIDAL

Nutrição e Efficiencia Social

Wu e Wu realizaram em 1928, um inquerito sobre os habitos alimentares de diversos grupos de pessoas da classe media de Pekin: familias da classe media, familias de fazendeiros, collegiaes, estudantes da escola media, empregados de duas fabricas, freguezes dos restaurantes inferiores. Os alimentos eram consumidos nas seguintes proporções: proteina 91,7 grs.; gordura 40,0 grs.; hydrato de carbono 562,4 grs.; calorias 2977; calcio 0,0337 grs.; phosphoro 1,178 grs.; ferro 0,00187 grs. 84 % da proteina era fornecida pelos legumes e cereaes. Esses resultados confirmaram assim plenamente os obtidos por Powell. Verifica-se, pela pesquisa de Wu e Wu, como é pobremente alimentado o chinez. Esse inquerito abrangeu classes bem diversas. Podemos pois considerar os seus resultados como revelando os alimentos commumente usados por quasi toda a China, devendo-se notar que a gente rica constitue nesse paiz uma minoria desprezível.

Si confrontarmos a dieta chinesa com a americana, como fizeram Wu e Wu, verificaremos que os alimentos animaes se acham na proporção de 1/5 da quantidade da consumida pelos americanos. O consumo de saes mineraes é bem inferior ao dos Estados Unidos, mesmo calculando por kilo de peso. Commentam Wu e Wu que muitos chinezes, especialmente mulheres, que parecem ser normaes, são meros pigmeus deante dos occidentaes. Procuram dar uma explicação para o estado nutricional satisfactorio do chinez da cidade, apesar do seu consumo reduzido de calcio e de receber pouca luz, attribuindo á adaptação gradual do individuo áquelle baixo consumo durante muitas gerações. Esta adaptação teria sido acompanhada de uma redução da estatura, isso porque o calcio é um dos constituintes essenciaes dos ossos. Em apoio dessa hypothese dizem que ratos alimentados com dietas vegetarianas apresentam aspecto normal e até parecem gordos, isso porque não attingem o tamanho normal. Ratos do seu laboratorio, alimentados com a dieta chinesa, cresceram mais lentamente do que os alimentados com a dieta americana. Esses resultados mostram que uma dieta vegetariana não é boa para um omnivoro como o rato. Confirmaram aquelles dois pesquisadores, assim, os resultados obtidos anteriormente por McCollum e seus collaboradores. Estes verificaram que, a menos que se accrescentem folhas em quantidades liberaes á dieta vegetariana, juntamente com um legume rico em proteina como o feijão, o crescimento do rato assim alimentado é muito inferior ao normal. Diante de taes factos, concluíram McCollum e Simmonds: "Esses resultados com um animal omnivoro, que é semelhante no seu metabolismo ao homem, parecem justificar a conclusão de Wu e Wu de que a nutrição optima do homem não póde ser obtida com dietas puramente vegetarianas".

Wu e Wu ao terminarem a descripção de suas experiencias e observações opinam muito sensata-

mente: "O cansaço geral dos povos (referem-se ao Oriente), a falta de iniciativa e a apathia em face das condições desfavoraveis são attribuiveis provavelmente, pelo menos em parte, ás dietas pobres. Conquanto a herança e factores ambientes outros, além dos de nutrição, tenham influencia, não ha duvida que a dieta do chinez está muito abaixo do optimo, e que, por si só, é capaz de ser responsavel pela differença existente entre o physico e a energia do chinez e do occidental".

Gilberto Freyre, fallando do caso dos negros no Brasil em confronto com os nativos, suggere que: "póde-se talvez attribuir parte de sua superioridade (dos negros) de efficiencia economica e eugenica ao regimen alimentar mais equilibrado e rico que o dos outros (indigenas), povos ainda nomades, sem agricultura regular nem criação de gado". Araujo Lima escreve: "O nosso caboclo alimenta-se pouco e mal. Um xibé, cuja base é a farinha dagua tão pobre em vitaminas, constitue muitas vezes o alimento exclusivo de um homem em 24 horas. Individuos ha que passam dias e dias consecutivos nesse regimen ou noutro, equivalentemente sobrio — mais do que sobrio, deficientissimo para os dispendios organicos". E attribue com razão a essa alimentação miseravel, o estado de inferioridade em que se encontra o caboclo do Amazonas. "Esta é uma condição, diz Araujo Lima, que não foi identificada ao interpretar-se a indolencia lendaria e desabonadora do homem dessas paragens. Ha nelle um deficit nutritivo organico, psychico, moral, cujo substracto physio-pathologico é a sua miseria organica".

Situação semelhante de miseria organica é aquella em que vive o trabalhador rural nordestino. A sua alimentação é muito precaria: pela manhã, ou ainda de madrugada, tomam café apenas com assucar bruto ou rapadura; ás 9 horas almoçam: um pedaço de xarque, ás vezes substituido pelo bacalhau com pirão dagua (feito de farinha de mandioca); alguns, cujas condições pecuniarias permitem accrescentam um pouco de feijão; á noitinha, repetem essa mesma alimentação. Dieta muito pobre, esta, deficiente em quantidade e em qualidade, tendo como base a farinha de mandioca, alimento hydrocarbonado, sem vitaminas nem saes mineraes. O xarque, sendo carne salgada, é de valor nutritivo muito reduzido; contém "43 % de chloreto de sodio e perde com a salmoura um decimo de proteicos soluveis e um quarto de materias extractivas: em peso, 40 de xarque correspondem a 100 de carne verde", diz Afranio Peixoto. E ainda informa este professor que a digeribilidade do xarque "é muito demorada e fatigante".

Como se vê, o trabalhador nordestino é um subnutrido, apresentando certamente estados latentes de avitaminoses e de deficiencia dos alimentos mineraes. Basta lembrar como prova do que estamos dizendo que ha uma alta percentagem de caries dentarias e de quedas de dentes entre elles, espe-

ANDRÉ MAUROIS — Magiciens et logiciens

Mais uma vez Maurois entretém-nos com o seu thema favorito: a Inglaterra. A Inglaterra de hoje, atravez dos escriptores inglezes contemporaneos; alguns poderiam pensar: um retrato da Inglaterra. Não o é porém, nem de longe, pois, se Maurois escolheu para estudo os escriptores mais representativos da Grã Bretanha actual, são elles, no emtanto, pouco representativos de sua patria. E' que a Inglaterra, paiz excepcional, essencialmente excepcional, apesar de ter produzido estes pensadores excepcionaes, não se limita a elles, mas os engloba como detalhes insignificantes de um todo cosmico, immutavel.

Acceitaremos portanto o livro de Maurois no espirito em que foi escripto: ensaios sobre homens notaveis. E como tal achal-o-emos bem feito: claro, conciso e precioso. Não tem a poesia, a inspiração, de *Ariel ou la vie de Shelley*, nem mesmo das *Etudes Anglaises*, mas lê-se com agrado e proveito. Lembra até por este lado o celebre "manequin pisse" de Bruxellas cuja replica ornamenta a praia de Botafogo com seu alegre lemma "je suis utile tout en m'amusant". Dos estudos contidos em *Magiciens et Logiciens*, certamente o mais bello é o de Katherine Mansfield onde o autor nos demonstra mais uma vez a sua habili-

dade em precisar o subtil, em clarear o nebuloso. As paginas dedicadas a Conrad tambem satisfazem por sentir-se nellas algo de humano, de vivo, que palpita. D. H. Lawrence, por sua vez, encontra em Maurois um explicador sereno das suas tremendas lutas internas, e Kipling um commentador admirado do seu mysticismo viril. As travessuras de Shaw são abordadas com visivel esforço de concentração, apesar da condescendencia implicita de um pupillo de Alain por um socialista impenitente qual o ancião de Erin. Aldous Huxley, Stratchey e Chesterton têm no genial biographista de Disraeli um apologista suave e distincto. Emfim, deve-se ler *Magiciens et Logiciens* pelo muito que informa e tambem porque o francez de Maurois só póde ser limpido, contendo reflexos, às vezes, de purissima beleza.

JACK SAMPAIO

— Au pays des Leviers de Commande, de Henri Mazel, vem de ser premiado pela Academia Franceza. Mazel é especialista em questões politicas já tendo organizado uma especie de dictionario portatil de idéas que habilite os novatos a serem ou a parecerem sociologos. Tambem já escreveu um roteiro do que se deve ler a vida toda, e os leitores que ainda se conservam fieis ao *Mercure de França* gostam das chronicas, meio envelhecidas de tom, em que elle commenta a sciencia social do tempo.

MAGAZINE COMMERCIAL

Já chegámos um pouco tarde para saudar o grande exito alcançado por esta brilhante revista, que teve magnifica acolhida por parte do publico e foi merecidamente louvada pelos principaes órgãos da nossa imprensa. Aliás outra cousa não era de esperar de um emprehend'mento que tem á testa a intelligencia lucida e a actividade verdadeiramente yankee do nosso confrade Arnon de Mello que, tendo por companheiros Mucio Continentino e Rodrigues de Aienar, conseguiu realizar um quinzenario como ainda não possuíamos e no qual, ao lado de informações que, embora preciosissimas, só poderiam interessar ao mundo da nossa industria e do nosso commercio, consegue reunir um corpo de collaboradores de escol, nomes dos mais prestigiosos das nossas lettras, e que versam assumptos varios e do mais palpitante interesse. E' assim que no segundo numero de *Magazine Commercial* vemos chronicas e artigos assignados por Lindolpho Collor, Assis Chateaubriand, Austregesilo de Athayde, Gilberto Freyre, Olivio Montenegro e muitos outros.

Leontina Licinio Cardoso — Almas — São Paulo.

Bella série de ensaios, estruturados em cultura solida e vivificados por uma grande sympathia intellectual. Passam por aqui algumas das mais attrahentes figuras christãs que o mundo já conheceu. E' Santa Thereza, mystica sublime e organizadora intrepida. E' Elisabeth Leseur, alma de santa medieval transportada ao tumulto social de hoje. E' Eugénie de Guérin, delicadissima irmã do exaltado pantheista que descreveu centauros e bacchantes. E' Helen Keller, que venceu as barreiras da cegueira e da mudez para communicar-se miraculosamente com os outros espiritos. E' finalmente, a nossa Nisia Floresta, antecipadora de tanta nobre victoria que o feminismo tem obtido entre nós, brasileira culta, viajada, correspondente de Augusto Comte e cerebro que nenhum preconceito mesquinho entibiava.

cialmente entre as mães depois do periodo de amamentação. E' preciso accentuar que no Nordeste as creanças vivem em geral nuas, expostas ao sol, e no eito o homem trabalha semi-nú, soffrendo assim uma irradiação constante de um sol rico em raios ultravioletas (de alto poder anti-rachitico), o que não é, no emtanto sufficiente para compensar a grande falta de vitamina D e de calcio na dieta daquela gente.

O brasileiro da classe media, em geral, mal alimentado, consumindo proteina e gordura em excesso e poucas vitaminas e saes mineraes, deve grande parte de sua inercia e pouca productividade á inferioridade de sua alimentação.

RUY COUTINHO

(Do livro a apparecer: *Nutrição & Alimentação*).

ACABA DE APPARECER:

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

ANNAES DO CONGRESSO
AFRO-BRASILEIRO REUNIDO EM 1934 NA CIDADE
DO RECIFE.

EDIÇÃO ARIE

PREÇO 12\$000

DO ESPIRITO UNIVERSITARIO

Si a Universidade é a instituição social onde a tradição científica se filtra e purifica dos erros, ao mesmo tempo que cresce e se multiplica em experiências cada vez mais fecundas e aperfeiçoadas, é em ultima instancia a synthese da Cultura.

O que faz marchar e viver essa cultura, essa sciencia, essa philosophia é o espirito universitario.

Este espirito não é uma expressão metaphysica, e sim uma attitude que se objectiva num comportamento geral de que o proprio ambiente material dá provas.

E esse espirito, a nós, inda nos falta.

Basta observar em geral, mestres e alumnos das nossas escolas.

Commentando em these, nossos professores de Escola Superior são pessoas as mais das vezes cultas, mesmo eruditas, que gastaram sua vida e sua bolsa no estudo e aperfeiçoamento em dada especialidade; que se formaram ás proprias custas, lutando com difficuldades materiaes de instrumentos e livros, e, com difficuldades imateriaes de orientação, estímulo e critica. São, na sua maioria, uns autodidatas, que criaram seu proprio plano de philosophia e estudo, e que por isso mesmo se fecham ás influencias de outros companheiros de especialidade.

E' raro aqui no Brasil um livro scientifico em que diversas figuras de prestigio e valor, especialistas num mesmo ramo de saber ou da actividade humana, tenham collaborado e onde cada qual tenha depositado seu pensamento mais original para uma feliz conclusão commum.

No que se refere á attitude do mestre em relação aos alumnos, ainda peor é a situação. Como elle não teve cuidados especiaes de orientação e assistencia durante sua formação, não as comprehende nem trata de prestalos a seus discipulos. O alumno, para elle, é sempre um ouvinte. E ouvinte ao acaso, que lhe não interessa, cujo nome não sabe,

cujas inclinações não indaga, cuja vida desconhece, em cuja formação não pensa e cujo futuro não o preocupa.

Não ha nessa attitude má vontade proposital, não vae nisso uma predisposição egocentrica de se desinteressar dos outros. A's vezes, esse professor, é, até, uma pessoa amavel, prestimosa accessivel. Mas, o ambiente mata todas essas tendencias de conviver com os outros; o ambiente e a tradição de descaso e despreocupação.

Subsiste entre nós ainda o principio medieval do "magister dixit".

Lá de sua cathedra, ou de uma simples mesa o mestre dita ou discursa as aulas, vivendo seus pensamentos e suas proprias palavras sem, nem tentar, se aperceber do estado de animo dos que o escutam, nem tão pouco, na maioria das vezes, conhecer o nivel de conhecimentos dos seus ouvintes. Emfim, falando o conferencista a um publico que não visa, e que talvez nunca mais o escute. Eis, talvez, com um pouco de acrimonia, o nosso professor da Universidade.

Vejamos agora o estudante. Este é um problema, na nossa educação superior, tão grave quanto aquelle: — o do professor.

Mal sahido de um curso secundario galgado em condições na

maioria precarissimas, encontra-se, depois de approximadamente seis mezes de estudo atropelado, de memorização quasi que pura, sinão peor de fraudes, e depois de um exame vestibular que é uma caricatura scientifica, pois bem, encontra-se como ia eu dizendo, o nosso estudante numa Escola Superior.

Qual o cabedal de habitos e conhecimentos que elle trouxe? Ninguém sabe. Nem elle proprio.

Pode-se quando muito dizer o que elle não traz.

Primeiro, faltam-lhe habitos de estudo. Nunca foi acostumado a anotar um livro, a fazer um resumo, a cotejar conclusões, a pensar sobre o texto dos livros com reflexão, comprehendendo-o, dando justa valorização ás proposições e examinando com especial cuidado as conclusões do autor.

Segundo, falta-lhe o habito de acompanhar a prelecção do professor com attenção aguda e espirito critico, mesmo porque, a maior parte das vezes o assumpto para elle é absolutamente virgem e nunca uma pergunta ou um problema derivado embora de outros assumptos lhe passou pelo cerebro com respeito ao então exposto.

Acceita passivamente o que lhe diz o professor, não trava com elle o dialogo, mental, não sabe antecipar a nova phase que tem que tomar a explanação, está emfim na situação do agente passivo que soffre abulicamente toda aquella torrente de idéas e palavras. E quando não acontece isto, então acontece peor, o alumno se alheia completamente do assumpto da aula, embebe-se noutros pensamentos, passeia sua imaginação por dominios que lhe são mais agradaveis e no fim, nada ouviu, nada comprehendeu, nada pensou, portanto nada aprendeu. Examinados os factos sob este aspecto desnudo, de quem a culpa? Do professor? Do alumno? Nem de um, nem de outro, ou tanto de um quanto de outro.

O professor lá com seus preconceitos, suas concepções, seus

Acaba de apparecer:

Baptista de Castro

**VOCABULARIO
TUPY-GUARANY**

Em edição ARIEL

Preço 7\$000

habitos, improvisado mestre de uma hora para outra, sem methodologia, sem preparação profissional, desconhecendo muito dos problemas geraes de Educação e muito mais os particulares da Educação superior; não tendo tido para seu esclarecimento nem o exemplo de seus proprios mestres, este professor tem que ser o que é: um esbanjador de palavras e conhecimentos, e um prodigo consciente, porque já sabe por experiencia propria que só por acaso suas palavras cahirão, como pollen levado pelo vento, no cerebro de um ou outro alumno excepcional ou ingenuo.

Por isso limita-se apenas a discursar um ponto, com mais ou menos gestos, com mais ou menos entusiasmo, mas sempre despreoccupado da repercussão que os factos e pensamentos que apresenta irão ter no espirito de seus alumnos.

Acabada a aula, soado o signal, professor e alumno, dois mundos juxtapostos mas nunca integrados, separam-se, seguindo cada qual o curso de sua orbita e sem perigo de encontro.

E do estudante, então, que diremos? Será elle, aqui no Brasil, um material humano inferior ao que se encontra em outros paizes? Acredito que não. Penso mesmo que não é juizo temerario affirmar que de modo algum elle é especificamente inferior. Que lhe falta então? Faltam-lhe essas coisas de que todos se julgam possuidores e poucos na realidade dominam; habitos de pensamento reflectido, attitudo de coherencia moral, philosophia de vida.

Em nosso paiz onde não existe um plano de Educação, uma directriz nacional ou internacional que seja de cultura, onde qualquer individuo que sabe lêr e escrever usa o titulo de doutor; onde um tecnico recebe ordens de quem não entende da especialidade; onde os medicos são politicos, e os politicos fazem medicina orçamentaria, privando os departamentos culturaes de recursos financeiros; neste nosso

paiz em que o mais sabio é ser ainda monarchista e conservador, não é de admirar que uma geração mal sahida da puberdade não tenha um rumo, um fio conductor, um habito de exame e discernimento das situações e dos problemas do presente e muito menos dos do futuro. E sem essa attitudo, nem esse habito; e sem esta honestidade intellectual, nem esse amor pela verdade, não póde haver espirito universitario.

Pois na Universidade todas essas forças vivas que compõem a physionomia de uma civilização e de uma sociedade se elaboram, robustecem, ramificam e expandem.

Nessa Universidade que parece tão acima do plano de vida da grande massa, formulam-se, estudam-se, solucionam-se, entretanto, os problemas de redirecção e reconstrucção dos interesses e das aspirações justas, scientificas e humanas dessa mesma massa.

Dessa Universidade saem os batalhadores, os "leaders", os constructores de uma civilização accrescida e enriquecida em significados e instrumentos de progresso social.

Essa Universidade a nós ainda nos falta, porque falta-nos igualmente o espirito universitario, o habito de trabalho scientifico em collaboracção; o gosto pelo estudo criterioso e perseverante dos problemas que cada especialidade offerece, e, principalmente, uma orientação philosophica, uma concepção do mundo, da sociedade e do homem, de seus objectivos e propositos; finalmente um sentido de para onde devemos marchar, si com o Passado, si para o Futuro.

IVA WAISBERG

Teixeira Soares — **Magica** — Agencia Editorial Brasileira — Lisboa.

Teixeira Soares já nos dera, como livro de estreia, um bello volume de contos: **Noite de Caliban**, que mereceu os melhores louvores da critica e do publico. Agora, de Portugal, onde se acha exercendo funções diplomaticas junto á nossa Embaixada, o brilhante escriptor envia-nos o seu primeiro romance, numa cuidada edição da Agencia Editorial Brasileira. **Magica**, tal é o seu titulo, é narrativa que se lê com o maior encanto e na qual, já

no recorte das personagens, já nas paginas descriptivas ou na vivacidade dos dialogos encontramos todas as qualidades que fazem de Teixeira Soares uma das figuras mais destacadas dos nossos meios intellectuaes. Quasi todo o entrecho de **Magica** decorre no bojo de um navio que se destina á Europa e faz varias escalas em portos nacionaes. Assim, transmutam-se constantemente os seus scenarios, em que se succedem pittorescos aspectos de Victoria, Bahia e Recife, e não é esse um dos menores attractivos do livro, pois que ahi vemos o escriptor usando com maestria de uma palheta de verdadeiro colorista.

Gustavo Dale — **Terra Morena** — Rio de Janeiro.

Póde dizer-se que o sr. Gustavo Dale faz da litteratura o pretexto para altos debates moraes. A ficção não é nelle um passatempo ou uma sequencia de jogos frivolos do espirito. Se põe duas personagens em scena, essas personagens, longe de desvairar-se em attitudes romancescas, o que fazem na realidade é dialogar sobre todos os problemas que atormentam os homens de hoje. Bastante moço ainda, esse nosso patricio quer ver claro o que sente e pensa a juventude de hoje e sabe desentranhar das questões de metaphysica ou esthetica uma conclusão que importe em louvor da nossa terra, "orgulhosa de seus constructores e de seus heróes, bella e altiva, irradiando ao Universo a voz mysteriosa das raças que fructificam".

Hildebrando Accioly — **O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Perfeitamente integrado na historia da diplomacia nacional, o sr. Hildebrando Accioly não poderia deixar de desobrigar-se ás direitas da reconstituicção de um facto internacional de tamanha importancia como o que lhe inspirou o presente livro. Tudo ahi se encontra relatado com a maior honradez intellectual e o excesso de detalhes não nos impede nunca de ver a parte essencial dos acontecimentos.

Estevão Cruz — **Programma de vernaculo** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

O sr. Estevão Cruz é um especialista, já agora victorioso, em materia de confecção de compendios e anthologias. Tendo trazido das humanidades christãs um numerario de cultura classica que é raro em nosso paiz, nenhuma dificuldade encontra elle em distinguir sempre a parte melhor dos livros alheios e apresental-a entre commentarios perspicazes, para instrucção e edificacção dos nossos discentes. Assim neste **Programma de vernaculo**, onde, a par de um brilhante florilegio de poetas e prosadores, existem notas philologicas das mais apreciaveis. Poucos didactas nosso podem ufanar-se de possuir a critica certa com que o sr. Estevão Cruz se move sempre em taes assumptos.

A Pintura Brasileira nos Estados Unidos

Conforme foi noticiado, Candido Portinari obteve uma menção honrosa na Exposição de Pintura do Instituto Carnegie, de Pittsburg. Durante os ultimos annos têm concorrido a essa grande feira de arte, entre outros, Picasso, Derain, Matisse, Braque, De Chirico, Salvador Dali, Dunoyer de Ségonzac, e outros pintores de fama européa e universal.

Qualquer pessoa medianamente informada a respeito do movimento artistico da nossa época vê logo, á simples leitura desses nomes, que a Exposição Carnegie não é brincadeira — é uma organização perfeitamente notavel. E' um signal de progresso para as artes plasticas do Brasil o facto de um de nossos pintores ter sido ali distinguido com um premio. Como alguns de nossos "criticos de arte" têm procurado negar a importancia artistica deste acontecimento, transcrevemos a seguir algumas referencias da grande imprensa norte-americana sobre Portinari e seu quadro, "O café".

M. M.

TÃO OPPOSTOS COMO OS PÓLOS

Quasi tão afastados quanto os polos estão os detentores das duas menções honrosas — Candido Portinari, brasileiro, que obteve a segundo, e Per Deberitz, norueguez, que conseguiu terceira.

Portinari bem merece do seu paiz, a que levou tão garbosamente as honras de premiado num certamen internacional de arte. E' a primeira vez que o Brasil se fez representar numa Exposição Internacional de Carnegie, e a tela premiada, **Café**, é tão característica quanto o póde ser um quadro.

Portinari é provavelmente o mais cosmopolita de todos os premiados este anno, em tudo quanto diz respeito ao caracter internacional dos seus estudos e mostras.

Pinta desde oito annos de idade. Principiando seus estudos de arte mais adiantada na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, obteve uma pensão para aperfeiçoar-se na Europa, completando os seus estudos na França e na Italia, e, de volta á patria, tornou-se uma figura excepcional da arte do Brasil, ao mesmo tempo que fazia renome em Paris, na Argentina e no Uruguay, onde já expoz. Foi recentemente nomeado professor de artes plasticas da Universidade do Rio de Janeiro, mas, apesar da sua fama, nunca expuzera nos Estados Unidos.

Meyric R. Rogers

Critico de Arte do "Post Gazette".

Candido Portinari, o pintor brasileiro, que obteve a segunda menção honrosa, conhece o valor das deformações para obter effeitos picturaes. O seu quadro premiado, **Café**, é excellentemente desenhado e rico em tons pardacentos e suaves verdes-acinzentados. Os trabalhadores da colheita de café apresentam desharmonias anatomicas propositadas, mas o effeito

augmenta a força e avigora a pintura. Poderia ser desdobrada com o tempo numa interessante composição musical.

Dorothy Kantner

"Pittsburgh Sim Telegraph".

O **Café**, de Portinari, tela vasta e de um forte sentimento de pintura mural, é não sómente o melhor quadro do grupo de expositores brasileiros, mas, em nossa opinião, um dos mais bellos trabalhos entre todos as 365 telas expostas este anno.

Extraordinariamente, numa feliz composição, equilibram-se as suas tintas ou mais figuras, sendo isoladamente qualquer dellas um retrato dotado de vida, força e vigor.

Emily Genauer

"New York World Eebegram".

Dmitri Merejkovski — Jesus desconhecido — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Merejkovski é um dos grandes romancistas russos e, não fôra ter nascido na época em que Tolstoi dominava os espiritos, haveria desfrutado de um prestigio sem restricções. Suas paginas allusivas ao passado romano ou á Italia da Renascença são innegavelmente magistraes. Esse patricio de Turgueneff é um grande retratista historico e não receou atirar-se tambem ao difficilimo assumpto que é a vida de Napoleão Bonaparte. Agora vae espalhar-se entre nós. graças á traducção do sr. Gustavo Barroso, esta sua curiosa interpretação da figura de Christo.

O PROFESSOR MARTIN E OS ESTUDOS BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Como os professores Defontaine, Le Gentil e Garric, na França, o professor Percy Martin, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, é um estudioso de assumptos brasileiros, especializando-se na interpretação do nosso passado. Colaborador de publicações eruditas, americanas e inglezas, de relevo internacional-encyclopedias e dictionarios historicos e geographicos — a elle se devem capitulos interessantes sobre aspectos da nossa historia e da nossa formação politica e intellectual. Recentemente publicou, auxiliado pelo jovem professor assistente M. S. Cardoso, da Universidade do Estado da California (Bercley), valioso dictionario biographico da America Latina, onde figuram os nomes mais representativos da nossa politica, da nossa litteratura, da nossa sciencia, do Exercito, da Marinha, do Clero, das bellas-artes. Tambem publicou recentemente suggestivas paginas sobre o Brasil, durante o seu primeiro seculo de vida autonoma. O professor Martin já esteve em nosso paiz e bem assim em Portugal e na Hespanha, em demoradas viagens de estudo. O Governo Brasileiro significou a esse illustre professor e letrado americano a nossa sympathia e o nosso reconhecimento pelos seus serviços desinteressados de interprete da nossa cultura e do nosso passado junto aos universitarios dos Estados Unidos, conferindo-lhe ha pouco tempo a Ordem do Cruzeiro.

"NOSSA REVISTA"

Os moços do Recife não se esquecem de que por ahi se feriram sempre combates de idéas de que resultaram grandes beneficios para a vida mental do Brasil. Isto desde os tempos em que Tobias Barreto investia contra os idolos da metaphysica e agitava os espectadores-ouvintes do theatro Santa Isabel com os seus propositos renovadores. "Nossa Revista" vem até nós com o calor de juventude dos nortistas que a redigiram. Mas vem tambem com indícios frequentes de boa cultura moderna, argutamente assimilada.

Josué de Castro — Alimentação e Raça — Civilização Brasileira — Rio.

Na Bibliotheca de Divulgação Scientifica dirigida pelo Professor Arthur Ramos, figura um novo trabalho do sr. Josué de Castro, especialista em questões ethnicas e ainda mais em problemas de nutrição. Perfeito é o seu dominio desses assumptos, patenteados desde quando o sr. Josué de Castro, em critica das mais austeras, oppôz uma série de objecções á parte de minucias alimentares do grande livro do sr. Gilberto Freyre, em quem o critico, mesmo opondo-lhe as restricções que lhe oppunha, não deixava de ver o autor do mais bello volume de sociologia talvez já escripto em terras sul-americanas.

Acaba de apparecer:

ISADORA DUNCAN

MINHA VIDA

Tradução de

GASTÃO CRULS

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO

EDITORIA

Preço: 20\$000

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a Saul Borges Carneiro)

Hamburgo, 15 de Setembro de 1931.

Meu caro Saul,

Recebi hoje **A Nova Maneyra de Falar** (1). Já o li todo. Foi pena ser tão pouco... Num paiz como o Brasil, onde sobram os burros e os perobas, o espirito não deve ser dado assim como V. e o Gastão Cruls o deram: em dóse homeopathica. (Não repare esta lettra tremidinha, pois a culpa é da ruim penna com que escrevo neste momento).

Com o seu livro veio tambem o da velha mulher do..... O livro é um prodigio de insansatez, de cretinice, de caduquice. Eu nunca tinha lido livro nenhum dessa velha corôca. Que espantosa imbecilidade! E ha sujeitos que a elogiavam!..... Positivamente o Brasil está precisando de uma peste formidavel. Refiro-me ao Brasil pensante, ao Brasil mental, ao Brasil academico, jornalístico, scientifico, litterario e social. Quanto ao povo, não. O nosso bom povo é in-nocente, é victima dessa canalha.

A esta hora V. já deve com certeza ter lido o esboço de esc..... na nova orthographia que escrevi. Quero a sua opinião franca, embora eu saiba que em varias coisas V. não concorda commigo. Mande-me indicações e subsidios.

Antes que me esqueça: quem fez os versos **assignados** pelo Luiz Carlos? (2) Estavam excellentes. Não sei... não sei... mas cuido ter descoberto nelles dedo de mestre Alberto Ramos... collaboração do Grieco... Acertei? A proposito dessa reforma idiota enviei ao **Seculo** de Lisboa uma carta de que lhe mando copia. Duvido muito de que o **Seculo** a publique. Si o Gastão quizer, pôde inseril-a no seu **Boletim**, caso as tendencias deste o permittam.

Felizmente, ao mesmo tempo que encontrava hoje sobre a minha mesa no Consulado o livro idiota da....., achava tambem as obras completas de B. Shaw e o ultimo livro (posthumo, creio eu) de George Moore: **Aphrodite in Aulis**. Presentes de um amigo de Londres... Isso me desinfectou um pouco a alma, enquanto o seu opusculo me desinfectava o figado, que, por signal, anda muito precisado de uma estação de cura. Projecto inicial-a esta semana na Baviera ou adjacencias. Este anno tenho estado excessivamente preso ao posto pelo serviço no Consulado. Ha dois annos não vou a Paris por não poder deixar o serviço! Isto sem fallar nos cortes que soffremos nos vencimentos — seja tudo pelo amor da Patria! O essencial é que esta se rehabilite. Veremos o milagre?...

Já conhece o Gilberto Freyre? E' dos nossos, isto é, tem talento. (Desculpe este excesso de modestia. Abraços ao Gastão, ao Castilho e, si vir o Duarte Lâite, embaixador de Portugale, peça-lhe em meu nome que dê.....)

Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 15-X-1931 (3)

Caro Saul, enviei-te ha dias alguns numeros do **Querschnitt** e hontem mandei-

te o **Fausto**. Ha actualmente um verdadeiro borbulhar de livros sobre o **Goethe** por aqui: centenario da sua morte. — Aguardo ancioso o primeiro numero do **Ariel**. Mandeí artigo para o segundo, do qual quizera receber mais de um exemplar. Falla ao Gastão. Abraços do velho — Torres.

Hamburgo, 2 de Dezembro de 1931 (4)

Anniversario do Imperador Dom Pedro II. Viva a sua benemerita memoria! Feliz Natal! Feliz Anno Bom! Ao Pelagio tambem. Não lhe escrevo por não lhe saber o endereço! Que frio, Saul! Hontem houve já neve. As arvores estavam como noivas! Os cysnes estão encerrados no seu poço. As gaivotas já vem á janella pedir migalhas de pão. Abraços do velho — Torres.

Hamburgo, 7-1-1932 (5)

Caro Saul — Recebeu minhas cartas e o postal que lhe mandei pelo Natal? Recebeu dois **Faustos** de Goethe que me pediu e lhe mandei? O pacote seguiu registrado e ha muito tempo! Ter-se-hão extraviado? Mande-me algumas linhas, homem. Ahi vae um recorte de jornal que talvez lhe interesse. Peço-lhe rever o meu artigo sobre Nietzsche e todos em que houver allemão a corrigir. Abraços do velho Torres.

Hamburgo, 23 de Junho de 1932.

Meu caro Saul,

Escrevo-lhe a lapis para evitar que a tinta se espalhe e faça borrões. Neste papel aviatorio creio que o lapis vae melhor. Este mez já enviei ao Gastão tres artigos, tres com o que foi hoje registrado no correio e deve chegar com o **Almanzorra**. Porque não me escreve Você ha

tanto tempo? Só hoje recebi o **Boletim**, em que li o seu artigo sobre o livro do José Maria dos Santos. Artigo excellente. E por fallar nisso, ha dias escrevi ao Gastão pedindo-lhe esse livro, mas, em vista do seu artigo, desisto de lel-o. Assim, si ainda fôr tempo, diga por favor ao Gastão que, em vez de me mandar o livro do José Maria, me mande **Os Horizontes Mythicos do Negro da Bahia** por Arthur Ramos. Será encontravel ahi no Rio? Gostaria tambem de ter **A Expedição de Martim Affonso**, do Commandante Eugenio de Castro. Ainda não desisti de escrever o **Martim Affonso**. Tambem, se lhe fôr possivel enviar-me **A Aatoria das Cartas Chilenas**, de Lindolpho Gomes, ficaria contentissimo. Não mando marcos porque V. mesmo já m'o prohibiu de fazel-o. Demais, são livrinhos pequenos e portanto baratos, creio eu. Não conheço Alcides Bezerra, mas o seu artigo sobre o **Idioma Brasileiro** no ultimo **Ariel** é muito bem feito. Concordo com elle, embora eu seja mais radical, isto é, deseje a suppressão total dos classicos portuguezes (sem exceptuar Camões) de todas as nossas escolas. E' a unica maneira de formar a verdadeira lingua do Brasil.

Ah! meu Saul! Tenho um pedido colossal a fazer-lhe. Tenho das **Decadas Republicanas** os volumes I, II, III, IV, VI e VII. Falta-me o V. Mandeí encadernal-os aqui lindamente e barato num pequeno encadernador. Já os adquiri no Rio estragadissimos. Será possivel, Saulzinho querido, desaninhar-me ahi um V volume? E dessas famosas e preciosas **Decadas** (muito mais interessantes do que as de João de Barros) só terão sahido sete volumes ou ha ainda outros? Disso não tenho eu a mais vaga noticia. Veja se me arranja isso, Saul, que eu farei tudo por lhe arranjar aqui um preparado que faça crescer cabelo na careca — bem entendido: não me comprometto a descobri-lo, mas farei força... Diga ao Gastão que se elle continuar a publicar....., mandar-lhe-hei daqui por deante só artigos a respeito de grandes livros e personalidades das nossas lettras: **Écumes**, por Basilio Vianna,....., **Almachio Diniz perante a critica — A Arte de Luiz Carlos — A Elegancia Mental de Ataulpho de Paiva**..... Si V. vir o Fiuza (6), diga-lhe por bondade que brevemente lhe escreverei. Si ainda não o fiz é porque elle não me mandou o seu endereço. Onde mora elle ao certo? Quererá dizer-me? Quanto a mim ainda estou e estarei durante longo tempo em tratamento, e tratamento cacete. Lembranças ao compadre Pelagio (7). Abraços do seu velho gratissimo — Torres.

Hamburgo, 19-9-32.

Meu caro Saul,

Apenas algumas linhas apressadas para lhe agradecer o volume das **Decadas**, que já mandei encadernar no mesmo estylo que os outros e ficou excellente. Dessas **Decadas** possúo apenas sete volumes. Ha, entretanto, mais, porque o José Maria dos

leiam

ESTRANGEIROS

O novo Livro
de

Agrippino Grieco

em edição de

ARIEL Editora

Santos no seu livro (cuja remessa também lhe agradeço), cita o Vol. VIII. Não será, pois, impossível desencaval-o ahi nalgum sebo. O mais pratico, para saber ao certo quantos volumes foram publicados, é ir á Bibliotheca Nacional. Lá deve estar a collecção completa. Eu gostaria enormemente de possuil-a, pois a obra é das mais interessantes e instructivas que têm sido feitas no Brasil.

Seus artigos no *Ariel*, excellentes como sempre. Entrevistei outro dia o Visconde do Sumaré, mais moço dez annos do que o Barão d'Ascurra. Está jovem nos seus 85 annos, idade do marechal Hindenburg. Elle conheceu muito o Barão d'Ascurra, com quem palestrava muito no Paço, quando o Visconde estava de serviço como semanario. Disse-me elle que não concorda com o quinhentismo do Barão. De facto, o Visconde, quando conversa, usa palavras de varias linguas, até de grego! Isso lhe torna a palestra um pouco difficil. Ainda não tive tempo de escrever a entrevista que tive com elle, devido á doença e morte do Consul Geral aqui. Estou eu ás voltas com inventarios, enterro, limpeza do predio, etc., etc. Peço, portanto, a V. dizer ao Gastão que me desculpe não ter mandado mais artigos para o *Boletim*. Logo que a situação se normalise, o que espero em breve, recommencarei. O ultimo numero, o 12, está excellent. Bellos artigos do Gilberto, do Grieco, do Gastão e outros. Você precisa de escrever mais. Seus artigos são sempre instructivos. Este Consulado aqui, meu amigo, não é sinecura. Ha trabalho e infelizmente um trabalho tão variado e tão truncado que, si por um lado a sua mesma variedade diverte, por outro lado, quando se chega á tarde, está-se fatigado e com a cabeça cheia só de idéas truncadas, o que impossibilita o trabalho intellectual. Lembranças ao Gilberto, ao Gastão, ao Ramos e ao Grieco, sem esquecer o Pelagio. Abraços do seu

Torres.

Responda!!!

Brunshaupten, 18-VII-1933 (8)

Lieber Herr Professor und Freund. Vim de Berlim passar uns dias nesta praia do Mecklemburgo como preparação para uma cura mais seria em Kissing. A perna vae melhorando, mas ainda está muito fraca. Escreva-me, homem de Deus! E receba o abraço do seu sempre grato — Torres.

Karlsbad, 22-IX-1933

Caro Saul,

Aqui estou a conselho medico fazendo uma cura necessaria depois da atroz doença que me teve de cama tres mezes entre a vida e a morte. Na proxima semana, querendo Deus, terminarei a minha cura e voltarei para o meu posto em Berlim: *Brasilianisches Generalkonsulat — Columbus Haus — Potsdamer Platz*, onde estarei ás suas ordens, enquanto o governo lá me deixar, e que seja o mais longo tempo possivel.

Envio-lhe hoje pelo correio e registados dois numeros da revista *Das Neue Tage-Buch*, que se publica fóra da Alemanha, onde a sua entrada é prohibida. Por ella Você verá o que é a barbaria allemã, o que soffrem os judeus e os socialistas, mesmo não sendo judeus. Que

horror! A Allemanha está em plena idade media, mas a Europa inteira está contra ella. Não tem um só amigo no mundo!

Por fallar em judeus, ante-hontem uma judia (não prostituta) me levou á Synagoga para a festa do *Rosch Haschono*, ou seja o Anno Novo. Bello templo, magnifico orgão, excellentes chóros. Desnecessario será dizer que comprehendí tudo, porque... cantavam em hebraico. E o rabbino psalmodiava bem. Não sei si em virtude de ancestralidades até agora recalçadas por uma rigorosa educação catholica, o certo é que me senti perfeitamente á vontade no ambiente judaico...

Abraços ao Gastão, ao Gilberto (que me não escreve) ao Ramos, ao Grieco e ao Pelagio. Do seu

Torres

P. S. Mande-me o livro do Nina Rodrigues sobre os Africanos, interessa-me.

(1) - Pequena brochura aqui apparecida em 1931, sob o pseudonymo de Barão d' Ascurra. (2) - Poesia sob o titulo *Beijo de Luz* e que abie *A Nova Maneira de Fallar*. (3) - Bilhete-postal. (4) - Idem. (5) - Cartão de visita. (6) - O pintor Fiuza Guimarães. (7) - Pelagio Borges Carneiro. Torres gostava muito de chamar compadres aos seus migos. Assim, era frequente falar em "compadre Pedro", quando se referia a Costa Rego. (8) - Bilhete postal.

General Couto de Magalhães. — *O Selvagem* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Volume utilissimo para os nossos estudos de ethnographia e linguistica. *O Selvagem*, do grande Couto de Magalhães, escasseara de todo em nossos mercados de livros e bem andou a Cia. Editora Nacional reeditando-o com escripto e fidelidade das mais elogiaveis. Louve-se especialmente a reproducção photographica do complicado vocabulario indigena, o que terá evitado possiveis erros de revisão, dos mais traiçoeiros para os cultores de linguas americanas.

Maximiano Augusto Gonçalves — *Pontos de Grammatica Historica* — Livraria Jacintho — Rio.

O autor é professor de portuguez e latim, servindo o presente volume para evidenciar o criterio e idoneidade com que elle se desobriga das suas tarefas pedagogicas. Incisivo como convém a um mestre que discorre sobre a lingua latina, a mais incisiva de todas, o sr. Maximiano Augusto Gonçalves mostra-se orientado pelos melhores principios de historicismo grammatical e não errarão as casas de ensino que lhe adoptarem o substancioso volume.

— Continúa a despertar um grande interesse a publicação dos *Cahiers* de Maurice Barrès, cujo nono volume, relativo aos annos de 1911 e 1912 vem de apparecer. Como já observou um critico francez, estes cadernos de impressões estão fadados, talvez, a uma vida mais duradoura do que todas as outras obras publicadas ainda em vida do grande escriptor, como *Les Deracinés* ou *Le Jardin sur l'Oronte*, pois é nessas desataviadas annotações de um diario intimo que podemos conhecer verdadeiramente a grande alma e a fina sensibilidade de Maurice Barrès.

Ultimas Edições "ARIEL"

Baptista de Castro
VOCABULARIO TUPY-GUARANY

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Cornelio Penna
FRONTEIRA

J. G. de Araujo Jorge
BAZAR DE RITHMOS

Alfredo Pessôa
ALGUMA COISA DO QUE VI

Auguste de Saint-Hilaire
VIAGEM AO R. G. DO SUL

Agrippino Grieco
ESTRANGEIROS

Gastão Cruls
A AMAZONIA MYSTERIOSA
(4.^a edição)

D. Milano
ANTOLOGIA DE POETAS
MODERNOS

Dr. Suikire Carneiro
ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

Arhus Sab
A MÃO E SEUS SEGREDOS
(2.^a edição)

Renato Kehl
COMO ESCOLHER UM BOM
MARIDO
(2.^a edição)

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Oliveira — Roteiro do Oriente	6\$000
X Noiva	4\$000
X Casamento de Anna	4\$000
Acioly — Reconhecimento do Brasil	7\$000
Carneiro — Quimica	10\$000
Santos — Pequeno Escolar — 3º.	3\$500
Santos — Pequeno Escolar — 4º.	4\$000
Moraes — Meu Livro — 1º.	3\$000
Moraes — Meu Livro — 2º.	3\$500
Santos — Preparatorios	12\$000
Stavale — Exercicios de Mathematica 2º.	6\$000
Silva — Minha Patria — 2º.	3\$000
Silva — Minha Patria — 3º.	3\$500
Silva — Meus Deveres — 2º.	3\$000
Silva — Meus Deveres — 3º.	3\$500
Aroldo — Geographia — 2º.	10\$000
" — Geographia — 3º.	10\$000
X Curso de desenho	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE JANEIRO

José Geraldo Vieira — Territorio Humano — romance	12\$000
Bernardino de Souza — Heroínas Bahianas	6\$000
Sylvio Romero — Machado de Assis — 2. ^a edição	12\$000
Humberto de Campos — Memorias — 9. ^a edição	10\$000

NOVIDADES DE DEZEMBRO

Humberto de Campos — Um Sonho de Pobre (chronicas) — edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Reminiscencias (chronicas) — edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Memorias Inacabadas — 2. ^a edição (attinge 24.000 exemplares)	6\$000
Humberto de Campos — Anthologia da Academia Brasileira de Lettras — 2. ^a edição	8\$000
Humberto de Campos — O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira — 2. ^a edição	8\$000
Humberto de Campos — Poesias Completas — 3. ^a edição	8\$000
Isadora Duncam — Minha Vida (Traducção de Gastão Cruls)	20\$000
Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompeia (illustrado)	20\$000
Agrippino Gríeco — Gente Nova do Brasil	12\$000
Plinio Salgado — Cartas aos Camisas Verdes	6\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Tristão de Athayde — No Limiar da Idade Nova	10\$000
Belmonte — Idéas de João Ninguém (chronicas)	6\$000
Amando Fontes — Os Corumbas — 5. ^a edição attingindo 10.000 exemplares	7\$000
Miguel Reale — O Estado Moderno — 3. ^a edição attingindo 7.000 exemplares	6\$000

NOVIDADES

NOVIDADES DA "CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A"

Fedor Dostoiemski

RECORDAÇÃO DA CASA DOS

MORTOS — Col SIP 2\$000

José de Alencar

O SERTANEJO — Col. SIP .. 2\$000

O. W.

MINHA CAMA NÃO FOI DE

ROSAS — 3º. volume da

Col. Mulher Moderna —

Traducção de Manoel Ban-

deira 6\$000

Anonimo

EX-ESPOSAS — 4º. volume

da Col. Mulher Moderna —

Traducção de Godofredo

Rangel 6\$000

Azevedo Amaral e Annibal Bom-fim

PUBLICIDADE COMMERCIAL 5\$000

Academia Brasileira de Letras

ARTHUR DE OLIVEIRA 6\$000

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Baptista de Castro — VOCABULARIO TUPY-GUARANY — Ariel, editor, Ltda.
- Eloy Pontes — A VILA INQUIETA DE RAUL POMPEIA — Livraria José Olympio — Rio.
- J. G. de Araujo Jorge — BAZAR DE RYTHMOS — (Poemas) — Ariel, editora, Ltda.
- Carlos Chagas — DISCURSOS E CONFERENCIAS — Rio.
- Viriato Corrêa — CASA DE BELCHIOR — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Estevão Cruz — PROGRAMMA DE VERNACULO — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Thomaz Leonardos — CONCURRENCIA DESLEAL — Livraria Academica — Rio.
- Gustavo Dale — TERRA MORENA. — Rio.
- Zuleika Lintz — HORAS LYRICAS — Rio.
- João de Castro Osorio — NECESSIDADE E SENTIDO DE UMA UNIVERSIDADE COLONIAL — Edições "Descobrimento" — Portugal.
- Erwin Zach, Dr. A. Ferreira da Rosa e Dr. B. Candido de Andrade — LEXICO MEDICO-CHIMICO E DAS SCIENCIAS AFINS — Allemão-Portuguez. — Rio.
- Maximo Gorki — OS DEGENERADOS — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- S. P. Shiel — O FIM DO MUNDO — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Fannie Hurst — A ESQUINA DO PECCADO — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Elinor Glyn — TUDO SE PAGA — Trad. de Manuel Bandeira — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Monsenhor Bougaud — A DOR — Editora Recor — Rio.
- J. Arthur Findlay — NO LIMIAR DO ETHEREO — Livraria Editora da Federação — Rio.
- Armand Godoy — LE DRAME DE LA PASSION — Editions Bernard Grasset — Paris.
- Isadora Duncan — MINHA VIDA — Trad. de Gastão Cruls — Livraria José Olympio — Rio.
- Archivos do Instituto de Educação — Anno I — N. 1 — Setembro de 1935 — São Paulo.

Humberto de Campos — Um sonho de pobre — Livraria José Olympio — Rio.

Tão cedo não faltarão aos profusos admiradores de Humberto de Campos livros do mestre idolatrado. O livreiro José Olympio, no justo empenho de salvar do ephemero dos jornaes paginas daquelle lapidario do periodismo, continúa a coordenar em volume trechos esparsos que, mesmo destinando-se ás folhas volantes, eram sempre de um homem de letras, de um homem insusceptivel de banalizar-se em qualquer modalidade de prosa rasteira. Um sonho de pobre e Reminiscencias trazem bem a assignatura de Humberto de Campos, apresentam-nos posthumamente novas fichas graphologicas daquelle talento e daquelle sensibilidade arrepiada que o fizeram em dado instante soffrer e exprimir-se por milhares e milhares de brasileiros.

Belmonte — Idéas de João Ninguém — Livraria José Olympio — Rio.

Eis ahí um cidadão que domina indistinctamente o lapis e a caneta. Desenhista ou folhetinista, não acha difficuldade em assenhorear-se do interesse de quantos lhe vejam uma caricatura ou lhe percorram uma digressão sobre coisas da vida paulista, da vida brasileira em geral. Póde dizer-se que as chronicas de Belmonte são como legendas amplificadas das "charges" em que elle, jocoso contra-regra, movimenta tantos figurões do parlamento ou da administração do paiz. Sabe-se que grandes caricaturistas como Daumier eram incapazes de encontrar o commentario verbal dos seus perversos desenhos. Belmonte, ao contrario, funde de tal maneira o boneco deformador e a phrase de espirito que a gente ignora se nelle o artista graphico se avanta ao epigrammista da penna.

Christovão de Camargo — Notas de Hontem e de Hoje — Rio.

Autor de varias obras de ficção, o sr. Christovão de Camargo é homem a quem as leituras e as viagens deram uma visão das mais desafogadas das coisas de letras e artes. As Notas de hontem e de hoje demonstram quanto lhe são familiares os escriptores europeus, seja naquillo que redigiram directamente, seja naquillo que os outros redigiram sobre elles. Victor Hugo, Anatole France, Dumas Pae e Marinetti desfilam nas paginas do volume, entre pormenores anecdoticos que não excluem notações de fina psychologia. Emquanto theoristas graves nos atormentam a paciencia com programas chimericos, é bastante agradável ler-se, nestes dias torridos, um commentador que desentranha de tudo a minucia amavel, o aspecto de vida em que o traço de sociavel polidez é sempre a nota predominante.

Maurice de Fleury — Introdução á medicina do espirito — Livraria José Olympio — Rio.

Em magnifica traducção do padre Leopoldo Aires, temos aqui a obra de um escriptor que se fez professor de optimismo e vitalidade, mas sempre dentro dos melhores methodos scientificos. Maurice de Fleury, pensador e amigo dos artistas, foi um estudioso dos problemas de physiologia e procurou sempre ajustar as suas conclusões de laboratorio ás necessidades das creaturas que se atropelam nos grandes centros. Era homem que acreditava no progresso, que não desesperava dos outros homens, mas sem panglossismos ridiculos e sem os passes de prestidigitacão de tantos charlatas, em geral fracassados, que dão aos demais "conselhos para vencer na vida".

João da Costa Ferreira — O Rio de Janeiro no seculo XVII — Rio.

Amigo de tudo quanto se prenda ao passado do Rio, o sr. João da Costa Ferreira é um perspicaz remexedor de archivos e sabe coordenar volumes que bem aproveitem aos nossos estudiosos de questões historicas. Nos seus trabalhos unem-se a exactidão technica e um fino senso do pittoresco, de modo a serem evitadas as digressões maçadoras ou as transcripções exaggeradas que dão logo ao leitor o desejo de uma cautelosa retirada estrategica. Um tal pesquisador dos nossos seculos extinctos pertence em tudo á nobre estirpe dos Vieira Fazenda e dos Noronha Santos.

Eloy Pontes — A vida inquieta de Raul Pompeia — Livraria José Olympio — Rio.

Copiosos documentos apresenta este substancioso volume em torno á vida e tambem á obra litteraria de Raul Pompeia. Além das illustrações que o enriquecem, muitas dellas desconhecidas ou quasi, arrola detalhes de forte interesse sobre a infancia de Pompeia, o seu periodo de collegial, a sua agitação politica na Paulicéa ou no Rio, quando o empolgam sentimentos abolicionistas ou, com mais intensidade, florianistas. As razões do suicidio do escriptor, que importou em tamanho prejuizo para as nossas letras, são fornecidas dentro de indicações e documentos seleccionados com rigor minuciosissimo. E o exame do Atheneu em si e em sua projecção na arte da prosa brasileira, é desenvolvido com segurança critica das mais louvaveis.

Michel Berveiller — A Tradição Religiosa na Tragedia Grega — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Todos os grandes hellenistas já puzeram em destaque o caracter essencialmente religioso de muitas das tragedias que faziam, ao ar livre, o encanto da plebe de Athenas. Dado o gosto aristocratico de uma multidão á altura de entender de prompto as allusões theogonicas de Eschylo e seus successores, tornava-se o palco o mais viavel dos caminhos para a disseminação dos preceitos ethicos tão necessarios a um povo que encheu as suas montanhas de deuses e deusas innumeraveis. Examinando todas essas questões, o sr. Michel Berveiller, que é um conferencista dos mais persuasivos, offerece-nos um livro de boa trama sociologica e de singular belleza esthetica.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

O Premio Felipe d'Oliveira de 1935

E' estranho que no momento que atravessamos, quando, em geral, criticos e revistas primam pela desorientação e pela acceitação de falsos valores litterarios, a Sociedade Felipe d'Oliveira venha sendo tão especialmente feliz na escolha dos seus premios, e isso, sem excepção de um só, todos os annos, desde que se fundou. Era natural, ao contrario, que tambem ella reflectisse, apesar dos grandes nomes que conta, a confusão geral que se vem verificando por toda a parte, em revistas, jornaes, conversas, desde que desgracadamente se começaram a agitar entre nós mais ou menos ao acaso, certos problemas como os de romance proletario, arte pela arte, documento humano, regionalismo, etc., e desde que se fixou no nobre horizonte litterario a alarmante paixão do momento: a africomania... E era natural tambem que, em consequencia de tudo isso, premiasse, pelo menos uma vez, um desses muitos livros de successo injustificavel, desses que ninguem sabe bem porque apparecem nos fins de anno cheios de ar, como se alguma bocca invisivel houvesse soprado esses balões que, por si, deveriam ficar eternamente vasillos.

Muito ao contrario a Sociedade Felipe d'Oliveira vem premiando, desde 1933, livros que ultrapassam de muito a nossa producção de certo nivel, livros de excepção entre os poucos que dessa natureza apparecem cada anno. Tanto que se póde dizer, sem com isso pensar em diminuir em nada a Sociedade, que ella ainda não "honrou" propriamente nenhum delles, mas "se honrou" cada anno com o acertado da escolha, com o reconhecimento publico de um real valor.

Assim, logo de inicio, entre os volumes publicados em 1933, optou pelo grande e inesquecivel romance de Amando Fontes: Os Corumbas,

marcando inequivocamente que não lhe passava despercebida a importancia excepcional desse livro, grande romance ao mesmo tempo que bandeira em torno da qual podiam se reunir os que ainda lutavam pelo reconhecimento da verdadeira natureza e dos limites exactos do romance nacional.

Ao acertado da escolha inicial, que muitos pretenderam attribuir a um simples acaso (habitudos que estavam ao habitual desatino dos premios litterarios), respondeu a Sociedade Felipe d'Oliveira premiando no anno seguinte um dos livros mais serios e de maior importancia que já foram escriptos entre nós: Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre. Cresceu assim o seu prestigio e mais do que elle ainda as suas responsabilidades em relação ao premio de 1935. Criticos, autores e publico não tiraram mais os olhos de cima da futura eleição.

Ora, foi a confirmação mais absoluta das anteriores, a que se verificou com a attribuição do premio de 1935 a Forma e Exegese de Viniçius de Moraes. Acho mesmo que a Sociedade Felipe d'Oliveira nunca andou tão acertadamente como nesse dia em que foi buscar o mais ignorado e inencontravel dos livros apparecidos no anno, para premial-o, depois de lhe ter dado como competidor um outro volume de poesia, ao qual já seria uma honra o simples facto de ser opposto: Tempo e Eternidade.

Da felicidade da nova escolha, isto é: do valor em si de Forma e Exegese poderão dizer quantos conheçam o livro. Por mim mesmo ainda pretendo, em p'ximo artigo, voltar sobre a importancia excepcional e sobre a belleza desse grande livro de poemas que o anno de 1935 nos deu. Quiz apenas, por hoje, insistir em quanto o

JACQUES BAINVILLE MORREU...

"Os republicanos não podem ser bons catholicos" — disse, num dia de máo humor, a *Action française*. A phrase foi dramatizada e o Papa — procurando captar as sympathias das poderosas esquerdas republicanas do tempo — fulminou os realistas francezes com a excommunhão!

A *Action française* nunca deixou entretanto de pedir á Igreja exéquias religiosas para cada um dos seus mortos; a Igreja por sua vez ainda não se cançou de systematicamente negal-as. E Paris de novo assistiu, com o passamento de Bainville, a um dos classicos enterros de "camelot du roi".

O cortejo, como de costume, pára em frente á escadaria de Santo Agostinho — a preferencia por esta Igreja, não é tanto devido a Agostinho, quanto á Joanna d'Arc, a cavalgar marcialmente na praça em frente, e sobretudo a um Déroulède de marmore que, numa nesga de jardim ao lado, ainda parece se inflammam de nacionalismo, discursando aos parades e ás creanças...)

A Igreja mantém-se rigorosamente fechada e alheia ao cortejo. O caixão, collocado no alto da escadaria, fica então a esperar que uma força sobrenatural lhe entreabra a porta de entrada. Aquella multidão de preto anseia pelo milagre durante longos minutos de silencio e, no recolhimento, parece que os corações se escavam para as grandes resonancias! "L'air est pur, la route est large, le clairon sonne la charge..." é um eco do appello de Déroulède que resôa, e os rapazes, içando de novo sobre os hombros o caixão do companheiro, partem dispostos a todos os desastinos...

Nas campanhas da *Action française* Jacques Bainville formava com Daudet e Maurras uma

trindade bem typica. Emquanto o espirito batalhador de Daudet luta, aos rugidos, por desbravar o terreno; enquanto Maurras procura semear doutrinas, Bainville mantinha-se sempre a postos, velando sobre a qualidade dos ingredientes com que eram confeccionados os confeitos doutrinarios.

Qualquer ideologia politica, ao pretender ingressar no terreno das realizações praticas, necessita o auxilio desses tres typos de homens. Um mero batalhador, ao deixar o terreno revolvido sem sementeira, é nocivo, como é perigoso um doutrinario só usar sementes mal seleccionadas pelo crivo da historia.

O historiador deve estar attento a que as doutrinas sociaes não degenerem para fóra do humano e do realizavel, seduzidas pela perfeição da logica ou pela belleza da fórmula. Ao serviço do nacionalismo, da monarchia ou da economia corporativa, Bainville sempre procurou refazer a historia em busca de raizes que viessem robustecer o caracter essencialmente humano dos seus ideaes. Foi historiador por uma simples vontade de viver e de agir. Mostrou-se sempre exaggeradamente sectario, mas nunca criticou sem a angustia de acertar, nunca revolveu o passado como um archeologo sem alma! (Nietzsche o teria de certo citado como o prototypo do historiador).

Bainville refez assim toda a historia de França. Estudou de novo Napoleão e — ao contrario de Ludwig e tantos outros — esforçou-se por mostrar o papel secundario do puro e simples Condottiere em face da grande epopéa franceza, genuinamente franceza, que foi o Primeiro Imperio. Os que não se deixam convencer disso, lendo o seu incomparavel *Napoleão*, ficam assim mesmo seduzidos pelo grande amor de Bainville pela França.

MIRAN DE BARROS LATIF.

premio da Sociedade Felipe d'Oliveira cresceu de importancia pela renovação dos successos anteriores, isto é: por isso que já se póde chamar: Uma Tradição, e quanto, tambem, a Sociedade ella propria entra nesse anno de 1936 com pesadas responsabilidades sobre os hombros. Confiemos de qualquer modo na clarividencia dos seus membros, e tão mais intensamente quanto a nossa critica, salvo rarissimas excepções, cada vez mais se perde e se annulla numa geral confusão de valores e na acceitação indistincta de todas as originalidades, de todos os pontos de vista, mesmo os mais tolos, mesmo os que põem mais seriamente em perigo o futuro da nossa produção litteraria.

OCTAVIO DE FARIA

Thomas Leonardos — **Concurrencia Desleal** — Livraria Academica — Rio..

Doutrina, jurisprudencia e legislação vigente sobre propriedade industrial. Nenhuma litteratura superflua nessa substancial brochura que representa a synthese de longas pesquisas, robustecidas em bom senso e conhecimento seguro do ambiente do fóro. Apesar de muito moço e de haver cultivado o romance, aliás sob aspectos de modernidade scientifica, o sr. Thomas Leonardos já infunde aos trabalhos de direito uma austeridade de cultura e de propositos não commum entre os da sua geração. Informa-se de tudo quanto possa decorrer em proveito da sua these, vae joeirando elle proprio o material das suas consultas e conclue sempre dentro do desejo de bem esclarecer os que a elle recorram. Muitos juristas, gafados do mal litterario, não passam de creadores de confusão, de semeadores de textos ambiguos que se destinam a avolumar a inutil papelada dos tribunaes. O sr. Thomas Leonardos, um advogado como o requer a vida pratica de hoje, é, ao contrario, dos que pensam claro, escrevem claro e nenhum prazer experimentam

Posição

"Tomar posição". Não é uma phrase feita. É uma philosophia, uma conducta na vida, a fazer-se. E ao amigo complacente, que me ouvia, lembrei aquillo de Pascal, quando disse: "Comece ajoelhando, a fé virá depois". Mãos postas trazem oração. É a psychologia das conversões. É só querer... É o condicionamento de um reflexo, de uma cadeia de reflexos. O reflexo innato é o instincto, a vida organica; o reflexo adquirido é o habito, a vida consciente. A educação é uma série de reflexos adquiridos. Portanto, o condicionamento de reflexos... Em uma palavra, a educação é um reflexo condicional...

Meu amigo sorriu e, a minha indagação, respondeu. Estava-me lembrando Saint Simon... Refere o duque memorialista que, certo sujeito pacato, logo que montava a cavallo, esporas, armadura, espada, soerguido nos estribos, dava em homem violento, provocador, intoleravel... Despiu-se da posição, e da indumentaria, e tornava a pacatão e a palerma. O cavalleiro de Saint Simon era um villão, com a vara na mão...

— É Napoleão?... Está no "Memorial de Santa Helena" a narrativa do que lhe pedira a bella rainha Luiza, quando foi da conferencia com os soberanos da Prussia e da Russia. "Fosse elle por ella, e pela Prussia!" Prometteu o curso, mas se esqueceu e sacrificou a Prussia... A' sahida da sala secreta, encontra-a e, ao ser informada, das decisões, as lagrimas lhe vieram ao rosto... A tragedia de imprecações apontava. Puxou de uma poltrona e fel-a assentar-se. Coitadinha, deixou a tragedia pelo drama, só com esse gesto. De pé, tragica, em lagrimas, seria irresistivel... Sentada, apenas dramatica, ouviria desculpas e mentiras, deixar-se-ia consolar... Proponho, pois, que nos Parlametos, nas assembléas de classes, nas Academias, nas reuniões de estudantes, se fale sempre sentado... Não haverá mais declamações, gestos largos, imprecações, invectivas...

— Qual nada! exclamou o meu amigo. Na Camara de um dos nossos vizinhos fala-se sentado, e, entretanto, são tinteiros que voam, projectis que passam, dahi mesmo, das mansas cadeiras, das poltronas pacatas...

De pé, que não seria?! Não seriam descomposturas, mas vociferações... Não tiros de revolver, mas granadas de mão... Olhe, a posição é tudo e não falharia na America do Sul...

— Talvez tenha Você razão... Considere nesta America do Sul, sempre unanime. O Estado do Rio ou a Argentina. Quem está de baixo tem os braços supplices para o alto: implora. Quem está de cima tem os pés castigadores, para baixo: repelle. Posição, és tudo, uma philosophia, uma conducta na vida... Fé, tragedia, drama, coragem, supplica, castigo, desprezo. Posição, só o mau em ti é que mudas...

AFRANIO PEIXOTO

SERVIÇO DE COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

Nosso patricio Ildefonso Falcão, que, além de intellectual de bella cultura, dispõe do conhecimento directo de varios paizes da America e da Europa, continúa empenhado em tornar o Brasil conhecido em outras plagas. Bem sabe elle que muitas nações cujos livros percorremos e cujos ensinamentos scientificos reverenciamos, ignoram totalmente o que se elabora por aqui nas artes, nas lettras, nas sciencias. Dahi o seu empenho em fazer com que augmentem os nossos laços de communhão mental com a Argentina, onde o sr. Falcão possui muitos amigos. De resto, esses propositos de diplomata á moderna encontram no actual Ministro das Relações Exteriores, que é homem viajado e de amplas leituras, um prestigiador a todo transe. Americanista ás direitas, o sr. Macedo Soares comprehende que dois povos não se podem estimar plenamente enquanto não tiverem perfeito conhecimento reciproco dos livros que um e outro produzem. Benemerita, portanto, é a campanha que, com a ajuda do eminente professor Rivarola, se vae desenvolvendo ás margens do Prata em favor do que semeiam os nossos prélos. Mas ainda mais louvavel é que esse trabalho de propaganda não se circumscreva ás paragens do Novo Mundo. Dentro de um criterio de irradiação universal que é o unico recommendavel em tempos como o nosso, a divulgação dos nossos elementos de cultura, vencendo um largo oceano que muitos suppunham aceiro intransponivel para nós, é já agora brilhante realidade em paizes europeus. Basta citar o interesse de que se vão tomando, entre outros, os allemães pela musica e pela litteratura brasileiras. Isto sem esquecer a actividade proficua de um Montarroyos em Paris, onde uma feliz e intelligente publicidade começa o fazer resaltar, aos olhos do mais fino dos povos, a existencia de uma civilização nada desdenhavel aqui pelos tropicos.

Ernani Fornari — **O Homem que era 2** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Em palavras cordiaes não isentas de claro senso critico, um dos melhores romancistas do sul, o sr. Erico Verissimo, tem posto em evidencia o que vale na prosa brasileira de hoje o sr. Ernani Fornari. Ambos são gaúchos, mas no segundo ha uma vibração bohemica de espirito, um dom de mesclar em habeis doses romantismo e realismo, que só a sua directa ascendencia italiana pôde explicar. Filho de um immigrante fascinado pelo crêdo socialista, no tempo em que Enrico Ferri era um Messias de barbicha mephistophelica, o autor deste **O Homem que era 2** teve de formar a sua cultura quasi sem ajuda de mestres. Repetindo a infancia inquieta e movediça de Gorki, andou por varios empregos, trambolhou por differentes profissões. Mas o gosto dos livros persistia em todas essas agitações da caça ao vintem. Mal foi lendo e logo se pôz a escrever, errando muito de inicio, errando menos quando a vida o foi ensinando a reflectir e a vêr melhor a verdade. Hoje é romancista que depõe em favor do advento de uma bella geração de narradores em seu Estado. Sabe tirar partido da technica de multiplicidade e simultaneidade propria do seculo de Pirandello e Unamuno, mas conserva-se bem do seu rincão, apresentando-nos, sobre uma Porto Alegre ingenua e lyrica, que a picareta do prefeito Octavio Rocha começou a derrubar, uma série de esbocetos humanos ou paizagisticos dos mais expressivos.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

Questões de Mythica Negra

O que certa critica asseverou — haver eu endossado uma *generalização* de Nina Rodrigues, de que a *mythica bantu* foi pauperrima entre nós — evidentemente não leu nem Nina Rodrigues nem os meus trabalhos. Primeiro, Nina Rodrigues *desconheceu* qualquer contribuição da *mythica bantu*, e portanto não podia falar em *pobresa* dessa mesma *mythica*. Veia-se o que o mestre bahiano escreve no *O animismo fetichista*, ed. da Bibliotheca de Divulgação Científica, pag. 164: “Debalde procurei entre os africo-bahianos idéas religiosas pertencentes aos negros bantús”. E a minha anotação, abaixo: “Procurei demonstrar, no emtanto, sobrevivências religiosas afro-bantus, mesmo entre os negros da Bahia, no capítulo *Os cultos de procedencia bantu* do livro *O Negro Brasileiro*.”

Na realidade, foi no *O Negro Brasileiro* que, pela primeira vez se identificaram, nas macumbas do Rio, os cultos e religiões de sobrevivencia bantu e essa prioridade reivindiquei-a ainda no I Congresso Afro-brasileiro do Recife. Veja-se bem: *cultos e religiões* de procedencia bantu. Não me refiro á linguagem e outras instituições já estudadas por varios autores.

Agora, a conclusão a que cheguei é a seguinte: a linguagem e outros hábitos dos negros bantus foram mais disseminados do que os dos negros sudanezes; mas o opposto é o que se observa para as religiões e cultos — os de *origem sudaneza* foram mais importantes e disseminados do que os bantus.

Este ponto deixei bem claro nos meus livros. Veja-se, por exemplo, *O negro Brasileiro*, pagina 75. Mostro ahi justamente a *unilateralidade* de Nina Rodrigues, que “teve as suas vistas desviadas de qualquer outro thema negro-religioso que não fosse gêge-nagô...” E concluo: “De modo que chegamos a esse resultado curioso e aparentemente paradoxal: de um lado, a riqueza de contribuições *linguisticas* de origem bantu em detrimento de pesquisas de procedencia sudaneza; de outro lado, a formula inversa, — estudos de *ethnographia* religiosa de elementos sudanezes e nada ou quasi nada sobre as religiões e os cultos bantus”.

A razão do facto consiste na *pobreza* da *mythica bantu*, quasi completamene absorvida pela *mythica sudaneza*, a ponto de Nina Rodrigues não ter identificado na Bahia, cultos de origem bantu, que lá existem, como demonstrei, embora em diminuta proporção. Que a *mythica bantu* é mais pobre do que a sudaneza, não sou eu quem o affirma. Está nos velhos *ethnographos* e exploradores como está nos mais recentes (Girard de Rialle, Livingstone, Tlor, Andrew Lang, etc. — Vide *O Negro Brasileiro*, pag. 77).

Falo da *mythica*. Ao invés da riqueza de historias mythicas dos sudanezes, os bantus apenas

crêem no *Grande Antepassado* e numa serie de espiritos, a quem tributam culto. Dahi a apparente riqueza de elemenos *magicos* e *supersticiosos*, o que explica o erro da critica referida. E esse culto dos antepassados, culto de familia e culto dos espiritos que constitue a base da vida religiosa dos bantus. Está no livro de Seligman (*Les Races de l'Afrique*, pag. 172).

E' esse culto dos espiritos e dos antepassados que encontrei sobrevivente nas macumbas do Rio. Nada daquela riqueza de concepção da *mythologia yoruba*. Nada daquelle pittoresco ritual dos *candomblés* de procedencia da Costa dos Escravos. E os culturalistas citam a importancia da religião e *mythica* de procedencia yoruba, a ponto de Herskovits, ao mostrar as influencias africanas nas religiões do Brasil e da America Central, destacar o elemento yoruba e dahomeyano e não se referir ás influencias bantus (*Herskovits, Social History of the Negro in a Handbook of Social Psychology*, pag. 242 e 256).

Ontra questão controversa é a do *mytho bantu* do *Calunga*. *Calunga* era muito citado nas macumbas brasileiras, mas creio que a sua identificação só foi feita no *O Negro Brasileiro*. Os antigos viajantes (Padre Cavazzi, Livingstone, Stanley, os exploradores portugueses Capello e Yvens, Ladislau Batalha, etc.) referem-se ao *Kalunga*, primitivamente o mar, com as variantes *Karunga* e *Karuga*. O mar é um velho motivo mythico e em seu bojo se absorvem varios sub-mythos e motivos de temor, grandeza e destruição. E por isso que alguns *ethnographos* se referem a *Calunga* como sendo a morte, um rei do mundo inferior, titulo de respeito dado a um chefe (como entre os *Bangala*), etc. O *iteque* ou fetiche de *Calunga*, entre os angola-conguenses é um bonequinho de madeira, e é por essa razão que no Brasil, dão a um boneco o nome de *Calunga* (como tambem á boneca dos Maracatús).

A interessante nota de Nobrega da Cunha, de que *Calunga* tambem pôde significar *sumidouro*, *logar onde se some*, vem justamente reforçar as minhas explicações. Todos sabem os perigos do mar, o *sumidouro* que elle representa para as pessoas e embarcações. Em Alagôas (e eu sou disso testemunha visual) dão o nome de *Calunga* a um lugar perigoso para as embarcações, na lagôa Mundahu. Esse facto, que deu aliás origem ao titulo do conhecido romance do meu brilhante conterraneo Jorge de Lima, vem ao encontro da explicação de Nobrega de Cunha. *Calunga* pôde ser *sumidouro*, lugar perigoso do mar ou lagôa por uma extensão do motivo mythico do *Calunga*, primitivamente o mar, um motivo universal.

ARTHUR RAMOS

Gente Nova do Brasil

O meu velho amigo Ryoji Noda, antigo secretario da Embaixada Japonesa, no Rio, é um espirito altamente indagador. Intellectual dos mais festejados no paiz do Sol Nascente, andou, por duas vezes, auscultando a Amazonia. Um dia entra-me elle pela casa a dentro, em Manaus, com uma caixinha de papelão. Tirou desta um volume lindamente encadernado e bizarramente illustrado de jacarés, caracteres symbolicos da louça marajoára, de inscrições rupestres da planicie e offereceu-m'o. Era um trabalho sobre a nossa terra, trazia generosa dedicatoria e intitulava-se *Dai Amazonia*. Antes no emtanto de ter lido as palavras que me eram dirigidas pelo eminente diplomata, comecei a folhear o livro innocentemente, á moda brasileira, da esquerda para a direita. Ryoji Noda, sorrindo amavel, mostrou-me então o erro. Eu devia principiar pelo fim.

Tudo isto me veio á mente quando acabei de ler *Gente Nova do Brasil*, do sr. Agrippino Grieco. Porque este excellente volume deve ser lido á nipponesa, da direita para a esquerda, tão commovidas e bellas repontam as suas ultimas paginas a respeito de Ronald de Carvalho e João Ribeiro. Dentro mesmo daquelle riso rabelaisiano, o eminente escriptor do *Estrangeiros* consegue sensibilizar o auditorio, tantas as verdades, risonhas e amargas, narradas a proposito dos dois queridos intellectuaes mortos. Nas passagens referentes ao demiurgo de *Toda a America*, o sr. Agrippino Grieco aproveita a nossa emotiva distracção, o nosso choro baixinho ante a perda de Ronald de Carvalho e mette a taca, come o couro grosso do sr. Luc Durtain, medico, especialista em oto-rhino-laryngologia, e cujo nome verdadeiro é Nepveu. Sujeito gigante, quadrado de hombros e de ideias, rombudo no resto, o sr. Agrippino Grieco, com uma subtilidade de fantasma, dá a entender ao respeitavel publico que todas as bellezas incrustadas nas *Imagens do Brasil e do Pampa*, do supradito Luc Durtain, são, adivinhem de quem? de Ronald de Carvalho. Assim o que ha de admiravel no livro do bem criado cidadão da Ilha de França foi mettido á capucha, com arte e delicadeza, pelo bizarro traductor. Quando enfim tiramos o lenço dos olhos para enxugar a derradeira lagrima do pranto que nos empolgára, que vemos? o sr. Nepveu, coitado! em pannos de vinagre, acutilado e esmurrado pelo estheta da nossa prosa, que é o sr. Agrippino.

Logo, porém, se passa á biographia de João Ribeiro, traçada com tal veracidade, que a gente não pode deixar de reconhecer nessa photographia litteraria, o melhor perfil escripto do autor d'*O Fabordão*. A bondade do illustre sergipano, os seus processos analyticos, a maneira generosa de acolher a mocidade, sobretudo os plunitivos,

redundam numa poderosa agua-forte. Todos os incidentes, nobres e pittorescos, da vida de João Ribeiro reforçam o pincel do figurista verbal do Rio, para num retrato em ponto grande do autor das *Notas de um Estudante*, completar a pinacotheca dos consagrados escriptores brasileiros. Surge nessa altura a semelhança entre João Ribeiro e Remy de Gourmont, principalmente na fórmula esquiva por que ambos evitavam a sociedade. No francês o caso decorria dum lupus na face, enquanto que no brasileiro era a propria idiosyncrasia pela etiqueta, pelo borborinho dos salões e dos clubs, circumstancia de origem educativa e invencivel numa organização timida.

João Ribeiro, dentro da Academia Brasileira de Letras, no coração portanto dos maiores pensadores nacionaes, em contacto com a fina flôr carioca, continuava de facto em Sergipe, identificado á vida burgueza de Aracajú. "E que bonhomia, que bonacheirice a sua ao elogiar certos autores nossos que provavelmente nem chegava a ler. Elogial-os a todos era a melhor maneira de desconsideral-os a todos. Criticando um fedelho qualquer das letras, com os labios mal desprendidos das tétas de Bilac ou de Vicente de Carvalho, elle parecia repetir a dama francesa: *custa-me tão pouco e dá-lhes tanto prazer!*". O pequeno trecho acima, do notavel escriptor da *Evolução da Prosa Brasileira*, é um indice pittoresco da tela em que avulta o nosso velho mestre João Ribeiro.

Mas este livro do sr. Agrippino Grieco, mesmo assim como eu o li, de detrás para diante, nos arrasta ao goso espirital das imprevistas *boutades*, dos lampejos da sua intelligencia sadia e erudita. Entretanto, é preciso que se diga: a massa anonyma que lê o festejado critico, ama antes do artista da palavra, do filigranista verbal, o iconoclasta da prosa, o destrambelhador dos manipanços, o inimigo das igrejinhas em que se responde o elogio mutuo. Porque é realmente ridicula a prôa de galera com que certas ubás ou jangadas literarias pretendem entrujar o ingenuo leitor. Medalhões e medalhinhas, de nomes resonantes ou bastardos, piaçam pois na interessante revista das paginas da *Gente Nova do Brasil*. Varios genios engarrafados até se apagam em eclipses ahi, como verdadeiros sóes de papelão dourado. Todavia o sr. Agrippino Grieco dispõe na fauna letrada, para os seus jogos floraes de ironias, duma infinidade de animaes de circo, de gaiola, de poleiro, de terreiro, de bicos de latão e sem elle. Materia prima das mais plasticas nas mãos ageis do acclamado critico fluminense, é de ver a volupia com que elle separa os araras dos antas, os minhocas dos tucanos, os bichos hellenicos de carregação dos

bichos rasteiros do Sacco do Alferes. Livro escripto para a festa espiritual, *Gente Nova do Brasil* exhibe, mesmo num enterro de 1.^a classe, ao lado do bufão mettido a grego, dizendo cousas graves e requentadas com duas folhas de alface de papel, o cégo litterario, batendo com o cajado sibyllino pelas paredes e calçadas, a fingir que conhece o solo em que pisa. Uma delicia!

No fundo de tudo isto, no entanto, ha a notar, com accentuada precisão, aquillo que eu já frisára numa chronica sobre *S. Francisco de Assis e a Poesia Christã*: o sr. Agrippino Grieco marcha, com rara velocidade, do terreno pagão para o terreno catholico. Os documentos dessa caminhada são mais positivos agora. Percebe-se, neste formoso livro que acabo de ler, o seu olhar duro, severo, turvo mesmo sobre as pessoas que elle porventura surprehenda fazendo gracinhas com santos. Quem tenha urdido, como eu, alguns commentarios a respeito de S. Jorge, no sentido de provar que mais vale a fé que o pau da barca, e ainda por cima metter ferro aos manes sassariqueiros da princesa Rattazi, que era, como vagamente se sabe, parenta do celicola, fica de orelha em pé. Os hereges, sem suspeitar o quanto de superior existe na regeneração de S. Jorge, não lhe poupam o pello, e narram-lhe então com satanica alegria, certos episodios da vida, como este por exemplo: o padroeiro da Inglaterra, antes de andar montado no seu cavallo branco, espada de fogo na destra, elmo baixo, patrulhando o Reino Unido, era, sob a influencia do Capeta, contrabandista de toucinho. Cumpre, pois, separar o joio do trigo. As minhas allusões ao destemido entrelopo, nestes dias transformado num dos mais poderosos esteios do *Flos Sanctorum*, não só têm por base a escaldadiça *Bohemia do Espirito*, do famoso christão Camillo Castello Branco, que Deus tenha no reino da Gloria, como representam contribuições na propaganda dos caracteres que se transformam e aperfeiçoam.

Fechemos porém estas notas proclamando *Gente Nova do Brasil* um dos grandes livros nacionaes, dos maiores das nossas lettras, embora eu tenha restricções a fazer em certas paginas, como, *verbi gratia*, naquella em que o sr. Agrippino Grieco falando em Celso Vieira, principe da prosa, deixa de examinar as bellezas literarias de *Anchieia*, monumento de esthetica e de cultura que honra o paiz e a sua mentalidade.

RAYMUNDO MORAES

JACQUES BAINVILLE

Esse Jacques Bainville que, apenas eleito para a Academia Franceza, vem de morrer relativamente moço, foi um renovador dos estudos historicos na França moderna. Até o seu apparecimento, os investigadores do passado gaulez deixavam-se arrastar por um criterio de demolição retrospectiva no que concerne á obra da monarchia, dos Bourbons e dos Orléans. Michelet e tantos outros foram vistosos paradigmas desse processo negativista em relação ás estirpes que deram S. Luiz e Luiz XIV. Rompendo com uma velha tradição litteraria e não receando ferir o espirito ciosamente democratico dos leitores da terra, Bainville, que era figura destacada no movimento em favor da restauração monarchica e lutava sem medo ao lado de Charles Maurras e Léon Daudet, levou a cabo bellos trabalhos de revisão historica, evidenciando que a injuria e a calumnia haviam atordado os historiographos suppostamente imparciaes sempre que tratavam do antigo regimen. Sua *Histoire de France* é modelar nesse sentido, destinando-se como se destina a evidenciar que a França tudo deve aos seus reis e só foi e continúa grande e unida, homogenea de territorio e de alma, porque a governaram um Luiz XI e um Henrique IV. Máo grado a Fronda e os jacobinos do Terror, se os paizes circumvizinhos não mutilaram a nação central da Europa é que os pretensos tyrannos de Versalhes vigiavam. Mas não se esqueça que, além de admiravel reanimador dos seculos da realza extincta, Bainville foi o retratista isolado de complexos typos de soberanos á moderna, como esse enigmatico Luiz II da Baviera, protector de Wagner e amigo romantico dos lagos em noite de lua. Critico theatral e novellista, o grande morto de fevereiro não deslustrou os dois generos, embora lhes imprimisse um feitio carregadamente intellectual, mais de analysta de idéas que propriamente de orientador de platéas burguezas ou de narrador de conflictos sentimentaes que pouco valeriam para um homem de tal sorte preocupado com os Colbert e os Condé...

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

O bello nucleo destinado a reverenciar a memoria do grande Capistrano trabalha em tal silencio, numa tal aversão a exterioridades rebrilhantes, que dá por vezes a impressão de haver esmorecido nos seus propositos. Isso, porém, não é exacto. Cada vez cresce mais o numero dos seus socios e novas publicações historicas, prestigiadas pelo nome do mestre, vêm constituir nova riqueza para as bibliothecas de eruditos. Assim no caso desta utilissima *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil*, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça. E' volume que aclara, numa luz critica decisiva, innumerous aspectos sociaes e moraes da Bahia antiga, através de uma especie de inquerito de policia em que repontam a cada momento detalhes em condições de encantar os nossos ethnographos. Nem se esqueça a belleza do prefacio de Capistrano de Abreu, recordando-se igualmente a coparticipação preciosa de Paulo Prado na divulgação destas velhas paginas. Por tudo isso, nossos agradecimentos ao sempre lucido e infatigavel Eugenio de Castro, desinteressado zelador de um renome querido e elle proprio um dos mais estimaveis historiadores do nosso tempo.

José Maria Senna — *Acêrca da arte de escrever para o theatro* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.

Os Amigos do Livro, de Bello Horizonte, continuam a servir brilhantemente a cultura mineira. E' um nucleo de actividade litteraria que deveria encontrar imitadores nas demais unidades da Federação. Trabalhos subscriptos por ensaistas, contistas e poetas de merito, como os srs. Eduardo Frieiro, Mario Casasanta, Oscar Mendes, Mario Mattos, João Alphonsus e Emilio Moura têm circulado pelo Brasil todo, depondo em favor do espirito de uma região em que muitos enxergam apenas estreita politiquice e criação pastoril. Vindo juntar-se a esse nobre grupo, o sr. José Maria Senna, que nos traz uma apreciavel série de considerações sobre a arte de escrever para o theatro, parece-nos em tudo digno da honrosa companhia. Não se aventurou no assumpto que versa senão depois de longos estudos preparatorios. Seus conceitos foram bem raciocinados e são expostos com uma clareza que é indice de muita probidade intellectual.

LEIAM

Leve que não é pesado

contos humoristicos de

LEOPOLDO DORTAS DO AMARAL

Pedidos — ARIEL EDITORA — Preço 6\$000

OS COMMENDADORES

O Recife viveu muito tempo esquecido. Outras cidades de menor importancia passaram-lhe a perna em progresso, em conforto, em modernismos.

A desforra, embora formidável, veio depois.

Por volta de 1900, por exemplo, a capital pernambucana fazia pena de atrazadinha. Calçamento ruim, luz problematica, carroças puxadas a bois, saúde publica precaria, bondinhos de burros, limpeza duvidosa. Até se viam individuos urinando pelos bequinhos da Praça da Independencia ou fazendo cousa peor nas rampas dos caes, á luz do sol.

Quem viveu esse tempo, tem essas scenas nos olhos.

O que existia de melhorzinho na nossa cidade viera de epochas anteriores, mesmo da monarchia.

Porque, em regra, os prefeitos de então eram méros assignadores de expediente e a prefeitura vivia a dever aos funcionarios mezes e mezes de vencimentos, conforme os jornaes clamavam, diariamente.

Foi, portanto, um escandalo quando em 1904 appareceu um prefeito disposto a trabalhar de verdade pelo desenvolvimento e modernização do Recife.

De começo, fizeram pouco dos seus projectos. Depois, quando as obras principiaram, descreeram do seu termino. E, afinal, quando concluidas, entraram a achar-lhes defeitos e outras cousas.

Porém, isso faz parte integrante da inveja, do despeito e da maldade que têm de acompanhar a humanidade até o dia do Juizo.

Esse prefeito fôra um simples negociante. Não possuia pergaminho. Nunca se metterá a urbanista. Mas, tinha senso pratico, vontade de agir e ouvidos moucos á critica dos que só sabem mesmo criticar...

Era o commendador Eduardo Martins de Barros.

Naquelles tempos de inercia, imaginem, esse homem alargou a rua do Cabugá, que era um quasi becco entre a rua Nova, e a praça da Independencia, transformando-a na hoje rua Sigismundo Gonçalves; botou abaixo as casinhas desta ultima praça, ampliando-a, ajardinando-a, e extinguindo os taes bequinhos-mictorios; alargou tambem as embocaduras da rua do Hospicio, defronte da Matriz da Boa Vista, e da rua 7 de Setembro, acabando com uma serie de casinhas de porta e janella, com uma calçada muito alta, do antigo becco dos Ferreiros; fez mais ainda: — reformou o caes do Ramos, calçando-o de novo, aformoseando-o, pondo-lhe balaustrada elegante, emprestando-lhe o aspecto que tem hoje esse logradouro recifense que se honra com o nome do seu beneficiador.

Outros trabalhos de menos vista realizou Martins de Barros. Dentre esses pode-se citar o da lei que obrigava a todos os habitantes do Recife adoptarem um vasilhame para o lixo, de metal ou madeira, mas com tampa. Elle queria evitar a exposição nojenta e ridicula dos caixões de cisco pelas calçadas, á

espera das carroças, cheirando mal e attrahindo os cães. Essa lei açulou as iras dos que não tinham obtido melhores preços nas desapropriações dos predios demolidos; dos que não pagavam impostos ou não os satisfaziam pelo menos nas sommas correspondentes ás suas obrigações; dos que tinham perdido vantagens de quaesquer naturezas; dos que nunca tinham feito nada e agora, viam que se podia fazer muita cousa; dos que desejavam o logar e não haviam obtido; enfim desse bichinho damnado que gera na alma do homem tudo: o "eu".

Desencadeou-se o ridiculo em paga do que Martins de Barros fizera de bem á cidade.

Deram o nome de "commendador" aos vasilhames de lixo pela prefeitura.

Appareceram os trocadilhos, as pilherias, as anedoctas. De uma dellas o chronista se recorda, contada, aliás, na epocha, num tom de verosimilhança.

Uma creada vem avisar á patrôa, tendo ido attender a quem batia á porta da rua:

— Minh'ama, o commendador está ahí.

Sem levantar a vista da costura, a dona da casa, interessada por um molde de blusa, ordena:

— Mande entrar, tire a tampa delle e bote na cosinha.

A creada grêla os olhos e fica hesitante. Nota-lhe o espanto a patrôa. E, dessa vez, prolongando o olhar pelo corredor afôra, vê, pelo postigo aberto, a figura grave do commendador Abreu, compadre e protector do marido, que lhe pergunta de lá:

— Dona Mocinha, o Totonio já sahiu?

Foi quando ella comprehendeu o quiproquó. Pensara que se tratasse da nova vasilha do lixo encommendada pelo marido a "seu" Praça funileiro.

(De Anquinhas e Bernardas, a sair).

MARIO SETTE

LEIAM:

de **AGRIPPINO GRIECO:**

**Vivos
e
Mortos**

Pedidos a

Ariel Editora Ltda.

Preço 6\$000

DE MANCHESTER

NOTAS DA INGLATERRA

O fim da vida de Kipling, no seu pequeno castello jacobeano de Sussex, foi um capitulozinho melancolico. O escriptor que provára tantas vezes o gosto venenoso do cartaz teve a surpresa desagradavel de se sentir fóra de data, numa época damnada em que o sexo e as questões sociaes tomaram conta da litteratura. Poucos dias antes de morrer, o romancista fez setenta annos e os jornaes inglezes, commentando as homenagens que as estações norte-americanas de radio pretendiam prestar a elle, queixavam-se do pouco caso da actual geração britannica pelo grande poeta do Imperio. Alguns mesmo, sem imaginação — appellando para esta logica barata de machina de calcular que os modernos chamam de estatística — alinhavam toda uma tripa de algarismos bem controlados para provar como a venda dos seus livros tem ultimamente diminuido. Suppondo que Kipling lesse jornaes, é de imaginar como elle teria recebido esse amavel presente de anniversario. Mas é mais provavel que não lesse, não. E que á gloriola das edições devoradas em meia-hora, preferisse fumar o seu cachimbo no scenario de *Puck of Pook's Hill*, conversando com os bichos da jungle e com as sombras sempre vivas do seu mundo.

A vida de Kipling foi bisbilhotada. Contaram de novo como elle escapou de ser poeta laureado da Inglaterra por ter ousado se referir num poema á *Viuva de Windsor*, coisa que chocou para sempre o respeito victoriano dos inglezes. Todo o mundo sabe o que é um poeta laureado. Um cavalheiro que burocratiza seus possiveis momentos de inspiração e se obriga, em troca de uma mesada, a cantar as mortes e casamentos reaes que costumam occorrer com grande pompa. O actual laureado, Mr. Masefield, é um exemplo typico destes honestos funcionarios. Seu soneto na morte do rei é uma noticia do *Times* metrificada.

A irreverencia á rainha Victoria, apesar de preterir Kipling no cargo, não conseguiu tirar-lhe o prestigio de poeta do Imperio Britannico. Foi com este titulo que os jornaes noticiaram a sua morte, e que o seu velho corpo teve entrada no "canto dos poetas" da velha abbadia. Mas a gente sabe que não é assim. Que a gloria de Kipling é differente. Elle ensinou aos homens o segredo de uma lingua humanamente nova e de um mundo cheio de mythos onde era a um tempo deus e cicerone.

Agora o detalhe absurdo. Um vespertino daqui, noticiando a entrada de Rudyard Kipling no hospital, terminava com esta coisa agourenta: "Estranha coincidência. Ha tres dias, quando o escriptor se encontrava ainda em boa saude, um telegramma da Agencia Reuter informava que a Academia Brasileira votára uma moção de pezar

pelo fallecimento de Kipling". Vamos pedir á illustre companhia que actúa na Avenida das Nações que não se lembre de fazer a mesma pilheria com os outros grandes velhos aqui da ilha: o amavel barbaças "G. B. S.", o Wells das historias bonitas ou o meu gordo e sympathico amigo G. K. Chesterton, por exemplo...

* *

Vamos imaginar Shakespeare vendo aquella maravilha de encenação que Max Reinhardt fez de *A Midsummer Night's Dream*. É o primeiro film em que o autor é respeitado e o espirito commercial não collabora. Acho que o velho Bill bateria palmas como eu vi a platéa bater.

Certas scenas, como aquella em que Titania faz adormecer Bottom virado em burro, são das coisas mais bellas que o cinema já conseguiu. O bailado em que ha um friso de craneos calvos marcando o rythmo do somno... E a representação de Pyramus e Thisbe, que é toda uma esthetica ironica do theatro?...

Talvez Shakespeare no cinema, nas mãos de um Reinhardt naturalmente, consiga da platéa essa correspondencia tão difficil de obter no palco. O actor John Gielgud fez um milagre com o seu *Hamlet* o anno passado. Mas os proprios espectaculos do theatro memorial em Stratford-on-Avon são estopadas em cinco actos que só mesmo um turista supportará.

Ha tempos assisti a um *Macbeth*, num espectáculo em que os guryes das escolas tiveram entrada gratis. Cada vez que o protagonista entrava em scena, desfraldando umas barbas escandalosamente posticas, a garotada batia pé e desmoralizava seu geitão tragico. Lady Macbeth, em pleno soliloquio, foi obrigada a rir-se dos apartes. Uma noitada em que o autor de Pyramus e Thisbe desforrou-se do velho Shakespeare.

Mas talvez a culpa seja menos do autor ou dos actores que dos professores das escolas. Não se póde exigir que um garoto leve a sério a obra de um cavalheiro que elle é obrigado a ler e analysar todo o santo dia no collegio.

Imaginem a gente com dez annos, tendo obrigação de ir ao theatro de vez em quando para ouvir os *Lusiadas* de ponta a ponta...

THEODEMIRO TOSTES

Em edição ARIEL:

POESIAS

de ARMANDO DE OLIVEIRA

○ Snr. Mario Sette, Escriptor Tradicionalista

E' hoje o Snr. Mario Sette um dos mais lidos e admirados escriptores brasileiros, muito embora não se enfileire entre os extremados nem da direita nem da esquerda.

A sua notoriedade nacional começou com a *Senhora de Engenho*, romance campesino, que, na doçura bucolica e no fluir da linguagem idiomática, recorda os processos de Julio Diniz, sem duvida um dos grandes romancistas portuguezes do seculo XIX.

Um ambiente amavel, impregnado de saudosismo, em que a existencia decorre placida e sem problemas, eis o que é aquelle bello romance nordestino.

O mundo nelle descripto está desaparecendo, tragado pela industrialização tentacular das usinas. E os senhores de engenho de outrora, para não morrer de fome, cavam amanuensados nas repartições publicas.

As senhoras de engenho passaram do seu pequeno feudo, onde eram rainhas, ás casas humildes dos suburbios. Hoje, em vez de comandar um pequeno exercito de mucamas, são creadas de si mesmas.

A familia retratada em *Senhora de Engenho* é uma pequena familia burgueza, sem tradições.

No *Palanquim dourado*, porém, pinta-se uma familia do patriciado rural, onde apparece certo barão, cujo titulo foi conquistado pelo assucar, mas com antepassados que fizeram revoluções democraticas e luctaram pela independencia nacional.

O Snr. Mario Sette não se limitou a observar meticulosamente a vida do campo, estendeu as suas antenas até ás cidades.

Ha no *Seu Candinho da Pharmacia* o retrato bem feito da pequena burguezia do bairro recifense de São José, onde morei no meu tempo de estudante e posso dar o testemunho que o heroe poderia ser identificado.

O escriptor attingiu nesse livro balzaqueano a sua mais elevada capacidade de expressão. Tudo alli palpita e movimenta-se. Respira-se uma atmospheria de ficção que não differe da da realidade. Qualquer dos typos viveu, ou ainda viverá, para dar razão a Oscar Wilde, no seu conhecido paradoxo de que a vida imita a arte.

O ultimo livro que o Snr. Mario Sette publicou — *Maxambombas e maracatús* — ainda versa assumptos do Recife. Agora é toda a cidade tal como foi ha mais de 30 annos, antes de iniciar-se a transformação, que se seguiu, por mimetismo, á do Rio de Janeiro, com o bota abaixo Pereira Passos.

Em 1907, ainda conheci o Recife antigo com bondes de burro, maxambombas, iluminação a gaz carbonico, sem cinemas, ostentando os seus arcos á cabeceira das velhas pontes. Por essa

epoca começavam as demolições e transformações. Umas trouxeram de facto melhora, enquanto outras apenas apagaram vestigios do passado, sem nenhum respeito nem proveito.

Esse livro de chronicas retrospectivas fixa principalmente aspectos da vida citadina na segunda metade do seculo XIX. Não se pense o Sr. Mario Sette foi testemunha occular de tudo quanto conta, no seu estylo chão, e posto que desataviado, enleante. Muita coisa ouviu dos mais velhos ou colheu nos jornaes do tempo. Para a primeira metade daquelle seculo, ha o famoso *Carapuceiro*, jornal satyrico, do padre Sacramento Lopes Gama.

O actual chronista de certa forma continua o antigo, mas com larga tolerancia e sympathia, que registra o pittoresco, achando que tudo foi bom e interessante.

O Snr. Mario Sette prefere os lados amaveis da vida. E' um temperamento de poeta, que vê a natureza e a sociedade através de uma tela magica, que não deixa passar raios ultravioletas...

Fecha-se a ultima pagina dos *Maxambombas e maracatús* sem ter sentido nenhuma emoção forte, mas com o espirito banhado naquelle *tepido leite de bondade humana*, que está desaparecendo do mundo em que vivemos.

Livro repousante, gracioso, rico de informações, verdadeiro manancial para o folklorista, no qual aspiramos, a longos haustos e deliciosamente, esse doce perfume do passado que transmite ás coisas algo de indefinido e de melancolico.

Não sei se os que desconhecem o Recife e o ambiente evocado sentirão a impressão a que alludo. Mas, estou certo que o pernambucano de minha idade não lerá sem commover-se aquellas chronicas leves que recordam os pastoris, a semana santa de outrora, os typos populares, as festas tradicionaes, as velhas ruas e os velhos arrabaldes com as suas chacaras ajardinadas, reflectindo as casas, os azulejos ao sol, mas os pateos cobertos da sombra das mangueiras.

Que arredores magnificos!

Capunga, Magdalena, onde o estudante Castro Alves foi receber da bella Eugenia lições practicas de amores, Derby, Casa Amarella, Varzea... e tantos outros, cujos ares lavados nos penetram o organismo, revitalizando-o com a mais deliciosa euphoria.

Esses arrabaldes cingem a cidade anadyomenica como grinaldas de verdura. Nelles estamos na rua mas já gozamos os deleitos do campo.

Fiel aos seus processos litterarios e ás delicadezas do seu temperamento de poeta, que não se lembrou ainda de fazer versos, o Snr. Mario Sette nos evoca o Recife envolto em neblinas ro-

O Problema da Universidade no Brasil

Ainda não nos foi dado observar no Brasil fundação alguma que embora de longe semelhasse o que se chama "Universidade", no aparelhamento moderno de nossa civilização. Nosso ensino superior tem sido feito sempre em faculdades independentes umas das outras, mal equipadas tecnicamente e até contradictórias em seus programmas. Verdade é que já se apresentaram entre nós muitos projectos (bellos projectos, aliás), tentando estabelecer em nosso meio aquellas grandes instituições educacionais, que são as universidades. Mas, realização concreta, nada foi conseguido.

E agora volta-se a falar animadamente na criação duma "Universidade do Brasil". Fica-se sem saber certo o que deva ser... Será por acaso moldada nos tradicionaes e característicos centros de estudos europeus e norte-americanos? Apresentará algo de novo, construída com os elementos de que dispomos, sem fastasiar a realidade, e subordinada aos imperativos de nossa formação social?

Difficil a resposta, sem a reflexão. Uma Universidade não se improvisa; não surge da noite para o dia, como os cogumellos; nem sae, nova Minerva, inteiramente aparelhada da cabeça de seu genitor. Mesmo porque é obra demasiada para um só homem. A iniciativa pessoal póde leval-a a cabo por um esforço de boa vontade e de idealismo constructor. Se, porém, não recebe o apoio e a collaboração de todos e, pelo contrario, soffre a emulação e a concorrência, seme-

manticas. O seu livro é um guia sentimental da Mauricéa, e como tal deve ser lido. E' preciso que o leitor se abandone espiritualmente para bem comprehendel-o e bem sentil-o. Faz-se, ao lel-o, uma verdadeira experiencia psychologica, retorna-se a um passado proximo e remotissimo ao mesmo tempo.

Ora, na vida trepidante e materialista de hoje, nem todos os dias encontramos um artista que nos dê a mão para uma visita a essas paragens em que viveram felizes os nossos avós.

Tomemos, pois, com o romancista pernambucano a *maxambomba* para apreciar num arrabalde afastado os ultimos *maracatús*.

O Snr. Mario Sette quiz fixar uma phase feliz da sua amada Recife: aquella em que o homem branco ainda comeu tranquillo o pão que o braço negro amaçou, nos ultimos tempos da monarchia e nos primeiros da republica.

A moldura do quadro ainda é quasi a mesma, mas a paisagem espiritual afasta-se numa perspectiva muito longe no horizonte.

ALCIDES BEZERRA

lhante iniciativa, applausos á parte, estará condemnada ao perecimento.

Somente depois de um largo movimento de preparação anterior é que se constróe a Universidade. Vem como que coroar o objectivo comum da uniformização dos conhecimentos e da sua diffusão. E se alicerça firmemente sobre o substracto cultural do grupo, crystalizando-o numa instituição solida e definitiva.

Tal é a lição que nos dá ainda a Europa. Lá, as universidades mergulham profundamente as suas raizes no passado. Desenvolveram-se sobre uma base larguissima, em que se cimentara a experiencia dos seculos. Lentamente foram se formando, multiplicando os seus cursos, dilatando o campo de suas pesquisas, — porque tinham a alimentar-as uma tradição viva e persistente.

Tambem o exemplo dos Estados Unidos não nos serve nesse ponto. Poderão objectar que a grande nação americana — que afinal tem a mesma profundidade no passado que nós, e se acha tão distante em meteria de progresso — formou suas magnificas universidades á imagem das europeas, se bem que depois tenham evoluído em varios sentidos. Quem conhece, porém, as particularidades da formação yankee e da formação brasileira nunca formulará taes parallelismos impossiveis, coisa tão de nosso uso, que procuramos sempre nos mirar no espelho de Tio Sam ou de John Bull...

Querer transplantar para o nosso meio universidades typicas de outros paizes, seria empreendimento vão e inutil. Flôr exotica da cultura, qualquer uma dellas feneceria rapidamente entre nós. Temos sido sempre uns autodidactas e duma hora para outra não nos nodemos arvorar em universitarios. Vivemos fechados em nosso exclusivismo, a copiar isoladamente aqui e ali bocados da experiencia alheia, sem elaborar nenhum svstema proprio. Variamos constantemente é de modelos inspiradores: Colonia, imitavamos a Metropole; com a Independencia trocamos Coimbra por Paris; no Imperio, apreciavamos particularmente a Inglaterra; e com a Republica abandonamos um pouco a velha Europa, cançada e descobrimos alvoroçados os bons vizinhos norte-americanos.

De todas essas experiencias, não colhemos grandes resultados. Arrivistas da cultura, faltamos paciencia para deixar amadurecer os frutos de cada implantação nova. Corremos desabaladamente de reforma, em reforma, e, não entrou bem uma em vigor, já preparamos o projecto de outra. Autodidactas que somos, desconhecemos o espirito de collaboração, construimos egoisticamente nossas concepções do mundo e das coisas; e do choque e das interferencias dessas

philosophias para uso privado é que resolvemos as nossas dificuldades.

Ora, o polo opposto desse autodidactismo é o espirito universitario.

O problema da formação do professor surge assim como a primeira attribuição das universidades no Brasil. Ensinar a ensinar, já foi dito, será o primeiro passo para a inversão do nosso modo extranho de estudo.

E isso só pode ser conseguido na Universidade. Só nos ambientes de ordem e de disciplina das universidades se encara decididamente a formação profissional, moral e espiritual da mocidade estudiosa de hoje, traçando-lhe directrizes seguras e rumos prefixados, evitando que ella se perca no vago das abstracções ou esbanje suas energias em caminhos estereis e contradictorios.

Porque Universidade é a um tempo centro de saber, de entretenimento, de progresso e de ela-

boração da sciencia. (Não a sciencia livresca, morta, embalsamada, que tem sido uma das causas da estreiteza de nossa formação; mas a sciencia que vive na cabeça dos homens e na agitação das gentes). Universidade só se comprehende como realização viva da categoria, do espirito e da cultura dum povo.

Onde a temos e quando a teremos, essa Universidade em que os professores são profissionaes competentes na sua didactica, actuaes nos seus conhecimentos, verdadeiramente doutos e experimentados nas suas especialidades? Universidade de facto: que possua uma installação material condigna, que disponha de recursos para o desenvolvimento de todas as pesquisas, em que haja cursos especializados, laboratorios, auditorios, — e campos e gymnasios para a educação physica dos universitarios.

Sob este ponto e sob este aspecto, nada temos ainda no Brasil que satisfaça.

J. B. MARTINS RODRIGUES

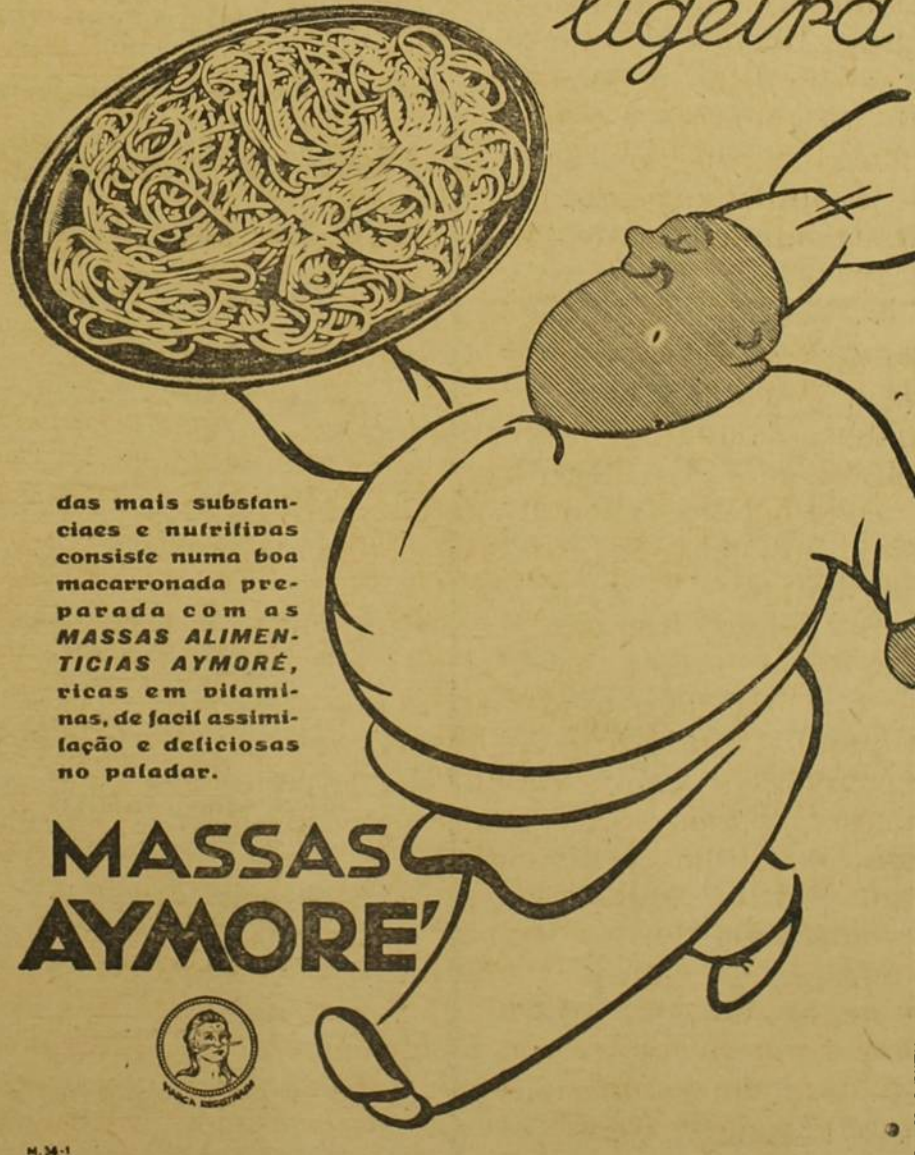
LINGUA BRASILEIRA

No presente numero do BOLETIM DE ARIEL estampamos um excerpto do novo livro com que o sr. Renato Mendonça vae solidificar a sua reputação de ethnographo e linguista. O volume a apparecer versará questões idiomáticas examinadas sob o angulo brasileiro. Dado o fervor paciente com que esse illustre confrade se vem consagrando a pesquisas raciaes e philologicas de um interesse já agora indiscutivel, é de esperar que seu livro repercuta sympathicamente em nossos centros de cultura, tanto mais quanto figurará em prestigiosa collecção scientifica dirigida pelo distincto psychiatra Arthur Ramos.

Juan José Morosoli — **Los Albaniles de "Los Tapes"** — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo — Buenos Aires.

Um ligeiro interregno no recebimento dos volumes da Soc. Amigos del Libro Rioplatense fez-nos reear que esse valente punhado de escriptores houvesse desistido de servir a cultura do seu recanto com volumes que tão bem reflectem e definem os curiosos costumes locais. Felizmente, não se verificou nenhuma lastimavel syncope no vigoroso programma de acção intellectual dos confrades do Uruguay e da Argentina. Vem de chegar-nos ás mãos o volume n. 22 da Bibliotheca desses intrepidos batalhadores do espirito. E' uma collectanea de contos de Juan J. Morosoli. **Los Albaniles de "Los Tapes"**, narrações de fina emotividade realçadas por uma segura critica psychologica, seduzem pela novidade que não vae nunca ao desejo do ineditismo teratologico. Mesmo os sentimentos tragicos, denunciando complexidades patheticas que muitos não adivinhariam em populações de apparencia simples e rude, são meneados com uma technica que jámais se exerce em prejuizo de uma nobre sinceridade humana.

*Uma refeição
ligeira*



das mais substanciaes e nutritivas
consiste numa boa
macarronada pre-
parada com as
**MASSAS ALIMEN-
TICIAS AYMORÉ,**
ricas em vitami-
nas, de facil assimi-
lação e deliciosas
no paladar.

**MASSAS
AYMORE'**



M.M.-1

"A Influencia Africana no Portuguez do Brasil"

O ensaio do professor Renato Mendonça sobre *A influencia africana no portuguez do Brasil* é, no assumpto, o que de melhor possuímos. Os capitulos dedicados á phonetica e morphologia do *quimbundo* e ás transformações do portuguez no Brasil sob a influencia negra são alguma coisa de sério, possível apenas nos homens em quem o espirito scientifico é como uma segunda natureza. Outros capitulos, como os dedicados á linguística africana e ao trafico negreiro, attestam a probidade scientifica do autor. Pena que o professor Renato Mendonça, que dá o *quimbundo* como lingua dos povos bantus no Brasil, nada diga sobre o nagô (ou yôrubá), lingua geral entre os povos sudanezes.

Mas o professor Renato Mendonça ás vêzes se arrisca a affirmações ousadas. Diz elle, por exemplo, que já não se fala mais *africano* nas macumbas. E si o professor Renato Mendonça viesse á Bahia? Aqui, o nagô se usa mesmo na conversação commun...

Ha, no capitulo dedicado á influencia africana no portuguez, uma allusão ao "s prospectico, nascido da ligação na phrase" e a affirmação de que, dos negros, nada — ou quasi nada — ficou no modo de falar do brasileiro, que mereça especial menção. Sobre o primeiro, tenho a notar que, pelo menos na Bahia, ha um plural de *que*, sempre que o substantivo que o acompanha nas phrases exclamativas indica plural, embora este se conserve invariavel, como na exclamação seguinte:

— Ques gallinha!

Tambem, não será negro o costume de fazer desaparecer o artigo em certas phrases? Por exemplo, nesta:

— Policia appareceu, negro se pregou...

Em nagô, e supponho que nas linguas a elle apparentadas, no singular os substantivos não levam artigo. No portuguez de

Portugal tambem ha disso, mas não se trata do artigo definido. (E aqui "negro", que evidentemente está no plural, ou pelo menos banca o substantivo colectivo, tambem não leva artigo...) Em todo caso, cabe aos technicos resolver a questão...

Adiante, o professor Renato Mendonça modifica as lendas africanas sobre o nascimento dos ôrixás, fazendo Xangô brotar do seio de Olôrún... Xangô, que é simplesmente *tetraneto* de Olôrún... Descuido?

Já no vocabulario, o professor Renato Mendonça garante que, "em yôrubá, o s corresponde a um phonema chiente equivalente ao nosso *ch*". Não é totalmente exacto. Em nagô, ha dois s, um dos quaes corresponde ao nosso s (mais exactamente, ao nosso s duplo) e o outro ao nosso *ch*.

Todas as vezes que o professor Renato Mendonça procura

refutar affirmações de Nina Rodrigues, a gente acaba sempre por dar razão ao velho professor de Medicina Legal... Tal no caso do totemismo entre os povos mahometanos no Brasil.

Vejamos agora o vocabulario de termos africanos que vem acompanhando o texto.

Entre as palavras das quaes o professor Renato Mendonça nos dá uma explicação limitada, insufficiente, destaco as seguintes. — *Aluá*, na Bahia, faz-se com a casca do abacaxi, deixada dentro de uma garrafa ou outro vaso qualquer, com agua, para fermentar. — *Ayé*, em nagô *vida*, era usada, antigamente, na expressão *ilú ayé*, terra da vida, com a qual os escravos designavam a Africa. Para os africanos, havia a expressão *ará ilú ayé*, gente da terra da vida. — *Babalaô*, sacerdote de Ifá, é o adivinhador entre os negros, especie de vidente, de ledor do futuro, e se serve de buzios, ôbí, ôrôbô, pimenta da Costa (*atarê*) e rosario (*ôpélê-Ifá*). — *Batuque*, na Bahia, é lucta, onde os dois luctadores utilizam-se sómente das pernas. Os assistentes formam circulo em derredor. A queda de qualquer dos luctadores decide do pleito. — *Binga*, na Bahia, é um pequeno recipiente de rapé (*cornimboque*) e ainda, na gyria, o membro viril. — *Cacumbú*, na Bahia, é tambem o resto da faca, sendo mesmo que significa *faca nova*, ou *inteira*, ás vezes. Chamam-se ainda *cacumbús* os homens pequenos. — *Calunga* (ver Mario de Andrade, *A calunga dos maracatus*, "Boletim de Ariel", dezembro de 35, trecho do seu trabalho agora publicado nos *Estudos Afro-Brasileiros*, edição Ariel, 1935, e Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*, pgs. 84-85) póde ser tanta coisa, além de boneco... — *Candomblé*, hoje, muitas vezes significa o proprio *terreiro*, onde se realizam as

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO CIENTIFICA

Dirigida pelo Professor Dr. Arthur Ramos

LIVROS PUBLICADOS

- | | |
|--|---------|
| I — Arthur Ramos — O NEGRO BRASILEIRO | 10\$000 |
| II — Nina Rodrigues — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS .. | 8\$000 |
| III — Bastos de Avila — QUESTÕES DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIRA | 7\$000 |
| IV — Arthur Ramos — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL | 10\$000 |
| V — Josué de Castro — ALIMENTAÇÃO E RAÇA | 8\$000 |

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

R. Sete de Setembro, 162 — Rio

praticas fetichistas dos negros. — *E'bo* é um ex-voto, distinguindo-se, por isso mesmo, do despacho. — *Mocotó*, na Bahia, além de significar mãos e pés de animaes como o boi, o porco, etc., ou de gente mesmo, é ainda o nome de uma comedoria muito afamada da culinaria bahiana. — *Ilú*, em nagô, significa terra. — *Nagô* não foi um nome dado pelos bahianos aos negros de Yôrubá, mas pelos franceses, na Africa. — *Obá* não é príncipe, mas rei, em nagô, havendo ainda uma *ôrixá*, *Obá*, mulher de Xangô, que não possui nenhum culto organizado no Brasil. — *Okú*, morrer, tem um homographo-homophono que entra no bom-dia dos nagôs (*ôkú assan*). — *Opélé* (e não *opelé*, como está no vocabulário) é o rosario de Ifá, usado pelos babalaôs. — *Quenga*, não só na Bahia, como no Norte do Brasil, significa mulher publica, rameira, dessas de baixa cotação.

Entre aquellas que, ao meu vêr, precisam de uma revisão séria, anoto as seguintes. — *Agôgô*, relógio, e não sino, tem uma significação ampla, todos os instrumentos de metal que produzam som, podendo levar esse nome. O termo é, aliás, corruptela de *akôkô*. — *Desbundar*, desandar, dar em barulho, nada tem a ver com a significação que lhe dá o autor. — *Yawô* é a *pretendente* a filha-de-santo, a noviça, e é termo nagô, onde significa *noiva* e *esposa* ao mesmo tempo. — *Mugunzá* (*munguzá*, *mucunzá*) não se pôde confundir com a canjica, nem é sómente *massa* de milho cozido, mas também liquido, de milho branco cozido em agua, sal e côco. Ainda tem o nome popular de *chá-de-burro*. — *Ogan*, e não *ougan*, não é nem "chefe", nem "sacerdote graduado", mas apenas *socio* do candomblé. — Haverá alguém, no Brasil, que prefira a forma africana *puíta* á brasileira *cuica*? — *Xéxéré*, e não *xexerê*, é o chocalho especial de

Xangô, usado para invocal-o nos candomblés. — E mais, *Zambi* com acutização, ou *Zámbi*?

Mais alguma coisa sobre o vocabulário. — *Anamburucú* (*Nanamburucú*, *Nanan*), divindade das aguas, não é exactamente a mãe-dagua, mas a mãe da mãe — dagua, a mais velha das mães-dagua, por isso identificada com a sra. Sant'Anna. — *Cambada* não é sómente termo mineiro, mas bahiano também. — *Engambelar* não tem sómente por area geographica Pernambuco, estendendo-se também á Bahia, sob a forma *engabelar*, o que também acontece com *gongolô* (Maranhão), que, sob a forma *gongôlo*, significa, na Bahia, barulho, confusão, pandemonio. — *Irocó* não pôde vir de "rôco, arvore milagrosa", pelo simples facto de não existir essa palavra em nagô. Ha *Irôko*, a gamelleira branca, hoje adonada como deus, ou *Lôko*, como a chamam os gêges. A forma *Rôko* (o *r* continúa brando) existe na Bahia, corruptela de *Irôko*. — *Sacué* (por aqui se diz *sacué*) tem ainda, na Bahia, os nomes de *tou-fraco* (de origem onomatopáica), *conquém*, etc. — *Xapônan* (ou, melhor, *Sapônan*, em gêge) já é corruptela de *Xampanan*, havendo hoje, na Bahia, a forma *Xapanan*.

Outras palavras africanas muito em voga não vem no vocabulário. Por exemplo, *ékédi*, feminino de *ógan*, *bozó*, feitiço (do termo tshi *bosum*, santo?), *cucumby*, festa totemica dos negros bantus na Bahia, etc., etc.

Apezar, porém, desses erros e dessas deficiencias, o ensaio do professor Renato Mendonça, merece os mais calorosos elogios. Trata-se, sem duvida nenhuma, de obra de indiscutível valor. Possivelmente, numa outra edição, corrigidos os defeitos actuaes, augmentado o texto com um capitulo sobre o nagô, este *A influencia africana no portuguez do Brasil* se torne o livro n. 1, o livro indispensa-

vel a qualquer pesquisa semelhante. E, para falar a verdade, mesmo assim como está, falta-lhe muito pouco para isso.

EDISON CARNEIRO

"ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS"

Em sua secção *Vida Litteraria*, d'O *Jornal* de 9 de fevereiro ultimo, publicou o sr. Octavio Tarquinio de Sousa longo artigo sobre os *Estudos Afro-Brasileiros*, do qual extrahimos os seguintes topicos:

"O sr. Roquette Pinto definiu admiravelmente nas palavras do seu prefacio o que é realmente este livro: "um pequeno monumento, singelo como a propria verdade, sem rhetorica e sem lantejoulas".

De facto, a não ser num ou noutro estudo em que por espirito sectario se vae até á emphase e não se escapa á declamação, o que para logo seduz o leitor destes ensaios é o tom de simplicidade, de naturalidade, de modestia em que estão escriptos. Nada ha aqui que lembre a solemnidade cathedratica de mestres falando; não se deita erudição; não se dogmatiza. E a attitude habitual é a de simples estudiosos, de homens de boa vontade, "com a coragem das pesquisas directas, abrindo os olhos e vendo".

Trabalhos excellentes na collectanea dos *Estudos Afro-Brasileiros*, são os dos srs. Alvaro de Faria sobre "O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistencia racial", Ulysses Pernambucano sobre "As doenças mentaes entre os negros de Pernambuco", Cunha Lopes e J. Candido de Assis no "Ensaio ethno-psiquiatrico sobre os negros e mestiços".

As contribuições dos srs. Mario de Andrade sobre "A Calunga dos Maracatús" e Arthur Ramos sobre "Os mythos de xangô e a sua degradação no Brasil" têm a marca de ambos, sem nenhum favor dos mais acatados estudiosos da materia entre nós.

Valioso é também o contingente do sr. Renato Mendonça sobre "O negro no folk-lore e na litteratura do Brasil" e os srs. Alfredo Brandão e Adhemar Vidal, este no seu "Tres seculos de escravidão na Parahyba" e aquelle com "Os negros na historia de Alagôas" reuniram abundante material em pesquisas dignas de nota.

Ha ainda outros trabalhos que poderiam ser destacados. Não quero, porém, deixar de mencionar "O trabalhador negro no tempo do banguê comparado com o trabalhador negro no tempo das uzinas de assucar", do sr. Jovino da Raiz, em que ha um certo tom de simplicidade, quasi de ingenuidade, que lhe dá a força de um authentic testemunho.

Tem razão o sr. Roquette Pinto, nas linhas do seu prefacio, quando diz que neste volume se empenharam "almas de elite, numa obra de conhecimento e gratidão, de sympathia e de humanidade".

A RESPEITO DA OLOGENESE

Chronica Scientifica irradia 'a na "Ho:a do Brasil"

Vive na pequena cidade de Lages-Santa Catharina — um inteligente e culto medico, dr. Cesar Sartori, que preenche os poucos lazeres da sua ardua profissão dedicando-se aos estudos desinteressados e altos da biologia. Cesar Sartori acaba de prestar mais um bom serviço aos estudiosos do Brasil publicando uma excellente traducção da notavel monographia do illustre professor Colosi **A Ologenese**. Novos rumos da doutrina da Evolução-Rio, 1936. Calvino Filho, Editor. Colosi é director do Instituto de Anatomia e Physiologia comparadas da Universidade de Napoles e discipulo predilecto do fundador da doutrina da Ologenese, Daniel Rosa. Na introdução do seu volume o dr. Sartori dá uma ampla noticia dos trabalhos de Colosi, apontando em boa synthese os problemas biologicos que elle tem procurado elucidar. Colosi opõe-se á theoria das migrações por suppostas pontes intercontinentaes. Para elle a concordancia faunistica de duas regiões afastadas deve ser, de accordo com a Ologenese, derivada do tempo, da época na qual se verificou a emersão das mesmas terras. Muito interessante igualmente é a Lei dos parallelismos morphologicos, formulada pelo sabio italiano, que lembra, e bastante, o velho principio da homologia; para Colosi nenhum caracter isolado é exclusivo de uma especie dada, sendo caracteristico da especie o entrelaçamento de certos caracteres não exclusivos.

O apparecimento de formas animaes depende, assim, de novas combinações de caracteres já existentes. Uma das ultimas concepções de Colosi, de que Cesar fala no seu trabalho, é o principio da constancia do meio respiratorio: os animaes aquaticos respiram oxygenio dissolvido nagua, os animaes de respiração athmospherica não procedem de maneira diversa, visto que o oxygeneo do ar se dissolve no véu de agua que banha as superficies respiratorias. Aqui não é fóra de proposito lembrar que, afinal, não é nova a observação. Já o velho de Blainville dizia que o meio em que se desenvolvem os seres vivos tem de ser sempre uma mistura de agua e de ar. Mesmo os chamados anaeróbios, como todos sabem, só apparentemente não fazem excepção. O volume trata das differentes theorias evolucionistas, tão discutidas nos ultimos tempos; e defende a hypothese de Daniel Rosa para quem a Ologenese é um polygenismo necessario e global, mas no emtanto monophylético. Isso, em trócos miudos, significa a derivação de todas as formas vivas de uma só forma primitiva, ou de poucas; mas derivação processada em muitos pontos da Terra. A explicação da existencia actual de seres unicellulares — (protozoarios) — na theoria de Daniel Rosa é muito interessante. Os animaes unicellulares primitivos já não existem: diferenciaram-se, dando os actuaes protozoarios — de facto muito complexos — e os metazoarios. Dizia o sabio que as hypotheses são as muletas da sciencia. Bem curiosas, as que lhe offereceu Daniel Rosa, ora aqui divulgadas mais uma vez, pelo trabalho de Sartori.

Roquette-Pinto

Telmo Vergara — **Figueira Velha** — Schmidt, Editor — Rio.

É uma novella do escriptor gauchó que ainda ha pouco nos deleitara com uma excellente collectanea de contos, onde havia umas passagens sobre a mulher de Loth simplesmente admiraveis, pelo desafoço no manejo dos melhores elementos de "humour" á moderna. Folheando, no momento, a narração mais longa e desenvolta do sr. Telmo Vergara, verificamos não se ter elle aventurado numa audacia inintelligente ao tentar um genero de maior complexidade na intensidade. O joven prosador guasca sabe utilizar-se do dialogo, crear um ambiente social ou paizagistico, emprestar ás personagens uma feliz articulação de movimentos realmente humanos.

Fannie Hurst — **A esquina do peccado** — Civilização Brasileira — Rio.

Trata-se de um livro cujo entrecho fez o encanto de innumeros brasileiros, através de uma interpretação cinematographica em que se destacava o actor John Boles. **Back Street** intitula-se este volume no original e a traducção do sr. Luiz Amaral, que é fino publicista, em nada desserve o talento inventivo de Fannie Hurst. Outro romance de successo da Civilização Brasileira é **Tudo se paga**, de Elinor Glyn (**The price of the thing** nas edições inglezas). Encarregou-se de trazel-o ao portuguez o admiravel poeta Manuel Bandeira, que domina varias linguas da Europa, e isso equivale á certeza de que nestas 258 paginas o vernaculo não é uma unica vez injuriado.

— Jean Giono é um prosador com quasi dois terços de poeta. Francez, nota-se-lhe qualquer coisa de italiano, dada talvez a sua procedencia ou a frequencia de certas regiões alpestres do norte da Italia. Um critico sagaz já observou que nelle existe muito de "fabuloso ou mythico". Certo primitivismo campestre faz com que seus heróes não se desprendam nunca das zonas em que os avoengos amaram e soffreram. As imagens, como que recolhidas da propria terra que dá o pão e as rosas, são por vezes sensação pura, não chegando a subir ao nivel intellectual que as isentaria de cair no verbalismo poetico. Dahl a semelhança que se póde observar entre as varias obras de Jean Giono, sendo difficil que elle venha a diversificar as suas inspirações em tempos futuros.

Ceiam

F. CONTREIRAS RODRIGUES

Traços da economia social e politica da Brasil Colonial

Compilação historica em torno dos problemas da economia social e politica dos tempos da Colonia

ARIEL EDITORA LTDA.

Preço 12\$000

Em todas as Livrarias

Os Melhores Romances do Anno passado

O anno passado foi sem duvida um anno dos melhores romances que temos escripto. De toda parte do paiz, do norte, do sul, do centro, vieram optimos romances, revelando-nos a nós mesmos, por assim dizer, e cujo conjuncto imprimiu um rumo novo e mais ou menos definido ao romance nacional.

E' desse conjuncto que vamos tirar alguns, os melhores, uma vez que é quasi impossivel dizer qual é o melhor, o primeiro. E' certo, porém, que se tivéssemos de nos decidir por um, fariamos assim: dávamos o primeiro plano a esses quatro: **Jubiabá**, **Caminhos Cruzados**, **Os Ratos** e **Moleque Ricardo**. Pelo seguinte: por serem **Jubiabá** e **Moleque Ricardo**, respectivamente, os melhores romances de Jorge Amado e José Lins do Rêgo, os nossos dois maiores romancistas vivos. E, por outro lado, por terem **Os ratos** e **Caminhos Cruzados** nos revelado dois novos romancistas, talvez tão grandes como os dois primeiros. Abordando um mundo de grandezas e misérias, de contrastes os mais chocantes, de tendências as mais diversas, de almas as mais diferentes, Erico Verissimo mostrou ser, em **Caminhos Cruzados**, um romancista completo, fazendo viver um mundo complexo por demais, onde outros teriam perecido na certa. Já de um modo differente podemos dizer o mesmo de Dionelio Machado, que de um facto comezinho (um marido que não póde pagar a conta ao leiteiro e sáe para a rua atraz de dinheiro), fez um romance do tamanho e da intensidade poetica e humana dos **Ratos**.

Num outro plano, então, nivelador dos nossos maiores romancistas pequenos burguezes, cujo gráo de objectividade está mais ou menos limitado á sua propria classe, collocariamos Graciliano Ramos (com **S. Bernardo**), Jorge de Lima (com **Calunga**), Gastão Cruls (com **Vertigem**), Marques Rebello (com **Marafa**) e José Americo (com **Coiteiros** e o **Boqueirão**). Embora esses romancistas pareçam se distanciar uns dos outros, estão "intimamente" ligados num

ponto: maneira de "vêr" as coisas. Emquanto um Jorge Amado, por exemplo, vê tudo de uma vez, por dentro e por fóra, de baixo para cima, de um lado e de outro, um Graciliano Ramos e um Gastão Cruls se limitam a vêr as coisas em si mesmas, experimentando-as e vivendo-as isoladamente. Por isso, é que **Vertigem** é mais "um caso", o caso de uma familia carioca, do mesmo modo que **S. Bernardo**, é mais "um exemplo", o exemplo de um fazendeiro do nordeste.

E num ultimo plano, ainda, escreveriamos **Salgueiro**, de Lucio Cardoso e **Totonio Pacheco**, de João Alphonsus, que tentaram fazer em romance justamente o que Jorge de Lima e Murillo Mendes, pretenderam fazer em poesia: uma restauração em Deus. Com uma differença apenas: emquanto a idéa de Deus é manifestamente "procurada" em Lucio Cardoso, em João Alphonsus ella vem para "salvar" João Alphonsus e "redimir" Totonio Pacheco. Depois de ter escripto um livro mais ou menos liberto, com as suas passagens bem cruas, cheias de muita humanidade, onde o personagem principal, Totonio Pacheco, aparece como um velhão desses muito conhecidos de nós, pôdres de rico e pôdres de luxo, João Alphonsus só viu um geito de se salvar a si proprio e ao seu personagem: a redempção em Deus...

JOSE' BEZERRA GOMES.

"O LITTERARIO"

Alegria-nos constatar que o duro trato da vida, numa época de effervescente materialidade, não enfraquece o gosto das letras em nossos patricios do Norte. Neste mesmo instante chega-nos de Bom Jardim, lindo e populoso recanto de Pernambuco, o numero de estréa d'**O Litterario**, uma publicação semanal que se propõe a tratar de sciencias, artes e letras e, logo de inicio, demonstra estar em condições de fazel-o galhardamente. Um dos directores de tão sympathico jornal é o sr. Mario Souto Maior, que, a aferir pelos seus primeiros ensaios, está perfeitamente á altura de dar aos conterraneos noticia do que acontece de mais aproveitavel nos prêlos do Rio.

Musica

A produção de musica carnavalesca para este anno não foi, em quantidade, superior ou inferior á dos outros passados. Mas trouxe uma bôa média no que se refere á qualidade.

Vinte e tantas peças, entre marchas e sambas, (mais sambas do que marchas) merecem destaque, notando-se nellas um nitido avanço musical sobre o que já se tinha feito. E este avanço vem menos dos compositores de gabinete, que dos compositores do morro. Isto quer dizer: que o morro continua dominando a qualidade da nossa musica popular, e vem, evoluindo sempre, formando as authenticas bases da nossa consciencia musical.

Destacam-se entre os sambas: **As lagrimas rolaram**, de Kid Pepe, Germano Augusto e Ramiro Guará; **Cruel separação**, Benedicto Lacerda e Alcebiades Barcellos; **Falla, meu pandeiro**, de Assis Valente; **Foi audacia**, de Kid Pepe, Germano Augusto e Fadel; **Vae-te embora**, de Romualdo Peixoto e F. Mattoso; **Rogava a Deus**, de Humberto Porto; **E' bom parar**, de Rubens Soares; **Rei Vagabundo**, de Roberto Martins e Ataulpho Alves; **Palpite Infeliz**, de Noel Rosa; e entre as marchas: **A casa della**, de Ary Barroso; **Ganhou mas não leva**, Benedicto Lacerda e Milton Amaral; **Quero uma cachopa**, de Aldo Cabral e Pedro de Almeida; **Você é quem brilha**, de Antonio Nássara e Alberto Ribeiro; **Ponto de interrogação**, de Murillo Caldas; **Marchinha do grande gallo**, de Lamartine Babo e Paulo Barbosa; **Pierrot apaixonado**, de Heitor dos Prazeres e Noel Rosa; e **Marido de Eva**, de Antonio Nássara.

Annualmente a Prefeitura promove um concurso para premiar as melhores marchas e sambas carnavalescas. Com excepção do samba **Implorar** no anno passado, o que se tem verificado é que o resultado do concurso é inteiramente diverso do que a sympathia popular elege nos quatro dias de folia. Pensando bem o que ha é uma especie de justa compensação: para uns, os premios, para outros, a popularidade.

Se a opinião da commissão julgadora da Prefeitura fosse nossa, o resultado seria o seguinte, para primeiro, segundo, terceiro e quarto logares, respectivamente: Sambas: **Vae-te embora**; **Falla, meu pandeiro**; **As lagrimas rolavam**; e **E' bom parar**. Marchas: **Pierrot apaixonado**; **Marchinha do grande gallo**; **Marido de Eva**; e **Quero uma cachopa**.

E agora é esperar o julgamento do povo, julgamento soberano, e que deve ser sem differente do nosso, embora nós desejássemos que fosse o mesmo.

M. R.

Como nasceu a Lingua Brasileira

Foi preciso um temperamento rebelde a todas as monotonias e preconceitos, capaz de dizer palavras, se necessario, para desacatar aquella Bahia pacata e lusitana do seculo XVII.

Gregorio de Mattos parecia até ser o enviado de Deus, o Messias a prégar a doutrina vencedora seculos depois...

Mais amigo da sua viola que da mulher, confiante de negras e mulatas, gostando da vida livre das farras, com um poder satyrico espantoso, Gregorio foi desperdiçador de talento poetico.

E na obra esparsa ao vento, que os proprios Governadores satyridados mandavam copiar, não faltaram produções alheias, attribuidas ao genio gregorio...

E elle, Gregorio, o "Bocca do Inferno", o verdadeiro precursor da idéa nativista, em litteratura, intraduzindo sem receio todos os brasileirismos, até os mais chulos, entre os seus versos, devorados pelos bahianos da época.

Foi, pois, com razão, que Romero considerou Gregorio de Mattos o fundador da litteratura brasileira.

Os reinóis merecem d'elle este conceito:

Porque os ratinhos do Douro
São grandíssimos velhacos
E em Portugal são ratinhos,
E cá no Brasil são gatos.

Que não se mettessem tambem os bahianos, enriquecidos no cultivo da canna de assucar, a arrotar grandezas nem fidalguias, porque logo vinha em cima o implacavel Gregorio, enchendo de termos tupys, a sua satyra gostosa:

AOS CARAMURU'S DA BAHIA

Um calção de "plindoba", a mela zorra,
Camisa de "urucú", manteau de "arara",
Em logar de "cotó", arco e "taquara",
Pennacho de guarás, em vez de gorra.

Furado o beijo, sem temer que morra
O pae, que lh'o envasou, c'uma "titara",
Porém a mãe a pedra lhe applicára
Por reprimir-lhe o sangue que não corra.

Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais leis que as do gosto, quando erra,
De "Palalá" tornou-se em "Abaité".

Não sei onde acabou, ou em que guerra:
Só sei que deste Adão de "massapé"
Procedem os fidalgos desta terra.

Uma ligeira analyse lexicographica revela os termos **tupys** **pindoba**, **urucú**, **arara**, **taquara**, **guará**, **titara**, **Abaité**, além dos termos populares do Brasil

cotó e **massapé**, e o exquisito **Paiaia** derivado as que parece da locução "pae de iaiá".

Vemos assim um exemplo elucidativo de como já no seculo XVII appareciam os vestigios do idioma nacional.

Outro caso pôde ser lembrado: o do chronista paulistano no seculo XVIII.

Pedro Taques escrevendo a sua preciosa **Nobliarchia Paulistana**, apresenta a esse dissecador da lingua que é o philologo muitas coisas interessantes.

Através da obra vasta se pôdem colher innumeras alcunhas dos bandeirantes, que nem todas eram tupys, sendo pelo contrario em geral expressões portuguezas.

Tal pesquisa levou um linguista a contestar a opinião de Theodoro Sampaio, pela qual os bandeirantes falavam tupy, bem como a deduzir a existencia de um dialecto dos bandeirantes. (1).

A primeira hypothese merece devida attenção. A segunda se esteia em material muito escasso para sequer ser discutida.

Vamos reproduzir, em vez de um longo trecho de Pedro Taques, (o que seria fastidioso nesse trabalho de divulgação) alguns excerptos mais curiosos:

"Hironimo Bueno o **"pé de pau"**, de alcunha por haver perdido uma perna e trazer outra formada de pau". (2).

"Francisco de Almeida Lara, cidadão de São Paulo e na Villa de Itú, onde fez assento. Foi bem conhecido pelo ardor do genio em castigar os seus escravos e doutrinar os filhos por cujo rigor foi tratado com a alcunha de **Caga-fogo**".

"Maria Blanca da Silva, natural de São Paulo, que foi filha de José da Silva Góes, por alcunha **Cabeça do Brasil**, por ser natural da villa de São Vicente algum dia foi cabeça de comarca e primeira villa, que fundou o descobridor e senhor donatario da Capitania, Martim Affonso de Souza".

"Manuel de Avila, chamado o **Quatro Olhos**, por ser com dois olhos".

"Filha bastarda do grande Pedro Vaz de Barros chamado pelo idioma brasileiro Pero Vaz **Guassú**".

"E' neto de Antonio Bicudo Leme, o **Via-Sacro**, de alcunha".

(1) Joaquim Ribeiro, Origem da lingua portugueza 1935, pags. 183 e 184.

(2) Nobliarchia Paulista, ed. da Rev. do Instituto Historico, pag. 60, 202, 227, 32, pag. 332 pag. 33.

Muitos outros pedaços do paulista operoso poderiam ser reproduzidos com o mesmo resultado.

Os colhidos, porém, já merecem commentario.

Quem não sentirá nos apellidos **pé de pau, Caga fogo, Quatro olhos e Via-sacra** o pensamento vivo e maldizente de povo brasileiro?

E a imaginação popular que chama de **Cabeça do Brasil** á unica moradora do lugar, natural do nucleo da formação nacional, a villa de S. Vicente!...

O rasto do tupy tambem apparece e o seu suffixo augmentativo é empregado para um bandeirante, autor de grandes africas. Pero Vaz **Guassú**...

Operario da paciencia, meu Pedro Taques, você pôde ter o orgulho de ser paulista, de prevêr a grande federação brasileira, onde São Paulo, ia fazer bonito...

Paulista, no sentido historico, de formador e propulsor da nacionalidade.

Paulista, sem a jactancia dos que se dizem de quatrocentos annos...

A lingua brasileira teve assim o seu ovo chocado por um bahiano e um paulista.

Parece pois, que não nasceu definhada, gozando a sombra e o calor da Bahia, terra das grandes intelligencias, e de São Paulo, o forno das grandes iniciativas.

RENATO MENDONÇA.

(Do livro **Lingua Brasileira**, a sahir brevemente).

Clovis Ribeiro — **Brazões e Bandeiras do Brasil** — Livraria José Olympio — Rio.

Muito se tem escripto entre nós sobre questões de heraldica, e, particularmente, sobre os pavilhões monarchico ou republicano. Para evidenciar quanto esse assumpto se acha ligado a nomes de prestigio, basta recordar historiadores ou sociologos como Affonso d'E. Taunay, Alfredo de Carvalho, Eduardo Prado, Miguel Lemos, Oliveira Lima, Teixeira Mendes e Sampaio Doria. Pois não ha exaggero em affirmar que, vindo depois de todos elles, o sr. Clovis Ribeiro nos apresenta, no que diz respeito a **Brazões e Bandeiras do Brasil**, uma obra definitiva. Não deixa elle de aproveitar-se do contingente fornecido por todos esses esforçados antecessores, mas a sua contribuição, tamizada sempre em feliz senso critico, é de uma riqueza e de uma oportunidade louvabilissimas. Não falta um documento historico ao livro do sr. Clovis Ribeiro e não lhe faltam aquellas valiosas informações graphicas que por vezes fazem mais luz sobre um detalhe controvertido que dezenas de paginas derramadas. Desde as remotas origens ás suas extremas possibilidade actuaes, o arduo thema é aqui manejado por um homem que a cada passo nos surprehende com a sua intimidade em relação á heraldica do nosso paiz e dos paizes que comnosco estiveram em contacto. A parte relativa ás bandeiras militares e o trecho sobre escudos de revoluções dispensarão os especialistas de esfalfantes consultas a dezenas de autores. E naturalmente as referencias aos brazões da Paulicéa, estando em jogo alguém que é tambem da região, caracterizam-se por uma vibração local das mais vehementes e entusiastas. Quanto á confecção do livro, é primor que honra as nossas typographies, pela excellencia do papel e impecavel acabamento das gravuras, consagrando ainda uma vez a arte prestigiosa de Wasth Rodrigues, illustrador que os nossos bibliophilos tanto prezam.

C. Doliveira — **Trinca e 2 Pares** — Livraria Coelho Branco — Rio.

Já conheciamos do sr. C. Doliveira varios escriptos de finalidade utilitaria. Explorando questões relativas ao trabalhador brasileiro, mostrara-se elle um analysta perspicaz dos estudos de anthropo-sociologia. Suas paginas relativas á mortalidade e á invalidez profissional no Brasil concentravam observações e conclusões maduramente reflectidas e de uma extrema nitidez de synthese. Esse gosto das monographies de caracter scientifico poderia impedir no sr. C. Doliveira a apparição de um ficcionista. Mas não é absolutamente assim. Com a mesma dextreza de idéas com que trata elle de themas que beneficiem o nosso operariado, examina o viver complexo ou ingenuo das populações da Capital ou do interior, com a intenção de transportal-as ao plano da creação litteraria. Este seu agglomerado de descripções e dialogos, suggeridos pela vida urbana ou campeзина, é realmente de um fino interprete das emoções humanas.

Alcides Bezerra — **A Philosophia na Pñase Colonial** — Rio.

Ninguem mais idoneo para tratar de tudo quanto se prenda á evolução do pensamento brasileiro. Accumulando cultura desde os seus tempos de lazeres provincianos e dirigindo agora uma casa a que não faltam documentos sobre as nossas realizações intellectuaes em quatro centurias de vida, o sr. Alcides Bezerra é homem a quem não humilha ou esfalfa a empreitada de vêr o que occorreu de expressivo no cerebro dos nossos philosophos do periodo colonial. A sua **plaquette** a esse respeito é sobria e incisiva como convém ao caracter de conferencia em que foi vasada. Trata-se de um resumo estrictamente historico e as minucias ornamentaes seriam, no caso, inoportunas. Mas o que nos parece é que o sr. Alcides Bezerra deve alongar essa suggestiva synopse, falando-nos mais detidamente daquelles que se fizeram entre nós os delineadores da nobre arte de reflectir. Tambem lhe cumpre converter em estudo de maior tomo o attraente escorço em que nos apresenta a obra de Sylvio Romero como pensador e sociologo. Um espirito amigo das attentas reflexões como é o do operoso ensaista parahybano não pôde, já agora, eximir-se a tarefas que bem lhe exprimam a força creadora.

BEBAM AS

AGUAS NAZARETH

Recommendadas para males do
ESTOMAGO, FIGADO, RINS,
BEXIGA, ACIDO URICO, ETC.

ASSIGNATURAS MENSAES
PARA PARTICULARES

Telephones: 29-3258 e 29-3740

FONTES:

Rua Conselheiro Ferraz, 163 - Cabuçú

Omnibus e Bondes Lins Vasconcellos

Serviço de Reembolso

LEIAM NO FIM DA REVISTA AS VANTAGENS QUE
OFFERECEMOS AOS NOSSOS LEITORES COM ESSE NOVO
E INTERESSANTE SYSTEMA

Territorio Humano

Um Romance Universal

Territorio Humano é o fino espelho de aço purissimo, onde a vida unica contempla seus multiplos reflexos. Nelle surgem nitidas as imagens e cada um dos personagens precisa seus contornos ao encontrar a paisagem espontanea atravez desse vasto territorio humano.

Já sabiamos que José Geraldo Vieira era um dos maiores romancistas brasileiros. A leitura da **Mulher que fugiu de Sodoma** revelou-nos não só o architecto como sobretudo o "metteur en scène" que lança os seus personagens sobre a superficie escorregadia do quotidiano, transformando a sua banalidade em drama, em tragedia e em lyrismo. No emtanto, o que acaba de nos revelar o ultimo livro de Vieira é a sua excepcional capacidade de transformar e crear, ao arrancar do passado os innumeraveis e esparsos elementos mortos que seu genio de romancista converte em vivente territorio humano.

Sempre consideramos a **Mulher que fugiu de Sodoma** como uma obra eminentemente cinematographica, toda ella sacudida pelos clamores tragicos ou comicos de uma complexa humanidade de grandes capitaes.

Territorio Humano, pelo contrario, apresenta-se completamente livre desse automatismo que caracteriza o romance dramatico; seu rythmo é outro e não possui a velocidade mecanica exigida pelo desenlace em perspectiva, que, em realidade, é a razão de ser de toda obra dramatica.

Em seu rythmo lento mas sem pausa, **Territorio Humano** nos espelha a verdadeira vida dando-nos uma perfeita sensação do processo secreto do seu desenvolvimento. A infancia, a adolescencia, a juventude, etc., são differentes apparencias de um mesmo ser. Por outro lado, é impossivel saber-se com exactidão onde começa e onde termina cada uma dellas. O nascimento e a morte — dois momentos dos quaes aliás não se tem lembrança

— são em realidade os unicos limites conhecidos do territorio humano. A vida é como um punhado de areia que a cada instante se enriquece com um novo grão, até em dado momento attingir os limites naturaes. O romance de Vieira tem o merito incomparavel de conter em suas paginas admiraveis o processo invisivel da formação do territorio humano.

José Geraldo Vieira segue harmoniosamente as pegadas aparentemente divergentes de Stendhal e Dostoievski. Segundo a penetrante expressão de André Saurés; "en Stendhal la merveilleuse analyse etant toute intellectuelle, même si le héros se prête l'oreille, ont voit toujours derrière lui, le plus intelligent des hommes qui est là, et qui écoute — tout est clair; tout est ordre; tout est esprit."

Territorio Humano é uma obra que pôde ser qualificada de milagre da ordem, da ordem obtida por uma prodigiosa capacidade analytica e cuja claridade parece ser por momentos considerada pelo autor como um verdadeiro ideal.

Varios de seus personagens são perfeitamente stendhalianos por-

que são definidos exclusivamente pelo conjuncto de suas manifestações quotidianas.

Uma passagem admiravel e traçada por u'a mão verdadeiramente magistral é a chegada da deliciosa Norma á fazenda de Areias. Na casa da fazenda, em ruinas, encontra-se desterrado e paralytico o velho padre Thebá, que espera impaciente, durante o anno inteiro, as férias escolares que arrancarão da cidade a sua sobrinha adolescente. Ella é o sol luminoso cujos raios removem o espirito do ancião.

Que passagem mais emocionante e pura poderemos encontrar em toda a litteratura americana, do que este encontro entre a joven e o doente?

— Mas agora estou aqui! exclamou Norma — promettendo ficar junto ao desesperado não só um mez ou um anno, mas toda a vida...

Ah! deliciosa Norma em cujo corpo as "linhas eram neutras e sobresahia em suas attitudes a transição da infancia para a juventude!"

"Chez Dostoievski, ce sont les passions qui se passionnent et se dévorent á se poursuivre elles mêmes, a se contempler et a se ressentir. Tout prend, dès lors, le caractère du rêve, ou de la folie". Ahi está Cassio, o poeta apaixonado e revoltado, fazendo uma prolongada "estação no inferno". E' a intensa, a verdadeira e plena vida interior do homem que do sonho inicial, proprio de todo ser humano, sossobra insensivelmente no delirio mysterioso da loucura.

Norma e Cassio são dois typos humanos igualmente communs e completamente contradictorios. Ella, toda exteriorizações delicadas e puras. Elle, todo imprecações e revoltas interiores. Eis aqui o genio sorridente de Stendhal junto á alucinação obcecante do Dostoievski — o romancista da intuição.

São numerosos e uns mais admiraveis do que os outros os meri-

Acaba de apparecer:

ISADORA DUNCAN

MINHA VIDA

Tradução de

GASTÃO CRULS

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO

EDITORIA

Preço: 20 \$ 000

tos deste notavel romance brasileiro. Mas, dada a brevidade desta chronica devemos contentar-nos em indicar aquillo que nos causou a mais profunda satisfação. Antes de tudo, a obra de José Geraldo Vieira satisfaz por completo a ardente aspição de muitos intellectuaes latino-americanos — a de produzir obras universaes, isto é, obras libertadas do folklorismo, insidiosa molestia infantil peculiar á litteratura do Novo Mundo.

Quem escreve esta chronica sente um horror sagrado pela arte regionalista, que considera como a completa negação da unidade fundamental humana. A convicção que tem do curto destino de semelhantes obras, o impelle a deplorar sinceramente que talentos muitas vezes admiraveis circumscrevam voluntariamente suas actividades litterarias ás limitadissimas creações folkloricas.

A amarga experiencia que temos dos estereis esforços dos escriptores regionalistas da costa do Pacifico, ensina-nos que é impossivel realizar obras eternas considerando o folklorismo como uma finalidade esthetica. A pintura moderna latino-americana nos dá uma formidavel licção ao ensinar-nos que os motivos indigenas ou africanos — importados pelo Novo Mundo — devem ser considerados apenas como materiaes de construcção.

Que importa ao brasileiro, por exemplo, um romance que trate profunda, minuciosa e exclusivamente da vida dos indios incaicos da costa do Pacifico?

Que importa aos escriptores hispano-americanos as obras em que se dissecam em irritante analyse a psychologia do negro brasileiro?

A America não é exclusivamente quichua, nem azteca, nem africana. Antes de tudo e sobretudo ella é parte integrante do bloco da humanidade civilizada!

Despojar a arte de todo o detalhe racional ou local é o dever do artista americano que aspire crear obras universaes. E' esta a razão pela qual nos regozijamos sinceramente com o apparecimento de **Territorio Humano**, romance susceptivel de ser lido, comprehendido e

admirado não só dentro dos limites da maior nação latino-americana como também através das tres Americas, da Europa e de todo o mundo civilizado.

Esta constatação é a maior homenagem que um estrangeiro sincero póde render á intelligencia scintillante do Brasil!

GERMAN QUIROGA CALDO.

Alberto Lamego — **Mentiras Historicas** — Editora Record — Rio.

Com suas edições e reedições valiosas, muitos serviços tem prestado ás nossas letras historicas o esforçado e corajoso bibliophilo sr. Antonio Simões dos Reis. Agora é a publicação do volume em que o sr. Alberto Lamego, eminente reconstructor do nosso passado, põe em evidencia que innumeras lendas circulam por ahi com pretensões a factos verazes. Dispondo de uma documentação simplesmente impressionante, advinda de uma das maiores bibliothecas que alguém já reuniu em nosso paiz, o autor do livro demonstra, a cada passo, nada ignorar do que ocorreu de significativo em quatro seculos de vida colonial ou autonoma do povo brasileiro. Obra a que não se mostrará indifferente nenhum estudioso da evolução nacional.

Antão de Vasconcellos — **Revelações de Além-Tumulo** — Federação Espirita — Rio.

Se não estamos equivocados, o sr. Antão de Vasconcellos, que nos manda de além-tumulo este punhado de revelações, foi um dos mais notaveis advogados do nosso fóro em fins do Segundo Imperio e começo da Primeira Republica. Tendo estudado em Coimbra, ali se distinguuiu como intrepido bohemio e chegou a evocar as suas pandegas de academico num volume que se lê sem enfado. Escreveu também sobre os crimes celebres de Macahé. Em conjuncto, era uma figura sympathica e prompta sempre á gargalhada feliz, como quem passara no ambiente de perputuos regabofes dos João Penha e dos Trindade Coelho. Mas estas suas digressões posthumas em torno a questões sociaes, e especialmente judicarias, caracterizam-se por uma nota de gravidade que, a rigor, ninguém esperaria de creatura tão jovial.

PREMIO "HUMBERTO DE CAMPOS"

A Livraria José Olympio, que vem se tornando um dos centros editores mais importantes e que tem sabido dar uma acolhida muito sympathica aos escriptores novos, acaba de crear um concurso de contos, com o nome de Humberto de Campos. Não só é mais um premio litterario que se crêa, para estimulo dos escriptores, por via de regra, tão esquecidos neste paiz, como ainda ha a vantagem de ter sido constituido o jury por escriptores novos, que é uma garantia do seu triumpho.

O jury se compõe dos senhores Jorge Amado, Peregrino Junior, Marques Rebelo, Prudente de Moraes Netto e José Lins do Rego.

Toda a correspondencia sobre o concurso deverá ser dirigida ao escriptor Jorge Amado, Livraria José Olympio, rua do Ouvidor 110, Rio de Janeiro.

Sylvio Romero — **Machado de Assis** — Livraria José Olympio — Rio.

E' a segunda edição de um trabalho que produziu forte impressão em seu tempo, quando o lançou num ambiente agitado a fecundo polygrapho das **Provações e Debates**. Na apresentação primitiva, compunha-se o volume de um confronto entre a obra de Tobias Barreto e a de Machado de Assis, e o paralelo pareceu um tanto absurdo aos admiradores do ultimo. Houve protestos e ficaram ressoando pelo paiz interessantes revides como o articulado pela critica serena e attica do Conselheiro Lafayette. No momento, pretendendo evitar o mais possivel intenções pamphletarias, o sr. Nelson Romero, filho de Sylvio e organizador desta estimavel reimpressão, limitase a dar-nos a parte referente ao autor do **Braz Cubas**. Os entusiastas de Machado poderão recalitrar ainda, mas o certo é que o ensaio nada perdeu da vivacidade e da attracção antigas, encerrando paginas das mais typicas da maneira desenvolta e não raro contundente do amigo de Tobias.

Bernardino de Sousa — **Heroínas Bahianas** — Livraria José Olympio — Rio.

As figuras immortaes de Joanna Angelica, Maria Quiteria e Anna Nery ahi refulgem numa evocação das mais documentadas e brilhantes. O sr. Bernardino de Sousa, que é um especialista em questões de historia e toponymia, como que se sentia obrigado a fornecer-nos esse triptyco emocionante, tamanho o conhecimento que possui das mulheres gloriosas do rincão bahiano. Joanna Angelica, defensora do seu convento e do relicario do altar prestes a ser profanado por militares em furia, faz pensar nas virgens christãs do circo romano. Maria Quiteria é a combatividade impetuosa de quem não via nas delicadezas do sexo um empeco a tomar de armas contra adversarios do Brasil. E, finalmente, Anna Nery, como que conciliando a vibração religiosa de uma e a mobilidade profana de outra, foi a enfermeira sempre insomne dos nossos soldados que combatiam um cacique allucinado em terras paraguayas. Tres retratos de bom desenho e attraente colorido.

A SAIR:

de **R. A. GUZMAN**

C I U M E

4.ª EDIÇÃO

Trad. de GASTÃO CRULS

Artes Plásticas

Os alumnos de Portinari realizaram no salão da Associação de Artistas Brasileiros, uma mostra de seus trabalhos compostos no espaço de quatro mezes de estudo no curso de pintura da Universidade do Districto Federal.

Foi um exemplo dos mais fortes para os que não acreditavam no ensino das artes plásticas no Brasil. Realmente, esse scepticismo é bem fundado, uma vez que os nossos cursos officiaes como o da Escola de Bellas Artes, se conservam num afastamento surprehendente do verdadeiro sentido da arte e de sua evolução.

Para aquelles a arte é estatica, alguma coisa semelhante ao latim, definitiva e perfeita, um apparatus liturgico para as ceremonias do culto da Belleza.

Mas essa Belleza convencional, embalsamada em rhetorica e litteratura, preconceito de esthetas nebulosos, cedeu lugar á vida no seu maximo de intensidade, em todo seu poderoso desdobramento.

E não poderia ser de outra maneira, numa época extraordinaria como a que vivemos, onde os mais complexos problemas são propostos e onde a arte tem o seu lugar destacado preenchendo uma das funções sociaes mais importantes.

A mostra dos alumnos de Portinari contém o que se póde apreciar numa

organização certa do que pretende exprimir, seguindo todos os processos technicos, da tempera ao oleo, exhibindo já composições de relevo, como o painel de Diana Barberi, revelador de uma pintora cujos dotes estão largamente demonstrados nesse vivo trabalho.

Todos os alumnos estão certos do que deve participar do pintura. Sente-se o que é conscientemente realizado com os meios mais varios, como é desenvolvido o conhecimento da technica, como é orientado o espirito para a percepção do mundo dentro do sentido plastico.

Isso é essencial para quem não quer fazer do quadro um succedaneo da photographia.

Os estudos de Aldary Toledo, revelam, além de um bom desenhista, um senso especial da composição, como se vê naquella quadro nocturno, onde operarios manejam perfuradores e conduzem trilhos, e onde o colorido secco e a noção dos volumes completam uma das melhores contribuições da exposição.

Castro Filho e Vera Violeta Moraes Erson, desenhistas de visão segura, deram trabalhos de muito caracter.

Heris Moraes Victoria, com menos força plastica, mas dotada de uma fina sensibilidade, apresentou, além de uma composição curiosa: — uma boneca dentro de um pequeno bahú de flandres, no ar, cercado de brancas pombas, — um estudo de manequim, optimo, cuja den-

sidade poetica alcançou um lugar de destaque entre os demais.

Alcides Rocha Miranda, José Ribeiro de Souza e Emilio Stein também manifestaram excellentes qualidades e Rubem Cassa, com a sua tempera representando uma praia com coqueiros e praiheiros trabalhando, mostraram pequeno tempo de aprendizagem, para poderem tão expontaneamente exprimir a sua visão do mundo.

Accresce ainda que todos os quadros expostos foram executados em tela, tinta, chassis e molduras preparados pelos proprios expositores.

Voltamos assim, ao trabalho de officina, usado pelos Van Eyck, por Leonardo, por todos os mestres dos primeiros tempos da pintura, ao trabalho colectivo, como actualmente, Diego de Rivera, com as suas "equipes" de pintores.

A nossa opinião é que de ha muito não visitamos uma exposição de alumnos mais completa, nem que mais sinceramente nos fizesse acreditar no desenvolvimento da pintura brasileira.

O que assistimos annualmente, nos encerramentos de cursos, é algo deprimente para o conceito do artista, uma vez que os methods officiaes só têm servido para fazer a arte girar sobre o mesmo ponto.

Portinari e a sua "equipe" estão contribuindo, assim, para a mais sadia renovação da pintura do Brasil.

S. R.

NOTAS

Pablo Picasso, o genial creador do cubismo, vem trabalhando ha dois annos em esculptura. As suas obras serão expostas no Museu de Arte Moderna, de New York, ainda este anno.

A obra de Rik Wouters, "o monumento mais caracteristico e mais duravel do impressionismo flamengo", foi exposta no Palacio das Bellas Artes, de Bruxellas. Morto em 1916, com 34 annos, Rik Wouters deixou uma obra consideravel dotada de viva realidade e expressa em tons esquisitos e valores não menos extranhos que lhe dão um grande relevo na pintura flamenga contemporanea.

Marie Laurencin, a delicada musa do movimento modernista, abandonou a pintura imaginativa, para dedicar-se exclusivamente ao retrato.

Pela primeira vez New York assistiu a uma mostra de desenhos e pinturas de Fernand Leger. Com 54 annos, Leger, que foi com Picasso, Braque e Juan Gris, um dos quatro ases do cubismo, ainda vem desenvolvendo uma extraordi-

naria actividade. Entre outras, tem contribuido intensamente para o cinema e o theatro, sendo autor de um ballet, com Darius Milhaud: *A criação do mundo*.

A Galeria de Arnold Seligman, Rey, em Londres, realizou uma exhibição completa das obras do Greco. Nesta mostra achava-se a celebre tela *Os doze apostolos*, que deu margem, a attribuir-se ao genial pintor, a influencia sobre as modernas escolas de pintura.

Na Inglaterra, o estudo das artes plasticas é tão consciencioso e minudente que para o conhecimento e divulgação da pintura a tempera, foi fundada uma sociedade. Trata-se da Tempera Society, que já publicou varios volumes sobre aquelle delicado processo pictural.

Deinneka, o mais conhecido dos novos pintores da URSS, encontra-se em New York, onde expõe e tem illustrado varias publicações fomasas.

A Associação de Artistas Brasileiros, realizará, em breve, um concurso de scenographia. Ao que consta, a peça que servirá de thema será *Ariane et Barbe Bleue*, de Maeterlinck.

S. R.

Hermes da Fonseca Filho — *Dois Grandes Vultos da Republica* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Tão estudioso quanto modesto, o sr. Hermes da Fonseca Filho, que nunca abusou do prestigio familiar para vencer nas lettras, já se distinguira como excellent traductor do *Ariel* de Rodó. Neste instante, incluindo-se entre os bons historiadores da nossa vida republicana, divulga elle substanciosos ensaios relativos a dois patricios assignalados por uma finalidade civica das mais nobres: Deodoro e Rio Branco. A' primeira vista, poderá, parecer que o contraste existente entre duas personalidades tão diversas redunde em embaraço para o novo pintor desses varões illustres. Mas não é absolutamente assim. Da dissemelhança dos modelos resultou mesmo um encanto especial para o volume, sendo curioso passar-se da coragem impulsiva e por vezes frenetica do proclamador da Republica á meticulosidade de trabalho e á bonhomia não sem astucia do maior dos nossos diplomatas.

Discos

Apezar da crise por que está passando o disco, já assignalada em artigo recente no **Correio da Manhã**, pelo sr. Julio Dantas, a produção grammophonica continua sendo enorme. E o nosso mercado importador, como que insensível às acrobacias do cambio em profundidade, continua praticamente em dia com as novidades das grandes produtoras. Dahi não poderemos, nesta secção que pretende ser meramente informativa, dar conta de tudo quando fôr apparecendo. Nossos comentarios limitar-se-ão apenas às obras que nos parecerem mais características ou interessantes, num criterio, portanto, individual de selecção.

C. S.

GRAVAÇÕES SELECIONADAS

Igor Stravinsky — Ragtime for eleven instruments e Piano-rag-music. (Columbia LX 382) — **Air du rossignol for violin and piano e Marche chinoise for piano and violin** (Columbia LX 383) — Os entusiastas do revolucionario da **Sagração da Primavera** têm agora mais estas duas preciosidades para a collecção de obras do mestre. A primeira é talvez uma das mais características, não só da produção do autor em particular, como de nossa época em geral. Foi escripta em novembro de 1918, no dia do armistício: podia-se esperar tudo de um compositor no dia da assignatura de uma paz longamente desejada, menos o **ragtime** de Stravinsky. Os philosophos futuros não deverão desdenhar este detalhe, e julgarem então da oportunidade dessa musica, como bastante representativa de uma era orgulhosamente sem poesia. A gravação é magnifica, conseguindo reproduzir com a perfeição possível a complexidade do difficil conjunto que o proprio autor dirige. Ainda Stravinsky é quem executa em solo de piano a **Piano-rag-music**, com aquella energia e nitidez a que já nos acostumara na interpretação de outras obras suas; esta peça foi escripta em 1919, e transpõe para o piano o mesmo plano geral da primeira. O cutro disco compõe-se de obras escriptas em épocas bem distanciadas. A **aria do rouxinol** classifica-se chronologicamente entre as primeiras composições do autor. Faz parte da opera **O Rouxinol**, começada no mesmo anno do **Passaro de Fogo**, e terminada depois da **Sagração**, e só mais tarde, em 1917, reduzida a poema symphonico (2.º e 3.º actos). Apezar das modificações por que terá passado o trecho que se grava agora tem nitido parentesco com a primeira maneira de Stravinsky. Quanto á **marcha chinesa**, é composição das mais recentes, e reflecte a grave responsabilidade do autor em continuação mantendo bastante tensa a posição que tem de **leader** da musica contemporanea. Ambas as peças são executadas pelo compositor ao piano e pelo

violinista Samuel Dushkin, e de um modo absolutamente irreprochavel.

Spanish Album (Columbia 67.818 a 67.822) — A Columbia reuniu neste album composições de 4 espanhoes. E' de lamentar que a escolha não fosse das mais afortunadas. A exhumação, por exemplo, do zarzuelista Thomás Breton, não foi das mais recommendaveis. E delle justamente nos dá duas peças, uma serenata para orchestra — **En la Alhambra**, sem a menor graça ou interesse, e um **Polo Gitano** (que a senhora Argentina ainda conseguiu dansar aqui no anno passado), também sem grandes attractivos. De Albenis temos um **Intermezzo** pouco significativo da opera **Pepita Jimenez**, e **Navarra** para orchestra, a qual, apezar de executada pela autorizadissima philharmonica de Fernandez Arbós, não tem o mesmo brilho da interpretação dada por P. Coppola em disso Victor. O primeiro disco da collecção contém duas dansas da **Vida Breve**, de Falla, sendo a primeiro já muito conhecida dos discophilos, principalmente através da estupenda interpretação de A. Wolf (Polydor), e a segunda com acompanhamento de côros, executadas ambas pela orchestra do Theatro Real de la Monnaie, de Bruxellas, sob a direcção de M. Bustin. Finalmente temos Joaquim Turina, com uma novidade — **Dansas Fantasticas (Ensueno e Orgia)**, compositor ainda pouco conhecido entre nós. Foi ahi que mais se manifestou o desacerto da escolha. Turina é bastante interessante, mas a ter que ser apresentado por uma unica obra, não deveriam escolher **Dansas Fantasticas**, peça sem grande originalidade, de factura irregular e muitas vezes indecisa, revelando ainda muita ligação com o seu conterraneo Manoel de Falla, de quem mais tarde se libertou inteiramente. E' de esperar, comtudo, que a Columbia continue, mas com melhor criterio, a gravar musicas espanholas, trazendo a maiores publicos as composições mais recentes de Falla, de Joaquim Nin, do proprio Turina (cujas composições para piano são deliciosas), e de outros mais moços, como Halffter, que merecem o maximo de divulgação.

Baptista de Castro

**VOCABULARIO
TUPY-GUARANY**

Em edição ARIEL

Preço 7\$000

GRAVAÇÕES POPULARES

ODEON, 11.298 — **A casa della** — marcha, de Ary Barroso. E' uma excelente composição do auctor de **Inquietação**, que é até agora o seu mais alto momento. Canta-a Sylvio Caldas, uma grande voz, um grande artista, cuja execução acompanhamos com entusiasmo. A gravação é boa. A orchestra Odeon, sob a direcção de Simon Bouttman, vae a contento.

ODEON — 11.318 — **Falla, meu pandeiro** — samba, de Assis Valente. E' uma notavel produção, notavelmente interpretada por Carmen Miranda, a nossa voz feminina mais absoluta. Domina pelo tom de alta e expontanea tristeza, a mesma impressionante tristeza que Walfrido Silva nos transmite em **Adeus botucada**. A orchestração é magnifico.

ODEON — 11.212 — **Foi audacia** — samba, de Kid Pepe, Germano Augusto e Fadel. A personalidade de Kid Pepe já tem sido objecto de bastante discussões. Nada, ou quasi nada, do que faz, elle faz sosinho. Sempre apparece como parceiro. Mas tudo que traz o seu nome tem uma marca de incontestavel superioridade. O boxer Soffrivel, que se fez sambista, não se pode lhe negar o titulo de Joe Louis do samba. A produção que lança tem sempre a marca profunda do morro — um trovo de grande, infinita, fundissima tristeza. "Foi audacia" não destoa de sua produção. E' um grito, um lonao grito. Não se pode dizer mais.

ODEON — 11.307 — **Vae-te embora** — samba, de Romualdo Peixoto e F. Mattoso. Toda a critica desse samba cabe numa palavra: impressionante. Canta-a Mario Reis relativamente bem. Orchestração excellente. Gravação regular.

VICTOR — 30.006 — **Orgia** — samba de Waldemar Costa e Waldomiro Braga. Tem algum interesse, principalmente se dermos credito á historia que se conta a respeito delle: ter sido feito por uma cosineira, preta e amorosa, cabendo a dupla acima passal-o para a pauta, com os competentes cortes e accrescimos. **Ponto de interrogação** — marcha, de Murillo Caldas. Parece ser producto dum grande esforço de composição, e talvez por isso nos satisfaça. Ambos são cantadas muito bem por Orlando Silva, uma voz que se eleva dia a dia. Acompanhamentos dos Diabos do Céu — excellentes. Côros de escola de samba, parece — acceitaveis. Poderá ir a mais se não peccasse pela estridencia muito Flôr do Abacate de certas vozes femininas. Orchestração boa. Gravação regular.

VICTOR — 34.015 — **Creança louca** e Si você não quer saber de mim — sambas, de Satyro Mello. Não têm importancia apreciavel. São cantadas por J. B. de Carvalho, uma voz terrivel, com côros pela sua Escola de samba, que parecendo ser o mesmo do disco anteriormente criticado, merece a mesma referencia. Gravação confusa.

M. R.

"MARUPIÁRA"

A leitura d'**O Gororoba** deixa uma profunda impressão de realidade; esse flagrante, no entanto, chega ao leitor através dum exquisito nervosismo verbal, dum estylo grosso e rascante; a prosa do romancista é crespá, atropeladora, sem trato litterario. Tem qualquer cousa de pedra lascada. O sr. Lauro Palhano, que é o autor do livro, fere todavia a attenção do publico sem auxilio de bambinelas, de bandeirolas, de attractivos alheios ao caso que descreve; além disso, pinta o quadro com a tinta real, prescindindo de coloridos berrantes, que forcem a vista do observador; a figura central da paisagem que descreve é sempre o motivo que mais se lhe destaca na tela focada. Sua penna reflecte a natureza como sua memoria reflecte os dialogos, os monologos, as phrases, o linguajar, em summa, de dois milhões de patricias que erram no valle. Possuindo retentiva privilegiada, verdadeira acustica resonante, além duma lente maravilhosa para photographar o que a menina dos seus olhos surprehende mesmo de relance, o sr. Lauro Palhano usa e abusa magistralmente desses predicados. Um recanto ribeirinho em que porventura seja puxada em terra a popa dum gaiola para substituir palhetas ou collocar helices repontalhe da penna com aquelle luxo de côres e aquella pompa de vozes.

Surge agora o **Marupiára** (Feliz na caça ou na pesca, bem succedido, afortunado — Quem sabe onde? Conde Ermano Stradelli — **Nheêgatú** — **Portuguez**), novo livro do sr. Lauro Palhano. Lê-se este volume com a mesma emoção do primeiro, taes os pannejamentos e as claridades. Porque o autor não se limita ás minucias, aos pormenores, aos quadri-nhos. Abre horizontes e mostra os panoramas intin-dos, a terra vasta, a agua immensa, o céu profundo. Entretanto, e apesar das generalisações, as suas grandes descriptivas são as pequenas. E' magistral na illuminura, no azulejo, no grupo isolado. Alguns escriptores já tentaram, sem o successo do autor do **Marupiára**, trazer litterariamente o nordestino da plaga de nascença até o seringal. Naufragaram. Faltou-lhes a propriedade do termo, o sentido nautico, o ambiente potamico. **O Parauára** é um exemplo. Costear o Atlantico, subir o Amazonas, penetrar o Madeira, o Purús, o Juruá, e varar depois a terra, mudando de transporte, requer uma coisinha além do talento: observação directa; e, acima disso ainda: a technica. Ancorar, atracar, pôr a prancha, virar ou solecar um cabo sem a expressão maruja, é tudo quanto ha de mais insipido em litteratura. Por isso é um encanto se escutar o sr. Lauro Palhano reproduzir semelhante algaravia de tombadilho, de convés, de porão, de machina, de caes.

A pintura que o artista faz de Belem, nesse curioso **Marupiára**, é fiel. Todo o movimento material da Guajará, através do porto da cidade, que acorda a se extremunhar e a se espreguiçar, desenhase-lhe, na linda pagina, dentro dos primeiros arreboes e dos primeiros pennachos de fumo. A vida a bordo dos navios que sulcam a rede hydrographica do Equador, desde a baldeação madrugadora até a

mistura do gado com os passageiros de 3.^a classe, vale por um primor. O caso do Bom Logar, com o capitão Hoefner, a respeito do qual, de parte a maledicencia, já falára Euclydes da Cunha n' **A Margem da Historia**, não tem o encanto do da Bocca do Acre, com o seu respectivo proprietario, Barão, titular dos tres II, Lexandre Liveira Lima, episodio também contado por quanto bicho careta escreveu sobre o Purús. A terra, as figuras, o ambiente, tudo emfim circumscripto ás portas do rio maravilhoso, da fabulosa arteria que foi o Acre, fonte vegetal desse Pactolo do Novo Mundo, vem referido com precisão no **Marupiára**. Os contrastes imprevistos dos dialogos entre pessoas que ahi moram e forasteiros que lá chegam do montante e do juzante, em lancha, em batelões, chatas e gaiolas, ganham relêvo especial na prosa do sr. Lauro Palhano. Dir-se-ia que a civilização em marcha, num recanto sombrio da terra, que é a Bocca do Acre, troca idéas com a civilização parada, disso tirando lampejos philosophicos, humoristicos.

Chega-se, depois desta escala, á installação do **brabo** no **centro**, percorridas todas as etapas da angustia derivada simplesmente da adaptação do sertanejo ao solo enxuto, para as zonas empapadas da Amazonia. Verdadeiro rito de iniciandos no templo verde da matta, a adventicio vence por fim a solidão e integra-se, benzendo-se e rezando o creio em Deus padre, no seio da natureza. As affirmativas dessa conquista são as remessas da borracha nova, primeira do fabrico, seguro documento do batedor da floresta, que se amansa. O terreiro do barracão do **aviado** coalha-se de pelles (bolões). Surgem as conferencias, as marcas, os pesos, as qualidades, as consignações, os namoros e os forrobodós, as intrigas e as vingancas, signaes evidentes de que o autor do **Marupiára** viu a Amazonia, auscultou-lhe o coração, subiu os seus caudaes, esteve em contacto emfim com a onda humana que flue e reflue na planicie. Do livro bom mas estabonado que é **O Gororoba**, fiel, porém **meio gira**, estropiando continuamente os vocabulos, não pela bocca das personagens, o que seria natural, sim pela bocca do proprio autor, o que é estranhavel — chega-se a este optimo **Marupiára**.

Illuminado, reproduzindo caprichosa e proibidosamente o scenario amazonico, sobretudo até o instante em que Ponciano foi levado pelo indio, o novo romance do autor d' **O Gororoba** é um indicio eloquente do drama na floresta. O perfil caricatural de Zé de Pontes, a sua burrice philosophica, os seus axiomas aaquejados representam campainhas de ouro naquelle desvão do orbe. A psychologia do **aviado**, rasgada no sombrio destino de arrebanhar gente para o córte da serinaa, equivale também a uma agua-forte. Percebe-se ainda neste segundo romance, a evolução do sr. Lauro Palhano, quer na fórma, menos descuidada, quer no fundo litterario. A phrase rebolona, a blague metallurgica, o ditério de officina levaram a breca. Melhor do que isso talvez: afastou-se do cisco, do sujo, do residuo, sempre intoleravel no romance, sobretudo no chamado

romance operario, no qual os carpinteiros de almas não podem recortar a silhueta dum homem de trabalho sem obrigar o leitor a levar o lenço ao nariz.

Um dos processos que divorciam o grande publico, principalmente o catholico, de determinados escriptores de obras proletarias, é o refrão solto, cru, tresandando. **Corumbas** é um exemplo do contrario. Amando Fontes fez esse livro quasi casto atravessando fabricas, quarteis, cloacas. Se ao criterio dos novellistas sociaes parece que o operario deixa de ser operario sem um termo bem fedorento e canalha na rabadilha, é porque falta a esse publicista o nobre espirito de educador, a nota reformatriz de costumes, a qualidade primacial do doutrinante, o sentido em summa da perfectibilidade. Uma das razões que levam o leitor a estimar logo **O Gororoba** é, apesar dos pesares, a ausencia da linguagem desbragada, tão do gosto daquelles que se inculcam mestres na materia. O romancista não pode deixar de ser um professor, melhor, um moralista. Escreve para ensinar, para conduzir o publico a melhores caminhos. Construir pois deve ser o seu objectivo. Se elle é, no emtanto, o primeiro a alardear predicaos dissolventes, costumes aberrantes do bom senso, seu trabalho será perdido, sua função negativa, sua escala fracassada.

O realismo de Zola e o socialismo impenitente dos escriptores nórdicos, mesmo dos pamphletarios vermelhos, que escrevem com sangue, jamais chegaram a esse requinte despejado de alguns letrados patricios. Tolstoi, mystico, quasi messianico, tremendo porém na argumentação libertadora, só tazia a sua barricada e só officiava sobre ella na mais linda prosa de evangelista, na qual a esthetica era toda repregada a cravos e rosas. O sr. Lauro Palhano percebeu isto sem duvida depois da publicação d' **O Gororoba**, porque monda agora, corta, poda, apara os chifres de Belzebuth toda a vez que o tinhoso tenta, insinuando-se manhosamente, besuntar-lhe o verbo de graxa e fezes nas paginas do **Marupiára**, que é, sem favor, um bello, excellente, magnifico romance de costumes.

Raymundo Moraes.

Odette Barcellos — **Vagabundos !?** — Rio.

E' um romance-filme, segundo definição da propria autora. A sra. Odette Barcellos quiz transportar a essa narração os processos syntheticos da arte que hoje fascina maior numero de admiradores. Talvez os seus impulsos de revolta sejam discutíveis em face de uma sociologia severa. Certo, porém, é que uma nota de humanidade vehemente se lhe vae infiltrando pelos retalhos de vida. Nada sabemos da escriptora, ignorando-lhe a procedencia, a idade e os habitos litterarios. Mas seu livro é dos que se percorrem com sympathia, mesmo recusando apoio a certas illações sentimentaes que o conhecimento directo do mundo nos faz receber com certo scepticismo.

Pio Ottoni Jr. — **Herões** — São Paulo.

De uma familia que tem dado ao Brasil illustres poetas e pensadores, o sr. Pio Ottoni Jr. envia-nos de São Paulo um livro de contos destinado principalmente ás creanças. Indo nas pégadas de Edmundo De Amicis e outros pedagogos que sabem adoçar em sentimento o util conceito moralista, o autor de **Herões** multiplica-se, numa seductora fórma novellesca, em bellos exemplos de virtude christã. Os assumptos não primarão pela novidade, pelo ineditismo, e nem teria sido intenção do escriptor impressionar ninguem pela originalidade aberrante. Mas a linguagem é facil e movimentada, revelando pendor congenito para isso de urdir periodos agradaveis em que os leitores miudos contrabalancem as violentas emoções do esporte ou do cinema.

Luiz Delfino — **A Angustia do Infinito** — Pongetti — Rio.

O sr. Thomaz Delfino, figura destacada na politica e na pedagogia do Districto Federal, continua a desobrigar-se do encargo de reunir em volume os sonetos e poemas de seu pae, o glorioso Luiz Delfino. O volume que vem de surgir, a **Angustia do Infinito**, reúne de preferencia as produções em que o senador catharinense da primeira Constituinte republicana dava largas aos seus enthusiasmos de democrata, rejubilando com o esphacelamento do throno e reportando-se, em estrophes enternecidas, ao martyrio de Tiradentes, germen de todas as nossas luctas anti-monarchicas. Talvez alguns desses versos civicos hajam diminuido de interesse na parte essencialmente politica, mas a verdade é que em quasi todos elles encontramos aquella mesma orquestração de palavras, aquella mesma opulencia de metaphoras que tornaram Luiz Delfino uma das supremas forças do nosso lyrismo parnasiano.

O. W. — **Minha cama não foi de rosas** — Civilização Brasileira — Rio.

Em excellente traducção do sr. Manoel Bandeira, acrescenta a Civilização Brasileira mais um numero sensacional á Bibliotheca da Mulher Moderna. Trata-se de uma narração de relativa crueza realista, em que repontam scenas nem sempre descriptas com a brandura propria de Ardel ou Chantepleure. Esse enigmatico. O. W., tão bem interpretado por um dos melhores poetas vivos do Brasil, propõe-se a mostrar o lado horrendo de uma civilização em que tantos enxergam apenas mananciaes de prazeres. Livros desses, feitas as naturaes reservas em relação aos leitores de sensibilidade mais vulneravel, valem por um util correctivo a quantos se prodigalizam em louvores demasiados ás Babeis mercenarias do nosso tempo. Romance de boa trama e cheio de situações de uma veracidade golpeante.

Attendendo ás necessidades do Comercio a
CAIXA ECONOMICA
mantem um serviço completo de supprimento de sellos adhesivos e mercantis, na sua Matriz, nas Agencias e filiaes

"Fronteira"

De Cornelio Penna

*Il n'a rien vécu en dehors de lui même,
et tout le drame de sa vie fut dans sa pensée.*

LOU SALOME'.

Um livro fóra do commum, é a primeira coisa que se tem a dizer de **Fronteira**. Fóra do commum em nossa litteratura toda occupada com problemas psicologicos e sociaes, mas fóra do commum também dentre o acervo litterario moderno.

Grande pelo plano de visão, e extranho em sua expressão é este livro, pura manifestação da arte como "flecha indicadora para o sonho".

De facto, **Fronteira** seduz a principio o appetite facil com a isca de "romance", mas pouco a pouco a realidade vae cahindo para um lado como accessorio inutil, o senso da possibilidade logica perde sua razão de ser e, subindo fóra do espaço e além do tempo, coisas se transformam em symbolos. Não se processa um disfarce da realidade: é a propria realidade intima, substancial que se deprehe de da simples objectividade que cáe sob o dominio dos sentidos. Nada vale pelo que aparenta, mas por aquillo que é.

Os crimes, que a principio pesam com a fixidez da acção materialmente registrada, a atmospha de remorso em que mergulha a historia, libertam-se dos personagens que lhes déram corpo, e pairam dolorosos o peccado do espirito e a saudade da perfeição.

Maria Santa angustiada em busca da sua finalidade é o problema vivo do destino do homem. Tia Emiliana, traçando-lhe o caminho e forçando sua missão, não será a vontade rigida que em nós mesmos cria um objectivo e para elle disciplina nossas possibilidades dispersas?...

Parece-me que todos esses personagens são desdobramentos de uma só personalidade: cada um não pretende representar um sêr humano diverso, um typo em separado, mas são correntes e contra-correntes da alma do Homem.

O Homem e sua plena realização, este é o drama de **Fronteira**. Não a realização moral ou social, mas a essencia substancial do Homem attingido á plenitude pela integração no destino para o qual foi creado.

O heróe — que nem nome tem — vive em função do seu problema. A luta em sua alma é tão intensa, o mundo em que se debate tão vivido, que se opera uma troca de valores: as creaturas humanas que o cercam, as scenas que entre ellas se desenrolam, a propria paizagem que o rodeia, tomam um character irreal, fantasmagorico, não pela sua peculiar extraneza mas por alheias ao centro da vida. O jorro de luz, todo projectado sobre o abysmo, torna absurdos

os gestos e desconnexas as sombras que se debruçam sobre os bordos.

A comprehensão deste ponto é indispensavel ao entendimento da obra desconcertante, e é admiravel a expressão artistica deste deslocamento de valores, feito subtilmente, sem que o leitor perceba desde quando mudou o terreno debaixo de seus pés.

O Homem debate-se com seu problema, perdido no panico dos tempos primitivos.

Mas si o terror é o dos primeiros tempos, o Homem já não está na medida de supportal-o: um obscuro emmaranhado de ideias, habitos, defesas, envolve-o numa rêde que lhe tolhe o impulso. Isolado dentro de uma carapaça de elementos superpostos sem assimilação, perdeu a frescura original para tornar-se prisioneiro do proprio.

A propria Natureza, é para elle um enigma: as montanhas sombrias, os rios hostis, — cujo mysterio o homem primitivo resolvia emprestando-lhes personalidade propria ou situando-os como habitação de um Deus — são mundos indecifráveis e ameaçadores.

O homem quer desembaraçar-se dos liames: que entre a sua alma e seu abraço não se interponham mais a razão nem a duvida. E a cada convulsão, mais se enrola a rêde fria. Só o milagre pôde fazer jorrar o que ha em sua alma, de ardente e suffocado. O milagre, para que brote a semente viva que elle traz em si.

Que planta nascerá, soberba, da semente prodigiosa? A Fé? O Amor? A Ordem universal?

...O milagre se dá por intermedio de Maria Santa, a creatura inquieta que encontrára a paz pela acceitação e morrerá na dadiva total de si mesma.

— A' pedra lançada no poço profundo succede um longo silencio; o éco responderá, quando o tempo fôr chegado.

RUTH PACHECO.

OBRAS DE MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(Novas edições uniformes, em papel vergé)

TRILOGIA DE AMOROSAS

I DORA (ou o desejo de amar)	7\$000
II MARGARA (a que o amor salvou)	8\$000
III NAIR (a que o amor perdeu)	8\$000

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

R. SENADOR DANTAS, 40 - 5º and.

Rio de Janeiro

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — Joaquim Silva — (5º anno gymnasial)	8\$000
CORRESPONDENCIA COMMERCIAL FRANCEZA — Henri de Lantail	8\$000
O NOSSO IDIOMA — Paulo de Freitas — (1ª parte, Morfologia)	8\$000
CHIMICA — Oscar Bergstrom Lourenço — (3º anno gymnasial)	7\$000
ENGLISH INTUITIVE METHOD — Nuno Smith de Vasconcellos — (2º grade)	6\$000

* *

Todos estes volumes são cartonados. Pertencem á "Bibliotheca Pedagogica Brasileira", série II: "LIVROS DIDACTICOS".

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE FEVEREIRO

Humberto de Campos — Notas de Um Diarista (2ª série)	8\$000
Humberto de Campos — Critica (4ª série)	6\$000

NOVIDADES DE JANEIRO

José Geraldo Vieira — Territorio Humano — romance	12\$000
Bernardino de Souza — Heroínas Bahianas	6\$000
Sylvio Romero — Machado de Assis — 2.ª edição	12\$000
Humberto de Campos — Memórias — 9.ª edição	10\$000

NOVIDADES DE DEZEMBRO

Humberto de Campos — Um Sonho de Pobre (chronicas) — edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Reminiscencias (chronicas) — edição de 10.000 exemplares	6\$000
Humberto de Campos — Memórias Inacabadas — 2.ª edição (attinge 24.000 exemplares)	6\$000
Humberto de Campos — Anthologia da Academia Brasileira de Lettras — 2.ª edição	8\$000
Humberto de Campos — O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira — 2.ª edição	8\$000
Humberto de Campos — Poesias Completas — 3.ª edição	20\$000
Isadora Duncam — Minha Vida (Tradução de Gastão Cruls)	20\$000
Eloy Pontes — A Vida Inquieta de Raul Pompeia (illustrado)	12\$000
Agrippino Gríeco — Gente Nova do Brasil	6\$000
Plinio Salgado — Cartas aos Camisas Verdes	6\$000

NOVIDADES

Maximo Gorki

OS VAGABUNDOS —	
Collecção "SIP"	2\$000

José de Alencar

O SERTANEJO — Col-	
lecção "SIP"	2\$000

Alexandre Dumas

A TULIPA NEGRA —	
Collecção "SIP"	2\$000

Jean des Vignes Rouges

A EDUCAÇÃO DA	
VONTADE — Col-	
lecção "Obras Educa-	
tivas"	5\$000

Carmem D'Avila

BÓAS MANEIRAS —	
(2ª edição)	10\$000

Publicações da Academia

DISCURSOS ACADEMICOS -	
4ª série (1919)	12\$000

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de reembolso. Peça instrucções. Envia-se catalogo gratis.

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a Saul Borges Carneiro e A. J. de Casti(ho))

Karlsbad, 26 — IX — 1933.

Meu caro Saul.

Desejo que a sua saúde vá bem e que a respeitável careca esteja cabelluda como a do Carlos Gomes, ou de Massenet.

Tenho-lhe enviado alguns números de *Neue-Tage-Buch*. Espero que tenham lá chegado. Por elles, mesmo tirando o que ha de ressentimento e propaganda animadversa por parte dos judeus, poderá V. ver quanto soffre essa raça na Allemanha. Fala-se lá muito em raça aryana, expressão, como V. sabe, perfeitamente absurda. Ha poucas semanas alguns judeus arrendaram na Prussia Oriental um campo cortado por um rio e tambem por florestas e bosques. Pretendiam entregar-se ali ao esporte de pesca e da caça nas épocas proprias. Pois as autoridades... arianas fizeram cassar o contracto, declarando que judeus não tinham direito de caçar nem de pescar na Allemanha. Existe em toda a Allemanha uma grande sociedade que se chama Liga de Protecção contra Ataques Aereos. Os socios pagam mensalidade e ficam com o direito a terem suas casas protegidas em caso de ataque de aeroplanos inimigos. Pois os judeus não podem fazer parte da Liga, de sorte que os inimigos podem á vontade bombardear-lhes as residencias, indefesas. E é tudo assim, meu velho! E Einstein está refugiado em Londres, por não ficar tranquillo na propria Belgica, paiz em que não existe a pena de morte. Os racistas de Hitler, puzeram a premio (f 1.000) a cabeça do sabio judeu. Na Inglaterra elle está garantido, pois, lá a força funciona admiravelmente, e o *Times* num topico, avisou aos allemães de que, se elles fizessem na Inglaterra qualquer violencia a Einstein, isso poderia ter consequencias muito serias para a Allemanha. E V. sabe que um jornal como o *Times* não ameaçaria : tãa... De sorte que lá na Inglaterra, o illustre mathematico está garantido. Ha poucos dias um dos chefes do ensino, falando a uma assembléa de 6.000 professores primarios, declarou pedantescamente que os allemães vinham das florestas e queriam regressar ás florestas! V. não imagina que onda de pedantismo pseudo-cientifico submerge actualmente a Allemanha. Qualquer pobre e miseravel varredor de rua vive a discutir arianismo. Elle não sabe bem o que é isso, mas pouco importa. O essencial é poder encher as bochechas com arysche aqui e arysche ali.

Esse Papa Pio XI, que é um Judas assentado na cadeira de Pedro, fez uma concordata com Hitler, cujo governo é profundamente pagão, pois colloca o Estado acima de toda e qualquer egreja. O alto clero allemão, seguindo as pegadas de Sua Santidade Judas I, avacalhase por completo perante Hitler a sua

sanguisedenta pandilha. Veja V. o que é esse pápá Iskariotes. Condemnou a Action Française, porque a achava pagã, visto divinizar o Estado. Fez isto para contentar Briand e recuperar alguns velhos edificios religiosos que o Governo Francez confiscára em 1905. Agora applaude Hitler, von Papen, Goering e toda a caterva nazi que pratica as mesmas doutrinas que Roma condemnou em França! Judas, Judas repimpado na cadeira de Pedro!

Felizmente estes allemães, que são admiraveis para trabalhos de pesquisas e trabalhos technicos, são umas zebras quando se trata de politica internacional. O que salva o mundo da escravidão prussiana é a estupidez dos proprios prussianos em questões de politica estrangeira. A Allemanha não possui actualmente um só amigo em toda a terra. Vive adulando a Italia. Mussoline serve-se da Italia como gato morto quando isto lhe convem, mas no fundo não é idiota para querer uma Allemanha realmente forte. Seria um perigo immenso para a Italia como para toda a gente. A Inglaterra, durante algum tempo, andou até descontentando os francezes por estar muitissimo camarada da Allemanha, na illusão de que os allemães fossem gente de contentar-se com menos do que o senhorio de toda a terra et ultra! Mas agora, depois de Hitler e desse racismo estúpido dos hitlerianos, os inglezes mudaram inteiramente de rumo, querem uma França militarmente forte e não querem saber de Hitler e sua gente para nada. Até

a Suissa já está indignada com o governo racista porque falla em annexar a Suissa allemã á Grande Allemanha do futuro. Ha poucos dias, a *Zurcher Zeitung* terminava um artigo dizendo: "Si os allemães acham que nós devemos ser allemães só porque fallamos allemão, nesse caso abandonaremos a lingua allemã e adoptaremos outra!" Coisa aliás facilima de fazer, porque todo suíço falla tres linguas. A Hollanda, povoada por um povo germanico, detesta os allemães por consideral-os ameaçadores para a sua independencia. A qualquer momento arrebenta na Europa um conflicto armado devido ás pretensões allemãs sobre a Austria, querendo annexar esta, que resiste. Tal é a politica allemã do momento: uma serie de gaffes, quasi diarias, provocações á Austria, á França, á Polonia e até á Suissa e á Hollanda. Creio que na proxima guerra entrarão tambem a Suissa e a Hollanda contra os allemães.

Diga ao Gilberto Freyre que recebi a carta delle. Mais provavelmente responderei de Berlim, para onde devo seguir com a ajuda de Deus daqui a 4 dias. Abrace por mim ao Gilberto Amado. Lembranças ao Gastão, ao Ramos e ao Grieco. Estou muito abatido pelo uso das aguas e dos banhos de lama. Quando me escrever, não se esqueça de mandar-me o endereço do Fiuza.

Abraços do seu grato **Torres.**

Berlim 6 — 12 — 1933 (1).

O Tannembaum! O Tannembaum! Wie grun sin deine Blatter! Canta-se isto agora por toda a parte. E' a época. E cáe neve pra burro! Feliz Natal e Anno Novo. Abraços do seu velho

Torres.

Hamburgo, 27-5-1934

Meu caro Saul,

Ha quantos mezes não me dá V. o prazer de ler algumas regras escriptas pela sua penna de pato, a mais veneravel que existe ahi nesses Brasis de Laudelino Freyre, Aloysio de Castro et reliqua? E o Sr. Barão d'Ascurra? Porque emmudeceu? Será possivel que os seus noventa e dois annos já lhe tenham tornado as mãos tão tremulas que estas já não sejam capazes de pegar de uma penna?

Li no Ariel que morreu o nosso velho João Ribello. Grande perda na verdade. E lá se foi tambem o grande poeta Augusto de Lima! A que fica reduzida essa chafarica chamada Academia? A nada.

Um pedido de alguma urgencia: poderá V. enviar-me quanto antes um volumezinho de Affonso Celso Junior, que tem nome *O Assassinato do Coronel Gentil de Castro*? O que eu possuia extraviou-se na minha mudança de Berlim para aqui. Além disso estava já bastante estragado. A Livraria Alves ha poucos annos ti-

(1) Bilhete Postal.

leiam ESTRANGEIROS

O novo Livro
de

Agrippino Grieco

em edição de

ARIEL Editora

nha uma porção delles. Foi lá que eu comprei o meu. Veja si me desencava um delles chez Alves, ou nalgum sêbo. Faltam-me também os numeros 2, 4 e 5 do Ariel. Peça ao Gastão que me mande esses, porque eu mando encadernar a revista cada fim de anno. Abraços ao Ramos, ao Gastão, ao Grieco e ao Gilberto.

Do velho

Torres

R. M. S. P. "Deseado"

27 de Novembro de 1920.

Meu caro Castilho,

Ahi te envio, juntamente com o prefacio das *Pasquinadas*, muitos abraços e recommendações á sua Exma. Família.

Tencionava parar em Lisboa, para onde tomei passagem. Creio, porém, que vou desistir de tão arriscada empresa. A pouquissima convivência que tenho tido com alguns gallegos que viajam a bordo affirma e faz firmar-se mais uma vez a minha, ou antes, a nossa incompatibilidade nacional com semelhante sub-raça. São de uma pretensão phenomenal. Eu vivo afastado de todos no meu canto, porque sou o unico brasileiro a bordo. A viagem va e proseguindo lentamente. Este navio é um carroção fluctuante. O dia em que mais andamos, fizemos 300 milhas. A media é de 270 a 280 por dia.

Penso em tomar um suplemento de passagem até Liverpool directamente. São apenas 15 libras e mais uns quatro ou cinco dias de viagem, que me libertarão logo do martyrio de ouvir fallar lingua portugueza e ainda mais com o detestavel sotaque portuguez. Ah! Castilho! Que cavallos estes portuguezes! A proposito de tudo fallam na "altivez da raça". Também, pelo que se sabe, não lhes resta mais nada sinão isso...

Ainda não sei como te enviarei esta, porque vamos chegar a Lisboa num dia feriado (1.º de Dezembro) e não sei si poderei obter sellos postaes.

Adeus. Abraços ao Fernão Lopes (2), ao Catullo (3). Meus respeitos a Dona Luiza.

Muitas saudades do teu

Torres.

P. S. Mais uma vez, Castilho amigo. cuidado com a revisão do livro. São Fernão, ora pro nobis (4).

2.º P. S. Dia 30 — Resolvi saltar em Lisboa. Estamos a vista de terra, a 30 milhas. Adeusinho até logo. Torres.

18, Coventry House,

South Place,

London, F. C. 2

Meu caro Castilho,

Com effeito! Já lá se vão dois mezes que sahi do Brasil e até hoje não recebi nem uma carta, nem um jornal de ninguém! A unica pessoa que me mandou um postal foi o Paulo Filho, a quem agradeço. — Em que pé andam as *Pasquinadas*? (5) — Póde mandar os meus livros, bem encaixotados, para este Con-

(2) Fernando Nery (3) Catullo Cearense. (4) Ainda Fernando Nery, que lhe deveria revêr as provas. (5) *PASQUINADAS CARIOCAS*, que ficara no prélo á sua partida para a Europa.

sulado, de onde tomarão o destino conveniente. — Não se esqueça de enviar-me alguns exemplares das *Verdades* e das *Pasquinadas*, caso já estejam promptas. — Peço-lhe o seguinte: enviar ao Severiano de Rezende (*Consulat du Brésil* — 23 Rue Drouot — Paris) um exemplar das *Verdades* e um folheto que contenha os discursos de Dom Silverio e do Carlos de Laet na Academia. Esses folhetos são encontraveis na Livraria Drummond (R. do Ouvidor). — Em que estado andam as minhas contas ahi na livraria? — Parece que já estou completamente esquecido dos amigos, pois que tendo escripto a tantos, não recebi de nenhum delles o menor signal de vida... — Mandei-lhe de Lisboa o prefacio das *Pasquinadas*. Não sei se terá chegado lá. — Mande-me jornaes. Diga ao Godoy que me faça enviar com regularidade a *Gazeta* (6). Do contrario, sendo eu correspondente, como poderei tomar o pulso á opinião da folha? — Meus respeitos a D. Luiza. Lembranças aos amigos que ainda se lembrarem de mim. Não lhes declino os nomes, para significar a esses canalhas o profundo desprezo em que os tenho. Aceite abraços do seu amigo,

Torres.

Institut International

D'Agriculture

Rome

Le Délégué du Brésil (7)

Rome, le 1.º de Abril 1921.

Meu caro Castilho,

Hoje é 1.º de Abril, mas eu não venho mentir. Venho apenas, nestas rapidas linhas, pedir-lhe o favor de enviar (debitando-me) um exemplar das *Historias da Nossa Historia*, de Viriato Correia, ao nosso addido commercial em Roma.

O endereço é o seguinte:

"S. Dr. Dioclecio de Campos

Ambasciata del Brasile

Piazza Nova — Palazzo Doria — Roma"

Trata-se de um amigo meu, illustre patricio nosso, que, estando ha dez annos no estrangeiro, deseja manter sempre o espirito dos filhos em intimo contacto com a Patria.

Sigo para Londres amanhã, querendo Deus.

Abraços do

Antonio Torres.

Londres, 27 de Abril de 1921

Meu caro Castilho,

Respondo á sua prezada do dia 12 de fevereiro ultimo, que recebi em Roma, onde fui passar um mez e tanto, e que me fôra enviada de Londres por um amigo amavel. Recebi também as *Verdades* e as *Pasquinadas*. Estas ultimas estão bem impressas, mas passaram muitos erros typographicos, como, por exemplo, *toucinho hypopotamico* em vez de *toutiço hypopotamico*. Não me consta que hypopotamo dê toucinho, e eu posso fallar sobre o assumpto com a autoridade de quem nasceu em Minas...

(6) *GAZETAS DE NOTICIAS*. (7) O papel de carta era assim timbrado.

Gratas me foram as noticias o respeito da venda dos livros. Qualquer dinheiro que me venha será bemvindo, porque eu aqui só tenho feito vida de estudante pobre. Estudar em Londres é um grande sacrificio, mas eu pretendo leval-o até o fim, porque isso faz parte do meu programma de existencia mental.

Quanto ao romance, nem uma linha escrevi ainda. Por enquanto só tenho cuidado de estudar inglez. Basta dizer que aqui em Londres só fui ao theatro uma unica vez. Os livros são carissimos. Quanto a professores, nem fallemos: estupidos e exploradores. Demais, quando comparo o que sou aqui com o que e serei no Brasil, invade-me um desanimo absoluto e eu penso em ficar eternamente nisto, lendo jornaes, revistas e livros, tomando o meu whisky, fumando o meu charuto, vegetando emfim, porque a verdade é que eu nunca passarei disto e não vale a pena lutar...

Imagine V. que eu tenho iman para os *Mirandas*. Já os encontrei aqui, e que *Mirandas*! *Mirandas britannicos*, *mirandas mordedores*, *mirandas all right*! Ha um sujeito que me espera toda tarde em *Piccadilly Circus*, centro das elegancias londrinas, para me morder num florim ou mesmo em meio shilling. E eu lh'os dou, coitado, porque é um pobre infeliz, e um florim de mais ou de menos nem me atraza nem me adianta o relógio da vida, para fallar no estylo do fallecido Juca Mata-Borrão. Apenas, esse *Miranda* tem o mau gosto de vir discutir o orçamento inglez commigo e de fallar mal do Sr. Lloyd George... O homem é o mesmo por toda a parte.

Caso não lhe seja difficil, manda-me alguns exemplares das *Verdades* e das *Pasquinadas*, ficando o numero a seu arbitrio, mas que seja breve.

Abraços ao Fernando e ao Catullo. O Gastão já foi para o norte ou ainda está ahi? Recebeu V. uma carta que lhe escrevi de Roma? Meus respeitos a D. Luiza e abraços aos pequenos. Aceite lá V. varios abraços do seu patricio grato e melancolico amigo

Antonio Torres.

BIBLIOTHECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO

Acha-se restabelecido, desde 1/2/36, o horario normal da Bibliotheca Central de Educação.

A nova disposição do horario para leituras e consultas em sua sede (Praça Mauá, 7 — 5.º andar — Edificio da A Noite) é a seguinte:

Das 8 ás 22 horas — todos os dias uteis, inclusive os de "ponto facultativo".

Das 8 ás 13 horas — aos sabbados.

Das 8, 30 ás 12, 30 — aos domingos e feriados.

A Divisão de Bibliothecas e Cinema Educativo, participará das vantagens desse amplo horario da B. C. E., em cuja sede funciona.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

- José Geraldo Vieira — **Territorio Humano** — Livraria José Olympio — Rio.
- José Maria Senna — **Acerca da Arte de Escrever para Theatro** — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.
- Hermes da Fonseca Filho — **Dois Grandes Vultos da Republica** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Hildebrando Accioly — **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America** — Cia. Editora.
- Nenê Macaggi — **Contos de Dôr e Sangue** — A. Coelho Branco Editor — Rio.
- Alcides Bezerra — **A Philosophia na Phase Colonial** — Archivo Nacional — Rio.
- Alcides Bezerra — **Sylvio Romero, o Pensador e o Sociologo** — Archivo Nacional — Rio.
- Sylvio Romero — **Machado de Assis** — 2ª edição — Livraria José Olympio — Rio.
- Bernardino de Souza — **Heroínas Bahianas** — Livraria José Olympio — Rio.
- C. Dolivelra — **Trinca e Dois Pares** — A. Coelho Branco Editor — Rio.
- Waldemar Miranda — **A Bouba no Nordeste Brasileiro** — Calvino Filho Editor — Rio.
- Visconde de Porto Seguro — **A Questão da Capital** — Archivo Nacional — Rio.
- Antão de Vasconcellos — **Revelações de Além Tumulo** — Federação Espirita — Rio.
- Primeiro Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil** — Soc. Capistrano de Abreu — Rio.
- Juan José Morosoli — **Los Albaniles de "Los Tapes"** — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo — Buenos Aires.
- Archivos de Medicina Legal e Identificação** — Anno V — Numero 12 — Direcção de Leonidio Ribeiro.
- Fronteiras** — Periodico Mensal — Pernambuco — Anno V Numero 10.
- O Litterario** — Quinzenario litterario — Bom Jardim — Pernambuco — Numero 2.

Evaristo de Moraes — **Carceres e Fogueiras da Inquisição** — Athena Editora — Rio.

O sr. Evaristo de Moraes, que se formou em direito longos annos depois de advogar em nosso fôro na qualidade de simples rabula, soube contar-nos com muita vivacidade e muito pittoresco as aventuras desse seu periodo de trabalho, num livro de reminiscencias que ainda hoje pôde ser percorrido sem sombra de tédio. Uma vez guindado á categoria de bacharel, entrou elle a estudar, de modo preciso, velhos processos do paiz e do estrangeiro, procurando reconstitui-los com a maior imparcialidade possível e fazendo quasi sempre paralelos não superfluos entre os methodos da justiça de antanho e os da justiça actual. Sua monographia sobre o caso Pontes Visgueiro, divulgada com tanto exito pelo Brasil todo, é trabalho de quem lucidamente assimilou a melhor psychologia forense, assenhoreando-se de todos os factores de ordem infinitesimal que influem no espirito dos juizes togados ou dos plebeus que no jury decidem dos destinos alheios. A este genero de reconstrucção de velhos casos desenvolvidos nos dominios da lei reporta-se o volume do sr. Evaristo de Moraes que vem de apparecer, sob o título de **Carceres e Fogueiras da Inquisição**. Figura central do livro é o nosso patricio Antonio José, o "Judeu" liquidado em Lisboa pelos que combatiam a infiltração hebraica naquellas terras. Podemos e devemos discordar de muitas illações do autor quando exaggera na condemnação de um nobre mysticismo que nada tem a vêr com a brutalidade de fanaticos de qualquer especie, mas a verdade é que a sua reconstituição é bem feita, reunindo documentos e episodios nada negligenciáveis.

Estevão Cruz — **Historia Universal da Litteratura** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Muito bem composto, e attendendo perfeitamente á sua finalidade didactica, é esta **Historia Universal da Litteratura** do Prof. Estevão Cruz. O primeiro volume, que vem de ser publicado, prende-se á antiguidade oriental e classica. Uteis noções geraes sobre a arte litteraria occupam as paginas introductorias. Nas seguintes, alongam-se informações das mais proveitosas sobre escriptores chinezes, hindús, egypcios, babilonico-assyrios, phenicios e hebraicos. São esclarecimentos incisivos sempre e com a economia verbal indispensavel a trabalhos pedagogicos. Tudo se destina a ficar na retentiva dos alumnos e uma selecção rigorosa levou o autor a repellar aquillo que não fosse absolutamente indispensavel á elucidação do assumpto. A distincção entre factores biographicos e factores bibliographicos foi conduzida com bastante finura, de modo a não perturbar a boa perspectiva dos themas em jogo. Mas accentue-se que a parte melhor do livro, a mais palpitante de vida, é a que se reporta ás admiraveis litteraturas grega e latina, ainda hoje tão decisivas na formação dos espiritos, máo grado a acidulidade dos que, combatendo os estudos classicos, vêm apenas nelles o ganha-pão dos professores. Vigorosa figura de humanista como o Brasil não possui muitas, o sr. Estevão Cruz é já agora um perfeito especialista em compendios dessa natureza.

"IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV"

Trata-se do órgão official do Instituto Ibero-Americano de Berlim. E' o transumpto, feito com o rigor scientifico tão peculiar aos germanos, de tudo quanto acontece de essencial na intelligencia ibero-americana, em suas relações com a cultura allemã. Dados os impeccaveis methodos de pesquisa e coordenação que tornam os mestres de Berlim e Munich incomparaveis modelos de precisão e ordem, este boletim de propaganda, dirigido pelo professor dr. Otto Quelle, occorre perfeitamente aos seus nobres fins de congraçar dois continentes pelo trabalho pacifico dos cerebros. Sem insistir no que é relatado aqui a proposito das republicas americanas que falam hespanhol, devemos especialmente vêr, e com jubilo, a parte occupada pelo Brasil nesta série de estudos syntheticos. A informação sobre o movimento de idéas teuto-brasileiras é de impressionar pela quantidade e qualidade, sem nenhum pendor parcial de politica, collocando-se o factor "intelligencia" acima dos outros, numa honrosa comprehensão de que um bom livro vale mais que todas as catecheses diplomaticas. E é conhecido o escrupulo com que os homens oriundos da Allemanha têm procurado explicar sempre o Brasil, sua gente e seus costumes, a tantos europeus desattentos em relação a nós outros. Isto desde os Humboldt e os Martius até esse modesto e incansavel Clement Brandenburger, que, mettido num recanto pastoril de Vassouras, informa a gente de além-Rheno de tudo o que o Brasil realiza no fecundo esforço de livreiros e homens de laboratorio.

LEIAM

TRES CAMINHOS

— DE —

MARQUES REBELLO

AUTOR DE

MARAFÁ

Grande Premio de Romance

"MACHADO DE ASSIS"



BOLETIM^{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

VARIA

Como se faz sciencia...

Não cremos que haja, entre os cultores da sociologia, quem não conheça nenhum desses excellentes livrinhos de Célestin Bouglé, nos quaes, a começar pelos preciosos Essais sur le régime des castes, não sabemos o que mais admirar, se o rigor scientifico, a originalidade das idéas, a clareza da exposição, a argumentação vigorosa, a excellencia do methodo, ou, emfim, o tom didactico e de vulgarização com que a auctoridade do autor parece querer eclipsar-se, para deixar o leitor mais á vontade deante das idéas e dos factos.

Pois precisamente essa capacidade pedagogica de vulgarização é que faz o encanto do ultimo livro de Bouglé, Bilan de la sociologie française contemporaine.

E' uma verdadeira verificação de contas, em que o eminente sociologo nos mostra a interdependencia, a affinidade e as contribuições mutuas da sociologia e da psychologia, encarece os serviços que aos sociologos vem prestando a ethnographia com fornecer-lhes, pelo estudo das sociedades primitivas, novos dados para a solução de importantes problemas sociologicos, escriptura o deve-e-haver entre a sociedade de um lado e, de outro lado, a geographia, a estatistica e a historia. Todas essas cousas nol-as expõe o Professor Bouglé á luz dos mais recentes trabalhos dos especialistas, divulgando-os, commentando-lhes e discutindo-lhes as theses, com essa objectividade que distingue a escola durkheimiana, da qual é elle, Bouglé, uma das figuras mais representativas.

A segunda metade do Bilan é consagrada á sociologia juridica e á sociologia economica e nella se encontram a mesma clareza e fidelidade de exposição, a mesma justeza de apreciação dos systemas e theorias.

Fecha o livro uma "Conclusão", em que se lê isto: "Quando o sociologo se applica ao seu objecto proprio, procurando estabelecer e comprehender o que foi ou o que é, a preocupação do que deve ser lhe é mais perigosa do que util... Porisso mesmo que as sciencias sociaes tratam frequentemente de assumptos que apaixonam, que põem em cheque o destino dos grupos humanos, acham-se, por isso mesmo, muitissimo expostas á seducção das theorias tendenciosas. E já é tempo que ellas tomem um banho de objectivismo".

E' uma advertencia, essa, já antes feita e refeita, mas que convém sempre repetir, emquanto houver quem identifique a sociologia com um tratado de therapeutica social ou um manual da felicidade das nações.

Da occidental praia...

Da occidental praia lusitana chega-nos gentilmente ás mãos a Necessidade e sentido de uma universidade colonial. Autor: João de Castro Osorio. E' uma these apresentada no Congresso de Ensino Colonial reunido na cidade do Porto por ocasião da 1.^a Exposição Colonial Portuguesa em 1934.

A universidade colonial é necessaria, diz-nos o apreciado publicista e professor portuguez, como organismo cultural de um espirito imperial e expansionista creado pelos Portuguezes e como instituição disciplinadora da acção colonial. O seu sentido — é ainda o sr. João de Castro Osorio quem nos adverte — deve ser o de um dynamismo creador que realize, que concretize a cultura colonial disciplinada, methodizada e universalizada, constitutiva de um espirito universitario. Nesse sentido e como organismo de um espirito novo, ella tem que distinguir-se da universidade technica, como esta, ao surgir, por sua vez se

distinguiu da universidade classica. Mas, distinguindo-se de uma e de outra pelo seu espirito novo, ella todavia não se lhes deve oppor, nem substituir, antes se lhes deve accrescentar. E isso porque "o verdadeiro progresso da civilização humana deve fazer-se e faz-se por accrescentamentos e não por substituições. E mais adiante o autor pontifica: "Pode e deve haver um accrescentamento. Nunca deve haver uma substituição".

Dir-se-ia o principio de Lavoisier applicado ás sociedades: Nada se perde na sociedade, tudo se transforma... para que haja progresso.

Será assim? Seria, se a forma não fosse aqui tudo e a transformação não implicasse uma substituição. Ora, admittindo a transformação por aproveitamento do que ha de grande e humano nas culturas anteriores e por accrescentamento de novas culturas, não parece o autor laborar numa contradicção? Porque, sem contradicção, ou, para nos servirmos de palavras suas, "sem subterfugios nem habilidades", não se pode partir da necessidade de transformar, de substituir, de revolucionar em summa, para chegar á these conservadora, senão reaccionaria, do imperialismo colonial portuguez, de uma ressurreição dos varões assignalados, como essa a que, para medo nosso, chegou o sr. João de Castro Osorio.

Medo nosso de um Portugal imperialista e expansionista, creador de nações novas, desbravador de novas terras, tal qual o foi a dolicoloura luzitana gente por volta de 1500. Medo, porém, que logo se dissipou, logo cedeu ante esta consideração: que Portugal é bananeira que já deu cacho e que esse expansionismo imperialista, se de facto ainda por lá existe, não passa de um ridiculo bovarismo colectivo; que, nestas condições, o sr. João de Castro Osorio, sustentando semelhante these não é deste planeta, cousa que é bem possivel, quer pugnando-se contra a impureza da raça, quer como exemplo vivo, vicioso, innegavel, brasileiro e feminino dessa mesma impureza...

A luz que se apagou

Se ha uma virtude que nem sempre fica bem nos revolucionarios, antes se confunde, muita vez, com o commodismo, senão com a covardia, é a prudencia. E elles têm, os revolucionarios, até certo ponto, razão em considerar a prudencia uma virtude burgueza. Por outro lado, porém, se uma virtude existe que condiciona o espirito scientifico, é essa mesma prudencia...

Que concluir? que sciencia e revolução se excluem? Absolutamente. Mas se não se excluem, não se confundem tão pouco. E não se confundem, porque a ultima é subjectiva, ao passo que a primeira é, por definição, objectiva, a ultima é orientada pela norma (como devem ser as cousas), ao passo que a primeira visa á constatação da realidade (como as cousas são). Não foram,

assim ao nosso ver, muito felizes Wundt e outros, ao admittirem, na classificação das sciencias, as chamadas "sciencias normativas".

Ora, essa confusão de sciencia e revolução foi recentemente perpetrada por uma pleiade de sabios imprudentes, com a pretensão manifesta de explicarem, á luz do marxismo, todas as sciencias, desde a sociologia o que não surprehende, até á astronomia, o que é inaudito e incrível. E imprudentes elles o foram, pelo menos, porque não previram o sopro formidavel, verdadeira rajada com que, no Mercure de France de 15 de janeiro deste anno, o sr. W. Drabovitch acaba de executar a ordem da razão, da logica e do bom senso: Extinguatur lux!

E era uma vez a luz do marxismo...

V. DE MIRANDA REIS

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany — Ariel Ltda. — Rio.

Se tivessemos alguma duvida quanto aos meritos desta collectanea, bastaria para desfazel-a a carta em que Rodolpho Garcia, nossa maior autoridade em assumpto de linguas indigenas, acha perfeita a bibliographia do volume e declara que nada encontrou a emendar em suas paginas, aprendendo, ao contrario, muita coisa. Palavras destas conferem uma singular preeminencia ao trabalho do sr. Baptista de Castro, destinado á coordenação "dos principaes elementos com que contribuiu a lingua geral para a formação das palavras do portuguez-americano". Antes de se lançar a uma enumeração de vocabulos de tal modo estimavel, demorou-se o autor em pesquisas da mais desinteressada probidade. Nenhum ethnographo ou apenas folk-lorista, nenhum historiador dos nossos selvagens, nenhum viajante dos nossos sertões escapou ás esmiuçantes consultas de um homem que não se inostra jámais acovardado pela corporatura dos longos textos a percorrer. E a verdade é que tarefas destas são bem mais esfalfantes do que se presume. Muitos documentos de linguistica local permanecem por ahi a fóra esparsos ou indevidamente aproveitados. Os jesuitas fizeram muito para colher os detalhes de phonologia dos primeiros moradores do Brasil, mas, infelizmente, nos tempos em que benemeritamente christianizaram a nossa terra, a objectividade scientifica era bem escassa em pesquisas dessas. Dahi relativa imprecisão em muita lei de glottologia elaborada dentro de um criterio ainda rudimentar. Hoje, que tudo se procura fazer através de methodos mais seguros, com a plena sancção da experiencia, evidenciam-se, a par de observações quasi divinatorias, os pontos vulneraveis das affirmações de antigos linguistas. E trabalhos como o do sr. Baptista de Castro só se apoiam em conclusões já agora indiscutíveis. As etymologias que apresenta são decompostas em tom dos mais fidedignos e não ha como deixar de seguir um tal orientador em assumptos que constituem especialização das mais difficeis.

J. Maia — Theses Inauguraes da Faculdade de Medicina — São Paulo.

A todos os especialistas em questões medicas recomendamos este utilissimo catalogo do sr. J. Maia. Num paiz em que tanto se descure da bibliographia scientifica, só poderá prestar bons serviços esta enumeração, feita com o maior rigor tecnico e dentro dos melhores methodos da bibliotheconomia de todas as theses defendidas perante a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre 1919 e 1935. Trabalhadores modestos como o sr. J. Maia, nada cubigosos das louvaminhas da critica, realizam com trabalhos assim muito mais que os falsos litteratos preconizados por egrejolas sem nenhuma importancia.

Livros Escravos e Reedições

Não ha muitos dias, a pedido de Arthur Ramos, cuja collecção na Civilização Brasileira Editora é hoje das melhores coisas do nosso mercado de livros, fui eu a uma velha casa editora, que não é sequer de brasileiros, saber do estado de um dos livros de João do Rio, precisamente daquelle optimo volume sobre *Religiões do Rio*, pesquisa e reportagem das melhores que já foram lidas no Brasil. Arthur Ramos se interessava por uma reedição (annotada por quem é hoje nesses estudos o nosso maior mestre) do livro de João do Rio na sua collecção. Ha publico para elle. Esses estudos interessam muito actualmente, dão a quem doer, deixe isso de lado o jovem proprietario das nossas letras. Esse livro de João do Rio anda exgottado. Existem, é verdade, alguns exemplares naquella casa editora. Mas, de tal maneira escondidos que só após longa procura o cliente encontrará um delles e só após longos entendimentos entre os chefes da casa consegue que lhe digam o preço por que é vendido. A casa não se interessa por uma nova edição do referido livro. No entanto não abre mão delle e, se por acaso, ceder os direitos para uma edição, será com certeza por uma pequena fortuna, se esquecendo de que os comprou por uma miseria. Não terão assim os leitores essa reedição do livro de João do Rio.

Nas condições deste livro estão innumerados outros, alguns delles de primordial importancia para as nossas letras. Livros que ficam esquecidos, que não são lidos pelas novas gerações, porque não se encontram á venda. Mesmo os editores mais adiantados do paiz, aquelles que estão fazendo pelas nossas letras um trabalho sadio e intelligente, encontram, da parte de collegas donos desses direitos, e que por elles não se interessam, as maiores difficuldades.

Uma das nossas casas editoras vem fazendo um bello tra-

balho no sentido de reeditar algumas das nossas obras de maior merecimento. Obras que já se encontravam num semi-esquecimento, devido ao preço fabuloso que haviam alcançado os poucos exemplares restantes das edições anteriores. Eu sou suspeito para falar na obra que vem realizando esta casa, porque nella collaboro. E, demais, não é disto que venho tratar aqui. Quero apenas lembrar que Felix Pacheco constituiu uma excepção rarissima no meio desses editores de que falei atraz. Possue o *Jornal do Commercio* os direitos autoraes do *D. João VI no Brasil*, o celebre volume de Oliveira Lima. Não se interessava, ao que parece, por uma reedição desse livro. Procurado pela Livraria José Olympio Editora que por elle se interessava, não teve duvidas em ceder os direitos de uma edição.

São raros esses casos, eu o sei. Por isso mesmo vale lembrar esse, porque a excepção confirma a regra. A difficuldade com que lutam as nossas casas editoras para reeditar as melhores obras do nosso passado litterario reside exactamente na difficuldade de se conseguir comprar os seus direitos autoraes, que andam em mão de editoras já perto do desaparecimento, que os compraram por sommas ridiculas, que não reeditam esses livros, que não vendem esses direitos autoraes ou quando pretendem vender, procuram cobrar preços inteiramente inacessiveis.

Alguns dos nossos maiores livros estão assim escravos. E não se diga que não ha interesse em torno delles. Ainda ha muito pouco tempo, quando sahiu o volume de Eloy Pontes sobre Pompeia, recebi eu de varias pessoas do interior, encomendas de *O Atheneu*. Não se encontra do livro de Raul Pompeia um unico exemplar em todo o interior do paiz (falo em livrarias). E' claro que o leitor, não vendo esse livro na livraria, se esquece delle, emprega noutro

livro ou em outro objecto o dinheiro com que o compraria. A obra de Aluizio de Azevedo, está, como a de João do Rio, escondida (é o termo) nos depositos mysteriosos da Garnier.

A Livraria José Olympio Editora, a Editora Nacional, a Civilização Brasileira, e algumas outras editoras tem reeditado livros de importancia das nossas letras. Muitos delles já andavam completamente esquecidos, conhecidos sómente de ouvido. Tenho seguido com o maior interesse a carreira dessas reedições entre o publico. E posso afirmar que em geral, salvo raras excepções, tem sido boa, quasi igual á dos livros novos. Alguns delles tem constituido grande successo (*O Selvagem*, de Couto de Magalhães; o *Machado de Assis*, de Sylvio Romero). Outros são de venda segura, mesmo que não seja rapida. Mas o principal é que ficam esses volumes ao alcance dos leitores a qualquer momento, em brochuras bem feitas e a preços accessiveis.

Infelizmente ainda é pequeno o numero de reedições de importancia. A culpa não cabe ao publico, nem aos editores novos do paiz. Cabe aos velhos senhores destes livros escravos que, sem se servirem delles, querem pelos seus direitos verdadeiras fortunas, isso quando não preferem deixar de vender, se desinteressando por completo do publico e dos proprios autores.

Ainda temos escravos no Brasil, comprados por preço bem barato e cuja carta de alforria custa um dinheirão: alguns dos nossos melhores livros...

JORGE AMADO

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance das creanças

De Lisboa

Os Escriitores Exilados

Somos nós todos, os escriptores portuguezes, que eu considero exilados. Anda ha muito commigo a idéa de que os homens de letras vivem exilados em Portugal. Simplesmente, ha mais de doze annos, quando formulei essa idéa, não me tinha apercebido ainda da extensão do facto em que ella se baseava. Referindo-me aos que viviam exilados longe da patria ou dentro della, disse que esse exilio não era, sempre, espiritual, mas, sobretudo, moral, attribuindo-o ao effeito sobre a sensibilidade de circumstancias transitorias. Limitei assim, a uma incompatibilidade moral com o tempo, o phenomeno complexo e permanente da nossa inadaptação ao meio. Vamos a vêr se hoje, com mais segurança de raciocinio, consigo enunciar as razões porque os escriptores portuguezes se sentem exilados na propria terra e têm o desejo e a necessidade de partir.

Em primeiro lugar, todo o portuguez é um exilado na estreita faixa de terreno em que vive, separado da Hespanha pela desconfiança, e por causa dessa separação afastado da Europa, sem outro caminho deante de si que o Atlantico. Quando digo separado da Hespanha, não me refiro á necessaria separação politica, mas ao convivio que deviamos ter com a nossa proxima parente. E', precisamente, de convivio espiritual que nós carecemos. Pequenos no Continente, procurámos além-mar dominios materiaes. Mas, espiritualmente, com toda a sua riqueza de alma, que nos podia dar a India, tão differente de nós, ou que nos póde dar hoje a Africa barbara, apesar da sua reserva de valores humanos? Na America criámos um grande paiz, e delle soubemos fazer um dominio para o nosso espirito. Mas esse paiz acabou por crear um espirito proprio, tendo que reagir, para o affirmar, contra a antiga metropole. E quando falo da reacção do espirito brasileiro contra a nossa influencia, não se julgue que me refiro a ataques nativistas sem profunda razão de ser. Refiro-me a dois factos que caracterizam hoje a mentalidade do Brasil: o descobrimento do proprio paiz e a consciencia de que ha uma fraternidade continental americana.

Para poder viver como nação independente, Portugal teve que se espalhar pelo Mundo. Mas se da sua projecção nos oceanos e nos outros continentes colheu com que justificar e manter a sua existencia, a verdade é que deixou, por isso, de viver moralmente na Europa. E' o paiz inteiro que vive, portanto, exilado.

Bem sei que ter criado o Brasil é uma grande compensação. Por mais que a lingua se differencie, sempre poderemos ser comprehendidos pelos brasileiros. Com maior ou menor difficuldade, sempre um escriptor portuguez poderá attingir, senão o grande publico, os seus confrades do Brasil, junto delles colhendo a sensação de ter no Mundo quem o escute. Mas apesar do desenvolvimento intellectual do Brasil, o contacto com elle não pode substituir o convivio com a Europa.

Nenhuma cultura é producto autonomo dum

povo: nasce da troca de idéas ou de fórmãs de arte e de pensamento entre diversas nações. A propria cultura franceza, que parece tão independente, deve muito á Italia, á Hespanha, á Inglaterra e, mormente, á Allemanha. Ora nós, portuguezes, nada querendo da Hespanha por systema, não tendo contacto algum espiritual com a Inglaterra, e poucas ou nenhuma relações tendo com os outros paizes da Europa, vivemos, hoje, exclusivamente voltados para a França em tudo que se relaciona com o espirito. O nosso mestre Eça de Queiroz, apesar do seu protesto contra o "francismo", foi, intellectualmente, um francez. A cultura germanica dum Antero e dum Oliveira Martins, e o iberismo de ambos, não conseguiram approximar-nos da philosophia allemã ou da litteratura hespanhola. O interesse de Ramalho Ortigão pela Hollanda não podia despertar mais do que simples curiosidade. O exemplo de Garrett, que na Inglaterra colheu o melhor alimento do seu espirito, não podia ter influencia, porque Garrett, servindo-se da cultura ingleza, não nol-a deu a conhecer. Nem nós estudamos outra lingua estrangeira que não seja o francez, só através delle conhecemos o que escrevem, não apenas os russos ou os escandinavos, mas os allemães, os inglezes e os proprios italianos.

E' um bem ou um mal que a nossa vida do espirito dependa tanto de outra nação, e que essa nação seja a França? E' um facto, apenas, que eu aponto, contra indicado como sou para aconselhar uma libertação de que me sinto incapaz. Sim, ninguem póde menos do que eu libertar-se da França. E é por isso que me queixo dos escriptores francezes. Quero, em todo o caso, dizer que reconheço o absurdo de viver em espirito num outro paiz, e num paiz que não corresponde, sentimentalmente sequer, ao nosso interesse. Vem dahi, em parte, a sensação de exilio que todos nós sentimos. Pois não é Paris a nossa capital, e não vivemos longe della e por ella ignorados?

Nem todos, diga-se a verdade, têm este drama. Ha os que, excepcionalmente, puderam adquirir outra cultura, embora com qualquer nação, exceptuando a Hespanha, se dê a mesma falta de reciprocidade de interesse. Ha, tambem, os que se satisfazem com o que a patria lhes póde dar. Mas quantos deixarão de se sentir exilados num paiz em que não se faz critica, em que não ha discussão de idéas, em que os livros ou os artigos não têm repercussão, em que se é lido, no melhor dos casos, por dois ou tres milhares de pessoas, e comprehendido, quando muito, por duas ou tres centenas? Não acabou por se isolar Alexandre Herculano? Não se suicidou Antero de Quental? Não morreu cheio de amargura Oliveira Martins? Não se expatriou Eça de Queiroz, servindo-se duma carreira que permite viver lá fóra? E não foi o seu exemplo seguido por Antonio Feijó, Antonio Patricio e tantos outros? Não se exilaram no Oriente Camillo Pessanha e Wenceslau de Moraes? Não vive no estrangeiro Teixeira Gomes? Não teve que viver no Brasil Carlos Malheiros Dias? Não viveu isolado e

CLIO

E' uma trivialidade insistir na marcada preferencia da nossa época pelos assumptos historicos. E' a evidencia mesma, que não exige demonstrações. Basta parar uns minutos deante de qualquer **vitrine** de livraria. Ao lado dos ultimos romances, originaes ou traduzidos, e dos quasi sempre ingenuos ou hypnoticos ensaios sociologicos e politicos, ha infallivelmente um ou mais volumes de thema historico.

E' outra banalidade sublinhar que as preferencias da maioria dos leitores (e por isto mesmo dos editores e, afinal, dos proprios autores) vão para as biographias. E combinando-se o gosto da ficção com o da realidade, pelo menos com o de uma realidade mais dramatica e empolgante, nada mais natural do que a proliferação já agora assustadora das obras pseudohistoricas, em que a vida de homens notaveis é narrada á maneira de romance.

Assustadora qualifiquei eu essa proliferação, e não apenas pela quantidade, mas tambem, e sobretudo, qualitativamente. O que se vae verificando é um solapar do terreno historico. Além do que faz o cinema, com as suas fantasticas reconstituições á De Mille (fantasticas em todas as accepções boas ou pejorativas do vocabulo) — as biographias romanceadas levam á imaginação e á memoria do immenso publico de espectadores e leitores uma infinidade de minucias falsas, erradas ou duvidosas, e deformam em geral as grandes linhas e as proporções dos episodios e dos panoramas genuinamente historicos. Quanta gente não estará convencida, porque assistiu a **Cruzadas**, que Pedro o Eremita esteve ao lado de Ricardo Coração de Leão? A chronologia rigorosa é tão arida...

Conheço o argumento de defesa: — Mas ao menos esses filmes e essas biographias romanceadas estimulam a curiosidade e obrigam a reler, ou a estudar pela primeira vez, o que ha de estrictamente historico em taes producções.

Oxalá assim seja. Duvido um pouco, ao menos quanto á maioria, que não tem paciencia, nem ás vezes tempo bastante para taes verificações.

quasi ignorado ou esquecido Manuel da Silva Gaio? Não vive assim Jayme de Magalhães Lima? Não acabou por assim viver um escriptor tão identificado com a alma nacional como Affonso Lopes Vieira?

E já não falo das difficuldades da vida material, que obrigam, ás vezes, um escriptor a embarcar na terceira classe dum navio para ir, como emigrante, ganhar o pão na terra estranha. Teve que o fazer, ha mezes, um dos maiores talentos novelisticos que têm apparecido em Portugal: José Rodrigues Miguéis. E quantos têm que viver nas colonias, como esse rarissimo caso de sensibilidade que é Carlos Parreira, longe de tudo que constitue a vida do seu espirito! E quantos têm que trocar a patria por aquella que está do outro lado do Atlantico, e que felizmente podemos adoptar sem deixar de ser, ainda, portugueses!

OSORIO DE OLIVEIRA

Como quer que seja, é de toda utilidade a multiplicação de obras rigorosamente scientificas, em dia com os admiraveis resultados da critica, das pesquisas archeologicas, ethnologicas, paleontologicas, e ricas das informações bibliographicas mais recentes. Pois mesmo entre professores, não ha ainda alguns de bôa fé que suppõem poder discutir invocando o velho Contú ou a grande collecção de Oncken?

Dahi a urgencia de tornar accessiveis os resultados do labor historico ao grande publico em collecções como a de Halphen et Sagnac, — **Peuples et Civilisations** — já quasi concluida (20 volumes); a monumental e erudita **Historia Geral** dirigida por Glotz, que vae seguindo lenta mas admiravel de segurança; — a vasta serie de volumes de valor desigual de **L'Évolution de l'Humanité**, dirigida por Berr, e agora esta collecção **Clio**, que dá titulo á presente nota.

Em proporções menores, mais ao alcance do leitor não especializado, a collecção terá ao todo dez volumes, o ultimo destinado sómente a mappas. Deverá estar concluida até o fim deste anno de 1936, tanto quanto é possivel affirmar o rigor de taes prazos. Em Paris, na propria sede editora (**Le presses Universitaires de France**, Boulevard Saint Michel, 49) a informação que obtive foi essa em Fevereiro deste anno. Estavam já publicados quatro volumes (II, IV, V e VII); esperava-se outro até Paschoa (VIII) e os restantes até Dezembro.

Cada volume, de 500 a 700 paginas, é escripto por um ou mais especialistas, o que garante o valor scientifico da collecção. A bibliographia geral e especial de cada capitulo é copiosa e permite ao leitor orientar-se no sentido que lhe aprouver. Mas o que, a meu vêr, constitue o mérito principal destes volumes é, no fim de cada capitulo, o balanço critico do estado actual das questões.

JONATHAS SERRANO

LEIAM

TRES CAMINHOS

— D E —

MARQUES REBELLO

A U T O R D E

M A R A F A

Grande Premio de Romance

"MACHADO DE ASSIS"

A inquietação de Alexis Carrel

(Chronica scientifica irradiada na "Hora do Brasil")

Em Paris, 1911, certa manhã Tuffier, professor de cirurgia de grande nomeada, annunciou aos seus ouvintes uma surpresa: a palestra de um jovem medico francez, domiciliado nos Estados Unidos onde, nos laboratorios da Rockefeller, fazia prodigios na cultura artificial dos tecidos vivos.

Ouvimos, então, Carrel. Baixo, muito calvo, rosto redondo e placido, falou no tal dia sobre as suas pesquisas. Mais ou menos por esse tempo começou a crear, numa gota de sôro sanguineo, regado diariamente por um pouco de extracto de embrião, tirado de um ovo, um fragmento de coração de frango. E até hoje, já se vão vinte e tres annos, o pequeno pedaço de coração da ave continua a pulsar, debaixo de uma redoma, no laboratorio do sabio. Salvo accidente mecanico ou infecção, continuando os mesmos cuidados de que o rodeiam, o coração não morrerá.

A partir daquela data o nome de Carrel nunca mais sahiu da evidencia. Nada mais esperado, portanto, do que a attenção que todo mundo vae dedicando ao seu livro, publicado no fim do anno passado sobre o **homem, ser que desconhecemos**.

O especialista parou um instante, no meio dos trabalhos de laboratorio, para pensar sobre o futuro humano, indagando se, de facto, a sciencia tem sido o nune tutelar da Especie, como nós outros acreditamos.

Carrel principia procurando demonstrar que a sciencia descendou innumerados problemas do mundo, sem conseguir outro tanto para os segredos importantes que acompanham a existencia humana. Mostra em verdade como a vida moderna desarticula a personalidade.

Mas o livro é contradictorio. Tentando aquella demonstração, a cada passo é contrariado pelas suas proprias citações...

No correr da leitura, vae se vendo que, afinal, o homem não é absolutamente o tal desconhecido, de que fala o titulo do livro. E', sim, um transviado; serviu-se da sciencia para modificar o mundo, esquecendo-se della para modificar-se a si mesmo.

A conclusão do volume, então, não deixa duvidas. Prégando a renovação do homem, elle affirma na ultima pagina que o mundo em que vivemos foi desordenadamente transformado pela sciencia, de modo que a elle já não nos podemos adaptar. Transformações realizadas sem methodo e sem destino. Ninguém se preocupa em saber se as descobertas tentadas seriam uteis ou nocivas ao futuro da Especie. O meio em que vivem os civilizados foi creado sem consideração pelas suas necessidades reaes. Carrel nos convida á revolta contra essa desorientação scientifica, nascida da especialização exaggerada. Então vem a derrocada das premissas contidas nas primeiras paginas.

A sciencia, diz elle, no fim, permite hoje desenvolver todos os valores existentes em nós, em es-

tado potencial. Conhecemos os mecanismos secretos das nossas actividades physiologicas e mentaes. Pela primeira vez na historia do mundo uma civilização começa a declinar conhecendo as causas da sua involução.

E' tempo de reagir. A sciencia é o grande amparo.

Assim Alexis Carrel termina o seu bello volume, demonstrando que o homem é muito menos desconhecido do que diz o titulo do livro. Termina muito menos pessimista do que principia...

ROQUETTE-PINTO

De Manchester

WALT DISNEY

Numa sala da *Central Gallery*, Walt Disney expoz o mez passado alguns desenhos originaes das suas symphonias coloridas. Toda aquella gentinha camarada que vocês conhecem do cinema pendurava-se nas quatro paredes em aquarellas emmolduradas. Mickey, o velho Noé, o cachorro, o pato, o hippopotamo. E o povo foi olhar os quadros com uma alegria bem differente da que sentem os criticos e "connoisseurs" nos dias da Real Academia.

Porque a gloria de Mickey é ter dado uma nova dimensão a este mundinho em que os homens bocejavam enfasiados. Elle veio com um geito de Napoleão e riscou o impossivel dos dicionarios. E a gente viu as arvores falarem pela primeira vez, sem litteratura. Os relógios espreguicando seu cansaço de marcar os minutos do tempo lento. A imaginação dando um chute na logica e furando um tunnel para a poesia.

A gente acceita o mundo de Disney como uma revanche da loucura, numa época de homens positivos que lêem Karl Marx ou jogam na bolsa...

THEODEMIRO TOSTES

Leonidas de Loyola — **Album de Figuras** — Curityba.

Trata-se do autor de alguns compendios de historia do Brasil adoptados com exito nas escolas paranaenses. Nós mesmos já tivemos ensejo de accentuar que esse patricio, tão modesto quanto dedicado ás boas lides pedagogicas, sabe perscrutar a psychologia infantil e offerecer, aos leitores minusculos, trabalhos que lhes dêem real prazer. Proseguindo em sua tarefa, vemol-o agora apresentar este **Album de Figuras**, onde explora, com sagacidade e gosto discreto, lances pittorescos da vida dos bichos, adaptando-os, não sem ligeira malicia aos costumes humanos. Conhecendo ás direitas o nosso folklore e sabendo aproveitar-lhe as sugestões no sentido apolo-gal, o sr. Leonidas não vae sem desentranhar, aqui e ali, um ensinamento civico dos episodios em que mescla tão agradavelmente os moradores quadrupedes das selvas e os moradores bipedes das cidades.

PSYCHOLOGIA DA LINGUAGEM

Novo methodo de analyse da Linguagem —

Candido Jucá (filho), Rio de Janeiro, 1936.

O professor Candido Jucá (filho) que, em 1933, nos deu o interessante livro **O factor psychologico na evolução syntatica**, agora, de certa fôrma, o completa com o **Novo methodo de analyse da linguagem**, baseado na psychologia da linguagem.

Dizer que o autor firma o seu lugar, definitivamente, entre os nossos philologos, não é favor, que o faz de maneira brilhante e original.

O aspecto psychologico da philologia, campo novo a lavar, ainda não tinha encontrado explorador entre nós. Exceptuadas algumas notas esparsas de João Ribeiro, sobretudo na **Lingua nacional**, ignora quem mais possa ser apontado como precursor do Sr. Candido Jucá.

Ultimamente se vem desenvolvendo aqui o estudo da lexicographia. Basta notar o erudito **Diccionario Etymologico da Lingua Portuguesa**, de Antenor Nascentes, as contribuições apreciaveis de Jacques Raymundo e Renato Mendonça quanto a africanismos incorporados ao idioma nacional.

O Sr. Candido Jucá encontra-se, pois, no ramo da philologia que houve por bem escolher para desbravar.

Essa tendencia dos estudos philologicos, com ser a mais recente, não é comtudo nova na Europa. Ali data de uns tres decennios, comquanto já em 1855 Steinthal prendesse á psychologia, e não á logica, a theoria da linguagem. A obra fundamental de Bally (**Traité de Stylistique**) é de 1908.

Muito ha que se esperar da influencia da psychologia sobre a philologia e sobre a grammatica.

Até quasi nossos dias sómente a logica formal influiu sobre a grammatica. A analyse de um trecho vivo, palpitante, da linguagem consistia em torturar-o para mettel-o dentro de certas categorias abstractas do pensamento racional.

Agora, sob os influxos da psychologia, a grammatica descobriu os aspectos affectivos da linguagem.

O pensamento, tal qual se expressa num trecho qualquer, não é puramente racional, tambem offerece matizes sentimentaes, que se insinuam e até, ás vezes, lhe quebram a estrutura logica. Assim o trecho póde offerecer materia para uma analyse, que não seja pura e simplesmente racional, mas que apresente incrustações affectivas.

Esse é o sentido profundo que o nosso autor empresta, parece-me, á analyse psychologica.

A linguagem não se apresenta somente como um tecido crystalizado de **morphoses** (elementos originarios) mas sobretudo de **semioses** (elementos significativos hodiernos).

O douto póde sentir o significado das **morphoses**, mas o leitor desprevenido só percebe a **semiose**. Ali impera a grammatica historica, aqui a meramente descriptiva.

Creio que a analyse do ponto de vista psychologico, como propõe o Snr. Candido Jucá, virá revelar aspectos novos do idioma nacional, da lingua brasileira, do portuguez falado na America... que tudo vem dar no mesmo.

Se a nossa sensibilidade é diferente da dos portuguezes, de certo se manifestará na linguagem a diversidade.

A differença revelar-se-á na maneira de estruturar a phrase, e essa nova estrutura se reflectirá em um novo rythmo.

Assim se irá afastando o codialecto brasileiro do codialecto portuguez. Subordinar aquelle a este, por uma supposta questão de purismo, torna-se um verdadeiro absurdo.

Sentimos a lingua differentemente. A nossa independencia politica trará a independencia idiomatica, como aconteceu ao portuguez relativamente ao gallego.

Com o **Novo methodo de analyse da linguagem** estamos afastadissimos das futilidades **do que é correcto** ou **do que se não deve dizer**, que tanto preoc-



cupavam os caturras grammaticaes, d'aquem e d'além mar.

Muitos dos suppostos erros passam a ser explicados psychologicamente. Assim tambem muitas figuras, muito hiperbaton, deixam de ter sido queridas para se apresentarem como manifestações instinctivas, que vêm ao bico da penna impellidos pelo subconsciente.

Independentemente dos philologos-psychologos, o velho Freud mostrou que os lapsos de linguagem têm factores psychicos aquem da franja da consciencia. Essa contribuição é valiosa, mas é apenas caso particular de lei geral.

A grande novidade nesse assumpto é o apparecimento do subconsciente na explicação dos factos da linguagem.

A linguistica e a philologia deixaram de ser puramente historicas. A' preocupação de profundidade no passado sommaram a de profundidade no proprio individuo.

Ninguém melhor do que Henri Delacroix estudou as relações da linguagem com as diversas modalidades do pensamento. Seu livro **Le Langage et la Pensée** (Paris, 1924), é, hoje, o tratado classico do assumpto, e aproveita a bibliographia das principaes linguas cultas.

Os nossos autores precisam tomar intimo conhecimento com esse autor, que é um magnifico synthetizador.

Em Portugal, o Snr. Paiva Boléo (1), com grande competencia e erudição, sobretudo germanica, está vulgarizando essa nova corrente psychologica da philologia.

Elle e Candido Jucá são os pioneiros dessas interessantes investigações na area da lingua portugueza, muito embora um não tenha conhecimento dos trabalhos do outro.

ALCIDES BEZERRA.

(1) Vêr a sua esplendida monographia **Lingua falada, Logica e Classicos** — Coimbra, Bibliotheca da Universidade — 1935.

Diderot — **O Sobrinho de Rameau** — Athena Editora. — Rio.

Se algum homem agitou todos os problemas do seu seculo, mesclando-se a todas as campanhas renovadoras, participando de todas as paixões politicas ou litterarias, esse homem foi Denis Diderot, que Carlyle collocava, pela rica versatilidade, pelo desinteressado fremito humano, muito acima de Voltaire. Tão vivo era o impulso desse francez em dar-se ao tumulto da hora que passava, de lançar o commentario de tudo, de redigir a critica circumstancial por que seus patrios ansiavam, que se esqueceu de reunir em volume muitas das deliciosas paginas em que discorria sobre os pintores do tempo ou se utilizava da ficção para dizer brincando as coisas mais severas aos governantes da época. Este seu **Sobrinho de Rameau**, que a Athena Editora vem de abasileirar em escoreita traducção do sr. Victor de Azevedo e num lindo volume que será motivo de ufania para muita collecção de bibliophilo, é um desses jogos esfusiantes de idéas onde os conceitos originaes saltitam na mais estonteante virtuosidade de palavras. Explica-se o entusiasmo de Goethe por esta deliciosa série de dialogos em que a fantasia se põe sempre a serviço da clara e directa utilidade social.

Premio Humberto de Campos

Com a intenção de honrar a memoria de Humberto de Campos, e de incentivar a producção de contos, a Livraria José Olympio, desta capital, acaba de instituir o **Premio Humberto de Campos** para um livro de contos inéditos.

O **Premio Humberto de Campos** será annual, a começar de 1936, terá o valor de tres contos de réis, ficando a Livraria José Olympio com o direito de publicar uma edição de dois mil exemplares do livro premiado, edição que será vendida ao preço de 5\$000 o exemplar. Caso tire edição maior, a Editora pagará o excesso de dois mil na proporção de dez por cento sobre o preço de cada exemplar. Caso custe o volume mais de 5\$000 a Editora pagará sobre o augmento mais dez por cento.

As inscrições para o Premio Humberto de Campos abrem-se no dia primeiro de janeiro de cada anno e fecham-se a 30 de junho. O julgamento será feito a 30 de setembro.

Os candidatos devem enviar uma copia dos originaes dactylographados a dois espaços, assignados com pseudonymo, devendo vir em envelope fechado o pseudonymo e o nome do autor. Os originaes devem contar no maximo vinte contos, e no minimo cinco. Os contos serão rigorosamente inéditos.

A commissão julgadora é composta dos seguintes escriptores: Prudente de Moraes Netto, Peregrino Junior, Jorge Amado, Marques Rebello e Arnaldo Tabayá. Os originaes dos livros concorrentes e toda a correspondencia devem ser dirigidos ao sr. Jorge Amado, na Livraria José Olympio Editora, rua do Ouvidor, 110, Rio de Janeiro, sob a rubrica.

Estevão Cruz — **Historia Universal da Litteratura** — 2.^a parte — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Representa uma bella victoria, victoria da cultura e do trabalho a apparição do segundo volume da **Historia Universal da Litteratura**, do Sr. Estevão Cruz. Compendio para uso das escolas, de accôrdo com os programmas officiaes vigentes, arrola, no tomo de agora, os periodos concernentes á Idade Média e á Idade Moderna. Louvando-se no conceito de Taine de que sem psychologia não é possivel elucidar um seculo, um ambiente, uma raça, o Sr. Estevão Cruz firma-se de preferencia nos seus antecessores que procuraram acima de tudo, na producção litteraria, o factor "alma". Esse brilhante humanista, que aprendeu na cultura catholica a versar os classicos christãos ou pagãos, sem a estreita pudicicia dos exegetas protestantes, mostra-se, em todas as suas collectaneas, conduzido por um gosto desafogado e independente, não se curvando ao imperativo das pequenas escolas ou dos pequenos créditos artisticos. O dominio de uma erudição segura garantiu-lhe a comprehensão universal das bellas lettras. Tanto elle entende e interpreta um poeta romantico quanto um prosador realista. De todos, sem parcialidade que importe em mutilação de intelligencia, fornece a nota essencial, a indicação de caracter philologico, o util pormenor biographico, a critica que resume em duas linhas incisivas dezenas de mestres percorridos. A clareza é uma das forças desse interprete do espirito e nunca amontôa elle detalhes superfluos para simular uma superioridade arrogante de detentor unico das varias culturas. A parte sobre as nações de vanguarda nas lettras medievas e modernas, Italia e França entre outras, é firmada em notas de precisão extrema. E em chegando á nossa lingua, ao demonstrar quanto os portuguezes trabalharam por nós ou ao descrever o que já fizemos em caracter intellectual autonomo, o Sr. Estevão Cruz é o guia lucido e affavel que apresenta os seus volumes exactamente numa hora em que os jovens estudiosos anseiam por um orientador assim, que não execra o sorriso, a polidez, e, inclinando-se deante do antigo, não tem a perigosa phobia dos textos contemporaneos.

EM EDIÇÃO ARIEL:

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

1.^a SÉRIE

PREÇO 12\$000

MORAL E MORALISMO

Em Genebra — não na Genebra confusa e internacional da Sociedade das Nações — mas na Genebra de Calvino e Rousseau, cidade predestinada, ligada às duas maiores revoluções do pensamento moderno, o protestantismo e o individualismo romântico — Jacques Rivière e Ramon Fernandez, travaram, vae para alguns annos, uma discussão que continúa aberta. Não que o talento dos dois contendores não haja conseguido, pelo menos, estabelecer uma lucida "mise-au-point", restringir o debate aos seus termos essenciaes, chegar mesmo a algumas conclusões. Mas o thema é de tal modo importante que cada pensador, cada artista se vê na contingencia de o retomar por sua conta.

O moralismo é ou não prejudicial á verdade psychologica? Deve o autor representar as suas personagens dírigidas, orientadas por aspirações moraes ou se deve limitar a mostrar-lhes os sentimentos em estado puro, soltos, alheios a causas e effeitos? Podem os problemas pessoas do creador, as suas preocupações de ordem moral, se reflectir na sua obra?

Foram estas, em resumo, as questões abordadas. E será bom notar que moralismo não é ahi empregado no sentido de vontade consciente de moralisar, de tirar conclusões em favor de um ponto de vista pre-estabelecido, mas no de auto-julgamento da personagem.

Rivière, com a alegre audacia franceza, investiu rijamente contra os arraiaes do moralismo, erguendo um estandarte glorioso: Racine. Racine immoralista, Racine ascendente directo de Proust... E realmente, nos textos citados — escolhidos aliás com rara habilidade — ha uma nudez cynica dos sentimentos, uma inconsciencia moral que são um inesperado traço de união entre Hermione e Charlus. Na linha Racine-Proust — segundo elle a bôa tradição franceza — encontra Rivière um desvio, um ramo espurio: Rousseau e seus descendentes os românticos.

A introduccão do individualismo na litteratura, do particular, do diferenciado, trouxe inevitavelmente a de uma escala de valores. Não era mais as paixões que se pintavam, mas os effeitos da paixão sobre um homem determinado. Foi contra isso que se bateu Rivière, com mais brilho do que logica, em nome de verdade psychologica. Mas a verdade psychologica consistirá em examinar os sentimentos em estado puro? Onde encontral-os? E' possivel separar o amor do amoroso, a inveja do invejoso, o odio de homem que o sente?

Existem evidentemente, individuos que se deixam a tal ponto empolgar por suas paixões que passam a viver em funcção dellas, a ser uma manifestação ambulante das suas exigencias. Mas existem outros que lutam contra ellas e — portanto, as julgam. A pintura dos primeiros — as personagens impetuosas de Racine, as escorregadias figuras de Proust — não é mais verdadeira do que a dos segundos — os heróes estoicos de Corneille, as dolorosas creaturas de Mauriac. Não é precisamente por ter senso moral que o homem deixa de ser humano... E a verdade psycholo-

gica só póde ganhar com o estudo do humano em toda a sua complexidade. Todos somos actores e espectadores, todos nos julgamos — e bem sabemos como é difficil escapar a esse intimo julgamento, ás vezes tão desagradavel...

Rivière collocou-se numa posição idealista, e por isso o levou de vencida Ramon Fernandez, muito mais realista.

Onde Rivière abriu, com golpe certo, uma brécha nas fortificações do moralismo, foi na condemnação á psychologia judiciaria do autor, á sua intervenção para qualificar de bons ou máos os actos das personagens.

Mas não era disso que se tratava, nem era isso que Fernandez defendia, e sim a existencia real das preoccupações de ordem moral quasi sempre determinada pela propria existencia das paixões, a possibilidade, para o homem, de se vencer a si proprio. E o direito, para o escriptor, de lançar mão desses conflictos intimos.

Negar o profundo sentido humano dessas lutas é negar a existencia das forças espirituas.

Mas isso é descolocar a questão para o plano da moral, que os dois adversarios evitaram cuidadosamente. Ficaram na apreciação psychologica e esthetica. E talvez por essa razão, é que Rivière, com toda a sua clara e agi intelligencia, se tenha embaraçado tanto. Estudar a litteratura apenas do ponto de vista esthetico e psychologico, é esquecer de que, como a vida, ella resulta tambem, não de méros conceitos e preconceitos, mas de inilludiveis phenomenos moraes. E' amputal-a do seu aspecto mais grave e mais real — a de procura de uma explicação para a vida.

A grande vantagem de Ramon Fernandez foi não se ter esquecido de tudo isso e, embora mantendo o debate no angulo esthetico-psychologico, haver apoiado os seus raciocinios nos alicerces humanos, isto é, nos instinctos nos sentimentos, mas tambem nas aspirações moraes. Foi ter sabido distinguir o moralismo hypocrita e policial da moral verdadeira, as declamações á Rousseau da necessidade de elevação que é, apezar de tudo, uma força immensa.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Affonso de E. Taunay — Bartholomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostatica — São Paulo.

Felizmente ainda não soffreu colapso a actividade de historiador do Sr. Affonso de E. Taunay, figura das que mais honram a nossa capacidade de restituir o passado aos homens de hoje, de converter em boa litteratura a actividade civilizadora dos nossos avoengos. Este seu estudo sobre a prioridade de Bartholomeu de Gusmão em materia aerostatica é, como tudo o que são da penna do homem que brilhantemente dirige o Museu do Ypiranga, uma reunião impressionante de informes a respeito do glorioso santista que quiz altear-se aos céos portuguezes no bojo da "Passarola". Nesta época de desdém pelas tarefas longa e desinteressadamente conduzidas, importa em lição e em lembrete precioso a operosidade do filho do autor da *Innocencia*, do pesquisador que conhece como ninguém as bandeiras paulistas e, mesmo nascido em outras plagas, celebrou como nenhum outro as monções que encontraram tanto ouro e pedrarias e, especialmente, tanto Brasil des-nhecido.

A Rainha do Mar

Ha, no mytho da mãe-dagua no Brasil, uma condensação de influencias diversas. Principalmente africanas (Yêmanjá). O mytho da *yara* amerindia (*oyara, ayara, uyara*, corruptelas da *Igpupiara* primitiva) precisa ainda uma revisão séria. Talvez tenha razão Gonçalves Dias: "A mãe-dagua será talvez de origem africana, sendo presumível não ser dos índios, em cujo idioma não encontramos termo para a exprimir". Não convém, entretanto, esquecer o contingente europeu incorporado ao mytho.

Na Bahia, o culto da mãe-dagua se distingue pelo seu caracter typicamente africano.

Segundo as lendas africanas sobre o nascimento dos òrixás, da união de Óbatálá, o céu, mais Ódudúa, a terra, nasceram Aganjú, a terra firme, e Yêmanjá, as aguas. E, da união destes dois, nasceu Órungán, o mar, tudo o que existe entre a terra e o céu, — o qual se apaixonou seriamente por Yêmanjá, sua mãe, até conseguir violal-a. Fugindo ás propostas canalhas do filho, Yêmanjá, perseguida por elle, morreu — e, dos seios, tornados enormes, nasceram dois rios, que se reuniram adeante, formando uma lagôa, ao passo que, do ventre rompido, surgiram todos os òrixás que povôam a imaginação do negro, — Xangô, Ogún, Oxóssi, etc.

Poucos, pouquissimos negros conhecem esta historia. Mas, de qualquer maneira, a idéa de Yêmanjá vem mesclada á idéa da mãe, do sêr fecundado pelo amor.

Na Bahia, Yêmanjá móra no Dique, lago existente no Caminho do Rio Vermelho. Todos os annos, no dia 2 de fevereiro, os candomblés das circumvizinhanças levam-lhe presentes, quasi sempre constituídos por leques, pós-de-arroz, fitas, sabonetes, pentes, frascos de perfu-

me e, ás vezes, — conforme o testemunho de uma *feita*, — brilhantes e anneis de ouro. Manuel Querino dá ainda, como commum nos presentes á mãe-dagua, favas brancas. Os negros embarcam em pequenos saveiros e vão jogar o presente no ponto em que as aguas se encontram. Antigamente, para que Yêmanjá acceitasse o presente, fazia-se necessario mergulhar. Ainda, assim, si Yêmanjá não acceitar o presente, elle não submergirá...

Não fica ahi a devoção dos negros á mãe-dagua. Na Bahia, ha festas semelhantes em varios pontos da Cidade. No Rio Vermelho, também a 2 de fevereiro. No Monte-Serrate, onde ha a celebre Lóca da Mãe-dagua, a 20 de outubro. Nas Cabeceiras da Ponte, perto da historica povoação do Cabrito, a 2 de novembro. Sem contar os presentes individuaes que a mãe-dagua recebe... Arthur Ramos cita uma reportagem da Bahia, onde se transcreve um interessante bilhete a Yêmanjá, achado em meio a um presente que a mãe-dagua "não quiz":

"Minha protectora — Saudações. Venho por meio deste perdi a voz muita felicidade para mi e sus casas para que viva se bem em qualidade porbe não graça de Deus, quero voz mi atenda o predido assim com na caza de voz tem com que o satisfasa perso desculpa, não vin a vois o a vista porque voz não apparece — Oscar Silva Rodrigues".

Ha coisa de seis ou sete annos, impressionou vivamente a opinião publica bahiana, o caso de uma pobre donzella, que dizia estar sendo solicitada pela mãe-dagua, e que, enfeitada como uma noiva, solidamente amarrada por cordas e acompanhada dos parentes mais proximos, se fez jogar ao fundo lamacento do Dique, para encontrar a esquiua Loreley... E em 1927, segundo testemunhos pessoaes, soltou-se no alto mar, defronte

da povoação da Amoreira (ilha de Itaparica), um soberbo cavallo negro, os olhos furados por espêtos em brasa... Além de outros.

Arthur Ramos registou, nos candomblés de caboclo da Bahia, onde o idolo que a representa é metade mulher e metade peixe, os nomes de Sereia do Mar, Princesa do Mar, dona Janaina (mais communiente, Janaina), dona Maria, etc, todos dados á mãe-dagua. Todos estes nomes são, aliás, os preferidos para baptizar embarcações a vela ou a remo, que viajam a bahia de Todos os Santos. Sob o nome de Janaina, a mãe-dagua é universalmente adorada na zona do Mar Grande (ilha de Itaparica, fronteira á Cidade da Bahia). Principalmente nas povoações da Gamelleira (sob a direcção do pae-de-santo Neve Branca), do Bom Despacho (onde até o nome é fetichista) e da Amoreira. Esta ultima é mesmo celebre pelas festas que, a 2 de fevereiro, lhe dedica, com o comparecimento de quasi toda a população pobre da ilha.

Arthur Ramos registou ainda, na Bahia, o nome de Òlòxún dado á mãe-dagua, aventando a hypothese de que o termo "provenha de uma condensação de Òlòkún, deus do mar, e Òlòxá, deusa das aguas, na Africa, dois Òrixás filhos de Yêmanjá". Não estaremos mais perto da verdade si approximarmos Òlòkún de Òxún, também divindade das aguas, desde que Òlòxá, mesmo no tempo de Nina Rodrigues, sempre foi uma illustre desconhecida? A não ser que Òlòxún seja a propria Òxún, pois a prothese é quasi uma regra em nagô...

A obra do syncretismo não podia deixar de attingir o culto de Yêmanjá, que hoje está mais ou menos identificada com a Senhora da Piedade. Pesquisadores mais velhos, como Manuel

Querino, dão-na como equivalente á Senhora do Rosario. Todos sabem o character fetichista da devoção á Senhora do Rosario, cujas irmandades sempre foram constituídas, quasi que exclusivamente, por negros. Mas, aqui, ha a notar o facto interessante da transposição do objecto do culto. O estudo de Manuel Querino é de 1916... O mesmo acontece com Òxún, que se approximaria, segundo elle, da Senhora da Conceição (da Praia?), quando, na verdade, Òxún vale hoje como a Senhora das Candeias, objecto de culto semi-fetichista entre os negros bahianos. E eram de forte conteúdo fetichista as festas da Senhora da Piedade (20 de outubro), no Largo do mesmo nome, pelo menos até 1930, antes da sua aristocratização, na administração do prefeito Pimenta da Cunha... Seguindo as pegadas de Manuel Querino, Arthur Ramos pôz-se a repetir essa verdade. Já observei que a unica explicação razoavel para esse facto (excluida a hypothese de erro por parte de Manuel Querino) era serem as Senhoras da Piedade e das Candeias de maior devoção entre o povo da Bahia, como fiz notar o facto de, assim, terem os negros *dividido* em duas a Virgem-Maria. Ainda a Senhora da Conceição da Praia tem a sua festa (8 de dezembro), onde ha enorme contingente negro (sambas, capoeira, etc), mas da Senhora do Rosario já nem se ouve falar...

E agora note-se como as festas á mãe-dagua coincidem com as festas catholicas ás Senhoras da Piedade e das Candeias. No dia 2 de fevereiro (dia da Senhora das Candeias), ha presentes á mãe-dagua no Dique e no Rio Vermelho, na Cidade da Bahia, e na Amoreira, na ilha de Itaparica. Na povoação da Ilhota, no Mar Grande, nesse mesmo dia se canta que a Virgem das Candeias é

dos homens amparo a guia,
da ilha a esperança,
luz, vida e alegria.



Esforce-se para conservar seus dentes!

A dentadura sã e completa é um bem inestimavel. Disso depende não só o aspecto agradável da bocca, como o funcionamento regular de todo o organismo, profundamente ligado ao bom estado dos dentes.

Para a defesa dos dentes — e, por conseguinte, da saúde — dois cuidados se impõem:

- 1** Submittê-los ao exame do dentista ao menos duas vezes por anno.
- 2** Usar, para perfeita hygiene e limpeza da bocca, ODOL — o dentifricio famoso em todo o mundo.

Consulte seu dentista e use ODOL.
Um, cura. O outro, conserva e embelleza.

A PASTA DENTIFRICIA ODOL

A ESCOVA DE DENTES ODOL

Desenhada scientificamente, é um instrumento racional para a correcta limpeza mecânica dos dentes.

Limpa e clareia os dentes, sem danificar o esmalte.

Odol

O LIQUIDO ODOL

Effectua a rigorosa desinfecção da cavidade buccal, destruindo os germes e impedindo o desenvolvimento das bacterias.

No dia 20 de outubro (dia da Senhora da Piedade), ha presente á mãe-dagua no Monte-Serrate.

Póde haver, ainda, lugar para duvidas?

Superior, em extensão e profundidade, ao de todos os demais ôrixás das aguas, — Òlókún, deus do mar, Òxún, deusa das fontes e dos regatos, Òxunmarê, o arco-iris, Anamburucú (Nanamburucú, Nanan), que é con-

siderada a mais velha das mães-dagua, etc., — o culto de Yemanjá tende a absorver os dos outros, universalizando-se, ajudado, naturalmente, pelas tendencias inconscientes, que o folk-lore revela, para a divinização da mãe por parte de todos os povos do mundo.

(Do livro *Religiões Negras*, a apparecer).

EDISON CARNEIRO

HERÓES...

Em 1931, Alice Descoeurds, a conhecida educadora suíça, publicou um pequenino volume com o título **Heróis**. Reuniu ali uma série de pequenas biographias, colhidas em varias épocas e paizes, sobre grandes vidas. Nenhum havia de guerreiros ou militares. Lembra-va bem aquella lyra de Gonzaga:

Tanto pôde ser herói o pobre
Com o maior Augusto.

Quatro annos depois dá-nos um segundo volume, **Encore des Héros** onde junta outras figuras culminantes, igualmente de diversas origens.

O germen deste trabalho foi a oportunidade de datas commemorativas, onde se evocavam estes bemfeitores da especie, cujas existencias, vistas de perto, mostram que é possível crer e confiar no homem, justificando a famosa sentença de Sophocles.

A primeira biographia é a do explorador Fridtjof Nansen, que escreveu uma pagina edificante na época da conquista dos polos e que desdobrou a sua vida gloriosa na assistencia ás victimas da fome e das calamidades, consequencias da guerra, o que valeu o premio Nobel da Paz.

A segunda é a de Willian Penn, o fundador da Pennsylvania, como o exemplo do governo sem o apoio da força e da violencia, apenas do amor e da justiça.

Em seguida, Elizabeth Foy, senhora ingleza que consagrou sua longa vida a melhorar as condições materiaes e moraes das prisões, pelo mundo inteiro.

Lucy Stone é uma americana, que foi pioneira, naquella terra pioneira, da emancipação feminina e dos escravos, conseguindo milagres com a sua palavra e a sua acção.

Fabre surge como o santo dos insectos, exemplo de grandeza e de humanidade, que de um recanto da França espalhou ternura e sciencia pelo mundo inteiro, estudando estas vidas pequeninas, onde ha tanta belleza e harmonia.

Booker Washington, o negro que conseguiu ser doutor por Harvard, apparece na sua acção gigantesca pela educação da sua raça.

Jean Jaurès, o grande socialista francez, cujo verbo inflammado foi uma voz clamante pela paz, através sua acção de politico e orador, até a morte pelo assassinio, nas vespas da Guerra.

Os dois ultimos são desconhecidos.

Um é Alberto Schweitzer, medico alsaciano, que fez de sua vida uma missão nas terras inhospitas da Africa, com dedicação de apostolo.

O outro é um japonês, Toyviko, convertido ao christianismo, que é uma replica de Gandhi, em seu paiz, prégando e praticando o amor e a bondade, pela recusa obstinada ás violencias.

Si o objectivo nobre da autora foi, na sua escolha impessoal, através dos tempos e do povo, mostrar que ha na humanidade a mesma identidade de sentimentos e que os mais nobres dentre elles podem conseguir os maiores milagres, ella o conseguiu totalmente.

No alto do livro ha a advertencia: "Pour la jeunesse".

Nesta época incerta, um livro destes devia passar em todas as mãos jovens para lhes dar confiança e fé, e mesmo nas outras, para consolo e esperanza nos destinos humanos.

Que melhor e mais digno destino de um livro?

FRANCISCO VENANCIO FILHO

"Fronteiras"

Nessa vivissima publicação de Recife nem sempre amigos nossos recebem bom tratamento. Os seus redactores possuem um programma religioso e politico bem marcado e forçoso é que isso os leve por vezes a excessos quanto ao talento em si dos que militam em sectores oppostos ou não têm nenhum sector definido. Mas a verdade é que **Fronteiras** é escripta, e sempre bem escripta, por gente que leu e meditou antes de escrever, que conhece tudo o que ocorre de significativo no espirito europeu e não receia inspirar longos rancores provincianos em se tratando de defender os postulados que a apaixonam. Manoel Lubambo, Vicente do Rego Monteiro e Guilherme Auler garantem a essa publicação uma altitude de doutrina e cultura bem rara em nossos ambientes de polemica. E os artigos de Willy Levin, Luiz Delgado e tantos outros documentam a intrepidez e a autoridade mental de moços que desejam um minimo de litteratura para um maximo de proveito colectivo.

Isaac Tapajós — **A Proposito...** —
Rio.

O sr. Isaac Tapajós é um ironista, mas não de todo insensibilizado pelo desejo de extrahir de todas as scenas da vida effeitos de comicidade facil. Seus quadrinhos avulsos, seus dialogos caseiros, não sem interesse, mostram-no á altura de trabalhos perduraveis. Filho de um brilhante jornalista, que serviu longamente entre nós o crêdo catholico, apparece-nos o contista de agora em condições de repetir e até mesmo de intensificar as qualidades paternas. Segundo accentua o seu prefaciador, é elle um attrahido pelas polemicas de character doutrinario. A monarchia apaixonou-o e austeros problemas sociaes movem-lhe as mais das vezes a penna. Mas não lhe faltam attributos de folhetinista subtil, dos que colhem de prompto o essencial dos factos grotescos, e a gente o percorre da primeira á ultima pagina sem perspectiva de enfado.

Marcos de Sousa Dantas — **O PROBLEMA DAS NOSSAS DIVIDAS EXTERNAS** — "Magazine Commercial" — Rio, 1936.

O Sr. Marcos de Sousa Dantas, ex-director da Carteira Cambial do Banco do Brasil e figura de grande prestigio nos circulos financeiros de todo o Brasil, acaba de publicar um livro em que estuda com agudeza, brilhantismo e clareza o problema das nossas dividas externas. Lançado pela revista "Magazine Commercial" **O PROBLEMA DAS NOSSAS DIVIDAS EXTERNAS** já teve a sua 1.^a edição esgotada, o que bem demonstra o quanto esse assumpto interessa a todos os brasileiros, e o quanto vale a curiosa monographia.

Em Edição Ariel:

IMAGENS DE HONTEM E DE HOJE

Chronicas de
JOSÉ MARIA BELLO

Acaba de apparecer

Preço 7 \$ 0 0 0

De Belarado

UMA VIAGEM ENTRE DOIS LIVROS

Quando, vae para cinco ou seis annos, Zuleika Lintz publicou o seu primeiro livro — esse meigo **Preludio** que parecia encerrar, mais do que uma promessa, todo o fino programma de uma sensibilidade, certo critico muito do meu conhecimento escreveu, anonymamente, uma pagina da **Vida litteraria**, revista que Oswaldo Orico dirigia: "Longe de escolas, ou sem a preocupação de escolas, canta como os passaros, num impulso da propria natureza. Não significa isso que Zuleika Lintz seja apenas — e já seria muito — uma emotiva. Cuidados formaes denunciam na poesia o amor, o cuidado, a consciencia da sua arte".

Lendo, agora, estas **Horas lyricas**, sob a clara luz de um céu distante, tão longe no espaço, tão longe no tempo, e vendo citadas aquellas palavras entre outras criticas e diversas apreciações, não pude calar, de mim commigo, uma voz de secreta concordancia entre o meu juizo de agora e as citadas palavras de um commentador discreto, publicadas ha quatro ou cinco annos passados. Estamos de accordo.

Passou a ronda das horas sobre a fina sensibilidade de Zuleika Lintz. Dia por dia, como um passaro que canta o seu canto, cantava ella os seus versos. A vida, para a sua aguda comprehensão, era sempre, e cada vez mais, um bello thema poetico. E a humanidade, sempre e cada vez mais lhe parecerá errada porque certos poetas, seguindo o exemplo do velho Tirteu, surgem em meio das batalhas não para que ellas cessem, mas para que os guerreiros se exaltem — e continuem. Positivamente, tudo ou quasi tudo está errado. Quasi tudo, repito, mas nem tudo: ha horas emotivas, horas que augmentam em nós o coeﬃciente humano, a possibilidade humana de interpretar o mysterioso e sondar o intraduzivel. Horas lyricas, enfim...

Essa attitude de isolamento poetico por excesso de nobilitante e contrastante melancolia é o **leit motiv** poetico de Zuleika Lintz. Sim, um nada, a valorização consciente de alguns aspectos entre outros aspectos... Um pessimismo de elevada tonalidade orchestral, isto é de subtil cadencia interior, em face de traços de um optimismo menos vivo, puramente raciocinado. Em poucas palavras, e tentando equacionar os dois termos em que se extrema Zuleika Lintz: um pessimismo que é o seu temperamento e um optimismo que é o seu elemento de compensação creadora.

Logo de entrada os versos maravilhosos de Harcourt... Poderiamos accrescentar-lhes os que faltam, mas seria a transcripção de toda aquella esculptural e callida **La citadelle**. Não me recorde de ter lido nada de mais bello, de nenhum outro exemplo me recorde de poesia tão altiva, tão forte, tão marcada num profundo rythmo do compasso eterno:

Si tu veux être grand, batis la citadelle
Loin de tous et trop haut, batis-la pour toi seul,
Qu'elle soit imprenable et vierge, et qu'autour d'elle
Le mont fasse un rempart et la neige un linceul.

Se na poesia lyrica o subjectivismo é a fibra sonora dos bellos versos, reconhecemos desde já que o de Zuleika Lintz transborda do seu proprio sentimento da paizagem e lhe dá, a todo momento, a expressão profunda de uma confissão. Mas dentro dessa característica geral, quantas outras personalissimas! E não será a menor certa facilidade, certa espontaneidade de metamorphose, de **assimilação**, diziam os criticos de outrora, através da qual, em tantos passos, a poetisa se transforma em elementos naturaes, visiveis e tangiveis, não mais para falar, como elles fariam, se falassem, mas para dar desses elementos a imagem concreta e humanizada:

Ha tanta inquietação
Um tão louco terror, um fremito tão forte
A sacudir o céu de sul a norte
Que tenho, de repente, uma estranha impressão.
E, tremendo e vibrando á exaltada belleza
Desta tarde espasmodica de Malo
Sou uma nuvem presa
A's convulsões electricas de um ralo.

Possuem as letras brasileiras um poeta que foi dos maiores da lingua portugueza: Vicente de Carvalho. Pois bem: ocorreu-me o nome de Vicente de Carvalho em trechos varios da poesia de Zuleika Lintz, se não como um mestre a cujas lições se tenha fixado o lyrismo da poetisa — e que extraordinario Mestre — pelo menos como um temperamento nascido sob o mesmo signo e dentro da mesma formula psychologica. E será, justamente, em face dos grandes espectaculos naturaes que mais transparecem a homochromia, a similitude, os mesmo angulos dessa aproximação. Leia-se **Desalento**. Não seria difficil encontrar nos seus lucidos octosyllabos a reminiscencia rythmica do **Poema do Mar**. Uma impressão physica vincada, esculpida a fogo — e logo a seguir subtilima, a derivação subjectiva, o sentido interior do verso. Verso sempre musical, de uma auditiva que bate as syllabas com requintadas possibilidades e possui, de maneira excepcional entre as nossas poetisas, o sentido de rythmo. Hontem, **Preludio**. Hoje, **Horas lyricas**. E entre o primeiro e o segundo, ligando-os e envolvendo-os, uma doçura imaginativa tão flexivel, e de um tal poder de cristallização sonora, que não será demais reconhecermos em Zuleika Lintz, desejosos de que o elogio a não desanime, a mais completa poetisa da sua geração no Brasil. Não só em merito relativo — o que talvez a aborrecesse — mas em merito absoluto, tambem. Emquanto outras partiram do simples desejo de escrever versos e apparecer em revistas, partiu ella de ambição mais alta de crear poesia e "ouvir estrellas"... Ainda e sempre Bilac: será sempre difficil escrever de Poesia, entre nós, sem alludir ao Poeta...

JAYME CARDOSO

UMA GRANDE MULHER

Poucas mulheres neste século terão dado que falar, como Isadora Duncan. Mesmo em vida da dansarina circulavam a seu respeito os mais desencontrados boatos.

Nunca a vi dansar. Nada sei do valor — digamos tecnico — da sua arte. No livro **Nijinski**, escrito por Romola Nijinski, figura uma opinião do famoso bailarino sobre Isadora, que seria, segundo elle, uma especie de grande amadora. Mas o que me interessa não é deslindar isto — e sim, registrar uma ligeira impressão sobre a autobiographia de Isadora, magnificamente traduzida para a nossa lingua por Gastão Cruls.

Poucos livros tenho lido, no genero deste, tão interessantes. Uma alta sensibilidade de mulher circula através destas paginas em continua trepidação; não apenas como pretendem alguns, uma bacchante — mas uma grande mystica desviada, que queria transformar o mundo pela musica e pela dansa. Ella sonhava com a humanidade inteira dansando e cantando. Uma profunda individualista que possuia o senso collectivista. Nada de paradoxal; isto dá-se com muita gente boa.

O livro é extremamente agradável e variado. Encena uma curiosa galeria de artistas, poetas, pintores, escriptores, musicistas, esculptores, etc., com os quaes esteve em contacto a dansarina. Offerece-nos uma longa visão da Europa de antes da invasão americana, uma Europa perdularia e sedenta de arte e de prazeres.

Uma vez ou outra a escriptora-dansarina assume um ar snob, como quando declara que tirava passos de dansa da leitura da **Crítica da Razão Pura**, mostrando também certas ingenuidades quando nos descreve a musica que sonha, "uma musica que represente a pureza de nossos grandes homens de Estado", ou como quando affirma que "o ideal" de Buddha e de Christo foi realizado por Lenine...

Discute-se muito neste livro o problema das relações da dansa musica. Parece incrível que alguém que ainda não com-

prehenda a intima connexão que existe entre essas duas artes, mas o facto é que volta e meia Isadora bate nesta tecla, queixando-se da incompreensão de muita gente, inclusive artistas. O mundo é realmente, muito exquisito... Porque o mais leve movimento de dansa suggere immediatamente a musica. Acho que a musica e a dansa, são a historia do tempo se desenrolando em movimentos.

Desde creancinha Isadora sentiu que foi marcada para a arte e para um grande destino, tendo sede de liberdade e de independencia — um dos signaes que caracterizam os verdadeiros artistas. Ha passagens commoventes neste livro, onde a dansarina nos descreve sua infancia e adolescencia, em que procurou sempre conciliar sua dignidade com a necessidade de lutar pelo pão diario. Entretanto, essas difficuldades, deficiencias, fracassos, contam mais na vida de um artista, do que os chamados successos e victorias.

Isadora Duncan: uma notavel animadora de movimento de arte. Uma consciencia segura do seu destino neste mundo. Uma grande, uma invulgar mulher.

MURILO MENDES

Alexandre Dumas — **A Tulipa Negra** — **Civilização Brasileira S. A.** — Rio.

E' curiosa a vitalidade de que dispõe esse grande escriptor francez. Succedem-se vertiginosamente as escolas literarias, esfarellam-se os idolos de gerações differentes, e o bom gigante que falou dos mosqueteiros e dos fidalgos do reinado de Luiz XIV vae lepidamente vencendo o tempo, superando as contendas de grupelhos ephemeris, fazendo ler-se em todas as linguas, em todos os paizes. Ainda agora não se percebe nenhum symptoma de caducidade nesta sua impressionante narração que é a **Tulipa Negra**, historia de um floricultor deslumbrado pela possibilidade de obter um exemplar unico nas colleções locais. Haverá um pouco de ingenuidade em tudo isto, certo simplismo de arte fará sorrir os que procuram num romance estonteantes conflictos psychologicos, mas o caso é que a força narrativa ahi está, ahi está o dom de suscitar vida, e isto é exactamente o que deseja a maioria dos leitores.

T. Furtado Reis — **A Constituição Federal e a Navegação Aérea** — Rio.

Indiscutivelmente o sr. T. Furtado Reis, figura preeminente do Departamento de Aeronautica Civil, é o homem que hoje melhor conhece em nosso paiz tudo quanto se prende á legislação aérea. Nenhum documento a esse respeito, em qualquer lingua, refoge ás suas pesquisas e ao seu patriotico desejo de apresentar-nos criteriosas sumulas a respeito. Muito bem conduzida é esta exegese á parte da nossa Constituição Federal que decide sobre os varios aspectos de uma navegação já agora de tanto relevo quanto a feita por aviadores nacionaes ou internacionaes. A competencia para a cobrança de taxas de entrada, sahida e estadia de aeronaves, para decretar impostos sobre o consumo de combustiveis de motor de explosão, e tantas outras minucias de perfeita actualidade, encontram no sr. T. Furtado Reis um commentador avisado e culto que, sentindo a eficiencia mundial do novo genero de transportes, nem por isso esquece os interesses do nosso paiz na cerrada competição dos capitaes estrangeiros que procuram.

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO CIENTIFICA

Dirigida pelo Professor Dr. Arthur Ramos

LIVROS PUBLICADOS

- | | |
|--|---------|
| I — Arthur Ramos — O NEGRO BRASILEIRO | 10\$000 |
| II — Nina Rodrigues — O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS .. | 8\$000 |
| III — Bastos de Avila — QUESTÕES DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIRA | 7\$000 |
| IV — Arthur Ramos — O FOLK-LORE NEGRO DO BRASIL | 10\$000 |
| V — Josué de Castro — ALIMENTAÇÃO E RAÇA | 8\$000 |

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

R. Sete de Setembro, 162 — Rio

A boubá, doença americana

Escrevendo sobre esta doença, que apparece na America e na Africa, o dr. Waldemir Miranda, professor da Faculdade de Medicina de Pernambuco, pediu-me uma informação mais completa que a que vem na **Introdução á Archeologia Brasileira**, sobre a origem ou existencia desse mal em terras americanas, na época em que Cabral veio ao Brasil.

O assumpto é de facto do maior interesse e tem sido muito discutido, mas a somma dos argumentos que se vão lêr em seguida confirma a minha opinião, expendida naquelle livro, que é também a opinião de varios medicos e homens de sciencia como Arthur Neiva, Eusebio Martins Costa e Placido Barbosa, que estudaram o assumpto do ponto de vista da historia nosologica brasileira.

"A boubá, ou **pian**, é mal da America, commum, também, a outras regiões tropicaes. Aqui foi encontrada pelos portuguezes, no seculo da descoberta. Sua presença se faz notar em quasi todo o continente sul e nas Antilhas. Para se referir á doença, usavam os indios o vocabulo **piã**. **Piã** vem de **pi**, pelle; **ã**, levantada, rugada. No **Vocabulario da Conquista** Baptista Caetano define, textual: "**piã** — piã miã, s. mancha, picada, nódoa; boubas, empingens, espinhas, cravos; **adj** manchado,, pintado, nodado (**pi** pelle a excrecer ou **aã** contr. marcar?)". Pelle empolada, para melhor comprehensão.

André de Thevet, no primeiro seculo, observa e explica a doença á maneira simples do tempo, como mal procedente das ligações sexuaes, dada a grande luxuria dessas gentes. O chronista diz na sua lingua singela: "Resre dōc qu'elle prouienne de quelque maleuersation, comme de trop frequenter charnelle-mēt l'homme avec la femme, attendis que ce peuple est fort luxurieux, charnel, & plus que brutal, les femmes specialemēt, car elles cherchent & prattiquent tous moyens, á emouuoir les hommes au deduit".

Accrescenta no chap. XLV — pags. 84 a 88, "maladie fort familier & populaire en ces terres de l'Amérique & de l'occident, decouuertes de nostre tēps".

Jean de Léry, que, em 1555 chegou ao Brasil, primeiro que Thevet, reconhece que a doença é muito espalhada na terra, especialmente entre as crenças. Diz elle: — "aussi est ceste maladie la plus dangereuse en ceste terre du Brésil. "Escreve antes, no seu doce falar do seculo XVI: "Cependat outre les fievres & Maladies communes de nos Ameriquains, á cause de leur pays bien temperé, ils ne sont si suiets que nous sommes par deça, ils ont une maladie incurable qu'ils nomment **Pians**, laquelle combien q'uordinairement elle prouienne & se prenne de paillardif, etc."

Ainda no sec. XVI, Gabriel Soares no **Tratado descriptivo da terra do Brasil** em 1587, descreve a boubá (ou **piã** dos guaranys), encontrada por elle na Bahia. (Lery e Thevet tinham observado a molestia no Rio de Janeiro). Poucos annos depois (1614), sec. XVII, Yves d'Évreux, chegando ao Maranhão, igualmente della se occupa, porque era commum en-

tre os indigenas. Mais tarde, Piso (1658), o padre Labat (1724), descrevem também a boubá ou **piã** como molestia Americana. Este refere-se á sua disseminação nas Antilhas, sob o nome de **epian**, entre os caraibas. Reconhece que essa doença é peculiar á America e natural della "segunda nota recolhida por Garcia, dizendo textual: "devemos chamar-lhe **mal americano**, pois que nasceu neste paiz e daqui é que os hespanhóes, primeiros conquistadores deste Novo Mundo, a levaram para a Europa".

Concluindo, não padece duvida de que a boubá, ou **piã**, é molestia americana, o que não impede que exista também na Africa. Os primeiros desbravadores da America Portuguesa e Hespanhola a encontram grassando no paiz. Varios argumentos de ordem historico-chronologica, poderiam ser adduzidos.

Basta-nos, porém, o seguinte: a boubá existia entre os guaranys. Nas missões do Paraguay o padre Montoya recolheu o vocabulo **piã**, o qual foi adoptado pelos francezes e intercalado no seu dictionario.

Não existe órgão sem funcção. A acção da palavra **piã** era, precisamente, designar a doença conhecida mais tarde, entre os europeus, por **boubá**. **Piã** é palavra, na litteratura medica, muito vulgarizada. Varios idiomas a adoptaram precisamente com esta significação.

O **piã**, papula pruriginosa, cuja transmissão se faz pelo **treponema pertenue**, está definitivamente estudado por Rodolpho Garcia, nos commentarios aos **Dialogos das grandezas do Brasil**.

Brandonio refere, nos **Dialogos**, ser a doença commum entre os indigenas.

Quanto ao negro, este só entrou no Brasil, para trabalho, em 1550, numa leva mandada vir por Thomé de Souza, que trouxera alguns, em sua comitiva, em 1549. A elle já se refere Lery, que chegara ao Brasil seis annos depois, tempo insufficiente para que a doença tivesse se alastrado, pelo paiz, de maneira a tanto impressionar Lery e aos outros chronistas que, depois d'elle, vieram a se occupar da boubá.

ANGYONE COSTA

BIBLIOGRAPHIA

1 — Montoya — (padre A. Ruiz) — **Vocabulario** das palavras guaranys usadas pelo traductor da **Conquista Espiritual** — Baptista Caetano — **Vocabulario da Conquista** — Vol. VII — Annaes da Bibliotheca Nacional — Rio — 1879 pag. 374:

2 — André Thevet — **Les Singvlaritez de La France Antarctique, avtrement nommée Amerique, & de plusieurs Terres & Isles decouuertes de nostre temps** — Anvers — 1558.

3 — Jean de Lery — **Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil, avtrement dite Amerique** — La Rochelle — MDLXXVIII.

4 — **Dialogo das Grandezas do Brasil**. Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Nota 12, pagina 121 — Publicações da Academia Brasileira — 1930

5 — **Precis de Parasitologie** — E. Brumpt — Paris 1913.

BOOKS ABROAD

Poucos amigos possuem a litteratura brasileira lá fóra, e um delles, certamente, e dos mais ageis e activos, é o prof. Samuel Putnam, da Universidade de Oklahoma. Autor de alguns livros sobre historia de França, acaba elle de publicar **Margarite of Navarre**, biographia dessa mulher encantadora que Putnam chama a "primeira mulher moderna". Sobre esse livro já disse um critico norte-americano, Roy Temple House, ser o producto de um "longo e perfeito estudo", de uma "carinhosa investigação", possuindo ainda "a choice bibliography into the bargain".

Assim, não se trata de um empresario inidoneo de intercambio, como tantos que exploram, entre nós, o famigerado ibero-americanismo, mas de uma authentica organização de homem de lettras, traductor, historiador, tecnico em litteratura. Ledor de quasi tudo o que de bom se publica em varios paizes cuja lingua lê, é elle, sem duvida, um dos mais activos directores de **Books Abroad**, essa admiravel resenha que, por seu intermedio, tanto se occupa do Brasil.

Agora mesmo recebo o ultimo numero de **Books Abroad**. A revista, que é um grosso volume de 130 paginas, publica-se em janeiro, abril, julho e outubro, e neste volume, correspondente ao inverno de 1936, tenho a alegria de encontrar o Brasil commemorado e divulgado varias vezes, quer atravez de criticas de livros, quer no correr de artigos de ordem geral, como acontece no **Puck's Girdle** em que, a proposito de questões linguisticas, fala-se em lingua brasileira e lingua portugueza, commenta-se o futuro dictionario brasileiro, e cita-se o **Matupá**, de Peregrino Junior, com o seu glossario em appendice, como exemplo desse movimento tendente a separar as duas linguas.

E' que Samuel Putnam já está perfeitamente á vontade para falar da nossa litteratura. O seu contacto com ella se processa methodicamente, e eu tenho sempre oportunidade de renovar-o, de maneira que já agora é Putnam um verdadeiro amigo do Brasil, com conhecimento bastante para nos ser util: o seu trabalho honesto, feito atravez de **Books Abroad** e tambem de **The Literary World**, que elle fundou, é uma actividade de rara efficiencia e segurança, que está a merecer o maior carinho por parte dos nossos escriptores.

Vejo neste numero de **Books Abroad** que elle se refere com especial interesse ao **2.º Boletim da Sociedade Felipe de Oliveira**, que lhe enviei ha bastante tempo, detendo-se nos objectivos da Sociedade que leva o nome do saudoso e querido poeta da **Lanterna Verde**. Destaca o artigo de Renato de Almeida, as conferencias de Gilberto Freyre e Mario de Andrade, os artigos de Ronald, as poesias de Manuel de Abreu, Frederico Schmidt, os artigos de Jorge Amado, Dante Costa, Lucio Cardoso, Jorge de Lima, Luiz Martins, José Maria Bello, etc., etc. Mais adeante faz elle a critica de **Tempo e eternidade**. Depois, a de **Calunga**. Antes, já haviam sido feitas referencias ao **Boletim de Ariel**, citando-se phrase de Aderbal Jurema aqui publicada.

Ao longo desse rico noticiario de todas as litteraturas, ainda referencias a algumas traducções recentemente apparecidas: **Sem cama propria**, de Val Lewton; **Dante vivo**, de Papini, etc.

Vejo tambem a citação de alguns livros brasileiros eternos (**Minha formação**, de Joaquim Nabuco), num grande inquerito que entre os principaes editores de todo o mundo foi feito, no sentido de cada um explicar as preferencias do publico, as tendencias culturais reveladas pela procura commercial: o Brasil foi representado pela Civilização Brasileira S. A., que accentuou o exito que entre nós obtém os livros de ethnographia e a curiosidade crescente, aqui observada, pelas obras referentes á chamada questão social.

Vejo ainda mais: á pagina 35 traz o **Books Abroad** uma biographia rapida de Jorge Amado, com a noticia da traducção ingleza de **Suór**.

Como vêem, é o Brasil muitas vezes! E é a revelação lenta, lá fóra, de uma litteratura, a mais antiga do continente e a mais opulenta da America Latina.

Este numero de **Books Abroad**, que conta, aliás, com alto patrocínio de Alfonso Reyes, dá-nos assim um serviço muito certo de divulgação das lettras brasileiras. Samuel Putnam é um avido leitor de livros nossos, e sente-se, palpitante, o interesse que desperta na sua intelligencia tudo e que se passa por aqui, manifestando-se a sua curiosidade não só sobre os livros, mas tambem sobre os homens. Ainda agora mandame elle perguntar coisas acerca de certo poeta modernista, de quem traduziu recente livro a ser editado nos Estados Unidos.

Como se vê, trata-se de alguém com credenciaes bastantes para merecer a nossa consideração, e com serviços que já o lançam na nossa melhor amizade.

Chamando a atenção dos escriptores brasileiros para Samuel Putnam, aponto-lhe o nome como o de um dos mais efficientes e bravos amigos da nossa litteratura, que elle estima, comprehende e divulga.

DANTE COSTA

Humberto de Campos — **Notas de um Diarista** — 2.ª série
— Livraria José Olympio — Rio.

Este volume posthumo é de Humberto de Campos, e isto é o sufficiente para garantir aos leitores algumas horas de prazer indiscutivel. Humberto possuia, como ninguem o instincto da pagina que vae adaptar-se em cheio á sensibilidade collectiva. Era por assim dizer o interprete de todas as emoções e sensações de que a plebe só se apercebia vagamente e não poderia jámais fixar no papel com a graça filigranada e o leve sabor axiomático de um dos maiores prosadores do tempo. As **Notas** desta segunda série compõem-se de trabalhos episodicos, simples fragmentos da copiosa produção jornalística do inegualavel folhetinista maranhense. Mas ha em todas ellas, a coordenal-as, um traço de superior personalidade, aquella indefinivel sedução que assegurou ao morto o entusiasmo e o applauso de leitores de todas as castas mentaes. De Humberto de Campos nada se perde e bem haja a atenção do benemerito editor José Olympio, salvando de uma dispersão que amanhã seria olvido tanta coisa bella que parece transmittir-nos o sorriso estolico do homem affeito a transmutar soffrimento em obra de arte.

Individualismo e Urbanismo

A José Mariano Filho.

O individualismo é o inimigo numero um do urbanismo. É a cidade a maior expressão monumental da vida de um povo. Sua alma em architectura. Orgão de sua actividade economica, de suas luctas sociaes, de seu trabalho cultural, é preciso que nos seus traços, em sua physionomia esteja o reflexo de um esforço de expressão original. Assim, será a suprema obra d'arte de uma collectividade.

Tudo numa cidade é documento para a sua psychologia. Até as placas que indicam as ruas. Eis um exemplo suggestivo. Numa cidade como Nova-York, de espirito quantitativo muitas ruas não são designadas por nomes, mas numericamente. Quem já não ouviu falar na multimillionaria 5.^a Avenida?

Entre nós, basta ler as placas de nossas ruas e praças, para reconhecer nosso pendor pela subversão da hierarchia dos valores humanos. Vieras nauseabundas, dignificadas por gloriosos nomes. Ou então, nomes não figurando nas mais caridosas biographias, expostos ao escarneio publico nas paredes de sumptuosa avenida. Toda revolução victoriosa começa pela substituição em massa dos nomes das ruas. Depostos os adversarios politicos, julgam os vencedores um dever sagrado depor seus nomes. Não raro, por prurido de auto-homenagem. É na verdade o acto administrativo que attesta a existencia de um novo governo. Que significa esse gesto, estereotypado, puramente mecanico, da substituição de placas de ruas? Com toda a evidencia, elle traduz a falta de espiritualidade, doutrina e programma em nossas titroteiantes mutações politicas.

Um individualismo vandalico assola nossa maravilhosa cidade. Não se sente á primeira vista, tal a grandiosidade de sua estrutura racional. Contra a sua innata e inexpugnável belleza extenua-se a furia destructiva de insacia-

vel mercantilismo. Impossivel deformar o seu perfil de pedra e rasgar seu faustoso manto vegetal. Quantos craneos utilitarios, congestos de torpes ambições, se foram espatifar contra o granito resistente! Quando muito conseguiram arranhar a epiderme dos rochedos e tosquiar sua cabelleira verde.

Uma chocante desharmonia na estrutura das cidades: esse contraste entre o centro e a periphéria. A medida que se afasta do centro, a cidade vae se degradando. Degradação, não só architectonica, mas também economica e social. No centro: as grandes praças, os jardins, os monumentos historicos, os cafés de luxo, as mulheres irresistiveis, as creanças bem nutridas, os cachorros perfumados. Na periphéria: o casébre cabisbaixo, a poeira impertinente, a tristeza, a fetidez, o ostracismo, os sorrisos sem dentes. Dahi, a fatal decepção do entusiasta viajante ao entrar e ao sair da cidade. Uma administração publica mais sensível aos melindres da população central, não mediria esforços para poupar-lhe o desgosto de uma nauseante periphéria.

Se a civilização hodierna não permite, ainda, expurgar o urbanismo de toda influencia individualista, entre nós, esta exhibe proporções monstruosas. As causas? Talvez a seja a principal uma doença hereditaria posta em evidencia pelo genio lucido de Antonio Torres: a lusose. É incontestavel que esse vigilante patriota fez um dos mais importantes diagnosticos da pathologia do povo brasileiro. Se lhe devemos a descrição de alguns aspectos de sua symptomatologia, um honesto patriotismo o exige aprofundar o conhecimento da lusose, sem transigir deante de uma therapeutica consequente. A lusose existe, e doença de extraordinario poly-

morphismo, não deixaria de maleficiar o nosso urbanismo.

Eis um documento historico concludente. Existe no Instituto Archeologico de Pernambuco um admiravel plano para construção da primitiva Recife por um urbanista de Nassau. Diz-se que o espirito da Grecia vencida conquistou Roma vencedora. Expulsando os batavos, desdenharam os lusos a fina civilização que aquelles iniciaram. Ao urbanismo aristocratico de Nassau succedeu a actividade anarchica dos constructores lusos. Foi o começo da historia. É, sem duvida, a permanencia desse factor atavico a causa principal da nossa desorientação urbanistica e da inercia de milhares de cidades brasileiras, incapazes de quebrar sua estrutura anachronica, impropria á vida moderna.

Com a lusose, herdamos a falta de civismo, no sentido etymologico da palavra. E sem espirito civico, não póde haver verdadeiro urbanismo. O cidadão individualista só vê a casa, que lhe pertence. Não vê a rua. Pouco importa que a casa afeie ou entorte rua. E não vendo a rua, como poderia ver a cidade? A Cidade! oh! Athenienses oh! Venezianos, oh! Florentinos, seria preciso pedir a vossa ressurreição, para que, fortalecidos pelo vosso exemplo, ousassemos confessar o nosso amor á Cidade.

A. DE MORAES COUTINHO

"Rumo"

Era facil de observar que, emquanto as grandes cidades nortistas lançavam publicações destinadas a um util attricto de idéas, populosos nucleos de vida do Sul pareciam desinteressar-se desse genero de divulgação cultural. Mas, se em Porto Alegre não existia ainda uma revista em que os novos dissessem quaes os seus propositos em materia de letras ou politica, temos agora este brilhante e sympathico mensario intitulado *Rumo*, onde escrevem conhecidos nossos como Telmo Vergara, mas também outros, que conheciamos menos e nem por isso deixam de ter substancia de talento: Celestino Prunes, Rivadavia de Souza, Mario Quintana, Cyro Martins, Apparicio Maciel, Hamilcar de Garcia, Dario Brossard e J. R. Castilhos.

Noticia de "Territorio Humano"

Sorvendo o fecundo manancial humano que possuímos, o romance brasileiro tem revelado vocações como Jorge Amado, Amado Fontes, Erico Verissimo, Gastão Cruls, José Lins do Rêgo e mais alguns nomes de valor innegavel. Nas obras desses escriptores de hoje a vida surge com toda a sua pujança poetica, suas complicações exteriores e interiores, seus soffrimentos individuaes e collectivos, suas renunciás anonymas, suas lutas e seus clarões de victorias futuras.

O autor de *Caminhos Cruzados* (o mais completo romance moderno do Brasil) escrevendo sobre "a grande aventura de Baldo", personagem conductora do *Jubiabá*, disse: — "Não ha duvida; dentro do livro ha uma vida (já repararam que coisa importante é "uma vida"?) que se desenrola com verdade e naturalidade". — Mas a vida de Baldo nos lembra logo outras que estão ligadas a ella no decorrer da sua grande aventura, como a do Gordo, a de Lindinalva, a do pai de santo Jubiabá, a dos companheiros de vadiagem, a dos camaradas de sindicato, a das mulatas do areial, a dos trabalhadores das plantações de fumo, a dos artistas do Circo, etc. O mesmo acontece em relação á personagem central de *Territorio Humano*, o recente romance de José Geraldo Vieira (Edição de José Olympio — Capa de Santa Rosa — Rio, 1936). É um livro compacto, de 620 paginas que encerram uma historia humanissima e de uma complexidade psychologica e social verdadeiramente notaveis.

O processo litterario do escriptor não soffreu alteração do empregado no seu romance anterior: *A mulher que fugiu de Sodoma*. Ha, entretanto, uma reafirmação nas suas qualidades de romancista fazendo com que o estylo se torne mais preciso, mais claro e, por isto mesmo, mais humano. O autor não se preocupou em dar determinado character a cada uma das

personagens de accordo com as suas convicções intimas. Deixou que ellas vivessem plenamente a vida como se fossem creaturas de carne e osso no ambiente escolhido pelo seu angulo de observação.

Narrando uma vida desde a infancia até a maturidade, o romancista e o poeta se fundem de uma forma, tão intensa, tão intima, que é difficil situar onde acaba o romancista e começa o poeta. A vida é tão cheia de poesia em acção que para retê-la nas paginas de um romance faz-se necessario que o romancista tambem seja um poeta. Dahi o exito de Jorge Amado com *Jubiabá* e o fracasso de Lucio Cardoso em *Salgueiro*.

Em *Jubiabá* e *Territorio Humano* cada autor narra uma vida desde a infancia. Mas os typos differem profundamente um do outro. O negro Baldo é filho de gente pobre, nasceu na pobreza e nella se cria; José Germano descende de familias tradicionaes da ilha dos Açores, com resquícios de amores shakespeareanos, e fica sob a protecção de um tio rico, vivendo sempre na abundância. No entanto, ambos gostam do mar. O mar, que significa para um o "caminho de casa", a volta ás selvas livres onde seus antepassados dominavam, é para o outro a róta que o levaria aos feu-

dos de seus avós, á sombra patriarchal do morgado. No romance de Jorge Amado a presença do mar, a seducção do Atlantico é mais viva e mais intensa do que no romance de José Geraldo. Mas se o negro Baldo fecha o livro dando um adeus largo de solidariedade humana ao marinheiro Hans que parte sobre as aguas, o medico José Germano foge para a Oceania com o fardo de uma tragedia sentimental pesando sobre os hombros. Esses destinos antagonicos, essas vidas dispaes de romances tão differentes me suggeriram qualquer coisa de epicamente prophetico sobre a direcção do mundo contemporaneo varrido por vagalhões de agitações contrarias.

A paixão de José Germano por Adriana e a retribuição amorosa desta, que attingem o máximo do romance num clima que podemos chamar, sem exaggeros, de goetheano, são paginas de uma força lyrica transbordante. Os nervos do escriptor produzem um tal estado de receptividade emocional nos do leitor que sómente os verdadeiros artistas podem despertar. A conducta de José Germano se justifica em face da educação mystica que recebeu, a maneira como o casaram, etc. Principalmente a grande influencia do temperamento bohemio e romantico do tio Heitor, um artista incomprehendido pela falta de sensibilidade da familia.

O poeta Cassio Murtinho é um symbolo de uma geração de intellectuaes. O seu fim havia de ser aquelle, não poderia fugir a elle. A sua incomprehensão das naturezas communs, o seu intellectualismo delirante, e a sua negligencia com os actos da vida material levaram-no á loucura. José Geraldo Vieira, talvez sem intenção, levantou uma dolorosa advertencia aos poetas que hoje em dia compõem poemas acariciados por complexos angelicos. O pobre Cassio Murtinho, ensimesmado, convencido

Baptista de Castro

**VOCABULARIO
TUPY-GUARANY**

Em edição ARIEL

Preço 7\$000

de que elle era o unico, o eleito n. 1 das musas terminou tragicamente salpicando de sangue o "summo amor" de José Germano e Maria Adriana. E o homem ferido de morte no coração fugiu por sobre o mar á procura de uma solução na Oceania: — o esquecimento de si mesmo. ("Maria Adriana era a unica verdade temporal e eterna". — pag. 397).

O romancista é tão humano na construção da vida e do amor de José Germano, tão fiel ao ambiente familiar da casa dos Zéios e narra com tal naturalidade que ficamos com a impressão de que ha muito de autobiographia dentro deste vasto *Territorio Humano*, que elle não sentiu aquellas vidas de uma maneira exclusivamente intellectual, mas com os sentidos, como quem já esteve em contacto com ellas. Esta qualidade de dar um perfeito sôpro humano ás personagens de um romance, fazendo-as de carne e sangue ao ponto do leitor acreditar que ellas de facto vivem ou já viveram, é a prova máxima para a consagração definitiva de um animador de typos. No caso de *Territorio Humano* é a vigorosa affirmação de um romancista e, sobretudo, de um poeta.

ADERBAL JUREMA

"Panorama"

Sem que isto importe em adhesão aos seus propositos politicos, visto como a finalidade partidaria fôge ás preocupações da nossa revista bibliographica, manda-nos a lealdade critica reconhecer que *Panorama*, summa do pensamento integralista, reúne uma brilhante collaboração á altura de contradictar quantos recusam, ao movimento chefiado pelo autor do *Estrangeiro*, caracteres de elevação intellectual. Este mensario é dos mais fortes em seu genero, sendo qualquer affirmação doutrinaria, porventura excessivamente rigida, compensada pela cultura dos que subscrevem, neste primeiro numero do *Panorama*, bellos e documentados ensaios em que se lhes percebe a attenta e solida preparação philosophica, antropogeographica ou ethnographica. Eis uma collectanea que honra os methodos de coordenação e direcção mental do sr. Miguel Reale.

Cinema

Os leitores desta secção não encontrarão nella informações minuciosas sobre todos os filmes, da mesma maneira que não encontram, em nenhuma revista litteraria, a critica de todos os livros. Não encontrarão tambem descripções de vidas de artistas, nem detalhes sobre o seu modo de vestir, sobre a casa em que vivem, caprichos, gostos particulares.

Nosso proposito é outro: levar a critica do filme para um plano differente do que tem sido commum no nosso meio. Quanto a informações não fugiremos a ellas, quando representarem cousa mais interessante e elevada que simples apperitivos para aguçar a fome do publico.

E como o cinema nacional ensaia afinal os seus passos mais firmes, crenças nas suas possibilidades, será para elle a nossa melhor attenção.

M. R.

Devastador do Mundo (Der Herr der Welt). — E' um film do genero de *Metropolis*, *Mulher na Lua*, *Ouro*, tão caro aos realisadores allemães. Trata-se de aproveitar uma theoria scientifica e tecer com ella uma historia, examinando que consequencias poderiam attingir no terreno pratico. Os resultados têm sido interessantes.

Um sabio dedicado a estudos de electricidade consegue isolar uma nova especie de radiações — os raios Delta. Esses raios são dotados de propriedades extraordinarias e capazes de se propagar á distancia, destruir todos os obstaculos á sua expansão, fundir metaes etc. Após annos de exhaustivo e constante trabalho consegue o professor Wolf construir um poderoso automato — o Robot — dotado de alta potencialidade electrica e capaz de fortes emissões de raios Delta. Esse automato torna-se a obsessão do professor, que com elle pretende dominar o mundo. Isola-se do resto dos homens enclausurando-se no seu laboratorio.

O Doutor Haller, director da fabrica em que trabalha Wolf, procura demovel-o de sua mania, exprobando-o a usar da invenção para o bem, para libertar o homem das penas infindas no trabalho. Inutil. Wolf não se convence e após tremenda disputa com o director é este victima do automato, que procurou destruir.

Morto o director, fica a usina entregue totalmente á mercê do paranoico, que acaba esmagado pela sua propria criação. O actual director, o engenheiro Baumann, aproveitou o Robot para os fins pregados pelo Dr. Haller: libertação do homem.

A vida dos mineiros está admiravelmente descripta. A explosão do grisú é uma maravilha. Admiraveis sequencias mostram-nos os homens fugindo diante do flagello, dos desabamentos, de formas horriveis de morte.

O typo do homem dominado pelo demonio da intelligencia pura muito bem encarnado pelo professor Wolf. As scenas de reunião dos directores da empresa, é uma "charge" cheia de espirito. Automatismo de chefes de serviço, disciplina servil dos empregados de escriptorio.

O film demonstra bem como a intelligencia se torna malfazeja quando não consulta os altos interesses da sympathia humana.

O automato empregado para destruir ou para substituir de todo o trabalho do homem levaria a esses dois horrores: desapparecimento do mundo ou "chômage".

Mas o engenheiro Baumann encontra uma solução satisfatoria: associa as maquinas ao trabalho humano e tudo acaba bem...

Inferno Negro — Tambem trata de mineiros. Boa direcção de Michael Curtiz. Boa "performance" de Paul Muni, que só tem o defeito de representar um pouco demais, explorando os recursos de seu physico abrutalhado e de sua fealdade. Muito bem caracterizado o ambiente da Cidade do Carvão (Coaltown). Os ambientes de greves, reuniões operarias, manifestações de massas, apanhados com felicidade. O film é interessante como documento humano, como estudo da vida de homens rudes, simples, de suas alegrias elementares: danças nacionaes, alcool, gargalhadas enormes, grandes palmadas de amizade e sobretudo uma grande solidariedade diante do soffrimento.

A. G. O.

Acaba de apparecer:

ISADORA DUNCAN

MINHA VIDA

Tradução de

GASTÃO CRULS

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO

EDITORA

Preço: 20\$000

Artes Plásticas

NOTA SOBRE HUGO ADAMI

Muito tempo andou a poesia encarcerada em velhos preconceitos: de que era o verso o seu unico dominio, o seu unico meio de revelação.

Confundiu-se mesmo, muito tempo, essa essencia suprema com o proprio verso bem ajustado ás fórmulas vigentes. O segredo de engrenar palavras sob medida substituía a pura emoção.

Triumphava o soneto, rígido e brilhante, como um movel envernizado.

O século XX, entre outras virtudes é o século do redescobrimento da poesia. Restituiu-lhe os amplos movimentos e aproximou-a da vida e do rythmo do tempo; incluiu-a em todas as manifestações do espirito; como um sangue novo, circulou viva e quente no organismo creador despertado á acção.

A incidencia da poesia nas outras artes, foi o grande despertar do século, com a incomparavel riqueza sonora de um Strawinsky, os sensíveis jogos da fórmula de um Brancusi, o lyrismo multiplo de Apollinaire, os imprevistos Ballets Russes e as guitarras nascidas do genio de Picasso.

E' nessa geração de poetas, entre os poetas plasticos, que está incluído Hugo Adami.

Toda, ou quasi toda a sua obra está impregnada dessa atmosphera de poesia, em que as coisas se tornam elementos subordinados a uma nova ordem, se congregam sob a influencia de uma estranha magia, e ficam, harmoniosas e perfeitas, dominando o espirito com um sortilegio mais poderoso ainda.

Dahi o pintor preferir o titulo de Sonho para muitas de suas telas.

Esses, não são os sonhos tumultuosos de Chagall, nem os pesadelos de um Miró, mas os sonhos tranquilos que todo mundo desejaria sonhar, as fugas ás regiões amplas e pacíficas, onde o mar é uma presença silenciosa e onde o amor e a beleza não são perturbados.

Nessas perspectivas cheias de doçura, a luz pausa como um beijo e o vento suavissimo passa sobre a cabeça das grandes estatuas...

As suas paisagens do sul da Italia, ricas de motivo, mostram ruínas grandiosas de velhas civilizações.

A esse periodo, segue-se uma das fases mais representativas da sua obra: as admiráveis naturezas mortas. Fase de reconhecimento das coisas, um processo inductivo para chegar á grande representação do humano.

Nas naturezas mortas de Adami, o que primeiro seduz é o rythmo da composição. Lá estão os objectos, os fructos, as coisas, todos unidos por uma força identica á que preside o movimento dos astros.

Um equilibrio extraordinario, uma sabia noção da harmonia, transmitem

ao espirito um verdadeiro sentimento de "ordem, calma, luxo e belleza..."

Tal a sua composição utilizando um motivo de alcachofas, onde o rythmo do quadro é mantido de uma maneira inescutivel, como também, as evocações do Mediterraneo, sensuaes e vibrantes, cheias de uma palpação de vida magnifica, atravez um chromatismo vivo. Communicam uma alegria estavel e são vinda desses céos esticados e limpídos e dos ventos livres do grande mar.

Essas enseadas convidativas, esses barcos conduzindo ilhas numa viagem eterna, tal é a limpidez das aguas, fazem lembrar a Pasárgada, de Bandeira.

A sua arte, no emtanto, não é sómente harmonia e doçura.

Não lhe falta também, essa noção de drama, que Baudelaire reclamava tanto, como sendo a essencia da obra de arte.

Os seus navios ancorados á sombra de arranha céos phantasticos, esses adeuses de marinheiros no silencio e no deserto de tardes definitivas, esses jardins antigos e solitarios povoados de brancos espectros de estatuas, esses barrancos vermelhos, violentos como a mostra de carne dilacerada, não são visões de um lyrico ocioso, mas a acuidade maxima de um artista, sentindo intensa e admiravelmente a vida multipla das coisas.

Ahi intervem o artista com as reservas mais puras do seu conhecimento, exprimindo a sua emoção total, com os mais plasticos, mais conscientes.

E' o dominio do artista sobre a technica e sobre o motivo, compondo com os elementos colhidos nas suas observações do mundo, um novo rythmo para as coisas, dando-lhes uma correspondencia bem proxima da musica.

E nessa evolução vemos ainda o artista procurar um sentido humano para a sua pintura. Pouca coisa ainda realizada nesse caminho, mas, verifica-se que o fez chegar áquella comprehensão, não o trahiou, levou-o ao ponto de surpreender o homem em momentos de intenso drama, o homem em lucta.

Assim, os seus fugitivos. Ao fundo da tela, a massa escura angustiada do homem perseguido, traz nos olhos a revelação do terror absoluto que o envolve. O seu corpo informe de animal acuado, corpo mutilado pelos mil accidentes da fuga está sempre tenso na expectativa do mal.

E' um motivo com um potencial de vida fantastico: ahi apparece o negro fugido cercado de toda a insegurança que o acompanha, de toda dramaticidade que essa aventura para a liberdade contem.

O segundo fugitivo dorme. O corpo pesado arriou numa clareira e repousa. Grandes troncos o cercam, após pen-

dem como braços de força, enquanto, no céu queima o crepusculo.

A mesma atmosphera de terror, não já no homem, que dorme esquecido, mas na natureza: os troncos se estorcem, os galhos se elevam como braços em aggressividade, ha espinhos e pedras, sombras que talvez occultem os perseguidores.

Em todas as phases, Adami, se mostra um conhecedor de sua arte. Os seus tons, a maneira de tecel-os, de sobrepor-os, a unidade em toda a superficie da tela, que resulta do trabalho acabado, dão-lhe, naturalmente, ao lado de Portinari, Guignard, etc., um lugar de evidencia na formação da nossa pintura.

A sua contribuição é das mais ricas e excellentes. Ella conta uma das de maior valor.

SANTA ROSA

NOTAS

Actualmente, em Paris, entre outras ha uma exposição de Jean Lurçat, uma de Georges Seurat: no Museu de l'Orangerie, uma de 100 telas de Corot, fóra o Salão dos Independentes, no Grand Palais.

Na exposição de arte hespanhola contemporanea, no salão do Jeu de Paume, figuram telas de Juan Gris, de Picasso, Maria Blanchard, Fernando Gerassi, e outros novos pintores.

O grande successo, no emtanto, foi de Mateo Hernandez, joven escultor renovador da arte animalista. Inspirado, a principio, em Pompon, Hernandez, transpoz essa phase semi artificial e hoje os seus motivos são dotados de uma vida, uma precisão de movimento, que o tornam um artista notável no genero.

Vlaminck, não é só o admiravel pintor que todos sabemos. Escriptor seguro, cheio de verve, acaba de publicar um romance e mantém em varias revistas litterarias de França, as suas optimas Histoires de mon Temps, illustradas por Eugène Dabit.

S. R.

Em edição ARIEL:

FRONTEIRA

Romance de

CORNELIO PENNA

Preço - 6\$000

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

Sergio RACHMANINOFF-RAPSODIA PARA PIANO E ORCHESTRA SOBRE THEMA DE PAGANINI — Rachmaninoff-Orchestra de Philadelphia, dirigida por Stokowsky (Victor-8556-8558) — E' talvez a mais recente das composições do autor da *Ilha dos Mortos* que a Victor nos apresenta numa gravação excelente. Os 24 caprichos que constituem o opus 1 de Paganini, que já haviam tentado Lizst, Schumann, Brahms e outros, serviram agora de pretexto para que Rachmaninoff creasse uma obra solidissima, e dotada de um brilho que difficilmente deixará de encantar a quem quer que seja. Respeitando, com a fidelidade que se lhe poderia exigir, o thema original, Rachmaninoff entregou-se a um trabalho de orchestra em que o seu coeeficiente pessoal entra quasi absoluto, lembrando frequentemente a maneira habitual de suas obras symphonicas. E o que é justamente admiravel é o equilibrio extraordinario que se manifesta entre o solista e a formidavel massa orchestral, com ampla margem para que ambos se desenvolvam ao maximo. Aqui então, muito mais ainda do que nos celebres Concertos, o "ferreiro harmonioso" do teclado tem oportunidade de demonstrar que está bem longe de aposentar-se como executante, sobretudo na cadencia de piano, solo que se ouve no terceiro disco. De Stokowsky nada é preciso dizer. Gravação minuciosa. E', sem duvida alguma, uma das mais notaveis produções que nos tenha sido dado ouvir ultimamente.

Aloys FORNEROD-CONCERTO PARA 2 VIOLINOS E PIANO, op. 16 — Victor e Jorge Desazens e Julio Godard (Columbia DZX 11-DZX 12) — Creio que seja a primeira das composições deste compositor suíço contemporaneo que apparece em disco. A amostra é esplendida. Do autor sabemos apenas que nasceu na Suíça, na ultima decada do seculo passado, foi alumno do conservatorio de Lausanne e da "Schola Cantorum" de Paris. Já escreveu symphonias, mottettos, musica de camara, etc., mas sua produção é ainda pouco conhecida. O presente Concerto é uma série de dansas antigas (siciliana, corrente, musetta, tamburim) tratadas de maneira moderna, mas muito discretamente moderna. Aqui e alli nota-se um matiz impressionista, que logo se desvanece, não faltando tambem um certo coracter alpino. Vemos pela primeira vez um autor moderno de talento (basta esta obra para o demonstrar) dedicar-se a themas antigos sem a intenção de caricatural-os. Não cremos que se trate, no caso, de incapacidade creadora, e sim de um certo saudosismo germanico, mas perfeitamente sadio. Da série merecem particular menção a musetta e o delicioso tamburim final, com um rythmo muito vivo e ingenuo que não se esquece facil-

mente. A gravação é boa e os executantes desempenham-se á altura: grande clareza e equilibrio.

BRAHMS-QUARTETTO EM SOL MENOR, op. 25 — Rubinstein e Onnou, Prevost, Maas (de Quartetto Pro-Arte) — Victor-DB 1813-DB 1816) — Das musicas de camera de Brahms é uma das mais conhecidas. Aliás o opus 25 abrange dois quartettos do mesmo typo (piano e cordas), sendo que o outro — em lá maior — talvez possuía melhor estrutura, mas não é o preferido por ter menos brilho. Tem-se dito que é obra onde ainda ha muito de Schumann, porém não deixa de haver muito de Brahms, e do Brahms ainda moço e cheio de seiva. Dos quatro tempos o allegro inicial é o menos interessante: um pouco impreciso e em certos pontos bastante pesado. Mas a technica se aprimora já no segundo tempo — o *intermezzo*, — arrebatada no final do andante no molto, com os seus compassos energicos de marcha, e termina cheio do indefe-

ctivel "temperamento" no *rondo alla zingaresca*. Já então a musica magyar interessava o jovem Brahms, e já então sabia elle aproveitar-se della com uma habilidade toda pessoal. O que ha de certo é que Brahms é um dos compositores que mais lucraram com a invenção do gramophone: a difficuldade em comprehender a maioria de suas obras afastava-o do grande publico, pois só os criticos isentos de preconceitos podiam apreciar-o com justeza depois de uma execução unica num recital ordinario. O disco, facultando a repetição de qualquer trecho, e da obra inteira, ao gosto do ouvinte, veio permittir que as composições do grande hamburguez se tornassem mais familiares, menos mysteriosas, aos ouvidos menos adextrados, e, por conseguinte, mais apreciadas. — A gravação do disco é optima, e Rubinstein — cada vez melhor — em companhia de tres membros do Pro Arte, dão um desempenho irreprehen-sivel ao quartetto.

CORREIA DE SA'

Musica

O grande acontecimento do anno, pelo menos emquanto não começa a estação, é pensar no que serão as comemorações do centenario de Carlos Gomes.

Os projectos são muitos, uns grandiosos, outros até intelligentes. Cogitase, por exemplo, de fazer com que se representem com grande pompa todas as operas do campineiro. Dizem mesmo que o Estado de São Paulo está muito interessado no assumpto, e que assim sendo o programma será cumprido á risca.

Entre os planos elaborados conta-se o de mandar gravar em disco toda a obra de Carlos Gomes, ou pelo menos a melhor parte della, accrescentando-se que os maestros Mignone e Milano já se acham encarregados dessa missão. A idéa é das melhores, não só pelo que mereça ficar da produção de Carlos Gomes, como por ser um exemplo para futuras comemorações, sendo de esperar que não tarde a vez de Nepomuceno, Henrique Oswald, etc.

Outro plano que merece todos os nossos applausos é o de instituir um premio em dinheiro para o melhor livro sobre o autor do Guarany. Já é tempo das nossas autoridades no assumpto se empenharem num estudo serio sobre o significado da obra de Carlos Gomes, agora que ha tanta confusão nesse e noutros dominios da musica. Si Castro Alves, Tobias Barreto e outros cidadãos são considerados por gente respeitavel como bons representantes do espirito brasileiro da época, não ha razão para se menospresar o "italianismo" de Carlos Gomes, que, na época, não encontraria outro modo de demonstrar a sua "brasilidade".

Outra noticia estrondosa é a annunciada visita de Strawinsky. Alguns, scepticos, duvidam dessa possibilidade. Outros, mais optimistas, acham-na perfeitamente natural: "Já não seria tempo de Strawinsky vir fazer a sua America?"

De qualquer fórma os nossos criticos já estão se preparando. E não será de extranhar que se descubram aqui novas facetas da genialidade do creador da "Historia do Soldado". Já se fazem apostas sobre o resultado de bilheteria nos espectaculos: quanto a mim aposto no exito. A mentalidade do nosso publico é absolutamente inversa da de vinte annos atraz. A critica já dirige multidões entre nós. E quanto a Strawinsky a critica sente-se na obrigação intellectual de ser unanime favoravel. Não somos mais provincianos!

Stokowsky anda viajando através da America do Norte, num trem especial que transporta a sua orchestra composta de cem executantes. Um dos ultimos numeros do "Litterary Digest" faz comentarios sobre a vida e a obra do maestro de Philadelphia (que aliás nasceu na Inglaterra, de pae polaco), e frisa que elle está fugindo cada vez mais dos classicos, por julgar que o que deve interessar o publico são as peças modernas, por mais desvairadas que sejam. Si o publico vaia e pateia a principio, não importa, — Stokowsky, como o saudoso Marinetti só teme a apathia. Caracteristico. Mas o essencial é que o publico se acostuma e acaba gostando. Efeitos de pedagogia. Mas ha um detalhe curioso, no artigo, para nós brasileiros: é que entre as peças novas apresentadas por Stokowsky figura uma de Villa Lobos (não se diz qual, mas trata-se provavelmente das "Amazonas"), onde o maestro foi obrigado a introduzir tres novos instrumentos. Vê-se portanto que o renome de Villa Lobos continua cada vez mais solido.

C. S.

O Poeta Machado de Assis

A segunda geração de poetas românticos havia desaparecido em 1864, quando o senhor Machado de Assis appareceu com o seu volume de **Chrysalidas**. Foi um successo pelo tom differente em que entoava o novo cantor. Agora decorridos mais de setenta annos, morto Machado, recuados no tempo e transfigurados pela morte, sem o julgamento apaixonado da critica contemporanea delles é que podemos avaliar quanto divergiu dos poetas de seu tempo o senhor Machado de Assis. Ao apparecimento de seu primeiro livro ainda viviam Laurindo Rabello e o grande Gonçalves Dias. Bernardo Guimarães, Aurelino Lessa poeta-vam ainda com a afinidade romantica e desesperada dos românticos de São Paulo, Fagundes Varella ia no apogêo de sua popularidade e de sua gloria. Recitavam-se nas tertulias litterarias, nas festas familiares os versos tristes de Casimiro de Abreu que fôra camarada do jovem vate. Além deste poeta popular e tão ao gosto da sentimentalidade romantica que curvava a alma brasileira para o cultivo da magua, lia-se Junqueira Freire, declamava-se a poesia amorosa e guerreira de Gonçalves Dias, e os mais eruditos se deliciavam com a **Elvira**, de Lamartine, como os "finos" de hoje se deleitam com os versos de Claudel. No meio de toda essa desolação, desse erotismo, dessa rethorica romantica appareceu Machado — timido, secco, displicente, e anti-rhetorico.

No Brasil não se admite geralmente que o intellectual usurpe duas ou mais actividades espirituaes ao mesmo tempo, e geralmente a critica se limita a analysar uma unica faceta do homem ás vezes até com menoscabo ás demais actividades. Bilac era um **mão prosador e inexcusavel poeta**. Machado de Assis apenas um romancista. Quanto á sua feição poetica reina quasi silencio. Entretanto, pela feição natural de seu temperamento esquivo, tendendo até para o isolamento, pela sua impassibilidade deante da vida, a sua discreção contraria a derrames de sentimentalismo e a confidencias até junto de seus amigos mais intimos, Machado nunca poderia dar um genuino romantico. Deu um optimo parnasiano. Não que a cultura fanática da forma o arrastasse a tamanha manifestação de máo gosto, antes porque a escola freindo a super-emotividade geralmente vasada com muita desordem de rethorica romanesca, encontrasse afinidade com a sobriedade de sua psychê. A commum bohemia do Romantismo não o seduziria a elle, um homem do lar, amando o seu socego e a sua gravidade. O que ha de chocante na personalidade deste poeta é, talvez, um poder de contrôlle ás naturaes explosões de seu temperamento. Mestiço como Tobias Barreto, emquanto o pernambucano não se conteria num descomedimento transbordante de semostrações, discursando nos theatros com grandes gestos e phrases de effeito, sempre caroavel a polemicas e discussões interminaveis a proposito de tudo, o solitario das Laranjeiras conseguia dominar as suas tendencias constitucionaes numa surpresa admiravel em que o branquissimo Gregorio de Mattos bancaria o capado-

cio e o mestiço se portaria com distincção. Tudo isso lembramos para um desmentido aos pregoeiros das **excellencias raciaes** que não encontrariam num homem tão misturado quanto Gonçalves Dias representante mais alto de nossa poesia. As naturaes tendencias do poeta Machado de Assis seriam provavelmente para as costumeiras extravagancias romanescas em cuja effervescencia nascera e se creara.

Quando typographo, na "Marmota Fluminense", de Paula Britto, após ter sido sacristão da igreja da Lampadosa a sua vontade talvez, fôra a de adherir sem o decôro que mais tarde o caracterizaria, nas singularidades ridiculas do Romantismo. Assignava-se apenas J. M. M. d'Assis ou M. M. d'Assis e é então que nas paginas da "Marmota", (Janeiro a Junho de 1856), estampa alguns poemas, entre estes — **Consumatum est, Um Anjo e Cognac**, em que transpira um lyrismo ou melhor, um mussetismo enxertado de Alvares de Azevedo e em que o poeta sóbrio dos **Versos a Corina** se afundaria irremediavelmente. Foge de tudo que caracterisára a alma romantica de seus confrades. Humilissimo de nascimento, acuado pela pobreza e pelo soffrimento seria sincero se transvasasse nos seus versos a "nostalgia da desgraça" dos poetas da feliz estirpe como Magalhães.

Machado possuiu-se de pudor e de altivez para não cahir no vicio dos outros.

Ao contrario, a sua poesia é tocada da mais pura euphoria. O spleen insanavel de Alvares de Azevedo não o contaminaria:

"O poeta é assim: tem, para a dor e o tédio,
um refugio tranquillo, um suave remedio.
E's tu, casta poesia, ó terra pura e santa!"

Esse homem foi pudico, talvez em excesso, morbidamente, quasi orgulhoso, eschizoide de tão recatada timidez que irá prejudicar a sua poesia pela ausencia de sentido social, verdadeira poesia para elite sem comprehensão da alma aturdida e soffredôra do mundo. Elle que fôra operario, mourejando como simples typographo nas officinas de certo litterato de terceira ordem, orfão mal entrára na puberdade, teria por força dos contrastes em que reagia a organização exquisita de seu character, de se confinar na arte pela arte do parnasianismo, sem nenhum contacto com o sangue das raças espoliadas que lhe corria nas veias. Dizem que muito influenciado pela litteratura ingleza em que "aprendeu o **humor**", (como se humor se aprendesse) e se contaminou de "exquisita nobreza" foi o nosso primeiro romancista de vida interior, realizando o chamado romance psychologico. E' pena que a "nobreza" e o "humor" que fôra buscar na Inglaterra, conforme seus criticos, o forçassem a aprender e representar o que a alma possui de menos profundo, de menos tragico, de nobreza frivola que são certos aspectos sem importancia da vida do pequeno burquez. O que este possui de dolorosamente humano

DOIS ROMANCES

Erico Verissimo não se revelou assim tão de-repente. Qual o quê! Dêz que escreveu **Fantoches** que se notou que ali estava alguém que promettia. Agora, cumpriu a promessa: os magníficos **Musica ao Longe** e **Caminhos Cruzados**, estão, por ahi, enchendo de admiração a gente que lê. Muitos dizem que **Caminhos Cruzados** é o melhor. Li e reli os dois romances e achei que elles eram igualzinhos. Só na technica é que não. Não custa nada a gente fazer uma apreciação. Deus me livre dos parallelos.

1.º — **Musica ao Longe** — A bem-amada Clarissa surge novamente. Essa figura é, positivamente, a predilecta de Erico Verissimo. Tenho mesmo a impressão (fôra de sentimentalismo) que Clarissa é alguém que o escriptor rio-grandente do sul (Deus me livre de dizer gaúcho) conhece e ama fôra dos romances. Juro que isso não é psychanalyse. Quem observa e conta para nós a historia bôa de **Musica ao Longe** não é Erico Verissimo não: é uma professorinha moça e agradavelmente intelligente chamada Clárisa. O escriptor se limita a falar pela bocca de Vasco.

Palavra de honra que a alma de Erico Verissimo apparece em **Musica ao Longe**. Mas só Vasco é que a symboliza, notem bem. Os outros personagens são pinturas a acido. O autor é impiedoso até com o pobre do "seu" Leocadio (o episodio do telescopio de tapeação. Graças á Padroeira do nosso Brazilzinho Erico Verissimo comprehendeu que já se fala uma lin-

gua brasileira e escreveu os seus livros nella.

Não posso elogiar o exacto do ambiente da Jacarecanga porque nunca estive lá. Mas posso affirmar — e com segurança — que Erico Verissimo fixa caracteres como ninguém. A figura eixo do livro é Clarissa. E o escriptor fala as idéas (notaveis) delle por intermedio de Vasco. Em resumo: **Musica ao Longe** é o escriptor Erico Verissimo (Vasco) e a sua bem-amada (Clarissa).

2.º — **Caminhos Cruzados** — Já aqui é differente. O escriptor se distribue por duas personagens. O livro mesmo é um mundo movimentadissimo. Ora elle é Noel, ora elle é Fernanda. Afôra estas, todas as outras figuras são tratadas com uma severidade causticante. Falo dos personagens preponderantes, porque Pedrinho, Jacilda, Salú, Chinita, Armenio, Maximiliano, Theotônio Leiria são sub-personagens apesar de viverem tão intensamente. Repararam como, apesar de esquecido pelo escriptor, a mulher de Maximiliano vive grandemente? a creatura resignada de cara de páo é quasi um symbolo. Desta vez, a ternura de Erico Verissimo vae toda para Noel. Com que bondade elle trata do romantismo doentio do rapaz; um boneco que suscitaria a outros escriptores paginas de ironia e de desprezo, conseguiu de Erico Verissimo sympathia e comprehensão justas (porque ninguém tem culpa da educação que teve).

Que admiravel psychologo esse rapaz é (a influencia má e carinhosa da tia Angelica)! No fim-

zinho já, a revelação de Noel a Fernanda é alguma coisa que brilha forte e que cresce para além dos limites do romance como poesia da pura.

Resumindo mais uma vez: **Caminhos Cruzados** é um romance e tanto de que a Poesia (faço questão de letra grande) não está nada ausente.

Não é mesmo verdade que os dois romances de Erico Verissimo estão no mesmo plano? Reparem bem e verão que só muda a technica: da singularidade para a pluralidade de visão.

Mas em todo caso ahi estão, seu mano, dois livros definitivos.

IVAN RIBEIRO

José-Maria Belo — **Imagens de Hontem e de Hoje** — Ariel Editora — Rio.

Desde 1907 vem o Sr. José Maria Bello estampando volumes de estudos litterarios e politicos. As suas paginas sobre Ruy Barbosa produziram, quando publicadas nas prestigiosas columnas do **Correio da Manhã**, sensação entre os apaixonados da personalidade que então empolgava um maior numero de admiradores. Annos depois, teve o Sr. José Maria Bello, attrahido pela vida parlatenar, uma especie de synalepha na sua actividade intellectual propriamente dita. Mas o caso é que o retorno do ensaista ás cogitações desinteressadas da litteratura se está fazendo com o mesmo brilho da primeira phase. Os tres volumes que estampou de 1933 para cá, mostram-no em plena posse de todos os seus recursos de escriptor, hoje não menos preocupado com as questões sociaes que com os factores de ordem estritamente esthetica. **Imagens de Hontem e de Hoje**, o ultimo em ordem desses volumes, collige, entre outras, excellentes paginas sobre Castro Alves, Ronald de Carvalho, Lima Barreto, João Ribeiro e Coelho Neto. Um livro a ler e a reter em nossa estante.

não consta da farta obra de romancista de Machado de Assis. Quanto á poesia, sendo parnasiano foi leal com seu temperamento que não podia trahir e como tal conjunctamente com Alberto de Oliveira, Bilac, Raymundo e outros se constituiu um grande poeta, mas para que o tomo de suas **Poesias Completas** (1901) tenha vida duradoura falta-lhe lealdade com a sua raça, com a humildade de sua origem, com o homem.

Deveria por imposição até ethnologica ter procedido assim, porém, quiz ser leal apenas com a escola de esthetica litteraria a que sacrificou o labor de sua vida e sua gloria.

EDSON LINS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

"Do Seculo XX" e seu Autor

Do Seculo XX, que o sr. A. Corrêa Velho acaba de publicar, é mais um livro de autor moço que vem affirmar o gosto muito em voga dos livros de assumptos variados. O livro foi feito sem plano estudado, de folego, ao correr da idéa e da penna, com uma expontaneidade que resalta em cada pagina.

Falando de Balzac, alguém já disse que elle foi um homem de acção derivada para a litteratura. Guardando as devidas proporções de tempo e ambiente, podemos dizer o mesmo de A. Corrêa Velho: elle é também a acção em desvio para a ficção. Lendo o livro com que estrêa o escriptor, sente-se que elle escreve com a mesma facilidade com que vive: não inventa nunca, escreve as coisas que viveu ou as coisas que sentiu. Suas historias, ligeiras pela agilidade do estylo e deliciosas pela actualidade dos themas, estão cheias de uma palpação forte de vida, de poesia e de humana philosophia.

O sr. A. Corrêa Velho entende que em nosso seculo, muito mais nevrotico que aquelle de Montegazza, não ha tempo para grandes leituras nem pesados estudos. A necessidade premente de acção pratica absorve o tempo de todos, e a bem poucos fica o privilegio de horas longas e calmas para leituras e meditações. Não é para esses que o autor escreve; é para aquelles que vivem intensamente, na congestão constante da vida de hoje. E para esses, como diz o proprio sr. Corrêa Velho, em seu pequeno prefacio, "o que se quer é litteratura pouco prolixa, incisiva, compativel com a vida agitada da hora..."

Essa a orientação de *Do Seculo XX*, onde o autor, em contos rapidos e chronicas ligeiras, aborda e discute problemas actuaes e profundos, com simplicidade, clareza, intelligencia e despretensão.

Ora philosopho, ora poeta, ora narrador, o sr. A. Corrêa Velho

traçou paginas de grande interesse e magno encanto. Atravez de sua penna a vida saltou da face do planeta para a face do livro sem transição sensivel. Os typos que povoam as suas historias são flagrantés, são naturaes, tem-se vontade de falar, de conversar, de discutir com elles, tão humanos são. As mulheres que o autor faz cruzarem o scenario do livro, são vivas, amam e sofrem como as que cruzam o scenario desse outro grande livro do mundo em que somos todos nós personagens de um autor genial e desconhecido.

O joven escriptor chegou quasi a realizar o ideal da arte litteraria: "ser poeta sem que nenhuma de suas personagens pareça ser poeta".

O autor de *Do Seculo XX* escreveu para moços. Os velhos não o entenderão. Não foi inutil a advertencia: "o critico só julga bem quando a sua acção se identifica com a do autor". De facto, quem não fôr do seculo xx não entenderá nem apreciará *Do Seculo XX*. Aos criticos velhos, cuja mocidade escapou á trepidação martyrizante deste seculo, não assiste o direito de critica sobre o livro do sr. A. Corrêa Velho, livro que foi, sem duvida, escripto por um moço moderno para os moços modernos... e para as moças que se queiram modernizar. A ellas interessará grandemente o livro.

O sr. A. Corrêa Velho acertou. *Do Seculo XX* é um livro que se lê gostosamente, de um hausto, do titulo ao indice.

IRACY CARNEIRO

A SAIR:

de R. A. GUZMAN

C I U M E

4.ª EDIÇÃO

Trad. de GASTÃO CRULS

Souza da Silveira — **Trechos Sele-**
ctos — Civilização Brasileira
S. A. — Rio.

Este volume deve ser considerado o complemento pratico ás *Lições de Portuguez* do mesmo autor. E' trabalho de quem nada ignora do assumpto que o leva a empunhar a penna. Professor dos mais idoneos do magisterio carioca, o sr. Souza da Silveira adquiriu no trato diuturno dos alumnos a melhor critica para a elaboração de livros que taes, observando elle proprio em suas aulas o que melhor convém á infiltração das leis vernaculares em espiritos novos. Antigo collaborador das nossas revistas philologicas, onde tem deixado commentarios de grande perspicacia e erudição a proposito de prosadores e poetas lusitanos, o sr. Souza da Silveira ainda mais sympathico se mostra no presente trabalho, pelo desejo que mais e mais evidencia de estudar os nossos autores e de servil-os, em intelligentes dosagens, aos que com elle aprendem o idioma em que Vieira prégo e versejou Raymundo Corrêa.

Brant Horta — **As Duas Telles** —
J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.

E' uma tragedia historica, que tem o seu ponto de inicio num episodio do reinado de D. Fernando, através da interpretação do Alexandre Herculano das *Lendas e Narrativas*. Antigo professor de portuguez e entusiasta das oitavas camoneanas, que sabe na integra e repete sem cambaleio de memoria, o sr. Brant Horta estava perfeitamente á altura de explorar um dos periodos mais agitados da vida social portugueza. Mesmo sob o aspecto strictamente philologico, a sua reconstituição de uma linguagem archaica interessará aos criticos comparativos da evolução da lingua. Certamente os leitores que se dirigem aos livros apenas para encontrar uma hora de ameno desafogo ás canseiras da vida não medirão o esforço que um tal trabalho exige, e nem vamos ao extremo de enxergar nas *Duas Telles* um encanto litterario inseparavel de seus meritos vernaculares. Mas, podendo fatigar aos leigos, a tragedia do sr. Brant Horta não deixará de recomendar-se aos estudiosos das nossas varias épocas linguisticas.

Alvimar Silva — **Clarões** — "Vida
Capichaba" — Victoria.

O sr. Almeida Cousin, autor consagrado do *Itamonte*, accentua com subtilidade o que ha de "mocidade pura" nestes trabalhos escriptos pelo sr. Alvimar Silva entre os 19 e os 23 annos de idade. Todavia não são demasiadas as indecisões e imperfeições no livro, que, sem peccar pelos desmandos de erotismo, é feito quasi sempre de extases romanticos, com uma ternura menineira bem explicavel em quem nos manda o seu volume desse recanto de écloga que é a formosa capital do Espirito Santo.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

COMPENDIO DA LINGUA PORTUGUEZA	8\$000
ARTHUR DE ALMEIDA TORRES	
LINGUA LATINA (trechos escolhidos)	6\$000
VILHENA DE MORAES e ORLANDO FONSECA	
LINGUA LATINA (4. ^a e 5. ^a séries gymnasiaes)	9\$000
VILHENA DE MORAES e ORLANDO FONSECA	
GEOGRAPHIA GYMNASIAL (2. ^a série)	8\$000
RENATO JARDIM	
O NOSSO IDIOMA	5\$000
PAULO DE FREITAS	
FRANCÊS COMERCIAL	6\$000
HENRI DE LANTEIL	
BEIJO AO LUAR (nova Bibliotheca das Moças)	4\$000
GUY DE CHANTPLEURE	

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 - Recife - Pernambuco
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE MARÇO

Rubem Braga — O CONDE E O PASSARINHO (Chronicas)	6\$000
Berdiaeff — UMA NOVA IDADE MEDIA (Traducção de Tasso da Silveira)	10\$000
Tristão de Athayde — O ESPIRITO E O MUNDO (ensaio)	10\$000

LANÇAREMOS EM ABRIL

Anisio Teixeira — EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA	
Malba Tahan — ALMA DO ORIENTE (Lendas e contos orientaes)	
Garcia Redondo — CARICIAS (Chronicas) 4. ^a edição	
Xavier Marques — TERRAS MORTAS (Contos)	
José Verissimo — LETTRAS E LITTERATOS (Obra posthuma)	
Almir de Andrade — DA INTERPRETAÇÃO EM PSYCHOLOGIA	
HUMBERTO DE CAMPOS — PERFIS (Obra posthuma — Chronicas)	
" " " — CONTRASTES — Obra posthuma — (Chronicas)	
" " " — SOMBRAS QUE SOFFREM — 5. ^a edição	
" " " — MEALHEIRO DE AGRIPA (Chronica) nova edição	
" " " — DA SEARA DE BOOZ — (Chronicas) nova edição	

NOVIDADES

TRISTÃO DE ATHAYDE

Indicações Políticas (da Re-
volução á Constituição)
X vol. da Bibliotheca Bra-
sileira de Cultura — br. . 8\$000

ALEXANDRE DUMAS

O "45" — Em 3 vol. da Col-
lecção "Sip" — cada vol. . 2\$000

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Discursos Academicos (4.^a
série, 1919) — Volume de
grande formato — br. . 12\$000

EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a A. J. de Castilho)

Londres, 9 de Junho de 1921.

Caro Castilho.

Desejo-te muita felicidade, baseada em dinheiro, saúde e tranquillidade domestica.

Peço-te o favor de enviar-me com urgencia uma grammatica ingleza de Motta Azevedo, coisa que talvez tenhas ahi entre os teus alcaides da casa antiga.

Tenho recebido os jornaes e muito t'o agradeço. Não ha necessidade de me mandares *A Noite*. Basta que me mandes de vez em quando o *Correio*. Recebo regularmente a *Gazeta*.

Deve ter chegado ahi um rapaz chamado Enéas Ferraz, que deseja publicar um livro, a respeito do qual mandei, por ele mesmo, uma carta ao Fernando Neves. Nada mais tenho a acrescentar ao que já disse, isto é, o livro é viavel, mas necessita de muita correcção. Emfim tu mesmo verás com olhos de editor, o que melhor te parecer. Lembranças a Dona Luiza e ao Fernando. Abraços do teu amigo

TORRES.

Londres, 14 de Junho de 1921.

Caro Castilho.

Peço-lhe a fineza de fazer chegar essa carta ás mãos physiologisticas do Dr. Miguel Osorio de Almeida, cujo endereço certo não tenho mais, desde que elle sahio de Manguinhos e poz as manguinhas de fóra.

Quanto a mim, nenhuma novidade, a não ser muita pobreza.

Adeus e abraços do seu ex-corde,

ANTONIO TORRES.

Londres, 18-7-1921.

Caro Castilho.

Antes do mais, agradeço-te muito os volumes que me mandaste, a saber: o de versos do Loretto, o romance do nosso estupendo Paulo Magalhães, e o livro do Ruy. Este ultimo está uma impressão excellente. Eu até nem sei como, nestes tempos de difficuldades, conseguiste fazer esse milagre de arte graphica. Li o Prefacio do livro e alguns capitulos. Esse nosso Ruy precisa de morrer. Que prefacio velho, tabacoso, ranhento, santo Deus! Por causa de uma simples composição ministerial em 1884, por ahi assim, o nosso Ruy faz paginas e paginas de uma literatura velha como o Abolicionismo, e esparramada, solenne, 1848, lenço de Alcobaça, absolutamente sobrecasaca de Alexandre Herculano, oh! mas que velho pau! E dizer que ha centenas, milhares de pessoas que, no Brasil, consideram genio — vejam só que modestia! — genio da raça latina esse parlapatão sem alma, esse rhetorico sem ideaes, esse demagogo interesseiro, esse explorador sonoro das massas igno-

rantes de um paiz... E não morre, o peor é isso, o homem não morre e toda a gente o venera. Mas a morte delle não nos adiantará muito, porque desgraadamente os seus livros ficarão. Se esse causidico de sorte se limitasse apenas á douta interpretação dos textos mofados do *Digesto* e das *Institutas*, grande não seria, o mal, porque só os interessados e os rabulas em potencia ou em acto têm taes coisas. Mas o democrata se intrometteu na politica e fez discursos altiloquentes, e lá uma vez por outra quiz versar idéas geraes. O mal que nos tem feito esse carroção intellectual, atravancador de beccos mentaes, é immenso. Serão necessarias pelo menos duas gerações, depois da morte delle, para apagar a memoria da sua rhetorica besta, como estão inteiramente apagadas a de Silveira Martins, a de José Bonifacio, o Moço, a de Lopes Trovão, etc. Este, coitado, vae assistindo á sua propria decomposição em vida...

Emfim, meu caro Castilho, eu só de-sejo que a tua ou melhor, todas as tuas edições tenham a mais vasta sahida.

Estou trabalhando num livreco de chronicas. O *Eleutherio* irá depois. A coisa não pôde ser assim tão depressa. O negocio não é tão facil como se pensa. O de chronica ainda não tem nome. Talvez se chame *Castellos no Ar*. Talvez tenha outro nome. Possivelmente, elle te será enviado em agosto proximo, por um portador de confiança. Espero que tudo ande pelo melhor no melhor dos mundos possiveis...

Quanto ao mais, nenhuma novidade, a não ser um calor tremendo. Lembranças ao Catullo e aos amigos todos. Respeitos á Dona Luiza. Abraços do teu

ANTONIO TORRES.

Londres, 10-IX-1921.

Meu Caro Castilho,

Estou absolutamente desgostoso com V. V. não chegou ainda a me dar nenhuma bofetada, mas tem feito coisa muito peor: não me escreve e nem si quer me responde a minhas cartas! Por que? Estará por acaso mal commigo? If so, why? Si está mal commigo, qual a razão? V. chega ao ponto de me mandar as cartas que me são dirigidas para a sua livraria, sem acrescentar uma simples palavra de affecto! O resultado é que eu fico pensando que talvez V. esteja, por qualquer motivo, aborrecido commigo e por isso se limita a esses actos de caridade, que eu reputo inexplicaveis. Creio que V., com grande admiração minha, está entrando na regra geral dos meus amigos dahi, isto é, na indiferença completa para com o amigo distante. O Gilberto é o unico que me tem escripto sempre e não deixa minhas cartas sem resposta. Deixar de responder a uma carta é uma desatenção; mas, para commigo, é uma profunda falta de affecto e uma grave injustiça, porque eu só escrevo ás pessoas a quem estimo muito; e eu só estimo a muito pouca gente neste mundo; e, como V. está nesse numero, estranho o seu injustificavel silencio. E' phantastico! Parece que sou eu o unico a amar os meus amigos! Estes, na generalidade dos casos, procedem commigo como si eu lhes fosse estranho! Não me venha V. allegar o muito trabalho, porque eu não aceito essa desculpa. Embora o trabalho possa ser muito, ha sempre tempo para mandar uma simples saudação num postal. Espero, que o meu amigo Castilho me responda pelo menos esta, para me dizer se eu ainda sou seu amigo ou não. Meus respeitos affectuosos a Dona Luiza e votos de felicidade a V.

Do seu esquecido mas sincero amigo

ANTONIO TORRES.

Brazilian Consulate General

Londres, 19 de Setembro de 1921.

Caro Castilho,

Recebi o livro do Catullo. A edição está boa; os versos, excellentes. Esse nosso Catullo é um bicho. Os poemas escriptos em linguagem corrente pareceram me entretanto, menos interessantes do que os demais, escriptos na falla sertaneja. E', nisto, no sertanejo, que Catullo é invencivel. Ahi, sim, elle é o cantor mais famanado ahi do redondel. Eu sempre me lembro delle, principalmente quando, no inverno, o fogo está acceso

leiam

ESTRANGEIROS

O novo Livro
de

Agrippino Grieco

em edição de

ARIEL Editora

Nesse tempo, fico eu a fumar, olhando para os carvões e lembrando-me do:

Eh! bambeira!
Eh! bambeirá!
Quero vê queimá cravão!
Quero vê cravão queimá!

Eu tanto fazia o Catullo cantar isso para mim, que agora é o meu principal divertimento: **vê cravão queimá...**

Também eu estou trabalhando. Resolvi deixar o **José Eleutherio** cochilar mais algum tempo e acordei **Martim Affonso de Souza**. Estou trabalhando neste ultimo. Vae ser um romance puxado a sustancia, profundamente historico scientifico, erudito e muito grave. E para fazer chorar da primeira á ultima pagina. V. verá...

Fiquei satisfeito ao ler que V. tem no prélo as **Memorias do Districto Diamantino**. Obteve finalmente accordo com a familia do autor? Eu tenho aqui commigo a 1.^a edição, que o Viriato Correia se cansou de me pedir emprestado, mas eu não lh'o emprestei, porque elle me ficou com as **Ephemerides Mineiras** e nunca mais quiz restituir-m'as, tendo eu grande trabalho para obter outros exemplares, que, por signal, devem estar ahí com V., no meio de outros livros. Felicito-o, pela iniciativa. As **Cartas da Inglaterra**, do Ruy, também são boas. Esse é um dos melhores livros delle, embora eu não concorde com muita coisa que ha nelle, principalmente a respeito do Dreyfus.

Antes, porém, de mandar-lhe o **Martim Affonso**, tenho que mandar-lhe um outro, de chronicas, possivelmente chamado **Novas e Velhas** ou **Velhas e Novas** ou então **Castellos no Ar**, nome da primeira chronica, a respeito de castellos no Morro do Castello. Estou absolutamente **prompto** e precisando de uns cobres. Em outubro V. deverá receber os originaes, com um prefacio. Quanto ao preço, V. sabe perfeitamente que não brigaremos. V. me pague o maximo que poder e me mande o arame logo, numa ordem telegraphica...

São duas da tarde, neste momento em que te escrevo. Ainda estamos longe do inverno. Mas as luzes estão accensas no escriptorio; e lá fóra, na rua, já ha também luzes accensas. Frio e nevoeiro! Almocei de luz accesa no restaurante. E por enquanto ainda é outomno. Imagine o que será o inverno.

Eh! bambeira!
Eh! bambeirá!
Quero vê queimá cravão!
Quero vê cravão queimá!

Agora vou dar-lhe uma idéa, caso V. já não a tenha tido: a da publicação de **Correspondencias**. E' mais que tempo cuidar da publicação das cartas dos nossos grandes homens. O Miguel Mello pôde orientar-o a respeito da correspondencia de José Bonifacio, o Patriarcha do Largo de São Francisco. O Mario de Alencar, a respeito da de Machado de Assis. O Max Fleuiss, a respeito da de

Francisco Octaviano, que está no Instituto Historico, e é interessante, segundo julgo por alguns specimens que vi, graças ao mesmo Fleuiss. Mas o Fleuiss é tímido e com certeza não quererá permittir a publicação integral da Correspondencia. Em todo o caso V. converse com elle, porque vale a pena. Essas correspondencias lançam muita luz no campo da historia politica, social e litteraria. Nós vivemos a discutir os homens nas trévas, por falta de memorias e de correspondencias, mas as correspondencias intimas, onde elles appareçam em ceroulas, e as mulheres em fraldas de camisas. Isso pôde deixar algum lucro a V. e ao mesmo tempo será um bom serviço ás letras e á historia patria.

Outros assumptos. Veja si lhe é possível mandar-me uma collecção de postaes com boas vistas do Rio de Janeiro, mas com certa presteza, porque é para mostrar a inglezes que se interessam por isso. Tudo isso e mais os livros que eu lhe tenho encommendado. V. de pois deduzirá do que houver de pagar-me pela proxima edição. Sei que V. é muito occupado, mas não incumbo disso o Godoy, porque esse nem ao menos me manda um simples postal, já lá se vão tres mezes, apesar de lhe escrever eu sempre, com regularidade. Que o **procurador** fosse desidioso, pouco me importava, mesmo porque os haveres a defender são pouco mais que nada; mas que o **amigo** me seja indifferente é o que eu não me explico a mim proprio!!!... Si fôr possível, mande-me também umas vistas grande da Guanabara, Corcovado, etc.

E por enquanto adeus. Meus respeitos a Dona Luiza, ao Fernão Neves ao Catullo, o nosso trovador e enamorado, ao Miguel Osorio — essa flor que não me escreve. Abraços ao nosso Jackson e ao Viriato! Com cincoenta diabos de diabos de diabos do Inferno! Tres horas da tarde e luzes accensas por toda a parte! Os vendedores de jornaes gritam lá fóra as ultimas noticias da Irlanda: **The Irish Peace, please!** Tudo isso misturado com o nome do Charles Chaplin (o Carlito do cinema) e o melhor cavallo de corrida. Vae também nesta um abraço ao Paulo Filho. Varias figas aos Mirandas e Barafundas. Mais uma vez saudosos adeus e abraços do

TORRES

Nenê Maccaggi — **Contos de Dôr e de Sangue** — Rio.

Não se trata de uma desconhecida do nosso publico e julgadores autorizados já deram a entender o que valem os contos dessa joven escriptora paranaense. São curtos romances em que um desejo de cruel veracidade psychologica mal encobre as tendencias romanticas da autora. Compraz-se a sra. Nenê Macaggi em evocar os mais bizzaros artistas da paixão criminosa. Todavia, a bondade e a ternura da raça que deu os santos das montanhas da Umbria impedem-na de ir a um repugnante sadismo litterario.

Nilo Peixoto — **Questões Palpitantes do Pensamento Moderno** — A. Coelho Branco Filho, Editor — Rio.

A publicação deste volume vem de mostrar que a nova geração nortista continua a interessar-se pelos estudos de character objectivo. Foi-se a época da loquacidade inutil e hoje tudo são pesquisas no sentido de averiguar a procedencia do homem e quaes os seus destinos reaes na face do planeta. O Sr. Nilo Peixoto, que se nos afigura bem informado em assumptos anthropologicos e psychologicos, embora ás vezes com certo affluxo excessivo de idéas, coisa explicavel em quem ainda não chegou á plena maturidade da producção, apresenta-nos, nestas **Questões Palpitantes do Pensamento Moderno**, noventa paginas em que encontramos a summula de muitas leituras proveitosas e o acrescimo de um raciocinio pessoal que testemunha em favor dos futuros livros do joven sociologo.

Correspondencia

LEITOR — Rio — A primeira série de folhetins de **Vie Littéraire**, de Anatole France, no **Temps**, deve ter apparecido no anno de 1886. No volume estampado em 1888, as duas primeiras chronicas tratam, respectivamente, do apparecimento do livro **Sérénus**, de Jules Lemaitre (1886) e da posse de Léon Say na Academia Franceza (tambem 1886). — Estudos sobre Anatole France: G. Michaut, **Anatole France, étude psychologique**; Jacques Roujon, **La Vie et les Opinions d'Anatole France**; Charles Maurras, **Anatole France, politique et poète**; Roger Le Brun, **Anatole France**; Marcel Le Goff, **Anatole France à la Béchellerie**; Paul Gsell, **Propos d'Anatole France**; Sándor Kémeri, **Promenades d'Anatole France**; Jean Jacques Brousson, **Anatole France en Pantoufles, Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres**; Ruy Barbosa, **Anatole France**; Nicolas Ségur, **Conversations avec Anatole France**; René Johannet, **Anatole France est-il un grand écrivain?**; Jeanne-Maurice Pouquet, **Le Salon de Madame Arman de Caillavet**.

UM LEITOR — Laguna — **Elucidario Technico do Linotypista**, preço 15\$000 pedidos á Typ Alba, rua do Lavradio, 60 Rio — **Algebra**, do Dr. Aarão Reis, preço 20\$000. **Arithmetica**: esgotada. — **Almanack Laemmert** — **Guia do Brasil** — esgotado. Apparecerá novamente em maio. — Technica e organização commercial: **Magazine Commercial**, rua 1.^a de Março, 84, Rio. — **Decadas Republicanas** — Trata-se de uma antiga publicação da Casa Laemert, hoje suspensa, contra a vida politica da Republica. Appareceram oito volumes, hoje bastante raros. — Livros da série "F. I. C.", de mathematica e sciencias physicas e naturaes: **Mecanica**, 12\$000; **Geometria**, 15\$000; **Geometria Descritiva**, 15\$000; **Trigonometria**, 12\$000. Pedidos á Livraria Garnier Ouvidor, 109, Rio.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos Srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- José Maria Bello — **Imagens de Hontem e de Hoje** — Chronicas — Ariel Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- Armando de Oliveira — **Poesias** — Ariel Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- Affonso de E Taunay — **Bartholomeu de Gusmão e a sua Prioridade Aerostatica** — Escolas Profissionais Salesianas — São Paulo.
- José Osório de Oliveira — **O Romance de Garrett** — Livraria Tavares Martins — Porto — Portugal.
- Estevão Cruz — **Historia Universal da Litteratura** — 2.^a parte: Idade Média e Idade Moderna — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Humberto de Campos — **Notas de um Diarista** — 2.^a série — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Humberto de Campos — **Critica** — 4.^a série — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Isaac Tapajós — **A Proposito...** — Rio de Janeiro.
- Nicolau Berdiaeff — **Uma Nova Idade Média** — Trad. de Tasso da Silveira — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Rubem Braga — **O Conde e o Passarinho** — Chronicas — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Renato Kehl — **Typos Vulgares** — Chronicas scientificas — Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro.
- M. Picanço — **Clovis Bevilacqua — Sua Vida e sua Obra** — Braga & Valverde — Rio de Janeiro.
- Leonidas de Loyola — **Album de Figuras** — França & Cia. Ltda. — Curityba.
- J. Maia — **Catalogo-Diccionario das Theses Inauguradas defendidas perante a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo** — São Paulo.
- Alvimar Silva — **Clarões** — Versos — Victoria.
- T. Furtado Reis — **A Constituição Federal e a Navegação Aérea** — Imprensa Nacional — Rio.
- Denis Diderot — **O Sobrinho de Rameau** — Athena Editora — Rio de Janeiro.
- João Neves da Fontoura — **Gaspar Martins** — Ed. Soc. Felipe d'Oliveira — Rio de Janeiro.
- O Diabo** — Semanario de Litteratura e Critica — Lisboa — Anno II — Num. 87.
- Rumo** — Revista Mensal — Porto Alegre — N. 1.
- Invicta** — Revista Mensal — Curityba — Anno II — Num. 5.
- Fronteiras** — Periodico Mensal — Recife—Anno V—Num. 11.

Armando de Oliveira — **Poesias** — Ariel Editora Ltda. — Rio.

A proposito do Poeminha da Rosa, do mesmo autor, já tivemos oportunidade de accentuar as qualidades desse lyrista subtil que sabe actualizar as emoções romanticas, aproveitando o que nellas existe de permanentemente humano. Ainda em plena juventude, o sr. Armando de Oliveira não procura embuçar os sentimentos de quem foi menino até ha bem pouco numa sisudez de arte que facilmente o conduziria ao pedantismo verbal. Seus assumptos estão todos contigues da primeira idade, respiram a frescura dos dias em que tudo é colorido e tilintante aos olhos e aos ouvidos dos garotos. Mão grado a admiração e relativa adhesão aos poetas de rythmos syncopados e imagens avulsas, não esquece que no formoso rincão paulistano, de que é filho, cantaram o fluminense Varella e esse delicioso Vicente de Carvalho que foi um dos primeiros marinhistas da nossa poesia. Verlaine ainda o obseada, com suas musicas vocaes, seus espelhos e seus jogos de repuxos. As festas galantes dos velhos tempos não parecerão desdenháveis aos olhos de quem vê tanto arranha-céu, tanto cartaz obstruindo a paisagem em que se derramaram os olhos de Anchieta e onde Castro Alves encontrou as nevoas do "hibernal Friul". Mas no que se deve insistir é que esse quasi estreante vae muito bem no manejo rythmico das estrophes em que tão bem concilia o galanteio classico e uma com-

prehensão modernista da agitação das turbas. Suas poesias, reunindo trabalhos já nossos conhecidos a outros em que o autor nos apresenta uma personalidade bem mais avançada e enriquecida, não importam de modo algum em trahição á confiança dos que animaram os primeiros productos desse moço paulista. Mas a verdade é que o conjunto de agora ainda não é a realização total de um poeta cujo espirito tem ainda muitas aventuras a viver, muitos avatares a transpôr.

José Osorio de Oliveira — **O Romance de Garrett** — Livraria Tavares Porto.

Era manifestamente de estranhar que certas personalidades litterarias da Lusitania não inspirassem aos escriptores vivos bellas biographias romanceadas. Um Almeida Garrett, por exemplo, dada a sua vida de constante mobilidade patriotica, a sua riqueza de dons espirituaes, e as paixões allucinantes que o atormentaram até á velhice, estava naturalmente indicado para suscitar um biographo que, medindo-lhe as qualidades de renovador da sensibilidade poetica do tempo, não esquecesse o homem dos salões, o apaixonado das fidalgas, o madrigalista ardoroso que não temia comprometter as suas tarefas de politico dirigindo os mais fogosos galanteios ás lindas mulheres de Lisboa. Com um farto e precioso numerario de documentos, aproveitado num estylo que é de encanto e fascinação invulgares, o sr. José Osorio de Oliveira, bastante conhecido de todos os que lêem no Brasil, reconstituiu, em synthese incisiva, a formosa novella de vibrações affectivas ou civicas que foi a existencia do maior poeta do romantismo portuguez, daquelle que ainda hoje não caducou para o entusiasmo dos que percorrem versos da mesma lingua em dois continentes. O que haja porventura de fabulação neste livro não lhe perturba nem ao de leve a fidedignidade historica e, se o autor da **Dona Branca** nos surge por vezes em modalidades algo irreaes, é que em creaturas assim reponta não raro o desejo de viver os pöemas que escrevem repetindo em plena sociedade os lances mais atrevidos das personagens que imaginam. Pensador e estylista como não existem muitos no Portugal de agora, o sr. Osorio de Oliveira vem de realizar, com esta publicação, o seu melhor livro e um dos melhores de que se pôde ufanar a sua brilhante geração litteraria.

Brevemente

Dr. Suikire Carneiro

HYGIENE E CUIDADOS PARA

COM A CRIANÇA

2º VOLUME DE

"ROTEIRO DAS MÃES"

JÁ PUBLICADO:

ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA



BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

UTOPIA, ILHA BRASILEIRA

Terá sido uma das ilhas da Terra do Brasil o ponto de referencia geographica que serviu a São Thomaz Morus para a localização da sua "melhor das Republicas"?

Eis a curiosa questão, que me ocorreu, no decurso de uma investigação destinada a certo trabalho, que tenho em preparo.

Demorei-me, pouco mais, sobre o assumpto, e chego, hoje, quasi a decidir a perguntar pela affirmativa, sem vacillação.

Considero, mesmo, extranho que até agora não se tenha procurado localizar, na geographia real, a ilha fabulosa de Morus, a exemplo do que já se tem feito com outras, do mesmo genero, como as Hesperides, as Fortunadas, as do Brasil e tantas mais.

Tão extranho que não me parece prudente assegurar, assim, emphaticamente, que tal localização já não tenha sido tentada, ou, talvez, mesmo, feita, antes destas linhas. A bibliographia sobre Thomaz Morus e o seu livro é enorme, e é possível que algum dos seus biographos, criticos ou commentadores se haja preocupado com a questão, resolvendo-a, mesmo, da maneira que me parece mais acertada.

O facto é que nunca deparei com qualquer tentativa semelhante nas obras dos historiadores patricios, ou dos estudiosos das coisas do Brasil. E o que tenho lido sobre o illustre martyr catholico, hoje santificado pela Igreja, nada esclarece, tambem, a respeito.

E' sabido que o livro de São Thomaz Morus foi decididamente influenciado, na parte geographica, e em varias das suas considerações politicas, pelas celebres cartas de Americo Vespucio, publicadas em obra que teve, na epoca, espantoso successo.

O personagem principal da Utopia, aquelle que figura como divulgador das novas instituições

politicas por elle observadas na ilha feliz, é um portuguez, chamado Raphael Hytlodeu, (em grego, contador de patranhas), o qual teria sido companheiro do grande florentino nas tres ultimas das quatro viagens por elle empreendidas aos novos mundos, que Colombo revelara.

Já o facto de ser luzo o heroe, mostra o maior interesse do autor pelas terras de conquista luzitana, no Novo Continente.

Mas, nas paginas da Utopia, se verifica, ainda, que Raphael contava ter sido um dos 24 christãos que Vespucio, na sua quarta viagem, deixou guardando um fortim (na realidade uma especie de feitoria), construido na terra descoberta.

Todos os leitores da Utopia sabem disto. Mas, o que nem todos sabem, ou melhor, o que não lhes interessa, em geral, verificar, é o ponto em que estava situado o fortim de Vespucio, dentro de uma carta actual da America.

Ora, este fortim, era nada mais, nada menos, do que a feitoria de Cabo Frio, tantas vezes alludida pelos nossos chronistas do primeiro seculo, francezes e portuguezes, e que tantos serviços commerciaes prestou, no cyclo economico da exploração da madeira de tingir.

Foi, de facto, no futuro Cabo Frio, de accordo com a identificação feita, primitivamente por Alexandre Humboldt e, mais tarde, confirmada por Varnhagem, e varios outros, que Vespucio erigiu um fortim colonial, nelle deixando os 24 christãos, cuja vida aventureira tanto iria impressionar ao sisudo magistrado Thomaz Morus, que sonhava com a justiça social e a reforma do mundo, na paz sedentaria da sua casa de campo.

Sonhos traduzidos em dissertações philosophicas e em ardentes conversas com os hospedes frequentes, e que levaram o seu amigo Erasmo de Rotterdam, a escrever ali, contagiado pelo ambien-

te revolucionario da mansão bucolica, o Elogio da Loucura.

O episodio da parada em Cabo Frio é relatado por Vespucio, na Carta a Sonderini, da seguinte maneira:

"Descobrimos um porto, a que puzemos o nome de Bahia de Todos os Santos... Navegamos mais para deante 260 leguas até chegarmos a um porto aonde concertamos construir uma fortaleza, o que fizemos. Nella deixamos 24 christãos. Permanecemos neste porto cinco mezes construindo a fortaleza e carregando os nossos navios de pão brasil".

A Utopia estabelece, de vez em quando, a confusão, corrente no seculo, entre a America e a India.

Mas era sempre para a America que tinha Thomaz Morus os olhos voltados e isto prova a insistencia com que elle fala no "Novo Mundo", ou em "Terras Novas", que eram as denominações destinadas aos descobrimentos dos luzos e hespanhoes.

Não era a velha India, conhecida da Europa desde a antiguidade, com a sua cultura evoluída, que interessava aos philosophos revolucionarios do seculo XVI. O que constituia para elles fascinante mysterio eram as Novas Indias de Colombo, habitadas por gentes desconhecidas, primitivas e pacificas, ignorantes do commercio e da politica, vivendo a vida innocente e natural do Eden.

E nós podemos, ainda, assegurar que a Utopia se encontrava não só na America, como na America do Sul.

De facto, em certo ponto do livro, Raphael assegura que os utopicos estão "mais separados dos europeus pela differença dos costumes do que, propriamente, pelo circulo equatorial".

Isto tudo indica que a ilha perfeita se encontrava no hemispherio sul.

Vejamos, agora, que ella não estava longe da costa brasileira.

Em primeiro logar recordemos que o seu visitante, e revelador, era um portuquez, chegado com Vespucio, e partido de Cabo Frio, tendo encontrado a ilha no hemispherio sul, antes de atravessar o Equador. Foi, alem disto, num navio portuquez que Raphael repressou da Utopia a Portugal.

Ora, a carta de Vespucio, que serviu de base á narrativa de Morus só se refere a uma unica ilha nesta viagem, e esta ilha solitaria, cuja situação coincide com a Utopia, não é outra senão a de Fernando Noronha, antiga da Quaresma e cujo nome actual é corruptela do de Fernão de Loro-nha, christão novo e primeiro contractador do commercio do pão brasil.

Vamos transcrever o trecho, em questão, da Carta a Sonderini:

"estando já fóra da linha equinoxial, para o sul, bem uns tres grãos, descobriu-se uma terra... da qual nos maravillamos e verificamos que era uma ilha no meio do mar; e era coisa muito alta,

bem maravilhosa pela natureza, porque não tinha mais de duas leguas de comprido e uma de largo, a qual ilha nunca foi habitada por gente nenhuma".

A ilha maravilhosa e deserta descripta pelo florentino, cheia de mattas, de aves, de aguas cantantes, se abria como uma flor, se offerecia como uma sereia, no meio das aguas. E o philosopho inglez precisava de uma terra assim, que fosse como um ponto de abrigo, como uma patria de justiça e de paz social; uma ilha venturosa que fluctuasse, muito alta, no meio do mar violento de crueldades, miserias e oppressões que era o mundo do seu tempo.

Que importa que ella nunca tivesse sido habitada por gente nenhuma? Esta era mais uma vantagem. Sem historia, sem povos, sem instituições já existentes e viciosas, constituia um pouso admiravel para a humanidade perfeita. Thomaz Morus se encarregaria de povoal-a, trazendo para ella os puros e os sabios, aquelles mesmos entes superiores, que Platão tinha collocado na sua Republica, e que, dahi por deante, Bacon transportaria para a Nova Atlantida, Campanella para a Cidade do Sol, e que iriam, servindo, sempre, atravez dos sonhos dos poetas, de exemplo para os poderosos, e de redempção para os opprimidos.

AFFONSO ARINÔS DE MELLO FRANCO

J. Pinto Antunes — A Philosophia do Estado Moderno — S. Paulo.

Dentre os jovens paulistas, consagrados a uma boa politica realista e objectiva e não a torneios de parolagem vã, destaca-se o sr. J. Pinto Antunes. Tão forte em philosophia quanto em bellas lettras, concentra elle, nestas cento e vinte e oito paginas nunca desnecessarias ou tediosas, os resultados de longas meditações no que concerne á critica do Estado moderno. Dantes, além de reportar-se a Alvares de Azevedo, que classificou de "romantico da intelligencia", lançou elle as bases da **Raciocracia**, uma fórmula scientifica de governo delineada de accôrdo com inspirações um tanto arbitrias do autor. Mas este volume revela um avanço bem sensível sobre os seus propositos anteriores. Ha aqui menos ideologia e melhor conteudo juridico e social. Ao ante-projecto da Constituição brasileira de 1934, appôz elle commentarios não desdenhaveis nunca, de quem não era intruso e sim antigo pesquisador em taes assumptos. Em artigo estampado numa revista da Paulicéa, perguntava o sr. Pinto Antunes, ha dois annos, se existia questão social no Brasil. Já agora, não duvida elle que existe essa questão, e procura trazer achegas no sentido de solucional-a, não dentro da utopia de energumenos que nada edificam e sim em obediencia ás necessidades e possibilidades da terra e da gente brasileiras.

Samuel Maia — Dona sem Dono — Livraria Bertrand — Lisboa.

Por intermedio do distincto livreiro Joaquim de Oliveira Antunes, pessoa em tudo digna do nobre commercio das coisas do espirito, porque tambem um intellectual, recebemos este volume de um dos romancistas actualmente mais lidos em terras portuguezas. Samuel Maia, que já se viu consagrado com a publicação de um romance anterior, explora neste livro o caso de uma rapariga que, oriunda de ambientes meio agrestes, vae ter ás terras classicas da cultura, agitando-se em sensações desconhecidas. A descripção da visita á Italia é feita em pinceladas intensas.

“SAMAMBAIA”

Roquette Pinto é um espirito que traz consigo o encanto. Falando, ou escrevendo, é sempre o mesmo animador da palavra fascinante. Sereno e lucido, com uma benevolencia indulgencia universal, como quem já attingiu a alta sabedoria das coisas, elle faz da cultura um horizonte illuminado para a arte ou a sciencia, e da imaginação um jogo agil de ficções.

As suas poesias e os seus contos são os sobejos de uma mente opulenta dedicada á investigação da Sciencia, em todos os seus vastos dominios, ou ao menos naquelles que mais poderosamente attrairam a penetração e a subtilidade da sua intelligencia. Nestes ultimos tempos, não conheço quem, entre nós, mais profundamente e utilmente tenha viajado pelo mundo tão pouco frequentado da cultura.

Entretanto, Roquette Pinto guarda nos seus contos e nos seus versos uma adcravel frescura de imaginação, uma sensibilidade penetrante, uma bondade serena pelas coisas e pelos seres. Sobretudo o que está, muito viva, nos seus livros, é a paizagem, esta paizagem e estes céus nativos.

Samambaia acha-se assim, no numero dos livros que conservarão sempre uma eterna frescura de desenho e de côr. Trata-se de uma collectanea de contos muito simples, com esse fundo de paizagem tão familiar a quantos já percorreram as cidades humildes de provincia, humidas ainda do sumo colonial, paizagem desse Brasil tão grande e tão ingenuo nos seus costumes sertanejos e na sua vida patriarcal. Mas nessa ingenuidade de vida embryonaria, quanto sentimento, quanta tragedia em miniatura para os verdadeiros desenhistas de almas! Que emoção, por exemplo, nos communica essa pequenina obra-prima intitulada — *Matta Devoradora* — uma das paginas dolorosas do livro:

“...Genesio balançou a cabeça tristemente. Os tropeiros to-

dos olhavam para elle, imitando sem querer o gesto desalentado:

— E’... A matta devora tudo!

E quando a gente volta, não acha, nunca mais, o que deixou...”

Roquette-Pinto, como já dissemos, compõe os seus quadros com elementos de uma extrema simplicidade. O que elle procura é o fio invisivel do sentimento e da realidade, a nota terna ou profunda da vida. Pertence ao numero dos que não acreditam que o *Elucidario* de Viterbo deva intervir na elaboração das verdadeiras obras de arte da litteratura.

Foi, sem duvida, pensando assim, que elle deu á *Samambaia* uma superior belleza litteraria. O seu idioma é puro e elegante e sem o artificialismo dos vocabulos rebuscados nos lexicons dos puristas, dos camillistas. Desse modo, não pôde deixar de ter vida, de pulsar com a bella pulsação de um sangue joven.

Nada de palavras de museu nestas paginas claras e arejadas. Nada de clacissimos poeirentos e quinhentistas neste estylo que respira alto e goza boa saude. Sobre o encanto das ficções, o encanto da fórmula. A vida abrindo janellas amplas para a vida.

Os fiscaes linguisticos da beira do Tejo já não inspeccionam, como nos tempos de Alencar, os nossos productos syntaticos e litterarios. Podemos escrever, pois, sem o velho terror de mestre Filinto Elyseo, espectro tyrannico dos litteratos de outrora...

Por tudo isso, lê-se este livro com prazer, e fica-se a desejar outro. Aquellas paizagens que a sua penna animou, aquelles perfis humanos tão bem desenhados, tão bem sentidos, a gente não esquece. A alma vasta e informe do Brasil está dentro de *Samambaia*.

Todos esses contos, uns valem os outros. A mesma nota discreta de litteratura, o mesmo tom familiar das narrações, a mesma arte encantadora de conver-

sar com o leitor, numa hora amavel da intelligencia.

Entre tantas outras, “O Homem da Sorte” é uma pagina incomparavel de bom humor, de deliciosa bonhomia — um brinquito com o Destino.

Sim, *Samambaia* é um livro encantador. Um livro bom. O mais encantador que tenho lido nestes ultimos tempos.

THOMAS MURAR

Vilhena Moraes e Orlando Fonseca
Lingua Latina — Cia. Editora
Nacional — S. Paulo.

E’ uma grammatica e ao mesmo tempo uma anthologia. Na parte grammatical encontram-se, intelligentemente seleccionados, todos aquelles detalhes que possam abrandar ou simplificar a aprendizagem de uma lingua que foi longos annos o pavor dos alumnos, pela arrogancia fatua com que a ensinavam os mãos pedagogos, mas, bem comprehendida e bem praticada, será perpetua fonte de belleza para os homens. E é isto exactamente o que prova a parte de florilegio do volume, onde falam as vozes mais puras do classicismo romano. Percebe-se que os srs. Vilhena Moraes e Orlando Fonseca dominam um vasto numerario de leituras antigas, sem prejuizo do perfeito conhecimento das litteraturas modernas, e assim estão de todo aptos para desobrigar-se de tarefas como esta: a de evidenciar a permanente actualidade dos latinos que, discipulos dos gregos, se fizeram por sua vez mestres da cultura occidental.

Alfonso Teja Zabre — Historia do
Mexico — Imp. de Sec. de Rel.
Exteriores — Mexico.

Ao contrario do que ocorre quasi sempre com publicações de character official, é esta uma obra simplesmente notavel. Provocou-a sem duvida o desejo, bem comprehensivel no governo mexicano, de glorificar o passado e o presente de seu paiz. Mas o panegyrico da grande nação azteca é desenvolvido nestas paginas com elevação e cultura indiscutíveis. Com uma impressionante força synoptica, o sr. Teja Zabre apresenta-nos os acontecimentos essenciaes do Mexico, no que diz respeito á terra, ao homem e aos momentos sociais e politicos. Tudo em que cooperaram alma e cerebro de um grande povo ahi se encontra. E’ uma synthese golpeante, que perdurará nas memorias. O historico do que a patria de Diego Rivera recebeu dos indios ou da Hespanha, e o que realizou por si mesma, autonomamente máo grado as unhas cubigosas de um vizinho voraz, tudo isso enche as paginas, nunca demasiadas, de um livro vivissimo, que é bem um breviario de civismo raciocinado e constructor.

DE LISBOA

UM LIVRO DE JOÃO DE BARROS

A actividade intellectual de João de Barros, já sobeja e galhardamente comprovada pela sua fecunda vida de escriptor, suggeriu-nos, antes de entrarmos mais detalhadamente na analyse do seu livro, o estudo do problema da criação litteraria referida ao productor intellectual.

Sob o moderno conceito de uma chamada crise de espirito, distinguem-se, dentre os elementos e factores que contribuem para a sua demonstração, os de ordem geral, proprios da mentalidade do tempo, e os de ordem particular, referidos subjectivamente ao individuo, isto é, á personalidade criadora que nelle se contem.

Caracteriza esta crise de espirito, em especial, a sobreposição dos valores humanos, os chamados totalitarios, aos da actividade espiritual, livre e desobrigada, em si mesma, de qualquer interesse, participação ou objectivo no plano da vida temporal.

Livre e desobrigada — importa para o espirito a attitude que lhe confere a mais alta dignidade da vida.

Porém, uma servidão permanente ao temporal caracteriza o homem moderno. Na obediencia cega ás sancções da cruciante posição tomada pelo homem na vida moderna, eil-o que renega, que abjura a mais viva e eloquente parte de si mesmo, o conteúdo essencial, a predestinação augusta da pessoa humana: — a realidade transcendente do espirito.

Dá-se com esta inversão de valores, com esta instabilidade de direcção no homem, um desequilibrio, uma deslocação dos fins humanos, um desvio do eixo da sua existencia.

Do antagonismo destas duas realidades, espirito e materia; do conflicto destes dois conceitos, ephemero e eterno — resulta, na obstinada tendencia do homem para aquella das realidades ou para aquella dos conceitos, de typo abusivo, uma quebra de unidade, um desnivel de planos, uma descompensação do humano no campo harmonico da vida. Com o cair de um dos pratos da balança para um só dos lados, cedendo ao peso; com a sobreposição de uma das actividades sobre a outra; com a redução de uma das funcções; com a convergencia da sua attitude para um só dos fins, limita-se no homem — pela negação do espirito — a sensível e nobre capacidade das suas aquisições, das suas aspirações, dos seus dons criadores; pela negação do eterno, toda a série de prolongamentos interiores, calando-se no tempo aquella sua voz de poesia com que fala de sobre os mundos, extinguindo-se, no subito fluir do homem ephemero, a alliança occulta delle com o homem de sempre.

“Combien l'homme ne me parait grand que par son obédience a sa partie divine” disse-o, ainda ha pouco, soffrego da grandeza e da autonomia do espirito, — a tal parte divina — Benda.

Mas disse-o num tom, como quem deplora o derriuir de um bem eterno, a grande catastrophe humana.

Na prefiguração da referida crise do espirito, na perda da sua autonomia — o seu aspecto essencial — o problema accusa uma gravidade transcendente nas relações do mesmo phenomeno com o artista, o pensador, o homem de sciencia, com o typo do homem intellectual emfim.

São-lhe adversos os systemas, as theorias, as formulas de natureza politica, moral ou social, que, sob o apello da experiencia moderna, lhe roubam a autoridade, denegam a autonomia, lhe restringem as funcções, o commando superior na orientação humana. Cerca-o, como em sopé de rocha altiva, a maré morta de todos os fanatismos e de todas as restricções. Affronta-o a inspiração da violencia. E, por fim, esquece-o o homem na illusoria direcção das suas forças, fundindo-as na exasperada e violenta fruição do instante, na integração apaixonada do seu fremente modernismo.

A vida do espirito correrá perigo.

O intellectual, e entendemos por intellectuaes todos os constructores do espirito, soffrerá na disputa, no repudio da sua mensagem, a dura guerra da barbara idade do excesso. Mas, qualquer que seja o rumo do destino humano, logrará esta crise, em sua essencia transitoria, por dilatados tempos ainda, modificar o curso da trajectoria classica do espirito? Suppomos que não.

Na réplica já enunciada pelos espiritos mais lucidos ás interrogações da consciencia humana, se presente o fermento espiritual que recriará e levedará as novas formulas de protesto, situando o individuo na plenitude da sua razão, que é o homem espiritual.

Resta que — do reencontro do homem consigo mesmo — elle nos dê, como puder e souber, a medida do universo. Cumpre, se é digno delle e de si mesmo, que o revele com as lagrimas secretas da sua estranha formosura.

Reportamo-nos, neste breve exordio, á vida difficil, aos desvios e solicitações que impõe a vida moderna ao homem intellectual. Decerto, não o fômos buscar para inopportuna divagação. Querendo delinear o perfil de certo intellectual, de certo modo de ser, de determinado modelo da nossa admiração, teriamos que, préviamente, situá-lo no quadro proprio, no meridiano espiritual da sua época. E' o que succede a proposito de João de Barros e da publicação do seu recente trabalho.

E' João de Barros do typo do intellectual perfeito. Na obediencia á sua *parte divina*, isto é, ao seu espirito, no ajustamento da sua personalidade de criadora á sua personalidade humana, não ha

desvios, transigencias do essencial, descontinuidade, *traições*. Aceitando, no plano da vida, a hierarchia dos valores do espirito, é na disciplina dos actos da sua personalidade intellectual, é na consonancia da sua razão ordenadora com a vida que se revela a unidade da sua acção.

Não o solicita, no transito desconcertante da vida presente, a seducção das actividades absorventes, das actividades impuras em relação à vida das idéas e do espirito. Accidentalmente politico, educador por conformação da sua intelligencia, é, porém, na vida das idéas, como ensaista, é, no ambito da sensibilidade, como artista que o seu ideario encontra a formula, a resposta às suas proprias inquietações.

Na tensão da sua actividade criadora, na repulsa da vida dada em peccado de quotidiano e de vulgaridade, na insatisfacção de um mundo pressentido no plano da belleza, João de Barros allia, de uma forma notavel, a nobreza e a elevação da sua experiencia humana com a categoria sensível da sua mensagem de artista. Desta intima alliança da sensibilidade e da intelligencia, da dignidade do seu espirito e da sua fidelidade à sua missão de escriptor, se explica a sua conquista pessoal, o seu poder de revelação e o valor humano e eloquente da sua obra.

Porém, entre as faculdades mais expressivas, predicaos e dons mais altos do seu espirito, dentre as suas vozes interiores, uma sobreleva a todas em altitude e aspiração, em profunda interioridade, em perpetuo anseio: a voz da sua poesia. Não erramos, suppôndo que, se João de Barros tem dado o melhor da sua intelligencia, da sua cultura, da sua experiencia, às variadas modalidades do seu espirito, à poesia, em especial, delegou no mais alto grau a melhor e a mais viva parte de si mesmo, transferindo para ella a sua razão de ser. Nella elle se revela o que é: um authentico, um perfeito, um grande poeta da energia e da alegria criadoras.

Dá-nos João de Barros, num seu recente livro publicado, *Na Patria Esquecida*, o perfil de uma patria ideal, um todo em actividade crescente, uma analyse espectral da alma portugueza.

A ella se reporta, nesta synthese admiravel: "Patria ideal, em summa, em lindes e acaso sem nome, aberta a todas as almas soffregas de communhão espiritual — e hostile apenas áquelles que trahem, olvidam ou falseiam a missão que o talento, o genio, a intelligencia alguma vez lhes impuzeram. Patria esquecida hoje, como nunca, pelos numerosos, pullulantes arautos e proselytos dos allucinados nacionalismos que pretendem avassallar o globo, e que, de facto, são os donos, os senhores, os triumphadores do momento".

Esta patria contingente, denegada na limitação de qualquer proselytismo, vencida na exiguidade de um conceito intolerante, aggressivo e deshumano, é realmente uma patria esquecida, separada do seu conteúdo espiritual, do seu poder cria-

dor, da obra eterna e significativa dos melhores representantes do genio colectivo, mas amplo e generoso, do povo que a forma, que a trabalha, que a serve e a ama com o seu desinteressado amor. E' uma patria esquecida do seu significado humano.

Modelo de inspiração eterna, é, para João de Barros como para nós outros, essa patria esquecida o logradouro excelso, o repositório saudoso, o cadinho fremente da vida de cada homem e de nós todos, que, na modelagem abstracta do feitio e do character particulares, que na formação do nosso perfil interior, que no pulsar forte das nossas realidades — uns e outros, humildes e homens representativos, pequenos e grandes, todos, em summa amam e veneram, fazendo della o espelho onde se reflecte o millenario anseio dos homens, mas irmanando-a nos intentos, nos systemas e na contemporaneidade da vida universal.

Na *Patria Esquecida*, são os Maiores da vida do espirito, os animadores, os ressuscitadores do seu fluxo criador e permanente.

João de Barros evoca-os, sob o dôce signo da claridade que irradiam, interpretes do ideal common, pharoleiros da luz interior do seu povo, vozes de significação inquieta, decifradores das syntheses humanas, dando-lhes vida e relevo, textura e objectividade, presença incantatória no ambiente da patria ideal.

São os motivos do seu recente livro de inspiração portugueza, mas na amplitude critica que os revela, na comprehensão das suas influencias, no estudo dos seus characteres, esses motivos correspondem intimamente, ligam-se pela sua indole especial, aos modelos do mesmo typo universal.

"*Missão Occidental*", *O Povo na Litteratura Portugueza*", "*Sentido heroico do lirismo português*", *Giner de los Rios*", "*Cesario Verde*", e "*Antonio Patricio*"; são os titulos dos estudos incluídos na *Patria Esquecida* e todos elles revelam uma oportunidade marcante, um alto sentido de exaltação, um fervoroso testemunho do seu intelligente patriotismo. Livro de ensaios, de critica, livro de criação. Nelle se revela o critico, o ensaista, o escriptor, o poeta, as ricas modalidades do extraordinario talento do seu autor. Nelle se espelham, em perfeito accordo, as multiplas qualidades do seu espirito, e a coherencia e a dignidade da sua attitude moral.

Em a *Patria Esquecida*, rumo subjectivo e insatisfeito das nossas almas, na largada do sonho quotidiano, descobridor e romeiro, João de Barros dá-nos a figuração collectiva de um povo que, sob a diaphaneidade da luz que o cobre e da luz da alma, vae deixando, como no verso lusiada do épico se affirma: "a vida, — pelo Mundo em pedaços repartida" — intento humano de quem, pondo o centro da sua esphera de acção na patria, amplia o circulo do seu amor e da sua solidariedade até ao que é eterno e universal.

LUIZ DE MONTALVOR

PRATA DE CASA

O movimento litterario do anno passado foi deveras animador. No paiz ainda não se registara maior enthusiasmo na vida intellectual. Então no campo do romance o movimento obteve completo exito. De toda parte veio uma notavel contribuição offertada por nomes conhecidos e nomes novos. O norte manteve a velha posição de fonte de inspirações; o sul desta vez despertou com violencia, de lá partindo gritos de excellentes trabalhos de ficção. Até do centro, que sempre se manteve modesto, nas suas manifestações, veio também signal de grande energia. Enfim todos trabalharam e deram provas cabaes de quanto se deve esperar da intelligencia creadora. Com tão bons precedentes tudo indica que o anno que vamos viver será de uma fertilidade espantosa para a litteratura nacional.

Entre os varios romances sahidos a publico podem ser destacados alguns como os melhores. Merecem relevo os da serie Machado de Assis: *Os ratos* de Dionelio Machado, *Totonho Pacheco* de João Alphonsus, *Musica ao longe* de Erico Verissimo, e *Marafa* de Marques Rebello. O espaço não comporta uma apreciação extensa sobre a importancia de cada uma dessas novellas. Demais a critica já se occupou de tão interessantes contribuições de modo que seria repetir conceitos conhecidos. Entretanto, registrando o apparecimento daquella serie, é de toda justiça salientar *Os ratos* como o mais intenso, o mais forte e mesmo o mais original entre todos. Foi tentado com pleno exito um novo methodo que por certo ha-de ter seguidores, pois não sendo facil, todavia é seductor, o bastante para despertar a curiosidade e a imitação. Mal escripto. Já não se dá o mesmo com *Musica ao longe*, que nada accrescentando aos meritos excepcionaes do autor, lhe confere, não obstante, mais força como tra-

balhador intellectual. Marques Rebello fez uma novella que é um modelo de sobriedade de linguagem. Muito se deve esperar de sua intelligencia. No *Totonho Pacheco* se mostrou João Alphonsus um romancista compacto, tendente, e de maneira bem particular, á psychologia, demonstrando-se em estudar personagens para melhor os revelar. Ha outros trabalhos de ficção talvez de maior relevo. *Salgueiro* de Lucio Cardoso é um delles. E também *O Anjo*, de Jorge de Lima pela construcção estranha e sobretudo pelo lyrismo descriptivo.

E' justo que se destaque o de Erico Verissimo, *Caminhos Cruzados*, por motivos variados como sejam a impeccabilidade de technica, o collectivismo primário de *Contraponto*, a clareza, a dosagem igual posta nos typos que se movimentam livremente. O escriptor andou cuidadoso na distribuição de côres e de acção nos quadros quotidianos. De modo que não se pôde destacar facilmente um personagem que sobrepuje os demais. Andam todos hombro a hombro. Em marcha batida. Ninguém consegue salientarse como por exemplo o dr. Pestana do *Moleque Ricardo*. Usa José Lins do Rego technica diversa. Elle não deve encontrar difficuldades para o titulo de seus romances. Pelo menos quanto aos que acabamos de citar. Já o mesmo não ocorre com o autor dos *Caminhos Cruzados*. Jorge Amado e José Lins do Rêgo marcham juntos tanto que no *Jubiabá* se poderia mudar o nome do romance para *Antonio Balduino*. O negro possui uma força de expressão tal que chega a commover. Elle é muitas vezes melhor que o mystico pae de santo Jubiabá.

Balduino se conduz desde a infancia com o mesmo poder de personalidade. Aquellas paginas sobre os vagabundos nas ruas da Bahia são ineditas nas

letras brasileiras. Emocionam. Dão-nos a segurança de que Jorge Amado tem um accentuado pendor pela fixação desses sofrimentos anonymos e silenciosos que constituem a propria existencia dos abandonados da sorte. No meio dos meninos soltos, viciados e astuciosos, alguns se destacam brilhantemente, porem nenhum como Balduino, que toma relevos de bravura, decisão, estoicismo, todas as qualidades que tornam a raça privilegiada entre as demais. Depois vem a sua peregrinação sexual admiravel. Os seus anseios inexprimeis. Balduino é um typo. Expressa os raros que ainda existem de um sangue já bem misturado e já bem estragado pela cachaça. Fraco pela miscigenação, mas ainda assim rico dos melhores sentimentos. O poema sobre o caminho do mar diz tudo. E' um anseio historico, permanente, sem explicação para elles mesmos, isto é, para os negros que sentem uma atração irresistivel pelas aguas do Atlantico. Não encontram facilidade para emprender viagens maritimas e porisso vão mesmo se consolando com o pesado serviço de estiva nos portos do Brasil.

No romance de José Lins do Rêgo a gente vê o moleque Ricardo em quasi todas as phases de sua formação. A infancia no engenho de canna e de assucar, as pequenas alegrias, os pensamentos infantis, ingenuos e repletos de emoção para os adultos — o negro se mexe num ambiente monotono, igual, cheio de uma doçura reparadora. Apesar dos avanços civilizadores ainda hoje é assim o correr da existencia na Varzea da Parahyba com os seus cannaviaes barulhentos e os seus crepusculos rosa-violeta. Depois Ricardo, já taludo, se deixa empolgar pelo sonho de outras terras, desde menino vendo o trem passando na linha, por certo que elle ia em direcção ao paraizo ignorado. E lá um

dia a sua afoiteza attendeu ao chamado de um conductor que afinal lhe desvendou o impertinente mysterio. Então cresceu e tomou corpo. Metteu-se em lutas de amor para vencel-as com timidez gostosa. O moleque foi um damnado na sabedoria inconsciente do sexo. Revelou-se professor, mas findou cahindo nas malhas matrimoniaes. Ricardo mostrou-se um negro de qualidade nos sentimentos e na conducta, cumprindo sempre com as suas obrigações, vivendo como um pequeno-burguez, dando o seus passeios sentimentaes, provando idyllios doces, sem deixar, entretanto, de fazer o pensamento commovido fugir de quando em quando para o seu povo que ficara segregado no engenho distante.

A parte dedicada ao Carnaval é de uma objectividade admiravel. Não se póde ser mais claro. Descrição que attinge até aos menores detalhes. Aquella vivacidade gingada, bambolean-te e de uma persistencia incansavel, contagia, tornando-se collectiva. A multidão sapateia nas ruas, faz o *passo*, ondula, comunicando um desejo sensual capaz de loucuras boas. Dahi todos tomarem parte decisiva no grande festejo popular. Os assistentes pasam a dansarinos sem o querer impulsionados pelo meio apimentado, de uma incrível allucinação em que as mulheres e homens de alto e baixo nível se confundem, se irmanam ao som de uma musica estridente, violenta e caracteristica. Não conheço Carnaval melhor que o de Recife. E José Lins do Rêgo soube pegal-o a jeito, fazendo umas paginas vivas, verdadeiras; paginas de quem experimentou dansando as extravagancias de algumas horas que se tornaram indeleveis. Elle escondeu-se atraz de Ricardo para relembrar os tempos em que se confundia na multidão ao passar ondeante pela rua Nova sustentando o estandarte de algum *rancho* glorioso.

E' nessa altura da vida que o dr. Pestana apparece para atrapalhar. Recife deixa-se empol-

gar pelas chamadas refregas liberaes em que os cangaceiros parahybanos tomam parte efficiente. A cidade fica toda agitada durante semanas e os heroes se arrastam dentro dellas nos automoveis guardados por fascinoras armados de rifles. Quando o chefe não é Borba, é seu João. Ambos se defrontam num vasto tablado de expectativas sombrias e que nunca foram deflagradas. Os operarios entram na dança com as sessões permanentes e greves. O dr. Pestana então surge como uma lançadeira. Não tem descanso. Para cima e para baixo, a toda hora é visto de boné arrumado á cabeça. bancando Lenine, mas um Lenine sem *panache*, sem genio, improvisado de subito sob o calor de um ambiente feminino. Fala nos syndicatos contando vantagens para os proletarios de boa fé. Bate no peito, incha o papo a

falar em coragem pessoal, em valentia, como que pedindo que todos se mirem no seu exemplo. Porem na hora da lucta crua e da bala zunindo eram os operarios os sacrificados de verdade: pernas cortadas, sangue derramado. Por longe andava Pestana, no mundo. E quando tudo serenava lá vinha elle de cara fechada falando em *cumprimento de dever*, na tal phrase *todos a postos*, apontando a covardia como indigna companheira do homem. Servia-se da ingenuidade sincera dos trabalhadores na esperança de obter uma cadeirinha de deputado. O segredo da coisa consistia unicamente nisso.

Ricardo deixou-se levar pelas labias do socialista de olhos fitos na Camara Federal. Tomou parte nas reuniões com uma clara alegria no coração. Não ia no embrulho por simples curiosidade, não, ia por tendencias naturaes, por um imperativo de sovas, verdadeiras; paginas de que lidariade tão commum aos que soffrem, tão humana á miseria e á dor. A sua revolta vinha de fontes puras. Pestana é que agia com malicia, de calculo, cultivando a popularidade, doido para melhorar, com o auxilio da politica conservadora, o padrão de vida social que levava. E' uma figura typica que tem sido authentica e não podia deixar de ser aproveitada para saltar dentro de um romance de costumes. De um romance em que Ricardo á margem de tantos embustes, vae vêr a namorada no mucambo, assim procurando lenitivo para as desillusões. Dá uns passeios por entre casas cobertas de folhas de flandre, esburacadas, infectas, nascidas dos mangues fedorentos e immundos, mas ainda aissim impregnados de um lyrismo callido. Sente-se feliz o pobre negro. Pestana aproveita o ensejo para manobrar ambições nunca satisfeitas. Sabe fazer mexido, discursando, enganando, solerte que só elle. Não sei como José Lins do Rêgo não lhe arranjou uma boa surra. Seria o sal de romance optimo que fez.

ADHEMAR VIDAL

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE CULTURA

Uma bibliotheca de cultura dentro do espirito tradicional do paiz
VOLUMES PUBLICADOS :

- | | |
|---|---------|
| I — INTRODUÇÃO A' ECONOMIA MODERNA — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 10\$000 |
| II — ESTUDOS, 2. ^a série, — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 8\$000 |
| III — ESTUDOS, 5. ^a serie, — de Tristão de Athayde | 8\$000 |
| IV — TRATADO DE PEDAGOGIA, por Monsenhor Pedro Anísio (2. ^a edição) | 10\$000 |
| V — AFONSO ARINOS, — de Tristão de Athayde | 5\$000 |
| VI — A PSYCHOLOGIA DA FE', — pelo padre Leonel da Franca S. J. (2. ^a edição) | 8\$000 |
| VII — ANCHIETA, — de Jorge de Lima | 6\$000 |
| VIII — TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA, — de Everardo Backeuser (2. ^a ed.) | 10\$000 |
| IX — TENDENCIAS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, — de Tasso da Silveira | 7\$000 |

Pedidos á
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

A ETHICA DO TRABALHO ENTRE HESPAÑHÓES E PORTUGUEZES

Um facto que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psychologia desses povos é a invencível antipathia que sempre lhes inspirou toda moral fundada principalmente no culto ao trabalho.

Só muito recentemente, com o prestigio maior das instituições dos povos do norte é que essa ethica do trabalho chegou a conquistar algum terreno entre elles. Mas as resistencias que encontrou e que ainda encontra têm sido tão vivas e tão perseverantes que é licito duvidar-se de seu exito.

A "inteireza", o "ser", a "gravidade", o "termo honrado", o "proceder sezudo", esses attributos que ornem e engrandecem o nobre escudo, na expressão do poeta portuguez Francisco Rodrigues Lobo, representam virtudes essencialmente inactivas, pelas quaes, o individuo se reflecte sobre si mesmo e renuncia a modificar a face do mundo.

A acção sobre as coisas, sobre o universo material, implica submissão a um objecto exterior, acceitação de uma lei extranha ao individuo. Ella não é exigida por Deus, nada accrescenta á sua gloria e não augmenta nossa propria dignidade. Pode dizer-se que, ao contrario, a prejudica e a avilta.

O trabalho manual e mechanico viza um fim exterior ao homem e pretende conseguir a perfeição de uma obra distincta d'elle.

E' comprehensivel, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispanica a moderna religião do trabalho e o culto á actividade utilitaria. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excellente, e até mais nobilitante, a um bom portuguez, ou a um hespanhol, de que a lucta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação.

E assim, enquanto os povos protestantes, herdeiros nesse ponto do mundo medieval, que *não desprezava* o trabalho physico, elevam e exaltam o esforço manual, as nações ibericas collocam-se ainda largamente no ponto de vista da antiguidade classica.

O que entre ellas predomina é a concepção antiga de que o ocio importa mais que o negocio e de que a actividade productora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.

Tambem se comprehende que a carencia dessa moral do trabalho se ajustasse bem á pequena capacidade de organização social. Effectivamente, o trabalho humilde, anonymo e desinteressado é agente poderoso da solidariedade dos interesses e, como tal, estimula a organização racional dos homens e sustenta a cohesão entre elles.

Onde prevaleça uma forma qualquer moral do trabalho, não faltará a ordem e a tranquillida-

de entre os cidadãos, por que são necessarias, uma e outra, á harmonia dos interesses.

O certo é que, entre hespanhoes e portuguezes, essa moral do trabalho foi sempre fructo exotico. Não admira, assim, que fossem precarias, nessa gente, as idéas de solidariedade.

A bem dizer, essa solidariedade entre elles existe sómente onde ha vinculação de sentimentos mais que de interesses, — no recinto domestico ou entre amigos. Circulos forçosamente restrictos, particularistas e antes inimigos do que favorecedores das associações estabelecidas sobre plano extenso, gremial ou nacional.

A' autarchia individual, á exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos, só pode haver uma alternativa: a negação e a renuncia a essa mesma personalidade em vista de um bem maior.

Por isso mesmo que rara e difficil, a obediencia — obediencia cega que differe do ideal germanico da lealdade — tenha sido até agora para elles o unico principio verdadeiramente forte. A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares.

As dictaduras e o Santo Officio constituem formas tão typicas de seu character como a inclinação para a anarchia e a desordem. Não existe para os povos ibericos outra sorte de disciplina concebivel, alem da que se funde na excessiva centralização e na obediencia, ainda que só por excepção se manifeste.

Foram ainda os jesuitas que representaram, melhor do que ninguem, esse principio da disciplina pela obediencia. Mesmo em nossa America do Sul, elles deixaram disso um exemplo memoravel com as suas antigas "reducções".

Nenhum dictador moderno, nenhum theorico do communismo ou do Estado totalitario, chegou sequer a vislumbra a possibilidade desse prodigio de racionalização, que puderam conseguir os padres da Companhia em suas missões.

Nas reducções da Bolivia, tudo estava tão bem regulado — refere um pesquisador — "ut secundum morem in Bolivia traditum conjuges indiani media nocte sono tintinabuli ad exercendum coitum exciterentur".

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

(Do livro, a sahir, *Raizes do Brasil*).

Leiam, de BELMIRO BRAGA

Dias Idos e Vividos

Reminiscencias

Edição Ariel

Preço 6\$000

HISTORIA UNIVERSAL DA LITTERATURA

Estevão Cruz vem de demonstrar fartamente, mais uma vez, a sua soberba cultura, apresentando as letras nacionaes com a sua formidavel *Historia Universal da Litteratura*.

Não se trata de trabalho de poder inventivo, onde se architectem paizagens e personagens, tempo e espaço, á vontade de expansões ideadas. A historia (sciencia) tem que se mover comprimida, entre factos que se não pôdem deturpar, e individualidades determinadas, dentro de scenarios proprios, trabalhados pelos homens.

Ao leigo parecerá que as locubrações, as synergias animicas sejam passageiras, fugaces quando se retira do archivo das idades acontecimentos especificados e se busca reproduzil-os com fidelidade e segurança. Ha, entretanto, tantas narrações imperfeitas, falhas e obscuras, que se chega a tocar no inverosimel, no fantasioso, não se podendo, tanta vez, senão mui difficilmente, separar o joio do trigo, a duvida da certeza, o real do irreal. E' que nem sempre a verdade se assemelha ao sol.

Estevão Cruz, com criterio subtil, soube enveredar por esse cipal de difficeis investigações, buscando as fontes mais racionais, o cotejo das epocas, os vestigios dos tempos, os monumentos, as hypotheses mais sympathicas deixadas pelas civilizações e os estudos profundos de scientists devotados em archeologia, paleontologia, etc.

"Procurei, tanto quanto possivel, diz elle na sua epistola aos leitores, consultar o que de melhor me pôde chegar ás mãos, citando a cada passo, mais pelo probro desejo de tornar a exposição da materia escoimada de duvidas e de traçar a carta dos caminhos que palmilhei para chegar ao termo da minha viagem, que pela commodidade de entretecer uma colcha de retalhos. Tanto mais que esta só poderia se apresentar com alinhavos á vista, sem unidade estructural, asymetrica e desfigurada".

Os trabalhos como a *Historia Universal da Litteratura*, de Estevão Cruz, são monumentos que resistem aos seculos. Obras que taes forçam o leitor a ponderar. Foram os historiadores os maiores architectos da evolução. A marcha da cultura mental, psychica, da humanidade é de excepcional utilidade e relevo, pois nos aponta os guias do espirito, formadores do centimetro, da grammata, do segundo, do alphabeto, do numero, dos signaes, das imagens e dos sentimentos — conjuncto que faz e fará tudo quanto exista ou possa existir de superior e magestático na criação. Fóra dahi tudo é vacuo, treva, ignorancia sem colorido e sem forma.

A *Historia Universal da Litteratura*, de Estevão Cruz, não nos evoca somente bellezas da antiguidade oriental e classica. Passeia exhaustivamente pelas litteraturas franceza, provençal, italiana, hespanhola, portugueza, ingleza e allemã. Traz-nos da idade média á moderna, estudando particularmente a mesologia litteraria da nossa patria.

Na divisão da litteratura brasileira assignala tres periodos, a saber: *periodo de formação* (de 1500 a 1750), caracterizado pelo predomínio absoluto do pensamento portuguez; *periodo de transformação* (de 1750 a 1830), assignalado pela leve neutralização dos effeitos da influencia portugueza pela escola mineira; *periodo autonomico* (de 1830 em diante), iniciado pelo romantismo e pelo realismo, novas escolas europeas transportadas para a nossa litteratura". Tanto esta como as demais partes da *Historia* são explanadas com sabedoria de mestre e um criterio que não se poderá jamais separar de qualquer exame que se venha a fazer da pujança constructiva do autor do *Programma de vernaculo*.

Dirão talvez os eternos iconoclastas: não se está mais na phase do supermentalismo.

Na critica de semelhante affirmação se verificaria uma inver-

dade cruenta. Em todos os tempos a mente vibrará e plasmará as massas. Se assim não fóra, haveria o estacionamento, a paralysisa, o recuo, a solução de continuidade indeterminada nas leis e no cosmos. Os grandes avanços da aeronautica, dos sons e das luzes, ou sejam da physica, da chimica e da sociologia assentam em principios, em hypotheses, em gymnasticas de raciocinios.

Melhor: toda execução nasce no campo subjectivo.

A *Historia Universal da Litteratura* vem attestar a verdade das nossas asserções. Seu intuito, diz Estevão Cruz, foi desenvolver o programma da Litteratura Universal, dando a esse desenvolvimento uma feição mais ampla e mais completa, de conformidade com as exigencias da moderna cultura estudantina.

O livro é didactico e tem que repetir e compilar, mas nelle ha muito e muito do autor: o estilo claro e simples, o methodo, as deducções bebidas nas boas fontes a assimilação de leituras diferentes e o cunho personalissimo.

Não precisava Estevão Cruz escrever para nós aquellas palavras da sua epistola aos leitores: "Bem quizera que esse estudo tão util e ao mesmo tempo tão recreativo suscitasse no vosso espirito a sagrada fome de ler, de ler mais e melhor, sem vos indigestardes de papel impresso, que essa é a peor doença da pseudo cultura de boa parte do mundo moderno".

Para nós a *Historia Universal da Litteratura* é uma escola, uma officina de ethica e de esthetica dos povos.

E o autor immortal de uma obra de tamanho relevo bem poderá repetir em qualquer momento difficil ou não de sua vida aquella phrase lapidar de um dos sete sabios da Grecia, o integro Bias: *Eu trago tudo comigo...*

THÉO FILHO

MEMORIALISTAS

Medeiros e Albuquerque não foi uma surpresa para o Brasil quando publicou o seu livro de memórias, intitulado *Minha Vida*. Já, de ha muito, era elle conhecido como uma das mais privilegiadas intelligencias de nossa terra.

Cerebração multiforme, possuida sempre de uma fome insaciavel de saber tudo, não consentiu jamais que coisa alguma passasse diante dos seus olhos sem a conduzir até ao cerebro, armazenando, ahi, methodicamente, um acervo de conhecimentos os mais differentes. Conseguiu, assim, ser, em nossa terra, tão bem aquinhoadada de ignorancia, um dos homens que sabiam maior numero de coisas e que melhor as ensinavam. Nem por isso, ou talvez por isso mesmo, desprezou tratar, por modestos, os assumptos mais disparees, fossem elles os mysterios intrincados das sciencias occultas, a receita mais pratica para se improvisar um cock-tail na Groenlandia ou o meio mais efficiente de se conseguir um refrigerante num cruzeiro pelo Sahara.

Polygrapho, fez, com igual habilidade, a poesia, o conto, a novella policial, a chronica, a critica litteraria, as conferencias, os artigos de divulgação, os relatorios administrativos, os comunicados radiophonicos, como uma especie de homem de cem instrumentos, que não deixava nenhum desafinado ou esquecido. Procurando jamais se especializar, saltitou, com a mais desembaraçada volubilidade, de uma pagina de sciencia para um commentario social, de um romance para um soneto, com o mesmo desdém e o mesmo aplomb com que envergava a farda espalhafatosa de coronel da nossa Guarda Nacional nos bailes cheios de etiquetas das embaixadas de Paris.

Apezar da classificação mordaz com que o mimoseou Emilio de Menezes, alcunhando-o de "casa de avenida", excessiva de frente e deficiente de fundo, já-

mais se preocupou por isso, continuando a encher, durante longos annos, os nossos jornaes e as nossas livrarias com o producto do seu trabalho diario, da sua actividade quasi incrível. Aliando, a essa formidavel força de trabalho, uma não menor força de vida e de movimento, não se contentou em ficar parado aqui, como um alfarrabista que procura a vida nos in-folios, mas, ao contrario, locomoveu-se por esse mundo afora, vendo tudo, observando tudo, annotando tudo.

Resumida em livro de memórias essa vida complicada, numa linguagem simples e clara, conseguiu o autor escrever uma interessante summa anedoctica cheia de revelações imprevistas e cheia de um grande interesse artistico e humano. Interessa poderosamente essa enumeração intelligente de factos reaes, narrados sem preocupações de estylo, sem problemas psycholicos a resolver, sem equações humanas a decifrar. Tudo ahi está muito claro, muito arejado, com o por menor apropriado no momento opportuno, com um commentario cheio de verve, quando a narração permite. Ao contrario do que acontece com a maioria dos livros de memórias, lê-se este livro de um folego, sem se notar as horas que se escôam. E' que, neste livro, não ha deformações estheticas. O autor está realmente nessas paginas ta qual foi na vida, intelligente, dinamico, original e fascinante.

Desprezando preconceitos que poderiam prejudicar a sinceridade da narração, conta, com uma franqueza que a muitos poderá parecer cynica, os capitulos escandalosos dos seus amores faceis, tão faceis que um meu amigo os achou dignos de serem incluídos no capitulo das invenções...

Não creio, porém, que haja invenções nesse livro, a não ser as que o autor patenteou, prevenindo uma possível exploração commercial futura. Essas paginas

são demasiado sinceras para serem trabalho de ficção. Sente-se que, nellas, não foi photographado um boneco de cêra, retocado e vestido a caracter para causar bom effeito. Nellas está realmente Medeiros e Albuquerque, escriptor, diplomata, amoroso, funcionario publico, inventor, que sei eu? — mas, sobretudo, Medeiros e Albuquerque homem, sem mais nada, gozando a vida, sentindo a vida, vivendo a vida.

"Saudavel coisa é a falta de talento..." — diz Agrippino Grieco, de referencia ao sr. Rodrigo Octavio, num epigramma com que alfinetou a pacatez feliz do respeitavel immortal.

Está este epigramma no meio de uma série de outros com que o illustre critico inhumou os nossos troglodyticos medalhões, frequentadores á custa do livreiro Alves e dos quatrocentos mil réis de presença, das macias poltronas do mausoléu do espirito que é o Petit-Trianon. Tudo isso, porém, não impede, nem impedirá que, para gozo de um jejum intellectual periodico em conjuncto, elles continuem a se reunir "economicamente" quatro vezes por mez, que afinal a vida é para quem póde e não para quem quer. Deixemos, porém, os outros immortaes e voltemos ao sr. Rodrigo Octavio e ao seu livro *Minhas memórias dos outros*, coisas, afinal, tão importantes como o jogo do bicho e a verminose.

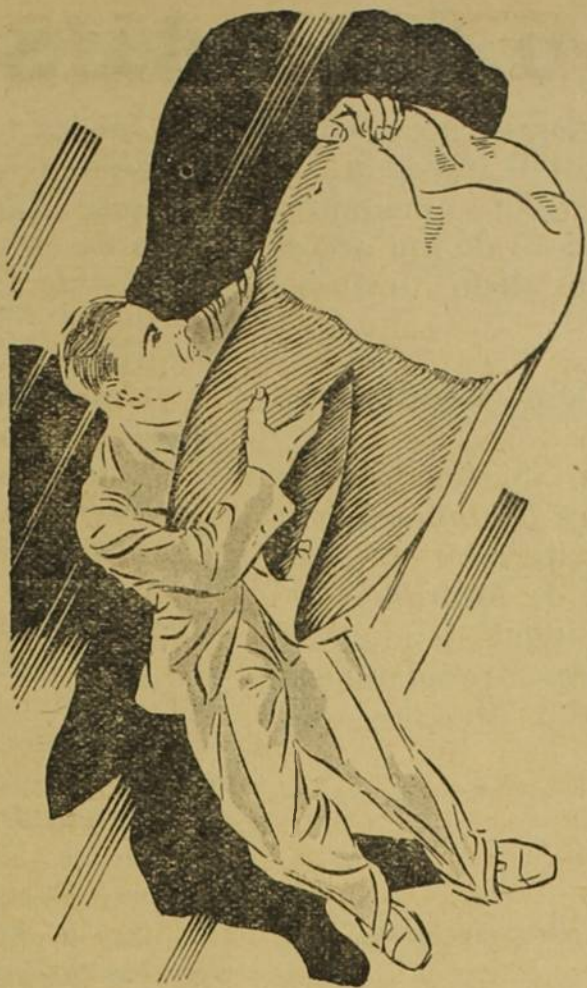
Tendo atravessado a vida em um eterno dolce far niente, como quem passeia recostado em gondola acolchoada pelos canaes poeticos da poetica Veneza dos Doges e dos adulterios, ouvindo lisonjas acariciantes como canções de amor e embaladoras como berceuses narcotizantes, o sr. Rodrigo Octavio, por mal dos seus peccados, resolveu escrever as suas memórias. Tinha, atraz de si, um brilhante passado.

Poeta, escriptor, ministro, jurista, embaixador, etc., devia ter muito o que contar... No entanto, agora, no limiar da morte, lançando o olhar saudoso para o passado distante, viu com espanto que, no emmaranhado de pincaros que ladearam a sua grande jornada, entre as elevações que enfeitaram o seu longo e florido passeio pela vida, sómente elle era a planície, sempre calma e sempre igual, mas, por isso mesmo, monotoná e vazia.

Desejando, por um pendor muito humano, focalizar paizagens andinas, teve que desprezar, por inútil, a historia do seu valle tranquillo, para pintar os quadros menos pacatos, porém mais suggestivos, dos accidentes que o circumdavam. Soffrendo, porém, de uma anomalia visual que o faz enganar-se constantemente na avaliação das altitudes, mistura, por vezes, na mesma palheta, as tintas com que debuxa modestas collinas ás côres com que devia pintar legítimos Hymalaia, obtendo, dessa involuntaria confusão, verdadeiros chaos orographicos.

Devido a esse phenomeno é que apparecem, nessas memorias, morros e serras, deformados, misturados, diminuidos uns, engrandecidos outros, personagens de Lilliput habitando Brobdingnag gigantes lendarios minguando teratologicamente até se transformarem em abortos de anõezinhos ridiculos, cheios de esgares grotescos e empáfia presumpçosa. Só o autor, no meio dessas convulsões, se mantém onde sempre esteve, sem crescer e sem diminuir, habitando, como habitava antes, o seu valle tranquillo, olhando, cheio de admiração, as montanhas em torno, que se perdem no espaço azul e limitam o seu estreito horizonte.

Sómente, como não ha bem que nunca se acabe, ainda um anno não passou sobre a publicação dessas memorias e já o sr. Eloy Pontes, estudando um dos montes do sr. Rodrigo Octavio, começa, muito sem ceremonio-



Esforce-se para conservar seus dentes!

A dentadura sã e completa é um bem inestimável. Disso depende não só o aspecto agradável da bocca, como o funcionamento regular de todo o organismo, profundamente ligado ao bom estado dos dentes.

Para a defesa dos dentes — e, por conseguinte, da saúde — dois cuidados se impõem:

- 1 Submettê-los ao exame do dentista ao menos duas vezes por anno.
- 2 Usar, para perfeita hygiene e limpeza da bocca, ODOL — o dentifricio famoso em todo o mundo.

Consulte seu dentista e use ODOL.
Um, cura. O outro, conserva e embelleza.

A PASTA DENTIFRICIA ODOL

A' ESCOVA DE DENTES ODOL

Desenhada scientíficamente, é um instrumento racional para a correcta limpeza mecânica dos dentes.

Limpa e clareia os dentes, sem damnificar o esmalte.

Odol

O LIQUIDO ODOL

Effectua a rigorosa desinfecção da cavidade buccal, destruindo os germens e impedindo o desenvolvimento das bacterias.

samente, a rectificar factos que o autor narrou como testemunha ocular e insuspeita.

Si continuam a apparecer curiosos que venham rectificar as observações pessoaes do illustre immortal, o que restará, afinal, daqui a algum tempo, das suas memorias? Não poderão esses importunos amigos da verdade esperar a morte do antigo homem de letras para fazerem, então, as suas perfidas rectificações? Para que amargar, por uma comezinha questão de veracidade historica, a vida até ho-

je tão isenta de amarguras do respeitavel e acatado escriptor?

Valerá a pena desmentir agora o fino conceito metrificado emittido pelo sr. Agripino Grieco?

Estou com os que pensam que não. Quem estiver de accordo commigo levante o dedo. E póde ficar tranquillo com a propria consciencia, pois esse gesto terá a força de um acto piedoso, de verdadeira caridade chistã.

DIAS DA COSTA

Lingua e Litteratura Regional

Os romancistas e poetas do Brasil novo attestam esse dominio pleno do material indigena.

A feição regionalista que vem tomando a litteratura actual afasta a producção de um monstro impossivel, que seria um localista lusitanizante...

Todos cantam sua terra...

Os poetas da cigarra se têm multiplicado como filho de caboclo.

Jorge de Lima com aquella musica viva da *Nêga fulô*, Murillo Araujo com a *Iluminação da Vida*, Alvaro Moreyra com o seu livrinho do *Circo* e o talentoso Carlos Drummond de Andrade.

Como deixar de estalar a lingua, lendo esta variação futil mas definitiva sobre a proclamação da Republica, cantada por Murillo Mendes, num dia de boa digestão:

Deodoro todo nos trinquês
Bate na porta de Dão Pedro II.
Seu imperadô, dê o fóra
Que nós queremos tomar conta desta bugiganga.
Mande vir os músicos.

O imperador bocejando respondeu:
Pois não meus filhos não se vexem
Me deixem calçar as chinellas
Podem entrar á vontade
Só peço que não me bulam nas obras completas de
[Victor Hugo".

A renovação dos processos litterarios por meio de uma lingua bem proxima da do povo continuava assim a dar seus fructos.

E não foi só na poesia. Mas principalmente na prosa. No romance regional.

Vemos no momento presente uma grande producção e um grande consumo de romances regionaes.

De cada Estado do Brasil apparece, quando menos se espera, uma novella ou um episodio maior em torno dos costumes da vida e da linguagem local.

Parece que o innovador da materia foi José Americo, com *A Bagaceira*, durante muitos annos tido pelo melhor no genero.

Um parahybano revelava, com a technica contemporanea do cinema, aos seus patricios do sul o que era morrer de sede.

E toda gente leu, falou ou ouviu falar na *Bagaceira*.

A ponto do Aporelly só chamar o autor de "o Bagaceira", porque assim era conhecido logo...

Explorando o mesmo succo, uma mocinha de dezenove annos escreveu *O Quinze*.

Já começava aquella brilhante resposta do Norte ao appello do Sul.

O nortista, typo classico do roceiro afobado

que sae da terra para conquistar o Rio, invadiu o mercado fazendo o *dumping*..

José Lins do Rego, em torno do cyclo da canna de assucar, delectreou a gramma musical de *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*.

Jorge de Lima contou a historia triste do sururú, em *Calunga*.

Graciliano Ramos arrancou da cachola, um pouco rapido, a sua novella sobre uma engenhoca de Alagoas, *São Bernardo*.

No meio disso tudo, Amando Fontes, que já vinha chocando durante vinte annos (conforme confessou ao publico), pôz de uma vez para fóra a bella criação de *Os Corumbas*.

Um bahianozinho, chupado e magriço, que vendo ninguem dá nada por elle, revelou-se um macho com *Suór e Cacau*. E quem não gostar destes, veja o esforço de perfeição de Jorge Amado em *Jubiabá*.

Clovis Amorim, desageitado como elle só, conseguiu sempre ageitar o seu *Alambique*, que fez rir a muita gente, distillando canninha e sujeitos gozados.

Era mesmo uma invasão dos *cabeça chata na capitá*.

Os caipiras maguados, através de Ribeiro Couto no *Jornal do Brasil*, lembravam que a lingua brasileira não era a lingua do nordeste.

A proposito desta identificação da lingua do nordeste com a lingua brasileira, escrevia Ribeiro Couto naquella deliciosa chronica:

"O Sr. José Lins do Rego, sensibilidade tão rica de senso do real, de instincto do ambiente e do lyrismo, reflecte o falar do Nordeste: além do Nordeste, porém, ha um pouco mais de territorios, e até, muitas vezes, povoados de magnificas cidades brasileiras".

De facto tinha razão o escriptor paulista.

Não se pôde esquecer a obra notavel de Valdomiro Silveira, que em *Os caboclos* e *Nas Serras e nas Furnas* colligiu material precioso para o dialecto caipira. Nem no mesmo sentido as obras de valor escriptas por Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, ou Léo Vaz.

E a contribuição para o estudo da linguagem de Minas representada pelos escriptos de Godofredo Rangel, Lindolfo Gomes e João Lucio.

Identicamente, como esquecer que é Brasil e, bem viva na sua affirmacão de existencia, a linguagem gaucha da notavel *Tropilha Crioula* de Vargas Netto, dos suggestivos *Contas gauchescas* de Simões Lopes Netto ou de Darcy Azambuja em *No Galpão*?

A tendencia unilateral parece assim absurda.

A realidade está scientificamente analysada no capitulo em que estudamos a geographia da lingua brasileira, primeiro ensaio systematizado feito no Brasil, para o qual não foi tomado um caracter unilateral.

Anachronismos...

Anatole France, conta um dos commentadores, escreveu certa vez, um conto que se desenrola no scenario augusto de Pompéa ou de Herculanium. No fim da narrativa, o autor de *Le lys rouge* collocou uma pequena nota de sentido puramente paizagistico, decorativo: "Ao fundo, dominando a bahia, o Vesuvio fumegava..." Um critico que andava louco para apanhar-o em falta, escreveu longo artigo, eruditissimo, historiando as erupções vulcanicas de toda a Europa, para accentuar que o Vesuvio só começara a fumar 500 e tantos annos depois da epoca em que Anatole situara a narrativa. O velho chronista leu o vasto artigo e irretorquível argumentação, e fez reeditar o trabalho com esta simples nota: "Reproduzido por ter sido publicado com erros de revisão". E, na ultima linha, alterada: "Ao fundo da bahia, o Vesuvio, indifferente aos homens e ás coisas, nem sequer fumegava..."

Anachronismos deste jaez, em verdade, pouco ou nada significam. Muitas vezes, certos films impingidos ao publico como obras historicas trazem coisas mais gritantes. A rainha Christina, da Suecia, pela bocca de Greta Garbo, já appareceu citando phrases de uma comedia de Molière que só foi composta muitos annos depos. E o Schubert da *Symphonia Inacabada* toca, logo de inicio do film, rapazola ainda, uma obra que foi um dos seus derradeiros trabalhos, composto já no crepusculo de sua existencia gloriosa e romantica.

Tudo isto, porém, não é mais que um caminho para conduzir o leitor á constatação de um anachronismo imperdoavel, de artista nosso, e dos mais glorificados: Victor Meirelles, de quem, no entanto, ha poucos dias, teve o escriptor Luiz Martins, numa nota muito viva e aguda, escripta naquelle estylo sadio e agil que é um dom seu, a ousadia de dizer que é um desses pintadores de coisas que só servem para adorno das paredes de botequins baratos...

Existe, na Pinacotheca da Escola Nacional de Bellas Artes, uma tela do velho pinto das batalhas sobre um motivo sacro: a *Flagellação de Jesus*. Vi-a, ha dias, reproduzida na capa da *Revista da Semana* que circulou na vespera do Domingo de Ramos. Cito tudo isto, para deixar bem claro que não vi a tela na propria galeria onde ella se encontra. Porque, de facto, é doloroso vi-

Dizer que a lingua, brasileira é a de tal ou tal região do Brasil é esquecer a sua traducção geographica.

E a grande variedade nacional do pau Brasil...

RENATO MENDONÇA

sitar a Pinacotheca. Salas escuras, com gotteiras, cheiro de bolor, quadros empilhados uns sobre os outros, sem espaço, para que a vista possa descansar, falta de methodo na arrumação. (Quando é que o sr. Gustavo Capanema dá um geito naquillo?)

A tela reproduzida por aquelle semanario illustrado mostra uma coisa singular: Christo sendo chicoteado por um latagão que veste nada mais nada menos que um calção vermelho, estylo Renascença, e uma camisa como as que usavam até bem pouco, os nossos escravos.

Teria algum critico da epoca (critico aqui, é o sujeito que elogia) assignalado essa distração do venerando pintor?

R. MAGALHÃES JUNIOR

Emilio Frugoni — *La Canción Humana* — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

E' mais uma bella realização de um punhado de intellectuaes que tanto está incentivando o culto das letras ás margens do Rio da Prata. Vem-nos de Montevideo esse formoso livro de versos de Emilio Frugoni e, percorrendo-o, encontramos frequentes testemunhos de uma nobre imaginação de poeta americano. Expressando com vigor e ao mesmo tempo com delicada sensibilidade o ambiente do Novo Mundo, não esquece o autor de *La Canción Humana* a sua procedencia, os seus elos de sangue com os povos classicos, e, assim, temos no livro uma vibração perfeitamente universalista, de homem que não se exime a participar de todas as emoções que presentemente encantam ou torturam os seres pensantes.



Raul Pompeia, o Caiphaz

Na hora de escrever isto eu reparo numa coisa engraçada. Eloy Pontes teve um trabalho immenso, escreveu um livro grande, cheio de notas e documentos. Gastou nesse livro talento e cultura, investigações e critica. Entretanto eu acabo de ler o livro e o nome de Eloy Pontes não fica na minha cabeça. O leitor não sente o autor. E' como se não houvesse o autor. Não se tem vontade, no fim das 337 paginas, de escrever nada sobre Eloy Pontes. Mas se tem uma vontade forte de escrever sobre Raul Pompeia.

O autor de *A vida inquieta de Raul Pompeia* tem essa qualidade optima para fazer biographia. Some, deixa o homem sozinho. Um dia antes de começar a ler esse livro eu li uma traducção do *Stendhal* de Stefan Zweig. Na verdade, é um livro bom, mas penso que elle não dá uma ideia humana muito sentida de Stendhal. Nelle existe muito Stefan Zweig.

No livro brasileiro não é assim. Eloy Pontes, certamente faz commentarios, defende theses sobre isto, sobre aquillo. Mas o leitor sente logo que isso não tem importancia. O que tem importancia é que Raul Pompeia está vivo no livro, está vivendo desordenadamente, generosamente, complexamente no livro. Essa impressão é tão forte que eu quero elogiar essa biographia dizendo que ella parece uma autobiographia.

Só agora, depois do livro escripto, é que se vê como era absolutamente necessario que elle fosse escripto, que documento formidavel que elle é. Elle inspira a necessidade de outros livros.

O que mais me impressiona na vida de Raul Pompeia é o seu maravilhoso instincto revolucionario. O menino do Collegio Abilio faz caricaturas terriveis no *Archote*. Um rapazinho de 17 annos entra com uma força firme na campanha abolicionista e na campanha republicana. Em 1880 o povo grita na rua do Rio de Janeiro contra o imposto de vinte reis sobre as passagens de bonde. Lopes Trovão faz comicios, a policia atira no povo. "Um moço do povo" fica ao lado de Lopes Trovão, cita Tiradentes e luta com o povo.

O moço republicano joga-se contra os figurões do P. R. que são muito revolucionarios quando se trata de derrubar o throno e que, escrevendo do fundo de seus latifundios, silenciam sobre o problema da escravidão.

Agora estamos em S. Paulo e Raul é estudante de Direito. Em S. Paulo ha um homem que todos os estudantes do Brasil conhecem, que todos os pretos amam, que todos os mandões odeiam. E' Luiz Gama, o caudilho negro. Luiz Gama desenvolve uma acção formidavel, multipla, impressionante. O estudante Raul está ao seu lado. Luiz Gama escreve no cabeçalho de um jornal: "Perante o Direito é justificavel o crime de homicidio perpetrado pelo escravo na pessoa do senhor". O estudante Raul escreve um artigo em

que diz que "todo homem que considerar que do homicidio lhe pode provir a liberdade injustamente calcada pela oppressão, todo o homem escravizado tem o direito do punhal".

E elle joga na cara dos latifundiarios do tempo isso:

"A humanidade só tem que felicitar-se quando um pensamento de revolta passa pelo cerebro opprimido dos rebanhos operarios das fazendas. A idéa da insurreição indica que a natureza humana ainda vive".

E elle assim fala da violencia:

"Todas as violencias, em prol da liberdade violentamente acabrunhada devem ser saudadas como vindictas santas. A maior tristeza dos abolicionistas é que estas violencias não sejam frequentes e a conflagração não seja geral".

O estudante Raul não escreve apenas; age tambem. E' um carbonario de Luiz Gama, desse immenso Luiz Gama que gostava de ver escravos matando senhores e "gostava das flores e dos passarinhos". Agora morreu Luiz Gama. Apareceu Antonio Bento, "espalhando a desordem nos eitos e a esperança nas senzalas". Antonio Bento "conseguiu, segundo a lição de Luiz Gama, estender por toda a provincia o aparelho nervoso de seus expedientes". Esse aparelho é nada menos que um partido illegal.

Vejam só: "Criou na cidade a legião de "caiphazes", homens que tinham de dia a cor da noite, sem nome, sem residencia, sem profissão, disciplinados, resolutos, esquivos, impalpaveis, silenciosos, que faziam a policia da policia, a espionagem dos capitães do matto, quilombolas, acoutados no milagre, que eram agentes de seducção promptos para a demonstração opportuna: defesa dos abolicionistas em perigo, marchas civicas, ovação aos réos de culpa generosa que a escravidão processasse nos tribunaes, arrebatamento da victima ás mãos do senhor, fazendo-a fugir num carro que não se diria de onde chegava e desaparecia, ninguem sabendo para onde. Foram os caiphazes os anjos negros que pariram a incendiar a sedição nos cafezaes, dominando a provincia inteira".

O estudante Raul é atheu, é democrata, e mais do que isso, é "caiphaz". Toda a força espantosa de seu talento — o chicote de sua polemica e os pontacos de suas caricaturas — está posta a serviço dos negros. E' o intellectual em plena acção social. E' a causa da cultura, ligada á causa humana.

Entretanto, quem tem mais personalidade que Raul Pompeia? Elle diz: "Mau, mas meu". Elle se enche de Beaudelaire, de Leopardi, de Heine, de Schopenhauer. Elle se perde em sonhos, elle sua sobre o estylo. Mas elle nunca deixa de estar no meio da luta de seu tempo. E está sempre ao lado justo. Elle está escondido vendo o

exílio do Imperador e sentindo, na madrugada quieta. "a vontade poderosa da Revolução". Elle está ao lado de Floriano lutando contra os ricos portugueses, contra o imperialismo inglez. Elle está fazendo um comício na largo de S. Francisco. Elle está pela nacionalização do commercio, está gritando e comprehendendo, que "não temos jornalismo verdadeiramente popular para clamar contra os esbulhos da carestia". Elle está nos postos de perigo e de sacrificio. Elle está com uma bandeira na mão na rua do Ouvidor, quando a Inglaterra quer avançar na Trindade. Elle está entre os jacobinos. Elle diz — ouçam, senhores de 30 e 32! — que não ha lucta entre irmãos: ha irmãos que se desgraçam e o estrangeiro que explora".

Elle está em toda a parte em que o povo está. E não está sozinho. O litterato Luiz Murat aprende capoeira para derrubar policia nos comícios. Raul está no discurso de rua, no pamphleto terrível, na acção illegal, conspirando, gritando, lutando. Elle está no cemiterio, sobre o tumulo de Floriano, violentissimo. Elle está redigindo "O Nacional". Seu nacionalismo pôde ter excessos, mas é verdadeiro e profundo. Elle está querendo fundar um partido. Elle está com um coração varado por uma bala, com um bilhete laconico, infantil, verdadeiro e tragico: "A' *Noticia* e ao Brasil declaro que sou um homem de honra".

Era muito mais do que isso. Era um homem de honra activa, actuante, militante. Assim elle apparece no livro. Apparece tão nítido, tão humano, tão comprehensível que elle nos encociona e nós damos a elle o nome de companheiro.

RUBEM BRAGA

Gilberto Freyre — Artigos de Jornal — Edições Mozart — Recife.

E' indiscutível que este volume terá o seu successo prejudicado pelo simples facto de haver apparecido depois da Casa Grande & Senzala, um dos maiores livros do Brasil. Mas o atrazo chronologico não importa em deixar de reconhecer que todos os artigos de jornal reunidos no volume lançado pela Casa Mozart, da capital pernambucana, são de primeira ordem. O autor da Casa Grande é um grande sociologo, mas o ensaista avulso destas curtas paginas é o mais delicioso dos commentadores. Explica-se o entusiasmo de Monteiro Lobato, a perguntar, de S. Paulo, vae para mais de um decennio, quem era esse Gilberto Freyre que estampava escriptos tão bellos e perspicazes em Pernambuco, a proposito de coisas brasileiras, a proposito de coisas universaes. Por signal que esses artigos saiam numerados e era isso mais uma demonstração de singularidade por parte do nortista que fôra aperfeiçoar scientificamente os seus estudos em terras da America do Norte, distanciando-se da loquela tropical no contacto com anthropologistas sem rhetorica e com pamphletarios inimigos da litteratice como esse Mencken que se fez implacavel dissecador de almas e phrases. Nos Artigos de Jornal ha uns trechos sobre a morte de Fritz Baedeker, o creador do mais utilizado de todos os guias de viagem, e outras sobre quitutes especificamente nacionaes, que qualquer forte ensaista de lingua ingleza subscreveria sem vacillação. Quanto ás paginas liminares, do pintor Luiz Jardim, parecem realmente mais pinceladas que escriptas, com uma verve de desenho e colorido das mais attrahentes na despretenção litteraria.

Macario de Lemos Picanço — Clovis Bevilaqua — Livraria Educadora — Rio.

A vida e a obra de um dos nossos maiores juristas são estudadas em todas as minucias, por este joven academico de direito. Reuniu elle, com dedicação infatigavel, todos aquelles elementos que o ajudassem a elucidar os aspectos passados ou presentes da mentalidade que tanto tem construido nos dominios da Lei. O sr. Clovis Bevilaqua apparece-nos ahi num retrato feito de pequenos toques successivos, que não é absolutamente de desdenhar. Sem a paciente inquirição do sr. Picanço, talvez escapassem ao historiador futuro muitas informações avulsas sobre o discipulo de Tobias Barreto, sobre aquelle que tanto tem feito para infundir um caracter de objectividade scientifica ás nossas questões juridicas. Muito interessante, no livro, a parte que se refere á actuação de Clovis na elaboração do Codigo Civil, sendo bem indicadas as objecções de Ruy a esse proposito. Honroso, para o sr. Clovis Bevilaqua, é que este, mesmo vendo Ruy Barbosa golepeal-o em materia de vernaculo, não lhe guardou nenhum resentimento inferior e era o primeiro a exaltar os trabalhos notaveis do mestre bahiano, como no caso das razões apresentadas em defesa do Estado do Amazonas. Quanto ao Codigo Civil, em que o jurista sobrevivente foi magna parte, lembre-se que Araripe Junior o reputava um producto em condições de honrar qualquer mestre do direito europeu. Nem é demais indicar que a presente edição é dos jovens e esforçados livreiros Braga & Valverde, que assim alongam a sua brilhante série de livros de finalidade social.

Lydio Machado Bandeira de Mello — O Problema do Mal — S. Paulo.

Vivendo em Leopoldina, no Estado de Minas Geraes, o sr. Lydio Machado Bandeira de Mello pôde entregar-se a vastas leituras e tambem a prolongadas reflexões. Desse gosto desinteressado das coisas do espirito resultaram os seus dois volumes de agora, *O Problema do Mal* e *Minutos de Meditação*. O primeiro destina-se a refutar, dentro de argumentação a mais documentada e persuasiva, perigosas theorias materialistas. O segundo é em aphorismos que versam em torno a questões de arte e problemas moraes. O conjuncto não deixa de ser sympathico, visto como o sr. Lydio Machado nos fala sempre sem autoritarismo irritante, num tom de palestra, como quem apenas troca impressões. Vemos nelle, transportado a paragens sem duvida mais agrestes, um desses gentishomens provincianos da Europa que lêem tranquillamente os seus poetas e os seus philosophos no recanto discreto em que vivem, indifferentes ás pompas das capitães vertiginosas.

LEIAM

TRES CAMINHOS

— D E —

MARQUES REBELLO

A U T O R D E

M A R A F A

Grande Premio de Romance

"MACHADO DE ASSIS"

De "Conteur" a Romancista

Embora muito já se tenha escripto a respeito dos 4 romances brasileiros do *Grande Premio Machado de Assis*, penso que a noite ainda não desceu sobre elles e que ainda ha alguma réstea de sol a explorar. Assim julgando quero me occupar agora de um delles — *Totonio Pacheco* de João Alphonsus —, reservando os outros para notas futuras.

Mesmo porque, muito felizmente, esses livros não se prestam ás tão communs comparações entre si. Cada um desses romances tem seu ambiente proprio e cada um dos seus autores possui a sua maneira particular de escrever. Por isto que uma visão de conjuncto seria sempre falha e imprecisa.

Mas se situarmos cada um de per si para uma analyse de seus valores e de suas características como romance, chegamos á evidencia de que o jury, composto de intellectuaes de responsabilidade, andou acertado em fraccionar o grande premio em 4 menores. Isto porque qualquer um, tomado isoladamente merecia o premio global, sem se deduzir dahi que como romances estejam todos no mesmo nivel de criação.

Os Ratos, de Dionélio Machado, é sem duvida o melhor, o mais intenso e o mais difficil de ser realizado, tendo contra si o ser mal escripto como accentuou o romancista Jorge Amado em artigo para este *Boletim*.

Já o de Marques Rebello, *Marafa*, e o de Erico Verissimo, *Musica ao longe*, se apresentam com material mais elastico: — uma multidão de caracteres bem estudados, plenos de poesia em movimento e completos como ficções, inspiradas na vida commum.

O de João Alphonsus, pela naturalidade e o cuidado com que foi tratada a figura de Totonio Pacheco, é outro romance que não desmerece a companhia dos seus collegas de premio. Mas a nenhum desses livros se póde rigorosamente chamar de grande romance.

TOTONIO VEIO PRA CIDADE

O "conteur" de "Gallinha Céga", de quem Agrippino Grieco disse que "da morte de um simples bicho extráe minucias não menos patheticas que as da morte de uma creatura de alta ródá" e nas mãos de quem "um bilhete cheio de erros de orthographia, um appellido caseiro, são toda a rhetorica desse homem sem rhetorica..." (*Gente nova do Brasil* — pg. 131), ingressando no genero romance trouxe influencias bem vivas e fortes da sua primitiva actividade litteraria. O caso de *Totonio Pacheco* chega a parecer que, se não fosse a necessidade de transformal-o num livro do physico de um romance, o autor poderia contal-o em 30 paginas sem prejuizo para a personagem e nem tampouco para o leitor. O que ha de humano no cel. Totonio Pacheco não perdeu e nem

ganhou em ser espichado, num romance, porque ficaria o mesmo num conto. João Alphonsus foi quem deu provas de que as suas qualidades de "conteur" poderiam ser ampliadas e transmutadas nas de romancista quando bem quizesse e entendesse.

O romance descreve, nos seus minimos detalhes, a aventura de um fazendeiro, tal e qual existem ás duzias na zona rural de Minas, que por morte da mulher e a pedido do filho bacharel, que advoga na capital montanheza, deixa a sua casa-grande mal-assombrada, os campos sem fim de suas plantações e criações, os seus filhos naturais e as suas amantes quasi selvagens e vem pra cidade, muito a contra-gosto, com o corpo envolto no ambiente onde sempre vivera. Na idade avançada de Totonio, a transplantação brusca do campo para a cidade provoca-lhe sensações inéditas desde a humilhação intima de face da superioridade da educação da familia do filho até ás maneiras de vestir e andar na rua dos citadinos.

O romancista não esquece os menores gestos da sua personagem em antagonismo perenne com tudo o que a rodeia. Desconhecido e ignorado numa cidade de tantos milhares de habitantes e cohibido até de cuspir aonde bem lhe aprouvesse, o coronel, que nas suas propriedades era o unico senhor, se sente pequenino e esmagado por aquelle mundo maior e tão cheio de conveniencias sociaes. A sua envergadura feudal quer reagir, quer lutar contra o meio mas o combate é desigual e superior ás suas forças. Para evitar desgostos á familia e ao filho advogado, de quem muito se orgulhava, elle se esforça na esperança de uma acclimação á nova vida mas os habitos e os costumes da capital lhe são hostis e se vê repellido a cada passo. Se evita a rua e fica em casa não se acha á vontade naquelle "bungalow" acanhadinho e se lembra com saudade dos quartos grandes e das salas espaçosas da sua velha casa de fazenda; se lhe dizem que é preciso se distrahir elle fica bobando pelas avenidas, procurando, debalde, entre tanta cara desconhecida uma physionomia amiga.

E as recordações da vida no campo, dos conhecidos da villa e das suas mulatas de pés descalços chegam mais fortes ainda. Até a copeira de casa repelle as suas propostas velhacas, mangando da sua idade. Se não fosse a prosa do italiano — mestre de obras que trabalha na vizinhança — elle estaria mais solitario do que o popular heroe de Daniel Defoe na ilha deserta. O italiano abre-lhe o caminho da vida bohemia da cidade explorando-o barbaramente num cabaré e deixando-o numa bebedeira épica.

Depois dessa estréa desastrada surge outro cicerone na pessoa de um medico amigo do filho que o leva a conhecer todos os pequenos mystérios da vida nocturna de Bello Horizonte. A prin-

cipio se julga feliz com os olhos cheios daquellas pernas nuas e daquelles corpos ligeiramente vestidos que offerecem sem cerimonia. Mas se desillude logo porque comprehende que aquellas caricias visam de preferencia o seu dinheiro. A sua maneira franca e brutal de amar se surprehe com os trejeitos e requintes das cocottes que dão mais valor á noite de farra regada a champanha nacional do que propriamente á intimidade da alcova.

E a brutalidade dessa adaptação na sua idade começa a lhe prejudicar a saude. Tenta outro caminho, talvez mais proximo de suas amantes quasi selvagens, e arranja uma Dulcinéa moderna entre os parias do meretrício da capital. Emquanto o velho apélla para as suas ultimas reservas de energia afim de querer-lhe bem, a amante vê nelle o coronel de bolsa sempre aberta aos seus minimos caprichos.

O filho não comprehende a attitude do pae. Obriga o velho a voltar para casa. Totonio quer fazer valer, então, a sua antiga autoridade feudal; o advogado usa de um "truc" sentimental dizendo que o netinho morreu e o fazendeiro se deixa conduzir ao lar.

Mas quem entra no "bungalow" é a sombra de Totonio, porque os poucos mezes de vida nova acabaram com o homem. Adoece. Numa tentativa extrema de apêgo ao mundo promete casamento a cunhada do filho na esperança de que, voltando casado para a fazenda, com mulher para cuidar de si e da casa-grande, recuperaria as forças e viria a ser o que fôra antes.

Recebe a visita do outro filho que ficara no campo como se elle representasse um pedaço daquella terra onde sempre vivera. E sente uma melhora, aliás passageira. As sensações novas vividas nos mezes recentes já haviam feito o seu mal, e foi um dia Totonio Pacheco.

João Alphonsus narra tudo isto com simplicidade e agudeza psychologica capazes de affirmar o talento de um novo romancista. E' para dar mesmo um tom de romance que elle faz o cel. Totonio entrar em contacto com outros typos que num conto seriam dispensaveis, como poderia prescindir das scenas de amor modernas entre o medico e a filha de um casal que visita vez por outra o advogado.

Tambem, em se tratando de um conto, seriam igualmente superfluos os dialogos arranjados numa mesa de café entre o tal medico e um amigo qualquer e nem se justificaria a repetição das narrativas de casos de assombração que ficariam melhor collocados num livro sobre lendas e superstições do nosso folk-lore. Mesmo no romance ellas imprimem a certas paginas um ar de monotonia invencivel porque o character supersticioso do velho ficou bem definido no caso do poço de calda bulindo a qualquer hora do dia ou da noite.

A muitos leitores e criticos poderá interessar o que João Alphonsus fez do Totonio Pacheco na ultima pagina. Quanto a mim tenho por habito não me intrometter no destino dos cadaveres alheios. Os seus donos, parentes ou adherentes, têm pleno direito de vestir-lhes simples mortallas ou tunicas brancas com azas de cherubim, leval-os á ultima morada segurando nas alças de um caixão vulgar ou num bello caixão de veludo dentro de um carro de 1a. classe com lantejoulas doiradas. Mesmo porque o morto não pôde intervir no julgamento que delle fazem os que ainda têm a sorte de estar vivos. O unico que poderia opinar, neste caso, era o velho Totonio, se se dêsse ao incommodo de voltar a esta vida tão aspera.

ADERBAL JUREMA

Belmiro Braga — **Dias Idos e Vividos** — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Os juizos criticos que acompanham o livro, e subscriptos entre outros por Monteiro Lobato e Gilberto Amado, provam que Belmiro Braga, tão certo sempre em seus trabalhos de lyrista, não se equivocou ao metter-se pelos arduos caminhos da prosa. Aliás, não se sabe nunca quando, em Belmiro Braga, fala o prosador ou o poeta. Para nós, vive elle em estado de perpetua poesia, o que é quasi viver em estado de graça, no sentido mystico. Em recorrendo os dias de sua infancia e adolescencia, faz-nos elle rever a nossa propria infancia e adolescencia. E' como se falasse por todos nós, resuscitando para nós as creaturas amadas, recompondo as paizagens que foram os chromos, as vinhetas dos dias em que nossos olhos de creanças achavam tudo maravilhoso. E nem deixa de haver um bello exemplo de tenacidade na resistencia com que esse grande cantor das montanhas de Minas foi levando para a frente o seu desejo de vencer, de fazer-se um nome nacional, em meio á incomprehensão ingenua dos parentes ou á incomprehensão hostil dos conterraneos. Bem sabemos o heroismo que existe nisso de transitar com a carga de um sonho por um sitio em que todos parecem contentar-se com a poesia das coisas rodeantes e dispensam a poesia no papel... Não é demais recordar que o volume **Dias Idos e Vividos** mereceu o apreço unanime dos distribuidores do Grande Premio Machado de Assis, no sentido ao menos de uma distincção honorifica. Gilberto Amado, Gastão Cruis, Monteiro Lobato, Agrippino Grieco e Moacyr Deabreu não puderam incluir o livro de Belmiro Braga entre os premiados em moeda, visto não se tratar de romance e sim de obra de reminiscencias. Apenas o desejo de manter intacto o preceito das divisões litterarias. Mas todos reconheceram tratar-se de volume merecedor do galardão prestigiado pelo nome do grande romancista do **Braz Cubas**.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

AINDA FREUD...

Diz Nietzsche, no aphorismo 137, do 2.^o volume do *Humano, demasiado humano*, que os piores leitores são os que procedem como soldados que se entregam á pilhagem: "apoderam-se aqui e alli do que lhes é util, mancham e confundem o resto, cobrindo-o todo de ultrajes". Pois esse pensamento, que é uma lembrança triste e verdadeira da deshonestidade intellectual, enquadra-se perfeitamente no que diz respeito a Freud.

Todos aquelles — principalmente os adversarios e os maus discipulos — que tratam de Freud, philosophicamente, collocam-no no mais exaltado irracionalismo, mesmo além, muito além, de Bergson, Keyserling, Scheler e quantos mais anti-intellectualistas o sejam. Aldous Huxley resumiu a philosophia de hoje: o Bergsonismo, o Behaviorismo de Watson e o Freudismo.

Mas vae nisto, em parte, uma injustiça, pois como doutrina de qualquer pensador comprehendese tudo quanto foi por elle escripto em torno de suas idéas centraes, e não só as primeiras obras diffundidas, visto como o individuo é um processo cultural evolutivo, sendo a cultura uma categoria do proprio sêr. O mal de Freud é o mesmo de outros pensadores — faceis á primeira vista — que se popularizaram em prejuizo da propria pureza doutrinaria.

Como philosophia, o freudismo faz resaltar a irracionalidade da conducta, assim como o watsonismo o faz na opinião. Pois bem: Freud baseou toda a psychanalyse, como psycho-technica individual, em dois principios: principio de repetição e principio de prazer, que nada mais são do que a busca do prazer e da libertação pela repetição dos actos, exteriorizantes dos impulsos brutos naturaes primitivos e inconscientes, que tendem sempre a repetir-se. A essa *personalidade inconsciente*, que mais tarde vae se conservar no adulto através dos sonhos e dos actos instinctivos, Freud chama de *Id*, por ser commum a todos. Sómente em nova phase, surge o *Ego*, nascido deste *Id*, e da *repressão do meio*.

Em proseguimento: duas são as classes de impulsos expostas por Freud: impulsos de vida e impulsos de morte — chamando-se áquelles de *libido*.

Depois, não só como puro facto de theoria do conhecimento cosmo-psychologico, como o *Ego*, mas sim, surgindo de outra estrutura, como resultante do conhecimento moral (consciente), apparece-nos o *Super-Ego* ou censura. Dahi os *recalcamentos*, os *deslocamentos*, as *transferencias*.

Como se vê deste rápido resumo de noções já generalizadas por todas as camadas, Freud restringe-se nesta parte de seus estudos tão sómente á *personalidade inconsciente* e suas derivantes.

Explica-se este grande irracionalismo de Freud por ter elle chegado a estas conclusões por

observações em neuroticos, principalmente hystericos, dizendo em suas primeiras divulgações — textualmente — que era seu principal objectivo "conduzir á consciencia o material pathogenico, dando fim deste modo aos padecimentos occasionados pela producção dos symptomas de substituição".

E' áquelle *Super-Ego*, na nomenclatura psychanalytica, *consciencia moral*, "que pertence o forte aparelhamento disposto em nós de modo geral contra a invasão dos complexos inconscientes", lembrando assim um dos pontos da philosophia de Schopenhauer: *nossa vida consciente é uma eterna resistencia*. Assim, pelo pathologico, chega Freud ao individuo normal, pois "as neuroses não têm um conteúdo psychico que, como privilegio dos neuróticos, não se possa encontrar nos sãos", sendo que aquelles adoecem pelos mesmos complexos com que lutamos nós os que temos saúde perfeita, completa C. J. Yung. Donde ser a racionalidade uma questão de gráo, mais em uns, menos em outros. Só isso.

Assim espraia-se a psychanalyse como uma concepção do mundo e da vida (*Weltanschauung*, como diz o proprio Freud), logo como um systemo philosophico e já não só como psychotherapeutica da hysteria e suas classes.

Freud não parou ahí, levou seus estudos á sociologia, ou melhor, á ethnologia, em *Totem e Tabú*, que não nos interessa aqui por ser ainda da mesma natureza dos estudos anteriores, differindo só em sua applicação á *alma colectiva* — do que se usa e abusa nestas bandas do Atlantico...

O que põe ponto final neste rascunho é sua obra: *O futuro de uma illusão — psychanalyse das religiões*.

Neste livro, Freud levanta os olhos para o futuro, após ter olhado exhaustivamente para o passado, sob a força da propria technica psychanalytica — usando de um aphorisma de Anatole: "O passado é a unica realidade humana. Tudo que existe é passado". Este livro é esperada e logica conclusão de uma obra de 50 annos trabalhosos, toda cheia de um idealismo tão mal interpretado!

Freud nesta obra procura, cautelosamente — pois se a seara lhe é estranha! — estudar o fundo *illusionista das religiões* e, como um veterano do soffrimento e angustia humanos, vê quanto seu primitivo irracionalismo poderia se tornar perigoso e talvez, fatal para a civilização; dahi seu bello esforço em conciliar a *razão* e o *instincto*; surge-nos um *Freud completo*.

Se em seus estudos theoricos, do sêr-psychologico como individuo, na attitude *céga* para todos os valores (*wertblind*, na exacta terminologia allemã), Freud declara que "os homens são pouco accessiveis aos argumentos da razão", e

Radio

Iniciando a nossa secção de Radio abrimos um inquerito.

Desejamos saber quaes as estações brasileiras mais ouvidas no paiz, e por que razão. É facil comprehender o alcance cultural da nossa *enquête*, e o que de util podemos fazer, de posse de informações. Para isso pedimos aos nossos leitores e assignantes que enviassem para a redacção do *Boletim de Ariel* — Rua Senador Dantas 40 — 5.º andar — Rio de Janeiro — as suas respostas, minuciosas se possivel, certos que por esse acto estão concorrendo para uma estatística de alto valor para a diffusão da cultura no Brasil.

M. R.

..

A expressão "radio educacional" é tão criminosa quanto a de "medico-sacerdote". Assim como o segundo não pôde existir, porque ninguem deve viver em jejum permanente, o primeiro é um paradoxo porque é impossivel educar os outros sem que se haja educado a si mesmo. Por isso, para a tranquillidade publica, seria do maior proveito annunciar que o radio entre nós não terá intuitos educacionais dentro destes cincoenta annos. Assim se evitarão perigos tremendos, como sejam o de um pacato vir a pensar que as operetas de Leo Fall são musica classica (porque assim dizia o programma), etc., etc. Ficaria, do mesmo modo, abolida para sempre a mania de certas estações proclamarem com prosapia que estão educando o nosso povo, "Amazonas ao Chuy", irradiando programmas seleccionadissimos que começam em Karl Maria Von Weber (por extenso), passam por uma melodia de Carlos Gomes (obriga-

toria mesmo fóra dos annos commemo-rativos), entram por uma phrase unica de um quartetto de Beethoven, se intro-mettem num doloroso preludio wagne-riano (com 2 minguados violinos e um tympano ensurdecedor), esparramam-se num *Funiculi* qualquer napolitano, voltam a Liszt muito barulhento, e acabam numa tarantella de pyrilampos caucasianos de autor andaluz. Já que não pode haver punição legal para taes companhias, é indispensavel pelo menos que as obrigue a annunciar que os seus "concertos" servem para acompanhar symphonias dos gatos do vizinho, para auxiliar a digestão de refeições dieteticas, para tudo que quizerem, menos para educar quem quer que seja.

C. S.

Flausino Rodrigues Valle — *Elementos do Folk-Lore Musical Brasileiro* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Trata-se de um investigador que se especializou em reconstituir a historia da nossa musica em seus elementos de verdadeira inspiração tropical. É um folk-lorista da arte dos sons, e o que ha de meritorio em sua contribuição é que procura coordenar os nomes e os trabalhos daquelles que melhor interpretaram a sensibilidade da nossa gente. Ainda que conheça a parte technica da musica, sendo fervoroso entusiasta de Beethoven, sobre o qual escreveu apreciavel ensaio, volta-se elle de preferencia para os nossos autores de valsas ou modinhas, e tudo quanto diz a respeito é marcado por uma nota de inoccultavel emoção. A cultura profissional não o despaizou, não o desprende da sua raça, e, consequentemente, o livro do sr. Flausino Rodrigues Valle será bem acolhido por quantos prezam e defendem o nosso patrimonio de melodias e canções.

Jonathas Serrano — *Historia da Civilização* — Liv. Briguier — Rio.

É a terceira série do attento retrospecto historico a que se vem dando, com a idoneidade de sempre, o nosso eminente collaborador Jonathas Serrano. A parte de agora prende-se á *Edade Media* e o autor, apoiado em documentação copiosa que a perspicacia critica enriquece e aclara, demonstra, com jubilo de catholico sincero, que esse longo periodo de trabalho franco ou de preparação fecunda não foi em absoluto a época de estupidez e sujice que pretendiam os leitores apressados de Michel e outros lyricos extraviados numa sciencia historica que deve ser sempre rigorosa e austera. Todos os grandes nomes dos seculos medievaes, todos os grandes feitos que os embellezam, ahí estão com a habil poupança que resumos desses exigem.

Tristão de Athayde — *Indicações Politicas* — Civilização Brasileira — Rio.

Nenhum sector da cultura está sendo estranho ás pesquisas do sr. Tristão de Athayde. Apesar de haver elle entrado para a Academia de Lettras, não se lhe sente esmorecimento na producção. Ainda agora, este volume intitulado *Indicações Politicas* prova o cuidado que lhe estão merecendo as nossas questões partidarias no sentido de um catholicismo constructor. Tudo quanto elle diz sobre os problemas essenciaes do Brasil, nos seus contactos com a carta constitucional não ha muito promulgada, reflecte a compostura de um espirito que investiga leal e honradamente, de um director de cerebros que não receia rancores de desaffectedos em se tratando de dizer christamente a verdade.

"são movidos pelos seus instinctos", já o mesmo não dirá quando se colloca numa attitude valorativa (*bewertend*), do dever-ser, pratico-philosophica: "Não temos outro meio senão nossa intelligencia para dominar nossa vida instinctiva".

"Podemos tanta vez accentuar que a intelligencia humana seja sem força em comparação com a vida impulsiva, e teremos razão. Mas nessa fraqueza alguma coisa existe de particular: a voz da intelligencia, é debil, mas não descança, enquanto não se faz ouvir. *Por fim, depois de innumeras e repetidas repulsas, ella se impõe*. Esse é um dos poucos pontos pelos quaes devemos ser optimistas, quanto ao futuro da humanidade; mas em si, representa não pouca coisa; ainda podemos fundar nisso as nossas esperanças". (O grypho é nosso).

E logo adeante, contrapondo-se á concepção que faz dos destinos da humanidade uma submissão heteronoma, préga a fé no sentido da vida no nosso (da humanidade) *self-government*: "cremos que é possivel ao trabalho scientifico conhecer alguma coisa sobre a realidade do mundo,

com ella o nosso poder se pôde elevar e por ella poderemos dirigir a nossa vida".

Só a intelligencia será o remedio para os males da Humanidade, dahi dizer Bertrand Russell: "Creio que todo o verdadeiro progresso do mundo consiste em um augmento de racionalidade pratica e theorica". E tem toda razão, por que só o homem é capaz de *vivencia*, embora os animaes possam ter *experencia*, sendo que aquella se constitúe pelos dados intimos, vividos, de nossa experencia interior, "tornados objecto do pensamento na synthese da consciencia reflexa", é um acto consciente, ao passo que a *experencia* pôde ser não-organizada e incosciente.

Racionalidade é um habito de recordar todos os nossos principaes desejos e não só o que nos domina no momento. É o representativo contra o presentativo.

"O primado da intelligencia está ainda longe, muito longe, mas não no infinito". ...Freud, *completo*.

EVARISTO DE MORAES FILHO

Artes Plásticas

A Voz dos Mestres

Quando se exclue da arte o que é medida, numero e peso, o que fica já não é mais arte, e sim, um trabalho manual.

PLATÃO

Tudo o que se vê pertence á sciencia da pintura.

Repetirei, sempre uma theoria que me parece nova, mas que aos outros, talvez, pareça mesquinha e quasi ridicula, pois ella servirá muito bem para predispor o espirito ás invenções mais engenhosas.

Eis do que se trata: se olhares certos muros manchados de humidade e construidos com pedras diversas e tiveres de inventar algum logar, poderás vêr sobre esse muro a semelhança de diversos paizes, com suas montanhas, seus rios, seus penhascos, arvores, prados, os grandes valles, e as collinas de aspectos os mais varios; lá, poderás vêr, tambem, batalhas e movimentos de figuras vivas, rostos estranhos, roupagens e mil outras cousas a que darás o seu bom e integro aspecto.

Isso acontece com os velhos muros, do mesmo modo que com o som dos sinos, cujas pancadas te fazem ouvir as mesmas palavras que imaginares.

Já vi, eu mesmo, nuvens e velhos muros que me deram bellas e variadas creações, e essas tolices embora em si mesmas estivessem longe de uma conformação perfeita, não lhes faltava exactidão em seus movimentos e outras acções.

LEONARDO DA VINCI

A boa maneira de saber se um quadro é melodioso, é vel-o de muito longe, sem perceber-lhe o assumpto e a direcção de suas linhas. Se fôr uma obra melodiosa, já tem um sentido, já tomou o seu logar no repertorio das lembranças.

O estylo e o sentimento na côr vêm da escolha, e a escolha vem do temperamento.

Ha tons alegres e violentos, violentos e tristes, ricos e alegres, ricos e tristes, communs e originaes.

A arte do colorista participa ao mesmo tempo das mathematicas e da musica.

Por mais habil que seja, um eclectico é um homem debil, porque é um homem sem amor. Não tem um ideal, nem um partido, nem estrella, nem busola.

A obra de um eclectico não deixa lembrança.

CHARLES BAUDELAIRE

E' preciso que o pensamento se afaste de tal modo de tudo o que chamam a logica e os sentidos, que elle se desprenda do maximo de todos os obstaculos humanos, que as cousas se representem sob um novo aspecto como que illuminadas por uma constellação apparecida pela primeira vez.

GIORGIO DE CHIRICO

E' mais facil lembrarmo-nos dos mestres, que desconhecê-los e, sobretudo, esquecê-los...

A arte da pintura é como a arte da cosinha: não se explica, se saboreia.

Em arte só ha duas cousas: o instincto e o dom.

A intelligencia é internacional.

A estupidez, nacional.

A arte é local.

VLAMINCK

A tragedia não está em se pintar um tigre que devora um cavallo, mas em estabelecer entre um copo e uma mola de estofa, relações plasticas capazes de commover sem intervenção de nenhuma anedocta.

JEAN COCTEAU

A esculptura é um principio de extracção: depende de uma cultura innata de vêr sem a pedra.

OSSIP ZADKINE

Um pintor não vê tudo o que collocou no quadro que assigna. São os espectadores (nem sempre seus contemporaneos!) que descobrem um a um os thesouros que elle contem, e, quanto mais uma pintura é rica em surpresas desse genero, em thesouros, maior é o seu autor. Cada seculo procura nas obras o seu alimento e cada seculo tem necessidade dum certo alimento.

HENRI MATISSE

Se quizermos tomar um exercito invisivel á distancia, o que nos resta fazer é vestir os homens de arlequim.

PICASSO

(Trad. de S. R.)

Darcy Teixeira Monteiro — *A Tragedia Social* — Livraria Boffoni — Rio.

Esse joven patricio tem o seu nome ligado a muitas vibrantes campanhas litterarias desenvolvidas no meio carioca. Enthusiasta dos nossos poetas e prosadores, especialmente de Castro Alves, não se esquece elle nunca de festejar-os através das palestras e horas de arte que vae suscitando com o concurso de nomes illustres do paiz. Ao lado do bello artista Nicolas, provocou uma especie de curso de conferencias em que se fizeram ouvir escriptores de real autoridade, e ainda agora a sua brilhante iniciativa da Casa de Castro Alves vae sendo acolhida em muitos recantos do Brasil com entusiasmo de moços e velhos. Tambem poeta, o sr. Darcy Teixeira Monteiro mostra-se especialmente preocupado pelos factores de ordem social, de paz collectiva. Não crendo nos visionarios que nos falam em Chanaans mirificas mas só nos levarão a montões de ruinas, combate elle, nestes poemetos ainda pautados pela inspiração condoreira ou junqueireana, todos os destruidores mascarados de constructores. Seus versos, quasi sempre em periodos longos, prestam-se essencialmente á declamação e é conhecida a arte com que o proprio autor costuma dizê-los em sociedades de radio, para um publico que em numero supera o de jornaes e de livros.

Jean des Vignes Rouges — *Educação do Character* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

A traducção deste livro, devida á penna operosa do sr. Manoel Bandeira, assegura que a viagem do autor ao nosso idioma se fez sem nenhum desvirtuamento de texto. E o livro, encarado em si proprio, é bastante original, não tanto pela novidade do assumpto como pela maneira despretenciosa e até algo ironica com que o autor o conduziu. Nada de doutoral nesse Jean des Vignes Rouges que talvez seja um pseudonymo um tanto malicioso. Discorre elle sobre questões de character sem o ar emperdigado de tantos parasitas de Smiles, de tantos competidores baratos de Marden e Purinton. E' sempre sorrindo, palestrando com o leitor, que lhe dá as melhores lições de conducta social. O elemento aneddotico não se lhe afigura desprezivel e bem comprehende que todas essas graves coisas impostas pela vida em commum tambem não dispensam a sua leve dose de humorismo.

"LANTERNA VERDE"

E' o numero 3 do boletim da Sociedade de Felipe d'Oliveira. Proseguem aqui, as homenagens ao bello poeta sul-riograndense cuja memoria é fraternalmente reverenciada por um grupe que a cada instante nos offerece novas razões de admirar o artista morto. Mas, neste volume, talvez a parte mais emocionante seja a consagrada ao grande Ronald de Carvalho, que um desastre estúpido nos roubou iniquamente.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance das creanças

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

Symphonia phantastica de Berlioz (Pathé — PDT 10 - 15) — Grande Orchestra Philharmonica dirigida por Selmar Meyrowitz — A casa Pathé apresentou esta gravação no anno passado ao concurso da "Fundação Candide", obtendo grande premio. O premio foi justo, pois é a melhor das edições gramophonicas que conhecemos da grande obra do romantico francez. E' preciso notar que a obra é das mais difficeis para a reproducção no disco. O grande numero de instrumentos empregado por Berlioz já constitue sério embaraço, o qual se accentua com a necessidade de como que individualizar esses instrumentos dentro das massas orchestraes, como exigia o autor. E Meyrowitz conseguiu isso com grande habilidade, sendo excellentes, entre outras, as passagens das harpas no segundo tempo, os effeitos subtilissimos dos violinos col legno no final, sem falar na delicadeza plangente do corno inglez no fim do terceiro tempo. E' ainda digna de menção a nitidez com que está reproduzido o trabalho dos contrabaixos, que é dos mais exhaustivos no correr de toda a symphonia. Esta obra, de mais de um século, iniciou o genero de musica de programma que tanto exito havia de dar mais tarde a Liszt e Ricardo Strauss, e talvez nos pareça hoje um tanto longa. De qualquer forma o seu lugar como marco na historia da musica é absolutamente indiscutivel e, a despeito da divergencia de gostos, tem trechos decisivos que continuam despertando a emoção de sempre.

Beethoven — Trio para violino, viola e violoncello (op. 9) — **Trio Pasquier** — (Pathé — PDT 7 a 9) — E' a primeira vez que se grava este trio de Beethoven. — A gravação conseguiu grande premio "Candide" em 1935.

Gluck — Orpheu — Alice Raveau, G. Féraldy, Jany Delille, côros russos Alexis Vlassoff, e Grande Orchestra Symphonica, dirigida por Henry Thomas (Pathé — PDT 20 a 27) — É a primeira vez que se dá uma edição integral em disco dessa obra de Gluck. Premio "Candide" de 1935. Tem causado os melhores commentarios da critica europeia.

Fauré — Sonata em lá maior para piano e violino — Magda Tagliaferro e Denise Soriano — (Pathé — PAT 3, 4, 5) — Tambem Grande Premio "Candide" 1935 — Por ahi se vê que a nossa eminente patricia Magdalena Tagliaferro continua em grande actividade em Paris, não só nas exhibições em publico, como nas gravações excellentes como esta.

Debussy — Sereias — Inghelbrecht e Grande Orchestra dos Festivales Debussy — (Pathé PDT 17 e 19) — É o ter-

ceiro numero dos celebres Nocturnos, tão discutidos e commentados — Outro Grande Premio "Candide" 1935 — A edição traz como complemento a Fanfarra Martyrio de S. Sebastião e a Fanfarra da Péri de (Dukas).

C. S.

GRAVAÇÕES POPULARES

Odeon — 11.341 — "Quem canta seus males espanta", samba de W. Silva e A. Barcellos e "Você não tem pena", samba de Russo e Bucy Moreira. — Embora tragam os nomes de alguns dos nossos melhores compositores, são bem fraquinhos. Se não fossem cantados por Carmen Miranda, passariam despercebidos. A interpretação da cantora n.º 1 é, como sempre, notavel. O primeiro tem côro; o segundo é ligeiramente superior ao primeiro; e ambos são muito bem executados pelo conjuncto regional de Benedicto Lacerda que, como compositor, tem ultimamente caído no erro de dar quantidade em vez de qualidade. Gravação: boa.

Odeon — 11.337 — "De bahado", samba de Noel Rosa e João Mina; e "Cem mil reis", samba de Noel Rosa e Vadico. — O sr. Noel Rosa, um grande compositor tem a infelicidade de não se reconhecer incompativel com o canto. E canta. A sta. Marilia Baptista, uma pessima compositora, canta regularmente e bem melhor cantaria se não quizesse imitar o sr. Noel Rosa, influencia das mais engraçadas. Juntando-se os dois nessas gravações, deu-se o esperado: Marilia puxa sosinha e Noel atrapalha-a com o melhor das suas forças.

Quanto aos sambas são bons, apenas com um excesso de graça nas letras, o que chega a ser defeito. Orchestração excellente do conjuncto regional de Benedicto Lacerda.

Odeon azul — 2.167 — "The Piccolino", one step; e "Cheek to Meek", fox. Idem, 2.168 — "Top hat whit tie and tails", fox; e Isnt this a lovely day?" fox — todos de Irving Berlin. da fita: **O Piccolino (Top Hat)** — por Harry Roy e sua orchestra. — Embora não tenham o sabor de outras produções de Berlin, embora não sejam faceis como é o habitual nas fitas do genero — são excellentes. Harry Roy, um regente que impressiona, offerece realizações impeccaveis. Todos os discos têm pequeno refrão vozal, bons como é natural numa terra em que os bons cantores populares andam aos pontapés.

Odeon azul — 283 003 — "What's the reason", fox de Tomlin, Hotch, Poe e Guir; e "Since we fell out of love", fox de T. Shand, E. de Sange e H. Bernard. — cantam: os quatro irmãos Mills. com uma guitarra.

O primeiro da fita "Bobos de Nova York", é estupendo e é cantado na fita por Pickey Tomlin. O desempenho dos

celebres Irmãos Mills, que todos conhecem do cinema, é magnifico. Cabe notar aqui a influencia que tiveram esses rapazes sobre nós. Apareceu ahi pelos estudios uma boa quantidade de imitadores. E não digamos mais nada. Os nossos corajosos radio-ouvintes devem ter ouvido...

M. R.

Musica

A obra que maiores commentarios tem despertado ultimamente em Paris é a opera do compositor, regente e violinista rumainco Jorge Enescu — O Edipo. Dizem que o autor trabalhou nella durante varios annos de sua vida, conseguindo apresentar por fim um conjuncto de proporções magnificas, embora alguns notem que ha no todo certa falta de unidade, como que intromissão de elementos dispensaveis. Seja como fôr, os criticos francezes acham-se tão entusiasmados que não se esquecem que o grande protegido da Rainha Elizabeth pertence á escola gauleza.

Apareceu o segundo volume de memorias de Strawinsky (ed. Denoel, et Steele). Os criticos terão agora mais esse trabalho, de commentar, e elogiar, o autor de **Petruschka** como escriptor. É de esperar que elle publique ainda muitos outros volumes, depois da visita ao Brasil, e que não se esqueça de nós.

Passou pelo Rio, de avião, o pianista espanhol Iturbi. Vae dar concertos em Buenos Aires, seguindo depois em excursão artistica pela costa do Pacifico. Quer dizer que não se exhibirá entre nós, o que é profundamente lamentavel. Iturbi é um dos executantes mais honestos que tem o piano actualmente.

C. S.

RELIGIÕES NEGRAS

No nosso numero do mez passado publicamos sob o titulo de **A Rainha do Mar**, uma pagina em que eram estudados os mythos de Yemanjá na Bahia. Este magnifico trecho pertence a **Religiões Negras**, ensaio de Edison Carneiro a apparecer brevemente na **Bibliotheca de Divulgação Scientifica**, dirigida pelo prof. Arthur Ramos.

Se bem que inedito em volume, Edison Carneiro é um nome dos mais conhecidos dos nossos leitores pois muitas vezes tem occupado as paginas do nosso **Boletim**, tratando quasi sempre de assumptos referentes ás questões do negro no Brasil. Escriptor brilhante, ensaista de real cultura, Edison Carneiro, apesar da sua juventude, já se impoz ao Brasil intellectual como um dos nossos maiores estudiosos do negro brasileiro, não admirando a anciedade com nhcidos dos nossos leitores, pois muitas que é esperado esse seu volume, onde estuda as seitas africanas na Bahia.

Cinema

Anna Karenina (M. G. M.) — Uma senhora russa que assistira á outra versão de **Anna Karenina**, com Greta Garbo e John Gilbert, dizia-me: "Mas o film se afastou muito do romance; é uma verdadeira traição". Em vão eu explicava que a technica cinematographica é diferente, que o film não é um simples commentario á obra litteraria, mas uma realização completamente autonoma. "Pois que dessem outro nome", insistia.

Esse modo de ver é um excellent ponto de partida para a critica cinematographica. Elle mostra como não deve ser a obra de cinema.

Nunca é demais lembrar aquella palavra tão certa de King Vidor: "a film must be written with the camera and not with a pen". Pouco importa que o film não abranja a totalidade da obra litteraria em que accaso se inspire, ou que della só aproveite o que possa ser tratado cinematographicamente.

A presente versão de **Anna Karenina** com Garbo e Fredric March é excellent sob varios aspectos.

O film se inicia por um angulo que é uma maravilha. A machina apanha primeiramente o prato central de uma mesa de banquete, prato enorme, que já vae prejudicando no espirito a enormidade da mesa em que está collocado. Vae-se afastando, afastando e apresenta um aspecto total do salão. Officiaes do exercito russo, na maioria nobres, num deboche desenfreado. As sequencias da festa são inesqueciveis. A gente chega até a gostar do côro em que os russos são incomparaveis.

O primeiro encontro de Anna com o conde Vronsky é precioso como caracterizador da alma russa. Uma paixão violenta, sem limites, desencadeia-se á primeira vista. Percebe-se logo o que viria aquelle homem a representar na vida daquella mulher e o que aquella mulher faria daquelle homem. Tudo isso numa unica sequencia. Na mesma sequencia ha a morte de um empregado da estrada de ferro. O effeito sonoro do apito combinado com o grito augmentou o tragico da scena. Essa tragedia banal, a que ninguem dá importancia, imprime-se fortemente no espirito sensibilissimo de Anna. O baile é ainda uma dadiva de Clarence Brown. Em dado momento, apparece em primeiro plano uma harpa e, por traz della em planos mais afastados, os pares embalados pela danza. Parece que tudo é uma scena de magia, em que a musica se materializa em seres maravilhosamente palpaveis...

Em todos os actos de sua vida Anna Karenina se destaca gritantemente dos outros seres que a circundam. Seu individualismo tem qualquer cousa de aggressivo, de esmagador. Observe-se a partida para Moscou. No carro do trem ella lê enquanto os outros dormem, entediam-se ou se queixam do frio. Neva,

e Anna Karenina sae para respirar, para tomar um pouco de ar fresco. Em contacto com ella as cousas como que se desmaterializam, ganham valores espirituales, tornam-se meros symbolos de valores, absolutamente interiores.

Uma mulher dessas, uma mulher-aguia (no sentido nietszcheano), não poderia viver bem ao lado do insignificante Karenin, "rond de cuir" integral, estreito, para quem só duas coisas tinham valor: o ministerio e a opinião publica. Por isso, sua capacidade enorme de amar, sublima-se a concentrar-se toda no seu filhinho Sergei, que para ella é tudo no mundo.

Excellentemente apresentado o menino Sergei. Na hora do somno.

A lampada desenha arabescos na parede branca que enchem de pavor o espirito do menino. Deitado na cama com uma face na luz e outra na sombra. As imagens lembram Gherardo della Notte ou Rembrandt. Clarence Brown é um grande manejador do "chiaro scuro". Sua obra, entre outros valores, apresenta o da belleza das imagens em si mesmo, o da ternura no tratar a figura humana e o de obter o maximo rendimento psychologico.

A scena inicial no film nos apresenta um Vronsky "noceur", dissipado, arrastado por todas as paixões mundanas.

Não era apenas um homem bello physicamente o complemento que faltava á grande Anna. Era uma alma, principalmente uma alma que vibrasse com a sua, um coração que sentisse com o seu.

Para Vronsky ella não foi a mulher. Foi apenas uma das muitas mulheres que passam pela vida dum conde, capitão de um regimento de elite e que nada afasta de seus camaradas de tropa, nada desvia do futuro brilhante e da gloria militar.

Por esse homem voluvel ella abandonou até o filho. E elle rompe a ligação que custara tanta dor, tanto sacrificio, tanta renuncia, bruscamente, brutalmente, sem uma palavra de carinho sem uma prova de affecto.

Perseguida pela maldade do mundo, repudiada pelo marido, sem poder ver o filho, abandonada por todos, Anna só encontra solução na quietude da morte.

A scena do desastre da estação não lhe sahira do espirito. Aquelle grito e aquelle apito vibram-lhe eternamente no cerebro. E ambos a impellem para a morte como um automato, como uma cousa sem alma.

Karenina lembra muito aquelles amores absolutos, puros, do grande seculo. Sugger-me uma "Princeza de Clèves" mais ousada, tendo a coragem do seu amor.

A de Clèves morre por não poder amar e a Karenina morre por excesso de amor. Mas em ambas ha aquella mesma grandeza, aquella renuncia completa do ser, que as approxima das grandes mysticas.

Greta Garbo como sempre o maior valor humano do cinema e sem favor

um dos seres mais extraordinarios do seculo. Fredric March um perfeito Conde Vronsky. Todos os demais actores perfeitamente definidos como individuos e principalmente como caracteres, como tendencias, como typos. E todos se harmonizam com perfeição, orchestralmente, sob a direcção incomparavel de Clarence Brown.

Tempestade sobre os Andes (Storm over the Andes) — Universal Pictures — Direcção — Christy Cabanne — Film baseado na guerra entre o Paraguay e a Bolivia. Producção bastante mediocre, mesmo como documentario. Nas mãos de um director de valor poder-nos-ia fornecer um optimo film de costumes. Uma serie de combates aereos sem nenhuma novidade. Alguns "gags" interessantes do mechanico Craker, sempre embriagado e companheiro inseparavel do capitão Kent. As sequencias do Carnaval têm certa graça e movimento. A figura masculina do capitão Kent (Jack Holt) absorve todo o interesse da producção.

A Fugitiva (Mary Burns Fugitive) — Paramount Pictures — Ainda um film de gangsters, com todo aquelle aparato de força de ferocidade, de crueldade fria, de sadismo, de brutalidade de um lado e de outro. O film é o estudo das reacções que esse aparelho pode provocar num espirito delicado, bom e ingenuo. Uma mocinha bonita, de bom coração, querida de todos pela sua generosidade é dona de um bar situado num parque magnifico. O film inicia-se por uma serie de scenas deliciosas. Arvores enormes, de sombras acolhedoras, uma paz, uma quietude paradisiacas.

A moça ama um rapaz que ella vem a saber depois que é um bandido. É uma victima do seu amor. A justiça falia confessar a cumplicidade e condemna-a a varios annos de prisão. Sylvia Sydney excellent como Mary Burns. Cheia de bondade, profundamente humana.

Mary Burns foge e é novamente capturada, o bandido é morto, outro homem apaixonou-se por ella, a justiça, e a policia americana (quod erat demonstrandum) triumpham e a moça casa-se com seu verdadeiro amor. E quem quizer que conte outra...

A. G. O.

Baptista de Castro

VOCABULARIO

TUPY-GUARANY

Em edição ARIEL

Preço 7\$000

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

O FALSARIO	4\$000
EDGAR WALLACE	
AS CRUZADAS	8\$000
HAROLD LAMB	
FOLK LORE MUSICAL	7\$000
FLAUSINO RODRIGUES VALLE	
O MARQUEZ DE BARBACENA	7\$000
PANDIA' CALOGERAS	
FRANCES COMMERCIAL — 2.º	8\$000
HENRI LANTEUIL	
CHIMICA DIDATICA	15\$000
CORIOLOANO MARTINS	
SCIENCIAS FISICAS E NATURAES — 1.º	8\$000
HYPERIDES ZANELLO	

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE ABRIL

Humberto de Campos — PERFIS — 1.ª serie 10.000 exemp.	6\$000
" " " — CONTRASTES — 10.000 exemp.	6\$000
" " " — MEALHEIRO DE AGRIPA — nova edição	6\$000
" " " — DA SEARA DE BOOZ — nova edição	6\$000
José Verissimo — LETRAS E LITERATOS — (Obra posthuma)	15\$000
Anísio S. Teixeira — EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA	15\$000
Malba Tahan — ALMA DO ORIENTE — (Lendas e contos orientaes)	6\$000
Garcia Redondo — CARICIAS — (Chronicas) — nova edição	6\$000

ULTIMAS NOVIDADES

Berdiaeff — UMA NOVA IDADE MEDIA — (Tradução de Tasso da Silveira	10\$000
Tristão de Athayde — O ESPIRITO E O MUNDO — (Ensaio)	10\$000
Rubem Braga — O CONDE E O PASSARINHO — (Chronicas)	6\$000
Humberto de Campos — NOTAS DE UM DIARISTA — 2.ª serie ...	8\$000
" " " — CRITICA — 4.ª serie	6\$000
José Geraldo Vieira — TERRITORIO HUMANO — (Romance)	12\$000
Bernardino de Souza — HEROINAS BAHIANAS	6\$000
Sylvio Romero — MACHADO DE ASSIS — 2.ª edição	12\$000

NOVIDADES

EVERARDO BACKEUSER

Technica da Pedagogia Moderna, 2.ª edição. (8.º vol. da Bibliotheca Brasileira de Cultura) — br. 10\$000

MAE WEST

Lily dos Diamantes (5.º vol. da Bibliotheca da Mulher Moderna) — br. ... 6\$000

MAURICE BEDEL

O amor na Scandinavia 6.º vol. da Bibliotheca da Mulher Moderna) — br. 6\$000

CARMEN D'AVILA

Bôas Maneiras, 2.ª edição Breviario do bom-tom — br. 10\$000

JOSE' DE ALENCAR

O Guarany, em 2 volumes (volumes 41 e 42 da coleção "Sip") — cada vol. 2\$000

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de reembolso. Peça instrucções. Envia-se catalogo gratis.

"O DIABO"

Vem-nos de Portugal esta vivíssima publicação dirigida pelo escriptor Rodrigues Lapa. É um jornal litterario á altura de competir com muitos da França, resalvadas naturalmente as diversidades de ambiente e inspiração. Aqui escrevem homens da preeminencia cultural ou creadora de Aquilino Ribeiro, Castello Branco Chaves, Abel Salazar, Alberto Gomes, Adeodato Barreto, Alvaro Marinho de Campos, Campos Lima e J. Gonçalves Magno, merecendo especial menção esse brilhante e desabusado Bello Redondo que é jornalista de aguda modernidade e um reporter internacional que nos faz pensar em Henri Béraud. Nota bem sympathica deste semanario de cabeçalho em tinta vermelha é que não se circumscreve ao preconicio dos productores das gerações novas. Não se lhe percebe a phobia do antigo, do classico, seja nas bellas lettras, seja nas bellas artes. A par de um substancioso ensaio sobre a recente technica poetica, de Amorim de Carvalho, encontramos aqui um retrospecto historico sobre o Carnaval, exacto e algo ironico, de Nogueira de Britto; uma pagina de Diogo de Macedo sobre Soares dos Reis, estatuario admiravel da Peninsula, grande animador de marmores e bronzes, uma digressão de Macedo Mendes sobre dom Francisco Manoel de Mello, portuguez que andou pelo Brasil e influuiu em Molière. Ha o que ler neste jornal que, máo grado o titulo diabolico, é humanissimo de intenções e se propõe a servir em tudo os creadores de vida bella e harmoniosa.

Edgard Wallace — **O Falsario** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Poucas narrações de Edgard Wallace possuem a multiplicidade de peripecias desta que acabamos de percorrer. Os lances de emoção se vão de tal maneira emmaranhando que o leitor se põe a suspeitar de todas as personagens, quanto aos crimes que constituem a trama central do livro. Não deixa de haver certa argucia psychologica no manejo de situações de tal fôrma carregadas de imprevisto. Se Edgard Wallace não pôde ser comparado aos grandes mestres do mysterio que foram Hoffmann e Poe, é sem duvida alguma o maior dos romancistas policiaes de todos os tempos.

C. Wagner — **Para pequenos e grandes** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

O sr. Othoniel Motta, máo grado a sua severa educação religiosa, nunca se mostrou insensível ás flores da cultura pagã e, ainda ha tempos, estampou um substancioso ensaio sobre o lyrismo grego. Mas, neste volume, talvez elle se sintá melhor, porque as suas preferencias moralistas vão ao encontro das de outro escriptor que por sua vez viveu sempre preocupado com os problemas de ordem espirital, não comprehendendo que as creaturas se desinteressem das questões da alma e do destino. Dada essa perfeita consonancia de autor e traductor, o livro que ora nos offerece uma das nossas importantes casas editoras é realização vernacula em que tudo é conduzido com louvavel dignidade de expressão.

Henrique Perez Escrich — **O Martyr do Golgotha** — Livraria Antunes — Rio.

Com muito boa apresentação graphica, resurge esta interpretação romanceada dos ultimos dias de Christo na terra. Devemos esta recomposição dos textos evangelicos a um dos mais fecundos novellistas castelhanos, o torrencial Perez Escrich que inundou de livros os mercados do mundo e foi bem o émulo dos Montépin e dos Decourcelle. Quanto ás suas variações em torno do martyrio de Jesus, forçoso é reconhecer que foram conduzidas com o desejo da perfeita simplicidade e de jámais tornar grotescas as scenas que fazem o enlevo de milhões de crentes. Valha-nos o ensejo para lembrar que o editor Joaquim de Oliveira Antunes, sempre empenhado em que brasileiros e portuguezes melhor se conheçam reciprocamente, vem lançando no Rio e em Lisboa autores nossos de boa significação intellectual. É homem de gosto e cultura que se metteu no commercio de livros pelo desejo de servir os espiritos e não apenas pela avidez de ganhos polpudos.

Rubem Braga — **O Conde e o Passarinho** — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Dentre os chronistas ultimamente surgidos no Brasil, nenhum se avanta, pela graça dos escriptos e pelo interesse suscitado, ao prosador espiritosantense Rubem Braga. Productos seus espalharam-se por todos os jornaes brasileiros, tanto mais quanto o delicioso commentador do **Conde e o Passarinho** foi em pessoa correndo as nossas principaes cidades, já tendo trabalhado aqui no Rio, em S. Paulo, em Bello Horizonte, em Recife e cremos que até em Porto Alegre. A rigor, essa mobilidade de vida foi utilissima a um homem sempre em appetite de impressões novas, qual o sr. Rubem Braga. Emquanto outros se fixam entre fileiras de livros ou rumas de alfarrabios, vae elle percorrendo os homens, vendo as estampas animadas que são as ruas cheias de gente. Resultado: chronicas que parecem curtos romances e em que todos nós antevemos, espremidas em columnas de jornal, as amplas narrações com que esse moço figurará futuramente entre os nossos bons ficcionistas.

Arthur de Almeida Torres — **Compendio de Língua Portuguesa** — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Habilmente composta é esta summa das leis grammaticas, aclarada e enriquecida por uma anthologia das mais uteis. Compreendeu o coordenador do volume que a philologia não mais se pôde separar da bôa criação litteraria e assim, sempre que quer elucidar uma questão vernacula, mostra como a applicaram, na poesia ou na prosa, aquelles portuguezes ou brasileiros á altura de transmutar em obra de arte duradoura as vagas emoções e sensações da plebe. Accresce que não faltam criteriosas informações biographicas aos autores recordados no livro.

Mario Pessoa — **Gua da Cidade do Recife** — Recife.

Este guia, mandado editar pela Prefeitura de um dos mais importantes municipios do Norte, faz vêr muito bem todas as attracções da capital pernambucana. É um roteiro confeccionado por quem demonstra longa familiaridade com os bellissimos recantos de Recife. As informações, redigidas em portuguez pelo brilhante intellectual Mario Pessoa, academico de boa cultura, foram, nas passagens importantes, transportadas ao inglez por uma senhora das mais illustres. Tambem existem informações em francez. Tudo isto serve para indicar que não faltará, doravante, aos excursionistas, uma especie de Baedeker nacional com todos os esclarecimentos historicos e topographicos sobre uma cidade onde as suggestões do pittoresco se desdobram sempre na recordação de tantos varões heroicos que pelejaram pelo Brasil. A parte dedicada a Olinda é igualmente substanciosa e amena.

Osorio Dutra — **Silencio, Doce Silencio** — Edições Pongetti — Rio.

Trata-se de um brilhante poeta mineiro, aliás sem nenhuma especie de localismo excessivo, uma vez que o habito das longas viagens e o gosto das leituras universaes bastante concorreram para civilizar-lhe e arejar-lhe o espirito. Seu primeiro livro, o **Paiz dos Deuzes**, data de 1921, e é uma excellente collectanea de paginas em prosa sobre o Japão, em tudo dignas de serem collocadas ao lado das de Luiz Guimarães Filho. Depois, succederam-se os seus volumes de versos, ora em cadencias classicas, ora numa relativa concessão aos preceitos rythmicos dos modernistas. Destes livros, dois foram premiados pela Academia de Lettras, o que evidencia a consonancia da arte do sr. Osorio Dutra com a de um Goulart de Andrade ou mesmo de um Alberto de Oliveira. Ainda hoje, neste **Silencio, Doce Silencio**, tão discreto quanto suggestivo de propositos, o sr. Osorio Dutra não esquece os amigos lyricos que possui no Petit-Trianon, e vemos versos de Ademar Tavares e Pereira da Silva alternarem, em citação affectuosa, com versos de Valery Larbaud e Guillaume Apollinaire. Sonetos muito bem cuidados, de medição impecavel, misturam-se a poematos de metrica volvel. E em todos, a assegurar um tom de unidade espirital a esse poeta despretencioso, a mesma ternura, o mesmo culto das virtudes tradicionaes do homem, o mesmo desejo de que os nossos recantos e os nossos costumes não sejam olvidados em meio á descripção das almas e paizagens que lhe ficaram de uma continua correria pelo mundo.

O ARCHIVO D'EU

O historiador sr. Alberto Rangel, que, a convite do príncipe D. Pedro de Orléans Bragança, organizou o archivo d'Eu, arrolando-o em trabalho de férias, durante alguns annos, sabendo haver o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo órgão do seu Secretario Perpetuo, agitado a questão da volta d'esses papeis ao Brasil, dirigiu-se ao sr. Max Fleuiss nos seguintes termos:

Illmo. Sr. Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O abaixo assignado, socio correspondente e remido dessa associação, leu por acaso, no Jornal do Commercio, uma summa do Relatorio apresentado por V. S., no qual se declarava, a proposito da entrega a Portugal da Bibliotheca do finado rei D. Manoel, ser esse "um exemplo a ser imitado, com relação aos archivos brasileiros existentes no castello d'Eu". E accrescentou o nobre relator: "Esses papeis que devem ser de summa importancia, não poderão servir aos estudiosos das cousas patrias se permanecerem fóra do Brasil".

Sendo, sem duvida, senhor Secretario Perpetuo, esse deposito de "summa importancia", por este motivo peço licença a V. S. para, muito respeitosamente, oppôr algumas razões á observação e suggestão de que foram objecto por parte de V. S., no alludido Relatorio annual.

Os manuscriptos, conservados actualmente no Castello d'Eu, de uma parte provêm do espolio de D. João VI e D. Carlota Joaquina, D. Pedro I e D. Leopoldina, transmittido de Portugal por fallecimento da Imperatriz viuva D. Amelia ao seu enteado D. Pedro II; e, de outra parte, dos que particularmente pertenciam a este ultimo soberano.

Esparsos na Quinta do Boa Vista, teve D. Izabel, acompanhada do seu augusto marido, o Conde d'Eu, a preocupação de reunil-os e recolhel-os á segurança de algumas dezenas de caixas. Foi isso no correr de 1887. Acha-se então o Imperador na Europa, por doente, quando a Princeza Imperial se deu ao alto cuidado de salvá-los de uma perda possível, na crise que desde então já pairava nos muros do Paço.

Sobrevinda a Republica, em cuja effervescencia inicial não se respeitaram os palacios imperiaes, que foram pilhados á sorrelfa, escaparam essas caixas de documentos á mão baixa dos invasores do alheio, amadores ou simples negociantes das lembranças imperiaes, que ainda hoje, passando ou não nas prateleiras dos belchiores, atulham as listas dos leilões e as collecções particulares.

Transportados para a Europa, quando foi isso possível e o permittiram as vistas das autoridades republicanas, dando o seu assentimento á expedição dos bens moveis destinados á Familia Im-

perial, exilada, foram os documentos em questão recolhidos em 1887, em S. Christovam, parar no castello d'Eu, propriedade recente de Gastão de Orleans.

Em 1927, S. A. D. Pedro de Orléans Bragança, o filho mais velho do Conde d'Eu, destinou uma sala especial do castello d'Eu, a esse archivo, depois de mandar catalogal-o devidamente. Não parando ahi o interesse patriótico de S. A., que continua a enriquecê-lo de novas peças, todas as vezes que para isso se apresenta a occasião.

Dada essa noticia, pela rama, da origem e estado de perfeita conservação e ordem do archivo brasileiro d'Eu, particular da familia Real e Imperial, ao qual se annexa a correspondencia pede o abaixo assignado permissão para explanar a V. S. algumas breves considerações sobre a idéa exarada, no Relatorio annual do Instituto, de volver ao Brasil, o alludido archivo do castello d'Eu.

Quatro pontos principaes parecem justificar conservarem-se esses documentos onde actualmente se acham:

1º) Indubitavelmente em Eu permanecem mais garantidos do que pudessem vir a acontecer, se fossem removidos para o Brasil. Basta lembrar que, em nossos dias, foi por motivos de politica de campanario, o archivo da Bahia, bombardeado pelas proprias forças legaes brasileiras. Sabe tambem V. S. quantos desmoronamentos e incendios tem causado entre nós ás conflagrações publicas, as continuas mashorcas que expõem á destruição o nosso patrimonio já tão reduzido e pobre para que seja prudente, sempre que for possível, poupar essa hypothese desgraçada a nossas poucas e insubstituiveis riquezas historicas.

2º) Que mesmo sejam esses papeis de Eu recolhidos á guarda das mais sérias e reputadas associações de lettras no Brasil, é conveniente lembrar que nada garante, não possam ser perdidos ou extraviados, como os numerosos livros e manuscriptos que, em epocas mais remotas, já desapareceram do acervo do proprio Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

3º) Quanto á insinuação de que em Eu esses papeis não possam servir á consulta dos estudiosos, lembro a V. S. que varios historiadores nacionaes e estrangeiros têm-se abeberado nessa fonte, e sem fallar no abaixo assignado, é de citar os srs. Tobias Monteiro, Heitor Lyra, George Raeders e outros que já tiveram occasião de utilizar-se dos valiosos dados colhidos no Archivo d'Eu.

Aliás, não ignora V. S. que com o recurso das copias, sempre autorizadas pela magnanimidade de S. A. D. Pedro de Orléans e Bragança, facil será obter os textos que se desejarem. Frequentemente o abaixo assignado, desde longos annos, os archivos d'Orsay a secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, dos Archivos Nacionaes e Municip-

paes de Paris, além do Record Office de Londres, onde trabalham copistas de varios governos e paizes. Não é de vêr-se muito bem, como reclamar-se para o Brasil, por exemplo, a correspondencia diplomatica brasileira de Orsay, a titulo de approximal-a dos estudiosos brasileiros.

4º) O caso portuguez dos livros de D. Manoel não pode, salvo melhor juizo, autorizar a reclamação e advertencia do nosso Instituto. Foi a morte do monarcha luso, sem descendencia, que determinou esse legado. Não se dá o mesmo caso com D. Pedro de Orleans e Bragança, que além de ter filhos, ainda não fechou os olhos, graças ao Omnipotente, para que se levante a iebre dessa desistencia.

5º) Entre os mais motivos que julga o abaixo assignado preponderantes para reter-se em Eu a documentação brasileira, se releva tambem o risco que os gulosos papyrographos impõem aos nossos livros e papeis, tal como aconteceu á bibliotheca do abaixo assignado conservado, por nimio favor de V. S., no edificio do proprio Instituto.

Foi certamente com o receio natural da obra de destruição, peculiar a essa especie de insectos, verdadeiros inimigos publicos da civilização brasileira, que Oliveira Lima entregou á cidade de Washington a sua rica brasiliana.

Mietta Santiago — Namorada de Deus — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Mesmo com pequenas variantes impostas por uma sensibilidade toda pessoal, a sra. Mietta Santiago parece penetrada pelos melhores sentimentos christãos, especialmente pelo christianismo fraternal dos tempos da Roma subterranea e dessa Edade Media em que as cathedraes pareciam irromper da terra e arrojarse para os céos com a prece de milhões de creaturas que sentiam Deus presente em tudo. Não sabemos se essa poetisa patricia percorreu os carmes religiosos dos mysticos da Hespanha, a Santa Thereza do incomparavel soneto que tambem attribuiram a São Francisco Xavier, e esse illuminado da "solidão sonora" que foi São João da Cruz. Mas o caso é que se lhe percebe nas estrophes polyrhythmicas o mesmo arrebatamento de amor espiritual que caracterizava aquelles contemplativos da Iberia. E' o mesmo "verbo fraternal", o mesmo desejo de dissolver-se nos que soffrem, a mesma ancia da caridade moral que não se contenta apenas com a distribuição humilhadora de esmolas. Póde dizer-se que São Francisco de Assis é o acontecimento central dos versos dessa brasileira. A cada instante repontam o sorriso, o burel, as mãos perfuradas do Christo da Umbria, e isso desfaz em innegavel poesia aquelles resquícios de prosa que porventura sobrecarregassem ainda a maneira da sra. Mietta Santiago.

Correspondencia de Antonio Torres

(Cartas a A. J. de Castilho)

Londres, 4-X-1921.

Meu caro Castilho,

Agradeço-lhe a carta de 10 do passado. Recebi também as **Verdades** e as **Pasquinadas**, assim como a **Psychologia do Adulterio**, de Lemos Britto. V. não imagina o arranjo que me fez esse dinheiro, que deu apenas £ 48! Que cambio safado! — Escrevi ao Gastão ha muitos dias; e ainda por este correio mando-lhe um postal. Felicito a V. e a elle pelo exito da **Coivara** e felicito-me também a mim, por ter, desde o principio, dito que o livro teria successo. Eu custo a enganar-me nessas coisas.

Como tive occasião de dizer-lhe, a 1.^a edição das **Pasquinadas** sahiu com alguns erros graves de revisão, erros que alteram o sentido de certas phrases. Por exemplo: no cap. **O perigo da Litt. medica**, pag. 101, onde se lê por ignorancia de conhecimentos, leia-se por inopia, etc.; no cap. **O que se vê nuua taça de champanha**, pag. 271, onde se lê toucinho hypopotamico, leia-se toutiço hypopotamico. Ota, toutinho de hypopotamo, seu Castilho! Eu nunca conhi disso, graças a Deus. E então, depois que vi os hypopotamos aqui no Zoologico de Londres, Deus me livre de ver toucinho delles.

Filés de phoca temperados com graxa de hypopotamo — que almoço para o Lopes Gonçalves, ou então para o consul do Brasil em Londres!

No Cap. **O Hymno da Paz**, á pag. 213, na parodia do estribilho de Felix, a revisão me comeu um verso inteiro! A quadra deve ser assim:

Mas volta o riso e começa

A morar em Santa Cruz.

Bemdicta a Paz que regressa,

Vinda da estação da Luz.

Ha ainda uma porção de erros menores. Por agora aponto-lhe apenas estes. Si houver tempo, mandar-lhe-hei um exemplar do livro devidamente revisto; si, porem, V. tiver urgencia de lançar uma nova edição, nesse caso lance-a, mas ao menos com essas correções indicadas.

Tenho adquirido aqui uns livros antiquissimos, quasi todos em latim, dos seculos XVII e XVIII, verdadeiramente preciosos. Uma pechincha que fiz com um amigo. Basta dizer que tenho um **Calleginus authenticus**, velha aspiração minha desde criança. Infelizmente não traz data, mas é facil descobri-la, cotejando-o com alguma edição antiga. Espero mais alguns outros, com os quaes farei um volume completo, num caixote, dentro de pouco tempo, e lhe mandarei tudo, afim de que V. os desencaixote e os guarde ahi, defendendo-os das traças.

Não me mande mais os livros que lhe dei a guardar. Póde ser que eu dê um estouro aqui de um momento para outro e não quero ter bagagem grande.

O Godoy mandou-me o dinheiro por telegrapha. Quanto a carta, nem um

postal. Eu até pensava que era dinheiro da **Gazeta**! Si V. não me escrevesse, eu estaria até agora nessa persuasão. Ora, confessemos que isto é singular!

Lembranças a todos os nossos amigos. Abraços do seu

Antonio Torres

Londres, 11 Outubro de 1921.

Meu caro Castilho,

Recebi a sua carta e os volumes enviados das **Pasquinadas** e das **Verdades**. Aliás, creio que já accusei a recepção disso, mas, na incerteza, reitero-o agora. Grato me foi saber que brevemente haverá dinheiro de outra edição das **Pasquinadas**. Peço-lhe, entretanto, esperar que eu lhe mande um volume dellas, revisto por mim. Não vae nesta mala, mas seguirá provavelmente na da proxima semana. Estou fazendo a revisão.

V. não imagina, meu Caro Castilho, como a revisão deixou escapar erros. Cada gato do tamanho de um pé do Filinto d'Almeida. Ou, por outra, não eram gatos, mas verdadeiras pantheras, que V. deixou escapar... Alterações de phrases não tenho feito nenhuma. Tenho alterado apenas algumas palavras. O mais são realmente cochilos da revisão. As palavras que alterei eram repetições, que desfeizavam um pouco certas phrases. Quanto a pontos e virgulas nem fallemos...

Quanto ao outro livro — **Castellos no Ar** ou **Novas e Velhas**, ou **Prós e Contras** (dos tres qual o melhor titulo?), ando a ultimal-o. Estou ampliando largamente um dos capitulos, a respeito de **Elegancias Indigenas**... Espero um portador seguro.

Optima, a sua idéa de me dar mais alguma coisa a ganhar. Preciso de passar um Natal mais ou menos confortavel. Aqui o pobre exilado só póde obter tudo a peso de dinheiro. Por um botão de que eu necessite na camisa tenho de pagar! Destino de quem não é casado... Mas antes pagar do que casar... Vida de cão, mas emfim é o que ha...

Do Godoy, até agora, nenhuma sombra de noticia, ha já quatro mezes! V. não acha que é indifferença demasiada? Creio que a amizade é um sentimento que começa na rua do Ouvidor e acaba no Cães do Porto...

Bom, meu velho, adeus. Meus respeitos a Dona Luiza.

Retribuo as lembranças dos amigos todos.

Diga ao dr. Juliano Moreira que eu hontem me lembrei muito delle e de Dona Augusta, porque estive num excellent concerto symphonico no **Queens Hall**. Só musica de Wagner e só dos **Mestres Cantores**, com instrumentos, solistas e choro, cerca de uns trezentos figurantes entre instrumentos e vozes. Por excepção uma cantora cantou a **Prece de Isabel**, do Tannhauser.

Adeus, amigo.

Torres.

Londres, 7 de Dezembro de 1921.

Meu caro Castilho,

Dois fins tem esta carta:

1.^o) agradecer-lhe o favor das £ 40;

2.^o) desejar-lhe a V., Dona Luiza e á arraya miuda lá de casa todas as felicidades pelo Natal e o Anno que vem. Chovam benções do céu sobre todos os de sua casa. Vou empurrando o barco como posso, furioso com essas leis fiscaes que me desorganizam a existencia.

Imagine que tive de pagar de uma vez £ 36, e fico ainda obrigado a pagar \$12.8, isto é, cerca de £ 3 por mez durante um anno, de imposto de nomeação. Quer isto dizer que, devido a este cambio horroroso, tive que sacrificar a edição quasi inteira de um livro para poder pagar uma primeira prestação de \$144 ao Thesouro. Sim, porque eu imagino que V. deve ter comprado a libra ahi a 32\$000. E ainda ficarei com o meu orçamento mensal de £ 50 diminuido em tres libras libras durante um anno. Si ao menos a **Gazeta** se lembrasse de pagar-me o que me deve e continuar a pagar-me regularmente as chronicas, ainda eu poderia equilibrar-me mais ou menos. Mas, vão lá convencer ao S. S. da necessidade, ou melhor, do dever moral de pagar uma divida... Entretanto, eu pago pontualmente as minhas. Sempre o fiz, e não tanto por virtude como por commodidade moral e desafoço social. Emfim, paciencia e caldo de gallinha...

Não lhe mandei até agora os originaes do livro (de chronicas, também, embora melhoradas) porque não dispuz ainda do portador seguro. Parece que no proximo mez terei um de toda confiança.

Quanto ao meu romance, anda parado ha mais de um mez devido a essas perturbações financeiras, que me absorviam completamente o espirito e me impossibilitavam de pensar em coisas outras que não o modo de pagar essas dividas desorganizantes.

O romance está apenas em começo e não sei quando se terminará. Aliás, acho-o de uma sensoria atroz. Mas vou recommençar a trabalhar nelle, a vêr si elle póde surgir no anno proximo. **Sic Deus me adjuvet...**

Recebi ha poucos dias uma carta do Gastão, vinda da Parahyba. Vou responder, mas envia-la-ei para a sua casa porque, segundo parece, elle pretende ir ao Rio no principio do anno.

Devo também uma resposta ao Miguel Osorio, cujo endereço pessoal ignoro, mas a carta de resposta a elle irá a seus cuidados.

Ando muito preocupado e sem verve.

O serviço do Consulado me bestifica. Sou eu aqui o encarregado dos passaportes. V. não imagina o que é ter de explicar a esses inglezes burrissimos, diariamente, as mesmas coisas...

Lembranças ao Catullo, ao Fernão e aos amigos todos. Lembranças á familia. Abraços do seu de coração

Antonio Torres

Brazilian Consulate General

Aldwych Hoyse W. C

Londres 12-2-29.

Meu caro Castilho,

Venho agradecer-lhe os livros que teve a bondade de enviar-me

O projecto de dictionario da Academia é realmente confuso, porque elles lá têm a demasiada ambição de querer fazer dictionario e encyclopedia ao mesmo tempo. Ou uma coisa, ou outra. Em todo o caso, não me parece que os poucos academicos que trabalham nesse tentamen devam ser esculhambados. Elles estão fazendo alguma coisa. Pouco? Mas antes isso do que nada. Desse trabalho confuso que hoje se faz poderão os vindouros tirar elementos que sirvam para fazer o dictionario brasileiro e a encyclopedia brasileira, que não temos e é grande vergonha, porque ha encyclopedias em todas as linguas civilizadas. Li com prazer e proveito esse fasciculo que acaba de ser publicado. Que elles continuem a trabalhar — eis o essencial.

O diabo é que, si essa Academia persistir em metter lá dentro quanto A... endinheirado e rastacuero topar no caminho, nada se poderá fazer por falta de quem seja capaz de trabalhar a sério. Dos membros da Academia, o unico philosopho de verdade é João Ribeiro. Desapparecido este (o que não se dê tão cedo) quem irá para seu lugar? Ha tambem lá o Ramiz Galvão, mas já está velho e provavelmente não durará muito. No caminho em que vae, a Academia será dentro em breve a Academia Brasileira de Lixo.

Fizeste bem em reeditar os versos do Augusto dos Anjos. Era realmente um grande poeta. Uma alma. Conheci-o muito. Aliás quando elle morreu publiquei longo artigo de critica no *Jornal do Commercio*.

Luzia Homem pareceu-me monotono. Quanto á Bagaceira, intragavel. O autor tem fibra de escriptor, mas não tem cultura geral. Seu modelo- vê-se bem, é Euclydes da Cunha, o menos modelar dos escriptores. Euclydes tinha talento e tinha cultivo scientifico, mas como escriptor, trouxe cá para fóra o pedantismo dos quarteis, que elle aliás e com muita razão desprezava. Escrevia em estylo de capitão-litterato, tiririca de que está cheio o Exército Nacional.

A traducção de Anatole France feita pelo Fernando Neves tem o defeito de todas as suas traducções: bôa demais. Anatole France é leve e elegante como o século XVIII francez. O nosso Fernando agarrou o pobre *chevalier* e o soccou e afivelou dentro de uma armadura de aço contemporanea da 1.ª Dynastia portugueza. É uma crueldade. Fernando sabe portuguez demais e com isso é impossivel traduzir Anatole France sem prejudicar o encanto aéreo da linguagem. E' certo que Anatole é um classico, tal como Voltaire. Mas classi-

co francez é muito differente do mazorro e fradesco classico portugua. Entre Paris e Lisboa a distancia, sob o prisma intellectual, só se pode escrever com cifras astronomicas, e a lingua da Touraine é seguramente muito mais graciosa do que o linguajar sacro de Trazos-Mont. Infelizmente esse linguajar é tambem o nosso, que absolve o nosso excellente Fernando do seu peccado de excesso de vernaculismo

Quando V. tiver algum livro novo, será favor mandar-me. Abraços ao Gastão e ao Fernão. Do seu amigo velho

Torres

Hamburgo 6-VI-1931.

Meu caro Castilho,

Ha quanto tempo não nos correspondemos? Culpa sua, ou minha? Não discutamos esse ponto. Seja como fôr, ha muito não tenho noticias do velho e bom amigo.

Agora leio que a Livraria Castilho, a livraria mais illustre do mundo, tornou-se fóco de uma reacção nacional contra os esforços dos portugus, que querem que nós escrevamos na cacographia lusitana. Isto me obriga a escrever-lhe para lhe dar meus parabens. A casa editora que publicou as *Razões da Inconfidencia* estava indicada pelo destino para ser o centro dessa proveitosa e digna reacção. Parece que ainda ha algum character na nossa terra... Canalhas! A sombra da orthographia o que querem é arruinar os typographos, impressores e editores brasileiros! Reagir, reagir! Ainda que seja a bala! Mas reagir!

Espero que V. me responda. Como vão os negocios? Lembre-me muito a sua senhora e seus filhos, aos quaes todos muito estimo. Abraços do seu velho amigo.

Antonio Torres

Hamburgo 26 de Outubro de 1931.

Meu caro Castilho,

Por uma carta do Gastão, que agora mesmo li, acabo de saber do desgosto atroz que o feriu em pleno coração de pae e de amigo: a morte prematura e desastrada do seu filho Antonio, rapaz tão bom, tão digno e a quem eu tanto prezava.

Em circumstancias dessa ordem ficasse sem palavra para consolar a quem quer que seja. Golpes desses não se curam com phrases, embora sinceras. Assim, envio-lhe nestas linhas toda a expressão da minha sympathia e da minha solidariedade nesse terrivel transe por que V. passa e peço-lhe transmittir a expressão destes meus sentimentos a Dona Luiza. Abraços do seu velho amigo grato

Antonio Torres

Nelson Costa — *Paginas Brasileiras* — Livraria Jacyntho — Rio.

Trata-se de uma publicação destinada ás nossas escolas e de cuja leitura os discentes sahirão accrescidos de novas razões de amar e admirar os homens, as terras e as coisas do Brasil. E' pouco frequente que se organizem entre nós anthologias dessas, marcadas

por uma comprehensão tão alta dos factores educativos e ao mesmo tempo por uma tão forte sagacidade de gosto na selecção de trechos em prosa ou verso referentes á Patria. Muitos applausos, e merecidos, recebeu o sr. Nelson Costa com as suas *Paginas Cariocas*, reunidas com intelligencia desenvolta e sempre segura dos seus fins. Mas a collectanea *Paginas Brasileiras* é, e nem poderia deixar de ser, dada a maior amplitude do thema, trabalho bem mais definidor dos meritos desse anthologista, que leu tudo, conhece tudo quanto se escreveu sobre este vasto trecho da America. Percorrendo-lhe o livro, nem sequer se tem a impressão de uma série de excerpts, e sim de obra unitaria, cohesa, tal o rythmo de pensamento e fórmula emprestado a tudo isto, na disposição em ordem dos assumptos, ou seja das partes physica, moral e intellectual que compõem sempre uma terra e um povo.

Gilberto Freyre — *Casa Grande & Senzala* — 2.ª edição — J. G. de Oliveira — Rio.

Indiscutivel motivo de alegria para nós o apparecimento da segunda edição deste grande livro. Gilberto Freyre, já agora, é um dos nossos, é parte integrante do nosso BOLETIM, onde costuma estampar ensaios admiraveis, beneficiando-nos com o contacto de um espirito que sabe tanto e apenas ignora a arte de ser pedante e autoritario. Alegra-nos especialmente a reaparição da soberba synopse historica do Brasil que é *Casa Grande & Senzala* porque depõe em favor do gosto dos nossos homens cultos e da sua vontade de realmente se deixarem conduzir, em assumptos referentes ao passado nacional, por aquelles que alliem á profusa cultura o senso de uma critica creadora á moderna. Gilberto Freyre, no momento um grande sociologo e um grande escriptor do Brasil, vê-se definitivamente incorporado ás melhores bibliothecas de um paiz em que tantos charlatães pontificaram, mas que hoje só se inclina deante da intelligencia e da erudição objectivadas sempre no sentido de servir as necessidades collectivias.

Paulo de Freitas — *O Nosso Idioma — Curso Elementar* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

O sr. Paulo de Freitas, já conhecido como contista e como traductor de escriptores de lingua ingleza, offerece-nos esta collectanea em que, a par de elementos de grammatica, encontramos magnificos excerpts de autores nossos, de leitura amena e que muito concorrerão para dar aos garotos o gosto dos bons textos nacionaes. Basta dizer que aqui se encontram, intelligentemente seleccionados, trechos pittorescos ou de character humanitario dos vigorosos manejaes da prosa que foram Medeiros e Albuquerque, Arthur Azevedo e Humberto de Campos, isto sem esquecer a contribuição de um productur vivo, cada vez mais vivo, e sempre delicioso Monteiro Lobato.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

- Belmiro Braga — **Dias Idos e Vividos** — Memórias — Ariel Editora Ltda. — Rio.
- Lydio Machado Bandeira de Mello — **Minutos de Meditação** — Rio.
- Lydio Machado Bandeira de Mello — **O Problema do Mal** — São Paulo.
- Afranio Peixoto, Agrippino Grieco, Arthur Ramos, Evaristo de Moraes, Gilberto Freyre, Rodolpho Garcia, Roquette-Pinto e Solidonio Leite Filho — **Os Judeus no Brasil** — Uri Zwerling Editor — Rio.
- Gilberto Freyre — **Artigos de Jornal** — Casa Mozart — Recife.
- Gilberto Freyre — **Casa Grande & Senzala** — 2.^a edição — Livraria Schmidt — Rio.
- Darcy Teixeira Monteiro — **A Tragedia Social** — Versos — Livraria Boffoni — Rio.
- Jonathas Serrano — **Historia da Civilização** — 3.^a série — Livraria Briguiet — Rio.
- Jonathas Serrano — **Como se ensina Historia** — Cia. Melhoramentos de São Paulo.
- Flausino Rodrigues Valle — **Elementos de Folk-lore Musical Brasileiro** — Col. Brasiliana — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Mietta Santiago — **Namorada de Deus** — Poesias — Ariel Editora Ltda. — Rio.
- Osorio Dutra — **Silencio, doce Silencio** — Edições Pongetti — Rio.
- Samuel Maia — **Dona sem Dono** — Livraria Bertrand — Lisboa.
- Harold Lamb — **As Cruzadas** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Nelson Costa — **Leituras Brasileiras** — 1.^o e 2.^o Livros — Livraria Jacintho — Rio.
- Nelson Costa — **Paginas Cariocas** — 3.^a edição — Livraria Jacintho — Rio.
- Nelson Costa — **Paginas Brasileiras** — 7.^a edição — Livraria Jacintho — Rio.
- Guy de Chanépleure — **Beijo ao Luar** — Cia. Editora Nacional — Rio.
- Jean des Vignes Rouges — **Educação do Character** — Obras Educativas — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Revista da Faculdade de Direito da Univ. de S. Paulo** — Volume XXXI — Fasc. IV.
- Cabocla** — Revista de Actualidades — Manãos — Fevereiro de 1936 — Numero I.
- Presença** — Folha de Arte e Critica — Coimbra — Portugal — Dezembro 1935.
- Revista do Instituto Archeologico, Hist. e Geog. Pernambuco** — N. 155 - 158 - 1935. — Recife.
- Rodriguesia** — Revista do Instituto de Biologia Vegetal, Jardim Botânico e Estação Biologica de Itatiaia — Anol. n. 3 — Dir. de F. Campos Porto, Fernando R. da Silveira e Leonam de A. Penna.
- Medicina Academica** — Orgam da Sociedade Academica de Medicina — Recife — 1936.
- Sergipo** — Revista do Centro Sergipano — Numero 1.
- Boletim da Soc. Luso-Africana do Rio de Janeiro** — Numero 15.
- Memórias do Padre Germano** — Federação Espirita do Brasil.

Lucas Alexandre Boiteux — **A Marinha Imperial e a Revolução Farroupilha** — Rio.

Já tivemos ensejo de afirmar que o commandante Lucas Alexandre Boiteux é uma das nossas autoridades em questões de historia da Marinha. Raros como elle penetraram os feitos de quantos serviram o Brasil no Atlantico. Suas paginas sobre os ministros da ardua pasta encarregada de defender o nosso littoral são densas de factos e illuminadas sempre por uma critica perspicaz. No momento, esse intellectual da nossa Armada, figura brilhante de uma notavel

familia de estudiosos, offerece-nos um retrospecto da acção da Marinha do Imperio em seus contactos com a Revolução Farroupilha. Procurando fazer plena justiça aos dois grupos adversos, o sr. Boiteux mostra-se conduzido sempre por um superior criterio de lealdade, vencendo os pruridos de casta afim de não privar ninguém, iniquamente, do quinhão de gloria que porventura lhe caiba. Nenhum pormenor indispensavel á elucidação do assumpto foi esquecido por esse attento inquiridor dos papeis antigos. Uma excellente synopse historica. Lembre-se ainda que esse operoso militar patenteia as melhores qualidades de humanista na valiosa traducção, com que nos brinda, do **Daphnis e Chloé**, a magnifica pastoral de Longus, um dos cem livros recommendados por Augusto Comte aos seus fieis. Acompanha o volume uma reproducção da **Narração de Philétas**, a obra prima do pincel de Rodolpho Amoedo.

Nuno Smith de Vasconcellos — **English Anthology** — Cia. Editora Nal. — S. Paulo.

E' a quarta edição de um dos livros melhor compostos do Brasil no genero anthologico. Dentre os testemunhos de apreço, realmente consagradores, recebidos pelo autor, veio-lhe ás mãos a carta de uma illustre professora da America do Norte que lhe assegura não ter visto, mesmo em sua terra, livro que mais satisfaça os requisitos exigidos por um bom florilegio. Assim é, sem duvida. Aqui estão, numa escolha das mais precisas, todos os mestres da litteratura de lingua ingleza. Os trechos transcriptos são sempre os que directamente exprimem o talento dos grandes creadores de belleza verbal de uma raça a que Taine deu incomparavel preeminencia nos dominios das lettras. Mas essa reproducção de excerptos nada significaria, ou significaria bem pouco, se o sr. Nuno Smith de Vasconcellos não os acompanhasse de indicações biographicas de uma concisão e oportunidade inexcediveis, fazendo-nos vêr, sem palavras superfluas, o valor historico das personalidades em jogo, a escola a que se filiaram e o influxo que desenvolveram sobre as gerações subsequentes. Tambem não faltam os esclarecimentos de character philologico, tudo num texto impeccavelmente apresentado e de que verdadeiramente se pôdem ufanar autor e editor.



Dr. Suikire Carneiro

HYGIENE E CUIDADOS PARA COM A CRIANÇA

2º VOLUME DE

"ROTEIRO DAS MÃES"

JÁ PUBLICADO:

ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

SANTA RUSSIA

Iouri Olecha é, neste momento, um dos maiores escriptores russos. Homem de pouco mais de quarenta annos, não teria muito mais de vinte quando veio a revolução, e a sua carreira litteraria se iniciou justamente no periodo revolucionario. Começou a escrever como jornalista, collaborando em periodicos operarios e syndicalistas. O que importa em afirmar a sua adhesão completa á nova ordem de cousas.

Não é portanto apenas um escriptor russo, é um escriptor sovietico. Um homem que deve ter, da vida, dos outros homens, dos sentimentos, idéas diferentes das nossas. Que os aprecia por um outro angulo.

Abrindo o seu primeiro romance, datado de 1927 e recentemente vertido para o francez com o titulo de L'Envie, pensei que ia afinal penetrar nesse mundo desconhecido, saber a verdade sobre esse homem novo, que a Russia transformada num immenso laboratorio de experiencias sociaes, com o seu materialismo, os seus reflexos condicionados, a sua educação para a sociedade, devia ter fabricado nestes ultimos vinte annos.

Desse famoso homem novo, nada nos deixam perceber os livros sobre a terra dos soviets, reportagens todas mais ou menos apressadas, forçosamente presas aos aspectos exteriores da existencia russa. Aliás, um bom romance, onde haja mesmo creaturas vivas, é em regra muito mais verdadeiro, muito mais comprehensivo do que um volume de viagens ou mesmo de psychologia social. Está para elles como a vida para os museus. Mostra as idéas em acção e não em descripção.

Pensei portanto que em L'Envie ia conhecer esse homem novo que, de mim para mim, imaginava semelhante ás creaturas do Melhor dos Mundos de Huxley. Logicamente devia ser assim, pois nada mais fez, na sua admiravel fantasia critica, do que levar ás ultimas consequencias os principios de educação sovietica.

Comecei a ler, e encontrei, não o homem novo de Huxley, mas o velho e eterno russo de Dostoiewski.

Não ha evidentemente nada de Dostoiewski na composição do livro, na maneira de escrever de Olecha. Escriptor moderno, arejado, preferindo as indicações breves e precisas ás grandes descrições, nunca apparecendo no livro, elle nunca se perde, como o grande romancista do século passado, em digressões sem fim, é claro onde o outro é confuso, evita a sua borbulhante densidade.

Isso, quanto á forma; mas o fundo, o miolo do livro, o que importa realmente, os sentimentos, as creaturas, são, descontadas as diferenças de epoca, espantosamente semelhantes ás de Dostoiewski.

Nicoláo Kavalerov, a personagem principal, o narrador da primeira parte — a melhor, muito superior a todo o resto — é uma mistura do Raskolnikof do Crime e Castigo e do heroe do Espirito Subterraneo. Um pobre diabo recolhido por um homem importante, Comissario do Povo, director da industria alimentar. Esse gesto de caridade o humilha. Entra a detestar e a invejar o seu bem feitor — mas se compraz em comparar-se a elle, em fazer resaltar a propria miseria pelo espectaculo da prosperidade do outro. Mas, intimamente, se sente superior a elle, porque o julga.

Essa tendencia mazochista a se atormentar, o estranho sentimento de resgate trazido pela consciencia do proprio aviltamento são reacções typicamente dostoiewskianas.

"A necessidade de me humilhar e a gabolice se confundiram numa torrente de amargura" diz elle contando uma briga que tivera, embriagado, num café, e quasi repetindo Stavroguine.

Como Raskolnikof, elle quer, acima de tudo, afirmar a sua personalidade, a sua liberdade de escolher o destino, de fazer alguma coisa que o

distinga dos outros homens. Pensa para isso num crime, ou num suicídio espalhafatoso.

Mas para ahí. Não realiza cousa alguma. Onde Olecha se separa de Dostoiewski é na ausência do espírito christão de redempção pelo soffrimento.

O mysticismo das suas creaturas fica a meio caminho, nas revoltas de Ivan, o inventor visionário contra o utilitarismo sem fantasia de sua época, na ansia de liberdade e de vida espiritual de Kavalero.

Ao lado desses humilhados, desses soffredores, sempre embriagados de alcool ou de sonhos vivendo sempre abaixo ou acima do nível da vida real, existem no livro os homens novos.

Babitchew, o director da alimentação, para quem a gloria consistia em crear um novo typo de salsichas, e Volodia, o campeão de foot-ball. Creaturas fortes, sadias, affirmativas, mas inteiramente dominadas por suas tarefas. Não são homens, são o director da alimentação e o campeão de foot-ball. Olecha só conseguiu exprimi-los por seus actos nunca por suas idéas ou sentimentos.

Desse romance, que teve, para ser impresso e adaptado ao theatro o assentimento das autoridades sovieticas, a impressão mais forte que fica, alem do seu valor litterario, é a da coexistencia e da lucla das duas Russias. A Russia mechanizada, progressista, organizada de hoje e a velha Russia desordenada, fanatica, messionica de outrora, a Santa Russia tão cara a Dostoiewski.

Este continua a viver, a influir nos escriptores da geração actual e, o que é ainda mais significativo, os seus pobres heroes dissociados continuam a perambular pelas ruas de Moscou, grotescos e sublimes, esvaindo-se em longos discursos incoherentes, revoltados contra a crueldade e a injustiça dos homens...

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Will Durant — *Historia da Philosophia* — 2.^a edição — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

E' a segunda edição da valiosa synthese philosophica transportada á nossa lingua pelos dois admiraveis escriptores que são Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Livro de divulgação, compendiando incisivamente o melhor da obra dos pensadores das varias épocas, nem por isso atração nunca as prerogativas da boa litteratura. A apresentação, como tudo quando vem da Companhia Editora Nacional, das mais satisfactorias.

Humberto de Campos — *Contrastes* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Se não estamos equivocados, foi uma grande escriptora franceza que disse ser impossivel saber qual a melhor das fabulas de La Fontaine. No caso desse fabulista é impossivel seleccionar e a mais intelligente das escolhas é ainda guardar tudo. Respeitadas naturalmente as devidas proporções, podemos assegurar que outro tanto ocorre em relação ao Humberto de Campos chronista. Seu editor posthumo desejava, a principio, restringir a poucos volumes a publicação dos admiraveis retalhos de vida em que elle captivou tantos leitores sensiveis. Mas a verdade é que dessas chronicas muito existe ainda de aproveitavel e, ao menos nesse livro *Contrastes*, nenhuma encontramos que nos pareça superflua, desprezivel. Tudo muito bom e muito Humberto de Campos.

«ETAPES DE MA VIE»

“Nos romans expriment l'essentiel de nous-mêmes”. A phrase é de Mauriac, quasi no fim da Introducção do seu pequenino volume de confissões *Commencements d'une vie*. E o grande romancista accrescenta, um pouco melancolicamente: “Seule, la fiction ne ment pas”.

No caso especialissimo de Bazin, a publicação do volume posthumo *Etapas de ma Vie* (Calmann Levy 1936) confirma o que poderia, em fina analyse psychologica, haver já adivinhado nas paginas encantadoras dos seus quarenta e tantos volumes.

Romances, biographias, notas de viagem, ensaios — a obra de Bazin, desde a estréa ainda hesitante, com *Stéphanette*, até a obra prima de fundo e de forma que é *Magnificat* (o seu derradeiro romance) — a obra toda desse poeta em prosa é uma revelação do seu espirito e, da sua alma, que até nos custa crer possa ter sido a de uns homens do nosso tempo, em Paris, num ambiente de futilidades e scepticismo ironico.

O que *Etapas de ma Vie* contem são fragmentos das notas intimas de Bazin, desde 1884, anno da sua visita a Solesmes, até 1932, data de sua morte. E' notavel a robustez da fé christã desse legitimo homem de lettras, sem nenhuma vacillação em todas as phases da sua existencia de quasi oitenta annos.

Eis um pensamento de 1886: “accepter la mort comme un acte de la vie”. E' expressivo approximativo deste, de abril de 1932 (Bazin morreu a 20 de julho desse mesmo anno): “Je crois, que Dieu va me donner congé”. Pouco antes, em março, escrevia elle: “Les âmes bien formées ont en elles un écho pour toute douleur du monde”.

Tal era a sua. Todo o volume assim nol-a revela.

Poeta, colorista incomparavel, psychologo penetrante mas de infinita delicadeza, os seus romances todos são de um realismo sadio. Mauriac sublinha a circumstancia de que Bazin gostava de ver os seus personagens “dans une zone de clarté”. O proprio Bazin nos confessa que amava a luz: “Nous sommes faits pour la lumière”.

JONATHAS SERRANO

Luiz Amaral — *Aspectos Fundamentaes da Vida Rural Brasileira* — S. Paulo.

Antigo jornalista, já tendo trabalhado com successo em periodicos christãos aqui do Rio, o sr. Luiz Amaral tomou, sem esforço, logar de relevo na imprensa paulista. Foi um reporter á moderna, de grandes recursos na obtenção de noticias sensacionais, havendo ficado celebre uma sua viagem de inquerito ás terras paraguayas. Mas, com o tempo, soube elle enriquecer a sua bagagem de escriptor, e a publicação de livros substanciosos consagrou-o uma das nossas autoridades em questões de cooperativismo. O volume de agora, estudando problemas actualissimos da nossa organização rural, será lido com o interesse que já agora desperta tudo quanto é subscripto pelo sr. Luiz Amaral, evidentemente um homem de pensamento e habituado a tudo expor com a maior clareza possivel.

"L'HOMME, CET INCONNU"

Alexis Carrel, Librairie Plon, Paris, 1935

Livro estranho, raro, singular nos tempos que correm, este de Alexis Carrel. Deve ter surpreendido e espantado os que conheciam o autor por suas grandes descobertas nos domínios da Biologia e principalmente por seus trabalhos, longos, pacientes, tenazes ácerca da cultura dos tecidos. Poderá parecer inacreditável que o homem de laboratório, tendo sob sua direcção um grupo de technicos encarregados de tratar, estudar e manter os innumeros frascos de culturas, onde os diversos tecidos se desenvolvem e proliferam, o tecnico que conseguiu, graças á perfeição de suas manipulações, manter em vida fragmentos de coração de gallinha, que ha vinte e quatro annos se multiplicam e demonstram a perennidade da materia viva, venha agora revelar a immensidade do circulo de suas preocupações. Preocupações scientificas, technicas, philosophicas, metaphysicas, moraes, estheticas, sociaes, metapsychicas, mysticas, religiosas, humanas, em uma palavra...

O livro de Carrel só pode assim ser compreendido: a palavra de um homem que falla aos outros homens. Declara o autor não ser philosopho; pretende apenas ser homem de sciencia. Forçoso é reconhecer, porem, que não foi n'esse caracter de sabio, no sentido habitual da palavra, que se animou a dizer o que tinha a dizer. Nem tão pouco no de um philosopho que a si mesmo ignorasse, ao menos de philosopho oficialmente reconhecido. Carrel é apenas o homem que viveu a vida de laboratório, estudou e collaborou com outros sabios, mas não deixou de privar com poetas, escriptores, philosophos, historiadores, conhecer mysticos, ascetas e santos, observar o homem da rua, e tudo isso sem esquecer de se observar a si proprio, de ter sempre presente ao seu espirito, como objecto de constante meditação, sua personalidade, sua individualidade e seus predicados essencialmente primitivos.

De seu esforço resultou para Carrel a consciencia aguda do problema millenar: o que é o homem? Como deve elle pensar, agir, viver? Como pode elle se desenvolver, se aperfeiçoar? Seriamos tentados de dizer que tal problema surgiu, mais ou menos claramente, desde que sobre a terra houve homens capazes de certo esforço de meditação. No espirito do homem commun, absorvido por suas preocupações e seus pequenos problemas de todos os instantes, permaneceu o grande problema como germen atrophiado. No espirito atormentado do philosopho amplia-se a questão a ponto de tudo invadir. O primeiro, sem o querer, afasta-se da vida para melhor possuir a questão á qual se entrega. Todos soffrem inconscientemente de uma paradoxal anomalia: o conhecimento dos homens nunca dá o sentimento intimo e profundo de conhecer o *homem*; o afastamento dos homens secça a fonte de experiencias vividas e conduz ao

vago dominio da abstracção, do jogo dos symbolos, onde, no continuo trabalho de depuração e systematização, os phenomenos pouco a pouco se deformam...

Carrel, como tantos outros, entre os homens procura o *homem*; ancioso, angustiado, verifica que talvez este não exista, ou pelo menos para nós é um desconhecido. Cada um d'esses exemplares que nos é dado examinar ou estudar, com os quaes, tão numerosos quanto quizermos, deparamos todos os dias, apenas nos offerecem um ou dois elementos do que deveria constituir o typo do verdadeiro homem. E esses exemplares mesmo, ainda nos apresentam tantos mysterios! O grande biologista tem assim a revelação da suprema incognita que a humanidade commun procura sempre eliminar pelo esquecimento, fingir ignorar ou substituir por soluções que se imponham sem discussão e por actos expontaneos ou provocados de fé. Carrel não trata de esconder sua dolorosa surpresa ao encarar corajosamente de frente o grande mysterio: O sentimento revolta-se: como pode ainda a humanidade viver, lutar, tentar progredir, se o typo de unidade que a forma permanece para nós o grande desconhecido?

A attitude de Carrel não pode deixar de parecer um tanto ingenua a muitos pensadores que, no seu intimo, verificam tambem o estado de ignorancia em que nos achamos, e ha muito acompanham e n'elles collaboram, os esforços para chegar a algumas soluções, pelo menos parciaes, do problema que tão brutal e agudamente se impoz ao biologista francez. Entretanto, é essa ingenuidade que dá ao livro de Carrel grande parte de seu valor. Denota elle a frescura de sentimentos, a capacidade quasi intacta de reacção; pouco se contava com taes qualidades em homens tão cultivados como Carrel. Alem d'isso, se não é elle exemplo isolado, excepção, essa ingenuidade, e portanto essa coragem, é elemento precioso para que se julgue da extensão e da intensidade de inquietação contemporanea.

O livro de Carrel contém sobretudo gritos de revolta e de protesto. Gritos commedidos, educados, mas sinceros e impressionantes. A sciencia longe está de comprehender o desempenho de suas funcções. A vida commun não satisfaz ás necessidades profundas do homem ou as abafa e deforma. A civilização desvia-se dos fins essenciaes. A sociedade desconhece os profundos ideaes humanos. O typo de homem moderno, idealizado pelas massas, mostra o triste contraste entre a perfeição do desenvolvimento muscular e a pouca resistencia á fadiga, mas sobretudo revela verdadeira atrophia intellectual e ausencia de qualidades moraes que o preparem para a verdadeira vida.

Carrel attribue grande parte dos erros de orientação da humanidade actual ao atrazo da sciencia dos seres vivos e sobretudo dos conhecimentos sobre nós mesmos. A complexidade dos estudos sobre o homem levou á divisão da tarefa e cada especialista trata apenas de comprehender uma das faces da questão. O trabalho de analyse feito em dominios separados pelos que possuem a technica respectiva leva a conhecimentos que, por mais importantes que sejam, só mostram os elementos. Impossivel ou quasi impossivel, no momento actual e, talvez, assim seja para todo o sempre, retomar esses elementos, que isolados nos parecem disparatados, e com elles refazer em vigorosa synthese o verdadeiro homem. Ao lado, porém, do atrazo dos conhecimentos relativos ao homem, á sua verdadeira natureza, encontramos o grande progresso das sciencias phisicas e naturaes. Tal progresso permittiu a profunda transformação das condições da vida. A multiplicação dos objectos de uso, a possibilidade de utilização de muitas novas formas de energia, a intensificação das sensações muito mais numerosas, o augmento do conforto tudo veio dar á vida do homem moderno caracteres novos. O homem, elle proprio, não permaneceu o que era outróra, mas não se afastou muito d'isso. Em todo caso, sua evolução como sêr faz-se com extrema lentidão e em muitos casos é permittido duvidar que tal evolução se opere no bom sentido.

Talvez fosse possivel resumir o pensamento de Carrel em face do mundo de agora, dizendo: a humanidade actual dá a impressão de ser constituida por selvagens que têm á sua disposição os meios e os recursos preparados por civilizados e d'elles não sabem ainda tirar proveito ou pelo menos todo o proveito. Esses typos de sêres civilizados, para os quaes parece ter trabalhado a sciencia, que inconscientemente visam em seus esforços os creadores de systhemas politicos ou economicos são puramente ficticios, imaginarios, irreaes. "O homem ao qual se applicam os principios da Revolução franceza é tão irreal quanto o que, nas visões de Marx ou de Lenine, construirá a sociedade futura". Aliás, seja notado de passagem: cada vez que se refere a algum dos systhemas politicos predominantes, condemna-o Carrel em algumas linhas, sem appellação possivel. O regimen politico russo ou o fascismo italiano encontram de sua parte palavras de reprovação, mas também a igualdade democratica se lhe afigura absurda e inadmissivel. Como poudes a humanidade tão longo tempo acceitar tal dogma?, pergunta Carrel. "Não leva elle em conta a constituição do corpo e da consciencia. Não convém elle ao acto concreto que é o individuo".

Carrel nada ou quasi nada acceita, pois, da orientação, quer individual, quer collectiva, do homem moderno, da vida moderna. Tudo necessitaria ser mudado, alterado. A humanidade deveria soffrer grande e profunda revolução. Não a re-

volução politica, comprehendida como habitualmente é. Mas a revolução que trouxesse a radical transformação de habitos e costumes, de genero de vida, de mentalidade e de ideaes. O homem necessita ser reconstruido sobre bases mais solidas, mais scientificas. A sciencia que, segundo elle, tem se desenvolvido sempre por accaso, ao sabor das tendencias e preferencias de seus culiores, de accordo com a influencia momentanea d'este ou d'aquelle genio, deveria ser systematicamente orientada, ou pelo menos n'ella deveria ser dado lugar muito mais importante, á elucidação da essencia physiologica e psychologica do homem. O conhecimento mais profundo do sêr permittiria assentar os verdadeiros fundamentos da organização da vida, eliminando o que é realmente nocivo e creando, desenvolvendo o que é realmente benefico. Não haveria grande interesse em augmentar indefinidamente a capacidade de acção do homem, com poderes cada vez mais largos e mais profundos sobre o mundo material. Libertar o homem das condições mais ou menos duras da vida talvez não seja muito são. Cream-se typos mais fracos, menos resistentes, dotados de uma saude por assim dizer apparente, saude artificial, na expressão de Carrel. "Na civilização moderna caracteriza-se o individuo sobretudo pela actividade bastante grande e voltada inteiramente para o lado pratico da vida, por muita ignorancia, uma certa astucia e um estado de fraqueza mental que o faz soffrer de modo profundo a influencia do meio em que se acha".

As crises actuaes são phenomenos felizes, na opinião de Carrel. Constituem ellas os symptomas do mal proveniente da falsa organização humana e mostrando á humanidade o perigo da degeneração e da catastrophe irremediavel, tornam agudos e urgentes os problemas a resolver.

Corapete, pois, á sciencia renovar o homem e o mundo, segundo Carrel. Mas a sciencia deveria começar pela sua propria renovação. Ao seu aspecto um tanto desharmonico, apresentando-nos dominios hypertrophiados e outros apenas esboçados e quasi totalmente desconhecidos deveria ella renunciar e racionalmente velar pelo seu desenvolvimento mais regular e mais uniforme. Abandonar a sciencia das coisas materiaes pela pesquisada essencia espiritual, seria tão nefasto como a tendencia opposta predominante desde a Renascença. E Carrel acrescenta: "A solução só se achará no abandono de todas as doutrinas, na plena acceitação dos dados da observação positiva; na realisação do facto que o homem nada mais é do que esses proprios dados".

Em phrases como esta, Carrel dá-nos a impressão de se ter deixado dominar por um estreito positivismo scientifico. Se de um lado produz elle por vezes a sensação de mal-estar pelos tons de tendencias ao sobrenatural, fallando com indifereçavel credulidade nos milagres de Lourdes, de

outro, procura conciliar os dois pontos de vista extremos reduzindo tudo á possibilidade do estudo objectivo. Que se observem os factos, que se os verifiquem e os acceitem como dados insophismaveis se assim se impuzerem elles. Que se reduza tudo a conceitos *operacionais* no sentido de Bridgman e que nossa razão se recuse a tomar como objecto de estudo aquillo que escapa a esse criterio.

Infelizmente os limites d'esta apreciação não nos permitem analysar demoradamente a significação de tal attitude de Carrel. Seria, porem, interessante assistir a uma troca de idéas entre o biologista, que da vida humana tudo procura comprehender e discutir, e algum dos subtis espiritos philosophicos contemporaneos, que com essa involuntaria e salutar malicia que lhes é peculiar o leva a estudar a propria essencia de seus methodos de trabalho e de seu mecanismo intellectual. A duvida passaria a ter parte mais consideravel e muito diminuiria a rigidez das affirmações de Carrel...

Deixemos, porem, de lado a legitimidade dos processos racionais de Carrel. Para satisfazer aos seus fins superiores a sciencia deveria soffrer alterações profundas. As condições de trabalho e de vida dos sabios, a disseminação dos themas de pesquisas, a especialização excessiva, tudo isso e muitas outras coisas mais, impedem tirar da sciencia o proveito que poderia ella dar n'essa transcendente tarefa de renovar o homem. Como realizar as grandes syntheses, após o constante trabalho de analyse a que se entrega a sciencia contemporanea? Carrel preconiza um meio: a escolha de um grupo de homens superiormente dotados que outra coisa não fizessem senão estudar. Livres de qualquer preocupação material, libertos dos aborrecimentos de familia ou de contrariedades sociaes, providos do mais alto espirito de sacrificio e acceitando uma especie de vida monastica, dispensados de qualquer actividade universitaria ou publica, privados de todo divertimento ou de toda distração, prohibidos de contrahirem encargos quaesquer, esses homens estudariam, com as facilidades hoje existentes, todas as sciencias, permaneceriam até os cincoenta annos de idade isolados na tarefa de absorverem todos os conhecimentos, de contemplar todos os phenomenos. E formariam elles então uma especie de corte, de conselho que mostraria e indicaria aos dirigentes o bem e o mal, defenderia o homem contra elle proprio e prepararia as bases da futura renovação.

Ao idear esses super-homens, Carrel esqueceu em um momento tudo que elle proprio procura estabelecer em seu livro. A necessidade do esforço, da acção das intemperies, das grandes fadigas physicas, não nas justas do sport mas em lutas verdadeiras, a acção benefica das dores e das contrariedades para o fortalecimento da alma e do character, enfim tudo que elle preconiza como in-

dispensavel para a formação do verdadeiro homem, deixaria de existir na educação dos super-homens. Temo muito que ao fim dos vinte e cinco annos de estudos preparatorios, os cerebros encyclopedicos sonhados por Carrel se revelassem de uma ridicula e lamentavel incompetencia. No mundo intellectual a criação é o germen fecundo de todos os desenvolvimentos e o movel de todos os progressos. Esses homens privados voluntariamente durante toda a mocidade e a idade madura do aspero trabalho de crear e produzir, de serem originaes ou de terem as suas personalidades proprias, dariam a triste impressão de monstruosidades inuteis, de productos contra a natureza. Os phenomenos se lhes apresentariam deformados e falsos. Felizmente, se a escolha recahisse sobre homens verdadeiramente superiores, podemos estar certos que nenhum levaria até ao fim a tarefa imposta. Assistiríamos ás fugas: ás fugas para os laboratorios, para as bibliothecas livres, para o mundo da observação directa, e seria interessante ver algum d'esses sabios de conhecimentos universaes desageitadamente iniciar-se, em qualquer modesto canto de sala de trabalho, em pesquisas limitadas para verificar uma idéa que o obsecasse ou procurar dados afim de dar corpo a alguma hypothese seductora que por ventura lhe tivesse nascido no silencio de suas meditações ingovernaveis...

Seja como for, Carrel teve, ao publicar o seu livro, grande merito. Muitas de suas criticas são fortes e impressionam como accusações que do-gram e humilham. A aspiração que manifesta para a renovação, para a melhora e a regeneração concorda com os anhelos de todos nós. Se, no seu esforço, muita coisa parece-nos discutivel, é isso consequencia ineluctavel de sua propria grandeza. A pesquisa do homem é fonte de eternas desillusões. E quão difficil é furtar-nos a novas illusões que attenuem a nossa decepção e evitem o desespero!

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

Correia de Sá — Poemas Concentricos — Rio.

Com suggestivas illustrações de Candido Portinari, surge-nos este bello livro de um poeta que parece ter vacillado algum tempo na publicação dos seus versos, mas que nem por isso chega tarde demais á nossa admiração e á nossa estima. O sr. Correia de Sá é um modernista. Ao menos os seus poemas aproveitam-se da liberdade de fórmulas e de rythmos que caracterizou os innovadores capitaneados por Marinetti e Apollinaire. Mas, acima de tudo, é um pensador e um psychologo. Nenhum lyrismo arrebatado nelle, nenhum gosto pela ornamentação de palavras, pela mimica transbordante em que certos moços de hoje são tão rhetoricos quanto os velhos mais velhos de hontem. O sr. Correia de Sá volta-se para dentro de si mesmo, olha para dentro de si mesmo, afim de vêr, vendo bem a sua alma, o que ocorre na alma dos outros. O gosto da "interioridade" é tudo nesse espirito avesso a grosseiras exuberancias verbaes ou plasticas. E até quando elle viaja, quando vae a longes terras num soberbo transatlantico, a viagem é através dos proprios sentimentos do autor, de um homem que está completo ainda quando isolado, e tanto mais completo quanto mais isolado.

O VERTENTE

O povo do Vertente botou a mão na cabeça com a noticia. O seu riacho generoso, manso, fora roubado. A usina mandara fazer uma barragem bem dentro da matta e cercava tudo de arame, com vigias armados de rifle.

O Vertente descia bem minguido de matta afora. Nunca roncara, não avolumava o seu curso fazendo medo a ninguém. No inverno com uma chuvada mais forte crescia fazendo a sua figura. Mas era de hora aquelle rompanete. Baixava logo, era sempre aquelle fio de agua se enroscando, passeando por cima de pedrinhas. Nunca ninguém deixara de fazer uma viagem por causa do Vertente.

E era bom para o povo. Pelas suas margens plantavam capim de planta para os cavallos, faziam banheiros e o bamburral chorava ao vento. O povo do Vertente não dispunha das vasantes que o Parahyba creava com as suas enchentes impetuosas. Mas alli nunca ninguém viu uma casa arrancada pelas correntezas. Ninguém morria afogado, a cabeça da cheia não mettia medo. Pequenino, mofino, sem brabezas, mas tambem podiam dormir tranquillos que o Vertente não acordaria pessea alguma com as suas aguas invadindo, derrubando.

O Parahyba dava muita coisa e tirava tudo o que dava, de uma hora para outra. Botava lama nos cannaviaes e humedecia as vasantes para que as plantações dessem mais que em qualquer outra parte. Parecia-se assim com um pae generoso, fazendo todas as vontades aos filhos e bravo, castigando, forte e energico sem que nem mais.

A usina despojara o Parahyba de suas bondades, mijando aquella calda fedorenta, justamente nos tempos da secca. Transformava aquelle leite branco enverdeado pelos juncos, pelas salsas, num rêgo por onde corria um fio de lama. O Parahyba de agora era um acampamento de

urubús. As arribações sertanejas fugiam delle, procurando outros bebedouros para as suas sedes. Passaro que alli pousava só aquelle bicho de andar banzeiro como de negro cambado.

Depois de ter arrazado o Parahyba a Bom Jesus pegara o Vertente de geito. Este não dava tanto ao povo mas o que dava era de todo o dia. Agua doce e aquella perenidade que valia por uma dadiva de Deus. O riacho bomzinho descia silencioso, só mesmo com aquelle sussurro de passaro por debaixo da matta. Passeiava por debaixo dos arvoredos e quando apparecia ao sol se enroscava pelas ingazeiras, pelo bamburral. Dava de beber ao povo do Pilar. Cargas e cargas de ancoretas sahiam para a villa sedenta de uma agua mais doce que a salobra e pesada agua das cacimbas do Parahyba.

E veio a usina e pegou o Vertente, indo ás nascentes, cercando-lhe as mattas. E com pouco mais o pobrezinho deixaria o seu leite macio de areia para correr num leite duro de tijollo e cimento. O Vertente deixaria secco de pedrinhas brilhando ao sol aquelle caminho por onde ha seculos vinha correndo. O dr. Juca queria o riacho para as suas machinas. Gastaria uma fortuna com elle para em breve tel-o na serventia, ás suas ordens, como um prisioneiro submisso e util.

O povo que morava pelas margens do Vertente não quiz logo acreditar naquillo. Seria verdade mesmo, que não teriam mais no fundo de suas casas o riacho que era um patrimonio de todos? Teriam então que cavar cacimbas para beber agua, de agora por diante?

O Vertente seria engulido, seria papado pela usina. Só poderia ser um castigo pior que o colera. E não teriam para quem appellar. O engenho era da usina. Ella poderia fazer das terras o que bem quizesse, virar de papo para o ar tudo o que fosse das terras. E não seria só o riacho que lhes seria tomado. Um

feitor andou prevenindo que o usineiro não queria roçado de ninguém pelos baixios. Quem quizesse plantar fosse para os altos. A canna tomaria conta das varzeas.

O poder offensivo da usina se alargava, ia cada vez mais longe. Ao povo fazia dó destruir os sitios que se crearam pelas margens do Vertente. Os pobres viviam dellas, das laranjas, dos abacaxis, das bananas que vendiam nas feiras. A terra era fraca, só dava mesmo para mandioca e fruteira. E a usina queria plantar canna

JOSE' LINS DO REGO

(do Romance *Usina*, a sahir).

WHO'S WHO IN LATIN AMERICA

Em numero anterior desta revista já tivemos oportunidade de nos referir á personalidade do Professor Percy Alvir. Martin, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que já nos visitou e ha muitos annos vem dedicando um especial interesse ao estudo da nossa historia. Entre as suas numerosas publicações releva accentuar o dictionario biographico da America Latina, que tem por titulo *Who's Who in Latin America*, e do qual vimos de receber um bello exemplar encadernado. Como sempre acontece em trabalhos desse genero, que pedem a colheita de innumerados dados e uma cuidadosa revisão de valores, o que é de todo impossivel ser feito por um só individuo a respeito de muitos paizes, quanto ao Brasil o dictionario do Prof. Martin se resente de alguns senões, mas é ainda assim obra de grande valia e que merece lugar de destaque na bibliotheca dos estudiosos.

"O ENSINO"

Destina-se a perdurar em nossas letras didacticas essa publicação de professores do Districto Federal. Em seu numero de apresentação figuram colaboradores de idoneidade indiscutivel em assumptos pedagogicos e todos se mostram animados por um bello espirito de classe, por um sentimento corporativo que, cada vez mais intensificado, só poderá redundar em victoria completa de um nucleo de homens de espirito. Entre outros, muito bem elaborado nos parece o escripto do sr. Vicente de Paula Reis e, embora não concordemos com as conclusões referentes á lingua brasileira, somos forçados a reconhecer que a sua argumentação é conduzida com bom gosto e cultura philologica perfeita.

Um romancista mineiro

Eduardo Frieiro. — O Cabo das Tormentas — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1936.

Entre os modernos escriptores brasileiros goza o sr. Eduardo Frieiro o singular privilegio de pertencer á nova geração pela audacia das idéas e a um grupo antigo pela elegancia e polidez da forma em que se expressa. Não quiz ainda sacrificar, nem o fará talvez nunca, nas aras de certo modernismo dissolvente do idioma patrio, e que renuncia o legado precioso de quatro seculos de disciplina grammatical. Ao seu bom gosto e cultura não teve poder de tentar a barbarização da linguagem, recurso ingenuo a que recorrem muitos, pensando que descobriram de novo a polvora.

Lemos os seus trabalhos com encanto, sentindo a musica dos antigos rythmos. Agora mesmo num romance modernissimo — *O Cabo das Tormentas* — o sr. Eduardo Frieiro nos conduz por entre as idéas mais audazes sem nos ferir os tympanos. A lingua cae-lhe do bico da penna como a agua crystalina e pura de uma fonte no silencio fresco da matta.

Mas, não precisava eu encarecer a elegancia de estylo do belletrista mineiro, pois desde a *A Ilusão litteraria* o sr. Eduardo Frieiro ganhou definitivamente os fóros de escriptor nacional, conhecido e admirado de norte a sul do paiz. Os que leem saboreando sabem que a sua arte reúne aos encantos da juventude a recondita experiencia da maturidade.

Nesse novo romance firma o sr. Eduardo Frieiro de vez os creditos de romancista. Graças a sua imaginação creadora, convivemos com estranhas personagens. Fechamos o livro e fica-nos a banhar na memoria a professora Bellinha, mulher de Léo Vikar, typo excentrico de marido condescendente, na psychologia do qual terá o escriptor forçado a mão por ventura. Todavia aquella, nas mais variadas peripecias de sua vida movimentada, surge-nos sempre real e verdadeira, dando-nos a illusão de já a havermos conhecido alhures. Outro typo bem apanhado é o funcionario Sezino de Souza, modelo dos maridos até os quarenta annos, mas depois dado a conquistas amorosas, até que se deixou enlevar completamente pela mulher fatal, a diabolica Bellinha. A somma dos angulos internos desse triangulo, abstraído da moderna sociedade bello-horizontina constitue o romance mais audacioso, mais vivo, mais opulento de finas observações psychologicas que já se publicou em Minas.

Conheço pouco Bello Horizonte, e não posso assegurar se a fabula tem raizes na realidade, como soe acontecer. Mas, se entre as honradas professoras mineiras, pode viver sem escandalo, uma technica do amor livre como aquella Bellinha que

a possante ideação do romancista viu entre os seus sonhos, a velha Minas, tradicional e caturra, não poderá invejar mais, neste delicado ponto de liberdade sexual nem o Rio nem S. Paulo. Através do espaço ou do além, porque Bellinha finda atirando-se de um arranha-céo ao solo, inexplicavelmente com medo do marido, scena de certo inspirada em tragedia recente, a heroína pode estender os braços a collegas cariocas e paulistas.

Entre as paginas mais interessantes do *Cabo das Tormentas* figuram as da peregrinação de Sezino de Sousa pelos escriptorios dos medicos. Da sua satyra não escapou nem o psychanalista da terra, nem o endocrinologista dr. Marcos Espinosa, ex-assistente do Instituto Biotypologico-orthogenetico do Rio.

Varias personagens do meio de Bello Horizonte apparecem ainda, como o advogado Cesario Louro, a alcoviteira Durvalina, D. Coralia, esposa prevaricadora de um certo Mansueto. "Docil, generosa, facil, gostando de se dar e dando-se com simplicidade, Coralia encontra no amor physico uma distracção agradável, e só isso. Ahi está um retrato em duas linhas.

Já se vê que o mais acabado é o da famosa Bellinha. Apparece-nos aos 35 annos, sedenta de amor, atormentada pelo demonio do sexo, apesar de já ter sido mãe quatro vezes. Mulher nascida para as loucuras da voluptuosidade como Mozart para musica. Nem joven, nem bella, nem siquer linda, mas de carnes elasticas e redonda e excitante. Em momentos azados, revivia nella a potranca dos dezeseis annos lesta e indomavel...

Mulher do planalto, forte, sadia. Saint-Hilaire foi encontrar, ha mais de um seculo, em Goyaz, muitas desse typo, em cujos olhos fuzilavam as descargas da electricidade sexual.

Pelo que levamos dito, vê-se que o romance do sr. Eduardo Frieiro, com seu realismo, seu *frealismo*, sua athmosphera de libertinagem, não poderá estar em todas as mãos, mas é uma obra de arte admiravel pela architectura, pela riqueza de observações psychologicas, pelas graças e donaires do estylo, pelo valor litterario. Revela-nos uma Minas desconhecida, revolucionaria, voluptuosa.

O sr. Eduardo Frieiro junta á percuciencia do espirito critico invejaveis faculdades creadoras — coisas que raramente se mostram unidas — dons que o collocam bem alto na galeria dos nossos modernos escriptores.

ALCIDES BEZERRA

Acaba de apparecer

IAGO JOÉ

BAGUNÇA - ROMANCE

2.^a edição

ARIEL

Ainda cinema educativo

O problema do cinema educativo está exgotado. Posto em equação, foram-lhe determinadas todas as incognitas. Os limites de sua acção; as possibilidades, até a conquista do som, da cor e do relevo; a efficacia na escola, em seus graus, ramos e disciplinas; fóra della a sua ampliação como factor elevado de cultura popular — tudo está visto e revisto. Resta agora, depois do verbo, a acção.

A prova do asserto está no exgotamento do assumpto, mesmo nas revistas especializadas. A do Instituto Internacional de Roma de ha muito que se debate numa interminavel repetição, salva-a apenas a copia preciosa de informações.

Cinéopse, o melhor periodico de cinema educativo em cujos numeros iniciaes o problema foi apresentado com meridiana clareza, em todos os seus aspectos, pelo eminente director M. Coussac o maior especialista em França e autoridade mundial, tambem já se repete.

E' verdade que ha ainda quem perca tempo em falar bem ou mal do cinema, que exige apenas a elaboração de films e organização mais importante ainda.

O governo brasileiro acaba de fundar um Instituto Nacional de Cinema Educativo.

Seria mais uma iniciativa a se debater na impotencia de realizações concretas, se não tivesse sido confiado a um homem, cujo grande ideal foi sempre mesmo na velhice de notavel carreira scientifica, a educação popular, o mesmo brasileiro de cujas mãos, ha 12 annos, surgiu o radio como factor de educação e que graças á sua cultura, ao seu entusiasmo, ao seu carinho, viveu e prosperou até a installação da primeira radio-escola, posta em acção pela clarividencia de Anisio Teixeira.

O Instituto nasceu bem fadado. Foi inaugurado na data anniversaria da primeira exhibição

dos irmãos Lumière, em Paris, em 1895 e teve a inspiral-o, desde a primeira hora, um retrato de Luiz Lumière, com assignatura.

Este retrato, precioso, foi offerecido recentemente, a dois brasileiros que, em Paris, visitaram Miguel Coussac, acolhidos com uma bondade transbordante.

Como recordação desta visita deu elle a cada um dos admiradores distantes um retrato do grande inventor, dentre 10 que lhe solicitaram, por ocasião das festas jubilares, recentemente organizadas na Belgica, na Inglaterra e na França.

Roquette-Pinto, que tem o gosto incontido da acção, já está realizando e em breve o Instituto brasileiro ha de contribuir para a velha propheta de Brady, de que passará a epoca de cine-drama e virá a do cinema educativo.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

Livros a apparecer

"Sobrados e Mucambos"

Poucos livros terão logrado nos ultimos annos o exito excepcional de *Casa Grande e Senzala*, o grande ensaio sociologico de Gilberto Freyre, cuja segunda edição acaba de apparecer e continua a ser procurada e lida com a mesma avidez com que foi recebida ao seu apparecimento. Agora, auspiciosa noticia para os nossos leitores, podemos annunciar que, por todo o mez corrente, será lançado a publico pela Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, na sua collecção "Brasilianna", um outro livro de Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, no qual o illustre escriptor pernambucano proseguirá na mesma ordem de estudos, dando-nos, com igual agudeza psychologica e identica riqueza de erudição bebida nas melhores fontes, um panorama da nossa vida social durante a segunda metade do seculo XVIII e o seculo XIX até a abolição.

Sobrados e Mucambos, volume ricamente illustrado, além de prefacio e apensos, está dividido em 7 capitulos, assim distribuidos: 1.º — O sentido em que se modificou a palizagem social do Brasil durante o seculo XVIII; 2.º — O engenho e a praça; a casa e a rua; 3.º — O pae e o filho; 4.º — O homem e a mulher; 5.º — O sobrado e o mucambo; 6.º — O brasileiro e o estrangeiro; 7.º — Ascensão do bacharel e do mulato.

"USINA"

E' este o titulo do novo romance de José Lins do Rego, que o nosso publico aguarda com justa anciedade, e dentro de poucos dias apparecerá numa bella edição da Livraria José Olympio.

Com *Usina* fecha José Lins do Rego o cyclo dos seus romances da canna de assucar, tão bellamente iniciada com *Menino de Engenho* e cujo exito foi sempre crescendo com as successivas publicações de *Doidinho*, *Banguê* e *Moleque Ricardo*. Mas tranquillize-se o leitor, fechado esse cyclo, outros surgirão, pois que o escriptor nordestino é dos mais fecundos e delle ainda muito esperam as nossas lettras. E' de *Usina* o magnifico excerpto que será lido em outro local desta revista.

"OS OSSOS DO MUNDO"

Nenhuma figura mais trepidante nos meios intellectuaes paulistas do que a de Flavio de Carvalho, a um só tempo engenheiro, architecto, pintor, jornalista, theatrologo e não sabemos quantas outras cousas em que se desdobra o seu talento. A elle se deve em grande parte a creação do *Theatro de Experiencia* e, sem duvida alguma, tambem o seu fechamento pela policia, dado o escandalo que provocou a sua peça *O bailado do Deus morto*.

Flavio de Carvalho, que já publicou: *Experiencia* n. 2, um outro ruidoso successo, mas este de livraria, tem actualmente varios trabalhos prompts ou em preparo, taes *A minha pintura* e *O medo do mundo*, mas o seu livro que primeiro apparecerá, pois que já se acha no prélo, aos cuidados de Ariel, editora Ltda., é um interessante diario de viagem, para o qual Gilberto Freyre acaba de escrever o prefacio.

José Geraldo Vieira — *Territorio Humano* — Liv. José Olympio Editora — Rio.

Este volume de seiscentas e vinte paginas como que já foi apresentado aos leitores do BOLETIM DE ARIEL através dos estudos dos srs. German Quirga Galdo e Aderbal Jurema. Ambos fizeram sentir o fulgor de estylo do autor e a minuciosa inquirição com que procura decifrar tantos temperamentos inquietantes do mundo de hoje. Da nossa parte, alegra-nos que vá alargando os seus dominios, aprofundando os seus dons creadores e vendo augmentado o numero dos seus entusiastas aquelle que já applaudiram sem reserva em outros trabalhos. Convem mesmo recordar que a nossa admiração pelo sr. José Geraldo Vieira precedeu o apparecimento desta Revista. Vae para quinze annos, o nosso redactor-chefe estampou um ensaio de trinta paginas a proposito da *Ronda do Deslumbramento*, collectanea de contos com que o romancista de agora entrou nas lettras brasileiras, e entrou com tal magnificencia e vigor que se percebia ser a sua entrada uma entrada tambem na historia das lettras brasileiras.

DE PARIS

UNE IDOLE ANTIQUE: MADAME PRÉFACE

En ma qualité de dame *Préface*, et vu mes années et mon expérience je dois, ce me semble, avoir quelques droits à votre confiance. Depuis une longue succession de siècles, ne me voyez-vous pas clouée à la tête des meilleurs comme des plus mauvais livres? Mon frère *l'Avant-Propos*, si l'on songe à mon antique origine, n'a qu'une célébrité de parvenu en comparaison de la vétusté de mes vieux parchemins; et ma cousine *l'Introduction*, n'est encore qu'une plagiaire babillarde qui m'a dérobé mon idiome, et qui se met à ma place.

Vous me connaissez donc tous, vous poètes, prosateurs, auteurs, lyriques, dramatiques, romanciers, historiens, pamphlétaires et même compositeurs galants, vous tous, enfin que ressentent une sainte horreur pour une feuille de papier blanc. Aussi croirais-je manquer à tous mes devoirs en ne vous souhaitant pas à tous la fécondité de Cybèle dans vos productions littéraires, l'esprit mercantile d'un libraire dans vos spéculations, et l'art bien précieux de composer un heureux titre, une ingénieuse gravure pour orner le titre de vos ouvrages; car tout pour l'enseigne, c'est en substance l'esprit du siècle sous tous les rapports.

Quel est l'auteur qui n'appelle pas Madame *Préface* à sons secours? Aussitôt j'accours, je m'installe à l'ouverture même du livre, et par de vieux radotages, je viens corroborer le pauvre volume que si trouve tout gonflé de ma présence: c'est encore moi qui vais apprendre au public comment cette bluette a pris naissance dans le cerveau d'un de vos plus ardents apôtres.

Voyez! auteurs, chacune de mes paroles est un bienfait, et malgré l'ennui et les bâillements qui me servent trop souvent d'escorte, je suis indispensable dans la composition de l'oeuvre d'un bel esprit. Hélas! ingrats écrivains, j'ai vu souvent me renier me déguiser sous de futiles noms indignes de ma qualité, l'un m'escamote sous la dénomination d'*entretien préliminaire*, celui-ci sous celle de *Quelques mots à mes lecteurs*, cet autre m'affuble du titre d'*Explication sommaire*, mais, barbares! ne suis-je donc pas toujours là sous ces flétrissantes désignations, sous ces accoutrements nouveaux? Il est vrai que maint lecteur, pressé de jouir, me franchit souvent en fronçant le sourcil et saute vivement mes soporifiques feuillets; mais de même qu'on revient toujours à ses premières amours, de même aussi, les auteurs ont recours à la bienfaisante *Préface*.

Quittons maintenant ce ton badin emprunté dans une vieille esquisse des moeurs parisiennes, pour parler de leur origine et de celles qui sont particulièrement célèbres.

Madame *Préface*, cette idole antique de la littérature à laquelle les écrivains ont de si grandes obligations, cette reine verbeuse qui toujours apo-

logiste de maintes sottises délayées dans de longues inutilités, remonte à la plus haute antiquité. Simples et concises avec Hérodote et Thucydide, elles deviennent des discours travaillés avec Tite-Live, Cicéron, Salluste, Plin. En France, la *Préface* proprement dite devient commune à l'époque de la Renaissance, et affecte souvent alors des allures de violentes polémiques.

Chez les modernes, il est peu d'ouvrages sans préface. Le ton varie selon l'époque et les auteurs.

Sous forme de *Préface*, Corneille, Racine, Molière, Beaumarchais ont écrit d'admirables morceaux de critiques littéraires. D'Alembert a mis au commencement de l'*Encyclopédie*, une préface qui est un tableau du progrès de l'esprit humain. La préface de Cronwell de Victor Hugo fut comme un véritable manifeste et à la fois un programme de la révolution romantique accomplie dans la littérature française dans le premier quart du 19^{ème} siècle sous la Restauration. Les préfaces de Théophile Gautier pour les *Jeune-France*, pour Mademoiselle Maupin sont aussi des professions de foi. Parmi celles qui ont été considérées comme des événements littéraires il faut citer la préface qu'écrivit Renan pour sa *Vie de Jésus* et celles où Alexandre Dumas fils discute ses ouvrages dramatiques. Ce sont de véritables chefs-d'oeuvre.

De toutes les préfaces de Molière celle de *Tartufe* mérite d'être rappelée: "Voici une comédie dont on a fait beaucoup de bruit, qui a été longuement persécutée, et les gens qu'elle joue ont bien fait voir qu'ils étaient plus puissants en France que tous ceux que j'ai joués jusque ici. Les marquis, les précieuses, les cours et les médecins ont souffert doucement quand je les ai représentés, et ils ont fait semblant de se divertir avec tout le monde des peintures que l'on a faites d'eux; mais les hypocrites n'ont pas entendu la raillerie, ils se sont effarouchés d'abord et ont trouvé étrange que j'eusse la hardiesse de jouer leurs grimaces et de décrier un métier dont tant d'honnêtes gens se mêlent. C'est un crime qu'ils ne sauraient me pardonner et ils se sont tous armés contre ma comédie avec une fureur épouvantable. Ils n'ont en garde de l'attaquer par le côté qui les a blessés, ils sont trop politiques pour cela et savent trop bien vivre pour découvrir leur âme. Suivant leur louable coutume, ils ont couvert leur intérêts de la cause de Dieu, et le *Tartufe*, dans leur bouche est une pièce qui offense la piété..."

Pour terminer cette numération, ne manquons pas de rappeler que Géraud, à qui l'on doit un remarquable "*Essai sur les livres dans l'antiquité des écrivains romains*", composa des préfaces qui pouvaient s'adapter à différents ouvrages et que Cicéron lui-même avait une collection de préambules tout faits.

MARGUERITE PICCARD LOEWY

"O Cabo das Tormentas"

Longo tempo hesitei em incluir o sr. Eduardo Frieiro entre os nossos romancistas. Achava-o um admirável ensaísta, um dos melhores do Brasil de hoje, mas não ia além.

Louvava-lhe a subtileza, o pleno domínio do mundo do espirito, a frequência diuturna de classicos e modernos. Falar em gosto litterario, era logo evocar-lhe o nome. Esse provinciano parecia-me tão civilizado quanto o carioca que mais civilizado se presumisse. Sem nenhuma sujeição a escolas, sem nenhuma dependência a padrões de jornaes, escrevia sobre o que quizesse, como quizesse e sempre bem.

Não se envergonhava de ter estylo numa época de solecistas. Neto de hespanhões, preferia ás gorduras oratorias de Castelar a sequidão desses britannicos que ás vezes chegam a contundir os leitores com a dureza dos ossos sempre á mostra.

Mas hoje, lendo-lhe *O Cabo das Tormentas*, assisto á chegada do romancista que tantos annos relutou em mostrar-se de todo no sr. Eduardo Frieiro.

O Club dos Graphomanos era tecido ou melhor "humour". No *Mameluco Boaventura* passeou um chronista sceptico, duplamente afrancezado, porque, recordando a França, recordava ainda mais particularmente Anatole France.

Aqui, no trabalho recém-apparecido, as equações de temperamentos encontram um feliz solucionador. Nos scenarios, bem ligados sempre, ha primeiro e segundo planos. Os episodios desfilam deante de nós com lettreiros dos mais claros. As personagens têm relevo, gesticulam, falam como nas ruas de Bello Horizonte em que o autor as foi pegando em flagrante. O elemento popular não se mostrou, no caso, rebelde a esse homem que tomou fartões de leituras nas bibliothecas, "leu" as personagens dos seus romances anteriores, mas agora as "viu" real-

mente no seu pequeno mundo mineiro.

Dantes censuravam-lhe a ausencia de mulher nos livros, como outros censuram a ausencia de paizagem em Machado de Assis. Pois aqui entram algumas senhoras bem assanhadas, bem "carregadas de sexo". Em certos trechos a narração parece querer mesmo resvalar para um excesso de frascarice, que a perfeita educação mental de um nobre homem de letras corrige em tempo.

O Cabo das Tormentas, apesar do titulo, nada possui das gloriosas navegações camoneanas. É navegação muito mais difficil, em terra firme, através de uma cidade moderna, ou seja explorando aquillo que um Camões da decadencia, Antonio Nobre, classificou de "Costa d'Africa da vida". É a historia de um burocrata quarentão que se corrompe ao atravessar aquella quadra perigosa em que outro espreitador de almas e alcovas, Paul Bourget, enxergou a obra malefica do "démon de midi".

Ahi estão de emboscada, para aturdir o pobre Sezino de Souza, que fala sempre na primeira pessoa, as Coralías planturosas de seiva burgueza ou as freneticas Bellinhas que poderiam ser heroínas fataes na extincta Hollywood de Cataguazes. De um lado o Meneláo risonho que é Mansueto, atacado de incuravel cataracta no sentido da confiança

conjugal, e de outro lado o irrequieto Léo Vikar, que ornamento com muita litteratura e muita ta o seu infortunio domestico psychanalyse.

Afinal, quanta revelação para mim sobre Bello Horizonte, que eu suppunha tão incapaz dessas complicações na sua vida em "camara lenta", como já disse alguém! Graças ao *Totonio Pacheco*, do sr. João Alphonsus, e a este *Cabo das Tormentas*, do sr. Frieiro, fica evidenciado que a cidade de quarenta annos, riscada no papel pelo fallecido Aarão Reis, é tambem materia prima para romance de verdade.

E já agora não tenho duvida em incluir o sr. Eduardo Frieiro entre os melhores romancistas vivos do Brasil.

AGRIPPINO GRIECO

Caixa Economica do Rio de Janeiro

Recebemos dois exemplares de um album que se propõe a demonstrar os progressos da casa de trabalho hoje confiada ao desenvolto espirito moço do sr. Ricardo Xavier da Silveira. É um documento de propaganda em que teve parte efficiente o sr. Alvaro Cotrim, familiar de todos os leitores de revistas e jornaes através das caricaturas que tem subscripto com o pseudonymo de Alvarus. Mas o que cumpre accentuar é que não está em jogo, no caso, uma dessas publicações de preconicio sem nenhum significado para os homens de gosto, dado o exaggero dos adjectivos que as sobrecarregam ou a deselegante disposição de texto e gravuras. O album a que nos referimos é dos mais intelligentemente confeccionados, porque não visa apenas o panegyrico de um dado grupo de administradores, mas patenteia, com o recurso dos melhores dados comparativos que as photographias robustecem, a preponderancia da nossa Caixa Economica em todas as transacções com que brilhantemente serve o paiz. Fica evidenciado, ao correr taes paginas, que esse nucleo de actividade monetaria não se tem isolado, nos ultimos tempos, de nenhuma grande reforma edilítica do Brasil do norte ou do sul, não se realizando qualquer vultosa medida destinada a proteger os productos nacionaes sem que a Caixa entre com um precioso lastro de moeda. Institutos desses transformam aquillo que, em mãos de banqueiros vorazes, é apenas agiotagem sordida, numa força realmente civilizadora.

Em Edição Ariel:

IMAGENS DE HONTEM E DE HOJE

Chronicas de
JOSÉ MARIA BELLO

Preço 7\$000

SENSAÇÕES DE VÔO

Volta a paisagem fixa e immovele, o avião viaja como se estivesse parado, galgamos para a praia, nas margens um braço de mar e uma aldeia ao lado, no horizonte o perfil truncado de um pico que é como um vulcão extinto, em baixo nas estradas individuos minúsculos passam indiferentes ao ronco da aeronave; parece que toda a vida ouviram passar por ali a mesma aeronave. A sensação é de perfeita segurança, de tão grande segurança e estabilidade que se tem a impressão de que tudo está interrompido e que o possante navio aereo se acha apenas suspenso no espaço por um fio, e que immovele contempla uma paisagem immovele. O brilho do sol faz com que tudo seja ainda mais immovele. O mundo em detalhe, e parado, em baixo, addiciona a somnolência da scena. Toda a sensação parece sumir do mundo em escala minúscula, zumbido do grillo no bréjo tropical, o mundo perde os sentidos e os movimentos e adormece no somno do meiodia... as imagens paradas brilham sem resonancia... era como uma morte illuminada pelo sol. Dormia-se bem a bordo...

Olho para baixo, e minha imaginação trabalha de uma maneira impropria. Começa a raciocinar e meditar sobre as possibilidades de um desastre; os tirantes e as barras compressoras do avião intercalam a paisagem parada... que sustentaculo para as asas, meu olhar examina junta por junta para ver se existe uma racha ou uma porca solta, passo em revista os arames torcidos — não haverá um fio partido? — começo a contar os pequenos rebites nas juntas, são apenas alguns mas são de duraluminio, faço um esforço procuro calcular approximadamente o cizalhamento de cada e deduzir o esforço bruto no tirante, chego á conclusão de que uma das peças principaes trabalha a 2.000 kilos.

Nem por isso me sinto mais seguro, os meus conhecimentos de engenharia me perturbam e me permitem conceber toda a especie de desastres, tenho até medo de escrever a palavra desastre no livro de notas.

O piloto augmenta consideravelmente a altura do aparelho, a paisagem muda, o mundo torna-se mais minúsculo e a belleza do mundo me distrae... não me lembro mais de desastres... no entanto a idéa volta com maior insistencia, quasi que não posso mais olhar para as juntas do aparelho, pensando sempre num possível defeito na manutenção do material ou um defeito de fundição, a todo o momento espero ver uma junta abrir-se e uma asa partir aos poucos... que faria o piloto... pobre piloto!... se ha fatalidade sem duvida isto seria fatalidade... creio melhor pensar noutra cousa, olho para a terra e para o mar, voamos alto... que hesitação... Não devia ter escripto nada sobre o assumpto, sinto-me impressiona-

do... não posso nem olhar mais para as partes do avião nem para baixo nem para os lados... só fechando os olhos.

Sentia como que hypnotizado... parecia que escrever sobre o assumpto era um meio de precipitar os acontecimentos, até mesmo mexer parecia perigoso porque interrompia o estado de equilibrio inseguro mantido pelo zumbido dos motores, tinha a impressão de que perturbar esse equilibrio era o mesmo que precipitar o desastre. O meu estado psychologico era identico ao do somno, os factores de perigo me collocavam em immobilidade somnolenta eram os mesmos factores encontrados no periodo do somno, a minha immobilidade e o meu temor eram a immobilidade e o temor do somno, os meus desejos eram de suicidio, atravessava um estado pré-suicidio perfeitamente compativel com a hypnose do somno. Esclarecer o mysterio do meu temor ou mesmo mexer um pouco significava desastre.

O esclarecimento do temor provocaria uma realização do perigo, mas me imaginava então: existem outras pessoas a bordo com animosidade possivelmente contraria á minha, talvez mesmo contrabalançando a minha. Semelhante raciocinio, errado ou certo, me repousava um pouco, sentia-me mais seguro, mas só por um momento. A tremenda sensação de estabilidade e segurança era quasi simultanea com a sensação de perigo, fluctuavam de um polo ao outro, sentia-me seguro e inseguro ao mesmo tempo ou quasi ao mesmo tempo, esta estranha fluctuação prolongou-se por alguns minutos, estava em pleno dominio do medo.

Estou ancioso para chegar a Ilhéos, como se chegando a Ilhéos acabaria de um momento para o outro todo o perigo.

Voamos a uma grande altura, sinto que não devia ter escripto sobre o perigo, prometto a mim mesmo de não escrever mais. A minha mão está suada, só a mão, tenho certeza que estou pallido, certamente que estou com muita fome, trouxe sanduiches mas não posso me mexer, tenho receio de me mexer.

Subimos a uma grande altura. Apenas 1.000 metros. Os passageiros meditativos contemplavam a paisagem. Noto que a passageira no compartimento ao lado é interessante, olhos azues grandes, cabellos castanhos attrahentes, bocca larga e fortemente pintada, narinas sensuaes, parecia reunir os defeitos e as qualidades de toda a raça americana em formação.

Era a imagem da America. Passei a apreciar vivamente a imagem da America.

A sensação de medo desaparece, absorvido como estava no meu novo pensamento, mas mesmo assim aguardo ansiosamente Ilhéos.

FLAVIO DE CARVALHO

(Do livro a apparecer: *Os ossos do mundo*)

A' margem dos "Artigos de Jornal"

O pintor Luiz Jardim, em excellente prefacio aos *Artigos de Jornal*, affirma que Gilberto Freyre "foi quem revelou a muitas das gerações novas, pensadores e escriptores quasi ignorados no Brasil" como Mencken, Bourne, Beard, Angel Ganivet, Brooks, Vachel Lindsay, etc., etc. De facto, já nesses artigos que o *Diario de Pernambuco* publicava entre 22 e 25, e agora reunidos num volume das edições Mozart, de Recife, o autor de *Casa Grande & Senzala* procurava despertar nos da sua geração uma intensa curiosidade pelos novos escriptores, novos pensadores, novos poetas da U. S. A.

Folheando-se os *Artigos de Jornal*, escriptos ha mais de 10 annos passados, a gente vê o quanto o seu autor fez para que entrássemos em contacto mais intimo com a intelligencia da outra America, no que ella possui de melhor e de mais puro.

Isto se dava numa época em que os medalhões das academias e as medalhinhas dos cenaculos viviam em chronica dyspepsia mental e muito pouca gente sabia da existencia de um Vachel Lindsay, de quem Edgar Lee Masters, outro poeta que "rompeu com a tradição suave dos poetas da Nova Inglaterra", acaba de escrever uma commovida e aguda biographia editada recentemente por Charles Scribner's Sons.

Quando appareceram esses artigos escriptos naquella saboroso geitão de penetrar nos assumptos mais serios da maneira mais simples deste mundo, os homens de lettras que viviam de render homenagens aos mestres de França comprehendiam que em outras terras tambem existia gente merecedora da nossa admiração.

No dia de hoje não nos faltam escriptores porque, felizmente, vamos num "tropel de gigantes", como assignalou Arthur Coelho, um brasileiro que ha muitos annos vive em New York, sem lhe faltar tempo para ler tudo que

de novo e de bom se edita no Brasil.

Um traço que nos toca mais de perto em toda a admiravel actividade litteraria norte-americana é o interesse e a curiosidade que os jovens escriptores de lá vêm demonstrando pelas lettras brasileiras. Interesse bem maior do que o nosso por elles, tendo-se em vista a saude e a boa cor da litteratura yankee.

Neste *Boletim*, correspondente a abril do corrente anno, Dante Costa commentava esse pendor pela nossa litteratura passando em revista o ultimo numero de *Brooks Abroad*, onde as referencias e as criticas amaveis aos novos poetas e escriptores do Brasil são abundantissimas.

E não é somente na interessante publicação dirigida pelo Prof. Samuel Putnam, da Universidade de Oklahoma, que vamos encontrar noticias sobre os nossos livros. *The New York Times* na sua secção *Book Review* vez por outra insere divulgações lisongei-ras a respeito do nosso movimento editorial. Aliás esse interesse e essa curiosidade não se resumem em noticias porque temos o caso de *Casa Grande & Senzala* que foi alvo de grande numero de criticas sérias por parte de escriptores como Isaac Goldberg, Butler e outros. Ainda é de hontem, tambem, a sympathia e os applausos de pensadores como Nancy Cunard, Herskovits, Mencken, Boas ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro realizado em Recife.

Os intellectuaes dos Estados Unidos vão mais longe ainda no seu desejo de estabelecer intercambio cultural com os seus collegas do Brasil.

Escrevem para cá pedindo informações sobre a nossa genie e os nossos costumes, dados sobre as nossas iniciativas culturaes e o que estamos pesquisando no momento.

Ainda ha poucos dias me chegava ás mãos uma carta de Percy A. Martin, Professor de His-

toria Latino-Americana da Universidade de Stanford, solicitando a remessa de um exemplar das *Insurreições Negras no Brasil*. O Prof. P. A. Martin, que segundo me informam anda ás voltas com a traducção de *Casa Grande & Senzala*, se mostra minuciosamente informado a respeito de tudo o que ocorre cá por casa. São da sua carta trechos como este, que não me furto ao prazer de transcrever aqui... "...parts of which you submitted to the Afro-Brazilian Congress organized by my good friend sr. Gilberto Freyre".

Antes já havia tido uma prova privada da curiosidade e do interesse que os professores e escriptores da U. S. A. dedicam ás coisas do Brasil atravez do que me escreveu Mr. Nelson, Professor de Litteratura da Universidade de Salem, no Estado de Oregon, perguntando o que significavam *inhaca* e *godera*, palavras que elle foi encontrar na conferencia de Gilberto Freyre, lida na Faculdade de Direito de Recife.

Afóra mesmo o seu interesse regional em artigos como "O pirão, gloria do Brasil", "Jardins para os trópicos", "Encanta Moça" e outros, a publicação dos *Artigos de Jornal* foi muito oportuna porque veio dar ensejo aos da minha geração de conhecer as impressões do autor quando se avistou com Vachel Lindsay, Yeats, o irlandês do Premio Nobel, Amy Lowell, a gorda Amy de quem um dos ultimos numeros de *Brooks* estampa uma photographia onde ella apparece cultivando o seu jardim, seguindo talvez o conselho do *Candide* de Voltaire. Ainda o autor nos fala incidentalmente de outro poeta, Edgar Lee Masters, de quem *The Saturday Review*, em um dos numeros de agosto de 35, publicava um trecho da biographia que Lee Masters escreveu do romantico de Springfield, o poeta que no paiz mais standardizado do mundo "vive dos seus versos á maneira dos trovadores da idade-media" cantando-os pelos

FÉRAS DO PANTANAL

(Chronica Scientifica, irradiada na "Hora do Brasil.).

Féras do Pantanal — é o titulo de um livro de viagens que acaba de escrever Ernesto Vinhaes. Não é absolutamente um livro de pretensões scientificas; mas a historia natural anda por alli em todas as paginas. As féras, são as onças; o pantanal — é a planicie alagadiça do sul de Matto Grosso. Reporter policial intelligente e aguto Ernesto Vinhaes dava a um dos maiores jornaes do paiz todo o seu esforço. Chronicas e commentarios dos factos tristes da vida: crimes, catastrophes, patifarias...

Um bello dia teve o autor, na redacção, a noticia da chegada de uns velhos caçadores do Coronel Roosevelt con destino ao Pantanal. Zona das onças. E o moço partiu para a nova reportagem. Fez um livro magnifico, sincero, desataviado, vivo. Encheu o volume de notas uteis e curiosas, sem nenhuma preocupação de espantar o leitor. Nem parece litteratura de reporter policial! Ah! Si todos os jornalistas commentassem os crimes com a simplicidade do relato de Vinhaes! Que bom seria para a cultura espiritual do povo, o abandono do verniz sensacional!

A vida corrente dos lugarejos de Matto Grosso, na interessante zona do Pantanal, está palpitante no volume. A descripção da "lufada", especie de piracema do S. Lourenço, é notavel. Apesar de algumas expressões improprias, o livro de Vinhaes servirá muito até mesmo aos estudiosos da nossa historia natural, pelas constantes notas e observações feitas a respeito de muitas especies de animaes ou vegetaes. Será preciso dizer que a alcunha do maior caçador da turma — "Tigreiro" vae muito mal a um matador de onça? E' uma nuga. No *Guarany* de Carlos Gomes o heroe tambem confunde a onça, do seu habitual conhecimento, com o tigre que nunca decerto havia encontrado na America.

As caçadas de excursionistas estrangeiros são actualmente fiscalizadas pelo Conselho do Ministerio da Agricultura. Não sei si o regulamento em vigor determina que os caçadores levem consigo um chronista brasileiro, encarregado de escrever os factos da expedição. Em todo caso *Féras do Pantanal* é um bello documento de quanto seria util a medida. E Ernesto Vinhaes seria sempre, á vista deste livro — o chronista indicado...

ROQUETTE-PINTO

Cassiano Ricardo — *Martin Cererê* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Não é commum que um livro de versos chegue entre nós á quinta edição. O do sr. Cassiano Ricardo obteve esse successo, e sempre acompanhado das melhores criticas. Exitos explicavel pelo facto de se tratar de uma collectanea de poemas accentuadamente nacionalistas, em que revivem episodios e creaturas destinadas a estimular a aparição de uma arte especificamente brasileira. Os rythmos são sempre cantantes e a parte de symbolos é das mais suggestivas.

Alexandre Dumas — *Quarenta e Cinco* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Quanta gente tem aprendido a historia de França lendo apenas os romances de Alexandre Dumas! E não será talvez a peor maneira de aprendel-a. Os historiadores officiaes, de ares cathedraticos, são em geral cacetes. Ora o gordo Alexandre sabia converter todos os factos do passado gaulez em boa substancia de romance, emprestava a tudo isso um geito e uma graça de ficção a que nenhum leitor poderá resistir. Dahi o seu successo nunca esmorecido e a permanencia dos seus typos na memoria de milhões de creaturas.

campos de plantações aos "negros e montanhesees de Kentucky". Esse trecho de biographia vem illustrado com os retratos de Edgar Lee Masters e Vachel Lindsay, e em um delles este poeta se deixou photographar com a mulher e os filhos tal e qual como os nossos avós nas suas bôdas de prata.

A curiosidade intellectual nos que escrevem na outra America é tão viva e tão plastica não somente no que diz respeito ao seu paiz como tambem em tudo o mais o que ocorre fóra de suas fronteiras. Por isso mesmo Julian V. Feiss, na sua secção de critica de *The Saturday Review*, com o deflagrar da guerra entre a Italia e a Abyssinia, em uma semana se viu obrigado a commentar 5 livros sobre a Ethiopia! E não são trabalhos dedicados exclusivamente á acção guerreira do imperialismo fascista contra o povo do Leão de Judá, como se poderia julgar já á primeira impressão. São livros como o *Burners of Men*, de Marcel Griaule, um estudo sério da ethnographia e linguistica dos negros; como o de Mr. Coon, *Measuring Ethiopia and Flight into Arabia*, onde as questões anthropologicas do continente africano foram estudadas e observadas minuciosamente na sua terra de origem. Para este fim Mr. Carleton Coon lá esteve em missão especial do *Peabody Museum* da Universidade de Harward.

Gilberto Freyre já confessou certa vez que o gosto pela pesquisa, pelo estudo serio e documentado lhe foi despertado nas universidades americanas, remexendo sobre a historia da escravidão e sentindo uma volupia até então inédita de reviver e explicar factos do passado já considerados pesos mortos para o presente. Seguindo este exemplo que nos vem de um escriptor brasileiro tão familiarizado com o movimento cultural da U. S. A. devemos retribuir com viva alegria o aceno de camaradagem intellectual dos escriptores norte-americanos.

ADERBAL JUREMA

‘ ‘ MARUJADA ’ ’

Primeiro que tudo quero protestar contra as falsetas da Academia Brasileira de Letras. O que a illustre companhia herdeira do livreiro Alves, está fazendo actualmente com os concursos litterarios, deixa a gente desconfiado. Abrem-se os concursos. Concurso disto, concurso daquillo. No fim, só dá menções honrosas. O escriptor pobre não vê um nickel que seja. O dinheiro fica mesmo para ser dissolvido no “jeton” inutil.

Honras, nesta época pratica e dinamica, é coisa que ninguém quer, quem pleitêa em concurso. Só se dá o caso de ser alguém premiado se esse alguém tem situação brilhante na imprensa, é redactor ou secretario de revistas almofadinhas, póde elogiar á larga a falta de talento do sr. Laudelino Freire e mandar retocar, encabellando-a, sobre os retratos penumbrosos do Nicolas, a careca luzente do sr. Claudio de Souza.

Os ultimos premios da Academia são tão lastimaveis, que o melhor mesmo é não ser premiado, para não se vêr escriptor confundido com a refamêa de néo-litteratos em cujos contos ha sempre cocottes que bebem champagne, aventuras galantes com millionarios paulistas e damas aristocraticas ajaezadas de muitas joias vistosas.

E' por isso que os bons livros ficam do lado de fóra. Um José Lins do Rego, um Jorge Amado, um Erico Verissimo, um Jorge de Lima, todos esses grandes escriptores jovens não vão buscar premios na Academia. São premiados cá fóra por outros nucleos intellectuaes mais decentes: a Fundação Graça Aranha e a Sociedade Felipe de Oliveira.

Jorge de Lima já sahiu da Academia humilhado com uma menção honrosa, a de *Salomão e as mulheres*. Isso foi no tempo da sua ingenuidade, do seu candor litterario.

Outro que cahiú agora mesmo nesse conto, foi o sr. D. Martins

de Oliveira, aliás já premiado antes pela propria Academia com o livro *No paiz das carnaúbas*, na época em que os 40 ainda não tinham adherido inteiramente ao pão-durismo, nem dado para sonegar o dinheiro do velho Alves.

Concorrendo ao premio Ramos Paz com seu novo livro *Marujada*, que acaba de apparecer, o sr. D. Martins de Oliveira conheceu tambem o amarger dessa decepção terrivel, que é a desmoralizantê menção honrosa da Academia Brasileira de Letras.

Embora lhe tenha censurado publicamente o facto de ter entrado para a pittoresca Academia Carioca de Letras, onde ha tambem 40 immortaes-mirins, não posso deixar de reconhecer nesse jovem escriptor, “doublé” de agente da lei, autoridade intrepida que prendeu o fugitivo Febronio Indio do Brasil em Marechal Hermes, um talento dos mais vigorosos entre a gente moça do Brasil. Seu livro *Marujada* é uma obra que a Academia de Letras tinha o dever de premiar.

Porque é, sem duvida, um grande livro e mais do que isso o documento vivo, nitido, esplendido, porejante, de tradições e costumes nossos, que vão lentamente se dissolvendo com a americanização progressiva de nossos costumes.

D. Martins de Oliveira recolheu na sua fonte natural, na região do São Francisco, que fóra o scenario dos seus contos de *No paiz das carnaúbas*, precioso material para essa obra de alta expressão folk-lorica. *Marujada* não é um livro vasio e falho de sentido. Está cheio de apontamentos, de notas interessantes, de coisas curiosas. A serie de historias que constituem o livro não é apenas uma collecção de typos certeiraamente fixados.

E' mais uma analyse intelligente, uma visão de conjuncto dos costumes da região, com as suas evocações da nau Catharineta e da moirama.

Livro intenso, ha por todo elle um forte cheiro de terra. Dessa terra fecunda e infeliz que o São Francisco banha e onde se debate quasi morta uma população condemnada ao abandono...

Na collecção dos documentos folk-loricos nacionaes, *Marujada* ha de ficar como um dos mais singulares e expressivos.

R. MAGALHÃES JUNIOR

« Le Brésil »

Amigo da nossa litteratura, o sr. Georges Raeders estampa, no numero de março de *Le Brésil*, jornal das nações americanas publicado na capital da França, um lucido ensaio sobre a poesia brasileira. E' visão de conjuncto em que se percebe o criterio do homem que tudo attentamente investiga e esclarece antes de resumir as suas impressões. Aliás os trabalhos desse illustre humanista sobre a estada de Gobineau em terras do Brasil já o impuzeram como uma forte autoridade em assumptos de litteratura comparada, além de accentuar-lhe um amor pelo nosso povo que fortemente nos desvaneece.

Nelson Cunha de Azevedo — *Psychologia Educacional* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

As obras didacticas disseminadas pela grande casa de livros de S. Paulo continuam a espalhar-se por todo o paiz. Nomes illustres figuram em suas collecções. Uma vez ou outra, surge tambem um nome desconhecido para nós. Tal o caso do sr. Nelson Cunha de Azevedo, que se nos apresenta, em substancioso volume, perfeitamente em dia com os melhores factores psychologicos, nos pontos de contacto com a sciencia educativa. cremos que se trata de autor ainda não muito divulgado, mas a verdade é que a sua estrêa, se é estrêe, constitue para elle victoria immediata.

Rabelais — *Gargantua* — Athena Editora — Rio.

A' primeira vista, pareceria difficil transportar ao portuguez um livro como este, em que se amontôam as difficuldades de estylo. Com effeito, a obra prima de Rabelais vale em boa parte pelos seus imprevistos de linguagem, pela seiva pastosa dos periodos, pela abundancia de synonymos, pelos jogos e diversões vocabulares em que se compraz o homem que mais enriqueceu o idioma francez. Mas a lealdade critica nos manda reconhecer que o sr. Paulo M. Oliveira, traductor das aventuras gargantuescas, encontrou, tanto quanto possível, o equivalente vernaculo dessa narração estonteante. Quanto á apresentação typographica, simplesmente notavel.

A POESIA AINDA VIVE

Quando Jorge Amado fez aparecer o seu segundo romance, a actividade da critica litteraria brasileira voltou-se para o romancista e o romance com uma agitação quasi nunca vista entre nós. Quem é esse rapaz de vinte annos que levanta toda a inercia de nossos criticos? Que livro é esse que uns classificam de marco e no qua' outros não querem perceber nada de mais, embora contra elle se levantem com toda paixão? Que traria de mais, e que viria de novo nelle?

Os exigentes não acharam bem romance naquillo, e muitos estranharam o desprezo pela technica commumente seguida e pela linguagem amestrada e pura. Mas se ficou sabendo, que de facto, se revelava um romancista differente, cru', desabusado, mas cheio de uma rebeldia que agradava, porque no seu livro não se respira um ambiente de môfo e de phrases feitas, mas pelo contrario, alli estava um campo muito claro e muito cheio de ar, onde passeava a poesia, ao lado do material humano, mostrando que ambos podem sempre estar juntos, sem necessidade de artificios estranhos. Por isso, não enganou o jovem romancista aos que esperavam d'elle uma grande obra definitiva. Porque com sua enorme capacidade receptora da realidade e da poesia, elle nos dá esse impressionante *Jubiabá* que também saudamos como "a epopeia do negro brasileiro".

Neste romance, volta-se Jorge Amado para a vida dos moradores dos morros da Bahia, para o viver dos que trabalham nas plantações de fumo, no Reconcavo, para a vida aparentemente alegre dos circos que perambulam de cidade em cidade, mas na realidade, de uma miseria chocante. E, em torno dessa gente, Antonio Balduino, a figura empolgante, atravez da qual se desenvolve este romance admiravel, pleno de realismo e de belleza.

Nasceu Baldo, o negro, entre os homens de sua raça, sobre os morros da velha cidade de Todos os Santos. Dahi olha a cidade, sobretudo olha o mar, com seus olhos de solidão — e o mundo é seu. Corre pelas ruas, faz molecagens, anda pelos areas e o espirito livre se cimenta nesta alma boa, pura e destemida. Mas quando desce para a cidade é como se outro mundo lhe tivesse sido apresentado. O mar está mais perto e o mar o chama num appello que não sabe explicar, porque é mysterioso e não tem origem nas coisas exteriores. E segue a vida com o seu destemor, sua rebeldia, seu gosto differente, sabendo della soffrer as grandes misérias, della sabendo exaurir as suas grandezas. E o viver de Baldo é de gozo e

de dor, de alegria e de tristeza, de amor e de odio. Não corre como estes rios calmos e serenos que passam pelas nossas cidadezinhas de interior. Vae com a belleza e o impeto dos grandes rios, nas grandes enchentes.

Toda a Bahia dos negros e dos brancos, dos portos e dos saveiros, dos sambas e dos xangôs, dos botequins e das mulatas, nos apparece não como uma inexpressiva photographia mas sim como um enorme quadro, um quadro desmedido onde todos os valores plasticos se movimentam e se revestem de uma belleza raramente attingida no nosso romance. Porque, como em nenhum outro livro seu, Jorge Amado, junto a tudo isso, lançou mão do lado psychologico que, esquecido, faz do romance um simples cartaz. E o livro sob este ponto de vista, é de uma harmonia deliciosa. Seus personagens não se arrastam como phantasmas, atravez de suas quinhentas paginas; elles estão providos de almas sensiveis e de corpos differentes e se movimentam como verdadeiros humanos que são. Estão á vontade vivendo as suas vidas heroicas e anonymas e assim sem lhes deturpar os caracteres e nem lhes esbarrar o caminho que seguem, o romancista transporta-os para o seu romance, com seu talento enorme, com seu poder extraordinario de captar a vida atravez de uma sensibilidade immensa de poeta, e de um grande poeta.

Ficamos crentes, e isso com uma grande alegria, que as coisas do mundo não perderam o seu encanto. A ternura do mundo ainda continua rolando sobre elle. E para quem mais não a sente, existem talentos como Jorge Amado para mostrá-la, com livros como *Jubiabá*. Porque esta grande obra de arte é tão cheia, tão voltada para uma poesia immensa e humana e por isso tão forte, que estamos certos que a poesia não fugiu da terra.

ODORICO TAVARES

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE CULTURA

Uma bibliotheca de cultura dentro do espirito tradicional do paiz

VOLUMES PUBLICADOS :

- | | |
|---|---------|
| I — INTRODUÇÃO A' ECONOMIA MODERNA — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 10\$000 |
| II — ESTUDOS, 2. ^a série, — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 8\$000 |
| III — ESTUDOS, 5. ^a serie, — de Tristão de Athayde | 8\$000 |
| IV — TRATADO DE PEDAGOGIA, por Monsenhor Pedro Anísio (2. ^a edição) | 10\$000 |
| V — AFONSO ARINOS, — de Tristão de Athayde | 5\$000 |
| VI — A PSYCHOLOGIA DA FE', — pelo padre Leonel da Franca S. J. (2. ^a edição) | 8\$000 |
| VII — ANCHIETA, — de Jorge de Lima | 6\$000 |
| VIII — TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA, — de Everardo Backeuser (2. ^a ed.) | 10\$000 |
| IX — TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, — de Tasso da Silveira | 7\$000 |

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

DE TOKIO

"Carlitos", "Charlot", "Karl", "Charalambos", "Cho Pieh-Lin"...

E' o homem mais celebre do mundo. Não ha outro que possa concorrer com elle. Nem Mussolini nem Lindbergh, nem Hitler nem Marconi, nem Staline nem Haile Selassié. E conseguiu esse outro record: ser famoso sem ser odiado por ninguem. Os fabricantes de velas odiavam Edison como os herdeiros de todo o mundo odeiam Voronoff. Os anti-fascistas lutam contra Hitler e Mussolini. Staline irá direito para o inferno se Deus ouvir as preces de seus inimigos. E na America do Norte, por causa do enigmatico Hauptmann, já ha quem não venere Lindbergh. O pobre do Negus...

Na França o chamam "Charlot". Na Alemanha, "Karl". Na Grecia, "Charalambos". Na China, "Cho Pieh-Lin". No Brasil, "Carlitos". Elle é universal porque é humano. Sua arte é tão completa que attrae as creanças. Deante de sua figura que seria grotesca si não fosse tragica ninguem consegue permanecer impassivel.

Ha uns cinco annos elle andou pela Europa. Sahira meninote faminto da Inglaterra, onde trabalhava em pontas insignificantes nos theatros que o "Times" não annuncia. E voltava como um rei. Nunca aquella Londres grandiosa e fria delirou assim. E depois a Alemanha, onde o recebeu Hindenburg. A visita á França. Briand no apogeu de seu prestigio, deixando uma conferencia no Quai d'Orsay para homenageal-o. A Legião de Honra brilhando, não no frack ridiculo, mas no jaquetão bem cortado.

Uma destas manhãs de inverno japonez, atravessava eu o hall do Imperial Hotel quando o vi. Elle estava sozinho numa mesa, a correr os olhos pelos jornaes. Devo abordal-o? Um reporter tem direito a tudo, principalmente quando tem a chance de morar no mesmo hotel onde se hospeda um genio. Não o abordei. E elle continuou alli, indifferente á curiosidade que sua presença provocava nas damas idosas que enfeiam o Imperial Hotel, até que chegou uma comissão de japonezes para cumprimental-o.

Viagem de repouso, de nupcias ou de propaganda? Talvez as tres coisas juntas. Paulette Goddard, que não é sua esposa, mas apenas sua "leading Lady" — euphemismo delicioso... — viaja com elle. A realização do seu ultimo film, *Modern Times*, deu-lhe muito trabalho. E o Oriente é um grande mercado...

Hoje num cinema da Ginza voltaram a exhibir *Luzes da Cidade*. E' um cineminha dos mais ordinarios. E' coberto de zinco e tem as paredes de madeira. A entrada custa 30 sehn, cerca de 1\$200. Depois do almoço toquei para lá. E que vi? As senhoras mais illustres do corpo diplomatico estrangeiro de Tokio ao lado de estudantes e empregadinhas. Carlitos consegue todos os milagres...

Luzes da Cidade é desses films que a gente tem de ver duas vezes no minimo. Porque os detalhes valem tudo. Vendo-o pela segunda vez, é possivel não se preocupar com o enredo e pode-se dar importancia apenas aos detalhes. E agora, a segundo vez que o vi, o fiz em circunstancias extraordinarias. Não ha lettreiros em inglez nesse film mudo. Como comprehendel-o, posto que não ha dez, dos vinte e cinco mil estrangeiros que vivem no Japão, capazes de ler o japonéz? A empresa armou uma tribuna ao lado do *écran* e dali um *speaker* — locutor é muito precioso, não acha dr. Laudelino? — commentou o film. Mas nem o japonéz falado ainda entendo. Fui, portanto, um espectador guiado apenas pela sensibilidade. Sahi dando razão a Charlie Chaplin: o cinema falado, com os horizontes limitados pela palavra e a photographia, ainda não é uma arte. O cinema mudo ainda autoriza certos effeitos ou fantazias de montagem que permitem ao autor de modelar seu thema á vontade, segundo as situações dramaticas ou sentimentaes que provocarão no ser humano as melhores e as mais bellas reacções, isemptas de qualquer banalidade.

Numa entrevista aos jornalistas japonezes, o autor de *Modern Times*, que se annuncia para dentro de um mez em Tokio, affirmou que seu novo film virá confirmar de maneira esmagado-

Brevemente

Dr. Suíkiro Carneiro

HYGIENE E CUIDADOS PARA

COM A CRIANÇA

2º VOLUME DE

"ROTEIRO DAS MÃES"

JÁ PUBLICADO:

ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

ra sua theoria sobre a excellencia do cinema mudo. Nesse film, veremos o homem luctando contra a machina. Um homem chegado de seu logarejo, que sem nada comprehender do que se passa em redor d'elle, quer trabalhar ao lado das machinas, em uma palavra se industrializar. Tentará elle luctar, defender-se contra a mechanica que o supplanta, pouco a pouco, em todos os ramos da actividade humana. E, finalmente, será derrotado. Compreenderá então que, para viver feliz, é preferivel cultivar com suas proprias mãos um pedacinho de terra, ou destruir as machinas...

Como vemos, trata-se de uma satyra, e de uma satyra cruel dos tempos modernos. Mas de onde partiu a idéia? Não sabem? De Moscou! Sim, pacatos e burguezissimos admiradores do genio de Mister Charlie Chaplin, Staline é mais poderoso do que pensavamos. Seu portavoz Egon Erwin Kirsh naquella seu esplendido livro *Paraíso Americano*, conta como elle e um *metteur-en-scène* sovietico conseguiram convencer o autor de *Luzes da Cidade* da necessidade de imprimir a esse film, então em elaboração, o amargor que nelle sentimos. E agora, em Moscou, a dra. Tonka Rei-Taldy — um dos autores daquelle film de primeira ordem que se chama *A Severa*, e que actualmente se acha na U. R. S. S. trabalhando, já tendo produzido *Padrugi*, que é uma das maiores realizações cinematographicas que já me cahiram sob os olhos —, agora em Moscou, a dra. Tonka-Taldy, a quem tive a fortuna de conhecer na Italia ha cinco annos atraz, informou-me de que *Modern Times* foi adquirido pelo governo sovietico para ser exhibido nos cinemas sovieticos.

Contei num artigo mandado de Moscou que os espectadores da União Sovietica nunca viram um film de Greta Garbo. O controle sobre a producção estrangeira é alli de uma severidade inaudita. *Viva Vila* foi exhibido, mas mutilado. Só o facto de *Modern Times* ter sido adquirido pelos Soviets diz de sua orientação. Mas isso não é tudo. Declarou-me a dra. Tonka Rei-Taldy, aliás com um grande orgulho, que o novo film de Carlitos teria terminado de outra maneira se em Hollywood não tivesse apparecido um *metteur-en-scène* sovietico, que lhe deu o rumo adoptado.

Mas que importa? Carlitos é Carlitos. Nem Staline conseguirá abatel-o.

JOSE' JOBIM

Uma Poetisa de Lingua Franceza

Acaba de ser bastante festejada em França a brilhante poetisa Beatriz Reynal, descendente de uma familia da Provença e que se fez conhecida aqui no Rio através de versos divulgados pelos nossos diarios mais prestigiosos.

O embaixador Souza Dantas apresentou-a á imprensa e aos meios litterarios de Paris, sendo indiscutivel o successo, alli, da manejadora de rythmos que revivem com tanta delicadeza estados de alma da infancia e da adolescencia. Suas canções foram lançadas pelas Editions Musicales do Petit-Duc e irradiadas pela estação da Torre-Eiffel, além de estarem merecendo a gravação da casa Pathé. E muito breve o mais famoso dos editores de lá, esse infatigavel Grasset que é tambem homem de lettras e escreveu coisas curiosas confrontando o ensaio e o romance, estampará o seu volume *Poèmes et Chansons*, onde se encontram as notas mais significativas desse talento de neta de provençaes florido em terras da America.

Mas no que se deve insistir é na acolhida dos grandes nomes da litteratura de França á poetisa que os visitava. Colette, reputada hoje a primeira estylista do romance francez e a mais surpreendente creadora de metaphoras do tempo, viu em Beatriz Reynal "la poésie même". Um homem irritadiço, esse Lucien Descaves que vive a brigar com os collegas da Academia Goncourt, offereceu-lhe livros com dedicatória autographa das mais expressivas. Recebendo-a numa casa cheia de obras de arte, Francis Carco, o adoravel aquafortista do Paris nocturno, mostrou-se tentado em vir ao Brasil e em escrever algo sobre a nossa terra. Albéric Cahuet, floricultor de almas singulares de amorosas, biographo de Marie Bashkirtseff e da Julie de Lamartine, deu-lhe muita attenção aos versos. Dois Paulos, Paul Reboux e Paul Géraudy, mão grado a diversidade de temperamentos, um ironico e parodista, outro romanesco e sentimental, encorajaram-na a publicar os seus poemas. Remanescente glorioso da escola naturalista, o prosador Paul Brulat mostrou-se-lhe tão gentil quanto esse irrequieto Maurice Dekobra, soffrego sempre de modernidade e que possui a domicilio salas que imitam salão de bar, vagão de trem de luxo e cabine de transatlantico. Nem se esqueçam as carinhosas expressões recebidas de Miguel Zamacois, o hespanhol que venceu em Paris e chegou a ser interpretado por Sarah Bernhardt, e os deliciosos passeios em companhia de Marcelle Marty, esposa do grande pintor Marquet. E, quanto ao escriptor Étienne Grill, destacou de prompto os versos em que Beatriz Reynal, sonhando viver no campo, assim conclue:

J'aurais aperçu les vieux hêtres,
Chaque matin, de ma fenêtre,
Tout simplement.

Et j'aurais lu parmi le lierre
Le passé sur les vieilles pierres...
Tout simplement.

Je serais partie sans tapage
Au cimetière du village,
Tout simplement.

Tristão de Athayde — *O Espírito e o Mundo* —
Livraria Editora José Olympio — Rio.

Grande critico das lettras brasileiras, o sr. Tristão de Athayde não é menos estimavel quando se refere aos escriptores europeus ou norte-americanos. Este seu livro, *O Espírito e o Mundo*, reúne ensaios dos mais fortes a proposito de autores de alta significação na cultura de hoje. Fnem só os litteratos puros são evocados pelo sr. Tristão de Athayde, mas tambem os pensadores, os pesquisadores de problemas sociaes, especialmente no que concerne á vida religiosa. Dominando um potencial de erudição que ninguem eguala entre nós, o sr. Tristão continua a mostrar-se, em obras dessas, perfeitamente á altura da sua função de director de espiritos.

D. Martins de Oliveira — *Marujada* — Editora
Record — Rio.

Série de narrações relativas á bella região banhada pelo rio São Francisco, região de tantos aspectos ainda inexplorados pelos colleccionadores de documentos humanos. O sr. D. Martins de Oliveira, que estreou victoriosamente com o livro *No Paiz das Carnaubas*, retorna agora ao seu povo e á sua zona predilectas, offerecendo-nos suggestivos detalhes, que valem bastante pelo interesse social ou paizagistico, e não menos pela vasta colheita de informações folk-loricas recolhidas directamente pelo autor nos dias de infancia e adolescencia. A edição, muito bem cuidada, é do brilhante edito Antonio Simões dos Reis, cuja actividade se destaca por um caracter accentuadamente nativista.

O Romance e o Conto em 1935

O anno de 1935 foi um anno propicio para a nossa litteratura de ficção, embora não nos tenha proporcionado quasi nenhuma revelação, e até se caracterise por alguns fracassos ruidosos. A unica estréa digna de referencia foi a do sr. Dionelio Machado, um dos detentores do "premio Machado de Assis", com o romance *Os ratos*, em que ha, realmente, um grande fixador de vida, que ainda não achou a expressão litteraria correspondente ao seu talento de romancista. (Os outros autores distinguidos com o mesmo premio não são estreantes, nem acrescentam nada ao seu renome litterario). O sr. José Americo de Almeida publicou *Boqueirão e Coiteiros*, que estão muito longe de despertar a melade do interesse de que, ainda hoje, desfructa *A Bagaceira*.

Outra decepção foi o apparecimento do *Salgueiro*, romance ultra-metaphysico do sr. Lucio Cardoso, autor que tanto barulho de critica causou com a publicação de *Maleita*.

Escriptores como Amando Fontes, Mario de Andrade, Gastão Cruls, José Geraldo Vieira, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e Rachel de Queiroz, permaneceram calados, preparando novos livros ou, quando muito, se limitando a reedições.

Em compensação, tivemos algumas affirmações, no romance e no conto, que assignalam um dos momentos mais brilhantes da nossa evolução litteraria. Quero falar dos livros dos srs. Jorge de Lima, José Lins do Rego, Erico Verissimo, Jorge Amado e Affonso Schmidt.

O sr. Jorge de Lima conta, em *Calunga*, a historia dos cambembes roídos de maleita e de verminose das terras do sururu.

A narrativa está cheia de ataques ao governo e aos inglezes da Great Western, mas tudo isto resulta em mera attitude litteraria, porquanto o autor não tira nenhuma conclusão dos fa-

ctos, nem aponta caminhos. Adepto, quando muito, das meias soluções, o sr. Jorge de Lima parece mesmo inclinado a acreditar na inferioridade racial dos seus cambembes, incapazes de sacudir por si mesmos, a miseria secular em que vivem. Basta attentar no exemplo de Lula, empenhado em arrancar a sua gente da lama, por meio de processos educativos, e, afinal, arrastado, tambem na voragem...

Mas, si o livro é inteiramente errado, do ponto de vista social, é impossivel negar as altas qualidades do romancista e do escriptor. As paginas em que elle descreve o santo do Canindé são das mais expressivas, pela movimentação, que possúe a nossa litteratura. Escrevendo numa linguagem nova, com uma technica inteiramente nova e sabendo transmittir ás suas creaturas um sôpro de vida real, tivesse o sr. Jorge de Lima uma melhor comprehensão dos problemas sociaes e teriamos nelle, sem duvida, o mais original e o mais brasileiro dos nossos romancistas.

O moleque Ricardo talvez seja o mais mal escripto dos livros do sr. José Lins do Rego. A narrativa se conduz um pouco arrastada e monotona até o fim, insistindo, por vezes, em detalhes insignificantes, dando a impressão de que o autor não teve tempo de polir o seu trabalho. O unico trecho capaz de sacudir os nervos do leitor é o trecho final, a revolta de seu Lucas, na macumba.

O moleque Ricardo, fugido do engenho Santa Rosa, vem para o Recife, onde leva uma vida

cheia de preocupações cerebraes, de quem tem, possivelmente aspirações a pequeno-burguez. O typo, bem considerado, não deixa de ser um bocado artificial sinão litteratizado, para um moleque sem instrucção, mal sabido da cosinha do Santa Rosa.

Na padaria onde trabalha, porém, vae, aos poucos fraternizando com o soffrimento dos companheiros, até que uma greve geral, habilmente explorada por um caudilho sem escrúpulos, lhe dá consciencia de classe, indo parar, com os demais grevistas, na ilha de Fernando de Noronha. Felizmente, Carlos de Mello, agora estudante de Direito, poucas vezes apparece, não chegando nunca a intervir nos acontecimentos.

E' este o primeiro romance do escriptor parahybano que focaliza o ambiente da cidade. As agitações politicas dos estudantes, bem como a vida dos moradores dos mocambos do Recife, estão ahi admiravelmente descritas, muito embora o autor não tenha perdido o gosto das repetições e das evocações inuteis, que tanto prejudicam a força da narrativa. De qualquer sorte, porém, estamos diante de um dos maiores livros do sr. José Lins do Rego, e que abre novos rumos á visão do romancista.

Não tem faltado quem queira mostrar no *Caminhos Cruzados* a influencia dos processos de Huxley, no *Contraponto*. Não gosto dessa critica, que se perde em divagações, para mostrar cultura, ou quer dar a entender que mesmo o que de melhor se escreve no Brasil não passa de reflexo da producção litteraria do estrangeiro. O romance do sr. Erico Verissimo vale pelo que é, sem necessidade de paralelos. A innovação da technica, com os seus cortes bruscos, de que se servem os dois romancistas, resulta dos proprios contrastes de uma sociedade sem con-

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance das creanças

sistencia, historicamente condemnada ao desaparecimento.

O livro do escriptor gaúcho é o retrato fiel da burguezia e da pequena burguezia de qualquer grande cidade do Brasil, com o seu cortejo de novos-ricos, de damas de caridade, de bacharéis bem falantes, de imitadoras de artistas de cinema e de humildes leitores de romances de aventuras, — tudo isso focalizado através da lente de um romancista sem partido, mas rigorosamente honesto nas suas conclusões. E é, também, a resposta do sul, nesta hora em que tanto se falla em litteratura do norte.

A critica do *Jubiabá* não póde caber nos limites deste balanço, tão rico de sugestões me parece o livro do sr. Jorge Amado. Aguardo outra oportunidade melhor, para estudal-o mais detalhadamente. Por ora, quero, apenas, dizer o que penso do ultimo volume do escriptor bahiano, em relação aos anteriores.

Jubiabá é, rigorosamente fallando, pela grandiosidade do assumpto e pela segurança da technica, o primeiro romance do sr.

Jorge Amado. *O Paiz do Carnaval* é um ensaio. *Cacau* é um poema. *Suor* é um pamphleto. *Jubiabá*, porém, é tudo isto, porque é um romance. Sómente aqui se sente que o romancista chegou á plenitude, dando-nos o seu livro definitivo. A raça negra do Brasil encontrou, afinal, a sua epopéa em prosa.

Livro definitivo? Devo estar enganado. Que não será licito esperar, ainda, de um escriptor que, aos vinte e tres annos de idade, escreve *Jubiabá*?

Os contos do sr. Affonso Schmidt, enfeixados em *Curiango*, na sua maioria não são inéditos, constituindo, antes, uma collectanea de volumes esgotados como *Os Impunes* e *Pirapora*. Isto, porem, não diminúe o interesse do livro, ao meu ver, um dos mais bellos volumes de contos que possuímos, sómente comparavel, até certo ponto, á *Ronda do Deslumbramento*, do sr. José Geraldo Vieira. Escrevendo no mais puro vernaculo e trahindo, até, certa preferencia para com os archaismos e para com os termos pouco vulgares,

desses que levam, constantemente, ao dictionario, os leitores menos cultos, não admira que se trate de um escriptor de pequena tiragem, enquanto certas mediocridades, fabricantes de historietas para namorados, alcançam verdadeiros exitos de livraria. E é pena que assim seja, porque os contos do sr. Affonso Schmidt não valem apenas pela forma, mas pela substancia, pelo conteúdo ideologico, merecendo ser lidos por um publico mais numeroso.

Aliás, o sr. Affonso Schmidt, que é um espirito liberto de preconceitos nacionalistas é, por isso mesmo, o menos brasileiro dos cultores desse genero litterario no Brasil. Psychologo de typos cosmopolitas, tendo sido, mesmo entre nós, um precursor da litteratura de acção social, não fôra o entrave da lingua em que escreve, a que já o velho Herculano classificava de "tumulo do pensamento", e poderia figurar, como conteur, ao lado dos nomes mundialmente conhecidos de um Gorki ou de um Ehrenburg.

ALVES RIBEIRO

Antonio de Alcantara Machado

Estão para sair varios volumes posthumos de Antonio de Alcantara Machado. A perspectiva deste novo prazer litterario para o nosso espirito e a appareição, agora, de um commovido "in-memoriam", em que se colligem tantos trechos de amigos de Antonio, reintegram em nossa admiração um dos homens que mais probamente serviram as lettras nacionaes. Alcantara Machado zelou sempre pela pureza e dignidade de uma carreira que tantos outros convertem apenas em ponto de passagem para a obtenção de polpudos empregos ou em pretexto para brilharetos que a rigor nada têm a vêr com a litteratura e melhor se enquadram na rubrica jornalística das "mundanidades". Foi o contista modelar da sua geração. Modernista a valer, contou como um classico. Vivendo numa época de tumulto, numa sociedade que a invasão cosmopolita parece conduzir á mediocrização dos typos, viu com argucia os casos particulares da sensibilidade, distinguuiu, entre milhares de meninos incaracteristicos, um garoto immortal: o Gaetaninho do Braz, Bexiga e Baria Funda. E foi além disso o viajante bem humorado do Pathé Baby; o periodista do *Diario da Noite*, obrigado ao artigo quotidiano, muitas vezes dictado ás pressas, mas nem por isso desdenhavel; o politico de trinta annos que talvez pudesse dar muito conselho sensato a varões do dobro da idade. Nestas paginas de homenagem posthuma, todos lamentam a creatura encantadora que perdemos com a morte de Antonio. Mas o desmoronamento de um homem, doloroso que seja, é, no caso, compensado por essa garantia de sobrevivência através de livros já agora incorporados á nossa melhor historia litteraria.



DA ETERNA POESIA

Num inquerito ha pouco realizado em Paris, André Thérive salientou a posição a que ficou reduzida a poesia, divertimento esteril e mysterioso, enquanto o romance, de tão transcendente estrutura, investiga os casos excepcionaes de psychologia do inconsciente.

E Ventura Garcia Calderon, commentando a *Iniciação á litteratura de hoje*, de Emile Bouvier, accentua que ha actualmente na França um preconceito indestructivel contra tudo que não fôr expresso com clareza. Assim o vago, o impreciso, o illimitado pelos vapores da fantasia, não têm curso favoravel nos domínios de Marianne. A reacção contra os falsos sentimentos e os vocabulos preciosos data das primeiras luctas romanticas. Garcia Calderon revive uma opinião de Mornet, que encerra profundo espirito critico: a historia da poesia, e, em parte, a de toda litteratura nos seculos XIX e XX, são as historias da renuncia á clareza classica. As palavras guardam uma secreta magia, um sentido de liberdade, que nenhuma nota musical possui.

Observa Calderon que o estylo francez varia entre o crystal de rocha com irisações simultaneas de Valery e o arabesco infinito da phrase de Proust, e ao revés dos architectos do seculo XVI, "enfermos de subtilidade", os esthetas actuaes procuram a zona meridiana, a limpidez que só a essencia das épocas de alta indagação poderá permittir.

O lyrismo desprevenido dos modernos é um gesto de simplicidade e de pureza. Todo elle converge para a unidade integral — unidade do homem, unidade da natureza; e as terras, mares, oceanos, florestas que absorvem, como a ternura com que nos diz a belleza das cousas humildes, condensam theorias e syntheses do mundo, cuja clareza constitue um dom, um poder selectivo da alma contemporanea.

Luc Durtain é um amoroso dessa poesia secreta. A' maneira de Cartault, elle sabe transmittir todo o deslumbramento da poesia latina; como Madison Grant, desdobra em largos paineis o declinio das grandes racas; á feição de Okakura, conta-nos através imagens peregrinas os ideaes, as tendencias e as forças mysteriosas que conduzem o oriente.

Durtain veio demonstrar-nos que ainda ha lugar para a poesia lyrica, no heroismo e no sacrificio, na doçura e no desespero desta hora. Elle considera a poesia uma das forças mais poderosas da nossa vida. Só os poetas imprimem ás cousas o seu valor verdadeiro; e os valores essenciaes foram novamente postos em equação, em todo o universo, pela guerra e as amarguras actuaes. O autor de *Quatre continents* distingue a esthetica do inconsciente e a do choque e da surpresa. A esthetica de Ivan Goll, o transicionismo de Soupault, o cubismo fantasista de Apollinaire, o unanimismo de Chennevière dominaram por muito tempo os creadores livres e audazes da America latina, e dessa influencia ficou apenas a technica do lyrismo geometrico.

A poesia é função do tempo. Poderá reflectir uma arte proletaria, na Russia, uma arte religiosa, em Roma, uma civilização de essencia espiritual, em Paris.

No mysticismo de Paul Claudel, que é uma nova lithurgia, Luc Durtain exalta uma voz que se dirige directamente ao nosso coração; em Valery, o visionador do tragico universal; em Duhamel, a "parlure française"; em Jules Romains, a energia do pensamento e a graça dos conceitos subtis. A simplicidade dos elementos da construcção poetica, a humanidade dos gestos quotidianos, a idéa radiante da vida, o jogo dos destinos eternos, nessas forças sem contraste se fixam as bases da poesia moderna.

Luc Durtain recolheu, sem duvida, a amarga lição dos tropicos. Esses mares agitados, essas montanhas soberanas, essas luzes claras que fazem das cidades americanas um poema de infinita alegria, inspiram paradoxalmente uma litteratura de melancolias e frivolidades. E, por isso Luc Durtain, limitou-se a condensar as "interrogações ansiosas", as forças nativas, o movimento perenne da alma franceza. Da poesia que elle nos revelou, do cubismo, do expressionismo, sem os artificios excessivos do surrealismo, do cubismo, do expressionismo, resalta a França moderna, ávida e prophetica, profunda e inquieta, concentrada e simples. Luc Durtain, idealista sob dias annuviados, sorridente sobre a terra abalada, fez-se o portador do ramo de louro da geração que defendeu no "front" os ideaes politicos da França e espiritualizou a vida em metros cheios de belleza, de confidencia, de consolo e de ternura.

BEZERRA DE FREITAS

J. A. Nogueira — *Amor Imortal* — Federação Espirita Brasileira — Rio.

Temos aqui a terceira edição de um romance que foi acolhido com louvores irrestrictos de Alberto de Oliveira, Osorio Duque-Estrada, Sud Mennucci, Augusto de Lima, Godofredo Rangel, José Oiticica e Agrippino Grieco. O sr. J. A. Nogueira, que pertenceu ao grupo litterario do "Minarete", de que falla Monteiro Lobato em paginas das *Cidades Mortas*, é um nobre escriptor que fugiu sempre ás exhibições cabotinescas dos seus meritos de intellectual. Autor do *Paiz de Ouro* e *Esmeralda*, bello volume de sociologia romanceada, e do *Sonho de Gogantes* série de estudos intelligentemente nativistas, mostra-se de uma grande capacidade de meditação ao reportar-se aos seres extra-mundo. Mesmo não accetando na integra os postulados emitidos pelo sr. Nogueira em seu ensaio referente ao espiritalismo moderno, forçoso é admirar o vigor e a belleza destas "narrativas de uma dolorosa iniciação nos mysterios da Morte e do Além".

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Eduo Penafiel	MECANOGRAFIA	9\$000
Aristides Ricardo	NOÇÕES DE HYGIENE ESCOLAR	8\$000
Carneiro Leão	PRATICAS DE FISICA — 1.º vol.	6\$000
Karl Weissmann	OUR ENGLISH TEACHER	13\$000
Arno Arnold	EXAME MEDICO NOS ESPORTES	15\$000
Nelson Cunha Azevedo	PSICOLOGIA EDUCACIONAL	10\$000
A. M. Aguayo	PEDAGOGIA CIENTIFICA	16\$000
Cassiano Ricardo	MARTIM CERERÉ	6\$000
Aristides Ricardo	BIOLOGIA APLICADA A' EDUCAÇÃO	12\$000
Thales Martins	GLANDULAS SEXUAIS	45\$000
Manoel Victor	NOÇÕES DE DIREITO CIVIL E DIREITO CONSTITUCIONAL	8\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILISAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco.
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389
RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE MAIO

HUMBERTO DE CAMPOS **Brasil Anedotico** 6\$000.

PROXIMAS EDIÇÕES NO PRELO

JOSE' LINS DO REGO	Usina	(Romance)
GRACILIANO RAMOS	Angustia	"
LUCIO CARDOSO	A Luz do Sub-Solo	"
JORGE AMADO	Mar Morto	"
"	Cocau (nova edição)	"
"	Suor " "	"
ARTHUR RAMOS	Introdução á Psychologia Social	
ALMIR DE ANDRADE	Da Interpretação na Psychologia	
XAVIER MARQUES	Terras Mortas (Contos)	
JOSE' AMERICO DE ALMEIDA	A Bagaceira (nova edição)	(Romance)
BENJAMIN COSTALLAT	Paysagem Sentimental	(Cronicas)
PLINIO SALGADO	Geographia Sentimental	
"	Palavra nova dos tempos novos	
MIGUEL REALE	Actualidade de um Mundo Antigo	
RODRIGO OCTAVIO	Minhas Memorias dos Outros - Ultima série	
ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO	Mana Maria (Contos)	
HUMBERTO DE CAMPOS	Reedição de toda a Série Conselheiro XX	

NOVIDADES

CARMEN D'AVILA

Boas Maneiras — 2.ª
ed. — Breviario de
Bom Tam — broch. . . 10\$000

JOSE' DE ALENCAR

O Guarany — vls. 41 e
42 da Collecção Sip —
cada vol. 2\$000

VICTOR HUGO

Os Homens do Mar —
Nova ed. — 2 vols. da
Collecção Sip. — ca-
da vol. 2\$000

VICTOR PAUCHET

O Caminho da Felicidade —
nova edição —
brochado 5\$000

GUSTAVO BARROSO

Espirito Seculo XX —
brochado 6\$000

Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

Cinema

Sonho de uma noite de verão (A Midsummer night's dream) — Warner Bros — First National — Direcção — Max Reinhardt e William Dieterle. — No elenco figura uma verdadeira constelação. Uma porção de actores pertencem ao "stardom": Dick Powell, James Cagney, Joe Brown.

Teodomiro Tostes teve razão de dizer que o grande Bill ficaria contente se assistisse a essa produção.

A gente não comprehende como um theatro igual ao do tempo de Shakespeare de scenario pauperrimo, sem iluminação, sem nenhum recurso technico podia emocionar o publico de então. Era preciso uma innocencia, uma candura, uma ingenuidade, inconcebiveis nos tempos que correm.

O que é facto é que ainda hoje o theatro com o "décor" e a encenação classica não consegue dar-nos uma representação que satisfaça da obra do genio de Stratford-on-Avon. Assisti aqui ao Rei Lear com Ermete Zaccone e sua companhia. Tive a impressão de uma opera bufa. O rei Lear era um verdadeiro baixo profundo. O postigo apparecia atrevidamente a cada passo. Uma verdadeira profanação.

Nunca tivemos aqui nada que lembrasse Gordon Graig e que nos pudesse dar a illusão do irreal, do imaginoso da representação subjectiva.

O caso presente é diverso. O fundo musical cria para as imagens um ambiente de sonho, de phantasia que o theatro jamais obteria.

Vendo esse film a gente viaja mesmo pelo paiz delicioso do sonho. Só se volta ao desconforto da vigilia quando as notas finaes da partitura musical arrebatam-nos da terra maravilhosa da magia.

O sonho se passa na terra, mas numa verdadeira "Wonderland", onde os seres são leves, tem azas, mal tocam o chão. Todos aquelles entes que povoam as nossas lendas infantis — as fadas os genios, os gnomos — ganham realidade.

Purck, o diabrete executor das ordens de Oberon, rei das fadas, faz do coração dos homens um juguete da sua phantasia. Titania e seu cortejo são bellas como feixes de luz.

A noite povôa a floresta de todos os mysterios impossiveis creados pela imaginação aterrorizada dos homens. Só a luz do sol é que consegue desfazer esse encantamento. O momento em que toda aquella multidão de seres estranhos, todas aquellas criaturas de pesadelo vão desapparecendo no mundo da treva, vão seguindo sob o manto negro de Oberon para terras desconhecidas — fadas bailando, gnomos tangendo esquisitos instrumentos. Oberon todo vestido de sombra, Titania toda luminosa — é um puro instante de belleza.

O "intermezzo" representado por Snig, Bothom, Quince, Starveling é impaga-

vel. Joe Brown é o mais gosado dos Starveling possiveis. Ri-se a bandeiras despregadas.

Sonho de uma noite de verão faz comprehender porque se fala na Inglaterra em "Shakespeare Idolatry" e porque o estudo da obra do grande poeta ainda divide os homens em escolas. E' preciso ser um verdadeiro Deus para arrancar lagrimas e gargalhadas dos homens a uma distancia de quatro seculos. Evidentemente o nosso mundo é pequeno demais para que se produza mais de uma vez o phenomeno Shakespeare.

A pequena rebelde (The Littlest Rebel) — Produção 20 th. Century — Fox — Em varios outros estudos tenho exaltado essa grande capacidade dos americanos para evocar admiravelmente esse passado proximo de sua evolução politica, social e ethnica, a sua grande obra de povo creador. A guerra de secessão, as luctas contra os indios, o heroismo dos pioneiros constructores de cidades, têm dado excellentes produções cinematographicas.

A Pequena Rebelde é um episodio interessante da grande luta fraticida. A scena de abertura — festa de anniversario da pequena Virgie Cary — é cheia de graça, de donaire, de fina ironia, na apresentação dos costumes dos antepassados. O minueto dansado por crianças! As calças compridas, os badinhos das meninas, a pose dos cavalleirozinhos! Uma maravilha! Virgie é o centro de todo esse encantamento de conto de fadas.

No meio de tanta alegria é que chegou a noticia de que a guerra estalára, dividindo a União em dois campos irreconciliaveis.

O que isso custou em dôr, em angustia ás esposas, ás mães, a todos os corações amorosos, David Butter nos mostra em scenas inesqueciveis.

Para pôr termo ao soffrimento, no longo calvario da joven democracia, só o coração cheio de ternura cheio de bondade, só a energia suave de Abraham Lincoln. E elle offereceu-se em holocausto "to preserve the Union". Esse Nazareno politico fez da União Americana uma ampliação de sua familia. Bella realização de David Butter. Frank Mac Glynn em Abraham Lincoln está cercado por um halo luminoso de bondade.

A piedade heroica do Coronel Morrison está magnificamente incarnada na figura mascula, energica de Jack Holt. O bello capitão Cary tem em John Bole uma excellente personificação. Shirley Temple é inimitavel em Virgie Cary. Não sabemos o que mais admirar nessa criança extraordinaria, si a belleza, si a graça, si a intelligencia. E não esqueçamos nunca de que Bill Robinson (Tio Bill) é uma grande figura do écran, é um actor de qualidades excepcionaes. Toda a capacidade do negro para a dedicação cega, para o interesse integral, para amar até o esquecimento de si mesmo, concentram-se

na figura do Tio Bill ora risonho, ora triste, ora carinhoso, ora valente, mas sempre á altura dos acontecimentos. Diante de Bill Robinson não se deve falar em possibilidades, potencialidades scenicas da raça negra, porque elle já é uma magnifica realização.

Juntamente com esse film foi exhibido um optimo "short" nacional da Fortaleza Film. Esse trabalho nada fica devendo ás produções estrangeiras do genero e é superior a um sem numero dellas.

O film nos apresenta Itaipava, admiravel recanto para veraneio. A natureza amena, suave, é um insistente convite para o repouso integral, para o repouso da alma e do corpo. Photographia magnifica pela nitidez, pela clareza que mostra de detalhes significativos. Films dessa qualidade constituem uma bella propaganda da produção nacional e podem ser exhibidos ás plateias mais exigentes.

Coração de Filho (Dinky) — Warner Bros First National — Não é uma produção extraordinaria, que sobressaia consideravelmente dos demais films de linha. O "plot" é bastante corriqueiro. Uma senhora trabalha numa determinada companhia, cujo presidente é um "scroc". Abusando da boa fé da empregada elle fal-a assignar varios titulos falsos, sendo que o mais importante delles, no dia em que a pobre está a sahir, apressada, para visitar o filho no Collegio Militar em San Diego.

O culpado foge e Mrs. Daniel é presa como cúmplice. A justiça consegue condemnal-a a 2 annos de prisão.

O advogado faz tudo para que o menino não saiba do que aconteceu. Mas a mãe do orgulhoso Jackie Shaw leva ao collegio a noticia e diz ao director que seu filho não se pode hombrar com o filho de uma ladra.

Essa miseria em absoluto não consegue afastar do bom Dinky, do exemplar Dinky, do "darling" de todo o collegio e do asylo de orphãos que fica junto, a sympathia geral.

O film é um excellent estudo de caracter. O menino Dinky abandona o collegio, foge e só consente em voltar para o asylo de gente pobre.

O advogado Marsden acaba obtendo a absolvição da sra. Daniel e tral-a para assistir a uma partida de football entre os teams vizinhos.

O "team" dos asylados está perdendo, Dinky é o captain. Quando elle vê a mãe entre os assistentes, torcendo, animando-o, elle emprega-se de tal forma, que dá a victoria ao seu quadro. Engraçadissimos "gags" de Armetta.

Mary Astor perfeita no seu papel de mãe carinhosa, dedicada.

Jackie Cooper é um Dinky cheio de coragem, cheio de bondade, transbordante de sympathia humana.

Coração de Filho é uma produção de alto valor educativo, um bello exem-

Artes Plasticas

plo de dedicação desinteressada, capaz de desenvolver o alto potencial affectivo que ha no coração de todas as crianças.

"Dominador dos Mares" (British Universal Picture) — Direcção — Arthur Woods. — Trata-se do estudo de uma phase decisiva na historia da Inglaterra. Dahi em diante o destino da Inglaterra não mudou, manteve uma direcção uniforme.

A victoria de Lepanto, em que os turcos foram completamente derrotados, e em que tomou parte o autor do "Ingenuo Hidalgo", dera á Hespanha a hegemonia maritima. Mas Felipe II queria mais. Queria arrazar a esquadra britannica e conquistar a Inglaterra, para estender pelo mundo todo o dominio da Igreja Catholica.

Preparou para isso uma formidável esquadra — a Invencible Armada. E' contra ella que a figura de marinheiro de Francis Drake ganha um relevo extraordinario. E' nessa batalha que a rapidez de manobra, a precisão de tiro a calma, o sangue frio, põem a victoria para o lado dos inglezes, e entregalhes o contróle dos mares, que já mais viriam a perder.

O film é uma bella producção, com todos os defeitos do film historico. Não quero falar apenas do "costume", mas do modo de viver, do estado de espirito da epoca, cheio de traições, de intrigas, de vinganças, ao lado das dedicações mais sublimes, dos heroismos mais desinteressados.

As sequencias da construcção da esquadra hespanhola são inesqueciveis. Grandiosidade dos immensos Galeões, cheios do orgulho de velas enfunadas, inchados de marinheiros muito vestidos e muito bordados.

A cõrte da rainha Izabel (Good Queen Bess) revive aos nossos olhos espantados, ressuscita.

A celebre passagem do jogo da peia antes da batalha é outra perfeita realização. Francis Drake, avisado de que a esquadra inimiga estava á vista, respondeu num prodigio de calma e dominio de si mesmo: acabemos primeiro a partida.

E não tenhamos duvida de que o Francis Drake do seculo XVI não podia ser differente da figura de Matheson Lang, grosso de musculos, largo de espaldas, tonitroante de voz e animado pelo ideal altissimo de fazer da velha "Albion" a eterna senhora dos mares.

Como se fabrica porcellana — Short do Art Film.

E' um dos melhores films educativos que temos assistido. Excellente quanto ao valor artistico e quanto á tecnica. O film põe em evidencia o incomparavel poder de analyse da "camara" capaz de ver de todos os lados, de se collocar em todos os angulos, de apresentar as cousas por todas as faces, com todos os tamanhos. A maneira por que foi conduzida essa producção é uma

Ha dias o jornal de Paris *Beaux Arts* divulgava a noticia de que o celebre processo de pintura usado pelos Van Eyck, graças ao qual, ainda hoje as suas telas apresentam um perfeito estado de conservação e uma frescura de colorido surpreendente, havia sido redescoberto.

Devia-se este formidável acontecimento a M. Maroger e M. Malouf, conservadores de um dos Museus de França.

A noticia tinha entusiasmado o meio artistico e dizia-se que o conhecido pintor moderno Raoul Dufy, já applicara ás suas obras o notavel processo.

Para melhor divulgação foram ouvidos varios technicos no assumpto.

No proximo numero, nos propomos a transcrever as opiniões colhidas, entre as quaes de encontra a de M. Coignat, chimico-chefe do Banco de França, informando precisamente o que se refere á applicação do processo pictural por emulsão.

A Hespanha, que occupa na historia da arte um lugar de primeiro plano, conta na sua pintura com dois nomes que cada vez mais se fazem conhecer no mundo.

São Daniel Vasquez Diaz e José Gutierrez Solana.

Vasquez Diaz, acaba de executar no mosteiro de Santa Maria de la Rábida, uma serie de extraordinarios "a frescos", inspirados na historia de sua patria. O seu thema preferido foi a epoca dos descobrimentos.

Trata-se de uma obra solida e completa, de um mestre para quem o desenho e a composição não oppõem senão motivos de grande harmonia.

Solana, o estranho pintor das mascaradas tragicas, acaba de expor em Paris, onde a sua obra perturbadora e rica de imaginação, provocou um muito grande successo.

obra prima de tacto, de bom gosto, de discreção e deixa mais uma vez evidente a superioridade do silencioso sobre o "talkie". Além disso não vemos nem uma vez o semblante dos operarios que fabricam a porcelana. Vemos apenas as mãos delicadas, acariciantes, mysticas.

A porcelana vae tomando forma, miraculosamente, como se fosse uma emanção do corpo dos artistas, como se fosse uma formação ectoplastica, saindo do corpo de um "medium". Não ha um unico letreiro, um unico subtítulo. E' cinema puro, só imagens em movimento. Apenas um "speaker" explicando inutilmente o que a gente está vendo. Mas pode-se fazer de conta que não se ouve.

Como se fabrica a Porcelana é um consolo no meio de tanta patacoada, de tanta indignidade, tantos absurdos.

A. G. O.

O grupo "Temps présent", do qual o segundo salão se abriu recentemente em Paris, não é uma reunião de extreantes. Artistas já consagrados, como Lhote, Gromaire, Alix, etc., são os seus dirigentes, procedem severamente á escolha das obras e não se sentem diminuidos em expor ao lado de pintores novos. Qual o programma? Lhote no-lo faz conhecer numa advertencia:

"Quem não ousa lutar contra o conformismo dominante não pode estar connosco". O conformismo contudo não está completamente morto em alguns dos jovens pintores. Mas o conjunto tem uma grande unidade. Destacam-se em primeiro plano o consideravel trabalho do Gromaire — *O Inutil* — Lhote expõe duas magnificas telas; e as enviadas por Braque, Bonnard, Dufy e Picasso são de qualidade. Destacam-se ainda os trabalhos de Leguenet, Kars, Verité, Lurcat, Goerg, Limouse, Bazaine, Desmoyer, Detthow, Walch e Terechkowitch; as esculpturas de Zadkine, Matteo Hernandez e Girmon; e as gravuras de Adam e Labonneur.

Na ultima exposição internacional de pintura do Instituto Carnegie, realizada em Pittsburg, entre os nomes mais representativos que concorreram, destacam-se os seguintes, com os titulos dos seus quadros: Picasso — *Ma Jolie*; Derain — *Portrait of a Young Woman*; Vlaminck — *Flowers*; Dufy *Return from the Regatta*; Kisling — *Flowers in a Vase*; Leger — *Profile*; Goerg — *Animal Shop*; Alix — *The silk Stocking Department*; Braque — *The Nappin Ring*; Bonnard — *The Farm*; Vuillord — *The Terrace*; Friez — *Pax*; Segonzac — *Spring Landscape*; André Lhote — *The Bathers*; Matisse — *Woman with Umbrella*; Van Dongen — *Versailles*; Deineka — *Cross Country*; Siqueiros — *Portrait of a Child*; Orozco — *Zapata*; Covarubias — *Tehuantepec River*; Mariada — *The Window*; Lozano — *Women*; Tamayo — *Three Musicians*; Per Krohg — *Hayamking*; Kokoschka — *Annecey*; Schrimpf — *Conversation at the Window*; M. Liebermann — *The Pig Market*; Max Ernst — *Garden Aeroplane Catcher*; Otto Dix — *Winter Evening*; Karl Hofer — *The Landing*; Mariano Andreu — *Young Women in Rose*; Gutierrez Solana — *End of the World*; Salvador Dali — *Nostalgic Echo*; Vasquez Diaz — *Women of Huelva*; Pedro Pruna — *Souvenir*; Gino Severini — *The Angel of Death*; Primo Conti — *The Gypsy*; Ferrazzi — *The Story*; Antonio Dongho — *The Song*; Felicio Casorati — *Children*; Carlo Carrá — *The Fishermans Daughters*; Felice Carena — *Bathers*; Arturo Tosi — *The Road in the Valley*.

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

SCHUMANN: QUINTETTO em Si bemol, Op. 44, para piano e cordas — Quartetto Lener e Olga Loeser-Lebert (Columbia — 68188D — 68191D) — Foi o primeiro quintetto para piano e cordas que se compoz, e talvez seja o mais bello que jámais se escreveu. Ha quem extranhe o facto de outros autores, anteriores a Schumann, não terem pensado nessa combinação de instrumentos. Pode-se dizer, talvez, que ella não seja das mais felizes, e que só em circumstancias excepcionaes dê resultado perfeito, como no presente caso. Schumann devia estar em condições optimas quando o escreveu, pois traía-se sem duvida de uma de suas obras mais solidas. E raramente se vê, em musica de camera, uma união tão intima, tão harmoniosa, entre a intenção e os meios de expressão. De todos os tempos de que se compõe o quintetto o mais notavel é sem duvida o segundo — *In modo d'una marcia*, onde a sensibilidade bem germanica do autor se expande na sua melhor maneira, apenas agitada por um thema mais forte do piano, voltando novamente ao thema inicial, com as phrases largas do primeiro violino e do violoncello. Isso não impede que os outros tempos sejam também maravilhosamente construidos, não faltando quem tenha visto no conjunto um poemasympphonico transportado para a musica de camera, idéa gratissima aos românticos em geral. A gravação é esplendida, mas deve-se observar que só aparelhos de grande perfeição podem transmittir-a devidamente, maximé nas passagens mais agudas do primeiro violino. O quartetto Lener e Olga Loeser-Lebert combinam admiravelmente a sua arte na execução.

CESAR FRANCK: SONATA em lá maior, para violino e piano — Alfredo Dubois e Marcello Maas (Columbia — 67828D — 67931D) — Mais uma gravação de difficilima e encantadora sonata. Só mesmo Cesar Frank, com o seu modo de viver á parte, poderia tel-a escripto em 1886. A pureza de suas linhas sôa ainda hoje como algo de extranho, e transporta-nos ainda e sempre para regiões que não queremos comprehender. Infelizmente o problema da sua gravação em disco ainda não foi bem solucionado. E' profundamente lamentavel, por exemplo, vêr-se a interpretação de Thibaut e Cortot, que sabemos insuperavel, tornar-se tão pálida e mesmo tão confusa quando reproduzida em disco. E então o violino é sempre o mais prejudicado, chegando a morrer completamente em não raros trechos. De quem a culpa? Ignoramos. Alfredo Dubois, com a Columbia, foi mais feliz:

o microphone conseguiu apanhar-lhe melhor o som do violino nas passagens mais arduas. Mas não nos parece que o violinista belga tenha sabido aproveitar-se tão bem quanto Thibaut das oportunidades, poucas embora, de desembaraço do piano que a sonata lhe offerece. Quanto a Maas, apesar de irreprehensivel, não negamos que a interpretação de Cortot nos agrade mais, ou pelo menos está mais de accordo com a concepção que temos da obra do mestre das Beatitudes. Annuncia-se para breve a chegada de outra gravação da mesma obra, por Yehudi Menuhin e sua irmã. Aguardemos.

BRAHMS: DANCAS HUNGARAS 6 e 7 — Piano — Ignacio Paderewsky (Victor 1529) — E' a mais surpreendente das gravações de piano que temos ouvido ultimamente. Não se pode desejar melhor no estado actual do gramophone. Os timbres estão de uma pureza impar, e não ha a menor confusão de sons. Paderewsky nunca foi tão feliz com o disco. Sua interpretação é, como sempre, personalissima, embora hoje os pontos de vista já sejam um tanto diversos. E por todos esses factores é mais do que extranho a Victor não incluir este disco nos seus catalogos correntes, o qual, por certo, não tardará a tornar-se uma raridade "discophilica".

C. S.

GRAVAÇÕES POPULARES

Victor — 34042 — "Roseas flores", modinha Imperial do seculo XVIII, e "Virgem do Rosario", lundu' imperial do seculo XVIII. Adaptação e canto de Olga Prager Coelho. Faceis, quasi sem nada, tocadas por um lyrismo entre ingenuo e academico, não deixam de ser interessantes pelo que do passado nos trazem. Ouvindo-as accudiram-me logo as gravuras de Rugendas e Debret: sarrãos coloniaes, yáyás tirando sestras nas redes macias, yáyás cercadas de escravas, sobre as frescas esteiras, cantando á viola. Escavações como estas precisam ser imitadas. Muito ouro poderá ser encontrado. Quanto ao desempenho, muito a cantora deixa a desejar, especialmente no lundu, onde se esforça inutilmente para ter graça. O acompanhamento feito por dois violões — Rogerio Guimarães e João Nogueira — é apreciavel.

Victor — 34.045 — "Não tenho medo, não" — embolada de Almirante e Chico Catolé. Mais uma embolada por Almirante que é rei no genero. Sem ser das suas melhores apresentações, ainda merece bastante.

A letra, como é caracteristico nas emboladas, tem muito de satyrico.

Optimo acompanhamento pelo conjunto regional de Benedicto Lacerda — "O teu olhar", samba, de Alfredo Netto e Pedro Pinto. Faz lembrar muita

cousa... mas desculpamos os autores — afinal, nada é novo sob o sol. Interpretação do Bando da Lua; tudo poderá ser dito deste conjuncto, menos que não tenha disciplina. E' mesmo unico. E a sua interpretação é isto: disciplina.

Victor — 34.047 — "Apotheose do amor", valsa de Candido das Neves. E o que poderemos classificar de chanchada sentimental. Musica rastacuera e letra do sentimentalismo réles, que tanto se gostou uns vinte annos para traz: os olhos fataes são os dois pharoes, mas também são abrolhos, os lyrios cantam a pureza da alcova virginal, as rosas têm magos odores, etc. etc. Canta Orlando Silva, quando poderia ter deixado a empreza para o sr. Vicente Celestino, de maneira que ficasse illustrado, mais uma vez, o apologo da mão e da luva. "Não foi por amor", samba de Germano Augusto e Zé Pretinho. Orlando Silva reabilita-se neste lado do disco. Can'ta e canta muito bem. E o samba é dos mais apreciaveis. Acompanham-no os Diabos do céu: muito bons.

Victor — 25.150 — "New Orleans", e "Sugar Plum", foxes de Gus Kohn e Arthur Johnston. O primeiro com refrão vocal de Ramona, o segundo com refrão vocal de Durelle Alexander. Paul Whiteman e sua orchestra. Eis duas peças que trazem uma excellente demonstração da altura a que chegou a musica popular americana. A orchestra sob a magia de Whiteman produz effeitos do melhor quilate e originalidade.

Não podemos deixar de accentuar o refrão vocal de Durelle Alexander. E' uma voz doce, doce como a de uma criança.

Victor — 25.201 — "Music goes round and 'round", foxe de Hodgson-Farley Riley; e "If I had rhythm in my nursery rhymes", foxe de Cohn — Raye — Lunceford — Chaplin — Tommy Dorsey e seus Ceamboke Seven. Refrão vocal de Edith Wright. A produção americana é intensa e em noventa por cento de boa qualidade, de sorte que para um foxe vencer no maior sentido da palavra é preciso que realmente seja extraordinario. "A musica vae rodando" está neste caso. O seu successo é universal. Tudo mais que se disser é inutil. Quem já o ouviu, sabe. Quem não o ouviu procure fazel-o e se convencerá. "If I had rhythm in my nursery rhymes" por muito pouco não o iguala.

Traz um motivo de roda infantil verdadeiramente encantador. A orches de Tommy Dorsey é qualquer cousa de notavel.

Quanto a Edith Wright constitue uma surpresa. Canta com uma frivolidade espantosa. Recita com uma naturalidade rara. E a voz é excellente. Dos seus Ho! Ho! Ho! a gente nunca mais se esquece. E' o que bem mal se pode dizer do maior disco do anno.

M. R.

Radio

Encontrei num dos ultimos numeros do londrino *Punch* um annuncio duma marca de radio no qual apparece um casal elegantissimo que o contempla embevecido, e enquanto o marido pensa nas listas de preço de Wall Street, que elle lhe fornece, ella diz sonhadoramente: "I get New York's best dance bands and Rio de Janeiro's tango music".

Ahi está. Eis o que uma cidadã londrina recebe do Rio de Janeiro através do seu radio. Pode ser engano geographico, embora não se trate de cidadã franceza, mas é profundamente lamentavel.

Aliás convenhamos que as nossas estações irradiam cousas estrangeiras demais. Ha horas de Broadway, horas portuguezas, horas rio-platenses, horas cubanas, horas de todo o mundo. Seria absurdo passar sem musica americana, argentina, portugueza, viennense, etc — mas como fazem as nossas estações passa da conta de ser ecletico. Mas ha peor que isso ainda. O peor é a qualidade das musicas e interpretes que exhibe a Hora do Brasil, que deve ser forçosamente o mais ouvido dos nossos programmas de ondas curtas. Como não ha dinheiro, recorre ella ás estações emissoras para organização dos programmas.

Está bem que assim fizesse. Mas como não ha nenhuma restricção, nenhuma selecção, nenhuma obrigação para apresentar cousa decente ao menos, a Hora do Brasil tem seus minutos musicas preenchidos com as mais increveis calamidades que surgem nos nossos estudos.

A nota característica das iniciativas brasileiras tem sido sempre esta: fogo de palha.

Verdade, se ha povo que abraça uma ideia com entusiasmo, é o nosso. Faltalhes, porem, paciencia, constancia, fé — que são os elementos reaes da victoria de todas as cousas, do verdadeiro progresso.

Não fugindo a isso, inaugurou-se a Radio Transmissora Brasileira. Trazia um programma excellente. Realmente pela primeira vez na nossa terra houve Programma de radio. Duravam oito dias. O tiro foi forte para o canhão e para os artilheiros.

Atirou-os para traz. Suspenderam o jazz symphonico, sob a direcção do maestro Radamés Gnattali, que era uma maravilha, que nos trazia verdadeiras possibilidades, deixando apenas o seu regente na condição de pianista, e quase sempre pianista-acompanhador. Presenteou os ouvidos nacionaes com o *sre-aker* Gramury, calamidade universal no genero. Francisco Alves acabou indo cantar em outras plagas. Formenti continuou irritando ás sensibilidades menos exigentes.

Houve a Hora Sorrindo, uma das cousas mais tolas que se possa imaginar. Houve a Hora Sertaneja, pretexto para a declamação soturna e aparvalhada dos poemas falso-sertão desse pobre Catullo, tão vaidoso como errado e mediocre. A Hora dos Nossos Avós, cahiu na banalidade, na confusão, na mistura mais engraçada de valores. Na rapida descida, só Pixinguinha e sua gente, a Hora dos Sonhos Azues (embora com um prologo verdadeiramente bestiológico) e a Hora Victor resistiram não sei porque mysterio.

A Transmissora que entrara como leão, continua como sendeiro.

M. R.

Musica

Arnaldo Bonaventura, no numero de março da revista italiana *Musica d'Oggi*, publica um artigo cheio de sympathia sobre Carlos Gomes, fazendo ligeiro historico sobre sua vida e feitos, commentando seus exitos e desventuras na Italia, e transcrevendo alguns juizos criticos contemporaneos. Insiste sobre o caracter francamente italiano de suas obras, embora apparecessem aqui e alli alguns elementos extranhos, que attribue á sua origem tropical. E dá a entender que o seu maior defeito foi não ter procurado renovar cousa alguma, dando-se por plenamente satisfeito com as idéas da época.

O Departamento Internacional de Musica, de Moscou, está em franca actividade politico-musical. Publicará dentro em breve varias obras bastante significativas, entre as quaes citaremos as seguintes, cujos titulos explicam pelo menos as intenções dos autores: **Choral e Preludio á Festa do Povo**, de Carlos Koechlin; **Marcha dos Trabalhadores Vermelhos**, de H. Eieler; **Prologo a um Meeting**, de Alan B. Bush; **Abertura Anti-Fascista**, de F. Szavo. Seria interessante fazer um confronto entre taes peças e as de caracter opposto, as fascistas, por exemplo. Talvez se pudesse apprehender assim o "sentido" dessa musica proletaria e, si esse "sentido" existe, para que serve elle. E' preciso notar que muitos viajantes observaram que os proprios operarios russos se enthusiasmam muito mais com as peças burguezissimas da escola italiana de antes da guerra. Aliás é da maior conveniencia não generalizar muito sobre a firmeza das intenções politicas dos musicos: o impolluto, republicano e revolucionario Beethoven nunca desdenhou o auxilio dos principes, e tirou os melhores resultados financeiros com a **Batalha de Waterloo**, hoje esquecida.

Ninguem sabe que direcção irá tomar a musica moderna. André Coeuroy esforçou-se em fazer prognosticos, mas não chegou a nenhuma conclusão defi-

nitiva. O pianista Cortot, ao chegar ao Rio, deu uma entrevista que deve ter decepcionado muita gente. Disse elle que a musica russa é coisa que não interessa hoje a mais ninguem na França. O pontifice Strawinsky não gostaria muito de ouvir isso, pois não se pode negar que elle ainda é russo. Resta agora saber o papel que hão de representar os elementos primitivos na musica do futuro. Neste ponto parece que a musica de hoje anda muito atrazadinha em relação ás outras artes. Quanto ao jazz, R. Litterscheid, em *Die Musik*, nota a decadencia e o fim da fortuna que o elevou tão alto. Acha que o publico já sente nelle algo de envelhecido e doentio, a despeito de qualquer vestigio que possa deixar, sobretudo quanto ao rythmo. Mas não faltará quem diga que o autor é suspeito, pois, sendo allemão, tem forçosamente idéas racistas.

A temporada musical começou no Rio de modo um tanto explosivo. Dois grandes pianistas dando recitales ao mesmo tempo — Brailowsky e Cortot. Foi um estimulo fortissimo ao vicio mais entranhado do carioca: a "torcida". E é com difficuldade que os criticos se libertam dessam influencia. E' evidente que ambos têm características bem accentuadas e portanto diferentes. Não cabe aqui fazer elogios á technica e á segurança de Brailowsky, nem á sensibilidade meticulosa de Cortot, figuras inexcitaveis a que o nosso publico tem feito a maior justiça. Apenas lamentamos que não tragam, sobretudo o primeiro que já nos visitou tantas vezes, um pouco mais de variedades. Ha muita coisa, mesmo entre os classicos e românticos, que precisa não ser esquecida. Parece que Chopin é quem tem o privilegio de ser integralmente tocado, enquanto os outros ficam para sempre condemnados a só serem conhecidos através de meia duzia de peças, no maximo, que já se tornaram como que peças de confronto para os grandes executantes. Mas Cortot não se esqueceu de nos dar Cesar Franck, de que é talvez o maior interprete vivo.

A nossa Philharmonica tambem deu inicio ás suas actividades. A despeito da intromissão de certo elemento extranho e perfeitamente dispensavel, é necessario fazer resaltar o trabalho do nosso maestro Spedini, que tem feito tudo para nos dar espectaculos symphonicos além da expectativa, sendo mais que louvavel a sua idéa de escolher sempre produções ainda ineditas para nós, como as de Casella, Pich-Mangiagalli, etc.

C. S.

**Vejam no fim desta
Revista as vantagens que
offerece o Serviço Postal
de Reembolso**

Bibliotheca da Universidade do Districto Federal

Esta Bibliotheca vem de ser enriquecida com uma valiosa collecção de livros, constando de 472 obras num total de 835 volumes, que lhe foram offerecidos pela Universidade de Paris, por intermedio do Professor Emile Brehier, o illustre philosopho que acaba de inaugurar os seus cursos na Escola de Philosophia e Lettras. E' esta a relação das obras do magnifico presente:

Da collecção Larousse, em ricos volumes encadernados e copiosamente illustrados, as obras de: Léon Deshairs — "L'Art des origines a nos jours; Georges Urbain et Marcel Boll — "La Science ses progrès, ses applications; Joseph Bedier et Paul Hazard — "Histoire de la Littérature Française"; Elisée Reclus — "Géographie Universelle" (1876-1859), 19 vols.; Ernest Lavisse — "Histoire de France Illustrée" depuis les origines jusqu'à la Révolution, 9 vols., em 2 partes cada e "Histoire de la France Contemporaine", depuis la Révolution jusqu'à la Paix de 1919, 10 vols.; Gabriel Hanotaux — "Histoire de la Nation Française", 5 volumes.

Da bibliotheca Larousse, 23 volumes com obras de: Balzac, Racine, Lamartine, Molière, Corneille, Chateaubriand, Beaumarchais, Vigny, Musset, Stendhal, Baudelaire, Victor Hugo, Rousseau, Montesquieu, Mérimée, Mme. de Sevigné, Voltaire.

Dos Classicos Larousse, 29 volumes, com obras de Auguste Comte, Descartes, Balzac, La Fontaine, La Bruyère, Musset, Racine, Molière, Boileau, Ronsard, Chénier, La Rochefoucault, Marivaux, G. Sand, Lamartine, Regnard, Saint-Pierre, A. Thierry, Fénelon, Voltaire; Emile Bréquier — "Histoire de la Philosophie", 3 vols.; "Les Idées Philosophiques et Religieuses de Philon d'Alexandrie", "La Philosophie de Plotin"; Gustave Fougères, René Grousset, etc., "Les Premières Civilisations", Pierre Roussel, — "La Grèce et l'Orient"; André Piganiol — "La Conquête Romaine"; Eugène Albertini — "L'Empire Romain"; Louis Halphen — "Les Barbares"; Henri Pirenne, Augustin Renaudet, etc. — "La fin du Moyen Âge", 2 vols.; Henri Hauser et Augustin Renaudet — "Les Débuts de L'Âge Moderne"; Henri Hauser — "La Prépondérance Espagnole", "Ouvriers du Temps Passé", "Les Débuts du Capitalisme", "La Paix Économique", "Les Sources de L'Histoire de France"; A. de Saint-Léger et Philippe Sagnac — "La Prépondérance Française"; Georges Lefebvre, Raymond Gyt, etc. — "La Revolution Française"; Georges Lefebvre, — "Napoléon"; "Les Paysans du Nord", 2 volumes; George Weill — "L'Eveil des Nationalités et le mouvement libéral"; Pierre Renouvin — "La Crise Européenne et La Grand Guerre"; André Lalande — "Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie", "Les Illusions Evolutionistes", "Lectures sur la Philosophie des Sciences", "Les Théories de l'Induction et de l'Expérimentation"; François Novion — "La Presse Anglaise Contemporaine et ses grands quotidiens"; Émile Borel — "L'Espace et le Temps"; Ch. Seignobos — "La Méthode Historique appliquée aux Sciences Sociales"; Olivier Guinaudeau — "Jean Gaspar Lavater"; Henri Bergson — "L'énergie Spirituelle", "Essai sur les Données Immédiates de la Conscience", 2 vols.; Georges Davy — "Sociologues d'Hier et d'Aujourd'hui"; Jean Devolvé — "Réflexions sur la Pensée Comtienne"; Ch. Renouvier — "Science de la Morale", 2 vols., "Les Derniers Entretiens"; D. Parodi, — "La Philosophie Contemporaine en France", "Du Positivisme à l'Idéalisme"; Gaston Milhaud — "Descartes Savant", "La Philosophie de Charles Renouvier", Études sur Cournot; Alfred Espinas — "Des Sociétés Animales; Pierre Janet — "L'Automatisme Psychologique"; Eugène Terraillon — "L'Honneur" — Sentiment et principe moral (Thèse), "La Morale de Geulincx" (Thèse complémentaire); A. de La Valette Monbrun — "Maine de Biran Critique et Disciple de Pascal" (Thèse), "Maine de Biran" (1766-1824), Essai de biographie historique et psychologique; Amédée Hauvette — "De L'Authenticité des Épigrammes de Simonide"; Albert Dauzat — Études Linguistiques sur la Basse Auvergne"; Mélanges D'Histoire du Moyen Âge; A. Cartault — "La Flexion Dans Lucrèce", "Études sur les Satires D'Horace", "Un Siècle de Philologie Latine Classique", "Le Distique Élegia-

que chez Tibulle, Sulpicia, Lygdamus; Henri Zivy — "Le Treizième Vendémiaire an IV"; Achille Luchaire — "Études sur Quelques Manuscrits de Rome et de Paris"; Pierre Boutroux — "L'Imagination et les Mathématiques" Selon Descartes; Antoine Thomas — "Mélanges d'Étymologie Française"; P. Vidal de La Blanche — "La Rivière Vincent Pizon"; Aimé Puech — "Recherches sur le Discours Aux Grecs de Tatién"; "Troisièmes Mélanges d'Histoire du Moyen Âge; Georges Lafaye — "Les Métamorphoses D'Ovide" et leurs modèles grecs, "Documents Relatifs à l'Histoire des Substances dans le District de Bergues pendant La Révolution", 2 volumes; Quatrièmes Mélanges d'Histoire du Moyen Âge", "Mélanges d'Histoire Littéraire"; Eugène Martin — Chabot — "Les Archives de la Cour des Comtes aides et Finances de Montpellier"; "Cinquièmes Mélanges D'Histoire du Moyen Âge"; C. Bloch — J. Carcopino, etc. "Mélanges D'Histoire Ancienne"; Henri Goelzer — "Le Latin de Saint-Avit", André Courmont — "Studies on Lydgate's Syntax in The Temple of Glas"; André Artonne — "Le Mouvement de 1314 et les Chartes Provinciales de 1315"; Paul Verrier — "L'Isochronisme dans le Vers Français"; Sylvain Molinier — "Les Maisons Sacrées" de Délos" au temps de l'indépendance de l'Ile"; Louis Blart — "Les Rapports de la France et de L'Espagne"; Virgile — "Oeuvres"; Lucrèce — "De La Nature des Choses"; La Fontaine — "Théâtre", Poèmes et Poésies Diverses"; Malherbe — "Les Poésies"; "Les Grands Écrivains Français", 23 volumes; Fernand Fleuret Ronsard, — "Oeuvres Complètes", 7 volumes; Sainte-Beuve — et Louis Percey — "Les Satires Françaises du XVIe Siècle", 2 volumes; J. J. Rousseau — "Lettre à d'Alembert sur les Spectacles", "Pages Choies des Grands Écrivains — Émile", 2 volumes; Ernest Seillière — Jean-Jacques Rousseau"; Ernest Reynaud — "Ch. Baudelaire"; Edmond Estève — "Alfred de Vigny" sa pensée et son art"; Paul Berret — "Victor Hugo"; Pierre Moreou — "Chateaubriand", l'homme et la vie; le génie et les livres; Ferdinand Choin — "L'Art de la Fontaine" dans ses fables; M. Allem — "Anthologie", 5 volumes.

Dos Classicos Garnier, 43 volumes, com obras de: Balzac, Chateaubriand, Diogène Laerce, Valère Maxime, Tallemant Des Reaux, La Fontaine, Descartes, Tacite, Spinoza, Pascal, Baudelaire, Sainte-Beuve, Xénophon, Suétone, Auguste Comte, Ausone, Calimaque, Cicéron, Stace, Virgile, Gérard de Nerval, Marc Aurèle, Cardinal de Retz, Elié Rabier — "Leçons de Philosophie", 2 volumes; H. Taine — "De L'Intelligence", 2 volumes; Gaston Dodu — "Les Valois", Histoire d'une maison royale; Paul Masson — "Histoire des Établissements et du Commerce Française dans L'Afrique Barbaresque"; Pierre Lavedan — "Dictionnaire Illustrée de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines"; J. L. Bergerhoff — "Le Théâtre Anglais à Paris sous la Restauration" (Thèse); A. Meillet — "Aperçu d'une Histoire de la Langue Grecque"; Lizzie B. Marshall — "L'Horticulture antique et le Poème de Columelle" (Thèse); Raymond Thamin — "Un Problème Morale das L6Antiquité"; Gaston Boisuer — "La Religion Romaine", 2 volumes; "La fin du Paganisme", 2 volumes, "Mme. de Sévigné"; Albert Sorel — "Montesquieu"; Paul Hazard — "Discours sur la Langue Française"; René Pichon — "Histoire de la Littérature Latine"; Jules Simon — "Victor Cousin"; Daniel Mornet — "Le Romantisme en France au XVIIIe Siècle", Histoire de La Clarté Française", "Cours Pratique de Composition Française", Histoire Générale de la Littérature Française"; Fustel de Coulanges — "La Cité Antique"; Montesquieu — "Extrait de L'Esprit des Lois" et des œuvres diverses; Lamartine — "Christoph Colomb"; Marcel Braunschvig — "Notre Litterature Étudiée dans les textes"; Emm. de Martonne — "Traité de Géographie Physique", "Les Régions Géographiques de la France"; Chateaubriand — "Pages Choies des Grands Écrivains", "Mélanges Politiques et Littéraires"; Gustave Flaubert — "Pages Choies des Grands Écrivains"; Alfred de Musset — Poésies Nouvelles", "Nouvelles", "Premieres Poésies", "Contes", "Comédies", 2 vols.; Edmond Goblot — "Le Système des Sciences"; André-Siegfried — "Amérique Latine"; etc. etc.

Humberto de Campos — **Crítica** —
Liv. Editora José Olympio —
Rio.

É a quarta série dos estudos criticos de Humberto de Campos. Não lhe faltarão leitores, uma vez que ainda perdura aquelle impulso de entusiasmo despertado em relação ao grande escriptor pelos soffrimentos que lhe precederam a morte. Quanto ás características de Humberto na função de critico litterario, superfluo seria dizer que não foi elle um censor severo, um feroz Aristarcho, coisa que lhe repugnaria ao temperamento buliçoso de homem affeito a extrahir apenas prazer dos trabalhos de outrem e não motivos de raiua e amargor. Intelligencia deliciosamente livre, Humberto de Campos, despreocupado do merito estricto das obras que julgava, como que as convertia em motivo apenas para as digressões borboleteantes de um impressionismo sagaz e amavel. Assim, ninguém procure nelle uma definição austera dos autores em jogo, e apenas saborosos exercicios de uma cultura desenvolta e de um humorismo prodigo sempre em anedotas e indicações de analogias pittorescas.

Platão — **Apologia de Socrates** —
Athena Editora — Rio.

Não acreditamos que nenhum dos nossos homens cultos possa desinteressar-se desta formosa série de livros lançada pela Athena Editora. Estão aqui as forças duradouras da cultura universal e, o que não é desdenhavel por parte dos bibliophilos, apresentadas sempre em excellentes edições nas quaes se percebe a pericia profissional do mestre de typographia que é Americo Bedeschi. Depois dos volumes essenciaes de Erasmo, Descartes, Campanella e Plutarcho, temos agora Platão, na **Apologia de Socrates**. É aquelle jogo de aphorismos e não raro de sophismas que tornaram o pensador grego um dos maiores artistas litterarios de todos os tempos. Quanta gente vacilla sobre se se deve incluir o autor desta apologia entre os philosophos ou entre os poetas? Emquanto muitos outros constructores de systemas pretenciosos se esfarellam no olvido, Platão continua a ser o contemporaneo de quantos sonham e pensam.

Violeta Branca — **Rythmos de Inquietude Alegria** — Rio de Janeiro.

A autora deste livro já teve ensejo de ser festejada pelos intellectuaes da nossa Academia de Lettras. Saudou-a, em palavras ardentes, o sr. Rodrigo Octavio, que encontrou nos versos da sra. Violeta Branca todas as vibrações selvagens do Amazonas. Segundo elle, seus rythmos "são heroicos, triumphaes, nervosos". Mesmo quando a autora se insurge contra os excessivos cuidados symetricos da poesia antiga, offerece-nos cadencias que attraem. Tambem já a elogiara um escriptor de lingua hespanhola, Luiz Eduardo Nieto Cabalero, que conheceu a poetisa em Manãos, antes da sua vinda ao Rio. Em resumo: essa fremente alinhadora de estrophes demonstra particular interesse pelas inspirações pantheistas, pela vida exaltada, pelas ondas do mar alto e pelas arvores das grandes florestas. Tanto o vento como a luz lhe provocam fremitos apaixonados. É verdadeiramente uma alma pagã nascida em terras onde vagam tantas recordações de mythologias barbaras.

Harold Lamb — **As Cruzadas** —
Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Grande conhecedor da historia do Oriente, especialmente no que concerne á sua vida guerreira, Harold Lamb fornece-nos agora impressionante visão de conjuncto do periodo mais intenso das Cruzadas. É o choque de raças e de aspirações tão diversas, em terras que foram sempre de grande fascinação sobre poetas e artistas. Harold Lamb, que já interessara os leitores de todos os continentes com a pintura historica das rudes personalidades de Gengis-Khan e Tamerlão, mostra-se, no momento, ainda mais subtil ao particularizar individualidades, marcando o que cada uma dellas possuia de inconfundivel, ainda que as colligasse um unico objectivo: a defesa de severos postulados religiosos. Muito bem impressa pela Companhia Editora Nacional, a empolgante narração desse escriptor de lingua ingleza concorrerá para mais divulgar-lhe o nome em nosso paiz, trazendo-o de um circulo de especialistas de historia para a admiração de um numero publico.

Uma revista cearense

Acaba de apparecer em Fortaleza o primeiro numero da **Revista da Sociedade Cearense de Geographia e Historia**. Trata-se de uma publicação cultural em que nos apparecem, com trabalhos dos mais promissores, varios intellectuaes novos da terra de Capistrano de Abreu. E, entre os nomes já nossos conhecidos, destacamos o da escriptora Alba Valdez, que não possui no Brasil o renome a que fazem jus as suas historias de um puro sabor classico, embora seja bastante apreciada pelos leitores da Scandinavia.

José de Alencar — **O Sertanejo** —
Civilização Brasileira S. A. —
Rio.

Definitivamente victoriosa no gosto publico, a collecção SIP offerece-nos mais um romance daquelle que foi entre nós o romancista typico, o romancista por excellencia, obtendo a um tempo os suffragios da plebe e dos homens cultos. Explica-se o successo da collecção lançada por uma das nossas mais prestigiosas casas de livros. Não só os volumes, apesar da sua attrahente apresentação artistica, estão ao alcance das bolsas mais modestas, como tambem os autores que a realçam são sempre de primeiro plano na hierarchia litteraria. E o formato portatil desses tomos não irá sem recommendal-os á escolha de quem pretenda matar o tedio de longas viagens de bonde ou de trem.

Henri Lantueil — **Francez Commercial** — Cia. Editora Nacional —
S. Paulo.

Os methodos linguisticos desse professor estão sendo recebidos de modo victorioso em nossas casas de ensino. Successo explicavel pela simplicidade com que elle procura iniciar os nossos jovens patricios nos segredos da lingua franceza, seja em sua parte estrictamente philologica, seja em seus desdobramentos de bella litteratura. O sr. Henri Lantueil sabe concentrar em curtas phrases o producto de longas experiencias na vida educativa e sabe sempre realçar conceitos pessoais com a transcripção de um texto de autor classico ou romantico em que haja utilidade e belleza para os que estão no periodo de formação de cultura.

Anisio S. Teixeira — **Educação para a Democracia** — Livraria José Olympio Edit. — Rio.

Havendo estudado na America do Norte os modernos processos educativos, o sr Anisio S. Teixeira, nascido em terras bahianas, teve oportunidade de praticar aqui no Rio varias tentativas no sentido de renovar methodos de ensino que se lhe afiguravam incompativeis com os tempos de hoje. E um livro como este, de vasta corporatura e animado sempre pela invocação de grandes nomes da pedagogia mundial, mostra o sr. Anisio S. Teixeira, ainda quando em plena actividade administrativa, não deixava de escrever. A burocracia não asphyxiou, nelle, o homem que gosta de expôr, de discutir, de offerecer á critica dos demais uma synopse tanto quanto possivel clara dos seus ideaes de educador. Quanto ao volume de agora, pertence a uma das collecções de mais prestigio da Livraria José Olympio.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

- Iago Joé — **Bagunça** — Romance — 2.^a edição — Ariel Editora Ltda. — Rio.
- Paulo Guanabara — **Historias do Tio João — A Origem do Mundo** — 1.^o volume — Ariel Editora Ltda. — Rio.
- Martins de Oliveira — **Marujada** — Editora Record — Rio.
- Luiz Amaral — **Aspectos Fundamentais da Vida Rural Brasileira** — E. Gr. Revista dos Tribunaes — S. Paulo.
- Garcia Redondo — **Caricias** — 4.^a edição — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Malba Tahan — **Alma do Oriente** — Lendas orientaes — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Humberto de Campos — **Mealheiro de Agrippa** — 2.^a edição — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Humberto de Campos — **Da Seara de Booz** — 2.^a edição — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- José Verissimo — **Lettras e Litteratos** — Obra Posthuma — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Correia de Sá — **Poemas Concentricos** — Rio.
- Augusto de Lima Junior — **O Amor infeliz de Marília e Dirceu** — Rio.
- Mario Barreto — **Através do Dicionario e da Grammatica** — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Cassiano Ricardo — **Martim Cererê** — Poemas — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Silva Andrade — **Brasil Caboclo** — Poemas regionaes — Parahyba do Norte.
- Octavio Dias Leite — **Ultima Edição** — Edição de Experiencia — Bello Horizonte.
- Vinício da Veiga — **O Appello de Wotam** — Casa Figueirinhas — Porto — Portugal.
- Nelson Cunha Azevedo — **Psychologia Educacional** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- J. A. Nogueira — **Amor Immortal** — Federação Espirita Brasileira — Rio.
- Augusto Cavalcanti — **O Impostor** — Theatro — Rio.
- Em Memoria de Antonio de Alcantara Machado** — Elvino Poçai Imp. — S. Paulo.
- Alvaro Pinto — **O Brasil Actual** — Edição do Autor — Lisboa.
- José de Alencar — **O Guarany** — Collecção Sip — Civilização Brasileira — Rio.
- Will Durant — **Historia da Philosophia** — Trad. de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel — 2.^a edição — Cia Editora Nacional — S. Paulo.
- J. E. T. Harper — **A Verdade Acerca da Batalha da Jutlandia** — Liv. H. Antunes Distribuidora — Rio.
- Rabelais — **Gargantua** — Athena Editora — Rio.
- Alfred de Musset — **A Confissão de um Filho do Seculo** — Athena Editora — Rio.
- A. M. Aguayo — **Pedagogia Scientifica** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- G. Fessard — **Pax Nostra** — (Examen de conscience international) — Grasset — Paris.
- France Adine — **Sirênes** — La Renaissance Latine — Bruxelles.

Octavio Dias Leite — **Ultima Edição** — Edição de Experiencia — B. Horizonte

Ahi temos um livro de poesias que deve merecer o apreço de quantos não concluem sobre os meritos de um autor dentro das impressões de uma rapida leitura. Porque os versos do sr. Octavio Dias Leite, pouco decorativos que sejam, trazem um sentido de vida interior que o colloca entre os seres realmente pensantes, para os quaes nem tudo no mundo é apenas colorido e musica. Fugindo á seducção da poesia méramente plastica, volta-se elle para os problemas da vida e da morte. Sua collectanea, dedicada em parte a um nobre amigo morto, possui resonancias a que não se mostrarão alheios os que crêm ser possível raciocinar em verso, unir pensamento e lyrismo.

Paulo Guanabara — **A origem do mundo** — Ariel Editora — Rio.

Acaba de apparecer o primeiro volume das **Historias do Tio João**, do sr. Paulo Guanabara. Este escriptor é filho do grande jornalista Alcindo Guanabara, uma das glorias mais perduraveis da nossa imprensa e homem de espirito que sempre se interessou bastante pelas creanças. Dahi, no volume que vem de ser estampado, o desejo nitido de que os nossos meninos e meninas tomem, sem esforço, conhecimento das primeiras occorrencias da vida da terra. A linguagem do sr. Paulo Guanabara é sempre das mais accessiveis aos leitores infantis, evitando qualquer exhibicionismo de erudição pedante e cingindo-se apenas ao essencial dos factos narrados. A origem do mundo e do homem, bem como a evolução do sentimento gregario que une as familias através dos seculos, tudo isto é claramente exposto e commentado. Attrahentes illustrações completam o livro, que é artisticamente impresso e pôde ser longamente manuseado por muitos garotos, sem logo se lhes desfazer entre os dedos.

Iago Joé — **Bagunça** — Ariel Editora — Rio.

Bem justificavel a segunda edição de um volume que mereceu elogios raramente concedidos entre nós a escriptores estreantes. João Ribeiro enxergou, em **Bagunça**, um dos melhores romances dos ultimos tempos, "bem escripto, empolgante pelos episodios, finamente observado e digno de ser lido por toda gente". Segundo o sr. Eloy Pontes, o sr. Iago Joé narra "com admiravel pericia e engenho". Affirmou o sr. Alberto de Oliveira que "muito se deve esperar da mão firme que desenha ou faz viver figuras como Anthero, Angela, Maria Rosa, Mingó e Salomé". Finalmente, o nosso redactor-chefe encontra no autor do livro "um analysta de ambientes, perfeito conhecedor da Paulicéa que põe em scena, um fixador seguro dos typos da plebe e um dialogista que sabe colher no vôo, quasi estenographicamente, as phrases pittorescas marcadas por uma expressiva tonalidade regionalista".

Jonathas Serrano — **Como se ensina Historia** — Cia. Melhoramentos de S. Paulo.

Ninguem mais apto a explicar quaes os methodos convenientes para a perfeita disseminação e assimilação da litteratura historica. E' o sr. Jonathas Serrano, ainda que longe dos gelos da velhice, um antigo professor. Ficou memoravel o concurso em que elle obteve a cadeira de mestre num dos nossos principaes estabelecimentos de ensino, e a these que então apresentou valia pela mais prestigiosa das credenciaes de um espirito. Em dia com as innovações das cathedras europeas e relendo sempre os precursores da ardua sciencia historica, o sr. Serrano mostra, em livros como este, não peccar nem pelo novidatismo nem pelos excessivos fervores passadistas. Do passado e do presente aproveita elle o que mais convém aos seus alumnos. Homem de theoria, mas tambem homem de experiencia, serve-nos elle, no volume editado em S. Paulo, uma especie de profissão de fé que, em relação ao autor, é já agora brilhante fé de officio.

Alvaro Pinto — **O Brasil actual** — Edição do autor — Lisboa.

São duas conferencias proferidas em Portugal por um homem de trabalho e de cultura, que teve o nome sempre ligado a bellas tarefas renovadoras da industria e das lettras. Fundador e director de revistas na Lusitania e aqui no Brasil, o sr. Alvaro Pinto lançou entre nós a **Terra de Sol**, um mensario que marcou época e que ainda hoje os estudiosos retêm em bibliothecas escolhidas. Além disso, foi um editor de extremo gosto, disseminando trabalhos de Ronald de Carvalho e outros, trabalhos em que se observava a orientação segura de um perfeito tecnico das typographias. Tal o portuguez esclarecido e experiente que, em Lisboa, falou com tanto carinho do Brasil e dos brasileiros, evidenciando que ao nosso progresso material corresponde a existencia de uma alma especificamente nossa e á qual não faltam belleza e dignidade. Muito bem documentadas, apoiadas sempre em algarismos inequivocos, as palestras do sr. Alvaro Pinto valem, acima de tudo, pelo calor de coração que as anima, pelo sentimento fraternal que as enriquece.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

A FORÇA DO SYMBOLO

A vida é uma symbolização constante. Falamos por symbolos, que são as palavras. E igualmente por symbolos pensamos, visto que a idéa é uma palavra interior.

Indice da differença entre a vida humana e a vida animal, o symbolo é a representação figurada do geral, é a concretização hypostatica do abstracto e só o ser pensante symboliza, só é capaz do symbolo quem pensa.

"Penso; logo, symbolizo" não é menos logico, nem menos exacto, que o carlesiano "cogito, ergo sum".

Os signaes, os gestos, os movimentos de que nos servimos, para mutuamente nos entendermos e communicarmos, são symbolos. A patria tem seu symbolo na bandeira, a igreja tem seu symbolo na cruz, a nobreza o tem nos braços, tem-no a republica no barrete phrygio, na tabua rasa os livre-pensadores... Totems, fachos, svasticas, foices, martellos, sigmas são symbolos de varios "ismos", antigos e modernos. A maçonaria é todo um cipal symbolico em que se prendem os seus pedreiros, o que não os impede de serem livres... A união conjugal symboliza-se num anel, como igualmente um anel symboliza a presumpção de sabença. O livro é um symbolo, a espada é um symbolo, o ouro é um symbolo. São symbolos a penna, a lyra, a cornucopia, a folha de louro, a folha de parra e até a propria folha de pagamento, para certas victimas da agiotagem...

A força do symbolo é enorme, dado que elle é factor das representações collectivas, é parte integrante da consciencia do grupo. Eis porque dissemos que a vida — social ou humana, que tudo é um — é uma continua symbolização.

Ha, porem, symbolo e symbolo. Aqui, elle esclarece a razão; promove a comprehensão do generico, do abstracto, do invisivel, do mundo interior, das cousas ideaes, da vida profunda; concor-

re para o progresso da sciencia, como na mathematica, em que tudo é symbolo; aprimora os sentimentos, enobrece o character, disciplina a conducta, como na vida moral, em que o symbolo é tudo. E é, neste sentido, o symbolo que leva os heróes á luta e ao sacrificio. Foi elle que levou Socrates a beber cicuta, fez subir o Calvario a Christo, encaminhou para a fogueira a João Huss, a Giordano Bruno, a Joanna d'Arc, seguros como estavam. todos elles, de que "com esse symbolo venceriam..."

Mas, ali, o symbolo offusca, obnubila o entendimento, intercepta a visão do que elle representa e que é a sua razão mesma de ser. Verifica-se, então, o ôte-toi de lá que je m'y mette da politica do espirito, na qual o symbolo se faz usurpador e, annullando o-representado, já não é mais um poder representativo, mas dictatorial. E é, tambem neste caso, a força do symbolo que muda o nome ás cousas, transforma a humana especie em gado humano e, como Jupiter, dementa previamente os que se vão perder. E' a força do symbolo que diviniza o symbolo da força e desde a antiguidade e ainda hoje vem reduzindo os homens a verdadeiras machinas de applaudir. Pela força do symbolo é que se explicam os peccados contra os sentimentos e principios de que, para maior facilidade de comprehensão, elle decorre, como, por exemplo, quando se defende materialmente, concretamente a bandeira nacional em detrimento da liberdade ou da vida dos cidadãos. E' a força do symbolo que produz as abusões, a crença supersticiosa em amuletos, talismans, bentinhos e fetiches, os quaes se encontram, embora com outros e mais bonitos nomes, em numerosos circulos sociaes. Foi, por exemplo, a força do symbolo que fez Garrett, Castilho e outras intelligencias de escól passar annos e annos á procura dos ossos de Camões dispersados pelo terremoto de Lisboa, como se "Os Lusíadas" fossem um poema ossudo, ou os ossos

POEMA

*Coberta de lyrios, irás docemente
Coberta de lyrios com os olhos fechados
Irás para o seio sem termo da noite
Coberta de lyrios!*

*Teu corpo moreno,
Teu corpo pequeno,
Teu corpo tão puro,
Irás para o fundo da morte sem termo
Coberto de lyrios molhados de orvalho!*

*Tua voz apagada
Tua voz tão perdida
Tua voz suffocada
No seio da morte,
No ar dessa tarde que sinto chegando,
Cantará cantigas dos tempos de outrora
Dos tempos dos lyrios molhados de orvalho!*

*Tuas mãos tão geladas
Tuas mãos tão unidas
Tuas mãos tão perdidas
No frio regaço, da Morte Madrasta
Tuas mãos que colhiam os lyrios de outrora
Molhados de orvalho,
Serão maltratadas, serão castigadas
No frio silencio do seio nocturno!*

*Ah! Deixa que o vento,
Que passa chorando,
Agite nos ares o cheiro das mattas.
Ah! Deixa que as sombras dos tempos de outrora
Envolvam nos ares os ceus tão azues
Ah! Deixa que os rios se turvem com os limos.*

*Ah! Deixa que eu durma na noite esquecida.
Emquanto não colhes nos tristes jardins
Os lyrios molhados do orvalho nocturno,
Que irão enfeitar
Teu corpo moreno,
Teu corpo pequeno,
Que a morte tocou*

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

do poeta fossem de outro pó, de outra massa, que não a do commum dos mortaes. E', ainda por exemplo, a força do symbolo que está fazendo certos patriotas de exercicios findos levantarem-se contra um ex-imperialismo de uma ex-Hollanda ex-invasora de uma ex-colonia portugueza, que por signal era hespanhola...

Tal é a força do symbolo. Mas tanto vale dizer aqui força, como farça. E neste sentido e nestas circumstancias, não é uma "non", como queria o padre Vieira, mas o symbolo, a terrivel palavra.

V. DE MIRANDA REIS

"INFANCIA E JUVENTUDE"

Vem de ser lançado, com uma segurança que tudo nos faz crer plenamente victoriosa, o primeiro numero deste "mensario de orientação pedagogica na escola e no lar", sob a direcção technica do illustre e conhecido pedagogo dr. J. Moreira de Souza. A bella iniciativa cabe ao intrepido realizador que é Renato Americano, um dono de typographia que rejubila quando pôde pôr os seus prelos a serviço da melhor cultura do paiz. Equidistante de qualquer exaggero, a nova publicação, evitando demonstrações de missoneismo no tocante ás coisas do ensino, tambem não se distingue pelo applauso mechanico ás pretensas novidades de quantos desejam inverter de todo os factores de instrucção publica. Basta correr o nome dos collaboradores do fasciculo de estréa para medir-lhes a austeridade de propositos e a contingente de erudição e experiencia que trazem a campo. Estão ahi professores que manusearam centenas de livros mas tambem sabem que a pratica diuturna por vezes iguala, senão excede o valor de muitas bibliothecas. O sr. Leoni Kaseff, já premiado pela Academia de Letras, trata da concepção eclectica da educação contemporanea. A sra. Maria dos Reis Campos discorre sobre litteratura infantil. Os problemas pedagogicos, nos seus objectivos essencialmente brasileiros interessam ao sr. Isaias Alves, um mestre bahiano perfeitamente digno da irradiação inter-estadual que vão tendo os seus escriptos. A poesia do sr. Brant Horta procura insuflar civismo nos discentes, ensinando-lhes o amor á nossa linda terra através de imagens suggestivas. Problemas psicologicos de solução já agora inadiavel inspiram um artigo da sra. Lucia Magalhães. O sr. Albino Esteves, conhecido por um subtil estudo sobre Eça de Queiroz, apresenta pontos de vista não vulgares a proposito de nosso folk-lore. Justas as referencias do lexicographo sr. Antenor Nascentes ao director da **Infancia e Juventude**, e igualmente dignas de apreço as paginas dos demais collaboradores, cujos nomes convem reter: José Augusto de Lima, Noemia Saraiva Maitos Cruz, Maria Isabel Costa, Diogenes Monteiro, Joaquim Alves, A. Costa, Juraci Silveira, Stella Aboim e Padre Helder Camara.

— **Vertigem de Nova York** é o titulo do livro com que a Sra. Harlette Fernand-Gregh acaba de obter o Premio Strasburger, conferido annualmente ao melhor trabalho referente á America. Segundo resam as chronicas as impressões da Sra. Fernand-Gregh são bem differentes das que Paul Morand condensou no seu **Nova York** a respeito da tumultuaria cidade dos arranha-céus, mas não deixam por isso de constituir leitura extremamente agradável.

— A excellente collecção de Geographia Humana, que se publica em Paris sob a direcção do Prof. Pierre Deffontaine, actualmente illustrando uma cathedra na Universidade do Districto Federal, vem de ser enriquecida com um magnifico volume de E. Aubert de la Rue: **L'homme et les îles**. Nesse exhaustivo estudo sobre a adaptação do homem á vida insular, nada escapa ao Sr. Aubert de la Rue, com quem viajamos, atravez de suas paginas, um pouquinho por todo o mundo observando factos e colhendo impressões por vezes de todo ineditos para nós, felizes (ou infelizes?) habitantes da "terra-firme".

— **Timidité et adolescence**, da autoria de Jean Lacroix, é o novo livro apparecido na apreciada collecção "L'enfant et la vie". A timidez estudada sob todas as suas formas, o mentiroso por sinceridade, o orgulhoso por solidão, a arte e o mysticismo encarados como consequencias do acanhamento, são capitulos dos mais interessantes desse volume, que vae buscar exemplos em grandes figuras da litteratura, como Gide, Proust, Rivière e Benjamin Constant.

— Napoleão e seu tempo continuam a ser assumpto de incessantes publicações. Agora mesmo, surgem de uma só vez cinco livros que tratam directamente do grande corso ou de pessoas que por esse ou aquelle motivo giraram na sua orbita. São elles: **Bonaparte, gouverneur d'Egyte**, por F. Charles-Roux, **Napoléon**, por Octave Aubry, **Stein, l'ennemi de Napoléon**, **Le ménage Beauharnais**, por Jean Hanoteau e **Fournier Sarlovéze**, por Marcel Dupont.

I N F A N C I A

Volto a ser creança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva, que alcancei velhissimo. Os negocios na fazenda andavam mal. E meu pae, reduzido a Camillo Pereira da Silva, ficava dias inteiros nazanzando numa rêde armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a victoria do partido que padre Ignacio chefiava. Dez ou doze rezes, arrapiadas no carrapato e na varejeira, envergavam o espinhaço e comiam o mandacarú que Amaro vaqueiro cortava nos cestos. O cupim devorava os mourões do curral e as linhas da casa. No chiqueiro alguns bichos bodejavam. Um carro de bois apodrecia debaixo das catingueiras sem folhas. Tinham amarrado no pescoço da cachorra Moqueca um rosario de sabugos de milho queimados. Quiteria, na cosinha, mechia em combucos cheios de miudezas, escondia pelles de fumo no caritó.

Eu andava no pateo, arrastando um chocalho, brincando de boi. Minha avó, sinhá Germana, passava os dias falando só, xingando as escravas que não existiam. Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva tomava pileques tremendos. A's vezes subia á villa, descomposto, um camião vermelho por cima da ceroula de algodão encaroçado, chapeo de curicuri, alpercatas e varapau. Nos dias santos, de volta da igreja, mestre Domingos, que havia sido escravo d'elle e agora possuia venda sortida, encontrava o antigo senhor escorado no balcão de Theotoninho Sabiá, bebendo cachaça e jogando tres-sete com os soldados. O preto era um sujeito perfeitamente respeitavel. Em horas de solemnidade usava sobrecasaca de chita, preta, trazia um correntão de ouro atravessado dum bolso a outro do collête e calçava chinillos de trança, por causa dos callos, que não aguentavam sapatos. Por baixo do chapéo duro

a testa retinta, humida de suor, brilhava como um espelho. Pois, apesar de tantas vantagens, mestre Domingos, quando via meu avô naquella desordem, dava o braço a elle, levava-o para casa, curava-lhe a bebedeira com amoniacó. Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva vomitava na sobrecasaca de mestre Domingos e gritava:

— Negro, tu não respeitas teu senhor não, negro!

Quando o carro para, essas sombras antigas desaparecem de sopetão — e vejo coisas que não me excitam nenhum interesse: os focos da illuminação publica, espaçados, cochilando, piongos, tão piongos como luzes de cemiterio; um palacio transformado em albergue de vagabundos; escuridões, capoeiras, barreiras cortadas a pique no monte; a frontaria duma fabrica de tecidos; e, de longe em longe, atravez de ramagens, pedaços de mangue, cinzentos. A' medida que nos approximamos do fim da linha as paradas são menos frequentes. Os postes pintados de branco, passam correndo, o carro está quasi vazio, as recordações da minha infancia precipitam-se. E a decadencia de Trajano Pereira de Aquino Cavalcanti e Silva precipita-se tambem.

Estava pegando um seculo quando entrou a caducar. Encolhido na cama de couro crú, mijava-se todo, contava os dedos dos pés e cahia na madorna. De repente acordava sobresaltado:

— Sinhá Germana!

Meu pae largava o Carlos Magno, abria o tabaqueiro, deixava a rêde, impaciente:

— Que é que ha?

— Homem, você não me dirá onde está sua mãe? Aqui mais duma hora chamando essa mulher!

— Morreu.

— Que está me dizendo? — extranhava o velho arregalando os olhos quasi cegos. — Quando foi isso?

Camillo Pereira da Silva amolava-se:

— Deixe de arrelia. Morreu o anno passado.

— Tanto tempo! — dizia Trajano. — E vocês calados...

Punha-se a folgar com os dedos e pegava no somno. Quinze minutos depois estava berrando:

— Sinhá Germana!

Acabou-se numa agonia leve que não queria ter fim. E enterrou-se na catacumba desmantelada que nossa familia tinha no cemiterio da villa. Mestre Domingos pegou na alça do caixão e declarou a meu pae que a morte é um mundéo. Fomos morar na villa. Metteram-me na escola de seu Antonio Justino, para desasnar, pois, como disse Camillo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavallo de pau com dez annos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstea chegasse ao risco de lapis que marcava as duas horas. Saímos numa algazarra. Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só.

GRACILIANO RAMOS

(Trecho de ANGUSTIA, romance, no prelo).

Garcia Redondo — Carcias —
Liv. José Olympio Editora — Rio.

Reapparece-nos, em quarta edição, a collectanea de impressões e contos que tanto successo obteve num Brasil ainda preso á deliciosa maneira narrativa dos França Junior e dos Arthur Azevedo. Certamente, muitos leitores de hoje, preoccupados com os novos moldes litterarios e desconhecadores de habitos bem brasileiros que a civilização do arranha-céo veio destruir, não perceberão na integra certas allusões e certos subentendidos do volume de Garcia Redondo, talvez demasiado occasionaes e circumstanciaes para resistirem ao tempo. Mas a verdade é que os cidadãos mais idosos, que ainda conheceram o Rio familiar e anecdótico dos cafés e dos sa-rões, relerão com prazer estas elocubrações de um narrador que nada pretendia senão traçar amaveis folhetins ou rapidos esbocetos de vida urbana.

Um livro notavel

Não seria possível deixar passar despercebido aos leitores do *Boletim de Ariel*, que desejam acompanhar o desenvolvimento das idéas e o progresso da cultura em nosso paiz, o livro que acaba de lançar á circulação a Companhia Editora Nacional *Glandulas Sexuaes e Hypophyse anterior* da autoria do Professor Thales Martins. Apesar de minha habitual sobriedade em adjetivos, não hesito um só momento em classificar-o como notavel.

A litteratura scientifica brasileira é muito pobre em livros de conjuncto sobre dominios limitados da sciencia, nos quaes se encontre exposição clara e completa do que se tem produzido, dos resultados obtidos, além de uma critica penetrante e segura das idéas dominantes e das tendencias novas das pesquisas. Livros dessa natureza só podem ser escriptos por quem tenha longamente trabalhado as questões visadas, adquirindo em indagações originaes o senso critico apropriado aos problemas que enfrenta, além do tino especial que dá o contacto directo com os phenomenos, da percepção das coisas que as descrições, as gravuras, toda a documentação impressa é capaz de integralmente transmittir. Só o verdadeiro pesquisador, aquelle que procura acima de tudo a verdade, após muito tempo de ensaios, de trabalhos em que são sacrificadas e deixadas de lado innumeras de suas idéas, mas tem a satisfação de assistir á confirmação de algumas d'entre ellas, tem a educação necessaria para empregar a redacção e a publicação de um livro como o de Thales Martins.

Quem, como eu, acompanhou e seguiu, com admiração crescente, a evolução de Thales Martins como physiologista, não se surpreende deante do exito de seu livro. Desde o inicio revelou elle espirito original, inventivo, mas ao mesmo tempo seguro e preciso. Calmo e lento em seus gestos, reservado em sua maneira de falar; os que o conheciam de perto sabiam, porém, estar sua intelligencia em constante trabalho. Suas primeiras investigações sobre a acção oligo-dinamica da prata foram firmemente conduzidas. Quando de 1927 a 1929, o tive como collaborador em pesquisas sobre a contractura produzida pelo acido mono-bromoacetico, pude apreciar sua habilidade de experimentador e ao mesmo tempo vêr que, sob sua apparencia fria se occultava grande capacidade de entusiasmo. Por esse tempo pensava elle em especializar-se na Physiologia do musculo. Um dia, porém, sua orientação mudou bruscamente. Veio-lhe uma idéa nova em questão totalmente diferente, nos dominios da Endocrinologia e isso levou-o a independentemente tentar outros trabalhos. No notavel conjuncto de pesquisas originaes hoje apresentado por Thales Martins, sua idéa inicial occupa bem pequeno logar. Assim, muito fre-

quentemente, se decidem as vocações: uma idéa, não se sabe bem porque, parece-nos mais seductora do que todas as demais. Della nada ou quasi nada fica depois. Mas teve ella esse papel de excitante, de provocadora ou (quem sabe?) de tentadora. Regra geral, as idéas iniciaes são simples pretextos para que se entre no laboratorio afim de começar as pesquisas e, justamente pela facilidade com que são ellas abandonadas é que se pode julgar da verdadeira natureza do pesquisador.

Na Endocrinologia e sobretudo nos estudos sobre as glandulas sexuaes e a hypophyse, encontrou-se Thales Martins em seu verdadeiro elemento. Em pouco tempo nosso acanhado laboratorio de Manguinhos tornava-se quasi inhabitavel: as gaiolas de ratos e camondongos tudo invadiam. Thales conseguiu da direcção do Instituto um laboratorio só para si. As condições materiaes e a apparelhagem eram bem deficientes. Mas, nenhum obstaculo poudo impedir o desenvolvimento de seus trabalhos. Succediam-se os factos novos uns aos outros, multiplicavam-se as communicações, as notas, as memorias. Dentro de pouco tempo appareciam as discussões, as confirmações, as citações nos trabalhos dos especialistas allemães, francezes, inglezes ou americanos. Thales Martins já era autoridade mundialmente reconhecida. Os discipulos e collaboradores começaram a apparecer. Chamou-o o Instituto de Butantan a dirigir sua secção de Physiologia; a nova Escola Paulista de Medicina confiou-lhe a cadeira dessa sciencia.

Os primeiros successos não tiveram, como é tão commum entre nós, a acção nefasta de arrefecer ou diminuir a dedicação e a tenacidade do joven physiologista. Ao contrario, mostrava-se elle cada vez mais assiduo ao trabalho e forte em seus designios.

Em sete annos de pesquisas, Thales Martins fez uma obra consideravel e digna de toda a admiração. Pensou elle que era chegado o momento, não de parar ou mesmo de descansar, mas de pôr em ordem os conhecimentos realmente adquiridos, focalizar os problemas ainda sem solução e ensinar aos que quizerem penetrar por esse caminho, cheio de promessas, do estudo das glandulas de secreção interna. E pensou bem, pois todos nós concordamos com o Professor A. Lipschutz e podemos subscrever esta phrase escripta pelo sabio physiologista russo, actualmente professor na Universidade de Concepcion, no Chile: "Entre os physiologistas de lingua iberica ninguem mais preparado para essa tarefa do que o nosso caro amigo Thales Martins".

Em seu livro Thales Martins revela com simplicidade e encantadora despretenção o que nelle admiravam os poucos que com elle privam: grande talento, solida e cuidada erudição, severidade

HORA DA NOITE

Livia de braços fechados no peito. Livia silenciosa. O frio entrava pelo seu corpo. Mas a musica vinha como um calor, um calor e uma alegria.

O seu homem estava longe, morto no mar. Livia de gelo, Livia perfeita, de cabellos molhados escorrendo no pescoço. Não veria o cadaver de Guma que os homens se cansaram de procurar com uma vela no mar de oleo, parado, fechado como o corpo de Livia.

Os outros rondavam na sua porta. Rondavam seu corpo sem dono, seu corpo perfeito. Livia desejada de todos fechou os braços sobre o peito. Nenhum soluço balançou seu collo moreno. Vinha a musica quente do negro:

"E" doce morrer no mar.

Nenhum soluço. Só o frio que a invade e a visão do mar morto de oleo. Debaixo delle correria o corpo de Guma como um navio sem leme. Os peixes rodariam em torno. Yemanjá iria com elle e o cobriria com seus cabellos. Guma iria para outras terras como um marinheiro de um grande navio. Iria passear pelos recantos mais mysteriosos do mar, acompanhado de Yemanjá. Seguiria sua rota, marinheiro no mar procurando seu porto.

Livia olha o mar morto de aguas de chumbo. Mar sem ondas, pesado, mar de oleo. Onde estão os navios, os marinheiros e os naufragos? Mar morto dos soluços quêde as mulheres que veem chorar os maridos perdidos? Onde estão as creanças que morreram na noite do temporal?

Onde está a vela do saveiro que o mar enguliu? E o corpo de Guma que boiava com longos cabellos morenos na agua que era azul. Na agua plumbea e pezada do mar morto de oleo, corre como uma assombração a luz de uma vela á procura de um afogado. E' o mar que morreu, é o mar que está morto, que virou oleo, ficou parado, sem uma onda. Mar morto que não reflecte as estrellas nas suas aguas pesadas.

Se a lua vier, se a lua vier com sua luz amarella, correrá por cima do mar morto e procurará como aquella vela o corpo de Guma, o de longos cabellos morenos, o que marchou pela estrada do mar para o caminho das Terras do Sem Fim, das costas de Aioká.

JORGE AMADO

(Trecho do romance MAR MORTO, a sahir.

Vinicio da Veiga — O Appello de Wotan — Casa Figueirinhas — Porto.

Chega-nos ás mãos o texto portuguez de um livro que já viramos em lingua italiana e que, segundo informam os editores, tambem mereceu divulgação em allemão e em inglez. O sr. Vinicio da Veiga, que pertenceu ou pertence á nossa diplomacia, e viveu longamente em terras germanicas, procura levar á ficção os debates de idéas politicas que actualmente apaixonam a Europa. A rigor, a litteratura ser-lhe-á muitas vezes pretexto para discutir os crêdos extremistas de Moscou, Berlim e Roma. Suas personagens são demasiado cerebraes para attrair os leitores que vão apenas aos romances em busca de uma hora de desafoço aos cansaços da vida. Mas não podemos deixar de rejubilar com o successo que o escriptor patricio está obtendo do outro lado do Atlantico.

Ernesto Morales — Exploradores y Piratas en el Sur argentino — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Bastante nos deliciou este livro do sr. Ernesto Morales, não só pela excellencia do estylo, como tambem porque nos disse muita e muita coisa nova a proposito dos homens audazes que revelaram ao mundo uma das mais bellas regiões da America do Sul. Conhecedor seguro de tudo quanto se prenda ao nosso continente, o brilhante publicista offerece-nos um resumo da historia das navegações, em seus contactos com os mares e as terras argentinas. Mas não está em jogo, como poderia parecer, uma descripção meramente didactica. O sr. Morales é um artista, escreve com elegancia e tem o entusiasmo dos heróes que suscitaram tanta civilização nestes recantos da Amerindia. Quando se refere aos exploradores do Atlantico e do Pacifico, fossem elles marujos ordeiros ou piratas desalmados, encontra sempre um traço que bem os define, uma nota característica que os marcará para sempre em nossa memoria.

Maurice Bedel — O Amor na Escandinavia — Civilização Brasileira — Rio.

Em traducção do sr. Azevedo Amaral, vae fazer o regalo de todos os amigos do espirito esta narração bem humorada que a Academia Goncourt laureou. Foi com o Amor na Escandinavia que Maurice Bedel tomou situação de prestigio entre os cidadãos zombeteiros do seu tempo. Indo além dos que se contentavam em caricaturar os patrios, esse francez, tornando-se uma especie de má-língua internacional, tocou para as zonas frigidadas do norte da Europa e ali, mesmo em recantos puritanos inimigos do alcool e amigos dos eufemismos litterarios, verificou que o sexo é coisa perigosa em todas as latitudes e que a proximidade das neves polares parece exigir mesmo umas caricias mais frementes para aquecimento das alcovas. Depois disso, Bedel andou pilheriando como os italianos e é até provavel que um dia estenda a sua inquirição burlesca a nós outros americanos do sul. Mas até agora o que elle produziu de melhor é esse *Jerôme 60e latitude Nord*, expressivamente christmado de Amor na Escandinavia pelo publicista de gosto e cultura que é o traductor Azevedo Amaral.

de critica, originalidade de espirito e accentuada capacidade de iniciativa. Além de tudo é sua obra escripta em estylo simples e agradável.

Não cabe fazer aqui qualquer exposição da parte doutrinaria do trabalho em apreço. Dedicarei a esse ponto outro artigo a ser publicado em revista scientifica. Era minha intenção apenas assinalar aos leitores de *Ariel* uma obra que consagra, para as classes intellectuaes, uma grande e bri-

lhante personalidade de cientista e de tratadista. Oxalá seja ella sem demora traduzida para uma das grandes linguas scientificas: francez, inglez ou allemão.

Não seria justo deixar de salientar o aspecto material do livro, muito bem impresso e repleto de optimas gravuras, o que denota o cuidado a elle dispensado pela Companhia Editora Nacional.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

DE LISBOA

Um caso typico da vida intellectual portugueza

No *Boletim Litterario*, órgão da Associação de Classe dos Editores e Livreiros de Portugal, de que era redactor principal, publiquei a seguinte nota:

"A Sociedade Felipe d'Oliveira, fundada pelos amigos do poeta mallogrado, resolveu criar uma delegação em Portugal. Ainda não se sabe quem a constituirá, mas certamente della farão parte os amigos portuguezes do autor da *Lanterna Verde*: João de Barros, Nuno Simões, Luiz de Montalvor e Carlos Lobo de Oliveira, entre outros".

Citei esses homens de letras apenas por saber terem sido amigos pessoas do poeta. Se o primeiro é também politico, se o segundo deixou ha muito a litteratura pela politica e pela economia, o terceiro não tem outra actividade que não seja puramente artistica. São todos tres democratas e liberaes, isso é verdade, mas o quarto, em compensação, é o que se costuma chamar um homem das direitas. Não me interessava nesse caso, como sempre que se trata de manifestações litterarias, a ideologia politica de cada um. Mas eu conheço os costumes da minha terra; sei que a vida intellectual está aqui submettida, em todos os sectores, ás paixões partidarias; que não ha, por isso, imparcialidade na apreciação dos valores. No caso da delegação portugueza da Sociedade Felipe d'Oliveira, eu temia, esperava mesmo, que a escolha se fizesse mais por politica do que pelo unico criterio que me parecia logico. Quiz, por isso, prevenir a individualidade encarregada de organizar essa delegação, para vêr se evitava que ella commettesse um erro e uma injustiça. Ou o aviso não foi lido ou d'elle não se fez caso, e a delegação constituiu-se sem nella entrar nenhum dos nomes que apontei. Em compensação, formam a delegação em Portugal da Sociedade Felipe d'Oliveira pessoas que ignoram tudo e têm, mesmo, o maior desinteresse pela obra do poeta e pela litteratura brasileira em geral.

Não falo por mim. Embora o embaixador Martinho Nobre de Mello tenha escripto que eu sou um "escriptor que honra no Brasil as letras portuguezas e exalta a nossa cultura no perfeito conhecimento e na lucida comprehensão das letras brasileiras", a verdade é que alguma coisa contraindicava o meu nome. Admiro muito o poeta que escreveu *O epitaphio que não foi gravado* e o *Recuo nostalgico*, mas ante a morte de Antonio de Alcantara Machado não pude deixar de escrever:

"Em pouco tempo, o Brasil perde tres escriptores novos: Felipe d'Oliveira, Ronald de Carvalho e agora este. Dos dois primeiros, victimas de desastres e com amigos em Portugal, falaram os jornaes. Da morte de Antonio de Alcantara Machado não deram noticia as agencias telegraphicas. E no emtanto, talvez esta ultima perda seja maior do que as outras para a litteratura brasileira. Fe-

lippe d'Oliveira pouco mais poderia deixar, vivendo mais para a vida que para a criação duma obra; Ronald de Carvalho tinha-se realizado já, escrevendo cedo uma grande obra, como se adivinhasse que seria curta a sua existencia. Antonio de Alcantara Machado, affirmando precocemente o seu talento, fez com que d'elle se esperasse uma obra de contista tão vasta e penetrante como a do mestre das *Historias sem data*. Bastarão os livros que deixou inéditos e que o jornalismo, a politica e a erudição lhe deixaram escrever, para não o considerarmos um escriptor mallogrado?".

Quem assim se pronunciou acerca de Felipe d'Oliveira não podia, mesmo que o convidassem, acceitar fazer parte duma sociedade que deve exigir, mais do que a admiração que eu tenho, um culto pelo poeta. Mas pergunto eu: As pessoas escolhidas e que se reúnem hoje, em Portugal, sob a invocação do nome de Felipe d'Oliveira, terão, sequer, a admiração que eu tenho pelo poeta e a sympathia que me inspira a sua memoria? Talvez hoje, providas do *In memoriam* e da revista *Lanterna Verde*, saibam alguma coisa daquelle a quem prestam culto. Mas que têm escripto ou feito pelo Brasil mental, pelo conhecimento e comprehensão, entre nós, das letras e das artes do paiz de Felipe d'Oliveira? Não tenho presentes todos os nomes que constituem a delegação portugueza dessa sociedade litteraria brasileira, mas creio, sem injustiça poder exceptuar apenas dois: Joaquim Manso, pelo lugar que reserva no seu *Diario de Lisboa* aos collaboradores brasileiros e aos assumptos brasileiros, e Antonio Ferro, que teve com a geração modernista do Brasil um intimo contacto. De qualquer maneira, teve razão Ferreira de Castro em recusar, segundo me disse, o convite que lhe fizeram, por entender que era injusto excluir os dois escriptores que, segundo elle, mais se têm occupado, entre nós, da litteratura brasileira e mais têm feito por ella: João de Barros e o autor do *Espelho do Brasil*. Accrescentou o romancista de *A Selva* que estava convencido de que o tinham convidado a elle, escriptor das esquerdas, e a Aquilino Ribeiro, republicano e livre-pensador, para disfarçar a parcialidade politica da escolha dos outros nomes. Mas é este um aspecto politico que não quero, fiel ao meu costume e a minha attittude de homem sem partido, misturar com as considerações que ahí ficam sobre um caso typico da vida intellectual portugueza, que ao Brasil interessa porque só o Brasil soffrerá com elle.

OSORIO DE OLIVEIRA.

POST-SCRIPTUM

O *Diario de Lisboa* de hoje, 23 de Maio, publica a resposta do Nucleo Portuguez da "Sociedade

Felippe d'Oliveira" á mensagem que lhe dirigiram os seus consocios brasileiros, dando a seguir esta noticia:

"Na ultima reunião dos socios deste Nucleo foi resolvido, por unanimidade e de accordo com as disposições do seu Estatuto, convidar o sr. dr. João de Barros a fazer parte do Nucleo, o que sabemos que acceitou".

A politica não impediu, felizmente, que fosse assim reparado, em parte, o erro e a injustiça de que falei. Mas é preciso que eu me explique sobre a especie de politica que interveiu neste caso como noutros semelhantes. Não se trata daquella politica de idéas ou mesmo de paixão por um ideal, que leva um homem a não querer associar-se com outro e que impede a apreciação imparcial dos valores. Essa politica, no sentido proprio do termo, leva a injustiças, mas a injustiças que têm explicação. A politica que em Portugal inspira actos como este da escolha dos membros do Nucleo Portuguez da "Sociedade Felippe d'Oliveira" é a politica das antipathias pessoas, dos ressentimentos pessoas, dos odiozinhos e das paixõezinhas pessoas. O compadrio leva a escolher certos nomes; o despeito a excluir outros. Só o espirito de justiça, o severo e liberal espirito de equidade, nunca intervem.

Mas agora, que tenho presentes os nomes de todos os membros portuguezes da "Sociedade Felippe d'Oliveira", no numero dos quaes conto escriptores que admiro e homens de quem sou amigo, quero fazer uma pergunta: Quantos livros, ou mesmo artigos sobre a litteratura brasileira, particularmente sobre a litteratura nova, a litteratura viva do Brasil aquella de que Felippe foi um representante: quantos livros, ou mesmo artigos escreveram os seguintes senhores: João Ameal, Caetano Beirão, Samuel Maia, Alfredo Pimenta, Domingos Mauricio dos Santos, Mario Beirão, Manuel Murias, Mosés Amzalak, Aquilino Ribeiro, Alfredo Cortez, Hipolito Raposo, Affonso Lopes Vieira, Luiz de Almeida Braga e Cabral Moncada? Manuel Murias escreveu sobre Tristão de Athayde, mas Affonso Lopes Vieira e Luiz de Almeida Braga, que estiveram no Brasil, quantos escriptores brasileiros descobriram e nos revelaram? Para que se não diga que eu também faço politica, quero fazer notar o facto de no Brasil ter vivido um homem como Antonio Sergio e de lá não ter trazido uma nota sobre a actividade de espirito ou quaisquer problemas mentaes da gente brasileira. Mesmo Antonio Ferro, tão ligado, a certa altura, á vida litteraria do Brasil, quantas vezes, nestes ultimos tempos, tem acorrido a defender o Brasil da incompreensão e da má-vontade estúpida de certos portuguezes? Continuo a pensar o que já uma vez dei a entender: que apenas dois litteratos portuguezes cumprem o seu dever para com o Brasil: Carlos Malheiro Dias e João de Barros. Os casos de Ricardo Severo, Alvaro Pinto e João Luso são

especiaes: os dois primeiros, pelos generos de actividade intellectual; o do ultimo pela adaptação ao meio brasileiro. E não se julgue que me inspira a amisade porque Malheiro Dias esqueceu já o meu nome entre os de aquelles portuguezes que se têm occupado do Brasil. Porque além do autor dos *Pensadores brasileiros* e de João de Barros, ha, de facto, um homem que para o Brasil tem vivido metade da vida. E' aquelle que nunca tomou nem tomará parte em manifestações de politica luso-brasileira; aquelle que nunca pediu, nem quer (apesar de lhe terem falado nisso), a Ordem do Cruzeiro do Sul; aquelle que ama o Brasil, não como portuguez, não pelo que elle tem de portuguez, mas como meio-brasileiro e pelo que de mais puramente brasileiro tem o Brasil, mesmo que seja hostil a Portugal. E' aquelle de quem Jean Cassou se serve para, na *Encyclopédie Française*, terminar a definição da *Mission du Portugal*:

"Aussi le voyons-nous a Portugal avec un livre tel que la *Psychologia de Portugal* d'Osorio de Oliveira, se mirer avec sympathie dans le destin de l'énorme et dynamique Brésil".

OSORIO DE OLIVEIRA

Opiniões da critica sobre

O CABO DAS TORMENTAS

Romance de Eduardo Frieiro

De Agrippino Grieco: "Aqui, no trabalho recém-apparecido, as equações de temperamentos encontram um feliz solucionador". — "E já agora não tenho duvida em incluir o sr. Eduardo Frieiro entre os melhores romancistas vivos do Brasil". (BOLETIM DE ARIEL, junho de 1936).

De Alcides Bezerra: "Nesse novo romance firma o sr. Eduardo Frieiro de vez os creditos de romancista". — "O sr. Eduardo Frieiro junta á percuciencia do espirito critico invejaveis faculdades creadoras — coisas que raramente se mostram unidas — dons que o collocam bem alto na galeria dos nossos modernos escriptores". (BOLETIM DE ARIEL, junho 1936).

De Eloy Pontes: "O que caracteriza e destaca o sr. Eduardo Frieiro é a naturalidade. Elle narra sem artificios, conduzindo personagens e leitores através de scenarios que se desdobram sem esforços". — "Ha paginas neste romance que não se esquecem". (O GLOBO, 15 de junho 1936).

Pedidos de O CABO DAS TORMENTAS a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua Senador Dantas 40-5.º andar — Tel. 22-1406

RIO DE JANEIRO

A ARTE DE TRADUZIR

(A proposito do DANTON de Hermann Wendel, trasladado por Carlos Domingues)

Não é nada facil a arte de traduzir, mormente em se tratando de linguas que não pertençam á mesma familia. E' o caso, por exemplo, do allemão relativamente ao portuguez. As syntaxes respectivas se debatem por falta de analogia, accrescendo a difficuldade do reajustamento do rico vocabulario de ambos. Não basta, pois, que o traductor possua, com perfeição, os dois idiomas, é necessario até que se esqueça de que está traduzindo, porque o principal do seu esforço consistirá no repensar em portuguez o que foi pensado em allemão. O trasladar ao pé da lettra tornaria illegivel a traducção.

O sr. Carlos Domingues venceu innumeras difficuldades para nos dar em vernaculo o *Danton* de Hermann Wendel. Nem de longe sentimos o primitivo molde em que o historiador germanico vasou a sua sentença serena e justa sobre o revolucionario francez. Os que se deleitam no correntio da prosa do eximio traductor, sem jamais terem travado conhecimento do que é o trabalho de *enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elysio*, para fallar como Fradique Mendes, nem de longe podem fazer idéa das habilidades technicas de que é possuidor o trasladador patricio.

Nesse circuito da Gavea, que é bem traduzir allemão, elle conduziu o seu carro como Hellé Nice o seu gracioso passaro azul, sem sacrificar a belleza á velocidade.

As traducções que neste ultimo quinquennio, em virtude da depressão cambial, invadiram o nosso mercado de livros, estão pedindo, na maioria, uma analyse arrasadora. Mas, em compensação, a derrocada por ventura definitiva do mil reis deu ensejo a que se revelassem traductores como Gastão Cruls, Carlos Domingues e Ary de Mesquita. Quero citar somente os que

li e admirei, sem excluir outros do mesmo nivel.

O *Ciume* de René-Albert Guzman encontrou no primeiro quem lhe sommasse aos donaires do estylo a graça de novos rythmos, num idioma mais rico.

O *Danton* de Hermann Wendel teve no segundo quem o fundisse em outros moldes, geometrica e estheticamente equivalentes aos primitivos em que foi vasado.

O *Stendhal* de Stefan Zweig, que o terceiro vernaculizou, ostenta todas as sonoridades e finuras do original dentro da mais castiça prosa portugueza.

Traductores da exacção de Gastão Cruls, Carlos Domingues e Ary de Mesquita não se encontram todos os dias: felizes os autores que lhe caíram nas mãos, porque ganharam outra area linguistica sem que os seus livros nada perdessem na original belleza.

Esses transplantadores litterarios, que reúnem a exactidão á elegancia, prestam á cultura nacional serviço de grande relevo.

Foi-se a epoca dos nacionalismos nos dominios das lettras; abre-se para todas as litteraturas o periodo das influencias fecundantes. A franceza mais do que as outras da Europa tem aproveitado com o cosmopolitismo das assimillações.

Dir-se-ia que atravessamos uma phase transitoria de mutuas influencias antes de atingirmos o periodo definitivo, com que Goethe sonhou, da *Weltliteratur*.

Os bons traductores são os obreiros que preparam o regime final em que o homem de lettras ou escreverá para o mundo ou não terá oportunidade de afirmar-se. Porque outra será a escala de valores. Um livro apparecerá simultaneamente em quatro ou cinco linguas diversas, fazendo num apice a volta do mundo culto.

Vêm-me essas reflexões ao bico da penna ao delectrear a ultima

pagina do *Danton*. O admiravel ensaio biographico de autoria de Hermann Wendel, até ha pouco só accessivel aos familiarizados com o allemão, graças ao prof. Carlos Domingues, passará a enriquecer o patrimonio intellectual dos apedeutas em coisas daquela lingua.

Não vem de proposito louvar tambem a bôa apresentação do livro, a meticulosidade da revisão e o rigor com que é seguido o *systema graphico* adoptado. Dez gravuras fora do texto illustam o volume.

Com esse trabalho magnifico, rara excepção no meio de tanta traducção mal feita, o sr. Carlos Domingues vem enfileirar-se na familia illustre dos traductores, que remonta chronologicamente até aquelle escriba anonymo que elaborou a pedra bilingue de Rosetta, chave que abriu a Champollion e depois á humanidade mais de tres mil annos de historia no rumo de suas obscuras origens.

Se o bilinguismo só tivesse prestado esse serviço á causa da cultura, desvendando a Isis velada, bastava-o para ennobrecer a arte de traduzir, cada dia mais necessaria no mundo em que vivemos.

Só me resta fazer um voto: que o sr. Carlos Domingues continue a nos brindar com bôas traducções do allemão, ou das outras linguas que senhorea perfeitamente.

Não temos duvida em recomendar aos mais exigentes o *Danton* de Hermann Wendel na interpretação brasileira. O livro é de um grande mestre da historia moderna. A traducção é, sem favor, primorosa.

Lê-lo é fazer um passeio interessante pelos ultimos annos do Seculo XVIII e travar intimo conhecimento com uma personalidade que Augusto Comte qualificou de grande

ALCIDES BEZERRA

Notas de Educação

I

MÁRIA MONTESSORI

Acaba de apparecer em traducção franceza o ultimo livro de Maria Montessori. — *A creança*.

Ha 30 annos iniciou ella a sua obra de educação, que deveria ter tanta repercussão no mundo inteiro e tanto beneficio iria produzir. As innumeras escolas espalhadas pela maioria dos paizes civilizados, a traducção em varias linguas de seus livros, os 20 congressos realizados, a adopção official do systema em alguns lugares, as consagrações officiaes, tudo depõe dessa Mulher admiravel, que é hoje, sem duvida, um dos grandes typos femininos da especie.

O livro que agora acaba de sahir, embora fragmentario, é um panorama luminoso de todos os problemas que a creança impoz ao mundo, expostos pelo maior poeta da educação. O problema social da creança contem paginas que deveriam ser meditadas por toda a gente, porque fixa deveres, em face dos que surgem, pela civilização actual. Igual attenção merece o que diz sobre os cuidados aos recém-nascidos, pondo problemas novos a esta phase delicada da educação. Vistas originaes são as que se referem aos periodos sensiveis, á ordem, á intelligencia e a diversas actividades. Na segunda parte do livro, Maria Montessori como que revê toda a sua vida benemerita e com o coração nos conta a origem e evolução do seu systema, onde resaltam varios episodios tocantes, que nos apertam o coração e humedecem os olhos.

A intelligencia que se deve pôr no amor á creança é o capitulo de conclusões do livro e da obra da eminente "Doctoresse", que exige para educar as crianças este triptico: ambiente adaptado, material scientifico e mestre humilde.

Será pouco, mas este pouco é tudo.

II

ADOLESCENCIA

Desde o livro celebre de Stanley Hall que o problema da adolescencia ficou em fóco.

Ha alguns annos o prof. Lourenço Filho fez na A. B. E. uma palestra sobre o thema: "Ha uma psychologia da adolescencia?"

Infelizmente ficou ella inedita até agora, pois que punha pingos nos is a algumas idéas assentes. Chega-nos agora um livro do prof. Faria de Vasconcellos, largamente conhecido, pela sua escola na Belgica e pelos livrinhos, pequenos e uteis, que vem escrevendo sobre educação.

Trata *Da delinquencia e intelligencia nos adolescentes*.

São cerca de 1.400 paginas onde se encontra condensado tudo o que se tem investigado sobre a

adolescencia, antes de abordar propriamente o thema especial do livro.

Depois de discutir as varias theorias e opiniões, os differentes conceitos de adolescencia, o prof. Faria de Vasconcellos chega á conclusão que esta phase da vida não apresenta ponto singular na evolução organica, nem physica, nem mental, antes, de um modo geral uma curva continua, de forma variavel, dentro do mesmo conceito da acção das cousas actuaes, que no estudo da terra, veio substituir os movimentos catastrophicos das theorias antigas.

Apresenta em seguida uma aquisição clara das investigações feitas sobre a criminalidade na adolescencia. As conclusões precisam alguns conceitos sobre relações entre delinquencia e intelligencia, deixando, como é natural, alguns problemas em aberto para novas e necessarias pesquisas.

O livro do professor Faria de Vasconcellos deve estar em todas as mãos, principalmente dos que cuidam do ensino secundario, sobre cuja decadencia tanta gente hoje se porfia.

III

ARTE DRAMATICA

O theatro de crianças, na escola e fóra della, é assumpto dos mais delicados em educação.

Sendo a arte dramatica destinada a agradar, exige dos que representam qualidades que difficilmente se podem obter de crianças.

E, no entanto, ella pode ser uma actividade util e fecunda como elemento educativo.

E' o que nos vem mostrar, em formoso livro, *Les jeux dramatiques*, o conhecido educador francez Leon Chancerel, com duas de suas collaboradoras.

E', antes de mais nada uma obra vivida, resumindo 20 annos de experiencia com a arte dramatica infantil, director que é do "Theatre de l'Oncle Benjamin", onde os espectaculos para a infancia são encantadores não só para ella, como para os que a amam.

Ha actualmente na grande capital dois ou três desses theatros, onde as representações são vivas e vividas pela alegria da propria platéa, que nellas collabora.

O livro torna-se indispensavel a quantos directa ou indirectamente tenham que lidar com collectividades infantis, porque a segura experiencia do autor cuidou de todos os problemas em termos objectivos e preciosos.

Fixou desde logo o sentido desses jogos dramaticos, que não devem ser exhibidos de "meninos prodigios" para edificação de adultos e sim jogos que dêem ás crianças meios de exteriorizar,

pelo movimento e pela voz, seus sentimentos profundos e suas observações pessoais. Terão ainda por objectivo augmentar e guiar os seus desejos e possibilidades de expressão.

O autor aborda e discute os meios necessários e sufficientes para chegar a taes resultados: habilidade corporal, habilidade vocal, observação e reprodução de sentimentos e attitudes, organização de actividades collectivas, obtenção dos recursos materiaes, como sejam os ambientes e vestes, pelas proprias crianças, os aspectos artisticos das representações, a natureza dellas, destinadas a um publico especial de paes e amigos, a necessidade discreta de algumas exhibições para o grande publico.

Tudo isso é acompanhado de commentarios, flagrantemente de scenas bem sentidas e reaes.

Termina o pequeno volume com o relato da experiencia realizada no Trocadero de uma dramatização sobre os *Les éléments*, organizada pelos escoteiros de Paris, e cujo successo a emoção discreta do autor não conseguiu esconder.

O livro de Léon Chancere! ficará sendo o melhor guia para a mais difficil das artes humanas: muito mais difficil ainda para essa outra humanidade, desconhecida ainda e mais encantadora.

IV

EDUCAÇÃO RURAL

A União Pan-Americana, entre os trabalhos de benemerencia que vem realizando, conta a publicação de excellentes monographias sobre educação, umas de ordem doutrinaria, outras expositivas, todas uteis vehiculos de informações e idéas, levadas a todo o continente.

Acaba de apparecer o volume 56 da série em portuguez, sobre *Mexico e sua educação rural*.

Como se sabe é este paiz, entre todos os da America, o que tentou uma obra mais interessante sobre a educação na zona dos campos. E' uma experiencia de já alguns annos, através da fundação de 8.500 escolas em 1935, com um projecto progressivo que deverá alcançar 20.000 em 1939. O seu autor, o prof. Rafael Ramirez, mostra como se desacreditaram as escolas de alfabetização, substituidas pela que elle chama "culturi-zante", "capaz de promover o progresso da vida diaria do povo e de transportar paulatinamente a planos superiores a vida economica e cultural da nossa classe camponesa socialmente atrasada", nas suas proprias palavras.

Assim, são essas escolas centros de trabalho, de saude e de recreação, articuladas no meio, dentro da entozagem de sua vida social, procurando melhora-la, com o combate ao alcoolismo, ao desasseio, ás doenças epidemicas e endemicas, á devastação das florestas e um sem numero de outras actividades muito mais directamente ligadas aos interesses das populações, sendo realmente a "Casa do Povo".

Deste modo não só serve ella ás crianças, como aos adultos, aos homens e ás mulheres, em todas as necessidades da vida commum, tornando-se a casa da comunidade inteira.

Como grande parte da população mexicana é composta de indios, tambem os aspectos particulares de sua educação foram attendidos.

Não esconde o autor a difficuldade maior da heroica campanha, que é a da formação do professor, mais apostolo que docente, para que foi necessario a fundação de escolas normaes ruraes e assistencia das Missões Culturaes. Para plantar com raizes mais profundas a escola, ha a collaboração de todos: os habitantes constróem e mobiliam a casa do terreno que elles lhe dão, bem como os annexos de officinas e campos agricolas necessarios, e a Secretaria da Educação paga os professores.

O trabalho do prof. Rafael Ramirez é uma singela exposição, cheia de sinceridade, que servirá de exemplo e estímulo a outros povos da America, a quem se apresentem os mesmos problemas.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

José Verissimo — Lettras e Litteratos — Liv.
José Olympio — Rio.

Em geral, ninguém relê os velhos criticos senão quando elles se hajam distinguido pela belleza da fôrma, quando tenham sido, elles proprios, artistas em condições de accrescentarem algum encanto ás paginas alheias que commentaram. Assim, se na França de hoje ainda alguém retorna aos volumes de Lemaitre, é porque este escrevia em estylo á altura de competir com o dos melhores prosadores postos em jogo nos seus ensaios. Todavia, um sentimento de lealdade para com um morto que foi tão discutido em vida força-nos a reconhecer que esta collectanea de estudos de José Verissimo não é absolutamente superflua e corresponde mesmo a certas necessidades intellectuaes do Brasil de hoje. Ainda que prosador desattento aos preceitos da boa arte litteraria, redigindo de um modo aspero os seus periodos, José Verissimo vale, nestes tempos de facil camaradagem e de profusos louvores criticos, por um conselho de serenidade e honradez julgadoras. Foi elle, com todas as falhas que lhe resultavam de um senso esthetico ainda meio barbaro, um pensador ás direitas, forte especialmente em questões de sociologia, e as suas palavras a proposito de romancistas e poetas nossos, ainda quando avessas aos desbordantes adjectivos tão proprios do nosso temperamento, são grandemente definidoras das personalidades evocadas.

Altamirano Nunes Pereira — O Problema da Orthographia — Record — Rio.

Antigo professor, dos que mais pacientemente se consagram aos assumptos philologicos, o sr. Altamirano Nunes Pereira expõe aqui as suas idéas no tocante á solução racional de um problema que tanto tem preoccupado e por vezes azedado os nossos grammaticos. Sem nenhum furor sectarista e sem pretender immuniidades excessivas para o grupo de eruditos e pesquisadores a que se filia, o autor em jogo procura historiar, sem omissão de nenhum detalhe significativo, tudo quanto tenha occorrido no terreno da reforma orthographica em terras de Portugal e Brasil. Sua lealdade de argumentador é das mais patentes. O sr. Altamirano não escamoteia já-mais nenhum detalhe, ainda que não decorra em proveito da sua these, tributando plena justiça aos adversarios sempre que estes a mereçam. Finalizando, não deixaremos de fazer uma referencia á pertinacia fecunda com que o editor A. Simões dos Reis, um intellectual que ennobrece o commercio de livros, continua a espalhar pelo nosso paiz, em obras destas, o pollen das boas idéas.

LIVROS A APPARECER

"MA MO TO"

Mar Morto é o novo romance de Jorge Amado que dentro de poucos dias será apresentado ao publico brasileiro, em edição da Livraria José Olympio Editora. Após o successo de **Suor**, **Jublabá** e **Cacau** Jorge Amado se voltou para a vida dos mestres de saveiro do cães da Bahia, que descreve no seu livro a sahir. Dado o grande successo de critica dos seus romances anteriores e o notavel publico que possui o joven romancista, este seu novo romance é esperado com grande interesse. Como **Jublabá** é elle cheio de uma forte poesia na descripção dos costumes dos marítimos bahianos. De **Mar Morto** é o excellente trecho que publicamos noutro local desta revista. Juntamente com esse volume inedito apparecerão reedições de **Suor** e **Cacau**.

"ANGUSTIA"

Dentre os novos romancistas brasileiros Graciliano Ramos é um dos que maior successo têm alcançado. Ainda não silenciou a critica acerca do seu excellente **S. Bernardo** e já a Livraria José Olympio Editora annuncia para esse mez o lançamento do seu novo romance: **Angustia**, do qual publicamos hoje um excerpto.

Angustia é um romance de grande força humana, escripto por alguém que é realmente um dos mais admiráveis escriptores brasileiros. Será, sem duvida, um successo esse novo livro do romancista alagoano.

"UM LOGAR AO SOL"

Outro romancista que dentro em breve lançará o seu romance de 1936 é Erico Verissimo, o admiravel escriptor gaúcho, laureado com os premios Machado de Assis e Graça Aranha. Sendo um dos romancistas que estrearam ha poucos annos, já é dos de maior publico, publico que esse seu novo romance augmentará, sem duvida. Tem esse novo livro de Erico Verissimo o titulo de **Um Logar ao Sol** e com elle o joven prosador do Rio Grande do Sul continua a série de romances em que estuda a vida e os costumes do seu estado. A edição será da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

P. Matta Machado — **Pequenos quadros da vida brasileira** — Rio.

Tendo tomado parte nos trabalhos da Segunda Constituinte Republicana e continuando a servir o seu Estado natal no Palacio Tiradentes, já em pleno dominio da Magna Carta que ajudara a elaborar, o illustre politico P. Matta Machado mostra possuir, em feliz conjuncto, todas aquellas virtudes de raciocinio, bom senso e equilibrio constructor que fizeram o prestigio dos estadistas de Minas Geraes através dos João Pinheiro, dos Affonso Penna e dos Bias

CARLOS QUEIROZ

DESAPPARECIDO — LISBOA

Trata-se de um poeta portuguez que recebeu o Premio Anthero de Quental. Mas a sua maneira litteraria está longe de assemelhar-se á do grande philosopho em verso das *Odes Modernas*. Sem duvida, não falta ao sr. Carlos Queiroz a capacidade meditativa, o dom de vêr o que ha de subterraneo nas almas, a força de sentir o enigma de cada destino humano, tudo aquillo que foi tormento e é hoje a immortalidade de Anthero. Acima de tudo, porém, a nota característica do autor do *Desapparecido* é a ternura que se expande numa especie de cantilena menineira, onde percebemos reflexos das ironias de um Laforgue, adoçadas por essa saudosa meiguice peninsular em que a revolta contra os máos fados conclue quasi sempre na certeza de que o amor ás mulheres e á musica ainda é, num suave fatalismo, a melhor das soluções para todas as desventuras.

Raramente se utiliza o sr. Carlos Queiroz das fórmulas solennes, dos versos longos. Obtém quasi tudo com uma simples redondilha, e nesta, em linhas tão escassas, consegue infundir um mundo de nostalgia e affecto. As palavras não lhe saem nunca da penna sem um commentario melodico que as fará perdurar na emoção de quantos sabem ler.

A' semelhança de todos os grandes lyristas da raça, um Camões, um Bernardim, um João de Deus, sobrepõe o amor platónico, idealista, áquelle em que apenas os sentidos rugem desembestados. Mais do sentimento que da paizagem, não carece de abrir janellas para inspirar-se. Talvez seja mesmo de olhos fechados que elle veja melhor as coisas que lhe suscitarão belleza em rima.

Fala das creanças como quem ainda não deixou de ser creança, e acha mesmo ser obrigatorio permanecer menino para permanecer poeta. O sonho das viagens como que o impelle á eterna aventura maritima que é bem da sua estirpe. Algo de adivinho ou pastor, de homem que conhece as flores e as fontes occultas, de camponio, em summa, sobrevive nesse homem culto que um retrato nos mostra amigo das elegancias mundanas. Entre tantos modernistas vertiginosos, é um néo-romantico ou um néo-symbolista, coisas afinal não muito dissemelhantes.

A. G.

Fortes. Nestes trabalhos agora reunidos em volume, espelham-se nitidamente os debates em que elle esteve envolvido, ás voltas com parlamentares nada desprezíveis, e evidencia-se a sua capacidade de discutir, com abundante copia de leitura e uma interpretação pessoal frequentemente creadora, os problemas mais serios e urgentes da instrucção, burocracia e industria, especialmente nos pontos de contacto com um Brasil que, mudando constantemente, nem sempre muda para melhor. Os encomios do autor á cultura universal de um Ruy ou á sagacidade de economista de um Murtinho mostram-no inclinado a reverenciar os que se esfalfaram na desinteressada defesa de um paiz que tantos aventureiros e charlatães desejam pôr a saque. Louvado por um Afranio de Mello Franco, o deputado Matta Machado é realmente entidade autonoma da sua bancada e só vae á tribuna para articular conceitos uteis.

Clementino de Alencar — **Mulher de Malo** — Livraria Odeon — Rio.

O sr. Clementino de Alencar, que é jornalista dos mais perspicazes e tem ligado o seu nome a entrevistas de grande brilho, penetra agora, com exito, num genero de bastante interesse e que póde ser classificado de romance-reportagem. Perfeitamente em dia com os recursos technicos da narração destinada a elucidar a psychologia dos grandes centros, sabe elle mover com desembaraço personagens bizarras, das que constantemente surgem em cidades qual a nossa, abertas á invasão cosmopolita. A figura principal do livro, unindo pendores sentimentaes á brasileira a essa especie de agitação nervosa que sacode as creaturas arrastadas pelo furor da vida noctambula, exprime ás direitas as qualidades de fabulação e estylização do autor, de cujo talento não podemos em absoluto duvidar.

RETORNO A' PROVINCIA NATAL

Sei que as minhas despedidas e os meus regressos já se tornaram banaes como os de um caixeiro-viajante. Pensava que desta vez, como das vezes passadas, o ruido do nativo voltando á casa seria quasi nenhum. A idéa de um tão grande jantar foi uma surpresa; este quasi-banquete me surpreende. Mas desta vez eu proprio não soube dizer que não ao ruido de festa com que os meus amigos de Pernambuco decidiram me receber — aquelles amigos que enchem as minhas ausencias de algumas de suas saudades mais vivas. Porque nunca foi para mim e para os meus olhos uma festa tão grande vêr de novo os coqueiros e as igrejas de Pernambuco.

Este instante não se presta a outras palavras sinão ás de amizade; a outras emoções sinão as de regosijo. Regosijo de amigos. Homens de profissões differentes, de idéas contrarias e até de idades diversas, todos aqui temos uma grande emoção em commum: a mesma ternura quasi sensual por Pernambuco, pelo Norte, pelo Recife. Bem sei que foi o que levou os meus amigos de Pernambuco, com Antiogenes Chaves á frente, com Odilon Nestor como interprete, com Annibal Fernandes, Luiz Cedro, Pedro Paranhos, Olivio, Sylvio, sempre na primeira linha da amizade, a promoverem este jantar: a certeza de que o amor ao Recife, a Pernambuco, ao Norte, não é menor em mim do que nelles. Este quasi-banquete não é a mim: é ao Recife. E' a Pernambuco. E' ao Norte que já não é vassalo, ao menos intellectual, mas uma região igual ás outras do Brasil; tão creadora como qualquer outra.

Nunca Pernambuco precisou tanto de um amor desses. Nunca foram tantas as sombras em volta de nós. Nunca foi uma traição maior á terra decadente, ao barco encalhado no chamado "verde mar dos cannaviaes", mas de modo nenhum sem esperanças, apenas exigindo todo o esforço, toda a intelligencia e todo o amor de sua gente mais nova, como da mais experiente para ser salvo; nunca foi uma traição maior a Pernambuco abandonado por lugar mais enxuto ou mais alto, do que neste instante de sua vida — o mais dramatico e o mais serio.

Um dos caracteristicos de nossa geração é repugnarmos o dramalhão. Elle se tornou ridiculo para nos. A voz com que hoje enfrentamos os momentos difficeis, em nossa vida sentimental como na politica, é a simples e de conversa. Si Carlyle apparecesse hoje nós pediríamos a Carlyle o grande favor de falar um pouco mais baixo. Si Euclydes da Cunha escrevesse hoje, nós pediríamos ao grande autor d'*Os Sertões* o obsequio de escrever um pouco mais simples. Nós nos lembramos da figura do rei Canuto gritando para as ondas da tempestade que parassem e a' ondas sem parar. As ondas alheias aos gritos do rei.

Os velhos gestos e as velhas vozes não correspondem á nossa sensibilidade. E' entretanto o ho-

mem de hoje — o menos rhetorico e o menos theatral dos homens — é que se vê obrigado a enfrentar o drama terrivel que Carlyle viu apenas de longe, com olhos arregalados de propheta.

Os que veem o perigo de longe são os que gritam mais alto: gritam tanto que ninguem os entende, como Oscar Wilde disse do velho Caine.

Nós somos a geração que não clamou porque temos perigo immediato a enfrentar. A nossa palavra é antes a da observação, a do diario, a do diagnostico. Nunca de uma geração se poudo dizer melhor do que da nossa: "de medicos e loucos todos tenemos un poco". Medicos pelo escrupulo de conhecer, de observar, de diagnosticar que é hoje do educador, do sociologo, do administrador, do juiz, do romancista, do jornalista e não apenas do clinico. Loucos pela loucura de revelar o resultado de observações, de introspecções, de pesquisas que pelo gosto de certos defensores da Ordem, de certo genero de patriotas e de moralistas, de certa casta de conservadores, nunca se revelariam.

Porque minhas maiores affinidades, aqui e em toda a parte, são com os medicos e com os loucos, vejo com alegria que me cercam neste instante quasi todos os grandes medicos, quasi todos os grandes loucos de Pernambuco. O louco que aqui sacrificou a clinica para fundar no Recife os serviços de assistencia á creança pobre. O louco que creou antipathias e até odios batendo-se, nos jornaes, por um Recife melhor. O louco da pintura que em 10 mezes botou fora 300 contos de reis. O outro louco da pintura que desta vez fui encontrar em Tigipió, de chinellas, sem meia, dirigindo uma fabrica de vidro, louco cujos quadros maravilhosos a mediocridade pomposa de um engenheiro avaliava ha pouco em 10\$ cada um. O louco da hospitalidade. O louco da sentimentalidade. O louco da lealdade. O maniaco da tradição. O maniaco da justiça. O louco que se fez advogado dos fornecedores de canna. Os loucos que enfrentando a rotina mais ranzinza veem reformando os metodos e revolucionando os estylos de magistratura, de ensino, de critica, de jornalismo, de clinica, de cirurgia, de arte, de administração. O louco que é ao mesmo tempo medico dos loucos e pelo seu espirito publico e pela sua sympathia humana o mais louco, dos medicos de Pernambuco. Que depois de ter reformado a Tamarineira, que era uma horrivel prisão e ficou um doce hospital, reformou com a mesm loucura de iniciativa e o mesmo romantismo de acção, a Escola Normal e o Gymnasio e criou no Recife uma verdadeira escola brasileira de psychiatria — mais social e mais humana do que todas as outras. Falta aqui o louco admiravel que escreveu *Doidinho*. Elle devia estar entre nós. Elle é nosso. O Recife que nós amamos é um Recife incompleto sem José Lins do Rego.

Que seria o Recife sem os seus medicos, sem os seus loucos, sem os seus estudantes, sem o seu sal, e só com o seu assucar e os seus homens de juizo?

Assis Chateaubriand surprehendeu aqui um novo provincianismo. Um provincianismo capaz de iniciativa e de acção. Orgulhoso de suas tradições e dos seus valores. Quem o criou, foram os ricos da terra? Foram os governadores? Foram os assucareiros? Foram os homens que se gabam do seu juizo e do seu serviço pratico? Foram os bispos? Não, fomos nós, medicos, intellectuaes, pintores, loucos, artistas, babalorixás, estudantes. Notavel, nesse sentido, a sua contribuição, meu caro, meu querido Odilon Nestor, cujas palavras generosas peço licença para agradecer com um lugar commum — de todo coração. Ha doze annos você fundava em sua velha casa de Paysandu', sem medo do ridiculo, em volta de uma meza de chá com sequillo e bolo de gomma, aquelle saudoso Centro Regionalista que um dia será talvez considerado historico.

Meu amigos: de Pernambuco não me interessam os applausos nem as honras porque o meu amor a esta terra é dos que não precisam de ser correspondidos. E' até mais forte quando é menos correspondido. E' mais mystico do que sensual. Tão pouco me interessa a opinião dos moralistas e dos censores. O dia mais triste da minha vida seria aquelle em que eu fosse aqui consagrado "homem de character".

Mas o que não vou é ao extremo de Thoreau que dizia só amar a sua provincia por causa de suas arvores, de suas aguas e de seus cajueiros, de seus coqueiros, de suas mangueiras, das aguas do seu rio, das suas noites de lua, do que por causa de sua gente e do seu passado — e de tudo que a sua gente fez aqui e continua a fazer: os sobrados, as igrejas, as ruas, as jangadas, os mucambos, os engenhos, a guerra contra os hollandezes, a revolução de 17, os hospitaes, as escolas, os doces, os bolos, os livros, os quadros, a campanha da abolição, as musicas, os xangôs, as poesias, os mal assombrados.

GILBERTO FREYRE

(Discurso pronunciado no banquete que lhe foi offerecido no Recife, por motivo de seu regresso a Pernambuco).

José de Alencar — O Guarany — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

São dois pequenos volumes portateis em que a collecção Sip, da Civilização Brasileira, permite, a qualquer leitor em viagem, deliciar-se com as figuras e os scenarios do mais theatral dos nossos romances, do romance typico por excellencia dentre quantos já foram compostos no Brasil. Se alguém entre nós soube pôr em contribuição as almas sensíveis, fornecendo-lhes a narração que todos entenderiam e amariam e cujas personagens principaes ficariam longamente na retentiva do povo, esse alguém é Alencar. Ainda agora, a commemoração do centenario de Carlos Gomes, que completou em musica impetuosa a criação romanesca do escriptor cearense, está a assegurar ao grande embellezador da nossa historia uma indiscutivel intensificação de prestigio.

Thomaz Murat

Medimos bem as nossas palavras: depois do suicidio de Pompeia nenhuma outra morte voluntaria de homem prejudicou tão fortemente a nossa prosa quanto o desaparecimento de Thomaz Murat.

Filho de poeta, tomou elle deliberadamente o caminho do ensaismo, mas ainda assim, pela pureza do rythmo e pelo nobre luxo das metaphoras, era um grande poeta. Seu livro, O Segredo das Mascaras, que está a sahir, encerra algumas das mais bellas coisas que o verbo humano suscitou entre nós nos ultimos tempos.

Numa época sem estylo, sem polidez dos autores para com os leitores, época em que as dissonancias dos primarios valem mais que as melodias classicas dos florilegios, esse moço acreditava ainda na "écriture artiste", reconhecia que tambem pôde haver emoção, pôde haver alma numa formosa imagem, nos vocabulos de plastica attrahente. Que juventude em seu sorriso ao encontrar um camarada, que fulgor comprehensivo nesses olhos leaes, quanta combustão de intelligencia se nos falava do ultimo livro que lêra!

E quem diante dessa alegria de Murat, dessa saude de espirito, desses fremitos de uma arte voltada para os cimos que o sol illumina em cheio, conseguiria adivinhar os combates intimos que o levaram a matar-se com trinta e tres annos de idade?

A. G.

A. M. Aguayo — Pedagogia Scientifica — Cia Editora Nacional — S. Paulo.

O illustre professor A. M. Aguayo ensina na Universidade de Havana e este seu volume, consagrado á psychologia e direcção da aprendizagem, vale pela somma de conhecimentos absorvidos e tambem por um trabalho de selecção e concatenação que presume longa experiencia de taes assumptos. Mostrando-se integrado em todos os processos pedagogicos actualmente seguidos em paizes de vanguarda como a America do Norte, o sr. Aguayo, que é homem incapaz de exaggeros condemnaveis, tambem se aproveita da herança recebida dos classicos do ensino, não lhe faltando, quando necessario, uma intelligente restricção aos innovadores immoderados que desdenham da obra dos precursores como Pestalozzi e Froebel.

Walter B. Pitkin — A Vida começa aos 40 — Livraria do Globo — P. Alegre.

Mais um breviario de optimismo e confiança, redigido por um prosador que parece tambem ser homem de negocios e transportado ao portuguez por alguém que não mais nos offerece duvidas quanto aos seus meritos de escriptor original, o sr. Erico Verissimo. Essa litteratura de conselhos ao proximo, pela sua abundancia, já nos vae fatigando um bocado. Os crentes de Marden e outros contabilistas transviados nas letras vão diminuindo de numero. Mas um theorista como Walter B. Pitkin, por isso que se expressa com simplicidade pittoresca e tem sempre o exemplo anecdotico apresentado em momento opportuno, não enfadará ninguém, tanto mais quanto o romancista da Clarissa o soube estylizar em bom portuguez.

UM DISCIPULO DE MACHADO DE ASSIS

O romancista do *Braz Cubas* e do *D. Casmurro*, sem ter sido jamais chefe de escola alguma, deixou alguns discipulos. Entre esses podem-se arrolar, confessos ou implicitos, Pedro Rabello, Mario de Alencar e Magalhães de Azeredo. Os dois ultimos coincidem até nas iniciaes: *M. de A.*

Comtudo, apenas Pedro Rabello chegou a imitar consciente e deliberadamente o estylo personalissimo do mestre. No geral, a influencia de Machado de Assis sobre seus discipulos se deu de preferencia no dominio das idéas, na convergencia dos pontos de vista criticos ou doutrinarios ou no apuro classico da phrase. Influencias epidermicas, que deixaram o cerne incólume, pois, para seguir na esteira do humorismo machadiano, fôra mistér estivessem seus seguidores avassallados aos mesmos determinismos organicos, raciaes, moraes e sociaes que explicam no criador de *Quincas Borba* as tendencias do seu humorismo todo pessoal e intuspectivo.

Não sei até que ponto agirão esses determinismos sobre a personalidade litteraria e social do desembargador José de Mesquita para approximal-o estheticamente do grande sceptico de Yayá Garcia, revelando nelle a estirpe de um authentico discipulo, não discipulo servil que repete as lições do mestre, por um muito brasileiro psittacismo em que as apparencias phraseologicas encapam a falta de legitima correspondencia interior, mas discipulo por assim dizer ingenito, por similitude de tendencias naturalmente accentuadas com a assimilação e a admiração das obras primas do mestre.

Em José de Mesquita ha, sem imitação nem apparencia preconcebida, nêsgas de humorismo característica e inconfundivelmente machadiano. Filia-se ao ironista das *Historias sem Data*, como este se approxima de Sterne.

Meia duzia de exemplos podem ser catados no volume de contos *Espelho de Almas* do es-

criptor matto-grossense, publicado ha quasi quatro annos, mas posto novamente em evidencia com a recente vinda de seu autor a esta Capital, para representar as instituições a que pertence no congresso academico reunido em Maio findo e no congresso juridico ainda agora reunido.

No conto inicial, diz um amigo de paradoxos: "Os desconhecidas são como essas velhas moedas cunhadas ha muitos annos que nos passam pelas mãos: nem todos sabem dar-lhes o devido apreço, recebem-nas e passam-nas a outros, sem reflectir no mysterio do seu destino..."

Em *O forçado da felicidade* este trecho é perfeitamente machadiano: "Eu tenho um amigo que se considera irremediavelmente

desventurado porque tem os olhos garços, quando os desejava pretos. E' uma infelicidade absoluta, irreparavel, pois ninguém até hoje poudé trocar, a seu talante, a côr dos seus olhos..."

Eis agora um parente certo do inseparavel e herdado companheiro do Rubião: "Era uma vez um cachorro que tinha um guiso. Chamava-se Jack e era um bello animal; ...era um cachorro de estimação, o que entre elles, cachorros, equivale á nossa expressão — pessoa de sociedade". Mais uma carapuça para D. Casmurro: "Já notaste que os taciturnos, os de humor sombrio, como diziam os antigos, quando se abrem são justamente os mais expansivos? Pois regista mais esse contraste da alma humana, tão cheia delles e excusa de felicitar-me a titulo desta investigação psychologica, pois lealmente t'ó declaro — leitor — ella não é minha, pois pode ser tua, e de toda gente".

Um partidario da theoria do imprevisto constróe um dos seus romances de amor com um banal galanteio que dirige a uma passante. "Ella por certo não comprehendeu bem a phrase, em que havia resaios intencionaes de preciosismo. Mas esboçou um sorriso que era a mais eloquente approbativa ás palavras de Alvaro... Este pegou do sorriso, que era mais um convite, e, longe de segui-o..."

O problema da morte apparece a outra das suas personagens como appareceria a qualquer das personagens fundamentaes da galeria machadiana. "Eu penso sempre, ao voltar de um enterro, na profunda melancolia que sugere um fim de tarde de outono, no campo santo, depois que todos voltam de novo á vida que continua e o morto ali fica, só, inteiramente só, — que ali não ha amor terreno, por mais forte, que o acompanhe — e até o coveiro, governador macabro dessa cidade da morte, se retira, fechando atrás de si o portão de ferro". O mesmo personagem

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE CULTURA

Uma bibliotheca da cultura dentro do espirito tradicional do paiz

VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|---|---------|
| I — INTRODUÇÃO A ECONOMIA MODERNA — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 10\$000 |
| II — ESTUDOS, 2. ^a série, — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 8\$000 |
| III — ESTUDOS, 5. ^a serie, — de Tristão de Athayde | 8\$000 |
| IV — TRATADO DE PEDAGOGIA, por Monsenhor Pedro Anísio (2. ^a edição) | 10\$000 |
| V — AFONSO ARINOS, — de Tristão de Athayde | 5\$000 |
| VI — A PSYCHOLOGIA DA FE', — pelo padre Leonel da Franca S. J. (2. ^a edição) | 8\$000 |
| VII — ANCHIETA, — de Jorge de Lima | 6\$000 |
| VIII — TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA, — de Everardo Backeuser (2. ^a ed.) | 10\$000 |
| IX — TENDENCIAS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, — de Tasso da Silveira | 7\$000 |
| X — INDICAÇÕES POLITICAS (Da revolução a Constituição) — de Tristão de Athayde | 8\$000 |

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

C. DA VEIGÃ LIMA

Carlos da Veiga Lima era uma sensibilidade tão aguda que, como todos os sensíveis, em vez de collocar a sensibilidade a serviço da intelligencia, fazia precisamente o inverso: punha sua intelligencia, alerta e curiosa, ao inteiro serviço da sensibilidade. Dahi a nota poetica de todos os seus trabalhos, quer se tratasse de contos, romances, critica litteraria, ensaios philosophicos. Mesmo, para elle, a poesia representava a maior altura da intelligencia humana, a ella só se chegando pelos caminhos insondaveis da inspiração.

A factura de seus romances, Veiga Lima, ia buscar em problemas puramente psychicos, explorando de preferencia os aspectos sentimentaes, as torturas intimas, os anseios da alma, toda a variadissima gama dos entre-choques amorosos, á margem dos quaes, o illustre ensaista, expunha sempre um conceito philosophico ou um pensamento surgido no decorrer do assumpto explorado. Seu estylo nervoso, as mais das vezes elliptico, constantemente procurando imagens e comparações, como que annunciava o modo de ser do seu eu intellectual.

No ponto de vista philosophico, Veiga Lima era um espiritualista, vendo no cosmos e em tudo a obra e a acção continua de um espirito creador, que transcendia á intelligencia humana, impotente para se communicar com elle, sendo o homem um deficitario em face dos enormes enigmas da natureza. Contudo, entre esse espirito criador e o homem, dava-se, não uma comprehensão pela intelligencia, mas sim, uma participação pelo sentimento. A ordem do sentimento era, por isso mesmo, para o auctor do *O Idealismo na philosophia contemporanea*, a ordem profunda da riqueza do homem.

E' desta criatura, tão cheia de valias, e animada do desejo assiduo de trabalhar, que o *Ariel*, sensivelmente penalizado, regista a morte, occorrida no 10 de junho ultimo.

O. S.

diz tambem haver conhecido 'uma mulher, nova e bonita, que morreu tuberculosa um anno depois de casada. Dizia sempre que o seu maior pesar era que o esposo ficasse'. "Este facto, prosegue elle, dá bem a idéa dessa sensação esquisita de que ha pouco lhe falei: o horror que desperta no que vae morrer a lembrança de que tudo continua e elle desaparece, morto para tudo, para as cousas boas e dolorosas da vida". E, ainda, num conselho amatorio: "O senhor tem alguma namorada? Ame-a, seja feliz, mas não se lembre nunca, ao estreital-a ao seio, que ali vae o virus da morte, o delicioso veneno do amor que prolarga a raça e a extingue..."

Mais além, em outro conto, ha um idyllio romantico entre uma lamartineana Graziella e um poeta: "durou seis mezes, custou-lhe duas caixas de pennas Mallat e umas tres resmas de papel e massa..." E' uma associação de idéas, que o proprio *conteur* explica: "O amor é cousa muito relativa, na duração como no custo. O da Marcella por *Braz Cubas* durou mais e custou mais caro".

Quando o mestre das *Memoirs Posthumus* assestava os seus oculos sobre uma paisagem não era seguramente para descrevel-a, para surprehendel-a nos segredos dos seus tons e dos seus contornos, antes para apoiar, dar base objectiva ao seu subjectivismo de psychologo á cata de analogias e de associações. O discipulo tem frequentes vezes dessas extrospecções, dessas verdadeiras projecções da consciencia ao mundo exterior: "Somos como uma vidraça através da qual se avista a paisagem: o vidro é sempre o mesmo, mas a paisagem varia constantemente e a mercê das estações, dos imprevisos de todos os instantes, dos transeuntes, de tanta cousa mais... Quem será tão simples para affirmar que conhece todos os aspectos da paisagem só por ter visto o vidro sempre igual?"

O ultimo conto do volume intitula-se *A burguezinha* ou *As linhas occultas do destino*. Ha

tambem ahi trechos accentuada mente machadianos. Um antigo namorado encontra viuva a mulher com quem rompera e que se casara com um dos seus amigos da mocidade. Eis como o escriptor machadiano nos relata o desfecho que se espera: "Não penses, leitor, que sem o telegramma e a morte ficaria sem fim esta historia. No pé em que as cousas haviam chegado, a historia estou eu em que acabaria da mesma forma, mas assim foi melhor, porque ficaram satisfeitos a moralidade e o juiz que os casou, logo depois de alliviado o luto. Não vás tambem suppor que este telegramma e esta morte entrassem aqui para concertar o epilogo do conto ao gosto de certos leitores que só apreciavam historias que acabam em casamento... Afianço-te que o caso se passou assim tal e qual,

nem de outra forma iria inverter a realidade para te ser agradável".

Penso não ter forçado a mão incluindo o nome do *conteur* mattogrossense, que é tambem poeta magnifico, no rol dos verdadeiros discipulos do psychologo do conselheiro Ayres.

MODESTO DE ABREU

— Num dos ultimos numeros das *Nouvelles Litteraires* Edmond Jaloux consagra grande parte da sua chronica semanal ao ultimo romance de Georges Simenon: *Quartier Nègre*. Georges Simenon, ficcionista de uma fecundidade excepcional e que aborda varios generos litterarios, é hoje um dos escriptores mais lidos em França. O publico brasileiro tambem o conhece muito, graças a Ariel, editora, que já lançou no mercado alguns dos seus melhores romances policiaes, como *O mysterio de um morto*, *O cão amarello* e *Um crime na Hollanda*. Todos recebidos com muitos applausos.

REMINISCENCIA DE CARLOS GOMES

Eu creio que Deus envia, de vez em quando, a este mundo, um mensageiro seu. Dante, Goethe, Pasteur, Erlich, Claude Bernard, Marconi, Edison, são enviados divinos. A' França, Allemanha, Italia, Estados Unidos coube essa honra celeste.

Ao Brasil manda, tambem, ás vezes, o Altissimo, alguem da sua parte. E se Elle é, como todos nós acreditamos, brasileiro, como esquecer este pedaço da terra? Carlos Gomes, Santos Dumont, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, são outros tantos enviados do Todo Poderoso, para gloria e orgulho nossos.

Carlos Gomes faria este mez cem annos, se ainda fosse deste planeta. Todas as festas que se fizeram em sua honra, não são nada deante do muito que elle honrou e dignificou a nossa Patria.

Eu era alumno do Conservatorio que hoje tem o seu nome, então installado no predio que fica em frente ao Corpo de Bombeiros, á rua João Diogo, quando o director era Carlos Gomes. Só duas vezes a minha curiosidade de creança poude ver o maestro. A primeira, no Largo da Polvora, antiga denominação da actual praça da Republica, proximo á rua Caetano Rufino, e uma unica vez no Conservatorio. Lembro-me nitidamente do grande musicista, já algo abatido, vestido com simplicidade, e um chapéo molle cobrindo a "testa di leone".

O professor da classe que eu cursava na nossa antiga escola de musica, era Roberto de Barros, que tinha uma verdadeira idolatria pelo autor do "Escravo". Antonio Carlos Gomes não ia mais á casa dos futuros artistas que era de sua direcção, nem sahia mais. O mal cruel que o levou já não permittia.

Uma tarde, na aula, Roberto de Barros nos avisou que, no dia seguinte, todos nós, seus discipulos, fossemos preparados para fazer uma visita ao maestro. Com que alegria eu e meu irmão Flavio, que tambem era alumno do curso, aguardamos o dia immediato para, com a nossa melhor roupinha, irmos visitar, vêr, falar ao paulista genial.

Todos esperavamos, na sala da aula que o professor chegasse, para, em sua companhia, nos dirigir á residencia daquelle que musicou o *Guaraní*. Roberto de Barros entrou e sentou-se na cadeira de onde leccionava. Sua physionomia, que era naturalmente triste, tinha, naquelle momento, uma infinita expressão de pezar. Olhou-nos. Abaixou os olhos. Tenho tão perfeita na memoria a scena, que me parece estar vendo-a ainda. E com a voz lenta, onde parece que havia soluços disfarçados, nos communicou que aquelle que escreveu a partitura da *Fosca* peorára, e a visita não podia ser feita. Não é difficil avaliar a immensa magoa de todos nós, que perdemos a unica occasião de — ai de nós! — estar frente a frente de Carlos Gomes. O maestro não voltaria ao Conservatorio, porque Deus o esperava.

E o seu enterro foi um prestito civico, formado por todas as classes de Belem, antes que um cortejo funebre, para glorificar o genio que se findára. Acompanhei-lhe os despojos, juntamente com meu irmão, ambos vestidinhos de calças pretas, blusa de xadrez preto e branco, e um fumo no braço, que era assim que iam os homenagear o grande morto.

Muitos annos mais tarde, era eu o medico da familia de Clemente Ferreira, amigo intimo de Carlos Gomes. Um dia a senhora daquelle saudoso compositor me mostrou algumas cartas do maestro, escriptas da Europa ao seu esposo, e me convidou a escolher uma, que me offereceria. Li-as e tirei a que me pareceu mais interessante e vae aqui transcripta:

— "Bordeaux 9-8-95. Caro Clemente. Já te escrevi do *alto mar* e agora de terra. Em Lisboa tomei o logro de ficar a bordo do Potosi, em quarentena... Por causa dessa vergonhosa quarentena muitos outros passageiros tiveram o mesmo logro e como eu ficaram prejudicados. Inutil é dizer que nada sei até esta data a respeito da questão militar do meu filho; só á minha chegada em Milão saberei o que ha.

Esqueceu-me talvez te dizer que recebi em Pernambuco as photographias do Oliveira que me foram por ti remetidas. Aceita portanto as minhas desculpas e agradecimentos. Tem paciencia, mas é necessario que me remettas para Milão mais *uma duzia ou 24, se for possivel*, das mesmas photographias do Oliveira. As do Girard não agradam...

Manda-me qto. antes, ainda que seja meia duzia; assim poderei esperar o resto com paciencia. Nota que o Oliveira é mto. demorado...

— Peço-te de apertal-o diariamente!

Agora só de Milão terás noticias minhas. Lá espero tuas ordens. Abraçando-te com toda a familia crê-me sempre teu affso. Carlos Gomes".

Creança, acompanhei-lhe, respeitosamente, o enterro. E agora entrando na velhice, trago esta pobre homenagem ao genio authenticico que soube, faz tantos annos, vencendo sabe Deus que difficuldades, dar ao mundo a grande revelação do seu talento.

GASTÃO VIEIRA

Georges Linze — Manifestes Poétiques — Editions René Debresse — Paris.

Poeta, ensaista e romancista, o sr. Georges Linze é autor de muitos livros, alguns delles destinados á infancia. Nestes manifestos faz um appello á renovação das letras, mas sempre através da cultura. Detesta a audacia ignorante e préga o que se póde chamar de rebeldia raciocinada. Suas palavras mostram que é impossivel prescindir do patrimonio classico, ainda quando se tenha um bom sentido do presente e do futuro em materia de poesia. Lel-o importa em prazer do qual nunca está ausente o proveito da boa critica.

O POETA LAGARTIXA

Laurindo José da Silva Rabello — o poeta lagartixa, nasceu no Rio de Janeiro, em 1826. Após uma vida miserável, de dissabores, veio a falecer em 1864. Medico, do Exercito, e professor do Collegio Militar, nem por isso chegou Rabello a usufruir qualquer bem estar na vida. A satyra, que já levára antes Gregorio de Mattos ao desterro, provocou contra Laurindo as mesmas perseguições e os mesmos desencantos.

Ao lado da satyra mordaz, do dito ferino e deboxativo possuia Lagartixa a alma lyrica e compassiva. Desta sorte o veio da mordacidade corria parallelamente ao da tristeza, conpungindo a carranca do poeta, fazendo-o predecessor de Buster Keaton — um engraçado triste. Gregorio só na hora da morte olha para dentro de si e compõe um ultimo soneto que vale pela obra mediocre de toda a sua vida, Lagartixa ridiculariza e chalaceia mas se entristece no melhor da gaiatice e produz a descrença romantica metrificada á moda da época.

A geração passada ainda relembra anedoctas e diabruras de Laurindo Rabello. E é este mulato repentista mas sorumbatico que morre tísico como qualquer romantico, aos trinta e oito annos, golfando sangue e compondo versos até ás ultimas amarras da existencia. Seu primeiro livro chamou-se "Trovas" e eram vinte poesias sahidas a lume em 1855. Muita coisa contribuiu para a popularidade de Lagartixa. A sua fama de poeta popular correu celere sem duvida por ter convivido sempre com a massa, desalinhado nas vestimentas, tocando violão, improvisando sarcasmos, poetando para o povo. Cerceado pelos preconceitos de côr, apertado pela inveja dos mãos que não possuíam o seu formidavel talento, e sobretudo perseguido pelas inumeras vitimas de seus repentes, fez-se revoltado, desgostoso da vida, amargo, sarcastico e triste.

Norberto da Silva dizia delle: "bastava o ver em um relance de olhos para logo se dizer que não era um homem vulgar. Parecia exaltado o seu olhar. Denunciava o seu semblante o desgosto da vida, a indiferença pelas coisas do mundo".

Quando este homem original completou alguns estudos preliminares em que foi o primeiro entre seus companheiros, entrou para um seminário. A entrada do futuro grande poeta para uma carreira ecclesiastica tinha sido forçada pela necessidade: morrera-lhe o pae assassinado, e pouco tempo depois um irmão o era do mesmo modo e em circumstancias de desvios moraes.

O escandalo, a situação penosissima em que se viu depois com a mãe e irmãos pequeninos, a situação precaria de "facadista", de parasita de amigos levou-o ao Seminario de S. José em que recebeu ordens menores e outras regalias como a de pregador em certas festas religiosas de pequena pompa.

A sua facilidade oratoria, o seu talento verbal provocaram immediatamente entre seus companheiros clerigos — inveja e perseguição. Rebateu-lhes a canalhice com irreverencias metrificadas. Lagartixa tão precocemente victima da inveja do proximo, vê-se de repente perseguido dentro de um estabelecimento religioso por esse odio historico do qual Camilo Castello Branco já dizia em seu tempo: "peor que o odio dos medicos só o dos clerigos".

Só lhe restava um caminho: desistir da sotaína apesar de todas as vantagens materiaes que a clericatura daquelle tempo lhe podia conferir. E foi o que fez. Tirou a batina e vestiu uma farda matriculando-se na Escola Militar.

Porém Laurindo não era homem talhado para disciplinas e respeito a seus suppostos superiores. Reconhecendo o meio ridiculo, tolhido por uma hierarchia ferrea que raiava á humilhação, Lagartixa satyrisa os officiaes como satyrisava os reitores.

Excluem-no summariamente da Escola Militar. Agora só lhe esperava o meio de competições e de rivalidades que agitava e sempre agitou o ambiente medico: matriculou-se na Escola de Medicina. Para esses estudos tão varios o poeta teria de fazer verdadeiras gymnasticas orçamentarias, lançar mão de todos os expedientes: vendeu discursos, saudações, sonetos, escreveu correspondencias para os outros, compoz opusculos medicos para professores incompetentes.

O *Septenario Poetico* de sua autoria foi então publicado com o nome do litterato e falso doutor Ignacio Peregrino Ferreira Maranhense. Lagartixa fazia esses negocios com os esculapios porém não se contendo contava o segredo das transacções aos companheiros academicos.

E' facil de comprehender-se que o candidato a medico não poderia concluir seu curso no Rio de Janeiro. Foi quando lhe appareceu um Meceenas — o Conselheiro Salustiano Ferreira Souto. Esse magnanimo enroupou-o, calçou-o, levando-o para a Bahia onde concluiu com relativa paz seu curso medico.

Toda a obra desse grandissimo poeta é triste. Parece que muita anecdota, muito dito picaresco lhe foi attribuido pagando o melancolico Lagartixa o pato pelas graçaolas dos outros. Até pornographias de Bocage lhe emprestaram. Como tambem bastas coisas que reflectiriam por ventura seu talento extraordinario lhe foram sonegadas.

Ninguém porém conseguiu desmerecer o valor de sua poesia nem a espontaneidade do aedo e cantor de suas produções, — o raro artista musico e vate louvado aos tempos de S. Francisco de Assis e cujo remanescente retardatario ainda existe no senhor Catulo da Paixão Cearense.

EDSON LINS

CONVERSA COM LIVREIROS

Felizmente já se pode no Brasil de hoje avaliar o merito de um escriptor consultando a preferencia que lhe dá o publico. E' verdade que muito escriptor novo não despertou a attenção que merecia porque nem sempre sua maneira de escrever attráe a massa de leitores que fica sem entender a mensagem de suas obras. Um trabalho scientifico, por exemplo, não é livro destinado ao grande publico, principalmente quando se abusa dos termos especializados. O leitor compra o livro e fica debruçado sobre o prefacio, impossibilitado de ir mais adeante. Salvo quando é um livro como *Casa Grande & Senzala* que, graças ao estylo envolvente e á grande simplicidade do autor, conseguiu ser lido por todo mundo. E a prova está ahi, bem viva, na sua segunda edição quasi exgottada e já se falando numa terceira que terá o mesmo destino das anteriores.

Um dia desses entendi de fazer um inquerito particular nas livrarias do Recife e em algumas das nossas cidades do interior para saber quaes eram os romancistas novos melhor acolhidos pelo povo.

Se fosse fazer dos escriptores em geral, Humberto de Campos seria o primeiro porque as suas obras completas, que a José Olympio vem editando, mal esquentam as prateleiras já estão voando para as mãos do seu grande publico. Mas me interessava era saber do destino dos romances da gente nova. E da conversa que tive com os livreiros pernambucanos cheguei ao seguinte resultado: — os romancistas mais lidos aqui são José Lins do Rego, Jorge Amado e Erico Verissimo. De José Lins do Rego, o livro de maior vendagem, batendo o *record* sobre os seus collegas, foi o *Banguê*. De Jorge Amado se vendeu muito *Cacau* porém *Jubiabá* passou-lhe o chinello. E de Erico Verissimo, *Caminhos Cruzados* ainda con-

tinua sendo procurado, principalmente depois da publicação de *Musica ao Longe*.

Por essa simples palestra com os livreiros se pôde julgar do acerto do publico de Pernambuco indo directo aos romances que a critica foi unanime em applaudir como sendo os melhores desses romancistas. A significação dessa preferencia cresce de valor tendo-se em vista que não existe nem sombra de bairrismo em se tratando de um parahybano, um bahiano e um gaúcho. Ella é o resultado da comprehensão que o povo vem tendo dos nossos romancistas de talento, graças a simplicidade, a sinceridade e a poesia que se encontram nesses romances onde os conflictos sociaes e psychologicos se agitam com toda a força dos phenomenos vividos.

Outra coisa que os livreiros me disseram: o publico não se limita a ler o livro publicado, indaga tambem se o "seu" autor não tem algum novo romance anunciado. Tanto que elles se vêm obrigados a convencer de que *Usina* ainda não sahiu e de que *A Estrella sóbe*, *Rua do Sincirity* e outros não se sabe ainda quando serão publicados. Quando conversava com o proprietario da Livraria Imperatriz entrou uma mocinha que começou a teimar com esse livreiro como *Mar Morto* já havia apparecido no Rio.

Uma observação que colhi da conversa com alguns livreiros, foi a de que o preço desses livros não estão ao alcance de todos os que desejam lê-los. A maioria fica olhando comprido as vitrinas e pesarosa porque os niqueis não chegam para entrar em contacto com os grandes animadores de vidas. E' preciso que os editores e os autores façam uma campanha séria para o barateamento do papel afim de que os livros possam baixar de preço tambem. Só assim se daria mais um passo em favor da

grande maioria de leitores avida de bons livros.

A preferencia do publico que lê comprando, ou por emprestimo, os nossos romancistas novos, faz com que a observação de A. Voronsky se estenda até ao Brasil: "O novo escriptor surge de todos os logares, dos antros, dos suburbios, dos sitios mais distantes, da provincia e dos campos". Embora depois emigrem para a metropole e de lá fiquem mandando os seus livros. Mesmo assim muitos delles não se esquecem da provincia que é o encanto mais mystico do que sensual de um Gilberto Freyre.

ADERBAL JUREMA

— A despeito da sua origem norteamericana, Julien Green é hoje figura das mais destacadas entre os modernos escriptores francezes. *Mont Cinére*, *Adrienne Mésurat*, *Leviathan*, *Épaves* e *Le Visionaire* são os magnificos livros que lhe trouxeram a justa fama de vigoroso romancista, ainda agora confirmada com a publicação de *Minuit*, que merece o melhor acatamento da critica.

— A *Vida de Jesus*, por François Mauriac, desperta o interesse dos meios litterarios francezes. Parece, entretanto, que esse livro não accrescenta muita cousa á gloria do romancista que escreveu *Le désert de l'amour*, *Genitrix* e *Noeud de Vipéres*.

Já houve mesmo quem, maldosamente, dissesse que não se trata de uma vida de Jesus Christo por Mauriac, mas sim da vida de Mauriac escripta por Jesus Christo.

— Claude Mauriac, filho de François Mauriac, começa a apparecer nas letras, escrevendo contos e novellas. O jovem escriptor, que tem apenas 22 annos e a cujos hombros pesa a grande responsabilidade do nome glorioso de seu pae, não pensa, entretanto, dedicar-se exclusivamente á litteratura, mas vae tambem tentar a carreira juridica.

— Henri de Régnier dedicou um estudo á seductora personalidade de Madame Récamier e fez alguma luz sobre o mysterio que envolve a vida amorosa daquella que foi amiga de Chateaubriand e de Madame de Stael.

— O *homem 1936 na Russia Soviética* tal é o titulo de um livro recente de Helena Iswolsky em que se nos mostra que a personalidade, a familia, a patria e a religião, tentadas destruir pela ideologia marxista, voltaram gradativamente a se reafirmar durante a dictadura de Stalin.

NOTA SOBRE ZWEIG

A moda é Zweig. E porque ainda o seja — falemos do grande Zweig!

Mediocridade lantejoulada, creador de phantasmas travestidos de homem e a escrever com um olho posto em Balzac e Wilde, Stephan Zweig é, entre nós, presentemente, o mais lido dos estrangeiros. Sua instantanevel bibliorrhagia só não nos causa duvidas, porque já temos assistido, sob esse céu benevolo, a phenomenos eguaes, havendo entre nós, homens que também extraem do cerebro, em igual profusão, litteratura aguada, para a gloria de chegarem ao fim da vida artistica, muármemente atrellados a uma bagagem de quasi centenas de volumes.

Leu Balzac e nelle escolheu o que ha de mau. A' maneira de muitas creaturas do mestre francez, seus personagens nunca são homens integralmente dotados, tangidos por solicitações cambiantes de uma alma que fosse humanamente plurifacetada. Elles são antes sentimentos individualizados; e mettidos na pelle de um homem ou de uma mulher á maneira do Remorso ou da Gloria, nos dramas de 1860, os typos de Zweig, duma singeleza irreal, artificialmente vivem em suas paginas em função de uma entidade effectiva: um, aqui, é a paixão pelo jogo, alli, outro — o nobre que procura amantes, outro ainda, acolá, a encarnação pre-estabelecida duma terceira entidade effectiva — tudo isto, porém, sem expontaneidade ou litubeios, antes agindo com uma intervenção cega de hypnotizados.

Em Wilde, conheceu o gosto do raro, do paradoxal e da feminilidade adoçando gestos de homens: Os mais viris, dos seus, têm sempre qualquer coisa de feminino. A *Confusão dos Sentimentos*, desamparada da genialidade que illuminou *A Tragedia da Minha Vida*, causa aos espiritos são o asco das ulceras expostas, que o prisioneiro de Reacing soube diluir nos rebrilhos de sua arte genial.

Só as lantejoulas dos paradoxos lhe deram bons attributos; mas emprestando a seu estylo facil e attraente os jorrões de effeito para o publico, levou-o seu tanto a demasia, nesse wildismo, que o fez ver Fouché com vidro de augmento e dar, como causa da Revolução Franceza, em ultima analyse, certa incapacidade do real esposo de Maria Antonieta; isso, sem sublinhar o ridiculo indefinivel de incluir a descoberta do Polo Norte entre os momentos decisivos da humanidade. Aliás, num grosso volume intitulado, no original *Os Constructores do Mundo*, Zweig achou logar também para Nietzsche, Balzac e mesmo Casanova e Dickens, levado pelo prazer wildeano de chocar, de ser paradoxal e de endeusar o homem de genio.

Não que desagrade, Stephan Zweig, com todos esses pontos fracos. O segredo mesmo de seu successo talvez que nelles mesmo resida: nessa leveza que se furta á vulgaridade, no amor ao chocante e ao novo, na technica facil e simplificada a roçar pelo banal, e que são afinal a argamassa com que construiu suas melhores paginas, como a *Carta duma Desconhecida*, certos trechos de *Amok* e o seu mentiroso e fascinante *Fouché*.

CLOVIS RAMALHETE

Mercedes Torrens de Garmendia — *Fragua de Estrellas* — Habana — Cuba.

O que antes de tudo se leve louvar nessa poetiza é a musicalidade das palavras. Embora viva num ambiente de suggestões pictoricas, entre paizagens tumultuosas de cores, a sra. Mercedes Torrens de Garmendia prefera as cadencias destinadas a exprimir emoções subteis a esses empastamentos de tintas tão ao gosto de quantos se sentem torreados pelo sol dos tropicos. Mão grando uma indiscutivel originalidade, não lhe irrogaremos nenhuma injuria se a formos como leitora assidua daquella Desbordes-Valmore em que todas reucom a morte de Sapho. Tal a franceza contram a grande poesia feminina que

cue falou em vida para um publico parecia haver emmurchecido no mundo desattento, mas em que hoje os criticos têm a rival de Lamartine e a mestra lyrica de Verlaine, a sra. Mercedes Torrens de Garmendia, guardadas naturalmente as devidas proporções, volta-se para aquelles sentimentos de renuncia e de melancolia que evitam os arranques oratorios e a mimica violenta. Alegra-nos haver recebido de Cuba, a bella região que o grande poeta José Manuel Carbonell tão nobremente encarna entre nós, esse lindo volume de confidencias de amor.

G. Fessard — *Pax nostra* — Editions Bernard Grasset — Paris.

Não está em jogo um simples manifesto politico de quem pretenda dominar ou aterrorizar os outros homens, explorando-lhes as velleidades sectarias. Trata-se, sim, do nobre exame de consciencia de um pensador que quer ver claro em todos os problemas sociaes de hoje e não encontra solução para as contendas de partidos senão reintegrando Jesus nos espiritos. De que valem os tratados, os programmas, se uma nobre caridade christã não os anima, se o homem é sempre o lobo do seu vizinho, do seu parente? Em summa, só haverá um bom internacionalismo no dia em que fôr restaurado o christianismo entre os povos. Escripto sem ornamentos vãos e também sem recorrer a uma abstrusa metaphysica, o livro do sr. G. Fessard agita questões das mais sérias e não poderá deixar de impor-se a quantos procuram o lado morai de todos os acontecimentos do mundo.

Luciano Lopes — *Historia da Civilização* — Livraria Jacyntho — Rio.

Trata-se da quinta série de uma das materias mais interessantes dentre as que constituem motivo de cogitação dos nossos pedagogos. E o sr. Luciano Lopes elaborou este volume com muito criterio, preocupado em dizer apenas o indispensavel aos alumnos, não lhes entulhando a memoria com conhecimentos inuteis, não procurando embaraçá-los com arrazoados em que o autor, personalizando em demasia, sobrepuzesse a sua arrogancia doutrinnaria á licção directa dos factos. Homem dos mais es tudiosos, auto-didacta que é sempre visto em nossa maior bibliotheca a revolver livros corpulentos que atemorizariam qualquer outro, o sr. Lopes pertence a uma geração avessa ás superstições historicas, ao culto exaggerado dos heróes entrevistos em modalidades romanticas. Apegado a methodos estritamente objectivos, só se dirige aos alumnos depois de haver meditado longamente sobre as épocas e as individualidades que se propõe a definir. Um educador dos mais estimaveis e que deseja abrandar, em relação aos jovens estudantes de hoje, uma aprendizagem que elle teve de fazer sózinho e que por vezes tão fatigante e embaraçosa lhe foi.

Decadencia da litteratura

O meu amigo Donatello Grieco está promovendo, entre os intellectuaes de maior renome, um inquerito a respeito da situação actual da chamada litteratura de ficção. Dêsse inquerito resulta que a opinião mais corrente é que essa litteratura está decadente.

Em que pese á autoridade de Afranio Peixoto, Frederico Schmidt ou José Lins do Rêgo, ousa discordar das conclusões spenglerianas a que chegaram. Direi mesmo que ha nesse pessimismo uma grande dose de saudade ou talvez nelle se reflecta o cansaço dos "blasés". Também seria lícito attribuir-o á inadaptação de intelligencias que se formaram sob o influxo de principios intellectuaes ou estheticos actualmente incompatíveis com as novas tendencias do espirito das massas.

Pois me parece que a ficção continua a ser ainda o substratum dos nossos dias por mais positivo que seja o seu objecto. A sociologia, a politica, a economia, o direito, a historia, as humanidades enfim estão ainda impregnadas do perfume das idéas vagas e imprecisas que lhes dão o esplendor e a força de sedução. Sem o veu da phantasia a propria sciencia chega a ser obscena e indesejavel. Dahi as cautelas do creador que nos fez imaginosos e sufficientemente myopes deante da vida. Estamos por isso eternamente presos á poesia, na accepção mais extensa da palavra. A metaphora ha de sempre ser a unica linguagem que os homens entendem e amam. A nós nos repugnam os factos na sua expressão coarctada e immediata.

Eis porque eu penso que a ficção não deixou e talvez não deixe nunca de ser a condição imprescindivel para o exito de qualquer obra litteraria.

Provavelmente, ha um equivoco na apreciação do phenomeno litterario tal como se processa em nossos dias. Esse equivoco estaria na supposição de

que as legiões de romancistas, poetas e ensaistas mediocres de hoje são as responsaveis pela decadencia da litteratura de ficção. Enganam-se os que lançam essa responsabilidade á conta daquelles que não dispõem ou não podem se utilizar dos processos que transformam litteratelhos em chefes de escola, porque mediocres sempre houve, em todos os tempos, na proporção de cem para um talento legitimo.

Aliás, sem mediocres não haveria litteratura porque, afinal de contas, são elles que fazem a platéa dos grandes escriptores. Também, ha que considerar o publico leitor. Na era da machina, as praias e os dancings publicos fecham as portas dos salões e sem estes não é possível a litteratura, no sentido classico do termo. A novella policial venceu o romance, as palavras cruzadas mataram o soneto.

Isso pode parecer decadencia da litteratura de ficção. Mas não é. Quando muito será um symptoma, entre outros, da crise em que vivemos.

RAUL S. XAVIER

Edgar Wallace — *A Cobra Amarela* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Parece infindavel a lista dos romances de Edgar Wallace. O homem baixou ao tumulo já ha alguns annos e, apesar disso, não esmorece a irradiação posthuma de um nome que se fixou na retentiva de milhares e milhares de admiradores. Mestre sem mestres num genero em que as competições pullulam, Wallace é bem o maior cultor do genero, o classico da novella policial. As retortas em que fabricava os seus heróis ou os seus mostrengos eram de um demiurgo que sabia infundir a mobilidade da vida ás creações mais aberrantes, dando-nos a sensação de relatar factos normalissimos de noticiario mesmo quando enchia Londres e adjacencias de criminosos incompontaveis numa época e num paiz de tanta policia e magistratura qual a Inglaterra do seculo XX. Mas, por mais que o desvairassem as necessidades de corresponder ás exigencias do publico, certas narrações suas não repellem a arte e esse fino "humour" que todos os ingiezes parecem sorver com o leite materno e, posteriormente, com o "gin" e o "whisky".

Berdiaeff — *Uma Nova Idade*

Média — Liv. José Olympio — Rio.

Em excellente traducção do sr. Tasso da Silveira, um dos nossos melhores poetas e pensadores novos, temos agora o admiravel volume em que o russo Berdiaeff, rompendo com tantos historiadores preconceituosos que na Idade Média só enxergavam ferocidade e estupidez, prova, dentro de uma dialectica irrefutavel, haver sido esse periodo um dos mais fecundos em belleza e cultura de todos os tempos. Trata-se de obra indispensavel a quem quer que pretenda dominar, em synthese critica, a marcha dos homens através dos seculos, e era deploravel que nenhum escriptor nosso se houvesse ainda abalancado a fornecer ao publico do Brasil um livro de tanta substancia e tanta plasticidade verbal. A edição, do livreiro José Olympio, distingue-se pelo apuro de apresentação que marca todos os volumes sahidos de uma casa já agora consagrada pela estima de todos os leitores cultos do paiz.

Augusto de Lima Junior — *O Amor Infeliz de Marília e Dirceu* — Rio.

Profundo conhecedor da vida mineira, tendo percorrido todos os recantos de Ouro Preto e Marianna, a ler nos edificios, a folhear as reminiscencias dos velhos moradores da região, o sr. Augusto de Lima Junior apresenta-nos uma interessante versão romanceada dos amores de Gonzaga e da formosa Marília. A trama novellesca pôde á primeira vista irritar os que pretendam uma severa exactidão historica em assumptos desses. Mas o certo é que tudo é esrupulosamente documentado nessa reconstrução da vida do desventuroso casal que ficou symbolizando, aos olhos dos brasileiros, toda a ternura idyllica de que eram capazes os corações amorosos do periodo classico. A paisagem é bem evocada pelo filho do autor das *Contemporaneas*, os costumes trazem uma apparencia de fidedignidade que não nos pode ludibriar e o essencial da biographia do juiz poeta e da linda adolescente de Villa Rica ahi se encontra sem deturpação romanesca inelogiavel.

— A abertura do testamento de Kipling decepcionou a muita gente. Nada mais do que uma propriedade e algumas terras no Burwash e 155.000 libras, ou sejam approximadamente 15.000 contos da nossa moeda, tudo para a mulher, enquanto viva, e depois para a filha casada, e depois, se não houver descendencia, para o orphanato de Fairbridge Farm. De facto, não é muito para quem, só na Inglaterra, conseguira para as suas obras uma tiragem de 3.500.000 exemplares e recebera nos Estados Unidos, por direitos autoraes, dois milhões de dollares.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

J. de Aragão	O CONTINENTE AÉREO	3\$500
H. J. Magog	A ILHA CAHIDA DO CEU	3\$500
Gildasio Amado	QUIMICA — 3. ^a série	8\$000
Mario Travassos	REGULAMENTO PARA OS EXERCÍCIOS E O COMBATE DA INFANTARIA	4\$000
Augusto de Saint Hilaire	VIAGEM A' PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA	8\$000
John Dewey	DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO	18\$000
Marion Forrester	PRIMEIRO AMOR	4\$000
Robert Boucard	OS MYSTERIOS DOS ARCHIVOS SE- CRETOS	4\$000
S. S. Van Dine	O CASO GARDEN	4\$000
Emilio Salgari	O FANTASMA DE SANDOKAN	3\$500
Marie Belloc Lowndes	PAIXÃO E SANGUE	4\$000
Emilio Rivasseau	A VIDA DOS INDIOS GUAYACURÚS	12\$000
Claude Farrère	OS HOMENS NOVOS	5\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE JUNHO

José Lins do Rego	USINA (romance)	10\$000
Antonio de Alcantara Machado	MANA MARIA (contos)	6\$000
Benjamin Costalat	PAYSAGEM SENTIMENTAL (cronicas)	6\$000
Plinio Salgado	PALAVRA NOVA DOS TEMPOS NOVOS	6\$000
Miguel Realte	ACTUALIDADES DE UM MUNDO ANTIGO	6\$000

PROXIMAS EDIÇÕES NO PRELO

Graciliano Ramos	ANGUSTIA (Romance)	
Lucio Cardoso	A LUZ DO SUB-SOLO "	
Jorge Amado	MAR MORTO "	
Jorge Amado	CACAU (nova edição) "	
Jorge Amado	SUOR (nova edição) "	
Arthur Ramos	INTRODUÇÃO A' PSYCHOLOGIA SOCIAL	
Almir de Andrade	DA INTERPRETAÇÃO NA PSICOLOGIA	
Xavier Marques	TERRAS MORTAS (Contos)	
José Americo de Almeida	A BAGACEIRA (nova edição) (Romance)	
Plinio Salgado	GEOGRAPHIA SENTIMENTAL	
Rodrigo Octavio	MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS — Ultima série	
Humberto de Campos	Reedição de toda a SÉRIE CONSELHEIRO XX	

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

G. V. HAMILTON e
KENNETH MACGOWAN

O que ha de errado no
casamento — X vol. da
Bibliotheca de Educação
Sexual — Vol. br. . . . 8\$000

MAE WEST

Lyly dos Diamantes —
V vol. da Bibliotheca da
Mulher Moderna — Vo-
lume br. 6\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

O LITTERATO RUBEM BRAGA

O titulo vae mesmo de proposito. Rubem Braga é um litterato e tanto e um optimo chronista, apesar de estar sempre dizendo que não é absolutamente litterato, que escreve para ganhar o money, que é só e simplesmente um jornalistazinho anonymo e atormentado pela quebradeira.

Mas esta attitude fóra de moda não chega a prejudicar o merito delle, porque Rubem Braga é um escriptor intenso e profundo, que sabe vêr as grandes coisas sem myopia nem pedantismo. Mas este negocio de obscuro proletario da penna (como si isto fosse possivel!), de jornalista attribulado, de reporter sem pretensão, já vae se tornando um desfrute tão gozado como a modestia falsa dos prefacios do proprio autor: "Este que aqui traçou estas mal escriptas linhas, espera de Vós benevolencia, etc."

Aliás, isso tudo não viria ao caso, si não fosse Rubem Braga adoptar, com uma infelicidade a toda prova, a tal historia de prefacio. Francamente, seu Rubem, não fica bem que Você que é tão revolucionario esteja a cultivar uma velharia que nem o pessoal da Academia cultua.

Ainda mais, bancando Hamlet brasileiro como Você o fez. Tirando essas poucas linhas do prefacio, o *Conde e o Passarinho* é um livrinho esplendido. E esplendido porque todas as chronicas exprimem um grito, um longo, e pungente, e humano grito. A gente lê Rubem Braga e se convence mesmo de que para ser chronista é preciso um geitinho especial. O material é commum: os factos da vida; mas que commentarios novos e que reflexões estupendas!

Rubem Braga sae para a rua e vae conversar com o povo. Depois, conta para a gente a miseria dos estivadores, da classe mais baixa de uma maneira tal, que a gente se emociona e quasi se esquece de que o escriptor

exaggera, por prazer, quando trata das questões sociaes.

Mas é sempre com segurança que elle dá a alfinetada. Na chronica sobre o concerto de Bidu em Recife, Rubem Braga accende um pharol para cima dum problema sério e immediato: a mercantilização da arte em prejuizo das camadas populares.

E' verdade, meu caro Rubem, a Harpa agora é de ouro de 18 quilates, as Musas só se passam para coroneis endinheirados, as lettras se vendem carissimo; e o povo, que fornece a angustia para os cantos, para as musicas, para os poemas, para os romances, vae-se tornando, cada vez mais, ausente dum scenario que é seu.

Mas, infelizmente, Rubem Braga acerta com o mal mas erra no remedio (ver o fim da chronica: "mais amplas reflexões sobre Bidu"). Eu, tambem não sei qual é o remedio para isso. Mas garanto que não é o que Rubem Braga e outros receitam.

Em todo caso, o que importa é que Rubem Braga escreveu um optimo livro, em estylo optimo, e em lingua brasileira, graças a Deus! Um livrinho de chronicas admiraveis que reboca um prefacio do mais absoluto e detestavel mau gosto.

Quanto às questões sociaes, meu caro Rubem Braga, Você não acha melhor deixal-as com o Gilberto Freyre e outros, que são sabidos em materia de povo?

IVAN RIBEIRO

Auguste de Saint-Hilaire — *Viagem á Provincia de Santa Catharina* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Em escrupulosa traducção do sr. Carlos da Costa Pereira, surge mais uma parte dessa modesta epopéa em prosa que é a viagem do mais despretencioso dos Saint-Hilaire através do Brasil. Tudo nos manda rejubilar com o conhecimento das impressões suscitadas no sympathico scientista pela região catharinense, não menos typica em começos do seculo passado que na hora presente. Excursionista de uma extrema probidade mental, avesso a sobrepor os seus preconceitos de estrangeiro á realidade que ia observando, Auguste de Saint-

Hilaire era dos que se submettem sempre a uma sinceridade absoluta em se tratando de interpretar costumes e creaturas diferentes dos da sua patria. Nada desses francezes philauciosos que preferem o hotel á matta-virgem e inventam quasi sempre as minucias munchauseanas com que vão aturdir os bons burguezes de Lyão ou Marselha. Saint-Hilaire amou-nos grandemente, viu-nos com uma lucidez espantosa, e seus trabalhos, mais que o desejo de servir-lhe a gloria pessoal, destinavam-se sempre a bem servir o Brasil.

Gustavo Barroso — *Espirito do Seculo XX* — Civilização Brasileira — Rio.

A não ser o sr. Plinio Salgado, nenhuma outra figura de maior notoriedade litteraria que o sr. Gustavo Barroso existe no movimento integralista. Ficou memoravel, entre os legionarios deste, o volume em que o autor da *Terra de Sol* combate a ganancia dos banqueiros judeus. Propagaram-se tambem, com successo, por todo o paiz, os livros em que elle compendia as convicções de partidario de um credo tão discutido. A forma jornalística de que se soccorre o sr. Barroso facilita a assimilação de seus postulados mesmo por parte dos que não se hajam especializado em assumptos litterarios. São quasi sempre summulas em que se percebe um habil espirito de divulgador. Nenhuma doutrina complexa e apenas a enumeração de factos que encerrem por assim dizer notas visiveis e vão logo ao interesse e consequente emoção de partidarios cujos affazeres não lhes deixam tempo para o manuseio de longos textos metaphysicos.

Manoel de Abreu — *Meditações* — Liv. José Olympio Depositaria — Rio.

Numa artistica edição de quinhentos exemplares impressos em papel de luxo, o sr. Manoel de Abreu offerece-nos a summula das suas meditações lyricas. As illustrações de Candido Portinari são das mais significativas, mas, ainda que prescindindo desse commentario plastico, podemos medir perfeitamente a profundidade de pensamento de um poeta a quem o trato da sciencia não tirou a espontaneidade de sentir o que ha de virginal e primitivo nas almas. O sr. Alvaro Moreyra, em palavras appostas ao livro, enxerga neste algumas obras primas, e o sr. Jorge de Lima, respondendo a um inquerito litterario, não teve duvida em collocar o nome do sr. Manoel de Abreu ao lado do nome do sr. Murilo Mendes, o que é paralelo dos mais eloquentes. Não ha duvida que se trata do que de mais forte e perfeito realizou até hoje o sr. Manoel de Abreu em materia poetica. Paisagem, vida, mulher: eis o trinomio que o inspira. Mas tudo isso tem provocado, em outros, derrames de banalidades. Ne'le, inversamente, suggere muitos symbolos novos. E' elle pensador que transfigura e enriquece sempre o já sabido.

Academia Paulista de Letras — **Recepção de René Thiollier** — S. Paulo

Encontram-se aqui dois discursos: o proferido pelo sr. René Thiollier, succedendo a Alberto Seabra na Academia Paulista de Letras, e a allocução de boas vindas com que o festejou o sr. Waldomiro Silveira. Não são duas peças talhadas em sovados figurinos de convencionalismo rhetorico. São trabalhos em que as equações de idéas, intelligentemente arriadas, encontram sempre solução aprazível. O sr. Thiollier, ninguém o ignora, é autor de uma valiosa monographia sobre o grande abolicionista Antonio Bento, em que ha a possibilidade de uma vida romanceada de palpitante interesse brasileiro e humano. Referindo-se ao seu antecessor no cenaculo de Piratininga, effigiu elle, sem que o pincel lhe tremesse e as côres se misturassem anarchicamente, uma figura de varão á antiga, abeberado nos versos de Pythagoras e no desejo de converter a existencia numa especie de idealismo em marcha através de uma sociedade por vezes ferozmente cosmopolita. Quanto ao sr. Waldomiro Silveira, todos o sabem o creador indisputavel do nosso regionalismo litterario, o poeta sem rimas que revelou o mundo sertanejo aos homens desattentos da cidade, o vanguardeiro de Arinos, o suscitador de maravilhosas metaphoras campestres que tonteiam os lexicographos e fazem o desespero dos lyristas profissionais. Acolhendo o sr. Thiollier em seu gremio, caracterizou elle muito bem os meritos de ficcionista e historiador do recipiendario, tão discreto sempre em suas aspirações de intellectual, embora esteja longe de ser um amador desdenhavel. Dois discursos academicos sem nenhuma fatuidade de academismo.

Augusto Cavalcanti — **O Impostor** — Rio.

Esta comedia em um acto, habilmente entretecida é de um magistrado que longamente serviu os interesses da Justiça em terras de Matto Grosso. Desfrutando agora os nobres ocios que são o merecido premio das suas antigas tarefas, nem por isso o sr. Augusto Cavalcanti deixou o espirito cahir em somno cataleptico. Assim é que, presentemente, passa os dias, com prazer cada vez maior, a traduzir os poetas europeus, Rostand e outros, que transporta ao nosso idioma com uma segurança de technica das mais louvaveis. Também está ultimando uma paraphrase portugueza dos ensinamentos da **Imitação de Christo**. Quanto a esta pequena peça rimada decorre em Cuyabá e reflecte, com espirito e bonacheirice, curiosos costumes da vida de familia. O verso é sempre escoreito e a acção, das mais simples, não se emperna nunca em exagerados subentendidos psicologicos. Um trabalho tão sympathico quanto a intelligencia de que deriva.

Bastos Tigre — **Entardecer** — Rio.

Não se equivoca o sr. Martins Fontes ao enxergar no sr. Bastos Tigre o principe dos nossos humoristas. Ha uns trinta annos vem o poeta pernambucano servindo a um vastissimo publico commentarios, dia a dia, da comedia burgueza que por ahi se desenvolve. E, emtanto, esses tres decennios de actividade no epigramma, na caricatura verbal, não lhe trouxeram ainda, como tem occorrido em relação a tantos confrades seus, cansaço, monotonia, tédio pessoal que se estenda aos leitores. E' necessario que uma grande imaginação ironica esteja a refazer-o continuamente para que se lhe não vislumbre indício de caducidade nas quadrinhas e nos jogos de palavras em que se especializou. Mas o poeta lyrico — manda a verdade dizel-o — é nelle igualmente forte e igualmente agil na versificação, até com descobertas e surpresas em materia de sentimento, que muitos não esperariam desse infatigavel "rieur".

Carlos D. Fernandes — **Fretana** — Editora Record — Rio.

Tendo pertencido á geração de Felix Pacheco e Castro Menezes e havendo figurado entre os admiradores mais entusiastas de Cruz e Souza, o sr. Carlos Dias Fernandes ainda não sente esmorecimentos em sua capacidade de produzir bellas paginas em verso ou prosa. Depois de haver ligado seu nome a romances que fortemente repercutiram por todo o paiz, como os **Cangaceiros** e a **Renegada**, o illustre publicista, também conhecido pela sua combatividade jornalística em

varios sectores nacionaes, offerece-nos agora uma narração, intitulada **Fretana**, em que fantasia e auto-biographia se confundem, em que falam alternativamente o poeta amigo dos mestres classicos e o observador asperamente realista de torpezas sociaes que resistem ás mais persistentes catecheses christãs. **Fretana** faz-nos vêr muitos recantos pittorescos do sul e do norte do paiz e desenha, em traços celeres, muita personalidade que possui os seus lineamentos historicos, que de facto se moveu e respirou nestas tão complexas paragens tropicaes.

Harun-al-Roschid — **O Brasil Diferente** — Schmidt Editor — Rio.

Esse pseudonymo oriental mal encobre o nome de um prefeito de longinquo municipio brasileiro. Percorrendo as paginas do livro, de titulo á primeira vista enigmatico, os leitores perceberão que está em jogo um homem de bom senso, leal servidor dos seus municipes e que procura extrahir dos livros alheios, sempre attentamente examinados, um corollario fecundo que aproveite ao progresso e á ordem da parcella de Brasil que lhe confiaram. Não sabemos se, imitando o exemplo do califa de Bagdad immortalizado nas Mil e uma Noites, o nosso patricio vae, disfarçado, palmilhando a cidade que administra, afim de saber se estão ou não contentes com a sua gestão. Mas a verdade é que, se elle é homem de governo como é homem de penna, não poderá es corchar ou opprimir em demasia os pagadores de impostos

— A Casa Denoel et Steele, de Paris, acaba de lançar o segundo volume das **Chronicas** de Igor Strawinsky, o grande compositor russo que acaba de nos visitar, proporcionando-nos audições dos seus trabalhos. A critica parisiense, elogiando-as, adverte que não se procure nessas chronicas nada de lembranças pessoas ou observações intimistas. Trata-se de um trabalho em que elle se volta exclusivamente para a musica, os seus methodos de composição, a sua organização artistica. Comtudo, ha paginas muito interessantes dedicadas a Tchaikovsky e Pouchkine, dois conterraneos seus, cujo temperamento elle soube comprehender muito bem.

RECORDAE
COM ATENÇÃO
A
FABULA
A
CIGARRA
E A
FORMIGA

1/2
4%
AO ANO

CAIXA
ECONOMICA

JUROS
CAPITALISADOS
DE 6 EM 6 MESES

Cinema

Tempos Modernos (Modern Times) — United Artists — Após varios annos de ausencia, Charlie Chaplin nos apresenta outra vez com a dadiua de um film. Uma obra de Chaplin é uma alegria para sempre. Os achados incontaveis de suas pelliculas anteriores ainda figuram na nossa memoria entre os seus instantes mais felizes.

O que espanta principalmente no genial creador é a unidade extraordinaria de sua obra, cujo motivo conductor é o conhecimento profundo da natureza humana.

Os processos empregados são muito simples, não ha nenhum exaggero de technica, não ha emprego de angulos de effeito, tudo cabe dentro do material classico do cinema.

Sem abandonar os limites da tradição cinematographica de que elle é, aliás, um dos formadores, Chaplin nos oferece uma serie de trabalhos que já figuram na vanguarda dos classicos do écran.

O segredo desse triumpho sempre constante e dessa conquista total da sympathia do publico é, como elle mesmo nos explica em varias entrevistas, o estudo da natureza do homem, é a penetração completa na sua trama psychologica. Porque, como diz Bergson, nada ha de comico fora do que é propriamente humano. "Un paysage n'est pas risible; un animal ne l'est que s'il prend une attitude ou une expression humaine".

Estudei o homeni, fala Chaplin, porque sem conhecê-lo, nada poderia ter feito no meu officio.

Consequentemente, só em função de suas relações com o homem é que as coisas se podem tornar risiveis.

Chaplin tem observado, durante toda sua vida de artista os mais insignificantes movimentos dos seres, as suas acções mais vulgares, os seus gestos mais indifferentes, pois só o gesto que se repete, só a acção que se reproduz, só a attitude que se perpetua, podem orientar sobre a natureza de uma conducta, sobre a qualidade de um character, sobre um typo de personalidade.

Outro traço saliente dessa figura peregrina de realizador é a constancia de seu ponto de vista, é a segurança de sua orientação. Nada mais heroico do que sua fidelidade ao silencioso, do que seu odio encarnizado contra o "talkie", esse intruso, esse invasor ousado da arte maravilhosa.

Em Luzes da Cidade e Tempos Modernos só se fala para mostrar que o discurso é completamente inutil no film, que se pode despejar torrentes de palavras sem dizer coisa nenhuma. E por contraste a a eloquencia do gesto silencioso ganha um soberbo relevo.

Todas as pretensões de fazer cinema sonoro; em relevo, colorido encontram em Chaplin a mais energica das repulsas.

O cinema já é uma arte definitivamente constituída, com leis já seguramente formuladas. Cinema é a arte das imagens no plano, silenciosas, em branco e preto.

E tanto assim é que o mais genial de todos os productores de films só usa desse meio de expressão.

Não ha homem vivo, em lugar onde exista uma sala de projecção, que não tenha visto um film de Chaplin.

Antes de Chaplin nenhum artista conseguiu obter um applauso tão universal tão unanime. Elle soube commover os seres collocados nos mais baixos degraus da intelligencia e da sensibilidade.

A linguagem prodigiosa das imagens em movimento transpõe os limites angustiosos das differenças de lingua, de raça, de situação geographica, para só attingir o que é commum, o que irmanha todos os homens, o que é mais profundo na sua natureza.

E todos os habitantes da Babel vêm-se assim libertos da maldição divina.

Mas ha alguém fóra da communhão dos admiradores de Chaplin. São litteratos de mentalidade precinematographica, são espiritos corrompidos por uma formação irremediavelmente academica.

Souday — Charlot doit professionnellement se mettre á la portée des simples sauvages.

Suarés — Ce coeur ignoble de Charlot, je voudrais l'écraser comme une punaise.

Carco — Charlot, c'est l'effet, la grimace, le clin d'oeil de complicité avec le public ou le metteur en scène, la roublardise, la fausse pitié, le faux grand art, etc.

Tempos Modernos é a mais admiravel critica já feita de uma civilização. É a satyra mais genial levantada contra a sujeição á machina, á hypertrophia da technica, á primasia cruel do material sobre o espirital.

Tempos Modernos põe o problema da felicidade humana em termos meridianamente claros. Terão as machinas, as realizações extraordinarias da mecnica, os milagres da technica, tornado os homens mais felizes?

O film é a demonstração cabal do contrario. O film responde pela negativa.

Ao lado de individuos que conseguiram apoderar-se de uma enorme soma de bens materiaes, que conseguiram um ultra superfluo, ha renegados que, dentro da grande cidade, precisam lutar pela sua permanencia como se estivessem dentro da selva, precisam lutar como bestas para ter um buraco onde abrigar-se e o alimento apenas necessario para morrer um pouco mais lentamente.

Mesmo os grandes ricos não são felizes. Quando não são escravos absolutos de suas impias criações, são victimas eternas do tedio inexoravel, não sabem

o que fazer do excesso de tempo. Tal é a maldição dos que abandonaram o culto do Deus verdadeiro e prosternaram-se na planicie, diante do Bezerro de Ouro.

O trabalho estandardizado, o trabalho da esteira sem fim das fabricas modernas apparece no que elle tem de tragico e ao mesmo tempo de profundamente ridiculo. Uma profusão enorme de rodas, rodinhas, peças complicadissimas, quadros de controle. As machinas são enormes, altissimas e formam um contraste esmagador com os seres que as idearam e construíram. São Gólias sempre victoriosos contra David.

O trabalho na usina moderna exige uma attenção um emprego de energia nervosa que transforma o operario em simples peça do aparelho que maneja. Ella é uma enorme fonte de obcessão, de nevroses incoerciveis.

O pobre operario do film vê em tudo parafusos para-torcer, peças para ajustar. Até os botões de enfeite de um vestido elle quer aparafusar.

O poder da machina é tão grande, sua força attractiva tão formidavel, que se um grandalhão corre atras de Chaplin para espancal-o, basta por em movimento a esteira da machina para este abandonar a perseguição e continuar automaticamente a bater rebites.

Mesmo depois de interrompida a corrente o individuo sae, por algum tempo, executando os gestos caracteristicos de seu trabalho. Parece que o trabalho em taes condições tem um poder altamente inhibitor sobre o funcionamento normal do cerebro. Só a medulla funciona e os homens parecem-se extranhamente com rãs decapitadas de laboratorio.

Mas ao lado de tudo isto ha as sequencias da casa de modas, que são de morrer de rir. Ha os "gags" deliciosos do refeitório da Penitenciaria. Ha as scenas do delirio de Chaplin, em que elle sae espirrando oleo na cara de todo o mundo. Ha a scena commovente do roubo do pão e as sequencias do bar. O pobre diabo, por piedade, resolve assumir a responsabilidade do roubo de um pão feito por uma mocinha faminta. Logo se descobre a mentira. Elle entra então num bar, come lautamente, faz uma bruta despesa, chega no vendedor de charutos pede uma porção delles, distribue-os com varios sujeitos que passavam e depois diz que não paga. Policia, prisão e o resto.

Esse gesto de profunda piedade faz lembrar aquella palavra muito alta de Paulo: "Lembrae-vos daquelles que estão privados de sua liberdade como se estivesseis na prisão com elles".

Ou aquelle excesso de fidelidade á palavra do Evangelho daquelle franciscano que correu atraz de quem lhe roubara a capa para dar-lhe tambem o manto.

O final é de uma grandiosidade immar. Chaplin e Paulette Goddard, sua extraordinaria companheira, depois de um sem numero de peripecias pelo mundo, depois de soffrimentos sem fim, en-

Musica

Numa época em que se fala tanto em aproximação continental, é opportuno lembrar que o esforço que se tem feito, nestes ultimos annos, entre os centros musicaes sul-americanos, é notavel.

Existe a grande boa-vontade por parte dos criticos e, com esse primeiro passo dado, é de esperar que o publico os acompanhe, interessando-se pelo que se passa nos paizes vizinhos.

Em tal movimento é lisongeiro observar que o Brasil colherá grandes vantagens, pois grande numero de nossos compositores não é hoje desconhecido entre os musicologos das nações hispano-americanas.

Eis o que diz E. L. Espejo no N° 7 da *Revista de Arte* (da Universidade do Chile), a proposito de algumas composições brasileiras publicadas no *Boletim Latino-Americano de Musica*:

"Villa Lobos está representado por dois pequenos trechos de seu livro *Orientador para a Educação Musical* e uma redução para piano de A. Roseira, escripta originalmente para alguns instrumentos. Como todos os trechos que conhecemos de Villa Lobos, estas composições têm certo sabor agri-doce, sonoridades cheias e brilhantes que recordam o espirito das cousas populares. Tres canções brasileiras: *Sahe Aruê*, de M. Camargo Guarnieri, cujo pedal rythmo se mantém durante toda a peça; *Canção do Mar*, de Lorenzo Fernandez, na qual, como na anterior, predomina uma mesma figuração que imprime á peça um movimento agitado; *Canção brasileira*, cujo autor, F. Mignone, anima-a num ambiente sonoro em que aterna a nota melancolica realçada por passagens chromaticas".

Seguem-se outras referencias elogiosas á nossa organização de ensino musical.

Cumpre-nos assignalar, a proposito da estadia de Strawinsky no Rio, tres factos notaveis:

1.º um de nossos mais austeros e intransigentes criticos, conhecido pelo seu conservadorismo, dedicou ao autor de *Petruchka* duas columnas inteiras de

contram-se de novo livres, procurando a felicidade, procurando um abrigo para o amor immenso que se agita dentro delles. E seguem devagar uma estrada recta, interminavel, indo dar num horizonte muito distante, muito longinquo. A amplidão do mundo, o abandono em que se acham são bem a imagem do Destino, do destino invencivel dos antigos — *Fatum*.

A imagem final ensina a todos os homens como é irremediavel, como é sem consolo o nosso isolamento dentro do Valle de Lagrimas...

Aurelio Gomes de Oliveira.

jornal, onde não havia nenhuma censura violenta ao compositor; pelo contrario, notava-se quasi uma adhesão á escola moderna;

2.º) o publico encheu completamente o theatro nas duas recitas, causando muita surpresa a certos observadores pessimistas;

3.º) a orchestra, sobre a qual pesava a mais dura das responsabilidades, e que passou por uma das mais difficeis provas de sua existencia, saiu-se com uma galhardia notavel, que deve ter surpreendido muita gente.

A ella, portanto, que soube demonstrar quanto vale, quando conscientemente dirigida, os nossos mais sinceros parabens.

Correia de Sá

Radio

Dizem que, dos paizes estrangeiros que têm ouvido as nossas transmissões em ondas curtas, a Allemanha é a que mais se interessou por ellas. O Departamento de Propaganda ficou entusiasmado e tratou de espalhar a noticia pelos quatro ventos da imprensa. Mas parece que a sua animação não foi mais longe.

O principal seria melhorar ou, pelo menos, variar os programmas. Mas é nosso vexo antigo não gostar de evoluir para melhor. O exemplo do café alastrou-se por todas as nossas actividades.

Ha poucos dias, numa quarta-feira ouvia eu por accaso uma irradiação dessas em lingua allemã. No programma musical sobresahia uma peça popular para voz masculina e acompanhamento vocal e instrumental. Comecei gostando muito. Fugia da vulgaridade das nossas ultimas produções musicas. Havia muito de nosso na plangencia do rythmo. Mas a emoção não durou muito. O cantor estava embriagado com a propria voz. Contava uma historia comprida de mais, só de quando em quando interrompida por um estribilho do coro que se tornara monotono. Dos instrumentos não se tinha mais a menor idéa. Era o tédio completo.

Que diriam os ouvintes allemães, que, além do mais, não entendiam as palavras do canto?

E assim vêm sendo as nossos musicas. Os nossos compositores não se capacitam de que é necessario um pouco mais de trabalho para produzir. E' preciso variar um pouco mais o thema, realçar a orchestra e o coro, sem essa preocupação de entupir os ouvidos do publico com recitativos kilometricos. Estamos ainda em pleno periodo da declamação.

Convenhamos que, mesmo sem dinheiro, o nosso Departamento de Propaganda poderia bem ter maior dose de bom gosto.

Escreve-me um leitor fazendo comentario sobre as irregularidades que elle observa na programmação das nos-

sas estações. Acha que aeveria haver um entendimento entre ellas, afim de quebrarem essa solidariedade das horas de irradiação. Com effeito, em determinada hora do dia ou da noite, si ligarmos o nosso aparelho para as emissoras do Rio, estarão todas irradiando os mesmos programmas. E assim existem as horas da gymnastica, dos conselhos femininos, das receitas culinarias, dos concertos symphonicos, dos tenores italianos, das lições de hebraico, dos sambas em geral. De modo que um cidadão que não goste de opera, estará formalmente impedido de usar o seu radio ao meio-dia, porque nessa hora não se transmite outra cousa.

E assim por deante.

Pergunta-me então si não seria possível organizar uma combinação que alterasse a unidade dos programmas, permitindo que os apaixonados dos diversos generos radiophonicos fossem satisfeitos em seus gostos a qualquer hora do dia ou da noite.

Quanto a mim acho que isso seria perfeitamente possível. Mas limito-me a transcrever a reclamação.

C. S.

Alfred de Musset — *A Confissão de um Filho do Seculo* — Athena Ed. — Rio.

Toda gente tem ouvido falar na paixão desvairada de Alfred de Musset e George Sand. Foram elles cognominados os "amantes de Veneza", e, no dizer ironico de Emile Faguet, exactamente porque em Veneza não se amaram nunca, passando os dias a descompôr-se, a debaterem em ciúmadadas atroztes, até que surgisse o doutor Pagello, o "tertius" que tirou partido da agitação do casal e foi o unico a desfructar caricias agradaveis. Como quer que seja, se todos conhecem vagamente a historia da ligação do grande poeta das Noites e do romancista *La Indiana*, a presente traducção das *Confissões de um Filho do Seculo*, artisticamente impressa pela Athena Editora, offerecerá muitos detalhes curiosos a quantos se interessam pelos amores clandestinos de creaturas que gostam de viver a sua vida em romance, em poesia.

— Marcel Brion, na sua apreciada chronica das *Nouvelles Littéraires*, recebe com a acolhida de que são merecedores, dous recentes trabalhos de Alfonso Reyes, o illustre Embaixador do Mexico, que, infelizmente deixou o Brasil. Reporta-se Marcel Brion ao apparecimento dos poemas *Minuta* e *Infancia*, ambos tirados em preciosas e restrictas edições, sendo que o primeiro foi editado em Maestricht e o segundo em Buenos Ayres.

— Como seguimento ao seu *Journal d'un homme de quarante ans*, cujo scepticismo não passou despercebido da critica, Jean Guehenno lança agora *Juvenesse de la France*, livro de um outro valôr e que é, segundo René Lalou, uma especie de "inventario dos recursos espirituales de um povo".

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

POULENC — Pastoral e Toccata; DEBUSSY — Estudo XI para os harpejos compostos — Pianista Horowitz — (Victor — DB 2247) — As gravações deste pianista são sempre recebidas com o agrado mais entusiástico. E, com efeito, algumas de suas interpretações, como o *Concerto* de Rachmaninoff e os *Funeraes* de Listz, ficaram muito justamente celebres.

Apresenta-nos agora um disco que mantém plenamente a sua tradição. As duas peças de Poulenc, que executa, são verdadeiras joias de musica sã, sobretudo a primeira, de uma simplicidade que hoje, mais do que nunca, nos delicia.

Aliás Poulenc é, dentre os compositores modernos, aquelle que tem talvez melhor compreensão dos novos rumos da musica. Atraves de suas obras nota-se bem que a época das pesquisas, das experiências cerebraes, já passou.

Seria grande beneficio para os nossos auditorios si suas composições fossem mais tocadas nos nossos concertos.

Quanto ao *Estudo*, que occupa o outro lado do disco, estou certo que dará a maior satisfação aos nossos innumeros debussystas.

HONEGGER — Concertino para piano e orchestra — Pianista Eunice Norton e Orch. de Minneapolis dirigida por E. Ormandy — (Victor 8765) — A machina tem ainda os seus grandes sacerdotes. Honegger não é o menor delles. Ficou tão entusiasmado com ella que se tornou seu escravo, quem sabe si para toda a vida.

Pacific 232 foi uma revelação demasiado feliz, que chegou a conquistar plattéas pouco predispostas, como a nossa ainda no tempo das controversias modernistas.

O autor ficou subjugado ao exito que talvez não esperasse tão grande.

E o resultado foi as suas obras posteriores trazerem o mesmo sello que celebrou a primeira. E' uma perseverança bastante louvavel nestes tempos versatis.

Mas o facto é que *Rugby*, por exemplo, já não agradou tanto. Agora temos este *Concertino*, que é provavelmente um esforço para se livrar daquella tendencia, mas improfiquo. E' verdade que si nos esquivarmos desse ponto de vista, um tanto litterario, devemos considerar a obra como tendo indiscutivel merito. A construcção é solida, o rhythmico energico, e a riqueza dos timbres surpreendente. Ha ainda a considerar e louvar o trabalho technico da gravação, que é dos mais perfeitos.

C. S.

DISCOS POPULARES

A colheita de discos populares deste mez foi bem difficil, pois a producção, no genero, tem andado bem fraquinha.

Vê-se que o carnaval está monopolizando a musica do paiz. No entanto ha muita outra oportunidade que deveria tentar os nossos compositores. Uma dellas é a das festas de S. João, de que nos aproximamos agora, e que antigamente inspiravam tanto a nossa gente.

Mas parece custoso ressuscitar o genero. Vejamos esta amostra:

Meu balão subiu... subiu... *Marcha* de A. Regis e Marcillo Vieira — *Carmen Miranda com Grupo Odeon* (Odeon 11361) — Carmen Miranda canta com a voz de sempre, tem a sua animação, mas a musica não ajuda, foge muito do genero a que se destina, para se juntar á linha geral das producções vulgares que temos tido ultimamente. E é pena, porque os elementos são bons.

Do outro lado do disco um samba: *Paga quem deve*, dos mesmos autores. Sente-se que ahi Carmen se acha mais á vontade, e a sua voz consegue desenvolver todo aquelle encanto picante que é o que nos serve.

A gravação é regular.

Favella — Samba (Rob. Martins — Wald. Silva) — Francisco Alves c/Conjunto regional RCA Victor e Já não és mais aquella — Samba — (Rubens Soares — A. Almeida) Francisco Alves c/Diabos do Céu — Victor 34059) — Francisco Alves está civilizado demais para cantar coisas da Favella.

O velho morro está sendo completamente desvirginado: cinema, romance psicologico, sambas elegantes... Não tardará muito a ter casas de apartamentos para turistas em busca de sensações que não existirão mais.

Por isso gostei mais do samba *Já não és mais aquella*, que pelo menos tem naturalidade.

Gravação boa.

Sôdade Ruim — Cateretê paulista (Georgette-Moherdan-Diva Jabor) e Vê-te sumir dos meus olhos — Barcarolla — Georgette Moherdan — Ademar Tavares Gastão Formenti c/Orch. Victor Bras. (Victor 34063) — O primeiro é uma delicia. Depois de o ouvir me pergunto porque será que o cateretê cabiu de moda, já que se fala tanto em brasilidade. Acho que elle hoje representa muito melhor o nosso espirito popular do que esse chorrilho de sambas cinematizados que nos impingem desde o apparecimento dos "talkies".

Gastão Formenti sahe-se muito bem e o acompanhamento é optimo.

A barcarolla tambem não é má, e nella a voz de Formenti adquire uma dolencia sentimental a que já estavamos desacostumados.

Gravação aceitavel.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance das creanças

Victor — 34.968 e 34.969 — "Four aces suite", de Billy Mayerl — a) ace of clubs — b) ace of diamonds — c) ace of hearts — d) ace of spades — Orchestra New Mayfair, regencia de Ray Noble. Solo de piano por Raie da Costa. Não humilhará ninguém collocar esta peça na lista das musicas seleccionadas. Como, porem, o fabricante a collocou na serie de musica ligeira, não seremos nós mais realistas que o rei, e criticamo-la no lugar que lhe foi dado. Embora trahia um certo artificialismo e uma grande vontade de ser moderno, certo é que satisfaz muito, não havendo superioridade em nenhuma das partes. Ray Noble é um magnifico conductor. Tira bons partidos da sua orchestra. Raie da Costa, (um nome meio portuguez) é dono duma sobriedade e segurança raras. Um bom par de discos.

POEMA

Estampamos neste numero um Poema de Augusto Frederico Schmidt. Pedenos esse escriptor que publiquemos uma declaração de que se trata de producção antiga, muito anterior á entrevista que concedeu recentemente a um dos nossos jornaes, affirmando considerar encerrada a sua "mensagem" poetica. Aqui fica a explicação.

— Ibsen volta ao cartaz nos theatros de Paris. Emquanto a Comedia Francaiza retoma Hedda Gabler, Os Espectros resurgem no Mathurins. As personagens do grande escandinavo estão, entretanto, de tal modo ligadas á lembrança inesquecivel de Eleonora Duse que, por maiores que sejam os seus interpretes actuaes, a critica não se furta ás evocações da grande tragica italiana.

— A maior novidade nos meios cinematographicos parisienses é a apresentação, no Cinema Imperio, do primeiro filme em relevo. Trata-se de um simples documentario, *Riviera*, com aspectos da Côte d'Azur, mas a visão nas tres dimensões, embora com o auxilio incommodo dos oculos coloridos, desperta enorme interesse e attrae immensas multidões ao espectáculo inedito. Aguardemos, agora, o filme nacional do mesmo genero, devido a um inventor patricio, e desejemos-lhe o mesmo exito logrado em Paris por trabalho semelhante.

— Derborence é o ultimo romance de C. F. Ramuz, o grande escriptor que já conta na sua bagagem obras de vulto como *La guerison des maladies*, *Le régime de l'esprit malin* e *La grande peur dans la montagne*.

— Acaba de apparecer o ultimo volume da exhaustiva obra em que Charles Benoist estuda a figura e a epoca de Machiavel. São 3 volumes subordinados aos seguintes titulos — *Antes de Machiavel*; *Machiavel*; e *Depois de Machiavel*.

J. E. T. Harper — *A Verdade acerca da batalha da Jutlandia* — Livraria H. Antunes, distribuidora — Rio.

Muito se tem discutido em torno da batalha da Jutlandia, em que uns enxergam terrível humilhação para a frota inglesa e outros apenas um ephemero successo no desespero da esquadra allemã, quando engarrafada nos reductos de Kiel. Pois o vice-almirante J. E. T. Harper, grande autoridade em combates maritimos, discorre neste livro com technica segura afim de restabelecer a verdade historica no assumpto, desfazendo audaciosas affirmações de leigos e procurando conferir a cada uma das partes em litigio o seu quinhão de gloria. Sempre equidistante de qualquer excesso, esse velho homem do mar exprime-se com absoluto rigor scientifico. Não deixa de falar como um patriota, mas acima de tudo depõe como um historiador.

Henri Liebrecht — *Le Lettres Belges de Langue Française* — Bruxellas.

Nesta substanciosa monographia é posta em relevo a contribuição dos belgas no enriquecimento das lettras francezas. Porque a verdade é que, quando percorrem Maeterlinck ou Verhaeren, nem todos se recordam de que esses admiraveis creadores interpretam as almas e as paisagens dessa Flandres soberba que resistiu aos romanos e aos tescos, constituindo a admiração de Tacito e, muitos seculos depois, de Bergson. A uniformidade da lingua pôde illudir, tanto mais quanto os flamengos cultos manejam impeccavelmente o instrumento verbal dos Racine e dos Voltaire. Mas a essencia dos romances e dos poemas floridos em Bruxellas e em outras lindas cidades onde os templos e as usinas coexistem na melhor harmonia christã, é bem do povo belga, marcando ás direitas certas peculiaridades de raça que o furor da imitação cosmopolita não consegue destruir. Tudo isso é bem demonstrado pelo sr. Henri Liebrecht, secretario geral da Associação de Escriutores Belgas e uma das vozes mais autorizadas da critica de seu paiz.

Mario Barreto — *Através do Diccionario e da Grammatica* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Percorrendo a segunda edição de tão valioso livro, temos ensejo de medir ainda uma vez os incomparaveis dons de grammatico que enriqueciam a personalidade de Mario Barreto, tão cedo roubado ás nossas actividades espirituaes. Talvez nem digamos bem applicando esse vocabulo "grammatica", justamente desdenhado pelos homens de gosto. O intelligente Mario Barreto era mais que isso. Era um philologo completo, que sentia as leis scientificas da lingua, mas tambem o lado artistico, de belleza pura, dos textos que explicava aos discentes. Os falsos classicos, convertidos em flagello dos estudantes novos, nunca lhe tiraram o appetite para a leitura dos mestres realmente creadores. Na sua bibliotheca, os romances de um Flaubert ou os poemas de um Vigny estavam todos assignalados á margem com esses comentarios entusiastas, e sempre lucidos, que marcam a passagem de um homem de lettras e não apenas de um censor obtuso.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

Ann Coelho — *Stories My Father Told Me* — Nova York.

Nossos leitores conhecem bem o admiravel publicista que é Arthur Coelho. Da capital dos Estados Unidos da America do Norte nos tem elle remettido excellentes trabalhos ineditos, festivamente acolhidos pelo publico deste BOLETIM. Trabalhos em que discute, com amenidade desenvolta, com o mesmo dominio da psychologia de povos varios e a mesma certa capacidade de distinguir as nuanças dos factos, assumptos de lettras, sociologia, politica. Nenhum caipirismo persiste na cultura desse civilisado que andou longos annos pela selva amazonica mas nem por isso escancara a bocca como um basbaque diante dos arranha-céos nova-yorquinos. Não o preoccupassem actividades mais praticas, de que lhe advem o pão quotidiano, e poderiamos ter nelle um dos mais dextros ensaistas de lingua portugueza, na hora que passa. Como quer que seja, emquanto não se consagra elle a um estudo mais longo sobre homens do Brasil em confronto com os da America do Norte, trabalho que lhe fixaria o nome na historia das nossas lettras, manda-nos Arthur Coelho, da cidade mais turbulenta do mundo, sete pequenas narrações de folk-lore, que contou á sua filhinha. Vê-se que a ternura pelas nossas coisas, a saudade dos nossos bichos e das nossas arvores não esmoreceu nesse homem de acção. Emquanto lá fóra a vida estronda, fica elle a rememorar as lendas do Brasil distante, com uma delicadeza de tropical ainda não metallizado pelo deus Dollar. Para que não nos cheguem, do interior do nosso paiz, pedidos dessa collectanea de Arthur Coelho, tomamos a precaução de esclarecer que não se trata ainda de livro propriamente dito e sim de um caderno mimeographado. Mas esperem os admiradores do nosso patricio por um livro ás direitas, que não tardará a vir e a cuja feitura definitiva concitamos a boa vontade desse brasileiro em actividade ás margens do Hudson.

Silva Andrade — *Brasil Caboclo* — Parahyba do Norte.

Trata-se de uma curiosa collectanea de versos regionalistas. Ainda que uma vez ou outra ceda á influencia dos poemas de Catullo da Paixão Cearense, o sr. Silva Andrade, que se utiliza do pseudonymo de Zé da Luz, sabe contar-nos coisas bem caracteristicas e nas quaes se reflectem a sua terra e a sua gente. A acolhida que tem merecido em zonas parahybanas esse commentador lyricó de um formoso rincão nortista é a justa compensação a quem se fez o fidedigno interprete de tantas emoções de uma gente operosa e boa.

Fernando Magalhães — *Cartilha da Probidade* — Ed. Renato Americano — Rio.

Genro do homem de espirito e publicista brilhante e multiplo que se chamou Nuno de Andrade, o sr. Fernando Magalhães tem sabido continuar-lhe, sem deslustre, a proveitosa actividade clinica. Muito cedo tomou elle logar entre os mais louvados obstetras do paiz. E os seus dons de orador, de impetuoso repentista da tribuna medica ou judiciaria, ainda mais concorreram para divulgar-lhe o nome. Não muito distante da época de formatura, assumiu elle a defesa, no Jury, de um collega accusado de haver suprimido a esposa pelo veneno, e essa sua oração empolgou a assistencia, incluindo-o no numero de quantos possuem a virtude de expandir-se de modo eloquente em publico, qualidade tão ao sabor das multidões latinas. Certo, porém, é que o espirito do sr. Fernando Magalhães não se restringe a esses brilharetes em que a rhetorica, mesmo a nobre rhetorica, não pôde deixar de ser magna parte. Além dos discursos e conferencias a que deu a fórma duradoura de livro, observa-se-lhe o cuidado de realizar obra de polpa dentro de um plano premeditado, como nesta *Cartilha da Probidade* que presume um longo esforço na ideação e composição. Voltado naturalmente para os classicos, o sr. Fernando Magalhães é dos que continuam, em pureza de vernaculo, a tradição dos Francisco de Castro e dos Miguel Pereira. Quanto á segunda edição da *Cartilha*, desenvolve-a, numa apresentação attraente, á typographia do homem de gosto que é Renato Americano.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- José Lins do Rego — *Usina* — Romance — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- Matheus de Albuquerque — *Sensações e Reflexões* — Ariel Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- Vianna Moog — *O Cyclo do Ouro Negro* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Manoel de Abreu — *Meditações* — Poemas — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- Luciano Lopes — *Historia da Civilização* — 5.^a série — Livraria Jacyntho — Rio de Janeiro.
- Carlos Dias Fernandes — *Fretana* — Editora Record — Rio de Janeiro.
- Harun-al-Raschid — *O Brasil Differente* — Schmidt Editor — Rio de Janeiro.
- José Verissimo — *Lettras e Litteratos* — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- José de Alencar — *O Guarany* — Collecção Sip — Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro.
- Garcia Redondo — *Carcias* — Contos — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- Humberto de Campos — *Mealheiro de Agrippa* — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- Arnaldo Carneiro Leão — *Praticas de Physica* — 1.^o vol. — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Gustavo Barroso — *Espirito do Seculo XX* — Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro.
- José Clotet — *Calculo Mental* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Plutarcho — *Demosthenes e Cicero* — Athena Editora — Rio de Janeiro.
- Malba Tahan — *Alma do Oriente* — Livraria José Olympio — Rio de Janeiro.
- Mercedes Torres de Garmendia — *Fragua de Estrellas* — Habana — Cuba.
- Academia Paulista de Lettras — *Recepção de René Thiollier* — S. Paulo.
- Walter B. Pitkin — *A Vida Começa aos 40* — Trad. de Erico Verissimo — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- J. de Aragon — *O Continente Aereo* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Edgard Wallace — *A Cobra Amarella* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Mauricio Bedel — *O Amor na Escandinavia* — Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro.
- Agatha Christie — *A Casa Perdida* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- John Dewey — *Democracia e Educação* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Santiago Dossetti — *Los Molles* — Sociedad Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.
- H. J. Magog — *A ilha Cahida do Ceu* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Auguste de Saint-Hilaire — *Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

José Clotet — *Calculo Mental* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Eis um methodo de calculo mental ultra-rapido que tem sido bem acolhido em nossos estabelecimentos de instrucção, dadas as trinta e seis edições que mereceu até agora. Forte em assumptos que se prendem á sciencia dos numeros, o sr. José Clotet não acha nenhum deslustre em fornecer aos espiritos jovens algumas curiosidades mathematicas das mais suggestivas. Seu volume é para especialistas e para profanos, evidenciando uma cultura sem nenhum pedantismo e o desejo de adoçar o mais possível uma aprendizagem que os homens da férula e dos compendios graves tornavam dantes tão maçadora.

«CLARIDADE»

Eis o nome de uma revista de artes e lettras, de São Vicente, uma das formosas ilhas que compõem o archipelago de Cabo Verde. Seu director, o intellectual Manoel Lopes, é homem dos mais cultos e mostra-se conduzido pelo proposito de divulgar em outras terras o que ha de essencialmente nativo e original em regiões que afinal tanto se assemelham ás nossas, pela ardencia do clima e pelo gosto que suscitam os cantos e as dansas populares. O que neste numero se lê a respeito dos batuques de São Vicente não pôde deixar de interessar a todos os brasileiros que presentemente se preocupam com detalhes da musica africana.

Vianna Moog — *O Cyclo do Ouro Negro* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Estreando com os *Herões da Decadencia*, o sr. Vianna Moog tomou lugar de prompto entre os nossos bons ensaistas, mostrando-se visitante assiduo dos melhores escriptores estrangeiros e nacionaes. O que disse de Petronio, Cervantes e Machado de Assis era de alguém que, mesmo chegando relativamente tarde, ainda encontrava estimaveis novidades a proposito dos jogos de ironia e paixão dessas tres entidades tão caracteristicas de tres povos e tres momentos historicos diversos. Agora, restringindo-se ao nosso paiz, o sr. Vianna Moog fornece-nos uma bella visão global do que ocorre nas terras e nas almas da Amazonia. Tendo andado por lá, na qualidade de exilado politico, durante mezes e mezes, poudo o escriptor meridional observar, com a boa perspectiva que lhe assegurava a mudança de ambiente, os costumes e paizagens de uma região que fascina e aterroriza os escriptores, que é enlevo inicial e final desencorajamento de todos elles. Naquellas terras do extremo Norte, encontrou o sr. Moog uma especie de "bandeirante não theatralizado", não menos heroico que o outro, embora esquecido dos poetas épicos e dos pintores dados a vastas allegorias civicas. Indo da economia á ethnographia, o autor do *Cyclo do Ouro Negro* diz-nos coisas ponderosas a proposito da exploração da borracha, mas tambem recorta, com uma segurança de verdadeiro retratista de caracteres, os typos algo allucinantes que por ali perambulam, numia especie de romance picaresco que por vezes se carrega de sombras tragicas. Os detalhes sobre os "regatões" parecem-nos de um critico de costumes que poderia ir á ficção sem diminuir-se. Bello livro, livro forte, livro humanissimo.

Matheus de Albuquerque — *Sensações e Reflexões* — Ariel Editora — Rio.

Deu-nos bastante alegria percorrer esta nova reimpressão de um dos volumes de estréa do illustre escriptor Matheus de Albuquerque. Estão aqui os folhetins e os ensaios que elle semeou em jornaes prestigiosos do Rio, naquelle tempo que chama, com modestia, de "annos de aprendizagem". A rigor, não houve aprendizagem tal. Quando o sr. Matheus iniciou o seu estagio na imprensa carioca, já vinha do Norte com a cultura e a dextreza verbal de um periodista de primeira ordem. Seu livro de versos, louvado sem restricções por Sylvio Romero, que não era prodigo em sorrisos aos novatos, trazia um rythmo, uma cadencia, uma flexibilidade que o autor conseguiu transportar sem esforço á prosa, dando ainda uma vez razão aos que affirmam que em todo excellente poeta ha um excellente prosador. Mas nem só o agil mencio da phrase era o encanto daquelles folhetins e daquelles ensaios. Havia mais: a capacidade de comprehender momentos politicos difficeis, o dom de ler claro nos homens e de claramente explical-os aos outros, o convivio com os melhores espiritos que, transpondo o aceiro do Atlantico, vêm até nós em bons livros. Mais tarde, o sr. Matheus, procurando a fórmula actual por excellencia, bandeou-se para o romance. Certo, porém, é que o ensaista jámais poderá ser esquecido nelle e esta reedição de uma das suas mais expressivas collectaneas como que o reintegra no entusiasmo de quantos o liam, entre 1910 e 1913, nas columnas do jornal de Quintino e Salamonde.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

DEPOIS DO DILUVIO

Enquanto escrevo estas linhas, o radio traz-me da cidade de Cleveland os ecos rumorosos da convenção do Partido Republicano, ali em sessão para a escolha do candidato que deve fazer frente ao sr. Roosevelt no pleito de Novembro.

Os discursos se succedem, cada qual mais retumbante, contra a politica economica e social da presente administração.

E' um ataque inglorio, como o campeão de boxe que dirigisse invectivas contra o contendor já no chão, vencido. Como se sabe, todos os itens daquelle programma de reformas foram destruidos, um a um, pelas decisões da Suprema Corte de Justiça, que os deu como inconstitucionaes. Todos, não; houve precisamente duas excepções: a questão da clausula-ouro e as obras hydraulicas do Tennessee, que foram mantidas pela Suprema.

No emtanto, e o ponto é de magna importancia, cada golpe de morte que aquelle tribunal desferiu contra as medidas legislativas do programma do sr. Roosevelt, fel-o contra o voto, em minoria, dos juizes Cardozo, Stone e Brandeis, o que prova que mesmo no seio da Suprema Corte ha juristas, e dos mais competentes, que sustentam como muito legal o corpo de reformas sociaes que o governo havia instituido.

Mas, morto embora sob o cutello do constitucionalismo o programma politico que a um tempo repercutiu por todo o mundo, viram-se agora os opposicionistas contra o seu phantasma, que é só o que d'elle existe, porque temem que o sr. Roosevelt, se sahir victorioso no pleito de Novembro, volte a insistir em certas reformas, sem as quaes, ainda é crença de muita gente, não haverá solução para o caso economico americano.

Logo, não é contra o New Deal, que para todos os effeitos jaz morto e sepultado, que os republicanos gritam com assanho; é antes contra a pos-

sibilidade de resurgimento dessa idéa de reformas politicas, que elles esbravejam e se precatam.

O senador Frederick Steiwer, a quem coube na convenção a honra de fazer o discurso-programma, firmou suas accusações nas extravagantes despesas com obras publicas, etc., feitas pelo sr. Roosevelt, o que tem occasionado a imposição de novos impostos. E, sob applausos geraes, adeantou o orador que a despeito desse derrame de verbas, a depressão economica cedeu muito mais depressa em certos paizes estrangeiros, que não tiveram nenhum New Deal, do que aqui, fonte de tantas riquezas, onde, segundo os mais recentes calculos, ainda existe um exercito de 11 milhões de pessoas sem trabalho.

Pondo-se de parte o facto inquestionavel dos onze milhões, que no seu todo não serão talvez jámais reempregados, a menos que se faça o que o sr. Roosevelt quiz pôr em effeito — reduzir as horas de trabalho nas industrias — coisa com que não quizeram concordar os industriaes; posto isso de parte, repetimos, será interessante ver quaes foram esses paizes, onde a crise cedeu á força de meias medidas, sem a intervenção de reformas radicais.

Na Inglaterra, por exemplo, estabeleceu o governo o salario minimo, na base de 19 dollares por semana, medida que aqui foi tentada por varias formas e em ultima instancia derrotada pelas decisões da Suprema Corte, tendo sido a lei estadual de Nova York a ultima a desaparecer. Mas, além daquella e de outras medidas pro-operariado, os preparativos de guerra e o novo e intenso programma naval inglez têm agido como um grande hamburrio de negocios na Inglaterra, cuja onda de sem-trabalho foi assim absorvida.

Na Allemanha estava a crise economica a depender de uma grande transformação politica, que

o governo de Hitler pôz finalmente em pratica. Com perspectivas de guerra ou não, o que lá se passou, culminando na rescisão do tratado de Versalhes, foi de significação muito mais profunda, e ainda está sendo, do que a chamada revolução economica do sr. Roosevelt.

Duas outras nações affectadas pela crise acharam no uso immediato das armas, em campanhas de conquista, a sua porta de sahida: o Japão e a Italia. Para a primeira, a posse da Mandchuria e a invasão subsequente de outras provincias chinezas. foram o seu New Deal. A segunda, a Italia, descobriu na conquista da Ethiopia um premio á movimentação de seus capitaes, do mesmo passo que as suas industrias, sob a ameaca das sancções, entraram no rojão do servico dobrado, absorvendo assim todos os braços que porventura estivessem sem trabalho.

Em Portugal, segundo dizem os que sympathizam com a dictadura (e creio que os factos corroboram essa opinião), o remedio para os males economicos foi cedo encontrado na centralização do governo. Já na Hespanha, onde houve a queda de um throno e ultimamente uma reviravolta esauerdista, a crise está ainda a exigir novas e mais positivas reformas.

Emquanto isto, a Franca conservadora vê desmontado do poder o seu ministerio contemporizador, para ser empossado um governo socialista, cujas primeiras medidas, afim de amainar uma arêve de um milhão de homens, são precisamente a reduccão das horas de trabalho e outras compensações criadas pelo momento critico que atravessamos.

Deante disto, não será preciso trazer á baila outras convulsões politicas havidas no nosso continente, para que se veja — ao contrario do que dizem os politicos de Cleveland — que não houve no mundo nenhuma reforma sem luta ou sem a centralização de poderes, e que a isso se deve, em algumas partes, o restabelecimento de um apparente equilibrio.

Se a America se livrou de cahir no banzeiro das lutas abertas, deve-o sem sombra de duvida áquelles gastinhos providenciaes feitos pelo senhor Roosevelt. Mas hoje, que se abateram já as aguas do diluvio e o cume dos Ararats da prosperidade de novo se mostram verdejantes, vêm os bichos máus, salvos na arca, e accusam o velho Noé de lhes haver cobrado de mais pela passagem!

* * *

Os Estados Unidos possuem coisas admiraveis, singularissimas para uma republica, como sejam as préces feitas em meio ás reuniões politicas e os bemditos religiosos, que ainda agora entôam os republicanos na sua convenção. Ha mais, ainda. O Partido Republicano, talvez como um publico acto de contrição, contractou este anno um conselheiro moral. E' o sr. Bruce Barton, director de uma firma de propaganda commercial e autor do

livro "O Homem que ninguem conhece", isto é, Jesus Christo. Talvez por isso, por ser o sr. Barton um conhecido expositor de materia religiosa, tomou-o aquelle grupo politico para seu preceptor moral.

Pois, bem: falando ha dias na Associação de Manufactureiros de Illinois, aggremação que, como todas as suas congeneres americanas, é medullarmente contraria a qualquer programma de reforma oriundo de Washington, disse o sr. Barton: "Nós estamos com os olhos fitos no pleito de Novembro, á espera de que uma troca de governo venha desfazer todas as nossas preoccupações sobre o futuro. Não teremos porém o gosto de nos livrar do que está á nossa frente. A massa popular americana descobriu que possui em si um poder, e continuará a exercel-o, esteja na Casa Branca quem estiver."

O que dahi deduzimos é que o momento actual exige reformas — as reformas do ullimatum social imposto pela machina — e ellas hão de vir, porque o povo as reclama, com Roosevelt ou sem elle.

(Nova York. Junho de 1936).

ARTHUR COELHO

Nicolau A. Rodrigues — Macumbas & Candomblés — Rio.

Trata-se de uma descripção de certos costumes da gente negra, habilmente desenvolvida por um velho jornalista que, sabendo o merito da boa reportagem, não se offende quando o chamam de reporter. Trabalhando em departamento subordinado á policia do Rio, o sr. Nicolau A. Rodrigues, que já escreveu uteis coisas sobre a antiguidade egypcia e hebraica, procura destrinçar muitos enigmas da nossa cidade nocturna, especialmente no que diz respeito aos arrabaldes e suburbios habitados por creaturas de psyche tão complexa quanto as oriundas do continente que apaixonou Frobenius. Seus subsidios sobre as macumbas e candomblés cariocas merecem perdurar no que de melhor se tem composto aqui a respeito.

Federico Orcajo Acuna — Teatro de hoy — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Interessam-nos sempre grandemente as obras que nos envia a Sociedade dos Amigos do Livro Rioplatense. Em geral, são trabalhos de ficção, dos que melhor exprimem o passado e o presente de uma raça em que se fundem tantos povos de tamanhas suggestões typicas. Mas, no momento, o que nos vem daquelle nucleo de cultura é uma formosa serie de ensaios allusivos á dramaturgia de hoje. O sr. Federico Orcajo Acuna é dos que não têm nenhum atrazo de relogio em relação aos mais significativos productores do palco europeu ou americano. Falando de Bernard Shaw, renova uma porção de velharias e, o que é surpreendente, ainda encontra traços inexplorados na inquietante mascara desse animador de mascaras inquietantes. Sobre Pirandello e Jules Romains abundam inducções e deducções das mais logicas, num raciocinio preciso que nem por isso exclue certas paradas e desvios algo ironicos na caminhada através das peças alheias. Parte preciosa do volume, e encerrando muitas revelações para nós outros, é a que fere em cheio o tão discutido theatro de Eugene O'Neill, o comediographo norte-americano em que alguns vêm Sophocles e Molière mesclados na mais aguda modernidade humana e outros enxergam apenas um primario de efficazes intuções geniaes, insusceptivel desse definitivo acabamento poetico sem o qual ninguem se pôde pretender substituto de Shakespeare. Em conclusão, uma collectanea de ensaios em que competem substancia e belleza.

PREFACIO PARA O LIVRO DE FLAVIO DE CARVALHO "OS OSSOS DO MUNDO"

Este livro de Flavio de Carvalho nos colloca diante de uma das personalidades mais ricas e mais cheias de surpresas que o Brasil tem hoje.

Flavio de Carvalho é dos que pela idade e pelas circunstancias — trinta e sete ou trinta e oito annos e paulista educado na Europa — poderia ter sido "modernista" em 23. Modernista como qualquer dos dois Andrades, o moreno e o louro. Mas não foi. Sua geração intellectual é outra. Elle é post-modernista legitimo: appareceu depois do "modernismo" e com outra mensagem. Intensamente moderno, mas despreoccupado do "modernismo" litterario em que aquelles dois escriptores admiraveis se extremaram até quasi o ridiculo.

Sua geração intellectual é a de hoje; seus companheiros mais proximos de geração, Cicero Dias e José Lins do Rêgo. Sua mensagem uma mensagem mais humana que esthetica, embora de modo nenhum doutrinaria ou politica.

Como esses dois nortistas, Flavio de Carvalho arregala olhos de menino e ás vezes de doido para vêr o mundo. Por isso vê tanta coisa que o adulto todo sophisticated não vê. Vê tantas relações entre as coisas que os adultos cem por cento e os completamente normaes deixam de vêr. Do sentido dessas relações vem o lyrismo novo e profundo, cheio de grandes coragens, que ha nas notas de viajante de Flavio de Carvalho. A's vezes nestas notas elle não tem que vêr, Cicero Dias, no romance que o grande pintor nortista escreveu ha tres annos e conserva virge até hoje: *Jundiá*. O romance mais intensamente lyrico que já se escreveu no Brasil.

Apenas o lyrismo em Flavio de Carvalho se concilia com a sua objectividade de architecto, de engenheiro, de technico moderno. Com os seus estudos serios das sciencias chamadas exactas. Com as suas pesquisas de psychologia.

Mas só um homem com a pureza quasi de menino que ha em Flavio de Carvalho — pureza no modo de ver as coisas, pureza no modo de se sentir e de se ver a si proprio — seria capaz de escrever as paginas magnificamente sinceras que elle já escreveu sobre o medo. A sua coragem de ter medo — que hoje só os meninos têm — de se analisar nas suas sensações mais profundas de medo, é das que o adulto convencional, deformado pelos preconceitos de bravura á hespanhola, de "he-man" á americana, de "modernismo" á brasileira ou á Graça Aranha, não têm. Entretanto o medo é creador. Dá novas visões ao homem. Não ha razão para se fazer do medo um tabú.

Toda a gente sabe que Graça Aranha fez do medo um tabú. Queria que não se tivesse medo diante de nada. O homem perfeitamente moderno seria o que não tivesse medo de coisa nenhuma. Que não fallasse de medo, pelo menos.

E Ronald de Carvalho, este detestava os individuos que se confessavam incommodados com os ruidos das machinas modernas. Uma vez eu disse a Ronald que o ruido de certa machina me incommodava. Ronald olhou-me com um grande desdem e disse: "Só parece que você não é moderno".

"Só parece que você não é moderno" diria hoje Ronald a Flavio de Carvalho, e neste caso com toda a razão. Porque Flavio de Carvalho não é modernista, mas post-modernista. Elle tem a coragem de ter medo e de descrever os seus medos. E tem a coragem de detestar os ruidos das machinas insubmissas que ainda nos cercam e de confessar essa repugnancia. Elle já não é da idade que Lewis Mumford chamou de paleotechnica — e a que pertenceram ainda os nossos "modernistas", principalmente os do Rio — mas da neotechnica. Já não é da ida-

de do homem agachado diante das machinas grandiosas e com desgosto e até vergonha de ser de carne e de nervos, e não de ferro e de aço como as proprias machinas. E' da idade do homem retomando o seu lugar de elemento mais importante que a machina na payzagem do mundo.

Ha no autor deste livro uma grande sensibilidade ao lado do gosto de ser objectivo. Um grande lyrismo, ao lado do senso scientifico. A capacidade de abstracção e de analyse ao lado de uma poderosa sensualidade de expressão. Não que elle seja um verbalista, muito menos o que os francezes chamam com desprezo um tropicalista. Ao contrario: é sobrio e preciso. Mas ha côr e sexo nas suas palavras ás vezes meio soltas, sem nenhum controle rigido, nem da grammatica, nem da pontuação convencional, nem mesmo do que um critico nosso conhecido chama "dignidade de linguagem".

Estamos diante de uma *personalidade* no mais puro sentido da expressão. São Paulo não tem hoje um artista, nem um intellectual, nem um cientista, com tantos poderes juntos.

GILBERTO FREYRE.

Erico Verissimo — Os 3 Porquinhos Pobres — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Tudo faz crer que será plenamente victoriosa a incursão do admiravel romancista dos *Caminhos Cruzados* nos dominios da narração para creanças. A historia destes tres porquinhos pobres, bem como a que nos relata as aventuras do avião vermelho, são de alguem que possui a boa intuição dos lances destinados a empolgar e a deliciar a garotada do paiz. Os bonecos desenhados por Edgar Koetz e João Fahrion são dos mais movimentados, multiplicando-se em piruetas engenhosissimas. Todavia, mesmo prescindindo desse contingente de illustração á moderna, os heroes de Erico Verissimo, dramaticos ou comicos, vivem de uma vida fabulosa que porá os nossos fedelhos boquiabertos. Nem outra cousa era de esperar da imaginação e da sensibilidade inventiva de quem já nos contara com tanta meiguice e tanta graça certa o maravilhoso romance de Joanna d'Arc.

CHRONICA DE 1880

A leitura dos velhos almanacks proporciona muitas vezes á gente surpresas bem curiosas. Quem diria, vendo o pouco caso com que hoje tratam aqui um Villa-Lobos, quem diria que esta cidade do Rio de Janeiro já vibrou durante dois dias inteiros de puro enthusiasmo por um artista?

Pois foi lendo a "Folhinha Dramatica para o anno de 1881, contendo a comedia em um acto *O Segredo de uma Fidalga* assim como a chronica nacional de 1879 a 1880", publicada e á venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert, rua do Ouvidor 60, que tomei consciencia da decadencia artistica em que andamos nesta Republica Nova, toda voltada para a conquista dos bens materiaes em detrimento das glorias espirituaes que outrora alvorocavam a patria de Carlos Gomes!

Porque se trata de Carlos Gomes, precisamente. Naquelle anno de 1880 o autor do *Guarany* regressava ao Brasil, depois de uma longa ausencia, durante a qual tanto elevara no estrangeiro o nome da sua terra. A nossa mocidade academica, bem diversa da de agora, que deserta os prèlios intellectuaes para correr aos encontros de box e jiu-jitsu, preparou-se com grande antecedencia para honrar na pessoa do cisne de Campinas o maior genio musical do Brasil. E eis como os festejos, que segundo o *Jornal do Commercio*, de 19 de julho, chegaram á exaltação, "ao delirio mesmo", se desenrolaram.

A's 5 horas da manhã (acordava-se cedo!) estudantes das escolas Militar, Polytechnica e Marinha, das Academias de Medicina, de Direito de São Paulo, das Bellas-Artes, do Lyceu de Artes e Officios, do curso de preparatorios, carregando os respectivos estandartes escolares, e mais os paulistas residentes na còrte e o Circulo Italiano Victor Manoel transpunham a porta do Arsenal de Marinha para tomar logar a bordo do transporte "Madeira" e de numerosas lanchas de vapor (dizia-se, com mais vernaculidade, "de vapor") que iriam ao encontro do paquete "Guadiana". Acompanhavam-nos as bandas militares dos batalhões de engenheiros, do 7º e 10º de infantaria e dos imperiaes marinheiros.

Durante o trajecto, por iniciativa "dos srs. estudantes Patrocinio e Paula Ney" (os jornaes escreviam sempre "os srs. estudantes"), fez-se a collecta improvisada de 100\$700, que reunida á de 430\$000 anteriormente obtida, seria levada á conta da alforria do escravo Tito, avaliado em 800\$000, e cuja carta deveria ser-lhe entregue pelo maestro na noite do seu beneficio.

O "Guadiana" entrou a barra ás 8 horas. A's 9 os estudantes subiram ás vergas do "Madeira" e acenaram com os lenços, saudando Carlos Gomes, que appareceu no convez do paquete agradecendo com o lenço as aclamações entusiasticas

dos rapazes. Dezesete embarcações "de" vapor e innumerous escaleres escoltavam então o "Guadiana". As girandolas espoucavam quer a bordo, quer em terra...

A's 10 horas, Carlos Gomes desembarcava no Arsenal e seguia para a casa do inspector, onde almoçou. Por essa ocasião foi-lhe offerecido "um chapéu de sêda com a respectiva dedicatória". Vão tomando nota.

A's 10 1/2 o maestro deixou o Arsenal. A sua passagem pelas ruas do centro foi uma apoteose. As do Ouvidor e Primeiro de Março estavam ornamentadas. As bonitas colchas de damasco e brocado, que hoje não se vêem mais, bandeiras e festões adornavam as sacadas, de onde as senhoras e meninas agitavam lenços e atiravam flôres sobre a cabeça do autor do *Guarany*.

A cada passo o cortejo parava para que se prestasse ao maestro uma homenagem. Aquí era "uma distincta senhora" que lhe offerecia dois ramalhetes. Ali era uma commissão de typographos da casa dos srs. Leuzinger que lhe trazia um ramo de flôres de penna. Das redacções dos jornaes partiam identicas homenagens. E em frente á "Notre Dame" não só lhe foi recitada uma poesia, como lhe fizeram presente de uma rica bengala de unicornio com castão de ouro. Vão tomando nota.

No largo de São Francisco havia vistoso coreto. O maestro Mesquita empunhou a batuta, a orchestra executou a ouverture do *Guarany*, o sr. estudante Paula Ney soltou o verbo, entregando a carta de liberdade do alforriando Lino ao maestro, que a passou ao escravo, abraçando-o com lágrimas nos olhos. Então as bandas militares tocaram o Hymno Nacional.

E o cortejo proseguiu pela rua do Theatro, largo do Rocio, e rua Visconde do Rio Branco, sempre debaixo de vivas ovações. A Secretaria do Imperio estava repleta de senhoras. No Club Mozart o maestro recebeu as principaes homenagens, sob forma de discursos das varias commissões. Só ás 2 1/2 é que pôde elle se retirar para o Engenho Velho, hospedando-se em casa do sr. Castellões. E á noite as principaes ruas e muitos estabelecimentos illuminaram-se festivamente. No coreto do largo de São Francisco uma banda tocava. Parecia uma data nacional.

No dia seguinte continuaram os festejos. Diz o *Jornal do Commercio* que á tarde já era difficil o trafego por algumas ruas, especialmente pela do Ouvidor.

A' noite esta apresentava um tom "verdadeiramente festivo" (hoje os reporters diriam "feéri-

co"): eram lanterninhas chinezas, copinhos de côres e uma "enorme profusão de bicos de gaz, uns em linha recta, outros formando arcos e emblemas". Na rua dos Ourives, por baixo de cada arco de gaz havia uma estrella, tendo no centro o nome de uma das operas do maestro e em semicirculo o seu nome. Depois das 5 horas, varias bandas tocavam em diversos pontos da cidade. A Sociedade Euterpe Commercial Tenentes do Diabo (ahi têm como começaram os Tenentes do Diabo) embandeirou e illuminou toda a fachada, onde se via rico trophéu de instrumentos de musica encimado pelo retrato do maestro.

E o Club dos Democraticos? Tambem embandeirou e illuminou a fachada. Sôbre o frontal da entrada havia uma lyra rodeada de folhas de louro, tendo ao centro a inscripção: "A gratidão é um dever".

Nessa noite a mocidade das escolas realizou pela cidade uma passeata. Levavam todos lanternas chinezas, alguns arcos com transparentes no centro, onde se liam os nomes das operas do campineiro, e cada escola carregava o seu estandar-te. Atraz vinham as bandas de musica. "Por toda a parte recebiam-nos corações expandidos pela mais sincera satisfação, porfiando todos em honrar o laureado maestro". Assim desfilaram finalmente diante do Club Mozart, onde se encontrava Carlos Gomes em companhia de seu filhinho.

A's 10 horas da noite, o grande brasileiro sahia do club, dirigindo-se á rua do Ouvidor que percorreu de ponta a ponta, seguido por mais de duas mil pessoas "de todas as gradações sociaes". De instante em instante recitavam-se poesias, que eram calorosamente applaudidas.

Cerca de quinhentas pessoas visitaram o maestro na casa do Engenho Velho.

* * *

Como os tempos mudaram ! Quando Villa Lobos voltou da Europa não teve nada disso. Não ganhou bengala de unicornio com castão de ouro, nem chapéu de sêda com a respectiva dedicatória. Nenhum sr. estudante fêz discurso. Os seus concertos estiveram ás moscas. No entanto elle tambem é o maior genio musical de nossa terra...

Tomára que Villa Lobos não leia esta minha chronica: tudo isto é muito triste !

MANUEL BANDEIRA.

Juarez de Alencar — Sertões e Caatingas — Fortaleza.

A litteratura regional apresenta-se-nos por vezes em moldes enigmaticos, não tanto pela revelação de temperamentos, que contemham aspectos diversos dos familiares a nós outros da capital, e sim pelo abuso de modismos que exigiriam talvez uma viagem de instrucção aos logares descriptos. Mas o exacto é que este sr. Juarez de Alencar, um nome que até hoje absolutamente ignoravamos, explica-se quasi sempre com clareza, consumindo apenas o indispensavel de expressões locais e procurando acima de tudo ver o que possa existir de

geral, de universal, nos typos explorados pela sua "verve" de narrador. Tudo faz crer que se trate de um espirito extremamente joven e, como tal, ainda susceptivel de exuberancias, de demasias que o tempo desbastará. Mas aqui e ali, no trabalho com que veio até nós, já alguns trechos o mostram em condições de dar-se a uma obra mais ampla na investigação das almas.

Pascal — Pensamentos — Athena Editora.

O nome do sr. Paulo M. Oliveira é o que mais frequentemente encontramos nas traducções da Athena Editora. Ainda agora, vem elle de offerecer-nos a transposição vernacula dos pensamentos de Pascal. Ninguém ignora a extrema concisão, a densidade de conceitos, a grande economia verbal desses aphorismos tantas vezes illuminados pelo genio. Muito difficil seria, á primeira vista, transportar essas maximas, de uma lingua toda feita de logica e sobriedade qual a franceza, para um idioma, qual o nosso, que presume sempre redundancias oratorias, digressões de um florido verbalismo. Pois o sr. Paulo M. Oliveira trouxe ao nosso paiz os axiomas do amigo dos jansenistas sem nenhuma obliteração de belleza ou diminuição de sentido philosophico. Um nobre esforço que consagra definitivamente os meritos de tal traductor.

Benjamin Costallat — Payzagem Sentimental — Liv. José Olympio Ed. — Rio.

Volume de chronicas de um dos escriptores mais lidos do Brasil. São, como o genero exige, impressões fragmentarias da tragi-comedia do Rio, mas nem por isso se caracterizam por uma demasiada dispersão de idéas. Vê-se que o sr. Benjamin Costallat, mesmo no atropello de uma redacção ás ultimas horas da noite, quando todos anceiam pela nota de estrondante sensação que no dia seguinte irritará os rivaes de imprensa, consegue ir, com invejavel faro intellectual, ao acontecimento que nas ultimas vinte e quatro horas como que já veio romanceado do turbilhão dos factos. E' exactamente isso que pensamos em lendo o autor de Gurya: a vida real trabalha para elle e as suas melhores coisas como que já estão preformadas nessa capacidade de fazer drama e farça que é propria das cidades de mais de um milhão de habitantes.

RECORDAE
COM ATENÇÃO
A FABULA
DA CIGARRA
E A FORMIGA

1/2
40%
AO ANO

JUROS
CAPITALISADOS
DE 6 EM 6 MESES

CAIXA
ECONOMICA

"USINA" E A INVASÃO DOS NORTISTAS

Quando José Lins do Rêgo, depois do exito surpreendente do *Menino de Engenho*, publicou logo em seguida o seu *Doidinho*, a impressão mais ou menos generalizada nos meios litterarios foi de que haveria conveniencia em aconselhal-o a retardar um pouco a elaboração de seu terceiro romance. Alguns amigos chegaram mesmo a lhe escrever nesse sentido, ponderando-lhe que elle só teria a lucrar com uma pausa em sua actividade litteraria, afim de deixar amadurecer no espirito o thema do livro novo que projectava. Mas esse movimento não era motivado por nenhuma decepção que a segunda obra concluida pelo escriptor nordestino tivesse produzido entre seus admiradores. Ao contrario: *Doidinho* constituiu uma demonstração mais decisiva do talento excepcional do romancista que o volume que o antecederá. O assumpto era mais pobre que o do *Menino de Engenho*. Além disso, já fora tratado no *Atheneu* de Raul Pompéa, em paginas de que toda gente se lembrava a cada instante, impondo um cotejo arriscado entre suas passagens mais vigorosas e as do livro de José Lins do Rêgo. No entanto, este resistiu á comparação. Havia em Carlos de Mello, de *Doidinho*, uma sensibilidade tão profunda quanto a do Sergio do *Atheneu*; mas muito diferente. Os demais personagens tinham tanto interesse humano quanto os de Raul Pompéa e, se o estylo deste era bem mais apurado, dada a sua preocupação de fazer "écriture artiste" como os Goncourt, o do escriptor moderno distinguia-se, em compensação, pela sua admiravel espontaneidade, pelo pittoresco e pela força suggestiva das expressões e das syntaxes de excepção que fora colher na linguagem popular.

O certo, porém, é que, apesar de *Doidinho* ter correspondido plenamente á expectativa dos que tinham saudado o autor do *Menino de Engenho* como um dos mais interessantes romancistas que o Brasil já tinha produzido, havia receio de que elle decahisse com a precipitação de publicar um terceiro livro. Ao mesmo tempo, iam apparecendo com frequencia romances nortistas dos quaes a critica e as rodas litterarias tinham de se occupar successivamente: os nomes dos escriptores do norte enchiam os supplementos dos jornaes de domingo. Os homens de lettras do sul principiavam a considerar um tanto excessiva a producção de seus confrades do norte.

Mas José Lins do Rêgo, sem dar ouvidos aos conselhos de moderação, publicou sem demora *Banguê*, tirado a 10.000 exemplares. Depois, não contente com isso, transferiu-se com armas e bagagens de Maceió para o Rio e, do proprio meio dos derrotistas meridionaes, lançou seguidamente *O Moleque Ricardo* e *Usina*, para encerrar o seu "cyclo da canna de assucar" e iniciar outra phase de sua actividade litteraria. *Banguê* impoz-se logo como romance notavel, pela sua intensidade

dramatica e pela qualidade rara da prosa em que fora escripto, mais apreciavel talvez ainda que a dos dois livros anteriores. Não obstante, os nucleos da opposição sulista manifestavam preferencia pelo *Menino de Engenho*, cada vez mais enjoados dos assumptos do norte. Achavam que o engenho Santa Rosa e a familia do Coronel Jose Paulino não tinham interesse bastante para servir de objecto a tres romances. Seria sufficiente que José Lins do Rêgo tivesse escripto a seu respeito o primeiro. Elle, entretanto, embora procurasse renovar o thema de sua obra, localizando no Recife a acção do quarto romance que elaborava, não conseguia desprender-se da gente do Santa Rosa: o personagem principal do *Moleque Ricardo*, a despeito da luta de classes em que o romancista o envolveu em outro meio, conservou o espirito e a sensibilidade da população do engenho. Por isso mesmo e tambem pela circumstancia de se resentir de defeitos de composição, assim como de um descuido muito desagradavel na sua forma, o livro causara em geral certa decepção. Nas rodas de litteratos repetia-se que José Lins do Rêgo nunca mais attingira, nem attingiria o nivel do *Menino de Engenho*. O interesse litterario e humano consideravel que o romance conserva, apesar daquellas restricções justificadas feitas ao seu merecimento, não era devidamente salientado nem mesmo pelos que mais se empenham em encarecel-o, applaudindo a intenção politica que lhe attribuiam. De resto, o enjôo que se vinha sentindo no sul pela litteratura nortista não deixava de augmentar desde a publicação de *Banguê* até a do *Moleque Ricardo*.

Pouco faltava para que se formulasse aqui a palavra de ordem equivalente áquella que um bel-letrista nordestino de nome Galvão lançara ha alguns annos a seus confrades regionaes: "Uni-vos, litteratos do norte, contra os litteratos do sul!" Mas, ainda á falta de uma formula lapidar que os convocasse á mobilização em massa contra os escriptores nortistas, apresentaram-se legiões litterarias no sul para esse combate. Surgiram aqui, em jornaes e revistas, artigos que já não disfarçavam a mentalidade propria para a guerra. Em Estados como o de Minas, a publicação de romances locais era commemorada com banquetes, em que se proferiam discursos bellicosos.

Foi nesse ambiente que José Lins do Rêgo deu á publicidade *Usina*. E', pois, bem provavel que neste meio hoje tão vibrantemente hostil aos litteratos do norte, elle não receba os applausos e os premios que teve pelo *Menino de Engenho*. Entretanto seu romance novo destaca-se entre todos os que já escreveu por lhes ser superior sob varios aspectos: na technica da construcção, na variedade de planos, na fixação mais segura dos traços caracteristicos dos innumerados personagens, na apresentação mais viva e mais pungente de conflictos

moraes, economicos e sociaes e, por fim, na intensidade maior da acção do romance propriamente.

Sem duvida ter-se-ha de admittir que *Usina* se resente do relaxamento de forma observado no *Moleque Ricardo*, embora não tão accentuado. Repetições desagradaveis. Periodos desengonçados e de sentido ambiguo. Trocas de nomes de personagens. Certos logares communs jornalisticos surprehendentes num escriptor cujo estylo sempre foi marcadamente pessoal. Mas, em compensação, imagens com uma capacidade de suggestão desta, a respeito do urubú: "aquelle bicho de andar banzeiro, como de negro cambado". Ou daquella em que se refere ás orchideas da matta: "dependuradas nas arvores, como raparigas chamando homens de seus sobrados". Aliás, o estylo de José Lins do Rêgo, em *Usina* como nos outros livros, é desprovido de ornatos. Mesmo as imagens vivas á feição das acima transcriptas são extremamente raras em sua prosa, cujo movimento, de uma naturalidade admiravel, seria entravado pelos adornos que elle lhe impuzesse.

Outra restricção que se fará tambem a *Usina*, provavelmente, será motivada pelo thema escabroso que abordou no primeiro capitulo. Dir-se-á que não havia a menor necessidade de José Lins do Rego se comprazer em tratar de um caso repugnante, sem interesse e sem importancia alguma quer para o desenvolvimento da acção do romance quer para caracterização da sensibilidade de um personagem já longamente fixado. Todavia a critica parecerá improcedente ao leitor que não tiver excesso de preocupações moralizadoras em materia de litteratura. Primeiro, porque o episodio esclarece, com sua luz obliqua, a psychologia da figura principal do *Moleque Ricardo*, que é tambem personagem de certa importancia no entrecho de *Usina*. Segundo, porque José Lins do Rêgo trata o assumpto com tanta naturalidade, que elle perde o que poderia ter de indecente ou repugnante.

Em ultima analyse, sejam quaes forem os defeitos apontados na obra desse romancista, o que é indubitavel é a sua importancia em nossa litteratura. Um homem que, a pequenos intervallos, publica quatro romances, de valor talvez desigual, mas por certo consideravel, e encerra sem demora essa serie, produzindo um quinto livro, com 392

paginas que se lêm quasi com o mesmo interesse da primeira á ultima, realizou qualquer coisa de excepcional no Brasil. E quando se pondera que, além do merecimento estrictamente litterario de seu trabalho, se terá de computar-lhe o valor como documento que reflecte os problemas economicos e sociaes mais angustiosos de uma vasta região do paiz, impõe-se á gente o dever de tratar José Lins do Rêgo com certo respeito.

Todavia esse tratamento respeitoso que lhe é devido não me impedirá de alertar meus patricios de Minas contra a actividade do autor de *Usina* que, segundo informações fidedignas, pretende invadir o territorio do Estado, afim de extrahir dahi materia para seu proximo romance. Litteratos mineiros, uni-vos contra o litterato do norte!

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

Claude Farrère — *Os Homens Novos* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Muito louvavel a actividade de traductor do sr. Gustavo Barroso. Bons serviços nos está prestando elle em trazendo ao nosso idioma livros europeus que bastante repercutiram na emoção dos leitores do outro lado do Atlantico. Assim esta bella narração intitulada, na apresentação portugueza, *Os Homens Novos*, titulo suggestivo que de modo nenhum desfigura o rotulo original. Ninguém desconhece que Claude Farrère, sem prejuizo da dignidade litteraria de um estylo em que não ha transigencia com o máo gosto dos incultos, é fertil em golpes impressionantes que mantenham o seu publico bem attento á successão theatral dos episodios. Outra estimavel transplantação idiomatica é a que devemos ao sr. Azevedo Amaral, que tão habilmente recompôz em nossa lingua o romance *Palxão e Sangue*, de Marie Belloc Lowndes, trabalho a que não faltam, parallelamente com a intensidade de effeitos no jogo scenico, delicadezas de idyllio a que não serão insensíveis as nossas gentis patricias. Mais demorada na parte de amor propriamente dita é a novella *Primeiro Amor*, de M. Forrester, posta ao alcance de todos os brasileiros pelo sr. Oliveira Ribeiro Netto.

Hans Dominick — *Gengis-Khan* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Muito curioso este jogo de conjecturas que envolve o nome do grande heroe da Mongolia, em deducções absolutamente imprevistas, que o sr. Manuel Bandeira aportuguezou com uma segurança avessa a perigosas fantasias verbaes. Não menos romanticas as peripecias do *Thesouro escondido*, da Baroneza Orczy, uma velha productora de novellas que conquistou o mundo graças á creação do typo impressionante que é o Pimpinella Escarlata. Procedendo de uma das regiões mais complicadas da Europa no que concerne ás coisas ethnicas, essa fidalga, não sabemos se de aristocracia discutivel, tem a especialidade, que immortalizou Dumas Pae, de mesclar historia e lenda, aliás com tamanho encanto que os estudantes da materia preferirão conhecer com ella os episodios da Revolução Franceza a perscrutar-os atravez das narrações austeras de um Mignet ou de um Thiers. Vimos de alludir ao interesse que nos traz a chronica dos povos quando apresentada com um pouco de fabula. Pois esse mesmo processo André Maurois intelligentemente o applicou á biographia dos seus artistas e politicos predilectos e o resultado foi o prestigio de venda que o tornou um dos favoritos das bibliothecas. A *Vida de Shelley*, cuja traducção tambem devemos no momento ao perfeito conhecedor das linguas franceza e portugueza que é Manuel Bandeira foi, no genero, o ponto de partida de Maurois e talvez lhe tenha sido, a rigor, a realização maxima. O poeta da *Sensitiva* ahi nos surge num mixto de severa critica psychologica e de alada fantasia de conto de fadas.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

UM MENTIROSO... DE 1812

Parecerá estranho aos leitores do BOLETIM DE ARIEL, habituados ao commentario dos livros mais recentes e aos trechos ainda inéditos de muitos, aos que se deleitam com as paginas fingidas e trescalando á tinta ainda fresca da impressão, este evocar das paginas resequidas e amarelladas, onde os fungos traçam mappas phantasticos e as traças cavam galerias, paginas esquecidas num recanto de bibliotheca.

Aquelles, porém, que vieram do seculo passado e começam a viver de saudades, comparando sem azedume o Brasil de hontem e de hoje, talvez encontrem algum interesse nos commentarios dessa velha xeno-bibliographia brasileira, tão rica e tão varia. Depois de navegar com os gondoleiros francezes, com os visitantes do primeiro reinado (obrigado, Lucia!), estou agora a percorrer o interior do nosso paiz do seculo XIX, procurando saber como era o *Brasil visto pelos inglezes*.

Ahi, entre naturalistas de mundial renome, como Wallace e Duriven ou especialmente estimados por seus pares, como os zoologos Swainson e Bates, os botanicos Gardner e Spruce, entre os viajantes curiosos, aqui trazidos por motivos de saude, de negocios ou de trabalhos technicos, como esse probo Henry Koster, Waterton, Walsh, Caldeleugh, Burton, Wells, fui deparar com um emulo de Fernão Mendes Pinto, embora muito menos prolixo. E' o autor das *Viagens e extraordinarias aventuras no Brasil*, Henry Sidney, que diz aqui ter estado de 1809 a 1812.

Começa declarando publicar a sua narrativa para impedir outros curiosos e aventureiros de se exporem a perigos em remotas regiões.

Levado pelo desejo de ver "a monstruosa serpente chamada Laboia, abundante nas mattas do Brasil, e as pantheras e leopardos que devoram os corvos das Cordilheiras e dos Andes" consegue que o pae lhe compre um navio, no qual parte de Gravesend na maré da tarde de 16 de Março de 1809. Eram seus companheiros a bordo um portuguez, Senor Gomez D'Avila, e duas sobrinhas.

Esse brigue, comprado para uma viagem de recreio, é atacado em pleno oceano por um navio de guerra francez. Trava-se batalha, da qual sae ferido na face, mas a nau franceza é desbaratada, e Isabela agradece "a bravura dos inglezes hereticos, aos quaes se deve ser conservada a independencia de Portugal e a completa expulsão do inimigo rapace".

Chegado ao Rio admira a regularidade das ruas, as destinadas a determinados artezãos e o divertimento dos rapazes que consistia em atirar com arco e flecha, como os indios. Passa alguns dias numa casa de campo do sr. D'Avila, que possuia nas montanhas perto da cidade (em Belém), a cerca de uma milha, minas de ouro e diamantes.

Dessa casa se viam a metropole magnifica e um bello rio; "em noites de luar ouviam-se cantar os beija-flores".

Parte para o interior no dia 20 de Julho, em companhia de um indio domesticado — Antonio. Tres dias depois chega á orla de um deserto. E escreve: "Antonio cantava, os papagaios palravam sobre nossas cabeças e os bufalos, nas clareiras cheias de sol, fugiam á nossa passagem. Parei, examinando a bussola, vi que era preciso atravessar esse deserto para ver o Amazonas". No dia 26 alcança as margens do S. Francisco "que desagua na bahia de Todos os Santos, perto da cidade de S. Salvador" e percebe que não está longe das nascentes.

Atravessa o rio e abriga-se numa caverna durante quatro dias, alimentando-se de banana (deliciosa como o igo) e de araca (especie de pera, pequena e gostosa), tendo morto tres pantheras. A primeiro de Agosto são cercados por uma multidão de guerreiros, entre os quaes se distinguia, pela riqueza do vestir, o chefe, conduzidos presos para a cidade de Oropay, capital do reino de Orozana, e ahi accomodados numa dependencia externa do palacio, servidos por dois pagens com cintos carmezins. Recebe-os o rei Manor com grande pompa, sentado no throno, e o nosso inglez é logo elevado a privado do paço.

Contava Oropay 20 ruas maiores e quasi oitenta menores. Na praça principal estavam o palacio real, as residencias dos officiaes e as barracas da guarda real. Havia um exercito de vinte mil homens e dois mil marinheiros. As casas de Oropay eram semicirculares, de paredes feitas de varas entrançadas, forradas por dentro com folhas de bananeira e envernizadas por fóra com uma substancia resinosa; os tectos eram conicos e de palha. Não havia perigo de incendio porque só se fazia fogo em fogões publicos, construidos de barro, longe das habitações.

Mantinha o rei uma esquadra no Parapatinga e no lago Javouen. Enquanto cabiam ás mulheres os trabalhos grosseiros, os homens se entregavam a exercicios guerreiros ou aos officios de ourives, bordadores e confeccionadores de ornatos.

Dansavam ao som de flautas, tambores feitos de pelle de panthera e pratos circulares de ouro. As damas é que escolhiam os pares.

Nas bodas, a noiva, ricamente paramentada e com um véu de musselina bordado a ouro, vae para a casa do noivo. Esta é incensada, enquanto os noivos ficam ajoelhados de rosto voltado para o nascente. São abençoados pelo sacerdote, de vestes talaes brancas, com um cinto de ouro, recamado de gemmas, e uma mitra cheia de joias.

Nos funeraes os parentes são felicitados. O defunto é sepultado numa montanha a duas mi-

lhas, com um diadema de ouro. Cobrem o corpo de folhas e flores de mangaba e de areia secca.

Um bello dia os Tapuias invadem Orozana com dez mil guerreiros, destruindo-lhe a esquadra. Partem na defesa do reino o rei, o principe Lirvan e um experimentado guerreiro — Vanaran, o trovão. Morto Vanaran e desbaratado o exercito, são levados captivos os prisioneiros para Vinani, capital dos Tapuyas. O rei Zanas deixa partir os inimigos vencidos, com excepção do principe, conservado como refem, e de Sidney, que o acompanha. Rostomar, o guerreiro victorioso, é carregado em triumpho, numa liteira de plantas perfumadas, pelas ruas principaes de Vinani, a bandeira de Orozana arrastada pelo chão, a dos Tapuyas fluctuando ao vento.

O palacio de Zanas era muito mais rico que o de Manor, e o povo muito mais sensual. Os templos eram dedicados ao sol, no meio de magnificos jardins. A fidelidade conjugal era virtude desconhecida. Elle e o principe, assediados por todos os artificios de seducção das mulheres de Vinani, acabaram por ceder. Nos bailes era Sidney o par escolhido pela princeza Enia, o que enchia de inveja os outros.

Apesar de tudo fogem e, graças á sua bussola seguem para o norte até alcançar a margem oriental do rio Orellana, que desce até o Pará, pagando a viagem aos barqueiros, que o conduziram, com dois grandes diamantes. Chegado a Belém : 24 de Março de 1812, volta para o Rio, trazendo Lirvan em sua companhia. Sabe aqui que o sr. Gomez D'Avila estava nas masmorras do Santo Officio porque defendera em palacio aos hereticos inglezes. Freta um navio, prepara uma sortida nocturna, arranca o amigo portuguez ás garras da Inquisição e veleja para a Inglaterra onde Lirvan vae conhecer as delicias da civilização...

Sidney abusou da mentira, mas lendo os outros viajantes, mesmo os que nos parecem mais sizudos, quantas laboias, quantos leopardos e pantheras, quantos Ozopamas não são citados por ali como coisas incontestes, sancionadas pelo depoimento desses autores!... Waterton, cuja veracidade é attestada por Gardner, não viu um jacaré de mais de 9 metros!

MELLO LEITÃO

— Da sua classica e alentada *História do Povo Judeu*, em dez volumes, o escriptor Simon Doubnov fizera mais tarde um resumo, num unico volume. E' dessa preciosa resenha que acaba de apparecer agora uma traducção franceza, sob o titulo *Précis d'Histoire Juive des origines á 1934*, e editado pelos *Cahiers Juifs*, que se publicam em Paris.

— E' immensa a litteratura em torno de Catharina da Russia, cujas biographias se succedem e estão sempre em ordem do dia. Apesar de tudo, recordar a grande imperatriz é lembrar logo os dous magnificos volumes que a seu respeito e de sua côrte escreveu o escriptor Vasilewski, sendo que um delles foi mesmo coroado pela Academia Franceza. Agora é a sra. Gina Kaus quem volta ao mesmo thema, mas antes para fazer um penetrante estudo psychologico dessa grande mulher, tida como a Semiramis do Norte, e que por mais de trinta annos mereceu a confiança do povo russo.

Lobivar Mattos — **Sarobá** — Minha Livraria Editora — Rio.

Em livro anterior, muito bem acolhido pela critica, mesmo por aquella que não costuma desfazer-se em mimos aos estreantes, o sr. Lobivar Mattos interpretara lyricamente varias modalidades dos nossos indios, procurando fazer uma especie de litteratura autochtone sem subserviencia exagerada aos figurinos de Alencar ou Gonçalves Dias. Agora, neste **Sarobá**, série de rythmos bem vivos e ageis, o joven poeta mattogrossense se volta de preferencia para o estudo poetico dos negros, extractando desse material humano muitas notas em que o apontamento folklorico redunda não raro em arte bem sympathica. Nascido em 1915 e mal tendo chegado, portanto, á maioridade, esse despretencioso captador de impressões tropicaes não exige grande esforço de nós outros para que o encorajemos a affirmar-se mais possantemente em obras futuras.

Menotti del Picchia — **Kalum** — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Não dando importancia, ao que elle proprio declara, á hierarchia dos generos em litteratura, o sr. Menotti del Picchia, com aquella plasticidade mental que lhe actualiza sempre o talento, nenhuma duvida teve em embrenhar-se pelo romance de aventuras. E esta novella que amontoa inquietantes mysterios sertanejos, novella em que o lance de sensação vem sempre em boa phrase artistica, evidencia que o sr. Menotti possui a segura technica desse genero de fabulação. Homem culto, de uma civilização intellectual que poucos egualam na sua linda Paulicéa, como que toma elle uma segunda alma, uma alma de rudeza meio bravia, ao mergulhar pelas selvas onde persiste uma especie de humanidade prehistorica, com aventuras de um primitivismo não mais permitido nas ruas de uma grande cidade policiada pelos "grilhos" de passo lento e cara não muito festiva.

Tosses!

Grippes!

PULMONAL

Não vacille um só momento,

Se quer livrar-se do mal

Vá comprar sem mais demora

Um vidro de PULMONAL.

Não ha tosse que resista

A' sua acção sem igual,

Faço um bem lhe aconselhando

O uso do PULMONAL.

Em todas as drogarias,

Nas pharmacias em geral,

Encontrará certamente,

O famoso PULMONAL.

PULMONAL

Dist.: DROGARIA SUL AMERICANA

Largo de S. Francisco, 42

MAXIMO GORKI E SUA OBRA LITTERARIA

Mais que em todas as épocas, na nossa época o valor de um homem é o seu valor revolucionário, a sua capacidade de renovação, as suas faculdades de criação. Amamos os homens assim pelas suas obras e daí dizermos ser uma perda a morte de um potencial de revolução. A cessação de uma vida, a extinção de uma intelligencia não é uma perda sinão quando uma energia revolucionaria não se renova mais. Ora, a existencia é um cyclo de *N* dimensões em que si tudo cae, tudo se destroe e tudo se renova, os que nelle se perdem e nelle se somem, recuperam-se pelo principio da recurrencia de todos os cyclos.

Perdemos ha pouco Maximo Gorki, mas elle nos ficou para sempre na sua obra. E, não apenas nos seus volumes, melhor ainda, nos seus modelos.

Como Balzac, como Dostoievski, como Dickens, como Cervantes, como Molière (não aquelles que Stefan Zweig nos deformou de torna-viagem) modelos que são de toda uma litteratura, M. Gorki é igualmente toda uma litteratura, exactamente como Anatole France é toda uma autobiographia.

Em cada um desses grandes typos mentaes sente-se a passagem de uma éra a outra éra, de uma escola a outra escola, de um modelo a outro modelo.

Aleixo Maximóvitch é uma escola nova; nelle não ha mais romantismo, nem classicismo, nem realismo, nem naturalismo, mas objectivismo, (poder-se-á dizer "Exactivismo?"); e por um facto bastante simples de enorme conteúdo litterario, por não haver creado figuras ou typos ou nomes proprios a juntar ao ról dos innumeros que vivem e que não nos dizem nada e nada nos ensinam.

Já E. Zola descreu dos typos e dos individuos e estudou familias. Gorki descreu das familias e estudou homens. Ha um romance de Gorki em cada montão de gente. Nas aldeias, como

nas cidades, nos campos, como nas usinas, nas ruas, como nas prisões, acha-se aquella vida em raças de coloridos diversos que Gorki nos deu no *Espião*, em *Mãe*, nos *Vagabundos*. Porque a palpitação dessas vidas não é local, nem privada, mas social.

O sentido dessa batalha ininterrupta foi, deveu ser, em origem, o darwinismo social que no ultimo terço do século passado era a introdução do materialismo historico. Depois porem, da grande guerra todo o material litterario de Gorki já está dentro da verdadeira posição e da pura estrategia da nova luta; os seus combatentes dão ás pugnas a direcção que leva ao ponto victorioso. O romance *Mãe*, sobre 1905, já tinha nitidamente esse sentido.

M. Gorki fecundou a immensa litteratura de critica social que vem desde Cervantes até Mirbeau, Anatole, Tolstoi e Shaw destruindo, sem construir uma sociedade que se desenvolveu a despeito dessa critica poderosa. Foi elle quem melhor deu os obreiros vivos da vida nova. Como se fez com a philosophia que interpretava o mundo de diversas maneiras, Gorki, deixou de fazer litteratura interpretativa para fazel-a reconstructiva. E não fez, como á leviana se possa julgar, litteratura de partido, nem mesmo popular ou plebéa, sinão litteratura de movimento, com seres reaes, idéas anciosas e feitos impecavelmente humanos.

Decerto o seu meio, o meio russo, tão authenticico como o seu vernaculo, prepondera; não quer, porem, isso dizer que o seu "humano" não o seja para todo século e para todos os homens. Lastima é, para nos, que conhecamos Gorki de traducções e de retraducções; o seu poder de objectivismo é tal porem, que nada pode desfigural-o: atravez do francez, do inglez, do allemão, do hespanhol, elle é identico a si mesmo. Quem conhece a lin-

gua russa, poderosa e magnifica, pode saboreal-o em sorvos mais largos e mais profundos.

Esse creador de "impersonalidades" tem a sua personalidade dissolvida nos seus homens, nos gestos, na vida torturada e batalhadora delles. Gorki comprehendeu perfeitamente que, si elle foi lavador de pratos e barqueiro do Volga, não era elle só, mas milhões, que as suas ansias e desenganos não eram privilegio de seus nervos e de sua cerebração especial, mas a de todos quantos tiravam das condições sociaes e materiaes da vida injusta e brutal motivos de esperanza e resistencia. Elle não fez, desses pobres e desgraçados, typos atravez de uma litteratura brilhante para os fixar como figuras insubstituiveis de uma sociedade insubstituivel; não, elle não o fez de modo algum. Ao contrario, escreveu para mostrar que era preciso, era urgente, era dever limpar a terra dessas torturas e deformações, transmutando aquella gente humilhada e explorada em homens, em irmãos, em iguaes.

Tudo isso sem pietismo, sem dolorismo, sem lyrismo.

Em verdade, elle commove, não pura e simplesmente, mas inspirando e revoltando. Assim a sua litteratura foi arma de classe, como toda litteratura, toda philosophia, toda religião, toda sciencia. Gorki não pensou nem se creou a illusão de que a obra litteraria está acima e ao lado desse determinismo, mas dentro d'elle, na mais accesa e na mais material de todas as posições.

Então o seu materialismo mecanicista se transformou naturalmente em outro materialismo. Para elle o homem foi arma e fabricante de armas; os seus homens, mesmo os *Vagabundos*, são batalhadores que têm em si mesmos as tres armas de potencial indefinito, o elemento historico, a economia e o peso das massas. Ora, isso em Gorki, como em todo escriptor de linhas rectas, não é mera litteratura, mas já socialismo.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO

Achegas á Historia da Philosophia

Sob o despretencioso titulo de *Achegas á historia da Philosophia*, em edição das officinas do Archivo Nacional de que é director, o sr. Alcides Bezerra, acaba de dar a lume mais um valioso trabalho, com o qual concorre para a formação do nosso cabedal, ainda pobre, em materia de publicações philosophicas.

Em prefacio adverte que se trata de “pequenas notas ou subsidios” denunciadores de seu “antigo pendor de tratar de coisas philosophicas que ainda não encontram aliás ambiente em nosso paiz, por falta de universidades, que verdadeiramente o sejam”.

São nove conferencias, pronunciadas a maior parte na nossa Sociedade de Philosophia, a que preside o alto espirito do general Moreira Guimarães; duas na Academia Carioca de Lettras e uma na Federação das Sociedades de Educação. A primeira versa sobre a individualidade de Harald Höffding, de cujo pensamento se confessa discipulo desde que aprendeu a penetrar-o sob a orientação do professor Laurindo Leão, que a tantas gerações transmittiu a chamma vivificante do seu amor ás cousas da Philosophia, conquistando para essa excelsa religião do Saber não raros e nobres talentos do Norte do Brasil.

Na conferencia acerca de Sylvio Romero, põe em relevo a dedicação do grande polemista e critico á figura, por certos aspectos inpar entre nós, de Tobias Barreto; focaliza a materia injusta por que tratou, como juiz litterario, a alguns dos nossos maiores nomes, entre os quaes Machado de Assis, cujos meritos não soube aquilatar; observa-o como historiador, politico e pensador, contando a proposito, com a reprodução do dialogo pittoresco então trocado, como redarguiu o illustre doutrinador da *Philosophia no Brasil* a uma censura que em apreciação critica lhe fizera o sr. Laudelino Freire. Passa depois a tratar dos adversarios do philosopho sergipano, analysando as contradicções criticas de José Verissimo e antinomias philosophicas do venerando conselheiro Lafayette. Vem afinal o Sylvio Romero sociologo, a principio adversario, depois adepto da escola franceza de Le Play: a essa altura terça armas com vantagem contra o erudito lusitano Theophilo Braga.

A ultima conferencia, que é a mais recente, estuda a personalidade de Vicente Licinio Cardoso, nosso philosopho *super-humanista*, em cujo pensamento identifica o sr. Alcides Bezerra as linhas mestras do pensamento de Oswaldo Spengler quando este historiador e oráculo da cruz gammada verberava o “preconceito do presente europeu”. Analysa em Licinio, individualmente, as tres directivas humanisticas: brasilidade, americanidade e universalidade, para rematar com a analyse da sua obra humanistica, esthetica e ensaistica.

Outro estudo interessante é o de “Tolstoi e a concepção da vida”. A vida e a obra do grande apostolo slavo acham-se ali admiravelmente resumidas num herculeo esforço de synthese, conseguindo encaixar, no limitado ambito de uma conferencia de duzia e meia de paginas, duas cousas tão grandes e tão complexas de uma das mais complexas figuras da litteratura européa. Não obstante a rapidez de relampago dos commentarios, em que tudo do grande mystico foi lembrado — a tragedia sexual do escriptor, que tanto lhe influuiu na obra; a adhesão ao anarchismo; a concepção religiosa, o culto da paz e a sua influencia na *Weltliteratur* — conseguiu Alcides Bezerra rastrear, através da biographia e do acervo litterario e scientifico do conde, os aspectos que justificam a inclusão do seu nome entre os que contribuíram para os debates philosophicos que preocuparam o Velho Mundo desde os meados do seculo passado, quer no campo da esthetica, quer no da religião e da politica, comquanto reconheça o autor que “o tolstoismo não tem valor como systema”.

No trabalho acerca de Goethe, examina a philosophia do artista-sabio de Weimar, mostrando a influencia inicial de Spinoza, de onde decorre toda a sua concepção philosophica da vida. Dotado de uma erudição encyclopedica desde cedo, traz notaveis contribuições para os estudos botanicos, entra pela anatomia e chega mesmo aos dominios da physica, discutidas ainda hoje suas theorias opticas. Fala do orphismo goethiano, evidenciando-lhe, com o exemplo do proprio *Fausto*, as fundas preocupações esotericas, e termina sua these pelo estudo da monadologia goethiana, sob o influxo das idéas de Leibniz e mesmo do mysticismo swedenborguiano, precursor da mystica espiritista. Baseado num trabalho do nosso admiravel Roquette Pinto, consegue pesquisar uma das raras influencias de Goethe na litteratura brasileira em Machado de Assis, que certamente se abeberou dos estudos do poeta germanico sobre a natureza, ao compor os versos de sua poesia *Uma creatura*.

Nas demais conferencias trata do problema da cultura, da evolução psychologica da humanidade, da idéa moderna do direito e da philosophia na phase colonial da nossa historia. Em todos esses trabalhos perpassa a flamma de um espirito arguto, perquiridor, guiado por uma solida cultura geral e pelo tacto philosophico que fazem de Alcides Bezerra um dos nossos poucos e verdadeiros mestres da philosophia, cujas obras no genero é indispensavel consultar quando se tem que estudar algum dos aspectos da philosophia de que elle já tratou.

MODESTO DE ABREU.

MANA MARIA

Quando acabei de ler o *Mana Maria* (um romance inacabado e cinco contos), andei relendo varias paginas de *Laranja da China* e de *Braz, Bexiga e Barra Funda*. Não fazia muitos dias que eu recebera de Alcantara Machado o *Em Memoria* que o escriptor paulista fez imprimir para tornar ainda mais viva a lembrança de Antonio de Alcantara Machado, contista de São Paulo, dos grandes escriptores brasileiros aquelle mais marcado pela terra paulista.

E foi com esses elementos que eu tentei reconstruir a figura do paulista Antonio de Alcantara Machado. Não o conheci pessoalmente. Ainda ha pouco tempo encontrei, entre outros papeis, o cartão com que José Olympio me apresentava ao então director do *Diário da Noite*. No emtanto como desaparecesse o motivo porque eu o devia procurar e como elle fallecesse dias depois, não o conheci. Delle, do homem Antonio de Alcantara Machado, só tenho informações, ora de amigos, ora de inimigos. Do escriptor me informam esses seus tres livros (infelizmente não tenho aqui o *Pathé-Baby*).

No emtanto quero lamentar que o bello volume do *Em Memoria*, tão expressivo do carinho do pae e dos amigos do escriptor, não consiga, nos seus varios artigos, nos dar uma imagem do homem Antonio de Alcantara Machado. Nós continuamos sem ter uma visão segura deste homem que teve nas nossas lettras uma importancia tão grande e tão séria. Só o estudo de Mario de Andrade revela alguma coisa sobre esse paulista ex-quesito que, parece, conseguia que ninguem lhe fosse indifferente: ou era amado, ou detratado. O que o torna sympathico, sem duvida.

Do escriptor, porém, para se conseguir uma imagem viva e forte, basta reler as paginas daquelles dois livros de contos e deste novo. Este novo é, em conjuncto, o menos expressivo, se bem *As cinco panellas de ouro* seja um dos contos mais marcantes do autor e *Mana Maria*, o romance inacabado, prove mais uma vez que elle era antes de tudo um contista, pois o que encontramos naquelle romance inacabado é um conto acabado e admiravel.

A figura de *Mana Maria*, figura das mais comuns e typicas, do Brasil, encontrou em Antonio de Alcantara Machado o seu retratista. Na galeria de typos brasileiros faltava o retrato desta figura commum em tantas familias: *Mana Maria*. Conheci uma em Itabuna que era Marocas e outra no Rio que era Sophia. Agora são todas ellas *Mana Maria*, retratadas e immortalizadas (não ha outra palavra) por um escriptor paulista. (É curioso notar que ao descrever esse perfil de *Mana Maria* o contista deixou de lado muito daquella ironia, *daquelle sorriso-esconde-lagrima*, que

tanto usava nos contos de *Laranja da China*, por exemplo).

Esse conto (prefiro chamal-o assim) *Mana Maria* é que distingue esse volume posthumo dos dois anteriores de Antonio de Alcantara. Os demais contos são irmãos dos outros, iguaes a elles como feitura, como modo do escriptor encarar a vida e as coisas. Já esse *Mana Maria* é bem diverso. O escriptor não ri no meio do seu conto, não prega rabos nos personagens, elle não está se divertindo, está contando e está commovido. Nos outros contos Antonio de Alcantara Machado escondeu sempre a sua commoção atraz de um risinho ironico. Aquella triste galeria de grandes retratos que elle fez em *Laranja da China*, *Braz, Bexiga e Barra Funda* e *Mana Maria* (nos contos que se seguem ao primeiro), commovia aos leitores, mas o autor queria deixar bem claro que elle não estava se commovendo não, elle estava rindo, achando aquillo algo ridiculo. Deante de *Mana Maria* elle entregou os pontos, se commoveu também, e, se bem esse não seja o seu maior assumpto nem tão pouco o seu maior conto, é o mais expressivo como medida do que ainda se poderia esperar de um creador da força do escriptor paulista.

Parece que estou abusando da expressão "escriptor paulista". Mas não acho adjectivo melhor para esse contista. Sentido universal, sentido brasileiro, seus contos têm. Mas têm antes de tudo um sentido, uma marca paulista. Foi elle o que de melhor São Paulo deu para as nossas lettras nesses ultimos annos. Não sei mesmo quem o poderá substituir na criação dos typos e dos ambientes paulistas. Oswald de Andrade, tão grande creador como Antonio, não tem tão fundo aquella marca de São Paulo. Tão pouco Mario de Andrade. E elles eram os tres grandes de lá. Dos tres, Antonio de Alcantara era o mais genuinamente paulista e é exactamente essa humanidade de São Paulo que elle foi o unico a revelar ao Brasil.

O Rio teve e tem muita gente: Machado, Lima Barreto, Manoel Antonio de Almeida, Marques Rebello, Arnaldo Tabayá. O Norte tem tido também. Agora mesmo uma collecção de romancistas. O Sul idem, idem. E até Minas. Mas onde está o retratista de typos paulistas, o romancista e o contista de São Paulo sinão em Antonio de Alcantara Machado? (Não vou fazer ás lettras nacionaes o insulto de chamar Menotti del Picchia de romancista e contista). Foi atravez de Antonio de Alcantara Machado que conhecemos aquella humanidade italo-brasileira dos bairros paulistas. O Caetaninho tão celebre, que tanto emocionou o paiz, a menina torcedora dos clubs de foot-ball, o tímido José que é uma pura maravilha, tanta gente paulista.

DE BELGRADO

TRIANGULO DE LIVROS

Ignoro se criticos e leitores catholicos se mostram satisfeitos com o romancista Mauriac. Por mim — que aceito a idéa catholica sem hostilidade, como aceito todas as idéas — Mauriac é uma blague de máo gosto. A victoria da publicidade sem mais nada. O cabotinismo com ares ascéticos... Para que impor um Mauriac quando se possui um Claudel? No entanto o primeiro chegou á Academia, que repelliu o segundo. Ironias da superficialidade desencantada.

Leram *Le Anges noirs*? Não conheço mais completa apologia do crime. Trata-se de um livro litterariamente mediocre, logicamente errado e religiosamente obsceno. Conduzida como é, a acção transforma-se em receita para attingir a santidade em 24 horas. Um monstro caminha na vida guerreando todas as formas do bem. Um dia, toca-o a graça. Entre nós, Mauriac abusa um pouco da graça, dom de Deus, como se estivesse encarregado de a distribuir, ás mãos cheias, de preferencia por criminosos da especie mais negra. Dir-se-hia que ninguem a merece, além desses monstros, ou que, para merecel-a é necessario haver cometido um crime...

Não exaggero. Tudo quanto o catholicismo — como todas as religiões — possui de respeitavel, sae conspurcado das mãos nevropathicas de Mauriac. Nevropathicas — analyse-lhe a physionomia mas, sobretudo, analyse-lhe os livros. Ha um assassino em potencial naquella homem. E a meu ver, não só assassino... Psychanalistas ou simples psychologos terão um dia a palavra, á volta do conturbado e delirante marquez de Sade do romance francez moderno.

Interessantes, sem pretenções, os *Souvenirs d'un journaliste*, de Corpechot. Dois volumes já publicados — e, nesses volumes, quanta coisa

Aqui vale um commentario sobre como o contista ia buscar o motivo dos seus contos na humanidade mais pobre de São Paulo e mais caracteristica. Abandonou inclusive os bandeirantes que forneceram o estudo classico de seu pae. Foi buscar o Platão, a insigne Cornelia, a apaixonada Helena, o mais que admiravel aventureiro Ulysses. Toda a humanidade pobre de São Paulo. Ria ironico, era verdade. Mas por detraz daquelle riso, ajustado como um monoculo, havia emoção, soffrimento de artista que soffria com elles. Foi o verdadeiro escriptor de São Paulo e talvez seja o escriptor numero um da historia litteraria paulista. E sem nada de diletanti, como pôde parecer a muita gente. Atravez dos seus livros São Paulo revelou ao Brasil muito mais da sua alma que atravez de discursos, propaganda e café.

E é esse São Paulo que mais uma vez vamos encontrar em *Mana Maria*.

JORGE AMADO

curiosa, que se perderia se Corpechot as não relatasse. Marchand, Quinton e Remy de Gourmont occupam o primeiro volume e todo o segundo é dedicado a Barrès e Bourget.

Sempre tive por um dever a transformação de todo escriptor em memorialista, uma vez, ao menos, e pelo menos a proposito de outro escriptor. Genero suggestivo que o sal de pequenas ou grandes indiscreções condimenta e conserva, não é necessario ser-se um Saint Simon para podermos contar aspectos interessantes, que fomos unicos a ver, ou palavras gloriosas, que fomos unicos a ouvir, na ronda commum dos dias e na licção periodica das horas. Deixem-me, pois que falo de Corpechot, accentuar a perfeita dignidade das suas memorias. Só nos fala de amigos — o que lhes rouba, é claro, o veneno proprio do genero e limita a duas dimensões os retratos esboçados. Mesmo assim, e mesmo sem lhe applicarmos a malicia de La Rochefoucauld — lembrem-se? — “les vieillards aiment à donner de bons conseils pour se consoler de ne plus donner de mauvais exemples” — não poderá deixar de ler Corpechot quem se interessar pelas figuras que lhe serviram de modelo ou, de maneira geral, pelos agitados e pittorescos dias em que ellas se moveram.

Quando uma cousa simples mostra seu sentido occulto, nasce uma fabula. A fabula é a razão dos objectos sem palavra. Ao dar a uma pedra, ou a uma flor, o dom de dizer o que pensam, o homem attribue uma essencia mineral ou vegetal, de qualquer fórma universal, á noção de verdade, ou de justiça, que principios geometricos de equilibrio e symetria espalharam no mundo. *Fables de mon jardin*, ultimo livro de Duhamel, não contara entre os livros geniaes do escriptor. Mas, como um perfume que nasce da sombra ou um sorriso que se forma menos para ser visto do que para ser interpretado, as fabulas de Duhamel representam, na sua obra, qualquer cousa como uma exegese de intenções.

Uma teia mysteriosa e misericordiosa alimenta naquellas creaturas a seiva dos symbolos. Um symbolo em tudo, e um symbolo para tudo. Dick, o velho cão, e Castor, que o substitue, ligam dois élos. Entre elles um seculo, duas gerações psychologicas, 1.900 e 1.914. O drama das contradicções sobre a comedia dos antagonismos. Tudo isso naquella prosa carregada de sentido e ao mesmo tempo imponderavel que é a de Duhamel — aquella prosa que vence a resistencia do ar e parece manter-se, como uma estrella ou um pensamento, acima do moralmente mediocre e a uma distancia astronomica do intellectualmente banal.

JAYME CARDOSO

AS CULTURAS NEGRAS DO BRASIL

Os estudos sobre o negro, no Brasil, sempre se resentiram de uma falta fundamental. E tem sido a da não-identificação dos povos negros introduzidos com o tráfico de escravos. Na investigação dos problemas relativos aos povos de raça branca, uma distinção, mesmo elementar, se pode fazer entre um alemão e um italiano, entre um slavo e um meridional. Para os povos negros, o regime da escravidão uniu-os numa só denominação: "peça da Africa", "negro da Costa", ou simplesmente "preto" ou "negro". A única distinção exigida era, pelos compradores dos mercados de escravos, a do vigor e da saúde, para o melhor rendimento braçal. E só esse critério assignalava alguma diferença entre um negro *mina* ou um negro *congo* ou *angolense*.

Quando os estudiosos se debruçaram sobre o assumpto, tropeçaram com todas as dificuldades. A abolição já havia vindo. A "mancha negra" da escravidão havia sido apagada. Queimados os "assentos" de senhores, destruídos os arquivos alfandegarios. E os pesquisadores puzeram-se a ouvir os negros, como esse francez Castelnau que quiz reproduzir a carta das terras do golfo da Guiné, apenas através da narração de um velho preto da Bahia. Mas os negros, arrancados do solo nativo, pouco sabiam das suas terras de origem; apenas os nomes das localidades onde foram capturados. Dahi, a confusão na descriminação dos negros importados, originando erros flagrantes como nas "listas" de povos negros que encontramos em alguns historiadores (Vide *O Negro Brasileiro*, pag. 15).

Nina Rodrigues, no seu tempo, abandonou esse critério e poz-se a estudar algumas formas de cultura negra, na Bahia, como a religião, o folk-lore e outras instituições sociaes. Foi assim que ponde estabelecer a influencia decisiva da cultura sudaneza da Costa dos Escravos para as for-

mas mais puras de cultura negra encontradas na Bahia. Por outro lado, estudos linguisticos sobre negros em alguns Estados do Sul, destacavam a influencia dos negros bantus, entre nós.

Esse desconhecimento quasi absoluto das culturas negras e seu transporte para o Brasil, preoccupara tambem Sylvio Romero que, num interessante e pouco conhecido ensaio *O Brasil Social*, escrevia em 1906: "Dos negros é que ninguem se quiz jamais occupar, commetendo-se, assim, a mais censuravel ingratidão.

"Qual a carta ethnographica d'Africa ao tempo do descobri-

mento do Brasil, epoca em que começou este a importar escravos d'alem mar? E no seculo XVIII, que proseguiu fartamente na messe? E no XIX, até 1850, que se excedeu no terrivel commercio? Qual então a classificação das raças, a situação politica de varios estados do continente fronteirico? Qual o grão de cultura em que se achavam? Qual a organização social dessas gentes? Quaes as tribus de que nos trouxeram captivos? E em que numero? Que lhes devemos na obra economica, social, politica? Ninguem ainda o sabe ainda hoje!... Ninguem jamais quiz sabel-o, em obediencia ao prejuizo da côr, com medo de, em mostrando sympathia em qualquer grão por esse immenso elemento da nossa população, passar por descendente da raça africana, de passar por mestiço!... Eis a verdade nua e crua. E' preciso acabar com isto; é mistér deixar de temer preconceitos, deixar de mentir e restabelecer os negros no quinhão que lhes tiramos: o logar que a elles compete, sem a menor sombra de favor, em tudo que tem sido, em quatro seculos, praticado no Brasil".

E para responder ás questões propostas, soccorreu-se Sylvio Romero do methodo da escola de Le Play, triumphante no seu tempo. Procurou, no livro de A. de Prévile (*Les sociétés africaines; leur origine, leur évolution, leur avenir*) as zonas geographicas e culturaes em que aquelle autor dividiu o continente negro. Estudou a) a zona dos Desertos do Norte, com os seus pastores cavalleiros, pastores camelleiros, pastores cabreiros e pastores vaqueiros, vindo do norte para o sul; b) a zona montanhosa de Leste, grande officina gentium de povos agricultores e caçadores; c) a zona do planalto central, grande região equatorial, de povos agricultores, da mandioca, da banana, do tucusso, do sorgho; d) a zona dos desertos do sul, com suas savannas, estepes pobres, territorios de caça. Seguindo ainda De Prévile, lançou

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE CULTURA

Uma bibliotheca de cultura dentro do espirito tradicional do poiz
VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|---|---------|
| I — INTRODUÇÃO A' ECONOMIA MODERNA — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 10\$000 |
| II — ESTUDOS, 2. ^a série, — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 8\$000 |
| III — ESTUDOS, 5. ^a série, — de Tristão de Athayde | 8\$000 |
| IV — TRATADO DE PEDAGOGIA, por Monsenhor Pedro Anísio (2. ^a edição) | 10\$000 |
| V — AFONSO ARINOS, — de Tristão de Athayde | 5\$000 |
| VI — A PSYCHOLOGIA DA FE', — pelo padre Leonel da Franca S. J. (2. ^a edição) | 8\$000 |
| VII — ANCHIETA, — de Jorge de Lima | 6\$000 |
| VIII — TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA, — de Everardo Backeuser (2. ^a ed.) | 10\$000 |
| IX — TENDENCIAS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, — de Tasso da Silveira | 7\$000 |
| X — INDICAÇÕES POLITICAS (Da revolução a Constituição) — de Tristão de Athayde | 8\$000 |

Pedidos á
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

uma vista para as populações africanas: egypcias, e berberes, e hottentotes, e bantus, e chilukes, e ethiopes.

A maior parte das questões formuladas por Sylvio Romero, porém, ficou sem resposta. Não nos mostrou a influencia destas varias culturas no Brasil. Não nos disse quaes as percentagens de negros introduzidos. Não nos respondeu o que lhes devemos na ordem social, politica ou economica. Apenas, de passagem, referiu-se a que "o maior numero dos africanos vindos para o Brasil foi da zona typica sub-equatorial" (*O Brasil Social*, pagina- 145) e mas adiante: "...das gentes do sul e do centro — ...veio a mór parte dos africanos importados" (pag. 152) e ainda: "Deste numero são as gentes, que formam o grande grupo ethnico denominado *Bantú*, das quaes provieram em mór escala os negros passados ao Brasil, não só *Bantús* do Sul, como do centro".

Depois de De Prévile, os estudos se multiplicaram sobre as culturas africanas. A escola de Ratzel havia accentuado a importancia do factor geographico na definição do homem. Frobenius e os organicistas da cultura destacaram o valor espirital da cultura. Vieram então os methodos recentes da anthropologia cultural, com os Schmidt, os Grabner, os Ankermann, a escola norte-americana... Frobenius installou-se no Continente Negro e não mais o abandonou. Ankermann delimitou os "circulos de cultura e extractos de cultura na Africa".

Esses methodos novos da anthropologia cultural serão muito interessantes para o estudo do negro no Novo Mundo, pois corrigirão, pelo paralelo das culturas, as deficiencias historicas já apontadas. E' o que temos realizado em alguns dos nossos trabalhos, quando, pelo estudo das religiões e do folk-lore, conseguimos identificar padrões diferentes de culturas e por ahi, concluir quaes os grupos negros detentores destas culturas.

A divisão das areas culturaes africanas de Herskovits é a mais interessante para nós. No seu sentido, que é da escola anthropologica norte-americana, uma area cultural comprehende aquella região onde as culturas dos povos que a habitam são relativamente iguaes, em parallelismo com as culturas de outras regiões. Não ha, comtudo, linha nitida de separação, não ha limites definidos entre estas areas culturaes. O classificador annota as similaridades encontradas entre as culturas, assignalando no mappa as regiões onde tal typo de cultura se torna mais apparente.

Um centro cultural não é necessariamente um centro geographico; sim a porção da area onde os traços culturaes se encontram em sua forma mais pura. Affastando-se deste centro, as culturas vão adquirindo formas cada vez mais esbatidas até o seu encontro com areas vizinhas, em pontos fronteiriços (*borderlines*), que assignalam as culturas chamadas "marginaes".

Para os organicistas da cultura, e é esta a posição de Frobenius, com a sua theoria do *Paideuma*, a cultura teria uma existencia super-individual — a alma da cultura — como expressão de um tempo e de um lugar de civilização. E' o que os norte-americanos chamam o "foco cultural" isto é, um processo psycho-social, de interinfluencia entre o individuo o seu grupo de cultura. Interesses, attitudes, opiniões... só são comprehendidos como expressões do individuo dentro de sua area cultural. O gado na Africa oriental por exemplo, é o

ponto focal de toda a vida social desta area; o ponto em torno do qual gyram os interesses, opiniões, attitudes... e todas as instituições psycho-sociaes do homem deste grupo de cultura.

O comportamento humano, em ultima analyse, é um precipitado psycho-social, é a resultante da personalidade integrada na sua area cultural, soffrendo a influencia do seu foco de cultura, "penetrada" (a expressão é de Frobenius) pela "alma" da cultura.

ARTHUR RAMOS

(Excerpto de uma conferencia realizada no Curso de Ethnographia do Departamento de Cultura (Prefeitura Municipal de São Paulo), a 12 de junho de 1936).

Emilio Rivasseau — *A vida dos Indios Guaycurús* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Quinze dias passados nas aldeias de indigenas tão pittorescos bastaram ao sr. Emilio Rivasseau para descrever-lhes as peculiaridades essenciaes num livro sem nenhuma carga de pedantismo que o leitor percorre com o descanso e o prazer de quem se distrae num bom romance. Em edição illustrada e prefaciada pelo sr. professor Pierre Defontaine, bem conhecido dos brasileiros, porque tem desenvolvido substanciosos cursos entre nós, o autor do volume em questão demonstra possuir seguras qualidades de ethnographo e uma absoluta aversão a theorias preconceituosas que, numa generalização excessiva, impeçam de ver claro em creaturas de outra raça que não a nossa.

Mae West — *Lily dos Diamantes* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

O sr. Flavio de Campos, que já conheciamos através de artigos espalhados pela Companhia Editora Nacional, redigiu em muito boa linguagem nossa as aventuras de Lily dos Diamantes, transportadas pela propria autora, como ninguem desconhece, á tela cinematographica. Nesse livro como que existe aquella vivacidade meio insolente que caracteriza as passadas da actriz em jogo, quando se propõe a castigar adversarios indignos. Mas não se recusem ao volume brilhantes meritos de fabulação litteraria. Tambem estimavel é o *Rapto de Jadette*, de Dyvonne, ainda que pertença a um genero de outra castidade, sem os golpes por vezes carnalmente aggressivos da narração de Mae West.

Cigarros typo Americano

BELMONT

Maço — 1\$000

Cia. SOUZA CRUZ

DE NOVA YORK

O BRASIL DOS JAPONEZES

Confessemos, de início, uma grande verdade: o mundo moderno deve ao Japão o grande serviço que elle lhe vem prestando em desfazer o dogma científico do preciosismo racial. Foi elle, o pequeno e atrasadíssimo paiz-ilheno de ha 70 annos, que aos poucos demonstrou ao sabidíssimo occidente que rigorosamente falando não ha povo superior. O que ha são orientações, ambientagem e oportunidades diferentes — e mais a vontade firme de “fazer”, para a sublimação do esforço empregado.

O effeito da emulação pela descrença é bastante conhecido na esphera dos inventos. Os incredulos dizem dogmaticamente: “Não é possível!” O dono da ideia martella, dá voltas ao miolo, soffre, passa fome, trabalha — e um dia vê a coisa concretizada!

Assim se deu com o japonês, aquelle povo exótico que vivia lá nos confins do mundo. Ninguém o levava a serio. O japonês resentiu-se desse grão de inferioridade em que o entortelado occidente o collocava. Quiz libertar-se disso e procurou em si uma força compensadora. Encontrou-a na sua incrível perseverança e capacidade de trabalho. Hoje é um povo vencedor.

Até ali o nosso entusiasmo pela obra formidável realizada em tão curto tempo pelo Japão. Outro, porém, é o nosso ponto de vista no tocante ás colonias japonezas existentes e por existir em territorio brasileiro.

Quem quer que observe a extensão do Brasil, com estados riquíssimos, de areas vastísimas e tão realmente populadas, como Matto-Grosso e o Amazonas, vê logo a necessidade de para ali serem encaminhadas as levadas imigratorias que aportam ás nossas plagas. E’ o aconselhavel e é o que aos poucos vamos realizando.

Mas, como receber gente estranha em nossa casa é um negocio muito serio, pois ha visitas que

chegam a mandar mais do que quem lhes dá guarida, vale a pena perguntar, com relação ao japonês: Será elle o immigrante mais desejavel?

Como trabalhador rural, principalmente nos ramos de agricultura de sua especialização, como colono meticoloso e ordeiro, de grande resistencia physica, o japonês preenche satisfactoriamente os requisitos do bom immigrante. Entretanto, essas mesmas qualidades nós as vamos encontrar nos nossos co-irmãos — os portuguezes, assim como nos hespanhoes e italianos, de tão facil assimilação entre nós.

Não devemos nos esquecer de que não são os adjectivos gentilicos, que fazem a differenciação dos povos; são as peculiaridades d’alma, de lingua, de religião, de fé politica que operam essas delimitações dos seres e justificam as taes nomenclaturas raciaes. Essas características, sabem-no todos os estudiosos destes assumptos, influem enormemente na futura amálgama formada pelas levadas de immigração, e por isso é que os Estados Unidos, que têm grande experiencia no caldeamento de povos, dão preferencia, pelas quotas de admissão de estrangeiros, aos immigrantes oriundos dos mesmos *stocks* dos seus primeiros povoadores, como inglezes, suecos, hollandezes, allemães...

Ora, com todas aquellas qualidades realmente desejaveis num immigrante, qualidades por assim dizer “materiaes”, o japonês traz consigo uma entidade espiritual diametralmente opposta á nossa, formada por uma tradição alheia á que nos orientou em todas as épocas. E agora, com a politica de aberto imperialismo abraçada pelo seu paiz de nascimento, essas divergencias se tornam cada vez mais serias e podem de futuro causar-nos graves inconvenientes.

E’ curioso notar-se que, a despeito dos estudos e pareceres de pessoas e associações nacionalis-

tas, que se têm esforçado em mostrar os riscos dessa immigração, ainda encontre ella, introductora de um elemento quasi inassimilavel, tantos e tão fervorosos defensores. Por outro lado, faz desconfiar o empenho com que o departamento de emigração japonês mantém cheias as quotas destinadas ao Brasil, onde seus agentes tratam de as localizar, sempre que possível, nas zonas já mais ou menos nipponizadas.

Não podendo de maneira alguma se compararem os japonezes, como elemento ethnico, aos europeus nossos affins pelo sangue e pelas tradições, por que ainda insistimos em prolongadas discussões sobre a sua adaptabilidade? Depois, sendo essa a immigração que traz consigo todo o systema de contróle, dentro do nosso territorio, imposto pelo paiz de sua procedencia, não devia por isso mesmo ser ella a menos procurada?

Não é evidente que o Japão, competidor em quasi tudo das industrias do occidente, está empenhadíssimo, em todas as partes, em assegurar para si novos mercados, e que as colonias japonezas do Brasil, com o que o paiz do sol-nascente expende dinheiro e cuidados, serão futuramente — como em certa escala já hoje se observa — centros de distribuição de productos nipponicos? E não é certo tambem que o Brasil, dono de um mercado interno que serve ás suas crescentes industrias não deve já hypothecar-o em troca da nipponização de alguns trechos de seu rico territorio? Para que insistimos nessa dosagem de afeimento do nosso typo, sacrificando possibilidades futuras, quando as nossas proprias industrias vão muito breve precisar desse campo nacional para nelle se expandirem e nos livrarem da secular sobrecarga das importações forçadas? Ou será que não aspiraremos nunca á nossa independencia industrial e economica?

Lembremo-nos que foi defendendo esses mesmos principios e assegurando a sua independencia das industrias estrangeiras, que os japonezes se fizeram fortes. Nem outro foi o objectivo do Japão ao conquistar a Mandchuria e agora invadir novas provincias chinezas, senão o de fechar as portas da Asia aos mercados do occidente.

Estas considerações me são suggeridas pela leitura de uma noticia de que o Estado do Amazonas, onde vivi varios annos, cogitava da concessão de mais um milhão de hectares de terras a novas colonias japonezas. É uma concessão que não devia ser permittida. Basta dizer que o Brasil iniciou essa immigração ha 20 annos e hoje possui, em nucleos convenientemente segregados, quasi duas vezes mais japonezes do que os Estados-Unidos, que cedo tomaram medidas contra a perigosa invasão.

Apontam alguns observadores do assumpto o progresso, a ordem, as boas condições de vida das colonias japonezas, sendo que no proprio Amazonas, dizem, têm ellas dado optimo resultados. Entretanto, no que toca ao extremo-norte, ninguém olha a differença enorme que houve na collocação desses orientaes privilegiados, sempre sob a fiscalização directa do seu governo, e, por exemplo, o abandono em que ali mourejaram e ainda mourejam os nossos desprotegidos nordestinos, ha mais de meio século escravizados á labuta infernal dos seringaes!

Exponham-se os japonezes ás mesmas condições a que se entregam as gentes do nordeste, á mingoa de tudo, sem hygiene, sem medicamentos, sem comida apropriada, sem cuidados officiaes de nenhuma especie, e vejamos qual o fim dessas futuras colonias! De outro passo, cerquemos os nacionaes das conveniencias e garantias de que desfrutam os nippões, e suas colonias, no Amazonas ou em qualquer outra parte, hão de prosperar — sem nenhum perigo para a patria.

O Brasil dos Japonezes!

BALLADA DAS TRES MULHERES DO SABONETE ARAXÁ'

*As tres mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam,
[me hypnotizam.*

*Oh, as tres mulheres do sabonete Araxá ás 4 horas da tarde!
O meu reino pelas tres mulheres do sabonete Araxá!*

*Que outros, não eu, a pedra cortem
Para brutaes vos adorarem,
O' brancaranas azedas,
Mulatas còr da lua vem sahindo còr de prata
Ou celestes africanas:*

*Que eu vivo, padeço e morro só pelas tres mulheres do sabonete
[Araxá!*

*São amigas, são irmãs, são amantes as tres mulheres do sabonete
[te Araxá?*

*São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?
São as tres Marias?*

MEU DEUS, SERÃO AS TRES MARIAS?

*A mais nua é doirada borboleta.
Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava para beber e
[nunca mais telephonava.*

*Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida
[outrora teria sido um festim!*

*Se me perguntassem: Queres ser estrella? queres ser rei? queres
[uma ilha no Pacifico? um bangalô em Copacabana?*

*Eu responderia: Não quero nada disso, tetarca. Eu só quero as
[tres mulheres do sabonete Araxá:*

O meu reino pelas tres mulheres do sabonete Araxá!

MANUEL BANDEIRA

Este titulo não representa uma expressão para causar effeito. No entanto, pode e deve ser tomado como um vaticinio. Temos aqui, entre o vasto material referente á immigração japoneza, um artigo do sr. Malachias de Oliveira, illustrado professor de Santos e conhecedor das zonas nipponicas de São Paulo. O articulista mostra-nos num quadro negativista o estado dessas colonias. Num caso, "a religião dominante é o budhismo", havendo na Ribeira do Iguape verdadeira asphyxia dos trabalhadores nacionaes pelas cooperativas monopolistas dos nippões. E, quanto á possível adaptabilidade, diz elle: "O japonês é japonês no Japão, na Mandchuria, na China ou em Registro"...

E a seguir, buscando um remedio para o caso: "A difficul-

dade está exactamente nisso. Registro é, para todos os effeitos, em virtude do contracto de doação, japoneza. Pertence, tal uma capitania, a uma entidade que se propoz a colonizal-a... Só mesmo comprando, como succedeu com o Acre. O preço, está claro, já agora é elevado e depende de uns certos ajustes diplomaticos..."

Ora, se isso se dá em São Paulo — aquella colmeia que tudo domina — que não poderá succeder aos nucleos japonezes do Amazonas, onde o contacto com o nacional deve ser tão insignificante?

Cumpre-nos velar, para que esses pedaços do Brasil japonês não deixem de ser brasileiros.

ARTHUR COELHO.

JACK LONDON, ZOOGRAPHO

Escrever obras de ficção, romaneando aventuras vividas nas mais variadas condições de clima, raça e sociedade, como fez o conhecido escriptor norte-americano Jack London, conseguindo que essas obras sejam aceitas no mundo inteiro, é tarefa que reclama, antes de tudo, sentimento real da humanidade, ou seja, no que pese a incoherencia da affirmativa, — fantaziar com realismo.

Os romances de Jack London, alguns, já traduzidos para a nossa lingua, encerram esse dom difficil e que exige observação atilada e integração do escriptor ao meio em que se desenvolve a acção de seu livro.

Dos milhões de exemplares de romances de aventuras, editados nos mais variados paizes, destacam-se porem aquelles que versam sobre a vida dos animaes, do cão especialmente, genero dos mais caracteristicos na obra do apreciado escriptor americano.

Em *O grito das Selvas*, *Caninos Brancos*, *Jerry, o das ilhas* e *Micael, irmão de Jerry*, vemos tudo quanto de mais humano se pode escrever a respeito dos sentimentos dos animaes chamados irracionais, parecendo ás vezes impossivel duvidar das mais avançadas considerações que o autor traça em torno da consciencia e das acções dos heroes caninos de seus livros.

Os dois primeiros romances acima referidos, *O grito das Selvas* e *Caninos Brancos*, que já estão publicados em portuguez, pela Editora Nacional, contam a vida penosa dos cães de trenós, nas planuras gélidas do Alaska, naquella zona fantastica que corrida ao ouro, no ultimo quartel do seculo passado, transformou numa pagina rude das mais cruentas aventuras que a desmedida ambição humana pode conseguir. Em ambos pelo desenrolar dos episodios, em que o cão-protagonista exerce sua actividade fóra do commum, usando sua capacidade intelligente, mais do que instinctiva, calculada e

ponderada, deparam-se ao leitor momentos de verdadeira sympathia pelo animal, que soffre amando o seu dono, considerado por elle um "Deus".

Nos outros dois, — *Jerry o das ilhas* e *Micael, irmão de Jerry* — talvez os mais notaveis no genero, conta-nos Jack London a vida de dois cães de raça *terrier* irlandeza, nascidos nas longinquas paragens das ilhotas ignaras da Melanesia.

Jerry, pertencendo a homens brancos, cahe em poder de uma tribu de cannibae, passando por uma serie de peripecias empolgantes até conseguir voltar ao meio civilizado. *Micael*, seu irmão, tem peor sorte porque vive desde cedo entregue aos homens civilizados e passa á classe infeliz dos animaes sabios, torna-se "cão de circo" e, acompanhando-o, temos oportunidade de conhecer as atrocidades que são infligidas aos quadrupedes que se exhibem nos palcos e picadeiros, para que se torne "sabios".

E'de modo vibrante que Jack London estabelece a mais sabia propaganda da protecção aos animaes. Melhor que quantas Sociedades Protectoras ou leis acauteladoras da integridade dos animaes, os livros da serie zoologica do conhecida escriptor norte-americano constituem uma valiosa propaganda em prol dos irracionais, amigos do homem, isto é, amigos dos seus algozes.

Prefaciando *Micael, irmão de Jerry* é o proprio autor quem diz: "No entender de criticos melindrosos e leitores ingenuos sou como que uma especie de quadrupede primitivo, um bicho-papão, para quem o sangue, a violencia e a crueldade são os unicos prazeres. Aceitando por verdadeira essa reputação, e sem metter-me em maiores discussões, só quero recordar aos meus leitores que na rude escola da vida tocou-me maior somma de deshumanas crueldades que á generalidade dos homens... Entretanto nada me deixou mais

desolado, neste mundo, inclemente, como o espectáculo de uma multidão feliz e risonha que se diverte com as artes e graças dos animaes amestrados".

Após referir-se á crueldade com que são conseguidos os trabalhos dos animaes: "E' a flor, a nata da crueldade, transformada em motivo de gozo e alegria".

"Apesar de ser um homem affeito de viver, ás cousas rude brutae, hei protestado, desde que faço uso da razão, contra semelhantes diversões, com o protesto mudo e instinctivo de abandonar as salas de espectáculo sempre que apparecem animaes em scena. Nunca me foi possivel admittir pudesse ser motivo de distracção o soffrimento de outro ser, ainda que irracional".

Relatando, tim-tim por tim-tim, as atrocidades da domesticação, mostra a estúpida escola em que são conseguidas as aparentemente encantadoras habilidades de cães, cavallos, elephantes, gatos e feras, que tanto divertem ao publico inconsciente que accorre aos circos e *music-halls*.

Em um dialogo de *Jerry o das ilhas* affirma que de cem vezes que um cão se exhibe em palco, uma fal-o por gosto e noventa e nove por medo do domador.

Uma tal assertiva, embora pareça exaggerada, contem toda a realidade humana das deshumanidades com que são tratados os animaes sabios.

Zoographo e zoophilo, Jack London conseguiu com seus livros photographar um ambiente sub-repticiamente vedado aos olhares do publico — as escolas de amestrar animaes — e estamos certos, sem incidirmos em truismos, que a leitura dos livros dessa serie deixarão no espirito do mais insensivel leitor a marca indelevel de uma propaganda benefica.

LEONAM DE AZEREDO PENNA.

DE BELGRADO

PEISSON, GENIO DO MAR

Edouard Peisson, ou a realidade do mar. E, para sermos justos, reconheçamos que o mar não teve nunca um revelador da categoria de Peisson. Não argumentem com os poetas da antiguidade classica: a mythologia não é o mar. Não tragam até nós o genio lusiada, bem característico, bem cheio de côr local, isto é de côr marinha: ha estrophes, em Camões, que sobem muito alto como num subtil movimento astral, de fluxo azul... E Loti? Sim, ha Loti. Mas Loti é a poesia do mar, é o poeta dentro do mar. E Conrad? Sim, ha Conrad. Mas Conrad é um nostalgico, um marinheiro que escreve em terra e nos mostra o mar ao longe. Convenhamos: Peisson é o mar na sua actualidade real, no seu espasmo presente. Perdemos, lendo-o, a sensação da terra. Esquecemos, embarcados nos navios de Peisson, o lugar do espaço em que vivemos. Tudo desaparece, em torno de nós, tudo é substituído pela grande massa oceanica e pela vida integral da pequena célula marinha, em que nos transformamos. Dizer, entretanto, que Peisson possui o sentimento do mar, poderia suggerir um ponto de vista exclusivamente litterario e, litterariamente, um ponto de vista susceptível de estender-se da fixação realista ao devaneio lyrico. Não é só: Peisson, além do sentido do mar, possui o sentido do navio. Lê-lo não é apenas sentir o oceano: é sentir a oscillação pendular, o momentaneo regresso á verticalidade banal — um só instante — o desencontro dos diversos planos e a fuga ao plano unico, ao equilibrio *indifferente* (aproveitemos a expressão) da nossa vida terrestre. Não leia Peisson quem fôr sensível ao balanço do navio... *Mer Baltique*. O minimo de terra possível: Helsingfors, Reval, e de Hamburgo apenas as docas, um pouco de America, tambem, e jamais Nova York foi tão pequena, apenas o nome, uma escala... O resto é

mar. Mar e ferro — algumas mil toneladas — em busca de um porto accidental... E dentro dessas poucas mil toneladas uma pittoresca e grandiosa humanidade, um calado e reflexivo herismo e certas faculdades que os homens de terra esqueceram, deixaram de usar.

Talvez pela proximidade do mundo escandinavo, que Peisson terá entrevisto, através dos seus cuidados de documentação, em meia duzia de escriptores do norte, é innegavel a influencia de Bojer, o mago de *Sob o céu vazio*. Influencia lyrica, audível no proprio jogo da phrase, comquanto não queira aventurar semelhanças estylisticas através de tradições — não esqueçamos que Bojer é norueguez... Influencia de paisagem — a meia bruma, a geographia entre sombras, a rota maritima ladeada de gelos. Mas, acima de tudo, influencia humana: são creaturas do mesmo sangue as creaturas de Bojer e Peisson. Romancistas do fatalismo e não raro da fatalidade, um e outro procuram, nos typos descriptos, tudo quanto a humanidade nos pode dar de puro, sem convenções, e de nobre, sem constrangimentos. E para serem mais livres, mais donos dos seus reflexos, mais invadidos de destino cego e irremediavel, vivem no mar, os homens de Peisson, presas do mar como de um deus ou, no minimo, de um determinismo.

E' esse deus, ou esse determinismo, ou essa fatalidade que arrasta o velho piloto Abblad numa noite de tormenta, para o leito invisível das areias. E' ainda uma dessas formas do destino que encaminha Gustav, Ivan e Guillaume em sentidos oppositos e afinal coincidentes. E como o proprio amor é um deus cego, o proprio amor apparece nas paginas de Peisson como uma força que caminha por si. Sentimento commum a toda a psychologia do romancista: logo de inicio verificamos que suas creaturas vão seguir o seu fadario.

E' a tragedia de Edipo ante uma Esfinge oceanica. E' Sophocles — um Sophocles moderno, de impermeavel e botas altas — na ponta de um cargueiro, um pouco antes da tormenta. E é a vida, uma vida differente da nossa, cheia de bellas cousas, que em geral não fruimos, de grandes almas, que em geral não encontramos, e de generosas lições, que rarissimamente aprendemos.

JAYME CARDOSO

Stefan Zweig — Erasmo de Rotterdam — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Vigoroso retrospecto da vida de um grande humanista da Renascença, do homem que apenas procurava belleza enquanto outros procuravam dinheiro, que apenas discutia assumptos de letras e artes enquanto outros se esmurravam ou apunhalavam por questões de sectarismo religioso ou politico. Stefan Zweig, uma especie de Holbein nesses retratos de corpo inteiro, como que converte em contemporaneo nosso aquelle amigo e patricio virtual de quantos estudam e pensam. A traducção, de primeira ordem, é da sra. Marina Guasparri, bastante conhecida nossa através de uma optima apresentação estylistico do *Lincoln* de Ludwig. Devemos-lhe, tambem, no momento, o prazer de ver fixado no idioma nacional o *Leão XHI e o nosso tempo*, de René Fulop Muller, admiravel estudo de conjuncto do papa que redigiu com igual esmero os seus hexametros e as suas encyclicas, que sabia deslindar com um sorriso á moda de Horacio as tramas em que procuravam envolvê-lo os diplomatas velhacos. E devemos-lhe ainda a leitura da *Catharina II* de Gina Kaus, em que resurge uma grande figura de mulher de Estado, só comparavel a Elisabeth de Inglaterra, e administradora de genio máo grado os seus desmandos de alcova. Apenas como lembrete, deixemos aqui uma referencia á traducção dos *Silencios do Coronel Bramble*, de André Maurois, devida á penna escrupulosa do professor Alvaro Franco.

Cigarros Typo Americano

ELMO

Maço — 800 rs.

Cia. Souza Cruz

O PODER E A VERDADE

Se eu tivesse me dedicado á contemplação, teria sido um sabio (Napoleão).

O grande obstaculo a vencer, talvez o maior obstaculo a vencer, para assentar o plano de uma successão, está no gráo de individualismo a que pertence o chefe de Estado. Antes de mais nada, o homem nos postos supremos, guiando a sua geração, desconfia dos valores dessa geração, rebaixa esses valores. Toda a obediencia que ella lhe vota produz-lhe uma impressão de inferioridade, a que se associa, implicitamente, a grande duvida, metade escrupulo metade egoismo, de ser substituído por alguém que elle julga menos capaz. Esse pensamento lhe sabe, amargamente, como uma diminuição de sua conquista, como um rebaixamento de si mesmo. Incomoda-o a igualdade de uma companhia que lhe está sendo subalterna.

O perigo do Poder, é, em regra, desintegrar o homem: leva-o ás profundezas da analyse espectral, mas o espectraliza. Quem governa um povo se fragmenta em povo: passa a ter todas as idades, ficando, afinal sem idade. O Poder também é caminho para a Verdade. E' a verdade na pratica, que aproxima do silencio. "Uma velha sentença chinesa diz que a Verdade só se deixa comprehender por meio da comprehensão das antitheses" (Klabund). Quem quer que haja chegado a esse nivel, comprehenderá o que representa de difficuldade humana a successão de quem foi deshumanizado pelo Poder, relativamente á época e ao meio que governa. Os moços são moços e os velhos são velhos... Os contemporaneos parecem inferiores. O supremo individualismo, nesta altura da duvida, opta pelo principio dynastico, separa-se do povo (Napoleão coroando-se). E' o arrependimento da these, ordenando-se antithese (Jesus, vindo do paganismo, offere-

cendo-se ao baptismo), em busca da antithese (a morte como explicação da vida), até onde não foi o individualismo napoleónico, mas até onde chegou e de onde partiu, resurrecto, o de Jesus.

Não aprofundemos, porem, a questão. Mantenhamo-la nos planos de nossa intenção nacional. Musicando o momento. Esse phenomeno de desintegração, que levou Jesus á cruz e Napoleão á corôa, leva, resalvadas as distancias, os chefes de Estado, nas republicas, depois das revoluções politicas, aos recuos de geração, leva-os á ordenação do que pensamos ser a Verdade, leva-os a rasgar as theses pela comprehensão das antitheses. E quasi sempre ou sempe que isso acontece, as consequencias são o desencadear de violentas luctas politicas entre as gerações (a passada e a contemporanea) no meio das quaes o chefe do governo soffre o dualismo de pertencer a ambas e a nenhuma

pertencer, porque, na realidade, já pertence á Historia.

* * *

Comparemos para tentar explicar. Os estylos são successões, são castas, no tempo. São familias. São escolas. Onde ha estylo, ha hierarchia. Em politica, como em arte, ha estylos. E numa e noutra modalidades, os estylos se requintam ou se degradam, procurando a aristocracia, que só se cristaliza pela selecção. E' uma questão de época ou, mais claramente, de homens da época, "material humano". Uma e outra, porem, difficilmente se conformam com a continuidade, pela descendencia, de sua obra. Exigencia natural do proprio processo de selecção. Artista e politico não creem em sua continuidade e para melhor por uma necessidade selectiva, que duvida para corrigir, e em que fala bem alto o instincto de conservação. Tanto assim que a sensação que se sente, sendo-se continuado, é a sensação de quem fez uma doação, de quem, ainda em vida, transmittiu uma herança. Se ella decresce, sentimo-nos culpados sem que o sejamos. Se ella evolue, sentimo-nos diminuidos sem o ser. São essas, parece, as duas palpebras velozes do instincto de conservação. Mas antes que se defina o progresso ou o retrocesso do legado, o seu requinte ou a sua degradação, no momento em que se processa a decisão de legar, de reconhecer o successor, a difficuldade desse reconhecimento provem dessa complexa impressão de inferioridade que mesmo os mais capazes deixam no espirito de um mestre ou de um chefe, por intermedio do respeito natural que lhe devem ou em virtude da submissão que os interesses occasionaes obrigam.

Desprender-se da influencia que essa obediencia exerce na sua critica, saber descontal-a no seu julgamento dos valores, constituindo o maior obstaculo, é a

leiam

Paulo Guanabara

A ORIGEM DO MUNDO

1. vol. da collecção:

«Historias do Tio João»

ARIEL Editora

maior das virtudes de um chefe no hora da successão. E' a criação de um estylo, mesmo que esse estylo se degrade. O acto de legar, marca o momento em que o homem vae transferir-se do presente para o passado. Nessa hora de desdobramento, quando o homem se faz élo entre duas gerações, o seu individualismo corre o risco de considerar-se passado e alliar-se á velhice. Entretanto, o "homem que vive demais pela sua intelligencia é obrigado a tornar a inventar o instincto por uma suprema operação da intelligencia" (Maurois).

Ora, no Poder, como em tudo o mais, só assim o chefe não incorrerá no antagonismo historico de reentregar o governo áquelles que o antecederam, demonstrando com isso que lhe faltou capacidade de origem, negando a sua geração, negando-se a si mesmo e indo confessar a sua impotencia ao rancor com que a geração anterior o ruminará, em nome dos ciúmes que soffreu. Se não fôr o caso daquella cobra faminta e sózinha no deserto, que se comeu aos poucos pela cauda para matar a fome, é o caso das peccadoras que, devorando o instincto, se escravizam á regeneração, voltando ao lar que abandonaram, ou buscando a penitencia dos conventos. As analogias fogem ao tom de doutrina por serem o proprio segredo da doutrinação. Ellas testemunham e retratam, para a Historia, o momento preciso em que o homem, desnudado, troca as suas vestes por um habito e ouve a voz interior da desintegração: "Tú não és mais tú".

ALDO MORAES

Assis Cintra — *O General que vendeu o Imperio* — Emp. Edit. Fagundes — S. Paulo.

É conhecida a maneira desabusada pela qual o sr. Assis Cintra costuma fazer a revisão dos nossos valores historicos, indignando não raro os espiritos tradicionalistas. Aqui offerece-nos elle oportunidade de travar conhecimento com uma curiosa figura de militar do Imperio. Os documentos apresentados são em grande numero e não lhes falta uma pontinha de ironia a evitar qualquer fadiga para o leitor. Chegam-nos

DESEJO MORTO

*Eu quero percorrer as ruas desertas
como os pobres que se occultam na sombra das casas altas
como os anciãos ignorados nadando sem prazer no rio da vida
como os paes procurando o filho adolescente que fugiu.*

*Eu quero percorrer as ruas desertas
alongadas por silencias repousantes sem fim
pensando em tuas mãos, em teus braços, em teus gestos
e em ramos que virão a murchar com o advento do outomno.*

*Eu quero percorrer as ruas desertas
como os passaros que fogem do ninho finda a noite
como as estrellas que cegaram perdidas pelas nuvens
como os corpos infantis que vagueam na nevoa dos meus olhos.*

*Eu quero percorrer as ruas desertas
de olhos mortos ao adeus de tuas formas distantes
e partir por esta noite calma com as sementes do meu sonho
para semear num campo enluarado que não seja o teu corpo.*

AYDANO DO COUTO FERRAZ

tambem da Editora J. Fagundes, da Paulicéa, outros volumes destinados a crear o seu circulo de leitores. Um delles contem as cartas amorosas de Napoleão e Josephina de Beauharnais, revivendo aspectos heroicos ou bizarros da vida franceza em começos do seculo passado. Outro compõe-se de chronicas alegres do sr. Eduardo Paim, sob o titulo de *O Paiz de Orates*. As figuras da capa, solemnes ou risiveis, fazem entrever o conteudo do volume, todo elle tecido de commentarios jocosos, mesmo quando estejam em scena figuras que os historiadores da politica exploram com respeito. Trata-se de um prosador fagulhante de malicia, leitor intelligente dos humoristas gaulezes e conhecedor das virtudes hygienicas de uma boa phleria.

Edgar Carvalho — *Fabrilca* — Rio.

É a estréa de um cearense ainda muito moço. Cedendo ao influxo da hora, inclina-se elle para os modelos realistas, ou antes populistas, tão habilmente prestigiados entre nós pelo autor do *Cacau e Jublabá*. Mas não lhe escasseiam bons repentes de ternura em que a sensibilidade da raça reage contra uma dissecção muito cruel das almas e temperamentos alheios. Aliás convem insistir em que, descrevendo a vida agitada dos operarios, o sr. Edgar Carvalho não se deixa empolgar por uma demagogia esteril. A parte de romance de these não faz esquecer, nelle, as prerogativas da arte litteraria e o seu dialogo é sempre escoreito, num feliz complemento a uma indiscutivel sagacidade visual na fixação dos recantos paizagisticos ou sociaes em que a sua novella se desenvolve. Uma estréa que nos faz crer na proxima vinda de mais um bom romancista para o Ceará.

José Victorino — *Comadres Perigosas* — 2.^a edição.

Soccorrendo-se com habilidade da forma epistolar, o sr. José Victorino, que pertence á Academia Mattogrossense de Lettras, recolhe, de modo engenhoso, acontecimentos expressivos da vida provinciana. Accentue-se que a primeira edição do seu livro foi bem recebida pela critica do Rio, cabendo-lhe até louvores de homens que não primam pelas blandicias aos novatos. O sr. José Victorino mostra bastante perspicacia ao anotar o essencial e o subsidiario dos costumes da sua gente e não se lhe percebe nenhum gosto carregado pela deformação caricatural ou pela mutilação daquelles sentimentos nobres que bem caracterizem as almas ainda meo elementares dos rincões distantes.

Xavier Marques — *Praieiros* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Em opusculo estampado ha varios annos, o saudoso Jackson de Figueiredo pôz em relevo a frescura, a vivacidade, o inalteravel encanto destas lindas narrações da vida praieira do Norte. Com effeito, em que pese á sua cultura e ao seu gosto pelos estudos historicos, o sr. Xavier Marques conservou, ao tratar da gente que vive á beira do Atlantico em terras da Bahia, um dom popular de surprehender as attitudes mais simples, os amores mais ingenuos, e tambem os impulsos de honra, com uma flagrancia que nada possui de academica. Ainda hoje, decorridos tantos annos após a publicação desta collectanea, relemol-a com prazer. Não ha duvida que se trata de um livro já agora incorporado ao que existe de melhor em nossas lettras como reflexo das almas primitivas ainda não banalizadas pelo contacto das cidades populosas.

DE LISBOA

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Vai realizar-se, em Setembro próximo, no Recife, o segundo Congresso Afro-brasileiro.

O primeiro, iniciativa do illustre escriptor e joven sabio Gilberto Freyre, realizou-se em 1934 na mesma cidade, com brilhante exito scientifico e uma larga repercussão espirital em todo o paiz. Está publicado nas edições "Ariel" um magnifico volume **Estudos Afro-brasileiros**, em que se reuniram os trabalhos a elle apresentados, todos na verdade, interessantes e alguns podendo mesmo classificar-se de notaveis. Prefaciou-os Roquette Pinto, o sabio professor e pesquisador, com 30 annos de activo serviço no Museu Nacional, em prol da busca anthropologica e ethnographica do Brasil, essencial para a definição do rumo futuro das massas brasilienses, que elle cabalmente tem demonstrado não terem qualquer inferioridade racial e precisarem somente de saude e educação.

O primeiro Congresso Afro-brasileiro foi, segundo o eminente autor da **Rondonia**, "o inicio de uma obra de reconhecimento e gratidão de sympathia e de humanidade".

Esses foram certamente os sentimentos animadores do Congresso e inspiradores dos brasileiros categorizados que, sob a direcção de Gilberto Freyre e da "forte intelligencia, da rara cultura e do admiravel ardor social" que nelle justamente admira Roquette Pinto, se votaram ao estudo especial do negro e da sua influencia na formação social do Brasil.

Esse estudo teve como um dos precursores iniciados Nina Rodrigues e conta como mestres vivos, além dos dois nomes insignes referidos, os nomes consagrados de Evaristo de Moraes, Arthur Ramos e Renato Mendonça cujas ultimas obras devo á generosidade brasi-phila da Sociedade Luzo-Africana do Rio de Janeiro, e á bondosa amizade do benemerito portuguez, Livreiro editor em S. Paulo, Fonseca Saraiva.

Mas, tanto como esses sentimentos, dominou o Congresso e transparece fulgurantemente das theses e communicações nelle apresentadas, a preocupação scientifica e civica de contribuir para encontrar a verdade sobre a extensão da participação ethnica e cultural que na estrutura economico-social brasileira teve a escravidão negra, com razão considerada como uma necessidade e uma fatalidade da colonização do Brasil.

A esse respeito criteriosamente escreve Roquette Pinto, no **Prefacio**:

"Em materia anthropologica e ethnographica, no Brasil como em tantos outros paizes, estamos nos preliminares da construcção. Estabelecer os planos, ajuntar recursos e materias, systematizar as indagações — é o papel destas gerações que assim hão de preparar para as outras o que ellas não tiveram: fontes puras onde beber. A revisão da bibliographia, a coordenação do que há impresso, a publicação de alguns do-

cumentos que hão de existir nos cartorios e nas igrejas de algumas villas e cidades de provincia, uma viagem de estudos ás regiões africanas de onde vieram os negros, buscas nos archivos europeus e mesmo sul-americanos, pesquisas demographicas e ethnographicas nos estados onde ainda existem descendentes mais proximos de africanos — eis um programma — começado brilhantemente neste volume".

Nos **Estudos Afro-brasileiros** figuram, além de alguns dos nomes citados, os de Rodolpho Garcia, Mario de Andrade, Alvaro de Faria, Ulysses Pernambucano, Cunha Lopes e Candido Assis, Alfredo Brandão, Adhemar Vidal, Josino da Raiz, Jovelino Camargo, Bastos d'Avila, J. Robalinho Cavalcanti, Abelardo Duarte, Mario Mello, Ruy Coutinho Edison Carneiro, Pedro Cavalcanti, Geraldo de Andrade e Melville J. Herskovits.

São estudos clinicos, ethnographicos, anthropologicos e historicos sobre o negro no Brasil, todos escriptos com clareza e simplicidade como convem a homens que querem ver e saber e desejam que aproveite aos outros o seu trabalho de busca e averiguação.

Na estante de quantos tenham de especialmente estudar, por dever de officio, obrigação civica ou simples curiosidade de espirito, o contributo do negro para a formação do Brasil, o volume com os trabalhos do primeiro Congresso Afro-brasileiro deve considerar-se indispensavel. Sel-o-á tambem para quantos se interessem pelos estudos geraes de historia social e economica do Brasil.

E não o considera menos necessario a quantos hajam de preocupar-se, em Portugal, com os problemas da nossa construcção social em Africa.

Por um lado, faltam, entre nós, estudos afro-portuguezes. Por outro, quando se estuda o contacto entre os africanos e o brasileiro, implicitamente se examinam as relações entre os colonizadores brancos do Brasil e os escravos negros que foram o elemento primacial do aproveitamento agricola da terra brasileira e da sua rudimentar valorização industrial. Temos, pois, muito que aprender, com utilidade, nos trabalhos do primeiro Congresso Afro-brasileiro e dos que hão de seguir-se-lhe.

Se **Casa Grande & Senzala** do sr. Gilberto Freyre, como obra mestra, e tantas outras obras excellentes de Oliveira Vianna, Pedro Calmon, Contreiras Rodrigues, Almeida Prado, Taunay, Ellis Junior, Estevão Pinto, etc., em que a formação social do Brasil é minuciosa e competentemente estudada têm para nós, portuguezes, o interesse superior de trabalhos e ensinamentos sobre a vida e historia do Brasil, forjado em common por indios, portuguezes e negros, com o nosso indiscutido predominio de colonizadores, as obras especializadas de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Evaristo de Moraes, Renato de Mendonça e os

Estudos Afro-brasileiros do Congresso do Recife não são para nós menos interessantes nem menos necesarios agora que, em contacto com os negros da Guiné, Angola e Moçambique, estamos elaborando uma nova criação social, de cultura identica, embora mais restricta do que a feita no Brasil, pela fusão do elemento portuguez, com o elemento amerindio e africano.

E por isso, ao assignatar, com prazer, a proxima realização do segundo Congresso Afro-brasileiro e, embora tardiamente, tambem a publicação dos trabalhos do de 1934, me não parece ocioso perguntar se o consul portuguez no Recife tomou parte, ao menos como assistente nesse Congresso, se se communicou aos nossos Ministerios dos Estrangeiros, das Colonias e da Instrucção o que nelle se passou e se a Embaixada de Portugal no Rio terá já enviado ao Governo Portuguez o volume a que me refiro e elle existirá, como é mister, nos nossos Institutos officiaes e particulares de ensino colonial na Metropole e nas bibliothecas publicas da Metropole e do Ultramar.

Tal pergunta visa no caso de termos estado ausentes e termos sido completamente alheios ao Congresso de 1934, fazer com que não o estejamos no proximo Congresso e com que seja supprida a falta de conhecimento, por parte dos nossos estudiosos de coisas afro-portuguezas, de quanto no primeiro Congresso do Recife se passou e nos seguintes haverá de passar-se.

O Brasil está fazendo uma obra vasta e admiravel de investigação e estudo ethnographico, anthropologico, historico e social a que não podemos nem devemos ser estranhos.

Já que pouca collaboração podemos dar-lhe nessa obra, que ao menos aproveitemos della a parte que nos cabe, pela grande parte que não podemos deixar de occupar como materia desse estudo.

NUNO SIMÕES

(Do **Primeiro de Janeiro**, de Lisboa, em 19-6-36).

Padre Antonio Paulo Cyriaco —
Missionarios Jesuitas no Brasil —
Livreria do Globo — Porto Alegre.

Com a erudição e a seriedade de propósitos muito peculiares aos membros da Companhia de Jesus, este zeloso investigador do passado procura trazer á plena luz os serviços dos Jesuitas ao Brasil nos accidentados tempos de Pombal. Poderiam persistir nelle resentimentos de excusada vehemencia contra o ministro portuguez que de tal modo se encarniçou na perseguição aos sequazes de Loyola. Mas a verdade é que o historiographo em causa suffocou quaesquer impetos de vindicta em relação a Pombal e tudo o que nos diz sobre os catechistas de tonsura e roupe-ta é marcado com uma altiva e superior imparcialidade, reveladora de perfeita educação intellectual.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Afranio Peixoto	CRIMINOLOGIA	20\$000
Agencr Augusto Miranda	O RIO S. FRANCISCO (Col. Brasileira)	9\$000
Conde D'Eu	VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL (Col. Brasileira)	10\$000
Raymundo Moraes	NA PLANICIE AMAZONICA (4. ^a ed. Coleção Brasileira)	8\$000
André Maurois	A VIDA DE SHELLEY (Trad. de Manuel Bandeira)	8\$000
Bruno Vassel	A INDIA (Col. Viagens)	8\$000
Henri Lauteuil	FRANCÊS COMERCIAL, 3. ^o ano	8\$000
Edgard Wallace	BOSAMBO (Coleção Para Todos)	5\$000
Hans Dominick	GENGIS KHAN (Coleção Para Todos) ..	5\$000
Baroneza de Orczy	TEZOURO ESCONDIDO (Coleção Para Todos)	5\$000
Mayne Reid	PERDIDOS NO DESERTO (Coleção Ter- ramarear)	3\$500
J. de Aragon	A DESTRUIÇÃO DA ATLANTIDA (2 vo- lumes da Col. Terramarear)	3\$500
Elynor Glyn	SEIS DIAS DE AMOR (2. ^a ed. da Biblio- téca das Moças)	4\$000
Dyvonne	O RAPTO DE JADET (Bibl. das Moças) ..	4\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL — Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE JULHO

Jorge Amado			
MAR MORTO	romance	10\$000	
CACÁU	3. ^a edição — "	7\$000	
SUOR	2. ^a " — "	7\$000	
Lucio Cardoso			
A LUZ NO SUBSOLO	"	10\$000	
Rodrigo Octavio			
MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS	ultima série	10\$000	
Humberto de Campos			
Série Conselheiro XX			
O ARCO DE ESOPO	nova edição	8\$000	
POMBOS DE MAOME'	" "	8\$000	
GANSOS DO CAPITOLIO	" "	8\$000	
BACIA DE PILATOS	" "	8\$000	
GRÃOS DE MOSTARDA	" "	8\$000	
SERPENTE DE BRONZE	" "	8\$000	
TONEL DE DIOGENES	" "	8\$000	
VALE DE JOSAFÁ'	" "	8\$000	
A FUNDA DE DAVID	" "	8\$000	
ALCOVA E SALÃO	" "	8\$000	
ANTOLOGIA DOS HUMORISTAS GALAN- TES	" "	8\$000	

NOVIDADES DE JUNHO

José Lins do Lago			
USINA	romance	10\$000	
Antonio de Alcantara Machado			
MANA MARIA	contos	6\$000	
Benjamin Costallat			
PAYSAGEM SENTIMENTAL	cronicas	6\$000	
Plinio Salgado			
PALAVRA NOVA DOS TEMPOS NOVOS		6\$000	
Miguel Reale			
ACTUALIDADES DE UM MUNDO ANTIGO		6\$000	

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

DR. THURSTON SCOTT
WELTON

Methodo Moderno da Limi-
tação dos Filhos (aprox.)
Vol. br. 12\$000

ANDRÉ MAUROIS:

O Mesmo Sangue — (6.^o vo-
lume da Col. Mulher Mo-
derna Vol. br. 6\$000

F. DOSTOIEWSKY:

Alma de Criança — (Nova
fase da Col. Economica Slp)
— cada vol. br. 2\$500

H. BALZAC

O Tio Goriot — em 2 volu-
mes — (Nova fase da Col.
Economica Slp) — cada vol.
br. 2\$500

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

Cinema

A proposito da peça de Lenormand — *Le crépuscule du théâtre* — Viriato Corrêa escreveu no *Jornal do Brasil* uma série de afirmações perfeitamente contestáveis.

Entre outras:

"Trocando o palco pela tela o teatro não morre, apenas se modifica, apenas se transforma, apenas toma forma nova, porque, na realidade, o cinema outra coisa não é senão teatro"

"Para que se desse a morte do teatro era preciso que desaparecessem as suas duas columnas fundamentais — o autor e o actor".

Não pretendo fazer uma refutação demorada de semelhantes absurdos. Falme espaço.

A primeira das afirmações revela uma ignorância singular da historia do cinema, do seu apparecimento no mundo e de sua condição de arte puramente visual.

O teatro é uma arte literaria. Os dialogos, as palavras ditas pelas personagens são o essencial.

O conhecimento da theoria do "Montage", tão genialmente exposto por Eisenstein em um ensaio conhecido no mundo inteiro, é cabal para distinguir teatro de cinema.

As imagens, ensina o autor do "Couraçado Potemkine", agem por colisão, por conflicto, por choque. A interferencia de duas imagens, de dois objectos produz no espirito o conceito, facto puramente psychologico.

A existencia do actor ás vezes não se verifica. *Krakatoa*, *Plantas errantes*, são grandes films em que não apparecem actores. Só imagens, unicamente imagens.

No film brasileiro *Limite* ha uma sequencia admiravel de ondas do mar, em que não apparece nenhum actor.

O film de Pudovkin — *Mãe* — começa com uma sequencia descriptiva (uma fabrica) em que só se succedem imagens.

E tudo isso é puro cinema, para o qual o actor só existe como imagem, como pretende o sr. Viriato Corrêa. Escrevem-se, sim, romances, peças de teatro, ensaios.

O scenario escripto serve apenas de guia para o director do film, é um esquema das scenas de que este se comporá. Ha directores, como King Vidor, que não escrevem scenarios. Tomam apenas algumas notas. Esse grande director diz mesmo que um film "must be written with the camera and not with a pen".

Os que escrevem cinema com a pena é que fornecem aos Viriatos Corrêa motivos para afirmações tão desprovidas de sentido.

E basta. Os estudos sobre os diferentes aspectos do cinema formam bibliotheca. Uma consulta, ligeira que seja, evitará uma reincidencia, já então criminosa.

Cinema em relevo

Fomos ao Metrôpole vêr a grande maravilha do seculo, em que o inventor e estudioso brasileiro, o Dr. Comparato, trabalhára 20 annos.

Desconhecemos os meios technicos de que se serve o inventor e por isso não podemos aquilatar das difficuldades vencidas pela sua longa paciencia.

Não podemos negar a obtenção do relevo em varias passagens dos films apresentados. Principalmente nos "shorts" apanhados pelo Dr. Comparato os efeitos são indiscutíveis.

Os ramos de flores, as mãos, os pés, as florestas, as aguas apresentam nitidamente a terceira dimensão.

Não nos agradou absolutamente a applicação do processo ao film *Sangue Azul*, o peor dramalhão de todos os tempos.

O invento ainda carece de muitos aperfeiçoamentos e em absoluto não justifica o alarido que se produziu a seu respeito.

O cinema scientifico, o cinema educativo muito poderão esperar do cinema em relevo.

Operações chirurgicas, coisas da natureza, microorganismos, insectos, ganharão em nitidez, em precisão de detalhes.

O cinema arte nada tem que ver com relevo, com som, com côr. Uma pellicula de Chaplin, em preto e branco, em silencio, no plano, fala uma linguagem bem mais eloquente.

Um articulista de *Cinéa Cine*, revista franceza de cinema, queria um film que fosse sonoro, colorido, em relevo e mais ainda que os odores das coisas também fossem sentidos pelos espectadores. Em summa, um film para os cinco sentidos.

Com esse objectivismo, nitidamente cretino, nada tem que ver a arte incomparavel do silencio...

Comicos

A exhibição ao mesmo tempo de *Tempos Modernos*, *Cae-Cae Balão* e *Haroldo Tapa Olho*, apresenta para o critico um interesse consideravel.

No primeiro desses films ha a presença de um creador genial, cuja obra tem uma significação enorme, tem um sentido humano profundo, revela um conhecimento inegalavel da vida em toda a sua plenitude. E dessas coisas inimitáveis, unicas, que só apparecem uma vez na historia da arte. Chaplin, como Shakespeare, são desses homens sem discipulos, sem continuadores.

Mas como é desanimador o trabalho de Haroldo Lloyd!

Haroldo Tapa Olho (*The Milky Way*) é a historia mais tola, mais insipida, mais sensaborona que se tem visto. Uma porção de assumptos optimos são desaproveitados com uma incompetencia de fazer pena.

Lloyd fia-se demais no seu risinho parvo e nos seus oculos de aros de taruga.

Em Adolphe Menjou a decadencia como actor é directamente proporcional á sua decrepitude como homem.

Haroldo Tapa Olho faz a gente sair do cinema com nauseas, enjoado.

Cae-Cae Balão também é uma producção bastante inferior a *Escandalos Romanos* e *Meu Bol Morreu*.

Sempre os meios tregeitos, as mesmas pequenas boas, as mesmas carreiras. As vezes a graça está mais na piada, isto é, antes no que os actores dizem do que no que fazem. Ha, contudo, alguns "gags" bem engraçados. As deliciosas sequencias do balão, as do estudante amigo de Eddie Pink quando está fazendo exame, as do livro magico.

No mais, graças já batidas, "clichés" já bem repetidos.

Um film mal composto, cheio de "divertissements" dispensaveis e perfeitamente merecedor do titulo — mediocre.

Um garoto de qualidade (*Little Lord Fauntleroy*) — Direcção: John Cromwell — United Artists.

Embora com bastante atrazo não me furto ao prazer de conceder algumas palavras de louvor a esse bom film.

Elle nos conta a historia muito agradavel de uma alma bem formada, de uma criatura de eleição e de um outro grupo de seres rudes, primitivos, mas de bellissimos corações.

E além disso é uma critica muito bem feita do egoismo, da deshumanidade, da falta de piedade dos nobres de sangue, dos homens que vivem á sombra das glorias de avós illustres.

O film ainda vale como estudo de costumes da America antiga, dos preconceitos dos inglezes contra os yankees e desenvolve-se em grande parte no ambiente encantador de casa de campo e parques inglezes.

O menino Freddie Bartholomew tem uma grande força de expressão e é sem favor um dos entes mais extraordinarios, mais delicados, mais puros, que o milagre do écran apresenta aos olhares do mundo inteiro.

Noivado na Guerra (*So Red The Rose*) — Direcção: King Vidor. Paramount.

Não se pôde deixar passar em silencio uma obra dirigida por King Vidor. Ainda que se trate de um trabalho que não represente nenhum progresso na obra do autor da "Turba" e de "Alleluia", nelle encontramos uma porção de preciosidades que só King Vidor seria capaz de produzir.

O film é baseado, como tantos outros, na guerra de Secessão.

Uma residencia senhorial. Parques admiraveis, velhas arvores, um ambiente de paz, de tranquillidade, de repouso integral.

A noticia da guerra chega no momento menos esperado e traz a angustia, o desespero para aquella familia de ricos tranquilos.

A partida do senhor para a guerra é uma delicia. A despedida revela em King Vidor o perfeito conhecedor, que sempre se mostrou, dos thesouros de ternura, de dedicação, de desprendimento da alma negra.

Os movimentos de massas, as grandes manifestações da alma collectiva têm sempre em King Vidor o maior dos interpretes. Vimol-o, faz pouco, em "Pão Nosso de Cada Dia" (Our Daily Bread) e vimol-o agora na amotinação dos escravos, na fúria devastadora da soldadesca yankee.

Os seres de King Vidor amam sempre delicadamente, profundamente, verdadeiramente.

Outra passagem magistral do film é a morte do fazendeiro. Morte tranquillada, suave, sem esgares, sem contorções, uma verdadeira continuação da sua vida quotidiana.

"Noivado na Guerra" é um film de King Vidor e basta isto para nós o encarmos com a mais sympathica das atenções.

Mazurka — Cine Allianz — Direcção: Willy Forst.

Se exceptuarmos "Tempos Modernos", em que tudo é cinema, Mazurka é, sem duvida, a producção maxima desses ultimos tempos. Film da mais alta moralidade sem o menor laivo de moralismo, é dirigido com uma maestria, com uma segurança verdadeiramente geniaes. O director, sem servir absolutamente o gosto da massa, consegue arrebatá-la num dos movimentos de admiração mais espontaneos, mais sinceros, que nos tem sido dado presenciar. Não ha uma voz discordante na admiração unanime que recebeu a exhibição do film.

Embora aproveitando um caso judiciario celebre e depois de termos visto no cinema tantos casos judiciais, Willy Forst absolutamente não descamba para o sensacionalismo facil, para o theatralismo de um "The trial of Mary Dugan", para não citar outro exemplo.

A significação humana do film é muito grande. Nunca a maternidade foi exposta a soffrimentos tão atrozes, a dores tão pungentes.

Nunca aquella affirmacão preciosa de Comte, de que o instincto sexual no homem está geralmente ligado ao instincto destruidor, teve mais ampla confirmacão.

O Donjuanismo do grande "virtuoso" Gregori Michailow é a causa primeira, é a determinante de uma sequencia interminavel de tragedias. A destruição do lar de Vera por esse cynico sem alma, por esse escravo dos prazeres, precipita-a num abysmo, que termina com a eliminacão daquella força do mal.

As scenas do Tribunal de Jury são definitivas. O advogado de defesa irrequieto, cheio de gestos, cascadeante de palavras, a segurança com que o promotor fala, a sua obstinação em condemnar, e sobretudo a dignidade dura do juiz, a energia de sua acção, que mal encobrem uma bondade, que se advinha sob a capa de annos e annos de rotina funcional, permanecerão na nossa memoria.

Perfeito o angulo do camarote do theatro em que as duas meninas recebem a carta de Michailow. É uma passagem de alto valor technico.

Magistral ainda é o inicio do film. A machina apanha de uma só vez a longa e larga calçada que conduz á gare, a placa da estação, o movimento de gente. E, em poucas scenas mais, a partida do trem, as despedidas, sahida das pessoas que se foram despedir.

Em numerosos passos do film Forst attinge á mais rara penetração psychologica. As suppressões de imagens, as fusões, os emaranhados de imagens, os cortes bruscos, nos suggerem com justeza a agitação, o tumulto interior da pobre Vera, após ter sido abandonada pelo marido.

Convem não esquecer o momento da despedida na escadaria do tribunal. Aparecem as imagens da menina e da mulher paradas, olhando-se por muito tempo e depois superpostos mas em negativo, os braços da pobre mãe dirigindo-se para a filha, estreitando-a. Vera desperta como de uma vertigem. Parece que uma nevoa lhe havia percorrido o campo visual.

As imagens superpostas mostram o que lhe passára no espirito, representam o desejo forte, que á sua energia heroica, sua capacidade incrível de soffrimento puderam dominar.

Mas o exame detalhado dessa obra magnifica levar-nos-ia longe. Cada detalhe, cada sequencia exigiriam uma menção especial.

Pola Negri immensa, estuante de humanidade, de energia, de heroismo. Uma verdadeira Phenix, resurgida milagrosamente de uma quietude de tantos annos. Paul Schoenhals vive na ténia a figura cruelmente feliz de Gregori Michailow. Ingeborg Theek ingenua, perfeitamente crente na arte diabolica do "burlador".

A direcção de Willy Forst é excepcional. "Mazurka" é seguramente uma obra prima.

Aurello Gomes de Oliveira.

Radio

Dentro de poucos dias contaremos com mais uma possante estação transmissora. Trata-se da Radio Inconfidente ou Diffusora do Estado de Minas Geraes. Seus studios serão em Bello Horizonte.

Os programmas de calouros, tão comuns nos Estados Unidos, só agora começaram a ser feitos aqui, sendo a maneira mais summaria e positiva para a revelação de talentos artisticos, talvez por isso mesmo é que tardaram tanto. Sempre valeram, para a conquista de postos no nosso broadcasting, muito mais os pistolões e os dotes pessoais, que as verdadeiras inclinações artisticas.

Felizmente os primeiros programmas desse genero já estão no ar. Os primeiros fructos já foram colhidos. Espere-mos o melhor da colheita.

A Radio Tupy, em combinação com a Radio El Mundo de Buenos Aires, iniciou as irradiações em conjuncto. É um excellent exemplo de approximação cultural que deve ser applaudido e imitado.

A "Hora do Brasil" iniciou tambem uma serie de transmissões e retransmissões com a Argentina. Mensalmente enviaremos um programma de musica brasileira e receberemos outro de musica argentina. A primeira transmissão cónstou de musicas de Carlos Gomes.

M. R.

Victor Caruso — Os Filhos de Outros paes — S. Paulo.

Embora não fugindo de todo ao elemento anecdótico, o sr. Victor Caruso apresenta-nos, nesta narração desenvolvida, felizes detalhes em que se sente o familiar do "humour" inglez e das fabelas bem italianas de Trilussa. Os Filhos de Outros Paes é novella que fica sempre numa zona discreta de expressão, ainda quando os factos evocados rocem pelo escabroso, e ninguém franzirá o sobrolho irritado deante de minucias que não se emporcalham nunca na obscenidade desbraguihada. Trabalhando com mais reflectidos vagares, o sr. Caruso ainda nos poderá dar um perduravel romance de costumes. Significativas amostras dessa realização futura já as encontramos nos melhores momentos de ideação e estylização do romance de agora. E nem se esqueça que o despretençioso intellectual, sempre louvado pelo critico sem convenções que é Sud Mennucci, já se encontrava em nossa estante de livros brasileiros dignos de serem retidos, graças a uma feliz collectanea de versos ironicos e a um trabalho de boa succulencia sobre questões de sericicultura paulista.

CIGARROS TYPO AMERICANO

ASTORIA

Maço — \$800

Cia. Souza Cruz

Discos

Discos Seleccionados

BEETHOVEN — Nona Symphonia — Felix Weingartner dirigindo a Philharmonica de Vienna, com Luisa Helletsgruber, Rosetta Anday, Jorge Maillk, Ricardo Mayr e C6ro da Opera Estadual de Vienna — (Columbia LX 413-420) — Não é a primeira vez que o nosso velho amigo Weingartner grava a Nona para a Columbia. Da primeira vez tivera sob a sua batuta a Philharmonica de Londres. Mas isso foi ha muito tempo. E apesar daquella interpretação já ser preciosa, o velho maestro sentiu a necessidade de repetir a empreza para se aproveitar dos progressos assombrosos da technica do gramophone.

E valeu a pena, realmente. Tudo agora se conjuga para obter um resultado perfeito. A gravação é uma preciosidade de nitidez e de respeito aos detalhes. Os musicos de Vienna apresentam-se com uma rara felicidade. E Weingartner alcança positivamente o apogeu da sua carreira.

Ao ouvir essa interpretação o critico só pode ter uma attitude: calar-se para admirar. Haverá apenas o embaraço dos elogios.

Ha o trabalho dos violoncellos e contra-baixos, que tanto preocupava a Wagner. Ha verdadeiras descobertas na parte coral. Mas ha sobretudo o adágio, onde o maestro parece ter comprehendido melhor que nunca o espirito do autor. Com effeito, de todas as interpretações que tenho ouvido do celebre adagio, foi esta a que mais me impressionou.

Obra de velhice, de um supremo desengano, a despeito das intenções bem diversas de Beethoven, esse trecho recebeu de Weingartner o melhor dos seus cuidados, talvez pelo facto de já se achar em idade de o comprehender mais a fundo.

LISZT — Fausto — Selmar Meyrowitz dirigindo a Grande Orch. Philharmonica, com o tenor Villabella e C6ro Russo de Aleixo Vlassoff — (Columbia — LX 455-461) — A Columbia é quem está distribuindo entre nós esta producção magnifica da Pathé. Será inutil insistir sobre os seus meritos, pois o jury de *Candide* já lhe concedeu o melhor dos premios no anno passado. O que é facto é que é um serviço dos melhores que a Pathé nos presta, abalanzando-se a gravar uma obra de proporções tão vastas em plena crise, proporcionando-nos quasi que o unico meio de travar conhecimento com o mais nobre da obra de Liszt.

E que homem extraordinario foi elle! Além de todas as virtudes, essa de ter uma obra finissima dissimulada entre tanta coisa feita com o intuito quasi que exclusivo de agradar o publico. Talvez esse modo de agir fosse consequencia da sua grande bondade, a generosi-

dade incrivei do musico que não tinha irveja dos contemporaneos: no seu genio exuberante havia uma parcella para cada gosto.

Mas as melhores são essas que agora estão sendo valorizadas. **Fausto** é um poema symphonico dividido em tres partes: Fausto, Margarida, Mephistopheles. A impressão do conjunto é de soberba grandeza. E é francamente notavel a habilidade com que o autor consegue pairar, durante tanto tempo, nas alturas da grandiloquencia, sem se expor uma unica vez ao ridiculo. E' um jogo perigosissimo. Nunca um romantico se arriscou tanto.

E no final o canto do tenor e do coro é um complemento que para ser melhor bastaria que fosse menos curto: o medo de resvalar obrigou-o talvez a uma subita sobriedade. A Pathé merece portanto os elogios mais sinceros, e até mesmo os mais entusiasticos agradecimentos por tal realização.

PROKOFIEFF — Concerto em fá maior para violino e orchestra — (op. 19) — José Szigeti e a Orch. Philharmonica de Londres, dirigida por Sir Thomas Beecham — (Columbia — LX 433-435) — O grande autor do *Amor das Tres Laranjas* talvez não estivesse muito certo, a principio, do exito que deveria ter este concerto. Sua composição data de 1917, mas sua publicação foi muito posterior. Difficuldade de encontrar um interprete? Tambem é possivel. Mas depois de achar Szigeti, Prokofieff deu-se por plenamente satisfeito, e o resultado foi a peça e o executante correrem mundo colhendo sempre novos louros. Até em Tokio e Shangai o exito foi enorme. Szigeti bem poderia ter feito o mesmo aqui, pois trata-se de uma obra que, segundo varios criticos marca epoca na historia do violino.

Achamos que Prokofieff adquire muito maior pujança e significado no seu concerto para piano (em dó maior), um dos marcos mais decisivos da musica moderno. Mas, de qualquer forma, trata-se aqui de um esforço admiravel de situar o ingrato violino dentro da musica contemporanea sem perder a sua magestade.

O autor consegue fazel-o com o talento de sempre, sobresahindo no segundo movimento, um *scherzo vivacissimo*, que desafia o mais diabolico dos virtuosismos. A gravação está boa e Szigeti parece dar razão ao autor, que o considera como o melhor interprete do seu concerto. A série de discos é completada com *Capricho op. 1, N.º 2 de Paganini*, executado tambem por Szigeti, sem acompanhamento.

C. S.

Discos Populares

Odeon — 11.370 — “Triste sambista”, samba de Kid Pepe e Siqueira Filho; e “Não durmo em paz”, samba de Germano Augusto e W. Baptista. — Se o primeiro é muito fraco, o segundo é bastante interessante. Canta-os Carmen

Miranda com a facilidade de sempre, embora o primeiro não agrade nada. Acompanhamento regular do Grupo Odeon. Gravação: fraca.

Odeon — 283.021 — “You hit the spot” foxe de M. Gordon e H. Revel; e “Wille Iever know”, foxe dos mesmos autores. — O primeiro constitue o foxe-motivo do filme *Collegio de sapequismo*, e é muito agradável. O segundo é do filme *Palms Springs*. Canta-os Frances Sangford, uma voz das mais sympathicas. Orchestração magnifica pela Victor Young Orchest. Gravação: boa.

Odeon — 283.024 — “In the mid dle of a kiss”, foxe de Sam Coslow; e “I wished on the moon”, foxe de R. Rainger e D. Parker. — O primeiro do filme *Escandalos na Academia* e o segundo do filme *Ondas sonoras*. Muito interessantes. Victor Young e sua orchestra: uma boa interpretação. Gravação: boa.

Victor — 34.068 — “Pula a fogueira”, marcha de Getulio Marinho e João Bastos; e “Longe dos olhos”, sambacção, de Christovão de Alencar e Djalma Ferreira. — A producção joanina este anno foi um verdadeiro fracasso: pouca e ruim. Talvez a unica cousa que se salvou mesmo foi *Pula a Fogueira*, e sem ser nada de extraordinario. É cantada por Francisco Alves, o que contribue para o seu successo. Quanto a *Longe dos olhos* nem Francisco Alves a salva. Acompanhamentos razoaveis da Orchestra Victor Brasileira. Gravação: boa.

Victor — 34.069 — “Reflain da minha vida”, canção de Saint Ilair Senna; e “O samba que eu queria”, samba do mesmo autor. — É difficil conceber-se um compositor de tão solida mediocridade como o sr. Clair Senna. Não ha orchestra, não ha canto, não ha nada que consiga pelo menos tornar soffri-veis as suas producções. Este disco é exemplo disso: a orchestra Victor se esforça, Francisco Alves se esforça, e mesmo assim as producções do sr. Saint Clair Senna continuam detestaveis.

Columbia — 4.506-B — “Colleccionando ovos” e “Nós vimos o amor”. Idem — 4.507-B — “Deviamos reger uma orchestra” e “Estou construindo uma imponente choupana”. Idem — 4.508-B — “Quer dar-me o prazer, senhorita?” e “Suma-se”. foxes do film “Seguindo a Armada” (“Follow the Fleet”) — Pela alegria das composições, pela interpretação de Fred Astaire, pela excellente orchestração de Johnny Green e sua orchestra — eis alguns discos que vão constituir um verdadeiro successo.

A sahir :

PROSAS DE ARIEL

de ALBERTO RAMOS

Edição Ariel

Artes Plasticas Musica

A moderna pintura brasileira, a principio evitada pelos cultores do Bello, como negação de arte, começa, após uma série de grandes esforços, a ser olhada com mais interesse.

Já se passou a considerar a obra de um Portinari, de um Adami, de um Guignard.

O que era uma offensa ao gosto official, já vem passando a ser motivo de atenção, mesmo entre aquelles para quem "a arte é a imitação da Natureza". As pilherias vão rareando e o numero dos que achavam cifrado em código o campo das nossas artes plasticas, já se reduz muito, tambem.

A evolução e a colheita dos resultados da revolução, approximaram muito o publico, tornaram perceptíveis as imagens do nosso mundo que andavam em incursões pelo dominio da poesia.

Entre os que resolveram os problemas da nova esthetica e entre elles apparece com um nome mantido por uma obra admiravel está Alberto da Veiga Guignard.

Poucos são os que manifestam uma personalidade tão forte, uma tal emotividade em conhecimento de sua arte tão seguro.

Deante de suas telas, o espectador é dominado pela grande força de suggestão que irradiam. Ha uma tal alegria nos seus quadros, tudo é ambientado numa atmospheria de tão vibrante luminosidade, que a realidade se transfigura.

A côr modela as fórmãs, tudo renasce maravilhosamente como na "primeira manhã do mundo". E' o delirio da côr elevada ao seu mais alto grão de potencialidade: a côr canta, a côr estala, chama e domina. A força viva da Natureza, sentida e transmittida por um espirito são e entusiasta.

Nos quadros de Guignard ha uma subtil impregnação de musica. Nas linhas da composição, no emprego dos tons, na harmonia que se desprende do conjunto.

A sua palheta, bem limitada, até, elle a usa com o senso do musico que compõe com accordes. E' a justeza com que os tons são lançados, o equilibrio, que faz com que dessa feliz e sabia combinação surja o espectro total.

Dos seus melhores motivos, julgo as flores ainda excepcionaes. Elle as pinta com uma ternura e um desembaraço surprehendedentes. São flores chelas de uma vida irradiante, de um convite ao sol, vibrante e duravel.

Os retratos, tambem, nos attrahem com a sua vida latente, a verdadeira essencia de cada um palpitando na plastica sensível.

A exposição deste artista, no Palace Hotel, organizada pela Associação de Artistas Brasileiros, vem reafirmar os seus dons e a unidade de sua obra,

Em cerca de trinta trabalhos, de varias technicas, todos elaborados com uma factura de mestre, predomina o mesmo espirito de entusiasmo pela sua arte e a mesma alegria da criação.

Os retratos de creanças que expõe são completos.

Encantam-nos essa suavidade, essa ambiencia serena, essa expressão de doçura commovente, nesses rostos purissimos, fixados com tamanha acuidade e tão intensa ternura, por Guignard.

São, tambem, notaveis as cabeças de Christo, curiosas monotypias, attrahentes pela materia e pelo estranho da côr, obras bem proximas pelo espirito e pela resonancia, às esculpturas em talhe directo das cathedraes gothicas.

As paysagens têm um encanto especial. As duas paysagens a crayon, são um excellente documento para o artista. Nellas, sente-se de perto, o interesse que a natureza lhe desperta e o amor com que procura comprehendel-a e interpretal-a.

As outras duas, á oleo, de uma simples harmonia, nos restituem com todo o ingenuo sabor, os logarejos distantes, as pequenas villas humildes espalhadas pelo grande territorio.

A Natureza morta, tambem, é um dos optimos trabalhos expostos. Muito bem construida, os fructos e vasos formando uma pyramide, resolvem com discreta sabedoria, a composição nas dimensões da tela. O seu colorido é dos mais bellos, só comparavel às flores, quadro cheio de rithmo e de uma musicalidade absoluta.

Em summa, é uma mostra valiosissima, nesse periodo em que já se inicia a comprehensão da arte moderna brasileira, sobretudo, sendo de Guignard, artista dos mais perfeitos e que, com sua obra, nos prega uma grande lição de optimismo, infunde um tal gosto de vida e nos convence de tanta beleza, que se fica captivo pela magia simples, quasi infantil do seu lyrismo de linhas e côres.

Mme. Cuttoli, esposa de um senador francez, acaba de realizar uma obra curiosa. Transpoz para a tapeçaria grandes telas de afamados artistas modernos. Assim é, que breve, poderemos vêr Picasso, Braque, Ronault, e outros, celebrados nos primorosos tapetes de Aubusson e Beauvais.

George Gershwin, c conhecido e afamado autor da *Rhapsody in Blue*, é, tambem, um grande colleccionador de quadros. A sua galeria conta com os nomes mais em evidencia entre os modernos do mundo inteiro. Van Gogh, Ganguin, Picasso, Modigliani, lá estão attestando o bom gosto do musico notavel.

S. R.

E' bastante interessante notar que numa época em que ainda ha tanta gente que bombardeie as idéas racistas com argumentos inexpugnaveis, surjam certos cidadãos que procuram justificar o genio de cutros explicando as suas origens mais ou menos remotas.

E' o caso do sr. Ernesto Classon, cujo livro *O Flamengo em Beethoven* acaba de ser traduzido para o inglez. Este illustrado senhor procura demonstrar, nada mais nada menos, que todas as esplendidas virtudes de Beethoven derivam da sua ascendencia flamenga. Pobres allemães! Os tradicionaes inimigos francezes servem-se agora das armas racistas para demolir os valores germanicos! Aliás a idéa não é nova. Muita gente explorou o mesmo assumpto, embora não escolhesse tão bem a oportunidade.

O professor James Trovis, por exemplo, afirmando que a impetuosidade e todos os "extremos", em geral, que surgem na musica do mestre, só podem ter uma explicação flamenga, pois que isso não se enquadra no character allemão ou austriaco.

Alban Berg, que falleceu em novembro ultimo, com cincoenta annos de idade, era um dos mais notaveis discipulos de Schoenberg.

A escola atonal perde assim um dos seus grandes supportes. Escreveu elle uma notavel variedade de generos, e a sua opera *Wozzeck*, depois de ter sido muito discutida, é hoje um dos pontos obrigatorios por onde passa a bôa critica moderna.

A temporada official de concertos este anno, no que se refere a planistas estrangeiros, foi verdadeiramente excepcional. Alfred Cortot, Alexandre Brailowsky, José Hoffman e Friedmann formam um quadro difficilmente superavel.

Na *Revue Française du Brésil* — julho ultimo — appareceu um excellent artigo de Alfred Cortot sobre a nova musica brasileira.

C. S

Cigarros Typo Americano

Continental

Maço — 1\$000

Cia. Souza Cruz

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Menotti del Picchia — **Kalum** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Othon Costa — **Alberto Faria** — Ensaio — Rio de Janeiro.
- Nicolau A. Rodrigues — **Macumbas & Candomblés** — Rio de Janeiro.
- Lobivar Mattos — **Sarobá** — Poemas — Minha Livraria — Rio de Janeiro.
- Eurico de Góes — **Bandeiras e Armas do Brasil** — Editora Paulista — S. Paulo.
- Benjamin Costallat — **Paisagem Sentimental** — Chronicas — Liv. José Olympio — Rio.
- Felix Aires — **Apanagio** — Versos — Parnahyba.
- Juarez de Alencar — **Sertões e Caatingas** — Fortaleza.
- Padre Antonio Paulo Cyriaco Fernandes — **Missionarios Jesuitas no Brasil** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Erico Verissimo — **Os 3 Porquinhos Pobres** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Victor Caruso — **Os Filhos de Outros Paes** — S. Paulo.
- Agenor Augusto de Miranda — **O Rio São Francisco** — Col. Brasiliana — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Antonio de Alcantara Machado — **Mana Maria** — Obra posthuma — Liv. José Olympio — Rio.
- Padre J. de Castro Nery — **Evolução do Pensamento Antigo** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Reynaldo Moura — **Outomno** — Versos — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Assis Cintra — **O General que Vendeu o Imperio** — Editora Fagundes — S. Paulo.
- Edgar Carvalho — **Fabrica** — Romance — Rio de Janeiro.
- José Victorino — **Comadres Perigosas** — 2ª edição.
- Xavier Marques — **Praieiros** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Magalhães de Azeredo — **O Eterno e o Ephemero** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- G. V. Hamilton — **O que ha de Errado no Casamento** — Civilização Brasileira — Rio.
- Emilio Rivasseau — **A Vida dos Indios Guaycurús** — Col. Brasiliana — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Alvin Menge — **Fragmentos Historicos** — Editora Record — Rio de Janeiro.
- Lucia Magalhães e Joaquim Ribeiro — **Estructura e Aprendizagem** — Bibliotheca de Anthropogogia — Editora Record — Rio de Janeiro.
- Aquilino Ribeiro — **Maria Benigna** — Romance — Moura Fontes — Rio de Janeiro.
- Stefan Zweig — **Mesmer** — Edição Pongetti — Rio de Janeiro.
- Mae West — **Lilly dos Diamantes** — Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro.
- Dyvonne — **Rapto de Jadette** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Stefan Zweig — **Erasmus de Rotterdam** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- René Fulop-Muller — **Leão XIII e nosso tempo** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Gina Kaus — **Catharina II** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- André Maurois — **Os Silencios do Coronel Bramble** — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Cartas Amorasas de Napoleão a Josephina — Edit. Fagundes — S. Paulo.
- Eduardo Paim — **O Palz de Orates** — Edit. Fagundes — S. Paulo.
- Cicero — **Da Republica** — Athena Editora — Rio de Janeiro.
- Frederico Orcajo Acuña — **Teatro de Hoy** — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo — Buenos Aires.
- Claude Farrère — **Os Homens Novos** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Marie Belloc Lowndes — **Palxão e Sangue** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- M. Forrester — **Prímelo Amor** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

- J. de Aragon — **A Destruição da Atlantida** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- H. G. Magóg — **A Ilha Cahida do Ceu** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Bruno Vassel — **A India** — Collecção Viagens — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Edgar Wallace — **Bosambo** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Mayne Reid — **Perdidos no Deserto** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Hans Dominick — **Gengis Kahn** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Baroneza Orczy — **Thesouro Escondido** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- André Maurois — **A Vida de Shelley** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Pascal — **Pensamentos** — Athena Editora — Rio de Janeiro.
- SS. Van Dine — **O Caso Garden** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Robert Boucard — **Os Mysterios dos Archivos Secretos** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Premio HUMBERTO DE CAMPOS

O BOLETIM DE ARIEL já noticiou fartamente as condições para concorrência ao Premio Humberto de Campos, instituido pela Livraria José Olympio Editora, para um livro de contos de autor brasileiro, na importancia de tres contos de réis.

A 20 de Julho reuniu-se o jury composto dos srs. Prudente de Moraes Netto, Marques Rebello, Peregrino Junior, Arnaldo Tabayá e Jorge Amado. Entre os oitenta e dois originaes remetidos, foram seleccionados os seguintes: **Documentos Inuteis**, **Casos do Carimbamba**, **Maria Pinguinho**, **Corpo Fechado**, **Cadeiras na Calçada**, **A' Espera do Sol**, **Rio Movido**, **O Sonho e Verde e Negro**. Foi adoptado o systema de pontos, de 1 a 10, para a selecção.

A votação do primeiro escrutinio foi a seguinte: **Cadeiras na Calçada**, um voto (Prudente de Moraes Neto); **A' Espera do Sol**, um voto (Peregrino Junior); **Documentos Inuteis**, um voto (Marques Rebello); **Maria Pinguinho**, um voto (Arnaldo Tabayá); Jorge Amado votou pela divisão do premio entre **Cadeiras na Calçada** e **A' Espera do Sol**. Segundo escrutinio: **Cadeiras na Calçada**, dois votos (Prudente, Jorge); **Documentos Inuteis**, dois votos (Rebello, Tabayá); **A' Espera do Sol**, um voto (Peregrino). Terceiro escrutinio, final: **Cadeiras na Calçada**, tres votos (Prudente, Jorge, Peregrino); **Documentos Inuteis**, dois votos (Rebello, Tabayá).

Verificada a victoria de **Cadeiras na Calçada**, procedeu-se á abertura do envelope contendo o verdadeiro nome do autor de pseudonymo Paulo Sumé. O envelope deu o nome do sr. Telmo Vergara, um joven ficcionista gaúcho autor de dois volumes de successo.

Othon Costa — Alberto Faria — Rio.

Não nos surpreendeu a sagacidade critica e a erudição hem raciocinada com que o sr. Othon Costa, figura das mais brilhantes da Academia Carioca de Lettras, trata de quem foi personalidade de relevo em Academia de maior corporatura: o folklorista Alberto Faria. Já nos affizeramos a estimar os dons de inquirição e construcção litteraria desse fino ensaista, de tamanho interesse para nós ao falar-nos, anteriormente, do romance de Alencar ou da sociologia de Euclydes da Cunha. Mas a verdade é que no ensaio de agora observamos uma sedimentação de cultura bem mais estimavel. Nenhum gongorismo de julgamento e o sr. Othon Costa apresenta sempre as razões por que deve ou não admirar o autor posto em foco. A actividade do autor das **Acendalhas**, a forte documentação que o fez ethnographo autorizado, a sua combatividade de polemista que não receava contendor, tudo isso nos é mostrado pelo joven patricio numa composição bastante suggestiva a que não faltam as linhas de uma synthese definidora.



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

Outras forças que não morrem

O recente livro de Cassou — *Pour La Poesie* consegue nos fascinar até o ultimo capitulo. Nesta parte final da obra o autor que se manifestava apologeta de Baudelaire e de qualquer outro poeta christão, volta sobre os calcanhares e tenta sujeitar a poesia a interesses de revolução e a outras contingencias do tempo presente. Assim, o grande critico que parecia de começo haver abarcado a realidade poetica, — toda a forte e imensa realidade poetica, demonstra, quando vai perto de attingir tal realidade, uma enorme crise de intuição.

Pois cada vez nos parece que a verdadeira e mais alta poesia é uma força muito proxima de Christo e consequentemente não poderá haver grande poeta — desde David a Baudelaire — sem essa proximidade divinizadora. Dahi o sentido eterno da poesia e do christianismo ambos pre-nunciados pela bocca dos mesmos prophetas desde o começo das coisas.

E eu vos digo que existe alem do poeta uma força extranha que transcende o proprio poeta. A revelação ou a simples manifestação desse além no homem possesso da Infinita Realidade, já é qualquer particula de poesia. Um grande possesso foi justamente Baudelaire pela intervenção manifesta de anjos rebellados e de anjos fieis de que resultou transcripta em vozes do mundo a realidade poetica mais complexa que tenho visto em livro profano.

Os que pretendem como Cassou atropellar a poesia e desviar-a de seu curso eterno, não prevalecerão pois é mesmo que tentar tapar o sol com uma peneira. Dizer-se do mesmo modo que o tempo actual não tem lugar para a poesia, é não ter olhos de ver onde se refugia a poesia nos tempos podres como os que correm. Geralmente se trata de gente acostuada a procurar poesia nos livros de sonetos onde geralmente ella não pode estar.

Outro dia Donatello Grieco inventou um inquerito curioso a respeito de litteratura de ficção. Muitos convidados responderam e muitos que não tinham sido convidados deram palpites a respeito. Nessas entrevistas o assumpto mais debatido foi a morte da poesia. Como se vê essa historia de morte da poesia e morte do christianismo é coisa velhissima que se tem annunciado ha seculos para descredito dos prophetas. Li algumas respostas ao inquerito de Donatello Grieco. Muitas provocaram debates. Muitas eram pittorescas pela ingenuidade que continham. Um cidadão houve que disse: "a poesia vai desaparecer porque é um máo negocio para os editores", como se a poesia dependesse de editores ou de negocios ou de livros ou da maneira de graphal-a. Outros mais sabidos asseveravam: "já não ha mais lugar para devaneios e poesia. A sciencia explicando tudo, os postulados positivos vão substituindo pouco a pouco os mythos creados pela poesia. Deuses, prophetas e poetas estão carcomidos. A sciencia vai destruindo o potencial de sonho da humanidade, etc".

Estes "scientistas" são sem duvida nenhuma muito mais ingenuos do que os primeiros. Estão convictos de que a sciencia explica tudo e tudo está desvendado e que a poesia morren. Morreu, não morreu! a questão foi tomando aspecto de jury escolar em que o ridiculo não andou ausente.

Num jornal de Pernambuco o professor Olivio Montenegro escreveu tambem a respeito da morte da poesia um artigo intitulado — Duas forças que não morrem. As duas forças que não morriam segundo a opinião daquelle professor eram a poesia e o direito. A poesia, elle não explicá por que não morre, mas garante a existencia della. Quanto ao direito, elle assevera que sempre existiu e sempre existirá. E a prova que sempre existirá é que sobreexiste direito na Russia sovietica. Nunca ninguem pronunciou coisas mais go-

"JOURNAL D'UN CURÉ DE CAMPAGNE"
GEORGES BERNANOS — PLON — PARIS 1936

E' soberanamente ridícula a expressão de desdém que os homens graves — os que se julgam de bom senso — assumem para falar dos romances. Eu não tenho tempo para ler romances, dizem com ar de quem diz: eu não tenho tempo para perder em baboseiras. Pensam que romance é divertimento. E nem de longe podem imaginar que o romance é a vida — e percorre, como a existencia, toda a gamma do futil ao tragico, e muitas vezes consegue nos mostrar, condensada por um temperamento de artista, essa verdade profunda do homem que o quotidiano dilue de ordinario.

Quem ousará dizer que o ultimo livro de Bernanos, um romance, é litteratura de passatempo? Faz reflectir tanto quanto um ensaio, penetra mais na consciencia humana do que muitos tratados de psychologia.

E' verdade que o romance, sobretudo o romance francez, abusou do amor como unica fonte de conflicto entre as creaturas e sobretudo daquelle burguezissimo, banalissimo e cacetissimo triangulo do adulterio. Como se o homem fosse só coração e sexo....

No *Journal d'un curé de campagne* Bernanos põe a pessoa humana em toda a sua complexidade, não tem medo de lidar com almas. Não sacrificou ao materialismo da epoca, não teve a preocupação do possivel dentro do quadro estreito do quotidiano, não poz a realidade exterior acima da interior. Ousou abordar o mysterio, não os mysteriozinhos do sub-consciente freudiano, mas o grande mysterio do sobrenatural. O seu livro é aberto por cima, recebe de lá uma luz estranha, prolonga para o infinito os conflictos das personagens.

sadas do que as do referido artigo. Ha pedaços assim: "Os regimens do socialismo mais vermelho não aboliram até hoje o Direito, e pensamos que não abolirão nunca". Este "pensamos que não abolirão" é formidavel! Ao se referir ao Direito, com o intuito de definil-o, a litteratura do articulista é: "Quando dizemos Direito queremos alludir a regras essenciaes de conducta, a certos principios soberanos de justiça, applicados ao individuo e sem os quaes não fosse possivel a vida em commum". O conselheiro enche com essas coisas duas tiras de jornal em que ha sempre um "opinamos", um "concluimos" e locuções latinas como "modus vivendi", etc., até exclamar no fim: "mas não, não desesperemos desse Direito!"

Tudo isso para provar que o direito não morre já que estão dizendo que poesia é eterna.

Donde nós agora é que concluimos bem tristemente que não só a poesia e o direito não morrem: ha outras coisas que não morrem!

JORGE DE LIMA

E isso tudo tão simplesmente, tão sem trucs e sem phrases que mesmo o mais convicto dos materialistas sentirá a sinceridade do narrador — um cura da aldeia que é um córte de santo.

Inteiramente diverso pelo ambiente, o romance de Bernanos lembra sob certos aspectos o de Alain-Fournier — é um *Grand Meaulnes* que se prolonga para o drama em vez de se prolongar para o sonho. A mesma capacidade de fixar o immaterial, de insinuar o indizivel, de ligar o invisivel ao visivel. Mas diverge totalmente pela qualidade da materia tratada. Em Alain Fournier a realidade exterior é apenas o ponto de partida do sonho; em Bernanos é importantissima, dura, pesada — a realidade com que teem a lutar os padres conscientes da sua missão numa epoca como a nossa. Mas esse livro construido com as lutas de um parocho não é um livro de piedade — é um livro de soffrimento humano.

Sahido de fresco do seminario onde fora alumno brilhante, recheiado de ensinamentos sobre a vida espirital, sobre a busca da perfeição interior, o joven cura se vê ás voltas com a sua parochia, uma aldeia devorada pelo tédio, com a existencia mesquinha das terras pequenas, e sobretudo ás voltas consigo mesmo, com o fermento de inconformismo que sentia dentro de si. Mesmo nos seus superiores, via que a lettra vencia o espirito — e era o espirito que obedecia, ao espirito de caridade do Evangelho.

"E' melhor não procurar comprehender" repetiam os seus collegas de seminario, dominados pela impotencia do homem moderno para se exalçar acima do racional. Mas elle queria comprehender a linguagem das almas prisioneiras dos corpos, comprehender a licção do soffrimento, commungar com a angustia dos seus semelhantes. Esse padrezinho tímido e doentio queria ser um pastor de almas — no momento em que os homens se esqueceram de que teem alma. O problema da miseria o preocupa, a elle que era filho de miseraveis, que conhecera a miseria em todo o seu horror, que, por ella, se sentia irmão do povo russo "o povo miseravel, um povo de miseraveis, que conheceu a embriaguez da miseria, a sua posse". Mas sabe que só o espirito de pobreza pode salvar o mundo da mediocridade morna e esteril — e o seu ideal seria restabelecer os pobres nos seus direitos sem fazer delles nem machinas nem burguezes.

Com o coração e o espirito assim abertos à caridade, elle representava, para um clero emburguezado, composto de funcionarios de batina, um elemento de perturbação. Era da raça dos grandes perturbadores que foram os santos, esses aventureiros do sobrenatural, como os chama Bernanos.

E, inquieto e inquietante, inhabil, incapaz de unctuosidade clerical, ingenuo, possuido da ir-

fantildade evangelica, elle se torna um objecto de riso e de escandalo. Tudo conspira contra elle, até a morte que o colhe em visita a um antigo collega que deixara a batina e seduzira uma creada.

Mas, na sua modestia, na sua simplicidade, vivia em constante communicação com o sobrenatural, não no extase hysterico, mas numa tensão, numa vibração dolorosa da alma. E o acceitava naturalmente, descrevendo com a mesma naturalidade uma visão em que lhe apparecera a Virgem, e as suas difficuldades financeiras.

Os planos se confundem, tudo se banha na mesma luz vinda do alto, e Bernanos força a intelligencia do leitor, tão afeita a se sobrepor a tudo, á mesma humildade do narrador. Fechado o livro, podemos analysar, discutir, não compartilhar da espiritualidade que move o cura e faz tão diversa da habitual a atmospheria desse romance; no momento, porem, aquella resonancia differente nada tem de extraordinario, acceitamol-a como uma realidade indiscutivel.

Não ha, entretanto, no *Journal d'un curé de campagne*, nada de tenebroso, do phantasmagorico do ambiente de Green, por exemplo, ou de certos trechos de Lawrence. Tudo simples, chão. Nenhuma declamação, nenhuma pompa nesse diario onde todos os problemas são vistos atravez da consciencia de um homem que cria possuir a verdade — mas que não fez della uma barreira entre elle e os outros homens.

Esse romance de Bernanos, que teve o premio da Academia Francesa, parece ter sido igualmente bem acceito pela critica de todas as côres, neste momento em que a França se acha tão dividida, tão repartida entre crenças oppostas.

E' que elle põe em foco o problema principal, o que a todos nos angustia, embora sob disfarces que o tornam por vezes irreconhecivel: o conflicto entre a verdade e a apparencia, entre o espirito e a lettra, entre o amor e as normas, entre a caridade e o formalismo.

Na verdade, os homens graves, que fazem questão da precedencia do dinheiro e se acham á vontade no mundo das convenções andam muito bem em não ler romances...

LUCIA MIGUEL PEREIRA

"O MUNDO PORTUGUEZ"

O caracter official desta publicação de Lisboa não lhe perturba, de modo nenhum, os nobres intentos culturais. Aqui, sob a direcção de Augusto Cunha, falam homens evidentemente animados do desejo de exaltar a politica lusitana do tempo, mas nunca o fazem num sentido de estreita apologia facciosa e sim com um desejo de propugnação pela doutrina que é reflexo de patriotismo e erudição muito bem crystallizados. Possuindo uma visão muito limpida do passado do povo que multiplicou os caminhos do oceano e tanto concorreu para a instituição do commercio internacional de hoje, os redactores d'*O Mundo Português* nem por isso esquecem o Portugal que os cerca, que se vae renovando constantemente, que é cada dia mais uma surpresa impressionante em relação ao paiz da vespera. Estão aqui escriptores bem vivos, que sabem historia, geographia, economia, mas tambem não ignoram que tudo isso é inviavel quando não ha em jogo um pouco de boa litteratura.

Gilberto Freyre — Sebrados e Mocambos — Cia.
Editora Nacional — São Paulo.

Em continuação á obra prima que é *Casa Grande & Senzala*, temos agora, no cyclo do sr. Gilberto Freyre, o volume relativo á decadencia do patriarchado rural no Brasil. Novo successo de livraria e, o que vale bem mais, grande successo da intelligencia nacional. Se bem que não excedendo o volume anterior, o sr. Gilberto Freyre, nesta admiravel synopse de um periodo de declinio, continua a provar que a erudição, posta a serviço de uma sensibilidade e de uma imaginação bem educadas, ainda pode ser manancial de poesia. Escrevendo num estylo que é constante invenção artistica, sem galanices grammaticaes que apenas preoccupam aos homens funebres das academias, transmudou elle a historia, sciencia que só de ouvir-lhe o nome faz bocejar, numa resurreição encantadora de gente convizinha do nosso affecto e do nosso interesse, numa evocação que é lyrica sem deixar de ser fidedigna, mostrando estar o romance de uma nacionalidade não menos cheio de imprevistos desconcertantes que o dos mais fantasiosos romancistas de gabinete. Unindo o methodo á intuição, o sr. Gilberto Freyre, que aprendeu a conter possiveis exaggeros tropicaes em estudos systematicamente desenvolvidos numa universidade norte-americana, provou aos nossos eruditos que o passado não é apenas materia didactica, papelorio mofento a ser explorado por escribas sem espirito, fortes em estatisticas e na transcripção quasi mimeographica de datas e nomes perfeitamente mortos para nossa emoção. Não ha ethnographo de polpa, turista intelligente, sociologo meritorio, que o escriptor pernambucano desconheça. Mas dos antepassados o que elle procura acima de tudo extrahir é vida para os vivos de hoje. Não nos quer suffocar ao peso das fichas de cartorio ou archivo, e sim mostrar a continuidade dos quatro seculos de existencia do Brasil, como as almas se foram aqui encadeando, colligando-se umas ás outras, tirando socialmente do chãos uma entidade politica de que o mundo americano não se póde envergonhar. Livro destinado a dar-nos um grande prazer, mas tambem a fazer-nos constantemente reflectir.

Lucia Magalhães e Joaquim Ribeiro — *Estructura e aprendizagem* — Record — Rio.

Uma boa summula do que se deve fazer no sentido de crear novos rumos para a psychologia pedagogica. A sra. Lucia Magalhães e o sr. Joaquim Ribeiro são inspectores do ensino federal e vivem em trato diuturno com as escolas, os docentes e os discentes. Mas não só a experiencia, a pratica, lhes têm sido uteis no caso. Não são elles simples burocratas, que se derramem em propositos inuteis de vastos relatorios, afim de dar a impressão de que se estão desobrigando ás direitas da tarefa que os leva ao "guichet" do Thesouro. Ao contrario: estudam elles sempre os textos dos mestres authenticos, procuram saber o que de melhor occorre no espirito dos didactas modernos e mostram o desejo de que o Brasil seja beneficiado por todos os elementos renovadores da difficil sciencia de educar. Nada, portanto, de méros serventuarios da pedagogia, e sim creaturas que infundem uma bella direcção intellectual ao encargo com que figuram num dos nossos ministerios.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
S. Paulo

Rua da Bahia n. 1052
Bello Horizonte

DE PARIS

MANIAS DOS ESCRIPTORES

Sem querer lançar a sombra do descredito sobre a memoria de ninguém, repito uma coisa que todos conhecem: que o genio tem suas trevas e fraquezas, e que ha sempre uma parte menos pura em qualquer existencia — a devassidão de Verlaine, a epilepsia de Flaubert, o *delirium tremens* de Edgar Poe, a loucura de Maupassant, o espartilho de Barbey d'Aurevilly, o collete ridiculo de Gautier e as pretensões musicas de Ingres. Todos esses exemplos confirmam a these exposta.

Certo, a supremacia intellectual confina muitas vezes com a extravagancia. Os sabios, os poetas e os musicos adquirem facilmente durante o trabalho hábitos que degeneram em manias. Absorvidos nas proprias concepções, elles se isolam do mundo exterior, vivem em si mesmos, e se expõem a serem tidos como excêntricos sem que para isso tenham contribuido voluntariamente com a menor idéa.

Todo o mundo sabe que Cujacio só podia escrever deitado com o ventre sobre o papel, os livros espalhados em volta. Corneille, Hobbes e Malebranche gostavam de compor seus trabalhos numa obscuridade completa. Mazeray, ao contrario, só podia escrever, mesmo durante o dia, á luz de candelabros. Contam mesmo, a esse respeito, que vivendo, assim, sempre de persianas cerradas, Mazeray foi levar até á porta da rua um amigo, que o viera visitar, de castiçal em punho, ao meio dia.

Buffon, que começou sua carreira litteraria por uma traducção da *Estatica dos Vegetaes* do inglez Hales, foi nomeado em 1739 intendente do jardim do rei, e foi então que concebeu o projecto da *Historia Natural* á qual consagrou todo o resto da vida. Ainda que considerado o Rei da Natureza, lembre-se a fama dos seus punhos, e tambem que só escrevia pomposamente enfeitado, empoado e com a espada á cinta.

Milton, o autor immortal do *Paraíso Perdido*, só podia compor as suas paginas magistraes envolto num velho capote de lã. Crébillon só sabia trabalhar vestido de roupas esfarrapadas e trepado numa escada. Schiller escrevia suas tragedias com os pés descalços pousados sobre uma barra de gelo, e Byron excitava o próprio genio com o aroma das trufas.

Haydn não escreveu uma unica das suas grandes composições sem ter no dedo minimo um anel valiosissimo, que fitava constantemente; Mehul pousava sobre o piano uma caveira; Gluck, esse Miguel Angelo da musica cujo genio tem muitos pontos de contacto com o grande artista florentino, levava sempre o cravo para um campo, e somente no campo o poder de invenção, a elevação, a grandiosa severidade de seu estylo pathetico cheio de vigor podiam alçar-se a todos os impetos da inspiração. Massenet só recebia as visitas em roupão vermelho, como uma lagosta, ao que elle dizia.

Hoffmann, que comprometteu saude e talento com os excessos da mocidade, allucinava-se tanto á noite, quando escrevia os contos fantasticos, que despertava a esposa Micheline para lhe fazer companhia. Caricaturista eminente, suas peças litterarias, superiores a seus desenhos e a suas operas, são novellas e romances em que se mescla a uma imaginação delirante uma observação precisa que quasi convence da realidade das concepções extraordinarias do autor.

O eminente escriptor que foi Zola contava na rua os bicos de gaz, os numeros das portas, e depois os sommava. Só sahia de casa com o pé esquerdo, temeroso do insuccesso das suas pretensões na vida. E essas manias não o impediram de começar em 1871 a longa sequencia de romances que lhe trariam reputação mundial.

Musset, esse poeta doce e cansado, roído pelas extravagancias,

perdeu a força e a vida antes do tempo. Esse homem genial, espirotuoso e ironico, francez de boa cepa, poeta dos primeiros grandes poetas do seculo XIX foi, apesar do seu amor pelo absintho, o verdadeiro poeta do amor, aquelle que cantou o amor com mais espontaneidade, com mais sinceridade e emoção.

Para terminar, devo referir o philosopho Diogenes, o cynico, que vivia, num tonel, com um alforge, um cajado, uma escudella e a lanterna com que procurava um homem á luz do meio dia. Vendo uma creança que bebia agua no concavo da mão, Diogenes jogou fóra a escudella, considerando-a objecto superfluo.

Ha, entretanto, uma coisa que se deve levar em conta: é que, se nos intellectuaes a parte de nevrose parece exceder-se, é que esses homens, pela popularidade que adquirem, estão mais constantemente sob a observação dos criticos, que os demais mortaes...

Embebidos nas suas pesquisas, devotados ás suas concepções, os intellectuaes não se lembram de que o publico os espiona, e de que os criticos vivem dispostos a photographar-lhes as manias e os defeitos em instantaneos que espalham logo pelo mundo...

MARGUERITE PICARD-LOEWY

ACABA DE APPARECER:

SOBRADOS E MUCAMBOS

NOVO LIVRO DE

GILBERTO FREYRE

Preço: 12\$000

Cia. Editora Nacional

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Lope de Vega e alguns elementos portugueses na sua obra é o mais recente dos trabalhos publicados de Fidelino de Figueiredo. Impresso na Hespanha, neste 1936 rubro de sangue, por pouco talvez houvesse ficado impedido ou retardado na publicação. Posto que seja datado de Lisboa, em agosto de 1935, a folha de rosto nos diz que foi impresso na Typographia de *El Eco Franciscano* (Santiago, 1936) e pertence às "Publicaciones del Instituto de la Universidad de Santiago".

Contribuição do eminente crítico português para o centenario do grande poeta hespanhol, o ensaio é uma analyse de alguns dos elementos luzitanos e do camonianismo lepesco.

Fidelino reconhece que Lope é menos humano no universal que Cervantes e por isso nenhuma das suas creações se universalizou como o mytho do *Quijote*; mas é hespanhol, inexcusavelmente hespanhol, e por isso conheceu a gloria em vida com uma fidelidade e uma exaltação que não costumam ter essas consagrações antecipadas, Lope, na verdade, é um enigma. "Enigma, sim, pelo caso desnorteador que constitue o conjunto da sua vida e da sua obra". E Fidelino acha para ambas os qualificativos exactos: vida exorbitante, escandalosa e anarchica; obra multimoda, ingente e torrencial.

Homem excepcional e privilegiado — como Victor Hugo no seculo XIX em França — Lope de Vega venceu o publico pela intimidação, com as suas superioridades.

Lope, em prodigiosa fecundidade, fez poesia epica, pastoral, narrativa, lyrica, fez theatro, hagiographia, — quasi tudo, em fim, mas não soube ser crítico de si proprio, limitou-se, e ficou no seu dominio por excellencia — o theatro. "A arte, sua maior innovação e base da sua gloria, não reservava mais que desdem, desdem proporcionado á facilidade de quem escrevia uma co-

media em vinte e quatro horas..." (lembro-me do calculo aceite por Mendes dos Remedios: 1800 comedias em 3 actos, 21 milhões de versos. Nunca terei a paciencia de verificar o calculo...).

Nessa obra formidavel, a influencia vicentina é patente. A Gil Vicente deveu Lope de Vega um impulso inolvidavel: "foi o poeta portuguez que lhe ampliou a critica de costumes, e a força cosmica, lhe alliou o vôo lyrico e certo prurido metaphysico, e lhe associou ousadias novas na accumulção dos successos, na juxtaposição dos logares scenicos e nos modos de dizer".

Mostra Fidelino que esta divida, sentida ou não, Lope generosamente a soube pagar, com a sua lusophilia instinctiva, aliás estimulada pelo proprio ambiente hespanhol e pelo contacto com os seus amigos portuguezes. Não se esqueça que Lope sabia portuguez, que ha varios versos seus no idioma querido intercalados na sua obra e que imitou a poesia popular de Portugal.

E multiplas são as provas do entusiasmo de Lope de Vega pelo cantos dos *Lusiadas*.

Este erudito e formoso ensaio de Fidelino de Figueiredo precedeu de pouco a sua annuncia da vinda ao Brasil. Para quantos o conhecemos — e somos todos os que amamos as letras — a passagem do eminente critico e historiador é um justo motivo de fino gosto intellectual.

Ainda este anno, em Lisboa, tivemos ensejo de verificar o quanto conhece e preza os homens e as coisas do Brasil. A sua alta visão da historia e da critica, a sua erudição, o seu bom gosto, a maneira porque entende, o dever dos intellectuaes. — já de ha muito o collocaram no plano superior em que se movem os legitimos representantes da cultura latina contemporanea.

JONATHAS SERRANO

"BOLETIM DE ARIEL"

Com o presente numero completa a nossa revista o seu quinto anno de existencia e, a despeito das difficuldades que em nossa terra encontram todas as iniciativas de cultura, é-nos grato constatar que não nos tem faltado o apoio e a collaboração das nossas elites intellectuaes.

A partir do proximo numero, sempre visando corresponder ás exigencias e, ao bom gosto do nosso publico, o **BOLETIM DE ARIEL** terá o seu texto accrescido de mais quatro paginas, exclusivamente dedicadas a trabalhos de ficção, tanto de prosa como de poesia. Serão sempre da nossa preferencia os trabalhos ainda ineditos e, entre estes, os pequenos contos, mas quando estes nos faltarem, á nossa escolha, daremos paginas anthologicas, onde se recordem os grandes escriptores brasileiros.

— *Mort à credit* é o ultimo romance de Louis Ferdinand Celine, o consagrado autor de *Voyage au bout de la nuit*, que tanto exito logrou ha poucos annos quando obteve o Premio Goncourt. Nesse novo livro, tambem um *roman-fleuve* com muitas centenas de paginas, reafirmam-se todas as grandes qualidades e os não pequenos defeitos que foram apontados á estrêa do romancista; mas, aqui, a critica ainda é mais severa quanto aos descabellamentos, da sua linguagem, que não raro attinge a pornographia franca e levou até os editores cautelosos á substituição de muitas palavras por impertinentes pontos de reticencia.

— A vida aventurosa de Stanley continua a preoccupar os biographistas. Ha tempos falámos aqui de um livro que sobre o mesmo assumpto escreveu Jacob Wassermann. Agora é Pierre Daye, escriptor francez, quem se volta, numa edição Grasset, para a vida attribulada do grande explorador inglez. Temos, porém, a certeza de que nenhum desses livros valerá a *Autobiographia*, em dois volumes, que devemos ao intrepido perlustrador das impervias florestas africanas.

— Em Paris, foi extrahido um film da novella *O medo*, de Stephan Zweig, bastante conhecida entre nós, pois que já vertida para o nosso idioma. O celuloide tem por titulo *Vertigem de uma noite* e conta com a deliciosa collaboração de Gaby Morlay.

— *Marianne*, o conhecido hebdomadario francez, publica, actualmente, em folhetins, uma vida romanceada de Lady Hamilton, por Paul Rival. A "divina dama", que logrou tanto successo quando aqui apresentada no cinema, é figura sempre das mais attrahentes e que continua a merecer a attenção dos escriptores.

FRONTEIRA

Salvo por algumas vozes isoladas, quasi todas timidas e receosas de se comprometterem por um entusiasmo por demais positivo, *Fronteira*, de Cornelio Penna, não recebeu ainda a consagração, que pelas suas grandes qualidades, parece merecer. Passou, não digo despercebido, mas confundido com a serie de romances que sempre encontram no nosso meio quatro ou cinco criticos que os elogiem e ninguem que os ataque francamente.

Não é de espantar, creio eu. Mesmo sem ser necessario recorrer ás conhecidas "qualidades" do nosso meio litterario, não é difficil descobrir os motivos da tibiez do publico e da critica em relação a *Fronteira*. Primeiro livro de um escriptor, de um verdadeiro escriptor, — de alguem que tem realmente alguma coisa a dizer — tinha de ser um livro de difficil penetração, de reticencias inviolaveis, de abysmos abertos aos criticos — e esses, naturalmente, tomaram suas precauções... Livro especialmente invulgar, mysterioso, tanto pela sua densidade psychologica, quanto pela cerração que lança sobre todos os caminhos habituaes, pelo subjectivismo da forma narrativa adoptada, tinha de assustar e fazer recuar, tinha de pôr os criticos de sobre-aviso — e sobretudo de desorientar muito e enganar a todos os ingenuos...

Por mim, confesso humildemente: ao ler o livro pela primeira vez, assim que appareceu, não só não o compreendi bem, como me deixei levar por falsas pistas. Ainda que não me tivesse escapado a qualidade de escriptor, o seu inequivoco valor — é impossivel, aliás, deixar de sentir a "raça" que mesmo as mais apagadas paginas de *Fronteira* trazem consigo — o livro me pareceu, mais um ensaio de romance, uma novella de grande qualidade, do que propriamente um romance, tal como o vejo nas suas exigencias minimas...

Relendo-o mais tarde, voltando depois sobre certos capitulos especialmente poderosos que de balde o autor procurou esconder entre os outros, senti quanto as minhas restricções iniciaes eram infundadas e quanto o "romance" dominava tudo mais nas paginas de *Fronteira*.

Sem duvida, se eu tivesse de contar a historia de *Fronteira*, escreveria um livro totalmente differente. Sem duvida o meu ideal de romance não é esse — um romance me parecendo se resentir, sempre que o seu autor adopta o angulo do isolamento subjectivo, do afastamento intencional do leitor deante do mundo fechado do romancista. Se em *Fronteira* o romance soffre menos com isso do que, por exemplo, em *O Inutil de Cada um*, seu irmão gêmeo sob esse ponto de vista, não deiva no entanto de vir marcado por essa tendencia ao hermetismo, por essa difficuldade de comunicação expontanea entre o ro-

mancista e o leitor que, hoje, é a unica restricção seria que faço ao livro.

Nada disso impede porem que confesse: relendo *Fronteira* percebi perfeitamente que, da primeira leitura, o livro me escapara na sua importancia, na sua significação, no seu valor como romance isoladamente considerado. Por detraz da "extranheza" em que tanto se apoiaram os criticos, por detraz das sombras e dos delirios de imaginação, por detraz de uma apparente leveza no tom e de um apparente descuido na "intriga", estava todo o romance que Cornelio Penna quiz nos dar, todo um romance com as suas collocações basicas, a sua visão, as suas inequivocas afirmações.

Bastava lel-lo para sentir. Bastava seguir as angustias interiores do narrador, as incessantes conversões dos dados do mundo exterior em leves fios de vida interior — tão leves, tão fugidios num escriptor de tão evidente qualidade, de vida interior tão profunda, que por si já eram indicios seguros de que havia conversão do objectivo, do exterior (e de suas relações com o interior) em puramente interior... Bastava seguir as entrelinhas — e mais do que nunca ellas falam alto aqui... Bastava, emfim assentar nessa confissão basica em que o romancista se revela todo inteiro na "Conclusão" que dá ao diario que *Fronteira* é: "E não podendo conhecer a vida de Maria Santa senão pelos papeis que me foram confiados não pude escrever o seu romance, como desejava, e o autor ou autora do manuscripto nos dá apenas o reflexo, a projecção de Maria sobre a sua alma, e collocou-se, a meu vêr, sob um ponto de vista fóra da realidade, e dahi a transposição de todas as personagens para um plano differente do meu, e longe das minhas intenções".

Ignoro o pensamento do autor de *Fronteira* sobre o problema, a meu ver fundamental nesse livro, collocado pela alternativa: "...o autor ou autora do manuscripto..." Sei no entanto que o li sem que o problema se collocasse, raciocinando em tudo como se se tratasse de um homem. Sei tambem que, depois, relendo, me compenetrei de que, se fosse necessario escolher, so haveria um meio: dar ao heroe o sexo opposto ao que já lhe tinha reconhecido. Mais tarde voltou a indecisão, e com ella a certeza de que, precisar, era trahir, era ir contra o proprio plasma inicial de onde o autor tirou o seu romance...

Cresceu assim o livro aos meus olhos, á luz dessa duvida que a muitos parecerá sem importancia, "Fronteira da loucura" diz o romancista, em certa occasião. Fronteira entre a razão e a loucura, explicam todos, querendo esquematizar o conteudo do titulo, o tom da narrativa, a estranheza das sensações. Mas, apenas essa frontei-

ra?... A mim me parece que, para maior exactidão, o romance deveria se chamar: *Fronteiras* em vez de *Fronteira*... O singular trõe um pouco, creio eu, a amplitude de um romance que no entanto é dos mais ricos que temos, apesar de toda a sua preocupação de não proclamar nada, de passar por uma simples historieta contada em meios-tons...

Louvemos assim sem restricções o apparecimento desse livro — mesmo sem tentar penetrar no mais intimo de suas affirmações, o que seria mais ou menos impossivel no apertado desse artigo. Um autor que se revela ao mesmo tempo um romancista da qualidade do creador de Maria Santa e um escriptor que, a todos os meritos de uma grande sensibilidade e de uma extraordinaria perfeição no manejo da nossa terrivel lingua, allia ainda o facto de ter realmente o que dizer, de trazer alguma coisa de novo, de serio, é um acontecimento que não deve passar despercebido ou confundido com outros de pequeno interesse. Tenhamos paciencia, sejamos indulgentes para com os que continuam a nos infligir as habituaes lenga-lengas sobre o primado do economico. Já possuímos romancistas para quem não é necessario invocar nenhum criterio de valor relativo e que sabem nos dar verdadeiros romances, em vez de simples relatorios romanceados...

OCTAVIO DE FARIA

Rodrigo Octavio — *Minhas Memórias dos Outros* — Livraria José Olympio — Rio.

E' o volume final de uma série que tanto interessou aos nossos leitores de memorias. Não ha exaggero em afirmar-se que nessas formosas reminiscencias o senhor Rodrigo Octavio se realizou de modo pleno, deu dos seus meritos de escriptor uma prova provada que talvez não lhe encontrassemos nas produções anteriores. Aqui achou elle o seu assumpto, numa perfeita adherencia aos factos evocados. Nenhum pedantismo, nenhuma presumpção rebarbativa, e, antes, uma bonhomia, um tom de communicabilidade, um desejo de expandir-se nos demais que é perpetua attracção para os episodios trazidos a lume. Mesmo quando o autor se detém um pouco mais extensamente na analyse dos seus proprios feitos, não chega a irritar-nos, tal o tom de juventude espirital que imprime aos detalhes mais fugitivos dessa reconstituição de tantos annos de vida social ou forense.

José Osorio de Oliveira — *Roteiro da Africa* — Ag. Editorial Brasileira, Lisboa.

Nas suas viagens o sr. José Osorio de Oliveira não deixa nunca de pensar. Distingue o lado paizagistico, o pittoresco das scenas humanas, aquillo que se pôde definir como a parte apenas visual das corridas pelo vasto mundo. Não esquece, todavia, que ha um lado social a ser tambem examinado por quantos viagem sem ser carneiro panurgico da Agencia Cook. Uma idéa vale tanto para elle, no sentido da suggestão philosophica e mesmo litteraria, quanto um bello vulcão deitando fumo ou alamedas de castanheiros que houvessem sido celebrizadas por uma palheta illustre. Assim, neste *Roteiro da Africa*, não se vae elle movendo entre os pretos apenas em funcção de colorista, de coordenador de anecdotarios, mas essencialmente como sociologo, como pensador politico, como portuguez que não esquece nunca, em transito pelas colonias portuguezas, os interesses do povo que foi colonizador por excellencia, que, segundo austeros historiadores, creou tres grandes imperios no mundo moderno: o seu proprio, o brasileiro, e, de certo modo, o inglez,

Traducções da Companhia Editora Nacional

A. Assolant teve um grande renome de folhetinista em França, figurando entre aquelles escriptores imaginosos que Paris e a provincia acclamavam, repetindo-lhes as boas piadas, as observações ironicamente felizes. Agora estaria um pouco esquecido, mas a traducção das *Aventuras maravilhosas do Capitão Corcoran*, devida á penna segura de Manoel Bandeira, virá patentear que os processos de fabulação meio brincalhona desse idolo do "boulevard" explicam o successo por elle obtido numa época em que competiam na França tantos indiscutíveis mestres do espirito. De Acton Davies é *O Perfume do Passado*, romance para moças, em linguagem brasileira de Flavio de Campos. Dizemos "romance para moças" sem nenhuma intenção peyorativa, apenas porque ahi existem umas delicadezas, uns languores, umas reticencias pudicas que não se destinam bem ao sexo bigodudo. Mas na arte de Davies ha compostura de periodos e essa intelligente entonação litteraria inseparavel de quantos versam o idioma de Charlotte Bronte. Seria estulto apresentar aos leitores brasileiros o inexaurivel Henri Ardel, nome frequentissimamente ouvido entre nós nas livrarias, em insistentes pedidos das freguezas aos caixeiros. E' d'elle, no momento, esta *Filha e Rival*, em traducção de Godofredo Rangel. Do sr. Oliveira Ribeiro Netto admire-se o texto vernaculo da *Sogra*, de Ema Southworth, que explora, como o titulo está claramente suggerindo, episodios de vida domestica, attritos muitos comuns entre as quatro paredes de uma casa burgueza sempre que se acha em jogo a mãe da mulher ou do marido. A pobre parenta em cuja destruição pelo ridiculo se vêm encarniçando, com raras excepções, os escriptores de todos os tempos. Bello acontecimento intellectual é vêr-se em linguagem nossa, graças á intelligente estylyzação de um Alvaro Moreyra, o *Cercle de Famille*, de André Maurois, a que se deu o titulo de *O Mesmo Sangue*. Finissima a ironia com que, nesse romance, se indicam analogias entre gerações successivas, bem mais numerosas do que se pôde pretender e forçando á melancolica conclusão de que certas complicações do sexo são absolutamente immutaveis. Finalmente, na popular edição Sip, que é um regalo para a gente de pouca moeda, a *Alma de Criança*, de Dostoievski, e o *Tio Goriot*, de Balzac, dois livros insusceptíveis de revisão de processo no sentido da immortalidade que lhes está assegurada.

Lucas A. Boiteux — *As Façanhas de João das Botas* — Rio.

E' a brilhante apresentação de uma figura quasi inedita em nossos fastos militares e que, no entanto, merecia maior popularidade, dado o muito que houve em João das Botas de amor e abnegada dedicação pelo Brasil. O sr. Lucas Alexandre Boiteux, pesquisador que nunca se desencoraja, deante da montoeira de papeis a revolver, andou criteriosamente ao coordenar a biographia desse intrepido marinheiro da Independencia, portuguez nato e, apesar disso, brasileiro brasileirissimo sempre que se tratava de impôr a nossa nacionalidade ao mundo. Sendo de rigorosa historia, parecem de um romance de aventuras, escripto por Fenimore Cooper ou Marryat, os lances em que João das Botas se multiplicava em tantas proezas no reconcavo bahiano, aturdindo os adversarios, desaparecendo e reaparecendo como em golpes de magica, engendrando assaltos e sortidas que nem parecem provir do cerebro de creatura de escassas relações com as letras. Fica evidenciado, no caso, que saber investigar ainda é uma fórmula de inventar, que existem pelos nossos archivos centenas de heróes bem mais sensacionais, bem mais palpitantes de intensidade humana que os fabricados por novellistas amphibios, tão infelizes quando fazem os seus marujos descer á terra como quando mettem os burguezes das cidades em travessias prosaicas pelo oceano, com muita nausea e muito erro de technica maritima. O originalissimo modelo que é João das Botas encontrou ahi um narrador á altura dos seus meritos de patriotico Malazarte das aguas nortistas.

VERISSIMO (JOSE')

O que dá intensa, palpitante actualidade a José Verissimo é a sua attitude em face da critica. Para elle, criticar, não era apenas fazer um catalogo de nomes ou uma collecção amavel de adjectivos. Mas extrahir do documento litterario, fosse elle a prosa dos romancistas ou o verso dos poetas, uma conclusão mais larga, que viesse mostrar a identidade do pensamento humano. Distanciava-se do autor, que bem pouco o interessava, e lá se ia pelos caminhos do seu raciocinio, tirando conclusões, apresentando documentos, abrindo perspectivas. Principalmente na sua ultima phase, foi um indicador de rumos, e si não os seguia, apontava-os com uma clareza aberta, possibilitando um territorio de ampla suggestão a quem tomasse o curso das suas idéas.

Foi honesto, principalmente honesto, José Verissimo. Isto é o que se faz preciso accentuar, num paiz de elogio facil, numa terra em que, como diz Agrippino Grieco, muito escriba com a gloria feita pelos jornaes não merece a tinta com que se lhes escreve o nome. José Verissimo merecia-a. E, muito mais do que isso, dava-lhe uma função nobre, porque é sempre nobre e precioso revelar o nome de um critico honesto.

Esse paraense raro possuia, sem duvida, muitos defeitos. Escrevia mal, tantos disseram. E era verdade: o seu estylo passava da dureza algo presumptuosa a uma physionomia linear, de uma debilidade de musculo envelhecido. Por outro lado, Verissimo nem sempre sentia os dons inefaveis da poesia, com o que, em parte, poder-se-á concordar. Desprezava o autor, cingia-se demasiadamente á obra, e isto ainda poderá ser dito por aquelles que virem um erro, um mal-feito a corrigir, nessa attitude limítrophe da imparcialidade. Contudo, era tão grande a sua capacidade de explicar as coisas, tão amplo o seu poder de situar o

phenomeno individual numa ordem geral de idéas, tão exacta a sua força de raciocinio e tão alta a sua probidade, que tudo isso lhe empresta uma autoridade permanente e lhe recorta um relevo nitido, de perenne poder, mesmo em face de problemas que só depois da sua morte foram collocados na ordem do dia.

Agora mesmo Verissimo está merecendo uma homenagem das mais significativas: volta-se a falar nelle, volta-se a lê-lo, e é com encanto que se verifica não ter envelhecido o grande critico. O prazer que sentimos, lendo este volume *Lettras e Litteratos*, volume posthumo recém-apparecido, deve ser comparado ao que se sente ao encontrar em paiz estrangeiro, um companheiro de idioma. Verissimo é um encontro inesperado. Chega até nós. Escrevendo de antes da guerra consegue ser ouvido com nitidez e proveito, (milagre! milagre!) como qualquer intelligencia de hoje.

Problemas que ainda não resolvemos, já elle os ventilava em 1912. E é de ver-se o que diz sobre a precariedade da litteratura entre nós, sobre a falta de sentimento social da nossa arte, ou sobre a eterna rixa entre as gerações que se succedem. Escrevendo naquella anno, elle diz: "Com esta carencia de um pensamento director, de um ideal humano, social, ou nacional, de um conceito esthetico, a litteratura se está resumindo, aqui, na ficção romanesca ainda por muito tempo de feitio naturalista, em versos e poemas soltos em que predomina o preconceito parnasiano da forma, e em divagações jornalisticas". Um outro assumpto novissimo elle focaliza, e este muito agitado nos ultimos dias, affirmando que "decididamente a poesia não está tão perto de finar-se como desde quasi um seculo se lhe vem prognosticando". Escrevendo tal, assemelha-se a alguém que pretendesse responder ao poeta do *Canto da Noite*, que aliás respondeu a si mesmo, e desmentiu-

se, publicando no numero passado deste *Boletim* um poema que, para servir-me de uma expressão de Verissimo, é desses destinados a aumentar progressivamente de estima. Muitos e muitos outros problemas nossos Verissimo os tomou para si. No correr de uma pagina, uma simples pagina de livro, quantas questões não agita elle, palpitantes, densas de interesse, vivas por si mesmas e pelo valor que elle lhes dá.

Um outro interesse, e este de natureza puramente jornalística, cu memorialística, talvez fique melhor, vejo na leitura de *Lettras e Litteratos*: é o encontro de referencias a tantos nomes conhecidos e desconhecidos, victoriosos ou fracassados, criticados naquella tempo, tratados por quem lhes assistia ás primeiras manifestações. Assim, é uma delicia vêr-tratar-se o sr. Alcides Maia de "jovem escriptor", é uma delicia ler-se que o "conteur" gaúcho "ainda está naquella encantadora e invejavel cidade em que acreditamos piamente em theorias"... Ou encontrar-se estimulos ao "jovem poeta de merecimento e de futuro" sr. Oiticica, hoje ás voltas com Camões, utilizado por elle para causar serias dôres de cabeça ás suas alumnas do Collegio Pedro II... Também não deixa de ser curiosa a maneira porque Verissimo se referia, naquella tempo, ao autor de *Maria Bonita*: "o sr. Afranio Peixoto, concedia elle, possui já um estylo seu", o que não era, por certo, o unico dos meritos do illustre coordenador da *Historia da Educação*...

Este singular encanto trazido pelo que ha de retrospectivo no livro, não é dos que se possa desdenhar, principalmente neste momento, em que as memorias estão em moda. *Lettras e Litteratos* bem pode ser lido, também, como um fragmento das memorias incompletas de um critico...

Louvavel, sem duvida, sob todos os aspectos a edição, em 1936, de um livro de José Veris-

simo. Probo, poupando elogios, um pouco desabusado às vezes ("o apparecimento de um livresco do sr. Nilo Peçanha", diz elle), foi um critico de extrema importancia. A eternidade do seu nome é de todo merecida. E' uma recompensa. Ser lido. Ser comprehendido. Ser discutido ou amado. Nada mais justo que reconduzir Verissimo ao seu destino, trazendo-o novamente, para a estima dos que o haviam esquecido ou negado.

DANTE COSTA

Nota — Verifico que já Verissimo admirava o sr. Alberto Ramos, e incluia-o entre os 4 ou 5 que destacava da "centena de poetas que infestam a Avenida e adjacencias". Fico pensando, então, porque motivos esse lyrico de vóz rara, que é assim admirado por gerações tão distintas e distantes, guarda, ultimamente, com tanta avareza, as coisas que certamente não ha cessado de produzir. Admirado já ha tantos annos, o sr. Alberto Ramos continua, ainda hoje, a trabalhar a nossa gratidão. O poder daquelles que desvendaram, de facto, o mysterio da poesia:

"Hontem, no bosque,
à luz da lua,
eu vi Diana,
a caçadora,
guerreira e bella,
e nua".

Penso, mesmo, que não poderá ser accusado de insensível á poesia, um critico que respeitava um tão bello poeta.

D. C.

Conde D'Eu — *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* — Cia. Editora Nacional, S. Paulo.

Factos occorridos entre agosto e novembro de 1865. E' a participação do marido da Princeza Isabel nos ultimos arrancos da Guerra do Paraguay. O sr. Max Fleiuss, conhecedor de todos os papeis do Instituto Historico em que vem mantendo actividade das mais perduraveis, acrescenta uteis commentarios a essa evocação de episodios ainda não caducos para a nossa emoção de brasileiros. Assignale-se que o genro de Pedro II escrevia quasi sempre sem bravatas bellicas, mostrando-se observador perspicaz das occorrencias desenvolvidas nas regiões em que se exerceu o seu estagio de guerreiro do Brasil.

O PROBLEMA BIOLOGICO DA CATATONIA

(*Chronica Scientifica irradiada na "Hora do Brasil"*)

Recebo de Pernambuco uma interessantissima these em que o dr. José Mariz de Moraes, estuda, á luz de pesquisas scientificas longas e cuidadosas o problema biologico da Catatonia. Para os psychiatras esse nome corresponde a uma situação morbida em que ha desordens psychicas, nervosas e mesmo vegetativas, sendo a mais característica e impressionante das suas manifestações, a denominada *cataplexia*, estado em que o paciente, conserva a attitude e a posição que se lhe dá, como si fôra um manequim articulado.

Do ponto de vista puramente scientifico o mais interessante é saber si existem substancias chimicas, que injectadas em animaes dão aos bichos, o aspecto e os caracteristicos dos enfermos de catatonia. Ratos, cães, gatos, etc. intoxicados pela cumarina-extrahida da nossa fava Tonka (Cumarú) ou por outras substancias, entram em *cataplexia*, conservando as mais exquisitas posições em que forem collocados.

Essa curiosa catatonia experimental foi ensaiada pelo dr. Mariz de Moraes, em numerosas experiencias. As mais notaveis foram realizadas com a "Preguiça" — *Bradyptus tridactylus*, animal bem conhecido da nossa fauna, representante actual dos enormes *Megathériums*.

A substancia empregada nos seus trabalhos pelo dr. Mariz de Moraes, para obter a catatonia experimental foi um alcaloide — a bulbocapnina, extrahida da planta *Bulbocapnus cavus*. Os animaes intoxicados por esse alcaloide, ficam passivos, como si fossem de cera, conservando a posição que se lhes dá.

O trabalho aqui analysado contem notaveis photographias a respeito. No entanto, os animaes não reagem do mesmo modo na catatonia experimental.

O autor ensaia uma theoria original para explicar taes differenças; e conclue mostrando que a catatonia experimental veio trazer poderosos subsidios á medicina.

ROQUETTE-PINTO

Aquilino Ribeiro — *Maria Benigna* — Editor Moura Fontes, Rio.

E' o sr. Aquilino Ribeiro um dos mais prestigiosos prosadores da Lusitania de hoje. Desde o seu volume *Jardim das Tormentas*, prefaciado pelo grande Malheiro Dias, vem elle annexando-se um grupo de admiradores que sempre engrossa de numero. Nas *Terras do Demo* carregou um tanto na exploração do elemento regional, insistindo numa paizagem e num vocabulario que exigiam explicações talvez mais amplas para uma perfeita comprehensão dos leitores brasileiros. Mas a *Via Sinuosa* é trabalho dos que só saem da penna dos melhores decifradores de temperamentos. Tambem neste romance intitulado *Maria Benigna*, evitando localismos demasiados, o sr. Aquilino se inclina para uma interpretação universalista das almas que traz á baila e a sua ficção não deixará de empolgar, como já está empolgando, todos os que entre nós acompanham de perto a litteratura portugueza.

Dario de Bittencourt — *O Poeta Francisco Ricardo* — Porto Alegre.

Membro da Academia Riograndense de Lettras, o sr. Dario de Bittencourt estuda o poeta Francisco Ricardo sob o angulo da psychanalyse. Ricardo era gaúcho e, trabalhando e estudando aqui no Rio, soube assegurar-se um bello circulo de amigos e admiradores, tendo feito parte de um grupo de intellectuaes em que tambem se destacavam os srs. José Geraldo Vieira e Edmundo da Luz Pinto. Temperamento dos mais irrequietos no sentido humano, embora soffrego da estrophe lentamente amadurecida e estylizada, esse nobre creador de rythmos acabou perecendo numa aventura passionnal, no pleno dominio de um talento moço á altura das melhores fructificações. O perfil que delle traça o sr. Dario Bittencourt é dos mais suggestivos, distinguindo-se por um carinho, uma sympathia, um affecto a um tempo de coração e intelligencia sem o qual não póde existir realmente critica constructora.

DE LISBOA

ASSUMPTOS AFRICANOS

O Congresso Afro-Brasileiro do Recife foi a demonstração publica do interesse que ha hoje no Brasil pelos problemas que dizem respeito ao negro. Supponho que as agencias telegraphica se abstiveram de dar noticias desse acontecimento porque os jornaes portuguezes nada disseram. E no emtanto, os estudos de africanologia feitos no Brasil têm grande interesse para Portugal. Nas Colonias de Africa apesar de nós sermos, dos povos colonizadores, o que tem menos preconceitos de raça, existe uma grande separação entre o negro e o homem branco. Além disso, o negro africano, por insufficiente contacto com o branco, não possui ainda os meios de comunicação psychológica de que dispõe o negro americano. Do Brasil, de Manuel Querino ou de Nina Rodrigues, de Gilberto Freyre ou de Arthur Ramos, podemos vir, por conseguinte, indicações preciosas para o melhor conhecimento dos indigenas da Guiné, de Angola ou de Moçambique.

Por meu lado, tenho feito o possivel por chamar a atenção dos portuguezes para esse aspecto da actividade mental do Brasil. Numa revista official, *O Mundo Portuguez*, publiquei duas notas com essa intenção: *O Negro, Contribuição brasileira para o seu estudo*, e *Litteratura Negrophila*, além de ao caso do Brasil me ter referido numa outra nota publicada na mesma revista sobre *A Mestiçagem, Esboço duma opinião favoravel*. Cito esta nota porque com ella se deu um caso curioso. Um professor de anthropologia, que tem o preconceito arianista num paiz que da miscigenação fez um processo colonizador, protestou officialmente contra essa defeza da mestiçagem, servindo-se do alto cargo politico que exercia, como se se tratasse duma questão de Estado. Felizmente, são poucos em Portugal os homens publicos que, por uma falsa idéa scientifica, negam o espirito que presidiu á nossa acção colonizadora, e o professor racista encontrou quem officialmente lhe respondesse.

E' certo que no Brasil tambem há quem compartilhe das idéas do litterato Gobineau, que as maiores autoridades scientificas da França estão pulverizando nas respostas a um inquerito de *Les Nouvelles Littéraires*. Amigo de Cabo Verde, conhecendo as qualidades dos caboverdianos, o seu desenvolvimento intellectual e as suas afinidades com os brasileiros do Nordeste, não hesitei em patrocinar junto duma entidade paulista a immigração de trabalhadores agricolas crioulos. Do documento em que foi consignada a recusa da minha proposta transcrevo as seguintes considerações arianistas dignas de serem conhecidas:

“Não ha duvida de que o Brasil está ainda sobrecarregado por uma massa consideravel de

pretos e mulatos e isto, em vez de nos levar a augmentar-lhe a carga, só pode ser motivo para que remediemos o mal, ao contrario de aggraval-o. Eu estou convencido de que o nosso desenvolvimento está intimamente ligado ao *embranquecimento* do paiz. Acredito mesmo que São Paulo é o Estado leader do Brasil porque representa a maior massa branca do nosso territorio. O facto de ser caboverdeano o actual embaixador de Portugal, aqui, pouco prova. Amarello é, sem duvida, o embaixador nipponico e nós só procuramos diffcultar a entrada de japonezes”.

As entidades paulistas estão no seu direito escolhendo os immigrants que entenderem, mas eu posso affirmar que nenhuns homens melhor do que os caboverdianos se adaptariam ao Brasil e mais facilmente se tornariam brasileiros. Esses homens são crioulos, isto é, pertencem a um povo em que já se processou a fusão do sangue negro e do sangue europeu, ou, pelo menos, a fusão das duas psychologias ethnicas. Possuem as ilhas de Cabo Verde uma verdadeira “élite” intellectual; mesmo entre a gente do povo a percentagem de analphabetos é, por vezes, insignificante e muito menor que no Portugal metropolitano; a sensibilidade artistica aparenta esse povo ao do norte do Brasil; o nivel social dá a essas ilhas o direito de serem moralmente consideradas, como a Madeira e os Açores, “ilhas adjacentes”, embora continuem a ser, administrativamente, uma Colonia. Para todos esses factos chamei eu a atenção dos intellectuaes brasileiros numas *Palavras sobre Cabo Verde, para serem lidas no Brasil* e que foram, effectivamente, lidas ao microphone durante a Semana do Ultramar Portuguez promovida pela Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro. E a proposito: todos os intellectuais brasileiros que se interessam pelos assumptos africanos deviam approximar-se dessa Sociedade, que entende, e muito bem, que o Imperio Colonial Portuguez não deve ser estranho ao Brasil.

Um dos meus sonhos é levar, um dia, ás terras portuguezas da Africa uma missão de intellectuaes brasileiros, ethnologos, ethnographos e folckoristas, para ali estudarem o que tanto interessa ao Brasil. Na recente viagem que fiz ás Colonias da Africa Occidental, acompanhando como jornalista um Cruzeiro de Férias que patrioticamente organisou a revista *O Mundo Portuguez*, constantemente me lembrei do Brasil. Dessa viagem trouxe um livro, *Roteiro da Africa*. Falando da cidade de Benguela escrevi:

“Alguem a meu lado lembra que esta terra foi um dos grandes centros de exportação de escravos para o Brasil. E eu fico a scismar nesse drama terrivel da escravatura, cujas consequências ainda hoje pesam sobre a Colonia, que tem

apenas dois habitantes e meio por kilometro quadrado. Com o escravo fizemos o Brasil, mas para isso despovoamos Angola”.

Ora, alguém que conhece profundamente as coisas de Angola, Antonio de Aguiar, fidalgo que se fez agricultor em Africa como Gonçalo Mendes Ramires, e que ha pouco nos deu um livro notavel de *Aventuras de Caça*, escreve-me, a proposito, isto que tem grande interesse para os historiadores brasileiros do “trafico”:

“A grande região fornecedora dos escravos está hoje na posse de belgas e inglezes. Os povos Luênas e afins, sempre em guerras intestinas, vendiam os prisioneiros de guerra ou passaram a vendel-os quando surgiu o branco negreiro. Até ahi, simplificavam o problema matando-os em massa.

Os povos que occupam a nossa Angola nunca se prestaram a fornecer escravos, senão aquelles que os chefes vendiam como penalidade de suas leis. Serviam, sim de intermediarios entre os brancos do littoral e os povos do interior da Africa.

Quando Catumbela era Catumbela e nella entravam e sahiam diariamente para cima de 30.000 negros das caravanas que conduziam borraça, marfim, cêra e escravos, uma vez um commerciante deitou mão a varios carregadores e encerrou-os na “casa forte”, que era a prisão dos escravos. Tanto bastou para que a villa estivesse em grave risco de ser saqueada e os brancos todos aniquillados. E só a restituição dos carregadores e uma avultadissima indemnização logrou acalmar os animos.

A fraca densidade da população angolana deve ser attribuida a outras causas que não á escravaria: recente — relativamente — occupação do solo pelos indigenas, mosca do sonho, etc. etc.

Não esquecer que muitas tribus que hoje se designam por povos, estabeleceram-se em Angola já depois da nossa occupação do littoral. A região que eu habitei largos annos, a Hanha de Caconda, ainda ha cerca de 96 annos era despovoda. Hoje é região cheia de gente. A occupação fez-se ahi por 1940, por gente da tribu dos Mondombes que subiram o valle do Corporolo. Durante os meus 11 annos de permanencia, nella se estabeleceram muitos “quimbos” de Cascondas e Quiengues. Isto provará a V. Exa. que as populações africanas ainda não se fixaram definitivamente.

A verdade é que a nossa occupação tem provocado o augmento da população indigena.

Refere-se. mais adiante, V. Exa. ao cantar brasilico em que Luanda apparece como a Méca da escravaria. Certo. Mas deve elucidar V. Exa. que para os povos do interior o porto de mar por onde saem é sempre a Méca. Todo o preto do interior de Benguela que vai para S. Thomé, raro chora pela sua “libata”, mas todo elle se refere saudoso a “Combáca” — Benguella”.

E mais adiante, na sua carta, o meu informador diz isto que tambem julgo dever interessar aos leitores do *Boletim de Ariel*:

“Como V. Exa. *suspeitou*, os indigenas de Luanda — como os das outras cidades velhas — têm danças e ritos especiaes de feitiçaria que a velocidade do Cruzeiro não lhe permittiu observar e mesmo só com uma longa permanencia e muita boa vontade poderia estudar.

A “rebita” que V. Exa. bem descreve é a “rebite” *pra branco vêr*. A *outra* a delles, é coisa bem diversa! O impudor natural dos negros e a luxuria bestial dos mulatos ahi campeiam livremente até ao vomito sanguineo!

A “gente” de Luanda não só se considera “superior” aos outros indigenas como constituem, de facto, uma “casta”, assim reconhecida e *respeitada*. Em Benguela, por exemplo, para se pertencer á “casta” é indispensavel o conhecimento do idioma Luanda, *lingua superior*.

Os mulatos têm vida propria, á parte do negro e do branco. Ha, é certo, mulatos que descem á “sanzala” e mulatos que sobem á sociedade europeia. Mas de per si, já constituem agrupamento proprio, com características definidas e mentalidade privativa.

Possuo elementos de prova, inclusivé “jornaes” *manuscriptos*, poesias e cartas, que nos dizem vir isto de longe e nos garantem que, no futuro, Angola terá um *nacionalismo* irmão do brasileiro.

A minha vontade de estudar os meios mulatos — em geral desprezados pelos europeus — levou-me a aprofundar o viver daquella gente sem me preocupar com as criticas e ditos dos outros europeus que me accusavam de só procurar a *sociedade negra*, como se os brancos tivessem algo de novo a observar!”

Tambem eu quiz, na minha viagem, observar o negro e o mulato, de preferencia ao branco. Mas não tive tempo senão para apontar alguns casos que as palavras acima transcriptas esclarecem, completamente e, até certo ponto, rectificam. Que ellas sejam uteis aos estudiosos brasileiros é o que desejo. OSORIO DE OLIVEIRA

Eurico de Góes — *Bandelras e Armas do Brasil*
— Editora Paulista — S. Paulo.

Com illustrações a cores do pintor nortista Theodoro Braga, temos aqui um proveitoso conjuncto de informações do sr. Eurico de Góes a proposito de symbolos nacionaes que vêm provocando tantas celeumas e esvaziando tantos tinteiros de plumitivos. Velho conhecedor de tudo quanto se prenda a pavilhões e escudos de nossa terra, como de innumeradas outras nações, o bibliophilo patricio, sempre interessado na sementeira de nobres idéas cívicas, procura, dentro de uma erudição que ás vezes um bello personalismo inflamma, reparar concepções que se lhe afiguram erroneas no tocante á bandeira recomposta pelo sectarismo positivista á hora do advento da Republica. Muitos dos detalhes do livro escapam á nossa autoridade, destinando-se a especialistas idoneos, mas o certo é que o total do volume procede realmente da penna de um escriptor e, o que é mais, de um brasileiro de fino gosto que não admite fealdade ou inintelligencia na symbolica da Patria.

A MENSAGEM LITTERARIA E NOSSA EPOCA

E' olhando para traz, para o sulco deixado pelo navio, que se vê o desenho que este forma sobre a agua. Todos os que, por titulos diversos, pertencem á grande equipagem das letras, é que sabem quanto é difficil julgar da importancia litteraria do seu tempo, e mais difficil ainda do valor que pôde ter tal ou tal escriptor em particular, que é levado ao pinaculo ou, ao contrario, desdenhado por motivos que pouco têm que ver com o merecimento pessoal. Tambem não ignoramos que nem sempre têm alguma significação as consagrações officiaes (1).

Assim mesmo, independente da licença do mundo academico, houve sempre uma elite que desde o começo acolhera, como sendo um acontecimento litterario excepcional, a mensagem daquelles em cujos escriptos a vida não seria para nós o que ella é. Por isso mesmo, nossa gratidão perante os criticos que nos revelaram é sem limite. Pois trata-se do destino de um acto que, por essencialmente superior, não deixa de ser um dos modos de agir mais graves da vida. Nem todos sabem disso, o que cria um malentendido que provem, em parte, da geração litteraria do fim do seculo passado e do principio deste, para a qual o facto de escrever era meramente gratuito.

Era o tempo da theoria da Arte pela Arte (com A maiusculo), do Parnaso e do Symbolismo.

A um certo numero de poetas e escriptores que participaram daquelles movimentos devemos obras de valor, e até obras primas. Penso em Rimbaud, Verlaine, Wilde, Mallarmé, Laforgue, Gide, cujas obras, entretanto (o caso de Mallarmé posto de lado), absolutamente nada têm de gratuito (2). Correspondem, apesar das theorias que nellas influenciaram, a actos, actos de moralistas. Empregamos esta palavra, moralista, não no sentido da pessoa que preconiza preceitos moraes ou consagra seus escriptos á moral, mas sim no

sentido classico, como no seculo XVII a applicavam a La Rochefoucauld ou a La Bruyère, no sentido de que o moralista é aquelle que tem como estudo o coração humano.

Em epocas chamadas felizes e prosperas (nem sempre, com razão, a felicidade e a prosperidade de uns prepara por vezes o descontentamento de outros) os romancistas costumam escrever obras psychologicas consagradas ao estudo dos individuos em particular.

Alguns, todavia, por terem a intuição de que o estado da sociedade na qual vivem está para morrer, sentem a necessidade de descrevel-a, tendo para isso força bastante, e deixando-nos um monumento romanesco construido por um Balzac, um Tolstoi ou um Proust, monumento que se ergue indestructivel.

Uns e outros têm entre si um traço commum: é aquelle contacto immediato que conservava com a vida, aquelle prolongamento que têm em nós o que escrevem, aquella resonancia de suas obras, que nos asseguram a authenticidade.

Em que medida, porem, escreveram-nas conscientes de certas obrigações, é difficil sabel-o, emquanto podemos prevêr que uma das características da produção litteraria contemporanea será a consciencia que nossos grandes escriptores têm de suas responsabilidades.

Isto não significa que acceitem sujeitar suas obras á actualidade que pertence a uma forma particular da actividade litteraria: o jornalismo, genero que sempre teve seus notaveis partidarios e favoreceu em primeiro logar os temperamentos pamphletarios. Mas um facto propriamente symptomatico de nosso estado litterario actual reside na contribuição jornalística de escriptores que até hoje não pareciam destinados senão a cumprimirem-se nos livros. Tentou a varios delles uma nova forma de jornalismo: a reportagem, não somente por neces-

sitar de quem a pratica qualidades excepcionaes, como o dom de saber ver instantaneamente o que na actualidade tem peso, importa e corresponde a causas que nem todos vêm, e que temos que interpretar — mas tambem por permittir-lhes intervir e adoptar uma posição, conscientes da influencia que exercem.

O escriptor contemporaneo se differencia do antigo moralista pela sua necessidade que tem (perigosa tanto para elle quanto para os demais) de agir de um modo rapido e effectivo sobre os leitores.

Temos um exemplo disso e da titulos de livros que saíram nes- influencia do jornalismo até nos tes ultimos annos, alguns de uma poesia intensa e angustiosa (*Le Temps du Mépris*, *Les Anges Noirs*, *Le Voyage au Bout de la Nuit*) que reflectem um novo estado de espirito. Significativos são os conteúdos destes romances, particularmente porque revelam temperamentos apaixonados deante de problemas que cada dia se tornam mais imperiosos.

De suas soluções dependem nossas condições actuaes de vida, assim como o futuro de nossa sociedade e até de nossa civilização, os regimes sociaes, economicos e politicos presentemente existentes, arrastando-se com uma violencia inaudita que menos sustenta a paixão da verdade e da justiça que o odio que uma parte da humanidade nutre contra a outra.

Deante daquelle estado de cousas, um dos mais angustiosos que jamais se registrou, os intellectuaes, cada um conforme seu temperamento (e suas idéas que, estas, menos nos tocam) se manifestaram em paginas muitas vezes características das aspirações e das exigencias de uma geração que, apesar de não possuir nenhuma unidade de opinião, está entretanto de accordo sobre a urgencia de uma ordem nova, não necessariamente nova em si, mas nova em relação ao estado presente, que reclama

A GLORIA DE EUCLYDES

de todos nós o maximo do que podemos dar pessoal e socialmente, e sem a realização do que não obteremos paz nem com os outros nem em nós mesmos.

Essa é, e deve ser, pelo menos hoje, a meu vêr, a disposição interior daquelles que participam da alta e difficil mensagem litteraria. O desleixo de outros tempos, que já era criminoso, tornou-se inadmissivel.

Aquelles que pertencem á minha geração, entre trinta e quarenta annos, sabem que desistimos de usar entre nós certas palavras, porque ellas perderam o sentido, ou se tornaram ironicas ou crueis.

No tempo em que eu era creança, ia durante as férias de verão para as praias do Mar do Norte. A baixa-mar deixava sobre a areia conchas que apanhávamos e nas quaes tínhamos a impressão de ouvir aquelle rumor infinito do mar. As férias acabadas, de volta para a cidade, longe daquelle mar que representava para mim a luz, o espaço, a liberdade, escutava, prisioneiro do meu quarto, na concha magica, e o milagre tinha logar: eu ouvia, horas e horas, o mar...

Hoje ainda, desperto, á noite, e com o ouvido na concha da minha infancia, percebo um immenso clamor, este impressionante clamor do oceano humano que só aquelles que não querem não conseguem ouvir.

ROBERTO ALVIM CORREA

(1) Damos de memoria o exemplo classico da Academia Franceza. Nem Molière, Jean Jacques Rousseau, Baudelaire, Constant, Stendhal, Verlaine, Zola, Mallarmé, Bloy, Péguy, Proust e tantos outros pertenceram á Academia. Nem a ella pertencem Claudel, Gide, Jammes, Daudet, Maurras, Rolland, Suarês.

(2) Dorian Gray parece ser um irmão de Wilde e a ballada de Reading que elle escreveu no carcere é um grito que sáe de um coração esmagado. *La Saison en Enfer*, e *Les Illuminations* de Rimbaud foram escriptas com o proprio sangue do genial adolescente. Os poemas de Verlaine empolgam por seus accentos de sinceridade. Quanto a Gide, o unico desses escriptores que ainda vive, e o maior dos contemporaneos, sua obra inteira consta de uma unica confissão, a mais commovente confissão que já se fez até hoje.

E' cada vez mais singular a posição de Euclides da Cunha.

Proclamado unanimemente, senão o maior, ao menos o mais brasileiro dos nossos escriptores e pensadores, entre as ideologias extremas, que se degladiam entre odios e competições, todas disputam-lhe a preferencia.

Em contraste, era elle perfeitamente definido em opiniões e attitudes. Não era na sua obra, seja de defeza ou de accusações, uma palavra menos clara e na sua vida, agitada e convulsa, uma acção de penumbra.

E' que a sua obra, a começar pela maior, que é a maior do nosso pensamento, tem aquelle character universal, em que se encontram todos os idealismos e todas as preferencias, como limite que todos os sinceros tangenciam.

E essa obra tanto é do interesse dos mais cultos, como dos mais humildes. Araripe Junior lembra o caso daquelle menino bahiano a quem os Sertões empolgaram.

A vida que elle viveu, em 43 annos, densos de lutas e emoções, se superpõe a essa obra. Os seus dias todos quasi poderia mser illustrados com as paginas escriptas.

O artigo, por exemplo, dos *Contrastes e Confrontos* — "Um velho problema", publicado a 1º de Maio de 1904 em S. Paulo, onde se desenha em linhas impressivas e impressionantes o problema social, elle o escreveu, sem emprego e sem recursos.

Mas, quem hoje o leia, não terá siquer indicio do estado de espirito em que se geraram aquellas paginas magistraes, por quem tinha "o recato do soffrimento como a unica feição sympathica do orgulho".

Por isso, em Euclides da Cunha, o que é grande é o homem, de que a obra é apenas imagem redigida. Os vinte e sete annos passados sobre a sua morte têm mantido bem viva e bem alto a sua memoria, projectando-a pelo Brasil todo.

De Pericles Moraes, o ensaista brilhante das *Legendas e Aguas-Fortes*, do extremo da Amazonia a João Pinto da Silva, o critico arguto e culto dos *Vultos do meu caminho* das terras gauchas, todos o proclamam o "bandeirante da entrada nova pela alma da nacionalidade brasileira" da expressão feliz de Afranio Peixoto.

E nos cinco lustros de culto á sua memoria ainda ha ineditos.

Na conferencia deste anno de João Pinto da Silva, surgiram aspectos novos de algumas confissões, encontradas em caderno intimo e Pedro Calmon — que regressa deslumbrado e commovido de S. José do Rio Pardo, onde velho companheiro dos *Sertões* José Honorio de Sylos, mantem viva e accesa a chamma votiva da Méca do euclidianismo, traz igualmente notas e impressões — novas e ineditas.

Esta lembrança, que não cansa, viva e constante, é o seu maior monumento e a sua grande gloria.

FRANCISCO VENANCIO FILHO

P. J. de Castro Nery — *Evolução do Pensamento Antigo* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Vimos de mencionar o nome de um sacerdote catholico que recebeu grandes louvores, especialmente do sr. Tristão de Athayde, quando lançou um solido estudo de conjuncto sobre a obra de Bergson. Não obstante os seus principios de orthodoxia catholica, o sr. Castro Nery não escamoteia nunca os meritos de quantos hajam feito philosophia fóra do sector da Igreja. Com uma lealdade que é transumpto de muita educação e muita meditação, esse historiador do pensamento alheio offerece-nos agora paginas das mais impressivas sobre os que trabalharam pelo espirito em velhas terras pagãs, alguns delles preparando, ou melhor, antecipando, a obra de preeminentes doutrinaes christãos como Santo Thomaz de Aquino. Perfeitamente familiarizado com a melhor metaphysica dos gregos, o nosso patricio põe a serviço de uma limpida dialectica uma erudição só explicavel por uma vida de abnegada reclusão entre os livros, longe de faceis competições e triumphos de mundanidade. Lel-o é aprender muita coisa de novo ou accrescentar interpretações de uma innegavel originalidade áquillo que porventura já houvessemos recebido de autores estrangeiros.

BRAZ CUBAS, O DEFUNTO AUTOR

“Mas, na morte, que differença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pôde sacudir fóra a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desaffeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser”.

Si o memorial é um desabafo, ha momentos em que parece uma vingança de Braz Cubas, dirigida contra si e contra os outros. Ocioso na existencia corporal, elle achou de preencher os lazes interminaveis de finado virando os avessos, um por um, da sociedade em que existiu. Nessa posição de além-tumulo, a gula do analysta redobra, ganhando uma agudeza a que nada escapa. E por que tolher-se de escrúpulos, de pudor, si está coberto inteiramente do juizo dos seus comparsas? Assim é que o primeiro visado é sempre elle mesmo. Remexe os seus defeitos com uma soffreguidão exhibicionista, vaidoso quasi da falsidade e da hypocrisia, que lhe impunha, a cada passo, a comedia da existencia. Ninguem o excede em descobrir o calculo, as intenções, as segundas tenções, tudo o que colleia consciente ou mal consciente nos meandros dos nossos actos. E em traços de nankim, caricaturaes, elle exaggera e vinca, fazendo saltitar, nas charges do passado uma alegria malvada de quem zomba da propria vida.

O memorial posthumo nos conquista, de inicio, por muitos motivos. Vem logo a analyse aguçada, que trespassa o defunto autor e os demais homens, lamina da intelligencia cujo manejo é um perigo deliciosamente perverso. Na expressão graciosa, superficie macia, limpidamente classica, a subtiliza terrível aponta e fere. Tudo isso animado pela maneira de ser, irrequieta, desabusada, a beliscar a attenção do leitor, indo e vindo, trefega, de um capitulo para outro. Nada mais leve e espiritual, nas suas syncopes e reticencias, do que esse modo de escrever e de considerar as almas, cheio de contrastes em claro e escuro.

Machado de Assis nunca se utilizou de um personagem que lhe permittisse, como Braz Cubas, agitar com tanto appetite de malicia, e ao mesmo tempo perspectivas tão sombrias, o seu scepticismo, a sua cruel desillusão dos homens e do mundo. Nesse livro de madureza, que é o seu legado philosophico talvez mais expressivo, a gente entrevê o confinamento desesperado de uma vida moral, que se entregou de corpo e alma á negação. Por isto, o fantoche voluvel, analysado como personagem humano, choca pelo contraste entre os sentimentos, de nivel escuso, e o espirito privilegiado, que não faz senão realçar a perversão daquelles. A intelligencia se torna assim um instrumento frio e destruidor, que não se espraia na sympathia e nem procura a plenitude da vida.

Dizer que nas memorias posthumas reside todo um manual de egoismo, de vaidade e de hypocrisia, não é julgamento que as caracterise, porque apenas põe em relevo o lado commum das fraquezas humanas. A nota particular desses sentimentos vem da sua qualidade consciente, lucida, perversa; explica-se no gosto voluptuoso com que os mesmos se exhibem para o deleite acre da intelligencia amoral. Por isso, nem dó, nem amor ficaram nessas paginas, onde serpenteia um riso ponteagudo, aquelle mesmo que expulsa o terror, mas torna a alma esteril ao extase e ao deslumbramento.

As pessoas que a sorte depara a Braz Cubas significam apenas pelo que representam em relação aos seus caprichos. A unica razão de ser de Virgilia não era a de servir de travesseiro do seu espirito? A de D. Placida, a de alcoviteira dos seus amores? E a venus manca, a pobre flor da moita, teria essa alguma razão de existir? Talvez, commenta elle, galhofeiro — talvez que um comparsa de menos fizesse patear a tragedia da vida...

Si todos os que o cercam, a principiar pelo pae, a irmã, o cunhado, os tios, são comparsas da comedia da vaidade, é Virgilia, todavia, a mais cruelmente alvejada pelo seu commentario causticante. Nenhum signal de carinho ou gratidão na lembrança da mulher que o amou perdidamente. E' surpreendente a pachorra ironica, a minucia quasi feminina, com que elle cata e considera os defeitos da amante. Ambiciosa, supersticiosa, adulatora, vaidosa, fingida, sem igual na arte de dissimular — são os attributos com que elle a retrata. Os sentidos, porem, estremecem lascivos ao evocarem a creatura magnifica, estuante e apaixonada, de linhagem plastica das deusas hellenicis. Mas mesmo da belleza della a medida ainda é o egoismo. Nunca lhe pareceu ella tão linda, por exemplo, como no dia em que a viu chegar, pela primeira vez, offegante e escarlata, mal contendo o pejo, á casinha da Gambôa, onde iriam esconder o amor adultero, porque jamais se sentiu tão lisonjeado...

No entanto, Braz é um sentimental, um molleirão affectivo, que procura mascarar-se, esconder-se. A' lembrança da mãe, elle não resiste. A imagem materna é evocada com dor e lagrima, sem o contraponto da ironia. E' a sua unica sinceridade, humana e generosa. Fóra dahi, quando o passado, desfigurado e tropego, surge deante do presente, elle se acovarda e soffre. Si os pezares vêm á tona, não tem outro remedio sinão afogal-os na sensualidade. E quando a alma cicatriza, depois que o remorso carcomeu, então se espreguiça lascivo... Desembaraçou-se do sentimento incommodo como quem descalça botas

apertadas. A philosophia das botas, a da equivalencia das janellas, tudo processos empiricos de narcotisar ou distrahir apuros moraes que aperreiam o intimo. Triste destino do espirito claro e desabusado que elle é, jungido a uma alma libidinosa e rabujenta.

A seducção que exerce Braz Cubas não impede que se tome partido contra elle ou contra o seu creador. O memorial do titere nos força a sahir do ambito exclusivamente litterario, porque a especie psychologica a que pertencemos é completamente diversa da delle. Si já vimos desfazer-se a nossa "mosca azul", não é possivel deixar-nos ficar á margem. Ha empurrões brutaes que levam por diante. Nesse tropel, com a sensação angustiosa da instabilidade, que immenso esforço o nosso para manter accessa a pequena chamma interior!

Em contraste, Braz Cubas, o bacharel folgado, espaneja a alma numa sociedade repousada, morosa, livre de abalos. Porém, como fugir ao tédio de sceptico, um tédio longo e mortal, que os habitos de sybarita não curam? Descozendo a vida moral dos seus semelhantes, não para encontrar os mananciaes profundos della, mas para satisfazer, com malignidade e escandalo, a gana perversa de negar.

Que alegria a sua quando descobre um ponto fraco, uma caiação precaria, uma fenda na sinceridade! Si lhe disserem que, ao lado da torpeza, se depara na existencia tambem coragem, fé, ousadia, valor, belleza e transfiguração, elle esboçará um sorriso diabolico. Seu unico fito é dar pasto á curiosidade ávida, que o agita, por uma parte apenas da natureza densa e complicada do homem, e justamente a que deprime, avilta ou despersonaliza. Distrae-se na hypocondria morbida, atirando-se voraz á analyse, não dos impulsos affirmativos e generosos, não das grandes almas, porém das pequeninas, insignificantes, dos caracteres mesquinhos. Resultado: um balance final de negativas. Não teve filhos, não transmitti a nenhuma creatura o legado da nossa miseria...

Quincas Borba, o paranoico philosopho, vindo á tona da sociedade como um intruso para depois outra vez submergir, é a antithese de Braz Cubas. Emquanto este enxerga em tudo a infinita refracção da relatividade, o pobre Quincas affirma a totalidade e o absoluto.

Si aquelle mata o tempo destripando os bonecos humanos, para não succumbir de enfado, o vagabundo engenhoso declara que a vida é o maior beneficio do universo e que, na verdade, ha só uma desgraça: é não nascer... Dirá um que a existencia não tem sentido, a não ser o de miseria e dôr, pois o proprio prazer, nas paginas fortes do delirio, não passa de uma "dor bastarda". Retruca o idealista pathetico que a dôr é uma illusão. Mediante trabalho lento e gradual de auto-

sugestão, as gerações poderão diminuil-a e até eliminal-a...

Não haverá na obra de Machado satyra mais suggestiva e curiosa á philosophia, á pesquisa da essencia, do que essa desferida atravez de Quincas Borba. No systema de Humanitas, Spinoza se funde com Darwin, transfigurando-o. Alumia-do pela convicção de que é uma parcella apenas da substancia original, o homem ha de affrontar sempre optimista e feliz as maiores provações a que for submettido... A identificação mystica não leva á quietude, mas ao movimento, á agitação. Dahi uma ethica entusiastica, acima do bem e do mal, em que a lucta é desejada e bell. E ao examinar, sob o systema architectado, os valores moraes, quanto é cioso de logica, de rigor dialectico, o nosso Quincas!

Braz Cubas e Quincas Borba foram as duas personagens mais profundas de que se serviu Machado de Assis, em direcções divergentes. O primeiro, fantoche sarcastico, recolheu como nenhum todo o seu fél e o seu tédio cançado. Caricaturou-se nelle, sabe lá com quanta amuragem occulta, quanto sentimento recalçado. No destino amargo do segundo, escondeu a ironia superfina de que neste patrimonio de miserias, só um doido poderia sublimar a existencia e ser optimista. Mas ao grande desilludido que elle foi, ao analysta agudo e impiedoso, o que faltou sinão a synthese suprema que illuminou o pobre insano Quincas Borba?

CARLOS DANTE DE MORAES.

(Do livro a sahir O Brasil e o caminho do espirito).



Variações sobre o ciúme

Como a loucura, é o ciúme em algumas das suas manifestações, a um só tempo, terrível e sinistro. E não faltam médicos, especializados no estudo das molestias do espirito, que nos venham mostrar a semelhança do ciúme de certos individuos normaes e do delirio de certos anormaes. Não escasseiam poetas e romancistas que nos apresentem, em obras de ficção, o que, por vezes, a vida fornece em scenas dolorosas, de atroz impressionismo. Surgem, neste meio, psychologos-moralistas, puritanos em excesso, pretendendo incompatibilizar o ciúme com o amor, sustentando que, quando um se apresenta, o outro bate em retirada... Deste numero é, por desgraça, o russo Kovalevsky, famoso autor de obras consideraveis! Está elle deploravelmente enganado, como todos que fazem psychologia de Simão de Nantua, ou do Bom Homem Ricardo, querendo que a misera creatura humana seja o que deveria ser, sinta como deveria sentir, proceda sempre como deveria proceder, normalizada, systematizada.

— Persiste o amor intenso com o ciúme furioso. Apenas, o ciúme intoxica o amor, infiltrando nelle um elemento corrosivo capaz de lhe destruir as qualidades vivificantes e harmoniosas, substituindo-as por outras, nascidas das profundezas do odio. Neste sentido quem vislumbrou a verdade inteira foi Tolstoi, chamando ao ciúme *vitriolo moral* e vendo nelle uma *fonte inexgotavel de feridas*.

Tal o descreveu, com o seu genio devinatorio ou — quem sabe? — com a lição da dura experiencia na *Sonata de Kreutzer*, cujos capitulos 15º 16º e 17º contêm toda a psychologia do ciúme, no que elle encerra de mais torturante: — a desconfiança inicial, a idéa fixa, a pesquisação anciosa, a dissimulação necessaria para conseguir a certeza, a confirmação da suspeita...

Então, passa o ciumento por toda a escala do martyrio, da *frenesia* e da *rabia*, com que Ariosto definiu o ciúme.

Dá-se, com o ciumento, no periodo da pesquisação, o mesmo que se dá com o "louco lucido interpretador". Tal como este, e desvairado interpreta, na conformidade da sua obsessão, tudo que vem do objecto do seu ciúme — a fala, o gesto, a alegria, a tristeza, os mais insignificantes episodios da vida. Julga perceber-lhe intonações na voz, a exprimirem aversão por sua pessoa e tendencia para outra; pensa surprehender-lhe olhares furtivos, signaes de ajuste, ou sorrisos de mofa, que lhe ferem a vaidade. Si a creatura que lhe desperta o ciúme ri, é porque o novo amor a encanta; si chora, é porque se sente infeliz por não poder voar para os braços de outrem; si sáe, vae ter com o rival; si fica em casa, espera uma carta, um telephonema, uma visita...

O que ha de peor, tanto nos casos de loucura reconhecida, como nos de ciúme não-morbido é o completo mutismo em que, não raro, se encerram os desgraçados.

Cultivando estranhamente a propria dor, como se comprazendo nella, não procuram dissipal-a, interrogando francamente a pessoa de quem desconfiam, não revelam os motivos das suas apprehensões; não exigem explicações promptas e decisivas, que, talvez, viessem desfazer a supposição acabrunhadora. Não! guardam zelosamente, absurdamente, o segredo da sua *vitriolagem moral*, soffrendo, soffrendo, até que em tremenda tragedia culmina a tortura de muitos mezes... ou de muitos annos.

Derivam alguns esse silencio de uma especie de supremo orgulho, que leva certos ciumentos a fugirem de parecer ridiculos aos olhos de seus intimos.

Afigura-se-nos insufficiente a explicação, *pelo menos para cer-*

to numero de casos. O que, a nosso vêr, determina essa reserva cruciante é a força da idéa fixa, não permittindo a menor duvida, imprimindo á interpretação, quasi sempre erronea, o character de certeza absoluta. O ciumento, em alto gráo, não admite que as coisas tenham outra significação. Ellas são como elle as julga; não precisa de esclarecimentos, que, aliás, em nada modificariam a sua maneira de pensar. A propria demonstração material, palpavel, visivel, do seu engano, de nada lhe valeria; a illusão, nessas conjunturas passionaes, sobrepuja a realidade.

Ha quem, essencialmente, differencie as manifestações do ciúme nos dois sexos, conferindo caracteres especiaes ao "ciúme feminino".

Para nós, não existem distincções fundamentaes. Nada se nos offerece mais parecido com um homem ferozmente enciumado do que uma mulher enciumada ferozmente; são ambos perigosos, e o são porque experimentam, por igual, a exacerbação dos mesmos sentimentos. Se alguma differença se patenteia, no expandir do ciúme, resulta, tão só, das condições que o viver social creou para a mulher, impondo-lhe maior recato, coagindo-a á occultação de relações amorosas fora da pauta matrimonial. Mas, mesmo assim, nos temperamentos vibranteis e sob a acção de causas muito violentas o ciúme explode, brutal, irresistivel, indomavel, em gritos escandalosos, reveladores de situações até então, mais ou menos, discretas, occasionando desastres familiares, separações, afastamentos...

Parece incrivel o que fazem e o que dizem senhoras, verdadeiras senhoras, em paroxysmo de ciúme. Algumas, e não são poucas, exhibem, nessas crises, o conhecimento de vocabulario que ninguem suspeitaria houvesse chegado até ellas.

Sujeitam-se outras aos maio-

"OS RATOS"

Apezar de fazer parte dos quatro contemplados com o premio "Machado de Assis", instituido pela Editora Nacional, *Os Ratos*, de Dyonélio Machado não alcançou da critica indigena as atenções de que é merecedor. Um ou outro commentario, uma ou outra referencia, mas nenhum estudo serio em que se analyzasse a arte do novo romancista, separando o bom do ruim, nesse volume.

E, no emtanto, quanta consideração opportuna se poderia fazer! A começar pelo titulo: *Os Ratos*. . . O leitor chega ás paginas em que elles (na imaginação do personagem principal) começam a roer o dinheiro posto sobre a mesa, na cosinha, de tal forma chocado, que dispensaria de boa vontade aquella angustia toda, depois de tantos soffrimentos. Já se commoveu tanto, que está mais ou menos immunizado para ainda se poder emocionar. Os nervos estão gastos e recebem essas paginas superfluas de má vontade. O fecho do volume poderia ter sido a corrida fi-

res vexames, descem a conchas vergonhosos, que vão desde a espionagem duplamente afflictiva até a frequencia dos antros mais sordidos da feitiçaria, onde se acotovellam com todas as misérias e degradações humanas. Sossobram, nos vertices do ciúme, intelligencias que dir-se-ia libertas de crendices e superstições.

Constituiam a melhor clientela da pavorosa feiticeira e envenenadora Voisin algumas representantes da mais elevada aristocracia franceza, presas do "mal do ciúme". Entre nós, mais de uma dama que, em sociedade, não permittiria a approximação de honesto operario — busca, em praticas do *cangerê* e em *candomblés* indecorosos, na companhia da ralé do meretrício, satisfações para o ciúme incoercível.

EVARISTO DE MORAES

nal ao agiota, que é de uma intensidade raras vezes igualada pelos nossos prosadores.

Estou fazendo, com tal affirmativa, sem duvida alguma, um grande elogio ao autor. Principalmente se considerarmos que é um livro mal escripto, onde o estylo por vezes claudica, com as frequentes repetições que em parte o enfeiam, embora não caia no "tan-tan" aborrecido.

De onde então essa formidável força envolvente que delle dimana, tomando do leitor, subjugando-o, fazendo-o soffrer as mesmas torturas que soffre esse resignado e brasileirissimo Naziazeno Barbosa? Não ha de ser pela simples acção, pois girando, toda ella, em torno de um unico facto, nas mãos de qualquer outro sem as suas qualidades e a sua força, de certo se tornaria monotona.

O thema, em si, tambem não. E' banal e mais de uma vez tem sido explorado. Um homem que sahe de casa disposto a arranjar determinada quantia, com a qual deverá pagar o leiteiro, para que não falte ao filhinho o alimento necessario. Funcionario publico, encalacrado, aguardando uma eterna promoção, sem nada mais para empenhar e... com muitas lettras a vencer.

E' a luta para conseguir esses poucos mil-reis o drama do livro. As "facadas". Os amigos. O café. A repartição. Dois ou tres personagens que apparecem, creações magistraes que bem mostram a capacidade creadora do romancista. Duque, o typo do cavador, está, sem duvida, destinado a perdurar.

Uma duzia de quadros, não mais. Alguns de um realismo que machuca. Aquellas paginas, por exemplo, em que Naziazeno Barbosa vae cobrar determinada divida (que, uma vez recebida, lhe garantiria os "cobres"), lá por uma hora da tarde. Ainda sem almoço, chega, depois de extenuante caminhada, bate na

porta, a medo, acovardado, garganta secca, estomago vazio, labios resequidos, solas dos pés queimando. Abrem a porta e lá dentro, o tilintar de pratos e talheres que vem até elle, de mistura com o cheiro forte e sadio da comida, entrando pelas suas narinas, entontecendo-o, augmentando a dor de estomago, seccando-lhe ainda mais a garganta. Depois, a recusa do pagamento. E a volta pelas ruas desertas, ensolaradas, com fumacas sabindo lentamente das chaminés impassiveis.

Paginas de tamanha intensidade como esta, vamos encontrar mais adiante, na corrida ao agiota, quando os amigos descobrem afinal a solução salvadora para o caso. Attinge o maximo da dramaticidade e o leitor respira alliviado, quando Naziazeno toma o bonde para casa, apalpan-do, cauteloso, o dinheiro amarrado no fundo do bolso.

Como disse, poderia ter terminado neste ponto o livro. Conseguiria plenamente o fim almejado. Mas, o autor, abusando da sua força de narrador, ainda nos leva para o semi-delirio, para os ratos a roerem o que tanto custára a conseguir... São paginas commoventes, humanas, demasiadamente humanas. E, sobretudo, sinceras, por certo vividas.

Dahi, sem duvida, a grandeza d'*Os Ratos*. Sinceridade e soffrimento. O estylo não é tudo. A sobre-carga de emoção é o que nos faz desejar que o livro terminasse na corrida final ao agiota. Porque, ao virar a ultima pagina, que sente o leitor? Uma pezada tristeza, um desanimo esteril. Uma incapacidade até para ser piedoso, para ser bom. Melhor conclusão para esta nota não achei do que a resposta de um amigo a quem pedi opinião sobre o livro: "Abri as janellas do meu quarto..."

EDGARD CAVALHEIRO

MESTIÇAGEM

Nas lavouras de café, para onde ha cincoenta annos afflue a immigração consegue-se facilmente comparar o colono europeu com as varias modalidades ethnicas do homem da terra. Junto á orla das novas plantações podemos observal-os, cada qual trabalhando á sua maneira. Elles se mostram vestidos com a roupagem de varios individuos-typos: o *colono* branco, o *camarada* negroidé ou acaboclado, o *adventicio* da colheita, sertanejo com mais accentuada mestiçagem india.

E' curioso o modo preciso com que estes diferentes homens se attribuem as varias actividades da fazenda. Nunca veremos um só italiano nas invernadas, a campear pelo serrado extenso e abrasador que separa as manchas de terra roxa. Ahi só encontramos o brasileiro, ora dormitando embalado pelas andaduras somnolentas do animal, ora, laço em mão, nas disparadas, no esforço exgottante que de tempos em tempos os rodeios exigem. Nunca veremos um só colono na faina das derrubadas, das queimas, dos aceiros de emergencia circumscrevendo com rapidez um fogo mal conduzido por um vento imprevisto. E' que nestes arduos combates o trabalho exige afoiteza e só o caboclo, o homem da terra, de pelle tostada se compraz nestas lidas aventureiras.

Assim que o terreno está prompto e ha urgencia em plantar, ante a ameaça das primeiras aguas, é ainda o caboclo que encontramos á obra. Os homens morenos, de pelle tostada, quando trabalham, exgottam as suas forças sem descanso, tudo de uma vez, para refazerem depois as suas energias em folgas demoradas...

A' medida que as plantações vingam e que o arfar desordenado do trabalho desbravador se vae amortecendo na cadencia das culturas systematizadas, o colono europeu então começa a se tornar indispensavel, com as suas normas de vida que os seculos de trabalho rythmaram. O caboclo campeou os animaes e atrellou-os ao carro que agora o italiano, subindo á boléa, se promptifica a conduzir a bom termo!... E os cafesaes põem-se a cobrir de estrias valles e montes, aos cuidados regulares das familias de immigrants.

Mas se em Janeiro os dias chuvosos succedem-se exaggeradamente e o trato diario já não domina o matto que cresce e ameaça a colheita, recorre-se ainda uma vez ás turmas de camaradas nacionaes para que dêm um arranco no serviço e ponham as carpas em dia. E quando chega o momento de colher, em que se necessita de uma maior quantidade de braços que o exigido pelo cultivo annual da lavoura, apresentam-se então turmas volantes de bahianos e nordestinos que vieram de suas terras em longas caminhadas, acampando á beira dos rios de agua limpida, como bandos de ciganos. Mas logo que a safra já se acha recolhida ás tulhas, esses sertanejos al-

mejam de novo os seus recantos nataes. Quem os vir de volta, estalando timidamente as suas alpercatas atravez Minas afóra, reconhecerá logo em todos elles por debaixo do chapéo de couro e dos cabellos pretos corridos, uma cabeça muito redonda e a face mongolica.

Os nacionaes, brancos ou em adeantado processo de aryanização — tal como os europeus — conservam ainda do seu passado historico um volante regularizador de energias. Devem agir em toadas mais ou menos certas; não ha que lhes pedir altos e baixos exaggerados na distribuição de seu vigor physico. Mas, elles têm em compensação maior força dynamica a extrahir dessa inescia do passado; sentem-se capazes de vencer os empecilhos que por ventura lhes surjam á frente e mostram uma certa constancia na acção. (Superioridade de raça? Condições mais favoraveis do meio? Nada disso vem aqui ao caso).

Esses homens constituíam as aristocracias que, successivamente, dirigiram os engenhos no cyclo do assucar, em Pernambuco e na Bahia, commandaram o esforço pioneiro paulista, esgravataram a terra no seculo do ouro em Minas Geraes, alastraram o café pelo valle do Parahyba e, hoje, formam a propria massa da população por todo um Brasil temperado, de São Paulo ao extremo sul. Estes brasileiros brancos, na sua incontestavel efficiencia constructiva, não constituem problema para nós.

Rompendo os diques que circumscreviam o preto ao kysto ethnico das senzalas — como ainda hoje nos Estados Unidos — o problema negro no Brasil tambem não existe, como não ha entre nós problema indio. Mas em compensação surgiu outro, mais diffuso e complexo, o do mestiço. Quanto a este typo de homem, muitos dos nossos ethnographos e anthropologistas, procurando dados que permittam pôr em equação o problema dos cruzamentos, vêm esmiuçando particularidades que differenciem os nossos varios typos de branco, de indio e até de preto. Resolver o problema sob este aspecto complexo é uma pura fantasia contraria ás normas scientificas, e os que assim pretendem, como por exemplo Oliveira Vianna, estão limitados á um successo puramente litterario e de mera erudição. Outros — aquelles que, tal como Roquette Pinto, se agrupam entre os homens de sciencia — não hesitam em desprezar as variaveis de caracter secundario, que difficultam sobre modo o estabelecimento do problema em equação. (Encarando apenas as tres variaveis da raça só teremos evidentemente uma solução approximada. Mais tarde, entretanto, no dia em que estivermos amparados por melhores estatisticas, poderemos pretender enquadrar de mais perto resultados mais precisos).

Dentre os nossos mestiços, o sertanejo, com maiores doses de sangue branco e indio, é um typo de mistura já bem definido com característicos um tanto estaveis. Numa correlação logica entre característicos phisicos e os aspectos psychologicos, este individuo já mostra uma certa fixidez de caracter: é constante em seus apegos, é fiel aos seus compromissos. Eis um mestiço que não parece constituir incognita primordial no cadinho das nossas formações ethnicas. Para o futuro elle continuará muito approximadamente a ser o que já é.

Mas de Pernambuco ao Rio de Janeiro, pela faixa tropical littoranea, e em Minas, na zona subtropical do planalto, processa-se um amalgaма negroide ainda mal definido e muito instavel. Ahi reside o nosso verdadeiro problema ethnico.

O mulato — ao menos nos seus característicos mais apparentes — é um producto transitorio. Pela diluição em novas vindas de sangue branco; por expulsão dos caracteres pretos dominados aos poucos pelos caracteres brancos, que lhe estão juxtapostos sob uma forma mendelica, os mulatos voltam facilmente ao typo branco original.

Como reflexo logico dessa sua transitoriedade o mulato em geral é inconstante. Os seus grandes enthusiasmos, de um desinteresse tão captivante, são infelizmente passageiros. E a inconstancia muitas vezes póde degenerar numa verdadeira traição; uma traição sem maldade, sem ser de caso pensado.

Por outro lado o mulato é imaginativo e tem muita sensibilidade artistica. Os “nônhos” que liam romances e depois, enlevados, iam procurar paleativos nas senzalas, balbuciando entre os dentes “façamos de conta”, — tal como dizia Onam — já mostravam tambem muita imaginação ao fantasiarem o desencanto das suas creoulas... O mestiço que dahi proveiu generalizou-se entre nós, esse “façamos de conta”, e um estado de espirito imaginativo que se chamou de “mulatismo” ten-

deu a perdurar numa terra de immigração, escassa em mulheres.

Nos constantes desmazelos de attitudes — que já são como um ensaio de dança — o sexualismo exaltado do mestiço se tornou proverbial, e não se encontra em nenhuma lingua européa um termo correspondente ao “rebolar”!

A arte, sendo um fructo do sexualismo recalcado, como muitos o querem, os povos sexualmente tranquilllos não teriam arte como os povos realmente felizes não teriam historia... Ha que esperar algum grande successo de uma parte brasileira incentivada pela mestiçagem?

O mulato tambem se mostra de uma rara vivacidade intellectual, conquanto não seja profundo, o que exigiria demasiada perseverança nas suas intenções. O que haverá de fixavel nestes seus varios aspectos característicos?

Os evolucionistas, quer se intitulem Néo-Darwinistas, Néo-Lamarkistas, ou sejam adeptos das mutações, todos estão concordes em attribuir ao meio uma acção primordial, modificadora ou selectiva.

Se é difficil condicionar ambientes que sejam propicios ás predisposições louvaveis de um certo typo de nome, é bem facil traçar directrizes educacionais que lhes refreiem as tendencias condemnaveis. Por isso é triste vermos constantemente em nossos collegios os professores inquirirem alumnos para descobrir os culpados de peraltagem, e consentirem que um dos meninos tome conta dos outros, incitando assim á delação e á falta de solidariedade!

Nossas normas escolares basicas — antes de quaesquer maiores subtilezas pedagogicas — deveriam ter em vista o combate á instabilidade de caracter. Cuidariamos assim do nosso futuro, mesmo sem ensinar efficientemente arithmetica ou chorographia.

MIRAN DE BARROS LATIF

Anna de Castro Osorio — *O Principe das Maças de Ouro* — Guimarães & Cia., Lisboa.

Lendo estas historias para creanças, o que antes de tudo se percebe é que a autora possuia uma sensibilidade nitidamente brasileira, um modo de narrar que é perfeitamente comprehensivel para nós outros. Quantas analogias na mentalidade dessa grande escriptora lusa com a da nossa gente! Ou porque tivesse ella vivido longamente em nosso paiz, impregnando-se das almas e dos costumes daqui, ou porque preexistisse em Anna de Castro Osorio um lyrismo talvez mais tropical que peninsular, o caso é que todas as suas pequenas narrações parecem saídas de labios de brasileira, parecem tecidas por uma dessas creaturas já meio idosas das nossas regiões de montanha ou de beira-mar que juntam em torno de si dezenas de garotos, ao cair da tarde, e os vão fazendo passear pelos mais lindos sonhos, horas a fio, em companhia de princezas, fadas e guerreiros cheios de rompantes. A mãe de José Osorio de Oliveira falou sempre naquelle “portuguez com assucar” que Eça de Queiroz dizia ser a fala brasileira e é talvez por isso, tanto quanto pelo real talento dos seus livros, que a admiraremos sempre, fazendo-a, para todos os effeitos, patricia nossa.

Karl von Schumacher — *Madame Du Barry* — Bedeschi Editor — Rio.

Um dos nossos grandes traductores é, sem duvida nenhuma, Fernando Nery. Ficou memoravel o honroso esforço com que elle trouxe ao nosso idioma livros de Dostoievski, de Anatole France, de Paul Bourget, sem lhes desfigurar o encanto de origem, sem accrescentar novos monstros á prosa do nosso paiz. Conhecedor de muitas linguas estrangeiras e, acima de tudo, mestre do vernaculo em todas as modalidades classicas ou modernas, Fernando Nery é, traduzindo, um creador. Assim, nestas soberbas paginas da *Madame Du Barry*, de Karl von Schumacher, que de resto não é, no texto artisticamente divulgado pelo livreiro Americo Bedeschi, adaptação integral do humanista patricio, mas apenas lhe deve uma revisão cuidada. Como quer que seja, bastou que por ahi passasse a escrupulosa cultura de um homem que tanto sabe de grammatica e de esthetica, para que chegasse ás nossas mãos um volume escoimado de solecismos ou de quaesquer faltas de gosto litterario. A favorita de Luiz XV, já levada ao cinema pela actriz Dolores Del Rio, apresenta-se agora em condições de deter o interesse das creaturas mais fatigadas por esse genero de escriptos.

Cicero — *Da Republica* — Athena Editora — Rio.

Patrono supremo de quantos esgrimem na oratoria politica ou judiciaria, Cicero — e isso é um indicio de immortalidade — continua a apaixonar os que o collocam entre os santos leigos da Patria e, inversamente, os que enxergam nelle um moinho de bellas palavras muito bem tarifadas pelos seus constituintes no fóro de Roma. Mas, emquanto admiradores e contendores do amigo de Catullo e inimigo de Catilina persistem em arengar a proposito do homem que tanto arengou na cidade das sete collinas, não ha mal algum, e ha mesmo proveito para a nossa cultura, em que leiamos este soberbo volume sobre qualidades e defeitos das instituições republicanas. Volume traçado por alguém que, a nosso ver, não dispunha apenas da sonora sciencia de guela, mas era tambem um doutrinador em condições de manejar difficeis postulados de ordem sociologica, antevendo muitos conceitos dos modernos nisso de joeirar a boa democracia da quella balburdia demagogica em que muitos viriam a conspurcar o mais bello dos sonhos de Platão. A traducção, de extrema clareza, é do publicista Amador Cysneiros.

Reynaldo Moura — *Outomno* —

Livraria do Globo — Porto Alegre.

Não nos cabe apresentar esse poeta aos leitores do nosso *Boletim*, visto como se trata de um intellectual gaúcho que muitas produções tem inserido em nosso mensario. Nascido em lindos recantos meridionaes quando ainda resoavam as vozes dos néo-symbolistas de lá, encantados na doce prosodia de um Samain e de um Rodenbach, o sr. Reynaldo Moura nem por isso insistiu demasiado nas notas de um melodioso decadentismo. Empolgava-o, nas gentes circumstantes, uma fremente renovação de vida industrial ou rural, e elle não podia deixar de comprehender que os rythmos poeticos participariam da sanguinea vivacidade ambiente. Dahi ser tambem um moderno bem moderno.

Agenor Augusto de Miranda —

O Rio São Francisco — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Em tudo digno de figurar na collecção *Brasilliana*, da maior das nossas casas editoras, é este criterioso retrospecto das occorrencias physicas ou moraes do Valle do São Francisco. Ainda que evitando derrames de eloquencia ao referir-se ás paisagens de uma zona que tantos convertem apenas em litteratura facil, através de miragens puramente verbaes, o sr. Agenor Augusto de Miranda, que parece ser um homem de acção, essencialmente objectivo, faz-nos ver, em synthese directa, costumes, possibilidades, riquezas e tambem deficiencias de um vasto trecho de Brasil bem brasileiro que, aproveitado em sentido nitidamente humano, seria ás direitas aquelle caminho de civilização que João Ribeiro celebrou como o grande mestre de historia que era.

João de Castro Osorio — *O Cancioneiro Sentimental* — Ed. Desco-brimento, Lisboa.

São versos de um pensador que vaca á poesia especialmente em momentos de grande agitação de espirito. Póde dizer-se que o lyrismo é ainda nelle um caso moral. Homem de idéas, dos que mais as têm prodigalizado no Portugal de hoje, mostrando-se um sociologo em cujos trabalhos ha sempre o que aprender, o sr. João de Castro Osorio patenteia neste *Cancioneiro Sentimental*, não haverem emmudecido nelle as velhas vozes meio romanticas da raça. Muito fina é a sensibilidade desse europeu que tanto tem meditado e tanto tem escripto sobre os problemas fundamentais da Lusitania, e, se é acima de tudo um philosopho, um constructor de doutrinas politicas, nem por isso os seus versos deixam de possuir sempre uma cadencia, uma emoção, uma dignidade de lyrista fóra do commum.

Magalhães de Azeredo — *O Eterno e o Ephemero* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Amigo e discipulo de Joaquim Nabuco, o sr. Magalhães de Azeredo vem ha alguns decennios publicando livros e livros. Se a sua producção poetica propriamente dita nada accrescenta a uma litteratura que deu Castro Alves e Raymundo Corrêa, manda a verdade reconhecer que nos ensaios em prosa marca elle muito bem curiosas individualidades nossas ou europeas. As paginas em que allude a Machado de Assis ou a Eça de Queiroz podem ser ainda hoje percorridas sem deslustre para o diplomata que tão longamente nos representou ás margens do Tibre. Procurando aligeirar em tendencias modernistas um peculio de classicismo por vezes um tanto severo, o sr. Magalhães de Azeredo é, nos trechos mais significativos, um impressionista dos ambientes historicos, com vocabulario sempre adequado á psychologia das creaturas situadas nas suas evocações.

Olmiro Azevedo — *Vinho Novo* —

Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

Olmiro Azevedo, o poeta consagrado do *Veio d'Agua*, livro que, quando appareceu, logrou os mais justos elogios de Paulo Arinos, Augusto Meyer, Darcy Azambuja e Agrippino Grieco, é tambem um nome familiar aos leitores desta revista, que por varias vezes já teve oportunidade de inserir alguns dos seus melhores poemas, então ineditos, e que agora, reunidos a outros, apparecem nessa linda collecção do *Vinho Novo*. Natural de Caxias, no Rio Grande do Sul, uma das poucas regiões vinhateiras do nosso paiz, os seus versos cantam "a terra loura e verde", "a terra loura pelo vinho louro e amavel que vem das vinhas prodigas". Mais de espaço, tornaremos a falar nesse delicioso poeta, que nos chega do Sul como um deus Baccho, cercado de racimos e pampanos.

Humberto de Campos — *Mealheiro de Agrippa* — Liv. José Olympio — Rio.

E' a segunda edição de um livro que se vendeu fartamente quando divulgado pela livraria Leite Ribeiro. Explorando o conto e a chronica com uma ligeireza e uma vivacidade que raros contemporaneos seus possuiam, Humberto, ainda quando se aprovisionasse em fontes europeas, sabia adaptar os lances e os typos dos seus trabalhos ao nosso paiz, e dahi resultava qualquer coisa que era sempre inedito encanto para os leitores que nos in-folios procuram apenas prazer e não pretexto para arduas meditações. Assim, no *Mealheiro de Agrippa*, que, não obstante o titulo meio austero, só se propunha a desfranzir a carantonha dos cidadãos mal humorados. E assim na *Seara de Booz*, onde o rotulo biblico é apenas o disfarce para que se expandisse a exuberancia critica de um tropical para quem não havia, antes da molestia que o dilacerou, litteratura sem riso e malicia.

G. V. Hamilton — *O que ha de errado no casamento*. — Civilização Brasileira — Rio.

Em companhia de outro habil solucionador de problemas sociaes da hora presente, o sr. G. B. V. Hamilton, que se nos apresenta na boa linguagem nacional de um Monteiro Lobato, procura mostrar diversas imperfeições que tornam a vida domestica uma insupportavel miniatura de inferno. Todavia, não estão em jogo pessimistas que desesperem totalmente de concertar os aleijões moraes das creaturas que procuram o pretor e o padre apenas para depois maltratar-se reciprocamente, martyrizando-se de parte a parte com uma fria crueldade que não occorreria ao peor dos torcionarios chinezes. G. V. Hamilton e seu parceiro, indicando os pontos vulneraveis do matrimonio, tambem não deixam de estabelecer um intelligente diagnostico em condições de reparar os danos produzidos pela civilização frenetica dos tempos.

Santiago Dossetti — *Los Molles*

— S. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

E' com justiça que esse brilhante nucleo de homens cultos do Prata se ufana de haver chegado, com este livro do sr. Dossetti, ao vigesimo quinto volume da collecção que lançaram com uma confiança á primeira vista temeraria no bom gosto dos leitores argentinos e uruguayos. Confiança, de resto, galardoadada pelo pleno apoio de quantos, em taes paragens, sabem distinguir o volume em que ha realmente medulla de talento daquelle em que os graphomanos gastam inutilmente tanta cellulose de pinheiro. No que se refere ao trabalho recém-apparecido, é dos mais attraentes, como resumo da vida rural de um lindo recanto da America. São os cansaços e as alegrias no contacto com a terra moça, entre o arado e os folguedos dominicaes. Excellentes as paginas que se propõem a elucidar a sempre difficil psychologia dos pretos

NOVIDADES DO MEZ

Últimas Edições da Companhia Editora Nacional

E. R. Burroughs	FERAS DE TARZAN (2ª edição)	3\$500
Antonio G. Carvalho	VULTOS DA REPUBLICA	6\$000
Emma Southworth	A SOGRA	4\$000
Charlotte M. Brame	A ALLIANÇA PARTIDA (2ª edição)	4\$000
Rudolf Laum	A DEMOCRACIA	15\$000
A. Assolant	AVENTURAS MARAVILHOSAS DO CAPI- PITÃO CORCORAN	3\$500
Afranio Peixoto	HUMOUR, (2ª edição)	7\$000
Mario Travassos	REGULAMENTO INFANTIL II	5\$000
João Dornas Filho	SILVA JARDIM	7\$000
Dr. Pedro de Alcantara	HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA	25\$000
M. Delly	ELFRIDA (2ª edição)	4\$000
Henry Ardel	FILHA E RIVAL	4\$000
Acton Davies	O PERFUME DO PASSADO	4\$000
Monteiro Lobato	ESCANDALO DO PETROLEO	6\$000
Gilberto Freyre	SOBRADOS E MUCAMBOS	12\$000
Roberto Boucard	O INTELLIGENCE SERVICE	4\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL -- Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo. Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL.

LIVRARIA 'JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — TEL. 23-2389

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE AGOSTO

Arthur Ramos — INTRODUÇÃO A' PSYCHOLOGIA SOCIAL....	20\$000
Graciliano Ramos — ANGUSTIA (romance)	7\$000
Alvaro Moreyra — TEMPO PERDIDO (chronicas)	6\$000
Sergio Milliet — MARCHA A' RE' (chronicas)	6\$000
Vivaldo Coaracy — ZACARIAS (Commentarios Politicos)	8\$000
Xavier Marques — TERRAS MORTAS (Contos)	6\$000

NOVIDADES DE JULHO

Jorge Amado — MAR MORTO (Romance)	10\$000
" " — CACAU — 3ª edição — (Romance)	7\$000
" " — SUOR — 2ª edição — (Romance)	7\$000
Lucio Cardoso — A LUZ no SUBSOLO (Romance)	10\$000
Rodrigo Octavio — MINHAS MEMORIAS DOS OUTROS — Ultima série	10\$000

Humberto de Campos:

Série Conselheiro XX — O ARCO DE ESOPHO (Nova edição)....	8\$000
" " — POMBOS DE MAOME' (Nova Edição) ...	8\$000
" " — GANSOS DO CAPITOLIO (Nova edição)	8\$000
" " — BACIA DE PILATOS (Nova edição)....	8\$000
" " — GRÃOS DE MOSTARDA (Nova edição) .	8\$000
" " — SERPENTE DE BRONZE (Nova edição) .	8\$000
" " — TONEL DE DIOGENES (Nova edição)...	8\$000
" " — VALLE DE JOSAFÁ' (Nova edição)....	8\$000
" " — A FUNDA DE DAVID (Nova edição) ...	8\$000
" " — ANTHOLOGIA DOS HUMORISTAS GA- LANTES (Nova edição)	8\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

JOAQUIM NABUCO	
Um Estadista do Imperio	
— 2 vols.	50\$000
GUSTAVO BARROSO	
O Integralismo e o Mundo	
— Broch.	6\$000
H. DE BALZAC	
O Crime do Padre Mouret	
— Coll. Sip — 2 vols. — cada vol.	2\$500
OCTAVIO DOMINGUES	
Heredidade e Eugenia	
— 6.º vol. da Bib. de Di- vulgação Scientifica dir. pelo Prof. Arthur Ramos (App.)	8\$000
LEÃO DE VASCONCELLOS	
Nossa Senhora da Ausen- cia	6\$000
Publicações da Academia Brasileira — "Discursos Academicos" — 5.ª série (1920-1923). Broch. ..	12\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instrucções. Envia-se
catalogo gratis.

UMA VIAGEM NO REINO DA POESIA

Quando no romance *Jubiabá* o escriptor Jorge Amado teve de conduzir o negro Balduino em sua peregrinação pelos cais e pelo reconvexo da Bahia, certamente sentiu com intensidade todas as suggestões poeticas que jorravam do ambiente rico em motivos lyricos e estheticos. Desde logo, nesse livro, esboçou paysagens, e tentou um poema forte suggerido pela fascinação traiçoeira do mar. Como uma mãe de enchente sentiu crescer dentro de si a inspiração do grande poema que lhe traziam o mar, o céu, os portos esquecidos, os homens simples, as creanças ingenuas, as aventuras heroicas, as cantigas cheias de encanto. Ali estavam os elementos admiraveis para um poema ainda não escripto. Teve porem de adiar a sua confecção. O negro Balduino era um homem da terra, um negro macho mesmo que não se deixava dominar nem mesmo pela força da poesia ambiente.

Reagiu e sahiu incolume, deixando para o segundo plano a paisagem que elle enchia toda com a sua figura de heroe primitivo. Mas o autor foi quem não se libertou daquela crise de lyricismo. Aquelle céu e aquellas aguas estavam gravados nos seus olhos, o bramido das tempestades, os sussurros doces das ondas, continuavam soando nos seus ouvidos. D. Janaina cantava para elle só o seu canto de sereia. E o poeta que surgira em *Jubiabá* sentiu necessidade de traduzir para os homens da terra a loada mysteriosa da amante dos homens do mar. E escreveu o poema que se chama *Mar Morto*.

Mais uma vez a poesia foi um meio de libertação. Jorge Amado precisava de se libertar do complexo da poesia do mar. Isso para elle se tornara uma necessidade imperiosa. Imperiosa e violenta. E foi da violencia dessa necessidade que nasceu esse poema suave e sem violencia nenhuma. O romancista cerebral de *Suor* fôra conquistado pelo mysterio dos olhos verdes da "Mãe D'agua" e resolveu viajar

lyricamente nesse *Mar Morto*, procurando aprender com os homens do mar o segredo que os homens da terra nunca haviam lhe ensinado.

Como tudo é instinctivo *Mar Morto* é um romance mais de impressões do que de observações. O autor deslumbrado e ofuscado pela beleza exterior não desceu ás investigações profundas, aos problemas que estavam sob a superficie, "camouflados" pelo colorido deslumbrante do que estava á flor da terra. Os motivos estheticos abundavam diante delle se offerecendo. Eram variados e tentadores. O

artista seduzido pela beleza do que tinha diante de si entregou-se á fascinação. E foi por isso que no romance *Mar Morto* o romancista cedeu a penna ao poeta que estava dentro delle esperando o momento de se manifestar. Penso porem que a evolução do escriptor, do ultimo livro para o livro de agora, talvez de certo modo não compense o recuo do romancista e principalmente do romancista revolucionario. Não quero dizer com isso que a beleza litteraria, a forma cuidada, a poesia, sejam elementos despreziveis para a litteratura social. Ao contrario. O que porem me parece imprescindivel é que os elementos simplesmente estheticos não estejam em desequilibrio com a veracidade da narrativa, não façam esquecer com os seus encantos a verdadeira situação do personagem dentro do ambiente, sem a aformozar, sem poetizar. Os dois elementos: — fidelidade historica e beleza, podem coexistir perfeitamente no romance de these, desde que um desses elementos não afaste o outro para um plano secundario. Do contrario a finalidade principal do romancista moderno: — expor a verdade individual e social, sob uma forma accessivel á comprehensão das massas, estará completamente desvirtuada.

De certo modo, sem pretender nem de longe, dar lições ao autor de *Jubiabá*, que considero um mestre do romance moderno, acho que no livro actual, o romancista sacrificou a força de humanidade dos personagens em beneficio da perfeição esthetica dos ambientes. Dahi passar o elemento humano do livro para um segundo plano, sem se destacar da paisagem, passando á categoria de simples accessorio. Para isso todos se estylizaram, aformoseando-se, limando as arestas naturaes, para não contrastar com o ambiente, não quebrar a docura do scenario onde têm mais aquella naturalidade alegre e communicativa do negro Balduino, a sua força de vi-

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE CULTURA

Uma bibliotheca de cultura dentro do espirito tradicional do paiz
VOLUMES PUBLICADOS:

- | | |
|---|---------|
| I — INTRODUÇÃO A' ECONOMIA MODERNA — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 10\$000 |
| II — ESTUDOS, 2. ^a série, — de Tristão de Athayde (2. ^a edição) | 8\$000 |
| III — ESTUDOS, 5. ^a série, — de Tristão de Athayde | 8\$000 |
| IV — TRATADO DE PEDAGOGIA, por Monsenhor Pedro Anísio (2. ^a edição) | 10\$000 |
| V — AFONSO ARINOS, — de Tristão de Athayde | 5\$000 |
| VI — A PSYCHOLOGIA DA FE', — pelo padre Leonel da Franca S. J. (2. ^a edição) | 8\$000 |
| VII — ANCHIETA, — de Jorge de Lima | 6\$000 |
| VIII — TECHNICA DA PEDAGOGIA MODERNA, — de Everardo Backeuser (2. ^a ed.) | 10\$000 |
| IX — TENDENCIAS DO PENSAMENTO CONTEMPORANEO, — de Tasso da Silveira | 7\$000 |
| X — INDICAÇÕES POLITICAS (Da revolução a Constituição) — de Tristão de Athayde | 8\$000 |

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 162 — Rio de Janeiro

da, a sua personalidade marcada e symbolica, de raça e de classe. Ficaram indecisos como Guma, sujeito cheio de virtudes domesticas, soffrendo remorsos pueris porque possuiu uma vez, quasi forçado, a mulata bôa que se offerecia como uma fructa appetitosa. Amolengam-se como Rosa Palmeirão, derramando lagrimas sentimentaes no desejo de ter um filho com Guma. Estylizam-se como Lyvia, cheia de delicadezas de bôa dama um tanto romantica. E assim todos se converteram, são bons sujeitos que temem o mal e estão a caminho da perfeição. Mesmo as creanças barbaras desses homens rudes não têm aqui o caracter de fuga á realidade cruel que é a vida amarga dos desprotegidos da fortuna. Os seus ritos tomam a feição de cerimoniaes de estylo, sem a força impressionante da sua barbaria, as allucinações, a mistura do mystico com o sensual, expansão de recalques, simulacro de libertação, mixto de audacia e terror. Civilizaram-se. Perderam a miseria dos homens do caes, de tão poetizada não chega a convencer. Quasi que a gente tem inveja delles. Da sua vida aventureira, das suas leis de solidariedade, dos seus gestos cavalheirescos, das bellezas que o mar lhes offerece dadivoso, da sua paixão romantica pelos seus barcos aventureiros e valentes.

— “Como tudo isso é bonito e como seria bom viver assim”, dirão certamente os imbecis “blasés”, cançados por attitudo dos requintes que a civilização lhes proporciona. Mas, como sempre, estarão enganados pois a verdade é muito differente do que elles supõem.

Poucas paginas na lingua portugueza terão attingido á belleza desse romance de Jorge Amado. Ha realmente em todo o livro uma força extraordinaria de poesia, de uma poesia limpida, instinctiva, espontanea, que embriaga e embala como o proprio movimento das aguas mansas dos mares socegados. Paginas que pela sua belleza ficarão vivendo por muito tempo ainda,

paginas que não acompanharão o corpo de Guma que se perdeu dentro do mar no seio da noite cheia de ameaças. Guma é que fez bem em morrer. Não era para as forças delle a tarefa de encontrar o caminho do mar. Esta força está com o negro Balduino. Este sim que é o negro bom, negro serio, que não conhece mar morto em seu caminho, pois todo mar é para elle uma estrada viva por onde viajará um dia cheio de coragem, com os seus musculos de aço e a sua navalha sarada, com o seu violão maneiro e os seus sambas chorados, para o destino dos que ainda têm na vida uma esperança de libertação.

DIAS DA COSTA

— Gérard d'Houville, nas *Nouvelles Littéraires*, chama a attenção para o volume *Poésies*, em que Pierre Camo reuniu o melhor da sua produção, como *Le jardin de la Sagesse*, *La Belle Sarrasine* e o *Livre de Regrets* apparecidos anteriormente em outras edições.

— A venda, em Paris, da importante bibliotheca de Louis Barthou só agora terminou, attingindo á espantosa somma de seis milhões seiscentos e noventa mil francos, entre as ultimas preciosidades bibliographicas que foram disputadas pelas maiores sommas, convem assignalar algumas cartas de Bossuet, vendidas por 18.520 francos e outras tantas de Rimbaud á sua mãe e sua irmã Isabel, que custaram a um amator 16.000 francos.

— Henri de Montherlant é escriptor que nunca se repete. Cada livro seu, seja poesia, romance ou ensaio, traz sempre alguma coisa de novo. Assim foi uma surpresa para todos o seu penultimo romance *Les Celibataires*, e o mesmo já se diz a respeito do ultimo, *Jeunes Filles*, de que a critica começa a se occupar, com os maiores elogios.

— J. Kessel já é um escriptor bastante conhecido do publico brasileiro, depois que Gastão Cruls, sob o titulo de *Luxuria*, passou para o portuguez o seu bello romance *Belle de Jour*. Agora, no *La Passante du Sans-Souci*, Kessel reafirma as suas qualidades de vigoroso ficcionista, pois que essa obra é classificada por Edmond Jaloux como uma das melhores que elle já produziu.

— André Gide acaba de reunir em volume novos excerptos do seu diario *Nouvelles Pages de Journal* (1932-1935) foi lançado pela Casa Gallimard na sua conhecida collecção *Les Essais* e é livro que, dentro em pouco, andará espalhado por todo o mundo, tal é hoje a projecção do nome do grande escriptor francez

João Dornas Filho — *Silva Jardim* — Cia. Editora Nacional, S. Paulo.

Estava faltando á nossa litteratura historica uma recomposição em conjunto do que disse e fez o republicano Silva Jardim. Pois essa reconstituição temol-a agora no vibrante ensaio do sr. João Dornas Filho, mineiro affeito a ir ao passado extractar episodios que marquem a actuação de quantos nos legaram o Brasil de hoje. Manifestamente, Silva Jardim empolga-o, apaixonou-o. Difficil é julgar creaturas que de tal forma nos sacudam a emoção. A verdade, porém, é que as demasias de enthusiasmo não entorpecem, no autor da monographia, o trabalho de joeira, de selecção, obrigatorio sempre que se pretenda mostrar o util e o inutil de um grande morto. Tendo lido, e de modo integral, jornaes e revistas que reflectam a odysseia de Silva Jardim, sempre em catechese civica pelo Brasil inteiro, o sr. Dornas não se deixa nunca desviar por uma apologia irrestricta, abandonando-se a uma canonização leiga que importaria em destruir um assumpto indiscutivelmente optimo. Bem felizes as annotações com que acompanha a oratoria em marcha do amigo de Theophilo Dias, o seu puritanismo de democrata infenso ás posições rendosas, o seu destemor, quasi gelido deante das armadilhas de adversarios rancorosos. Tudo é claramente rememorado, e mesmo criticado, pelo retratista verbal do homem que pereceu no Vesuvio.

Antonio de Alcantara Machado — *Mana Maria* — Livr. José Olympio Ed. — Rio.

Doloroso destino o desse grande escriptor, que não teve tempo de ultimar a série de obras-primas de que eram prenuncio os seus soberbos volumes iniciais, sejam as deliciosas notas do turista desabusado, sejam os retalhos de vida dos bairros italo-brasileiros da Paulicéa. Destino tanto mais doloroso quanto nem sequer lhe foi dado concluir esta empolgante novella, *Mana Maria*, de que temos uma apresentação posthuma em condições de marcar o terrivel roubo infligido á nossa litteratura pela prematurissima perda de um tal interprete de almas. Os periodos de Alcantara como que ainda estão fremin-do da emoção que os gerou, ainda palpitam da agudeza visual ou auditiva com que elle os ia recolhendo de um precario mundo real para a eternidade do que foi bem sentido e bem escripto. Mas, se em certas passagens *Mana Maria* ainda deixa entrever o que lhe accrescentaria a vontade de perfeição que foi uma das forças desse moço sempre submisso á verdade dos caracteres, ahi está, no volume amavelmente coordenado pelo editor José Olympio, um dos milagres da nossa prosa: a incomparavel historia das *Cinco Panellas de Ouro*, que nos déra, quando publicada na *Revista Nova*, a sensação instantanea de que o Brasil encontrara afinal o seu contista.

Cinema

DIA DO CINEMA

(Chronica irradiada na "Hora do Brasil")

Cidade Mulher (Brasil Vita Film) — Direcção de Humberto Mauro) — *Cidade Mulher* está fóra do cinema como as obras de Ohnet estão fóra da litteratura. Quasi nem se justifica fazer-lhe a critica numa secção dedicada a films.

O preambulo em que Carmen Santos se desculpa diante do publico, pedindo clemencia para sua producção, que não póde, diz ella, soffrer confronto com as estrangeiras, inclinamos a sympathisar enormemente com o seu esforço louvavel, com a sua força de vontade, com a sua abnegação em favor dessa coisa inexistente que é o cinema brasileiro.

Lastimamos que Carmen Santos não tenha chegado a um accordo com Mario Peixoto, o extraordinario director de *Limite*. Em taes mãos o valor humano que ha em Carmen Santos realizar-se-ia plenamente.

Cidade Mulher é um amontoado de gags sem espirito, de piadas reles e numeros banalissimos de revista.

Para mostrar duas cidades estrangeiras apparecem duas photographias, dois *stills*, na falta de elemento para apresental-as cinematographicamente.

Jayne Costa, esse Alfredo Silva correcto e augmentado, esparrama-se em todos os seus defeitos de homem de theatro nacional. Piadas, graças, trocadilho, caretas.

Diante de *Cidade Mulher* sente-se uma immensa saudade de *Barro Humano* e da apreciavel scenarização de Paulo Wanderley.

Cidade Mulher é um principio. Mas infelizmente já é muito tarde para começar tão lamentavelmente.

Garota de Aldeia (Little Town Girl) — Metro Goldwin — Um film de linha, um film commum, um film como se fabricam muitos. Entrechtos simples: um rapaz rico, medico, rapta uma menina de uma pequena cidade, que se deixa arrastar pela ansia de fugir á mesmice, á estreiteza da vida local. Entram num *cabaret* onde já estão muitos estudantes e lá embriagam-se convenientemente. Percorrem de auto, em velocidade louca, varias cidades e vão acabar batendo na porta do juiz de paz de uma cidade qualquer, isso alta madrugada. O funcionario, ridiculamente mettido na sua camisola de dormir, casa-os, sem que o rapaz tenha consciencia do acto que está praticando.

O film gira em torno das difficuldades criadas por esse acto absurdo, pois o rapaz estava noivo e dever-se-ia casar brevemente. Não ha solução para o caso e os dois resolvem adoptar o seguinte *modus vivendi*: fingir, diante de todos que são um casal feliz, um par alegre, em perfeita harmonia.

Attendo com muito prazer ao convite da Associação Cinematographica de Productores Brasileiros que me pede algumas palavras na "Hora do Brasil" sobre "os progressos e as possibilidades" do cinema nacional.

Os progressos foram grandes nos ultimos annos; mas foram, por muitas causas, demorados. O caminho foi percorrido lentamente, a custa de muito esforço e dedicações sem limite. O preparo technico profissional, no paiz, representa ainda hoje uma conquista individual; somos todos auto-didactas. Que dizer então do que acontecia ha uns trinta annos quando já faziam cinema bem bom os Botelhos, o Velho Musso, Benedetti e outros mais.

Duas condições, ao que penso, vieram influir ultimamente no desenvolvimento do cinema brasileiro. A primeira foi a implantação do cinema sonoro. Si até hoje fossem mudas as fitas, muito difficil seria a victoria dos profissionaes do paiz. A concorrência continuaria a dominar os melhores objectivos. Falado, porém, o film, só póde ser inglez ou allemão — provisoriamente...

A attitude das platéas que passam horas e horas a escutar phrases e pa-

lavras de que nada pescam, não deixa de ter o seu laivo de ridiculo... Afinal, é cinema falado como si não fosse. Quando ha musica, sempre se salva alguma coisa. Dominando, o *falado*, impõe por si mesmo a industria nacional, porque não é negocio para as emprezas norte-americanas ou europeas editar filmes em portuguez. Em portuguez ou em brasileiro. Porque alguns films portuguezes, aqui já exhibidos, vieram mostrar que não podemos dispensar os falados... como nós falamos.

A outra condição do progresso que actualmente já se póde notar na producção brasileira acha-se expressa nos dispositivos do Decreto numero 21.240, de 4 de abril de 1932, que lhe abriu amplas e promissoras possibilidades.

Lembrem-se, pois, os cinematographistas brasileiros que os grandes favores obtidos, foram, pelo Chefe do Governo Provisorio sujeitos a uma clausula solemne: O Cinema deve, cada vez mais, auxiliar a educação do povo.

Isso já não é um dever; é mesmo uma gloria.

Roquette Pinto.

A direcção de William Wellman boa. A entrada dos estudantes na cidade, para disputa do match de football, magnifica, perfeitamente composta, cheia daquelle movimento, daquelle graça sadia, privilegio da mocidade universitaria americana.

A scena da recepção da mulher de Bob Dakin, por sua familia que a desconhece, é dirigida por mão segura. Scena cheia de delicadeza moral, de sympathia humana, de ternura espontanea. Nessa passagem, manifestam-se como de costume as enormes qualidades do velho Lewis Stone, cuja passagem pelo cinema, é um forte sulco luminoso. Elle é um Dr. Dakin inegualavel pela distincção de maneiras, severidade doce da figura, comprehensão perfeita das coisas do mundo.

As sequencias da viagem do hiate merecem reparo pelo *humour* de que estão repassadas. Magnificas as scenas do enjoo de Mrs. Dakin. O criado chinês é uma maravilha.

As scenas, de bordo em que Robert Dakin está grippado tem uma certa significação como estudo de attitudes, de manifestação physica da criatura humana. A face de Bob apparece grande, deitada no leito. A gente vê a bocca augmentada, os labios grossos, carnudos, volumosos, que elle alonga para sorver o remedio. Admiravel poder de analyse da camera. Revela coisas extranhas, desconhecidas, desvendando segredos ignorados num simples detalhe de figura humana !

Janet Gaynor incomparavel e sem favor a melhor ingenua da tela.

O estudo de costumes bem feito, embora não apresente nada de raro, de excepcional. O jantar em familia, o noivo, tem lugar á parte no film e revelam certa capacidade de observação e poder de analyse.

O que choca é o excesso de som na pelicula. Robert Taylor parece um alto-falante. Até os seus suspiros no momento de beijar foram synchronizados.

Afinal de contas, Srs. Wellman, cinema é miragem visual, não é pretexto para que ninguem mostre a força de seus pulmões...

Mozart — Direcção de Basil Dean — Uma bella producção ingleza, uma vida romanceada como o cinema raramente apresenta

Mais uma vez se evidencia a habilidade rara, que os inglezes possuem para evocar o passado, para reconstituições historicas, para recrear figuras de outras épocas. *Catharina a Grande* e *Eduardo VIII* ainda permanecem na nossa memoria.

Agora é a vez do creador da *Flauta Magica*, do *Don Juan* e das *Bodas de Figaro*, desse homem de 35 annos, que foi, juntamente com Bach, o maior creador de musica pura.

O film inicia-se com muita felicidade. A estatua do genio numa nobre

atitude. Estamos em Salzburgo, Austria. O cicerone explica aos turistas curiosos a vida do grande homem. Mozart menino tocando diante de Maria Thereza. Mozart tocando de cór peças difficilimas só ouvidas uma vez.

A gente se commove diante dessa potencia altissima do genio, incarnado num ser tão debil, tão fragil, tão miseravelmente, correndo de côrte em côrte, sem encontrar quem lhe comprehenda a arte maravilhosa. Os principes que o desprezaram, os inimigos que o perseguiram, os que lhe negaram o pão e a gloria estão mortos, inteiramente mortos, irremediavelmente mortos, no mundo physico, e no espirito dos homens, mas aquelle homem tísico, inquieto, altivo, vibratil, viverá eternamente, enquanto no mundo houverem almas sensiveis e admiradoras das grandes obras do espirito.

O contacto de Mozart com os Weber é um verdadeiro achado. A figura ridiculo de Weber, calvo, feio, está a um canto escrevendo. A mamãe Weber está louca para casar as filhas. Mozart apaixona-se pela mais bella das tres irmãs que o abandona por um conde rico.

A mais modesta das Weber é que foi a companheira ideal do grande compositor. Foi quem o acompanhou na sua miseria, quem o amparou na doença, quem lhe deu a força moral necessaria para não desanimar. A ella cabe uma grande parte da nossa gratidão, um grande preito de admiração pela altivez com que soube preferir a vida humilde ao lado do genio á vida gloriosa junto de um principe imbecil.

A scena da morte da mãe de Mozart é de alta dramaticidade. Doçura da morte da velha, cançada, resignada em face daquella coisa inevitavel. A attitude do filho é de espanto, de surpresa aterrada diante do acontecimento brutal, horivelmente doloroso para elle.

Close up de Mozart só na tēla. Não apparece o corpo materno. Elle está face a face com o mysterio insondavel, com a surpresa sempre renovada da morte.

A sequencia mais perfeita do film é a de Mozart transfigurado, enlevado, regendo as *Bodas de Figaro*, para a côrte assistir. Elle se esquece do mundo e é arrebatado pelo turbilhão sonoro que elle proprio creára. Nesse momento é que a mulher, mostrando-o ao duque de Praga, diz: "Olhe, o senhor não lhe poderá fazer mais nenhum mal. Cumprimos a nossa missão neste mundo. Mozart já se havia tornado eterno, inatingivel pela força ephemera do poder temporal.

Mozart é um film bem feito, bem dirigido, recommendavel por varios motivos.

Aurelio Gomes de Oliveira.

Musica

O Prof. Vicente Spinelli occupa o cargo de addido cultural á Embaixada Italiana. Além de poeta, com varios volumes publicados, dedica-se como apaixonado á cultura e á historia da musica, especialmente ás de sua patria. Procurando fazer com que o nosso publico se familiarize com todos os aspectos da musica italiana, vem elle realizando conferencias do mais alto interesse, debaixo do patrocínio do Instituto Italo-Brasileiro de Alta Cultura.

A primeira série dessas palestras foi realizada no anno passado, e tinha como thema a musica pianistica na Italia através dos tempos.

O assumpto era opportunissimo, pois, infelizmente, entre nós, pouco se conhecia a respeito. O Prof. Spinelli teve occasião de relembrar o valor inapagavel dos setecentistas de sua terra, explicou as razões da decadencia daquelle genero no seculo passado, e mostrou-nos a força do resurgimento moderno, que procura recolocar a musica no seu devido lugar.

O thema das conferencias deste anno é ainda mais interessante. Trata-se do historico da musica instrumental italiana, do Renascimento aos nossos dias, estudado em cinco palestras. Até o momento de escrevermos estas linhas, já o Prof. Spinelli realizou duas, a primeira sobre — "a polyphonia e a monodia na Italia da Renascença; origem e elaboração da musica instrumental", e a segunda sobre — "a importancia do alaude, do organ e do cravo na historia da musica pura; phases da orchestra na opera musicada". Nas tres seguintes tratará da rapida fortuna do violino (com Vivaldi, Tartini, Corelli), da musica instrumental na sua phase definitiva (com Boccherini, Clementi, etc.), e da musica pura na Italia de 1800 em diante (accentuando o valor dos contemporaneos, Respighi, Casella, Alfano, etc.).

Os nossos "doutores em opera" ficarão sabendo assim que a patria de Guido d'Arezzo produziu um pouco mais que Verdi, Bellini e quejandos. Aliás, pelo programma apresentado, nota-se que o bom gosto do Prof. Spinelli é notavel, embora a sobriedade com que elle o organizou possa gangear-lhe alguns desaffectedos no nosso meio.

Seja como fôr, o que desejamos fazer vêr é que o esforço de Vicente Spinelli deveria ser imitado pelos representantes de outros paizes no Brasil, como sejam os da Inglaterra, da Belgica, etc. (que também dispõem de Institutos de Alta Cultura no Rio), e cuja musica tão superficialmente conhecemos.

As conferencias do Prof. Spinelli não têm tido a frequencia que mere-

cem, embora sejam acompanhadas de commentarios musicaes executados por alguns dos nossos melhores artistas, entre os quaes é justissimo salientar Roberto Tavares, que dia a dia se revela como um de nossos mais seguros pianistas.

E' pena. Receio que, apesar dessa bella obra já realizada, a nossa maioria continue julgando os *Trovadores* e os *Barbeiros* como o resumo da capacidade musical italiana.

Commemora-se este anno o cinco-entenário da morte de Liszt. Annuncia-se que em São Paulo serão realizados varios concertos de obras do grande mestre. Ao que nos consta, no Rio, só a A. B. de Musica se occupará do assumpto, devendo falar, então, sobre a personalidade do grande hungaro, o Pro. O. Bevilacqua. A escolha foi felicissima, pois o professor de historia de musica do nosso Instituto é das figuras de maior erudição musical do nosso meio.

O grande compositor Malipiero não teve as honras de uma via, com o seu *Julio Cesar*, no nosso Municipal. O nosso publico "operario" limitou-se a gosar ingenuamente a nova opera. A culpa maior cabe á empresa que collocou *Julio Cesar* entre a *Norma* e a *Gioconda*...

C. S.

Antonio Pedro — *Canções e Outros Poemas* — Ed. Revelação, Lisboa.

Este livro é testemunho de que não pôde perecer o velho lyrismo dos lusos. Mau grado as aspirações modernistas que lhe transparecem na variedade de rythmos, o sr. Antonio Pedro não se envergonha de, a certa altura, glosar um mote de Rodrigues Lobo. Isto prova existir em Portugal um indiscutivel encadeamento de motivos inspiradores na successão dos seculos. Todos hão de ali andar sempre a terra, as suggestões da vida pastoril, a ingenuidade que fez cantar o grande Bernardim, que suscitou as trovas do Crisfal e levou Almeida Garrett a andar pelas aldeias colligindo o seu miraculoso romanceiro. Não obstante, como todos os portuguezes, indecisos sempre entre a montanha e o mar, entre a casa rustica e o navio, o sr. Antonio Pedro não deixa de preoccupar-se com as miragens da distancia. Idealista, cultivando ainda a redondilla com uma despretenção e uma simplicidade technica de quem não achará desdenhaveis os fados do guitarrista Hilario, esse contemporaneo nosso realiza por vezes, em versos curtos, concentrações lyricas que valem longos poemas.

Discos

Discos Seleccionados

BRAHMS — Sonata 'N' 1, em Mi menor, op. 38, para piano e cello — (Columbia — LX 404-406).

Brahms, segundo consta, escreveu esta sonata para ser tocada por um de seus amigos, o Dr. Gansbacher, que era violoncellista amador. Dizem que, por essa circunstancia, a parte desse instrumento é relativamente simples. Não nos parece que seja tanto assim. A responsabilidade do instrumento é enorme, embora a parte do piano seja aqui mais importante que nas outras peças do mesmo genero. Emanuel Feuermann executa a sua parte com uma maestria excepcional, tendo para auxiliar-o um violoncello de sonoridade rara.

É particularmente notavel a habilidade com que esse concertista que prometteu visitar-nos este anno faz sobressahir as passagens graves, sombrias do primeiro tempo — *allegro non troppo*. A segunda parte, um *allegretto quasi minueto*, é um encanto de finura e de graça, enaltecido com muita arte pelos executantes. A ultima parte, um *allegro*, é vehemente de energia, cheia de rhythmos imprevistos, transbordando de efeitos contrapontísticos na melhor maneira do autor. O pianista é Theo Van Der Pas. A série de discos é completada por uma transcrição do Orpheu de Gluck (Melodia do 2º acto), executada pelos mesmos interpretes. A gravação é muito boa. E com isso fica a collecção de discos de violoncello accrescida de mais um excellente numero, o que virá, segundo esperamos, augmentar o tibio enthusiasmo do nosso publico por esse instrumento nobre entre os mais nobres.

SAINT SAENS — *Introdução e Rondo Caprichoso*, op. 28 — *Jacha Heifetz e Orch. Philharmonica de Londres dirigida por J. Barbiroli* — (Victor — DB 2580).

Disco indispensavel para a collecção dos violinistas. Não bastava a perfeição irreprochavel da musica do autor de Pheton. Era preciso, para completal-a, a technica sem falhas de Heifetz. Accrescente-se ainda a nitidez da gravação, uma das melhores que a Victor tem conseguido ultimamente. Achamos que esses meritos são mais

que suficientes para recommendar o disco aos que se interessam pelo assumpto.

STRAWINSKY — *Bodas* — *Orchestra de percussão, com Kate Winter, Linda Seymour, Parry Jones, Roy Henderson e coro* — *Direcção do autor* — (Columbia — LX 326-328).

A sede dos strawinskeanos brasileiros poderá ser enfim miligada. O Mestre estivera aqui e não tivera a oportunidade de dar-nos uma de suas obras mais caracteristicas. Só o disco poderia salvar a situação. E elle ali está, finalmente, o mais perfeito possivel.

É uma obra que os criticos consideram como basica na evolução da musica moderna. Segundo elles, Stravinsky começa com ella a tratar a materia sonora de modo differente, sem a simples preocupação com os rythmos, os timbres e a pintura. Mas, no fundo, é o desenvolvimento mais largo daquelle principio que o autor annunciara annos antes, isto é, que a musica deve impressionar directamente o ouvido, e não o cerebro. Pelo menos o emprego systematico da percussão dá a entender isso.

Com effeito, a orchestra compõe-se de quatro pianos, caixa, bombo, pandeiro, tuba metálica, triangulos e crotalos, sendo que os pianos são usados unica e exclusivamente como instrumentos de percussão.

Stravinsky levou tres annos a escrever esta peça, de 1914 a 1917. Depois disso corrigiu-a e refundiu-a ainda várias vezes, e só a entregou ao publico em 1921, em Paris, com o Bailado Russo, sob a direcção de Diaghileff.

O texto provem de poemas populares russos, colligidos por Kirieiewsky, e vertidos para o inglez por Craig.

A acção consta de 4 quadros: 1º *As Tranças* (as amigas da noiva ajudam-na a pentear-se); 2º *Em casa do noivo*; 3º *A partida da noiva*; 4º *A festa nupcial*.

Gravação optima.

C. S.

Discos Populares

Odeon, 11388 — *"Um caboclo abandonado"*, samba-canção de Benedicto Lacerda e Heriberto Martins; e *"Madrugada"*, samba, dos mesmos autores.

— Ambos bem mediocres, cantados Sylvio Caldas, que no primeiro está muito ruinzinho, forçando no fim uma vocalização má e de má gosto. Acompanhamentos bons do conjuncto regional de Benedicto Lacerda.

Odeon, 11377 — *"Volta para teu ninho antigo"*, marcha de Mario Travassos; e *"Onde ficou minha sorte?"*, chôro de Gadé e Almanyr Grego.

— O primeiro, interessante; o segundo qualquer importancia. O segundo ouve-se com agrado. Canta-os Aurora Miranda, que na marcha não consegue o que seria de esperar. Acompanhamentos bons, do conjuncto regional de Benedicto Lacerda.

Odeon, 11381 — *"Não precisa pagar"*, samba de M. Buso, F. Fernando e B. Moreira; e *"Pequena Futurista"*, samba de Francisco Mattoso.

— Eis um disco que satisfaz plenamente, graças á excellente interpretação da dupla Joel e Gaúcho. O primeiro samba é bastante interessante. Acompanhamentos bons, do conjuncto regional de Benedicto Lacerda.

Odeon, 11376 — *"Foi no romper da aurora"*, maracatú de Raul Torres e João Pacifico; e *"Segura o samba, João"*, embolada, de Raul Torres.

— O primeiro, interessante; o segundo, mediocre. Canta-os: Raul Torres, regularmente. Acompanhamentos do conjuncto Raul Torres, razoaveis.

Odeon 11374 — *"Repartindo o boi"*, toada; e *"A baixa do café"*, moda de viola; ambos de Ranchinho, Alvarenga e Capitão Furtado.

— Os autores com acompanhamento de viola e violão. Será difficil conceber cousas tão tolas.

Odeon, 11356 — *"A minha allucinação"*, valsa; e *"Léa"*, tango, ambos de Antenogenes Silva e Ernani Campos.

— Duas lindas mediocridades, cantadas mediocremente por Jayme Vogeler. Acompanhamentos da Orchestra Copocabana, com solo de acordeon por Antenogenes Silva.

Odeon, X-3210 — *"Sinto em mim"*, e *"Uma hora sómente"*, ambas de P. Krender e H. Rameau.

— Canções do filme *"Mazurka"*. São magnificas. Canta-as Pola Negri, numa grande interpretação. Acompanhamentos da orchestra Peter Kreuder.

Odeon, 283.032 — *"My heart and I"*, foxe de L. Robin e F. Hollander; e *"Sailor beware"*, foxe de L. Robin e R. A. Whiting.

— Do filme: *"Fuzarca á bordo"*. Têm bastante interesse. Inutil falar de interpretação vocal de Bing Crosby. Acompanhamentos dos melhores, pela orchestra de Georgie Stall.

Odeon, 283026 — *"I'm painting the town red"*, foxe de Stept, Tobias e Newman; e *"Wheather man"*, foxe de Chase e Caesar.

— De interesse muito pequeno, especialmente o segundo — o que é para admirar, visto que Guy Lombardo é um excellente escolhedor de musicas para a sua orchestra. Execução soffrivel de Guy Lombardo and His Royal Canadians.

M. R.

ESTE MEZ:

PROSAS DE ARIEL
De ALBERTO RAMOS

EDIÇÃO ARIEL

INSTITUTO DE COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

Merecem uma especial referencia as recentes publicações deste Instituto, com sede em Paris, já pelo invulgar interesse do seu contexto, já pela admirável apresentação dos seus volumes. Queremo-nos referir não só aos cadernos de *Correspondencia*, com inqueritos sobre *Civilizações*, *O Espirito*, *a Ethica e a Guerra*, ou *Para uma Sociedade dos Espiritos*, e aos quaes respondem os maiores nomes mundiaes, como ainda á collecção de volumes dedicados especialmente a assumptos e autores americanos. E' entre estes ultimos que acaba de apparecer uma magnifica traducção do *Dom Casmurro*, do nosso Machado, feita por escriptor de nome como Francis de Miomandre e que traz prefacio de Afranio Peixoto. Além disto o trabalho do escriptor francez foi revisto pelo inesquecivel Ronald de Carvalho e são de Miomandre as seguintes palavras, numa nota inicial: "Esta traducção estava concluida quando occorreu a morte, por accidente, de Ronald de Carvalho, cujo auxilio e conselho me tinham sido tão preciosos no curso do meu trabalho. Sem este amigo desaparecido eu jamais teria ousado emprender esta versão e não a teria publicado si, depois de minucioso exame, elle não a houvesse completamente approvado. Não quero deixar editar este trabalho sem dizer o que devo a Ronald de Carvalho, e que recordação commovida e fiel guardo da nossa collaboração. Poeta de sensibilidade surprehendente a todos os fremitos da natureza e da vida interior, espirito vasto e poderoso cujo generoso ardor se enthusiasmava por toda obra viva e bella, este homem, ainda tão jovem, tinha deante de si um futuro magnifico. O Brasil nelle perdeu uma força".

S. S. Van Dine — *O Caso Garden* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Em traducção do sr. Monteiro Lobato, é mais uma sensacional novella do escriptor que, mesmo tendo vindo depois de Edgar Wallace, soube crear-se situação de destaque nisso de excitar os nervos do proximo. Van Dine não é um narrador vulgar, uma vez que consegue mesclar aos mais terriveis crimes uma estimavel nota de cultura litteraria, fazendo com que delinquentes seus sejam homens dados a ler romances e poemas classicos, infundindo certo cerebralismo aos sentimentos torpes que os põem em acção contra a tranquillidade alheia. Vasados em moldes analogos são *Os Mystérios dos Archivos Secretos*, de Robert Boucard, nome relativamente novo para os leitores brasileiros, mas que não tardará a empolgar-os, dada a sua noção perfeita dos trucs que mantêm um consumidor de novellas policiaes fascinado á sequencia de peripecias coroadas por um final imprevisto. O sr. Godofredo Rangel, bastante conhecido como um dos nossos melhores ficcionistas de caracter regional, foi quem trouxe até nós essa obra destinada a aclarar-nos a mecanica de varios manejos da diplomacia em seus contactos com a espionagem. Igualmente interessante *O Fantasma de Sandokhan*, desse pobre Emilio Salgari, prosador italiano que andou ás voltas com um destino amargo, mas está desfrutando agora de uma sempre crescente notoriedade posthuma, sendo considerado pelos fascistas uma especie de Julio Verne peninsular. Traductor ainda, no caso, é o vigoroso crador de almas da *Vida Ociosa*.

J. de Aragon — *A Destruição da Atlantida* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

A publicação de mais este trabalho de J. de Aragon evidencia o successo obtido pelo primeiro romance seu que a Companhia Editora Nacional divulgou no Brasil. Já tem elle o seu publico, o que é victoria estimavel num tempo em que competem com tanta força, na ansia de apoderar-se do entusiasmo colectivo, innumeros caudatarios de Conan Doyle e Edgar Wallace. Quanto ao texto portuguez da *Destruição da Atlantida*, devemol-o ao traductor Gustavo Barroso, um especialista de themas dessa natureza, romancados ou não. Outro escriptor que vê sua clientela avultar entre nós outros é H. G. Magog. Soube elle realmente encontrar alguns lances ineditos para a *Ilha Caída do Céu*, que o sempre fino e engenhoso Alvaro Moreyra estilizou para o nosso publico com

o encanto que lhe marca todos os periodos. Ainda que se trate de um volume de viagens, um livro que nos apresenta payzagens e typos que parecem entrar pelos dominios da ficção é o intitulado *A India*, de Bruno Vassel, trazido ao vernaculo pela sra. Lina Hirsch. Percorre-se essa rhapsodia de scenas e costumes orientaes como quem está ás voltas com uma serie de aventuras fabulosas, máo grado a absoluta fidedignidade dos themas e a respeitabilidade do autor, jámais suspeitado de patranheiro. Tenhamos tambem uma referencia para o excellente romance *Bosambo*, de Edgar Wallace, mestre sem mestres no genero em que ascendeu tantas vezes á obra-prima. A psychologia africana foi bem surprehendida por esse machinador de dramas aos quaes não falta nunca uma pontinha de "humour" bem britannico. Garante-nos a excellencia da traducção o nome, por todos acatado, de Basilio de Magalhães. Finalmente, Mayne-Reid contribue, no momento, com a ficção *Perdidos no Deserto*, que a perfeita arte litteraria de Godofredo Rangel impediu nos fosse servida com os barbarismos e infidelidades frequentes em edições de má morte. Tudo isso nos veio da grande casa de livros da Paulicéa, em que é magna parte o nosso querido amigo Octales Marcondes, e tudo isso marca o advento de uma comprehensão bem mais feliz no que concerne á boa selecção simultanea de autores e traductores.

Dr. Peregrino Junior — *Vitaminologia* — Flores & Mano, Editores — Rio.

E' com frequencia que esta revista se vem reportando ao nome de Peregrino Junior, e lhe assignalando as victorias, quer no campo da litteratura, quer no campo da medicina. Mas a cousa se explica facilmente e sem qualquer laivo de favoritismo. O *Boletim* é uma revista bibliographica e Peregrino Junior um trabalhador infatigavel. Agora mesmo, na conhecida collecção da "Biblioteca Universitaria Brasileira", admiravelmente orientada por Helion Pova e W. Berardinelli, dedica o autor de *Matupá*, todo um volume ao estudo das Vitaminas. A monographia abre com uma nota-prefacio do professor Annes Dias, que lhe exalta o valor e termina com estas palavras, de quem as pode dizer, e são o seu melhor cartão de visita: "Estou certo que a leitura deste livro interessará vivamente todos aquelles que quizerem conhecer a momentosa questão".

C. DA VEIGA LIMA

Na ultima sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Sr. Peregrino Junior, pedindo a inserção na acta de um voto de pesar pela morte de Carlos da Veiga Lima, fez o elogio commovido da personalidade do illustre medico e escriptor brasileiro, ha pouco fallecido.

A medicina brasileira, segundo as palavras de Peregrino Junior, perdera, com a morte prematura e subita de Veiga Lima, uma das suas expressões melhores de cultura, intelligencia e bondade.

"Romancista, critico, philosopho, espirito que se comprazia no trato das altas questões especulativas e dos transcendentales problemas metaphysicos, Veiga Lima soubera ser tambem um excellentissimo medico, honesto, lucido e moderno. Do seu famoso trabalho sobre a glandula thyroide, podia dizer-se que tinha sido, no seu tempo, uma das melhores coisas que se havia publicado no Brasil sobre os problemas actuaes da endocrinologia. Homem de sensibilidade, coração tocado de ternura, Veiga Lima viu com agudeza os modernos aspectos humanos e sociaes da medicina, dedicando boa parte dos seus esforços á obra generosa do combate á tuberculose. Elle sorbe, de resto, realizar a sua obra de medico com o mesmo sereno rythmo, alto e nobre, com que realizou a sua obra de escriptor e a sua vida de homem. Foi, por tudo isto, um companheiro que soube dignificar a sua classe. Lamentando-lhe, com emoção e saudade, a ausencia, pedia a Sociedade que se associasse ás manifestações de pesar da familia e dos amigos de Veiga Lima, que tinha possuido os attributos fundamentaes dos verdadeiros medicos: intelligencia, coração, character".

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- José Julio Soares — *Sociedades Cooperativas* — Ariel Editora Ltda. — Rio.
- Gilberto Freyre — *Sobrados e Mocambos* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Conde d'Eu — *Viagem militar ao Rio Grande do Sul* — A. Piccarolo — *Iniciação á Economia Social* — Livraria Record — São Paulo.
- L. Amaral Gurgel — *Ensaio Quinhentistas* — Editora Fagundes — São Paulo.
- Oswaldo Melo — *Sobrevivencia e Comunicação dos Espíritos* — Liv. da Federação — Rio.
- Dr. Peregrino Junior — *Vitaminologia* — Flores & Mano — Rio.
- João Ribeiro — *O Elemento Negro* — Editora Record — Rio.
- Gen. Moreira Guimarães — *O Japão* — Editora Record — Rio.
- Stefan Zweig — *Mesmer* — Irmãos Pongetti.
- Alcides Bezerra — *Achegas á Historia da philosophia — e As Seccas na Futura Constituição* — Edições do Arquivo Nacional — Rio.
- Polycarpo Feitosa — *Encontros do Caminho* — e *Alma Bravia* — Rio.
- Reis Vidal — *Padre Cícero* — Rio.
- Teixeira Soares — *Imagens de Machado de Assis* — Biblioteca da Universidade — Coimbra.
- P. Mac. Niven — *A Mão Tisnada* — Bedeschi editor — Rio.
- Francisco Espinola (Hijo) — *Raza Ciega* — S. A. del Libro Rioplatense — B. Aires.
- Silvio Julio — *Terra e Povo do Ceará* — Livraria Carvalho ed. — Rio.
- Silvio Julio — *Relações da Lingua Portuguesa com a Literatura Brasileira* — Netheroy.
- Luiz Flores de Moraes Rego — *O Valle do São Francisco* — Soc. Capistrano de Abreu. — Rio.
- Tenente Manoel Antonio Ferreira — *Os Fundadores do imperio Luso no Oriente* — Soc. Luso Africana do Rio de Janeiro.
- Augusto Casimiro — *Cartilha Colonial* — Soc. Luso-Africana do Rio de Janeiro.
- Monteiro Lobato — *O Escandalo do Petroleo* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Victor Visconti — *Aurora de Symbolos* — Versos — Rio.
- Spartaco Banal — *As Sessões Praticas de Espiritismo* — Liv. da Federação — Rio.
- Raul Machado — *Poesias* — Livraria Odeon — Rio.
- João Calazans — *O Moderno Pensamento Historico* — In p. Off. do Estado — Victoria.
- Rocha Filho — *Navios* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Xavier Marques — *Terras Mortas* — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Athos Damasceno Ferreira — *Poemas da Minha Cidade* — Liv. do Globo — Porto Alegre.
- Fernando São Paulo — *Linguagem Médica Popular do Brasil* — Barreto & Cia. — Rio.
- René Michelet — *Espectros* — Emp. Edi. J. Fagundes — São Paulo.
- Vivaldo — *Coaracy* — *Zacarias* — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Isaias Alves — *Vida e Obra do Barão de Macahubas* — Ed. Infancia e Juventude — Rio.

Graciliano Ramos — *Angustia* — Liv. José Olympio Editora — Rio.

Muito antes de apparecer em livro, já o nome do sr. Graciliano Ramos vinha interessando a quantos se preocupam com letras em nosso paiz. Seu volume de estréia *Cahets*, cujos originaes estiveram tanto tempo presos em

mão de um dos nossos editores, trouxe mais um titulo a ser retido pelos leitores, lançou alguns heróes obsedantes que verdadeiramente resumiam expressivos trechos de vida do Norte do Brasil. Meio livresco que fosse, o sr. Graciliano Ramos não espelhava nesse livro costumes da Russia ou da França, e sim do seu proprio rincão, e uma ou outra sortida de "humour" não o despaizava nunca, mostrando apenas que uma escrupulosa fidelidade na descripção do viver sertanejo não exclue a possibilidade de universalizal-o em certas pontinhas de ironia que indiquem boa cultura por parte do recenseador de almas barbaras. São Bernardo representou no escriptor um bello impulso de ascensão. Ahi o viamos dominar melhor o assumpto, sentir mais panoramicamente os habitos das suas personagens entre matutas e cidadinas, sem abuso de pequenos tiques e manias por vezes complacentemente esmiuçadas no volume anterior. Finalmente, *Angustia*, o terceiro romance do prosador nortista, é o melhor de todos elles, o mais definidor de personagens, o mais documentativo de um alto talento de ficcionista. No heróe, o monologo interior, quando sobrevem, vale por muitos dialogos e os subentendidos acabam de uma dolorosa eloquencia humana a que ninguem resistirá. Sem abuso paizagistico, os recantos campezinos surgem em dois ou tres fugitivos toques de pincel. Nenhuma silhueta de comparsa é desdenhavel e a ironia, no romancista, será ainda uma especie de piedade embuçada, sentindo-se nelle uma forte adhesão de sentimento ás creaturas que traz á baila, mesmo com uns longes esbatidos de ridiculo. Percorrendo um tal volume, a cada passo o leitor se detem para ir melhor ao fundo de uma alma, para ver a complexidade de que são capazes entidades rusticas de apparencia rudimentar e primordial. Um livro do qual se póde dizer que é, sempre e sempre, vida impressa.

Lucio Cardoso — *A Luz no Sub-Solo* — Liv. José Olympio Editora — Rio.

Nosso redactor-chefe, em trabalho inserto em livro, disse que "no sr. Lucio Cardoso algo existe do visionarismo apocalypticico de um Julien Green. Talento admiravel, como raras vezes se tem verificado em nossas lettras, tratando-se de autor tão joven. Precocidade que faz pensar na época romantica, quando surgiam temperamentos exaltados e ricos á, Alvares de Azevedo. E' um romancista, mas poderia ser tambem, se lhe aprouvesse, um grande poeta tragico". Ninguem esqueceu ainda o rumoroso successo obtido pelo seu trabalho de estréia, esse notavel *Maleita* em que se descreve, com tanta flagrancia humana, a fundação de Pirapora á beira do rio São Francisco, emprestando-se uma tal intensidade a esse nucleo de vida nascente que o leitor acaba mesclando homens e elementos da natureza numa especie de poema mythico como só o compunham os seres primitivos ás voltas com um partheismo delirante. Sob certos aspectos, dentre os romances surgidos nos ultimos annos, nenhum se avanta á envolvente ficção desse moço mal entrado na maioridade e, emtanto, de tamanhos recursos divinatorios para a interpretação daquillo que ainda não teve tempo de viver directamente, chegando á maturidade creadora num periodo em que dantes os brasileiros não iam além do soneto ou do pequeno conto erotico. A publicação consecutiva do *Salgueiro* affirmou novas modalidades no sr. Lucio Cardoso, mostrando-o mais introspectivo, mais fascinado por aquillo que Unamuno classificou de "sentimento tragico da vida". Tudo mais doloroso, mais compungente, com muitas sombras carregadas, numa suffocação de angustia que das personagens vinha ao leitor e era oppressão para quantos adherem de modo muito directo á chamada mentira da arte. Neste instante, com *A Luz no Sub-Solo*, o notavel romancista moço não deixará de vêr augmentado o enthusiasmo que os seus livros anteriores suscitaram. O sr. Octavio de Faria, critico dos mais ouvidos da sua geração, já indicou o que significa esse romance como decisiva valorização de um espirito e o sr. Plinio Barreto, de São Paulo, evidenciou que o sr. Lucio está ultimando entre nós uma obra analogá á de George Bernanos em França.

